



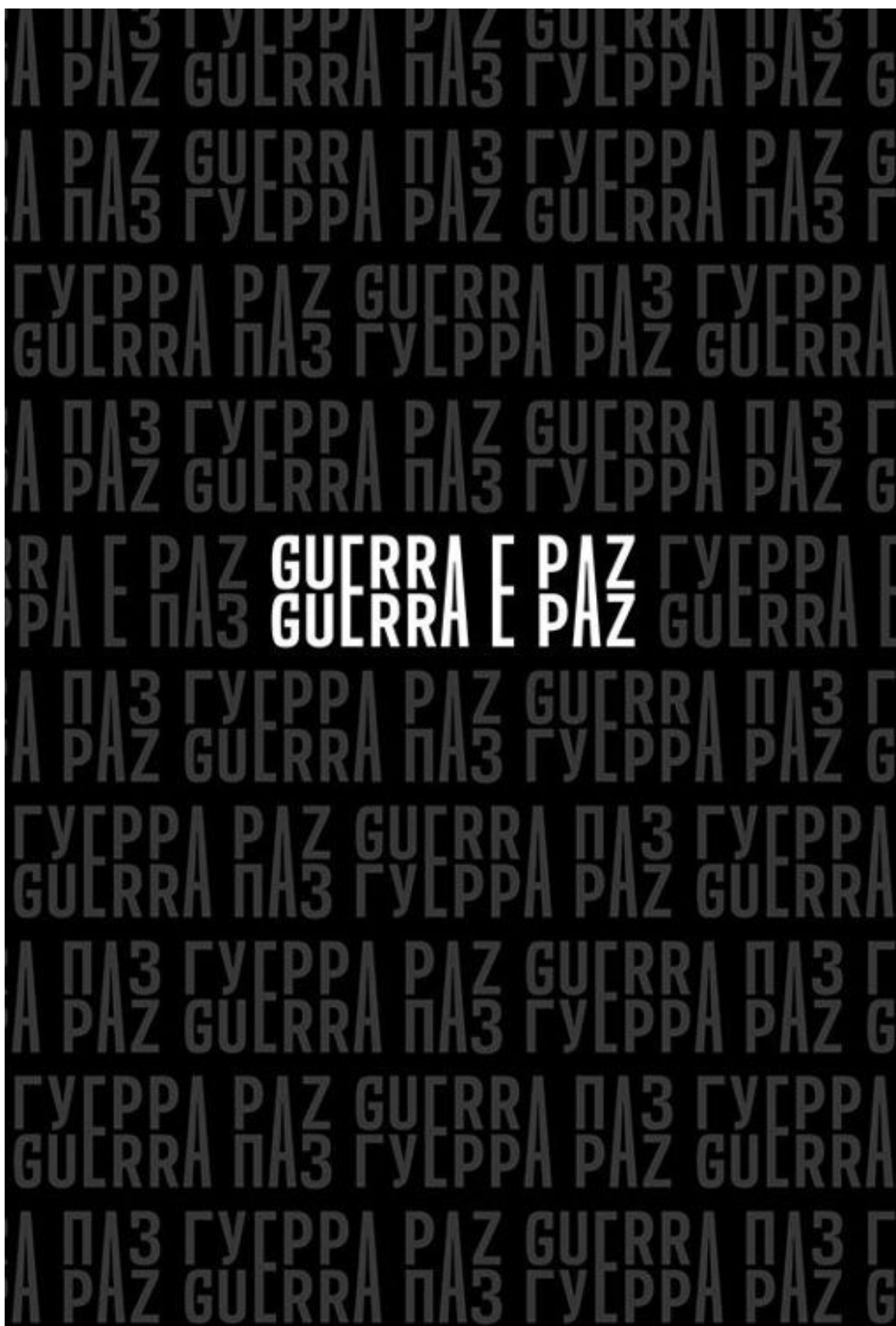
LEON TOLSTÓI

GUERRA E PAZ



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA





Título original: *La Guerre et la Paix*

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 – 7º andar – Centro – 20091-020
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

Imagem do box: *A Batalha de Austerlitz, 2 de dezembro de 1805* - François Gérard.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

T598g Tolstói, Léon, 1828-1910
Guerra e paz, volume 1 / Léon Tolstói; tradução de,
Gustavo Nonnenberg. – 6. ed. – Rio de Janeiro:
Nova Fronteira, 2019.

Tradução de: *La guerre et la paix*
ISBN 9788520944882

1. Romance russo. I. Nonnenberg, Gustavo. II. Título..

19-57893 CDD: 891.73
CDU: 82-31(470+571)

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Folha de rosto Vol. 1](#)

[Nota editorial](#)

[Guerra e paz, por Romain Rolland](#)

[Primeira parte](#)

[Segunda parte](#)

[Terceira parte](#)

[Quarta parte](#)

[Quinta parte](#)

[Sexta parte](#)

[Sétima parte](#)

[Oitava parte](#)

[Folha de rosto - Vol 2](#)

[Nona parte](#)

[Décima parte](#)

[Décima primeira parte](#)

[Décima segunda parte](#)

[Décima terceira parte](#)

[Décima quarta parte](#)

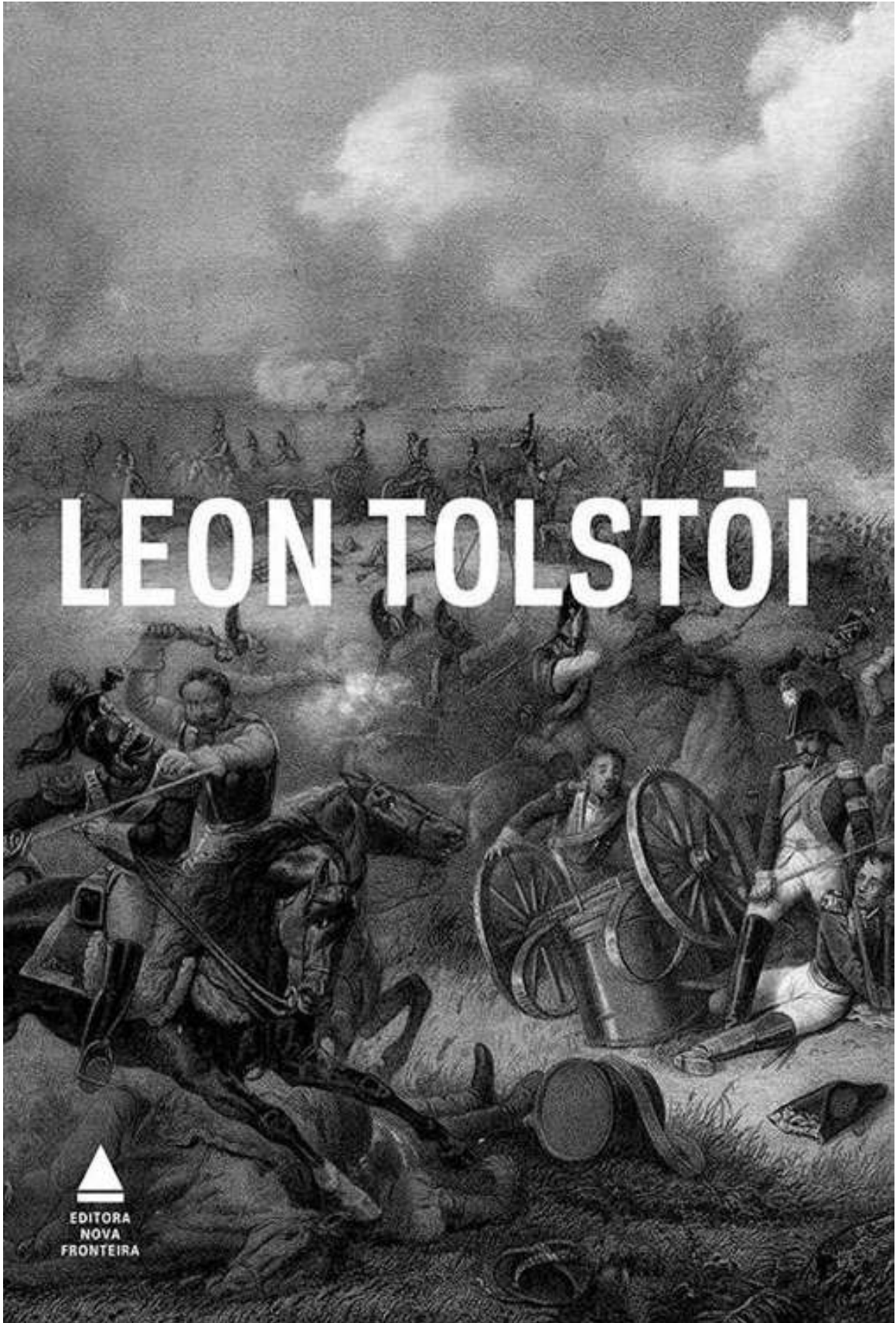
[Décima quinta parte](#)

[Epílogo](#)

[Primeira parte](#)

[Segunda parte](#)

[Colofão](#)



LEON TOLSTOÏ



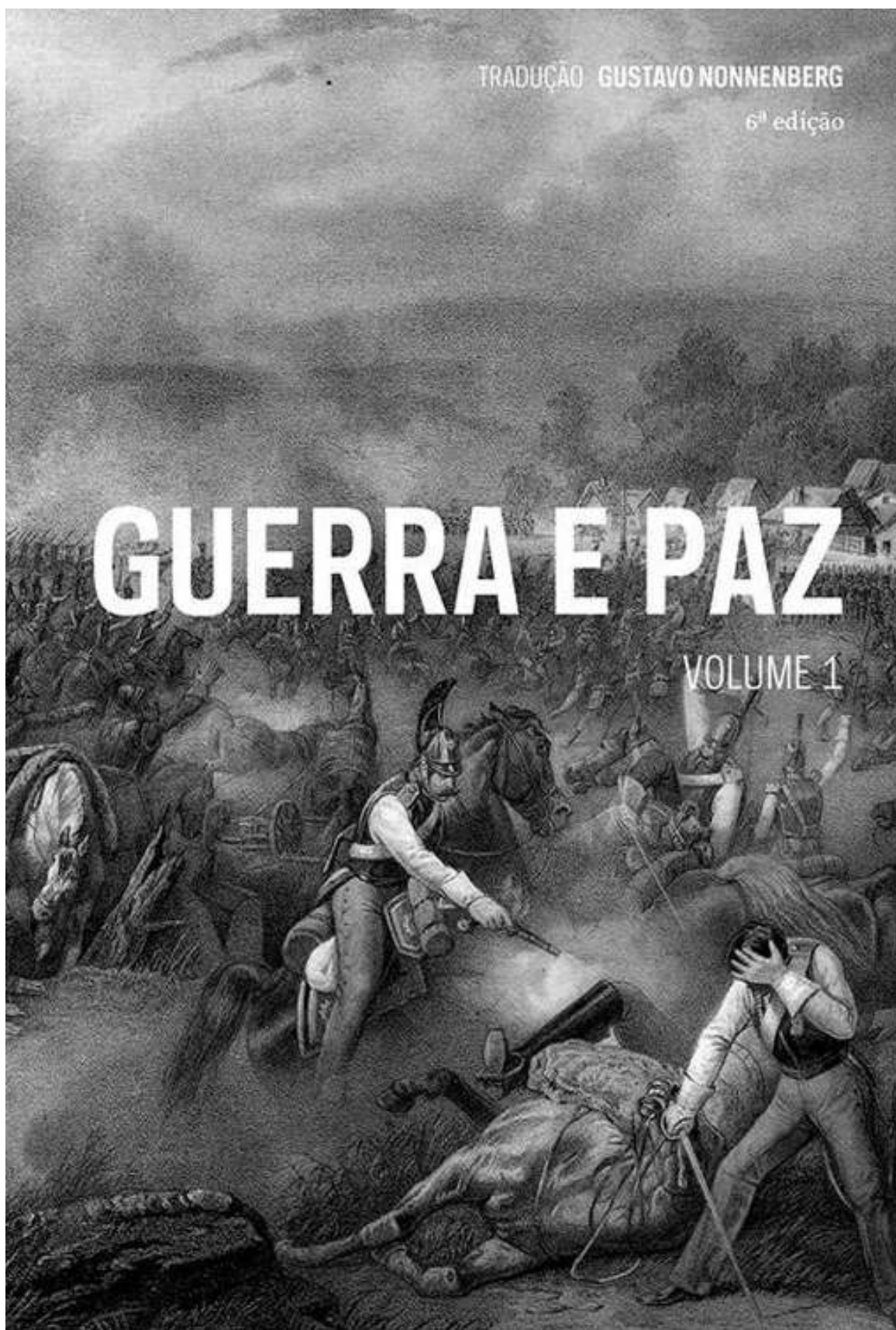
EDITORIA
NOVA
FRONTEIRA

TRADUÇÃO GUSTAVO NONNENBERG

6ª edição

GUERRA E PAZ

VOLUME 1



NOTA EDITORIAL

Guerra e paz foi escrito entre 1863 e 1869, mas a primeira edição no Brasil foi publicada apenas em 1942, pela editora Globo. Na época, como era de costume, a tradução foi feita a partir do original em francês. A edição da Nova Fronteira que você, leitor, tem em mãos conta com esta primeira tradução, assinada por Gustavo Nonnenberg, agora revisada conforme as atuais regras ortográficas e com correções que se mostraram necessárias ao longo do tempo.

Tolstói, fazendo jus a seu notório rigor de pesquisa, alternou diálogos e falas entre o russo e o francês, pois era prática corrente na aristocracia russa falar na língua de Napoleão. Aqui, optamos por traduzir diretamente tais passagens, mantendo assim a fluidez da leitura deste livro marcadamente denso e rico em detalhes. Acreditamos que, ao evitar o uso reiterado de notas de rodapé ou repetição dos trechos em ambas as línguas — português e francês —, permitimos que o leitor penetre com mais facilidade o universo criado por Tolstói e aproveite melhor as descrições e comentários dos personagens. Foram mantidas, no entanto, expressões em francês de fácil transposição para o português, de modo a conservar a integralidade desta obra monumental, sem prejuízo para o leitor que vai conhecer o estilo de Leon Tolstói ou para o já experiente em suas estratégias literárias.

GUERRA E PAZ

Guerra e paz é a mais vasta epopeia dos nossos tempos, uma *Ilíada* moderna. Um mundo de figuras e de paixões se agita aqui. Sobre esse oceano humano de vagas incontáveis paira uma alma soberana, que provoca e refreia as tempestades com serenidade. Mais de uma vez, contemplando esta obra, lembrei-me de Homero e de Goethe, apesar das diferenças enormes de espírito e tempo. Mais tarde verifiquei que, efetivamente, na época em que escrevia *Guerra e paz*, Tolstói se alimentava de Homero e de Goethe. E ainda mais, nas notas de 1865, quando faz a classificação dos diversos gêneros literários, registra a *Odisseia*, a *Ilíada* e 1805 [\[1\]](#) como se fossem da mesma família. A evolução natural de seu espírito o arrastava do romance dos destinos individuais ao romance dos exércitos e dos povos, dos grandes rebanhos de homens, no qual se fundem as vontades de milhões de seres. As trágicas experiências do cerco de Sebastopol lhe faziam compreender a alma da nação russa e de sua vida secular. O imenso *Guerra e paz* não devia ser, nos seus projetos, senão o quadro central de uma série de afrescos épicos, no qual se desenrolariam os poemas da Rússia, de Pierre, o Grande, aos decembristas.

Para bem sentir a força da obra é necessário considerar sua unidade oculta. A maioria dos leitores franceses, um pouco míopes, veem apenas milhares de detalhes que maravilham e desconcertam, tal a sua profusão. Eles se perdem nessa floresta de vida. É mister elevar-se acima dela e alcançar o horizonte livre com o olhar, o conjunto dos bosques e dos campos: só então será possível perceber-se o espírito homérico da obra, a serenidade das leis eternas, o ritmo imponente do sopro do destino, o senso do conjunto ao qual todos os detalhes estão ligados, e, dominando a obra, o gênio do artista que flutua sobre as águas como o Deus da Gênese.

Primeiro, o mar imóvel. A paz, a sociedade russa na véspera da guerra. As primeiras páginas refletem, com uma exatidão impassível e uma ironia superior, o vazio das almas mundanas. Só depois se ergue o grito de um desses mortos em vida — o pior deles, o príncipe Vassili:

“Como pecamos e como mentimos, e tudo isso por quê? Já tenho mais de cinquenta anos, meu amigo... Para mim, tudo terminará com a morte, tudo. A morte é terrível!”

Entre essas almas vazias, falsas e ociosas, capazes de todas as aberrações e crimes, esboçam-se algumas naturezas mais sãs: os sinceros, por ingenuidade canhestra como Pierre Bezukhov; por independência constitucional, por sentimento tradicional russo, como Maria Dmitrievna; por frescura juvenil, como os irmãos Rostov; as almas boas e resignadas, como a princesa Maria; e que se atormentam com essa existência malsã, como o príncipe André.

Eis, porém, o primeiro estremecimento das ondas. A ação. O exército russo na Áustria. Reina a fatalidade, em parte alguma tão dominadora como os desencadeamentos das forças elementares — na guerra. Os verdadeiros chefes são os que não procuram dirigir, mas apenas, como Kutuzov ou como Bagration, “fazer crer que suas intenções pessoais estão em perfeito acordo com que, na realidade, não é mais que o efeito da força das circunstâncias, da vontade dos subordinados e dos caprichos do acaso”. Vantagem de abandonar-se à ação do destino! Felicidade da ação pura, estado normal e são. Os espíritos perturbados encontram novamente o seu equilíbrio. O príncipe André respira, começa a viver... E enquanto a distância, longe do sopro vivificante dessas tempestades sagradas, as duas melhores almas, Pierre e a princesa Maria, são ameaçadas pelo contágio da sociedade em que vivem, pela mentira de amor. André, ferido em Austerlitz, tem de súbito, em plena embriaguez de ação brutalmente interrompida, a revelação da imensidade serena. Estendido de costas, “nada. Sobre ele não havia nada, salvo o céu, o céu alto, sombrio, infinitamente alto, com nuvens cinza que corriam lentamente”.

“Que suavidade, que calma, que solenidade, bem diferente de ainda há pouco quando eu estava correndo”, pensou o príncipe André, “quando corríamos, gritávamos e lutávamos; quando, com as fisionomias ferozes, assustadas, o francês e o artilheiro disputavam o soquete; não era assim que as nuvens fluíam no céu infinito. Como se explica eu nunca ter visto antes um céu tão alto! Como me sinto feliz por tê-lo descoberto finalmente! Sim, tudo é vazio, decepção, salvo o céu infinito. Nada existe além dele. Mas ele próprio não existe, nada existe além da calma e do repouso. Deus seja louvado!”

Entretanto, a vida se reapodera dele e a onda passa. Abandonadas novamente a si mesmas, na atmosfera desmoralizante das cidades, as almas desanimadas, inquietas, erram ao acaso dentro da noite. Às vezes, ao sopro envenenado da sociedade, misturam-se os eflúvios inebriantes e enlouquecedores da natureza, a primavera, o amor, as forças cegas que aproximam o príncipe André da encantadora Natacha e que, um momento depois, a jogam nos braços do primeiro sedutor que aparece. Quanta poesia, ternura, pureza de coração manchadas pelo mundo! E sempre o céu imenso que paira sobre a objeção ultrajante da terra. Mas os homens não o veem. O próprio André esqueceu a luz de Austerlitz. Para ele o céu já não passava de uma abóbada sombria e asfixiante, recobrando o nada.

Já é tempo que o furacão da guerra envolva novamente essas almas anemiadas. A pátria é invadida. Borodino. Grandeza solene da jornada. As inimizades se apagam. Dolokhov abraça o seu inimigo Pierre. André, ferido, chora com ternura e piedade a desgraça do homem que ele mais odiava, Anatole Kuriaguine, seu vizinho de ambulância. A unidade dos corações se realiza, unidade pelo sacrifício apaixonado à pátria e pela submissão às leis divinas.

Aceitar a apavorante necessidade da guerra, seriamente, com austeridade... Para a liberdade humana, a guerra é o mais penoso ato de submissão às leis divinas. A simplicidade de coração consiste na submissão à vontade de Deus.

A alma do povo russo e sua submissão ao destino se encarnam no generalíssimo Kutuzov:

“Quanto mais percebia a absoluta falta de personalidade desse velho que só conservava os hábitos da paixão, e, em lugar da inteligência (que coordena os fatos e tira conclusões), somente a capacidade de contemplar tranquilamente a marcha dos acontecimentos, mais ele se sentia tranquilo em face dos acontecimentos futuros.

No que acontecer não haverá nada dele; ele não inventará nada, não empreenderá nada, pensava o príncipe André. Ouvirá tudo, lembrar-se-á de tudo, porá tudo em seu lugar. Não impedirá nada de útil, não permitirá nada de nocivo. Ele compreende que existe algo de mais forte e mais importante que a sua vontade: a marcha inevitável dos acontecimentos: e sabe vê-los, sabe compreender-lhes a importância e, diante dessa importância, sabe impor sua

vontade dirigida por outro. E, principalmente, o que faz a gente acreditar nele é o fato de ser russo.

Enfim, Kutuzov tem o coração russo. Esse fatalismo russo, tranquilamente heroico, também se personifica no pobre mujique Platão Karataiev, simples, pobre, resignado, com seu sorriso bom em face do sofrimento e da morte. Através das provações, da ruína da pátria, do medo da agonia, os dois heróis do livro, Pierre e André, alcançam a libertação moral e a alegria mística pelo amor e pela fé que fazem ver Deus vivo.

Tolstói não se detém aí. O epílogo, que se passa em 1820, é uma transição entre duas épocas, a napoleônica e a dos decembristas. Dá a sensação da continuidade e do reinício da vida. Em vez de começar e terminar em plena crise, Tolstói termina, como começou, no momento em que uma grande onda se apaga e nasce a onda seguinte. Já deixa entrever os heróis que virão, os conflitos que surgirão entre eles, os mortos que ressuscitam nos vivos.

Procurei focar as grandes linhas do romance, pois raramente alguém se dá ao trabalho de procurá-las. Mas que dizer da extraordinária força de vida dessas centenas de heróis, todos pessoais e retratados de forma inesquecível, soldados, camponeses, grão-senhores, russos, austríacos e franceses! Nada, aqui, denota a improvisação. Para essa galeria de retratos, sem par em toda a literatura europeia, Tolstói fez inúmeros esboços; “combinou”, diz ele, “milhões de projetos”, vasculhou bibliotecas, recorreu aos seus arquivos de família, às suas recordações pessoais. Essa preparação minuciosa garante a solidez do trabalho, mas em nada lhe prejudica a espontaneidade. Tolstói trabalhava com um entusiasmo, um ardor e uma alegria que se comunicam ao leitor. O que constitui o principal encanto de *Guerra e paz* é o seu coração moço. Não existe nenhuma outra obra de Tolstói com essa profusão de almas de crianças e adolescentes; e cada uma delas é uma música de fonte tão pura, de uma graça que penetra e entenece como uma melodia de Mozart: o jovem Nicolau Rostov, Sônia, o pobre Pétia.

A mais deliciosa é Natacha. Querida garotinha fantasiosa, risonha, de coração amante, que vemos crescer perto de nós, cuja vida acompanhamos com a mesma casta ternura que teríamos por uma irmã — quem não julga tê-la conhecido?... Noite admirável de primavera, quando Natacha, a sua janela banhada pelo luar,

sonha e fala como uma doida por cima da janela do príncipe André, que a ouve... Emoções do primeiro baile, amor, expectativa de amor, floração desordenada de desejos e sonhos, corrida em trenó, à noite, na floresta coberta de neve onde se refletem clarões fantásticos: a natureza que nos estreita com sua ternura inquieta; noite na ópera, mundo estranho da arte onde a razão se embriaga; loucura do coração, loucura do corpo que se consome de amor; dor que lava a alma; divina piedade que vela sobre o bem-amado agonizante... Não é possível evocar essas recordações sem a emoção com que se falaria de uma amiga, a mais querida, a mais amada. Ah! como tal criação faz ressaltar a fraqueza dos tipos femininos de quase todo o romance e o teatro contemporâneos! A própria vida é apanhada, e tão ágil e tão fluida que, de uma linha a outra, tem-se a impressão de vê-la palpitando e mudar. A princesa Maria, a feia, bela pela bondade, não é uma figura menos perfeita; mas como teria corado a jovem tímida e desajeitada, como hão de corar as que se lhe assemelham, ao verem descobertos todos os segredos de um coração que, temerosamente, se abriga dos olhares!

Em geral, como acentuei, os tipos femininos são muito superiores aos masculinos, principalmente aos dois heróis que traduzem o pensamento de Tolstói: a natureza mole e fraca de Pierre Bezukhov, a natureza ardente e seca do príncipe André Bolkonski. São almas descentralizadas que, em lugar de evoluírem, oscilam perpetuamente; vão de um polo a outro sem jamais avançar. Poderão responder-me que, por isso mesmo, são bem russas. Quero, todavia, observar que os russos fizeram as mesmas críticas. Era a esse propósito que Turgueniev censurava à psicologia de Tolstói o permanecer estacionária. “Nenhum verdadeiro desenvolvimento. Eternas hesitações, vibrações de sentimento.” O próprio Tolstói concordava que, por momentos, sacrificara os caracteres individuais ao afresco histórico.

E, realmente, *Guerra e paz* consiste na ressurreição de toda uma época histórica, de suas migrações de povos, da batalha das nações. Seus verdadeiros heróis são os povos; e, atrás deles, como atrás dos heróis de Homero, os deuses que os conduzem: as forças invisíveis, “os infinitamente pequenos que dirigem as massas”, o sopro do infinito. Esses combates gigantescos, em que um destino

oculto faz entrechocarem-se as nações cegas, são de uma grandeza mística. Muito além da *Ilíada*, sonha-se com as epopeias hindus.

Romain Rolland
(Extraído de *Vie de Tolstoï*)

Primeira parte

I

— Então, príncipe, Gênova e Lucca já não são mais que domínios da família Bonaparte. Não, eu lhe previno: se não me disser que estamos em guerra, se ainda se permite defender as infâmias e atrocidades desse anticristo (estou convencida de que ele o é, palavra de honra), não o conheço mais, não é mais meu amigo, o meu fiel escravo, como diz. Pois bem! Boa noite, caro príncipe! Vejo que o assustei, sente-se, vamos conversar.

Assim falava, em julho de 1805, Ana Pavlovna Scherer, dama de companhia e pessoa muito chegada à imperatriz Maria Feodorovna. Suas palavras se dirigiam ao personagem muito grave, esmagado de títulos, o príncipe Vassili, o primeiro a chegar à recepção que ela dava. Havia já vários dias que Ana Pavlovna tossia. Era uma *gripe*, como ela dizia (gripe era então palavra nova e muito raramente empregada); os bilhetes que enviara, pela manhã, por um laçao de libré encarnada — cor da corte —, diziam invariavelmente:

Se não tem coisa melhor que fazer, senhor conde (ou meu príncipe), e se não o assusta a ideia de passar o serão com uma pobre doente, ficaria encantada em recebê-lo em minha casa, entre sete e dez horas.

Annette Scherer

— Meu Deus, que virulência! — respondeu o príncipe sem desconcertar-se com o acolhimento. Vestia o uniforme da corte, com meias de seda e sapatos de fivelas; trazia o peito coberto de condecorações e uma expressão sorridente no rosto inexpressivo.

Exprimia-se num francês precioso, no qual nossos avós não só falavam como também pensavam, com entonações macias e protetoras, próprias de um homem importante, envelhecido na sociedade e na corte. Aproximou-se de Ana Pavlovna, beijou-lhe a mão, inclinando a cabeça reluzente e perfumada, e sentou-se tranquilamente num divã:

— Antes de mais nada, diga-me como vai, querida amiga. Tranquelize o amigo — disse ele sem mudar de voz e num tom que, sob a simpatia convencional, deixava transparecer indiferença, ou mesmo zombaria.

— Como se pode estar bem com o moral abatido?... Nos tempos que correm, acha possível um sensível coração ficar impassível? — respondeu Ana

Pavlovna. — Espero que hoje seja dos últimos a retirar-se!

— E a festa do embaixador da Inglaterra? É hoje, quarta-feira. Devo comparecer — disse o príncipe —, minha filha passará aqui para levar-me.

— Pensei que tivesse sido adiada. Confesso-lhe que todas essas festas e fogos de artifício estão se tornando insípidos.

— Se fosse sabido que essa era sua vontade, a festa teria sido adiada — disse maquinalmente o príncipe, como um relógio bem ajustado, sem o menor desejo de ser levado a sério.

— Não zombe de mim. Então, que foi que se decidiu com respeito à nota de Novosiltzov? O senhor está a par de tudo.

— Como dizer? — respondeu o príncipe num tom frio e aborrecido. — O que se decidiu? Decidiu-se que Buonaparte queimou os seus barcos, e creio que nós estamos a ponto de queimar os nossos.

Como um ator que recita o papel de uma velha peça, o príncipe Vassili sempre falava indolentemente. Ana Pavlovna Scherer, ao contrário, apesar dos seus quarenta anos, era toda animação e entusiasmo.

Esse entusiasmo tornara-se a alma de sua posição social, e, às vezes mesmo sem vontade, entusiasmava-se para não decepcionar os que a conheciam. O sorriso reprimido que Ana Pavlovna trazia sempre na face, embora não condissesse com seus traços cansados, exprimia, como nas crianças mimadas, a consciência absoluta de seu gracioso defeito, de que não queria, não podia e não achava necessário corrigir-se.

No decorrer de uma conversa sobre política, exaltava-se.

— Ah! não me fale da Áustria! Talvez eu não entenda nada, mas a Áustria jamais quis a guerra, e ainda não a quer. Ela está nos traindo. Só a Rússia pode salvar a Europa. Nosso benfeitor conhece sua grande missão e lhe será fiel. Eis aí a única coisa em que tenho fé. Ao nosso bom e admirável imperador cabe a maior tarefa do mundo, e ele é tão virtuoso e tão bom que Deus não vai deixá-lo desamparado a fim de que cumpra seu destino: ele há de esmagar a hidra da revolta, que, ainda, persiste, terrível na pessoa desse assassino, desse monstro. Cabe a nós resgatar o sangue do justo... Com quem podemos contar, pergunto-lhe eu? A Inglaterra, com seu espírito mercantil, não compreenderá nem poderá compreender a elevação de alma de Alexandre. Ela recusou evacuar Malta. Quer

ver e, por toda parte, procura segunda intenção em nossos atos. Que disseram a Novosiltzov? Nada. Eles não compreenderam e nem podem compreender o sacrifício de nosso imperador que não quer nada para si, mas tudo para o bem do mundo. E o que prometeram? Nada. E nem mesmo o que prometeram manterão! “A Prússia já declarou que Bonaparte é invencível e que a Europa toda nada pode fazer contra ele... E eu não creio numa única palavra de Hardenberg nem de Haugwitz. A famosa neutralidade prussiana não passa de uma cilada. Eu só creio em Deus e no alto destino de nosso gracioso imperador. Ele salvará a Europa!

Estacou num sorriso de gozação ante o seu próprio ardor.

— Penso — disse o príncipe sorrindo — que se a tivessem mandado no lugar do amável Wintzingerode, a minha querida amiga teria arrancado, de assalto, o consentimento do rei da Prússia. É tão eloquente! Mas poderia servir-me o chá?

— Imediatamente. A propósito — acrescentou ela acalmando-se novamente —, estarão hoje aqui dois homens interessantíssimos: o visconde de Mortemart, parente dos Montmorency pelos Rohan, uma das melhores famílias da França. É um dos emigrantes, dos verdadeiros. E também o abade Morio. Conhece esse espírito profundo? Foi recebido pelo imperador. Sabe, não é?

— Ah! teria muita honra — disse o príncipe. — Diga-me, por favor — acrescentou negligentemente como lembrando-se de alguma coisa, enquanto era esse o objetivo principal de sua visita —, é verdade que a imperatriz mãe deseja a nomeação do barão Funke para primeiro secretário em Viena? Esse barão é uma pobre criatura, ao que se diz.

O príncipe Vassili queria para o filho esse posto, que outros, por intermédio da imperatriz Maria Feodorovna, se esforçavam para dar ao barão.

Ana Pavlovna semicerrou os olhos em sinal de que nem ela nem ninguém podia criticar o que era ou não do agrado da imperatriz.

— O senhor barão Funke foi recomendado à imperatriz mãe pela sua irmã — limitou-se a dizer num tom triste e seco. Quando Ana Pavlovna mencionou a imperatriz, seu semblante tomou subitamente a expressão profunda e sincera do devotamento e da estima, misturada de dor, o que sempre lhe acontecia quando mencionava sua grande protetora. Disse que Sua Majestade quisera mostrar uma grande estima ao barão Funke, e novamente seu olhar sombreou-se de tristeza.

O príncipe calou-se, com indiferença. Ana Pavlovna quis com a habilidade e o tato pronto de uma mulher, e mulher de corte principalmente, repreendê-lo por ter ousado falar nesse tom da pessoa recomendada à imperatriz, e, ao mesmo tempo, consolá-lo.

— Mas, por falar na sua família — disse ela —, sabe que sua filha, desde que frequenta a sociedade, faz o encanto de todos? Acham-na lindíssima.

O príncipe inclinou-se em sinal de respeito e agradecimento.

— Penso — continuou Ana Pavlovna, depois de um curto silêncio e aproximando-se do príncipe com um sorriso terno, dando-lhe a entender que não sealaria mais em política, ou banalidades da sociedade, e agora começava uma conversação íntima —, penso muitas vezes na maneira injusta como se partilha a felicidade. Por que lhe deu a sorte dois filhos tão lindos... (salvo Anatole, o mais moço, que não suporto) — acrescentou em tom enérgico, levantando as sobrancelhas — tão encantadores?! E, entretanto, o senhor aprecia-os menos que qualquer um de nós, o senhor não os merece então.

E abriu seu sorriso entusiasta.

— Que quer a senhora? Lavater diria que eu não tenho a bossa da paternidade — disse o príncipe.

— Deixe de gracejo! Quero falar-lhe seriamente. Sabe que não estou satisfeita com o seu filho mais moço? Que isso fique entre nós. — Seu rosto retomou uma expressão compungida. — Um dia desses falaram dele a Sua Majestade e tiveram palavras de lástima para o senhor...

O príncipe não respondeu, mas ela o fitou gravemente, esperando a resposta em silêncio. O príncipe Vassili franziu levemente o sobrolho.

— Que quer que eu faça? — disse finalmente. — A senhora sabe que fiz tudo o que um pai pode para educá-los, e são *des imbéciles* ambos. Hippolyte, ao menos, é um tolo sossegado, mas Anatole é um tolo turbulento. Eis a única diferença entre os dois — disse num sorriso imprevisto e uma animação ainda mais estranha, deixando perceber, claramente, numa contração dos lábios, qualquer coisa de brutal e desagradável.

— E por que homens como o senhor têm filhos? Se não os tivesse, não haveria por que censurá-lo — disse Ana Pavlovna alçando pensativamente os olhos.

— Sou o seu fiel escravo, só com a senhora posso ser franco. Meus filhos são o flagelo da minha existência, a minha cruz. É assim que explico isso. O que a senhora quer? — Calou-se, exprimindo num gesto sua submissão ao infortúnio.

Ana Pavlovna ficou pensativa.

— Nunca pensou em casar Anatole, esse filho pródigo? Dizem — acrescentou — que as solteironas têm mania de casamento. Ainda não sinto essa fraqueza, mas tenho em vista uma *petite personne* que é muito infeliz na casa do pai, uma parenta nossa, uma princesa Bolkonskaia.

O príncipe Vassili não respondeu, mas, com a rapidez de cálculo e memória peculiar aos homens do mundo, fez um sinal de cabeça demonstrando que a informação o interessava e que com entusiasmo registrava a ocasião na memória.

— Não, a senhora sabe que esse Anatole me custa quarenta mil rublos por ano? — disse, sem forças para controlar o curso de seus tristes pensamentos. Calou-se. — Se isso continuar assim, não sei o que será dentro de cinco anos! Eis aí a vantagem de ser pai. E essa sua princesa, é rica?

— O pai é muito rico e avarento. Vive no campo. O senhor conhece, é o famoso príncipe Bolkonski, apelidado “Rei da Prússia”, que foi demitido no tempo do finado imperador. É um homem muito inteligente, mas intratável e cheio de manias. A pobrezinha está infeliz como nunca. Tem um irmão que casou recentemente com Lisa Meinen. É ajudante de ordens de Kutuzov. Deve vir aqui hoje.

— Escute, minha cara Annette — disse o príncipe pegando de repente a mão de sua interlocutora. — Arranje-me isso, e serei o seu mais fiel *escravo*, como diz meu estaroste em seus relatórios, para todo o sempre. Ela é rica e de boa família. É tudo de que preciso.

E, com o desembaraço, a familiaridade e a graça de movimentos que o distinguiam, beijou a mão da dama de companhia e, após fechá-la levemente, mergulhou numa poltrona e ficou abstrato.

— Espere — disse Ana Pavlovna, refletindo. — Hoje mesmo falarei com Lisa, a mulher do jovem Bolkonski. Talvez se possa arranjar. Porei em prática na sua família o meu aprendizado de solteirona.

Aos poucos a sala de Ana Pavlovna se enchia. Seus convidados eram de todas as idades e temperamentos, mas todos rigorosamente do mesmo meio, a alta sociedade de Petersburgo. Lá estavam: a bela Helena, filha do príncipe Vassili, trajando um vestido de gala como distintivo das damas de companhia, que vinha buscar o pai para acompanhá-lo à festa do embaixador; a princesinha Bolkonskaia, conhecida como a mulher mais sedutora de Petersburgo, que casara no último inverno, e só era vista nos saraus mais íntimos por causa da gravidez, que a impedia de ir às grandes recepções; Mortemart, que era introduzido pelo príncipe Hippolyte, filho do príncipe Vassili; o abade Morio e muitos outros. “Ainda não viu *ma tante*?” ou “Ainda não conhece *ma tante*?”, perguntava Ana Pavlovna a todos os convidados que chegavam, conduzindo-os gravemente até uma velhinha toda cheia de fitas que surgira do aposento vizinho quando os convidados começaram a reunir-se.

Ana Pavlovna olhava o recém-chegado ao apresentá-lo à *ma tante*, deixando-a em seguida para trazer outros. Todos faziam os cumprimentos de uso à tia que não conheciam, por quem não se interessavam, e de quem ninguém precisava. Com ar solene e triste, Ana Pavlovna observava os salamaleques que faziam, aprovando-os silenciosamente. Com as mesmas palavras, *ma tante* perguntava pela saúde de cada um, falava na própria saúde e na de Sua Majestade que hoje, graças a Deus, estava melhor. Por cortesia, todos se aproximavam da velha e se afastavam sem pressa, mas com a intenção de não mais encontrá-la o resto da noite e com o sentimento de um penoso dever cumprido. A princesinha Bolkonskaia trouxera seu tricô numa bolsa de veludo bordada a ouro. Seu lábio superior, muito bonito, sombreado por uma leve penugem, era um pouco curto em relação aos dentes, mas sempre encantador, quer com a boca entreaberta, quer forçando para fechá-la. Como sempre acontece às mulheres muito atraentes, seu defeito — o lábio curto e a boca entreaberta — parecia ser sua beleza peculiar.

Era um encanto para todos olhar essa linda *future maman*, cheia de saúde e vivacidade, que suportava tão facilmente seu estado. Em sua companhia os velhos e moços entediados pareciam transformar-se; os que a escutavam e viam em cada uma de suas palavras o sorriso claro e os dentes brancos e brilhantes que a cada instante se mostravam, imaginavam-se particularmente amáveis nesse dia. E todos pensavam assim.

Em passos curtos e rápidos, num leve ritmo de dança, a princesinha fez a volta da mesa levando a bolsa do tricô e, ajustando o vestido, sentou-se no divã,

perto do samovar de prata, como se tudo que fazia fosse um brinquedo para ela e para os que a cercavam.

— Trouxe o meu trabalho — disse, abrindo a bolsa e dirigindo-se a todos ao mesmo tempo. — Tome cuidado, Annette, não me pague uma peça — acrescentou, falando à dona da casa. — Você me escreveu dizendo que era uma reunião íntima; veja como me vesti!

E abriu os braços para mostrar o elegante vestido cinza, guarnecido de rendas, com uma larga fita marcando a cintura abaixo dos seios.

— Fique sossegada, Lisa, você sempre será a mais linda de todas — respondeu Ana Pavlovna. — Sabem que estou sendo abandonada? — continuou no mesmo tom, dirigindo-se a todos. — Meu marido vai acabar morto. Diga-me, qual é a razão dessa guerra horrível? — perguntou ao príncipe Vassili e, sem esperar a resposta, voltou-se para a filha dele, a bela Helena.

— Que deliciosa criatura, esta princesinha! — disse o príncipe Vassili em voz baixa a Ana Pavlovna.

Pouco depois da princesinha, entrou na sala um rapaz corpulento, cabeça raspada, de óculos, calças claras à moda da época, colarinho alto e fraque marrom. Era filho natural do conde Bezukhov, célebre no tempo de Catarina II, agora agonizante em Moscou. Nunca se dedicara a nenhuma atividade, acabava de chegar do exterior onde fora educado, e pela primeira vez comparecia a um sarau. Ana Pavlovna recebeu-o com o cumprimento reservado aos homens do último degrau hierárquico em seu salão. Vendo Pierre entrar, embora o cumprimentasse como a um inferior, a fisionomia de Ana Pavlovna exprimia a inquietação e o medo que se sente ao ver, fora do lugar, alguma coisa descomunalmente grande. Pierre era, de fato, um pouco mais alto que os outros homens que lá se encontravam; mas esse medo era causado pelo olhar inteligente e ao mesmo tempo tímido, observador e franco, que o distinguia de todos os outros convidados.

— Foi muito amável, Monsieur Pierre, em visitar uma pobre doente — disse-lhe Ana Pavlovna, trocando com a tia um olhar ansioso e levando-o para junto dela.

Pierre murmurou qualquer coisa incompreensível, continuando a procurar alguém com os olhos. Sorrindo alegremente, cumprimentou a princesinha como

a uma pessoa íntima e aproximou-se da tia. O receio de Ana Pavlovna não era infundado, pois Pierre afastou-se da velha sem ouvir o final de sua frase sobre a saúde de Sua Majestade. Aterrada, Ana Pavlovna deteve-o com as seguintes palavras:

— Não conhece o abade Morio? É um homem muito interessante...

— Sim, já ouvi falar nos seus projetos de paz eterna; é muito interessante, mas será possível...

— Acha?... — atalhou Ana Pavlovna para dizer qualquer coisa e voltar às suas obrigações de anfitriã; mas Pierre cometeu outra incivilidade. Antes afastara-se sem ouvir as últimas palavras de uma interlocutora; agora, com sua conversa, retinha outra que precisava afastar-se dele. Abrindo as compridas pernas, baixou a cabeça e começou a demonstrar a Ana Pavlovna por que achava irrealizáveis os planos do abade. — Falaremos nisso depois — disse Ana Pavlovna, sorrindo.

Livrando-se do rapaz que não possuía a menor noção de trato social, voltou a seus deveres, continuando a ouvir e observar, pronta a intervir no momento em que a conversação perdesse o fluxo. Como o mestre de uma fiação, depois de instalar os operários em seus lugares, passeia pela oficina e ao notar a imobilidade ou algum barulho anormal dos fusos, corre à frente de todos para parar as máquinas e reajustá-las ao verdadeiro ritmo. Ana Pavlovna andava, ora aproximando-se de um grupo silencioso, ora de outro que falava demais, e com uma palavra, um deslocamento de pessoas, consertava a máquina de conversação que continuava funcionando num movimento regular e conveniente. Mas, entre esses cuidados, via-se que, acima de tudo, temia qualquer coisa de Pierre. Olhava-o atentamente quando ele se aproximava de Mortemart, prestando atenção ao que se dizia na roda deste, e depois se dirigia para o grupo onde estava o abade. Para Pierre, criado no estrangeiro, esse sarau de Ana Pavlovna era o primeiro de que participava na Rússia. Sabia que a elite de São Petersburgo estava reunida ali e seus olhos, como os de uma criança num bazar de brinquedos, ziguezagueavam em todas as direções. Receava perder alguma palestra inteligente que pudesse ouvir. Observando na fisionomia dos presentes a elegância e segurança da expressão, esperava sempre algum dito extraordinariamente sagaz. Finalmente aproximou-se de Morio. O assunto

pareceu-lhe interessante; parou à espera da ocasião de externar seu pensamento, como gostam de fazer todos os moços.

III

O sarau de Ana Pavlovna corria animado. Os fusos trabalhavam com a máxima regularidade e faziam um rumor ininterrupto. Além de *ma tante*, que conversava com uma senhora idosa de rosto magro e enrugado, um pouco deslocada nesse círculo brilhante, os convidados formavam três grupos. Um, na maioria homens, em torno do abade. Outro cercava a bela princesa Helena, filha do príncipe Vassili, e a linda e graciosa princesinha Bolkonskaia, um pouco pesada demais para sua idade. O terceiro era composto de Mortemart e Ana Pavlovna.

O visconde era um belo jovem, de traços e maneiras agradáveis, que, visivelmente, se considerava uma celebridade, mas, homem educado, permitia modestamente que toda aquela gente gozasse da sua companhia. Aparentemente, era a nota de sensação que Ana Pavlovna oferecia. Como um bom *maître d'hôtel* que serve um prato extraordinário que ninguém comeria se o houvesse visto na cozinha suja, Ana Pavlovna servia a seus convidados o visconde em primeiro lugar e depois o abade, como qualquer coisa de extrafino. No grupo de Mortemart falava-se no assassinato do duque d'Enghien. O visconde dizia que o duque morrera por sua magnanimidade e que havia um motivo especial para a cólera de Bonaparte.

— Vejamos, conte-nos isso, visconde — disse Ana Pavlovna alegremente, achando em sua frase qualquer ressonância de Luís XV. — Conte-nos isso, visconde.

O visconde inclinou-se em sinal de obediência e sorriu polidamente. Ana Pavlovna formou um círculo em torno dele e convidou a todos para ouvi-lo.

— O visconde conheceu pessoalmente o duque — cochichou ela ao ouvido de alguém. — O visconde conta com perfeição — informou a outro. — Como se percebe, o homem é de fino trato! — disse a um terceiro.

O visconde era servido a todos, sob o aspecto mais elegante e vantajoso para ele, como um rosbife num prato quente guarnecido de verduras.

Sorrindo finamente, preparou-se para começar sua história.

— Aproxime-se, *chère Hélène* — disse Ana Pavlovna à bela princesa, que, sentada mais longe, fazia o centro de outro grupo.

A princesa Helena sorria. Levantou-se com o mesmo sorriso invariável de mulher verdadeiramente bela, que trazia desde que chegara. Ofuscando todos os olhares com a alvura das espáduas e o esplendor dos cabelos e dos brilhantes, passou entre os homens fazendo um leve ruído com o vestido de baile todo branco e guarnecido de arminho. Como que encarnando todo o brilho da festa, aproximou-se de Ana Pavlovna sem olhar para ninguém, mas autorizando com um sorriso amável que todos lhe admirassem a beleza do porte, dos ombros roliços, das costas e do decote muito em moda nessa época. Apesar de linda assim, Helena era despida de qualquer vaidade, mas, ao contrário, parecia envergonhada, e dava a impressão de procurar inutilmente diminuir o efeito dessa beleza que se impunha tão forte e vitoriosamente.

— Como é bela! — diziam todos que a viam. Como que atingido por qualquer coisa extraordinária, o visconde fez um movimento de ombros e baixou os olhos, enquanto ela sentava-se à sua frente e iluminava-o com o mesmo sorriso invariável.

— Madame, diante de tal público, temo por minhas faculdades — disse ele com um sorriso e inclinando a cabeça.

Com o braço desnudo e roliço a princesa apoiou-se na mesa, sem dizer nenhuma palavra. Esperava sorrindo. Enquanto o visconde falou, ficou sentada, quase sem se mover, olhando de quando em vez para o lindo braço redondo, que a pressão sobre a mesa deformava, ou para seu colo ainda mais bonito, adornado por um colar de diamantes que ela endireitava; às vezes corrigia a prega do vestido, e quando a história lhe causava alguma impressão, fitava Ana Pavlovna, e logo tomava a mesma expressão que a dama de companhia, voltando depois à sua calma e ao seu claro sorriso.

Seguindo Helena a princesinha também deixou a mesa de chá.

— Esperem por mim, vou pegar o meu trabalho. Então, no que você está pensando? — disse ela dirigindo-se ao príncipe Hippolyte. — Traga o meu tricô.

Sorrindo e falando a todos, a princesinha fez com que todos se deslocassem, sentou e ajeitou-se alegremente.

— Pronto — disse ela, e pedindo para começar, reiniciou o tricô. Trazendo-lhe a bolsa, o príncipe Hippolyte ficou no grupo e, aproximando-se muito da poltrona, sentou-se a seu lado.

Le charmant Hippolyte chamava a atenção pela semelhança extraordinária com a irmã, a mais bela de todas, e ainda mais porque, apesar dessa semelhança, era horivelmente feio. Os traços eram os mesmos da irmã, mas, nela, tudo era iluminado por um sorriso alegre, satisfeito, juvenil, imutável, vivo, e pela beleza notável, clássica, do corpo. No irmão, ao contrário, o próprio rosto era obscurecido pela estupidez, sempre com uma expressão de mau humor; era magro e raquítico. Os olhos, o nariz, a boca, tudo parecia contraído numa careta vaga e entediada, e os braços e pernas nunca estavam em posição natural.

— Não é uma história de fantasmas? — perguntou ele, sentando-se perto da princesa e levando a luneta aos olhos como se não pudesse falar sem esse instrumento.

— Claro que não, meu caro — disse o visconde admirado e erguendo os ombros.

— É que eu detesto as histórias de almas do outro mundo — disse num tom que deixava perceber que ele só compreendia o sentido das palavras depois de pronunciá-las. Mas falava com tanta petulância que ninguém tinha muita certeza se o que dizia era verdadeiramente espirituoso ou idiota. Vestia uma casaca verde-garrafa, calças cor de ninfa assustada, como ele mesmo dizia, meias de seda e sapatos de fivelas.

O visconde contou muito graciosamente a anedota em voga: o duque d'Enghien, indo a Paris às escondidas para encontrar Mademoiselle George, deparou-se com Bonaparte, a quem a célebre atriz também dispensava seus favores; nesse encontro Napoleão foi acometido, casualmente, por um dos acessos a que estava sujeito, ficando, assim, à mercê do duque; este não quis aproveitar a ocasião, e Bonaparte vingou-se dessa magnanimidade mandando matá-lo.

A história era muito bonita e interessante, principalmente no ponto em que os dois rivais se encontraram inesperadamente; as senhoras pareciam comovidas.

— *Charmant!* — disse Ana Pavlovna, olhando interrogativamente a princesinha.

— *Charmant!* — murmurou esta, espetando a agulha no tricô e mostrando assim que o interesse e o encanto da história a impediam de continuar trabalhando.

O visconde notou esse encômio silencioso e, sorrindo, se preparava a continuar. Mas, nesse momento, Ana Pavlovna, que estava sempre de olho no rapaz terrível, notou que ele, muito entusiasmado, falava alto demais com o abade, e apressou-se em direção ao ponto perigoso. De fato, Pierre conseguira travar conversa com o abade sobre o equilíbrio político, e este, visivelmente interessado pelo ardor sincero do rapaz, desenvolvia-lhe sua ideia favorita. Ambos ouviam e falavam com demasiada animação e naturalidade, o que não agradava a Ana Pavlovna.

— Os meios são o equilíbrio europeu e o direito das pessoas — dizia o abade. — E necessário que um país poderoso como a Rússia, tido como bárbaro, encabece desinteressadamente uma união com a finalidade de manter o equilíbrio europeu que salvará o mundo.

— Mas como chegar a esse equilíbrio? — perguntava Pierre.

Nesse momento Ana Pavlovna aproximou-se e, fitando-o severamente, perguntou ao italiano como se dava com o clima de Petersburgo. A fisionomia do abade transformou-se de súbito, tomando uma expressão adocicada, entre afável e ofendida, que lhe devia ser habitual com as senhoras:

— Estou de tal forma estarrecido diante do espírito e inteligência desta sociedade, e principalmente da sociedade feminina, na qual tenho a honra de ser recebido, que ainda não consegui pensar no clima — respondeu.

Não querendo mais deixar o abade e Pierre, Ana Pavlovna levou-os para o grupo comum, a fim de controlá-los mais facilmente.

Nesse momento chegou um novo convidado. Era o jovem príncipe André Bolkonski, o marido da princesinha. Era um rapaz de pequena estatura, muito bonito, de traços secos e acentuados. Todo ele, a começar pelo olhar fatigado e cheio de tédio, até o passo lento e cadenciado, contrastava com a animação de sua jovem esposa. Evidentemente, conhecia todos os presentes, que o aborreciam ao ponto de quase não poder suportá-los, até mesmo quando não falavam. E de todas as fisionomias a que mais parecia enfastiá-lo era a de sua linda mulher. Com uma careta que lhe enfeava o bonito rosto, afastou-se dela. Beijou a mão de Ana Pavlovna e, franzindo o cenho, relanceou ao redor.

— Vai alistar-se, meu príncipe? — perguntou-lhe Ana Pavlovna.

— O general Kutuzov — disse Bolkonski, acentuando a última sílaba, como um francês — solicitou-me como ajudante de ordens...

— E Lisa, sua mulher?

— Irá para o campo.

— É um grande pecado privar-nos da companhia de sua encantadora esposa!

— André — disse a jovem, dirigindo-se ao marido no mesmo tom faceiro com que tratava os demais —, queria que ouvisse a história sobre Mademoiselle George e Bonaparte que o visconde nos contou!

O príncipe André apertou os olhos e afastou-se. Pierre, que o fitava com uma expressão alegre e amiga desde o momento em que entrara, aproximou-se e segurou-lhe a mão. O príncipe, sem se virar, franziu o rosto numa careta que exprimia seu aborrecimento contra o importuno que lhe tocava a mão; mas, deparando com a fisionomia alegre de Pierre, sorriu também de uma forma inesperada, boa e simpática.

— Ah, vejam! Tu também na alta-roda? — perguntou.

— Eu sabia que o encontraria aqui — respondeu Pierre, e acrescentando em voz baixa para não perturbar o visconde, que continuava sua história: — Irei cear na sua casa, se for possível!

— Não, impossível — disse o príncipe André, rindo e apertando a mão do amigo de forma a fazer-lhe compreender que isso não era coisa que se pedisse. Ia dizer algo mais, porém tiveram de afastar-se para dar passagem ao príncipe Vassili e sua filha, que haviam se levantado.

— Perdoe-nos, meu caro visconde — disse o príncipe Vassili, tocando-o levemente no braço para que não se levantasse. — Essa infortunada festa do embaixador me priva de um prazer e me faz interrompê-lo. Lamento profundamente deixar sua encantadora reunião — continuou, dirigindo-se a Ana Pavlovna. A princesa Helena, suspendendo levemente o vestido, passou entre as cadeiras com um sorriso que tornava seu lindo rosto ainda mais luminoso.

Quando passou por Pierre, ele a fitou com uns olhos quase assustados e impressionados.

— É muito linda — disse o príncipe André.

— Muito linda — repetiu Pierre.

Ao passar na frente deles, o príncipe Vassili tomou a mão de Pierre e dirigindo-se a Ana Pavlovna:

— Dome este urso. Há um mês que está em minha casa e é a primeira vez que o vejo na sociedade. Nada mais indispensável para um moço que a companhia das mulheres inteligentes.

IV

Ana Pavlovna prometeu, sorrindo, ocupar-se de Pierre, que sabia ser parente do príncipe Vassili pelo lado paterno. A idosa que estava sentada ao lado de *ma tante* levantou-se vivamente e alcançou o príncipe no vestibulo. Sua fisionomia simpática e enrugada não tinha mais a expressão de interesse simulado, mas exprimia apenas inquietação e medo.

— E então, meu príncipe, que me diz de Boris? — fez ela ao alcançá-lo (pronunciava Boris com um acento particular no “o”). — Não posso ficar mais tempo em Petersburgo. Diga-me, que novas devo levar para meu pobre filho?

Apesar de o príncipe Vassili ouvi-la forçado, quase indelicadamente, com demonstrações de impaciência, a senhora lhe sorria com ternura e de uma forma tocante; para que ele não se afastasse, segurou-lhe a mão.

— O que lhe custa falar umas palavras ao imperador? Imediatamente ele entrará para a guarda — prosseguiu.

— Creia, princesa, farei todo o possível — respondeu o príncipe Vassili —, mas me é difícil fazer um pedido ao imperador. Eu lhe aconselharia dirigir-se a Rumiantzev por intermédio do príncipe Golitzine; seria mais hábil.

A princesa Drubetzkaia, como se chamava a idosa, era de uma das melhores famílias da Rússia, mas estava pobre, havia abandonado a sociedade desde muito e perdera as antigas relações. Estava ali apenas a fim de conseguir que seu único filho fosse nomeado para a guarda.

Havia sido para encontrar o príncipe Vassili que compareceu ao sarau de Ana Pavlovna; unicamente por isso ouvira a história do visconde. Sua expressão, outrora bela, aparentou um descontentamento claro com as palavras do príncipe, mas somente por um segundo. Em seguida, sorriu novamente e apertou com mais força o braço do príncipe.

— Escute, príncipe — disse ela —, nunca lhe pedi nem nunca lhe pedirei nada; nunca lhe recordei a amizade que meu pai lhe dedicava. Mas agora,

suplico-lhe em nome de Deus, faça isso para meu filho, e eu o considerarei meu benfeitor — acrescentou apressadamente. — Não se zangue, mas prometa... Já pedi a Golitzine e ele recusou. Seja amigo, como outrora — rogou esforçando-se para sorrir, enquanto os olhos se enchiam de lágrimas.

— Papai, vamos chegar tarde — disse Helena, que esperava à porta, voltando a bela cabeça sobre os ombros dignos de um escultor grego.

A influência na corte é um capital que se precisa poupar para que não desapareça. O príncipe Vassili sabia disso e compreendia que, se intercedesse por todos que o solicitavam, em pouco tempo nada mais poderia pedir para si próprio. Assim, muito raramente usava sua influência. Com referência ao pedido da princesa Drubetzkaia, porém, sentiu certo remorso. A senhora lembrava-lhe a verdade: devia ao pai dela os primeiros passos que fizera na vida. Além disso, viu-lhe no modo de agir que era uma dessas mulheres, sobretudo quando mães, que, em se lhes metendo alguma coisa na cabeça, não se afastam antes de ver seu desejo satisfeito, e no caso contrário, estão sempre prontas a voltar à carga, cada dia, cada momento, e até mesmo a provocar escândalo. Esta última consideração o fez hesitar.

— *Chère* Ana Mikhailovna — disse num tom de voz entediado e com sua familiaridade habitual —, é quase impossível fazer o que me pede, mas, para provar-lhe o quanto a estimo e como respeito a lembrança de seu finado pai, farei o impossível. Seu filho entrará para a guarda, tem minha palavra. Está satisfeita?

— Meu amigo, meu benfeitor! Não esperava outra coisa do senhor, conhecia-lhe a bondade. — Ele tentou afastar-se. — Espere, duas palavras... Uma vez na guarda — parou —, as boas relações que tem com Mikhail Illarionovitch Kutuzov autorizam-no a recomendar-lhe Boris para ajudante de ordens? Então, ficarei tranquila e então...

O príncipe Vassili sorriu.

— Isso não lhe prometo. Não imagina como demandam a Kutuzov depois que foi nomeado comandante em chefe do exército. Ele mesmo me disse que todas as senhoras de Moscou combinaram de lhe propor os filhos como ajudantes de ordens.

— Não, prometa, não o deixarei ir, meu caro, meu benfeitor.

— Papai — repetiu a beldade no mesmo tom —, vamos chegar atrasados.

— Pois bem! *Au revoir*, está vendo?

— Então fará o pedido ao imperador amanhã?

— Perfeitamente, mas quanto a Kutuzov, não prometo nada.

— Não, prometa, prometa, *Basile!* — disse Ana Mikhailovna com um sorriso de jovem coquete que lhe devia ser habitual outrora, mas que não sentava mais em seu rosto enrugado. Esquecendo a idade, punha em jogo pelo hábito todos os seus recursos femininos. Mas, assim que ele saiu, retomou a expressão anterior, fria e simulada. Voltou ao grupo onde o visconde continuava falando e, novamente, fingiu escutar, esperando o momento de sair, já que seu assunto estava resolvido.

* * *

— E, diga-nos, qual a sua opinião sobre esta última comédia da coroação em Milão? — perguntou Ana Pavlovna. — É essa nova comédia dos habitantes de Gênova e de Lucca, que vão apresentar suas petições a Monsieur Buonaparte sentado num trono, e Monsieur Buonaparte deferindo as petições dos povos! Adorável! Não, é de enlouquecer! Diria que o mundo inteiro perdeu o juízo.

— “É Deus que ma concede, ai de quem tocar nela” (palavras de Bonaparte na coroação). — Dizem que ele estava magnífico ao pronunciar tais palavras — acrescentou o príncipe André, repetindo em italiano: — “*Dio me la data, guai a chi la tocca.*”

— Espero que enfim — prosseguiu Ana Pavlovna — isso tenha sido a gota d’água que fará transbordar o copo. Os soberanos já não podem suportar esse homem, que é uma ameaça para tudo.

— Os soberanos? Não falo da Rússia — disse o visconde num tom de amável desprezo. — Mas que fizeram os soberanos, madame, por Luís XVI, pela rainha, por Madame Elisabeth? Nada — continuou, entusiasmando-se. — E creia-me, eles estão sofrendo o castigo pela traição à causa dos Bourbons. Os soberanos!... Eles mandam embaixadores apresentar cumprimentos ao usurpador!

E com um suspiro de desprezo, tomou outra pose. O príncipe Hippolyte, que, havia muito, olhava o visconde através dos vidros de sua luneta, virou-se subitamente para a princesinha pedindo-lhe uma agulha; e, como se ela houvesse

perguntado, desenhou na mesa o brasão dos Condés, explicando-lhe o significado com ar importante.

— *Bâton de gueules, engrêlé de gueules d’asur, maison Condé* [\[2\]](#) — disse.

A princesinha ouvia sorrindo.

— Se Bonaparte ficar ainda um ano no trono da França — disse o visconde, continuando a discorrer, como um homem que não ouve os outros, mas, senhor de seu assunto, segue exclusivamente o curso de suas ideias —, as coisas irão muito longe. Pela intriga, pela violência, pelo exílio, pelos suplícios, a sociedade, falo da boa sociedade francesa, será destruída para sempre, e então...

Levantou os ombros e abriu os braços. Interessado pela conversação, Pierre quis dizer qualquer coisa, mas foi impedido por Ana Pavlovna, que estava alerta.

— O imperador Alexandre — disse ela, com a tristeza que sempre acompanhava suas palavras quando se referia à família imperial — declarou que deixaria aos franceses a escolha do próprio governo. E estou certa que toda a nação, desembaraçada do usurpador, receberá o legítimo rei de braços abertos — concluiu Ana Pavlovna, procurando ser amável com o emigrante realista.

— É duvidoso — retrucou o príncipe André. — *Monsieur le vicomte* tem razão quando diz que as coisas já foram muito longe. Creio que a volta ao passado será difícil.

— Segundo ouvi — intrometeu-se Pierre, corando —, quase toda a nobreza já está com Bonaparte.

— São os bonapartistas que dizem — respondeu o visconde, sem olhá-lo. — Atualmente é difícil conhecer a opinião pública na França.

— Bonaparte assim o disse — objetou o príncipe André sorrindo.

(Era evidente que o visconde lhe desagradava, e essas palavras, sem atingi-lo, eram dirigidas contra ele.)

— “Eu lhes aponte o caminho da glória” — acrescentou, repetindo novamente as palavras de Napoleão —, “não quiseram segui-lo; abri-lhes as minhas antecâmaras, entraram aos magotes.” Não sei até que ponto ele tinha o direito de dizer isso.

— Direito nenhum — respondeu o visconde. — Depois do assassinato do duque, até os mais parciais deixaram de ver nele um herói. Mesmo que ele tenha sido um herói para certas pessoas — continuou o visconde, dirigindo-se a Ana

Pavlovna —, depois do assassinato do duque há mais um mártir no céu e um herói de menos na terra.

Antes que os presentes esboçassem um sorriso aprovando as palavras do visconde, Pierre intrometeu-se novamente na conversa, sem dar tempo a Ana Pavlovna de interrompê-lo, embora houvesse pressentido que ele ia dizer algo fora de propósito.

— A execução do duque d'Enghien — disse Pierre — era uma necessidade de Estado, e só vejo grandeza de alma em Napoleão assumindo a inteira responsabilidade desse ato.

— *Dieu! Mon Dieu!* — murmurou Ana Pavlovna aterrada.

— Como, Monsieur Pierre, o senhor acha que assassinar é grandeza de alma? — disse a princesinha sorrindo e baixando seu tricô.

— Ah! Oh! — exclamavam todas as vozes.

— *Capital* — disse em inglês o príncipe Hippolyte, batendo nos joelhos.

O visconde contentou-se em dar de ombros. Por cima dos óculos, Pierre olhava todos triunfalmente.

— Digo isso — continuou — porque os Bourbons fugiram da revolução, deixando o povo na anarquia! Somente Napoleão soube compreendê-la e vencê-la. E pelo bem comum, não podia hesitar diante da vida de um só homem.

— Quer passar para esta outra mesa? — perguntou Ana Pavlovna.

Sem responder, Pierre prosseguiu.

— Não — disse animando-se cada vez mais. — Napoleão é grande porque soube colocar-se acima da revolução, reprimindo os abusos e conservando o que ela tinha de bom: a igualdade dos cidadãos, a liberdade de palavra e de imprensa. Foi só por isso que conquistou o poder.

— Sim, se tomando o poder para si, sem aproveitá-lo para cometer assassinatos, o houvesse devolvido ao rei legítimo. Então, sim, eu o chamaria de grande homem — retrucou o visconde.

— Ele não podia fazer isso. O povo lhe deu o poder para que ele destituísse os Bourbons e porque via nele um grande homem. A revolução foi uma grande obra — continuou Pierre, mostrando com essa afirmativa audaciosa e provocadora sua extrema juventude e o desejo de exprimir tudo que pensava da maneira mais completa possível.

— A revolução e o assassinio dos reis, uma grande obra!... Diante disso... mas não quer passar para esta outra mesa? — repetiu Ana Pavlovna.

— *Contrat social* — disse o visconde com um sorriso ameno.

— Não falo da execução do rei, falo das ideias.

— Sim, as ideias de pilhagem, de morticínio, do assassinato do rei — interrompeu novamente a voz irônica.

— Muitos excessos foram praticados, não há dúvida, mas nem tudo está neles; o importante está nos direitos do homem, no desaparecimento dos preconceitos, na igualdade dos cidadãos. E Napoleão conservou integralmente essas ideias.

— Liberdade e igualdade — disse o visconde com desprezo como se, afinal, se propusesse a provar seriamente a esse rapaz a estupidez do que dizia — são grandes palavras desmoralizadas há muito tempo. Quem não ama a liberdade e a igualdade? Nosso santo Salvador já pregava liberdade e igualdade. E a revolução tornou os homens mais felizes? Ao contrário. Nós quisemos a liberdade e Bonaparte a destruiu.

O príncipe André sorria, olhando alternadamente o visconde, Pierre e a dona da casa. Desde os primeiros arrancos de Pierre, Ana Pavlovna, apesar de seu traquejo social, estava aterrada. Mas, quando percebeu que suas palavras sacrílegas não perturbavam o visconde e que não era possível abafá-las, retomou forças aliando-se ao francês para atacar o orador.

— Mas, *mon cher Monsieur Pierre* — perguntou Ana Pavlovna —, como explica isto: um grande homem manda executar um duque, enfim, simplesmente outro homem, sem julgamento e sem crime?...

— Eu perguntaria — disse o visconde — como o cavalheiro explica o 18 Brumário. Não foi uma farsa? Foi uma escamoteação que em nada se parece com o modo de agir de um grande homem.

— E os prisioneiros da África que ele matou! É horrível — acrescentou a princesinha.

— É um plebeu, digam o que disserem — declarou o príncipe Hippolyte.

Pierre não sabia a quem responder; olhava a todos sorrindo, mas de uma forma diferente dos outros. Ao contrário dos demais, quando sorria sua fisionomia séria e um pouco sombria transformava-se subitamente num

semblante de criança, bom, até um pouco apatetado, e que parecia pedir complacência.

Estava claro para o visconde, que o via pela primeira vez, que esse jacobino não era tão terrível como suas palavras.

Todos calaram.

— Como querem que ele responda a todos ao mesmo tempo? — disse o príncipe André. — Além disso, a mim me parece que nos atos de um homem público é necessário distinguir os atos do homem privado, do chefe de exército ou do imperador.

— Sim, sim, naturalmente — disse Pierre, reanimado com este auxílio.

— Não se pode deixar de reconhecer — continuou o príncipe André — que Napoleão, como homem, foi muito grande; seja na ponte d'Arcole ou no hospital de Jafa, onde deu a mão aos pestilentos, mas... é verdade, existem outros atos difíceis de justificar.

O príncipe André, que, evidentemente, quisera suavizar as inconveniências de Pierre, levantou-se para sair, fazendo sinal à sua mulher.

Inesperadamente o príncipe Hippolyte levantou-se e, detendo a todos com um gesto de mãos, pediu-lhes que se sentassem.

— Ah! contaram-me hoje uma deliciosa anedota moscovita; vou presenteá-los com ela. Desculpe, visconde, preciso contar em russo, do contrário se perderá o sal da história. — E o príncipe Hippolyte principiou a falar russo, com a pronúncia dos franceses que passam um ano na Rússia.

Todos pararam, tal era a animação e insistência do príncipe pedindo atenção para a sua história.

— Em Moscou existe uma senhora, *une dame*, que é muito avarenta. Precisava ter dois lacaios atrás da carruagem. Mas queria-os muito altos. Era sua mania. E tinha uma criada de quarto, muito alta...

Nesta altura, o príncipe Hippolyte começou a refletir com visível dificuldade.

— Ela disse... sim, ela disse: Menina (à criada de quarto), veste a libré e vem comigo atrás da carruagem para fazer visitas.

Dito isso, o príncipe Hippolyte caiu na risada, muito antes da plateia, causando-lhe uma impressão desfavorável. Só depois disso é que alguns, entre eles Ana Pavlovna, sorriram, apesar do ridículo da situação.

— Saíram, mas um pé de vento repentino arrancou o chapéu da moça, desmanchando-lhe o penteado...

Não podia mais conter-se, e, com um riso quase soluçante, concluiu:

— E todo mundo soube...

Era essa a anedota. Apesar de ninguém compreender o sentido e nem por que devia ser contada em russo, Ana Pavlovna e os demais admiraram a habilidade mundana do príncipe Hippolyte, evitando novas tiradas desagradáveis de Pierre. Com isso, a conversação dispersou-se pelos pequenos grupos e recaiu sobre comentários insignificantes, bailes passados e futuros, espetáculos, assim como sobre dia e local da próxima reunião.

V

Agradecendo a Ana Pavlovna pela festa encantadora, os convidados começaram a retirar-se.

Pierre era desajeitado e pesado, de estatura incomum e tinha mãos enormes e vermelhas. Era incapaz de dizer duas ou três amabilidades ao entrar ou sair de uma sala. Ao levantar-se, em lugar do seu chapéu, pegou o tricórnio de plumas do general, e ficou a abanar-se com o penacho até o dono pedir-lhe que o devolvesse. Mas a franqueza, simplicidade e modéstia compensavam-lhe a atrapalhão e falta de traquejo social. Voltando-se para ele, Ana Pavlovna cumprimentou-o, exprimindo-lhe, com doçura cristã, o perdão pelas suas inconveniências.

— Espero tornar a vê-lo, mas também espero que mude suas opiniões, meu caro senhor Pierre.

Pierre apenas inclinou-se e, sem responder, sorriu a todos novamente, como se quisesse dizer: “As opiniões são as opiniões, e todos estão vendo que sou um bom e simpático rapaz.” E todos, até Ana Pavlovna, involuntariamente pensavam assim.

Passando para o vestíbulo, o príncipe André ouvia com indiferença a conversa de sua mulher com o príncipe Hippolyte, enquanto o criado lhe vestia o sobretudo. O príncipe Hippolyte rodeava insistentemente a linda princesinha grávida, fixando-a com a luneta.

— Vamos, Annette, você vai adoentar-se — disse a princesinha despedindo-se de Ana Pavlovna. — Está resolvido — acrescentou em voz baixa.

Ana Pavlovna já havia falado a Lisa sobre o casamento que projetara de sua cunhada com Anatole.

— Conto com a senhora, minha querida — disse Pavlovna, também em voz baixa —, escreva-lhe e não se esqueça de dizer qual é a atitude do pai. *Au revoir*. — E saiu.

O príncipe Hippolyte aproximou-se da princesinha e disse-lhe, muito perto do rosto, qualquer coisa, em voz baixa.

Dois criados, o seu e o da princesa, um usando um sobretudo, outro, um xale, esperavam que terminassem de falar, ouvindo a conversa em francês, incompreensível para eles, mas que fingiam entender sem querer demonstrá-lo. Como sempre, falando e ouvindo, a princesinha sorria.

— Estou muito contente por não ter ido à festa do embaixador — dizia o príncipe Hippolyte —, é aborrecido aquilo lá... Uma reunião muito encantadora esta, não é?

— Dizem que o baile vai estar muito animado — respondeu a princesinha, erguendo o pequeno lábio. — Todas as mulheres bonitas da sociedade estarão lá.

— Nem todas, já que você não irá — respondeu o príncipe Hippolyte, rindo alegremente. Tomando o xale das mãos do lacai, cobriu os ombros da princesa. Por falta de jeito ou voluntariamente (não se pode saber), depois de posto o xale, levou muito tempo para retirar as mãos, que envolviam o pescoço dela. Parecia apertar a linda criatura.

Ela, sempre sorrindo, afastou-se graciosamente e, ao voltar-se, olhou o marido. O príncipe André estava de olhos fechados, parecia ter adormecido de cansaço.

— Está pronta? — perguntou ele, percorrendo-a com os olhos.

O príncipe Hippolyte pôs rapidamente o sobretudo, que, na moda de então, caía até o salto dos sapatos, e, todo atrapalhado, correu até a pequena escada junto da princesa, que o lacai auxiliava a subir na carruagem.

— *Princesse, au revoir* — gritou, com a língua tão atrapalhada quanto os pés.

A princesa, levantando o vestido, entrava na carruagem; o marido arrumava o sabre. O príncipe Hippolyte, a pretexto de auxiliar, estorvava a todos.

— Com licença — disse secamente o príncipe André, dirigindo-se em russo ao príncipe Hippolyte, que o impedia de passar.

— Pierre, espero por você — acrescentou com voz serena e terna.

O cocheiro puxou as rédeas e a carruagem movimentou-se. O príncipe Hippolyte, rindo entrecortadamente, esperava, na pequena escada, o visconde, que prometera levar em casa.

* * *

— Pois, meu caro, a sua princesinha é muito linda, muito linda — disse o visconde, instalando-se no carro.

— Um amor. — Beijou a ponta dos dedos. — É absolutamente francesa.

Hippolyte não podia mais de tanto rir.

— E sabe que é terrível com aquele arzinho inocente — continuou o visconde. — Eu lamento é o marido, esse oficialzinho que se dá ares de príncipe reinante.

Hippolyte estourou novamente e entre risadas disse:

— E você dizia que as damas russas não valiam as francesas! É preciso saber levá-las.

Tendo chegado na frente, Pierre, na qualidade de amigo da casa, foi diretamente para o gabinete do príncipe André. Pegando um livro ao acaso (eram as memórias de César) estirou-se no divã e começou a ler no meio.

— O que foste fazer a Mademoiselle Scherer? Ela vai adoecer! — disse o príncipe André, entrando e esfregando as mãos, pequenas e brancas.

Pierre virou-se tão rapidamente que o divã estalou. Fitando o príncipe André com uma expressão animada e sorridente, fez um gesto com a mão.

— Não, o abade é muito interessante, mas não compreende as coisas como elas são... Para mim, a paz universal é possível, mas não posso explicar... Em todo o caso, não será com o equilíbrio político.

Era evidente que o príncipe André não se interessava por esses assuntos abstratos.

— *Mon cher*, nem sempre se pode dizer o que se pensa. E afinal! Decidiste alguma coisa? Entras para a guarda ou queres ser diplomata? — perguntou o príncipe André depois de um momento de silêncio.

Pierre sentou-se no divã como que agachado.

— Creia, ainda não sei. Nenhuma das duas coisas me agrada.

— Mas é preciso decidir. Teu pai espera.

Com a idade de dez anos Pierre fora mandado para o exterior com um abade por preceptor, e lá ficara até os vinte. Quando voltou a Moscou, o pai despediu o abade e disse ao rapaz:

“Agora, vai a Petersburgo, olha e escolhe, concordarei com tudo. Levas aqui uma carta para o príncipe Vassili e o dinheiro necessário. Depois, escreve-me, conta comigo para qualquer ajuda.” Havia três meses Pierre ocupava-se com a escolha de uma carreira, e ainda nada decidira. Era a escolha de que lhe falava o príncipe André. Passou a mão na testa.

— Mas ele deve ser maçom! — exclamou, pensando no abade Morio.

— Tudo isso é fantasia — atalhou o príncipe André. — Falemos antes de teus negócios. Foste ao esquadrão de cavalaria?

— Não, não fui; mas me veio uma coisa à cabeça, que eu queria dizer-lhe: agora, estamos em guerra com Napoleão; se fosse uma guerra pela liberdade, eu compreenderia, e seria o primeiro a alistar-me, mas auxiliar a Inglaterra e a Áustria contra o maior homem do mundo... não está certo.

O príncipe André limitou-se a sacudir os ombros ouvindo essas palavras infantis. Seu modo parecia significar que, contra semelhantes tolices, nada havia a opor. Realmente, a tal ingenuidade era difícil responder de outra forma.

— Se todos fizessem a guerra por convicção, não haveria guerras.

— Isso é que seria bonito! — exclamou Pierre.

O príncipe André sorriu.

— Sim, é possível que seja bonito, mas não acontecerá nunca...

— E você, por que vai para a guerra? — perguntou Pierre.

— Por quê? Nem sei. É necessário. Além disso também... — interrompeu-se.

— Vou porque a vida que estou levando aqui não me convém!

VI

No cômodo vizinho ouviu-se o farfalhar de um vestido. Como se acordasse naquele instante e sacudindo-se todo, o príncipe André retomou a expressão que manteve na festa de Ana Pavlovna. Pierre tirou os pés do divã.

A princesa entrou. Havia retirado seu traje de noite e estava agora com um vestido caseiro, mas sempre fresca e elegante. Seu marido levantou-se e, polidamente, ofereceu-lhe uma poltrona.

— Muitas vezes pergunto a mim mesma — disse em francês, como sempre, fazendo barulho ao sentar-se na poltrona — por que Annette não casou. Como vocês homens são tolos, não casando com ela. Perdoem-me, mas vocês não compreendem as mulheres. E que discutidor está me saindo o senhor Pierre!

— Sim, e até com seu marido sempre discuto. Não compreendo por que ele quer ir para a guerra — disse Pierre, dirigindo-se à princesa, sem os salamaleques habituais nas relações entre um rapaz e uma moça.

A princesa teve um sobressalto.

Era evidente que as palavras de Pierre a tocavam em cheio.

— Aí está! Sempre digo a mesma coisa. Não compreendo por que os homens não podem viver sem guerra! Por que, nós, mulheres, não queremos nada, não temos necessidade de nada? Pois bem, sirva de juiz. Eu lhe digo sempre... aqui, é ajudante de ordens do tio, tem uma brilhante situação, todos o conhecem e apreciam muito. Um dia desses, na casa dos Apraxine, ouvi uma senhora dizer: “Então é esse o famoso príncipe André? Vejam só!” — Riu. — É bem recebido em toda a parte, poderá, muito facilmente, vir a ser ajudante de ordens do imperador. Você sabe que o tsar falou muito gentilmente com ele. Annette e eu achamos que será muito fácil arranjar isso. O que acha?

Pierre olhou o príncipe André e, vendo que esse assunto desagradava o amigo, não respondeu nada.

— Quando embarca? — perguntou.

— Ah! não me fale nessa partida, não me fale. Nem quero ouvir falar nisso — disse a princesa no mesmo tom caprichoso com que falara com o príncipe Hippolyte, mas que, evidentemente, destoava num ambiente familiar do qual Pierre era considerado íntimo. — Hoje, pensando que devo interromper todas essas relações que me são caras... E depois, tu sabes, André? — Olhava para o marido com os olhos arregalados. — Tenho medo, tenho medo — segredou estremecendo.

O marido, como se só então tivesse percebido que além dele e Pierre havia mais alguém na sala, de forma delicada, mas fria, perguntou-lhe:

— De que tens medo, Lisa? Não posso compreender...

— Está aí como são egoístas vocês homens, todos, todos, uns egoístas. Deixa-me espontaneamente, sabe Deus por quê, e quer encerrar-me sozinha no campo.

— Com meu pai e minha irmã, não te esqueças — disse suavemente o príncipe André.

— Dá no mesmo. Sem *meus* amigos, não deixarei de estar só... e depois não quer que eu tenha medo.

Choramingava e sua boca entreaberta já não tinha a expressão sorridente, mas a de um animalzinho assustado.

Calou-se como se julgasse inconveniente falar em sua gravidez na frente de Pierre, pois esse era o motivo real da discussão.

— Não compreendo de que tens medo — disse o príncipe André lentamente, fitando-a com insistência.

Gesticulando desesperadamente, a princesa corou.

— Não, André, eu digo estás tão mudado, tão mudado...

— Teu médico recomendou-te ir cedo para a cama — disse o príncipe André. — Creio que deves recolher-te.

A princesa não respondeu, mas de súbito seu beicinho começou a tremer; o príncipe levantou-se, dando de ombros, e começou a andar pela sala.

Pierre, muito admirado, olhava ingenuamente, ora o príncipe, ora a princesa; fez um movimento para levantar-se, mas, refletindo, continuou sentado.

— Não faz mal que o senhor Pierre esteja presente! — retrucou a princesinha, fazendo uma cara de choro. — Há muito tempo que queria perguntar por que mudaste tanto comigo, André? O que foi que eu fiz? Vais para a guerra e não tens pena de mim, por quê?

— Lisa! — limitou-se a dizer o príncipe André, e nessa palavra havia, ao mesmo tempo, um pedido, uma ameaça e, principalmente, a certeza de que ela lamentaria por aquelas palavras. Mas Lisa continuou rapidamente:

— Tu me tratas como uma doente ou uma criança. Eu bem o percebo. Não eras assim há seis meses!

— Lisa! Peço que não continues — disse o príncipe num tom ainda mais expressivo.

Pierre, cada vez mais comovido com essa cena, aproximou-se da princesa. Parecia não poder suportar a visão das lágrimas, e ele próprio estava prestes a chorar.

— Acalme-se, princesa. Asseguro-lhe que tudo isso pode parecer... Eu sei... porque... porque... Mas perdoe-me, sou um estranho... Não, acalme-se... eu já vou.

O príncipe André deteve-o com um gesto.

— Espera, Pierre, a princesa é muito boa e não há de querer privar-me do prazer de tua companhia.

— Não, ele só pensa em si — exclamou a princesa, não retendo mais as lágrimas de cólera.

— Lisa! — cortou secamente o príncipe André, levantando a voz para mostrar que sua paciência estava esgotada.

Subitamente a expressão de animalzinho feroz deu lugar a uma expressão tímida, apavorada e recolhida. Seus lindos olhos fitavam timidamente o marido de baixo para cima, como um cachorrinho com o rabo entre as pernas.

— *Mon Dieu, mon Dieu!* — disse a princesa, erguendo as dobras do vestido; aproximou-se do marido e beijou-o na testa.

— Boa noite, Lisa! — fez o príncipe, levantando-se e beijando-lhe cortesmente a mão como a uma estranha.

* * *

Os dois amigos ficaram silenciosos. Nem um nem outro procurava conversar. Pierre olhava o príncipe, e este passava a mão fina na testa.

— Vamos cear — disse num suspiro, dirigindo-se para a porta.

Entraram na sala de jantar, rica e elegantemente mobiliada. Tudo, desde as toalhas até a prataria, porcelanas, cristais, tinha esse cunho particularmente novo que sempre se nota nas moradas dos casais jovens. No meio da ceia o príncipe André debruçou-se na mesa com uma expressão de irritação nervosa que Pierre nunca lhe havia visto, e, como um homem que enfim se decide a descarregar um peso do coração, começou a falar:

— Não casa, meu amigo, é o conselho que te dou: não casa antes de ter certeza de que fizeste tudo o que querias fazer. Não casa até ter deixado de amar a mulher que escolheste, de a teres visto tal como é. Do contrário, te enganarás cruel e irremediavelmente. Casa só depois de velho, quando não prestares para mais nada... senão, tudo que tiveres de bom e nobre dentro de ti perecerá; gastarás tudo em ninharias. Sim, sim, sim! Não me olhes assim admirado. Se, futuramente, esperas fazer alguma coisa, perceberás que tudo está terminado para ti, que todas as portas estão fechadas, exceto a dos salões, onde estarás no mesmo nível de um laçao de corte e de um imbecil... Sim, é isso!...

Fez um gesto brusco.

Pierre tirou os óculos, o que lhe mudava a fisionomia, que se tornara ainda mais bondosa, e, muito admirado, olhou o amigo.

— Minha mulher — continuou o príncipe André — é uma criatura admirável. É uma das poucas mulheres com quem se pode estar descansado em assuntos de honra. Mas, meu Deus, quanto eu não daria para não estar casado! Tu és o primeiro e o único a quem eu falo nessas coisas; isso, porque gosto de ti.

Dizendo essas palavras, o príncipe André ainda se parecia menos que antes com esse príncipe Bolkonski que, sentado numa poltrona de Ana Pavlovna, piscando os olhos, deixava passar, entre dentes, algumas frases em francês. Uma animação nervosa fazia tremer cada músculo de seu rosto descamado; agora, um brilho claro iluminava-lhe os olhos, que antes pareciam completamente mortos. Ainda mais energia aparentava nesse momento de irritabilidade quase doentia por ter normalmente o aspecto de uma criatura sem vida.

— Tu não compreendes por que digo isso — continuou — e, no entanto, é toda a história de minha existência. Tu dizes “Bonaparte e sua carreira” — complementou, apesar de Pierre não ter falado em Bonaparte —, mas quando Bonaparte trabalhava, quando caminhava em direção a seu ideal, era livre, via apenas o ideal, e por isso atingiu-o. Mas se te ligares a uma mulher, então, como um forçado, com os pés num grilhão, perderás toda a liberdade. Tudo que tiveres de esperança e de força ficará deprimido e te arrependerás amargamente. Os salões, os disses que disse, os bailes, as vaidades, as nulidades, eis o círculo vicioso que não poderás romper. Agora, vou para a guerra, para a maior guerra de todos os tempos, e não sei nada. Não presto para nada. Sou muito amável e

muito sarcástico — continuou o príncipe André — e nas reuniões de Ana Pavlovna todos me escutam. É essa sociedade idiota sem a qual minha mulher não pode viver, e essas mulheres... Se, ao menos, pudesse saber o que são essas mulheres de sociedade e as mulheres em geral! Meu pai tem razão. As mulheres, quando mostram como são, não passam de umas egoístas, vaidosas, estúpidas e de uma insignificância total. Quando a gente as vê em sociedade, acredita que guardem no íntimo alguma coisa, mas puro engano, não há nada, nada, nada! É, meu amigo, não cases, não cases! — concluiu o príncipe André.

— Acho engraçado — disse Pierre — que você se considere incapaz e julgue sua vida perdida, quando tem ainda futuro na sua frente. Além disso...

Não concluiu a frase, mas o tom indicava o conceito que fazia do amigo, e a confiança que depositava no seu futuro.

“Como pode falar assim?”, pensava Pierre.

Ele considerava o príncipe André como o modelo de todas as perfeições, precisamente porque reunia, no mais alto grau, as qualidades que lhe faltavam e que podiam ser resumidas nesta expressão: força de vontade. Sempre admirara a capacidade do príncipe, a sua conduta com os homens, quaisquer que eles fossem, sua memória extraordinária, tudo que havia lido (lera tudo, sabia tudo, de tudo tinha uma ideia) e mais ainda, sua capacidade de trabalho e compreensão. Se, muitas vezes, ficara chocado com sua inaptidão para a filosofia contemplativa (pela qual ele, Pierre, tinha especial inclinação), não via nisso um defeito, mas um atributo a mais.

Nas relações, por mais íntimas, amigáveis e simples que sejam, a lisonja e o louvor são tão necessários como a graxa numa engrenagem em movimento.

— Sou um homem liquidado, falemos de ti — disse o príncipe André, sorrindo dessas ideias consoladoras. Um sorriso refletiu-se imediatamente no semblante de Pierre.

— E o que dizer de mim! — disse Pierre num sorriso despreocupado e jovial. — Quem sou eu? Um bastardo! — De súbito enrubesceu. Evidentemente fizera um grande esforço para dizer isso. — Sem nome, sem fortuna... e o que, afinal de contas... — Mas não concluiu esse “afinal de contas”. — Agora, sou livre e feliz. Mas, francamente, não sei como começar e queria pedir-te que me aconselhasses.

O príncipe André olhou-o com bondade. Embora amigável, esse olhar exprimia a consciência da própria superioridade.

— Tenho-lhe afeição principalmente, porque, de todo o nosso círculo, és o único homem que tem vida. Tu estás satisfeito. Para ti, escolhes o que quiseses, não faz diferença. Em qualquer lugar estarás bem... mas, uma única coisa... deixa de frequentar Kuriaguine, deixa essa vida. Essas orgias não te servem.

— O que queres, meu caro? — disse Pierre, encolhendo os ombros. — As mulheres, meu caro, as mulheres!

— Não compreendo — replicou o príncipe André. — As mulheres decentes são uma coisa, mas as mulheres de Kuriaguine, as mulheres e o vinho! Não compreendo.

Pierre morava com o príncipe Vassili Kuriaguine e compartilhava das orgias de seu filho Anatole, o mesmo que, para corrigi-lo, queriam casar com a irmã do príncipe André.

— Sabes — disse Pierre, como se lhe tivesse vindo uma ideia feliz —, já tenho pensado seriamente nisso; com essa vida não posso refletir nem decidir nada. Tenho dores de cabeça e nenhum dinheiro. Ele convidou-me hoje, mas não irei.

— Dás tua palavra de honra que não irás mais?

— Palavra de honra!

* * *

Já passava da uma da madrugada quando Pierre deixou o amigo. Era uma dessas noites brancas de junho em São Petersburgo. Tomou um carro com a intenção de recolher-se. Mas, quanto mais se aproximava de casa, tanto mais sentia a impossibilidade de dormir nessa noite que mais se parecia ao crepúsculo ou à alvorada.

Seu olhar perdia-se nas ruas desertas. Durante o caminho lembrou-se que nessa noite havia uma reunião de seus companheiros habituais de jogo, na casa de Anatole Kuriaguine, seguida de uma bebedeira que terminaria pelo seu prazer favorito.

“Eu poderia ir lá”, pensou; mas logo lhe veio à memória a palavra de honra que dera ao príncipe André, de não mais andar com Kuriaguine.

Porém, como acontece com todos os fracos, o intenso desejo de gozar ainda uma vez essa vida de depravação, tão sua conhecida, o venceu. Imediatamente considerou que a palavra de honra nada significava para aquela noite porque, antes de prometer ao príncipe André, comprometera-se com Anatole. Além disso — pensou —, essas palavras de honra são convenções que não têm um sentido preciso, principalmente considerando que se pode morrer de um momento para outro ou acontecer alguma coisa tão extraordinária que tudo deixará de existir, inclusive honra e desonra.

Pierre fazia frequentemente esse raciocínio, destruidor de tudo quanto ele resolvia ou conjecturava. Rumou para a casa de Kuriaguine.

Chegando à residência de Anatole, uma grande casa perto do quartel da guarda montada, Pierre subiu as escadarias iluminadas. A porta estava aberta, entrou. No vestíbulo não havia ninguém. Garrafas vazias, casacões e galochas rolavam por toda a parte; sentia-se um cheiro de vinho e, de longe, ouvia-se o ruído de vozes e de gritos.

O jogo e a ceia já haviam terminado, mas os convivas continuavam reunidos. Pierre atirou o sobretudo, entrou numa sala onde estavam os restos da ceia e passou por um criado que, pensando não ser visto, esvaziava os copos. Dos fundos, da terceira sala, vinha um barulho infernal, risadas, gritos de vozes conhecidas e o bramido de um urso. Ansiosos, oito rapazes se apertavam contra uma janela aberta; três outros brincavam com um urso novo que um deles puxava por uma corrente assustando os companheiros.

— Aposto cem rublos em Stievens! — gritou um.

— Atenção, não se deve segurá-lo! — gritou outro.

— Aposto em Dolokhov — disse um terceiro. — Que acha, Kuriaguine?!

— Pois bem, deixa Michka, [\[3\]](#) trata-se de uma aposta.

— De um só gole, senão perde!

— Iakov, traz uma garrafa, Iakov! — berrou o dono da casa, um grande e belo rapaz que estava no meio dos convidados com uma fina camisa aberta ao peito. — Senhores, um momento, meu bom amigo Petrucha chegou — disse, mostrando Pierre.

Um homem de estatura baixa e olhos azul-claros, com uma voz calma e sóbria contrastava de modo singular com as outras, já tomadas pelo vinho,

chamou pela janela:

— Vem cá, vou te explicar a aposta!

Era Dolokhov, oficial do regimento Semeonovski, muito conhecido como jogador e espadachim, que morava com Anatole. Pierre sorriu e olhou alegremente em volta de si.

— Não estou entendendo nada, de que se trata?

— Esperem, ele não está bêbado. Alcancem uma garrafa — disse Anatole, e, com um copo na mão, aproximou-se de Pierre. — Antes de mais nada, bebe.

Olhando e escutando os convivas embriagados que se agrupavam em torno da janela, Pierre bebeu um copo atrás do outro. Enquanto lhe servia o vinho, Anatole contava que Dolokhov apostara com Stievens, um oficial da marinha inglesa, como beberia uma garrafa de rum, sentado na janela do terceiro andar com as pernas para fora.

— Anda, bebe tudo, senão não te deixo em paz — disse Anatole, enchendo-lhe um último copo.

— Não, não quero mais — fez Pierre, empurrando o amigo e aproximando-se da janela.

Dolokhov, segurando o inglês pela mão e dirigindo-se de preferência a Pierre e Anatole, explicava claramente as condições da aposta. Era um rapaz de mais ou menos vinte e cinco anos, estatura média, cabelos crespos e olhos azul-claros. Como todos os oficiais de infantaria, não usava bigode. A linha da boca, seu traço mais característico, era extremamente fina, com o lábio superior caindo energicamente sobre o inferior em forma de cone agudo, dividindo-a como que em dois sorrisos permanentes, um de cada lado. O conjunto, acrescentando-lhe o olhar resoluto, ousado e inteligente, impressionava bastante.

Dolokhov não tinha fortuna nem relações, e apesar de morar com Anatole, que gastava dezenas de milhares de rublos, soubera impor-se de tal forma que chegava a ser mais estimado por todos os amigos do que o próprio dono da casa. Jogava todos os jogos e quase sempre ganhava. Nunca perdia a lucidez por mais que bebesse. Ele e Kuriaguine eram duas celebridades no mundo dos gozadores e libertinos de Petersburgo.

Trouxeram uma garrafa de rum; dois lacaios, atrapalhados com as ordens e gritos dos patrões que os cercavam, arrancavam apressadamente os caixilhos que

impediam de sentar no rebordo exterior da janela.

Com seu ar dominador, Anatole aproximou-se. Queria quebrar alguma coisa. Empurrou os criados e tentou arrancar os caixilhos, mas estes resistiram. Quebrou os vidros.

— Aí, vamos ver o atleta — gritou a Pierre. Este segurou a armação e, fazendo uma barulhada enorme, arrancou os caixilhos de carvalho.

— Arranca completamente para não pensarem que me seguro — disse Dolokhov.

— O inglês gaba-se, hein? Está tudo em ordem? — perguntou Anatole.

— Está — respondeu Pierre, olhando para Dolokhov, que, com uma garrafa de rum na mão, se aproximava da janela por onde se via o céu pálido em que as claridades da noite e da manhã começavam a fundir-se.

Saltou e, em pé, na janela, com a garrafa na mão gritou fazendo todos calar:

— Atenção! Aposto (falava no seu mau francês para que o inglês o compreendesse), aposto cinquenta imperiais, [\[4\]](#) quer cem? — acrescentou, dirigindo-se a Stievens.

— Não, cinquenta — disse este.

— Bem, cinquenta imperiais como beberei toda a garrafa de rum sem tirá-la da boca, sentado na parte exterior da janela, ali (baixou-se para indicar o rebordo externo), e sem segurar-me em nada... está certo?...

— Exatamente — concordou o inglês.

Anatole virou-se para Stievens, segurou-o pelo botão da casaca e, olhando-o de cima (o inglês era de pequena estatura), repetiu-lhe as condições da aposta em inglês.

— Um momento — gritou Dolokhov, batendo a garrafa na janela para chamar a atenção —, espera, Kuriaguine. Escutem. Se alguém fizer a mesma coisa, aposto cem imperiais... Entendido?

O inglês fez um sinal de cabeça que não permitia concluir se tinha ou não a intenção de aceitar essa nova aposta. Anatole não o largava e, embora ele fizesse sinais indicando que compreendera tudo, continuava traduzindo as palavras de Dolokhov.

Um jovem hussardo, que já havia perdido muito nos jogos daquela noite, trepou na janela e, inclinando-se, olhou para baixo.

— Hu!... Hu!... — exclamou olhando a calçada.

— Silêncio! — gritou Dolokhov, empurrando o oficialzinho, que se atrapalhou nas esporas ao saltar para dentro.

Colocando a garrafa sobre o peitoril, para poder segurar a janela com mais facilidade, e com todo o vagar e prudência, apoiando-se nas duas mãos, sentou-se no rebordo externo, deixando cair as pernas para fora. Depois de sentir-se bem acomodado, segurou a garrafa. Anatole trouxe duas velas, colocando-as no parapeito, ainda que a noite estivesse clara. As costas e os cabelos crespos de Dolokhov, que estava de camisa, estavam iluminados de ambos os lados. Todos se agruparam perto da janela. O inglês estava na frente. Pierre sorria sem dizer uma palavra. Um dos presentes, mais idoso, adiantou-se subitamente, com uma expressão de cólera e susto, procurando segurar a camisa de Dolokhov.

— Mas é uma loucura, ele vai se matar — disse esse homem, o mais ajuizado de todos.

Anatole deteve-o.

— Não toca nele, vais assustá-lo, e então, sim, pode matar-se! E depois?...

Apoiando-se novamente nas mãos e procurando mostrar tranquilidade, Dolokhov virou-se:

— Se alguém continuar a se meter na minha vida — disse, pronunciando distintamente as palavras com os lábios finos e apertados —, eu o farei descer imediatamente por aqui. Entenderam?

Dizendo isso, virou-se novamente, deixando de apoiar-se, levou a garrafa aos lábios atirando a cabeça para trás e levantando o braço livre para manter o equilíbrio. Um criado que começava a juntar os vidros quebrados parou nessa posição inclinada sem despregar os olhos da janela e da cabeça de Dolokhov. Anatole, com os olhos bem abertos, mantinha-se em pé sem fazer o menor movimento. O inglês, espichando os lábios, olhava de esguelha. Aquele que procurara deter Dolokhov retirou-se para um canto da sala e deitou-se num divã, virando o rosto para a parede. Pierre tapou os olhos com as mãos, sorrindo levemente apesar do medo e horror que sentia. Ninguém falava. Pierre tirou as mãos dos olhos.

Dolokhov continuava sentado na mesma posição, somente a cabeça estava mais caída, os cabelos tocando o colarinho da camisa, e a mão que segurava a

garrafa, trêmula do esforço, levantava-se cada vez mais. A garrafa esvaziava-se visivelmente e a cabeça pendia ainda mais para trás. “Por que demora tanto?”, pensou Pierre. Parecia-lhe que mais de meia hora havia passado. Subitamente, Dolokhov fez um movimento de espáduas e sua mão tremeu nervosamente. Esse tremor poderia ter feito escorregar todo o corpo, que estava sobre o rebordo inclinado. Ele movimentou o corpo todo, e seu braço e cabeça vacilaram de novo.

Uma das mãos chegou a erguer-se para segurar o vão da janela, mas tornou a cair. Pierre fechou novamente os olhos com o propósito de não ver mais nada. Quando, um segundo depois, sentiu que todos se agitavam, olhou; Dolokhov estava em pé no vão da janela, muito pálido mas com a fisionomia alegre:

— Vazia!

Saltando da janela, atirou a garrafa ao inglês, que a aparou habilmente. Exalava um forte hálito de rum.

— Bravo! Bravo! Aposto ganha! O diabo que os carregue! — gritavam de todos os lados.

O inglês puxou a bolsa e contou o dinheiro. Dolokhov franziu a testa e calouse. Pierre se lançou à janela.

— Senhores! Quem quer apostar comigo? Farei o mesmo — disse de repente. — Não preciso de aposta, tragam-me uma garrafa de rum.

— Está bem! — disse Dolokhov, sorrindo.

— O que é isso, enlouqueceste? Quem permitirá? Até numa escada ficas tonto! — gritavam de todos os lados.

— Beberei, só quero uma garrafa de rum! — gritou Pierre. Num gesto decidido de bêbado, bateu na mesa e trepou na janela. Seguraram-no pelas mãos, mas ele era muito forte e repelia todos que se aproximavam.

— Não, assim vocês não resolvem nada — disse Anatole. — Esperem que eu vou enganá-lo. Escuta, eu aposto contigo, mas para amanhã, agora nós vamos à casa de ***.

— Vamos — gritou Pierre —, vamos e levemos Michka também. — Pegou o urso e, abraçando-o, começou a dançar com ele pela sala.

O príncipe Vassili, cumprindo a promessa que fizera à princesa Drubetzkaia, no sarau de Ana Pavlovna, intercedera por seu filho único. Encaminharam o pedido ao imperador, e Boris, excepcionalmente, fora nomeado segundo-tenente da guarda, no regimento Semenovski. Mas, apesar de todas as solicitações e arranjos de Ana Mikhailovna, não foi nomeado ajudante de ordens, nem entrou para o Estado-Maior de Kutuzov. Pouco depois da festa de Ana Pavlovna, Ana Mikhailovna voltou a Moscou e foi diretamente para casa dos Rostov, ricos parentes seus, onde sempre se hospedava e onde fora criado seu adorado Borenka. Este, recentemente promovido a segundo-tenente de infantaria, passava agora para a guarda. A guarda havia deixado Petersburgo no dia 10 de agosto e o rapaz ficara em Moscou para mandar fazer o uniforme, devendo alcançá-la na estrada de Radzivilov. Na casa dos Rostov era o dia da festa das duas Natálias: mãe e filha mais moça. Desde antes do meio-dia, as berlindas chegavam e desfilavam sem cessar, trazendo visitantes para o palácio da condessa Rostov, conhecido em toda Moscou e localizado à rua Povarskaia, para felicitá-las. A condessa e sua bonita filha mais velha recebiam no salão os visitantes, que se sucediam continuamente.

A condessa era uma mulher de quarenta e cinco anos, tipo oriental, rosto magro, e visivelmente fatigada pelos doze filhos que dera ao marido. Os movimentos vagarosos e a voz cansada, devido à falta de forças, lhe davam um ar imponente que inspirava respeito. A princesa Ana Mikhailovna Drubetzkaia também se achava lá, e, como pessoa de casa, auxiliava a receber os visitantes e a entreter a conversação.

Julgando desnecessário participar da recepção, os filhos estavam nos outros cômodos. O conde ia ao encontro dos convidados e, ao acompanhá-los à porta, convidava a todos para jantar.

— Eu lhe agradeço muito, *ma chère* ou *mon cher* (dizia *ma chère* ou *mon cher* sem nenhuma distinção, sem a menor diferença, quer as pessoas fossem de nível superior ou inferior ao seu), eu lhe agradeço muito em meu nome e no de minhas queridas cuja festa celebramos hoje. Mas venha para jantar. Não me ofenda, *mon cher*. Eu a convido cordialmente em nome de toda família, *ma chère*.

Dizia essas mesmas palavras a todos sem exceção e sem alterar nada, com a mesma expressão no rosto bem nutrido, alegre e rigorosamente barbeado, com o mesmo aperto de mão e os mesmos cumprimentos breves, repetidos. Tendo reconduzido o visitante, o conde voltava àquele ou àquela que ainda se achasse na sala, aproximava uma poltrona e, com o ar de um homem que sabe e gosta de rir, com as mãos nos joelhos abria galhardamente as pernas, e balançando o corpo, com importância, fazia predições sobre o tempo, sobre saúde, ora em

russo ora, ousadamente, no seu péssimo francês. Apesar do cansaço, mas firme no cumprimento do dever, alisando os raros cabelos já grisalhos, reconduzia mais um visitante, convidando-o para jantar. Às vezes, ao voltar do vestíbulo, passava pelo jardim de inverno e pela copa para ir à grande sala de paredes de mármore onde preparavam uma mesa de oitenta talheres; olhando para os criados que traziam as pratas e as porcelanas, punham as mesas e desdobravam as toalhas adamascadas, chamava Dmitri Vassilievitch, um mordomo de origem nobre que se ocupava de todos os seus negócios, e lhe dizia:

— Então, Mitenka, toma cuidado para que tudo esteja em ordem. Está bem, está bem... — E pensava, olhando com prazer a enorme mesa que acabara de ser estendida. — O principal é o serviço. Sim, sim, sim... — E, com um suspiro de satisfação, voltava novamente para a sala.

— Maria Lvovna Kariaguina e sua filha — anunciou com voz grave o laçao da condessa, aparecendo na porta da grande sala.

A condessa refletiu, saboreando uma pitada de fumo da tabaqueira de ouro ornada com o retrato do marido.

— As visitas me cansaram — disse ela. — Está bem, vou recebê-la, mas será a última. Ela é muito pernóstica. Mande entrar — disse ao laçao com uma voz triste, como se tivesse dito: “Pois bem, essa dará cabo de mim!”

Uma senhora, grande, forte, de aspecto altivo e uma moça de rosto redondo e sempre sorridente, entraram na sala num farfalhar de saias.

“Querida condessa, há quanto tempo... estive de cama, a pobrezinha... no baile dos Razumovski... e a condessa Apraxine... fiquei tão contente...”, ouvia-se um murmúrio de vozes de mulher interrompendo-se umas às outras e confundindo-se com o rumor dos vestidos e das cadeiras. Começou, então, uma dessas conversações nas quais se espera apenas uma pausa para levantar-se num ruído de saias e dizer: “Estou encantada: a saúde de mamãe... e a condessa Apraxine...” e novamente, num ruído de saias, passar para o vestíbulo, vestir a peliça ou o casacão e sair. A conversa girava em torno da grande nova do dia, a doença do conde Bezukhov, o riquíssimo e belo ancião, sobrevivente da época de Catarina, e sobre Pierre, seu filho natural, que se portara tão mal na recepção de Ana Pavlovna Scherer.

— Lastimo muito o pobre conde — disse a visitante. — Com a saúde já tão fraca, não resistirá a esse desgosto.

— Mas o que houve? — perguntou a condessa, como se ignorasse do que falava sua interlocutora, apesar de já lhe terem contado umas quinze vezes a causa da dor do conde Bezukhov.

— Eis aí a educação moderna!

— No exterior, o rapaz estava entregue a si próprio, e agora, em Petersburgo, fez tais horrores, segundo dizem, que foi expulso pela polícia.

— Realmente! — exclamou a condessa.

— Escolheu mal os amigos — interveio a princesa Ana Mikhailovna. — O filho do príncipe Vassili, ele e um tal Dolokhov fizeram o diabo, ao que contam. Todos dois foram castigados. Dolokhov perdeu a patente, voltando a ser soldado, e o filho de Bezukhov foi mandado para Moscou. Quanto a Anatole Kuriaguine... o pai abafou a história, mas, apesar disso, foi expulso de Petersburgo.

— Mas o que fizeram? — perguntou a condessa.

— São verdadeiros bandidos, sobretudo Dolokhov — disse a visitante.

— É o filho de Maria Ivanovna Dolokhova, uma senhora tão respeitável! Eis aí! Imagine que os três pegaram um urso, puseram-no num carro e foram para a casa de umas artistas. A polícia chegou para acalmá-los e eles pegaram o inspetor, amarraram-no de costas no urso e atiraram este no Moika; o animal nadou com o policial no lombo.

— *Ma chère*, eu desejaria ver a cara desse inspetor — exclamou o conde, retorcendo-se de tanto rir.

— Ah! que horror! Que graça acha nisso, conde?

Mas as senhoras também riam, ainda que tentassem disfarçar.

— Fizeram o impossível para salvar o infeliz — continuou a visitante. — E é o filho do conde Kiril Vladimirovitch Bezukhov que assim se diverte tão inteligentemente! — acrescentou. — E diziam que ele era tão bem-educado e talentoso. Eis no que dá a educação no exterior. Espero que aqui, apesar de sua fortuna, ninguém o receba. Quiseram me apresentá-lo, mas recusei categoricamente, tenho filhas.

— Por que diz que esse rapaz é tão rico? — perguntou a condessa, se inclinando para a senhora Karaguine e dando as costas para as moças, que logo fingiram não estar ouvindo. — Ele só tem filhos ilegítimos. Parece que Pierre... também é filho ilegítimo.

A visitante fez um gesto com a mão.

— Creio que ele tem vinte filhos assim.

A princesa Ana Mikhailovna tomava parte na conversa, no desejo evidente de mostrar suas relações e seus conhecimentos das coisas do mundo.

— O que há é o seguinte — explicou em voz baixa e grave: — A reputação do conde Kiril Vladimirovitch é conhecida... Ele não sabe mais o número dos filhos que tem, mas esse Pierre sempre foi o favorito.

— Como o velho ainda estava bonito o ano passado! — disse a condessa. — Nunca vi homem mais lindo.

— Agora está muito mudado — disse Ana Mikhailovna. — Então, como ia dizendo — continuou —, pelo lado da mulher, o príncipe Vassili é o herdeiro direto de todos os bens, mas o pai gostava muito de Pierre, preocupou-se com sua educação e escreveu ao imperador... de sorte que ninguém sabe, por sua morte (está tão doente que isso pode acontecer a qualquer momento e Lorrain chegou de Petersburgo), quem receberá essa enorme fortuna, se Pierre ou o príncipe Vassili. Quarenta mil almas e milhões de rublos. Sei muito bem, pelo próprio príncipe Vassili. E Kiril Vladimirovitch é também meu parente pelo seu lado materno; é o padrinho de Boris — acrescentou como se não desse a menor importância a esse fato.

— O príncipe Vassili chegou ontem a Moscou. Disseram-me que anda inspecionando — informou a visitante.

— Sim, mas entre nós — fez a princesa —, isso é um pretexto. Sabendo do estado do príncipe Kiril Vladimirovitch, veio vê-lo.

— No entanto, *ma chère*, foi uma boa história — disse o conde. E, percebendo que a visitante não o escutava, dirigiu-se às moças. — Eu só imagino a cara do inspetor.

E, mostrando como o infeliz deveria ter agitado os braços, irrompeu num riso sonoro e profundo que lhe sacudiu todo o corpo, como costumam rir os homens que sempre comeram bem e sobretudo beberam melhor.

— Muito bem, espero que voltem para jantar — disse ele.

VIII

Fez-se silêncio. A condessa olhava a princesa com um sorriso agradável, mas sem esconder a satisfação de vê-la partir. A filha da visitante arranjava o vestido e olhava a mãe interrogativamente, quando, de súbito, ouviu-se no cômodo vizinho um burburinho como de pessoas correndo, depois um barulho de cadeira virada, e irrompeu na sala uma menina de treze anos. Parou no meio do aposento, escondendo qualquer coisa na sua saiazinha curta de musselina. Via-se que era por acaso e por não ter calculado o impulso que chegara tão longe. Quase imediatamente apareceram na porta um estudante de gola púrpura, um oficial da guarda, uma jovem de quinze anos e um garotinho de cardigã, gordo, de expressão alegre e vermelha.

O conde levantou-se e, bamboleando-se todo, abriu os braços prendendo a menina.

— Ah! Peguei-a! — gritou ele rindo. — É tua festa hoje, *ma chère*, tua festa.

— Minha querida, tudo tem a sua hora — disse a condessa, fingindo severidade. — Tu a mimas, *Élie* — acrescentou, dirigindo-se ao marido.

— Olá, querida, eu te parablenizo. Que criança maravilhosa! — disse a visitante dirigindo-se à mãe.

A meninazinha tinha os olhos pretos, boca grande, parecia meio feia, mas era de uma vivacidade sem igual. O movimento dos ombros, que apareciam nus por causa do decote, denunciava que ela estava correndo. Os cabelos pretos em cachos levantados caíam-lhe nas costas. Os braços eram finos e nus, e as calças de renda caíam sobre as pernas, e calçava sapatos abertos. Estava nessa idade deliciosa em que a menina não é mais uma criança e a criança ainda não é moça. Escapando do pai, correu para a mãe e, sem preocupar-se com seu ar severo, escondeu o rosto vermelho na mantilha de renda da condessa para rir mais à vontade. Ria de qualquer coisa e, toda ofegante, falava da boneca que tirou de baixo da saia.

— Está vendo?... a boneca... Mimi... veja. — E Natacha, não podendo mais falar, caiu no colo da mãe num ataque de riso tão alto e tão sonoro que todos, até a majestosa visitante, tiveram que rir.

— Muito bem, agora vai com teu monstro! — disse a mãe, fingindo que a repelia. — É a mais moça — explicou a condessa.

Natacha levantou um momento a cabeça da mantilha de renda de tua mãe, olhou a visitante de cabeça baixa ainda com as lágrimas do riso, e novamente escondeu o rosto.

Forçada a assistir a essa cena de família, a visitante julgou delicado tomar parte.

— Diga-me, minha querida — dirigia-se a Natacha —, qual é seu parentesco com essa Mimi? Sua filha, provavelmente.

O tom indulgente e essa pergunta infantil da visitante não agradaram a Natacha. Não respondeu nada e fitou a princesa com ar sério.

Nesse momento, toda a jovem geração: Boris, oficial, filho da princesa Ana Mikhailovna; Nicolau, estudante e filho mais velho da condessa; Sônia, uma sobrinha do conde, de quinze anos; e o pequeno Petrucha, o filho mais moço, reuniram-se na sala, esforçando-se visivelmente para manter dentro dos limites da boa educação a animação e a alegria que se podiam ver em cada um de seus movimentos. Era evidente que no cômodo vizinho, de onde tinham vindo com tanta precipitação, os assuntos eram mais alegres que os disse-me-disse da sala principal, e que falavam mais do que sobre a sociedade, o tempo e a condessa Apraxine. De quando em vez se entreolhavam e a grande custo continham o riso.

Os dois rapazes, o estudante e o oficial, eram da mesma idade, amigos de infância, ambos bonitos, mas de beleza diferente. Boris era alto, louro, rosto calmo de traços finos e regulares. Nicolau, não muito alto, tinha os cabelos crespos e uma fisionomia franca. No lábio superior apontava um pequeno buço preto, e todo o semblante exprimia animação e entusiasmo.

Nicolau corou desde que entrou na sala; via-se que ele não sabia o que dizer. Boris, ao contrário, logo dominou-se e, tranquilamente, fazendo pilhéria, contou que conhecera Mimi-boneca quando ainda era jovem, antes de partir o nariz, e que, nesses últimos cinco anos, ela quebrara a cabeça e envelhecera. Contou isso fitando Natacha. Esta virou o rosto, olhou o irmãozinho mais moço, que, de olhos fechados, ria baixinho. Não podendo mais conter-se, deu um pulo e fugiu da sala o mais ligeiro que pôde. Boris não ria.

— Parece que a senhora já quer ir, mamãe? É preciso um carro — disse Boris com um sorriso para a mãe.

— Sim, manda atrelar — respondeu a princesa, sorrindo.

Boris saiu devagar nos passos de Natacha.

Petrucha correu furioso atrás deles; parecia descontente por ter sido incomodado em seus afazeres.

IX

Dos jovens, sem contar a filha mais velha da condessa (com quatro anos mais que Natacha e que se considerava pessoa grande), e a filha da visitante, só Nicolau e a sobrinha Sônia continuavam na sala. Sônia era uma moreninha franzina, de olhar doce, com longos cílios a sombreá-lo. Uma grande trança preta lhe fazia duas vezes a volta da cabeça, e a pele, sobretudo a do pescoço e dos braços, finos, mas fortes e graciosos, tinha uma tonalidade amarelada. Pela harmonia dos movimentos, finura e graça dos membros e pelos modos um pouco artificiais e comedidos, lembrava uma linda gatinha ainda não formada, mas destinada a ser uma bela gata. Evidentemente ela achava de bom-tom mostrar, pelo sorriso, que tomava parte na conversação comum, mas seus olhos sombreados fitavam o primo que partia para o exército com uma expressão tão apaixonada que seu sorriso não podia enganar a ninguém. Era visível que a gatinha só sentara para pular ainda com mais força e brincar com o primo assim que saíssem da sala como Boris e Natacha.

— Pois é isso, *ma chère* — disse o velho conde dirigindo-se à visitante e mostrando seu filho Nicolau. — Está aí, seu amigo Boris foi promovido a oficial e, por amizade, não quer separar-se dele. Deixa a Universidade, deixa-me só, a mim, um velho, para prestar o serviço militar, *ma chère*. Sua nomeação na diretoria dos arquivos já estava pronta. Eis a amizade, hein?

— Mas dizem que foi declarada a guerra — disse a visitante.

— Sim, dizem isso há muito tempo — respondeu o conde —, falam, falam, e depois as coisas continuam no mesmo. *Ma chère*, eis a amizade — repetiu.

— Entrou para os hussardos.

A visitante, não sabendo o que dizer, sacudia a cabeça.

— Não é por amizade! — exclamou Nicolau, defendendo-se com calor, como se tivesse sido miseravelmente caluniado. — Não é, absolutamente, por amizade, mas porque sinto inclinação pela carreira das armas. — E voltou-se para a prima e para a filha da visitante, que o aprovavam com um sorriso.

— Schubert, o comandante do regimento dos hussardos de Pavlograd, janta conosco hoje. Estava aqui em licença e leva-o com ele. Que fazer! — disse o conde, erguendo os ombros e falando num tom desprendido dessa história que lhe causava verdadeiro pesar.

— Se não quiser que eu vá, já lhe disse, papai, ficarei. Mas estou certo que não presto para nada fora do serviço militar. Não sou nem diplomata nem funcionário. Não posso esconder meus pensamentos — acrescentou, olhando Sônia e a filha da visitante, com a faceirice dos moços de sua idade.

A gatinha, fixando-o, parecia pronta, a cada segundo, a brincar e mostrar sua natureza felina.

— Está bem, está bem! — disse o velho conde. — Ele sempre se exalta. Esse Bonaparte virou a cabeça de todo o mundo, todos pensam tornar-se como ele: de segundo-tenente a imperador. Que Deus permita... — acrescentou, sem notar o sorriso de mofa da visitante.

Os adultos começaram a falar em Bonaparte. Júlia, a filha da princesa Kariaguina, dirigiu-se ao jovem Rostov.

— Foi uma pena você não ter ido à festa dos Arkharov quinta-feira. — E num sorriso terno: — Sua falta aborreceu-me.

Lisonjeado, o rapaz aproximou-se dela com um sorriso faceiro, iniciando um *tête-à-tête*, sem perceber que Sônia, muito vermelha, esforçava-se para não demonstrar o mal que lhe fazia e para manter o sorriso. Numa pausa voltou-se para ela e só então viu o olhar magoado e apaixonado que o fixava; mal retendo as lágrimas e com um sorriso equívoco, Sônia deixou a sala. Toda a animação de Nicolau desapareceu. Esperou a primeira oportunidade e, com uma expressão inquieta, saiu à procura da prima.

— Como se descobrem facilmente os segredos dos moços! — disse Ana Mikhailovna, seguindo Nicolau com o olhar. — Primos, vizinhanças perigosas — acrescentou.

— Sim — disse a condessa, mas o raio de luz que entrara na sala com a mocidade havia desaparecido. E como respondendo a uma pergunta que ninguém fizera mas que a preocupava incessantemente: — Quantos sofrimentos e inquietações foi necessário enfrentar pelo prazer de vê-los agora! E, mesmo agora, o receio é maior que a alegria. Sempre se tem medo... E é exatamente nessa idade que os perigos são maiores para as meninas e rapazes.

— Tudo depende da educação — disse a visitante.

— Sim, a senhora tem razão. Até aqui, graças a Deus, tenho sido sempre amiga de meus filhos e eles depositam em mim a mais absoluta confiança —

disse a condessa, perpetuando o erro de muitos pais que não creem que seus filhos tenham segredos para eles.

— Sei que sempre serei a primeira confidente de minhas filhas e que se Nikolenka, pelo seu temperamento arrebatado, viesse a cometer qualquer falta (inevitável num rapaz), nunca seria como a desses jovens de São Petersburgo.

— Sim, são muito boas crianças, muito boas — repetiu o conde que resolvia todas as questões complicadas achando todo o mundo bom. — Pois aí está! Quer ser hussardo, o que fazer, *ma chère*!

— E que criatura encantadora sua filhinha — disse a visitante —, que vivacidade!

— Sim, vivacidade — repetiu o conde. — Saiu a mim. E que voz! Embora seja minha filha, devo dizer a verdade: será cantora, será uma nova Salamoni. Temos um professor italiano para que estude.

— Mas não será muito cedo? Dizem que não é bom para a voz começar a estudar nessa idade.

— Não, não é cedo demais — respondeu o conde. — E, afinal, nossas mães não casaram com doze, treze anos?

— Está apaixonada por Boris! Hein! O que acham? — disse a condessa, olhando a mãe do jovem oficial e sorrindo docemente. Depois voltando ao pensamento que a preocupava, continuou: — Veja, se eu a controlasse mais severamente, se a refreasse... Deus sabe o que seriam capazes de fazer às escondidas... (a condessa pensava que eles seriam capazes de beijar-se). E, agora, sei cada uma das palavras que eles se dizem. Ela mesma, todas as noites, conta-me tudo. Talvez eu a mime um pouco, mas é melhor. A mais velha foi educada com mais severidade.

— É, eu não fui educada assim — disse, sorrindo, a linda condessa Vera. Ao contrário do que se vê em geral, o sorriso não lhe embelezava o rosto, que se tornava desnatural e desagradável. No entanto, Vera era bonita, nada tola, instruída e bem-educada; tinha voz agradável e o que disse era sensato e correto. Mas, coisa estranha, todos, a visitante e a condessa, a olharam como admiradas de ela ter dito isso, e sentiram-se constrangidas.

— É sempre assim com os mais velhos; a gente quer fazer coisas extraordinárias — disse a visitante.

— Por que esconder, *ma chère*, a condessa quis fazer de Vera uma coisa extraordinária — disse o conde. — Pois bem! Não deixa de ser uma ótima criatura — acrescentou, piscando o olho a Vera com ar de aprovação.

As visitas levantaram-se, e ao sair prometeram vir jantar.

— Que modos! Achei que não iriam embora! — disse a condessa depois de reconduzi-las.

X

Natacha, ao fugir da sala, correu para o jardim de inverno. Lá parou e ficou a escutar a conversa e a esperar Boris. Já se impacientava, batendo com o pé e quase chorando com a demora, quando ouviu os passos do rapaz, nem lentos nem rápidos, mas resolutos. Imediatamente escondeu-se atrás das caixas de arbustos.

Boris parou no meio do jardim, olhou em volta, tirou o pó da manga do uniforme, aproximou-se do espelho e admirou seu belo semblante. Com precaução, Natacha espiava de seu esconderijo o que ele ia fazer. Ficou um momento diante do espelho, sorriu e dirigiu-se para a porta. Natacha quis chamá-lo mas mudou de ideia. “Que procure”, pensou. Boris saiu e pela outra porta Sônia entrou. Estava vermelha, murmurando palavras de raiva através das lágrimas. Natacha, dominando o primeiro impulso de correr para ela, conservou-se no esconderijo, como sob o barrete encantado, olhando o que se passava no mundo. Sentia um prazer novo e estranho. Sônia resmungava qualquer coisa olhando para a porta da sala. Nicolau apareceu.

— Sônia, o que é isso? Será possível! — disse, correndo para ela.

— Nada, nada, deixa-me! — Sônia soluçava.

— Não, eu sei do que se trata.

— Pois bem! Se sabe, vá para junto dela.

— Sônia, uma palavra! Será possível nós dois sofrermos por uma coisa que não existe? — disse Nicolau, tomando-lhe as mãos.

Sônia chorava sem tirar as mãos do rosto. Natacha, sem um movimento e sem respirar, observava de seu esconderijo com os olhos brilhantes. “O que irá acontecer, agora?”, pensou.

— Sônia, para mim o mundo nada significa, tu só és tudo — continuou Nicolau. — Provarei.

— Não gosto que fales assim.

— Está bem, não farei mais. Perdoa, Sônia?

Puxou-a e beijou-a.

“Ah! como isso é bonito!”, pensou Natacha. E quando Sônia e Nicolau saíram, foi atrás deles e gritou por Boris.

— Boris, venha cá — disse num tom importante e astuto. — Tenho uma coisa para contar-te. Aqui, aqui. — Levou-o para o jardim de inverno, entre as caixas onde estivera escondida.

Boris acompanhava-a sorrindo.

— Que *coisa* é essa? — perguntou.

Ficou atrapalhada e, olhando em torno de si, pegou uma boneca que estava em cima das caixas.

— Beija a boneca — disse ela.

Com um olhar admirado e terno, Boris olhou seu rosto animado e não disse nada.

— E então, não quer? Pois venha cá. — Escondeu-se ainda mais atrás das caixas e atirou a boneca. — Mais perto, mais perto — cochichou. Segurou o braço do oficial; no seu rosto vermelho lia-se a solenidade e o medo.

— E a mim, quer beijar?... — murmurou baixinho olhando-o desconfiada, sorrindo e quase chorando de emoção.

Boris corou.

— Como você é engraçada — disse, inclinando-se sobre ela e ficando ainda mais vermelho sem, no entanto, tomar nenhuma iniciativa.

Natacha pulou em cima de uma caixa e ficou da altura do rapaz. Envolvendo-o com seus finos braços nus, dobrados acima do pescoço, e atirando os cabelos para trás, num movimento de cabeça, beijou-o nos lábios. Depois, deixou-se escorregar entre as caixas, do outro lado das plantas e, baixando a cabeça, ficou parada.

— Natacha — disse ele —, sabe que amo você, mas...

— Está apaixonado por mim? — atalhou Natacha.

— Sim, apaixonado, mas não faça mais isso... Ainda quatro anos... Então, pedirei sua mão.

Natacha refletiu.

— Treze, quatorze, quinze, dezesseis... — disse, contando nos dedos finos.
— Bem! Então está entendido!
E um sorriso confiante e alegre iluminou sua fisionomia.
— Entendido! — disse Boris.
— Para sempre? — acrescentou a garotinha. — Até a morte?
Tomou o braço dele com uma expressão de felicidade, e os dois se dirigiram vagarosamente para o cômodo ao lado.

XI

A condessa estava tão cansada das visitas que deu ordem de não receberem mais ninguém, e o porteiro foi somente encarregado de convidar para o jantar os que viessem trazer seus cumprimentos.

Queria conversar em particular com sua amiga de infância, a princesa Ana Mikhailovna, que ainda não havia visto desde sua volta de São Petersburgo. Ana Mikhailovna, com a fisionomia lacrimosa e sorridente, aproximou-se da poltrona da condessa.

— Contigo serei absolutamente franca — disse Ana Mikhailovna. — Já nos restam poucos velhos amigos, e é por isso que aprecio tanto tua amizade. — Olhou Vera e interrompeu-se.

A condessa apertou a mão de sua amiga.

— Vera — disse ela à filha, que parecia não ser muito querida —, tu não tens noção das coisas. Não sentes que estás sobrando aqui? Vai procurar tuas irmãs ou...

A bela Vera, sem mostrar-se ofendida, sorriu desdenhosamente.

— Se tivesses me dito antes, mamãe, já teria saído.

Ela se dirigiu para seu quarto. Mas, atravessando uma saleta, percebeu, perto das janelas simétricas, dois pares sentados. Parou e sorriu com desprezo. Sônia estava sentada perto de Nicolau, que copiava para ela os primeiros versos que escrevera. Boris e Natacha, à outra janela, falavam baixinho e calaram-se quando Vera entrou. Sônia e Natacha olharam-na com uma expressão culpada, que denunciava seus sentimentos, e feliz.

Era alegre e tocante, ao mesmo tempo, ver essas duas garotinhas apaixonadas, mas a cena não provocou nenhum sentimento agradável em Vera.

— Quantas vezes já pedi — disse ela — para não mexerem no que é meu. Vocês têm seu quarto.

Pegou o tinteiro que Nicolau estava usando.

— Um momento, um momento — pediu ele, molhando a pena.

— Vocês não têm a menor compostura — continuou Vera. — Ainda há pouco entraram na sala de tal jeito que todo mundo ficou constrangido. — Como tudo que ela dizia era perfeitamente razoável, ninguém lhe respondeu e os quatro se olharam entre si. Vera parou no centro do cômodo com o tinteiro na mão. — Nessa idade, que segredos pode haver entre Boris e Natacha e entre vocês dois! Só bobagens, é ridículo.

— Mas o que te importa isso, Vera? — disse Natacha em voz doce. Evidentemente, nesse dia estava mais bem-disposta com todos e mais meiga que de costume.

— Bobagens — replicou Vera. — Fico envergonhada por vocês. Segredos?

— Cada um tem os seus. Nós te deixamos quieta com Berg — respondeu Natacha, exaltando-se.

— Vocês me deixam em paz porque não podem censurar as minhas ações. Já tu, vou dizer a mamãe como te comportas com Boris.

— Natália Ilinichna porta-se muito bem comigo — interveio Boris. — Não tenho por que reclamar.

— Deixe, Boris, você é muito diplomata... (a palavra *diplomata* era frequentemente empregada pelas crianças num sentido peculiar que elas lhe davam). É insuportável essa sua mania de me provocar sempre — disse Natacha com a voz trêmula de indignação. — Tu nunca compreendes nada, porque nunca amaste ninguém — continuou dirigindo-se a Vera. — Não tens sentimento, não passas de uma Madame de Genlis (apelido considerado muito ofensivo que Nicolau havia posto em Vera) e teu maior prazer é incomodar os outros. Mostre-se para Berg quanto quiseses — concluiu com vivacidade.

— Sim, eu! Mas não ando correndo atrás de um rapaz na frente das visitas...

— Está bem! Já conseguiste o que querias — interveio Nicolau. — Já disseste uma porção de coisas desagradáveis e já incomodaste todo mundo. Vamos para o quarto das crianças. — E os quatro saíram como um bando de passarinhos assustados.

— Eu que ouvi uma porção de desaforos e não respondi nada — concluiu Vera.

— Madame de Genlis, Madame de Genlis! — gritaram, rindo atrás da porta.

A linda Vera, que sempre causava tão má impressão, sorria sem preocupar-se com o que ouvia. Aproximou-se do espelho e arrumou a echarpe e o cabelo. Contemplando o lindo rosto, ficou sensivelmente mais fria e mais calma.

Na sala a conversação continuava.

— *Ah, chère!* — disse a condessa. — Na minha vida também, nem tudo é cor-de-rosa. Então eu não sei que no pé em que vamos nossa fortuna não irá longe? E tudo isso devido ao clube e à bondade dele. E quando estamos no campo, pensas que descansamos? Os teatros, as caçadas e Deus sabe o que mais. Mas não falemos de mim. Fico sempre admirada contigo, Annette, viajando sozinha, na tua idade, de Moscou para Petersburgo, procurando gente do alto escalão, ministros e conseguindo tudo que pedes. Francamente, fico admirada, e não compreendo como consegues tudo com essa gente!

— Ah, minha amiga! — respondeu a princesa Mikhailovna. — Que Deus te poupe saber o que é ser viúva, sem nenhum apoio, amando um filho até a adoração. Aprende-se tudo — continuou com certo orgulho. — Meu processo ensinou-me muita coisa. Se preciso ver algum peixe grande, escrevo um bilhete: “A princesa fulana deseja falar com sicrano”, e volto duas, três e mesmo quatro vezes, até conseguir o que pretendo. Pouco importa o que pensem de mim.

— Mas a quem pediste que se interessasse por Borenka? — perguntou a condessa. — Ele já é oficial da guarda, enquanto Nicolau é apenas aspirante; e nós não sabemos que passos dar. Quem foi teu padrinho?

— O príncipe Vassili. Foi muito gentil. Sem se mostrar rogado, fez o pedido ao imperador — disse com entusiasmo a princesa Ana Mikhailovna, esquecendo completamente a humilhação sofrida.

— E... está muito envelhecido? — perguntou a condessa. — Não o vejo desde o espetáculo dos Rumiantzev. Creio que não se lembra mais de mim, mas àquela época fazia-me a corte — recordou, sorrindo.

— Sempre o mesmo — respondeu Ana Mikhailovna. — Amável, encantador. As grandezas não lhe viraram a cabeça. “Lamento não poder fazer mais, cara princesa, ordene”, me disse. E um homem direito, um bom parente. Tu sabes

como adoro meu filho. Não sei o que não faria pela sua felicidade. Mas meus negócios vão mal — continuou com tristeza, baixando a voz. — Tão mal que me encontro na mais aflitiva das situações. Essa demanda infeliz come tudo que tenho e não vai para a frente. Imagina, eu não tenho dez *kopeks*, ao pé da letra, e não sei como pagar o uniforme de Boris. — Tirou o lenço e chorou. — Preciso de quinhentos rublos, e só tenho uma nota de vinte e cinco. Estou nessa situação... Minha única esperança é o conde Kiril Vladimirovitch Bezukhov. Se não quiser amparar o afilhado, ele é padrinho de Boris, e dar-lhe qualquer coisa com que possa manter-se, todo o meu esforço terá sido em vão. Não poderei comprar o uniforme.

A condessa chorava e, em silêncio, refletia.

— Penso muitas vezes, talvez seja pecado — disse a princesa —, por que vive um homem como o príncipe Kiril Vladimirovitch Bezukhov, com essa imensa fortuna... sozinho... Para ele a vida é um fardo, enquanto que Boris apenas começa a viver.

— É provável que ele deixe alguma coisa a Boris — disse a condessa.

— Só Deus o sabe, *chère amie*; esses nobres ricos são tão egoístas. Em todo caso irei vê-lo com Boris e lhe explicarei francamente de que se trata. Pensem de mim o que quiserem, para mim é indiferente quando o futuro de meu filho está em causa. — A princesa levantou-se. — Agora são duas horas e o jantar é às quatro, terei tempo de estar de volta.

E parecendo uma dama ocupadíssima de São Petersburgo, que sabe aproveitar seu tempo, mandou chamar o filho e dirigiu-se ao vestíbulo.

— Adeus, minha cara — disse à condessa, que a acompanhou até a porta. — Deseja-me sorte — acrescentou em voz baixa para que Boris não ouvisse.

— Vai à casa do príncipe Kiril Vladimirovitch, *ma chère*? — perguntou o conde, entrando no vestíbulo. — Se estiver melhor, convide Pierre para jantar conosco. Ele visitou-me e dançou com as crianças. Convide-o sem falta, *ma chère*. Bem! agora vejamos o que fez Tarass. Disse que nem com conde Orlov houve jantar como este que temos hoje.

— *Mon cher Boris* — disse a princesa Ana Mikhailovna a seu filho, quando a carruagem da condessa Rostov, que os levava, atravessou a rua coberta de palha e entrou no grande pátio do conde Kiril Vladimirovitch Bezulchov —, *mon cher Boris* — repetiu, tirando a mão do velho casacão e pegando tímida e ternamente o braço do filho —, sê carinhoso e atento. O conde Kiril Vladimirovitch é teu padrinho, e dele depende teu futuro. Não esqueças, meu filho, sê tão gentil quanto possível; como sabes ser...

— Se ao menos tivesse a certeza de que isso daria algum resultado além da humilhação... — respondeu o filho. — Mas já lhe prometi fazer tudo por sua causa.

O porteiro examinou dos pés à cabeça mãe e filho (que, sem se fazerem anunciar, entravam diretamente no vestibulo envidraçado, entre duas fileiras de estátuas dentro dos seus nichos), e, olhando o velho casacão com um ar importante, perguntou-lhes quem queriam ver: as princesas ou o conde. Apesar de já haver outros carros no pátio, quando soube que era o conde, informou que, estando pior, Sua Excelência não receberia ninguém.

— Podemos ir — disse o filho em francês.

— *Mon ami* — instou a mãe em voz suplicante, tocando-lhe novamente a mão, como se, por esse simples contato, pudesse acalmá-lo ou entusiasamá-lo.

Boris calou-se, e, sem tirar o sobretudo, olhou interrogativamente para a mãe.

— Meu caro — disse Ana Mikhailovna docemente ao porteiro —, sei que o conde Kiril Vladimirovitch está muito doente... é o motivo de minha vinda... sou parenta, não quero incomodá-lo, meu caro, mas preciso ver o príncipe Vassili Sergueievitch. Ele está aqui. Poderias nos anunciar?

O porteiro puxou a campainha do primeiro andar e retirou-se contrariado.

— A princesa Drubetzkaia anuncia-se ao príncipe Vassili Sergueievitch — gritou ao lacaios de casaca, meias e sapatos, que acorrera e olhava pelo vão de escada.

A mãe arrumou como pôde o vestido de seda tingida, olhou-se num espelho de Veneza fixo à parede e, corajosamente, com seus sapatos grosseiros, pisou o tapete da escada.

— Você me prometeu, querido — disse novamente ao filho, tocando-lhe no braço.

O rapaz acompanhou-a docilmente de olhos baixos.

Entraram na sala que dava para os aposentos do príncipe Vassili.

Quando mãe e filho, parados no meio da sala, iam perguntar o caminho a um velho laçao que se levantara ao vê-los entrar, o trinco de uma das portas girou, e o príncipe Vassili, que vestia uma jaqueta caseira de veludo, com uma única condecoração, o que para ele era sinal de estar à vontade, apareceu acompanhando um belo homem de cabelos pretos.

Era Lorrain, o célebre médico de Petersburgo.

— Então é certo? — perguntou o príncipe.

— *Mon prince, errare humanum est*, mas... — respondeu o médico, carregando nos *rr* e pronunciando o latim como se fosse francês.

— Muito bem, muito bem...

Ao perceber Ana Mikhailovna e o filho, o príncipe Vassili despediu-se do médico com um meneio de cabeça e, em silêncio, aproximou-se deles com um ar interrogativo. Boris, notando uma profunda expressão de pesar nos olhos de sua mãe, sorriu imperceptivelmente.

— Em que triste circunstância nos encontramos, príncipe... E o nosso querido enfermo? — perguntou, como se não percebesse o olhar frio e contundente que a fixava.

Interrogativamente, admirado mesmo, o príncipe Vassili olhou-a, e depois fitou Boris. Este o cumprimentou polidamente. Sem retribuir ao cumprimento, o príncipe voltou-se para Ana Mikhailovna e respondeu à sua pergunta com um movimento de cabeça e de lábios que significava: poucas esperanças para o doente.

— Realmente! — exclamou a princesa. — Ah! É terrível! Nem quero pensar... Este é meu filho — acrescentou, mostrando Boris. — Ele queria agradecer-lhe pessoalmente. — Mais uma vez, Boris o cumprimentou polidamente.

— Creia, príncipe, que o coração de uma mãe não esquecerá nunca o que fez por nós.

— Fico feliz por lhe ter sido útil, minha cara Ana Mikhailovna — disse o príncipe Vassili, arrumando o colarinho de renda e demonstrando no gesto e na voz que em Moscou, diante de sua protegida Ana Mikhailovna, ainda era mais importante que na festa de Ana Pavlovna, em Petersburgo. — Procure bem

servir e ser digno — acrescentou, dirigindo-se severamente a Boris. — Ficarei contente... Está em licença? — perguntou com indiferença.

— Aguardo ordens para apresentar-me, Excelência — respondeu Boris sem mostrar-se chocado com o tom rude do príncipe, nem desejoso de entabular uma conversa, mas em tom tão tranquilo e respeitoso que o príncipe o olhou fixamente.

— Vive com sua mãe?

— Moro na casa da condessa Rostov — disse Boris, dando-lhe novamente o tratamento de Excelência.

— É o mesmo Ilia Rostov que casou com Natália Chinchina — disse Ana Mikhailovna.

— Eu sei, eu sei — tornou o príncipe com sua voz monótona. — Nunca pude compreender como Natália resolveu casar-se com esse urso mal domesticado. Um indivíduo completamente estúpido e ridículo. E jogador, segundo dizem.

— Mas muito boa pessoa, príncipe — observou Ana Mikhailovna, sorrindo discretamente, dando a entender que o conde Rostov merecia esse conceito, mas que, entretanto, ela queria ser indulgente com o pobre velho. — O que dizem os médicos? — perguntou depois de um curto silêncio, dando, novamente, uma expressão de profundo pesar a seu semblante choroso.

— Pouca esperança — disse o príncipe.

— E eu queria tanto agradecer uma última vez a meu tio tudo que ele fez por mim e por Boris. E seu afilhado — acrescentou, como se essa notícia devesse ser-lhe extremamente agradável.

O príncipe Vassili, franzindo a testa, refletia. Ana Mikhailovna compreendeu que ele temia encontrar nela uma rival no testamento do conde Bezukhov. Apressou-se em tranquilizá-lo.

— Se não fosse a verdadeira afeição e devotamento que tenho a meu tio. — As duas palavras “meu tio” saíam com segurança e num tom despreocupado. — Conheço seu caráter nobre, direito, mas aqui tem só as princesas a seu lado... ainda tão jovens... — Inclinou a cabeça e cochichando perguntou: — Terá ele cumprido seus últimos deveres, príncipe? Como são preciosos os últimos momentos! Isso não o prejudicará; se está tão mal, é necessário prepará-lo. Príncipe, nós, mulheres (sorriu ternamente), sabemos sempre como falar nessas

coisas. É necessário que eu o veja, por mais que isso me magoe, estou acostumada a sofrer.

O príncipe compreendeu muito bem, como da primeira vez, que lhe seria difícil desembaraçar-se de Ana Mikhailovna.

— Mas esse encontro não lhe será penoso? Esperemos até a noite, o médico prevê uma crise.

— Mas, príncipe, não se pode esperar num momento como este. Olhe que se trata da salvação da sua alma... Ah, como são terríveis os deveres de um cristão!

A porta que levava aos aposentos interiores abriu-se e entrou uma das princesas, sobrinha do conde. Tinha a fisionomia carregada e fria, o busto grande demais para a estatura. O príncipe voltou-se para ela.

— Então, como vai ele?

— No mesmo. E não pode ser de outra forma... esse barulho... — disse a princesa, olhando Ana Mikhailovna como a uma desconhecida.

— Ah! *Chère*, eu não a tinha reconhecido! — disse Ana Mikhailovna com um sorriso feliz, aproximando-se sutilmente da sobrinha do conde. — Acabo de chegar e estou à tua disposição para ajudar a cuidar de meu tio. Faço ideia do quanto tens sofrido — acrescentou, levantando os olhos penalizados.

A princesa não disse nada, nem sequer sorriu, e retirou-se em seguida. Ana Mikhailovna tirou as luvas, e, com um ar vencedor, instalou-se numa poltrona, convidando o príncipe para sentar-se a seu lado.

— Boris! — disse ao filho num sorriso — Vou ver o conde, meu tio, e tu, *mon ami*, enquanto esperas, vai procurar Pierre e não te esqueças de transmitir-lhe o convite dos Rostov. Eles o convidam para jantar — disse ao príncipe. — Creio que não irá.

— Ao contrário — retrucou este com visível mau humor. — Ficaria muito satisfeito se a senhora me livrasse desse rapaz. Ele está aqui. O conde não perguntou por ele uma única vez. — Sacudiu os ombros.

Um laçao conduziu Boris aos aposentos de Piotr Kirillovitch por outra escada.

Pierre não chegara a escolher uma carreira em Petersburgo e fora realmente banido para Moscou em consequência do seu condenável procedimento. O fato se dera tal qual o haviam contado à condessa de Rostov. Tomara parte na brincadeira feita a um policial com um urso. Chegara havia vários dias, e, como de costume, hospedara-se na casa do pai. Embora supondo que sua história já fosse conhecida, assim que chegou, dirigiu-se aos aposentos do conde. Não tinha a menor dúvida de que as damas que cercavam o pai, sempre hostis a ele, não teriam perdido tempo para fazer intrigas. Ao entrar no salão, onde as princesas costumavam estar, cumprimentou-as. Eram três. A mais velha, de aspecto severo, bem tratada e de alto porte (era a que recebera Ana Mikhailovna) lia em voz alta. As duas mais moças, graciosas e muito bonitas, distinguíam-se uma da outra por um sinalzinho que uma tinha no lábio e que a embelezava bastante. Bordavam num bastidor. Pierre foi recebido como um morto ou um leproso. A princesa mais velha interrompeu a leitura e olhou-o com espanto sem dizer palavra. Outra, a que não tinha o sinalzinho, fez o mesmo. A mais moça, de temperamento alegre e disposto, inclinou-se sobre o bastidor, escondendo um sorriso, possivelmente lembrando-se da cena cujo lado cômico imaginava. Puxou uns fios do avesso e, procurando conter o riso, fingiu que examinava o desenho.

— Bom dia, prima — disse Pierre. — Não te lembras mais de mim?

— Lembro-me bem demais, bem demais.

— Como vai o conde, posso vê-lo? — perguntou, desajeitado como sempre, mas sem perturbar-se.

— O conde sofre física e moralmente, e tem-se a impressão de que o senhor faz empenho em causar-lhe o máximo possível de sofrimentos morais.

— Posso ver o conde? — repetiu Pierre.

— Hum!... se quiser matá-lo de uma vez, pode. Olga, vai ver se o caldo do tio está pronto; está quase na hora — acrescentou, procurando fazer Pierre sentir que estavam ocupadas, e ocupadas exclusivamente em cuidar do pai dele, enquanto ele só procurava incomodá-lo.

Olga saiu. Pierre continuava de pé e, olhando as duas irmãs, disse, despedindo-se:

— Bem, vou para meu quarto. Quando for possível, me avisem.

Saiu. A mais moça não pôde conter uma risada sonora.

No dia seguinte, chegava o príncipe Vassili, instalando-se na casa do conde. Mandou chamar Pierre e lhe disse:

— Meu caro, se te comportares aqui como em Petersburgo, vais acabar muito mal, é o que eu digo. O conde está muito doente, não poderás vê-lo.

Depois disso, ninguém mais preocupou-se com Pierre, que passava os dias inteiros sozinho em seu quarto, no sobrado.

Quando Boris entrou, ele caminhava de um lado para outro, fazendo, de quando em vez, um gesto ameaçador para a parede, como trespassando, com uma espada, um inimigo invisível. Depois fechava a carranca por cima dos óculos e continuava a andar, pronunciando palavras vagas, sacudindo os ombros e abrindo os braços.

— Os dias da Inglaterra passaram — disse, franzindo o cenho e apontando para alguém. — Monsieur Pitt, como traidor da nação e dos direitos do homem, está condenado a... — Não teve tempo de pronunciar sua sentença contra Pitt, imaginando-se o próprio Napoleão. No momento em que fazia, com seu herói, a travessia perigosa do passo de Calais e ocupava Londres, viu entrar em seu quarto o jovem, belo e elegante oficial. Parou. Pierre vira Boris pela última vez quando este tinha quatorze anos e não guardava dele a menor lembrança. No entanto, com a espontaneidade que lhe era peculiar, estendeu-lhe a mão, sorrindo amigavelmente.

— Lembra-se de mim? — perguntou Boris tranquilamente e com um sorriso agradável. — Vim com minha mãe ver o conde, dizem que não está passando bem.

— É, parece que está mal, vivem a perturbá-lo — respondeu Pierre, procurando recordar quem era esse rapaz.

Boris percebeu que Pierre não o reconhecera, mas julgou desnecessário apresentar-se, e fitou-o nos olhos sem o menor constrangimento.

— O conde Rostov o convida para jantar em sua casa, hoje — disse depois de um silêncio bastante longo e constrangedor para Pierre.

— Ah! O conde Rostov! — exclamou Pierre alegremente. — Então é seu filho Ilia? Imagine que não o havia reconhecido no primeiro momento. Lembra-se de que fomos juntos aos Montes dos Pardais, com Madame Jacquot? Já faz muito tempo.

— Está enganado — disse Boris lentamente, com um sorriso audacioso e um pouco zombeteiro. — Sou Boris, filho da princesa Ana Mikhailovna Drubetzkaia. O velho Rostov chama-se Ilia e seu filho, Nicolau. E eu não conheço nenhuma Madame Jacquot.

Pierre fez um gesto com as mãos como se estivesse sendo agredido por mosquitos ou abelhas.

— Oh! Senhor! Vivo confundindo tudo. Também os parentes em Moscou são tantos! Você é Boris, sim... está bem; enfim, estamos explicados. O que pensa da expedição de Bolonha? Os ingleses não ficariam muito à vontade se Napoleão atravessasse o canal? Penso ser uma empreitada muito viável. A menos que Villeneuve cometa erros!...

Boris não entendia nada da expedição de Bolonha, não lia jornais e ouvia o nome de Villeneuve pela primeira vez.

— Aqui, em Moscou, o pessoal se interessa mais por intrigas e jantares que por política — disse no mesmo tom calmo e pilhérico. — Não sei nada, nem tenho opinião a esse respeito. Acima de tudo, Moscou preocupa-se com mexericos, e de momento, só se fala no senhor e no conde.

Pierre esboçou um sorriso bondoso, como temendo que seu interlocutor dissesse qualquer coisa de que viesse a arrepender-se. Mas Boris falava secamente, com precisão e clareza, olhando-o dentro dos olhos.

— Em Moscou, a única coisa que se faz é falar da vida alheia. Todo mundo pergunta a quem o conde deixará a fortuna, embora seja possível que sobreviva a todos nós, o que eu desejo de todo o coração...

— Sim, tudo isso é muito penoso, muito desagradável — disse Pierre, que continuava receando que o oficial, inconscientemente, tomasse um rumo bastante constrangedor para si próprio.

— E o senhor deve pensar — disse Boris, corando um pouco, mas sem mudar de tom — que todos se preocupam em receber qualquer coisa do ricoço.

“Pronto!”, pensou Pierre.

— E, para evitar qualquer mal-entendido, quero dizer-lhe que está redondamente enganado se conta minha mãe e a mim entre essas pessoas. Somos muito pobres, mas, precisamente porque seu pai é rico é que não me considero como parente. Nem minha mãe nem eu pediremos ou aceitaremos nada dele.

Pierre custou a compreender, mas, quando percebeu a coisa, levantou-se do divã, corando ainda mais que Boris, apertou-lhe a mão num movimento brusco e desajeitado e começou a falar como que envergonhado e pesaroso.

— Mas como! É estranho! Então eu... Mas quem poderia pensar... Sei muito bem...

Boris interrompeu-o novamente.

— Estou satisfeito por ter dito tudo. Talvez tenha sido desagradável, perdoe-me — disse, tranquilizando Pierre em lugar de ser tranquilizado por ele. — Mas espero que não o tenha ofendido. Por princípio, digo tudo francamente... E o que devo responder de sua parte? Vai ao jantar dos Rostov? — E, sentindo-se visivelmente desobrigado de um dever penoso, saindo da situação difícil para nela meter um outro, voltou à sua afabilidade natural.

— Escute — disse Pierre, tranquilizando-se —, você é um homem surpreendente. O que disse há pouco é muito bom, muito bom. Naturalmente não me conhece, há muito que não nos vimos, éramos ainda crianças... e pode muito bem pensar que eu... Compreendo-o muito bem, sem dúvida. Nunca faria isso, não teria a coragem de fazê-lo, mas é muito bonito. Estou muito contente por termos nos encontrado de novo. É estranho o que supõe de mim! — acrescentou, sorrindo depois de uma pausa. — Se for de seu agrado estreitaremos nossas relações. — Apertou a mão de Boris. — Sabe que ainda não vi o conde? Não mandou me chamar. Tenho pena dele... mas o que fazer?

— E acredita que Napoleão consiga levar seu exército? — perguntou Boris, sorrindo.

Pierre compreendeu que ele queria mudar de assunto e, desejando-o também, começou a explicar as vantagens e dificuldades da empreitada de Bolonha. O laçao veio dizer que a princesa esperava para sair. Pierre prometeu ir ao jantar e em seguida, para ligar-se mais estreitamente com Boris, apertou-lhe fortemente a mão olhando-o afetuosamente por sob os óculos...

Depois que Boris saiu, continuou a andar pelo quarto, mas já não feria um inimigo invisível e sorria ao lembrar-se desse jovem simpático, inteligente e resolutos.

Como sempre acontece aos moços que vivem isolados, sentiu uma afeição sem causa por esse rapaz, e um forte desejo de tê-lo como seu amigo.

O príncipe Vassili acompanhava a princesa, que tinha o lenço nos olhos, debulhada em lágrimas.

— É horrível — disse ela. — Mas, seja como for, cumprirei meu dever. Voltarei para passar a noite. Não se pode deixá-lo assim. Todos os instantes são preciosos. Não compreendo o que esperam as princesas. Deus me ajudará a encontrar um meio para prepará-lo!... Adeus, príncipe, que o bom Deus o ampare...

— *Adieu, ma bonne!* — respondeu o príncipe Vassili, afastando-se.

— Ah! está num estado lamentável — disse ao filho assim que tomaram o carro. — Quase não reconhece mais ninguém.

— Mamãe, não consigo compreender em que pé estão as relações dele com Pierre — perguntou o filho.

— O testamento dirá tudo, meu amigo; dele depende também nossa sorte...

— Mas por que imagina que nos deixará alguma coisa?

— Ah! meu filho, ele é tão rico e nós tão pobres.

— Mas, mamãe, isso não é uma razão...

— Ah! meu Deus, meu Deus! como está mal.

XIV

Quando Ana Mikhailovna saiu com o filho para ir à casa do conde Kiril Vladimirovitch Bezukhov, a condessa Rostov ficou sentada sozinha, com o lenço nos olhos. Finalmente, chamou a criada.

— Mas como, minha cara! — disse irritada à criada, que a fez esperar alguns minutos. — Não quer mais servir! Terei que procurar-lhe outro emprego.

A condessa estava perturbada pela dor e pela pobreza humilhante de sua amiga, daí o mau humor que deixava perceber, tratando a criada por “minha cara” e “senhora”.

— Desculpe.

— Chame o conde.

Como de costume, num ar de quem estava em falta, o conde aproximou-se da mulher num passo bamboleante.

— E então, minha condessinha, que *sauté* de perdizes *au madère* teremos, *ma chère*! Provei-o! Não foi em vão que paguei mil rublos por Taraska, ele vale o

custo.

Sentou-se perto da esposa e, apoiando os cotovelos nos joelhos, pôs-se a alisar o cabelo grisalho.

— O que deseja, condessinha?

— É isso, meu amigo... Mas que mancha é essa no colete? Provavelmente o guisado — disse sorrindo. — O que há, conde, é que eu preciso de dinheiro.

E fechou-se, com a fisionomia carregada.

— Ah! Condessinha! — E o conde apressou-se em puxar a carteira.

— Preciso de muito, conde, tenho necessidade de quinhentos rublos. — Limpou o colete do marido com o lençinho de cambraia.

— Imediatamente, imediatamente. Eh! quem está aí? — gritou com o tom de voz dos que têm a certeza de serem prontamente atendidos. — Chamem Mitenka!

Mitenka era o filho de um nobre que o conde criara e que atualmente dirigia todos os seus negócios. Com passos lentos entrou na sala.

— Olha, meu caro — disse ao rapaz que se aproximava respeitosamente. — Traga-me... — pensou — setecentos rublos. Sim, mas tome cuidado, não vá trazer notas sujas e rasgadas como no outro dia, quero notas novas, para a condessa.

— Sim, Mitenka, faça o favor, notas novas — disse a condessa, suspirando penosamente.

— Excelência, quando devo trazê-los? — perguntou Mitenka. — Sabe que... No entanto, não se preocupe — acrescentou, notando que o conde começava a suspirar pesadamente e com frequência, o que era sempre índice de cólera. — Esqueci por completo... quer que traga imediatamente?

— Sim, sim, agora. Entregue-os à condessa. Que homem precioso, esse Mitenka — acrescentou o conde sorrindo assim que o rapaz saiu. — Não acha nada impossível. Aliás, se não fosse assim, não poderia suportar, tudo deve ser possível.

— Ah! Conde, o dinheiro, o dinheiro, quantas dores ele causa no mundo! — fez a condessa. — Esse dinheiro me é muito necessário.

— Oh! Condessa, todos nós sabemos que a senhora é uma terrível gastadora — disse o conde; e, beijando a mão da mulher, voltou para o gabinete.

Ao regressar, Ana Mikhailovna percebeu na condessa uma perturbação qualquer. Ela já tinha o dinheiro, em notas novas, escondido num lenço sobre a mesa.

— Então, minha amiga, como foi? — perguntou a condessa.

— Ah! está muito doente! Irreconhecível. Está tão mal, tão mal... Fiquei apenas um momento e nem sequer lhe disse duas palavras...

— Annette, pelo amor de Deus, não recuse — disse a condessa de repente, tirando o dinheiro de baixo do lenço e corando, o que era estranho no seu rosto envelhecido, descarnado e imponente.

Ana Mikhailovna compreendeu logo de que se tratava e baixou-se, a fim de poder abraçar a condessa no momento propício.

— Para Boris, de minha parte, para o uniforme...

Ana Mikhailovna abraçava-a e chorava; a condessa também chorava. Ambas choravam de ser tão amigas, tão boas, e serem obrigadas, elas, amigas de infância, a tratar de um assunto tão sujo como o dinheiro; choravam a mocidade passada... Mas as lágrimas lhes eram agradáveis...

XV

A condessa Rostov, suas filhas e um grande número de convidados estavam na sala. O conde levou os homens ao seu gabinete, para mostrar-lhes uma notável coleção de cachimbos turcos que possuía. De vez em quando saía e perguntava: “Ela ainda não chegou?” Esperavam Maria Dmitrievna Akhrosimova, também conhecida como *le terrible dragon*, uma senhora notável, não por títulos ou fortuna, mas pela retidão de espírito e o trato simples e franco. A família imperial conhecia Maria Dmitrievna; em Moscou e Petersburgo todos da alta sociedade a conheciam e admiravam, mas não deixavam de, às suas costas, pilheriar de sua rudeza, contando-se anedotas sobre ela. Apesar de tudo, era universalmente estimada e temida.

No gabinete, cheio de fumaça, falava-se do recrutamento e da guerra anunciada por um manifesto. Ninguém havia lido o manifesto, mas todos sabiam que já aparecera. O conde estava sentado na otomana, entre dois fumantes que conversavam. Não fumava, nem falava, mas inclinava a cabeça, ora de um lado, ora de outro, olhava os fumantes com visível prazer e ouvia a conversação que ele próprio estabelecera entre seus dois vizinhos.

Um dos interlocutores era um civil de rosto enrugado, carrancudo, escanhado e magro; aproximava-se da velhice, apesar de vestir como o mais elegante dos rapazes. Como visitante muito íntimo, instalara-se com as duas pernas sobre a otomana, a boquilha de âmbar enterrada num canto da boca, piscando os olhos e aspirando ruidosamente a fumaça. Era Chinchine, um velho solteirão, primo-irmão da condessa, tido em todos os salões de Moscou como dono de uma língua temível.

Quando falava, parecia descer até seu interlocutor. O outro, um oficial da guarda, tipo saudável, rosado, de um asseio irrepreensível, bem penteado e todo abotoado. Segurava a boquilha no meio da boca, mal aspirando a fumaça com os lábios vermelhos e deixando-a escapar logo, em pequenos círculos. Era o tenente Berg, oficial do regimento de Semenovsky, onde Boris ia servir, e que Natacha, para irritar sua irmã mais velha, dizia ser noivo desta. O conde, sentado entre os dois, ouvia atentamente. Sua distração preferida, depois do jogo de bóston, era a situação de ouvinte, sobretudo quando conseguia reunir dois tagarelas.

— Então, que história é essa, *mon très honorable* Afonso Karlitch? — disse Chinchine, troçando e misturando (era uma particularidade de sua conversa) expressões russas, de gíria, com as frases francesas mais rebuscadas. — Espera conseguir uma renda do governo com sua companhia, e quer receber uma remuneração?

— Não, Piotr Nikolaitch, só quero demonstrar que na cavalaria existe muito menos possibilidades que na infantaria. Veja, Piotr Nikolaitch, a minha situação é a seguinte...

Berg falava sempre com precisão, tranquila e corretamente. Suas falas nunca saíam do que lhe dizia respeito; quando se falava sobre outros assuntos, calava-se, seu silêncio se prolongando durante horas inteiras, sem sentir nem fazer sentir o menor constrangimento.

Mas, desde que o assunto lhe tocasse pessoalmente, falava *muito* e com um prazer visível.

— Veja minha situação, Piotr Nikolaitch: na cavalaria, mesmo no posto de tenente, em quatro meses ganharia apenas duzentos rublos. Atualmente, estou ganhando duzentos e trinta — disse ele, sorrindo alegremente para Chinchine e o conde, como se seu próprio sucesso devesse ser o principal desejo de todos os

outros homens. — Além disso, Piotr Nikolaitch, na guarda estou mais em evidência e na infantaria da guarda as licenças são mais frequentes. E, como imagina que possa viver com duzentos e trinta rublos? Pois bem, faço economias e ainda ajudo meu pai — continuou, lançando uma baforada de fumaça.

— Isso é que é saber equilibrar o orçamento. Quem não tem cão caça com gato, como diz o provérbio — encerrou Chinchine, passando o cachimbo para o outro lado da boca e piscando para o conde. O conde caiu na risada. Os outros convidados, vendo que Chinchine conduzia o debate, aproximaram-se para escutar. Não notando a mofa nem a indiferença, Berg continuava contando como, transferido para a guarda, havia ultrapassado todos os companheiros de regimento. Além disso, segundo ele, na guerra era muito possível o comandante da companhia morrer e, sendo ele o mais velho, poderia facilmente ser nomeado comandante; todos gostavam dele no regimento e seu pai estava muito satisfeito. Berg sentia visível prazer em contar tudo isso, e parecia não imaginar que os outros homens também pudessem ter os seus interesses próprios. Mas tudo o que contava era tão simples, tão moderado, e a ingenuidade do seu egoísmo era tão evidente que desarmava quem o escutava.

— Pois olhe, meu caro, tanto na cavalaria como na infantaria, irá longe, não tenho a menor dúvida — disse Chinchine batendo-lhe no ombro e tirando as pernas de cima da otomana.

Berg sorriu satisfeito. O conde, acompanhado pelos convidados, passou para a sala.

* * *

Era o momento que precede o jantar, quando os convidados, esperando que o mesmo seja anunciado, abstêm-se de entabular longas conversas e julgam necessário mover-se e falar banalidades, a fim de não demonstrar impaciência. Os donos da casa olhavam a porta e de quando em vez se entreolhavam. Os convidados procuravam adivinhar, por essa atitude, o que ainda esperavam: um parente importante que se atrasara ou um prato que ainda não estava pronto.

Pierre, tendo chegado pouco antes, sentara-se acanhadamente no meio da sala, na primeira cadeira que vira, interrompendo a passagem. A condessa esforçava-se para fazê-lo falar, mas ele, ingenuamente, olhando em volta de si, através dos

óculos, como se procurasse alguém, respondia por monossílabos a todas as perguntas da condessa. Tornava-se um estorvo, e era o único a não dar por isso. A maioria dos convidados, cientes de sua história com o urso, olhavam esse homem grande, gordo e pacífico e se admiravam de ver que ele, tão modesto e desajeitado, era o autor da pilhéria com o policial.

— Chegou há pouco tempo? — perguntou a condessa.

— *Oui, madame* — respondeu olhando em roda.

— Ainda não viu meu marido?

— *Non, madame* — respondeu e sorriu, absolutamente fora de propósito.

— Creio que estive em Paris há pouco tempo? Deve ser muito interessante.

— Muito interessante.

A condessa olhou para Ana Mikhailovna.

Ela compreendeu que lhe pediam para atender esse rapaz e, sentando-se a seu lado, começou a falar-lhe do pai. Mas, como já fizera com a condessa, ele continuou respondendo por monossílabos. Todos os visitantes entretinham-se entre si. Os Razumovski... Foi delicioso... Muita bondade sua... A condessa Apraxine... era o que se ouvia de todos os lados. Até que a condessa levantou-se e dirigiu-se para o hall...

— Maria Dmitrievna! — ouviu-se.

— Ela mesma — respondeu uma voz forte de mulher, e logo em seguida Maria Dmitrievna entrava na sala.

Todas as moças e mesmo as senhoras, salvo as mais idosas, levantaram. Maria Dmitrievna era grande, gorda. Parou na soleira da porta e, levantando a cabeça cinquentenária de cachos grisalhos, olhou por cima todos os presentes. Depois, sem apressar-se, arrumou as grandes mangas do vestido. Maria Dmitrievna falava sempre russo.

— Minhas felicitações à amiga que hoje festejamos e a seus filhos — disse com sua voz forte e grave que abafava todos os outros sons. — Tu, velho pecador — disse ao conde, que lhe beijava a mão —, creio que te aborreces em Moscou, pois não existe onde soltar os cachorros. Mas que remédio, meu velho? Quando esses pássaros crescem — continuou, mostrando as moças —, queiras ou não, é preciso procurar os noivos.

— E então, meu cossaco? (Era como Maria Dmitrievna chamava Natacha.) — Ela perguntou, acariciando a mão da menina que, sem nenhum receio, se aproximava alegremente. — Sei que és muito travessa, mas gosto disso.

Tirando da enorme bolsa uns brincos de pedras preciosas em forma de pera, deu-os a Natacha, que enrubesceu de prazer. Voltando-se, viu Pierre.

— Ah! meu caro, vem cá — exclamou com uma voz que procurava tornar amena e fina. — Vem cá, meu caro. — Com um ar severo levantou ainda mais as mangas.

Pierre aproximou-se, olhando-a ingenuamente através dos óculos.

— Mais perto, mais perto, meu caro! Quando teu pai estava forte, só eu lhe dizia a verdade, e a ti, o próprio Deus me ordena que a diga. — Calou-se. Todos, em silêncio, esperavam o que iria dizer, pois sentiam que era apenas o preâmbulo. — Bem, não há nada que dizer, és bom rapaz! O pai no leito de morte, e ele se diverte e amarra o policial num urso. É uma vergonha, meu caro, uma vergonha! Faria melhor indo para a guerra. — Voltou-se e deu a mão ao conde, que mal continha o riso. — Pois bem, creio que é tempo de ir para a mesa! — disse Maria Dmitrievna.

Acompanhada do conde, passou na frente, seguida da condessa ao braço de um coronel dos hussardos, homem muito útil, em cuja companhia Nicolau deveria recolher-se ao regimento. Chinchine acompanhava Ana Mikhailovna. Berg dava o braço a Vera, e a sorridente Júlia Kariaguina era o par de Nicolau. Atrás, vinham vários grupos que se espalharam na sala, e depois de todos — isolados — as crianças, as aias e os preceptores.

Os criados se agitavam, ouviu-se um barulho de cadeiras e os convidados instalaram-se ao som da música que irrompeu na galeria. Os acordes da orquestra foram abafados pelo ruído das facas e garfos, pela conversa dos convidados e pelo passo dos criados. Num dos extremos da mesa estava sentada a condessa com Maria Dmitrievna à direita, Ana Mikhailovna e as demais convidadas à esquerda. No outro extremo o conde com o coronel dos hussardos à esquerda, e Chinchine à direita, seguidos dos outros homens. No meio da mesa, de um dos lados, os jovens: Vera ao lado de Berg, Pierre ao lado de Boris; do outro lado as crianças, as aias, os preceptores.

Por detrás dos jarros, garrafas e vasos com frutas, o conde olhava a esposa com sua touca enfeitada de fitas azuis; cuidadosamente, servia o vinho aos vizinhos, sem esquecer-se de si próprio. A condessa, por sua vez, atrás dos abacaxis, não esquecia os deveres de dona de casa, e de vez em quando lançava um olhar digno ao marido, cuja cabeça calva e rosto vermelho pareciam destacar ainda mais os cabelos grisalhos. Do lado das senhoras a conversa era regular; do lado dos homens ouviam-se vozes, cada vez mais altas, sobretudo a do coronel dos hussardos, que, apontado como um exemplo pelo conde, estava avermelhado de tanto comer e beber. Berg, com um sorriso terno, dizia a Vera que o amor não é um sentimento terrestre, mas celeste. Boris dizia os nomes das pessoas presentes a seu novo amigo Pierre e trocava olhares com Natacha, sentada a sua frente. Pierre falava pouco, olhava essas caras novas e comia muito. Depois das duas sopas, das quais escolheu *à la tortue*, e os *koulibiakas*, pastelões, até as perdizes, não deixou passar um único prato e um só vinho dos que o mordomo trazia, com as garrafas envoltas num guardanapo, dizendo misteriosamente ao pé do ouvido: *dry madère* ou *Hongrois*, ou ainda *Vin du Rhin*. Apanhou com prazer o primeiro dos quatro cálices de cristal com as armas do conde, que se achavam diante de cada conviva, e olhou os outros com um prazer cada vez maior. Natacha olhava Boris como as garotinhas de treze anos olham o rapaz que beijaram pela primeira vez e por quem estão apaixonadas. Às vezes, fazia o mesmo a Pierre, e ele, sob o olhar dessa garota engraçada e cheia de vida, sentia vontade de rir, sem saber muito bem por quê.

Nicolau estava sentado longe de Sônia, perto de Júlia Kariaguina, e também, com o mesmo sorriso involuntário, lhe dizia alguma coisa. Sônia esforçava-se por sorrir, mas o ciúme a atormentava visivelmente. Ora empalidecia, ora corava, escutando atentamente tudo que Júlia e Nicolau se diziam. A aia passeava um olhar inquieto, como se preparando para repelir um ataque eventual às crianças. O preceptor alemão procurava gravar os nomes de todos os pratos, doces e vinhos, para contar em detalhe numa carta que escreveria aos pais na Alemanha, a ficava muito ofendido quando o mordomo passava direto por ele com uma garrafa envolta num guardanapo. O alemão escondia e procurava demonstrar que não queria esse vinho, mas estava melindrado por ninguém

querer compreender que o vinho lhe era necessário não para satisfazer a sede, não por gulodice, mas para satisfazer sua bem-intencionada curiosidade.

XVI

Do lado dos homens, a conversa ia cada vez mais animada. O coronel contava que o manifesto da declaração de guerra já fora publicado em Petersburgo, e um exemplar, que ele próprio lera, fora trazido por um estafeta especial, nesse dia, ao general em chefe.

— Afinal de contas, qual a necessidade dessa guerra com Bonaparte? — disse Chinchine. — Ele já abaixou o topete da Áustria. Receio que agora seja a nossa vez.

O coronel, que era alemão, robusto, alto, sanguíneo, evidentemente bom patriota e bom soldado, sentiu-se ofendido com essas palavras.

— Porque, senhor — disse com um forte sotaque alemão —, o imperador sabe o que faz. Disse no manifesto que não pode olhar com indiferença o perigo que ameaça a Rússia e que a segurança do império, sua dignidade, a santidade das *alianças*... — Acentuou especialmente a palavra “aliança”, como se nisso estivesse todo o sentido do caso, e com uma memória impecável, oficial, repetiu as primeiras linhas do manifesto. — “E o desejo que constitui a única finalidade do imperador, que é estabelecer a paz na Europa sobre bases sólidas, o levaram a fazer passar uma parte do exército para o estrangeiro e a envidar novos esforços para chegar ao seu objetivo final”. Eis a razão, senhor — concluiu, esvaziando o copo de vinho e solicitando com um olhar a aprovação do conde.

— Conhecem o provérbio: “Erema, Erema, fica em casa e cuida da tua roca”? [\[5\]](#) — perguntou Chinchine franzindo a testa e sorrindo. — Isso nos cabe como uma luva. Mesmo Suvorov, mesmo esse, foi desbaratado, e agora, onde estão os nossos Suvorov? *Je vous demande un peu* — disse ele, sempre misturando francês e russo.

— Devemos combater até a última gota de sangue — replicou o coronel, batendo na mesa — e morrer por nosso imperador como é nosso dever. Discutir o mínimo possível (sublinhou a palavra mínimo), não acha? — acrescentou, dirigindo-se ao conde. — Eis como nós, os velhos hussardos, pensamos. E os

jovens, como pensam? — perguntou a Nicolau, que, ouvindo falar em guerra, concentrava a atenção no coronel, sem preocupar-se com sua vizinha.

— Estou de pleno acordo com o senhor — respondeu Nicolau, cheio de entusiasmo, mexendo nos pratos e copos com um ar decidido e desesperado como se, no momento, estivesse correndo um grande perigo. — Estou convencido de que os russos devem morrer ou vencer — acrescentou, e logo sentiu, como os demais, que, para a situação, esse entusiasmo era exagerado.

— É muito bonito isso — suspirou Júlia, que estava sentada ao seu lado.

Sônia tremeu dos pés à cabeça e corou até às orelhas enquanto Nicolau falava. Pierre ouvia as palavras do coronel, aprovando-as com a cabeça.

— Isso é esplêndido! — exclamou.

— Um verdadeiro hussardo, esse rapaz! — gritou o coronel, batendo mais uma vez na mesa.

— Por que tanto barulho? — interpelou subitamente a voz grave de Maria Dmitrievna no outro lado da mesa. — Por que bates na mesa desse jeito? — perguntou ela ao hussardo. — Contra quem te exaltas? Pensas, por acaso, que estás na frente dos franceses?

— Digo a verdade — replicou o coronel, sorrindo.

— Sempre a guerra — gritou o conde de sua extremidade da mesa.

— Meu filho vai para a guerra, Maria Dmitrievna. Ele vai.

— Tenho quatro filhos no exército e não lamento. Tudo depende da vontade de Deus. Pode-se morrer no aconchego de uma estufa e ser salvo por Deus numa batalha — ressoou sem nenhum esforço, de uma ponta à outra da mesa, a voz grave de Maria Dmitrievna.

— Perfeitamente.

E a conversação dividiu-se novamente, as damas de um lado e os homens do outro.

— Não és capaz de perguntar, não és capaz — disse o pequeno Petrucha a Natacha.

— Perguntarei, sim — replicou ela.

Com a fisionomia subitamente animada, exprimindo alegria e decisão, fazendo sinal a Pierre para que a ouvisse, levantou-se, dirigindo-se à mãe:

— Mamãe! — Sua voz de criança fez-se ouvir por todos.

— O que é isso? — perguntou a condessa assustada. Mas vendo na fisionomia da menina que se tratava de uma travessura, ameaçou-a com a mão, fazendo com a cabeça um gesto de ameaça e reprovação.

A conversa parou.

— Mamãe, que doce teremos? — Soou ainda mais decidida a voz infantil de Natacha.

A condessa quis fazer um ar severo, mas não conseguiu.

Maria Dmitrievna ameaçou-a com o indicador.

— *Cosaque!*

A maior parte dos convidados olhava; os mais velhos não sabiam como encarar essa travessura.

— Tu vais... — disse a condessa.

— Mamãe! teremos doce? — repetiu Natacha alegremente, na certeza de que sua audácia seria bem recebida.

Sônia e Petrucha sufocavam o riso.

— Então, perguntei ou não? — cochichou a seu irmãozinho e a Pierre, fitando-o novamente.

— Teremos um sorvete, mas tu não comerás! — disse Maria Dmitrievna.

Vendo que nada havia a temer, Natacha não se perturbou nem mesmo com a temível amiga de seus pais.

— Maria Dmitrievna, de que é o sorvete? Não gosto de baunilha.

— De cenoura.

— Nada disso! Maria Dmitrievna, quero saber de que é o sorvete? — insistiu quase gritando.

Maria Dmitrievna e a condessa riam, seguidas pelos convidados. Não riam da resposta que Maria Dmitrievna dera, mas da ousadia extraordinária dessa garotinha que se portava dessa forma diante de Maria Dmitrievna.

Natacha sossegou só depois que lhe disseram que haveria um sorvete de abacaxi. Antes do sorvete foi servido o champanhe, e a música tocou novamente, o conde beijou a condessa, e os convidados, levantando-se, felicitaram-na e chocaram os copos com o conde, com as crianças e entre si. Novamente os criados se agitaram, novo barulho de cadeiras, e, na mesma ordem, embora mais corados pela bebida, os convidados voltaram à sala e ao gabinete do conde.

XVII

Arrumadas as mesas de jogo, organizaram-se as partidas de bóston e os convidados se espalharam pelas duas salas, na saleta e na biblioteca.

Habituação a dormir depois das refeições, o conde, com as cartas em leque, fazia esforços para não fechar os olhos e sorria a toda a gente. A condessa reunira os jovens em torno do cravo e da harpa. A pedido de todos Júlia tocou uma variação na harpa e depois, junto com os demais, pediu a Natacha e Nicolau, cujo talento musical era conhecido, que cantassem alguma coisa. Natacha, embora orgulhosa por ser tratada como moça, estava receosa.

— O que cantaremos? — perguntou.

— “A fonte” — respondeu Nicolau.

— Muito bem. Boris, venha cá — disse Natacha. — Onde está Sônia?

Não vendo a amiga, saiu a procurá-la. Não a tendo encontrado em seu quarto, procurou-a na sala das crianças, com o mesmo resultado. Então, lembrou-se que deveria estar em cima da arca, no corredor. Era o local escolhido para os sofrimentos da nova geração feminina na casa dos Rostov. Realmente, lá estava Sônia, amassando a saia de musselina rosa, deitada no acolchoado listrado e sujo da ama. Com as mãos escondendo o rosto, soluçava convulsivamente sacudindo os ombrinhos decotados. O rosto de Natacha, animado e alegre com a festa, perturbou-se subitamente, os olhos pararam, os músculos do pescoço tremeram, os cantos dos lábios caíram.

— Sônia, o que é isso? O que... o que tens? Hu! Hu!... — E escancarando a grande boca, o que a deixava muito feia, começou a soluçar como uma criança, sem causa, unicamente porque Sônia chorava. Esta queria levantar a cabeça e responder, mas, não podendo, escondia-se ainda mais. Natacha, com os olhos rasos d'água, sentou-se no acolchoado azul e abraçou a amiga. Finalmente, recobrando as forças, Sônia levantou-se e, enxugando os olhos, contou:

— Nicolau parte dentro de uma semana. A ordem... já foi... assinada... ele mesmo me disse. Mas eu não choraria... (mostrou um bilhetinho, eram versos de Nicolau). Não choraria... mas tu não podes... ninguém pode compreender que... que alma ele tem.

E por causa dessa alma tão boa, chorou novamente.

— Tu é que és feliz... Não te invejo... Gosto muito de ti, e de Boris também — disse um pouco mais calma. — Ele é muito bom... Para vocês não existe obstáculo. E Nicolau é meu primo... é preciso que o próprio Metropolita... e mesmo assim é impossível. E depois, se mamãe... (chamava a condessa de mamãe). Dirá que estou prejudicando a carreira de Nicolau, que sou egoísta... que não tenho sentimentos, e eu, afinal... Juro (persignou-se), amo-o tanto, mamãe, vocês todos; mas... mas Vera... por que, o que foi que lhe fiz? Sou tão agradecida a vocês todos, que teria prazer em sacrificar tudo, mas não tenho nada...

Sônia não podia mais falar e novamente escondeu a cabeça no acolchoado. Natacha procurou tranquilizá-la, mas pela expressão do rosto, via-se que compreendia a extensão da mágoa da amiga.

— Sônia! — disse ela de repente, como adivinhando a verdadeira causa da dor da prima. — Vera te falou alguma coisa depois do jantar?

— Sim. Nicolau mesmo escreveu esses versos e outros que copiei. Ela os achou na mesa de meu quarto e disse que mostraria a mamãe. Disse ainda que sou uma ingrata, que mamãe não consentirá nunca com esse casamento e que ele casará com Júlia. Viste como ele está com ela o dia todo... Natacha, por quê? — Chorava ainda mais que antes. Natacha levantou-a, beijou-a e, sorrindo entre as lágrimas, procurou tranquilizá-la.

— Sônia, minha querida, não acredites nela, não acredites. Lembras-te como nós três falamos com Nikolenka, na saleta, depois da ceia? Tudo acontecerá como ficou decidido. Estou esquecida, mas deves lembrar-te sem dúvida como tudo é possível e vai correr bem. Olha, o irmão de tio Chinchine casou com uma prima e nós somos descendentes de primos de segundo grau. Boris diz que é fácil. Sabes que lhe contei tudo. Ele é tão inteligente e tão bom! — concluiu Natacha. — Não chores mais, Sônia, minha querida. — E beijou-a, rindo. — Vera é má, que Deus a ajude! Tudo vai correr bem, ela não dirá nada a mamãe. Nicolau mesmo lhe dirá, e ele não pensa em Júlia.

Beijou-lhe a cabeça. Sônia levantou-se; mais animada, com os olhinhos brilhantes. A gatinha parecia pronta a sacudir a cauda e, saltando nas patinhas ágeis, correr novamente, atrás do novelo de lã.

— Tu achas mesmo? Jura? — perguntou, arrumando o vestido e os cabelos.

— Verdade, juro! — respondeu Natacha arrumando o cabelo que havia soltado da amiga. Ambas riram.

— Então, vamos cantar “A fonte”?

— Vamos!

— Sabes, o tal Pierre que estava sentado na minha frente é muito engraçado — disse Natacha de repente. — Ah! Como me divirto! — E disparou corredor afora.

Sônia, sacudindo o pó e escondendo os versos no seio, com o rosto ainda vermelho, correu atrás de Natacha. A pedido dos convidados, os quatro cantaram. “A fonte”, que agradou muito a todos. Depois, Nicolau cantou uma nova canção.

*Na noite amena, ao luar,
Cisma, venturosamente,
Que ainda há alguém no mundo
Que pensa em mim!
Que em sua mão tão linda
Acariciando as cordas
Da harpa de oiro,
Em tom apaixonado
Chama, chama em vão!
Ainda um dia, ou dois,
E terá o paraíso...
Mas ai! O teu amigo
Não mais existirá.*

Apenas terminou as últimas palavras, os músicos começaram a tossir batendo o pé e a mocidade preparou-se para dançar.

Pierre estava na sala onde Chinchine, cercado de outros convidados, falava sobre política, dirigindo-se a ele, como recentemente chegado do estrangeiro, sem perceber que o aborrecia. Natacha aproximou-se de Pierre e disse sorrindo e corando:

— Mamãe me mandou convidá-lo para dançar.

— Temo me atrapalhar com as figuras, mas se quiser ser minha professora...
— disse Pierre, estendendo a grossa mão à frágil garotinha.

Enquanto os pares se colocavam e os músicos afinavam os instrumentos, Pierre sentou-se ao lado de Natacha, que parecia completamente feliz. Ia dançar com um moço vindo recentemente *de l'étranger*. Todos a notavam e ela lhe falava como gente grande. Numa das mãos segurava um leque que uma moça lhe emprestara; e com a mais mundana pose (Deus sabe onde e quando a aprendera) abanando-se e brincando com o leque, conversava com o par.

— Repare o jeito, repare o jeito — disse a condessa atravessando a sala e mostrando Natacha, que corou e riu.

— E então, mamãe, por que está rindo, que admiração?

* * *

No meio da terceira escocesa, houve um movimento de cadeiras na sala onde o conde, Maria Dmitrievna, com a maioria dos convidados importantes e dos velhos, estavam jogando. Esticando as pernas e guardando as carteiras, eles entraram na sala de baile. Na frente vinham Maria Dmitrievna e o conde, ambos com ar satisfeito. Este, com uma polidez brincalhona, como num bailado, ofereceu-lhe cerimoniosamente o braço. Empertigou-se, e seu rosto iluminou-se com um sorriso particular, fino e intrépido, e assim que terminou a última figura da escocesa, bateu palmas para os músicos e gritou em direção à orquestra, dirigindo-se ao primeiro violino:

— Semion! Danielo Cooper, sabes?

Era sua dança favorita e ele a dançava como no seu tempo de moço (Danielo Cooper era uma figura de *l'anglaise*).

— Olhem papai — gritou Natacha (esquecendo completamente que dançava com um homem) e, baixando até os joelhos a cabecinha encaracolada, caiu numa risada sonora que encheu toda a sala.

Todos os presentes olhavam, sorrindo, o alegre velho que caminhava ao lado do par. Maria Dmitrievna, muito mais corpulenta que ele, dobrando os braços, ombros retos, rodopiando a compasso, sapateando um pouco e com um sorriso cada vez mais aberto no rosto redondo, preparava os espectadores para o que viria depois. Assim que se ouviram os sons alegres, entusiásticos, do Danielo Cooper, tão parecidos com os dos alegres *trepak*, [\[6\]](#) todas as portas se encheram

subitamente de semblantes sorridentes, de criados, homens de um lado, mulheres do outro, vindos para ver o patrão divertir-se.

— Nosso pai! Que águia! — disse em voz alta uma velha criada numa das portas.

O conde dançava muito bem e tinha consciência disso, mas seu par não dançava nada, nem fazia o menor esforço. Conservava o corpo duro e os braços caídos (dera sua bolsa à condessa), com o rosto severo, embora bonito. Mas todo movimento que o conde fazia com o corpo rechonchudo se notava no rosto cada vez mais sorridente de Maria Dmitrievna, e no seu nariz que fremia. Se o conde conquistava cada vez mais os espectadores pelos saltos leves e hábeis, o efeito produzido por Maria Dmitrievna com um simples movimento de ombros não era menor, levando em consideração sua imponência e gravidade habituais. A dança animava-se cada vez mais e todos só prestavam atenção ao conde e a Maria Dmitrievna. Natacha, puxando as mangas e as saias de todos os espectadores que, mesmo sem ela não despregariam os olhos dos dançarinos, pedia-lhes que olhassem o pai. Nos intervalos da dança o conde respirava profundamente e gritava para a orquestra que tocasse mais depressa. E, sempre mais ligeiro, girava em torno de Maria Dmitrievna, ora na ponta dos pés, ora nos calcanhares. Finalmente, reconduzindo o par até seu lugar, fez o último passo levantando agilmente a perna e, sorridente, inclinou-se alagado em suor num último gesto e sob uma torrente de aplausos e risos, onde se destacavam os de Natacha.

Os dois pararam sem respiração, limpando o suor com os lenços de cambraia.

— Eis como dançavam em nosso tempo, *ma chère* — disse o conde.

— Sim, isso é Danielo Cooper — concordou Maria Dmitrievna suspendendo as mangas, num longo e profundo suspiro.

XVIII

Enquanto se dançava a sexta *anglaise*, aos sons desafinados de uma orquestra cansada, nos salões dos Rostov, e os criados, com a força que lhes restava, preparavam a ceia, o conde Bezukhov tinha seu sexto ataque. Os médicos declararam não haver a menor esperança de cura. Leram ao doente as orações da confissão e, depois de absolvido, começaram os preparativos da extrema-unção. Na casa havia agitação e balbúrdia como sempre acontece nessas ocasiões. No lado de fora, empurrando-se junto aos portões e escondidos atrás dos carros, estavam os funcionários de empresas funerárias farejando um enterro de preço.

O general governador de Moscou, que mandava de momento a momento seus ajudantes de ordens informarem-se da saúde do conde, viera em pessoa aquela noite trazer seu adeus ao célebre dignitário de Catarina, conde Bezukhov.

O magnífico salão de recepção estava repleto. Todos se levantaram respeitosamente quando o general governador, depois de ter ficado meia hora junto do doente, saiu do quarto, mal respondendo aos cumprimentos, e apressando-se por fugir, o mais depressa possível, aos olhares dos médicos, padres e parentes. O príncipe Vassili, pálido e emagrecido nesses poucos dias, acompanhava o general governador, repetindo várias vezes a mesma coisa em voz baixa. Após conduzir o governador, o príncipe sentou-se num canto da sala, e, apoiando o cotovelo nos joelhos cruzados, ficou longo tempo com a mão sobre os olhos. Depois, levantou-se, lançou um olhar em roda, e, em passos rápidos, atravessou um longo corredor dirigindo-se para os aposentos da princesa mais velha, no outro lado da casa.

Os que estavam no salão, fracamente iluminado, cochichavam entre si, e cada vez que, fazendo um leve ruído, a porta do quarto do agonizante se abria, calavam, olhando interrogativamente quem entrava ou saía.

— É chegado o término, e não é possível ir mais longe — dizia um padre, velho e pequeno, a uma senhora que, sentada a seu lado, o escutava com expressão ingênua.

— Não será tarde demais para a extrema-unção? — perguntou a senhora, acrescentando o título eclesiástico, como se não tivesse a menor opinião a esse respeito.

— É um grande sacramento, minha senhora — respondeu o padre, passando a mão na cabeça calva onde restavam poucos cabelos grisalhos.

— Quem é? O comandante em chefe em pessoa? — perguntavam do outro lado da sala. — Como parece moço!

— Tem setenta anos! Hein? Dizem que o conde não reconhece mais ninguém? Será que já lhe vão dar a extrema-unção?

— Conheci um senhor que recebeu a extrema-unção sete vezes.

A segunda princesa saiu do quarto do doente com os olhos cheios de lágrimas e sentou-se ao lado do doutor Lorrain, graciosamente instalado sob um retrato de Catarina e debruçado numa mesa.

— Magnífico — disse o médico respondendo a uma pergunta sobre o tempo.
— Magnífico, princesa. Em Moscou tem-se a impressão de estar no campo.

— *N'est-ce pas?* — concordou a princesa, suspirando. — Então, ele pode beber?

Lorrain ficou pensativo.

— Tomou o remédio?

— Sim.

O médico olhou seu Bréguet.

— Tome um copo d'água fervida e ponha *une pincée* (com os dedos finos, mostrou o que era *une pincée*) de *cremor tartari*...

— Não há exemplo de sobreviver-se ao terceiro ataque — dizia com forte sotaque um médico alemão a um ajudante de ordens.

— E que homem robusto era! — disse o ajudante de ordens. — E quem tocará toda essa fortuna? — acrescentou em voz baixa.

— Os amadores aparecerão — respondeu o alemão num sorriso.

Todos se voltaram para a porta que rangeu. Era a princesa que levava a mistura receita por Lorrain.

O médico alemão aproximou-se de Lorrain:

— Talvez ainda dure até amanhã de manhã? — perguntou ele em mau francês.

Lorrain, mordendo os lábios, fez que não, agitando nervosamente os dedos diante do nariz.

— Não passará desta noite — disse em voz baixa, com um sorriso discreto em que deixava transparecer o orgulho de compreender o estado do doente.

E afastou-se.

Nesse meio-tempo o príncipe Vassili abria a porta do aposento da princesa. O quarto estava fracamente iluminado; apenas duas lamparinas ardiam diante dos ícones e exalava-se um perfume de flores. A peça estava atravancada de pequenos móveis, cómodas, gueridons de todas as formas. Atrás de um reposteiro, percebia-se a coberta branca de uma cama alta.

Um cãozinho ladrava.

— Ah! É você, *mon cousin!*

Levantou-se e passou a mão nos cabelos que, como sempre, estavam extraordinariamente lisos e pareciam envernizados.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou. — Já estou assustada.

— Não, nada, sempre o mesmo. Vim para falar contigo sobre negócios, Katicha — disse o príncipe, sentando-se exausto na cadeira que ela acabava de deixar. — Como está quente aqui! Bem, sente aí *et cautions*.

— Pensei que houvesse acontecido alguma coisa — disse a princesa. E, com a sua expressão impassível, de uma severidade dura, sentou-se diante do príncipe, pronta para ouvir. — Queria dormir, *mon cousin*, e não consigo.

— Mas o que há, minha cara? — perguntou o príncipe, tomando-lhe a mão e baixando-a, pela força do hábito.

Evidentemente esse “o que há” se referia a muitas coisas que os dois compreendiam sem que fosse necessário nomeá-las.

A princesa, com o busto desproporcionalmente longo para as pernas, muito magra, muito dura, olhos cinzentos, oblíquos, fitava o príncipe inexpressivamente. Levantou a cabeça, suspirou e virou-se para os ícones. Esse gesto podia ser explicado como expressão de tristeza e desvelo e também como cansaço e esperança num próximo repouso. O príncipe Vassili o tomou como sinal de fadiga.

— E achas que é fácil para mim? Estou estafado como um cavalo de posta, e apesar disso tenho que te falar, Katicha, e muito seriamente.

O príncipe calou-se, suas faces contraíram-se nervosamente, ora uma, ora outra, o que lhe dava um aspecto desagradável que nunca deixava perceber quando em sociedade. Os olhos também estavam diferentes: ora fitavam com uma arrogância divertida, ora exprimiam receio.

A princesa, segurando com as mãos secas e magras o cãozinho que tinha nos joelhos, fitou atentamente os olhos do príncipe, que, com grande esforço, continuou a falar, vendo que ela não romperia o silêncio com uma única pergunta, mesmo que tivesse de esperar até o amanhecer.

— Não esqueça, cara princesa e prima Katerina Semenovna — continuou o príncipe Vassili com visível esforço —, que em momentos como este se deve pensar em tudo. É preciso pensar no futuro, em vocês... Eu estimo vocês como minhas filhas, tu sabes.

A princesa continuava impassível e impenetrável.

— Enfim, devo pensar na minha família — prosseguiu, sem olhar a princesa e empurrando raivosamente a mesinha. — Sabes, Katicha, que vocês, as três irmãs Mamontov e minha mulher, são as herdeiras diretas do conde. Eu sei, sei que é doloroso pensar e falar nessas coisas. É para mim também. Mas, minha amiga, já passei dos cinquenta anos, e a gente deve se preparar para tudo. Sabe que mandei buscar Pierre, a quem o conde pediu que chamasse mostrando seu retrato?

Olhou interrogativamente a princesa, mas não conseguiu compreender se ela escutava o que ele dizia ou se olhava no vazio.

— Não cesso de pedir a Deus uma coisa, *mon cousin*: que o absolva e permita sua bela alma deixar tranquilamente este...

— Sim, é isso — replicou o príncipe impaciente, esfregando a cabeça calva, e novamente, com raiva, puxando a mesinha que empurrara. — Mas, enfim... enfim, tu sabes muito bem que, no último inverno, o conde fez seu testamento deixando todos os bens a Pierre em detrimento dos herdeiros diretos, nós.

— Já escreveu uma infinidade de testamentos! — respondeu tranquilamente a princesa. — Mas ele não pode deixar nada a Pierre, é um filho natural.

— *Ma chère* — disse de repente o príncipe Vassili, sacudindo a mesa, animando-se e falando mais depressa —, mas e se ele escreveu ao imperador pedindo autorização para adotar Pierre? Compreendes que, considerando os méritos do conde, seu pedido será atendido...

A princesa sorriu como sorriem os que pensam saber muito mais que o interlocutor.

— Vou dizer mais — continuou o príncipe Vassili tomando-lhe a mão —, a carta está escrita, e embora ainda não tenha sido enviada, o imperador já sabe. A questão é saber se ela foi destruída ou não. Se não foi, assim que tudo estiver terminado. — O príncipe suspirou, dando assim a entender o que ele queria dizer com esse *tudo estiver terminado*. — Nesse momento, abrirão os papéis do conde, a carta e o testamento serão remetidos para o imperador e seu desejo há de ser seguramente respeitado. Pierre, com filho legítimo, receberá tudo.

— E a nossa parte? — perguntou a princesa sorrindo ironicamente, como se tudo, menos isso, pudesse acontecer.

— Minha pobre Katicha, isso é claro como a luz do dia: se existe um único herdeiro legal de tudo, vocês não receberão absolutamente nada. Deves saber, minha cara, se a carta e o testamento foram escritos e se foram ou não destruídos! E se, por uma razão qualquer, foram esquecidos, deves saber onde encontrá-los para...

— Era só o que faltava — interrompeu a princesa com um sorriso sarcástico e sem mudar de expressão. — Sou mulher e, na opinião de vocês, todas nós somos umas tolas, mas eu sei que um filho ilegítimo não pode herdar; *un bâtard* — acrescentou, julgando, com a palavra em francês, convencer o príncipe de sua leviandade.

— Mas como é possível não compreender, Katicha! És inteligente, como não compreendes que, se o conde escreveu ao imperador pedindo permissão para legitimar seu filho, Pierre não será mais Pierre, mas conde Bezukhov, e então, conforme o testamento, receberá tudo? E se o testamento e a carta não foram destruídos, nada restará para ti, salvo a consolação de ter sido virtuosa e tudo que daí resulta. Não há dúvida.

— Sei que o testamento está escrito, mas sei também que ele não é válido, e parece que *mon cousin* me toma por uma tola — disse a princesa num tom de quem pensa haver dito qualquer coisa muito espirituosa e ofensiva.

— Minha cara princesa Katerina Semenovna — insistiu com impaciência o príncipe Vassili —, vim procurar-te não para trocarmos palavras desagradáveis, mas para falar com uma parenta, uma boa parenta, uma verdadeira parenta, para falar de teus próprios interesses. Pela décima vez repito que, se a carta ao imperador e o testamento a favor de Pierre se acham entre os papéis do conde, então tu, minha pombinha, e tuas irmãs não receberão nada, e se não acreditas, crê ao menos nas pessoas que conhecem as coisas: acabo de falar com Dmitri Onufritch (era o advogado da casa), que me disse a mesma coisa.

Esta nova abalou as convicções da princesa. Seus lábios finos empalideceram (os olhos continuavam os mesmos) e a voz, enquanto falava, se interrompia por intervalos que a ela mesma surpreendiam.

— Seria bonito — disse ela. — Não queria nem quero nada. — Atirou o cãozinho e arrumou as pregas do vestido. — Eis o seu reconhecimento pelas

pessoas que tudo sacrificaram por ele. Muito bem! Admirável! Eu não preciso de nada, príncipe.

— Sim, mas não és a única, tens irmãs — respondeu o príncipe Vassili.

A princesa não o escutava.

— Sim, eu sabia isso desde muito tempo, mas esquecia que, além da baixeza, da falsidade, da inveja, das intrigas, além da mais negra ingratidão, nada poderia esperar desta casa...

— Sabes ou não onde se encontra o testamento? — perguntou o príncipe com as faces ainda mais contraídas que antes.

— Sim, eu era uma idiota, acreditava ainda nos homens, queria-lhes bem e me sacrificava, mas só vencem os maus e os covardes. Sei de onde partem essas intrigas.

Quis levantar-se, mas o príncipe a reteve com a mão.

A princesa dava a impressão de uma pessoa que subitamente se desencantara de toda a humanidade e olhou raivosamente seu interlocutor.

— Ainda é tempo. Lembras-te que tudo isso foi feito por acaso, num momento de cólera, de doença, e depois ficou esquecido. Nosso dever, minha cara, é reparar o erro, amenizar-lhe os últimos momentos e não consentir que se cometa essa injustiça, deixando-o morrer com o pensamento de ter prejudicado os outros...

— Os outros que sacrificaram tudo por ele — concluiu a princesa, querendo levantar-se novamente, mas o príncipe não consentiu. — Os outros a quem ele não dava valor! *Non, mon cousin* — acrescentou num suspiro —, não esquecerei nunca que neste mundo não se deve esperar recompensa, que neste mundo não existe honra nem justiça, que neste mundo se deve ser esperto e mau.

— Acalma-te e não fales assim. Conheço teu bom coração.

— Não, meu coração é mau.

— Conheço teu coração — repetiu o príncipe —, aprecio tua amizade e desejaria que tivesses a mesma opinião de mim. Calma, e conversemos como pessoas razoáveis enquanto é tempo. Talvez vinte e quatro horas, talvez uma hora. Conta tudo que sabes do testamento e, principalmente, onde se encontra; deves saber. Vamos buscá-lo e imediatamente mostrá-lo ao conde. Certamente já mudou de opinião e quererá destruí-lo. Compreende que meu único desejo é

respeitar fielmente a vontade dele; estou aqui só para isso. Vim apenas para auxiliá-los, a vocês e a ele.

— Agora compreendo tudo. Sei quem faz essas intrigas. Sei — disse a princesa.

— Não se trata disso, minha amiga.

— É sua protegida, sua cara princesa Ana Dmitrievna Drubetzkaia, que eu não quereria para camareira, essa horrível megera, essa infame.

— Não percamos tempo.

— Ah! deixe-me! No inverno passado introduziu-se aqui e contou ao conde tantas infâmias a nosso respeito, principalmente sobre *Sophie*. Coisas impossíveis de repetir. O conde adoeceu e durante duas semanas não quis nos ver. Foi então, eu sei, que ele escreveu esse malvado, esse maldito papel, mas eu pensava que esse documento nada significasse.

— Enfim lá chegamos! Por que não me disseste nada antes?

— Na pasta com mosaico que ele conserva sob o travesseiro. Agora eu sei — disse a princesa sem responder. — Sim, se tenho um pecado, um grande pecado, é o ódio contra essa megera. — A princesa estava irreconhecível. — E por que se introduziu aqui? Mas eu direi tudo, tudo. O momento há de chegar.

XIX

Enquanto conversavam na sala de visitas e no quarto da princesa, chegava o carro que fora buscar Pierre. Com ele veio Ana Mikhailovna, que achou por bem acompanhá-lo. Quando o carro começou a rodar, sem ruído, sobre a palha que haviam espalhado sob as janelas de Bezukhov, Ana Mikhailovna, procurando consolá-lo, percebeu que seu companheiro adormecera no curto trajeto.

Uma vez acordado, Pierre desceu atrás de Ana Mikhailovna e, só então, pensou no encontro que ia ter com o pai agonizante. Notou que haviam desembarcado numa porta lateral e não no pátio de honra. Ao descer do carro Pierre viu dois homens que se afastavam rapidamente da porta, procurando a sombra da parede, como se não quisessem ser vistos; parou e, olhando em roda, viu outras silhuetas na mesma atitude. Mas, tanto Ana Mikhailovna como o criado e o cocheiro, não prestaram a menor atenção, apesar de não ter podido deixar de vê-los. “Deve ser assim”, pensou, acompanhando Ana Mikhailovna. Ela, em passos rápidos, subia a escada estreita e mal iluminada chamando por

ele, que a seguia sem compreender a necessidade de ver o conde, nem por que devia entrar pela escada de serviço. Mas, considerando a decisão e pressa da princesa, acreditou que tudo isso devesse ser assim. No meio da escada quase foi empurrado por outros homens que, pisando forte, desciam carregando baldes. Sem mostrar a menor surpresa, encostaram-se à parede para dar-lhes passagem.

— E aqui o aposento das princesas? — perguntou Ana Mikhailovna a um deles.

— Aqui, é a porta da esquerda, minha senhora — respondeu o criado com uma voz forte e ousada, como se agora tudo fosse permitido.

— É possível que o conde não tenha me chamado — disse Pierre assim que subiram. — Talvez seja melhor que vá para meu quarto.

Ana Mikhailovna parou para esperá-lo.

— Ah, *mon ami!* — fez, tocando-lhe na mão, como fizera aquela manhã ao filho. — Creia-me que eu sinto tanto como você, mas seja homem.

— Não será preferível desistir? — perguntou Pierre olhando afetuosamente Ana Mikhailovna através dos óculos.

— Ah, *mon ami*, esqueça as injustiças que lhe possam ter sido feitas, lembre-se que é seu pai... talvez agonizando. — Suspirou. — Desde o primeiro momento eu o amei como a um filho. Confie em mim, Pierre, não esquecerei os seus interesses.

Pierre não estava compreendendo nada, mas cada vez mais se convencia de que devia ser assim mesmo e continuava obedecendo Ana Mikhailovna, que já abria a porta.

Essa porta dava para uma sala de espera. Num canto estava um velho criado das princesas fazendo meia. Pierre não conhecia essa parte do palácio e nem suspeitava da existência desses aposentos. A uma camareira que passava com uma garrafa numa bandeja, tratando-a por “minha cara”, “minha florzinha”, Ana Mikhailovna perguntou pela saúde das princesas e arrastou Pierre para um corredor de lajes.

A primeira porta da esquerda dava para os aposentos das princesas. A camareira, que na sua pressa levava a garrafa (nesse momento tudo na casa se fazia às pressas), não fechara a porta, de sorte que Pierre e Ana Mikhailovna, ao passarem, olharam involuntariamente para dentro e viram o príncipe Vassili

conversando com a princesa mais velha. Ao percebê-los, o príncipe teve um gesto de impaciência e a princesa levantou-se furiosa, batendo violentamente a porta. O gesto era tão contrário aos seus hábitos calmos e o medo estampado na fisionomia do príncipe Vassili sentava tão mal à sua importante pessoa que Pierre parou e olhou interrogativamente a guia através dos óculos. Ana Mikhailovna não pareceu admirada e limitou-se a sorrir levemente, como querendo dizer que esperava isso tudo.

— Seja homem, *mon ami*, eu zelarei pelos seus interesses — disse ela respondendo ao seu olhar. E seguiu corredor afora ainda mais apressada.

Pierre cada vez entendia menos do que se tratava, principalmente esse “zelar pelos seus interesses”, mas tinha o sentimento de que tudo devia ser assim. Do corredor passaram para uma sala mal iluminada que dava para a sala de recepção do conde. Era uma dessas peças frias e luxuosas que Pierre conhecia, vindo da escada principal. No centro, havia uma banheira vazia e água derramada no tapete. Ao vê-los, o lacaios e um sacristão, levando um turíbulo, saíram na ponta dos pés sem prestar a menor atenção. Pierre e Ana entraram na sala de recepção, já conhecida dele, e que se comunicava com o jardim de inverno por duas janelas italianas. Um busto e um retrato em corpo inteiro de Catarina decoravam a sala.

Ali se encontravam as mesmas pessoas, quase na mesma posição, sentadas e conversando a meia-voz. Todos calaram para olhar Ana Mikhailovna com a fisionomia pálida e chorosa e a enorme figura de Pierre, que a seguia docilmente de cabeça baixa.

A fisionomia de Ana Mikhailovna exprimia a convicção de que o momento decisivo havia chegado. Com seus modos decididos de pequena-burguesa de Petersburgo, sem deixar Pierre, entrou no quarto ainda mais segura que pela manhã. Sentia que seria bem recebida por conduzir a pessoa que o agonizante desejava ver. Olhou rapidamente a todos que se achavam no quarto e, avistando o confessor do conde, aproximou-se sem fazer nenhuma reverência, mas, encolhendo-se toda, recebeu respeitosamente sua bênção e mais a de outro padre.

— Deus seja louvado por termos chegado a tempo! — disse ela ao padre. — Tínhamos muito medo, nós, os parentes. Este rapaz é o filho do conde —

acrescentou baixando a voz. — Que momento terrível!

Dizendo essas palavras, aproximou-se do médico.

— Caro doutor — disse —, este moço é o filho do conde... há alguma esperança?

O médico fez silenciosamente um gesto rápido de ombros, alçando os olhos. Ana Mikhailovna imitou-o; depois, quase fechando os olhos, suspirou, afastou-se do médico, aproximando-se de Pierre. Falou-lhe com um respeito especial e uma ternura tristonha.

— Tenha confiança em Sua misericórdia. — Fez-lhe sinal para que esperasse sentado num pequeno divã e, sem ruído, desapareceu atrás da porta que todos olhavam.

Disposto a obedecer cegamente a guia, Pierre dirigiu-se para o pequeno divã. Assim que Ana Mikhailovna desapareceu, sentiu que todos os olhares se dirigiam para ele com algo mais que simples curiosidade e compaixão. Notou que todos cochichavam indicando-o com os olhos, com uma espécie de receio e servilismo. Testemunhavam-lhe um respeito nunca demonstrado anteriormente. Uma senhora, que não o conhecia e que estava falando com os padres, levantou-se e ofereceu-lhe o lugar. Um ajudante de ordens apanhou uma luva que ele deixara cair. Os médicos afastaram-se, respeitosamente, para deixá-lo passar. A primeira vontade de Pierre foi agradecer o lugar que a senhora lhe oferecia, teria preferido apanhar ele mesmo a luva e passar por outro caminho a fim de não incomodar os médicos, que aliás não estavam em seu caminho, mas teve a impressão de que isso não seria adequado. Compreendeu que nessa noite misteriosa e triste era um personagem de quem esperavam muito e que por isso devia permitir que todos o servissem. Sem dizer uma palavra recebeu a luva do ajudante de ordens e, sentando-se no lugar da senhora, pousou as mãos grossas sobre os joelhos, na posição simétrica e ingênua de uma estátua egípcia. Admitiu que tudo deveria ser exatamente assim e que nessa noite não deveria agir por iniciativa própria, mas abandonar-se completamente à vontade dos outros.

Apenas dois minutos haviam passado quando o príncipe Vassili, com sua sobrecasaca de três estrelas, entrou na sala, cabeça erguida e porte majestoso. Parecia ter emagrecido nas últimas horas; seus olhos aumentaram quando

percebeu a presença de Pierre. Aproximou-se e tomou-lhe a mão (o que nunca fizera antes), puxando-a, como para sentir-lhe a resistência.

— Coragem, coragem, *mon ami*. Ele pediu para vê-lo, é bom sinal...

Quis afastar-se, mas Pierre julgou que devia perguntar a ele.

— Como está a saúde...?

Interrompeu-se envergonhado, não sabendo se devia chamar o conde de pai.

— Teve outro ataque, há meia hora. Coragem, *mon ami*.

Pierre estava tão tonto que, à palavra “ataque”, entendeu que ele sofrera um golpe qualquer, e olhou o príncipe Vassili perplexo; só depois compreendeu que o ataque se referia à doença.

O príncipe Vassili disse algumas palavras a Lorrain e se dirigiu à porta na ponta dos pés. Esse caminhar lhe era difícil e lhe sacudia todo o corpo. Atrás dele entrou a princesa mais velha; a seguir, os padres, os chantres, os criados entraram também. Houve um movimento atrás da porta e apareceu Ana Mikhailovna, com o mesmo semblante pálido, mas firme no cumprimento do dever, a qual, tocando na mão de Pierre, lhe disse:

— A bondade divina é inesgotável. É a cerimônia da extrema-unção que vai começar. Venha.

Pierre passou a porta e, caminhando sobre o tapete, percebeu que o ajudante de ordens, a senhora desconhecida e alguns criados entravam atrás dele, como se agora não fosse mais necessário pedir permissão para entrar nesse quarto.

XX

Pierre conhecia muito bem esse grande quarto, todo atapetado à oriental, dividido por colunas e arcos. Atrás das colunas, de um lado, estava uma grande e alta cama de acaju guarnecida com um cortinado de seda e no outro um grande armário envidraçado com imagens santas. Toda essa parte do quarto estava brilhantemente iluminada como as igrejas nas cerimônias noturnas. Sob os ícones iluminados havia uma poltrona Voltaire guarnecida com travesseiros de uma alvura impecável que evidentemente haviam sido trocados naquele instante. Ali, envolta até a cintura numa coberta verde-clara, estava deitada a bela figura do conde Bezukhov, o pai de Pierre. Era bem ele com a leonina cabeleira grisalha, a testa alta com sulcos profundos e o belo semblante de um amarelo corado. Estava estendido sob os ícones, com as mãos grandes e gordas sobre a coberta. Entre o indicador e o polegar da mão direita, estava colocada uma vela que um velho criado sustinha por trás da poltrona. Em roda os padres, nos seus hábitos sacerdotais, brilhantes, com suas compridas cabeleiras, velas na mão, oficiavam lenta e solenemente. Um pouco atrás estavam as duas

princesas mais moças com o lenço nos olhos, e, diante delas, Katicha, a mais velha, com um ar maligno e resoluto, de olhos cravados nos ícones, como se não respondesse por si caso voltasse os olhos para outro canto. Junto da porta, Ana Mikhailovna, com seu ar aconselhador e cheio de tristeza resignada, e a senhora desconhecida. Do outro lado, muito perto do conde e atrás de uma cadeira esculpida e coberta de veludo, estava o príncipe Vassili com uma vela na mão esquerda apoiada no encosto da cadeira, enquanto se persignava com a direita e levantava os olhos cada vez que tocava na testa. Seu rosto exprimia uma piedade calma e submissa à vontade de Deus. “Se não compreendeis esse sentimento, pior para vós”, parecia dizer.

Depois dele estavam o ajudante de ordens, o médico e os criados. Como na igreja, as mulheres estavam separadas dos homens. Todos em atitude de recolhimento se persignavam. Ouviam-se apenas a leitura dos salmos e o canto grave em surdina. Quando as vozes se calavam, era o ruído dos pés e dos suspiros. Ana Mikhailovna, com o ar importante de quem sabia o que estava fazendo, atravessou o quarto para dar uma vela a Pierre. Ele acendeu-a e, distraído com os que o circundavam, persignou-se com a mão que segurava a vela.

A princesa mais moça, a que tinha um sinalzinho de beleza e ria facilmente, olhou-o, sorriu e escondeu o rosto no lenço, ficando muito tempo sem descobri-lo. Depois, olhando para Pierre, sorriu de novo. Evidentemente, não podia olhá-lo sem rir, e como não podia se conter, para evitar a tentação, retirou-se lentamente para trás de uma coluna. No meio da cerimônia as vozes dos oficiantes calaram subitamente. Os padres, em voz baixa, falavam entre si. O velho criado que segurava a vela levantou-se, dirigindo-se às senhoras. Ana Mikhailovna, inclinando-se sobre o doente por trás do encosto da poltrona fez um sinal a Lorrain. O médico francês não segurava nenhuma vela, estava encostado numa coluna na atitude respeitosa de um estrangeiro que, professando uma religião diferente, compreende a importância do ato e o aprova. Sem o menor ruído, aproximou-se do doente, tomou-lhe a mão, que estava sob a coberta verde, e, pensativamente, procurou o pulso com seus dedos brancos e finos. Fizeram o agonizante tomar alguma coisa e todos movimentaram-se. Depois, cada um voltou para seu lugar e a cerimônia continuou. Durante a interrupção, Pierre notou que o príncipe Vassili, como quem sabia o que estava fazendo — e pior para quem não entendesse —, afastou-se da guarda da cadeira, foi ao encontro da princesa mais velha e ambos se dirigiram para o fundo do quarto, perto da grande cama de cortinado de seda. De lá, o príncipe e a princesa

desapareceram pela porta dos fundos. Antes de a cerimônia terminar estavam de volta em seus lugares.

Como a tudo que se passava, Pierre não deu maior importância a esse fato, certo de que tudo que se fazia naquela noite era absolutamente necessário.

Os cantos litúrgicos cessaram e a voz de um padre se fez ouvir saudando respeitosamente o enfermo por ter recebido os sacramentos.

O doente continuava deitado, imóvel. Todos voltaram a se agitar: ouviram-se passos e conversas em voz baixa, entre os quais sobressaía a de Ana Mikhailovna. Pierre ouviu-a dizer:

— É absolutamente necessário levá-lo para a cama, não será possível...

Os médicos, as princesas, os criados cercavam tão completamente o doente que Pierre já não podia ver o rosto amarelo corado e a cabeleira grisalha que, apesar disso, não lhe saiu da mente durante toda a cerimônia.

Adivinhou, pelos movimentos prudentes das pessoas que cercavam a poltrona, que estavam transportando o agonizante para a cama.

— Segura meu braço, assim vais deixá-lo cair — ouviu um criado cochichar assustado.

— Embaixo... mais um... — continuavam as vozes. E os suspiros oprimidos e o arrastar de pés tornavam-se cada vez mais precipitados, como se o fardo que carregavam fosse pesado demais para suas forças.

Ana Mikhailovna também estava entre os que transportavam o conde. E, ao passarem junto de Pierre, por entre as costas e pescoços dos homens, ele viu de relance o peito descoberto, saliente e forte, e os ombros largos do doente carregado. Viu também a cabeleira leonina de ondulações grisalhas. Essa cabeça com a testa e as maçãs do rosto extraordinariamente largas, a boca bonita, sensual, o olhar majestoso, frio, nada perdia com a aproximação da morte. Era a mesma que Pierre vira três meses antes, quando o conde o havia mandado para Petersburgo. Mas agora estava inerte e o olhar vago, frio, não sabia onde fixar-se enquanto o levaram com passos hesitantes.

Houve um momento de celeuma em torno da cama; os homens que levaram o doente se afastaram. Ana Mikhailovna chamou Pierre, “*Venez!*”, e ambos se aproximaram da cama onde estava deitado o doente, numa postura preparada, provavelmente em consequência do sacramento que tomara.

Estava deitado, a cabeça levantada pelos travesseiros, as mãos simetricamente colocadas sobre a coberta de seda verde. Quando Pierre se aproximou, o conde olhou-o fixamente, mas com esse olhar de que o homem não pode compreender o sentido nem a importância. Ou nada significava (pois enquanto se têm olhos é necessário fixar alguma coisa), ou significava demasiado.

Pierre parou sem saber o que fazer e, com um ar interrogador, voltou-se para a guia, Ana Mikhailovna. Esta, num movimento rápido de olhos, fez-lhe sinal para beijar a mão do doente. Pierre espichou o pescoço, cuidando para não tocar a coberta, e seguiu o conselho, beijando aquela mão grande e carnuda. Mas nem a mão, nem um único músculo do conde se moveram. Novamente o rapaz fez uma pergunta silenciosa a Ana Mikhailovna para saber o que deveria fazer. Na mesma linguagem, esta apontou-lhe uma poltrona ao pé da cama. Obedecendo, Pierre sentou-se e mais uma vez perguntou com os olhos se estava bem. Ana Mikhailovna aprovou com a cabeça. Pierre retomou a posição simétrica e ingênua de estátua egípcia, lamentando visivelmente que seu corpo volumoso e desajeitado ocupasse tanto espaço e fazendo esforços para parecer o menor possível. Fitava o conde; este olhava o lugar onde estava o rosto de Pierre quando em pé. Ana Mikhailovna tomava, nessa situação, consciência da importância patética desse último encontro entre pai e filho. Isso durou dois minutos, que a Pierre pareceram uma hora. Subitamente, os músculos salientes e as amplas rugas do rosto do conde estremeceram. O estremecimento aumentou, a sua bonita boca se retorceu (só então Pierre compreendeu quanto seu pai estava perto da morte); da boca deformada saiu um som rouco. Ana Mikhailovna fixou o doente com atenção procurando adivinhar o que ele queria. Apontava para Pierre, para o remédio, chamava pelo nome do príncipe Vassili ou mostrava a coberta. Os olhos e a fisionomia do conde exprimiam impaciência. Fazia esforços para olhar o criado que se mantinha imóvel na cabeceira do leito.

— Talvez queira mudar de posição — sussurrou o criado, e levantou-se para virar o corpo pesado do conde, com o rosto para a parede.

Pierre levantou-se para auxiliar o criado.

Enquanto viravam o conde, uma das mãos, que ficara caída, fazia vão esforços para mover-se. Teria o conde visto a expressão de pavor com que Pierre fixava essa mão sem vida ou outro pensamento estaria errando em seu cérebro

agonizante? Mas olhou a mão desobediente, a expressão de pavor na fisionomia de Pierre, novamente a mão, e sorriu debilmente, um sorriso sofredor que lhe sentava tão mal e que parecia escarnecer da própria fraqueza. Diante desse sorriso inesperado, Pierre sentiu o peito estremecer e as lágrimas obscureceram-lhe o olhar.

Viraram o doente para a parede. Ele suspirou.

— Adormeceu — disse Ana Mikhailovna ao notar que uma das princesas vinha fazer o seu turno. — Vamos.

Pierre saiu.

XXI

Não havia mais ninguém na sala de recepção, salvo o príncipe Vassili e a princesa mais velha, que, sentados sob o retrato de Catarina, falavam com grande animação. Assim que viram Pierre e a guia, calaram. Pareceu a Pierre que a princesa escondia qualquer coisa. Ela murmurou:

— Não posso ver essa mulher.

— Katicha mandou servir chá no *petit salon* — disse o príncipe Vassili a Ana Mikhailovna. — Vamos, minha pobre Ana Mikhailovna, tome alguma coisa, do contrário não aguentará.

Não disse nada a Pierre, mas apertou-lhe o braço com sentimento. Ana Mikhailovna e Pierre passaram para o *petit salon*.

— Não há nada que reanime tanto como uma taça deste excelente chá russo depois de uma noite em claro — disse Lorrain com uma animação reprimida, em pé no salãozinho redondo, saboreando o chá numa fina taça de porcelana da China, sem asa, diante da mesa onde haviam servido chá junto com a ceia fria. Em volta da mesa estavam reunidos todos os que haviam passado a noite na casa do conde Bezukhov. Pierre lembrava-se bem desse salãozinho redondo repleto de espelhos e mesinhas. Por ocasião dos bailes na casa do conde, Pierre, que não sabia dançar, gostava de instalar-se ali para observar as damas em trajes de gala, com diamantes e pérolas sobre os ombros nus, atravessando essa peça brilhantemente iluminada para se admirarem diante dos espelhos que lhes refletiam a imagem um grande número de vezes. Agora, o mesmo salão era iluminado apenas por duas velas e, na obscuridade, o chá e os frios estavam

desordenadamente dispostos numa mesinha; e os presentes, não mais em festa, cochichavam mostrando, em cada palavra e cada gesto, que não esqueciam o que se estava passando e o que estava para passar-se no quarto.

Pierre não comeu nada apesar do apetite que sentia. Voltou-se para a guia com ar interrogador, e viu-a dirigir-se na ponta dos pés para a sala onde o príncipe Vassili ficara com a princesa. Supondo que isso também fosse necessário, seguiu-lhe os passos. Ana Mikhailovna estava perto da princesa, e ambas ao mesmo tempo falavam em voz baixa e agitada.

— Por favor, princesa, sei muito bem o que é preciso e o que não é — dizia a princesa, que estava tão emocionada como no momento em que batera à porta de seu quarto.

— Mas, cara princesa — dizia afetuosa mas obstinadamente Ana Mikhailovna, impedindo-a de ir para o quarto —, não será demasiadamente doloroso para o pobre tio, nesse momento que o repouso lhe é tão necessário? Falar-lhe num assunto tão material nesse momento que já está com a alma preparada!

O príncipe Vassili estava sentado na sua posição habitual com as pernas cruzadas. Suas faces estavam contraídas e, quando relaxavam, pareciam mais gordas, mas tinha o aspecto de quem não estava se preocupando com a conversa das duas mulheres.

— *Voyons, ma bonne* Ana Mikhailovna, deixe Katicha fazer como entende. Sabe bem que o conde gosta dela.

— Nem sei o que diz esse papel — fez a princesa dirigindo-se ao príncipe Vassili e mostrando a pasta de couro com mosaico que tinha na mão.

— Sei apenas que o verdadeiro testamento está nos aposentos dele, na escrivaninha, e que este é um papel esquecido... — Quis passar, mas Ana Mikhailovna, num ímpeto, deteve-a novamente.

— Eu sei, minha cara e boa princesa — disse Ana Mikhailovna segurando a pasta com tanta força que deixou ver que não a largaria facilmente.

— Cara princesa, peço-lhe, tenha pena dele... suplico-lhe...

A princesa calou-se. Ouvia-se apenas o barulho da luta pela pasta.

Sentia-se que, se Katicha falasse, não diria coisas muito agradáveis para Ana Mikhailovna. Ana segurava com força, mas, apesar disso, sua voz continuava

calma e afetuosa.

— Pierre, meu amigo, aproxime-se. Penso que ele não seja um estranho no conselho de família, não é verdade, príncipe?

— Por que se cala, *mon cousin*? — gritou a princesa de repente e tão alto que todos que estavam no salãozinho se assustaram com sua voz. — Por que se conserva calado, quando Deus sabe quem está procurando fazer escândalos no limiar da porta de um agonizante! Intrigante — disse puxando com cólera a pasta.

Mas Ana Mikhailovna deu alguns passos para não a deixar escapar e segurou-a novamente.

— Oh! — fez o príncipe Vassili em tom de pasmo e censura, levantando-se. — Mas isto é ridículo! Larguem, estou lhes dizendo.

A princesa deixou.

— Faça o mesmo.

Ana Mikhailovna não o obedeceu.

— Deixe, digo-lhe, tomo tudo a meu cargo. Eu mesmo vou perguntar. Eu... estão satisfeitas?

— *Mais, mon prince* — disse Ana Mikhailovna —, depois de um tão grande sacramento, dê-lhe um momento de repouso. Pierre aí está, dê sua opinião — disse ao rapaz, que se aproximava deles e olhava perplexo a expressão maldosa da princesa, que perdera toda a compostura, e as faces agitadas do príncipe Vassili.

— Lembre-se de que será responsabilizada por todas as consequências — disse severamente o príncipe. — Não sabe o que está fazendo.

— Mulher perversa! — exclamou a princesa atirando-se sobre Ana Mikhailovna e arrebatando-lhe a pasta.

O príncipe Vassili baixou a cabeça e abriu os braços.

Nesse momento, a porta, essa terrível porta que Pierre fitava havia já alguns instantes e que ordinariamente movia-se com tanta suavidade, abriu-se violentamente e foi de encontro à parede. A princesa do meio apareceu batendo as mãos:

— O que fazem aí! — gritou com desespero. — Ele está partindo e vocês me deixam só.

A princesa mais velha deixou cair a pasta. Ana Mikhailovna apanhou rapidamente o objeto disputado e correu para o quarto. A princesa mais velha e o príncipe Vassili, controlando-se, entraram atrás dela. Ao cabo de alguns minutos, a princesa voltou, com o rosto pálido, seco, mordendo o lábio inferior. Vendo Pierre, não pôde conter a cólera que a dominava.

— Regozije-se agora, era o que esperava — disse, cobrindo o rosto com o lenço, e saiu da sala soluçando.

Em seguida, apareceu o príncipe Vassili. Cambaleando, foi até o divã onde Pierre estava, caiu a seu lado cobrindo o rosto com as mãos. Pierre notou que estava pálido e que seu queixo tremia como se estivesse com febre.

— Ah! meu amigo — disse segurando Pierre pelo braço, e na sua voz deixava transparecer uma doçura e uma sinceridade que o jovem jamais notara. — Como pecamos e como mentimos, e tudo isso por quê? Já tenho mais de cinquenta anos, meu amigo... Para mim, tudo terminará com a morte, tudo. A morte é horrível. — E caiu em pranto.

Ana Mikhailovna foi a última a sair. A passos lentos e suaves, aproximou-se de Pierre.

— Pierre! — chamou. Ele olhou-a interrogativamente. Ela beijou a fronte do rapaz, deixou cair algumas lágrimas e calou-se. — Não existe mais...

Pierre olhou-a através dos óculos.

— Venha, eu o acompanho. Procure chorar. Nada alivia tanto como as lágrimas.

Levou-o para uma sala escura onde Pierre ficou satisfeito por ninguém ali poder ver seu rosto. Ana Mikhailovna deixou-o e, quando voltou, encontrou-o com a cabeça apoiada na mão, dormindo profundamente.

Na manhã seguinte ela lhe disse:

— Sim, meu caro, é uma grande perda para nós todos. Não falo de você. Mas Deus o sustentará, você é jovem e agora está diante de uma imensa fortuna, segundo espero. O testamento ainda não foi aberto. Conheço-o bastante para saber que isso não lhe virará a cabeça, mas lhe impõe certos deveres, e é preciso ser homem.

Pierre ficou calado.

— Talvez eu lhe diga mais tarde, meu caro, e se eu não estivesse aqui, só Deus sabe o que teria acontecido. Sabe que meu tio, ainda anteontem, me prometeu de não esquecer Boris. Mas não teve tempo. Espero, meu querido amigo, que você cumpra o desejo de seu pai.

Pierre não entendia nada; em silêncio e corando, olhou-a discretamente. Ana Mikhailovna, depois de ter conversado com Pierre, foi dormir na casa dos Rostov. Ao acordar-se, contou-lhes, como a todos os conhecidos, os detalhes da morte do conde Bezukhov. Disse que o conde morrera como ela mesma desejava morrer, que seu fim não fora só emocionante, mas edificante, e que o último encontro do pai com o filho havia sido tão comovente que não era possível lembrar sem lágrimas e que não sabia quem se portara melhor nesse momento terrível: se o pai, que nos últimos instantes se lembrava de tudo e de todos e dizia ao filho palavras tão afetuosas, ou Pierre que dava lástima ver, tal era sua emoção, e que, apesar disso, procurava escondê-la para não impressionar o pai agonizante. — Isto é doloroso, mas faz bem à gente. Eleva a alma ver homens como o velho conde e o seu digno filho — dizia. Quanto à atitude do príncipe Vassili e da princesa, sem comentá-la, relatava-a em voz baixa sob promessa de sigilo.

XXII

O príncipe André e a princesinha estavam sendo esperados todos os dias em Lissia-Gori, domínio do príncipe Nicolau Andreievitch Bolkonski. Mas a espera não perturbava o ritmo severo da casa do velho príncipe.

O general em chefe, príncipe Nicolau Andreievitch, apelidado *le roi de Prusse*, permanecia em Lissia-Gori, com a filha, princesa Maria, a dama de companhia, Mademoiselle Bourienne, desde que Paulo I o exilara. Apesar de o novo imperador lhe ter autorizado a entrada nas capitais, continuava a vida no campo, e sempre dizia que quem quisesse vê-lo poderia fazer as cento e cinquenta *verstas* [\[7\]](#) que separam Moscou de Lissia-Gori, mas que ele não precisava de nada nem de ninguém. Costumava dizer que os vícios humanos têm duas fontes: a ociosidade e a superstição, e que existem apenas duas virtudes: a atividade e a inteligência. Tomou a seu cargo a educação da filha e, para

desenvolver-lhe essas duas virtudes capitais, até a idade de vinte anos, ensinava-lhe álgebra e geometria e dividia a existência dela numa série ininterrupta de ocupações. Ele próprio sempre estava ocupado: ora escrevendo suas memórias, ora resolvendo problemas de matemática, ora torneando caixas de rapé, ora trabalhando no jardim, ora fiscalizando as construções que nunca cessavam. Sendo a ordem a condição principal de atividade, sua vida era ordenada até o exagero. As refeições eram sempre feitas da mesma forma e não só na mesma hora, como no mesmo minuto. Com todas as pessoas que o cercavam, era severo e terrivelmente exigente, desde a filha até os criados. Assim, apesar de não ser mau, infundia um respeito e um temor como se fosse o mais cruel dos homens. Ainda depois de reformado e sem nenhuma influência nos negócios de Estado, todo governador da província onde ficavam seus domínios julgava-se na obrigação de visitá-lo, e assim como o arquiteto, o jardineiro ou a princesa Maria, esperava a hora marcada pelo príncipe na grande sala de audiências. E todos que esperavam nessa sala eram dominados por um sentimento de respeito, não muito longe do receio, quando a grande porta do gabinete se abria para dar passagem ao pequeno ancião de peruca empoada, mãos descarnadas e pequenas, supercílios grisalhos e caídos que velavam o brilho dos olhos inteligentes e jovens.

Na manhã da chegada do jovem casal, como habitualmente, a princesa Maria entrava na sala de audiências na hora exata do cumprimento matinal. Persignou-se receosa e fez uma oração mental. Todos os dias, ao entrar, rezava para que tudo corresse bem. O velho lacaios empoado que estava na sala levantou-se devagar dizendo-lhe em voz baixa:

— Queira entrar.

Do gabinete ouvia-se o barulho de um torno de carpinteiro. Timidamente, a princesa empurrou a porta, que se abriu facilmente, e parou no limiar. O príncipe trabalhava no torno. Levantou a cabeça e continuou seu trabalho.

O enorme gabinete estava cheio de objetos que pareciam constantemente manuseados. Ali, tudo indicava uma atividade infatigável, variada e regrada: uma mesa comprida cheia de livros e mapas, os armários de livros com as chaves nas portas, uma mesa alta para escrever em pé com um caderno aberto e o torno de carpinteiro com as ferramentas preparadas e as aparas de madeira

espalhadas no chão. Pelo movimento de sua pequena bota tártara bordada de fio de prata, e a pressão firme da mão descarnada com as veias ressaltadas, percebia-se a força tenaz de uma velhice sadia. Depois de algumas voltas, tirou o pé do pedal limpou o formão que guardou numa bainha de couro fixada ao próprio torno e, aproximando-se da mesa, chamou a filha. Nunca abençoava os filhos, mas estendendo-lhe a face, ainda não barbeada nesse dia, e olhando-o com atenção e afeto perguntou-lhe com severidade:

— Tudo bem? Vamos, senta.

Pegou o caderno de geometria que ele mesmo escrevera e, com o pé, puxou a cadeira.

— Para amanhã — disse, procurando rapidamente a página, e marcando com a unha parágrafo por parágrafo. A princesa inclinou-se sobre o caderno. — Espera, há uma carta para ti — disse o velho de repente, tirando da bolsa fixada à mesa um envelope sobrescrito com letra feminina.

Vendo a carta, o rosto da princesa cobriu-se de manchas vermelhas. Pegou-a rapidamente.

— É de Heloísa? — perguntou o príncipe com um sorriso frio e mostrando os dentes amarelos mas ainda sãos.

— Sim, da parte de Júlia — respondeu a princesa sorrindo timidamente.

— Deixarei passar ainda duas cartas, mas lerei a terceira — disse o príncipe em tom severo. — Receio que vocês estejam escrevendo muita bobagem. Lerei a terceira.

— Leia esta, *mon père* — retrucou a princesa, corando ainda mais e estendendo-lhe a carta.

— A terceira, digo, a terceira — tornou o príncipe, repelindo a carta. E apoiando-se na mesa, puxou o caderno ilustrado com figuras geométricas. — Muito bem, moça — começou o velho ao lado da filha, inclinando-se sobre o caderno e segurando o encosto da cadeira em que a princesa estava sentada de forma a ela sentir-se completamente envolvida por esse cheiro de fumo e velhice, peculiar a seu pai, e que conhecia há tanto tempo. — Muito bem, esses triângulos são semelhantes: vês, o ângulo a, b, c...

Com pavor, a princesa espreitava os olhos brilhantes do pai, as faces coravam, via-se que não estava entendendo nada e que o medo a impediria de

compreender as explicações do príncipe por mais claras que fossem. De quem era a culpa, do professor ou da aluna? Todos os dias, porém, era a mesma coisa: ficava com os olhos turvos, não via nem ouvia nada, apenas sentia perto de si o rosto seco do severo professor, a respiração, o cheiro, e só pensava em sair o mais depressa possível do gabinete para livremente, em seu quarto, resolver o problema. O velho se exaltava ruidosamente, empurrava e puxava a poltrona em que estava sentado, esforçando-se para ficar calmo, mas quase todos os dias dizia-lhe uma porção de grosserias e acabava atirando o caderno longe.

A princesa enganou-se na resposta.

— É, não passas de uma idiota! — gritou empurrando o caderno e virando-se rapidamente. Levantou-se depois, deu alguns passos, passou a mão nos cabelos da princesa e sentou-se novamente.

Aproximou-se e continuou a explicação.

— É inadmissível, princesa, inadmissível — disse quando ela fechou o caderno depois da lição e aprontava-se para sair. — A matemática é uma grande coisa, minha cara. Não quero que pareças com todas essas mulheres ignorantes. Não é nada, acabarás te acostumando, e até gostando. — Acariciou-lhe o rosto. — Isso há de tirar a tolice da tua cabeça.

Quando ia sair, ele a interrompeu com um gesto, tomando um livro novo, ainda não cortado, que estava sobre a mesa.

— Olha aqui, tua Heloísa manda-te também *La Clef du mystère*. É um livro religioso, e eu não me envolvo com religião de ninguém. Passei uma vista d'olhos, leva-o. Muito bem, podes ir. — Bateu-lhe no ombro e fechou brandamente a porta atrás dela.

A princesa Maria voltou para seu quarto com uma expressão triste, assustada, que raramente a deixava e tornava ainda mais feio seu rosto doentio. Sentou-se na secretária cheia de miniaturas e amontoadas de livros e cadernos. Era tão desorganizada quanto seu pai era metódico. Largou o caderno de geometria e abriu a carta apressadamente. Era de sua melhor amiga de infância, a mesma Júlia Kariaguina que estivera na festa dos Rostov.

Júlia escrevia em francês:

Cara e boa amiga, como a ausência é terrível e assustadora! Por mais que diga que a metade de minha existência e de minha felicidade está com você, que apesar da distância que nos separa, nossos corações estão unidos por laços indissolúveis, o meu revolta-se contra o destino, e não posso, apesar dos prazeres e das distrações que me cercam, vencer uma tristeza íntima que sinto desde a nossa separação.

Por que não nos reunimos como naquele verão, no nosso grande gabinete, sentadas no sofá azul, o sofá das confidências? Por que não posso, como há três meses, restaurar minhas forças morais no seu olhar tão doce, tão calmo e tão penetrante, olhar de que gosto tanto e que tenho a impressão de ver diante de mim quando lhe escrevo.

Tendo lido essa passagem, a princesa Maria suspirou e olhou-se num espelho que havia à sua direita. O espelho refletiu um corpo desgracioso, franzino e um rosto magro. O olhar sempre triste parecia adquirir, diante do espelho, uma expressão de ainda mais acentuada melancolia. “Ela me lisonjeia”, pensou a princesa. E, voltando-se, continuou a leitura. No entanto, Júlia não lisonjeava a amiga. Realmente, os olhos da princesa, grandes, profundos, por vezes brilhantes como se emitissem raios de luz cálida, eram tão lindos que não raro, apesar da feiura do rosto, tornavam-se mais atraentes que qualquer beleza. Mas a princesa nunca havia visto a expressão boa de seus olhos, a expressão que tinham quando não pensava em si mesma. Como em toda a gente, seu rosto tomava uma expressão artificial e desajeitada diante do espelho. Continuou a ler:

Em Moscou só se fala em guerra. Um de meus irmãos já está no exterior e o outro está na guarda marchando já para a fronteira. Nosso querido imperador deixou Petersburgo, e, segundo dizem, pretende expor sua preciosa existência aos azares da guerra. Deus queira que o monstro corso, que destrói o repouso da Europa, seja esmagado pelo anjo que o Todo-Poderoso, na sua misericórdia, nos deu como soberano. Sem falar de meus irmãos, esta guerra me privou de uma relação das mais caras ao meu coração. Falo do jovem Nicolau Rostov, cujo entusiasmo não pôde suportar a inação e deixou a Universidade para engajar-se no exército. Pois bem, cara amiga, confesso-lhe que, apesar de sua extrema mocidade, a partida de Nicolau para o exército foi um grande pesar para mim. O rapaz, de quem lhe falei este verão, é tão nobre, de uma mocidade tão verdadeira como muito raramente se encontra nesse século de anciãos de vinte anos. É acima de tudo tão franco e de tão bons sentimentos, tão puro e poético, que nossas relações, por mais passageiras que tenham sido, foram uma das maiores satisfações de meu pobre coração que já sofreu tanto. Um dia lhe contarei as nossas despedidas e tudo que se disse nessa ocasião. Tudo isso ainda é muito recente. Ah! minha cara amiga, como é feliz não conhecendo essas alegrias e esses pesares tão pungentes. É feliz, porque as últimas são, em geral, as mais fortes! Bem sei que o conde Nicolau é demasiadamente jovem para vir a ser, um dia, qualquer coisa mais que um amigo, mas essa doce amizade, essas relações românticas e puras, foram uma

necessidade para meu coração. Mas não falemos mais nisso. A grande novidade do dia que preocupa toda Moscou é a morte do velho conde Bezukhov e sua herança. Imagine que as três princesas receberam muito pouca coisa, o príncipe Vassili nada, e foi Pierre quem herdou tudo, além de ter sido reconhecido como filho legítimo, por conseguinte, conde Bezukhov e possuidor da mais bela fortuna da Rússia. Dizem que o príncipe Vassili agiu muito mal em toda essa história e que voltou muito abatido para Petersburgo.

Confesso-lhe que entendo muito pouco desses negócios de legados e testamentos. O que sei é que desde que o rapaz, que todos conhecíamos simplesmente como senhor Pierre, tornou-se conde Bezukhov e possuidor de uma das maiores fortunas da Rússia, divirto-me muito em observar a mudança de tom e de modos das mães carregadas de filhas a casar, e mesmo das moças, em relação a esse indivíduo que, entre parênteses, sempre me pareceu um cidadão de triste figura. Como essa gente se diverte nestes dois últimos anos a atribuir-me noivos que na maioria das vezes nem conheço, a crônica matrimonial de Moscou já me fez condessa Bezukhov. Mas esteja certa de que não ambiciono nem um pouco esse título. A propósito de casamento, imagine que ultimamente a tia de todo mundo, Ana Mikhailovna, confiou-me, sob promessa do maior sigilo, um projeto de casamento para você. E se trata de ninguém menos que Anatole, o filho do príncipe Vassili, que pretendem regenerar casando-o com uma pessoa rica e de boa família; e a escolha dos pais recaiu em você. Não sei como receberá essa proposta, mas julguei-me no dever de preveni-la. Dizem que é muito bonito e de muito mau caráter; foi tudo que pude saber a seu respeito.

Mas chega de conversa fiada. Estou terminando a segunda folha e mamãe mandou chamar-me para irmos jantar nos Apraxine. Leia o livro místico que lhe mando e que está fazendo furor aqui. Apesar das coisas difíceis de compreender para o fraco entendimento humano, é um livro admirável cuja leitura apazigua e eleva a alma.

Adeus. Saudações ao senhor seu pai e meus cumprimentos a Mademoiselle Bourienne. Beijos com muito amor,

Júlia

P.S. — Mande-me notícias de seu irmão e de sua pequena e encantadora mulher.

A princesa ficou um momento pensativa, refletindo com um sorriso no rosto (então, o rosto iluminado pelos olhos radiantes, transformou-se completamente). Levantou-se de repente, dirigiu-se, resoluta, para a mesa. Pegou uma folha de papel e começou a escrever rapidamente.

Eis o que escreveu em resposta: [\[8\]](#)

Cara e excelente amiga,

Sua carta do dia 13 me causou um grande prazer. Então, a minha poética Júlia continua a querer-me bem! Apesar de dizer tanto mal da ausência, ela não lhe provocou como costuma. Queixa-se da ausência — e o que deveria eu dizer se ousasse queixar-me, privada de todos os que me são caros? Ah! Se não tivéssemos a religião como consolo, a vida seria bem triste.

Por que me imagina severa quando fala na sua afeição pelo rapaz? Nesse assunto, sou rígida apenas comigo mesma. Compreendo esses sentimentos nos outros, e se não posso aprovar, por nunca os ter sentido, também não os condeno. Parece-me, apenas, que o amor cristão, o amor ao próximo, o amor aos inimigos é mais meritório, mais doce e mais belo que os sentimentos que podem inspirar os belos olhos de um rapaz a uma moça romântica e apaixonada como você.

A notícia da morte do conde Bezukhov chegou aqui antes de sua carta, e meu pai sentiu muito. Disse que era o penúltimo representante do grande século e que agora é sua vez, mas que fará tudo para que isso seja o mais tarde possível. Que Deus nos guarde dessa terrível desgraça. Não posso concordar com você a respeito de Pierre, que conheci criança. Sempre me pareceu ter um excelente coração, a qualidade que mais estimo nas pessoas. Quanto à sua herança e ao papel que fez o príncipe Vassili, é bem triste para ambos. Ah! Cara amiga, a palavra de nosso divino Salvador, dizendo ser mais fácil a um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no reino de Deus, é terrivelmente verdadeira. Lastimo o príncipe Vassili e sinto ainda mais por Pierre. Tão moço e já esmagado por essa fortuna, quantas tentações não sofrerá? Se me perguntassem o que mais desejaria no mundo, diria que era ser tão pobre como o mais miserável dos mendigos. Muito agradecida pelo livro que me manda e que está fazendo tanto furor aí. No entanto, já que diz que no meio de diversas boas coisas há outras que a fraca concepção

humana não pode compreender, parece-me inútil a gente preocupar-se com uma leitura ininteligível, e, por isso mesmo, de nenhum proveito. Nunca compreendi a paixão que certas pessoas têm por confundir o próprio entendimento apegando-se a leituras místicas que só lhes trazem a dúvida, exaltam-lhes a imaginação criando uma mentalidade exagerada e completamente contrária à simplicidade cristã. Leiamos os Apóstolos e o Evangelho. Não procuremos penetrar o que contêm de misterioso, porque, como ousaríamos, miseráveis pecadores que somos, pretender iniciar-nos nos segredos terríveis e sagrados da Providência, enquanto carregamos este envoltório de carne que ergue um véu impenetrável entre nós e o Eterno? Preocupemo-nos, pois, a estudar os princípios sublimes que nosso divino Salvador nos deixou, para traçar nossa conduta neste mundo; procuremos nos conformar e os seguir na persuasão de que, quanto menos desenvolvimento dermos a nosso fraco espírito humano, mais agradáveis nos tornamos a Deus, que repele toda ciência que não procede d'Ele; quanto menos procurarmos aprofundar o que Ele julgou útil subtrair a nosso conhecimento, tanto mais cedo Ele revelará a nós pelo seu divino espírito.

Meu pai não me falou do pretendente, mas disse-me apenas que recebera uma carta e aguardava a visita do príncipe Vassili. Quanto ao projeto de casamento que me diz respeito, devo dizer-lhe, cara

amiga, que o matrimônio, na minha opinião, é uma instituição divina com a qual é necessário conformar-se. Por mais penoso que isso seja para mim, se o Todo-Poderoso impuser-me os deveres de esposa e mãe, procurarei cumpri-los o mais fielmente que possa, sem inquietar-me pelos meus sentimentos para com aquele que Ele quiser dar-me para esposo.

Recebi uma carta de meu irmão comunicando-me sua vinda a Lissia-Gori em companhia de sua mulher. Será uma alegria de curta duração, pois nos deixa para tomar parte nessa infeliz guerra, para a qual somos todos arrastados, sabe Deus como e por quê. Não somente aí, nesse centro social e político, se fala em guerra, mas aqui, no meio dos trabalhos campestres e da calma da natureza, como os cidadãos imaginam ordinariamente o interior, os rumores da guerra se fazem ouvir e sentir penosamente. Meu pai só fala de marchas e contramarchas, coisas que não compreendo absolutamente. E anteontem, fazendo meu passeio habitual na rua da aldeia, fui testemunha de uma cena de partir o coração... Era um comboio de recrutas alistados aqui, e remetidos para o exército. Você precisava ver o estado das mães, mulheres e filhos dos homens que partiam! Precisava ouvir os soluços de uns e de outros! Diriam que a humanidade esqueceu a lei de seu divino Salvador, que pregava o amor e o perdão das ofensas, fazendo consistir seu maior mérito na arte de se matarem uns aos outros.

Adeus, cara e boa amiga, que nosso divino Salvador e Sua santíssima Mãe a conservem em sua santa e poderosa guarda.

Maria

— Ah, está tratando da sua correspondência, princesa. Eu já despachei a minha. Escrevi à minha pobre mãe — dizia a sorridente Mademoiselle Bourienne, com sua voz viva e agradável, carregando nos erres e introduzindo, no ambiente fechado, sombrio e triste da princesa Maria, qualquer coisa de alegre e leve. — Princesa, tenho de preveni-la — acrescentou baixando a voz —, o príncipe teve uma alteração — continuou, escutando com prazer os seus erres guturais — com Mikhail Ivanov. Está de muito mau humor, muito sombrio. É bom que esteja avisada, como sabe...

— Ah, *chère amie* — interrompeu a princesa Maria —, já lhe pedi que nunca me prevenisse sobre a disposição em que se encontra meu pai. Eu não me permito julgá-lo, e não desejaria que outros o fizessem.

A princesa olhou o relógio e, verificando que já haviam passado cinco minutos da hora de sentar-se ao cravo, com ar temeroso dirigiu-se para a sala de música. Entre meio-dia e duas horas, conforme as regras da casa, o príncipe descansava e a princesa Maria se exercitava no cravo.

XXIII

O grisalho criado de quarto, sentado numa cadeira, cochilava, ouvindo o príncipe roncar no grande gabinete. Ouvia ainda, da ala mais recuada da casa, através de portas fechadas, vinte vezes repetidas as passagens difíceis da sonata de Dussek.

Nesse momento, um carro e uma *britchka* [\[9\]](#) paravam diante da entrada principal. O príncipe André desembarcou, dando a mão à princesinha e fazendo-a passar na frente. O velho Tikhon, aparecendo no limiar do vestíbulo com sua peruca cinza, anunciou em voz baixa que o príncipe estava dormindo e fechou a porta apressadamente. Ele sabia que nem a chegada do filho, nem o acontecimento mais extraordinário, devia perturbar o hábito quotidiano. O príncipe André, que, sem dúvida, sabia disso tão bem quanto Tikhon, consultou o relógio para certificar-se de que seu pai não havia mudado de hábitos e disse à mulher:

— Estará acordado dentro de vinte minutos, vamos ver a princesa Maria.

A princesinha estava muito mais pesada, mas os olhos e o labiozinho curto e sorridente conservavam a mesma maneira alegre e graciosa quando ela falava.

— Mas isto é um palácio — disse, olhando o marido com a expressão de quem felicita um anfitrião em dia de festa. — Vamos, depressa!... — Voltou-se, sorrindo a Tikhon, ao marido e a um laçao que os acompanhava.

— É Maria que se exercita? Vamos de mansinho para lhe fazer uma surpresa.

O príncipe André acompanhava-a com uma expressão afetuosa e triste.

— Envelheceste, Tikhon — disse ao passar pelo velho, que lhe beijava a mão.

Quando estavam diante do aposento onde tocavam o cravo, apareceu, saindo de uma porta lateral, a linda e loura francesa, Mademoiselle Bourienne, que parecia louca de alegria.

— Ah! Que alegria para a princesa — disse ela. — Bem, tenho de preveni-la.

— Não, não, por favor... A senhora é Mademoiselle Bourienne, já a conheço pela amizade que tem com minha cunhada — respondeu a princesa, beijando a francesa. — Ela não nos espera!

Aproximaram-se da porta da saleta de onde se ouvia a mesma passagem repetida. O príncipe André parou, fazendo uma careta, como se esperasse alguma coisa desagradável.

A princesa entrou e a música silenciou. Ouviu-se um grito, os passos pesados da princesa Maria e o ruído de beijos. Quando o príncipe entrou, as duas cunhadas, que haviam se conhecido apenas por ocasião do casamento, beijavam-se fortemente abraçadas. Mademoiselle Bourienne, ao lado, com a mão no coração, sorria tristemente, prestes a chorar ou a rir. O príncipe André deu de ombros e fez uma careta como fazem os amantes de música ao ouvir uma nota em falso. As duas mulheres se separaram, e novamente, como se receassem perder-se, recomeçaram a beijar-se de mãos dadas, e, coisa completamente inesperada para o príncipe, ambas começaram a chorar, enlaçando-se mais uma vez. Mademoiselle Bourienne também chorava.

O príncipe André parecia constrangido, mas as duas mulheres achavam tão natural chorar que nem podiam imaginar um encontro de outra forma.

— *Ah! Chère!... Ah! Marie!...* — disseram as duas, rindo subitamente.

— Tive um sonho esta noite...

— Então não nos esperava?... Ah! Maria, você está mais magra...

— E você engordou...

— Eu reconheci logo a senhora princesa — disse Mademoiselle Bourienne.

— E eu, que nem desconfiava!... — exclamou a princesa Maria. — Ah! André, não o tinha visto.

O príncipe André beijou a irmã dizendo que ela continuava sempre a mesma chorona. A princesa Maria voltou-se para o irmão, e através das lágrimas, seus olhos ternos e ardentes, nesse momento grandes e brilhantes, fixaram-se nele. A princesinha falava constantemente. O labiozinho superior baixava-se a cada instante, tocando o inferior, vermelho, e novamente os dentes e os olhos brilhavam num sorriso.

A princesinha contou um acidente que sofrera na montanha de Spasskaia e que, no estado em que estava, poderia ter tido consequências piores. Em seguida, disse que deixara todos os vestidos em Petersburgo e trazia sabe Deus o quê. E que André estava completamente mudado; que Kitia Odentzova casara com um velho; e que havia um noivo *pour tout de bon* para a princesa Maria, mas que ela só diria depois. Maria, sempre silenciosa, continuava olhando o irmão, com seus lindos olhos cheios de amor e tristeza. Via-se que seus pensamentos estavam

desligados do que sua cunhada dizia. No meio de uma história sobre as últimas festas de Petersburgo, dirigiu-se ao irmão:

— E vais para a guerra, André? — perguntou, suspirando.

Lisa estremeceu também.

— Amanhã mesmo — respondeu o irmão.

— Ele me abandona aqui, sabe Deus por quê, quando podia ser promovido...

— A princesa Maria, sem ouvir, seguindo o fio de seus pensamentos, dirigiu-se à cunhada, olhando afetuosamente para seu ventre.

— É certo? — perguntou.

— Sim, certo. E verdadeiramente terrível — disse a princesinha suspirando e mudando completamente.

O pequeno lábio de Lisa tremia. Encostou o rosto ao da cunhada e começou a chorar novamente.

— Ela precisa descansar — disse o príncipe franzindo o cenho. — Não é, Lisa? Leva-a para o teu quarto enquanto procuro nosso pai. E ele, continua sempre o mesmo?

— O mesmo. Não sei o que achará dele — respondeu a irmã, rindo.

— E as mesmas horas, os mesmos passeios pelas alamedas? E o torno? — perguntou com um sorriso quase imperceptível, mostrando que, apesar do amor e respeito que tinha pelo pai, via sua fraqueza.

— As mesmas horas, o mesmo torno e a mesma matemática e minhas lições de geometria — respondeu alegremente a princesa Maria, como se essas lições fossem uma das coisas mais alegres de sua vida. Passados os vinte minutos, o príncipe acordou. Tikhon veio chamar o rapaz. Em homenagem à chegada do filho, o velho mudara um pouco seus hábitos. Mandou que o introduzissem no quarto enquanto se preparava para o jantar. O príncipe trajava à moda antiga, empoava o cabelo e usava sobrecasaca. No momento em que o príncipe André (não com a expressão desdenhosa e amaneirada que ele próprio se impunha nos salões, mas com a mesma fisionomia aberta que tinha quando conversava com Pierre) entrava nos aposentos do pai, o velho, no gabinete de toilette, sentado numa grande poltrona de marroquim, e coberto por um guarda-pó, entregava a cabeça aos cuidados de Tikhon.

— Então, guerreiro! Queres vencer Bonaparte! — disse, sacudindo a cabeça empoada o quanto permitia a trança, que Tikhon tinha na mão. — Sim, sim, segura-o bem, senão seremos seus vassalos brevemente. Como vai? — E mostrou-lhe o rosto para cumprimentá-lo.

Alguns minutos de sono deixaram-no de bom humor. Costumava dizer que o sono depois do jantar é prata e, antes, ouro. Olhava alegremente o filho, sob os grossos supercílios caídos.

O príncipe André aproximou-se e beijou-o no lugar que ele lhe indicava. Nada respondeu quanto ao assunto favorito do pai: a zombaria sobre os militares da época e especialmente sobre Bonaparte.

— Sim, pai, cheguei em sua casa com minha mulher grávida — disse o príncipe André acompanhando, com o olhar animado e respeitoso, os movimentos de cada traço da fisionomia do velho. — E o senhor como vai?

— Meu caro, só os imbecis e os depravados passam mal, e tu me conheces, da manhã à noite me ocupo moderadamente, logo, vou muito bem.

— Deus seja louvado — disse o filho sorrindo.

— Deus não tem nada com isso. — E voltando ao assunto predileto: — E então, conta como os alemães nos ensinaram a combater Bonaparte segundo essa nova ciência de vocês chamada estratégia.

O príncipe André sorriu.

— Meu pai, deixe-me tomar pé — disse num sorriso que mostrava quanto o respeitava e o amava apesar de seu fraco. — Ainda não abri as malas.

— Não faz mal, não faz mal — gritou o velho sacudindo a pequena trança para ver se estava bem-arrumada. Segurando o filho pela mão: — O aposento de tua mulher está pronto, a princesa Maria lhe mostrará tudo; conversar incessantemente é o prazer das mulheres. Estou muito contente em tê-la aqui. Senta e conta. Compreendo o exército de Mikhelson, o de Tolstói também... o desembarque simultâneo... E o que deve fazer o exército do sul? A Prússia conservar-se neutra, eu sei. E a Áustria? — perguntou, levantando-se e caminhando pelo quarto, seguido de Tikhon, que, correndo atrás, lhe estendia as últimas peças do vestuário. — O que fará a Suécia? Como passarão a Pomerânia?

A essas perguntas do pai, o príncipe André, a princípio sem ardor, mas animando-se aos poucos e pulando involuntariamente do russo para o francês, devido ao hábito, expôs ao velho os planos da campanha projetada. Contou que um exército de noventa mil homens deveria ameaçar a Prússia para fazê-la abandonar a neutralidade e entrar na guerra; que uma parte desse exército devia unir-se aos exércitos suecos em Stralsund; que duzentos e vinte mil austríacos reunidos a cem mil russos deviam operar na Itália e no vale do Reno, e que cinquenta mil russos e outros cinquenta mil ingleses desembarcariam em Nápoles; em resumo, que um exército de quinhentos mil homens invadiria a França pelas diversas fronteiras.

O velho príncipe, que parecia não estar ouvindo, demonstrava o mínimo de interesse e continuava a vestir-se caminhando, interrompeu-o três vezes de forma imprevista.

A primeira vez parou e gritou:

— Branco! Branco! — Isso significava que Tikhon não lhe dava o colete que queria.

A outra vez parou e perguntou:

— O parto é para breve? — E, sacudindo a cabeça, disse num tom de censura: — Isso é ruim. Continua, continua.

A terceira vez, quando o rapaz terminava de falar, o velho cantarolou com uma voz fraca e desarmada:

— “*Malbrough s’en va-t-en guerre, Dieu sait quand reviendra.*” [\[10\]](#)

O filho sorriu.

— Não digo que aprovo esse plano, mas o que é certo é que Napoleão também já formou um plano que não deve ser pior que esse.

— Afinal, não me contou nada de novo. — E, pensativo, murmurou rapidamente: — “*Dieu sait quand reviendra.*” Vai para a sala de jantar.

XXIV

À hora marcada, empoado e barbeado, o príncipe apareceu na sala de jantar onde o esperavam sua nora, a princesa Maria, Mademoiselle Bourienne e o arquiteto do príncipe, que, por um estranho capricho deste, era admitido à mesa, embora, pela situação que ocupava, esse homem insignificante não pudesse esperar semelhante honra. Ele, que sempre dera uma grande importância à distinção das ordens e das classes e que

raramente admitia à sua mesa importantes funcionários, subitamente, com o arquiteto Mikhail Ivanovitch, que limpava o nariz com o canto do lenço axadrezado, queria provar que todos os homens são iguais, e muitas vezes mostrava à filha que Mikhail Ivanovitch não era inferior a eles. Na mesa, dirigia-se de preferência ao silencioso arquiteto.

Na sala de jantar muito alta e espaçosa, como aliás todas as peças da casa, os familiares e os lacaios, atrás de cada cadeira, esperavam o príncipe; o mordomo, de guardanapo no braço, inspecionava os preparativos, piscava os olhos aos criados e, sem parar, inquieto, olhava do relógio para a porta por onde devia entrar o chefe da casa. O príncipe André examinava um grande quadro dourado, novo para ele, com a árvore genealógica dos príncipes Bolkonski. O quadro estava preso defronte a um quadro semelhante, emoldurando o retrato malfeito (evidentemente, por um pintor da casa do príncipe) de um senhor coroado que, provavelmente, representava um descendente de Rurik e que devia ser o fundador da linhagem dos Bolkonski. Sacudindo a cabeça e rindo, olhou essa árvore genealógica como se olha um retrato tão parecido ao ponto de se tornar ridículo.

— Como é bem dele — disse à princesa Maria, que se aproximava. A princesa olhou o irmão com surpresa. Não compreendia do que ele ria. Tudo que seu pai fazia excitava-lhe a admiração e não podia ser criticado... — Todos têm seu calcanhar de Aquiles — continuou o príncipe André. — Com o grande espírito que ele tem, compartilhar essa lembrança ridícula!...

A princesa Maria não podia compreender a ousadia do raciocínio do irmão, e ia responder quando se ouviram os passos esperados. O príncipe entrou rápido, alegremente como sempre, como para estabelecer, por suas maneiras apressadas, o contraste com a ordem severa da casa. No mesmo instante o grande relógio bateu duas vezes e o da sala respondeu numa voz fina. O príncipe parou; sob as sobancelhas espessas, caídas, os olhos animados e brilhantes correram severamente sobre os convivas e fixaram-se na princesinha. Ela sentiu o que os cortesãos sentem à entrada do tsar, sentimento de receio e de respeito que esse velho provocava em todos que se aproximavam dele. Acariciou a cabeça da nora, e, num movimento desajeitado, bateu-lhe na nuca.

— Estou contente, contente — disse, olhando-a fixamente ainda uma vez, para afastar-se a passos rápidos e tomar seu lugar. — Sentem! Mikhail

Ivanovitch, sente. — Designou à princesinha um lugar a seu lado. Um criado recuou a cadeira. — Ha! Ha! Ha! Teve muita pressa, não está certo! — disse o velho olhando o corpo arredondado dela.

Ria secamente, friamente, desagradavelmente, com a boca, e não com os olhos.

— É preciso caminhar, caminhar o máximo possível, o máximo possível!

A princesinha não compreendia ou não queria compreender essas palavras. Calou-se, parecendo constrangida. O príncipe falou-lhe de seu pai e ela pôs-se a falar e sorrir. Interrogou-a sobre relações comuns, e ela, animando-se ainda mais, começou a falar nas recepções e mexericos da cidade.

— A condessa Apraxine, coitada, perdeu o marido e chorou todas as lágrimas que tinha — dizia, animando-se sempre mais.

À medida que se animava, o príncipe a fitava com maior severidade e, inesperadamente, como se já a tivesse estudado bastante para fixar sua opinião, voltou-se para o arquiteto.

— E então, Mikhail Ivanovitch, as coisas não estão muito boas para o nosso Bonaparte. O príncipe André (sempre se referia ao filho na terceira pessoa) contou-me que forças terríveis se reúnem contra ele! E você e eu que sempre o consideramos como uma nulidade!

Mikhail Ivanovitch, que não sabia absolutamente que *você e eu* haviam pronunciado tais palavras sobre Bonaparte, mas que as julgava necessárias como introdução à palestra favorita, olhava admirado o jovem príncipe, sem saber como acabaria aquela história.

— Oh! É um grande estrategista — disse o príncipe ao filho, mostrando o arquiteto. E a conversa girou novamente em torno da guerra, de Bonaparte, dos generais do momento e dos homens públicos. O velho príncipe parecia convencido não apenas de que os homens públicos atuais eram todos uns garotos que não entendiam o abecê da obra militar e estatal, e que Bonaparte não passava de um miserável francesinho que só tivera sucesso por não ter encontrado pela frente um Potemkin e um Suvorov, mas também estava certo de que não havia nenhum problema político na Europa, de que não havia guerra e que tudo isso não passava de uma comédia de fantoches que os homens de governo representavam para dar a impressão de estarem fazendo alguma coisa.

O príncipe André suportava alegremente as zombarias do pai sobre os homens novos e, para ouvi-lo, provocava-o com um prazer especial.

— Tudo que existia antigamente lhe parece bom — disse André. — O próprio Suvorov não caiu na armadilha que Moreau lhe preparou, sem saber como sair?

— Quem te contou isso? Quem te contou? — exclamou o príncipe. — Suvorov... — Empurrou o prato, que Tikhon retirou rapidamente — Suvorov!... reflita, príncipe André: Existem apenas dois: Frederico e Suvorov... Moreau... Moreau seria prisioneiro se Suvorov tivesse liberdade para agir, mas carregava nas costas os Hof-Kriegs-Wurstschnapsrath, sem poder desembaraçar-se deles.

“Verá o que são esses Hof-Kriegs-Wurstschnapsrath! Suvorov não pôde livrar-se deles, e quero ver como Mikhail Kutuzov se arranjará. Não, meu amigo, contra Bonaparte os seus generais não são suficientes, precisarão de generais franceses para atacá-lo! Esses que se voltam contra os seus. Mandaram um alemão Palen, a Nova York, nos Estados Unidos, para procurar o francês Moreau — disse, fazendo alusão ao convite a Moreau para servir no exército russo. — É incrível... Então os Potemkin, os Suvorov, os Orlov eram alemães? Não, meu caro, ou vocês todos ficaram loucos ou eu perdi o juízo. Que Deus os proteja, mas veremos. Bonaparte tornou-se, entre eles, um grande capitão. Hum!”

— Não digo, absolutamente, que todas as ordens sejam boas — disse o príncipe André —, mas não posso compreender como faz esse juízo de Bonaparte. Ria quanto quisesse, mas Bonaparte é entretanto um grande capitão.

— Mikhail Ivanovitch! — gritou o velho príncipe ao arquiteto, que, ocupado com o assado, esperava que o tivessem esquecido. — Eu lhe disse que Bonaparte é um grande estrategista, olha... ele também pensa assim!

— Sem dúvida, Excelência — respondeu o arquiteto.

O príncipe riu outra vez com seu riso frio.

— Bonaparte nasceu empelcado. Tem soldados excelentes e só enfrentou os alemães, os quais só os preguiçosos não derrotam. Desde que o mundo existe, não há quem não os tenha derrubado, e a eles ainda ninguém se rendeu, salvo quando enfrentam a si próprios. Sobre eles é que Bonaparte construiu sua glória.

E comentava todos os erros que, segundo ele, Napoleão cometera nas diversas campanhas e mesmo nos negócios de Estado. O filho não o contradizia, mas via-se que, por mais argumentos que se empregassem, fazê-lo mudar de opinião era

tão difícil quanto convencer o velho. O príncipe André ouvia sem interromper e admirava-se, apesar de tudo, de que o velho, enterrado havia tantos anos no campo, conhecesse com tantos detalhes e agudeza toda a situação política e militar da Europa nesses últimos anos.

— Pensas que estou velho e não estou a par das coisas, quando só penso nisso. Chego a não dormir à noite. Pergunto, onde está teu grande chefe, onde provou seu valor?

— Seria muito demorado contar-te — respondeu filho.

— Vai para o teu Bonaparte. Mademoiselle Bourienne, aí tem mais um admirador do patife do seu imperador!

— O senhor sabe que eu não sou bonapartista, príncipe.

— *Dieu sait quand reviendra...* — cantarolou com uma voz desafinada, e, rindo ainda mais desafinadamente, levantou-se da mesa.

A princesinha ouviu em silêncio toda essa discussão, não mais falando até o fim do jantar. Assustada, olhava ora a princesa Maria, ora o sogro. Quando saíram da mesa, pegou a cunhada pelo braço e levou-a para outra sala.

— Que homem inteligente é o seu pai; talvez seja por isso que ele me dá medo.

— Ah! Ele é tão bom — volveu a princesa Maria.

XXV

O príncipe André devia partir na noite seguinte. Seu pai, sem mudar os hábitos, depois do jantar retirou-se para seus aposentos. A princesinha estava com a cunhada. O jovem príncipe, num traje de viagem, com a sobrecasaca sem dragonas, ajudado por um criado, fazia suas malas no quarto. Inspeccionando pessoalmente o carro e a arrumação da bagagem, ordenou que atrelassem os cavalos. Conservou apenas os objetos que devia levar consigo: um pequeno cofre, uma grande bolsa de prata, duas pistolas turcas e uma espada, presentes que o pai lhe trouxera de Otchakov. Todos esses objetos de viagem estavam perfeitamente em ordem, tudo era novo, brilhante, fechado em estojos de fazenda e cuidadosamente amarrado.

Por ocasião de uma partida ou de uma mudança de vida, os homens capazes de refletir sobre os próprios atos fazem um inventário minucioso de suas ideias. Em geral, nessas ocasiões fazem um retrospecto do passado e planos para o futuro. O príncipe André estava pensativo e terno. Com as mãos cruzadas às costas, andava rapidamente no quarto, de um lado para outro, e sacudia a cabeça

pensativamente. Era-lhe penoso ir para a guerra? Estava triste por deixar a mulher? Talvez as duas coisas, mas, evidentemente, não queria que o vissem nesse estado. Ouvindo passos no vestibulo, soltou rapidamente as mãos e parou perto da mesa como se estivesse guardando o cofrezinho no estojo, retomando sua expressão habitual, calma e impenetrável. Eram os passos pesados da princesa Maria.

— Disseram-me que deste ordem de atrelar os cavalos! — perguntou ela arquejando (evidentemente havia corrido). — E eu queria tanto falar-te a sós! Só Deus sabe por quanto tempo nos vamos separar. Não está zangado por eu ter vindo? Mudaste muito, Andrucha — acrescentou como para justificar suas perguntas.

Ao pronunciar a palavra “Andrucha”, sorria. Evidentemente lhe era difícil imaginar que esse homem severo e bonito fosse mesmo Andrucha, o garoto magro, travesso, seu companheiro de infância.

— Onde está Lisa? — perguntou, respondendo à sua pergunta com um sorriso.

— Está tão cansada que adormeceu no divã do meu quarto. Ah, André! Que tesouro de mulher tens tu — disse ela, sentando-se sobre o divã em frente do irmão. — É uma verdadeira criança, uma criança encantadora, alegre. Gosto muito dela!

O príncipe André calou-se, mas a princesa notou a expressão de ironia e desprezo de seu olhar.

— É preciso ser indulgente com as pequenas fraquezas. Quem não as tem, André! Não esqueças que foi educada na sociedade e, além disso, que sua situação não é das mais fáceis. A gente deve colocar-se no lugar dos outros. Tudo compreender é tudo perdoar. Imagina como é triste para a coitada, depois da vida a que se habituou, separar-se do marido e ficar só no campo, e no estado em que está? É penoso.

Atento à irmã, o príncipe André sorriu como se sorri olhando as pessoas que imaginamos conhecer a fundo.

— Vives no campo e não achas isso terrível — disse ele.

— O meu caso é diferente. Por que falar de mim? Não desejo outra vida e não posso desejar, pois não conheço outra. Mas pensa, André, uma mulher jovem e

mundana enterrar-se no campo nos melhores anos da vida, só, pois papai está sempre ocupado e eu... tu me conheces... sou pobre de recursos para uma mulher habituada na melhor sociedade. Só Mademoiselle Bourienne...

— Não simpatizo nem um pouco com essa sua Bourienne — disse o príncipe André.

— Oh! Não, é muito boa e muito agradável e, além disso, é uma pessoa tão infeliz! Não tem ninguém, ninguém nesse mundo. Para falar a verdade, ela me é desnecessária, e até me atrapalha. Tu sabes, sempre fui meio selvagem e agora ainda gosto mais da solidão. *Mon père* gosta muito dela... Ela e Mikhail Ivanovitch são as duas pessoas com quem ele está sempre de bom humor, porque é seu benfeitor.

“Como diz Stern: ‘Gostamos mais dos homens pelo bem que lhes fazemos que pelo que eles nos fazem.’ *Mon père* encontrou-a órfã, vagando nas ruas, e ela é muito boa. E *mon père* gosta da leitura que ela lhe faz todas as noites; lê muito bem.”

— Escuta, Maria, fala francamente, tu deves sofrer de vez em quando para suportar o temperamento de nosso pai, não? — perguntou subitamente o príncipe André.

No primeiro momento a princesa ficou admirada, depois assustou-se com a pergunta.

— Eu? Eu? Eu, sofrer? — exclamou.

— Sempre foi duro e agora deve ser difícil de conviver — disse o príncipe propositadamente, sem dúvida para surpreender ou testar a irmã ao falar tão levianamente de seu pai.

— És bom em tudo, André, mas pecas por orgulho — retrucou a princesa, seguindo mais o fio de seus pensamentos que a própria conversa. — Quem pode julgar o próprio pai? E, se isso fosse possível, poderia haver outro sentimento que a veneração por um homem como nosso pai? Vivo contente e feliz com ele. Só quero que todos sejam felizes como eu.

O irmão sacudiu a cabeça com desconfiança.

— Uma única coisa me é penosa, André, são as ideias religiosas de papai. Não compreendo como um homem tão esclarecido não consiga ver o que é claro como o dia e se perca dessa forma! Eis meu único desgosto. Mas, em todo caso,

veja, nesses últimos tempos, uma pequena melhoria. Suas zombarias são menos ferinas, ele recebeu um monge, com quem conversou longamente.

— É, minha amiga, mas receio que tu e o monge gasteis inutilmente vossa pólvora — disse o príncipe troçando afetuosamente.

— *Ah, mon ami!* Não faço outra coisa senão pedir a Deus e espero que ele me ouça. André... — disse ela timidamente. E depois de um momento de silêncio: — Tenho um grande pedido a te fazer.

— O quê, minha amiga?

— Não, promete que não recusarás. Não te custará nada, não será indigno de ti, e será para mim uma grande consolação. Promete, Andrucha — disse, pegando qualquer coisa dentro da bolsa mas sem mostrar o que segurava e que era o objeto do pedido, como se, antes de obter a promessa, não pudesse mostrar essa qualquer coisa. Timidamente olhava o irmão, com um ar de súplica.

— Mesmo que eu precisasse fazer um grande esforço? — redarguiu o príncipe, como adivinhando do que se tratava.

— Pensa o que quiseses, mas faz por mim. Faz, eu te peço! Nosso avô levou-o em todas as campanhas... Então, prometes?

— Sem dúvida. De que se trata?

— André, com essa medalha eu te abençoo, e tu vais prometer-me que não vai tirá-la do pescoço. Prometes?

— Se não pesar quarenta quilos e não me estrangular... para fazer tua vontade... — disse o príncipe André. Vendo a expressão comovida da irmã, logo arrependeu-se da brincadeira. — Muito obrigado, sinceramente, muito obrigado, minha amiga — acrescentou.

— Mesmo que não queiras, Ele te salvará, Ele te perdoará, fazendo com que voltes a Ele, porque somente n'Ele se encontram a verdade e a paz.

Pronunciou essas palavras com uma voz trêmula de emoção, mostrando ao irmão, com um gesto solene, uma velha medalha oval do Redentor, cujo rosto estava enegrecido, emoldurada em prata e suspensa de uma rica correntinha do mesmo metal. Benzeu-se, beijou a imagem e estendeu-a ao irmão.

— Eu te peço, André, por mim.

Seus grandes olhos, irradiando bondade e afeto, iluminavam-lhe o rosto magro e doentio, embelezando-o. O príncipe quis pegar a medalha, porém ela

não consentiu. Compreendendo, André fez o sinal da cruz e beijou a imagem. Sua expressão era, ao mesmo tempo, terna (estava comovido) e zombeteira.

— *Merci, mon ami.*

Beijou-lhe a testa e tornou a sentar-se no divã. Ninguém falou.

— Escuta, André, seja bom e generoso como sempre foste. Não seja severo com Lisa. É tão graciosa, tão boa e seu estado atual é delicado.

— Acho, Mascha, que não estou dizendo nada, que não estou censurando minha mulher, que não estou zangado com ela, por que me dizes tudo isso?

A princesa Maria corou e calou-se como uma culpada.

— Eu não disse nada, mas alguém já disse, e isso me entristece.

Como se quisesse dizer qualquer coisa sem o conseguir, a princesa Maria corou até as orelhas. Seu irmão adivinhou. Depois do jantar, a princesinha lhe contara, chorando, seus pressentimentos de um parto malsucedido, seu medo, e queixara-se da sorte, do sogro e do marido. Depois das lágrimas, adormecera. O príncipe teve pena da irmã.

— Sabes uma coisa, Mascha? Não censurei, não censuro e nunca censurarei minha mulher, mas posso dizer também que não mereço nenhuma censura, e será sempre assim, em qualquer circunstância. Mas queres saber a verdade... queres saber se sou feliz? Não sou. E ela é feliz? Também não. Por quê? Não sei...

Dizendo essas palavras, levantou-se e beijou a testa da irmã. Os belos olhos de André iluminaram-se com uma expressão inteligente, boa, desacostumada; mas não a olhava, fixava a obscuridade da porta aberta.

— Vamos procurá-la, é preciso dizer-lhe adeus. Não, melhor que vai na frente para acordá-la, irei dentro em pouco. Petrushka! — gritou, chamando o criado de quarto. — Vem cá, leva a bagagem. Põe isso perto do cocheiro e isso do lado direito.

A princesa Maria levantou-se para sair, mas antes de chegar à porta deteve-se :

— André, se tivesse fé teria te dirigido a Deus pedindo-Lhe que lhe desse esse amor que não sente, e a tua oração seria atendida.

— Sim, talvez. Vai, Mascha, te encontro em seguida.

Quando se dirigia para o quarto da irmã, na galeria que unia as duas alas da casa, o príncipe André encontrou Mademoiselle Bourienne, que lhe sorriu

amavelmente e que, pela terceira vez nesse dia, com um sorriso entusiasta e ingênuo, ele encontrava em lugares isolados.

— Ah, pensava que estava nos seus aposentos! — disse ela corando e baixando os olhos.

O príncipe André olhou-a severamente numa expressão espontânea de cólera. Não respondeu nada, mas olhou-lhe com tanto desprezo a testa e os cabelos (sem fitá-la nos olhos) que a francesa corou e afastou-se sem mais uma palavra. Quando chegou ao quarto da irmã, a princesinha já estava acordada e sua voz se fazia ouvir ininterruptamente pela porta aberta. Falava como para recuperar o tempo perdido depois de uma longa abstinência.

— Não, mas imagina a velha condessa Zubov, com cachos postiços e a boca cheia de pivôs, como se quisesse desafiar o tempo. Ha! Ha! Ha! Maria!

Cinco vezes ele já ouvira sua mulher dizer a mesma coisa sobre a condessa Zubov, com o mesmo riso. Entrou sem fazer barulho. A princesinha, barriguda e corada, estava sentada numa poltrona, bordava, falando sem cessar sobre as lembranças de Petersburgo. O príncipe aproximou-se, acariciando-lhe a cabeça, e perguntou se já estava bem descansada da viagem. Ela respondeu e continuou a falar.

O carro puxado por seis cavalos estava na frente do patamar. Era uma noite escura de outono. O cocheiro não via um palmo à frente do nariz. Na escadaria, uma porção de gente se agitava com as lanternas. As altas janelas da casa deixavam perceber a luz do interior. Na antecâmara estavam os criados que queriam despedir-se do príncipe. No salão se encontravam os mais íntimos: Mikhail Ivanovitch, Mademoiselle Bourienne, a princesa Maria e a princesinha.

O príncipe André fora chamado ao gabinete do pai, que queria despedir-se sem testemunhas. Todos os esperavam.

Quando entrou no gabinete viu o pai escrevendo, de óculos, com o robe de chambre branco, traje em que só recebia o filho. O velho voltou-se para ele.

— Já vais? — disse, e continuou a escrever.

— Vim me despedir.

— Beija-me aqui! — Mostrou a face. — Obrigado, obrigado.

— Por que me agradece?

— Porque não perdes tempo, porque não te agarra às saias das mulheres. O serviço antes de tudo. Obrigado, obrigado. — E continuou a escrever de uma maneira tão nervosa que a pena chiava e manchava para todos os lados. — Se tiveres algo para dizer, fala que posso fazer as duas coisas ao mesmo tempo — acrescentou.

— É a respeito de minha mulher... Sinto vergonha de deixá-la aos seus cuidados.

— Que história é essa? Diz de uma vez.

— Quando for tempo, faça vir um médico parteiro de Moscou, de forma que esteja aqui...

O velho olhou severamente o filho como se não compreendesse.

— Sei que ninguém pode fazer nada se a natureza não ajudar — disse o príncipe André visivelmente confuso. — Sou da opinião de que entre um milhão de casos só acontece uma desgraça, mas, é uma fantasia sua e minha. Contaram-lhe uma porção de coisas, teve pesadelos e está atemorizada.

— Hum! Hum! — resmungava o velho príncipe, continuando a escrever. — Está bem. — Assinou a carta.

E, subitamente, voltou-se rindo para o filho.

— Mau negócio, hein?

— Qual negócio, meu pai?

— Mulher — tornou o velho, incisivo.

— Não compreendo.

— Sim, não há remédio, meu amigo, são todas iguais. E não se descasa. Não tenhas receio, não direi nada a ninguém, sabes disso. — E com a mão pequena e descarnada tomou a do filho, sacudindo-a ao mesmo tempo que lhe lançava um olhar rápido e penetrante. Novamente deixou escapar um riso frio.

O rapaz suspirou, confessando, assim, que o pai compreendera.

Com a vivacidade habitual o velho dobrou e lacrou a carta.

— O que fazer? Ela é bonita! Podes ficar tranquilo, farei tudo que for necessário.

André calou-se. Era, ao mesmo tempo, agradável e desagradável ser compreendido pelo pai. O velho levantou-se e entregou-lhe a carta.

— Escuta, não te preocupes com tua mulher, tudo que for possível será feito. Agora, ouve, aqui tens uma carta para Mikhail Ilarionovitch. Escrevo-lhe para que te dê um lugar a fim de não ficares muito tempo como ajudante de ordens, é uma má função. Dize-lhe que me lembro dele e o estimo. Escreve-me sobre seu acolhimento. Se for bom, continua a servir. O filho de Nicolau Andreievitch Bolkonski não servirá ninguém por favor. Bem, agora vem cá.

Falava tão rapidamente que não chegava a pronunciar a metade das palavras, mas o rapaz estava acostumado e compreendia tudo. Levou-o para perto da escrivaninha e tirou da gaveta um caderno todo escrito com sua letra grande e apertada.

— É provável que eu morra antes de ti; sabe, pois, que aqui estão minhas memórias. Depois de minha morte manda-as ao imperador. Tens aqui as notas de Lombart e uma carta: é um prêmio para quem escrever as guerras de Suvorov. Deverás mandar isto à Academia. Aqui estão minhas notas, lerás quando eu tiver morrido, encontrarás coisas úteis.

André não disse ao pai que ele ainda viveria muito, sentia que não devia dizer isso.

— Farei tudo, meu pai.

— Muito bem. Então, adeus.

Deu-lhe a mão a beijar e abraçou-o.

— Lembra-te, príncipe André, que, se morreres, será doloroso para mim, um velho...

Calou-se, e, subitamente, com uma voz aguda:

— E que se eu souber que não procedes como o filho de Nicolau Bolkonski, será minha vergonha... — Essas últimas palavras soaram agudas.

— Era inútil dizer isso, meu pai — respondeu o príncipe André, sorrindo.

O velho calou-se.

— Queria pedir-lhe ainda — disse o filho — no caso de eu morrer, e ter um filho, quero que o conserve a seu lado como lhe pedi ontem; que ele seja educado em sua casa, peço-lhe.

— Tirá-lo de tua mulher! — disse o velho, rindo.

Estavam face a face, silenciosos. Os olhos ágeis do pai fitavam os do filho. Alguma coisa tremia na parte inferior do rosto do velho príncipe.

— Já nos dissemos adeus... vai! — disse ele de repente. — Vai! — gritou com uma voz zangada, abrindo a porta do gabinete.

— O que foi? — perguntaram as duas princesas, vendo o irmão e o velho, que gritava como se estivesse encolerizado, aparecendo com o robe de chambre branco, sem peruca e de óculos. O velho se retirou em seguida.

O príncipe André suspirou e não respondeu nada.

— Muito bem — disse à esposa, e havia nesse “muito bem” algo de zombaria fria que parecia dizer: “Faça seu drama.”

— André! Já? — fez a princesinha, empalidecendo e olhando o marido com receio. Ao beijá-la, ela deu um grito e caiu desmaiada nos seus braços.

Ele afastou-a carinhosamente, olhou-a e, com precaução, recostou-a numa poltrona.

— Adeus, Maria — disse afetuosamente à irmã. Beijou-a, suas mãos se tocaram e ele saiu da sala a passos rápidos.

Mademoiselle Bourienne procurava reanimar a princesinha, esfregando sua testa. A princesa Maria, com olhos molhados e persignando-se, sustinha a cunhada e olhava a porta por onde o irmão havia saído. No gabinete ouviam-se sons raivosos, fortes, repetidos, tal qual tiros, do velho que assoava o nariz. Assim que o príncipe André saiu, a porta do gabinete abriu-se bruscamente, e a figura severa do velho em robe de chambre branco apareceu.

— Já foi? Muito bem! — disse, olhando severamente a princesinha desfalecida. Com ar descontente, sacudiu a cabeça e bateu a porta.

Segunda parte

I

Em outubro de 1805, o exército russo ocupava as cidades e aldeias do arquiducado da Áustria, e os novos regimentos vindos da Rússia, acampados nas proximidades da fortaleza de Braunau, exigiam pesados sacrifícios dos habitantes. Braunau era o quartel-general de Kutuzov, o comandante em chefe.

No dia 11 de outubro, um dos regimentos de infantaria que acabava de chegar, aguardando a inspeção do comandante em chefe, acampava a meia milha da cidade. Apesar de a região e a cidade não serem russas (viam-se ao longe os pomares, os cercados de pedra, os telhados, as montanhas), apesar de a população ser estrangeira e olhar os soldados com curiosidade, o regimento tinha o aspecto de uma unidade russa qualquer preparando-se para uma revista em qualquer ponto do centro da Rússia.

Na véspera, na noite da última etapa, chegara a comunicação de que o comandante em chefe inspecionaria o regimento.

A redação do comunicado pareceu pouco clara ao comandante do regimento, que não sabia com interpretar-lhe as palavras: “Em uniforme de campanha ou não?” Reunidos, porém, os chefes de batalhão, ficou resolvido que o regimento se apresentaria em uniforme de parada. Resolveram assim considerando que é sempre preferível fazer de mais que de menos. E os soldados, depois de uma marcha de trinta *verstas*, passaram toda a noite sem dormir, limpando e reparando suas coisas. Os ajudantes de ordens e os comandantes de companhias calculavam, dispunham, e, ao amanhecer, o regimento não era mais a tropa desordenada da última etapa, mas, sim, uma força de dois mil homens perfeitamente organizada. Cada um conhecia sua função, e cada botão, cada correia estavam flamejantes em seus lugares. Não só do exterior se cuidara, pois se o comandante em chefe olhasse debaixo de cada uniforme, veria uma camisa limpa, e em cada mochila encontraria todos os objetos regulamentares, “sovela e sabão”, como diziam os soldados. Sobre uma única coisa ninguém podia estar tranquilo, era o calçado. Mais da metade da tropa estava com os borzeguins rasgados. Mas não era culpa do comandante do regimento, pois não obstante seus reiterados pedidos, a administração austríaca não lhe fornecia nada, e o regimento já percorrera mais de mil *verstas*.

O comandante do regimento era um general idoso, sanguíneo, com as sobrelanceias e suíças grisalhas, mais largo do peito às costas que de um ombro a outro. Vestia um uniforme novo com dragões dourados que erguiam seus ombros fortes. O comandante tinha o aspecto de um homem feliz em realizar um dos atos mais solenes da sua vida. Caminhava na frente, curvado e tremendo a cada passo, mas era evidente que admirava seu regimento, que estava orgulhoso, e que toda a sua alma só se preocupava com ele. No entanto, seu caminhar indeciso indicava que, além dos interesses militares, os interesses sociais e o sexo feminino ocupavam um grande lugar em sua vida.

— Sim, senhor, meu caro Mikhail Mitritch — disse ele a um dos comandantes de batalhão (o comandante de batalhão caminhava sorrindo, ambos estavam evidentemente satisfeitos) —, a noite foi dura. Mas o regimento não está nada mal, hein!

O comandante de batalhão, compreendendo a ironia alegre, riu.

— Não nos expulsariam nem do Campo de Marte.

— O que é aquilo? — perguntou o comandante.

Naquele momento, vindos da cidade, apareciam dois cavaleiros na estrada onde estavam as sentinelas. Era um ajudante de ordens e um cossaco.

O ajudante de ordens fora mandado pelo Estado-Maior, para precisar ao comandante do regimento o que não estava claro no comunicado da véspera, isto é, que o comandante em chefe queria ver o regimento tal como era em marcha: de capote, com as armas na bainha e sem nenhum preparo.

Na véspera Kutuzov recebera a visita de um membro do Conselho Superior de Guerra (Hofkriegsrath) vindo de Viena, com a proposta e o pedido de alcançar, com a máxima brevidade, o exército do arquiduque Ferdinando e de Mack. Kutuzov não achava vantajosa essa união. Entre outras provas em apoio de sua opinião, queria mostrar ao general austríaco o lamentável estado em que suas tropas chegavam da Rússia. Ele queria, em verdade, vir ao encontro do regimento, de forma que quanto mais deplorável fosse o estado deste, ser-lhe-ia mais agradável. Apesar de não saber desse detalhe, o ajudante de ordens transmitiu ao comandante do regimento essa ordem absoluta do comandante em chefe: que os soldados estejam em capote e as armas embainhadas, quer dizer, em uniforme de campanha, e que, no caso contrário, Kutuzov ficaria

descontente. Ouvindo essas palavras o comandante baixou a cabeça em silêncio, fez um movimento de ombros e, num gesto nervoso, abriu os braços.

— Bonito! — exclamou. — Está aí, eu lhe havia dito, Mikhail Mitritch, uniforme de campanha, ou seja, em capotes — disse em tom de censura ao comandante de batalhão. — Ah! Meu Deus! — acrescentou, e num tom decidido: — Senhores comandantes de companhia! — gritou com uma voz acostumada ao comando. — Sargentos!... Virão agora? — perguntou ao ajudante de ordens, numa expressão de polidez respeitosa que, visivelmente, se referia às pessoas de quem falava.

— Creio que dentro de uma hora.

— Teremos tempo de mudar o uniforme?

— Não sei, meu general.

O comandante do regimento aproximou-se pessoalmente das fileiras e deu ordem para mudar os uniformes e vestir os capotes. Os comandantes de companhia correram para suas unidades, os sargentos-mores se agitavam (os capotes não estavam em bom estado) e, ao mesmo tempo, as formações em quadrado, até ali imóveis e silenciosas, ondularam, desmancharam-se, entre a vozeria dos soldados. De todos os lados homens corriam, reajustavam as dragonas, enfiavam a mochila, vestiam os capotes. Meia hora depois, tudo estava outra vez em ordem, somente as formações de pretas se haviam tornado cinzentas. E de novo o comandante, num caminhar vacilante, apareceu na frente do regimento e contemplou-o de longe.

— Ainda? O que significa isso! — gritou parando. — Onde está o comandante da terceira companhia?

— Comandante da terceira companhia, apresente-se ao general! Comandante da terceira companhia, apresente-se ao general! — ouvia-se em todas as fileiras, e um ajudante de ordens correu à procura do oficial retardatário.

Quando as vozes pressurosas, gritando e confundindo as palavras: “O general para a terceira companhia” chegaram a seu destino, o oficial chamado apareceu, e, apesar de idoso e pouco acostumado a correr, sem jeito e correndo na ponta dos pés, dirigiu-se para onde estava o general.

A fisionomia do capitão exprimia a inquietude do aluno a quem fazem uma pergunta de que ele não sabe a resposta. Apareceram-lhe manchas no nariz

vermelho (evidentemente por falta de temperança), a boca tremia. O general olhou o capitão dos pés à cabeça, enquanto este avançava diminuindo o passo à medida que se aproximava.

— Vai acabar vestindo seus homens com saias! O que é isso? — gritou apontando com o queixo para um homem da terceira companhia que tinha um capote de cor diferente dos demais soldados. — Onde estava escondido? Espera-se o comandante em chefe e o senhor deixa seu posto? Hein! Eu lhe ensinarei como vestir seus soldados para a revista!

O capitão, sem tirar os olhos de seu chefe, apertava cada vez mais os dois dedos contra a pala do quepe, como se nesse contato estivesse a sua salvação.

— Muito bem, e por que se cala? Quem é aquele lá que parece um húngaro fardado? — gracejava de bom humor o general.

— Excelência...

— Qual Excelência? Excelência! Excelência! E qual é a Excelência, ninguém o conhece.

— Excelência, é Dolokhov, rebaixado — disse o capitão suavemente.

— E então, foi rebaixado para feldmarechal ou para soldado? E se é soldado, deve vestir-se como todos, segundo o regulamento.

— Foi Vossa Excelência que o autorizou a vestir-se assim durante as marchas.

— Autorizou! Autorizou! É sempre a mesma coisa com a nova geração — disse o general acalmando-se um pouco. — Autorizou, disse-lhe alguma coisa e o senhor... — Calou-se um momento. — Disse-lhe alguma coisa e o senhor, o quê? — repetiu novamente encolerizado. — Queira vestir regularmente seus soldados...

E, olhando o ajudante de ordens, começou a inspecionar o regimento no mesmo andar vacilante. Via-se que a própria cólera o agradava e que, examinando o regimento, procurava outro motivo para alimentá-la. Tendo censurado um oficial pela gorjeira mal polida e um outro pelo mau alinhamento, aproximou-se da terceira companhia.

— Isso é posição? Onde está teu pé? O pé direito onde está? — gritou, com um tom de sofrimento na voz, a Dolokhov, que estava de capote azulado, quando cinco homens ainda o separavam dele. Dolokhov recolheu de mansinho a perna dobrada e perfilado, com o olhar claro e ousado, fitou o general.

— Por que usas um capote azul? Tira... Sargento, faça esse homem mudar de fardamento. Rel... — Não teve tempo de terminar.

— Meu general, meu dever é cumprir suas ordens, mas não sou obrigado a suportar... — disse Dolokhov rapidamente.

— Em forma, não se pode falar, não pode, não pode! Nenhuma palavra! Nenhuma palavra!...

— Não sou obrigado a suportar injúrias — terminou Dolokhov em voz alta e clara.

Os olhos do general e do soldado se cruzaram. O general calou-se e puxando raivosamente o cachecol:

— Queira mudar de roupa — disse, afastando-se.

II

— Está chegando — gritou nesse momento a sentinela.

O comandante do regimento, muito vermelho, correu para o cavalo. Com mão trêmula pegou as rédeas, tomou impulso e montou. Desembainhou o sabre e com o semblante feliz, resolutivo, abrindo a boca de través, preparou-se para gritar. O regimento inteiro ondulou como uma ave que sacode as asas e estacou.

— Sentido! — gritou numa voz vibrante, alegre para ele, severa para o regimento e deferente para o chefe que se aproximava.

Pela larga estrada vicinal, marginada de árvores, uma caleche vienense, pintada de azul, aproximava-se rapidamente com um ruído de molas. Atrás da carruagem cavalgavam a comitiva e a escolta de croatas. Ao lado de Kutuzov estava sentado um general austríaco em uniforme branco, contrastando com os uniformes pretos dos russos. Pararam perto do regimento. Kutuzov e o general austríaco falavam em voz baixa. Quando baixaram o estribo da carruagem para ele pesadamente descer, o russo sorriu levemente, como se não existissem aqueles dois mil homens ali contendo a respiração, com a atenção fixada nele e em seu comandante.

Ao grito de comando, o regimento estremeceu novamente e apresentou armas. Num silêncio de morte ouviu-se a voz fraca do comandante em chefe. O regimento berrou: “Viva Sua Excelência!” e novamente tudo calou. A princípio,

Kutuzov permaneceu no mesmo lugar enquanto o regimento desfilava; depois, a pé, percorreu as fileiras, acompanhado do general de branco e de sua comitiva.

Pela maneira como o comandante do regimento saudava o general em chefe, sem despregar os olhos dele, pela maneira como caminhava inclinado entre as fileiras seguindo-lhe os menores gestos, erguendo-se a cada palavra e a cada movimento de Kutuzov, era evidente que cumpria seus deveres de subordinado com maior prazer que os de chefe.

O regimento, graças à severidade e aos cuidados do comandante estava em ótimas condições se comparado com aqueles que haviam chegado antes a Braunau. Havia apenas duzentos e dezessete retardatários e doentes, e tudo estava bem cuidado, salvo o calçado.

Passando a revista, Kutuzov às vezes parava para dizer algumas palavras amáveis aos oficiais que conhecia da guerra da Turquia, e mesmo aos soldados. Olhando os calçados, várias vezes sacudiu tristemente a cabeça e os mostrou ao general austríaco, com o ar de quem não censura ninguém, mas que ao mesmo tempo não podia deixar de observar o mau estado em que estavam. Cada vez que isso acontecia, o comandante do regimento corria na frente, temendo perder alguma palavra do general em chefe sobre sua unidade.

Atrás de Kutuzov, muito próximos, a ponto de poderem ouvir tudo que dizia, mesmo em voz baixa, caminhavam vinte homens da comitiva. Esses senhores falavam entre si e algumas vezes riam. Um elegante ajudante de ordens seguia de perto o comandante em chefe, era o príncipe Bolkonski, que ia ao lado de seu camarada Nesvitzki, um oficial superior, muito alto e gordo, dono de uma bela fisionomia sorridente e de olhos meigos. Nesvitzki, provocado por um oficial dos hussardos, de pele morena, que estava junto dele, esforçava-se para não rir. O oficial dos hussardos, sem sorrir, sem mudar de expressão, olhava muito seriamente as costas do comandante do regimento, imitando-lhe todos os movimentos. Cada vez que o comandante do regimento tremia e se inclinava para a frente, o hussardo fazia o mesmo. Nesvitzki ria e chamava a atenção dos outros para o pândego.

Kutuzov caminhava lenta e preguiçosamente diante desses milhares de olhos que se escancaravam para vê-lo. Passando pela terceira companhia, parou

subitamente. A comitiva, que não previa essa parada, aproximou-se dele involuntariamente.

— Ah! Timokhine! — fez o comandante em chefe ao notar o capitão de nariz vermelho, o que fora censurado por causa do capote azul.

Quando o comandante do regimento repreendera Timokhine por conta de Dolokhov, o capitão se perfilara tanto que maior aprumo parecia impossível. Mas, quando o comandante em chefe lhe dirigiu a palavra, ele se aprumou de tal forma que, evidentemente, não aguentaria se o olhar se prolongasse demasiado.

Kutuzov logo compreendeu essa situação e, como gostava do capitão, afastou-se logo.

Um sorriso imperceptível passou pelo rosto gordo e cheio de cicatrizes de Kutuzov.

— Um companheiro de armas de Ismail — disse —, um valente oficial! Está satisfeito com ele? — perguntou Kutuzov ao comandante do regimento.

E este, refletido como num espelho pelo oficial hussardo, estremeceu e respondeu, aproximando-se:

— Muito satisfeito, Excelência.

— Todos temos nossas fraquezas — disse Kutuzov, sorrindo e afastando-se.
— Ele tinha um fraco pelos prazeres de Baco.

O comandante do regimento não respondeu, assustando-se como se a culpa fosse sua. Nesse momento, o oficial hussardo, notando o capitão de nariz vermelho, com o ventre encolhido, imitou-o com tanta graça que Nesvitzki não pôde conter o riso. Kutuzov se virou. Mas era evidente que o oficial mudava a fisionomia à vontade, tanto que, quando o general em chefe olhou, fez uma careta e ficou com o ar mais sério, respeitoso e inocente deste mundo.

A terceira companhia era a última, e Kutuzov, pensativo, parecia querer lembrar-se de alguma coisa. O príncipe André, saindo da comitiva, aproximou-se e disse-lhe baixo em francês:

— Ordenou-me que lhe lembrasse o rebaixado Dolokhov, neste regimento.

— Onde está Dolokhov? — perguntou Kutuzov.

Dolokhov, já com o capote cinza de soldado, não esperou ser chamado. O elegante soldado louro e de olhos azuis saiu da fileira. Aproximou-se do comandante em chefe e lhe apresentou armas.

— Alguma queixa? — perguntou Kutuzov, fechando a cara.

— É Dolokhov — esclareceu o príncipe André.

— Ah! Espero que essa lição seja suficiente para aprenderes. Sê um bom soldado. O imperador é benevolente e, se merecer, não o esquecerei.

Os olhos claros fitaram o comandante em chefe com a mesma audácia com que haviam encarado o comandante do regimento, e com uma expressão que parecia anular a enorme distância que havia entre o general em chefe e o soldado.

— Só peço uma coisa, Alta Excelência — disse com sua voz sonora e firme, —, é que me deem ocasião para apagar meu erro e provar minha dedicação ao imperador e à Rússia.

Kutuzov virou-se, com o mesmo sorriso que dera ao afastar-se do capitão Timokhine. Virou-se de cenho franzido, como se quisesse dar a entender que sabia, há muito, tudo que Dolokhov dizia ou pudesse dizer, que tudo isso o aborrecia e que não era nada disso que ele precisava. Dirigiu-se para a carruagem.

O regimento separou-se em companhias e rumou para o local que lhe fora designado para acampar, perto de Braunau, e onde esperava receber calçado, roupa, e descansar de uma longa marcha.

— Você não está sentido comigo, Prokhor Ignatitch? — perguntou o comandante do regimento aproximando-se do capitão Timokhine, que marchava à frente da terceira companhia.

O rosto do comandante do regimento, depois dessa revista bem-sucedida, deixava transparecer uma alegria inexprimível.

— O serviço do imperador... A gente não pode... Acontece às vezes nas fileiras falar-se com certa dureza... Eu mesmo me desculparei, você me conhece... Agradeço muito.

E estendeu a mão ao capitão.

— Perdão, general, não sei se ousarei — respondeu o capitão com nariz vermelho, corando e mostrando, num sorriso, o vazio deixado por dois dentes que uma coronhada lhe arrancara na guerra em Ismail.

— Diga ao senhor Dolokhov que não o esquecerei, pode ficar tranquilo. E agora, uma coisa que sempre queria perguntar-lhe: como ele se comporta?

Enfim, em tudo...

— No serviço é muito correto, Excelência, mas tem um temperamento... — respondeu Timokhine.

— Como, o temperamento...? — perguntou o general.

— Depende dos dias, Excelência — explicou o capitão. — Ora é razoável, inteligente, dócil, ora parece uma fera. Na Polônia quase matou um judeu, Vossa Excelência sabe...

— Sei, mas não podemos deixar de lastimar esse rapaz na sua desgraça. Tem relações poderosas. Então...

— Perfeitamente, Vossa Excelência — respondeu Timokhine, num sorriso que deixava ver que compreendera o desejo de seu superior.

— Ótimo.

O comandante do regimento dirigiu-se para Dolokhov na fileira e deteve o cavalo.

— Na primeira oportunidade terá suas dragonas — disse-lhe.

Dolokhov olhou-o sem responder e sem modificar a expressão irônica dos lábios.

— Tudo correu bem, todos terão vodca — acrescentou em voz alta a fim de ser ouvido pelos soldados. — Eu agradeço a todos! Que Deus seja louvado.

E, deixando essa companhia, aproximou-se da seguinte.

— Não há dúvida, um tipo decente, pode-se servir com seu comando — disse Timokhine ao oficial subalterno que marchava ao seu lado.

— Numa palavra, “coração” (o comandante em chefe fora cognominado “rei de copas”) — disse rindo o tenente.

A boa disposição dos chefes se transmitira aos soldados. As companhias marchavam alegremente. De todos os lados ouvia-se a voz dos soldados.

— Quem foi que disse que Kutuzov era caolho?

— O quê, não é caolho?

— Não, meu caro, vê melhor que tu. Do quepe às botinas, viu tudo.

— Pois bem, quando olhou para meus pés pensei que...

— E o austríaco que estava com ele, que parecia todo sujo de giz, branco como farinha! Queria saber como é que essa gente limpa os uniformes.

— Tu que estavas mais perto, Fedechoi, não ouviste que ele disse? Quando começará a batalha? Estão dizendo aí que Bonaparte está pessoalmente em Braunau.

— Mentira, idiota! Não sabes nada! Agora é a Prússia que está em revolta e a Áustria vai dominá-la. Quando derrotarem, é que começará a guerra contra Bonaparte. Tu és uma besta. Bonaparte em Braunau! Farias melhor se prestasses atenção no que dizem.

— Que vá para o inferno o furriel! A quinta companhia já está entrando na aldeia. Prepararão o jantar antes de chegarmos ao acampamento.

— Dá-me um biscoito, desgraçado.

— É, mas ontem me negaste o fumo! Toma, e que Deus o ajude.

— Se ao menos a gente parasse um pouco. Mas não, ainda vamos marchar cinco *verstas* sem comer.

— Seria ótimo se os alemães nos dessem a carruagem. De carro seria uma fineza!

— Ah! meu irmão, e o povo daqui, viu? Os poloneses eram ainda súditos da coroa russa, mas agora são todos alemães.

— Os cantores na frente! — gritou o capitão.

E das diversas fileiras saíram vinte homens que se colocaram à testa da companhia. O tambor, chefe do coro, virou-se para os cantores, fez um sinal com a mão e entoou a canção lenta dos soldados que começava assim:

Eis que surge o sol,
e que terminava assim:

Cobertos de glória
Com o pai Kamenski.

Essa canção fora composta na Turquia, e agora cantava-se na Áustria substituindo o pai Kamenski pelo pai Kutuzov.

Cantando essas últimas palavras, num gesto de jogar qualquer coisa ao chão, o homem do tambor, um belo e alto soldado de uns quarenta anos, olhou severamente os cantores, franziu o cenho e, certo de que todos o fixavam, com ambas as mãos, fez o movimento de levantar prudentemente acima da cabeça um objeto precioso, invisível, sustendo-o alguns instantes, para depois jogá-lo com bravura ao chão:

Ah! Minha casinha!

Minha querida casinha!... [\[11 \]](#)

cantaram vinte vezes. E o soldado com colheres de pau, à guisa de castanholas, não obstante o peso da arma e da mochila, saltou alegremente para a frente e começou a dançar e saltar diante da companhia, sacudindo os ombros e parecendo ameaçar o vazio com as colheres. Os soldados, balançando as mãos no compasso da canção, marchavam a passos largos. Atrás da companhia ouviu-se o barulho de um carro de molas e o trote dos cavalos. Era Kutuzov e sua comitiva, que voltavam para a cidade. O comandante em chefe ordenou que os soldados continuassem a marchar sem constrangimento, deixando transparecer, assim como sua comitiva, a satisfação que sentia vendo o soldado que dançava e os demais, marchando alegre e valentemente. Na segunda fila à direita, junto à caleche, não se podia deixar de notar Dolokhov, com seus olhos azuis e que, com uma graça toda particular, marchava airoso ao compasso da canção, olhando os que passavam como se lastimasse todos que, naquele momento, não marchavam com a companhia. O segundo-tenente dos hussardos, que imitava o comandante do regimento, atrasando-se um pouco, aproximou-se de Dolokhov.

Esse oficial, Jerkov, pertencera ao bloco de festeiros que Dolokhov liderava em Petersburgo. No exterior encontrara o amigo rebaixado e decidiu que era melhor não reconhecê-lo. Agora, depois que Dolokhov conversara com Kutuzov, dirigiu-se a ele como um velho amigo.

— Caro amigo, como vais? — perguntou, pondo o cavalo a passo.

— Eu? Como vês — respondeu Dolokhov friamente.

A canção ainda alegre dava uma significação particular à alegria artificial de Jerkov e à frieza propositada das respostas de Dolokhov.

— E como tens lidado com os chefes?

— Bem, é gente boa. E tu, como penetraste no Estado-Maior?

— Estou adido... prestei serviços.

Calaram-se.

“Com o braço direito soltaram o falcão!”, dizia a canção, excitando ainda mais os sentimentos de bravura e alegria.

A conversa teria sido outra se não estivesse acompanhada da canção.

— É verdade que os austríacos foram derrotados? — perguntou Dolokhov.

— Sei lá! É o que dizem.

— Tomara — disse Dolokhov, adaptando a resposta breve ao ritmo da canção.

— Vem ver-nos à noite, jogaremos faraó — disse Jerkov.

— Você anda com muito dinheiro agora?

— Vem.

— Impossível. Dei minha palavra. Não jogarei nem beberei antes de reconquistar minha patente.

— Mas na primeira oportunidade...

— Veremos.

Calaram-se novamente.

— Em todo caso, aparece. Se necessitares de alguma coisa, nós te ajudaremos no Estado-Maior.

Dolokhov sorriu:

— Não te preocupes. Não pedirei o que preciso, eu mesmo irei buscar.

— Sim, eu apenas...

— Eu também, apenas...

— Adeus.

— Até a vista.

“... e alto e longe.

Em nossa pátria...”

Jerkov esporeou o cavalo, que se embarçou três vezes sem saber com que pé arrancar, enfim, decidindo-se, galopou na cadência da canção e, deixando para trás a companhia, alcançou a carruagem.

III

Ao voltar da revista, Kutuzov, acompanhado do general austríaco, entrou em seu gabinete de trabalho e, chamando o ajudante de ordens, ordenou-lhe que trouxesse alguns papéis relativos ao estado das tropas, assim como as cartas recebidas do arquiduque Ferdinando, que comandava a vanguarda. O príncipe André Bolkonski entrou no gabinete do comandante em chefe trazendo os papéis pedidos. Kutuzov e o general austríaco, membro do Hofkriegsrath (conselho superior da guerra), estavam sentados diante de um mapa desdobrado na mesa.

— Ah!... — disse o general russo, olhando Bolkonski como quem o convidava a esperar. Depois continuou em francês a conversa. — Só digo uma coisa, meu general — começou com uma elegância de expressão e de pronúncia que forçava a ouvir cada palavra que emitia sem pressa. Era evidente que Kutuzov ouvia a si próprio com prazer. — Se o assunto dependesse apenas de mim, a vontade de Sua Majestade o imperador Franz há muito estaria satisfeita. Há muito tempo teria me unido ao arquiduque. E creia, sob minha palavra de

honra, que para mim, pessoalmente, transmitir o comando supremo a generais mais experientes e mais capazes do que eu, dos quais a Áustria é tão rica, e livrar-me dessa pesada responsabilidade, seria um grande alívio. Mas, general, muitas vezes as circunstâncias são mais fortes que nós. — E Kutuzov sorria, como que dizendo: “O senhor tem o direito absoluto de não acreditar em mim, e para mim é indiferente se acredita ou não, mas não tem motivo para me dizer e isso é o principal!”

O general austríaco parecia descontente, mas era forçado a responder no mesmo tom.

— Ao contrário — disse, resmungando e brabo, em contradição flagrante com as palavras elogiosas que acabava de pronunciar. — A participação de Vossa Excelência, na obra comum, é muito apreciada por Sua Majestade, mas nós achamos que a lentidão atual priva o glorioso exército russo e seus chefes dos louros que estão acostumados a colher nas batalhas — concluiu, com essa frase visivelmente preparada.

Kutuzov curvou-se sem modificar o sorriso.

— E eu estou convencido, baseado na última carta com que me honrou Sua Alteza o arquiduque Ferdinando, de que as tropas austríacas, sob o comando de um chefe tão hábil como o general Mack, já conquistaram uma vitória decisiva e não mais necessitam de nossa ajuda.

O general franziu a testa. Apesar de não haver chegado notícias seguras sobre o aniquilamento dos austríacos, muitos fatos confirmavam os boatos pessimistas, de sorte que essa menção de Kutuzov à vitória dos austríacos parecia zombaria. Mas o general do tsar sorria suavemente, sempre com a mesma expressão que parecia dizer que ele tinha o direito de pensar assim. Com efeito, a última carta recebida do exército de Mack anunciava-lhe a vitória e a mais vantajosa das posições estratégicas.

— Pegue essa carta — disse Kutuzov ao príncipe André. — Está aqui, escute. — E, com um sorriso de mofa no canto dos lábios, leu em alemão, ao general austríaco, a passagem seguinte da carta do arquiduque Ferdinando:

Todas as nossas forças, perto de setenta mil homens, estão concentradas, de forma que podemos atacar e esmagar o inimigo no caso de ele atravessar o Lech. Já que ocupamos Ulm, para conservar a

vantagem de dominar as duas margens do Danúbio e poder a todo instante, no caso de o inimigo não atravessar o Lech e pretender atravessar o Danúbio, lançar-nos sobre sua linha de comunicação atravessando o Danúbio mais abaixo, e se o inimigo quisesse voltar todas as suas forças contra nossos fiéis aliados, não lhe daríamos a possibilidade de realizar essa intenção. Assim, esperamos corajosamente que o exército imperial russo se prepare inteiramente, para depois, com muita facilidade, acharmos juntos a possibilidade de preparar ao inimigo a sorte que ele merece. [\[12\]](#)

E, terminado este período, Kutuzov respirou profundamente e fitou, com atenção e benevolência, o membro do conselho superior de guerra.

— Mas Vossa Excelência não ignora a sábia regra que manda preparar-se para o pior — disse o general austríaco, que, visivelmente, queria acabar com a brincadeira para tratar seriamente do assunto. Involuntariamente, voltou-se para o ajudante de ordens.

— Perdoe, general — interrompeu Kutuzov, voltando-se também para o príncipe André: — Meu caro, vai buscar os relatórios de nossos espões que estão com Kozlovski. Eis aqui duas cartas do conde Nostitz, as do arquiduque Ferdinando, e ainda sobre esse assunto — disse, mostrando alguns papéis — elabora um memorando, corretamente escrito em francês, de todas as notícias que temos relativas aos atos do exército austríaco. Mostrarás tudo isso a Sua Excelência.

O príncipe André inclinou-se, mostrando que não apenas compreendera tudo, como também o que Kutuzov desejava dele. Tomou os papéis, cumprimentou e, sem ruído, retirou-se do gabinete.

Apesar de ter deixado a Rússia havia pouco tempo, o príncipe André havia mudado muito. Na expressão do rosto, nos movimentos, no andar, não se percebia mais a afetação da fadiga e indolência de outrora. Parecia um homem sem tempo para pensar na opinião dos outros e entregue inteiramente a afazeres agradáveis e interessantes. Sua fisionomia exprimia maior contentamento próprio e das pessoas que o cercavam; seu sorriso e seu olhar eram mais alegres e atraentes.

Kutuzov, que ele alcançara na Polônia, recebeu-o muito bem, prometendo não esquecê-lo, e o distinguiu dos demais ajudantes de ordens, levando-o a Viena e

confiando-lhe as missões mais sérias. De Viena o general escreveu a seu velho camarada, o pai do príncipe André:

“Seu filho promete ser um oficial fora do comum pelo valor, firmeza e consciência com que cumpre seus deveres. Fico feliz por ter um tal oficial a meu lado.”

No Estado-Maior de Kutuzov, entre os camaradas, e em geral no exército, o príncipe André, assim como na sociedade de Petersburgo, tinha duas reputações completamente diferentes: uns — a minoria — consideravam-no um indivíduo excepcional, esperavam grandes coisas de sua parte e o ouviam, admiravam e imitavam. Com esses o príncipe era simples e amável. Os outros — a maioria — não gostavam dele por achá-lo orgulhoso, frio e antipático. Mas a esses últimos o príncipe André tratava de tal forma que os forçava ao respeito e mesmo ao receio.

Ao deixar o gabinete de Kutuzov, o príncipe André, ainda com os papéis na mão, aproximou-se do ajudante de ordens de serviço, seu camarada Kozlovski, que estava sentado perto da janela com um livro na mão.

— O que há, príncipe? — perguntou o camarada.

— Mandou fazer um relatório explicando por que não avançamos.

— E por quê?

O príncipe André sacudiu os ombros.

— Não há notícias de Mack? — perguntou Kozlovski.

— Não.

— Se fosse verdade que ele foi derrotado, já teríamos recebido a notícia.

— Provavelmente — respondeu o príncipe dirigindo-se para a saída. Mas, nesse momento, batendo a porta, entrava rapidamente, na sala de espera, um general austríaco de grande estatura, trazendo a condecoração de Maria Teresa ao pescoço, com a cabeça enrolada num lenço preto, e que, evidentemente, acabava de chegar. O príncipe André parou.

— O general em chefe Kutuzov? — perguntou rapidamente o general austríaco com forte sotaque alemão, olhando para os lados, e, sem parar, dirigiu-se para a porta do gabinete.

— O general em chefe está ocupado — disse Kozlovski, interceptando-lhe a entrada. — Quem devo anunciar?

O general desconhecido pareceu admirado de não saberem quem ele era. Olhou com desprezo, dos pés à cabeça, o pequeno Kozlovski.

— O general em chefe está ocupado — repetiu tranquilamente o ajudante de ordens.

A fisionomia do general tornou-se sombria e seus lábios tremeram. Escreveu rapidamente algumas palavras numa caderneta, arrancou a folha e entregou ao oficial russo. Aproximando-se da janela, deixou-se cair numa cadeira, passando a examinar os dois jovens e perguntando a si próprio por que o fitavam.

Em seguida levantou a cabeça, espichou o pescoço como se fosse dizer alguma coisa e, inesperadamente, parecendo que ia cantarolar, emitiu um som estranho que logo se perdeu.

A porta do gabinete abriu-se e Kutuzov apareceu no limiar.

O general da cabeça atada, como se quisesse evitar um perigo, aproximou-se, com suas pernas magras, a passos largos e rápidos de Kutuzov.

— Tem diante de si o infeliz Mack — disse em francês, numa voz entrecortada.

Kutuzov, que se conservara na porta do gabinete, ficou impassível durante alguns segundos. Em seguida, seu rosto relaxou, ele inclinou respeitosamente a cabeça, fechou os olhos e em silêncio fez Mack entrar, fechando a porta.

O boato que já corria sobre o aniquilamento dos austríacos e a capitulação de todo o exército em Ulm estava confirmado. Meia hora mais tarde, os ajudantes de ordens eram enviados em todas as direções com comunicados de que as tropas russas, até ali inativas, brevemente enfrentariam o inimigo.

O príncipe André era dos poucos oficiais do Estado-Maior que tinha interesse pelo desenvolvimento geral da guerra. Vendo Mack e ouvindo os detalhes de sua derrota, compreendeu que a metade da campanha estava perdida e toda a dificuldade da situação para o exército russo. Via perfeitamente o que os esperava e a missão que deviam cumprir. Involuntariamente, sentia um certo júbilo, comovido com a derrota da orgulhosa Áustria, e com a ideia de que, talvez dentro de uma semana, se desse o primeiro enfrentamento entre russos e franceses, desde Suvorov, e no qual tomaria parte. Mas temia o gênio de Bonaparte, que poderia superar toda a bravura do exército russo, e ao mesmo tempo não podia admitir a vergonha para seu herói. Emocionado e perturbado

por essas ideias, retirou-se para seu quarto a fim de escrever ao pai, o que fazia todos os dias. No corredor encontrou seu camarada Nesvitzki e o divertido Jerkov. Ambos riam.

— Por que estás tão sombrio? — perguntou Nesvitzki, notando a fisionomia pálida e os olhos brilhantes do príncipe.

— Não há motivo para contentamento — respondeu Bolkonski.

Enquanto os três se encontravam ali, do outro lado do corredor vinham Strauch, general austríaco adido ao Estado-Maior de Kutuzov para zelar pelo reabastecimento do exército russo, e um membro do conselho superior de guerra, ambos chegados na véspera. O corredor era bastante largo para os generais passarem livremente pelos três oficiais. Mas, empurrando Nesvitzki com a mão, Jerkov disse com uma voz ofegante:

— Aí vêm eles!... Aí vêm eles!... Deixe passar... deixe passar, por favor.

Os generais passaram, pareciam desejosos de evitar cumprimentos. No rosto do gaiato Jerkov viu-se, subitamente estampado, o sorriso de satisfação.

— Excelência — disse em alemão, adiantando-se para o general austríaco —, tenho a honra de felicitá-lo. — Baixou a cabeça, e, desajeitadamente como uma criança que está aprendendo a dançar, escorregava ora sobre uma, ora sobre outra perna.

O general, membro do Conselho Superior de Guerra, olhou-o severamente, mas, notando a franqueza do sorriso estúpido, não pôde recusar um momento de atenção. Apertou os olhos em sinal de que estava escutando.

— Tenho a honra de felicitá-lo. O general Mack chegou e vai bem. Só está levemente ferido aqui — acrescentou com um sorriso, mostrando a cabeça.

O general franziu o cenho, deu-lhe as costas e seguiu seu caminho.

— Meu Deus, que ingenuidade! — disse ele em alemão, com raiva, depois de alguns passos.

Nesvitzki, rindo, abraçou o príncipe André, mas este, tornando-se ainda mais pálido, com uma expressão de cólera na fisionomia, empurrou-o e dirigiu-se a Jerkov. O aborrecimento que lhe causara por ter encontrado Mack, as notícias da situação, a reflexão sobre o que poderia acontecer ao exército russo, desencadearam a cólera provocada pela brincadeira fora de propósito de Jerkov.

— Cavaleiro — disse ele com voz incisiva e um tremor no queixo —, se quiser ser bufão, não posso impedi-lo, mas declaro-lhe que, se ainda ousar fazer palhaçadas na minha presença, vou ensiná-lo como conduzir-se.

Nesvitzki e Jerkov ficaram tão admirados com essas palavras que, com os olhos arregalados, fitaram Bolkonski sem dizer nada.

— Mas apenas parabeneizei — disse Jerkov.

— Não estou brincando, cale-se — gritou Bolkonski. E pegando Nesvitzki pelo braço afastou-se de Jerkov, que não sabia o que responder.

— Mas o que é isso, meu caro? — perguntou Nesvitzki, procurando acalmá-lo.

— Como é? — fez o príncipe André cuja emoção obrigou-o a parar. — Pense um pouco, ou somos oficiais que servem ao imperador e à pátria, que regozijam-se com o sucesso geral e sofrem com o fracasso, ou apenas lacaios que não têm o menor interesse nos negócios do patrão. Quarenta mil homens são massacrados, o exército dos nossos aliados é destruído, e você vê nisso motivo para pilhéria — disse ele, falando francês para reforçar sua opinião. — Isso pode ser razoável para um sujeito indigno como esse rapaz de quem se fez amigo, mas não para você, não para você. Apenas um moleque pode divertir-se assim — continuou em russo, quando notou que Jerkov ainda podia ouvi-lo.

Esperou para ver se o tenente ia responder. Mas este voltou-se e saiu do corredor.

IV

O regimento dos hussardos de Pavlograd estava acampado a duas milhas de Braunau. O esquadrão em que Nicolau Rostov servia como *junker* [\[13\]](#) ocupava Saltzeneck, aldeia alemã. Seu comandante, capitão Denissov, conhecido em toda a divisão de cavalaria por Vaska Denissov, havia reservado para si a melhor casa da aldeia. Rostov, desde que aderira ao regimento, na Polônia, dividia o alojamento com ele.

No dia 8 de outubro, apesar do alvoroço no quartel-general em consequência da derrota de Mack, a vida de campanha do esquadrão continuava tão tranquila como antes. Denissov, que passara a noite jogando, ainda não voltara quando, na madrugada desse dia, Rostov regressava, a cavalo, da distribuição de forragem.

Envergando o uniforme de *junker*, aproximou-se do patamar e, num movimento elegante, apeou, ficando um momento com o pé

esquerdo no estribo, como se não quisesse separar-se do animal. Finalmente, chamou o ordenança.

— Ah! Bondarenko, meu amigo! — disse ao hussardo que se precipitava para o cavalo. — Passeia-o um pouco — acrescentou fraternal e alegremente como fazem todos os jovens quando estão felizes.

— Como quiser, Excelência — respondeu o ucraniano, sacudindo alegremente a cabeça.

— Cuidado, passeia direito.

Um outro hussardo aproximava-se também do cavalo, mas Bondarenko já agarrara as rédeas. Era evidente que o *junker* dava boas gorjetas e que valia a pena servi-lo. Rostov correu a mão pela crina do animal, depois afagou-lhe a garupa e, parando no patamar, pensou: “Dará um bom cavalo.” Sorriu, ajeitou o sabre e subiu as escadas arrastando as esporas. O proprietário alemão, com um colete de flanela e um boné, segurando um forcado para amontoar o estrume, olhava da estrebaria. A fisionomia do alemão iluminou-se ao ver Rostov. Sorriu jovialmente, piscando os olhos:

— *Schön, gut morgen! Schön, gut morgen!* [14] — repetiu visivelmente satisfeito com a presença do rapaz.

— Já trabalhando! — respondeu Rostov com a mesma expressão jovial de sempre. — Viva a Áustria! Viva a Rússia! Viva o imperador Alexandre! — disse repetindo as palavras que o proprietário dizia constantemente.

O alemão riu e, deixando a estrebaria, tirou o boné e exclamou:

— Viva todo mundo!

Rostov abanou o quepe e gritou rindo:

— E viva todo mundo!

Se bem que não houvesse nenhum motivo especial de alegria nem para o alemão, que estava limpando a estrebaria, nem para Rostov, que saíra, com a sua companhia, à procura de forragem. Após darem sinais de afeição recíproca, separaram-se, sorrindo; o alemão para sua estrebaria e Rostov para a cabana em que morava com Denissov.

— Onde está teu patrão? — perguntou a Lavruchka, o criado malandro de Denissov que todo o regimento conhecia.

— Desde ontem à noite que não aparece. Com certeza perdeu — respondeu Lavruchka. — Sei quando ele ganha: vem cedo para prosear; quando não aparece até de manhã, é porque perdeu e vem de mau humor. Toma café?

— Sim, pode trazer.

Dez minutos depois o criado do capitão trazia o café.

— Está chegando — disse. — Ah! Vai ser uma tragédia!...

Pela janela Rostov viu Denissov entrando. O capitão era pequeno, de rosto vermelho, olhos negros e brilhantes, bigodes pretos, arrepiados e cabelos da mesma cor. Sua túnica estava desabotoada, usava calças largas e barretina de hussardo amarrotada, atirada para trás.

Entrou, cabeça baixa e cara fechada.

— Lav'uchka — gritou, numa voz forte e clara. — Ti'a isso, animal.

— Tiro, não precisa gritar — respondeu o criado.

— Ah! Já levantaste — disse Denissov ao entrar.

— Há muito tempo — respondeu Rostov. — Já fui buscar a forragem e vi Fräulein Mathilde.

— Como são as coisas, meu ca'ô, pe'di como um animal — gritou Denissov, que não pronunciava a letra r.

— Que azar do diabo! Quando saíste as coisas iam mais ou menos. Vamos ao chá!

Denissov fez uma careta mostrando os dentes, que eram curtos e fortes, passando ambas as mãos no cabelo, que ficou todo eriçado.

— Foi o diabo que me levou pa'a a casa do Rato (apelido de um oficial) — prosseguiu esfregando a testa e o rosto com as mãos. — Imagina que não me de'am uma única ca'ta que p'estasse. — Denissov pegou o cachimbo que lhe estendiam e apertou-o fortemente. Deixando cair uma brasa, bateu-o no chão e continuou a gritar: — Pouca so'te, pouca so'te!

Deixou cair fagulha, quebrou o cachimbo, jogando-o longe. Calou-se, e, de súbito, virou-se alegremente para Rostov com os olhos brilhantes.

— Se ao menos houvesse mulhe'es. Aqui se a gente não bebe, não há o que fazê'. O melho' é b'iga' de uma vez. Eh! quem é? — gritou, ouvindo passos pesados que pararam fazendo barulho de esporas seguidas de uma tosse respeitosa.

— É o furriel — anunciou Lavruchka.

Denissov fez uma careta.

— Não é boa coisa. — E atirou a Rostov uma bolsa com algumas moedas de ouro. — Meu ca'ô, conta quanto tenho e esconde embaixo do t'avessei'ô, — Saiu. Rostov, fazendo uma pilha com as moedas novas e outra com as velhas, pôs-se a contar o dinheiro.

— Ah! Telianine! Bom dia! Fui derrotado ontem — dizia Denissov no outro aposento.

— Onde? No Bikov, no Rato?... Eu já sabia — respondeu uma voz aguda e, logo em seguida, o tenente Telianine entrava no quarto em que estava o *junker*. Era um oficial do esquadrão.

Rostov guardou a bolsa sob o travesseiro e apertou-lhe a pequena mão suada. Telianine, por uma razão qualquer, fora excluído da guarda antes de começar a campanha. No regimento procedia corretamente, mas não gostavam dele, e Rostov, principalmente, não conseguia esconder a repulsa imotivada que sentia por esse oficial.

— E que tal o meu Gratchik? — perguntou. (Gratchik era o cavalo de montaria, que vendera a Rostov.) O tenente nunca encarava o interlocutor; seu olhar vagava sempre de um lado para outro. — Vi-o quando montou nele hoje.

— Sim, é um bom cavalo — respondeu Rostov, apesar de ter pagado setecentos rublos por um animal que não valia a metade. — Mas começa a mancar da pata esquerda da frente — acrescentou.

— Foi o casco que rachou; isso não é nada, eu lhe mostrarei como se coloca.

— Sim, sim, por favor.

— Eu lhe mostrarei, não há dúvida, não é um segredo. Você ainda ficará agradecido.

— Muito bem, vou mandar buscar o cavalo — disse Rostov para se ver livre de Telianine. E saiu para dar a ordem.

No vestíbulo, Denissov, de cachimbo na boca, estava sentado na soleira ouvindo um relatório do furriel. Ao vê-lo entrar, fez uma careta de nojo apontando com o dedo por cima do ombro para o quarto.

— Não supo'to aquela ca'a — disse sem constranger-se com a presença do sargento.

Rostov deu de ombros como dizendo: “Eu também, mas fazer o quê?” Dada a ordem, voltou para junto de Telianine. Telianine esfregava as pequenas mãos brancas e continuava com o mesmo ar despreocupado que tinha quando Rostov saíra.

“Como existem caras asquerosas”, pensou Rostov.

— Bem, mandou buscar o cavalo? — perguntou Telianine, levantando-se e olhando despreocupadamente em torno de si.

— Mandei.

— Então, vamos ver. Vim apenas para ler o comunicado de ontem. Você o recebeu, Denissov?

— Ainda não. Aonde vai?

— Vou mostrar ao rapaz como se deve ferrar um cavalo.

Saiu. Na estrebaria mostrou como deviam ferrá-lo e foi para casa.

Quando Rostov voltou, havia uma garrafa de vodca e uma salsicha na mesa. Denissov, sentado, escrevia. Lançou um olhar grave a Rostov.

— Estou esc’evendo a ela — começou, debruçando-se na mesa e contente em poder contar tudo que queria escrever. — Olha, meu amigo, enquanto não amamos estamos do’mindo, somos poei’a. Depois que amas, és Deus, pu’o como no p’imei’o dia da C’iação... Quem está aí? Manda-o pa’a o infe’no — gritou a Lavruchka, que se aproximava sem o menor constrangimento.

— Mas foi o senhor mesmo que deu ordem. E o furriel que veio buscar o dinheiro.

“Mau negócio”, pensou.

— Quanto dinhei’o tem na bolsa? — perguntou a Rostov.

— Sete moedas novas e três velhas.

— Mau negócio! E o que está fazendo aí, seu patife? Manda o fu’iel ent’a’ — gritou a Lavruchka.

— Por favor, Denissov, pode usar meu dinheiro, estou bem de finanças — disse Rostov, corando.

— Não gosto de pedi’ dinhei’o emp’estado aos amigos, não gosto disso.

— Se não aceitares meu dinheiro, como verdadeiro camarada, eu me ofendo. Tenho bastante, palavra — repetiu Rostov.

— Não — disse Denissov, aproximando-se da cama para pegar a bolsa debaixo do travesseiro. — Onde a puseste? — perguntou.

— Sob o travesseiro menor.

— Não está.

Denissov jogou os travesseiros ao chão. A bolsa não apareceu.

— Inacreditável.

— Espera, quem sabe a deixaste cair — disse Rostov, sacudindo os dois travesseiros. Sacudiu a cobertura também, mas nada da bolsa. — Será que esqueci? Mas não, eu ainda disse para mim mesmo que guardava como um tesouro embaixo da cabeça. Eu a pus aqui. Onde está ela? — perguntou a Lavruchka.

— Não entrei no quarto, deve estar onde o senhor a pôs.

— Devia, não está...

— Você é assim mesmo: atira em qualquer parte e depois esquece. Olhe nos bolsos.

— Não adianta, se não tivesse pensado no tesouro, vá que me esquecesse, mas lembro-me muito bem que a pus aqui — disse Rostov.

Lavruchka desmanchou completamente a cama, olhou embaixo dela, revistou todo o quarto sem o menor resultado. Denissov seguia os movimentos do criado, e quando este abriu os braços, dizendo que não encontrara, olhou Rostov.

— Rostov, não estás b'incan...

Ele sentiu o olhar do capitão, levantou os olhos e baixou-os em seguida. Subiu-lhe todo o sangue ao rosto, e mal respirava.

— Aqui no quarto não entrou ninguém a não ser o senhor e o tenente, então a bolsa deve estar por aí — disse Lavruchka.

— E o que estás fazendo aí, seu palhaço?! Vamos, mais lígei'o, p'ocu'a — gritou Denissov, dirigindo-se ameaçadoramente para o criado. — Que essa bolsa apa'êça se não quise'es mo'e' apanhando. Da'ei uma su'a em todo mundo.

Rostov abotoou a túnica, pegou o sabre e o quepe.

— Eu te digo que essa bolsa tem que apa'êce' — gritava Denissov, sacudindo o criado contra a parede.

— Denissov, deixa-o, sei quem tem a bolsa — disse Rostov, dirigindo-se para a porta sem levantar os olhos.

Denissoff parou, refletiu e, compreendendo a alusão de Rostov, segurou-lhe a mão:

— Estás louco! — gritou, parecendo que ia estourar. As veias do pescoço e da face incharam, parecendo cordas. — Estás louco, não consenti’ei isso. A bolsa está aqui e esse canalha tem que encont’á-la, nem que p’ecise apanha’ pa’a isso.

— Sei quem a levou — repetiu Rostov numa voz trêmula, aproximando-se da porta.

— E eu te digo pa’a não faze’es isso — repetiu, procurando segurá-lo.

Mas Rostov desvencilhava-se com tal furor como se se tratasse de seu pior inimigo e fitou-o.

— Raciocina um pouco! Salvo eu, ninguém esteve no quarto. Logo...

Saiu sem terminar.

— Que o diabo o ca’egue! Você e todo mundo — foram as últimas palavras que Rostov ouviu.

Rostov dirigiu-se para o alojamento de Telianine.

— O tenente não está em casa, foi para o Estado-Maior — disse-lhe o criado.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou, notando o aspecto perturbado do jovem.

— Não, nada.

— Por pouco não o encontrou.

Sem voltar em casa, Rostov tomou um cavalo e dirigiu-se para o Estado-Maior, que ficava a três *verstas* de Saltzeneck. Na vila, Rostov dirigiu-se a uma taverna frequentada por oficiais. Perto da entrada, reconheceu o cavalo de Telianine. Na segunda sala estava o tenente, diante de um prato de salsichas e uma garrafa de vinho.

— Ah! Veio também! — exclamou Telianine, sorrindo e levantando as sobrancelhas.

— Sim — respondeu Rostov com esforço, sentando-se numa mesa vizinha.

Na sala havia dois alemães e um oficial russo. Ninguém falava e só se ouvia o ruído dos garfos nos pratos e da mastigação. Quando Telianine terminou seu almoço, puxou uma bolsa dupla e, com os dedos brancos, abriu-a tirou uma moeda de ouro, dando-a ao garçon.

— Depressa, faça o favor.

A moeda era nova; Rostov levantou-se chegando-se para Telianine.

— Permita que veja essa bolsa — disse em voz muito baixa, quase imperceptível.

Com o olhar sempre fugidio, mas sem baixá-lo, o tenente estendeu-lhe a bolsa.

— É uma bonita bolsa... Bonita mesmo — disse, empalidecendo. — Pode ver, meu caro.

Rostov pegou a bolsa, examinou-a, verificou o dinheiro e fitou Telianine. Este, como de costume, olhava para os lados e, subitamente, disse, parecendo muito alegre:

— Em Viena gastarei tudo. Mas aqui, nessa aldeia horrível, nem há onde gastar. Quer devolver-me? Tenho que sair.

Rostov ficou calado.

— Também veio almoçar? Não se come mal aqui. Vamos, a bolsa — disse, estendendo a mão.

Rostov largou-a. Telianine guardou-a no bolso das calças, levantou as sobrancelhas e abriu a boca como se quisesse dizer: “Sim, guardo-a no meu bolso, é muito simples, e ninguém tem nada com isso.”

— E então, rapaz — fez ele, suspirando e olhando o *junker*. Os olhares se encontraram e um clarão, rápido qual faísca elétrica, pareceu correr de um ao outro.

— Venha cá — disse Rostov, levando Telianine pelo braço para junto da janela. — É o dinheiro de Denissov — acrescentou baixinho.

— Hein! Como ousa!

Mas essas palavras ressoaram como um grito de desespero, pedindo misericórdia. Assim que ouviu o som dessa voz, Rostov não teve mais qualquer dúvida. Cheio de satisfação, ao mesmo tempo lamentou o infeliz que tinha em sua frente; mas era preciso ir até o fim.

— O que vão pensar — balbuciou Telianine, tomando o chapéu e dirigindo-se para a sala vazia... — É preciso explicar-se...

— Sei o que digo e provarei — afirmou Rostov.

— Eu...

O semblante assustado e pálido de Telianine tremia. Os olhos vagavam sempre sem fixar seu interlocutor. Subitamente, um gemido saiu de seu peito:

— Conde, não arruíne a vida de um moço... Aqui está esse maldito dinheiro... leve-o... — Atirou a bolsa sobre a mesa. — Tenho um pai velho... uma mãe...

Rostov agarrou o dinheiro evitando o olhar do tenente e, sem uma única palavra, saiu. Mas na porta parou e voltou-se.

— Céus! — disse com os olhos cheios de lágrimas. — Como pôde fazer isso?

— Conde — disse Telianine, aproximando-se do rapaz.

— Não me toque — exclamou Rostov, recuando. — Se necessita desse dinheiro, leve-o. — E, atirando-lhe a bolsa, fugiu da taverna.

V

Naquela mesma noite, no alojamento de Denissov, realizava-se uma animada reunião de oficiais do esquadrão.

— Estou-lhe dizendo, Rostov, que você deve apresentar suas desculpas ao coronel — dizia um pouco perturbado o capitão ajudante. Era um homem muito alto, grisalho, com enormes bigodes, enrugado e de traços muito acentuados. Kirsten, era seu nome, fora duas vezes rebaixado por assuntos de honra e duas vezes reconquistara os postos.

— Não consentirei que ninguém diga que minto! — gritou Rostov. — Ele disse que eu estava mentindo, disse-lhe a mesma coisa e não retirarei nada. Pode pôr-me de serviço todos os dias, prender-me, mas ninguém me forçará a desculpar-me. Porque, se ele, como coronel, acha que é uma indignidade dar-me satisfação, então...

— Mas convenhamos, meu caro — interrompeu o capitão ajudante com sua voz grave, enquanto acariciava o longo bigode. — Você diz ao coronel, na frente de diversos oficiais, que um colega roubou...

— Não é minha culpa se a conversa foi na presença de outros. Talvez não devesse ter dito diante deles, mas não sou diplomata. Entrei para os hussardos justamente porque não me presto para essas finezas, e ele diz que estou mentindo. Ele que apresente suas desculpas...

— Tudo isso está certo, ninguém duvida da sua coragem, mas não se trata disso. Pergunte a Denissov se é possível um *junker* pedir satisfações ao comandante do regimento.

Denissov, com um ar sombrio, mordida o bigode, escutando. Via-se que ele não queria tomar parte na discussão. Mas, a essa pergunta do capitão ajudante, sacudiu negativamente a cabeça.

— Você falou dessa sujeira ao coronel na frente dos oficiais — continuou Kirsten — e Bogdanitch (era o nome do coronel) o chamou à ordem.

— Ele não me chamou à ordem, ele disse que eu estava mentindo.

— E que você lhe disse asneiras. Seu dever é desculpar-se.

— Nunca! — gritou Rostov.

— Não esperava isso de você — disse o capitão ajudante em tom grave e severo. — Não quer desculpar-se apesar de culpado, não somente perante ele, mas perante o regimento e nós todos. Se ao menos tivesse parado para pensar, tivesse se aconselhado antes de agir, mas não, estourou como uma bomba na frente de toda a oficialidade! O que poderia fazer o coronel? Levar o oficial a julgamento e manchar o regimento? Por causa de um canalha, cobrir todo o regimento de lodo? Seria o correto para você, mas não pensamos assim, e Bogdanitch fez bem em puni-lo. É desagradável, não há dúvida, mas o erro foi seu, você que procurou por isso. E agora que se procura abafar a história, você recusa orgulhosamente desculpar-se e quer contar tudo. Que diminuição pode haver em pedir desculpas a um velho e honrado oficial? Porque, afinal de contas, Bogdanitch é um velho hussardo e um digno coronel. Acha que é vergonhoso, mas pouco se lhe dá de manchar o regimento? — A voz do capitão ajudante começava a vacilar. — Meu caro, você é novo, hoje está aqui, amanhã será ajudante de ordens em qualquer parte, e lhe é indiferente que digam: “Entre os oficiais do regimento de Pavlograd existem ladrões”! Mas isso para nós não é indiferente. Não é verdade, Denissov, que para nós não é a mesma coisa?

Denissov continuava calado, sem fazer um movimento; de quando em vez, lançava um olhar a Rostov com seus olhos negros e brilhantes.

— Encastela-se num capricho e não quer desculpar-se — continuou o capitão ajudante — mas para nós, os velhos, que crescemos e, possivelmente, morreremos no regimento, prezamos sua honra, e Bogdanitch sabe disso. Essa

honra nos é cara, meu amigo! E o que está fazendo não está certo! Zangue-se ou não, direi a verdade. Não está certo.

Levantou-se voltando as costas a Rostov.

— É isso mesmo, que diabo! — exclamou Denissov, levantando-se. — E então ‘ostov, e então!...

Rostov, ora corando, ora empalidecendo, olhava os oficiais.

— Não, senhores, não... Não pensem que... Compreendo muito bem e não pensem que eu... eu... que para mim... enfim, ponho a honra do regimento acima de tudo... Verão no momento oportuno que para mim a honra da bandeira... Que seja, é verdade, sou culpado... — Estava com os olhos rasos de água. — Sou culpado, absolutamente culpado!... Está aí! O que querem mais?...

— Isso, conde! — disse o capitão ajudante, acercando-se dele e batendo-lhe no ombro com a mão enorme.

— Eu te disse que e’a um bom cama’ada! — fez Denissov.

— Muito bem, conde — repetiu o capitão dando-lhe o título como em recompensa de sua confissão. — Vá e peça desculpas.

— Senhores, farei tudo, ninguém ouvirá uma só palavra de minha boca — continuou Rostov com uma voz de súplica. — Mas não posso pedir desculpas. Juro que não posso. Não posso desculpar-me como se fosse uma criança.

Denissov riu.

— Pior para você. Bogdanitch é rancoroso e essa teimosia lhe custará caro — disse Kirsten.

— Por Deus, não é teimosia! Não consigo exprimir-lhes o sentimento...

— Bom, como quiser — disse o capitão ajudante. — E aí, onde se meteu esse covarde? — perguntou a Denissov.

— Diz que está doente. No boletim de amanhã di’ão que está doente — respondeu Denissov.

— Sim, é uma doença, não pode dizer o contrário — fez o capitão ajudante.

— Doente ou não, que não apa’ença na minha f’ente po’que o mata’ei — acrescentou Denissov, furioso.

Jerkov entrou na sala.

— Você? Como assim? — perguntaram os oficiais.

— Em marcha, senhores. Mack rendeu-se com todo o seu exército.

— Mentira!

— Não, eu mesmo o vi.

— Como, viste Mack em carne e osso?

— Em marcha, em marcha! A notícia vale um trago. Como vieste parar aqui?

— Mandaram-me para cá por causa de Mack, esse desgraçado. O general austríaco queixou-se. Felicitei-o pela chegada de Mack. E tu, Rostov, parece que estás saindo do banho?

— Ah! meu caro, nesses dois dias houve tanta coisa aqui...

O ajudante de ordens do regimento entrou confirmando a notícia de Jerkov. A ordem era de marchar no dia seguinte.

— Em marcha, senhores!

— Graças a Deus, já estávamos parados aqui há muito tempo.

VI

Kutuzov retirara para Viena, destruindo atrás de si as pontes do Inn (em Braunau) e a do Traün (em Lintz). No dia 23 de outubro as tropas russas atravessaram o rio Enns. Os transportes de bagagem, a artilharia e as tropas passaram o rio em pleno dia, desfilando dos dois lados da ponte. Era um dia de outono quente e chuvoso. Das alturas onde estavam situadas as baterias russas que defendiam a ponte, abria-se um vasto horizonte, ora oculto por uma cortina de chuva oblíqua, ora alargando-se de repente com uma luz do sol que tornava os objetos brilhantes como se fossem envernizados, fazendo-os distinguir de longe. Embaixo, via-se a cidade com suas casas brancas de telhados vermelhos, a catedral e a ponte onde, de ambos os lados, desfilavam as tropas russas. Numa volta do Danúbio viam-se as embarcações, a ilha e o castelo com o parque rodeado pelas águas do Enns, que nessa altura desemboca no Danúbio. À margem esquerda, percebiam-se os rochedos e as florestas de pinheiros perdendo-se no mistério longínquo dos cumes verdes e dos desfiladeiros azulados. Viam-se os sinos do mosteiro aparecendo atrás da floresta de pinheiros, toda ela de um aspecto selvagem e impenetrável, e, muito longe, na montanha do outro lado do Enns, as patrulhas inimigas.

Entre os canhões colocados na elevação, estava o general comandante da retaguarda examinando o terreno com uma luneta e acompanhado por um oficial da comitiva do Estado-Maior. Sentado na culatra de um canhão, um pouco mais atrás, estava Nesvitzki, enviado à retaguarda pelo general em chefe. O cossaco que o acompanhava lhe entregou um saquinho e uma garrafa, e Nesvitzki presenteava os oficiais com doces e um *doppel-kümmel* [\[15\]](#) autêntico.

Os oficiais o cercavam alegremente, uns ajoelhados e outros sentados de pernas cruzadas na grama úmida.

— É, não era burro o príncipe austríaco que construiu esse castelo. Que local maravilhoso! Por que não comem, cavalheiros? — perguntou Nesvitzki.

— Muito obrigado, príncipe — respondeu um dos oficiais, encantado de conversar com um personagem tão importante do Estado-Maior. — É um lindo lugar. Passamos diante do parque e avistamos dois cervos. Que castelo bonito!

— Veja, príncipe — disse um outro que estava com vontade de comer mais um doce e, não ousando, fingia admirar a paisagem. — Veja, nossos soldados já estão lá na clareira, atrás da aldeia; três arrastam alguma coisa. Vão saquear o castelo! — acrescentou numa sugestão evidente.

— Não há dúvida — disse Nesvitzki. — O que me tenta — continuou, levando um doce à boca pequena e úmida — é aquilo lá. — Mostrou o convento, cujos sinos apareciam no alto da montanha. Sorriu piscando os olhos. — Boa ideia, hein? — Os oficiais sorriam. — Ah! se ao menos pudéssemos assustar essas freiras. Dizem que há por lá umas italianinhas muito bonitas. Palavra que daria cinco anos de vida.

— Ainda mais que elas devem se entediar lá — acrescentou o oficial mais ousado.

Nesse ínterim, o oficial da comitiva, que estava mais adiante, mostrava qualquer coisa ao general, que olhava com a luneta.

— Sim, é isso mesmo, isso mesmo! — exclamou com raiva, deixando o instrumento e dando de ombros. — É isso, atacarão na travessia.

Do outro lado, onde subia uma pequena fumaça branca, leitosa, e viam-se as baterias inimigas a olho nu. Atrás da fumaça ouviu-se uma detonação distante, e podiam-se avistar as tropas russas que se apressavam ao passar o rio. Tomando um ar, Nesvitzki levantou-se e aproximou-se sorrindo do general:

— Aceita um pedaço, Excelência?

— Isto não vai bem — disse o general sem responder. — Nossas tropas estão atrasadas.

— Devo preveni-las, Excelência? — perguntou Nesvitzki.

— Sim, por favor — respondeu o general. E repetiu em detalhe a ordem dada anteriormente. — Diga aos hussardos que fiquem por último, que incendeiem a

ponte como mandei e que inspecionem bem os inflamáveis.

— Muito bem — disse Nesvitzki.

Chamou o cossaco e ordenou-lhe que arrumasse os alforjes e montou facilmente, apesar do corpo pesado.

— Palavra que passarei nas freiras — disse aos oficiais que o olhavam sorrindo, e afastou-se pelo caminho sinuoso da montanha.

— Capitão, vamos ver onde podemos alcançar — disse o general, dirigindo-se a um capitão de artilharia. — Atire. Divirta-se um pouco.

— Artilheiros, a postos! — comandou o oficial. Num piscar de olhos os artilheiros acorreram alegremente das fogueiras, carregando os canhões.

— Número Um! — gritou o comando.

O número Um atirou. Atordoando a todos sobre a montanha, a granada partiu com um som metálico e, assobiando, longe, sem alcançar o inimigo, indicou pela fumaça o lugar onde rebentou ao cair. Os semblantes dos soldados e dos oficiais se iluminaram com esse estrondo. Todos levantavam e faziam observações sobre o movimento de nossas tropas, que eram vistas embaixo claramente, e sobre as do inimigo, que avançava. No mesmo instante o sol, desembaraçando-se completamente das nuvens, e o som agradável de um tiro isolado e o brilho do sol se fundiram numa impressão de bravura, entusiasmo e alegria.

VII

Duas balas de canhão inimigas haviam passado sobre a ponte provocando confusão. O príncipe Nesvitzki estava em pé no meio da ponte, encostado contra o parapeito. Ria de seu cossaco, que se achava alguns passos atrás, segurando os dois cavalos pela rédea. Cada vez que procurava avançar, os soldados e as carretas o apertavam novamente contra o parapeito, forçando-o a parar. Apesar disso, conservava o bom humor.

— Ei, meu amigo! — gritou o cossaco a um soldado que conduzia um transporte perto da infantaria — Não poderia esperar? O general ainda tem que passar.

Mas o condutor do transporte, sem dar atenção ao título de general, gritava aos soldados que lhe interrompiam a passagem:

— Ei! Patrícios, vão um pouco para a esquerda, esperem!

Mas os patrícios, sem parar, atravessavam a ponte ombro a ombro, enganchando-se nas baionetas, formando uma massa compacta. O príncipe Nesvitzki observava, por cima do parapeito, as ondas rápidas e barulhentas do Enns, que, batendo nos pilares, confundiam-se, passando umas pelas outras. Na ponte via ondas vivas de soldados, semelhantes às de baixo, quepes altos e seus penachos, mochilas, baionetas, carabinas, e sob os quepes, os rostos de maçãs salientes, faces encovadas, fisionomias cansadas e as pernas que se moviam no barro pegajoso que cobria o leito da ponte. De quando em quando, entre essas monótonas vagas humanas, como a espuma branca nas ondas do Enns, destacava-se um oficial de casaca e fisionomia diferente dos soldados. Outras vezes as ondas da infantaria carregavam, como um pedacinho de pau no rio, um hussardo a pé, um criado ou um morador da cidade. Ou ainda, como um galho no rio, um carro de transporte, atulhado e coberto de couro, completamente cercado, rodava na ponte.

— É como se tivessem rompido um dique — disse o cossaco desesperado. — Vocês ainda são muitos do outro lado?

— Um milhão menos um — respondeu e deu uma piscadela um zombador que passava nesse momento com seu capote rasgado. Atrás dele vinha um soldado velho.

— Se *ele* (o inimigo) comesse a alvejar a ponte — dizia sombriamente a seu companheiro —, a gente esqueceria até de se coçar.

E o soldado passou.

Atrás, um outro viajava no carro de transporte.

— Onde meteram os ferramentas? — perguntou um homem, remexendo a parte de trás do carro. O carro e o soldado também se afastaram.

Depois, vinham alguns mais alegres, que evidentemente haviam bebido.

— Meu velho, que coronhaço ele deu nos dentes daquele tipo... — dizia alegremente um soldado com a gola do capote erguida.

— Ah! Era um presunto delicioso! — fez outro, escarnecendo. E passaram tão ligeiro que Nesvitzki não ficou sabendo de quem haviam quebrado os dentes nem o que significava “presunto”.

— Por que se apressam? Porque *ele* deu um tiro acham que seremos todos esmagados — disse um sargento em tom de censura.

— Quando a bala passou, perdi a respiração, meu senhor — dizia um soldadinho de boca enorme, contendo o riso. — Palavra de honra que me assustei — continuava como que se vangloriando de seu medo.

E passou também. Atrás vinha um veículo completamente diferente de todos os que haviam passado. Era uma carroça alemã, puxada por dois cavalos que dava a impressão de carregar uma casa inteira. Um alemão a conduzia, e amarrada a ela vinha uma linda vaca malhada com enormes tetas; uma mulher carregava uma criança de peito, uma alemã velha e uma moça robusta e corada vinham na carreta, sentadas num colchão. Naturalmente, esses aldeões haviam tido permissão especial para passar. Todos os soldados se voltavam para as mulheres e, enquanto a carroça avançava ao passo dos cavalos, todos os comentários choviam sobre elas. Todas as fisionomias estampavam o mesmo sorriso, provocado pelas ideias escabrosas dirigidas a essas mulheres.

— Ah, essa salsicha também se vai!

— Queres me vender tua mãe?! — disse outro soldado ao alemão, frisando a última sílaba. O alemão com os olhos baixos, cheio de cólera e medo, caminhava a passos largos.

— E como se enfeitou! Aí tem coisa!

— Devias ter parado na casa deles, Fetodov.

— Vi muita coisa, meu caro!

— Para onde vocês vão? — perguntou um oficial de infantaria comendo uma maçã e que também olhava sorrindo para a linda jovem.

O alemão fechou os olhos em sinal de quem não compreendia nada.

— Queres? Toma — disse o oficial oferecendo uma maçã à moça. Ela sorriu e aceitou.

Como todos que estavam na ponte, Nesvitzki não tirava os olhos das mulheres. Depois de passar, os soldados continuavam falando nas mesmas coisas. Finalmente todos pararam. Como acontece muitas vezes, os cavalos e os carros da companhia se embaraçaram ao sair da ponte e todo mundo teve que esperar.

— Por que param? Não há ordem nenhuma — comentaram os soldados. — Não empurra! Para o inferno, não podemos esperar. Será pior quando *ele*

queimar a ponte. Ali, veja, estão apertando um oficial — diziam de todos os lados, e aos empurrões dirigiam-se para a saída sem poder avançar.

Enquanto olhava as águas do Enns correrem sob a ponte, Nesvitzki ouviu subitamente um som novo para ele, de qualquer coisa que se aproximava rapidamente, o som de qualquer coisa pesada caindo dentro da água com estrondo.

— Veja onde caiu! — disse severamente um soldado que estava próximo, virando-se ao ouvir o som.

— Está nos estimulando a passar mais ligeiro — fez um outro sem esconder a sua inquietação.

A massa agitou-se novamente. Nesvitzki compreendeu que era um obus.

— Cossaco, meu cavalo — disse ele. — Vamos, pessoal, abram caminho, quero passar.

Com grande dificuldade chegou até seu cavalo e, sempre gritando, continuou a avançar. Os soldados se imprensavam para dar-lhe passagem e o apertaram a ponto de lhe machucarem as pernas, mas os que estavam próximos não tinham culpa, pois também eram empurrados.

— Nesvitzki! Nesvitzki! Sua besta! — gritou atrás dele uma voz rouca.

Nesvitzki virou-se e notou Vaska Denissov a uns quinze passos atrás, no meio da massa fervilhante da infantaria. Estava vermelho, boné na nuca e o dólmã atirado sobre o ombro.

— Manda esses diabos da'em passagem! — gritou Denissov, visivelmente irritado. Seus olhos, móveis e negros como carvão, brilhavam; com a mão pequena e tão vermelha como o rosto, vibrava o sabre sem desembainhá-lo.

— Ei, Vaska! O que fazes aí? — exclamou Nesvitzki alegremente.

— Não se consegue faze' o esquadrão passa' — replicou Denissov mostrando raivosamente os dentes brancos e esporeando o magnífico corcel preto, um puro-sangue que, batendo nas baionetas, tremia as orelhas, relinchava, cobrindo as rédeas de saliva, batia os cascos e parecia disposto a saltar o parapeito se seu cavalheiro permitisse.

— Afinal, que histó'ia é essa? Uns ca'nei'os, ve'dadei'os ca'nei'os, Vamos, aí na f'ente, deem passagem! Espe'a-me lá fo'a, essa ca'oça do diabo. Meu sab'e te

alisa'á o lombo — gritava. E, tirando, efetivamente, o sabre da bainha, começou a brandi-lo.

Assustados, os soldados apertaram-se uns contra os outros e Denissov alcançou Nesvitzki.

— Como, não estás bêbado, hoje? — perguntou Nesvitzki.

— Não te'emos nem tempo de bebe'. Tem sido o dia intei'o essa histó'ia de um lado pa'a out'o. Se temos que b'iga', que isso comece de uma vez, isto é um infe'no.

— Estás elegante hoje — disse Nesvitzki, reparando no seu novo dólmã e nos arreios do cavalo.

Denissov sorriu estendendo o lenço perfumado para que Nesvitzki o cheirasse.

— Não pode se' de out'a fo'ma! Vamos b'iga'. Como vês, fiz a ba'ba, escovei os dentes e me pe'fumei.

A figura imponente de Nesvitzki, acompanhado de seu cossaco, e a persistência de Denissov gritando a plenos pulmões e agitando o sabre produziram tanto efeito que eles acabaram atravessando a ponte e parando a infantaria. Perto da saída Nesvitzki achou o coronel a quem devia transmitir a ordem e, cumprida a missão, voltou.

Tendo desembaraçado o caminho, Denissov colocou-se na entrada da ponte. Contendo negligentemente seu cavalo que bufava impaciente, observava o esquadrão que vinha ao seu encontro. Os sons metálicos dos cascos ressoavam nas tábuas da ponte, como se cavalos galopassem. O esquadrão começou a sair em formação de quatro, tendo à frente os oficiais.

Os infantes, que haviam parado perto da ponte, apertavam-se no barro e observavam os hussardos, que passavam diante deles, limpos e elegantes, com um sentimento de inveja e zombaria que sempre se manifesta quando dois corpos de exércitos diferentes se encontram.

— Estão chiques os rapazes! Prontos para o passeio de Podnovinskoie!

— E o que se pode esperar dessa gente? Só servem como decorativos! — fez outro.

— Ah, infantaria, não levanta poeira! — caçoou um hussardo cujo cavalo atirava barro nos infantes.

— Eu queria te ver marchando com um saco nas costas para gastar essas cordinhas — replicou o infante limpando com a manga o barro do rosto. — Olhem, parece mais um passarinho que um homem!

— Está aí, Zikine, se te dessem um cavalo, serias elegante — dizia um cabo zombando do recruta magro, curvado sob o peso da mochila.

— Põe um pau entre as pernas, e faz de conta que é cavalo — disse o hussardo.

VIII

O resto da infantaria atravessava a ponte às pressas, fechando-se em cone na saída. Enfim, todas as carroças haviam passado, a balbúrdia era menor e o último batalhão entrava na ponte. Apenas os hussardos de Denissov se conservavam na outra extremidade, fazendo face ao inimigo. Ainda que de longe pudesse ser visto sobre uma montanha, o inimigo ainda não era avistado da ponte, onde um vale limitava o horizonte à distância de meia *versta*. Mais adiante, num espaço deserto, movimentavam-se as patrulhas de cossacos. Subitamente apareceram, numa elevação do lado oposto da estrada, tropas de capote azul e artilharia. Eram os franceses. O destacamento dos cossacos dirigiu-se a trote para a colina. Todos os oficiais e soldados do esquadrão de Denissov, embora procurando falar de outras coisas e olhar em outras direções, fingindo distração, não cessavam de pensar no que estava se preparando lá, na montanha, e olhavam involuntariamente para as manchas que se moviam no horizonte e que sabiam ser tropas inimigas.

Depois do meio-dia o tempo estava limpo novamente, e o sol iluminava o Danúbio e as montanhas sombrias que o circundam. Tudo estava sereno, e, de quando em quando, ouviam-se as cornetas e os gritos do inimigo. Entre o esquadrão e as tropas francesas, salvo algumas patrulhas, não havia mais ninguém. Um espaço vazio de trezentas *sagenas* [\[16\]](#) os separava. O inimigo cessara de atirar, e sentia-se cada vez mais a presença dessa linha terrível, inatingível e insondável que separa dois campos inimigos.

“Um passo além dessa linha, que lembra aquela que separa os vivos dos mortos, e será o desconhecido do sofrimento e da morte. E o que há atrás desse campo, dessas árvores e desses telhados iluminados pelo sol? Ninguém sabe e todos querem saber. É terrível passar essa linha e todos querem passá-la. Sabem que cedo ou tarde será necessário passá-la para saber o que existe no outro lado, assim como saberemos fatalmente o que existe do outro lado da morte. E, no entanto, todos são fortes, alegres, sãos, dispostos e estão cercados por outras pessoas sãs, alegres e animadas.”

É assim que todos pensam ou sentem à vista do inimigo, e essa sensação dá um brilho particular e uma rudeza jovial a tudo que se passa no momento.

Na colina levantou-se uma fumaça, e uma bala de canhão inimiga passou sobre o esquadrão dos hussardos. Os oficiais, que estavam agrupados, dispersaram-se, assumindo seus postos. Os hussardos prepararam cuidadosamente os cavalos, ninguém falava. Todos olhavam na direção do inimigo aguardando as ordens do comandante do esquadrão. Mais duas balas passaram. Evidentemente atiravam

sobre eles. Mas os projéteis, sempre com a mesma velocidade e som agudo, passavam sobre suas cabeças caindo mais atrás. Os hussardos não se voltavam, mas a cada silvo, como a uma voz de comando, com as fisionomias monotonamente diversas, todos os homens levantavam-se nos estribos, suspendendo a respiração, e depois retornavam. Os soldados se entreolhavam de soslaio para observar a impressão do companheiro. Na fisionomia de cada hussardo, desde Denissov até o corneteiro, podia-se ver a impaciência e a excitação nos lábios e no queixo. O sargento ajudante franzia a testa fixando os soldados, como se os ameaçasse com alguma penalidade. O *junker* Miranov se abaixava à passagem de cada projétil. No flanco esquerdo, montado no seu Gratchik, ainda garboso, apesar de levemente manco, Rostov estava radiante como um aluno que, certo de distinguir-se, vai prestar exames diante de uma plateia numerosa. Fitava todos com seus olhos claros e tranquilos como se quisesse chamar a atenção sobre sua calma diante do fogo inimigo. Apesar disso, não podia dissimular um vinco de concentração nos cantos dos lábios.

— Quem é que está cump'imentando? Ei, *junke'* Mi'onov! Não faça isso e olhe pa'a mim! — gritou Denissov, que, não podendo ficar quieto, se agitava na frente do esquadrão.

Vaska Denissov, com seus cabelos negros, seu nariz arrebitado, toda a sua pequena figura, empunhando o sabre desembainhado com a mão peluda, de veias saltadas e dedos curtos, estava bem-disposto, como de costume, principalmente à noite, depois de esvaziar duas garrafas. Apenas um pouco mais vermelho que ordinariamente. A cabeça levantada como os pássaros quando bebem, esporeava impiedosamente seu bom cavalo, andava de um lado para outro, parava bruscamente e gritava em voz rouca que examinassem as pistolas. Aproximou-se de Kirsten. O capitão ajudante veio ao seu encontro cavalgando um jumento forte e pesado. Kirsten, com seus grandes bigodes, estava sério como sempre, apenas os olhos brilhavam mais que habitualmente.

— Não vamos brigar ainda — disse a Denissov. — Vais ver que ainda vamos nos retirar.

— Vá a gente entende' — resmungou Denissov. — Eh! 'ostov! — gritou ao

rapaz, notando-lhe o semblante alegre. — Estás aí! É chegada a ho'a. — Sorriu. Rostov sentia-se completamente feliz.

Nesse momento um chefe apareceu na ponte. Denissov galopou na sua direção.

— Excelência, pe'mita-me atacá-los. Eu os dest'oça'ei.

— É bom atacar — fez o chefe num tom de voz aborrecido, franzindo a testa como para espantar uma mosca impertinente. — O que está fazendo aqui? Não viu as patrulhas de reconhecimento que se recolhem? Mande o esquadrão voltar.

O esquadrão atravessou a ponte ficando fora do alcance da artilharia inimiga sem ter perdido um único homem. Depois dele passou outro esquadrão, e os últimos cossacos desocuparam essa margem.

Dois esquadrões do regimento de Pavlograd atravessaram a ponte, dirigindo-se para a montanha. O coronel Karl Bogdanitch Schubert aproximou-se do esquadrão de Denissov e pôs seu cavalo a passo, bem próximo de Rostov, sem prestar-lhe a menor atenção. Era a primeira vez que se encontravam depois da discussão sobre Telianine. Agora, em marcha, Rostov sentia-se ao dispor desse homem que ofendera e não tirava os olhos das espáduas atléticas, nuca loura e pescoço vermelho do comandante do regimento. Às vezes parecia-lhe que Bogdanitch fingia não vê-lo, querendo apenas testá-lo. Ele aprumava-se então alegremente. Ora imaginava que o coronel caminhava a seu lado para fazer demonstração de coragem; outras vezes imaginava que seu inimigo lançava o esquadrão num ataque terrível, apenas para puni-lo; ou, então, parecia-lhe que, terminado o ataque, ferido, o coronel viria vê-lo e magnanimamente lhe estenderia a mão em sinal de reconciliação.

Jerkov, com seus grandes e altos ombros e que recentemente deixara o regimento de Pavlograd, aproximou-se do coronel. Depois de excluído do Estado-Maior, Jerkov também deixara o regimento, dizendo que não era bobo para ficar na tropa, quando podia em algum Estado-Maior receber muito mais condecorações sem fazer nada. Conseguira sua nomeação para ordenança do príncipe Bagration. Trazia ao seu antigo chefe uma ordem do comandante da retaguarda.

— Coronel — disse ele secamente, dirigindo-se ao desafeto de Rostov e olhando os oficiais —, trago-lhe a ordem de parar e incendiar a ponte.

— Quem ordenou? — perguntou o coronel, de mau humor.

— Não sei, coronel, quem manda — respondeu, sem modificar a expressão séria. — Mas o príncipe ordenou-me o seguinte: “Vá e diga ao coronel que os hussardos voltem o mais rapidamente e queimem a ponte.”

Atrás de Jerkov um oficial da comitiva chegava com a mesma ordem.

Atrás desse, num cavalo de cossaco que mal o aguentava, vinha a galope o gordo Nesvitzki.

— Mas o que foi isso, coronel? — gritou ainda galopando. — Eu lhe disse para incendiar a ponte. Alguém alterou minha ordem? Lá em cima todo mundo está desatinado, não se compreende nada.

Sem apressar-se, o coronel fez o regimento parar e dirigiu-se a Nesvitzki:

— O senhor me falou de matérias inflamáveis, mas não disse uma palavra sobre esse negócio de incendiar a ponte.

— Mas como, meu caro? — fez Nesvitzki tirando o quepe e passando a mão gorda nos cabelos molhados de suor. — Então não lhe disse para queimar a ponte uma vez colocadas as matérias inflamáveis?

— Em primeiro lugar, não sou “seu caro”, senhor oficial de Estado-Maior, e o senhor não me disse para incendiar a ponte! Conheço e tenho o hábito de cumprir estritamente as ordens que recebo. O senhor disse: a ponte será queimada, mas quem a queimará? Não posso ficar sabendo por graça do Espírito Santo.

— É sempre a mesma coisa! — exclamou Nesvitzki fazendo um gesto.

— O que estás fazendo aqui? — perguntou a Jerkov.

— Vim pelo mesmo motivo. Mas estás ensopado, Quer que eu te torça?

— O que foi que disse, senhor oficial? — continuou o coronel num tom ofendido.

— Coronel — interrompeu o oficial da comitiva —, é preciso apressar-se se não quiser que o inimigo avance canhões à distância de metralhar-nos.

Com o cenho franzido, o coronel fitou em silêncio o oficial da comitiva, o gordo oficial de Estado-Maior e Jerkov.

— Queimarei a ponte — disse numa voz solene, como se quisesse dizer que, apesar dos aborrecimentos que lhe causavam, não deixaria de fazer o que era preciso.

E castigando o cavalo com suas pernas compridas e musculosas, como se o animal fosse o principal culpado, ordenou ao segundo esquadrão — onde Rostov servia sob o comando de Denissov — que voltasse para a ponte.

“É isso mesmo”, pensou Rostov, “ele quer me testar.” Sentiu-se oprimido e o sangue subiu-lhe ao rosto. “Que seja, verá que não sou um covarde.”

Mais uma vez, os alegres semblantes dos soldados tornaram-se sérios como quando estavam sob as balas de canhão. Sem baixar os olhos, Rostov fitava o coronel como para descobrir a confirmação de suas suposições. Mas o coronel não se virou uma única vez para seu lado e continuava a olhar a tropa solene e orgulhosamente. Esperava-se a voz de comando.

— Depressa, depressa! — gritavam em torno dele algumas vozes.

Com um ruído de esporas e embaraçando os sabres nas guias, os hussardos apeavam apressadamente sem saber o que iam fazer. Todos se persignaram.

Rostov já não olhava o coronel, não tinha tempo. Sentia medo de ficar para trás, e seu coração batia com receio. A mão tremia quando entregou seu cavalo a um soldado; sentia que, aos golpes, todo o sangue lhe fluía ao coração. Gritando alguma coisa e inclinado para trás, Denissov passou diante dele.

Rostov não via nada, salvo os hussardos que corriam em seu redor embaraçando-se nas esporas e fazendo barulho com os sabres.

— Padiola! — gritou uma voz atrás dele. Rostov não entendeu o que significava esse pedido de padiola. Corria, só pensando em chegar na frente. Mas, bem perto da ponte, falseando o pé, caiu escorado pelas mãos no barro pisoteado e pegajoso. Os outros passaram adiante.

— Dos dois lados, tenente — dizia a voz do coronel, que ia sempre na frente, a cavalo, parando perto da ponte com um ar triunfante e alegre.

Limpando as mãos nas calças, Rostov olhou seu inimigo e quis correr mais adiante, imaginando que, quanto mais longe fosse, melhor seria. Apesar de não o ter olhado nem reconhecido, Bogdanitch gritou encolerizado.

— Quem está correndo no meio da ponte? À direita, *junker*, para trás! — E dirigiu-se a Denissov, que, audaciosamente, aparecera a cavalo na ponte.

— Por que essa imprudência, capitão? Faria melhor apeando.

— Bah! Aquele ali critica tudo — respondeu Vaska Denissov virando-se na sela.

* * *

Enquanto isso, Nesvitzki, Jerkov e o oficial da comitiva, fora do alcance dos tiros, observavam tanto o pequeno grupo de homens de quepes altos amarelos, gibão verde-escuro e calças azuis, que se agitavam junto da ponte, quanto o outro lado, os capotes azuis que avançavam ainda distantes e o grupo de homens com os cavalos, os quais, facilmente, se podiam distinguir os canhões.

“Conseguirão incendiar a ponte? Quem chegará primeiro? Haverá tempo de fugir depois de queimá-la ou os franceses chegarão perto o suficiente para esmagá-los com a artilharia?” Essas perguntas eram feitas involuntariamente pelos próprios soldados que, à claridade do crepúsculo, olhavam a ponte, os hussardos e os capotes azuis que se movimentavam do outro lado com as baionetas e os canhões.

— Será horrível para os hussardos — disse Nesvitzki. — Estão ao alcance da metralha.

— Não tinha razão para levar tanta gente — acrescentou o oficial da comitiva.

— Realmente — concordou Nesvitzki. — Para o caso bastaria mandar dois soldados.

— Ah! Excelência! — interveio Jerkov sem despregar os olhos dos hussardos, mas sempre no tom ingênuo que não permitia adivinhar se falava seriamente. — Como diz, Excelência, mandar dois soldados? E quem nos daria então a condecoração de Vladimir? Agora, se nos esmagarem, poderemos apresentar todo o esquadrão para ser condecorado. Nosso Bogdanitch sabe fazer as coisas.

— Ah! — disse o oficial da comitiva — é a metralha que começa. — Mostrava os canhões que os franceses punham em ação, fazendo-os avançar rapidamente.

Do lado do inimigo, onde estavam os canhões, apareceu uma fumaça, e logo em seguida a segunda e terceira, e, enquanto chegava o primeiro tiro, levantava-se a quarta fumaça; depois, dois tiros se fizeram ouvir, seguidos de um terceiro.

— Ai! Ai! Ai! — exclamou Nesvitzki segurando o braço do oficial da comitiva como se sentisse uma dor aguda. — Veja, é o primeiro que cai. Veja.

— Agora segundo, parece.

— Se eu fosse rei, nunca entraria em guerras — disse Nesvitzki, virando-se.

Os franceses, mais uma vez, carregavam rapidamente seus canhões; a infantaria de capote azul corria para a ponte, a fumaça aparecia novamente em diversos pontos e a metralha atingia a ponte com estrondo. Mas, desta vez, uma espessa fumaça cobriu tudo, e Nesvitzki já não podia ver o que se passava. Os hussardos haviam conseguido incendiá-la, e as baterias francesas atiravam sobre eles, não para impedi-los, mas porque os canhões estavam assestados e elas não sabiam sobre o que atirar. O inimigo chegara a dar três tiros antes dos hussardos alcançarem os cavalos. Duas descargas se perderam a distância, mas a terceira caiu no meio dos hussardos, matando três.

Rostov, preocupado com Bogdanitch, parou no meio da ponte sem saber o que fazer. Não havia ninguém para atravessar com a espada (era assim que sempre imaginara os combates); auxiliar a queimar a ponte também não podia fazer, pois não trouxera palha como os outros soldados. Estava em pé e olhava quando, subitamente, alguma coisa estourou na ponte fazendo um barulho de nozes, e um hussardo, o que estava mais próximo dele, caiu gemendo contra o parapeito. Rostov correu até ele. Novamente alguém gritou: Padiola! Quatro homens seguraram o ferido e o levantaram.

— Ai! Ai! Ai! Deixem-me, por Deus, por Deus, deixem-me! — gritava o ferido.

Sem atender seus lamentos, estenderam-no na padiola. Nicolau Rostov virou-se, e, como se procurasse alguma coisa, pôs-se a olhar longe o Danúbio, o céu e o sol. O céu lhe parecia belo, estava tão azul, calmo, profundo! Como era majestoso o poente! Como brilhavam suavemente as águas distantes do Danúbio! E ainda mais belas as montanhas azuladas do outro lado do rio, os desfiladeiros misteriosos, o convento, as florestas de pinheiros envoltas na cerração... Lá, tudo era calmo e feliz...

“Não desejaria mais nada se estivesse lá”, pensou Rostov. “Dentro de mim e nesse sol, há tanta felicidade, e aqui... os gemidos, o sofrimento, o medo, e essa incerteza, essa febre... Novamente gritam alguma coisa, novamente todos se voltam correndo e eu corro com eles, e a morte perto de mim, em volta de

mim... Mais um pouco e nunca mais verei este sol, esta água, este desfiladeiro...”

Nesse instante o sol começava a esconder-se atrás das nuvens. Rostov viu outras padiolas, e o medo da morte e das padiolas e o amor do sol e da vida se confundiram num sentimento doentio e perturbador.

“Oh! Deus, meu Senhor, que estás no céu, perdoa-me e protege-me”, murmurou Rostov. Os hussardos correram para os cavalos, as vozes tornaram-se mais claras e mais fortes; as padiolas desapareceram.

— Então, meu ca’o, sentiste o chei’o da pólvora! — gritou Vaska Denissov no seu ouvido.

“Está tudo acabado e eu sou um covarde, sim, um covarde”, pensou Rostov. Suspirando profundamente, tomou das mãos de um soldado as rédeas de seu Gratchik e montou.

— O que era? A metralha? — perguntou a Denissov.

— Que dúvida! E que met’alha! — gritou ele. — T’abalhamos co’ajosamente! E o t’abalho não é a fácil. O ataque é uma bonita coisa, bate-se de f’ente, mas aqui, p’os diabos! Ati’avam como a um alvo.

E Denissov afastou-se em direção ao grupo próximo de Rostov, composto do coronel, Nesvitzki, Jerkov e o oficial da comitiva.

“Parece que ninguém notou...”, pensou Rostov.

Realmente ninguém notara, e todos conheciam essa sensação sentida pelo aspirante no seu batismo de fogo.

— Será um bom relatório — disse Jerkov. — E talvez eu seja promovido a segundo-tenente.

— Comunique ao príncipe que incendiei a ponte — disse o coronel num tom solene e alegre.

— E se perguntarem pelas perdas?

— Bagatela! — fez o coronel em voz baixa. — Dois hussardos feridos e um morto em ação — acrescentou visivelmente satisfeito, incapaz de esconder um sorriso feliz ao pronunciar as palavras *um morto em ação*.

Perseguido por um exército francês de cem mil homens sob o comando de Bonaparte, recebido hostilmente pelas populações que não tinham mais confiança em seus aliados, sem provisões e obrigado a agir fora de todas as condições previstas da guerra, o exército de trinta e cinco mil homens sob o comando de Kutuzov recuava rapidamente Danúbio abaixo, parando onde o inimigo o cercava e defendendo-se com a retaguarda tanto quanto possível para não perder as bagagens. Houvera enfrentamento em Lambach, Amstetten e Melk, e, apesar da resistência e da coragem demonstradas pelos russos e reconhecidas pelo próprio inimigo, o resultado desses combates não passava de uma retirada ainda mais rápida. As tropas austríacas, que haviam escapado da capitulação no Ulm e que se haviam unido a Kutuzov em Braunau, separaram-se do exército russo, que estava entregue a seus fracos recursos já esgotados. Não se podia mais pensar na defesa de Viena. Em lugar da guerra ofensiva, premeditada segundo as leis da nova ciência — a estratégia —, cujo plano fora entregue a Kutuzov por ocasião de sua estada em Viena pelo conselho superior da guerra austríaco, só restava a Kutuzov, sem grandes probabilidades, reunir-se às tropas que chegavam da Rússia sem perder seu exército, como acontecera a Mack, em Ulm.

No dia 28 de outubro, Kutuzov passava com seu exército para a margem esquerda do Danúbio e parava, deixando, pela primeira vez, o rio entre ele e as principais forças francesas. No dia 30 atacou e esmagou a divisão de Mortier, que se encontrava à margem esquerda do rio. Nesse embate, conquistou os primeiros troféus: bandeiras, canhões e dois generais inimigos. Pela primeira vez, depois de duas semanas de retirada, o exército russo parava e, depois do combate, não só dominava o campo de batalha, mas afugentava os franceses. Apesar de as tropas estarem malvestidas, cansadas e desfalcadas de um terço pelos retardatários, feridos, doentes e mortos; apesar de os doentes e feridos haverem sido deixados na outra margem do Danúbio com uma carta de Kutuzov confiando-os ao espírito humanitário do inimigo; apesar de os grandes hospitais e as casas de Krems não poderem abrigar todos os feridos e doentes; apesar de tudo isso, a parada em Krems e a vitória sobre Mortier levantaram grandemente o moral e a coragem do exército.

Os boatos mais otimistas, embora infundados, como a proximidade imaginária de colunas russas, uma vitória qualquer dos austríacos, o recuo de Bonaparte atemorizado, corriam em todo o exército e no quartel-general.

Durante o combate, o príncipe André se achava ao lado do general austríaco Schmidt, que acabara morto. Seu cavalo fora ferido e ele tivera o braço arranhado por uma bala. Como especial favor do comandante em chefe, foi encarregado de levar a notícia dessa vitória à corte da Áustria, que deixara Viena ameaçada pelos franceses e se encontrava em Brünn. Na noite do combate,

emocionado mas não cansado (embora de compleição fraca, suportava a fadiga melhor que os mais fortes), chegou a cavalo com o relatório de Dokhturov a Kutuzov, que se achava em Krems. E, nessa mesma noite, foi enviado a Brünn. Ser mandado como correio, além da condecoração a que fazia jus, era um grande passo para sua promoção.

A noite estava escura e estrelada. O negror do caminho contrastava com a neve caída na véspera do combate. Refletindo sobre a batalha passada, imaginando, alegre, a impressão que causaria com a notícia da vitória, e lembrando-se das despedidas do comandante em chefe e dos colegas, viajava o príncipe André na diligência. Tinha a sensação de um homem que há muito esperava e finalmente atingira o começo da felicidade sonhada. Quando fechava os olhos, ouvia os tiros de fuzil e de canhão que se confundiam com o barulho das rodas e a impressão da vitória.

Ora imaginava os russos em fuga e ele próprio morto, para em seguida acordar-se feliz, como reconhecendo, pela primeira vez, que nada disso era verdade e que, ao contrário, os franceses é que haviam fugido. Lembrava-se novamente de todos os detalhes da vitória, sua calma corajosa durante o combate e, tranquilizado, adormecia...

Após uma noite escura e cheia de estrelas, veio o amanhecer claro e alegre. O sol derretia a neve e os cavalos galopavam rapidamente; e à direita e à esquerda, passavam novas florestas, campos e aldeias.

Numa das postas encontrara o comboio com os feridos russos. O oficial que o dirigia, deitado no primeiro carro, gritava qualquer coisa injuriando um soldado com a maior grosseria. Nos compridos carros alemães, sacudidos pela estrada pedregosa, iam os feridos com suas ataduras, pálidos e sujos. Alguns conversavam (o príncipe ouvia as conversas em russo), outros comiam pão; os mais feridos olhavam em silêncio com uma simpatia suave, doentia, o mensageiro que galopava diante deles.

O príncipe André fez parar o carro e perguntou a um soldado em que combate haviam sido feridos.

— Anteontem, no Danúbio — respondeu o soldado. O príncipe tirou três moedas de ouro e deu-as ao soldado.

— Para todos — disse ao oficial que se aproximava. — Cuidem-se, meus filhos, resta ainda muito a fazer! — acrescentou dirigindo-se aos soldados.

— E então, senhor ajudante de ordens, quais as novidades? — perguntou o oficial que, visivelmente, queria entabular conversa.

— Boas! Siga! — gritou ao cocheiro, e partiu a galope.

Já era noite quando o príncipe André chegou a Brünn e viu-se cercado por casas altas, luzes das lojas, das janelas das casas e dos lampiões. Bonitas carruagens rodavam e, em toda a parte, essa atmosfera de grande cidade animada, sempre tão atraente para o militar depois de uma campanha. Apesar da viagem rápida e de uma noite sem sono, o príncipe André, ao aproximar-se do palácio, estava ainda mais animado que na véspera, seus olhos tinham um brilho febril, seus pensamentos brotavam com uma rapidez e clareza extraordinárias. Lembrava-se outra vez de todos os detalhes do combate, já não vagos, mas precisos, na exposição breve que, na sua imaginação, fazia ao imperador Franz. Com vivacidade pensava nas perguntas que poderiam fazer-lhe e as respostas que deveria dar. Supunha que o apresentariam imediatamente ao imperador. Mas, ao chegar ao grande patamar do palácio, ocorreu um funcionário que, ao identificá-lo como mensageiro, o conduziu a uma outra entrada.

— Lá no corredor da direita, *Euer Hochgeboren* (Vossa Excelência), encontrará um ajudante de ordens ao serviço do imperador — disse-lhe o funcionário. — Ele o conduzirá ao Ministro da Guerra.

O ajudante de ordens que o príncipe encontrou pediu-lhe que esperasse e foi procurar o ministro. Voltou passados cinco minutos e, inclinando-se polidamente e fazendo o príncipe passar na frente, acompanhou-o até gabinete de trabalho do Ministro da Guerra.

Por sua extrema polidez, o ajudante de ordens parecia querer evitar toda familiaridade com o colega russo. O entusiasmo do príncipe arrefeceu bastante quando se aproximava do gabinete do ministro. Sentia-se ofendido, e esse sentimento transformou-se espontaneamente, sem ele próprio notar, num sentimento de desprezo injustificado. Ao mesmo tempo, o seu espírito vivo lhe sugeria considerações que lhe davam o direito de desprezar o ajudante de ordens e o Ministro da Guerra. “Uma vitória deve parecer-lhe muito fácil sem sentir o cheiro da pólvora”, pensou. Com um olhar de desdém, entrou com lentidão

propositada no gabinete do ministro. Esse estado de espírito ainda mais se acentuou quando viu o ministro sentado diante de uma grande mesa sem prestar-lhe a menor atenção durante dois minutos. Entre duas velas de cera, era possível ver-lhe a cabeça calva com as têmporas grisalhas, inclinada sobre uns papéis que lia e sublinhava a lápis. Terminou a leitura sem levantar a cabeça. Nesse meio-tempo a porta se abriu e ouviram-se passos.

— Transmita isso — disse o ministro entregando um papel ao ajudante de ordens e sem preocupar-se com o mensageiro.

O príncipe André sentiu que, de todos os acontecimentos que preocupavam esse ministro, eram os atos do exército de Kutuzov o que menos o interessava, ou que fazia o possível para que o mensageiro russo pensasse isso. “Mas não tem importância”, pensou.

O ministro arrumou os outros papéis com cuidado e levantou a cabeça. Tinha uma fisionomia enérgica e inteligente, mas, no momento que se dirigiu ao príncipe, modificou a expressão, visível e propositadamente: mascarou o rosto com um sorriso inexpressivo, forçado, e que não dissimulava a insinceridade, sorriso de um homem acostumado a receber solicitantes, uns depois dos outros.

— Da parte do feldmarechal Kutuzov? — perguntou. — Boas notícias, espero. Houve algum encontro com Mortier? A vitória? Já estava na hora.

Leu o comunicado que lhe era dirigido com um ar decepcionado.

— Ah! Meu Deus! Ah! Meu Deus! Schmidt! Que desgraça! — exclamou em alemão.

Lido o comunicado, fitou o príncipe André refletindo sobre alguma coisa.

— Ah! Que desgraça! A vitória foi decisiva, diz o senhor? Contudo Mortier não foi tomado como prisioneiro (tornou-se pensativo). Fico muito satisfeito com as boas notícias que trouxe, se bem que a vitória nos tenha saído cara com a morte de Schmidt. Provavelmente Sua Majestade quererá vê-lo, mas não hoje. Agradeço-lhe. Vá descansar. Esteja amanhã na saída, depois da parada. Mas espere que vou avisá-lo.

O sorriso ingênuo havia desaparecido enquanto falava, descobrindo assim sua verdadeira fisionomia.

— Passe bem. Agradeço-lhe muito. É provável que o imperador queira vê-lo — repetiu, inclinando a cabeça.

Ao sair do palácio o príncipe André sentiu que toda a alegria que a vitória lhe provocara havia desaparecido entre as mãos indiferentes do Ministro da Guerra e de seu cortês ajudante de ordens. Todas as suas ideias mudaram momentaneamente. Passou a lembrar-se da batalha como um acontecimento longínquo, bem longínquo.

X

Em Brünn, o príncipe André hospedou-se em casa de um conhecido, o diplomata russo Bilibine.

— Ah! Meu caro príncipe, não poderia receber hóspede mais agradável — disse Bilibine, vindo a seu encontro. — Franz, leve as bagagens do príncipe para o meu quarto — disse ao criado que acompanhava Bolkonski. — Vieste então como o mensageiro da vitória! Muito bem. Já eu, estou doente, como vês.

Depois de lavar-se e trocar de roupa, o príncipe André entrou no escritório luxuoso do diplomata e sentou-se à mesa, na qual estava servido seu jantar. Tranquilamente, Bilibine instalou-se perto da lareira.

Depois de uma viagem penosa, o príncipe sentia-se confortado por esse luxo ao qual estava acostumado desde a infância e de que estava privado desde o início da campanha. Além disso, era-lhe agradável, depois da recepção austríaca, falar, apesar de não ser em russo (falavam francês) com um russo que, ao menos ele supunha, compartilhava da aversão geral dos russos contra os austríacos, aversão que ele sentia mais vivamente nesse momento.

Bilibine era um solteiro de trinta e cinco anos e do mesmo nível social do príncipe. Já o conhecia de Petersburgo, mas só se aproximara dele por ocasião da última visita de Kutuzov a Viena. Assim como o príncipe André prometia ir longe na carreira militar, Bilibine prometia ir ainda mais longe na diplomacia. Ainda era jovem, mas não novato na diplomacia, pois já na idade de dezesseis anos servira na embaixada de Paris, mais tarde em Copenhague e atualmente estava em Viena, onde desempenhava importante função.

O grande chanceler e o nosso embaixador em Viena o conheciam e apreciavam. Ele não era como tantos desses diplomatas tidos como tais só por possuírem qualidades negativas, absterem-se de certos atos e falarem francês.

Era desses que gostam do trabalho, sabem trabalhar e, não obstante sua preguiça, muitas vezes passava noites inteiras no escritório. Seu trabalho, qualquer que fosse, era sempre bem-feito. Não se interessava pela pergunta: “Por quê?”, mas, sim, pela pergunta: “Como?” Sem preocupar-se com o assunto, redigia rapidamente, com agudeza e elegância, uma circular, um memorando ou um relatório, e sentia grande prazer nisso. Além de sua habilidade para redigir, era apreciado pela arte de comportar-se e falar nas altas-rodas.

Bilibine gostava tanto das conversas como do trabalho, isto é, só quando a conversa podia ser elegante e espirituosa. Em sociedade, sempre esperava a ocasião de dizer alguma coisa digna de nota, e não dizia uma palavra antes de encontrá-la.

A conversa de Bilibine era sempre constelada de frases originais, espirituosas, bem a propósito e de interesse geral. Essas frases se preparavam no laboratório interior do diplomata e eram repetidas até pelos indivíduos mais brutos de salão em salão. E, realmente, os ditos de Bilibine eram divulgados nos salões de Viena e muitas vezes influenciavam negócios tidos como importantes.

Seu rosto magro, cansado e amarelado era coberto de grossas rugas que pareciam sempre lavadas com cuidado como fica a ponta dos dedos depois do banho. O movimento dessas rugas constituía o jogo principal de sua fisionomia. Ora era a testa que se enrugava em largas pregas, erguendo as sobrancelhas, ora estas se abaixavam para formar rugas nas bochechas. Seus olhos pequenos e profundos eram alegres e francos.

— Muito bem, agora conte-me suas façanhas — disse ele.

Sem mencionar seu nome uma única vez, Bolkonski contou modestamente toda a batalha e o acolhimento do Ministro da Guerra.

— Receberam-me, a mim e à notícia, como a um cachorro num jogo de boliche — concluiu.

Bilibine sorriu, relaxando as marcas do rosto.

— Entretanto, meu caro, apesar da grande estima em que tenho o exército russo ortodoxo, confesso que a sua vitória não foi das mais brilhantes — disse ele, contemplando de longe a unha e apertando o olho esquerdo de modo a fazer surgir uma pequena dobra na pele sob o olho.

Falava em francês, dizendo em russo apenas as palavras que queria sublinhar com desprezo.

— Mas, então, vocês caem em cheio sobre o infeliz Mortier que só tinha uma divisão e ele escorre por seus dedos? Onde está a vitória?

— No entanto, podemos dizer, sem brincadeira e sem nos vangloriar, que foi um pouco melhor que em Ulm... — respondeu em tom sério o príncipe André.

— Por que não aprisionaram ao menos um marechal, um só que fosse?

— Porque nem sempre a gente faz como quer e porque nem tudo acontece com a regularidade de uma parada. Como te disse, contávamos atacar a retaguarda do inimigo às sete horas da manhã e só a alcançamos às cinco horas da tarde.

— E por que não chegaram às sete de manhã? Deviam ter sido pontuais — disse Bilibine sorrindo. — Deviam ter chegado às sete da manhã.

— Por que não assoprou a Bonaparte, por via diplomática, que lhe seria preferível deixar Gênova! — retrucou o príncipe André no mesmo tom.

— Eu sei — interrompeu Bilibine —, está pensando que é muito fácil capturar marechais quando se está sentado num divã ao lado da lareira. É verdade, mas por que não o fizeram assim mesmo? Não se surpreenda se, não só o Ministro da Guerra, mas também o augusto imperador e o rei Franz não ficarem encantados com sua vitória. Mesmo eu, um pobre secretário da embaixada russa, não sinto o menor desejo de dar um táler ao meu Franz em sinal de entusiasmo, e de deixá-lo passear com sua *Liebchen* no Prater... É verdade que aqui não há Prater. — Ele fitou o príncipe André e, subitamente, em sua testa se desfizeram todas as rugas.

— Agora, meu caro, é a minha vez de perguntar-lhe “por quê” — disse Bolkonski. — Confesso-lhe que não compreendo. E possível que existam sutilezas diplomáticas superiores ao meu fraco entendimento, mas o que eu não compreendo é isto: Mack perde seu exército inteiro, o arquiduque Ferdinando e o arquiduque Carlos não dão o menor sinal de vida e cometem um erro depois de outro, enfim, apenas Kutuzov alcança uma vitória real, quebra o *charme* dos franceses e o Ministro da Guerra nem sequer deseja conhecer os detalhes dessa vitória.

— Precisamente por isso, meu caro. Não percebe? Hurra pelo tsar, pela Rússia, pela fé! Tudo isso está muito bem, mas o que nos importa, quero dizer à corte austríaca, o que lucra ela com as vitórias dos senhores? Traga a boa notícia de uma vitória dos arquidukes Carlos ou Ferdinando, *un archiduc vaut l'autre*, como sabe, sobre nem que se seja uma companhia de bombeiros de Bonaparte. Aí sim, gritaremos vitória. Mas isso parece que é feito de propósito para nos irritar. O arquiduke Carlos não faz nada, o arquiduke Ferdinando cobre-se de vergonha. Os senhores deixam Viena sem defendê-la e parecem dizer: “Que Deus os abençoe com sua capital!” Expõem Schmidt às balas, um general que todos nós queremos, e ainda vêm vangloriar-se da vitória!... Confesse que não podiam inventar nada mais impertinente que essa notícia que nos traz. Parece feito de propósito. De propósito! Mesmo que alcançassem realmente uma vitória brilhante, mesmo que o arquiduke Carlos alcançasse uma vitória, mudaria isso alguma coisa no desenrolar dos acontecimentos? Agora que Viena está ocupada pelas forças francesas, é tarde demais.

— Como ocupada? Viena ocupada?

— Não somente ocupada, mas Bonaparte está atualmente em Schönbrunn, e o conde, o nosso amável conde Wrba, recebe suas ordens.

Depois das fadigas e impressões da viagem, depois do acolhimento que tivera e, principalmente depois do jantar, Bolkonski sentia que não compreendia toda a importância das palavras que acabava de ouvir.

— Esta manhã o conde Lichtenfeld esteve aqui — continuou Bilibine — e mostrou-me uma carta cheia de detalhes sobre a recepção dos franceses em Viena. O príncipe Murat e tudo mais... Vês que tua vitória não é muito alegre e que não podes ser recebido como salvador...

— Realmente, para mim, isso é indiferente — redarguiu o príncipe André, que começava a compreender que a notícia da vitória de Krems era, em realidade, insignificante em face de um acontecimento tão grave como a ocupação da capital da Áustria. — Como foi tomada Viena? E a ponte? E a famosa *tête de pont*? E o príncipe Auersperg? Nas forças corria o boato de que o príncipe Auersperg defendia Viena — disse ele.

— O príncipe Auersperg se encontra no nosso lado e nos defende; creio que nos defenderá muito mal, mas enfim, nos defende. E Viena está do outro lado. A

ponte ainda não foi tomada, e creio que não será, porque está minada e há uma ordem para fazê-la explodir. Caso contrário, há muito que estaríamos nas montanhas da Boêmia e seu exército passaria por maus bocados entre dois fogos.

— Mas isso não significa que a campanha esteja terminada — disse o príncipe André.

— Na minha opinião ela terminou; também é a opinião dos peixes grandes, mas eles não ousam dizer. Acontecerá o que previ no início das operações, que não é a sua escaramuça de Durenstein ou a pólvora que decidirá a contenda, mas, sim, os que a inventaram — disse Bilibine, repetindo um de seus ditos e desenrugando a testa. — A questão é saber o que resultará do encontro entre o imperador Alexandre e o rei da Prússia, em Berlim. Se a Prússia entrar na aliança, obrigarão a Áustria a fazer o mesmo, e teremos guerra. Do contrário, tratar-se-á apenas de se concentrar ou formular os artigos de um novo *Campo Formio*.

— Mas que gênio extraordinário! — exclamou subitamente o príncipe André, batendo com o punho fechado na mesa. — Que sorte a desse homem!

— *Buonaparte?* — fez interrogativamente Bilibine, enrugando a testa e fazendo prever um dito espirituoso. — *Buonaparte* — repetiu acentuando o *u*. — Creio que devemos poupar-lhe o *u*, agora que, de Schönbrunn, dita leis à Áustria. Apresento uma inovação e o chamo *Bonaparte tout court*.

— Sem brincadeira — tornou o príncipe André —, acredita que a campanha esteja terminada?

— Eis o que penso: a Áustria foi enganada; não está acostumada a isso e se vingará. Foi enganada porque, em primeiro lugar, as províncias estão arruinadas (dizem que o exército ortodoxo russo é terrível na pilhagem), o exército está esmagado, a capital tomada e tudo isso pelos belos olhos de Sua Majestade o rei de Sardenha. É por isso, em segundo lugar, cá entre nós, meu caro, que eu creio que nos enganam, farejo um projeto de paz em separado com a França.

— Impossível, seria uma indignidade — exclamou o príncipe André.

— Quem viver verá — disse Bilibine, que novamente desenrugou a testa em sinal de que terminara a conversa.

Quando o príncipe ficou só no quarto que lhe haviam preparado, quando se deitou entre os lençóis de linho branco e repousou a cabeça no travesseiro quente

e perfumado, sentiu longe, distante de si, aquela batalha de que trouxera a notícia. A aliança prussiana, a traição da Áustria, o novo triunfo de Bonaparte, a parada e a recepção do imperador Franz no dia seguinte, tudo isso o preocupava. Fechou os olhos, mas no mesmo instante ouviu o barulho ensurdecedor dos canhões, da fuzilaria, das carroças; outra vez os mosqueteiros desciam a montanha, os franceses atiravam, sentiu um estremecimento, avançando ao lado de Schmidt, e as balas silvavam alegremente ao redor dele, e, mais vivamente que na infância, experimentava esse sentimento da alegria louca de viver. Acordou...“Sim, tudo isso se passou”!..., disse a si mesmo com alegria, sorrindo como uma criança, e adormeceu no sono profundo da juventude.

XI

No dia seguinte, acordou tarde. Recordando suas últimas impressões, lembrou-se logo que nesse dia deveria apresentar-se ao imperador Franz. Pensou no Ministro da Guerra, no cortês ajudante de ordens austríaco, em Bilibine e na conversa da véspera.

Para ir ao palácio vestiu o uniforme de parada que há muito não usava. Belo, cheio de ânimo e disposição, com o braço numa tipoia, entrou no escritório de Bilibine. Encontrou ali quatro senhores do corpo diplomático.

Bolkonski já conhecia o príncipe Hippolyte Kuriaguine, secretário de embaixada.

Bilibine o apresentou aos outros.

As relações de Bilibine eram compostas de rapazes da sociedade, ricos e alegres. Formavam tanto ali como em Viena um bloco à parte, encabeçado pelo diplomata russo, que os chamava *les nôtres*.

Esse bloco, composto quase que exclusivamente de diplomatas, se desinteressava, visivelmente, da guerra e da política, preocupando-se apenas com a sociedade da corte, com algumas mulheres e a parte administrativa do serviço. O príncipe André foi recebido por todos com extrema solicitude (distinção em que não eram muito pródigos). Por delicadeza, e para entabular a conversa, fizeram-lhe algumas perguntas sobre a batalha; mas logo o assunto desviou-se para a brincadeira e mexericos sem sentido.

— Mas o melhor — disse um deles, contando o insucesso de um colega — é que o grande chanceler disse-lhe com todas as letras que sua nomeação para Londres é uma promoção e que ele a deve considerar como tal. Imaginem só a cara que ele fez!

— Mas o pior, senhores, é Kuriaguine, que vou denunciar aos senhores: o homem está em desgraça e este Don Juan se aproveita. Oh! homem terrível.

O príncipe Hippolyte estava sentado, com as pernas sobre o braço da poltrona Voltaire. Riu.

— Conte-me isso — pediu.

— Oh! Don Juan! Oh! Serpente! — exclamaram diversas vozes.

— Você não sabe, Bolkonski — dirigiu-se Bilibine ao príncipe André —, que todos os horrores do exército francês (ia dizer do russo) não são nada perto do que esse homem faz às mulheres?

— A mulher é a companheira natural do homem — fez o príncipe Hippolyte olhando suas pernas erguidas no ar.

Bilibine e *les nôtres* caíram na risada fitando-lhe o olhar. O príncipe André percebeu que esse Hippolyte, de quem — reconhecia — quase tivera ciúmes por causa de sua mulher, era o palhaço de todos.

— Preciso dar-te a chance de ver esse cidadão — disse Bilibine em voz baixa a Bolkonski. — É encantador quando fala em política. Verás como fala sério!

Sentou-se perto do príncipe Hippolyte e, franzindo a testa, puxou conversa sobre política.

O príncipe André e os outros os cercaram.

— O gabinete de Berlim não pode exprimir o desejo de formar aliança — começou Hippolyte com ar importante — sem exprimir ao mesmo tempo... como na sua última nota... os senhores compreendem... os senhores compreendem... e além disso, se Sua Majestade o imperador não abandonar o princípio da nossa aliança... Espere, ainda não terminei — disse ao príncipe André, tomando-lhe a mão. — Creio que a intervenção se tornará mais forte que a não intervenção. E... — Fez uma pausa. — O nosso despacho de 28 de novembro não poderá ser mantido como não recebido. Eis aí como tudo isso vai terminar.

Largou a mão do príncipe Bolkonski, dando assim a entender que dissera tudo.

— Demóstenes, eu te conheço pelo seixo que trazes escondido nessa boca de ouro! — disse Bilibine, sacudindo alegremente a cabeleira.

Todos riram. Hippolyte mais que os outros. Via-se que estava engasgado, mas não chegava a reter o riso selvagem que desfigurava seu semblante sempre imóvel.

— Senhores — fez Bilibine —, Bolkonski é meu hóspede, e aqui, em Brünn, quero oferecer-lhe todas as distrações possíveis da vida local. Em Viena seria mais fácil, mas aqui neste horrível buraco da Morávia, é mais difícil e peço a todos que me auxiliem. É preciso fazer-lhe as honras de Brünn. Encarreguem-se do teatro, eu da sociedade, e você, Hippolyte, das mulheres, naturalmente.

— Devemos mostrar-lhe Amélie, é um encanto — disse um *des nôtres*, beijando a ponta dos dedos.

— Sim, enfim — acrescentou Bilibine —, é preciso convencer esse soldado sanguinário a ter sentimentos mais humanos.

— Não sei se aproveitarei a hospitalidade dos senhores, pois agora tenho de ir — disse Bolkonski, olhando o relógio.

— Aonde vai?

— Ver o imperador.

— Oh! Oh! Oh!

— Então, adeus, Bolkonski.

— Adeus, príncipe. Venha jantar mais cedo. Nós nos encarregamos do senhor — disseram diversas vozes.

— Quando falar com o imperador, procure louvar o máximo possível a ordem dos fornecimentos de víveres e as folhas de campanha — disse Bilibine, acompanhando Bolkonski até o vestíbulo.

— Desejaria fazê-lo, mas me sinto incapaz — replicou o príncipe André.

— Bem, mas fale-lhe o mais possível. Ele tem um fraco pelas audiências, mas não gosta de falar. Como verá, não sabe falar.

Na cerimônia, o imperador olhou a fisionomia do príncipe André, que estava em pé, no lugar designado, entre oficiais austríacos, e o cumprimentou com um gesto de sua cabeça comprida. Mas, pouco depois, o ajudante de ordens da véspera, com extrema polidez, comunicou a Bolkonski que o imperador queria recebê-lo. O imperador Franz o recebeu em pé, no meio do salão. Antes de começar a falar, o príncipe notou o aspecto constrangido do monarca, que, corando, não sabia o que dizer.

— Diga-me, quando começou a batalha? — perguntou rapidamente.

O príncipe André respondeu. A essa pergunta, seguiram-se outras igualmente banais. “Kutuzov vai bem? Quando deixou Krems?” etc. O imperador falava de forma a dar a impressão de que sua única finalidade era fazer um certo número de perguntas cujas respostas não o interessavam.

— A que horas começou o combate? — perguntou.

— Não posso dizer a Vossa Majestade a que horas a batalha começou na vanguarda, mas em Durenstein, onde eu estava, teve início às seis horas da tarde — disse Bolkonski, animando-se e supondo que poderia fazer a descrição verídica, bem presente no seu espírito, de tudo que havia visto. Mas o imperador o interrompeu, sorrindo.

— Quantas milhas?

— De onde e até que ponto, Majestade?

— De Durenstein a Krems?

— Três milhas e meia, Majestade.

— Os franceses abandonaram a margem esquerda?

— Segundo as patrulhas de reconhecimento, os últimos atravessaram o rio, nessa mesma noite, em jangadas.

— Os víveres em Krems são abundantes?

— A cidade não está muito bem provida...

O imperador o interrompeu.

— A que horas foi morto o general Schmidt?

— Às sete horas, se não me engano.

— Às sete horas? Muito triste, muito triste.

O imperador agradeceu e cumprimentou. O príncipe André saiu, e imediatamente os cortesãos formaram um círculo em torno dele. De todos os lados eram só olhares ternos e só ouvia palavras amáveis. O ajudante de ordens da véspera censurava-o por não ter ficado no palácio e lhe oferecia sua casa. O

Ministro da Guerra aproximou-se e felicitou-o pela ordem de terceiro grau de Maria Teresa com que o imperador o agraciara. O camarista da imperatriz o convidou a visitar Sua Majestade. A arquiduquesa também queria vê-lo. Não sabia a quem responder e parou durante alguns segundos para pôr as ideias no lugar. O embaixador russo, segurando-o pelo ombro, levou-o até uma janela para conversarem.

Contrariamente a Bilibine, a notícia que ele trouxera foi recebida com grande alegria. Uma missa em ação de graças fora encomendada. Kutuzov, agraciado com a grande cruz de Maria Teresa, e todo o exército recebiam uma recompensa. Bolkonski, convidado de todos os lados, passou a manhã inteira visitando austríacos de destaque.

Tendo terminado suas visitas às cinco horas da tarde, o príncipe André dirigiu-se para a casa de Bilibine pensando na carta que escreveria a seu pai, sobre o combate e sua viagem a Brünn. Em frente à casa do diplomata russo estava uma carruagem quase cheia de objetos de toda sorte, e Franz, o criado, arrastando uma mala com dificuldade, apareceu à porta.

Antes de voltar para casa, o príncipe André passara numa livraria a fim de comprar livros para a viagem e atrasara-se muito.

— O que houve? — perguntou.

— Ah, Excelência! — respondeu Franz, pondo a mala no carro com grande esforço. — Temos de seguir adiante. O celerado vem de novo em nosso encalço!

— Que história essa? — perguntou o príncipe André.

Bilibine veio ao encontro do príncipe. Seu semblante, sempre calmo, traía certa preocupação.

— Não, admita que é encantadora essa história da ponte de Tabor! (perto de Viena). Passaram por ela sem desembainhar a espada...

O príncipe André não entendia nada.

— Mas de onde vem para ignorar o que todos os cocheiros da cidade sabem?

— Venho da casa da arquiduquesa, lá ninguém sabe de nada.

— Mas não notou que todo mundo está de mudança?

— Não... Mas o que houve? — perguntou o príncipe André, impaciente.

— O que houve? Houve que os franceses atravessaram a ponte defendida pelo príncipe Auersperg. Ele não dinamitou a ponte, Murat marcha em direção a

Brünn e, hoje ou amanhã, estará aqui.

— Como aqui? Mas a ponte estava minada, por que não a destruíram?

— Faça-lhe a mesma pergunta! Isso ninguém sabe, nem Bonaparte.

Bolkonski ergueu os ombros.

— Mas se atravessaram a ponte, nosso exército está perdido, será atravessado — disse.

— Exatamente — respondeu Bilibine. — Escute. Como lhe disse, os franceses entram em Viena. Tudo vai muito bem. No dia seguinte, quer dizer, ontem, os senhores marechais Murat, Lannes e Béliard passeiam a cavalo na ponte (note que todos os três são gascões). “Senhores”, diz um, “como sabem, a ponte do Tabor está minada e contraminada, que diante de nós há uma temível cabeça de ponte e quinze mil homens com ordem de fazê-la voar pelos ares e impedir-nos a passagem. Mas como é da vontade do imperador Napoleão tomá-la, vamos os três tomá-la.” “Vamos”, responderam os outros. Assim fazem e tomam a ponte, fazendo passar todo o exército que está, agora, deste lado do Danúbio e marcha contra nós, contra os senhores e suas comunicações.

— Vamos parar com a brincadeira — advertiu o príncipe André seriamente e com tristeza.

Essa notícia lhe era, a um só tempo, penosa e agradável. Assim que soube dessa situação desesperadora do exército russo, veio-lhe à mente que a ele estava reservado o papel de salvá-lo, e que, de oficial desconhecido que era, essa seria a sua Toulon. Ouvindo Bilibine, já imaginava como, alcançando o exército, daria a conhecer ao Conselho Superior de Guerra o único meio capaz de salvar o exército, e como lhe confiariam a realização desse plano.

— Basta de brincadeira — disse.

— Não estou brincando — continuou Bilibine —, não há nada mais verdadeiro nem mais triste. Esses senhores chegam sozinhos na ponte, agitam os lenços brancos afirmando que são portadores do armistício e que eles, os marechais, desejam falar com o príncipe Auersperg. O oficial de serviço os deixa passar pela cabeça de ponte. Contam-lhe milhares de gasconadas, dizendo que a guerra está terminada, que o imperador Franz conversou com Bonaparte, que desejam falar com o príncipe Auersperg e outras mil historinhas. O oficial manda chamar o príncipe. Esses senhores abraçam os oficiais, brincam, montam

nos canhões e, nesse meio-tempo, o batalhão francês entra furtivamente na ponte, jogando à água os sacos cheios de material inflamável, e aproxima-se da saída. Finalmente, aparece o tenente-general em pessoa, nosso caro príncipe Auersperg von Mautern: “Caro inimigo! Orgulho do exército austríaco, herói da guerra turca! A guerra terminou, podemos dar-nos as mãos... O imperador Napoleão está ansioso por conhecer o príncipe Auersperg.” Em suma, esses cavalheiros não são gascões por acaso, fazem tantos elogios a Auersperg que ele, encantado com a intimidade tão depressa estabelecida com os marechais franceses e com as capas e penas de avestruz de Murat, ofusca-se com tanto fogo e se esquece de abri-lo contra o inimigo. (Apesar da vivacidade de sua história Bilibine não deixou de fazer uma pausa depois desse trocadilho, a fim de que o príncipe pudesse apreciá-lo.) O batalhão francês correu para a cabeça da ponte cercando os canhões: a ponte é tomada. Mas o melhor — continuou, acalmado pelo encanto de sua própria narrativa — é que o sargento que devia dar o sinal para atear fogo às minas e destruir a ponte, vendo o avanço das tropas francesas, estava a ponto de atirar, mas Lannes segurou-lhe a mão. O sargento, evidentemente mais vivo que seu general, aproximou-se do príncipe Auersperg e disse: “Príncipe, está sendo enganado, os franceses estão aí.” Murat percebeu que tudo estaria perdido se o sargento continuasse falando. Com uma admiração fingida (verdadeiro gascão) dirigiu-se a Auersperg: “Não reconheço mais a disciplina austríaca, famosa no mundo inteiro; permitir o senhor que um inferior lhe fale dessa forma!” Foi um lance de gênio. O príncipe Auersperg sente-se atingido na sua honra e manda prender o sargento. Não, admita que toda essa história da ponte de Tabor é encantadora. Não é estupidez nem covardia...

— Talvez seja traição — concluiu o príncipe André, lembrando-se imediatamente dos capotes cinzentos, dos ferimentos, do cheiro da pólvora, do som dos canhões e da glória que o esperava.

— Também não. Isso põe a corte em maus lençóis — continuou Bilibine. — Não é traição, nem covardia, nem estupidez. Foi exatamente como em Ulm... — Parou como se procurasse a expressão. — *C’est... c’est du Mack. Nous sommes mackés* — concluiu, sentindo que dissera um *mot* e um *mot* novo que seria repetido.

As rugas da testa se distenderam rapidamente em sinal de prazer, e, meio risonho, começou a examinar as unhas.

— Aonde vai? — perguntou subitamente ao príncipe André, que se dirigia para seu quarto.

— Vou embora.

— Para onde?

— Para o exército.

— Mas não ia ficar dois dias ainda?

— Sim, mas vou imediatamente.

Tendo dado a ordem para a viagem, o príncipe André retirou-se para o quarto.

— Sabe, meu caro — disse-lhe Bilibine, alcançando-o —, que pensei em você. Por que vai embora? — E, para provar que sua opinião era indiscutível, fez desaparecerem todas as rugas do rosto.

Olhando interrogativamente seu interlocutor, o príncipe André não respondia.

— Por que vai? Eu sei. Pensa que seu dever é ir ao encontro do exército que atualmente está em perigo. Compreendo, meu caro, isso é heroísmo.

— De maneira alguma — replicou o príncipe André.

— Mas você é *un philosophe*. Seja-o pois até o fim, olhe as coisas sob um outro aspecto, e verá que, ao contrário, seu dever é poupar-se. Deixe isso aos que não servem para nada. Não lhe ordenaram que voltasse, e aqui não o mandaram partir. Assim, pode ficar aqui e ir, conosco, para onde nos levar o nosso infeliz destino. Dizem que vamos para Olmütz, uma cidade encantadora. Venha tranquilamente comigo.

— Deixe de gracejos, Bilibine!

— Estou lhe falando francamente, como amigo. Raciocinemos. Para onde e por que parte agora, quando pode ficar aqui? De duas coisas uma (sua têmpora esquerda enrugou-se): ou não chega a alcançar o exército e a paz será acertada, ou dividirá a derrota e a vergonha de todo o exército de Kutuzov. — Bilibine, convencido que seu dilema era irrefutável, desenrugou-se.

— Não posso raciocinar assim — respondeu friamente o príncipe André. E intimamente pensava: “Parto para salvar o exército.”

— Meu caro, você é um herói! — disse Bilibine.

XIII

Na mesma noite, após despedir-se do Ministro da Guerra, Bolkonski partiu ao encontro do exército russo, sem saber onde encontrá-lo e temendo cair prisioneiro na estrada de Krems. Em Brünn toda a corte fazia as malas, e já mandara o grosso da bagagem para Olmütz. Perto de Etzelsdorf, o príncipe André encontrou o exército russo avançando na maior pressa e confusão. A estrada estava tão atravancada de carroças que era impossível viajar de carro. O príncipe André pediu um cavalo ao comandante dos cossacos e um ajudante e, esfomeado e cansado, passou os transportes, à procura do comandante em chefe e seu carro. Os boatos mais alarmantes corriam sobre a sorte do exército, e a simples vista dessas forças, marchando em desordem, confirmava esses boatos.

“Quanto a esse exército russo que o ouro da Inglaterra fez surgir das extremidades do universo, vamos infligir-lhe a mesma sorte” (a sorte do exército de Ulm). Lembrava-se dessas palavras de Bonaparte ao seu exército antes do início da campanha, e que lhe excitavam a admiração pelo seu herói, um sentimento de orgulho ferido e a esperança de glória. “E se nos resta apenas morrer?”, pensava. “Pois bem, se for necessário morrerrei, e não pior do que os outros.”

O príncipe André olhava com desprezo essas longas filas de carroças, os parques de artilharia, atravancadas, e, novamente, os transportes e carroças de toda espécie que se misturavam, passando umas pelas outras, com três ou quatro de frente que obstruíam o caminho lamacento. De todos os lados, na frente e atrás, até onde podia chegar o som, ouvia-se o barulho das rodas, do rodar dos carros e carretas, dos cascos dos cavalos, dos estalidos dos relhos, os gritos e as injúrias dos soldados, dos ordenanças e dos oficiais. Dos lados da estrada viam-se incessantemente cavalos mortos, esfolados ou feridos, carros quebrados perto dos quais, esperando qualquer coisa, estavam sentados soldados isolados. Ora soldados destacados de suas companhias se dirigiam, em grupos, para as aldeias vizinhas, ora arrastavam frangos, carneiros, feno, sacos cheios de toda a sorte de coisas. Nas descidas e nas subidas a multidão tornava-se mais compacta, um clamor ininterrupto enchia o ar. Os soldados, com barro até os joelhos, conduziam as carretas e os carros, relhos assobiavam, cascos escorregavam, freios se quebravam e os peitos se inflamavam com gritos. Os oficiais que dirigiam a marcha andavam de um lado para outro entre os transportes. Suas

vozes quase não eram ouvidas na gritaria geral e lia-se-lhes nos semblantes que eram impotentes para pôr um termo a toda aquela desordem.

“Eis aí o amado exército ortodoxo”, pensou Bolkonski, lembrando-se das palavras de Bilibine.

Querendo perguntar a um desses homens onde estava o comandante em chefe, aproximou-se de um transporte. Bem na sua frente rodava um carro estranho, puxado por um único cavalo e evidentemente arranjado de uma forma primitiva pelos soldados. Parecia qualquer coisa de intermediário entre uma charrete, uma caleche e um cabriolé. Era conduzido por um soldado e, sob a capota do carro, atrás do oleado, enrolada em xales, viajava uma mulher.

O príncipe André aproximou-se e ia interrogar o soldado, quando sua atenção foi despertada pelos gritos desesperados da mulher. O oficial que se achava na ponta da fila batia no soldado que conduzia o carro, porque tentara passar para a frente, e o relho alcançava a capota. A passageira dava gritos estridentes.

Vendo o príncipe André, ela passou a cabeça por cima do oleado e gritou gesticulando:

— Senhor ajudante de ordens! Senhor ajudante de ordens!... Em nome de Deus... Defenda-me... O que vai acontecer?... Sou a mulher do médico do sétimo regimento de caçadores. Não nos querem deixar passar. Ficamos para trás, perdemos os nossos...

— Eu te quebrarei os ossos. Volta! — gritou furiosamente o oficial para o soldado. — Para trás com tua meretriz!

— Senhor ajudante de ordens, defenda-me! O que significa isso? — gritava a mulher do médico.

— Deixe passar esse carro. Não vê que é uma mulher? — disse o príncipe André aproximando-se do oficial.

Este olhou-o sem responder e voltou-se novamente para o soldado.

— Vamos ver se vou te deixar passar... Para trás!

— Deixe passar, estou dizendo — repetiu o príncipe André.

— E quem és tu? — gritou-lhe o oficial tomado de raiva. — Quem és *tu*? (e acentuava a palavra *tu*). És o chefe aqui? Eu é que sou o chefe aqui e não tu. Para trás! — repetiu. — Antes que eu quebre teus ossos.

Evidentemente, essa expressão agradava ao oficial.

— Bem-feito, ajudantezinho de ordens — caçoou uma voz atrás dele.

O príncipe André percebeu que o oficial estava num desses estados de exasperação sem causa, em que os homens não compreendem mais o que fazem nem o que dizem. Sentiu que sua intervenção em favor da mulher do médico estava se tornando ridícula, o que mais temia no mundo, mas a sua natureza venceu. Mal o oficial pronunciara as últimas palavras, já o príncipe André aproximava-se dele com o rosto transformado pela cólera e gritava com o chicote levantado.

— Queira deixar passar!

O oficial fez um gesto com a mão e afastou-se com toda pressa.

— Os oficiais do Estado-Maior são a causa de toda a desordem — resmungou. — Faça como quiser.

Bolkonski, sem levantar os olhos, afastou-se rapidamente da mulher do médico, que o chamava de seu salvador, e, pensando com repugnância em todos os detalhes dessa cena humilhante, galopou em direção à aldeia, onde lhe haviam dito que estava o comandante em chefe.

Chegando lá, apeou com a intenção de descansar ao menos o tempo necessário para comer alguma coisa e pôr ordem nas ideias pungentes que o atormentavam.

“É um bando de vagabundos, e não um exército”, pensava ao aproximar-se da janela da primeira casa, quando uma voz conhecida o chamou. Voltou-se. Numa janelinha apareceu o rosto bonito de Nesvitzki, que, mastigando qualquer coisa, agitava os braços e o chamava.

— Bolkonski! Bolkonski! Não ouves? Venha logo!

O príncipe André entrou na casa, onde Nesvitzki e outro ajudante de ordens estavam comendo. Crivaram-no de perguntas: Não havia nada de novo? Aqueles semblantes, que André conhecia muito bem, não conseguiam dissimular a inquietação. Era particularmente evidente na fisionomia sempre risonha de Nesvitzki.

— Onde está o comandante em chefe? — perguntou Bolkonski.

— Aqui, naquela casa — respondeu o ajudante de ordens, apontando.

— É verdade que capitulamos e aceitamos a paz? — perguntou Nesvitzki.

— Eu é que pergunto. Não sei de nada, a não ser que foi um grande sacrifício para mim chegar até aqui.

— Ah, isto aqui é horrível! Reconheço, meu caro. Ridicularizamos Mack, e agora estamos numa situação muito pior que a dele — disse Nesvitzki. — Mas senta-te e come alguma coisa.

— Agora, príncipe, não achará mais nada, nem carro, nem coisa nenhuma. E seu Piotr, só Deus sabe onde estará — disse o outro ajudante de ordens.

— Onde é o quartel-general?

— Vamos passar a noite em Znaim.

— Eu — disse Nesvitzki — carreguei tudo de que precisava em dois cavalos. E me fizeram selas ótimas, com as quais podemos fugir até pelas montanhas da Boêmia. A coisa vai mal, meu caro. Mas o que estás sentindo? Deves estar doente para tremer assim? — perguntou Nesvitzki, olhando o príncipe André, que tremia como se tivesse tocado numa garrafa de Leyde.

— Não é nada — respondeu este, lembrando-se da alteração que tivera por causa da mulher do médico. — O que está fazendo aqui o comandante em chefe? — perguntou.

— Não estou entendendo nada — respondeu Nesvitzki.

— Só entendo uma coisa, que tudo isso é deplorável! Deplorável! Deplorável — exclamou o príncipe André, dirigindo-se para a casa onde estava o comandante em chefe.

Passando diante dos cavalos exaustos, da carruagem, de toda a comitiva de cossacos que conversavam em voz alta, entrou no vestíbulo da choupana onde se encontrava Kutuzov.

Como lhe haviam dito, Kutuzov estava lá com o príncipe Bagration e Weyrother, o general austríaco que substituíra Schmidt. No vestíbulo, encontrou o pequeno Kozlovski acorado diante do escrevente. Este escrevia rapidamente sobre um tonel virado. Kozlovski tinha uma expressão exausta; evidentemente não dormira a noite toda. Olhou o príncipe André sem lhe fazer o menor cumprimento de cabeça.

— A segunda linha... Escreveste? — continuou, ditando ao escrevente. — Os regimentos de granadeiros de Kiev e de Podólia...

— Excelência, impossível acompanhá-lo — interrompeu o escrevente pouco respeitosamente, olhando Kozlovski com mau humor.

Nesse momento ouvia-se a voz irritada de Kutuzov, interrompida por outra voz desconhecida. Ao som dessa voz, à negligência com que seu camarada o olhara, ao desrespeito do escrevente cansado, à estranha posição em que os dois se encontravam, e aos risos altos dos cossacos que seguravam os cavalos próximo à janela, o príncipe André sentiu que alguma coisa de importante e desagradável acontecera.

Ele interrompeu Kozlovski com insistência.

— Um momento, príncipe — fez Kozlovski. — Ordens para Bagration.

— E a capitulação?

— Não se pensa nisso. As ordens dadas são para a batalha.

O príncipe André dirigiu-se para a porta de onde vinham as vozes, mas quando ia abri-la, no outro aposento fez-se o silêncio e Kutuzov apareceu na porta com seu nariz de águia no rosto gordo. O príncipe estava cara a cara com ele, mas Kutuzov nem sequer o viu, apesar de olhá-lo fixamente. Tais eram as preocupações que seu único olho bom exprimia.

— Já terminou? — perguntou a Kozlovski.

— Um momento, Excelência.

Atrás do comandante em chefe apareceu Bagration, baixo, ainda bem conservado, magro, tipo oriental e olhar firme e imóvel.

— Tenho a honra de apresentar-me — repetiu o príncipe André em voz bastante alta, estendendo o envelope.

— Ah! De Viena! Está bem. Depois, depois.

Seguido por Bagration, Kutuzov foi para a frente da casa.

— Bem, príncipe, adeus! Que Cristo te acompanhe! Eu te abençoo pelo teu grande ato — disse Kutuzov a Bagration.

E, inesperadamente, o semblante de Kutuzov suavizou-se; as lágrimas subiram-lhe aos olhos. Com a mão esquerda puxou Bagration e com a direita, ornada de um anel, num gesto evidentemente habitual fez o sinal da cruz e estendeu-lhe a face gorda; mas Bagration beijou-lhe o pescoço.

— Que Cristo te acompanhe! — repetiu Kutuzov; em seguida tomou o carro.
— Vem comigo — disse a Bolkonski.

— Excelência, eu desejaria ser útil aqui; permita-me ficar no destacamento do príncipe Bagration.

— Senta — disse Kutuzov. E notando a hesitação do príncipe André: — Os bons oficiais me são necessários.

Instalados no carro, viajaram em silêncio alguns minutos.

— Ainda haverá muita coisa — continuou com uma expressão anciã de perspicácia, como se adivinhasse tudo que se passava na alma de Bolkonski. — Se amanhã ele voltar com um décimo do destacamento, agradecerei a Deus — acrescentou Kutuzov como se falasse sozinho.

O príncipe André olhou para o general e, involuntariamente, à distância de dois palmos via com nitidez as cicatrizes cuidadosamente lavadas, nas têmporas de seu comandante, onde a bala em Ismail lhe atravessara o crânio, passando por seu olho vazado.

“Sim, ele tem o direito de falar com essa tranquilidade da perda desses homens”, pensou Bolkonski.

— É precisamente por isso que lhe peço para ficar nesse destacamento — acrescentou em voz alta.

Kutuzov não respondeu. Parecia haver esquecido o que acabara de dizer e estava pensativo. Ao cabo de cinco minutos, ao balanço das molas macias do carro, dirigiu-se ao príncipe André. Seu rosto não deixava transparecer a menor emoção. Com uma ironia fina, interrogou-o detalhadamente sobre o encontro com o imperador, sobre as opiniões ouvidas na corte a respeito da batalha de Krems e sobre algumas damas conhecidas por ambos.

XIV

No dia 1º de novembro, Kutuzov recebeu um relatório de um espião, segundo o qual a situação do exército que comandava era quase sem saída. O relatório dizia que consideráveis forças francesas haviam atravessado a ponte de Viena e dirigiam-se para a linha de comunicação de Kutuzov com as tropas que vinham da Rússia. Assim, se o comandante em chefe ficasse em Krems, cento e cinquenta mil homens do exército de Napoleão lhe impediriam qualquer saída, cercando seus quarenta mil homens fatigados. Ficaria em condições idênticas às de Mack em Ulm. Se se decidisse abandonar a linha de comunicações com as tropas que vinham da Rússia, deveria embrenhar-se, sem conhecer o caminho, nas regiões montanhosas e desconhecidas da Boêmia, e ao mesmo tempo defender-se de um inimigo numericamente muito superior. Não lhe restaria mais a menor esperança de reunir-se a Buxhevdén. Recuando sobre a estrada de Krems

para Olmütz, a fim de reunir-se com as tropas que vinham da Rússia, arriscava ser atalhado pelos franceses que acabavam de atravessar a ponte de Viena. Seria então forçado a aceitar a batalha em plena marcha, com todos os transportes e bagagens contra um inimigo três vezes superior e cercado pelos dois lados. Kutuzov optou por esta última alternativa.

O relatório dizia que os franceses haviam atravessado o rio em Viena e se dirigiam para Znaim em marcha forçada, pela mesma estrada que o exército russo e mais de cem *verstas* na sua frente. Atingir Znaim antes dos franceses era uma grande esperança de salvação; permitir ao inimigo chegar primeiro significava uma derrota semelhante à de Ulm ou então o esmagamento total. Mas antecipar-se aos franceses com todo o exército era impossível. O trajeto de Viena a Znaim era mais curto e melhor que o caminho que os russos deviam percorrer de Krems a Znaim.

Ao receber a notícia, Kutuzov, na mesma noite, ordenou à vanguarda de Bagration (quatro mil homens) que se desviasse à direita, para as montanhas, marchando pela estrada de Viena a Znaim. Bagration devia avançar em direção a Viena sem parar, com Znaim às suas costas, e, no caso de encontrar os franceses, retê-los o máximo possível. Kutuzov iria pessoalmente com o exército para Znaim. Depois de uma marcha de mais de quarenta e cinco *verstas*, por uma noite tempestuosa, sem conhecer a estrada, com os soldados esfomeados e descalços, através das montanhas, perdendo um terço que ficaram como retardatários, Bagration alcançou a estrada de Viena a Znaim em Hollabrunn, poucas horas antes dos franceses. Kutuzov deveria marchar ainda um dia inteiro com seus transportes para alcançar Znaim. Dessa forma, Bagration, com menos de quatro mil homens esfomeados e cansados, deveria conter por vinte e quatro horas todo o exército inimigo em Hollabrunn. Era evidentemente impossível. Mas o destino, caprichoso, favoreceu-o. A bem-sucedida estratégia para ultrapassar a ponte de Viena, sem necessidade de batalha, instigou Murat a tentar ludibriar Kutuzov da mesma forma. Encontrando na estrada o pequeno destacamento de Bagration, Murat julgou que estivesse diante de todo o exército de Kutuzov. A fim de esmagá-lo completamente, resolveu esperar os retardatários na estrada de Viena e, para isso, propôs um armistício de três dias sob a condição de que ambos os exércitos permaneceriam imóveis em suas posições respectivas. Murat afirmava que as negociações de paz já haviam sido

iniciadas e propunha o armistício para evitar um derramamento inútil de sangue. O general austríaco, conde Nostitz, que estava na vanguarda, acreditando nas palavras dos emissários de Murat, recuou, revelando o destacamento de Bagration. Outro emissário foi até os russos com as mesmas notícias de paz, propondo os três dias de armistício. Bagration respondeu que não podia recuar nem aceitar o armistício e, por um ajudante de ordens, mandou comunicar a Kutuzov a proposta que recebera.

O armistício era para Kutuzov o único meio de ganhar tempo, descansar o destacamento exausto de Bagration e fazer com o grosso do exército (cujos movimentos eram desconhecidos pelos franceses) ao menos mais uma marcha na direção de Znaim. A proposta de armistício lhe dava a única e inesperada possibilidade de salvar suas tropas. Ao receber essa notícia, Kutuzov mandou imediatamente o general ajudante de ordens Witzengerod ao campo inimigo. Esse general devia não só aceitar o armistício, como também propor as condições de capitulação. Nesse meio-tempo, Kutuzov mandava seus ajudantes de ordens apressar o máximo possível o avanço dos transportes na estrada de Krems a Znaim. Apenas o destacamento esgotado e esfomeado de Bagration deveria permanecer imóvel diante de um inimigo oito vezes mais forte, cobrindo o movimento dos transportes e de todo o exército.

A esperança de Kutuzov se realizava, a proposta de capitulação, que não o obrigava a nada, dava tempo para que passasse uma parte dos transportes, e o erro de Murat não tardaria a aparecer.

Bonaparte, que se encontrava em Schonbrunn, a vinte e cinco *verstas* de Hollabrunn, assim que recebeu a comunicação de Murat e o projeto de armistício e de capitulação, farejou uma cilada e escreveu a Murat a carta seguinte:

Ao príncipe Murat.

Schonbrunn, 25 brumário do ano 1805, às oito horas da manhã.

Não encontro termos para lhe exprimir o meu desagrado. O senhor apenas comanda a minha vanguarda e não tem o direito de fazer armistício sem minha ordem. Está me fazendo perder os frutos de uma campanha. Rompa a trégua imediatamente e marche em direção ao inimigo. Mande-lhe declarar

que o general signatário da capitulação não tinha o direito de fazer isso, e que tal direito só compete ao imperador da Rússia.

Se o imperador da Rússia ratificar esse acordo, entretanto, eu também o farei. Mas isso não passa de um stratagem. Avance, destrua o exército russo... O senhor está em condições de lhe tomar as bagagens e a artilharia.

O ajudante de ordens do imperador da Rússia é um... Os oficiais nada são quando não têm poderes; este não os tinha... Os austríacos se deixaram enganar na passagem da ponte de Viena, o senhor deixa-se enganar por um ajudante de ordens do imperador.

Napoleão

O ajudante de ordens de Bonaparte, a todo galope, levou essa carta terrível a Murat. Bonaparte, não confiando em seus generais, dirigia-se pessoalmente com toda a guarda para o campo de batalha, temendo deixar escapar a vítima esperada. O destacamento de quatro mil homens de Bagration acendia alegremente as fogueiras, secava suas roupas, aquecia o corpo, preparava o almoço, de mingau de aveia, pela primeira vez em três dias, e nenhum soldado sabia ou suspeitava o que os esperava.

XV

Às quatro horas da tarde, o príncipe André, tendo reiterado com insistência seu pedido a Kutuzov, apresentava-se a Bagration, em Grunte. O ajudante de ordens de Bonaparte ainda não havia chegado ao destacamento de Murat e o combate ainda não começara. No destacamento de Bagration ainda não se sabia nada sobre o andar dos acontecimentos. Falava-se em paz sem se dar muito crédito a isso. Também se falava na batalha sem acreditar em sua proximidade. Sabendo que Bolkonski era o ajudante de ordens favorito de Kutuzov, Bagration recebeu o estimado ajudante de ordens de Kutuzov com muita deferência e cordialidade. Explicou-lhe que a batalha poderia começar a qualquer momento. Disse-lhe que durante o combate poderia ficar a seu lado, ou então na retaguarda para observar a retirada, “o que também era muito importante”.

— Creio, porém, que não seja para hoje — disse Bagration para tranquilizar o príncipe André. “Se é um desses pretensiosos do Estado-Maior mandado para receber uma condecoração, na retaguarda também a receberá, mas se quiser ficar a meu lado, sendo um oficial valente, melhor ainda”, pensou Bagration.

O príncipe André não respondeu nada e pediu permissão para percorrer a região e examinar a disposição das tropas, a fim de saber, em caso de ataque,

aonde deveria ir. O oficial de serviço do destacamento, homem bonito e elegante, portando um brilhante no dedo indicador e falando mal francês, ainda que com despreendimento, prontificou-se a acompanhá-lo.

De todos os lados viam-se oficiais molhados, de aspecto tristonho, como se estivessem procurando alguma coisa, e soldados que vinham da aldeia arrastando portas, bancos e cançadas.

— É isso, príncipe, não podemos nos livrar dessa gente — disse o oficial, mostrando-lhe os homens. — Os comandantes não têm energia. Veja — continuou e mostrou a tenda de vivandeiro —, passam todo o tempo aí. Esta manhã botei todos para correr e, como vê, a tenda está cheia novamente. Vamos, príncipe, botá-los para fora de novo, é coisa de um minuto.

— Vamos, quero comer um pouco de pão e queijo — disse o príncipe André, que ainda não se alimentara.

— Por que não disse, príncipe? Eu lhe teria oferecido alguma coisa.

Aparearam e entraram na tenda. Sentados nas mesas, alguns oficiais, de rostos vermelhos e fatigados, comiam e bebiam.

— Mas o que é isso, senhores! — disse o oficial de Estado-Maior num tom de censura, tom de quem já repetira muitas vezes a mesma coisa. — Não podem ausentar-se dessa forma. O príncipe proibiu de virem aqui. — E dirigiu-se a um oficial de artilharia de pequena estatura, sujo, magro e que sem botas (dera-as ao vivandeiro para secar) se levantara com um sorriso constrangido. — O que é isso, capitão Tuchine, não tem vergonha? Parece-me que, na qualidade de artilheiro, deveria dar o exemplo, mas está aí, descalço. O alarme poderá ser dado a qualquer momento e você desempenhará um ótimo papel aí, sem botas (o oficial de Estado-Maior sorriu). Senhores, queiram voltar aos seus postos, todos, todos — acrescentou num tom autoritário.

O príncipe André sorriu involuntariamente olhando o capitão ajudante Tuchine. Sem dizer nada e continuando a sorrir, Tuchine saltava ora sobre um pé, ora sobre o outro, e olhava interrogativamente com seus olhos grandes e bons, ora o príncipe André, ora o oficial de Estado-Maior.

— Os soldados dizem que descalço é mais cômodo — disse Tuchine, sorrindo timidamente, procurando encobrir seu constrangimento com uma pilhéria.

Mas, antes de terminá-la, compreendeu que a mesma não fora bem recebida e que não tinha graça nenhuma. Perturbou-se.

— Queira retirar-se — replicou o oficial de Estado-Maior esforçando-se para não rir.

O príncipe André olhou mais uma vez o pequeno artilheiro. Ele tinha qualquer coisa de particular, bem paisano, um pouco cômico, mas muito simpático.

O oficial de Estado-Maior e o príncipe André montaram novamente e se afastaram.

Ao sair da aldeia encontraram soldados de diversos destacamentos e notaram, à esquerda, fortificações recentemente construídas e cobertas de argila vermelha e fresca. Alguns batalhões, soldados em mangas de camisa apesar do frio, movimentavam-se nas trincheiras como formigas brancas; da escavação, mãos invisíveis atiravam incessantemente montes de argila vermelha. Aproximaram-se examinando o trabalho dos soldados e foram adiante. Atrás da linha fortificada viram algumas dezenas de soldados que sem cessar desciam e subiam o contraforte. Tiveram que tapar o nariz e esporear os cavalos para se afastarem o mais rapidamente possível dessa atmosfera pestilenta.

— Eis aí os atrativos da vida de acampamento, senhor príncipe — disse o oficial de serviço.

Tomaram a direção da montanha adiante, de onde os franceses eram vistos. Bolkonski parou e começou a observar.

— Nossa bateria está colocada aqui — explicou o oficial, designando o ponto culminante. — É a bateria daquele sujeito que estava sem botas. De lá vê-se tudo. Vamos, príncipe.

— Fico-lhe muito agradecido, mas posso ir sozinho — disse o príncipe André, que queria ver-se livre do oficial de Estado-Maior. — Não se preocupe comigo, por favor.

O oficial afastou-se deixando-o sozinho.

Quanto mais próximas do inimigo, mais ordenado e alegre era o aspecto das tropas. No destacamento em direção a Znaim, situado a dez *verstas* dos franceses, o príncipe André notara a maior desordem e abatimento. Em Grunte sentia também que os ânimos estavam perturbados e temerosos. Mas, quanto

mais se aproximava dos franceses, mais seguro era o ânimo da tropa. Com os capotes cinzentos, os soldados estavam em fila e o sargento-mor e o capitão contavam seus homens, pousando a mão no peito de cada um e mandando que o último da cada seção levantasse a mão. Os soldados dispersos nos arredores traziam pedaços de pau e galharias e construíam barracas, rindo e conversando alegremente. Perto do fogo, alguns vestidos, outros nus, consertavam suas botas e capotes, ou secavam as camisas e ceroulas. Cercavam as marmitas dos cozinheiros. Numa companhia a ceia estava pronta e, com o olhar ávido, os soldados esperavam a aprovação do oficial a quem o soldado de serviço trouxera um prato para a prova.

Numa outra companhia, mais feliz, pois nem todas tinham aguardente, os soldados formavam multidão em torno de um sargento-mor que tinha marcas de varíola no rosto e largos ombros. Inclinando um barrilzinho ele lhes enchia as canecas que passavam de mão em mão. Os soldados bebiam religiosamente, estalavam a língua, limpavam a boca com a manga do capote e afastavam-se alegremente. Todas as fisionomias estavam calmas como se não estivessem à vista do inimigo, antes de uma batalha na qual metade do destacamento pereceria, mas, sim, em qualquer canto da Rússia, tranquilo. O príncipe André, depois de passar pelo regimento de caçadores, alcançou o de granadeiros de Kiev, entregue às mesmas preocupações pacíficas. Próximo da barraca do comandante, o príncipe André viu um pequeno destacamento de granadeiros diante de um homem que estava deitado nu. Dois soldados o seguravam e dois outros lhe fustigavam as costas com varas flexíveis. A vítima soltava gritos lancinantes. Um major gordo andava de um lado para outro sem prestar atenção aos gritos e repetindo incessantemente:

— É vergonhoso um soldado roubar. O soldado deve ser honesto, nobre e corajoso e, se rouba seu companheiro, então não tem honra, é um canalha. Mais, mais!

Ao som das palavras “mais, mais” os golpes e os gritos redobravam de violência.

— Mais, mais — repetia o major.

Um jovem oficial, com uma expressão de surpresa e sofrimento, afastou-se do soldado punido e virou-se para o ajudante de ordens com um ar interrogativo.

O príncipe André alcançou a primeira linha, que, apesar de afastada do inimigo nos flancos, estava tão próxima no centro, onde haviam passado os emissários, que se podia distinguir nitidamente a fisionomia dos inimigos e falar com eles. Além dos soldados que ocupavam a linha nesse ponto, havia muitos curiosos que olhavam sorrindo esses inimigos tão estranhos para eles. Desde muito cedo, posto que proibida a aproximação da linha, o chefe não podia ver-se livre dos curiosos. Os soldados que a constituíam, como homens que mostram alguma excentricidade, já não olhavam os franceses, mas faziam observações sobre os basbaques e esperavam impacientemente a rendição de serviço. O príncipe André parou para ver os franceses.

— Olha, olha — disse um soldado ao seu companheiro, mostrando um mosqueteiro russo que, com um oficial, se aproximava da linha e falava acaloradamente com um granadeiro francês.

— Como ele fala! Nem mesmo o francês pode acompanhá-lo. Sidorov, o que estará ele dizendo?

— Espera, vou ouvir. Ah! como fala bem! — declarou Sidorov, que tinha fama de falar muito bem francês.

O soldado era Dolokhov. O príncipe André o reconheceu e parou para ouvir a conversa. Dolokhov viera com seu capitão à linha do flanco esquerdo, onde se achava seu regimento.

— Continua! — animava-o o capitão, inclinando-se para não deixar escapar nenhuma palavra, apesar de incompreensível para ele. — Por favor, mais ligeiro. O que está dizendo esse homem?

Dolokhov não respondeu ao capitão; discutia muito acaloradamente com o granadeiro francês. Naturalmente falavam da campanha. O francês, confundindo os russos com os austríacos, afirmava que os russos se haviam rendido e fugiam desde a batalha de Ulm. Dolokhov tentava convencer de que os russos nunca se haviam rendido e, pelo contrário, sempre tinham vencido o inimigo.

— Deram-nos ordens de enxotá-los daqui e vamos os enxotar — dizia Dolokhov.

— Dê graças a Deus se não for preso com todos os seus cossacos — respondeu o granadeiro francês.

Os espectadores e ouvintes franceses riam.

— *On vous fera danser*, como já dançaram com Suvorov — disse Dolokhov.
— O que ele está contando? — perguntou um francês.
— Histórias velhas — disse um outro, adivinhando que se tratava de uma guerra passada. — O imperador vai mostrar a esse seu *Suvará* como fez com os outros...
— Bonaparte... — começou Dolokhov, mas o francês o interrompeu.
— Bonaparte não! O imperador! *Sacré nom...* — gritou, encolerizado.
— Que o diabo carregue seu imperador!
Dolokhov disse, em russo, uma série de injúrias de caserna, e, pegando o fuzil, afastou-se.
— Vamos, Ivan Lukitch — disse ao capitão.
— Eis a verdadeira língua francesa — disseram os soldados. — Conta, Sidorov.

Sidorov, piscando os olhos, pôs-se a dizer aos franceses uma série de palavras incompreensíveis: Capi-malátafá-saji-muter-cascá... engrolava, procurando dar à sua voz entonações expressivas.

— Oh, oh! ah, ah, iú, iú — ressoou entre os soldados uma tal gargalhada que chegou espontaneamente ao inimigo. Tinha-se a impressão que, depois disso, nada mais havia a fazer, senão descarregar os fuzis e mandar cada um para a sua casa. Mas os fuzis continuaram carregados, as seteiras das casas e das trincheiras continuavam ameaçadoras, e, como antes, os canhões continuavam apontando uns contra os outros.

XVI

Após percorrido todo o front, do flanco direito ao esquerdo, o príncipe André subiu à bateria de onde, segundo o oficial do Estado-Maior, via-se todo o terreno. Apeou e parou perto do último dos quatro canhões retirados de seus armões. Diante da peça caminhava uma sentinela que quis prestar continência ao oficial, mas a um sinal de André, ela continuou no seu passo monótono e regular.

Atrás das peças estavam os armões, e ainda mais atrás os cavalos e as fogueiras dos artilheiros em acampamento. À esquerda, próxima do último canhão, havia uma pequena cabana, recentemente construída com galhos entrelaçados, de onde se ouvia a voz animada de vários oficiais.

De fato, da bateria podia-se ver a quase totalidade das tropas russas e a maioria das francesas. Bem em frente à bateria, ao longe, sobre as colinas, aparecia a aldeia de Schoengraben. À esquerda e à direita, percebia-se em três locais diferentes, entre a fumaça das fogueiras, o grosso das forças francesas, cuja maioria, evidentemente, estava na aldeia do outro lado da montanha. Um pouco à esquerda da aldeia, distinguia-se dificilmente, a olho nu e através da fumaça, qualquer coisa semelhante a uma bateria. Nosso flanco direito achava-se escalonado sobre uma elevação bastante escarpada que dominava a posição inimiga. Nossa infantaria estava disposta no topo da elevação e os dragões ocupavam a extremidade. Da bateria de Tuchine, onde o príncipe André examinava as posições, no centro, sem esforço, podia-se chegar diretamente ao regato que nos separava de Schoengraben. À esquerda, nossas tropas estavam próximas da floresta e era fácil ver no limite suas fogueiras. A linha francesa, muito mais comprida, facilmente poderia contornar-nos em ambos os flancos. Na retaguarda de nossa posição, um precipício, a pique e profundo, tornava difícil o recuo da artilharia e cavalaria. O príncipe André, apoiado no canhão desenhava no seu caderno de notas a planta da disposição das tropas. Em dois pontos fez uma anotação a lápis, na intenção de comunicá-la a Bagration. Ele pensava: 1º) reunir toda a artilharia no centro; 2º) fazer a cavalaria passar para o outro lado dos barrancos. O príncipe André, que sempre se achava junto do general em chefe, seguia o movimento das tropas, as disposições gerais e estava encarregado do histórico dos combates. Assim, apesar do momento, calculava apenas, em traços gerais, o desenvolvimento das operações futuras. Encarava as grandes hipóteses da seguinte maneira: “Se o inimigo começar o ataque pelo flanco direito”, pensava, “os regimentos de granadeiros de Kiev e de caçadores de Podólia deverão defender suas posições até chegar reforços do centro. Nesse caso, os dragões poderão jogar-se sobre o flanco e abater o inimigo. Se o primeiro ataque for ao centro, colocaremos nesta elevação a bateria central, e, sob sua proteção, recuaremos o flanco esquerdo por etapas, até os barrancos.” Durante todo esse tempo, continuava ouvindo as vozes dos oficiais que falavam na cabana, mas, como acontece muitas vezes, não entendia uma única palavra do que diziam. Subitamente, uma voz lhe chamou a atenção pelo seu tom de sinceridade, obrigando-o a escutar.

— Não, meu caro — dizia a voz agradável, que lhe pareceu conhecida —, acho que, se fosse possível a gente saber o que acontecerá depois da morte, nenhum de nós a temeria. É isso, meu caro.

Uma outra voz mais jovem o interrompeu.

— Mas, com ou sem medo, ela virá da mesma forma.

— E, apesar de tudo, a gente sente medo! Ah, os senhores tão sábios! — disse uma terceira voz forte, interrompendo os outros dois. — Sim, vocês artilheiros são muito sábios porque podem carregar consigo aguardentes, quitutes, tudo.

E o dono da voz forte, evidentemente um oficial de infantaria, pôs-se a rir.

— Mas o medo é inevitável — continuou a primeira voz conhecida. — É o medo do desconhecido, se quiser. Por mais que se diga que a alma vai para o céu... Sabemos que não existe céu, e sim uma atmosfera...

Novamente a voz poderosa interrompeu o artilheiro.

— Pois então regale-se com sua bela aguardente aromática, Tuchine.

“Ah! é o mesmo capitão que estava descalço na tenda do vivandeiro”, pensou o príncipe André, reconhecendo com satisfação a voz agradável que filosofava.

— Aguardente por que não? — disse Tuchine. — Mas compreender a vida futura... — Não terminou. Nesse momento, um assobio, cada vez mais rápido e mais próximo, cortou o ar e uma bala de canhão, como se ainda precisasse esclarecer do que se tratava enterrou-se no solo com uma força extraordinária, levantando terra bem perto da cabana. No mesmo instante, o pequeno Tuchine, antes de todos, correu para fora, com o cachimbo no canto da boca. Sua fisionomia, boa e inteligente, estava um pouco pálida. Atrás dele saiu o dono da voz forte, um brioso oficial de infantaria. Correu para sua companhia, abotoando-se pelo caminho.

XVII

O príncipe André parou o cavalo junto à bateria e olhou a fumaça do canhão de onde viera o projétil. Seus olhos percorriam o vasto horizonte. Viu apenas uma coisa: o movimento das tropas francesas, ainda há pouco imóveis, e, à esquerda, notou que, efetivamente, havia uma bateria. A fumaça ainda não se dissipara em torno dela. Dois cavaleiros franceses, provavelmente ajudantes de ordens, galopavam na montanha. No vale, sem dúvida para aumentar os efetivos, avançava uma pequena coluna, perceptível a olho nu. A fumaça do primeiro tiro ainda não havia desaparecido, e já se ouvia o segundo. A batalha começava. O príncipe André voltou a galope para Grunte, onde estava o príncipe Bagration. Atrás dele, ouvia o canhoneio cada

vez mais frequente e mais forte. Os nossos começavam a responder. Os tiros de fuzil ressoavam na planície onde estavam os emissários.

Lemarrois acabava de chegar com a carta severa de Bonaparte, e Murat, vexado e no desejo de reparar seu erro, mobilizava imediatamente suas tropas a fim de contornar os dois flancos e esperava, antes da noite e antes da chegada do imperador, esmagar o pequeno destacamento que tinha diante de si.

“Começou”, pensou o príncipe André sentindo o sangue afluír com força no coração. “Mas onde? Como encontrarei minha Toulon?”

Passando diante das companhias que quinze minutos antes comiam e bebiam tranquilamente, viu o movimento rápido de todos os soldados que se alinhavam em fileiras e se preparavam para o combate, com a mesma animação que sentia. “Pronto, começou! É terrível e alegre”, pareciam dizer as fisionomias de todos os soldados e oficiais.

Antes de chegar ao entrincheiramento em construção, no lusco-fusco de uma tarde sombria de outono, percebeu vários cavaleiros vindo a seu encontro. O que vinha na frente vestia uma *burka*, [\[17\]](#) montando um cavalo branco, era o próprio príncipe Bagration. O príncipe André fez alto e esperou. O general parou o cavalo e, reconhecendo-o, fez um cumprimento de cabeça. Enquanto Bolkonski contava-lhe o que vira, ele continuava olhando para a frente.

No seu rosto sem brilho, moreno, com os olhos semicerrados, vagos, como se não tivesse dormido, também se podia ler a mesma expressão “Começou!”. O príncipe André fitava, com uma curiosidade inquieta, essa fisionomia imóvel. Desejava saber o que esse homem, nesse momento, pensava e sentia. “Haverá alguma coisa atrás dessa esfinge?”, perguntava a si mesmo o príncipe André. Bagration, em sinal de que tudo o que o príncipe André acabava de contar-lhe estava dentro do previsto, respondeu apenas com um “Bom”, inclinando levemente a cabeça.

Contrariamente ao ajudante de ordens, que falava muito ligeiro, em consequência da rápida galopada, Bagration se exprimia lentamente com seu acento oriental, como se não houvesse razão para apressar-se. Entretanto, dirigiu-se a galope até a bateria de Tuchine. Bolkonski reuniu-se à comitiva. Lá estavam: o ajudante de ordens pessoal do príncipe, um ordenança, o oficial de Estado-Maior num belo cavalo inglês, um funcionário civil, e um auditor, que,

por mera curiosidade, pedira para assistir à batalha. O auditor, um senhor muito gordo, rosto redondo, sorriso alegre e ingênuo, olhava em redor, dando pulinhos na sela com sua casaca de chamalote, e se destacava de modo estranho entre os hussardos, cossacos e ajudantes de ordens.

— Quis ver a batalha — disse Jerkov ao príncipe André, ao apontar o auditor — e já está sentindo frio no estômago.

— Bem, chega — interrompeu o auditor com um sorriso brilhante, ingênuo e ao mesmo tempo astuto, como que honrado com as brincadeiras de Jerkov e como se quisesse parecer mais tolo do que realmente era.

— Muito engraçado, *mon monsieur prince* — disse o oficial de Estado-Maior de serviço. (Sabia que em francês o título de *prince* tinha uma colocação especial, mas não se lembrava da regra exata.)

Já bem próximos da bateria de Tuchine, uma bala de canhão caiu bem na frente deles.

— O que foi que caiu? — perguntou ingenuamente o auditor.

— *Galettes* francesas — explicou-lhe Jerkov.

— Então, é com isso que se mata? — perguntou. — Que horror! — Ele parecia encantado.

Mal terminara de falar, e um novo estrondo, repentino, seguido de um horrível assobio e terminando por um golpe em qualquer coisa líquida, jogava longe um cossaco que estava à sua direita, um pouco atrás. Jerkov e o oficial de serviço inclinaram-se sobre as selas e afastaram seus cavalos. O auditor, parando diante do cossaco, olhava-o com curiosidade. O soldado estava morto e o cavalo ainda se debatia.

O príncipe Bagration virou-se apertando os olhos e, percebendo a causa do tumulto, fez um gesto de indiferença, como se dissesse: “Não vale a pena preocupar-se com essas tolices.” Parou o cavalo, segundo os usos da cavalaria, inclinou-se um pouco para a frente e desembaraçou a espada presa à sua *burka*. A espada era antiga, diferente de todas as que se usavam então. O príncipe André lembrou-se ter ouvido dizer que era um presente que Suvorov lhe fizera na Itália, e essa lembrança repercutiu agradavelmente no seu espírito. Aproximaram-se da mesma bateria perto da qual Bolkonski examinara o campo de batalha.

— De quem é essa companhia? — perguntou o príncipe Bagration ao soldado de guarda que estava ao lado dos cunhetes.

Ele perguntou: “De quem é essa companhia?”, mas, em realidade, parecia perguntar: “Não estão com medo?” O artilheiro compreendeu.

— É a companhia do capitão Tuchine, Excelência — respondeu, perfilando-se, em voz alegre, um artilheiro ruivo com o rosto cheio de sardas.

— Está bem, está bem — disse Bagration, e, calculando alguma coisa, percorreu toda a bateria, até o último canhão. Enquanto inspecionava, esse canhão deu um tiro que o atordoou assim como a toda a comitiva. Na fumaça que envolvia a peça viam-se os artilheiros que a seguravam e se esforçavam para colocá-la novamente no lugar. Um soldado alto e de ombros largos, o nº 1, que segurava o escovilhão, com as pernas abertas, saltou para a roda. O nº 2, com a mão trêmula, recarregava o canhão pela boca. Um homenzinho atarracado, o capitão Tuchine, acorria tropeçando no reparo; não vira o general e procurava divisar o efeito do tiro, usando a mão como viseira.

— Acrescenta ainda duas linhas e acertará — gritou com sua voz fraca, procurando dar-lhe um tom de gravidade que não condizia com sua pessoa.

— Dois! — repetiu. — Fogo, Medvedev!

Bagration chamou o oficial. Tuchine aproximou-se do general com três dedos na viseira, num movimento tímido e desajeitado, parecendo mais um padre ao abençoar alguém que um militar prestando continência. Apesar de seus canhões terem sido destinados a atirar no vale, Tuchine jogava bombas incandescentes sobre a aldeia de Schoengraben que se via bem em frente, e de onde os franceses avançavam em grandes colunas.

Ninguém havia dito a Tuchine onde e como atirar, mas ele, aconselhando-se com o sargento-mor Zakhartchenko, em quem tinha grande confiança, achara que a melhor escolha seria incendiar a aldeia. — Bem — disse Bagration em resposta à explicação do oficial; e, como se estivesse fazendo alguma reflexão, pôs-se a examinar todo o campo de batalha que seus olhos descortinavam. Os franceses aproximavam-se mais do lado direito. Da encosta em que se achava o regimento de Kiev e do riacho, ouvia-se uma fuzilaria prolongada que confrangia o coração e, muito mais à direita, atrás dos dragões, o oficial da comitiva mostrou ao príncipe uma coluna inimiga que contornava nosso flanco.

À esquerda a floresta limitava o horizonte. O príncipe Bagration ordenou aos dois batalhões do centro que fossem reforçar a ala direita. O oficial da comitiva ousou objetar ao general que a retirada desses batalhões deixaria os canhões sem cobertura. O príncipe Bagration, virando-se, fitou-o em silêncio com os olhos vagos. Ao príncipe André, a objeção do oficial parecia justa e indiscutível. Mas, nesse momento, o ajudante de ordens do comandante do regimento que estava no vale chegava com a notícia de que enormes colunas francesas avançavam na planície e que o regimento, dispersado, recuava para junto dos granadeiros de Kiev. O príncipe Bagration fez com a cabeça um sinal de assentimento e aprovação.

Dirigiui-se para a direita e mandou o ajudante de ordens levar aos dragões a ordem de atacar os franceses. O oficial, porém, voltando ao cabo de meia hora, comunicava que o comandante do regimento de dragões, em face do violento ataque inimigo, resolvera recuar para perto do precipício, para evitar a perda inútil de soldados. Assim ordenou aos seus homens que apeassem e se refugassem na floresta.

— Bem! — disse Bagration. Enquanto afastavam-se da bateria em direção à ala esquerda, ouviam-se também os tiros que ressoavam na floresta e, como a distância do flanco esquerdo era demasiada para que ele pudesse chegar a tempo, Bagration mandou Jerkov ao general que o comandava, o mesmo que apresentara o regimento a Kutuzov em Braunau, com a ordem de recuar o mais rapidamente possível para trás do precipício, já que o flanco direito não resistiria muito tempo. Assim, Tuchine e o batalhão que o cobria ficaram esquecidos. O príncipe André prestava a maior atenção às conversas de Bagration com os diversos chefes e às ordens que dava e, com grande surpresa, notou que, em verdade, nenhuma ordem era dada. O príncipe Bagration procurava apenas aparentar que tudo que se fazia por necessidade, por acaso ou pela vontade dos comandantes das unidades, era feito por ordem sua ou ao menos de acordo com suas intenções. Apesar disso, notou também, que, graças a seu tato, sua presença exercia grande influência sobre o ânimo das tropas. Os comandantes de unidades, que se aproximavam do general já desanimados, recuperavam a serenidade; os soldados e oficiais o saudavam alegremente, animando-se com sua presença e, visivelmente, recobravam a coragem.

XVIII

Chegando ao ponto culminante de nosso flanco direito, o príncipe Bagration começou a descer para o vale, sob o troar dos canhões, com a visão tolhida pela fumaça da pólvora. Quanto mais se aproximava da planície, menor era a visibilidade e mais se sentia a proximidade do verdadeiro campo de batalha. Começaram a encontrar os feridos; dois soldados arrastavam um terceiro, segurando-o pelos braços. Com a cabeça descoberta e ensanguentada, ele estertorava e vomitava; evidentemente a bala o atingira na boca ou na garganta. Outro soldado aproximou-se corajosamente, só, sem fuzil, gritando e agitando o braço com um ferimento recente de onde o sangue escorria como de uma garrafa. Seu semblante exprimia mais susto que dor. Fora ferido um minuto antes. Atravessando a estrada, Bagration e sua comitiva começaram a descer um declive inclinado, quando repararam em alguns homens deitados. Encontraram uma multidão de soldados, entre os quais havia feridos. Os soldados galgavam a subida, respirando com dificuldade e, apesar da presença do general, conversavam alto e gesticulavam. Mais adiante, na fumaça, viam-se os capotes cinzentos em linha. O oficial, reconhecendo Bagration, correu na direção dos soldados que subiam a encosta, ordenando-lhes que voltassem. O general aproximou-se das fileiras, onde, aqui e além, ressoavam tiros que abafavam qualquer conversação e até as vozes de comando. O ar continuava impregnado pela fumaça da pólvora. As fisionomias dos soldados, enegrecidos por ela, estavam muito animadas. Uns limpavam os fuzis, outros enchiam a caçoleta de pólvora, carregavam as armas, outros, ainda, atiravam. Mas sobre quem atiravam? Não se via nada por causa da fumaça que o vento não dissipava mais. Ouviam-se seguidamente os sons agradáveis de um zumbido ou de um assobio.

“O que é isso?”, pensou o príncipe André, aproximando-se dessa turma de soldados. “Não pode ser um ataque, já que não avançam. Não podem estar em formação de quadrado, pois não estão convenientemente dispostos.”

O comandante do regimento, um velho magro e raquítico, com as pálpebras quase fechadas, o que lhe dava um aspecto muito bondoso, se aproximou do príncipe Bagration e o recebeu com um sorriso simpático de quem recebe um hóspede querido. Contou-lhe que os franceses haviam dirigido um ataque de cavalaria contra seu regimento e que esse ataque fora rechaçado, mas que a metade de seus soldados perecera. O comandante do regimento dizia que o ataque fora rechaçado, aplicando esse termo militar ao que se passava em sua unidade, mas, na realidade, ele mesmo não sabia o que haviam feito, nessa meia hora, as tropas que lhe estavam confiadas e não tinha absoluta certeza se rechaçara o ataque ou se seu regimento fora esmagado. Sabia apenas que, no começo, bombas e balas de canhão mataram muitos dos seus soldados, e que depois alguém gritara: “Cavalaria!” e que os nossos haviam começado a atirar. E continuavam atirando, não mais sobre a cavalaria que se afastara, mas sobre a

infantaria francesa que, nesse momento, da planície, atirava sobre nossas posições. O príncipe Bagration fez um sinal de cabeça como se tudo tivesse acontecido como esperava e desejava, e mandou que um ajudante de ordens fosse à montanha buscar dois batalhões do 6º de caçadores, pelos quais havia passado. O príncipe André surpreendeu-se com a modificação da fisionomia do general. Seu semblante exprimia a decisão concentrada e feliz do homem que, num dia quente, faz os últimos preparativos para atirar-se na água. Não tinha o aspecto sonolento, nem o ar reflexivo. Seus olhos de falcão, redondos, resolutos, olhavam para a frente com qualquer coisa de solene e desdenhosa, aparentemente não se fixando em nada, mas conservando a mesma lentidão e regularidade de movimentos.

O comandante do regimento suplicou ao príncipe Bagration que se afastasse desse ponto demasiadamente perigoso.

— Em nome de Deus, Excelência, por favor — dizia ele, pedindo com os olhos, aos oficiais da comitiva, que o auxiliassem. — Veja! — chamava a atenção para as balas que zumbiam em torno do grupo. Falava num tom de quem implorava e censurava, como o carpinteiro que encontra o patrão servindo-se do machado: “Nós estamos acostumados, mas o senhor vai criar calos nas mãos.” Falava como se essas balas não pudessem matá-lo também, e seus olhos semicerrados davam, ao que dizia, um tom ainda mais persuasivo.

O oficial de Estado-Maior fez-lhe o mesmo pedido, mas o príncipe Bagration, sem responder, ordenou que cessassem o fogo e cedessem o lugar para os dois batalhões que vinham chegando. Enquanto falavam, as nuvens de fumaça que o vento fazia oscilar da direita para a esquerda, e escondiam o vale e a montanha fronteiras, cobertos de franceses em marcha, abriram-se subitamente, como que impulsionadas por uma mão invisível. Todos os olhos se voltaram involuntariamente sobre essa coluna francesa que avançava em nossa direção, serpenteando sobre os acidentes do terreno.

Já se podiam distinguir as barretinas dos soldados; já se podiam discernir os oficiais dos soldados; já se via a bandeira surgindo lentamente.

— Marcham bem — disse alguém da comitiva de Bagration.

A vanguarda da coluna já chegava à planície. O choque devia dar-se desse lado da descida.

O restante do nosso regimento que sofrera o fogo da fuzilaria, recompondo-se às pressas, afastou-se para a direita. Atrás, deixando os retardatários, aproximavam-se, em ordem, dois batalhões do 6º de caçadores. Ainda não haviam alcançado Bagration, mas já eram ouvidos, a distância, os passos pesados, cadenciados dos homens. No flanco esquerdo, marchando na direção de Bagration, vinha o comandante da companhia, um belo homem de rosto redondo, de expressão tola e feliz, o mesmo que acorrera da cabana. Evidentemente, não pensava em nada nesse momento, a não ser que ia passar briosamente na frente de seu chefe.

Marchava alegremente com suas pernas musculosas, como se estivesse nadando; conservava-se teso sem o menor esforço, e essa leveza o diferenciava do andar pesado dos soldados que marchavam acertando o passo pelo seu. Suspenso à cintura trazia um sabre nu, fino, estreito (um pequeno sabre, curto, que nem parecia uma arma). Virando-se ora para o lado do chefe ora para o outro lado, e fazendo gravemente um quarto de volta, não sem perder a cadência, dava a impressão de que dirigia todo o seu esforço no sentido de passar da melhor forma possível na frente do general; sentia-se que seria um homem feliz se o conseguisse... “Esquerda... esquerda... esquerda”!, parecia dizer depois de cada passo. E, nessa cadência, a massa de soldados, sobrecarregada pelas mochilas e fuzis, avançava com semblantes diversos e concentrados, e cada um deles, depois de cada passo, parecia repetir mentalmente: “Esquerda... esquerda... esquerda”... O major gordo, ofegante, errou o passo ao contornar um arbusto no caminho. Um retardatário, ofegante, com o semblante assustado pelo seu atraso, corria apressadamente para alcançar a companhia. Um projétil, cortando o ar, passou sobre o príncipe Bagration e sua comitiva e, em cadência “esquerda... esquerda”... atingiu a coluna.

— Fechem as fileiras — gritou com energia o comandante da companhia.

Os soldados, fazendo arco, contornaram o local onde caíra a bala. Um velho suboficial, condecorado, que se atrasara junto aos agonizantes, alcançou seu posto, deu um salto para acertar o passo, e virou-se encolerizado. “Esquerda... esquerda”, parecia ouvir-se através do silêncio lúgubre e do som dos pés batendo simultaneamente o solo.

— Bravo, meus filhos! — exclamou Bagration. As palavras: “Felizes... de servir” se fizeram ouvir em todas as fileiras. Um soldado casmurro, que marchava à esquerda, fitou Bagration, parecendo dizer: “Nós já sabemos.” Um outro, receoso de distrair-se, abria a boca, gritava e continuava sem se voltar.

Foi dada a ordem de fazer alto e retirar as cartucheiras. Bagration percorreu as unidades que desfilavam na sua frente e apeou. Deu as rédeas a um cossaco, tirou a *burka*, distendeu as pernas e arrumou a barretina. A coluna francesa, precedida dos oficiais, surgia detrás da montanha.

— Com o auxílio de Deus — disse Bagration numa voz clara e firme. Por um segundo virou-se para o front; sacudindo os braços, num passo desajeitado de cavaleiro, aparentando dificuldade, avançou pelo terreno desigual. O príncipe André, dominado por uma grande alegria, sentia-se empurrado para a frente por uma força invencível. [\[18\]](#)

Os franceses já estavam bem próximos. O príncipe André, que marchava ao lado de Bagration, distinguia nitidamente as bandoleiras e as dragonas vermelhas e até as fisionomias dos franceses. (Via claramente um velho oficial francês de pernas tortas e de polainas, subindo a montanha com grande esforço.) O príncipe Bagration, sem dar uma ordem, sempre em silêncio, marchava diante das tropas. Subitamente, do lado dos franceses, ouviram um tiro, um segundo, um terceiro; nas fileiras deslocadas do inimigo a fumaça se acumulava; a fuzilaria começava. Alguns dos nossos caíram e, entre esses, o capitão de rosto redondo que marchava com tanta alegria e precaução. Precisamente no momento em que se ouviu primeiro tiro, Bagration voltou-se e gritou:

— Hurra!

— Hurra! — respondeu um longo grito percorrendo toda a nossa linha. E, passando pelo príncipe Bagration, passando uns pelos outros, nossos soldados em massa irregular, mas alegre e animada, desceram correndo sobre o inimigo, rompendo-lhe as fileiras.

XIX

O ataque do 6º de caçadores garantia a retirada do flanco direito. Ao centro, a atividade da bateria esquecida de Tuchine, que conseguira incendiar Schoengraben, impedia o movimento do inimigo. Os franceses apagaram o incêndio que o vento propagava, dando-nos tempo para a retirada. O recuo do centro, por entre

o precipício e os vales, se fazia precipitado e barulhento, mas em ordem. O flanco esquerdo, porém, constituído pelos regimentos de infantaria de Azov e de Podólia e pelos hussardos de Pavlograd, deslocava-se atacado e cercado por forças francesas mais numerosas, sob o comando de Lannes. Bagration enviou Jerkov ao comandante do flanco esquerdo com a ordem de recuar imediatamente. Resoluto e sem tirar a mão do quepe, Jerkov esporeou o cavalo e partiu a galope. Mas, assim que se afastou de Bagration, faltaram-lhe as forças; dominado por um medo invencível, foi incapaz de atingir a zona perigosa.

Ao aproximar-se das tropas do flanco esquerdo, em lugar de seguir em frente, sob a fuzilaria, procurava o general onde este não podia estar, e a ordem de Bagration não foi transmitida.

O comando do flanco esquerdo pertencia, por antiguidade, ao comandante o regimento que se apresentara a Kutuzov em Braunau, e no qual Dolokhov servia como soldado, e o comando da última ala cabia ao coronel do regimento de Pavlograd, no qual servia Rostov, e isto foi a causa de um mal-entendido. Os dois chefes estavam em maus termos, e enquanto o flanco direito combatia há muito tempo e os franceses começavam a avançar, os dois chefes se preocupavam com discussões cuja única finalidade era se ferirem mutuamente, sem preparar seus regimentos para o combate que se apresentava. Ninguém, desde o mais humilde soldado até o general, esperava a batalha e todos cuidavam tranquilamente dos afazeres comuns; os cavaleiros davam a ração aos cavalos, e a infantaria procurava lenha.

— Como ele é mais antigo que eu — dizia o alemão, coronel-comandante de hussardos, vermelho como um pimentão, ao ajudante de ordens que o outro lhe enviava — que faça como quiser. Eu não posso sacrificar meus hussardos. Corneta! Toca a retirada.

Mas a situação se tornava angustiante. A fuzilaria e o canhoneio, confundindo-se, eram ouvidos em toda a parte, e os capotes dos atiradores de Lannes, atravessando a barreira do moinho, estendiam linha do outro lado, quase à distância de um tiro de fuzil. Nervosamente, o general de infantaria montou a cavalo e dirigiu-se para o regimento de Pavlograd. Os comandantes, ao se encontrarem, saudaram-se polidamente, dissimulando a cólera.

— Coronel, peço-lhe outra vez. Não posso deixar metade de meus homens na floresta — disse o general. — *Peço-lhe que tome posição e prepare-se para o ataque.*

— E eu lhe peço que não se meta no que não é de sua conta — respondeu o coronel, exaltando-se. — Se fosse de cavalaria...

— Não sou da cavalaria, coronel, mas sou general russo, e se ignora...

— Sei disso, Excelência — gritou o coronel, adiantando seu cavalo e tornando-se rubro de cólera. — Queira ir até o front e verá que essa posição não vale nada. Não quero que esmaguem meu regimento para satisfazê-lo.

— Não se esqueça, coronel. Não estou aqui por divertimento e não permitirei que fale assim comigo.

O general, aceitando o convite do coronel para o torneio de bravura, encheu o peito, franziu o cenho e foi inspecionar a linha com ele, como se todas as suas diferenças, lá nos primeiros postos, devessem desaparecer, sob as balas. Chegados à linha, algumas balas voaram acima deles. Eles pararam em silêncio. Não havia nada a examinar, pois estava claro, mesmo do lugar onde se achavam antes, que era impossível a ação da cavalaria naquele terreno acidentado, e que os franceses contornavam o flanco esquerdo. O general e o coronel olhavam-se mutuamente com um ar severo e importante, como dois galos que se preparam para o combate, e esperando em vão que um ou outro desse mostras de covardia. Ambos realizavam a prova com honra. Como não havia nada a dizer, e nem um nem outro queria dar a seu adversário pretexto para dizer que fora o primeiro a fugir das balas, teriam ficado muito tempo naquele local, experimentando reciprocamente a coragem um do outro, se não tivessem ouvido um tiro de fuzil e gritos roucos se confundindo a poucos passos de distância. Os franceses se haviam atirado sobre os soldados que juntavam lenha na floresta. Já os hussardos não podiam recuar com a infantaria. A retirada para a esquerda lhes estava cortada pela linha inimiga. Agora, apesar da dificuldade do terreno, era necessário atacar, para abrir caminho.

O esquadrão em que servia Rostov mal tivera tempo de montar quando se lhe defrontou o inimigo. Novamente, como na ponte do Enns, não havia nada entre o esquadrão e as forças francesas, salvo uma terrível linha de desconhecido e de medo, semelhante à linha que separa os vivos dos mortos. Todos os homens sentiam a presença dessa linha, e as perguntas se eles a atravessariam ou não, e como o fariam, os perturbavam.

O coronel aproximou-se da frente, respondendo rispidamente às perguntas dos oficiais e, como um homem resoluto em suas ideias, deu uma ordem.

Ninguém dizia nada de preciso, mas, no esquadrão, corria o boato de um ataque próximo. E todos ouviram: “Posição!”, de uma voz no comando; em seguida foi o barulho dos sabres saindo das bainhas, mas ninguém se movia ainda. As tropas do flanco esquerdo, a infantaria e os hussardos sentiam que seus chefes não sabiam o que fazer, e essa indecisão se transmitia às forças. “Depressa, que seja depressa”, pensava Rostov, sentindo que enfim chegara o momento de conhecer o prazer do ataque de que seus camaradas hussardos lhe haviam falado tanto.

— Com a ajuda de Deus... meus filhos! — gritou Denissov. — A t’ote, ma’che!

A linha de cavalos ondulou e Gratchik, distendendo as rédeas, partiu voluntariamente.

À direita, Rostov via a primeira fila de hussardos, e mais longe, na frente, uma linha sombria que não podia bem definir mas que acreditava ser o inimigo.

Os tiros de fuzil eram ouvidos de muito longe.

— A trote acelerado! — comandou alguém.

Rostov sentiu seu Gratchik firmar-se nas traseiras e lançar-se a galope. Pressentia os movimentos do cavalo e estava cada vez mais alegre. Diante de si notou uma árvore isolada. Antes, essa árvore estava no meio da linha que lhe parecera tão terrível. Mas eis que a passavam, sem que nada de terrível acontecesse; e tudo se tornava cada vez mais alegre e mais animado. “Ah, como vou golpeá-los!”, pensou Rostov apertando o punho do sabre.

— Hurra-a-a-a! — gritavam as vozes no entorno.

“Ah! Que apareça alguém agora”, pensava Rostov, esporeando Gratchik, a rédea solta e passando pelos outros. O inimigo estava cada vez mais próximo.

Subitamente qualquer coisa sobreveio como se o esquadrão tivesse sido varrido por uma grande vassoura. Rostov levantou o sabre pronto para o ataque, mas notou que o soldado Nikitenko, que galopava diante dele, afastava-se. Sentiu, como num sonho, que continuava a galopar para a frente com uma rapidez extraordinária e, que ao mesmo tempo, estava parado. Um hussardo, seu

conhecido, Bandartchuk, vindo de trás o alcançava, olhando-o severamente. O cavalo de Bandartchuk empinou-se e passou.

“Mas o que é isso, por que não avanço? Caí, estou morto!”, perguntava e respondia a si mesmo Rostov. Estava só no meio do campo. Em roda, em lugar dos cavalos galopando e das costas dos hussardos, via apenas o solo imóvel e as ervas do campo. O sangue quente corria debaixo dele.

“Não, estou ferido, mas meu cavalo está morto!” Gratchik levantou-se sobre as patas dianteiras caindo em seguida e apertando as pernas de seu dono. O sangue corria da cabeça do cavalo. O animal se debatia, mas não podia levantar-se. Rostov também quis levantar, mas não conseguiu; o estojo do sabre estava enganchado na sela.

“Onde estão os nossos, onde estão os franceses?” Ele ignorava; nas proximidades, não se via ninguém.

Tendo libertado a perna, levantou-se. “Onde, de que lado está agora essa linha que separava os dois exércitos?”, perguntava a si próprio, sem encontrar resposta. “Terá acontecido alguma coisa de ruim? Acidentes semelhantes acontecem, e o que se deve fazer nesses casos?” Foi quando sentiu que qualquer coisa, de inútil e pesado, lhe puxava o braço esquerdo entorpecido...

Parecia-lhe que sua mão não lhe pertencia. Examinou em vão, procurando sangue. “Ah! aí vem gente! vão ajudar-me”, pensou alegremente vendo alguns homens que corriam na sua direção.

Alguém, de capote azul, com uma barretina estranha, de pele bronzeada, nariz aquilino, corria na frente.

Atrás, vinham ainda dois, depois muitos outros.

Um deles disse qualquer coisa de estranho, não em russo.

Entre os homens, semelhantes ao primeiro, e que corriam atrás, se achava um hussardo russo. Seguravam-no pelas mãos e alguém lhe puxava o cavalo.

“Deve ser um dos nossos que foi feito prisioneiro... Sim... Vão prender-me também? Que gente será essa?” Olhava os franceses que se aproximavam, e ele, que um segundo antes se atirava para atacá-los e esmagá-los, sentia agora o pavor dessa proximidade e não queria acreditar nos próprios olhos. “Quem são eles? Correm na minha direção? Contra mim? E por quê? Para matar-me? Eu, de que todos gostam tanto!” Lembrou-se do amor de sua mãe, de sua família, de

seus amigos, e parecia-lhe impossível que seus inimigos tivessem a intenção de matá-lo.

“É mesmo para matar!” Ficou em pé mais de dez segundos, sem poder mover-se e sem compreender sua situação. O francês de nariz aquilino estava tão próximo que já distinguia a expressão de seu rosto. E se assustou com a fisionomia inflamada, estranha, desse homem que, de baioneta calada, retendo a respiração, corria agilmente para ele. Puxou o revólver e, em vez de atirar, jogou-o contra o francês e, com todas as suas forças, correu para os arbustos. Não corria com aquele sentimento de dúvida e de luta que sentira na ponte do Enns, mas com o sentimento da lebre que foge dos cães. Um medo invencível de perder a vida, jovem, feliz, dominou todo o seu ser; pulando os fossos com a rapidez de outrora, quando corria no jogo de *gorielki*, fugia velozmente, quase sem virar o rosto pálido, bom, jovem, e um arrepio de horror percorreu-lhe a espinha. “Não, é melhor não olhar”, pensou; mas, chegando perto dos arbustos, virou-se ainda uma vez. Os franceses se distanciavam, e justamente na hora em que Rostov virou-se, aquele que vinha na frente interrompia o trote para continuar a passo, gritando qualquer coisa para seus companheiros que o seguiam. Rostov parou. “Não, não é isso, não é possível que queiram matar-me.” O braço esquerdo continuava a pesar-lhe como se nele estivesse pendurado um peso de dois *puds*. Não podia correr mais. O francês parou também e, fazendo pontaria, atirou. Rostov fechou os olhos e abaixou-se. Uma bala passou, depois outra, zumbindo acima dele.

Num derradeiro esforço, segurando a mão esquerda com a direita, correu matagal adentro. Os atiradores russos estavam lá.

XX

Com o ataque imprevisto, os regimentos de infantaria fugiam da floresta, e as companhias, misturadas umas com as outras, afastavam-se em grande desordem. Um soldado disse cheio de horror uma palavra sem sentido, mas que na guerra é terrível: “Cercados!” E a palavra, com um sentimento de pavor, espalhou-se por toda a tropa.

— Cercados, cortados, perdidos! — gritavam vozes cheias de pânico.

Assim que o comandante do regimento ouviu a fuzilaria e os gritos, compreendeu que qualquer coisa de terrível estava acontecendo ao seu

regimento. E o pensamento de que ele, o oficial modelo, que servia há tantos anos, sem nenhuma censura, poderia ser acusado, pelos superiores, de negligência e falta de iniciativa, o perturbou de tal forma que esqueceu o coronel de cavalaria desobediente e sua importância de general e sobretudo o perigo e o instinto de conservação e, segurando o arção da sela, esporeou o cavalo e galopou na direção do regimento, sob uma chuva de balas que por sorte não o atingiu. Desejava apenas uma coisa: saber de que se tratava e a qualquer preço auxiliar, corrigir o próprio erro, redimindo-se de qualquer culpa, ele, o oficial modelo que servia há vinte e dois anos sem uma única censura.

Passou incólume diante dos franceses, aproximou-se do campo, atrás da floresta, através da qual os nossos corriam e, desobedecendo a ordem, desciam a montanha.

Havia chegado o momento desse estado moral de hesitação que decide as batalhas: esses soldados em desordem escutarão a voz do comando, ou, voltando-se contra ele, continuarão a fugir? Apesar do grito desesperado do comandante do regimento, outrora tão temido, apesar da expressão transfigurada e feroz do chefe gesticulando com o sabre, os soldados continuavam a correr, falando e atirando para o ar, sem obedecer aos comandos. O estado moral de hesitação que decide a sorte das batalhas evidentemente estava dominado pelo medo.

De tanto gritar, o general tossia por causa da fumaça da pólvora; parou desesperado. Tudo parecia perdido. Mas, nesse momento, os franceses que avançavam sobre os nossos começaram, sem causa aparente, a recuar subitamente, e da floresta surgiam os atiradores russos. Era a companhia de Timokhine, a única que resistira em perfeita ordem, escondida num vale, e que atacava de surpresa o inimigo. Timokhine atirou-se sobre os franceses com um grito tão feroz, uma audácia tão louca (armado apenas de sabre), que eles fugiram deixando as armas. Dolokhov, que corria ao lado do capitão, matou um francês à queima-roupa e prendeu um oficial segurando-o pela gola. Os que fugiam voltaram, os batalhões se reorganizaram e o inimigo, que quase conseguira dividir o flanco esquerdo em duas partes, era momentaneamente rechaçado. O comandante do regimento estava perto da ponte com o major Ekonomov; diante deles passavam as companhias que haviam recuado, quando

um soldado aproximou-se dele, segurando-se no estribo e apoiando-se no cavalo. O soldado vestia um capote azul, mas não tinha mochila nem barretina; trazia a cabeça enfaixada e uma cartucheira francesa a tiracolo. A mão segurava uma espada francesa. O soldado estava pálido, seus olhos azuis fitavam ousadamente o comandante e os lábios sorriam. Apesar de ocupado em dar ordens ao major Ekonomov, o general não podia deixar de prestar atenção a esse soldado.

— Excelência, eis aqui dois troféus — disse Dolokhov mostrando a espada francesa e a cartucheira. — Tomei preso um oficial e detive a companhia.

Dolokhov respirava com dificuldade e suas palavras saíam entrecortadas pelo cansaço.

— Toda a companhia pode testemunhar. Peço que não esqueça, Excelência.

— Está bem, está bem — disse o comandante; e virou-se para o major. Mas Dolokhov não se afastava.

Desatou o lenço, tirou-o e mostrou o sangue colado nos cabelos.

— É um ferimento de baioneta. Permaneci na frente; lembre-se, Excelência.

* * *

A bateria de Tuchine ficara esquecida, e somente no fim da batalha, continuando a ouvir os canhões no centro, foi que o príncipe Bagration mandou um oficial de Estado-Maior e em seguida o príncipe André, com a ordem de recuar o mais rapidamente possível. A tropa de cobertura que estava próxima dos canhões de Tuchine se retirara no meio da batalha, cumprindo uma ordem qualquer. Mas a bateria continuava a atirar e não foi tomada pelos franceses, porque o inimigo não podia supor que quatro canhões desprotegidos tivessem a audácia de continuar atirando.

Ao contrário, considerando a enérgica atividade dessa bateria, os franceses supunham que lá estavam concentradas as principais forças russas e duas vezes tentaram atacar esse ponto. Mas duas vezes foram rechaçados pelas balas dos quatro canhões isolados na elevação.

Pouco depois da partida do príncipe Bagration, Tuchine conseguira incendiar Schoengraben.

— Pronto! Os homens estão todos atrapalhados! Está queimando! Olha a fumaça! Muito bem! Parabéns! Ah! Que fumaça! — diziam os criados, animando-se.

Todos os canhões, sem ordem, atiravam na direção do incêndio. A cada tiro os soldados gritavam: “Parabéns! Isso mesmo! Bravo! Muito bem!”, como se isso adiantasse alguma coisa. Atiçado pelo vento, o incêndio se espalhava rapidamente. As colunas francesas, que estavam na aldeia, tiveram que se retirar, mas, como para vingar-se desse fracasso, o inimigo colocou dez canhões à direita do povoado e começou a atirar sobre a bateria de Tuchine. Entusiasmados pelo sucesso obtido e numa alegria infantil excitada pelo incêndio, nossos artilheiros só notaram essa bateria quando duas balas, e depois mais quatro, caíram entre seus canhões, derrubando dois cavalos e uma outra arrancou a perna de um soldado. Entretanto, a animação geral não enfraqueceu, mas apenas mudou de caráter. Os cavalos mortos foram substituídos por outros de reserva, os feridos transportados e os quatro canhões se viraram para a bateria de dez peças.

O oficial camarada de Tuchine fora morto no princípio do combate, e em uma hora, dezessete dos quarenta soldados tiveram o mesmo destino. Os sobreviventes, no entanto, continuavam igualmente alegres e animados. Por duas vezes notaram que, embaixo e já próximos, os franceses apareciam, e os crivaram de metralha.

O oficialzinho, de movimentos indecisos e desajeitados, dirigia-se incessantemente a seu ordenança: “Mais uma cachimbada por esse brio”, dizia ele, e espalhando faíscas de seu cachimbo corria para a frente, examinava o inimigo, protegendo os olhos com a mão.

— Exterminem, meus filhos! — gritava, e ele mesmo, segurando o canhão pelas rodas, fazia pontaria.

Completamente envolto em fumaça, atordoado pelos tiros contínuos que o faziam estremecer cada vez, Tuchine, sem deixar o cachimbo, corria de um canhão a outro, ora fazendo pontaria, ora contando as cargas, ora dando ordem de substituir os cavalos mortos ou feridos. Gritava com sua voz fraca, aguda, indecisa. Seu semblante animava-se cada vez mais. Apenas quando seus soldados caíam ou eram feridos fechava a cara e gritava, irritado com os soldados que não se apresentavam a vir retirar o morto ou o ferido. Os soldados, na maioria belos rapazes (como acontece em geral nas baterias, duas cabeças mais altos e mais fortes que seu oficial), olhavam o comandante como crianças

atrapalhadas, e a expressão da fisionomia do comandante era sempre refletida na dos comandados.

Tuchine estava perfeitamente à vontade e não sentia medo nenhum, pelo contrário, estava cada vez mais alegre, graças à terrível balbúrdia e à necessidade de estar sempre atento a tudo que se passava. Não admitia a possibilidade de ser ferido ou morto. Parecia-lhe ter visto o inimigo pela primeira vez há muito tempo, que ele estava ali desde a véspera e que a pequena extensão de terra que ocupava ali lhe era completamente familiar. Apesar de não ter esquecido nada, de ter calculado tudo e ter feito tudo que o melhor oficial teria feito em circunstâncias semelhantes, achava-se num estado tal que era semelhante ao delírio ou à embriaguez.

Através dos sons ensurdecedores dos canhões, dos zumbidos e das balas inimigos, através de seus soldados banhados em suor em torno dos canhões, através do sangue dos homens e dos cavalos, através de tudo isso, surgia na sua mente um mundo à parte, fantástico, que o inebriava de prazer. Na sua imaginação os canhões inimigos eram enormes cachimbos de onde um fumante invisível fazia sair graciosas espirais de fumaça.

— Olha, ainda está fumando! — dizia Tuchine a meia-voz, enquanto, do outro lado da montanha, se elevava um penacho de fumo que o vento dissipava. — Agora é preciso esperar a bala para devolvê-la.

— O que ordena, Excelência? — perguntou um suboficial a seu lado, ouvindo-o murmurar alguma coisa.

— Nada, uma granada... — respondeu.

“Bem! Vamos ao nosso Matvievna”, dizia ele consigo. Era o nome que, na sua imaginação, dava ao grande canhão da extremidade, de fundição antiga. Os franceses, junto de seus canhões, davam-lhe a impressão de formigas. O artilheiro nº 1 do segundo canhão, um tipo bonito e bêbedo, na sua imaginação era o tio. Tuchine o olhava mais amiúde que aos outros e divertia-se com cada um de seus movimentos. O som dos fuzis no pé da montanha, ora diminuindo, ora crescendo, dava-lhe a impressão de uma respiração qualquer. Seguia atentamente as variações de intensidade desse som.

— Lá está ele respirando outra vez — dizia. Representava-se a si próprio como uma espécie de gigante com as duas mãos atirando balas de canhão nos

franceses.

— Vamos, nossa mãe Matvievna, faça o que deve fazer! — dizia, afastando-se do canhão, quando, subitamente, acima de sua cabeça, ouviu uma voz estranha, desconhecida.

— Capitão Tuchine! Capitão!

Tuchine virou-se assustado. Era o mesmo oficial de Estado-Maior que o expulsara da barraca de Grunte. Gritava-lhe numa voz agitada.

— O que é isso? Enlouqueceu! Por duas vezes já lhe deram ordem de se retirar e o senhor...

“O que querem?”, pensou Tuchine olhando timidamente seu chefe.

— Eu... nada... — gaguejou, com dois dedos à frente do quepe — eu...

Mas o coronel não terminou o que pretendia dizer. Uma bala de canhão, passando-lhe muito perto, forçou-o a inclinar-se sobre o cavalo. Calou-se, e quando quis abrir a boca, uma segunda o interrompeu. Torcendo a rédea, afastou-se.

— Retirem! Retirem-se todos! — gritou de longe.

Os soldados puseram-se a rir. Momentos depois chegava o príncipe André com a mesma ordem. A primeira coisa que ele viu, ao aproximar-se do local onde estavam os canhões de Tuchine, foi um cavalo com uma perna quebrada, que relinchava ao lado de outros dois atrelados. O sangue corria-lhe da pata como de uma fonte. Entre os armões, estavam estendidos alguns cadáveres.

Enquanto se aproximava, as balas voavam-lhe sobre a cabeça, e sentia um arrepio nervoso percorrer-lhe a espinha. Mas recobrou a coragem só com a ideia de que estava com medo. “Não posso ter medo”, pensou. Lentamente apeou entre os canhões. Transmitiu a ordem e não deixou a bateria.

Resolvera assistir a retirada. Passando por cima de cadáveres, e sob o fogo terrível dos franceses, auxiliou Tuchine na arrumação dos canhões.

— Não é como ainda há pouco, que um chefe veio e correu o mais depressa que pôde — disse um suboficial ao príncipe André. — Com Vossa Alteza não é assim.

Bolkonski não dizia nada a Tuchine. Ambos estavam tão ocupados que poder-se-ia dizer que não se viam. Depois de prendidos dois canhões intactos aos seus

armões, quando começaram a retirar (um canhão quebrado e um morteiro tinham sido abandonados), o príncipe André aproximou-se de Tuchine.

— Bem, até a vista — disse, apertando-lhe a mão.

— Adeus, meu caro — respondeu Tuchine. — Excelente alma! Adeus, meu caro — repetiu entre lágrimas que, inexplicavelmente, lhe subiram aos olhos.

XXI

O vento acalmara, as nuvens negras, baixas, confundiam-se no horizonte com a fumaça da pólvora. Com a chegada da noite, em dois lugares, sobressaía o clarão do incêndio. O canhoneio enfraquecia, mas a fuzilaria, no flanco direito e atrás, continuava cada vez mais próxima e mais forte. Assim que Tuchine, passando com seus canhões entre os feridos ou esmagando-os, saiu fora do alcance da metralha e desceu para o vale, encontrou os chefes e os ajudantes de ordem, entre os quais o oficial de Estado-Maior e Jerkov, que, apesar de enviado duas vezes, não chegara até sua bateria nenhuma. Interrompendo-se uns aos outros, todos davam ordens sobre a direção a seguir, censurando-o e fazendo-lhe observações. Tuchine não dava nenhuma ordem, e, em silêncio, cavalgava atrás com receio de falar, pois, sem saber por quê, sentia que choraria se dissesse uma só palavra. Apesar da ordem de deixar os feridos, muitos dentre eles se arrastavam atrás das tropas e pediam para subir nos canhões. O valente oficial de infantaria que, antes da batalha, saíra da cabana de Tuchine, estava estendido na carreta do Matvieva, com uma bala no ventre. Junto da montanha, um *junker* dos hussardos, lívido, agarrando uma mão com a outra, aproximou-se de Tuchine e pediu-lhe permissão para sentar-se.

— Em nome de Deus, capitão, estou ferido no braço — pediu timidamente.
— Em nome de Deus, não posso andar mais.

— Era evidente que esse aspirante já pedira muitas vezes permissão para sentar-se e sempre lhe haviam recusado. Pedia com uma voz indecisa e tímida.

— Dê a ordem para eu sentar-me, em nome de Deus.

— Ajudem-no, vamos — disse Tuchine. — Põe teu capote, tio — ordenou a seu soldado favorito. — E o oficial ferido, onde está?

— Tiraram, estava morto — respondeu alguém.

— Sente, meu caro, sente. Põe teu capote, Antonov.

O *junker* era Rostov. Segurava uma mão, estava pálido e seu queixo tremia nervosamente. Colocaram-no sobre o Matvieva, o mesmo canhão de onde haviam retirado o oficial morto. Sobre o capote que lhe servira de cama, havia sangue em quantidade e Rostov sujou as calças e as mãos.

— Como, meu caro, está ferido? — perguntou Tuchine, aproximando-se do canhão onde Rostov estava sentado.

— Não, apenas uma contusão.

— Mas que sangue é esse, então?

— Foi o oficial, Excelência, o que morreu — respondeu um artilheiro, limpando o sangue com a manga do capote, como se estivesse se desculpando pela falta de limpeza do canhão.

Tendo levado com muito esforço os canhões até a montanha com o auxílio da infantaria e chegado à aldeia de Gunthersdorf, as tropas pararam. Já estava tão escuro que a dez passos não se distinguia o uniforme dos soldados. Os tiros começavam a rarear. Subitamente, da direita, ouviu-se de novo a fuzilaria seguida de gritos. Os tiros relampejavam na escuridão. Era o último ataque dos franceses que os nossos respondiam de dentro das casas do povoado. Novamente todos saíam da aldeia. Os canhões, porém, não podiam mover-se e Tuchine, seus artilheiros e o aspirante olhavam-se em silêncio, entregando-se à própria sorte. O tiroteio diminuía; na rua lateral apareceram alguns soldados falando animadamente.

— Estás vivo, Petrov? — perguntou um.

— Receberam a sua dose, amigos. Agora não voltarão mais — dizia um outro.

— Não se vê nada. Eles atiravam uns nos outros! Está escuro como num forno. Haverá alguma coisa para se beber?

Os franceses haviam sido rechaçados uma última vez. Novamente se movimentavam os canhões de Tuchine na escuridão profunda, enquadrados numa massa de infantaria ruidosa. No escuro, como um rio sombrio e invisível, correndo sempre na mesma direção, ouviam-se as conversas em voz baixa e o som dos cascos dos cavalos e das rodas. No clamor geral, através de todos os outros sons, sobressaíam os gemidos dos feridos. Eles pareciam encher toda a escuridão que envolvia as tropas; os gemidos e as trevas se confundiam na noite.

Um momento depois, uma emoção geral invadiu aquela multidão. Alguém passou montando um cavalo branco, junto de uma comitiva, e, ao passar, disse alguma coisa. O que houve? Para onde vamos agora? Vamos parar? Ele agradeceu? Perguntas ávidas choviam de todos os lados e a massa começava a

comprimir-se (evidentemente os que estavam na frente haviam parado); corria o rumor de que fora dada a ordem de parar. Todos se detiveram no meio da estrada lamacenta.

Em diversos pontos foram acesas fogueiras e a conversação tornava-se perceptível. O capitão Tuchine, tendo reorganizado sua companhia, mandou um soldado buscar a ambulância e um médico para o *junker*, sentando-se ao lado da fogueira feita pelos soldados no meio da estrada. Rostov também arrastou-se para perto do fogo. Todo o seu corpo estava agitado pelo tremor nervoso da dor, do frio e da umidade. Estava morto de sono, mas a dor que sentia o impedia de dormir. Ora fechava os olhos, ora olhava o fogo, que lhe parecia vermelho e quente, ora observava a silhueta franzina e arqueada de Tuchine, sentado de pernas cruzadas a seu lado.

Os olhos bons e inteligentes de Tuchine fitavam-no com piedade e compaixão. Via que o capitão desejava sinceramente auxiliá-lo, mas que nada podia fazer. Em todos os lados ouvia-se o ruído de passos de homens e cavalos, de gente conversando e da infantaria que se instalava nos arredores.

Os sons das vozes, dos passos, dos cascos de cavalos patinhando no barro, estalos da lenha, próximos e distantes, se confundiam num murmúrio incerto.

Agora, não era mais o rio invisível correndo nas trevas, mas um mar sombrio que aos poucos se acalmava e fremia depois da tempestade. Rostov olhava e ouvia tudo que se passava em torno de si, sem nada compreender. Um soldado de infantaria aproximou-se da fogueira, acocorou-se, aproximou as mãos do fogo e virou o rosto.

— Vossa Excelência me permite? — fez ele, dirigindo-se interrogativamente a Tuchine. — Perdi-me de minha companhia e nem sei onde ela está agora. É uma desgraça.

Junto com ele aproximou-se do fogo um oficial de infantaria com o rosto enfaixado, pedindo a Tuchine que mandasse deslocar um pouco os canhões para que uma carreta pudesse passar. Atrás do comandante da companhia acorreram à fogueira dois soldados que se xingavam disputando desesperadamente uma bota.

— Diz, foste tu que a pegaste! Canalha! — gritava um deles com a voz rouca.

Em seguida aproximou-se um soldado magro, pálido, com um pano ensanguentado enrolando o pescoço. Num tom irritado pedia água aos

artilheiros.

— Estupidez, morrer como um cão! — dizia.

Tuchine mandou que lhe dessem água. Logo depois chegava um soldado muito alegre pedindo fogo para a infantaria.

— Um tição para a infantaria! Boa sorte, patrícios. Quanto ao fogo, devolveremos com juro — disse, levando para a escuridão um tição em brasa.

Depois desse, quatro soldados, carregando qualquer coisa de pesado num capote, passaram. Um deles tropeçou.

— Diabo, puseram lenha na estrada! — murmurou um.

— Está morto, por que carregá-lo? — disse um deles.

— Vamos!

E desapareceram nas sombras.

— Está doendo? — perguntou Tuchine em voz baixa a Rostov.

— Está.

— O general o chama, Excelência. Ele está aqui perto numa cabana — disse um artilheiro, aproximando-se de Tuchine.

— Imediatamente, meu caro.

Levantando, Tuchine arrumou-se um pouco e afastou-se da fogueira.

A pouca distância do acampamento dos artilheiros, numa cabana que lhe haviam preparado, estava Bagration ceando e conversando com alguns chefes. Lá estava o velhinho de olhos semicerrados, roendo avidamente um osso de carneiro; o general com vinte e dois anos de serviço irrepreensível, afogueado pela aguardente e pelo jantar; o oficial do Estado-Maior, o homem do anel; Jerkov, que ficava olhando em torno de si, com inquietação; e o príncipe André, pálido, com os lábios apertados e o olhar febril e brilhante.

Num canto da cabana, o auditor, com seu ar ingênuo, batia na bandeira tomada dos franceses e sacudia a cabeça com um olhar admirado. Não se sabia se estava interessado pela bandeira ou se, com a fome que sentia, lhe era penosa a vista da refeição para a qual não fora convidado. O coronel francês, feito prisioneiro pelo dragão, estava na cabana vizinha. Perto dele, nossos oficiais se empurravam para vê-lo.

O príncipe Bagration agradecia aos chefes e pedia detalhes sobre o combate e sobre as perdas. O comandante do regimento apresentado em Braunau

comunicava ao príncipe que, no momento em que começara a batalha, havia recuado para a floresta, reunindo os soldados que estavam cortando lenha e, por trás, com dois batalhões, numa carga de baioneta, desbaratara os franceses.

— Quando percebi, Excelência, que o primeiro batalhão estava desorganizado, parei e pensei: “Vou deixar que passem e abrirei fogo contra eles.” Foi o que fiz.

O comandante do regimento desejava tanto ter feito isso, e lamentava tanto não o ter conseguido, que lhe parecia acreditar que tudo acontecera assim. Talvez tivesse mesmo acontecido assim! Como discernir, naquela desordem, o que era e o que não era?

— Devo também lembrar a Vossa Excelência — continuou, recordando-se da conversa de Dolokhov com Kutuzov e da última vez que vira o rebaixado — que o soldado rebaixado Dolokhov, sob minhas vistas, prendeu um oficial francês e distinguiu-se particularmente.

— Aqui, precisamente, Excelência, vi o ataque dos hussardos de Pavlograd — interveio Jerkov, olhando em torno de si com inquietação; naquele dia não tinha visto um único hussardo e só ouvira falar deles por um oficial de infantaria. — Destroçaram dois quadrados inimigos, Excelência.

Alguns sorriram ouvindo Jerkov falar, imaginando que estivesse brincando como de costume. Mas, ao perceberem que sua história aumentava a glória de nossas armas e a desse dia, recompuseram o semblante, apesar de muitos deles saberem que Jerkov estava mentindo. O príncipe Bagration dirigiu-se ao velho coronel.

— Agradeço a todos, senhores. Todas as armas, infantaria, artilharia, cavalaria, lutaram heroicamente. Mas por que abandonaram dois canhões no centro? — perguntou, procurando alguém com os olhos. (Bagration não falava dos canhões do flanco esquerdo, já sabia que lá, desde o começo da batalha, todos os canhões haviam sido abandonados). — Creio que lhe pedi — acrescentou, dirigindo-se ao oficial de Estado-Maior.

— Um estava inutilizado — respondeu o oficial. — Quanto ao outro, não posso compreender, estive lá quase todo o tempo, dei as ordens e depois que parti... É verdade que aquilo estava fervendo — acrescentou modestamente.

Alguém disse que o capitão Tuchine estava perto da aldeia e que tinham mandado chamá-lo.

— O senhor estava lá também — disse Bagration ao príncipe André.

— Sim, quase nos encontramos — interveio o oficial de Estado-Maior, sorrindo amavelmente para Bolkonski.

— Não tive o prazer de vê-lo — respondeu friamente o príncipe André.

Todos se calaram.

Na soleira da porta apareceu Tuchine esgueirando-se timidamente atrás das costas dos generais. Ao entrar, confuso como sempre, tropeçou no mastro da bandeira. Alguns riram.

— Por que abandonaram um canhão? — perguntou Bagration, franzindo o cenho, mais para os que riam, entre os quais se destacava Jerkov, que contra Tuchine. Agora, na presença de seus chefes, o pequeno capitão compreendia todo o horror de seu crime e a vergonha de ter perdido, sem morrer, dois canhões. As emoções do dia não lhe haviam permitido pensar nisso. O riso dos oficiais o perturbava ainda mais. Estava diante de Bagration com o lábio inferior a tremer. Disse apenas:

— Não sei, Excelência... o número de homens era insuficiente, Excelência.

— Poderia ter usado as tropas de cobertura!

Tuchine não respondeu que não havia tropas de cobertura, apesar de ser verdade, temendo comprometer algum chefe. Em silêncio, fitava Bagration com os olhos imóveis como um colegial que não sabe o que responder, diante do examinador.

O silêncio foi bastante longo. O príncipe Bagration, que, visivelmente, não desejava ser severo, não sabia o que dizer; os demais não ousavam intervir na conversa. O príncipe André discretamente olhava Tuchine, e seus dedos mexiam com nervosismo.

— Excelência — disse o príncipe André com sua voz crispada, cortando o silêncio. — Permita-me lembrar-lhe que me mandou à bateria do capitão Tuchine. Fui e encontrei mortos dois terços de seus homens e cavalos, dois canhões quebrados e nenhuma cobertura.

O príncipe Bagration e Tuchine olhavam fixamente Bolkonski, que falava com emoção contida.

— E se Vossa Excelência permitir que exprima minha opinião — continuou —, direi que devemos uma grande parte do sucesso do dia a esta bateria e à firmeza heroica do capitão Tuchine e sua companhia.

E sem esperar resposta levantou-se, afastando-se da mesa.

O príncipe Bagration olhou Tuchine. Via-se que ele não queria duvidar da opinião de Bolkonski e que ao mesmo tempo lhe era impossível dar-lhe crédito absoluto. Inclinou a cabeça e disse a Tuchine que podia retirar-se.

O príncipe André saiu atrás dele.

— Ah! obrigado, meu caro, salvou-me! — disse-lhe Tuchine.

O príncipe André fitou-o e afastou-se sem dizer nada. Estava triste e pesaroso. Tudo isso era tão estranho e tão diferente do que esperava!

* * *

“Quem são eles? O que fazem? De que precisam? Quando terminará tudo isso?”, pensava Rostov, olhando as sombras que se movimentavam diante dele. A dor de seu braço tornava-se cada vez mais aguda. Estava com sono. Diante de seus olhos dançavam círculos de fogo, e a impressão de vozes, de rostos, e os sentimentos da solidão se confundiam com a sensação dolorosa. Eram eles, esses soldados feridos e não feridos que amarravam suas veias, maltratavam a carne de seu braço quebrado e seu ombro. Para livrar-se deles, fechou os olhos.

Esquecia por um momento, mas, nesse curto esquecimento, via em sonho uma multidão de coisas diversas; via sua mãe com as mãos muito brancas, os ombros magros de Sônia, os olhos e o riso de Natacha, a voz e os bigodes de Denissov e Telianine e toda a sua complicação com Bogdanitch. Toda essa história era a mesma coisa que o soldado de voz grossa, e tudo isso mais o soldado puxavam impiedosamente o braço. Procurou afastar-se, mas nem sequer um segundo eles lhe soltavam o ombro. Se não o puxassem, não sofreria; mas não podia livrar-se deles.

Abriu os olhos e olhou para cima. O manto negro da noite caía um pouco além do carvão. Sobre essa luz, redemoinhavam pequenos flocos de neve e poeira. Tuchine ainda não voltara. O médico não chegava. Estava só; apenas um soldado estava sentado completamente nu, aquecendo seu corpo magro e amarelo.

“Não sou mais necessário a ninguém”, pensava Rostov. “Não há ninguém para socorrer-me e ter pena de mim. E eu no entanto, em casa, era forte, alegre, amado.” Suspirou e, involuntariamente, um gemido acompanhou esse suspiro.

— O que há? Está com dor? — perguntou o soldado sacudindo a camisa sobre o fogo e, sem esperar resposta, acrescentou, meio rouco: — Ah! meu Deus, quanta gente eles estropiaram hoje! É horrível!

Rostov não prestava atenção ao que dizia o soldado. Olhava os pequenos flocos de neve redemoinhando sobre o fogo e lembrava-se do inverno russo, na sua casa quente e clara; o casaco macio, os trenós rápidos, seu corpo vigoroso, todo o amor e o cuidado da família. “E por que vim para cá?”, pensava.

No dia seguinte os franceses não retomaram o ataque, e o resto do destacamento de Bagration se reuniu ao exército de Kutuzov.

Terceira parte

I

O príncipe Vassili não fazia planos antecipados. Também não procurava fazer mal a quem quer que fosse para tirar proveito disso. Era simplesmente um homem que, tendo tido muito sucesso na sociedade, se habituara com esse sucesso. Incessantemente, segundo as circunstâncias e encontros com outras pessoas, fazia cálculos e planos sobre os quais, muitas vezes, não tinha uma noção precisa, mas que constituíam todo o interesse de sua vida.

Não se tratava de duas ou três, mas de dezenas de combinações das quais algumas apenas se esboçavam no seu espírito, outras se realizavam e as terceiras davam com os burros n'água. Exemplificando, ele nunca dizia a si próprio: “Este homem tem, atualmente, uma grande influência e eu devo conquistar sua confiança e amizade para obter alguma vantagem” ou “Veja, Pierre está rico e tenho que fazê-lo casar com minha filha e pedir-lhe emprestados os quarenta mil rublos de que necessito”. Mas, sempre que encontrava um homem influente, o instinto dizia-lhe que o mesmo lhe poderia ser útil. E, sem plano preconcebido, cercava-o e tornava-se íntimo, lisonjeava-o falando-lhe sobre assuntos do interesse da pessoa.

Assim, sem premeditação, acompanhou Pierre em Moscou e conseguiu para ele o lugar de gentil-homem da Câmara, o que nesse tempo equivalia a conselheiro de Estado. Insistiu para que o rapaz o acompanhasse a São Petersburgo e se hospedasse em sua casa. Como por acaso, e ao mesmo tempo com uma certeza absoluta de que não podia ser de outra forma, fazia todo o possível para casar Pierre com sua filha. Se ele traçasse seus planos com antecedência, não lhe seria possível ser tão simples e natural nas relações que mantinha com pessoas de condição superior ou inferior à sua. Qualquer coisa o impelia na direção dos homens mais poderosos e mais ricos, e tinha o raro talento de sempre aproveitar o momento em que os mesmos lhe pudessem ser úteis.

Pierre, depois do período de isolamento e despreocupação, tendo-se tornado subitamente riquíssimo e ao mesmo tempo conde Bezukhov, viu-se de tal forma cercado e ocupado que somente na cama conseguia estar só. Tinha que assinar papéis, percorrer repartições administrativas cuja importância não compreendia, fazer uma porção de perguntas ao seu primeiro intendente, visitar seus domínios

próximos de Moscou, receber uma quantidade de pessoas que outrora não queriam saber de sua existência e agora sentiam-se ofendidas se ele não as quisesse ver. Toda essa gente, homens de negócios, parentes, conhecidos, dava-lhe as mesmas demonstrações de simpatia e ternura. Era evidente e indiscutível que todos estavam convencidos de suas grandes qualidades. Ouvia incessantemente estas palavras: “Com sua extrema bondade”, “Com seu bom coração”, “O senhor, que é tão puro”, “Se todos fossem tão inteligentes como o senhor” etc., e a tal ponto que ele começava a acreditar ser realmente de uma bondade e de um espírito extraordinário, tanto mais que no fundo de sua alma sempre se julgara muito bom e inteligente. Mesmo pessoas que o haviam hostilizado e tratado com maldade tornavam-se acolhedoras e afetuosas. A princesa mais velha, tão antipática com seu corpo comprido e os cabelos puxados como os de uma boneca, logo depois do funeral entrou no quarto de Pierre. Corando, de olhos baixos, declarou lamentar sinceramente o mal-entendido surgido entre eles e disse que agora não sentia mais o direito de fazer qualquer pedido, salvo a permissão, depois do golpe que sofrera, para ficar mais algumas semanas na casa de que tanto gostava e onde tanto se sacrificara. Ao dizer essas palavras não pôde reter as lágrimas. Comovido com tamanha modificação daquela mulher que mais parecia uma estátua, Pierre segurou-lhe a mão e pediu-lhe perdão, sem saber mesmo por quê. Desde esse dia a princesa começou a fazer-lhe uma echarpe listrada de tricô, e sua atitude com ele mudou completamente.

— Faz isso por ela, *mon cher*, afinal de contas o finado a fez sofrer muito — disse-lhe o príncipe Vassili, fazendo-o assinar um papel em benefício da princesa. O príncipe julgara conveniente atirar esse osso, uma ordem de trinta mil rublos, à pobre princesa, para que ela não tagarelasse sobre sua participação na história da pasta de couro de moscóvia.

Pierre assinou a ordem e a princesa tornou-se ainda melhor. Suas irmãs mais moças também começaram a fazer-lhe demonstrações de afeição, sobretudo a mais jovem, a mais bonita, a que tinha um sinalzinho de beleza. Muitas vezes quando o encontrava, ela o constrangia com seus sorrisos e sua agitação.

A Pierre parecia tão natural que todos o estimassem, e tão extraordinário que alguém antipatizasse com ele, que não punha em dúvida a sinceridade das

pessoas que o cercavam. Além disso, não tinha tempo de pensar sobre a franqueza ou hipocrisia dessas pessoas. Nunca lhe sobrava tempo para nada e vivia num estado de enlevo plácido e agradável. Sentia-se o centro de algum movimento importante; sentia que esperavam algo dele e que se não fizesse certas coisas entristeceria muita gente, privando-as do que esperavam; e que se as fizesse, tudo correria bem. Fazia tudo que lhe pediam, mas sempre restava algum bem mais a fazer.

Nos primeiros momentos quem mais se ocupou dos negócios de Pierre e de sua própria pessoa foi o príncipe Vassili. Depois da morte do conde Bezukhov, ele não o largava. Tinha sempre o aspecto de um homem sobrecarregado de negócios, cansado, preocupado, mas que, por bondade, não podia abandonar ao acaso e aos vigaristas esse rapaz sem amparo, o filho de seu amigo, *après tout*, e possuidor de uma fortuna considerável. Nos poucos dias que passou em Moscou depois da morte do conde Bezukhov, mandava chamar Pierre ou o procurava pessoalmente em seus aposentos para dizer-lhe, num tom cansado e seguro, o que devia fazer, parecendo repetir sempre:

“Você sabe que eu ando cheio de responsabilidades, e é por pura caridade que perco o meu tempo com você; além disso, sabe perfeitamente que o que lhe proponho é a única coisa a ser feita.”

— Afinal, meu amigo, partimos amanhã — disse certa vez, cerrando as pálpebras e passando os dedos pelo braço de Pierre, num tom que dava a impressão de ser aquilo coisa há muito combinada e que não podia ser de outra forma. — Partimos amanhã e tu vais no meu carro. Estou muito satisfeito. Aqui, o essencial foi feito. Quanto a mim, deveria ter voltado há muito tempo. Olha aqui... recebi do grande chanceler... falei-lhe em ti e foste nomeado gentil-homem da Câmara, estás adido ao corpo diplomático; é uma carreira que está aberta para ti.

Apesar da expressão de cansaço e segurança com que foram pronunciadas essas palavras, Pierre, que já refletira tão longamente sobre seu futuro, quis objetar alguma coisa, mas o príncipe Vassili o interrompeu num tom de voz baixo e arrulhador, que excluía toda a possibilidade de interromper suas palavras e que ele usava nos casos extremos, quando era necessário convencer.

— *Mais, mon cher*, faço isso por mim mesmo, é uma questão de consciência, não tem nada que agradecer, ninguém jamais se queixou por ser querido demais e, afinal de contas, continuas livre, podes deixar tudo amanhã mesmo. Em Petersburgo tu mesmo resolverás. Já é tempo de te afastares dessas terríveis lembranças. — O príncipe Vassili suspirou. — Está combinado, meu rapaz. Meu criado irá no teu carro. Ah! é verdade, quase me ia esquecendo — acrescentou ainda. — Sabes, *mon cher*, tínhamos um assunto a regularizar com o falecido, mas recebi algo da propriedade de Riazan... mas guardarei comigo, tu não estás precisando, faremos as contas mais tarde.

O algo que ele guardou na verdade eram milhares de rublos provenientes de tributo por uso de terras em Riazan.

Em Petersburgo como em Moscou, Pierre sentiu-se envolvido pela mesma atmosfera de pessoas ternas e carinhosas. Não podia recusar — já que não tinha nada a fazer — o lugar, ou melhor, o posto que o príncipe Vassili lhe arranjava, e conheceu tanta gente, recebeu tantos convites e ocupações que sentiu ainda mais que em Moscou uma sensação de neblina, de pressa, e de um bem qualquer que estava sempre a chegar e não acontecia nunca.

Entre seus amigos celibatários de outros tempos, muitos não se encontravam mais em Petersburgo. A guarda havia partido para a guerra. Dolokhov fora rebaixado, Anatole estava num corpo de exército da província, o príncipe André, no exterior. Assim, Pierre não passava mais as noites como antigamente; também não desafojava mais sua alma conversando com seu querido amigo mais velho. Passava todo o tempo em jantares, em bailes e principalmente na casa do príncipe Vassili, em companhia da gorda princesa, mulher dele, e da bela Helena.

Ana Pavlovna Scherer, como todas as outras pessoas da sociedade, mudara de atitude com ele.

Antes, na presença de Ana Pavlovna, sentia que tudo o que dizia era inconveniente, inepto, inoportuno, e que conceitos que lhe pareciam razoáveis quando formulados em pensamento, tornavam-se tolos quando emitidos em voz alta, e que, ao contrário, as palavras mais idiotas de Hippolyte tornavam-se espirituosas e agradáveis. Agora, podia dizer o que quisesse, tudo era *charmant*.

Mesmo que Ana Pavlovna não dissesse isto, Pierre compreendia que ela queria dizê-lo, abstendo-se apenas para não lhe ferir a modéstia.

No começo do inverno de 1805-1806, Pierre recebeu de Ana Pavlovna o habitual bilhete rosa de convite, ao qual fora acrescentado: “O senhor encontrará em minha casa a bela Helena, que ninguém se cansa de ver.”

Lendo essa frase, Pierre sentiu pela primeira vez que um laço, reconhecido por todos, se estabelecia entre Helena e ele. Essa ideia, que parecia impor-lhe um dever que não poderia cumprir, o assustava e ao mesmo tempo agradava, como uma suposição divertida.

A festa de Ana Pavlovna assemelhava-se à anterior, apenas a nova atração não era Mortemart, mas um diplomata chegado de Berlim, que trazia detalhes recentes sobre a estada do imperador Alexandre em Potsdam e sobre a aliança indissolúvel jurada pelos dois soberanos, prometendo defenderem a causa do direito contra o inimigo da espécie humana. Pierre foi recebido por Ana Pavlovna com um aspecto de tristeza que evidentemente tinha ligação com a perda recente que ele sofrera, a morte do conde Bezukhov (todos se achavam no dever de fazer Pierre sentir que ele estava abatido com a morte do pai que pouco conhecera), tristeza semelhante à que ela afetava falando de S. M. I. Maria Feodorovna. Pierre sentia-se lisonjeado com isso. Ana Pavlovna arranjava os grupos no salão com a habilidade habitual. O grande grupo onde se encontrava o príncipe Vassili e os generais desfrutava a palestra do diplomata. O outro estava perto da mesa de chá. Pierre quis alcançar o primeiro, mas Ana Pavlovna, excitada como um capitão no campo de batalha, cheia de ideias brilhantes e quase sem tempo de executá-las, tocou-lhe com o dedo na manga do casaco.

— Espere, tenho intenções a seu respeito, esta noite. — Olhou Helena e sorriu. — Minha boa Helena, seja caridosa com a minha pobre tia, que a adora. Vá fazer companhia a ela por uns dez minutos. E para que não se aborreça demasiadamente, o nosso caro conde não se recusará a acompanhá-la.

A beldade dirigiu-se para a tia, mas Ana Pavlovna reteve Pierre por um momento, como se fosse necessário dar-lhe as últimas instruções.

— Maravilhosa, não é? — insinuou, designando a majestosa beleza que se afastava. — E que porte! Para uma moça, que tato, e que graça nas atitudes! É

do sangue. Feliz aquele a quem pertencer! Com ela, o menos mundano dos maridos terá uma situação brilhante. Não acha? Queria apenas saber sua opinião.

Com toda a sinceridade, Pierre respondeu afirmativamente à pergunta de Ana Pavlovna sobre as maneiras da bela Helena. Se lhe acontecia de pensar nela, era precisamente em sua beleza e seu talento calmo, extraordinário, de manter-se silenciosa e digna na sociedade.

Em seu canto, a tia recebeu os dois jovens, mas pareceu querer esconder sua adoração por Helena e exprimir, sobretudo, o medo que lhe inspirava Ana Pavlovna. Olhava a sobrinha como se perguntasse o que deveria fazer com essa gente. Afastando-se deles, Ana Pavlovna tocou novamente a manga de Pierre com o dedo, e disse:

— O senhor já não dirá que a gente se aborrece em minha casa, espero. — E lançou um olhar a Helena.

Helena sorriu como se quisesse dizer que não admitia a possibilidade de alguém vê-la sem maravilhar-se. A tia tossiu, engoliu a saliva e disse, em francês, que estava muito contente em vê-la. Depois dirigiu-se a Pierre com o mesmo cumprimento e a mesma expressão.

Durante a conversa tediosa e trôpega, Helena fitava Pierre com seu sorriso claro, lindo, que usava para todos.

O rapaz estava tão acostumado com esse sorriso, sem significação nenhuma para ele, que não lhe prestou atenção. A tia falou na coleção de tabaqueiras do finado conde Bezukhov e mostrou a sua. A princesa Helena pediu permissão para olhar o retrato do marido da tia, pintado nessa tabaqueira.

— Possivelmente é da autoria de Vinesse — disse Pierre, nomeando um miniaturista muito conhecido. Inclinou-se sobre a mesa para pegar a tabaqueira, mas com a atenção fixa no que se dizia na outra mesa.

Levantou-se para dar uma volta, mas a tia estendeu-lhe a tabaqueira por trás de Helena; esta se inclinou para dar lugar e virou-se sorrindo. Como em todas as festas, estava com um vestido muito decotado nas costas e na frente, à moda da época. Seu busto, que sempre dera a Pierre a impressão de ser de mármore, estava tão perto dele que, involuntariamente, com seus olhos míopes, percebeu o encanto vivo dos ombros e do pescoço, tão próximos de seus lábios que lhe bastaria um leve movimento para beijá-los. Sentia-lhe o calor do corpo, seu

perfume e os estalidos do colete a cada movimento. Não via a beleza marmórea que formava um todo com o traje, mas sentia-lhe toda a sedução do corpo apenas coberto pelo vestido. Uma vez acontecido isso, não podia mais voltar atrás, como não se pode acreditar nas ilusões depois que são perdidas.

“Então, ainda não havia percebido minha beleza”, parecia dizer-lhe Helena. “Ainda não havia percebido que sou uma mulher? Sim, sou uma mulher que posso pertencer a qualquer um e a você também”, dizia seu olhar. Nesse momento Pierre sentiu que Helena não somente poderia mas que devia ser sua mulher, que não podia ser de outra forma.

Naquele momento estava tão seguro disso como se estivesse a seu lado no altar. Sem dúvida isso aconteceria. Mas quando? Ele não sabia. Não sabia se seria acertado (ao contrário, parecia-lhe errado), mas estava seguro que tal coisa aconteceria.

Pierre baixou os olhos, querendo vê-la tão distante, tão estranha como antes a via diariamente. Mas não podia mais. Não podia, como o homem que, através da cerração, confunde uma erva daninha com uma árvore, não pode mais ver a própria árvore. Ela se achava muito próxima e já exercia seu poder sobre ele. E entre ambos não havia mais obstáculos, salvo os que dependiam de sua própria vontade.

— Bom, vou deixá-lo aí no seu cantinho; vejo que está muito bem — disse Ana Pavlovna, ao passar.

Perguntando-se com terror se não havia cometido alguma inconveniência, Pierre corou, olhando em torno de si. Parecia-lhe que todos sabiam, como ele, o que acontecera.

Alguns instantes mais tarde, quando se aproximou do grande grupo, Ana Pavlovna dirigiu-se a ele:

— Dizem que o senhor está embelezando a sua casa de Petersburgo. (Era verdade, o arquiteto declarara necessária uma reforma, e Pierre, sem saber por quê, estava restaurando sua imensa casa da capital.) — Faz bem, mas não deixe a casa do príncipe Vassili. Um amigo como o príncipe é valioso — disse ela, sorrindo para o príncipe Vassili. — Eu que o diga, não é mesmo? E além disso, ainda é tão jovem, necessita de conselhos. Não me queira mal se uso meus direitos de velha.

Calou-se como sempre fazem as mulheres que esperam algum cumprimento quando falam da própria idade.

— Se casar, será outra coisa. — E envolveu Pierre e Helena no mesmo olhar. Helena e Pierre não se olhavam, mas ela continuava quase encostada nele. Pierre murmurou qualquer coisa e corou.

Ao voltar para casa, pensando no que lhe acontecera, Pierre a custo pôde adormecer. E o que lhe acontecera? Nada. Compreendeu que uma mulher que ele conhecia desde a infância, e de quem dizia distraidamente: “Sim, é bonita”, quando lhe diziam que Helena era uma beleza, compreendeu que essa mulher podia pertencer-lhe.

“Mas ela é tola, eu mesmo já disse”, pensava. “Há qualquer coisa de indigno no sentimento que ela me despertou, qualquer coisa de proibido. Alguém me disse que seu irmão Anatole está apaixonado por ela e que é correspondido, que aconteceu algo que encobriram e que por isso afastaram Anatole. Seu irmão é Hippolyte... Seu pai, o príncipe Vassili... Isso não está certo!” E enquanto refletia (um desses raciocínios que ficam inacabados) sentia prazer numa outra série de pensamentos encadeados aos primeiros, e, apesar de continuar reconhecendo a nulidade de Helena, imaginava a possibilidade de torná-la sua mulher, de ela vir a amá-lo, de ser completamente diferente da impressão que lhe dava e de que tudo o que havia pensado e ouvido sobre ela fosse falso. E novamente não via a filha do príncipe Vassili, mas apenas seu corpo coberto simplesmente por um vestido cinza. “Mas por que não a via dessa forma antigamente?” E outra vez ele se dizia que era impossível, que esse casamento seria indecente, contra a natureza, desonesto. Lembrava-se das palavras recentes de Helena, de seus olhares, das palavras e dos olhares dos que os viram juntos. Lembrava-se das palavras e dos olhares de Ana Pavlovna, quando lhe falava da casa, tinha presente os milhares de alusões semelhantes da parte do príncipe Vassili e de outras pessoas. Sentiu-se tomado de horror. Já não estaria comprometido a realizar um ato evidentemente errado e que não deveria praticar?

Mas, enquanto exprimia a si mesmo esse receio, do outro lado da sua alma a imagem de Helena lhe aparecia em toda a sua beleza de mulher.

II

No mês de novembro de 1805 o príncipe Vassili devia fazer uma viagem de inspeção em quatro províncias. Solicitara essa missão a fim de, sem custos, visitar seus domínios arruinados e ir com seu filho Anatole (que devia encontrar na cidade em que este estava servindo) à residência do príncipe Nicolau Andreievitch Bolkonski, para casá-lo com a filha do ricoço. Mas antes de sua partida e dessas novas empreitadas, o príncipe Vassili necessitava solucionar o caso de Pierre. É verdade que nesses últimos tempos o rapaz passava dias inteiros em casa, quer dizer, em casa do príncipe Vassili, onde, como todos os apaixonados, permanecia agitado, estranho e tolo diante de Helena. Mas ainda não fizera seu pedido. “Tudo isso é muito bonito, mas tem de terminar”, disse consigo um belo dia o príncipe Vassili, com um suspiro de tristeza, ao lembrar-se de que Pierre, devendo-lhe tantos favores (mas que Deus esteja com ele), não estava procedendo corretamente nesse assunto. “A mocidade... a frivolidade... mas que Deus esteja com ele!”, pensava o príncipe Vassili encantado de sentir-se tão bondoso. “Mas isso tem de terminar. Depois de amanhã, na festa de Lili, convidarei alguns amigos, e se ele não compreender a sua obrigação, serei forçado a agir. Sim, isso é comigo, sou o pai.”

Um mês e meio depois da festa na casa de Ana Pavlovna, depois da noite de insônia que passou, Pierre estava resolvido a partir, pois se convencera de que o casamento com Helena seria uma desgraça e que era preciso evitá-lo. Apesar dessa decisão não deixou a casa do príncipe Vassili e sentia com horror que aos olhos de todos estava cada vez mais ligado a ela, que já não lhe era possível vê-la com os mesmos olhos de antes e que não conseguia se desligar dela. Apesar de terrível, a união de seus destinos era inevitável. Talvez pudesse retrair-se, mas não passava um dia sem que o príncipe Vassili (que até então não tinha esse hábito) desse uma festa à qual Pierre tinha de comparecer se não quisesse estragar o prazer de todos e desapontá-los. O príncipe Vassili, nos raros momentos em que estava em casa, ao passar por Pierre puxava-lhe a mão e, distraidamente, oferecendo-lhe o rosto escanhado e enrugado para que o beijasse, dizia: “Até amanhã” ou “Vem jantar, para que eu possa ver-te” ou “Fico por tua causa” etc. Embora o príncipe Vassili nunca dissesse uma palavra quando ficava por causa de Pierre (como dizia), este não se achava no direito de desapontá-lo. Cada dia que passava repetia para si mesmo: “É necessário finalmente que eu tenha clareza. Estaria eu enganado antes ou é agora que me engano? Não, ela não é tola, é uma moça encantadora; nunca se engana, nunca diz nada sem sentido; fala muito pouco, mas tudo o que diz é simples e claro. Logo, não é tola; nunca está perturbada. Portanto não é de mau caráter.”

Muitas vezes conversava com ela, pensando em voz alta, e ela sempre lhe respondia por uma observação breve, mas muito a propósito, demonstrando que o assunto não a interessava, ou então, melhor que tudo, com um sorriso silencioso e um olhar ela convencia Pierre de sua superioridade. Tinha razão quando achava que todas essas discussões se tornavam pueris diante de seus sorrisos.

Dirigia-se sempre a ele com um sorriso alegre, confiante, especial, para ele apenas e no qual havia algo além do sorriso que habitualmente iluminava seu semblante. Pierre sabia esperar todos que ele dissesse finalmente uma palavra, que ele se definisse, e que cedo ou tarde isso aconteceria. Mas, só em pensar nesse passo decisivo, um terror indefinido, incompreensível, o dominava. Milhares de vezes no decurso dessas seis semanas, durante as quais se sentia cada vez mais arrastado para esse abismo que o apavorava, Pierre dizia consigo mesmo: “Mas afinal, preciso decidir-me... ou já estarei resolvido?” Ele queria decidir-se, mas assustava-se diante da ideia de não ter tomado, estranhando a falta de firmeza de que se achava dotado, ainda uma resolução que sabia estar dentro dele, como efetivamente estava. Pierre era desses homens que se sentem fortes apenas quando estão com a consciência completamente tranquila. E depois que estava empolgado pelo desejo que sentira, examinando a tabaqueira na casa de Ana Pavlovna, o sentimento obscuro de culpa por um tal desejo paralisava toda sua ação.

Para a festa de Helena, o príncipe Vassili convidou apenas as pessoas mais íntimas, como dizia a princesa: parentes e amigos. A todos esses parentes e amigos fora dado a entender que, nesse dia, devia decidir-se o destino da festejada. Os convidados estavam à mesa para a ceia. A princesa Kuriaguina, uma mulher maciça, monumental, outrora muito bonita, estava sentada no lugar da dona da casa. De ambos os lados, se achavam os hóspedes mais graduados: um velho general com sua mulher e Ana Pavlovna Scherer. Na outra ponta da mesa os convidados mais jovens, menos importantes e as pessoas da família. Pierre e Helena estavam sentados lado a lado. O príncipe Vassili não ceava. De bom humor andava em roda da mesa, sentando-se ora perto de um, ora de outro, dizendo uma palavra amável a cada um. Salvo de Pierre e Helena, que ele parecia não ver. Ele animava a todo o mundo. Às chamadas das velas a sala se

enchia de cintilações da prataria e dos cristais, bem como das roupas das senhoras e do ouro e da prata das dragonas. Criados de libré encarnada moviam-se em torno da mesa. Ouvia-se o barulho de facas, copos, pratos e o som da conversação animada dos convivas. Num dos extremos da mesa, um velho fidalgo fazia uma apaixonada declaração de amor a uma velha baronesa, que ria. No outro extremo relatavam-se as histórias do insucesso de uma tal Maria Victorovna. Ao centro o príncipe Vassili reunia os ouvintes em torno de sua pessoa. Com um sorriso divertido, contava às senhoras a última sessão — a de quarta-feira — no Conselho do Império, na qual o novo governador militar de Petersburgo, general Serguei Kusmitch Viazmitinov, recebera e lera o famoso manifesto que o imperador Alexandre enviara ao exército e na qual o imperador dizia, dirigindo-se a Kusmitch, que de todos os lados recebia declarações de solidariedade de seu povo, que a declaração de Petersburgo lhe era particularmente agradável, que se sentia orgulhoso de estar à testa de uma tal nação e que procuraria ser digno dela. O manifesto começava com estas palavras: “Serguei Kusmitch! De todos os lados me chegam rumores...”

— E não ia além de Serguei Kusmitch? — perguntou uma senhora.

— Não! Nem uma letra além — respondeu, rindo, o príncipe Vassili.

— Serguei Kusmitch... de todos os lados.

De todos os lados Serguei Kusmitch... O pobre Viazmitinov não pôde levar a leitura adiante. Várias vezes pegou o manifesto, mas assim que leu: *Serguei...* os soluços... *Kusmitch... de todos os lados*, os soluços o engasgaram e teve de parar. E novamente o lenço, novamente Serguei Kusmitch de todos os lados e as lágrimas; de sorte que foi preciso encarregar outro da leitura.

— Kusmitch de todos os lados... e as lágrimas... — repetiu alguém rindo.

— Não seja malvado — interrompeu, do outro lado da mesa, Ana Pavlovna ameaçando-o com o dedo. — É tão excelente pessoa, o nosso bom Viazmitinov...

Todos riam muito; nos lugares de honra todos pareciam alegres e, sob as mais diversas influências, muito animados. Só Pierre e Helena estavam silenciosos, lado a lado, na extremidade inferior. O semblante de ambos estava iluminado por um sorriso que nada tinha que ver com Serguei Kusmitch: sorriso de perturbação sentimental. Quaisquer que fossem as palavras, os risos e as brincadeiras dos

outros, o prazer de saborear o vinho do Reno, o *sauté* e o sorvete, a maneira com que olhavam o par, com indiferença ou negligência: sentia-se indefinidamente, pelos olhares de que eram alvo, que a anedota sobre Serguei Kusmitch, o riso e o jantar, tudo era fingido, e que toda a atenção dos presentes estava voltada para Pierre e Helena.

O príncipe Vassili, imitando os soluços de Serguei Kusmitch, olhava sua filha e, enquanto ria, a expressão de seu rosto dizia: “É isso, tudo vai bem; hoje tudo ficará decidido.” Ana Pavlovna o repreendia por causa do “nosso bom Viazmitinov”, e o príncipe Vassili já lia, nos seus olhos brilhantes que fitavam Pierre, os cumprimentos pelo futuro genro e pela felicidade da filha. A velha princesa olhava com raiva para a filha e, num suspiro triste, oferecia vinho à sua vizinha, parecendo dizer: “Sim, minha cara, agora só nos resta beber vinho doce. Chegou o tempo de essa mocidade ser tão audaciosamente insolente e feliz.” “E quanta asneira estou dizendo, como se tudo isso me interessasse”, pensava o diplomata olhando os semblantes felizes do jovem par. “Eis a felicidade!”

Dentre os interesses mesquinhos, pequenos, artificiais que ligavam essa sociedade surgia o sentimento simples do arrebatamento recíproco de dois seres, homem e mulher, jovens, belos, sãos. E esse sentimento humano sobressaía, dominando toda essa conversa artificial. Os gracejos não tinham alegria, as novidades destituídas de interesse, a animação insincera. Não somente os convivas, mas os criados que serviam à mesa pareciam igualmente preocupados, esquecendo suas obrigações para olhar a linda Helena, de fisionomia brilhante, e o rosto vermelho, gordo, feliz e inquieto de Pierre. Parecia que a própria luz das velas se concentrava em torno desses dois semblantes felizes.

Pierre compreendia que era o centro de todas as atenções e sentia-se feliz e constrangido. Achava-se no estado de um homem empolgado por uma preocupação qualquer. Não via nada claramente, nada compreendia, nada ouvia; de quando em quando, entretanto, pensamentos isolados atravessavam seu espírito, destacando impressões da realidade: “Então, está tudo liquidado! E como foi que isso aconteceu? Tão depressa? Agora eu compreendo que não é apenas para ela e para mim que isso tem de acontecer forçosamente, mas para todos. Todos esperam e estão a tal ponto convencidos que não me cabe o direito

de desapontá-los. Mas como será? Não sei, mas é certo”, pensava Pierre fitando os ombros que brilhavam bem perto de seus olhos.

Às vezes, sentia-se subitamente envergonhado, constrangido, por concentrar em si todas as atenções, por ser feliz na frente de todos, de ser, com seu rosto feio, um Páris qualquer possuindo Helena. “Mas, provavelmente, é sempre assim e tem de ser”, dizia para si, consolando-se. “E, no entanto, que fiz eu para merecer isso? Como começou? Quando saí de Moscou com o príncipe Vassili ainda não havia nada. E por que vim parar na sua casa? Depois, joguei cartas com ela, apanhei sua bolsa, saímos de carro; como aconteceu, quando começou isso?” Mas ei-lo como noivo a seu lado, ouve, vê, sente sua presença, sua respiração, seus movimentos, sua beleza. Às vezes parece-lhe que não é mais ela, mas sim ele, que é tão extraordinariamente belo, e é por isso que o olham tanto. Feliz com a surpresa geral, enche o peito, levanta a cabeça e goza a própria felicidade. Subitamente, uma voz conhecida se faz ouvir, repetindo duas vezes a mesma coisa. Mas Pierre está tão absorvido que não compreende o que lhe estão dizendo.

— Estou perguntando quando recebeste uma carta de Bolkonski? — repetiu o príncipe Vassili pela terceira vez. — Como estás distraído, meu caro.

O príncipe Vassili sorri e Pierre vê todos os demais sorrirem para ele e Helena. “Afinal, se todos já sabem, deve ser verdade”, e ele próprio sorri docemente como uma criança. Helena também sorri.

— Quando a recebeste? De Olmütz? — repetiu o príncipe Vassili, fingindo necessitar dessa informação para resolver o problema.

“Como é possível pensar e falar numa bobagem dessas”, pensou Pierre.

— Sim, de Olmütz — respondeu, suspirando.

Depois da ceia, atrás dos outros, Pierre acompanhou sua dama à sala. Os convidados começaram a partir, alguns sem despedir-se de Helena; outros, que não queriam distraí-la, aproximavam-se por um momento e logo se afastavam sem consentir que ela os acompanhasse. O diplomata deixou a sala tristemente calado. Comparava toda a vaidade de sua carreira diplomática à felicidade de Pierre. O velho general resmungou encolerizado quando sua mulher perguntou-lhe como sentia a perna e pensou: “Que velha idiota! Helena Vassilievna, mesmo com cinquenta anos, será uma beleza.”

— Creio poder felicitá-la — cochichou Ana Pavlovna à princesa, beijando-a com calor. — Se não estivesse com enxaqueca, ficaria.

A princesa não respondeu nada, estava com inveja da felicidade da filha.

Enquanto os convidados se despediam, Pierre ficou muito tempo só com Helena numa salinha onde se haviam sentado. Durante o último mês, muitas vezes ficara só com Helena, mas nunca lhe falara de amor. Agora sentia que era necessário, mas não podia decidir-se a esse último passo. Sentia-se envergonhado e parecia-lhe que, ao lado de Helena, ocupava um espaço que não lhe era destinado. “Essa felicidade não é para ti”, dizia-lhe uma voz interior. “É uma felicidade para os que não possuem o que tens dentro de ti.” Mas, como era preciso dizer alguma coisa, principiou a falar. Perguntou-lhe se estava contente. Ela, como sempre, respondeu com simplicidade, dizendo que fora uma festa das mais agradáveis que já tivera.

Os parentes mais próximos ainda não se haviam retirado. Estavam na grande sala. O príncipe Vassili aproximou-se preguiçosamente de Pierre. Este levantou-se dizendo que já era tarde. O príncipe olhou-o severamente com ar de interrogador, como se não pudesse ouvir tais palavras, de tão estranhas que elas lhe pareciam. Logo em seguida, porém, a expressão de severidade desapareceu, puxou-o pela mão, fê-lo sentar-se outra vez e sorriu-lhe ternamente.

— E então, Lili! — disse, dirigindo-se à filha, nesse tom negligente de carinho que os pais adotam habitualmente com os filhos, mas que o príncipe Vassili só conseguira à força de imitar os outros pais. E voltando-se para Pierre: — *Serguei Kusmitch de todos os lados* — disse, desabotoando o colete.

Pierre sorria, mas via-se que ele compreendia que não era a anedota de Serguei Kusmitch que, no momento, interessava ao príncipe; e este sentiu que Pierre o compreendia. O príncipe resmungou algumas palavras e saiu. O rapaz teve a impressão de que o príncipe estava confuso.

Comoveu-o a confusão desse velho mundano. Virou-se para Helena, que, parecendo também confusa, dizia com o olhar: “A culpa é sua.”

“Agora é preciso dar o salto, mas não consigo, não consigo”, pensou Pierre. E outra vez falou de coisas desimportantes, de Serguei Kusmitch, perguntando como era a anedota que não compreendera bem. Helena respondeu-lhe, com um sorriso, que também não sabia.

Quando o príncipe Vassili entrou no salão, a princesa falava em voz baixa com uma senhora idosa; falava de Pierre.

— Sem dúvida, é um brilhante partido, mas a felicidade, minha querida...

— Os casamentos se fazem no céu — respondeu a dama idosa.

Como se não estivesse ouvindo o que as senhoras diziam, o príncipe Vassili sentou-se num divã que se achava num canto do aposento. Com os olhos fechados, parecia dormir. Sua cabeça caiu e ele despertou.

— Alina, vá ver o que eles estão fazendo — disse à esposa.

A princesa aproximou-se da porta, passou diante da outra sala e com ar importante e indiferente lançou um olhar rápido. Pierre e Helena, sentados no mesmo lugar, continuavam conversando.

— Sempre a mesma coisa — disse ao marido.

O príncipe Vassili, franzindo a testa, fez uma careta com o canto da boca e suas faces se agitaram numa expressão antipática, grosseira. Levantou-se e, passando diante das senhoras, entrou decididamente na salinha.

Com um ar satisfeito e pisando leve, aproximou-se de Pierre. A fisionomia do príncipe estava tão extraordinariamente solene que o rapaz, notando-a, levantou-se assustado.

— Deus seja louvado! — exclamou.

— Minha mulher disse-me tudo! Meu amigo, Lili, estou muito, muito contente — acrescentou com voz trêmula abraçando Pierre e Helena ao mesmo tempo. — Eu gostava muito de teu pai... e ela será uma boa esposa. Que Deus vos abençoe.

Beijou a filha, depois beijou Pierre, com sua boca exalando mau hálito. Estava com as faces molhadas de lágrimas de verdade.

— Princesa! Venha cá — gritou.

A princesa entrou e chorou também. A dama idosa enxugava os olhos com o lenço. Todos abraçaram Pierre, e este beijou várias vezes a mão de Helena. Alguns instantes depois, deixaram-nos a sós novamente.

“Tudo isso devia acontecer, nem podia ser de outra forma”, pensou Pierre, “portanto não devo indagar se foi bom ou ruim. É melhor assim, está resolvido e acabou-se a incerteza”. Em silêncio, Pierre segurava a mão da noiva contemplando-lhe o busto, que arfava.

— Helena! — disse em voz alta, e parou. “Em casos semelhantes, a gente deve dizer qualquer coisa de especial”, pensou, mas não podia lembrar-se precisamente do que se deve dizer nesses casos.

Fitou-a. Corando, ela aconchegou-se a ele.

— Ah! Tire esses... ora, esses... — Mostrou os óculos.

Pierre atendeu, e seus olhos, além da expressão dos olhos de todas as pessoas quando tiram os óculos, tinham um ar espantado e interrogador. Quis abaixar-se para beijar-lhe a mão; mas ela, num movimento rápido e brusco, beijou-o na boca. Pierre estava chocado com a expressão desagradavelmente arrebatada de seu rosto, que se modificara por completo.

“Agora é tarde, tudo está acabado; e, afinal de contas, eu a amo”, pensou Pierre.

— *Je vous aime* — emitiu ele, lembrando-se que em tais casos era necessário dizer isso. Mas essas palavras soaram tão insípidas que ele sentiu vergonha de si próprio.

Um mês e meio depois, estava casado. Estabelecido, como diziam, possuidor de uma linda mulher e de milhões. Instalou-se em São Petersburgo, na grande casa do conde Bezukhov, que fora completamente reformada.

III

Em dezembro de 1805, o velho príncipe Nicolai Andreievitch Bolkonski recebeu uma carta do príncipe Vassili, anunciando-se sua próxima visita em companhia do filho.

“Estou fazendo uma viagem de inspeção e não me será difícil fazer uma volta de cem *verstas* para visitar meu muito estimado benfeitor”, dizia a carta. “Meu filho Anatole me acompanhará. Ele vai servir no exército, e espero que permita-lhe exprimir pessoalmente, a exemplo de seu pai, o profundo respeito que ele lhe devota.”

— Viva, não será necessário fazer Maria viajar, os noivos vêm pessoalmente a nossa casa — disse imprudentemente a princesinha, ao saber da notícia.

O príncipe Nicolau Andreievitch franziu o cenho e não disse nada.

Duas semanas depois, à noite, os criados do príncipe Vassili chegaram e, no dia seguinte, o príncipe apresentou-se com o filho.

O velho Bolkonski nunca tivera em alta conta o príncipe Vassili, e sobretudo nos últimos tempos, diante da rápida carreira que o mesmo fizera sob o novo regime de Paulo e Alexandre. Agora, em face das alusões da carta e da princesinha, o príncipe Nicolau Andreievitch compreendeu de que se tratava, e sua opinião, já desfavorável, sobre o príncipe Vassili transformou-se num desprezo hostil. Praguejava sempre ao falar nele.

No dia da chegada do príncipe Vassili, o príncipe Nicolai Andreievitch estava particularmente azedo e de mau humor. Seria esse mau humor causado pela vinda do príncipe Vassili ou estaria particularmente descontente com a chegada deste porque estava de mau humor? Em todo caso não estava bem-disposto, e Tikhon, já de manhã, dissuadiu o arquiteto de levar-lhe seu relatório.

— Está ouvindo como ele caminha — dizia Tikhon, chamando a atenção do arquiteto para o ruído dos passos do príncipe. — Está forçando os calcanhares, e nós já sabemos...

Apesar disso, às nove horas, como habitualmente, o príncipe saiu para fazer seu passeio, agasalhado em casaco de veludo com gola de marta e gorro da mesma pele. Na véspera havia nevado. A alameda pela qual seguia o príncipe Nicolau Andreievitch conduzia à estufa havia sido varrida, viam-se traços da vassoura e a pá estava fincada num montão de neve à beira do caminho. O príncipe atravessou as estufas, o pátio e as dependências sem dizer uma palavra; estava carrancudo.

— É possível passar de trenó? — perguntou ao intendente de ar digno, que se parecia com ele e o acompanhava até a casa.

— A neve é profunda, Excelência, ordenei que varressem a avenida.

O príncipe fez um gesto de cabeça, aproximando-se do patamar.

“Graças a Deus passou a tempestade”, pensou o intendente.

— Estava difícil de passar, Excelência — acrescentou. — Fala-se que o ministro chega hoje à casa de Vossa Excelência...

O príncipe voltou-se e o fitou severamente.

— Hein! Ministro! Qual ministro! Quem ordenou? — perguntou com a voz dura e cortante. — Para a princesa minha filha não varreram a neve, e agora para o ministro... Não temos nenhum ministro em casa...

— Excelência, eu pensei...

— Pensaste — gritou o príncipe. Falava cada vez mais rápido e com palavras entrecortadas. — Pensaste... Bandidos! Velhacos! Eu te ensinarei a fazer suposições.

Levantando a bengala, ameaçou Alpatitch, e o teria esbordado se o intendente não tivesse conseguido esquivar-se dos golpes.

— Pensou? Velhacos! — gritou com vivacidade.

Apesar de Alpatitch, assustado por ter fugido dos golpes, aproximar-se do patamar baixando a cabeça docilmente diante dele, ou talvez por isso mesmo, o príncipe continuou a gritar “Velhacos! Vai entulhar de novo a estrada...”, mas não levantou mais a bengala e dirigiu-se para os seus aposentos.

Antes do jantar, a princesa e Mademoiselle Bourienne, que sabiam que ele estava de mau humor, esperavam de pé. Mademoiselle Bourienne, com a fisionomia radiante, parecia dizer: “Não sei de nada. Estou como sempre”; e a princesa Maria estava pálida, assustada, de olhos baixos.

O mais penoso para a princesa era saber que, nessas ocasiões, devia agir como Mademoiselle Bourienne, mas isso lhe era impossível. Ela dizia a si mesma: “Se finjo não notar nada, ele pensará que não compartilho de suas preocupações; se pareço triste ou aborrecida, dirá (como aconteceu) que estou com uma cara de enterro etc.”

O príncipe olhou a expressão assustada da filha e praguejou.

— Tolice ou talvez estupidez — resmungou. E, percebendo que a princesinha não estava na sala de jantar, pensou: “A outra também está faltando, com certeza já lhe falaram.”

— Onde está a princesa Lisa? — perguntou. — Anda se escondendo?

— Não está se sentindo bem — respondeu Mademoiselle Bourienne, sorrindo alegremente. — Hoje não sairá dos seus aposentos. No seu estado é bem compreensível.

— Hum! Hem! — resmungou o príncipe, sentando-se à mesa.

O prato não lhe pareceu bastante limpo, mostrou uma mancha e atirou-o. Tikhon pegou o objeto a tempo e entregou-o ao chefe da copa.

A princesinha não estava indisposta, mas tinha um tal medo do príncipe que, sabendo-o de mau humor, resolvera não descer.

— Tenho receio por causa da criança — disse a Mademoiselle Bourienne. — Sabe Deus o que o medo pode produzir.

De modo geral, a princesinha antipatizava com o velho príncipe e vivia em Lissia-Gori num estado permanente de medo, do qual não tinha quase consciência, pois era tão forte que ela nem chegava a senti-lo. Da parte do príncipe também havia antipatia, mas abafada pelo desprezo. Em Lissia-Gori, Mademoiselle Bourienne era de quem a princesinha mais gostava. Passava o dia com ela, fazia-a dormir em seu quarto, falava-lhe do sogro e o criticava.

— Vamos receber hóspedes, príncipe — disse Mademoiselle Bourienne, desdobrando o guardanapo branco com suas mãozinhas rosadas. — Sua Excelência o príncipe Kuriaguine com o filho, segundo ouvi dizer? — perguntou.

— Hum! Essa “Excelência” é um moleque. Fui eu quem o pôs no ministério — disse o príncipe num tom ofendido. — E por que o filho? Não posso compreender. A princesa Lisaveta Karlovna e a princesa Maria talvez o saibam; eu ignoro a razão de trazer o filho. Por mim não haveria a mínima necessidade.

Olhava para a filha, que ficara muito vermelha.

— Estás doente? Talvez seja medo do ministro, como disse hoje Alpatitch, esse imbecil?

— Não, pai.

Apesar de não ter sido feliz na escolha do assunto, Mademoiselle Bourienne continuou tagarelando sem parar sobre as estufas, a beleza das plantas novas. Depois da sopa o príncipe ficou um pouco mais tratável.

Terminado o jantar, foi ver a nora.

A princesinha estava sentada diante de uma pequena mesa e conversava com Macha, sua criada de quarto. Ao ver o sogro empalideceu.

Mudara muito.

Agora, estava mais feia que bonita. Suas faces estavam caídas, o lábio mais levantado e olheiras profundas acabavam de a desfigurar.

— Sim, um cansaço qualquer — respondeu a uma pergunta do príncipe sobre sua saúde.

— Não precisa de nada?

— Não, obrigada, meu pai.

— Está bem, está bem.

Saiu e dirigiu-se para a copa. Lá se achava Alpatitch de cabeça baixa.

— A estrada foi coberta de novo?

— Sim, Excelência. Perdoe-me, por amor de Deus, foi uma estupidez de minha parte.

O príncipe interrompeu-o com seu riso forçado.

— Está certo, está certo. — Estendeu a mão a Alpatitch, que a beijou, e retirou-se para o gabinete.

O príncipe Vassili chegou à noite. Os cocheiros e os empregados da casa o encontraram na avenida e conduziram, aos gritos, suas carroças e seu trenó pela alameda propositadamente recoberta de neve.

Os quartos do príncipe Vassili e de Anatole estavam arrumados.

Em mangas de camisa, com as mãos na cintura, Anatole estava sentado diante da mesa e, sorrindo, fixava-lhe um dos cantos com seus belos e grandes olhos. Considerava a vida como um prazer ininterrupto que alguém, por um motivo qualquer, se encarregava de proporcionar-lhe.

Agora, considerava da mesma forma sua viagem à casa do velho antipático e da rica e feia herdeira. Segundo seu ponto de vista, tudo isso poderia dar ótimos resultados e ser muito divertido. “E por que não casar se ela é muito rica? O dinheiro nunca prejudica”, pensava Anatole.

Fez a barba, perfumou-se com o esmero e o bom gosto de sempre e, com uma expressão sedutora que lhe era peculiar, erguendo bem alto a bela cabeça, entrou no quarto do pai. Dois lacaios se agitavam em torno do príncipe Vassili e o vestiam. O príncipe olhava animadamente para os lados, e quando o filho entrou saudou-o alegremente como se dissesse: “Sim, é isso, é assim mesmo que eu quero ver.”

— Agora, falando sério, meu pai: ela é realmente muito feia, hein? — perguntou, como se continuasse uma conversa muitas vezes entabulada durante a viagem.

— Cala a boca! Deixa de bobagens! Tu tens de tratar o velho príncipe com todo o respeito.

— Se ele me receber mal, vou embora — disse Anatole. — Detesto esse tipo de velho.

— Não esqueças que todo teu futuro está em jogo.

No quarto das criadas já se sabia a notícia da chegada do ministro e de seu filho, como também a do aspecto de ambos, nos menores detalhes. A princesa Maria, só em seu quarto, esforçava-se em vão por dominar a emoção interior. “Por que me escreveram? Por que Lisa me falou? Isso não pode ser!”, pensava a princesa Maria, olhando-se no espelho. “Como me apresentarei na sala? Mesmo que ele me agradasse, não poderia ser natural com ele.” Só a lembrança do olhar de seu pai a enchia de pavor.

A princesinha e Mademoiselle Bourienne já haviam sido informadas de tudo por Macha: que o filho do ministro era bonito, corado e tinha sobrancelhas negras; que o pai mal podia arrastar os pés na escada, e que ele, ágil como uma águia, galgava três degraus de cada vez.

Depois de receber essas informações, a princesinha e Mademoiselle Bourienne, cuja conversa se ouvia do corredor, entraram no quarto da princesa.

— Já sabe que eles chegaram, Maria? — disse a princesinha, com o andar cada vez mais difícil e caindo pesadamente numa cadeira.

Não estava mais com a blusa da manhã; vestira um de seus vestidos mais bonitos. Penteara-se cuidadosamente, mas, apesar da animação de sua fisionomia, não conseguia dissimular os traços fanados e flácidos. Com toda essa arrumação da época da sociedade de Petersburgo, notava-se ainda mais o quanto enfeara. Mademoiselle Bourienne também se esmerara discretamente no vestir, o que tornava ainda mais atraente seu rosto bonito e cheio de frescor.

— E você fica assim como está, querida princesa? — disse ela. — Não tardarão a anunciar que os hóspedes estão na sala; teremos de descer, e você não trata de arrumar-se!

A princesinha levantou-se, chamou a criada de quarto e, apressada e alegremente, começou a preparar e combinar uma roupa para a princesa Maria.

A princesa Maria sentia sua dignidade ferida pelo fato de emocionar-se com a chegada do noivo anunciado, e ainda mais porque suas amigas supunham que não podia ser de outra forma. Dizer-lhes da vergonha que sentia de si própria e delas seria trair seus sentimentos; recusar-se a se arrumar como lhe aconselhavam provocaria contínuas e insistentes caçoadas. Corou e entregou-se aos cuidados de Mademoiselle Bourienne e de Lisa; seus lindos olhos perderam

o brilho e o rosto, que se cobriu de manchas, retomou a expressão desgraciosa que lhe era habitual. As duas mulheres pensavam, sinceramente, em deixá-la bonita. Era tão feia que nenhuma das duas poderia pensar um único instante em tê-la como rival, e, por isso, com toda a sinceridade, começaram a vesti-la com essa convicção ingênua das mulheres de que se tornam mais bonitas quando bem-vestidas.

— Não, *ma bonne amie*, esse vestido não é bonito — disse Lisa, olhando a princesa de perfil e de longe. — Não, manda trazer o vestido de veludo. Pensa um pouco, talvez o teu destino esteja em jogo. Este é claro demais. Não está bom, não está bom!

Na verdade, não era o vestido que não estava bom, mas sim o rosto e toda a pessoa da princesa que não ajudavam. Mas Mademoiselle Bourienne e a princesinha não entendiam assim, parecia-lhes que com uma fita azul nos cabelos puxados, tirando a fita azul do vestido marrom etc., tudo se ajeitaria.

Esqueciam que nada poderia transformar-lhe o porte e o semblante assustado, por isso, apesar de todas as modificações, o rosto continuava triste e feio.

Depois de duas ou três modificações a que se sujeitara docilmente, a princesa Maria estava pronta, com os cabelos levantados (penteado que só a prejudicava) e o vestido de veludo marrom, com echarpe azul. A princesinha, dando os últimos retoques, arrumava uma prega da saia, alisava uma dobra da echarpe e, inclinando a cabeça, olhava ora de um lado, ora de outro.

— Não, é impossível — disse resolutamente batendo as mãos. — Não, Maria, decididamente isto não lhe fica bem. Prefiro-a com o seu vestidinho cinzento de todos os dias. Peço-lhe, faça isso por mim. Katia — disse à criada de quarto —, traz o vestido cinza da princesa e verá, Mademoiselle Bourienne, como arrumarei isso — disse ela num sorriso de antecipado prazer estético.

Mas quando Katia trouxe o vestido pedido, a princesa Maria, sempre imóvel diante do espelho, viu que seus olhos se enchiam de lágrimas, que a boca tremia e os soluços vinham chegando.

— Vamos, querida princesa, faça mais uma tentativa — disse Mademoiselle Bourienne.

A princesinha aproximou-se da princesa Maria com o vestido que Katia acabava de trazer.

— Agora vamos fazer isso com toda a simplicidade e delicadeza — disse. Sua voz e as de Mademoiselle Bourienne e Katia, que riam de alguma coisa, se confundiam num alegre gorjeio semelhante a um canto de pássaro.

— Não, deixem-me! — disse a princesa. Sua voz era tão grave e deixava transparecer tanto sofrimento que o gorjeio cessou instantaneamente. Seus grandes e lindos olhos cheios de lágrimas e pensamentos suplicavam claramente. E elas compreenderam que seria inútil e mesmo cruel insistir.

— Pelo menos mude de penteado — pediu a princesinha. — Eu não lhe disse? — continuou, dirigindo-se a Mademoiselle Bourienne. — Maria tem um desses rostos em que esse gênero de penteado não fica bem em absoluto. Em absoluto, em absoluto! Mude, por favor.

— Deixe-me, deixe-me. Tudo isso me é indiferente — respondeu a voz que mal continha as lágrimas.

Mademoiselle Bourienne e Lisa reconheciam que assim enfeitada a princesa Maria estava mais feia do que nunca, mas era tarde demais.

Ela as fitava com essa expressão pensativa e triste que elas conheciam muito bem. Essa expressão não lhes inspirava temor — a princesa Maria não inspirava esse sentimento a ninguém —, mas sabiam que significava uma decisão muda inabalável.

— Vai mudar, não é mesmo? — perguntou Lisa. A princesa Maria não respondeu e Lisa saiu do quarto.

A princesa Maria ficou só. Não atendeu ao pedido da cunhada, ficou com o mesmo penteado, e nem sequer se olhou no espelho. Com os olhos e as mãos caídas, sentou-se abatida e começou a sonhar com um esposo, um homem, uma criatura forte, indecifrável, atraente, que a transportava de súbito para seu mundo, completamente diferente, feliz. Depois, junto ao peito, seu filho, tal como vira um na véspera na casa da filha da ama. Ao lado o marido os contempla carinhosamente, a ela e à criança. “Mas é impossível, sou feia demais”, pensou.

— O chá está servido, o príncipe virá em seguida — disse a criada no corredor.

A princesa Maria despertou assustada com seus pensamentos. Antes de descer, levantou-se, foi até o oratório, onde, com os olhos fixos numa grande

imagem do Salvador iluminada por uma lamparina, permaneceu alguns instantes de mãos postas. Uma dúvida atormentava sua alma. A alegria do amor, do amor terreno por um homem, lhe estava reservada. Em seus sonhos sobre o casamento, a princesa Maria via a felicidade da família, os filhos, mas seu sonho mais forte e mais secreto era o amor terreno. Esse sentimento era ainda mais vivo porque ela fazia tudo para escondê-lo dos outros e de si própria.

“Meu Deus”, dizia, “como afugentar do coração esses pensamentos do demônio? Como afastar para sempre esses maus pensamentos, a fim de cumprir, facilmente, Tua vontade?”. Mal fizera esse pedido e Deus lhe respondia no próprio coração: “Não desejes nada para ti, não procures nada, não te emociones, não invejes nada. O futuro dos homens e teu destino devem ser desconhecidos, e vive de forma a estares pronta para tudo. Se agradar a Deus experimentar-te no dever do casamento, estejas pronta a cumprir Sua vontade.”

Com esse pensamento tranquilizador (mas ainda com esperança em seu sonho terreno proibido), a princesa Maria, suspirando, fez o sinal da cruz e desceu sem pensar no vestido e no penteado e sem preocupar-se com a impressão que causaria nem com o que havia de dizer. Que importância poderia ter isso diante dos desígnios de Deus, sem a vontade do qual não cai um único fio de cabelo da cabeça do homem?

IV

Quando a princesa Maria entrou na sala, o príncipe Vassili e seu filho já se encontravam ali conversando com a princesinha e Mademoiselle Bourienne. Ao entrar, caminhando pesadamente e colocando força sobre os calcanhares, os homens e Mademoiselle Bourienne levantaram-se e a princesinha disse aos hóspedes: *Voilà Marie!*

A princesa Maria observou todos detalhadamente. Notou que ao vê-la, o príncipe Vassili ficou sério um momento, mas logo sorriu. Notou a curiosidade da princesinha, que procurava decifrar na fisionomia dos hóspedes a impressão causada por Maria. Notou que Mademoiselle Bourienne, com sua fita e seu lindo rosto, mais animada que nunca, tinha o olhar fixo *nele*. Mas ela não podia vê-lo, percebeu apenas algo de grande, claro e belo que, ao vê-la entrar, se aproximava dela. Em primeiro lugar adiantou-se o príncipe Vassili; ela beijou a cabeça calva

que se inclinava sobre sua mão e respondeu às suas palavras que se lembrava muito bem dele. Depois foi a vez de Anatole.

Continuava a não vê-lo. Sentiu somente a mão suave que apertava fortemente a sua e ela apenas tocou na testa branca guarnecida de bonitos cabelos castanho-claros. Quando levantou os olhos, sua beleza a surpreendeu. Com o polegar da mão direita na lapela do uniforme, Anatole, balançando-se sobre as pernas ligeiramente abertas, com o peito cheio e a cabeça inclinada, silenciosa e alegremente olhava a princesa, mas, evidentemente, sem pensar nela. Sem possuir vivacidade e brilho de conversação, tinha uma qualidade preciosa em sociedade: uma calma e uma segurança imperturbáveis. Nada mais constrangedor que um homem tímido que se cala num primeiro encontro e demonstra perceber o inconveniente desse silêncio e desejar dizer alguma coisa. Mas Anatole calava-se e balançava a perna, observando alegremente o penteado da princesa. Era evidente que poderia ainda conservar-se calado por muito tempo sem se perturbar. “Se é constrangedor para alguém, então conversem, mas eu não quero”, parecia dizer com o olhar. Além disso, nas suas relações com as mulheres, Anatole possuía o que lhes inspirava mais curiosidade, medo e até amor: a desdenhosa consciência de sua superioridade. “Eu a conheço, eu a conheço, e que interesse poderia despertar-me essa conversa? Você é que gostaria”, parecia dizer. Talvez não pensasse isso diante das mulheres (era mesmo muito provável que não, pois, em geral, pensava muito pouco), mas era o que seus modos e seu aspecto exprimiam. A princesa compreendeu, e como se quisesse demonstrar que não ousava se preocupar com ele, dirigiu-se ao velho príncipe. A conversa generalizou-se e estava animada graças à voz da princesinha, com seu labiozinho curto descobrindo os dentes brancos. Dirigiu-se ao príncipe Vassili como costumam fazer as pessoas que conversam muito, parecendo lembrar uma série de coisas alegres e divertidas que só eles conhecem e os outros ignoram, quando em realidade essas coisas não aconteceram.

O príncipe Vassili prestava-se de bom grado a esse jogo. A princesinha falava numa série de divertidas aventuras imaginárias, e Anatole, que ela mal conhecia, compartilhava dessas lembranças comuns, bem como Mademoiselle Bourienne; até a princesa Maria se sentia arrastada por essas histórias alegres.

— Afinal, agora, sentiremos todo o prazer de sua companhia, caro príncipe — disse a princesinha ao príncipe Vassili, em francês, está visto. — Não será como nas festas de Annette, de onde sempre escapava. Lembrava-se dessa querida Annette?

— Sim, mas não vai começar falar em política como ela!

— E nossa mesa de chá?

— Sim! Sim!

— Por que nunca foi visto na casa de Annette? — perguntou a princesinha a Anatole. — Eu sei, eu sei — continuou, piscando os olhos. — Hippolyte me falou de suas aventuras. Oh! Conheço até as de Paris — acrescentou, ameaçando-o com o dedo.

— E a ti, Hippolyte não te contava nada? — perguntou o príncipe Vassili a seu filho enquanto segurava a mão da princesa como se ela fosse fugir e ele quisesse detê-la. — Não te contou como ele mesmo cortejava a encantadora princesa e como ela o punha na rua! Oh! Ela é a pérola das mulheres, princesa — concluiu, dirigindo-se à princesa Maria.

De seu lado, ouvindo falar em Paris, Mademoiselle Bourienne não deixou de contribuir com suas recordações para a conversação geral.

Tomou a liberdade de perguntar a Anatole se fazia muito tempo que viera de Paris e se a cidade lhe agradava. Anatole respondeu-lhe prazerosamente e, sorrindo e fitando-a, falou a respeito da pátria dela. Desde que vira a bonita francesinha, Anatole ficara certo de que até mesmo em Lissia-Gori era possível matar o tempo. “É ótima essa *demoiselle de compagnie*. Espero que ela a conserve depois de casada. A pequena é engraçadinha”, pensava o filho do príncipe Vassili.

O velho príncipe vestia-se lentamente no seu quarto; de cenho franzido, refletia sobre o que deveria fazer. A chegada desses hóspedes o irritara. “O que querem de mim o príncipe Vassili e seu filho? O príncipe é um homem vaidoso, vazio, mas o filho pode ser um homem bom”, pensava. Estava irritado porque a chegada dos visitantes levantava no seu íntimo o problema ainda não resolvido e sempre abafado, problema a respeito do qual o velho príncipe sempre enganava a si próprio. Consistia na decisão de um dia se separar da filha, em dá-la em casamento. Não podia encarar o assunto, porque sabia antecipadamente que

resolveria com a resposta correta e que a resposta correta, nesse caso, estava em oposição, não só com seus sentimentos, mas com todas as condições de sua vida. Para o príncipe Nicolau Andreievitch a vida era inconcebível sem a princesa Maria, embora aparentasse apreciá-la muito pouco. “E que necessidade tem ela de casar-se? Será infeliz na certa. Veja o caso de Lisa e André (creio ser difícil encontrar melhor marido), está ela contente com sua sorte? E quem casará com ela por amor? Feia, desajeitada. Será requisitada por causa das relações, do dinheiro. A vida de solteira não é perfeitamente suportável?” Assim pensava o príncipe Nicolau Andreievitch enquanto se vestia e, ao mesmo tempo, sentia que o problema, sempre adiado, necessitava uma solução imediata. Era evidente que o príncipe Vassili trazia o filho na intenção de fazer uma proposta de casamento, e provavelmente hoje ou amanhã pediria uma resposta. Um nome, uma boa situação são apropriados. “Que seja, não oporei obstáculos, mas que ele a mereça. Veremos”, pensou.

— Isso nós veremos! É o que veremos! — disse em voz alta. E, como sempre, entrou na sala de jantar em passos apressados. Lançando um olhar rápido sobre os presentes, notou o vestido novo da princesinha, as fitas da Bourienne e o horrível penteado da princesa Maria, os sorrisos da dama de companhia e Anatole e o isolamento de sua filha na conversa geral. “Vestiu-se como uma tola!”, pensou, olhando colericamente a princesa. “Ela não terá vergonha, e ele não lhe dá a menor atenção?”

Aproximou-se do príncipe Vassili.

— E então! Olá, estou contente em vê-lo.

— Para um amigo querido a distância nada significa — disse o príncipe Vassili rapidamente, com a segurança e a familiaridade que lhe eram habituais. — Este é meu filho mais moço. Posso pedir-lhe que o estime?

O príncipe Nicolau Andreievitch fitou Anatole.

— Um belo rapaz! — disse. — Muito bem! Vem me cumprimentar. — E estendeu-lhe a face. Anatole beijou o velho e o fitou com uma curiosidade tranquila, esperando uma dessas originalidades de que o pai lhe falara.

O príncipe Nicolau Andreievitch sentou-se em seu lugar habitual, no canto do divã, aproximou a cadeira destinada ao príncipe Vassili e pôs-se a interrogá-lo

sobre política e novidades. Parecia ouvir atentamente a história que o outro lhe contara, mas não tirava os olhos da princesa Maria.

— Então escreveram isso de Potsdam? — perguntou, repetindo as últimas palavras do príncipe Vassili e, levantando-se subitamente, aproximou-se da filha.

— Foi por causa dos hóspedes que te enfeitaste dessa forma? Bonita, muito bonita. Para os visitantes estás maravilhosamente penteada e, diante deles, eu te digo não ouses se enfeitar novamente sem minha permissão.

— Sou eu a culpada, meu pai — interveio, corando, a princesinha.

— Você é livre — disse o príncipe Nicolau Andreievitch, inclinando-se diante da nora —, mas ela não tem necessidade de desfigurar-se, já é bastante feia sem isso. — E voltou a sentar-se no seu lugar sem prestar atenção à princesa, que estava quase chorando.

— Pelo contrário, esse penteado cai muito bem na princesa — intercedeu o príncipe Vassili.

— Muito bem, meu caro e jovem príncipe, como te chamas? — perguntou o príncipe Nicolau Andreievitch a Anatole. — Aproxime-se, conversemos, quero te conhecer.

“A farsa vai começar!”, pensou Anatole, e, sorrindo, sentou-se perto do velho príncipe.

— Dizem, meu caro, que você foi educado no exterior; não é como nós, eu e teu pai, a quem um sacristão ensinou a ler e escrever. Diz-me, meu caro, estás servindo na guarda montada? — E, quase encostado em Anatole, o velho o fitava atentamente.

— Não, estou servindo no exército — respondeu Anatole, dominando o riso com dificuldade.

— Ah! Muito bem. Então, meu caro, queres servir ao imperador e à pátria. Estamos em guerra e um rapaz como esse deve servir. Estás no serviço ativo?

— Não, príncipe, nosso regimento já está em marcha e eu estou adido... Ao que mesmo estou adido, papai? — perguntou Anatole, rindo.

— Serve bem, muito bem. “Ao que mesmo estou adido?” Ha! Ha! Ha!

O príncipe Nicolau Andreievitch ria; Anatole riu ainda mais alto. Subitamente o velho ficou sério.

— Pode ir — disse a Anatole. Com um sorriso, Anatole aproximou-se das senhoras.

— Educaste-os no exterior, príncipe Vassili? — perguntou o velho príncipe.

— Fiz tudo o que pude e posso dizer que lá a educação é muito superior à nossa.

— Sim, hoje, bem entendido, com a nova moda. Bom rapaz, bom rapaz! Muito bem, passemos para o meu gabinete.

Assim que ficaram sós, o príncipe Vassili falou ao velho príncipe dos seus desejos e esperanças.

— O que pensas? — perguntou azedamente o velho príncipe. — Pensas que eu a retenho e que não posso separar-me dela? É o que imaginas — acrescentou com raiva. — Por mim, pode ser amanhã!... Devo dizer-te apenas que quero conhecer melhor meu genro. Conheces meus princípios, tudo às claras. Amanhã, diante de ti, perguntarei a ela se o aceita; no caso afirmativo, ele ficará aqui por algum tempo; que fique e eu verei. — O príncipe fungou. — Que ela se case, para mim é indiferente! — gritou com a mesma voz cortante com que se despedira do filho.

— Na verdade, príncipe, o senhor enxerga no íntimo dos homens — disse o príncipe Vassili no tom de um homem astucioso e convencido de que a astúcia de nada vale diante da perspicácia do interlocutor. — Anatole não é um gênio, mas um rapaz direito e bom, um bom filho e um bom parente.

— Está certo, veremos.

Com a chegada de Anatole, como sempre acontece às mulheres que vivem isoladas, sem a companhia dos homens, as três sentiram que a vida que estavam levando não era vida. Momentaneamente, suas faculdades de pensar, sentir e observar haviam decuplicado, e parecia-lhes que a vida que levavam se iluminava subitamente com uma luz nova e vivificante.

A princesa Maria esquecera completamente seu rosto e seu penteado. O semblante belo e aberto do homem que, provavelmente, viria a ser seu marido, absorvia-lhe toda a atenção. Ele parecia-lhe bom, corajoso, resoluto, forte e generoso. Estava convencida disso. Milhares de sonhos sobre uma vida futura nasciam-lhe incessantemente na imaginação. Ela os afastava e procurava escondê-los. “Mas não estarei sendo demasiadamente fria para com ele?”,

pensava. “Procuro conter-me, porque, no fundo da alma, já me sinto muito próxima dele. Mas ele não sabe o que penso a seu respeito e pode imaginar que o considere antipático.”

E, sem conseguir, a princesa Maria fazia o possível por ser amável com o novo hóspede. “Pobre moça! É feia como o diabo!”, pensava Anatole.

Animada ao mais alto grau com a chegada de Anatole, Mademoiselle Bourienne também pensava, mas de outra forma.

Era natural que a linda jovem, sem situação definida, sem parentes, sem amigos, sem pátria mesmo, não pensasse que dedicaria sua vida ao serviço do príncipe Nicolau Andreievitch, lendo-lhe livros e contentando-se com a amizade da princesa Maria. Havia muito que Mademoiselle Bourienne aguardava um príncipe russo, que, percebendo à primeira vista sua superioridade sobre as princesas russas, feias, malvestidas, desajeitadas, se apaixonasse por ela e a levasse. E eis que, enfim, surgia um. Mademoiselle Bourienne tinha uma história que ouvira de uma tia e cujo desfecho ela própria se comprazia em recordar: diante de uma moça seduzida aparece *sa pauvre mère* que a censura por ter se entregado a um homem fora do casamento. Muitas vezes a francesa sentia-se comovida até as lágrimas quando, em imaginação, contava essa história a *ele*!

Agora esse *ele*, o verdadeiro príncipe russo, aparecia. Ele a raptará, e quando surgir a *pauvre mère*, casará. Era assim que Mademoiselle Bourienne imaginava sua história futura, enquanto falava de Paris com Anatole. Não era o cálculo que a guiava (não refletia um momento sequer sobre o que deveria fazer), mas tudo isso há muito estava imaginado e, agora, se reunia em torno de Anatole, a quem desejava e procurava agradar o máximo possível.

A princesinha, como um velho cavalo de regimento que relincha ao som da trombeta, esquecia sua situação e preparava-se para o galope habitual da coqueteria sem nenhuma ideia preconcebida, nem luta, mas com uma alegria ingênua e frívola.

Embora sempre representasse o papel do homem aborrecido na companhia das mulheres, Anatole não podia deixar de sentir-se lisonjeado na sua vaidade ao perceber a influência que exercia sobre as três mulheres.

Além disso, a bonita e excitante francesa começava a despertar-lhe esse sentimento apaixonado, bestial, que o dominava com uma rapidez extraordinária

e o impelia aos atos mais grosseiros e ousados.

Depois do chá, os convivas passaram para a sala ao lado, e a princesa foi convidada a tocar cravo. Anatole debruçou-se diante dela, ao lado de Mademoiselle Bourienne, e, com olhos risonhos, fitava a princesa Maria. A princesa Maria, com um medo jubiloso, sentia o olhar pousado em si. Sua sonata favorita a transportava para um mundo poético mais íntimo e, sob o olhar de Anatole, parecia-lhe que a poesia desse mundo aumentava. Embora a fitasse, Anatole estava acompanhando os movimentos do pé de Mademoiselle Bourienne, que nesse momento, sob o cravo, tocava o seu. A dama de companhia também olhava a princesa, que também leu nos seus lindos olhos uma expressão nova de alegria tímida e de esperança.

“Como ela gosta de mim! Como sou feliz agora, e como poderia ser de outra forma com uma amiga e um marido assim! Será um marido?”, pensou a princesa Maria, não ousando encará-lo, mas continuando a sentir seu olhar. À noite, ao se separarem depois do jantar, Anatole beijou a mão da princesa.

Ela não sabia como julgar semelhante audácia, mas conseguiu olhar o belo rosto que tinha diante de seus olhos míopes. Em seguida, ele aproximou-se para beijar a mão de Mademoiselle Bourienne (era inconveniente, mas ele fazia tudo isso com tamanha segurança e simplicidade). Mademoiselle Bourienne corou e, assustada, olhou a princesa.

“Que delicadeza! Como pode Amélie (era o nome de Mademoiselle Bourienne) supor que eu tenha ciúmes dela e que não aprecio sua ternura e dedicação?”, pensou a princesa aproximando-se da francesinha e beijando-a com força.

Anatole quis beijar a mão da princesinha.

— Não, não, não! Quando meu pai me escrever dizendo que você se está portando bem, eu lhe darei a mão para beijar. Antes, não. — E, ameaçando-o com o dedo, saiu da sala sorrindo.

V

Todos foram deitar-se, e, salvo Anatole, que adormeceu imediatamente, os demais, nessa noite, custaram muito a conciliar o sono.

A princesa Maria pensava: “Será ele meu marido, ele, esse estranho, belo e bom, sim, bom?”; e o medo que quase nunca sentia apoderou-se dela.

Tinha medo de virar-se. Parecia-lhe que no canto escuro, atrás do biombo, havia alguém. E esse alguém era o diabo, esse alguém era esse homem de testa branca, sobrancelhas negras e boca vermelha.

Chamou a criada e pediu-lhe que dormisse no seu quarto.

Nessa noite, Mademoiselle Bourienne passeou longamente no jardim de inverno, esperando em vão por alguém, ora sorrindo, ora emocionada até as lágrimas com palavras imaginárias *de la pauvre mère* que a censurava por seu erro.

A princesinha ralhava com a criada que não arrumara a cama como ela gostava. Não podia deitar-se nem de lado nem sobre o ventre, sentia por todo o corpo um peso incômodo, o ventre a incomodava.

Hoje, o ventre a incomodava mais que em qualquer outro dia, pois a presença de Anatole a fizera recordar-se do tempo em que não estava nesse estado e em que tudo lhe parecia alegre e fácil. De camisã e touca, sentara-se numa cadeira. Resmungando, louca de sono, Katia sacudia e virava o pesado colchão pela terceira vez.

— Estou te dizendo que isso está cheio de altos e baixos — repetia a princesinha. — Só quero dormir, não é minha culpa... — E sua voz tremia como a de uma criança prestes a chorar.

O velho príncipe também não dormia. Através do sono, Tikhon ouvia-o caminhar enraivecido e fungar. Julgava-se ofendido na pessoa da filha. Essa ofensa lhe era ainda mais penosa por não lhe dizer respeito, mas sim à filha, que ele amava mais que a si próprio. Prometia refletir sobre toda essa história e resolver o caso da melhor forma possível. Mas, em lugar disso, enervava-se cada vez mais.

“Diante do primeiro que aparece, esquece o pai e tudo o mais. Corre, se enfeita, se penteia, se agita e não é mais a mesma. Está contente por deixar o pai! Ela sabia que eu o perceberia! Fr... Fr... Então não estou vendo que esse idiota só se interessa pela Bourienne (é preciso despedi-la)? E como lhe falta amor-próprio para não ver isso! Mesmo que não fosse por si, já que não tem orgulho,

ao menos por mim. É preciso mostrar-lhe que esse idiota não pensa nela e só tem olhos para a Bourienne. Já que não tem orgulho, eu terei de lhe mostrar...”

O velho príncipe sabia que se dissesse à filha que estava enganada, que Anatole só desejava cortejar Bourienne, machucaria o amor-próprio da princesa e que ganharia a causa (o desejo de evitar a separação da filha). Com esse pensamento tranquilizou-se. Chamou Tikhon e começou a despir-se.

“Foi o diabo que os trouxe!”, pensou enquanto Tikhon lhe enfiava uma camisa no corpo magro e velho, cheio de pelos grisalhos no peito. “Não os chamei. Vieram perturbar o resto de vida que me sobra.”

— Diabo! — disse em voz alta, enquanto estava com a cabeça coberta pela camisa.

Tikhon conhecia o hábito do príncipe de, às vezes, exprimir seus pensamentos em voz alta. Por isso não se perturbou com o olhar mau que apareceu quando a camisa passou.

— Estão deitados? — perguntou o príncipe.

Como todo bom criado, Tikhon conhecia por instinto a direção dos pensamentos de seu amo. Adivinhou que se tratava do príncipe Vassili e de seu filho.

— Deitaram-se e apagaram as luzes, Excelência.

— Desnecessário, desnecessário... — disse o príncipe rapidamente. E enterrando os pés nas chinelas, as mãos nos bolsos do robe de chambre, aproximou-se do divã onde costumava dormir.

Embora nada tivesse dito entre Anatole e Mademoiselle Bourienne, ambos estavam perfeitamente a par da primeira parte do romance, isto é, até a aparição da *pauvre mère*. Havia compreendido que tinham muito que se falar secretamente, e, por isso, já pela manhã procuravam encontrar-se a sós. Enquanto a princesa passava a hora habitual nos aposentos do pai, Mademoiselle Bourienne encontrava-se com Anatole no jardim de inverno.

Nesse dia, particularmente trêmula, a princesa Maria aproximou-se da porta do gabinete.

Parecia-lhe que não só todos sabiam que seu destino ia decidir-se nesse dia, mas que também sabiam qual era seu pensamento. Leu isso na fisionomia de

Tikhon e na do criado de quarto do príncipe Vassili, que encontrou no corredor com um jarro de água quente e lhe fez uma longa reverência.

O velho príncipe recebeu-a com especial ternura. A princesa conhecia bem essa expressão amena.

Quando a princesa não compreendia um problema de matemática ele costumava ter essa mesma expressão, cerrava os punhos e afastava-se dela repetindo várias vezes as mesmas palavras.

Dirigiu-se a ela na terceira pessoa.

— Fizeram-me o pedido de sua mão — disse com um sorriso pouco natural. — Penso que já entendeu que o príncipe Vassili não veio até aqui acompanhado do seu pupilo (não se sabia por que tratava Anatole por pupilo) pelos meus belos olhos. Pediram-me sua mão; e já que conhece meus princípios, apresento-lhe o assunto.

— Como devo compreendê-lo, meu pai? — perguntou a princesa, corando e empalidecendo.

— Como compreender! — gritou, encolerizado. — O príncipe Vassili acha que serve para nora dele e pede sua mão para seu pupilo. Eis como deve compreender. Como compreender? Eu é que lhe pergunto.

— Não sei como o senhor meu pai... — murmurou a princesa Maria.

— Eu? Eu! Por que eu? Deixe-me de lado. Não sou eu que vou casar. Quero saber sua opinião. Eis o que interessa saber.

A princesa compreendeu que seu pai não via esse pedido com bons olhos; mas veio-lhe à mente que, nesse momento, se decidia seu destino. Baixou os olhos para não ver o olhar sob a influência do qual era incapaz de pensar e ao qual, por hábito, só sabia obedecer e disse:

— Só desejo uma coisa: fazer sua vontade. Mas se fosse necessário exprimir meu desejo...

Antes que terminasse, o príncipe a interrompeu.

— Está bem, casará contigo por causa do dote e levará ao mesmo tempo Mademoiselle Bourienne. Ela será a mulher e tu... — O príncipe calou-se. Percebeu a impressão que essas palavras causavam à sua filha, que, baixando a cabeça, estava prestes a chorar.

— Estou brincando, brincando — suavizou. — Não esqueças, princesa, que, em obediência a meus princípios, terás plena liberdade na escolha. Não esqueças também que de tua decisão depende a felicidade de tua vida. Não tens que pensar em mim.

— Mas eu não sei, pai.

— Não há o que dizer! Ele casará com quem lhe mandarem, não somente contigo, mas com quem quer que seja... Mas tu tens liberdade na escolha. Vai para teu quarto e reflete. Volta dentro de uma hora e, diante dele, responde sim ou não. Sei que vais rezar. Pois bem, reza se quiseres, mas farias melhor se refletisses. Vai. Sim ou não! Sim ou não! Sim ou não! — gritou enquanto a princesa saía do gabinete, vacilando e completamente tonta.

Seu destino decidia-se, e decidia-se por sua felicidade. Mas era horrível a alusão que seu pai fizera a Mademoiselle Bourienne. Não era verdade, sem dúvida, mas não deixava de ser terrível. Não podia tirar aquilo do pensamento. Caminhava distraída no jardim de inverno, não vendo nem ouvindo nada, quando, subitamente, o cochichar conhecido de Mademoiselle Bourienne a tirou de suas cismas. Levantou a cabeça e percebeu, a dois passos, Anatole abraçando a francesa e murmurando-lhe alguma coisa. O rapaz estava com uma expressão terrível quando voltou-se para a princesa Maria e, no primeiro momento, continuou abraçando Mademoiselle Bourienne, que não a via.

“Quem está aí? Por quê? Que espere!”, parecia dizer sua expressão.

A princesa Maria os olhou em silêncio. Não podia compreender. Finalmente Mademoiselle Bourienne deu um grito e fugiu. Com um sorriso divertido Anatole saudou a princesa, como a convidando para rir desse estranho caso, e, dando de ombros, entrou nos seus aposentos.

Uma hora depois, Tikhon veio chamar a princesa Maria. Pediu-lhe fosse ao gabinete do velho príncipe e acrescentou que o príncipe Vassili Sergueievitch estava lá. Quando Tikhon entrou no quarto, a princesa, sentada no divã, consolava Mademoiselle Bourienne, que se debulhava em lágrimas. Acariciava-lhe suavemente a cabeça. Com seus belos olhos, calmos e cintilantes, a princesa fitava o rosto gracioso da francesinha.

— Não, princesa, eu perdi para sempre a sua afeição — dizia Mademoiselle Bourienne.

— Por quê? Eu gosto de você mais do que nunca, e farei tudo que estiver ao meu alcance para torná-la feliz — respondeu a princesa.

— Mas a senhora me despreza! É tão pura que jamais poderá compreender esses desvios da paixão. Ah! Só *ma pauvre mère*...

— Compreendo tudo — tornou a princesa Maria, sorrindo tristemente. — Acalme-se, minha amiga, vou ver meu pai. E saiu.

Quando a princesa Maria entrou, o príncipe Vassili, com as pernas cruzadas e a tabaqueira na mão, parecia extremamente emocionado e como que escondia um sorriso terno. Estava sentado, com um sorriso expectante e, como se temesse por sua própria sensibilidade, levou às narinas uma pitada de fumo.

— Ah, minha cara — disse, levantando-se e tomando-lhe ambas as mãos. Suspirou e continuou:

— O destino de meu filho está nas suas mãos. Decida, minha cara, minha amiga, minha doce Maria, que eu sempre quis como filha. — Afastou-se. Efetivamente, apareceu uma lágrima em seus olhos.

— Frr... frr... — fungou o príncipe Nicolau Andreievitch.

— O príncipe, em nome de seu pupilo... de seu filho... pede tua mão. Queres, sim ou não, ser a mulher do príncipe Anatole Kuriaguine? Diz sim ou não? — gritou. — Reservo-me o direito de exprimir minha opinião depois. Sim, minha opinião, e nada mais — acrescentou como respondendo à expressão ansiosa do príncipe Vassili. — Sim ou não?

— Meu desejo, meu pai, é nunca deixá-lo, nunca separar minha vida da sua. Não quero casar-me — disse ela resolutamente, fitando com seus lindos olhos o príncipe Vassili e seu pai ao mesmo tempo.

— Loucura! Bobagem! Bobagem! Bobagem! — gritou o príncipe Nicolau Andreievitch. Sem beijá-la, atraiu a filha contra seu peito apertando-lhe tanto a mão que a obrigou a gritar.

O príncipe Vassili levantou-se.

— Vou dizer-lhe, minha cara: este é um momento que eu nunca hei de esquecer; nunca! Mas, minha querida, não nos quer dar nenhuma esperança de tocar esse coração tão bom, tão generoso? Diga que talvez... o futuro é tão grande... diga que talvez.

— Príncipe, o que acabo de dizer é tudo que tenho no coração. Agradeço-lhe a honra, mas nunca serei a mulher de seu filho.

— Bem, está terminado, meu caro, estou muito contente por ver-te, muito contente. Vai para teu quarto, princesa, vai — disse o velho príncipe. — Estou muito contente por ver-te — repetiu, abraçando o príncipe Vassili.

“Minha vocação é outra”, pensava a princesa Maria, “minha vocação é ser feliz com a felicidade dos outros, felicidade do amor no sacrifício. E, custe o que custar, farei a felicidade da pobre da Amélie... Ela o ama tão apaixonadamente. Está tão arrependida. Farei tudo para casá-la com ele. Se ele não é rico, dar-lhe-ei os meios, pedirei a meu pai, implorarei a André. Serei tão feliz quando ela for sua mulher! É tão infeliz, é estrangeira, sozinha, desamparada! E, meu Deus, como o ama para ter se entregado daquela forma! O que dizer? Talvez eu fizesse o mesmo!...”

VI

Havia muito tempo que a família Rostov não recebia notícias de Nicolau. Só em meados do inverno foi que o conde recebeu uma carta com o endereço subscrito pelo punho de seu filho. Ao recebê-la, assustado como um homem que não quer ser notado, correu na ponta dos pés para seu escritório, onde se fechou para lê-la. Assim que Ana Mikhailovna soube dessa carta (ela sabia de tudo que se passava na casa), entrou sem ruído no gabinete do conde, o qual soluçava e ria ao mesmo tempo diante da carta.

Embora seus negócios estivessem regularizados, Ana Mikhailovna continuava morando com os Rostov.

— Meu bom amigo — disse num tom triste, interrogador e pronto para a compaixão.

O conde soluçou mais forte.

— Nikolenka... uma carta... ferido... *ma chère*... estava ferido!... Meu garoto... condessa... promovido a oficial... bendito seja Deus... Como comunicar à condessa?

Ana Mikhailovna sentou-se a seu lado e, com o lenço, enxugou-lhe as lágrimas, a carta molhada de lágrimas e as suas próprias lágrimas, leu a carta, tranquilizou o conde e declarou que até a hora do chá prepararia a condessa, e que depois do chá, com a ajuda de Deus, contar-lhe-ia tudo.

Durante o jantar falou dos rumores da guerra, de Nicolau, perguntou por duas vezes quando haviam recebido a última carta, apesar de sabê-lo, e lembrou que era muito possível que chegasse uma outra ainda antes da noite. A cada uma dessas alusões, quando a condessa começava a inquietar-se e, muito perturbada, olhava ora o conde, ora Ana Mikhailovna, esta, com a maior naturalidade, passava a falar dos assuntos mais insignificantes. Natacha, que de todos na família era a mais capaz de perceber as sutilezas da entonação, do olhar, das expressões, era toda ouvidos desde o início do jantar e sentia que entre Ana Mikhailovna e seu pai havia alguma coisa referente ao irmão sobre a qual Ana Mikhailovna se preparava para dizer. Apesar de sua ousadia (Natacha sabia quanto sua mãe era sensível a tudo que se referia a Nicolau), durante todo o jantar não teve coragem de fazer nenhuma pergunta, e a inquietação a impediu de comer; agitava-se na cadeira sem tomar conhecimento das observações da preceptora. Depois do jantar, correu apressadamente atrás de Ana Mikhailovna e, ao alcançá-la no salão, pendurando-se a seu pescoço, indagou:

— Titiazinha, minha querida! O que é que há?

— Nada, minha garota.

— Não, minha alma, minha pomba querida, meu pêssego, não vou largá-la! Tenho a certeza de que sabe alguma coisa.

Ana Mikhailovna sacudiu a cabeça.

— Você é esperta, minha filha!

— Uma carta de Nikolenka! Sem dúvida! — exclamou Natacha, lendo a resposta no semblante de Ana Mikhailovna.

— Por amor de Deus, sê mais prudente, sabes como isso pode emocionar tua mamãe.

— Serei prudente, mas conte-me o que há, por favor.

— Está bem, vou imediatamente contar-lhe...

Ana Mikhailovna repetiu sucintamente a Natacha o conteúdo da carta, sob a condição de ela não falar a ninguém.

— Palavra de honra! — disse Natacha, persignando-se. — Não direi a ninguém. — E saiu imediatamente à procura de Sônia.

— Nikolenka!... Ferido... carta... — disse solene e alegremente.

— *Nicolas!* — exclamou Sônia, empalidecendo subitamente.

Só ao ver o efeito que a notícia do ferimento do irmão produzira na amiga foi que ela compreendeu o lado doloroso dessa notícia.

Atirou-se nos braços de Sônia e abraçou-a chorando.

— Está um pouco ferido, mas foi promovido a oficial. Agora está bem, ele próprio escreveu a carta — dizia entre as lágrimas.

— Vocês mulheres são todas umas choronas — disse Pétia, caminhando no quarto com passos largos e decididos. — Quanto a mim, estou muito contente que meu irmão tenha se distinguido. Vocês são umas choronas e não compreendem nada.

Natacha sorriu em meio às lágrimas.

— Leste a carta? — perguntou Sônia.

— Não, mas ela disse que tudo havia passado e que ele já é oficial.

— Graças a Deus — disse Sônia, fazendo o sinal da cruz. — Mas talvez ela tenha te enganado. Vamos ver mamãe.

Pétia, sem dizer nada, andava pelo quarto.

— Se eu fosse Nikolenka, ainda mataria mais franceses — opinou. — São uns miseráveis! Mataria o bastante para fazer uma montanha.

— Cala a boca, Pétia, tu és um bobo!

— Não sou eu que sou bobo, mas sim os que choramingam por bobagens — retrucou Pétia.

— Tu te lembras? — perguntou Natacha subitamente depois de um curto silêncio.

Sônia sorriu.

— Se me lembro de *Nicolas*?

— Não, Sônia, pergunto se te lembras bem, claramente... de tudo? — insistiu com um gesto lento, evidentemente no desejo de dar uma significação mais séria às suas palavras. — Eu também me lembro de Nikolenka; quanto a Boris, o esqueci completamente...

— Como! Não te lembras de Boris? — perguntou Sônia, surpreendida.

— Não é que não me lembre. Sei que jeito ele tem, mas com Nikolenka é diferente. Fecho os olhos e o vejo... Boris não (fechou os olhos). Não... nada!

— Ah! Natacha — exclamou Sônia com entusiasmo, olhando seriamente para a amiga, como se a outra fosse indigna de escutar o que ela iria dizer, e como se

fosse dizer isso a uma pessoa com quem não podia brincar. — Amo teu irmão para sempre, e aconteça o que acontecer entre nós, o amarei sempre.

Admirada, Natacha olhou Sônia curiosamente e calou-se. Sentia que Sônia estava dizendo a verdade, que existia essa espécie de amor, mas também sentia que não havia sentido nada de semelhante; acreditava que isso pudesse acontecer, mas não o compreendia.

— Vais escrever-lhe? — perguntou.

Sônia ficou pensativa.

Como escrever a Nicolau? Deveria escrever-lhe, mas o quê?... Essa pergunta a atormentava. Agora ele já era oficial e herói ferido, ficaria bem fazer-se lembrada, como para recordar-lhe o compromisso assumido.

— Não sei. Creio que se ele escrever, também escreverei — disse, corando.

— E não ficarás constrangida em escrever-lhe?

Sônia sorriu.

— Não.

— Quanto a mim, teria vergonha de escrever a Boris. Não escreverei.

— Por quê?

— Não sei. É assim. Teria vergonha.

— E eu sei por que ela teria vergonha — disse Pétia, ferido pela primeira observação de Natacha. — Porque esteve apaixonada pelo gordo de óculos (Pétia designava assim seu homônimo, Pierre Bezukhov) e agora está apaixonada pelo cantor. (Pétia falava do italiano, professor de canto de Natacha.) E é por isso que ela está envergonhada.

— És um bobo — disse Natacha.

— Não mais que tu, madame — respondeu Pétia, o garoto de nove anos, como se fosse um velho brigadeiro.

As alusões de Ana Mikhailovna durante o jantar haviam preparado o espírito da condessa. Sentada no seu quarto com os olhos marejados de lágrimas, ela contemplava uma miniatura do retrato do filho. Com a carta na mão, e caminhando na ponta dos pés, Ana Mikhailovna aproximou-se do quarto da condessa.

— Não entre — disse ao velho conde, que a acompanhava. — Mais tarde. — E fechou a porta atrás de si.

O conde encostou a orelha na fechadura e ficou escutando.

A princípio ouviu o som de palavras indiferentes; depois, só a voz de Ana Mikhailovna; falava longamente; em seguida um grito, um silêncio, e mais uma vez as duas vozes que falavam juntas com entonações alegres; finalmente passos, e Ana Mikhailovna abriu a porta. Em seu semblante estampava-se a expressão feliz do cirurgião que terminou uma amputação difícil e que introduz o público para que admire sua arte.

— Pronto — disse ao conde, designando com um gesto solene a condessa, que numa das mãos segurava a miniatura do retrato e na outra a carta, e beijava ora uma, ora a outra.

Ao ver o marido, estendeu-lhe as mãos, beijou sua cabeça calva e, por sobre a calva, olhou novamente a carta e o retrato; para beijá-los mais uma vez, afastou um pouco a cabeça do conde. Vera, Natacha, Sônia e Pétia entraram no quarto, e a leitura começou.

A carta descrevia brevemente a campanha e as duas batalhas nas quais Nicolau tomara parte e sua promoção a oficial. Acrescentava que beijava as mãos da mãe e do pai e pedia-lhes a bênção; que abraçava Vera, Natacha e Pétia. Além disso, enviava seus cumprimentos ao senhor Schelling, à senhora Chouse, à criada. Finalmente pedia que abraçassem a querida Sônia, de quem ele continuava a gostar da mesma forma e de quem sempre se lembrava. Diante dessas palavras Sônia corou tanto que seus olhos ficaram rasos de água. Não podendo suportar os olhares voltados para ela, fugiu para a grande sala, fez uma volta, rodopiou e, inflando a saia-balão, corada e sorridente, sentou-se no chão. A condessa chorava.

— Por que chora, mamãe? — perguntou Vera. — Depois de tudo que ele escreveu, não deve chorar, mas sentir-se orgulhosa.

Nada mais justo, mas o conde, a condessa e Natacha, todos a censuraram com o olhar. “A quem terá ela saído?”, pensou a condessa.

A carta de Nicolau foi lida cem vezes, e os que eram julgados dignos de ouvi-la deviam aproximar-se da condessa, que não a largava. Preceptores, criadas, Mitenka, alguns conhecidos vieram, e a condessa sempre relia a carta com um prazer novo, e cada vez, depois da leitura, descobria novas virtudes no seu Nikolenka. Como era extraordinário e como lhe dava júbilo pensar que seu filho

estava agora numa terra estrangeira, em ambiente estranho, como um guerreiro corajoso, solitário, sem ajuda, sem guia, fazendo o trabalho varonil que lhe competia. E como era estranho que fosse o mesmo filhinho, cujos membros minúsculos se haviam levemente movido em seu próprio ventre vinte anos atrás, e por causa de quem tantas vezes discutira com o conde, que queria perdê-lo com mimos; o mesmo filhinho que primeiro aprendera a dizer “baba” e depois “mamãe”. Para a condessa não existia toda a experiência dos séculos demonstrando que do berço, imperceptivelmente, as crianças tornam-se homens. O crescimento de seu filho, em cada um dos períodos, era para ela tão extraordinário como se milhões e milhões de homens não se tivessem desenvolvido da mesma forma. E assim como vinte anos atrás, não podia acreditar que esse pequeno ser que vivia em qualquer parte, dentro dela, sob seu coração, viesse a gritar e começasse a mamar, depois de falar, da mesma forma agora não acreditava que esse mesmo ser pudesse ter se tornado o homem forte e corajoso, modelo dos filhos e dos homens que era agora, a julgar pela carta que tinha nas mãos.

— Que estilo! Como escreve com graça — dizia, lendo a parte descritiva da carta. — Que alma! Sobre si próprio, nada, nada!... Fala sobre um Denissov qualquer!... E, seguramente, é ele o mais valente de todos. Nem uma palavra sobre seus sofrimentos. Que coração! Como o reconheço! E como se lembra de todos! Não esqueceu ninguém. Eu sempre dizia que ele era assim...

Durante mais de uma semana, em toda a casa, prepararam rascunhos, e copiaram cartas para Nicolau. Por lembrança da condessa e sob os cuidados do conde, reuniram os objetos necessários e o dinheiro para o uniforme e para o equipamento do novo oficial. Ana Mikhailovna, como mulher prática, sabia proteger seu filho de todas as formas e arranjava um meio seguro de fazer com que ele recebesse suas cartas. Mandava-as ao grão-duque Constantino Pavlovitch, comandante da guarda.

A família Rostov supunha que *la Garde russe à l'Etranger* era um endereço mais que suficiente, e que, se a carta chegasse até o grão-duque comandante da guarda, não havia razão para que não chegasse até o regimento de Pavlograd, que devia achar-se nas proximidades. Esse foi o motivo por que decidiram mandar cartas e dinheiro pelo correio do grão-duque, endereçados a Boris, que,

por sua vez, deveria remetê-los a Nicolau. Havia cartas do velho conde, da condessa, de Pétia, de Vera, de Natacha, de Sônia, e finalmente seis mil rublos para o uniforme, e ainda diversos objetos que o conde mandava para o filho.

VII

No dia 12 de novembro, o exército de Kutuzov, acampado nas proximidades de Olmütz, fazia os preparativos para a revista dos dois imperadores, russo e austríaco, que se realizaria no dia seguinte. A guarda que acabava de chegar da Rússia passara a noite a quinze *verstas* da cidade, e no dia seguinte chegava às dez horas da manhã, exatamente a tempo para a revista.

Nicolau Rostov recebera nesse dia um bilhete de Boris comunicando-lhe que o regimento Izmailovski passaria a noite a quinze *verstas* de Olmütz, e que ele o esperava para entregar-lhe cartas e dinheiro.

Rostov estava necessitando de dinheiro, sobretudo agora, depois da campanha, quando as tropas pararam em Olmütz, onde os vivandeiros e os judeus austríacos, bem aprovisionados e expondo toda sorte de mercadoria, enchiam o acampamento. No regimento de Pavlograd os oficiais promoviam uma série de festas por causa das condecorações e recompensas obtidas na campanha e iam divertir-se em Olmütz, na casa de uma húngara, uma tal Carolina que acabava de abrir um restaurante servido por mulheres. Rostov havia festejado sua recente promoção e comprara Beduíno, o cavalo de Denissov. Devia muito aos colegas e vivandeiros. Assim que recebeu o bilhete de Boris, dirigiu-se para Olmütz em companhia de um colega. Jantou na cidade, tomou uma garrafa de vinho e partiu sozinho para o acampamento da guarda, à procura de seu amigo de infância. Rostov ainda não estava equipado; trajava uma túnica velha de *junker*, ornada com a cruz militar, umas calças com fundilho de couro e um sabre de oficial com cinturão. Montava um cavalo do Don, que comprara de um cossaco durante a campanha. Usava arrogantemente o gorro amassado de hussardo, atirado levemente para trás e para o lado. Aproximando-se do acampamento do regimento de Izmailovski, pensava na admiração que iria causar a Boris e seus companheiros com seu aspecto marcial e hussardo com mais de uma campanha.

A guarda fizera toda a campanha como um passeio, fazendo demonstrações de seus uniformes e de sua disciplina. As marchas eram muito curtas e as

mochilas, transportadas em carretas. Além disso, em todas as etapas as autoridades austríacas ofereciam bons jantares aos oficiais. Os regimentos entravam nas cidades e saíam ao som da música, e todas as marchas (orgulho dos oficiais da guarda), por ordem do grão-duque, eram feitas em passo de parada com os oficiais nos seus postos.

Boris fizera todo o trajeto com Berg, já promovido a comandante de companhia. Este, graças à sua exatidão e pontualidade, granjeara a confiança dos chefes e organizara muito vantajosamente sua situação financeira. Durante a campanha Boris fizera muito contato com homens que lhe podiam ser úteis, e por uma carta de apresentação que Pierre lhe dera, havia conhecido o príncipe Bolkonski, por intermédio de quem pretendia obter uma nomeação para o Estado-Maior do generalíssimo. Vestidos com apuro e elegância, Boris e Berg estavam sentados no apartamento limpo que lhes havia sido destinado, e descansavam das fadigas das últimas marchas do dia jogando xadrez numa mesa redonda. Berg tinha entre os joelhos um cachimbo aceso. Boris, com sua precisão habitual, arrumava as peças em forma de pirâmide com suas mãos brancas e finas, esperando a jogada de Berg, e olhava o parceiro, acostumado a concentrar-se no que fazia e completamente absorvido pelo jogo.

— Quero saber como vai sair dessa situação! — disse Boris.

— Vamos ver — respondeu Berg, tocando num peão e tornando a soltá-lo.

Nesse momento a porta abriu-se.

— Enfim, chegou! — exclamou Rostov.

— Ah! Berg aqui! Eh, meninos! Vão deitar-se, vão dormir! — gritou, repetindo as palavras da velha criada que antigamente tanto faziam ele e Boris rir.

— Deus! Como estás mudado! — Boris levantou-se, indo ao encontro de Rostov, mas sem deixar de segurar e pôr no lugar as peças que caíam. Quis abraçar seu amigo, mas Nicolau afastou-se.

Com esse sentimento particular da mocidade que teme trilhar os caminhos batidos e quer, sem imitar os outros, exprimir seus sentimentos a seu modo, e não, como é hábito, reproduzindo os dos velhos, Nicolau queria fazer qualquer coisa de particular nesse encontro com o amigo; queria beliscar, empurrar ,

qualquer coisa, enfim, mas não o abraçar como todo mundo. Boris, ao contrário, tranquila e amigavelmente, beijava três vezes o amigo.

Há seis meses que não se viam, e nessa idade, quando os rapazes dão os primeiros passos na vida, ambos encontraram grandes mudanças no outro, reflexos completamente novos dos ambientes onde haviam dado os primeiros passos. Tanto um como o outro estavam muito mudados e tinham pressa de exprimir essa transformação.

— Vamos, malditos envernizadores! Limpos, dispostos como se voltassem de um passeio, enquanto nós, os infelizes soldados... — disse Rostov, com sua voz de barítono, nova para Boris, e com suas maneiras militares, mostrando as calças sujas de barro.

Com o barulho da voz de Rostov a proprietária alemã apareceu na porta.

— Ora essa! É bonita, hein! — fez ele, piscando os olhos.

— Por que gritas tanto! Vais assustá-las — disse Boris. — Não te esperava hoje — continuou —, foi apenas ontem que te mandei um bilhete por um ajudante de ordens de Kutuzov, Bolkonski, um conhecido meu. Nunca pensei que ele o entregasse tão rápido. E como vais? Já experimentaste o combate?

Sem responder, Rostov sacudiu a cruz de São Jorge, mostrou o braço em tipoia e sorriu para Berg.

— Como vês.

— É verdade! — concordou Boris, sorrindo. — Nós também fizemos uma bela campanha. Naturalmente sabes que Sua Alteza está sempre junto de nosso regimento, de forma que sempre temos todas as comodidades e vantagens.

“Que recepções tivemos na Polônia! Que jantares! Que bailes! Não dá para contar. E o *tsarevitch* é muito generoso com seus oficiais.”

E os dois amigos começaram a contar, um suas orgias de hussardo e as distrações da vida de campanha, o outro as vantagens e distrações do serviço sob o comando de tão altos figurões.

— Ah! A guarda — disse Rostov. — Vamos, manda buscar vinho.

— Se fazes questão — respondeu Boris, franzindo a testa. Tirou a bolsa que estava sob o travesseiro e mandou buscar vinho. — Tenho umas cartas e dinheiro para entregar-te — acrescentou.

Rostov atirou o dinheiro no divã, abriu a carta e, acotovelando-se na mesa, começou a ler. Leu algumas linhas e olhou Berg raivosamente. Tendo encontrado o olhar deste, escondeu o rosto atrás da carta.

— Não foi pouco o dinheiro que lhe mandaram — disse Berg, olhando a pesada bolsa sobre o divã. — Nós, conde, vivemos de nossos ordenados. Quanto a mim, poderei dizer-lhe...

— Olhe, meu caro Berg, quando você receber cartas de sua família e encontrar um amigo a quem tenha muitas coisas a dizer, sairei imediatamente para não constrangê-lo. Escute, vá para qualquer parte, vá... para o inferno! — gritou e ao mesmo tempo, segurando-o pelos ombros, olhou-o amigavelmente nos olhos, a fim de suavizar a grosseria de suas palavras, e acrescentou: — Por favor, meu caro, não se zangue, falo-lhe como a um velho conhecido.

— Não se preocupe, conde, compreendo muito bem — retrucou Berg com sua voz gutural, levantando-se.

— Procure os donos da casa, eles o convidaram — lembrou Boris.

Berg vestiu um casaco limpíssimo, sem um único grão de poeira, aproximou-se do espelho e penteou os cabelos imitando Alexandre Pavlovitch e, notando que seu casaco impressionara Rostov, saiu do quarto com um sorriso gentil.

— Sou um animal! — disse Rostov, lendo a carta.

— Hein?

— Um animal! Pois nem uma vez lhes escrevi, deixando-os cheios de inquietação... que animal! — repetia, corando. — Bem, mas manda Gavrilو buscar vinho, vamos beber.

Com a carta dos pais havia uma de recomendação para o príncipe Bagration. A velha condessa, seguindo os conselhos de Ana Mikhailovna, a conseguira com uma pessoa de suas relações e a remetera ao filho, aconselhando-o a entregá-la e tirar todo o proveito possível.

— Bobagens! Não tenho necessidade disso — disse Rostov, atirando a carta embaixo da mesa.

— Por que joga fora? — perguntou Boris.

— Uma carta de recomendação, não preciso disso.

— Como zombas dessa carta? — indagou Boris, apanhando-a. — Esta carta te é muito necessária.

— Nem um pouco, não quero ser ajudante de ordens de ninguém.

— Por quê?

— É uma função de criado.

— Continuas o mesmo sonhador — disse Boris, sacudindo a cabeça.

— E tu, sempre o mesmo diplomata. Mas não se trata disso... E como vais por aqui? — perguntou Rostov...

— Como vês. Até agora tudo vai bem, mas confesso que gostaria muito de ser nomeado ajudante de ordens e não ficar na tropa.

— Por quê?

— Ora, uma vez que se entra no serviço militar, deve-se procurar torná-lo o mais brilhante possível.

— Ah, sim! — exclamou Rostov, pensando em outra coisa. E encarando o amigo fixamente, com ar interrogativo, procurava em vão a solução de uma dúvida.

O velho Gavrilo trouxe o vinho.

— Não seria melhor mandar chamar Afonso Karlitch? — disse Boris. — Ele beberá contigo, eu não posso.

— Vai, vai buscá-lo. O que está fazendo aqui esse alemão? — perguntou Rostov com um sorriso de desprezo.

— É um ótimo sujeito, muito honesto e muito agradável — contestou Boris.

Rostov fitou novamente seu amigo e suspirou. Berg voltou, e diante da garrafa de vinho a conversa dos três oficiais animou-se. Os oficiais da guarda contaram a campanha que haviam feito, as festas que lhes foram oferecidas na Rússia, na Polônia e no exterior. Repetiam as palavras e os gestos de seu comandante em chefe, o grão-duque; anedotas sobre sua bondade e impulsividade. Como era seu hábito, Berg ficava calado quando a conversa não lhe dizia respeito pessoalmente, mas a propósito das anedotas e da importância do grão-duque, ele contou com prazer, como, na Galícia, tivera a satisfação de falar pessoalmente com o grão-duque quando ele inspecionava os regimentos e se zangava com a irregularidade dos movimentos. Contou como o grão-duque, muito irritado, se aproximara dele gritando “*Arnautes*” (expressão favorita do grão-duque quando estava exaltado) e chamara o comandante da companhia.

— E esteja certo, conde, não senti o menor medo, sabia estar com a razão. Posso dizer, sem vaidade, que conheço de cor todas as ordens do dia e regulamentos; conheço-as como o Pai-Nosso. É esse o motivo de não haver irregularidades na minha companhia. Por conseguinte, estava com a consciência tranquila. Apresentei-me a ele (Berg levantou-se, prestando continência com uma expressão para a circunstância. Era, na verdade, difícil encontrar num semblante maior respeito e satisfação própria). Repreendeu-me, disse-me horrores; invocou os *arnauts*, os diabos e a Sibéria — disse Berg com um sorriso astucioso. — Eu sabia que estava com a razão, e por isso calei-me. “És mudo?”, gritou. E eu sempre calado. O que diz disso, conde? No dia seguinte não havia nada na ordem do dia. Aí está o que é a gente não perder a cabeça. Sim, é isso, conde — concluiu Berg, acendendo o cachimbo e atirando para o ar rolos de fumaça.

— É isso mesmo — disse Rostov, sorrindo.

Boris, notando que era sua intenção ridicularizar Berg, mudou habilmente de assunto. Pediu-lhe que contasse onde e como fora ferido. Isso era agradável a Rostov. Começou a contar, animando-se cada vez mais enquanto falava. Narrou-lhes o que acontecera em Schoengraben, como costumam fazer os atores de uma batalha, quer dizer, como eles desejariam que tivesse sucedido, como ouviram de outros narradores, da forma mais agradável sob o aspecto narrativo, mas em desacordo com a realidade. Rostov era um rapaz muito franco e incapaz de mentir conscientemente. Começou sua narrativa na intenção de contar tudo, como havia acontecido, mas, involuntária e inevitavelmente, começou a fantasiar. Se contasse a verdade aos outros, que já haviam ouvido várias vezes a história desse ataque e faziam uma ideia exata do que acontecera e esperavam dele exatamente a mesma narrativa, não o teriam acreditado, ou, pior ainda, pensariam que era culpa sua se não lhe tivesse acontecido o que geralmente acontece aos narradores de ataques de cavalaria. Não podia contar-lhes simplesmente que haviam partido a trote e que ele caíra do cavalo com o braço ferido e fugira, embrenhando-se na floresta, dos franceses. Além disso, para contar a verdade, para contar só o que acontecera, era necessário um esforço de si mesmo.

Falar a verdade é muito difícil e os moços raramente são capazes disso. Esperavam que ele contasse como cheio de fogo, inflamado, se atirara como um furacão sobre o quadrado inimigo, ferindo à direita e à esquerda, como sua espada rasgara a carne e como, esgotado, caíra etc. E ele contava tudo isso.

No momento em que dizia “Não imaginas que sentimento estranho de furor a gente sente durante o ataque”, o príncipe André Bolkonski, que estava sendo esperado por Boris, entrou no quarto. O príncipe André, que gostava de proteger os jovens, sentia-se lisonjeado quando procuravam sua proteção, e estava disposto a ser útil a Boris, que soubera agradá-lo na véspera. Portador de uns documentos de Kutuzov para o grão-duque, viera vê-lo pensando que o encontraria só.

Quando, ao entrar no quarto, notou o hussardo que contava suas aventuras militares (espécie de gente que não suportava) sorriu amavelmente para Boris, franzindo a testa e piscando os olhos na direção de Rostov e mal o cumprimentou com um ar cansado, sentando-se no sofá. Era-lhe desagradável estar com aquelas pessoas. Rostov compreendeu e corou até o branco dos olhos. Mas pouco lhe importava, era um estranho. Olhando, porém, para Boris, percebeu que este também se sentia contrariado. Apesar do tom antipático e zombeteiro do príncipe André, apesar do desprezo geral que sentia por todos os ajudantes de ordens do Estado-Maior, ao qual o recém-chegado, evidentemente, pertencia, Rostov ficou perturbado, corou e calou-se. Boris perguntou quais eram as novidades do Estado-Maior e, sem querer ser indiscreto, o que se dizia das novas disposições.

— É provável que se avance — respondeu Bolkonski, que parecia não querer falar diante de estranhos.

Berg aproveitou a ocasião para perguntar, com extrema delicadeza, se os comandantes de companhias receberiam a forragem em dobro, como se falava. O príncipe André respondeu, sorrindo, que não lhe era possível dar opinião sobre uma questão de Estado tão importante, e Berg sorriu jovialmente.

— Depois falaremos do seu assunto — acrescentou o príncipe André, dirigindo-se a Boris e olhando para Rostov. — Procure-me depois da revista e faremos tudo que for possível. — E, olhando em torno, dirigiu-se a Rostov sem

preocupar-se com seu constrangimento infantil e invencível que se transformava em cólera.

— Pareceu-me que estava contando sobre o combate de Schoengraben? Estava presente?

— Estava — respondeu Rostov num tom irritado, como se quisesse ofender o ajudante de ordens.

Bolkonski notou o estado de espírito do hussardo e achou graça. Sorriu com uma ponta de desprezo.

— Muita gente está contando histórias dessa batalha!

— Sim, histórias — retrucou Rostov em voz alta e fitando raivosamente ora Boris, ora Bolkonski. — Sim, existem muitas histórias, mas as nossas narrativas, as dos que estavam sob o fogo inimigo, têm um certo peso, mais que as dos gozadores do Estado-Maior que recebem recompensas sem fazer nada.

— Entre os quais supõe que eu me encontre? — disse o príncipe André com um sorriso calmo e particularmente amável. No íntimo de Rostov, crescia um sentimento de cólera e ao mesmo tempo de respeito pela calma desse homem.

— Não falo do senhor — retrucou. — Não o conheço, e confesso que não sinto a menor vontade de conhecê-lo. Falo em geral dos homens do Estado-Maior.

— E eu lhe direi o seguinte — interrompeu o príncipe André num tom de autoridade tranquila. — O senhor quer ofender-me, e confesso que não é difícil se não possuir bastante respeito próprio, mas reconheça que o momento e o local foram bem mal escolhidos para isso. Brevemente, todos nós estaremos em face de um combate mais sério e, além disso, Drubetskoi, que se diz velho amigo seu, não tem culpa que minha fisionomia tenha a infelicidade de desagradá-lo. No entanto — prosseguiu, levantando-se —, o senhor sabe o meu nome e onde encontrar-me. Mas não esqueça que não me considero absolutamente ofendido e que meu conselho de homem mais velho é de deixar isso como está. Sexta-feira, depois da revista, esperarei por você, Drubetskoi. Até a vista — disse o príncipe André, cumprimentando os dois ao despedir-se.

Rostov só se lembrou do que devia responder depois de o príncipe André ter saído, e estava irritado por não o ter feito.

Despedindo-se secamente de Boris, mandou que preparassem imediatamente seu cavalo e voltou para o regimento. “Será necessário ir amanhã ao quartel-general provocar esse ajudante de ordens pedante ou será melhor deixar por isso mesmo?” Essa pergunta o atormentou durante todo o trajeto. Ora, encolerizado, pensava com que prazer veria esse homenzinho pequeno, fraco e orgulhoso apavorado diante de sua pistola; ora, com surpresa, sentia que dentre todos os homens que conhecia de nenhum desejava tanto tornar-se amigo como desse ajudantezinho de ordens que tanto odiava.

VIII

No dia seguinte ao do encontro de Boris com Rostov, seriam passadas em revista as tropas russas e austríacas, umas recém-chegadas da Rússia e as outras de volta da campanha com Kutuzov. Os dois imperadores, o da Rússia com o grão-duque herdeiro e o da Áustria com o arquiduque, passariam em revista os oitenta mil homens que compunham o exército aliado.

Desde a madrugada as tropas, em uniforme de parada, começaram a movimentar-se, tomando posição nos campos fronteiros à fortaleza. Ora milhares de pés, baionetas, bandeiras se agitavam sob o comando dos oficiais, paravam, viravam, metiam-se nos intervalos, dando passagem a outras massas de infantaria com outros uniformes; ora a elegante cavalaria de uniformes azuis, vermelhos, verdes, bordados, precedida da banda multicolor de músicos montados em cavalos pretos, baios, tordilhos, com seu estrépito, galopava em passo cadenciado; ora os canhões se alinhavam com um ruído de bronze sobre as carretas limpas e brilhantes, a artilharia avançava entre a infantaria e a cavalaria, tomando o lugar que lhe estava reservado. Não somente os generais em uniforme de parada, magros e gordos, excessivamente retesados, com os pescoços vermelhos apertados nos colarinhos e o peito coberto de condecorações; não somente os oficiais perfumados e elegantes, mas cada soldado, de rosto lavado, disposto, barbeado, uniforme escovado, cada cavalo com o pelo brilhante como a seda, a crina penteada, todos sentiam que estava acontecendo alguma coisa muito importante e solene. Quer general, quer soldado sentiam a própria insignificância e se consideravam um grão de poeira nesse mar humano e, ao mesmo tempo, tinham consciência de seu poder como parte do enorme todo.

Desde o clarear do dia haviam começado os preparativos, e às dez horas tudo estava pronto. As tropas se alinhavam num imenso espaço. O exército estava disposto em três linhas: na frente a cavalaria, atrás a artilharia e, mais atrás ainda, a infantaria.

Entre as linhas fora conservada uma passagem. As três partes do exército estavam nitidamente separadas: as tropas de guerra de Kutuzov (entre as quais, na linha da frente, no flanco direito, estava o regimento de Pavlograd); os regimentos do exército e da guarda vindos da Rússia; e o exército austríaco. Mas todos estavam no mesmo alinhamento, sob o mesmo comando e na mesma ordem.

“Aí vêm eles! Aí vêm eles!” Era o sussurro emocionado que se ouvia como o vento nas folhas. Vozes assustadas se fizeram ouvir e a inquietação dos últimos preparativos percorreu todas as tropas.

Um grupo que avançava foi visto vindo de Olmütz, e ao mesmo tempo, apesar da atmosfera serena, uma leve brisa soprou sobre o exército, e as flâmulas das lanças e as bandeiras tremularam.

Com esse suave movimento até o exército parecia querer exprimir sua alegria pela aproximação dos imperadores. Ouviu-se uma voz: “Sentido!”

Depois, como o canto do galo na madrugada, outras vozes se repetiram em diversos lugares. E tudo ficou calmo.

No silêncio sepulcral, ouvia-se apenas o ruído dos cascos dos cavalos. Era a comitiva dos imperadores. Aproximaram-se e as cornetas do primeiro regimento de cavalaria estrugiram, tocando a marcha geral. Parecia de alegria, que, à aproximação dos soberanos, aqueles milhares de peitos emitiam esses sons.

Entre as cornetas ouvia-se nitidamente a voz jovem e doce do imperador Alexandre. Fez a saudação e o primeiro regimento gritou um “Hurra!” tão demorado, forte e alegre que os primeiros homens ficaram assustados com o número e a força da enorme massa que formavam.

Rostov se achava na primeira fila do exército de Kutuzov, da qual o imperador se aproximou em primeiro lugar. Também a ele empolgara a sensação comum a todos os homens desse exército: o esquecimento da própria pessoa, a consciência ativa da pujança e do entusiasmo apaixonado por aquele que era o centro desse triunfo.

Sentia que uma palavra desse homem era suficiente para que toda essa massa (e ele junto, como uma migalha ínfima) se atirasse ao fogo ou à água, ao crime, à morte ou ao maior de todos os heroísmos, e por isso não podia deixar de tremer e agitar-se ao som desse grito de entusiasmo.

— Hurra! Hurra! Hurra! — ressoava de todos os lados. Um regimento após outro saudava o imperador ao som da marcha geral e com um “Hurra! Hurra!” que, aumentando sempre, se confundia num trovão ensurdecedor.

Antes da aproximação do imperador, cada regimento, silencioso e imóvel, parecia um corpo morto, mas desde que aquele se aproximava, o regimento se animava, juntando seus clamores aos de toda a linha por que o soberano já passara. Aos sons barulhentos e ensurdecedores dessas vozes, entre as massas de tropas imóveis que pareciam petrificadas em seus quadrados, negligente mas simetricamente e com facilidade, movimentavam-se centenas de cavaleiros da comitiva dos imperadores.

Sobre eles estava concentrada a atenção apaixonada de toda essa massa de homens.

A simpatia e a voz sonora, um tanto fraca, do jovem e belo imperador Alexandre, que envergava o uniforme de cavaleiro da guarda, com um tricórnio na cabeça, atraíam todas as atenções.

Rostov estava perto das cornetas e de longe seus olhos penetrantes reconheceram o imperador; viu-o aproximar-se. Quando o soberano estava a menos de vinte passos dele, e era possível perceber até os menores detalhes de seu jovem, belo e alegre semblante, Nicolau foi tomado por uma sensação de ternura e entusiasmo que nunca sentira antes. Tudo, cada traço, cada movimento do imperador lhe parecia deslumbrante.

Parando diante do regimento de Pavlograd, Alexandre dirigiu-se em francês ao imperador da Áustria e sorriu. Ao ver esse sorriso, Rostov também sorriu e sentiu um amor ainda maior por seu imperador. Queria mostrar esse amor de alguma forma, e sabendo ser isso impossível sentia vontade de chorar. Alexandre chamou o comandante do regimento e lhe disse algumas palavras.

“Meu Deus, não sei o que sentiria se o imperador se dirigisse a mim! Morreria de felicidade!”, pensou.

O imperador dirigiu-se também aos oficiais.

— Senhores, agradeço a todos do fundo do coração. (A cada palavra Rostov tinha a impressão de estar ouvindo uma voz celeste.)

Como seria feliz se nesse momento Rostov pudesse morrer por seu imperador!

— Mereceram as insígnias de São Jorge e serão dignos delas!

“Morrer, morrer por ele, nada mais que morrer!”, pensava Rostov.

O imperador disse ainda alguma coisa que Rostov não ouviu, e os soldados, com toda a força de seus pulmões, responderam: Hurra!

Rostov também gritou com força, inclinando-se sobre a sela.

Gritou com uma força que poderia doer os pulmões, tamanha era a vontade de exprimir seu entusiasmo pelo imperador. O imperador ficou alguns segundos diante dos hussardos, como se estivesse indeciso. “Como é possível o imperador estar indeciso?”, disse Rostov consigo. E logo essa mesma indecisão lhe pareceu majestosa e cheia de encanto, como tudo que Alexandre fazia.

A indecisão do imperador durou apenas um instante. Com o pé, calçando os sapatos bicudos da moda da época, instigou a égua inglesa baia que montava; segurando as rédeas com a mão protegida por luvas brancas, avançou seguido pela onda de seus ajudantes de ordens. Afastava-se cada vez mais, parava diante de outros regimentos, e, em breve, Rostov só conseguia distinguir o penacho branco no meio da comitiva.

Entre os membros da comitiva, Rostov viu Bolkonski, negligentemente montado. Lembrando-se do incidente da véspera, perguntou-se se deveria provocá-lo. “Não, não devo e, num momento como este, nem devo pensar nisso. Ao lado de tais sentimentos de amor, entusiasmo e sacrifício, nossas disputas e ofensas nada significam. Amo todos e perdoo a todos.”

Depois de o imperador ter percorrido quase todos os regimentos, as tropas começaram a desfilar diante dele em marcha cerimonial. Montando seu Beduíno, que comprara de Denissov havia pouco tempo, Rostov passou bem atrás de seu esquadrão, isto é, bem à vista do imperador. Antes de chegar diante do soberano, como bom cavaleiro, por duas vezes esporeou seu ginete a fim de fazê-lo marchar com mais garbo: a boca espumante encostada ao peitoral, a cauda alçada, mal tocando o chão como se fendesse o ar, levantando graciosamente

bem alto as patas, Beduíno, que também sentia o olhar do imperador, passou magnificamente.

Rostov, também com as pernas para trás e o peito para a frente, fazendo um todo único com seu cavalo, passou diante de Alexandre, com o semblante grave, mas radiante — “parecendo um demônio”, como dizia Denissov.

— Bravo! Os hussardos de Pavlograd! — disse o imperador.

“Como eu seria feliz, meu Deus, se ele mandasse que eu me atirasse agora no fogo”, pensou Rostov.

Quando terminou a revista, os oficiais recentemente chegados e os de Kutuzov começaram a falar nas condecorações, nos austríacos, nos uniformes, na frente russa de batalha, em Napoleão e em como ele haveria de sentir-se mal, principalmente agora depois da chegada do corpo de exército de Essen, se a Prússia tomasse nosso partido.

Mas em todos os grupos falava-se principalmente no imperador Alexandre. Todos estavam encantados com ele e repetiam-lhe as palavras e os gestos.

A vontade geral era marchar imediatamente contra o inimigo sob seu comando. Sob o comando do imperador era impossível não vencer quem quer que fosse. Assim pensavam, depois da revista, Rostov e a maioria dos oficiais.

Depois da revista, todos estavam mais seguros da vitória do que se tivessem ganhado duas batalhas consecutivas.

IX

No dia seguinte ao da revista, vestindo seu melhor uniforme e acompanhado dos votos de Berg, Boris partiu para Olmütz a fim de encontrar Bolkonski e aproveitar a boa vontade do príncipe para melhorar sua situação e, se possível, tornar-se ajudante de ordens de algum personagem importante, o que lhe parecia particularmente desejável na carreira militar. “Quando se tem um pai que manda milhares de rublos, como Rostov, é muito fácil dizer que não quer humilhar-se, não quer ser criado de ninguém, mas quem, como eu, só tem a própria cabeça, deve fazer carreira e aproveitar as ocasiões que se apresentam.”

Não encontrou o príncipe André em Olmütz, mas o aspecto da cidade onde se encontrava o quartel-general, o corpo diplomático e onde estavam hospedados os imperadores com suas comitivas de cortesãos e familiares aumentavam ainda mais seu desejo de pertencer a esse mundo superior.

Não conhecia ninguém, e, apesar de sua elegante túnica de oficial da guarda, todos esses graúdos que passavam nas ruas, em carruagens elegantes, com penachos, fitas e condecorações, cortesãos e militares, pareciam tão superiores a ele, oficialzinho da guarda, que não queriam nem podiam tomar conhecimento de sua existência. Na hospedagem do generalíssimo Kutuzov, onde fora perguntar por Bolkonski, todos os ajudantes de ordens e mesmo os criados o olharam como se quisessem fazê-lo compreender que muitos oficiais como ele apareciam e que sempre eram muito importunos. Apesar disso, ou talvez por causa disso, no dia seguinte, 15, depois do almoço, voltou a Olmütz e procurou novamente Bolkonski.

O príncipe André estava em casa. Boris foi introduzido numa grande sala onde outrora, provavelmente, se dançava e que atualmente estava guarneçada de cinco camas, diversos móveis, uma mesa, cadeiras e um cravo.

Vestindo um robe de chambre persa, um ajudante de ordens escrevia perto da porta.

Um outro, vermelho, gordo, estava deitado com as mãos sob a cabeça e ria conversando com um oficial sentado a seu lado. Era Nesvitzki.

O terceiro tocava uma valsa vienense no cravo; o quarto, encostado ao instrumento, cantava. Bolkonski não estava. Com a chegada de Boris nenhum deles parou o que estava fazendo. O que estava escrevendo, a quem Boris se dirigiu, virou-se contrariado e disse que Bolkonski estava de serviço e que, se precisava vê-lo, deveria procurá-lo no salão de recepção, à esquerda. Boris agradeceu e dirigiu-se para o salão de recepção, onde encontrou aproximadamente dez oficiais e generais.

No momento que Boris entrava, o príncipe André, piscando os olhos com desprezo (uma expressão particular de fadiga cortês que exprimia claramente: eu não falaria com o senhor se não fosse minha obrigação), ouvia um velho general russo, condecorado, que, na ponta dos pés, vermelho até as orelhas e com a expressão obsequiosa do soldado, lhe dizia alguma coisa.

— Muito bem, queira esperar — disse ao general, em russo, mas com o sotaque francês que costumava afetar quando queria exprimir seu desprezo. Assim que viu Boris, deixou o general (que corria atrás dele suplicando-lhe que ainda o ouvisse) e foi a seu encontro com um sorriso alegre.

Boris então compreendeu claramente o que já pressentia: no exército, além dessa subordinação e dessa disciplina consignadas nos regulamentos, ensinadas no regimento, e que ele conhecia, existe uma outra mais importante, que força o general de rosto vermelho a esperar respeitosamente, enquanto o capitão príncipe André prefere, por capricho, conversar com o segundo-tenente Drubetzkoi. Mais que nunca Boris resolveu guiar-se no futuro não pelos regulamentos, mas pelas regras desse código não escrito. Compreendeu que o simples fato de ser recomendado pelo príncipe André o tornava superior a esse general, que na tropa poderia massacrá-lo, um simples segundo-tenente da guarda. O príncipe André aproximou-se dele e tomou-lhe a mão.

— Foi uma pena não termos nos encontrado ontem. Passei o dia inteiro com esses alemães. Fomos com Weyrother para examinar a disposição. Quando esses alemães resolvem ser exatos, é uma tarefa infinita!...

Boris sorriu como se compreendesse a que o príncipe André estava se referindo, mas era a primeira vez que ouvia falar em Weyrother e não sabia o significado de “disposição”.

— E então, meu caro, continua querendo ser ajudante de ordens? Tenho pensado muito em você.

— Sim, teria muita vontade — respondeu Boris, corando. — Tive a intenção de solicitar ao general em chefe. Existe uma carta do príncipe Kuriaguine na qual ele se refere a mim. Eu queria pedir-lhe... porque... receio que a guarda não entre em combate — acrescentou à guisa de desculpa.

— Muito bem, falaremos de tudo isso — disse o príncipe André. — Permita-me apenas que anuncie esse cavalheiro e serei todo seu.

Enquanto o príncipe André ia anunciar o vermelho general, este que evidentemente não compartilhava das ideias de Boris sobre as vantagens de subordinação não escrita, fitou de tal forma o audacioso segundo-tenente que Boris se sentiu constrangido. Boris afastou-se esperando com impaciência que o príncipe André voltasse do gabinete do general em chefe.

— Veja, meu caro, o que me ocorreu fazer por você — disse o príncipe André, voltando e passando à sala das cinco camas. — Não há necessidade de ir ao gabinete do general em chefe; ele lhe dirá uma série de amabilidades, poderá convidá-lo para jantar (o que não seria inconveniente do ponto de vista daquela

outra subordinação, pensou Boris), mas sem resultado algum. Dentro em pouco, seremos um batalhão de ajudantes de ordens e ordenanças. Eis o que faremos: embora você não saiba, atualmente Kutuzov e nós, seu Estado-Maior, não significamos nada, tudo é tratado diretamente com o imperador. De forma que vamos procurar um excelente amigo meu, o general ajudante de ordens Dolgorukov, um homem encantador, com quem aliás tenho de falar; já lhe mencionei seu nome. Veremos se há possibilidade de o colocar junto a ele ou qualquer outro lugar mais perto do sol.

O príncipe André animava-se particularmente quando tinha a oportunidade de guiar a carreira mundana de algum jovem, e, sob o pretexto desse auxílio, que orgulhosamente nunca aceitava para si próprio, ele se conservava junto desse centro, que era a garantia de sucesso e que o atraía. Era com prazer que ele tutelava Boris e o conduzia à presença do príncipe Dolgorukov.

Já era muito tarde quando chegaram ao palácio de Olmütz, ocupado pelos imperadores e respectivas cortes.

Naquele dia se reunira o Conselho Superior da Guerra, no qual tomavam parte todos os membros dos Hofkriegsrath e os dois imperadores.

Contrariando a opinião dos velhos Kutuzov e do príncipe Schwarzenberg, fora resolvido tomar a ofensiva imediata contra Bonaparte e provocar uma grande batalha. A reunião terminara havia poucos minutos quando o príncipe André e Boris entraram no palácio à procura do príncipe Dolgorukov.

Todos os participantes do quartel-general estavam ainda sob o encanto do Conselho Superior da Guerra, que tomara o partido dos jovens. As vozes moderadas que aconselhavam aguardar algum acontecimento antes de tomar a ofensiva foram prontamente abafadas; as objeções que apresentavam eram repelidas com provas tão esmagadoras que o assunto tratado pelo Conselho — a futura batalha e a vitória certa — parecia já pertencer ao passado e não ser um fato futuro. Todas as vantagens estavam do nosso lado. Enormes forças, sem dúvida nenhuma superiores às de Bonaparte, estavam concentradas. Animadas com a presença dos imperadores, as tropas aguardavam impacientemente o momento da batalha. O local estratégico onde se daria a batalha era conhecido, nos seus mínimos detalhes, do general austríaco Weyrother, que guiava as tropas (o fato de as últimas manobras austríacas se terem realizado exatamente onde

agora deveria combater os franceses era um acaso feliz); o levantamento da região estava feito, e Napoleão, evidentemente enfraquecido, não tomaria nenhuma iniciativa.

Dolgorukov, um dos partidários mais entusiastas da ofensiva, acabava de chegar do Conselho cansado e exaurido, mas animado e orgulhoso com a vitória obtida. O príncipe André apresentou seu protegido, e Dolgorukov apertou cordialmente a mão de Boris, mas não lhe disse nada. Evidentemente incapaz de conter-se e com a cabeça cheia, dirigiu-se em francês ao príncipe André:

— Que batalha, meu caro! Permita Deus que a próxima tenha um resultado semelhante. Devo reconhecer, porém — disse em palavras entrecortadas —, que fui injusto com os austríacos e sobretudo com Weyrother. Que minúcia! Que exatidão! Que conhecimento do local! Que previsões de todas as possibilidades, de todas as condições, dos mínimos detalhes. Esteja certo que, mesmo se imaginássemos não encontraríamos condições mais favoráveis que as atuais. A exatidão austríaca aliada à coragem russa! O que se pode querer mais?

— Então o ataque está definitivamente resolvido? — perguntou Bolkonski.

— Olhe, meu caro, tenho a impressão de que Bonaparte perdeu, definitivamente, seu latim. Sabe que hoje o imperador recebeu uma carta dele? — perguntou Dolgorukov com um sorriso significativo.

— Ah! Sim! O que dizia?

— O que podia dizer? Tra-lá-lá, tra-lá-lá etc. Conversas para ganhar tempo. Creia que ele está em nossas mãos. Mas o mais divertido — disse subitamente rindo com bonomia — é que ninguém sabia como responder-lhe. Não era mais cônsul, como imperador, naturalmente, não poderia ser tratado. Foi quando lembrei que a dirigissem ao general Bonaparte.

— Contudo, entre não o reconhecer como imperador e chamá-lo general Buonaparte, creio que há uma diferença — interrompeu Bolkonski.

— Pois é isso mesmo — concordou o príncipe Dolgorukov, rindo e falando rapidamente. — Conhece Bilibine, um homem espirituoso. Pois ele propôs dirigir a resposta “ao usurpador e inimigo do gênero humano”.

Dolgorukov riu alegremente.

— Apenas — observou Bolkonski.

— Sim, mas o mesmo Bilibine sugeriu uma solução séria. É um homem muito espirituoso e muito inteligente.

— E o que foi?

— *Au chef du gouvernement français* — disse Dolgorukov com satisfação. — Não está bom?

— Sim, está, mas isso não lhe agradará — objetou o príncipe André.

— Sem dúvida! Meu irmão o conhece; mais de uma vez jantaram juntos em Paris, quando ele ainda não era imperador, e parece que não existe diplomata mais fino nem mais malicioso. Você sabe, a habilidade francesa aliada à cabotinagem italiana. Conhece suas aventuras com o conde Markov? Só ele podia enfrentá-lo. Conhece a história do lenço? É esplêndida. — E o loquaz Dolgorukov, dirigindo-se ora a Boris, ora ao príncipe André, contou como Bonaparte, para testar o embaixador Markov, deixou seu lenço cair propositadamente na sua frente e parou, esperando, provavelmente, que o conde o pegasse. Imediatamente Markov também deixa cair o seu junto do outro e pega-o, deixando o de Bonaparte.

— *Charmant!* — disse Bolkonski.

— Mas acontece que vim até sua casa a fim de fazer-lhe um pedido para este moço. Como sabe...

O príncipe André não pôde terminar; um ajudante de ordens veio chamar Dolgorukov da parte do imperador.

— Que chateação! — exclamou Dolgorukov, levantando-se apressadamente e apertando as mãos do príncipe André e de Boris. — Creia que terei muito prazer em fazer tudo o que depender de mim, tanto por você como por este jovem. — Apertou novamente a mão de Boris com uma expressão jovial, franca e animada. — Mas como vê... temos de deixar para depois.

Boris estava emocionado com essa proximidade, que no momento estava sentindo, do poder supremo. Lá estava em contato com as molas que guiavam os enormes movimentos dessas massas, das quais, no seu regimento, sentia-se uma partícula ínfima e dócil. Seguiram Dolgorukov no corredor e encontraram um homem de pequena estatura, que saía dos aposentos do imperador pela mesma porta em que Dolgorukov entrava. Estava vestido à paisana, tinha um ar inteligente, e seu prognatismo, em vez de enfeá-lo, dava-lhe um aspecto de

vivacidade e esperteza. Cumprimentou familiarmente o general e, com um olhar fixo e frio, encarou o príncipe André, esperando, visivelmente, que este lhe cedesse o caminho e o cumprimentasse. O príncipe André não fez nem uma coisa nem outra; seu rosto tinha uma expressão de cólera, e o outro desviou rente à parede.

— Quem é? — perguntou Boris.

— Um homem notável, mas com quem antipatizo solenemente. É Adam Czartoriski, o Ministro do Exterior. São esses os homens que decidem a sorte dos povos — disse o príncipe André, suspirando, no momento em que deixavam o palácio.

No dia seguinte, as tropas se puseram em marcha, e, antes da batalha de Austerlitz, Boris não encontrou mais Bolkonski nem Dolgorukov e, por isso, continuou, provisoriamente, no regimento Izmailovski.

X

Na madrugada do dia 16, o esquadrão de Denissov, onde Nicolau Rostov servia, integrando o destacamento do príncipe Bagration, deixou seu acampamento para entrar no combate, como diziam. Parara na estrada a uma *versta* de distância de outras colunas. Rostov viu desfilar em frente dele os cossacos, o primeiro e segundo esquadrão de hussardos, os batalhões de infantaria com artilharia. Viu os generais Bagration e Dolgorukov com seus ajudantes de ordens. Todo o medo que sentira outrora sob o fogo inimigo, toda a luta interior para vencê-lo, todos os seus sonhos de hussardo ávido de distinguir-se na refrega foram em vão. Seu esquadrão ficara na reserva e ele passou um dia monótono e aborrecido.

Às nove horas ouviu a fuzilaria e gritos: hurra! Viu feridos (em pequeno número) que eram levados para a retaguarda e viu também uma centena de cossacos conduzindo um destacamento inteiro de cavaleiros franceses. Ao que parecia, tudo estava terminado. O combate fora curto, mas bem-sucedido. Os soldados e oficiais que voltavam falavam da brilhante vitória, da tomada de Vischau, da captura de todo um esquadrão francês. O sol de um radioso dia de outono, depois de uma noite gelada, coincidia com a vitória anunciada, não só pelos que haviam participado da refrega, como também pelo semblante alegre dos soldados, oficiais, generais e ajudantes de ordens que, em todos os sentidos, passavam diante de Rostov. Ele ficou ainda mais pesaroso por ter sentido,

inutilmente, todo o medo que precede as batalhas e passado esse dia alegre na inação.

— ‘ostov, vem cá! Vamos bebe’ à saúde de nosso pesa’! — gritou-lhe Denissov, instalando-se à beira da estrada diante de uma garrafa e alguma comida. Os oficiais o cercavam conversando e comendo.

— Lá trazem mais um! — disse um oficial, mostrando um dragão francês que vinha a pé entre dois cossacos. Um deles puxava pela rédea um grande e belo cavalo francês que devia pertencer ao prisioneiro.

— Vende-me o cavalo! — gritou Denissov ao soldado.

— Como quiser, Excelência...

Os oficiais levantaram-se e rodearam os cossacos e o prisioneiro francês. Era um jovem alsaciano que falava o francês com sotaque alemão. Estava inquieto e, com o rosto vermelho, voltou-se para os oficiais ao ouvir falarem francês, dirigindo-se ora a um, ora a outro. Dizia que não tinha culpa de ter sido feito prisioneiro, que o *caporal* o mandara buscar pelegos e que ele mesmo o prevenira de que os russos já deviam estar lá. A cada palavra acrescentava: “Mas não façam mal ao meu cavalinho.” E acariciava o cavalo. Via-se que ele não compreendia muito bem onde estava. Ora desculpava-se por ter sido feito prisioneiro; ora, imaginando estar diante de autoridades, gabava-se de sua boa conduta como soldado e seu zelo no serviço. Trazia para a nossa retaguarda a atmosfera recente do exército francês completamente desconhecida para nós.

Os soldados venderam o cavalo por duas moedas de ouro, e Rostov, que tinha mais dinheiro que os outros oficiais, o comprou.

— Mas não façam mal ao meu cavalinho — disse ingenuamente o alsaciano a Rostov quando o cavalo lhe foi entregue.

Sorrindo, Nicolau tranquilizou o dragão e deu-lhe um dinheiro.

— Vamos, vamos — disse um cossaco, empurrando o prisioneiro com a mão.

— O imperador, o imperador! — ouviram gritar de repente.

Todos correram apressadamente, e Rostov viu alguns cavaleiros de penacho branco que se aproximavam. Num abrir e fechar de olhos, todos estavam em seus postos, esperando.

Rostov nem ficou sabendo como correu até seu lugar e montou no cavalo. O pesar de não ter participado da batalha, o mau humor de estar sempre com as

mesmas caras e todo pensamento egoísta desapareceram como por encanto. Estava completamente absorvido pela alegria que lhe causava a presença do imperador. Só essa presença o recompensava de todas as contrariedades do dia. Sentia-se feliz como o amante que consegue o encontro desejado. Sem ousar virar-se na fileira, sentia a aproximação dele por um instinto apaixonado e não pelo ruído dos cascos dos cavalos que se aproximavam; ele a sentia, porque tudo em torno de si se tornava mais claro, mais alegre, mais importante e mais solene. À medida que o sol subia espalhando seus raios suaves de luz, Nicolau sentia-se envolvido por esses raios e ouvia sua voz, aquela voz quente, calma, majestosa e límpida. Quebrando o silêncio de morte que se formara, a voz do imperador se fez ouvir.

— *Les huzards de Pavlograd?* — perguntou.

— *La réserve, sire* — respondeu uma voz qualquer, muito humana, depois dessa voz sobre-humana que dissera “*Les huzards de Pavlograd?*”.

O imperador parou perto de Rostov. O semblante de Alexandre ainda estava mais belo que durante a revista, três dias antes. Tinha um tal brilho de alegria e de mocidade inocente que lembrava a alegria radiante de uma criança de quatorze anos e, ao mesmo tempo, o resplendor do grande soberano. Percorrendo o olhar pelo esquadrão, por um momento, os olhos do imperador encontraram os de Rostov.

Tivesse compreendido ou não o que se passava na alma do jovem hussardo (Rostov acreditou que ele compreendera tudo porque sentiu passar sobre ele um doce brilho), o certo é que o tsar, durante dois segundos, o fitou ternamente com seus olhos azuis.

Em seguida, levantando as sobrancelhas, num movimento brusco, instigou o cavalo com o pé esquerdo e partiu a galope. Alexandre não queria furtar-se ao prazer de assistir ao combate, portanto, ao meio-dia, apesar das observações contrárias dos cortesãos, deixou a terceira coluna em direção à vanguarda, e quando estava para alcançar os hussardos, alguns ajudantes de ordens lhe trouxeram a notícia do feliz resultado da ofensiva.

O combate, que não passava da captura de um esquadrão francês, foi apresentado como uma brilhante vitória sobre Napoleão. Esse foi o motivo que fez com que, antes de dissipada a fumaça da pólvora, o imperador e todo o

exército acreditassem na derrota dos franceses. Alguns minutos depois da chegada do tsar, a divisão dos hussardos de Pavlograd foi mandada para a linha de frente. Em Vischau, pequena aldeia alemã, Rostov viu o imperador ainda uma vez. Antes da chegada do tsar, a praça da aldeia fora palco de um embate bastante forte, e lá ainda se encontravam alguns soldados mortos e outros feridos que não houvera tempo de remover.

Cercado por suas comitivas civil e militar, montando uma égua alazã, um pouco inclinado para o lado, numa atitude graciosa, o imperador olhava através do lornhão de ouro um soldado estendido, sem quepe e com a cabeça ensanguentada. O ferido estava tão sujo, tão descomposto, tão feio que Rostov sentiu-se chocado de vê-lo ao lado do imperador. Ele percebeu que Alexandre sentia um arrepio como se estivesse com frio e esporeava nervosamente com o pé esquerdo o animal, que, habituado àquelas cenas, olhava imóvel e com indiferença. O ajudante de ordens apeou e colocou o ferido numa padiola.

O soldado gemia.

— Mais devagar! Mais devagar! Não será possível fazer isso mais devagar? — perguntou o imperador, como se estivesse sofrendo mais que o agonizante; e afastou-se.

Rostov também viu marejarem-se de lágrimas os olhos do tsar e ouviu quando ele disse em francês a Czartoriski:

— Que coisa horrível é a guerra!

As tropas de vanguarda se alinhavam diante de Vischau, em frente do inimigo, que cedia suas posições após pequenos combates. Os agradecimentos do soberano foram transmitidos à vanguarda: condecorações foram prometidas e os soldados receberiam uma cota dupla de aguardente. Ainda mais alegremente que na véspera, as fogueiras brilhavam e ressoavam as canções dos soldados.

Denissov festejava nessa noite sua promoção a major, e Rostov, que já bebera muito, ergueu um brinde à saúde do imperador: “Não ao imperador soberano, como se costuma dizer nos banquetes oficiais, mas à saúde do imperador como homem bom, encantador e grande. Bebamos à sua saúde e à de sua vitória certa sobre os franceses!”

— Se antes já combatemos — disse ele —, se não cedemos aos franceses em Schoengraben, quanto menos agora que o imperador está conosco! Morreremos

com prazer, todos nós morreremos por ele! Não é verdade, senhores? Talvez não me exprima muito claramente, bebi muito, mas sinto isso e os senhores também o sentem. À saúde de Alexandre I, hurra!

— Hurra! — repetiram as vozes animadas dos oficiais.

E com a mesma animação de Rostov, rapaz de vinte anos, gritou Kirsten, o velho comandante de companhia.

Depois de os oficiais beberem e quebrarem seus copos, Kirsten encheu outros e, em mangas de camisa, com um copo na mão, aproximou-se das fogueiras dos soldados e, numa pose majestosa, a mão erguida, os bigodes longos e grisalhos e o peito branco que aparecia através da camisa entreaberta, parou sob a luz das labaredas.

— Meus filhos! À saúde do imperador! À vitória sobre os nossos inimigos! Hurra! — gritou o velho hussardo com sua voz forte de barítono.

Os soldados ajuntaram-se e responderam com grandes gritos.

Tarde da noite, depois de todos terem se separado, Denissov bateu no ombro de Rostov, seu favorito.

— Eis como são as coisas, como não tem po' quem apaixona'-se em campanha, apaixonou-se pelo impe'ado'!

— Denissov, não brinca com esse assunto! — exclamou Rostov. — É um sentimento tão grande, tão nobre...

— Ac'edito, meu jovem amigo. Eu também sinto o mesmo e ap'ovo...

— Não, tu não compreendes! — E Rostov levantou-se, começando a passear entre as fogueiras, sonhando com a felicidade de morrer não para salvar a vida do tsar (nem ousava pensar nisso), mas simplesmente para morrer sob seus olhos.

Na verdade, estava apaixonado pelo imperador, pela glória das armas russas e pela esperança do triunfo futuro.

Não era o único que pensava assim nesse dia memorável que antecedeu a batalha de Austerlitz. Nove décimos dos soldados e dos oficiais, apesar de menos entusiastas, também estavam apaixonados pelo imperador e pela glória das armas russas.

No dia seguinte o imperador ficou em Vischau. Villiers, o primeiro médico, foi chamado várias vezes para o atender. No quartel-general e entre as tropas mais próximas, espalhou-se a notícia de que o imperador estava indisposto. Dormira mal e não se alimentava, diziam os mais íntimos. Essa indisposição era devida à forte impressão sua alma sensível que sofrera à vista dos mortos e feridos.

Ao amanhecer do dia 17, um oficial francês, protegido pela bandeira parlamentar, chegava a Vischau pedindo uma audiência com o imperador da Rússia. Esse oficial era Savary. O tsar acabava de adormecer e Savary teve de esperar. Ao meio-dia foi recebido, e uma hora depois voltava para a vanguarda francesa acompanhado pelo príncipe Dolgorukov.

Diziam que Savary viera propor um encontro entre Napoleão e o imperador Alexandre. E para grande alegria e orgulho do exército, esse encontro fora recusado. Em lugar do imperador, era o príncipe Dolgorukov, o vencedor de Vischau, que acompanhava Savary, a fim de se ter com Napoleão e saber se essa conversa, contra toda a expectativa, tinha como finalidade um verdadeiro desejo de paz.

Voltando à noite, Dolgorukov procurou imediatamente o imperador, com quem teve uma longa conversa sem testemunhas.

Nos dias 18 e 19 de novembro, as tropas ainda fizeram duas marchas e, depois de um ligeiro embate, o inimigo se retirou mais uma vez. Nos círculos superiores do exército produziu-se uma agitação que durou desde o meio-dia de 19 até o dia 20 pela manhã, data da memorável batalha de Austerlitz. No dia 19, até o meio-dia, os movimentos e as conversações, as idas e vindas de ajudantes de ordens limitavam-se ao quartel-general dos imperadores; à tarde do mesmo dia esse movimento transmitiu-se ao quartel-general de Kutuzov e aos estados-maiores dos comandantes de colunas. À noite, com as ordens transmitidas pelos ajudantes de ordens, esse movimento alastrou-se por todo o exército, e na noite de 19 para 20, como uma massa imensa de oitenta mil homens do exército aliado se ergueu, se agitou e se pôs em marcha, estendendo-se por dez *verstas*.

O movimento concentrado, que começara pela manhã no quartel-general dos imperadores e que pusera tudo em agitação, podia ser comparado ao primeiro movimento da roda central do grande relógio de uma torre. Lentamente, uma roda se move, depois uma segunda, uma terceira, e finalmente todas começam a mover-se cada vez mais rapidamente; as roldanas e os eixos rangem, retine a

campanha, figuras se levantam e lentamente as agulhas começam a mover-se de modo ritmado, indicando o resultado desse movimento.

Como no mecanismo do relógio, no mecanismo militar o movimento uma vez iniciado só pode parar depois de ter completado o ciclo. Enquanto o impulso não se lhes comunica, as partes do mecanismo que ainda não entraram em ação permanecem imóveis. Os dentes das rodas se engrenam, as roldanas giram rapidamente, mas a roda vizinha continua imóvel, dando a impressão de que continuará assim ainda por várias centenas de anos. Mas, em dado momento, um dente a engata e, obedecendo a esse movimento, a roda gira, range e se confunde numa ação cuja finalidade e resultado ela não alcança.

Da mesma forma que no relógio o resultado do movimento complicado de inúmeras rodas e roldanas não passa de um deslocamento compassado e vagaroso do ponteiro que indica o tempo, o resultado de todos os movimentos complicados desses cento e sessenta mil russos e franceses, de todas as paixões, todos os desejos, arrependimentos, humilhações, impulsos orgulhosos, de medo e de entusiasmo desses homens, era apenas a derrota de Austerlitz, chamada a batalha dos três imperadores, isto é, o movimento lento do ponteiro da história universal no quadrante da história da humanidade.

Nesse dia o príncipe André estava de serviço e não havia deixado o general em chefe.

Às seis horas da tarde, Kutuzov chegara ao quartel-general dos imperadores e, depois de uma rápida conversa com o tsar, procurou o conde Tolstói, grande marechal da corte.

Bolkonski aproveitou esse momento para pedir a Dolgorukov alguns detalhes sobre a situação. O príncipe André sentia que Kutuzov estava perturbado e contrariado e que no quartel-general estavam descontentes com ele, que todos os homens ligados aos imperadores o tratavam como se soubessem alguma coisa ignorada pelos demais. Por esse motivo o príncipe André desejava falar com Dolgorukov.

— Boa tarde, meu caro — saudou-o Dolgorukov, que estava tomando chá com Bilibine. — Amanhã é o grande dia. E como vai o velho? Não está de muito bom humor, não é?

— Não digo que esteja de mau humor, mas parece-me que ele gostaria de ser ouvido.

— Mas ele foi ouvido no Conselho e sempre será ouvido quando falar com sensatez. Mas retardar o ataque e esperar algum acontecimento, principalmente agora que Bonaparte receia acima de tudo uma batalha decisiva, é impossível.

— Mas esteve com Bonaparte? Que impressão teve dele?

— Sim, vi-o e creio que não há nada no mundo que ele tema tanto no momento como uma batalha geral — repetiu Dolgorukov, dando uma grande importância à conclusão que tirara de seu encontro com Bonaparte. — Se não receasse a batalha, por que teria pedido esse encontro, por que teria sugerido uma conversa e, principalmente, por que teria recuado, quando a retirada é tão contrária à sua tática de guerra? Pode acreditar, ele teme a batalha geral. Sua hora chegou. Estou lhe dizendo.

— Mas conte-me como é ele — insistiu o príncipe André.

— Ele! Um homem de fraque cinza que gostaria muito que eu o tratasse de majestade e que, para grande pesar seu, não recebeu de mim nenhum título. Eis como é o homem, nada mais — respondeu Dolgorukov sorrindo para Bilibine.

— Apesar de meu profundo respeito pelo velho Kutuzov — continuou —, seríamos demasiadamente tolerantes se lhe déssemos oportunidade para fugir e enganar-nos quando o temos em nossas mãos. Não se deve esquecer a regra de Suvorov: nunca colocar-se na posição de atacado, mas atacar sempre. Esteja certo de que na guerra a energia dos jovens, muitas vezes, é um melhor guia que a experiência dos velhos táticos.

— Mas como atacaremos? Estive hoje na vanguarda e ninguém soube dizer-me onde se encontram suas forças principais! — disse o príncipe André.

Ele estava desejoso de expor a Dolgorukov o plano de ataque que imaginara.

— Ora, isso para mim é indiferente! — disse Dolgorukov rapidamente, levantando-se e desdobrando um mapa sobre a mesa. — Todos os casos estão previstos: se estiver perto de Brünn...

E o príncipe Dolgorukov expunha muito depressa, mas com pouca clareza, o movimento de flanco de Weyrother.

O príncipe André levantou objeções e expôs seu plano, que podia ser tão bom como o plano de Weyrother, mas que pecava pelo fato de o outro já estar

aprovado.

Assim que o príncipe André começou a demonstrar os inconvenientes do plano de Weyrother e as vantagens do seu, o príncipe Dolgorukov deixou de ouvi-lo e passou a fitá-lo distraidamente.

— Hoje o Conselho Superior da Guerra se reunirá no quartel-general de Kutuzov, e você poderá expor tudo isso.

— É o que farei — replicou o príncipe André, afastando-se do mapa.

— Mas sobre o que discutem os senhores? — perguntou Bilibine, que ouvira sorrindo toda a conversa e se dispunha a caçar. — A glória do exército russo está assegurada, tanto se o dia de amanhã nos trazer a derrota quanto a vitória. Salvo Kutuzov, não existe um único russo entre os chefes de divisão. Os chefes são: *Herr général Wimpfen, le comte de Langeron, le prince de Lichtenstein, le prince de Hohenlohe et enfin Prisch... Prisch...* como todos os nomes poloneses.

— Cala-te, má-língua! — interrompeu Dolgorukov. — Não é verdade, agora já temos dois russos: Miloradovitch e Dokhturov, e teríamos um terceiro, o conde Araktcheiev, se ele não estivesse doente dos nervos.

— Creio que Mikhail Ilarionovitch já saiu — disse o príncipe André. — Desejo-lhes felicidades e boa sorte, senhores.

E retirou-se depois de apertar a mão de Dolgorukov e Bilibine.

Na volta o príncipe André não pôde deixar de perguntar a Kutuzov, sentado silenciosamente a seu lado, o que pensava sobre a batalha do dia seguinte.

Kutuzov olhou com ar sério o seu ajudante de ordens e, depois de um curto silêncio, respondeu:

— Penso que perderemos a batalha, já o disse ao conde Tolstói e pedi-lhe que transmitisse minha opinião ao imperador. Sabes o que ele respondeu? “Meu caro general, eu só cuido de arroz e de costeletas, cuide o senhor da guerra.” Sim, foi isso que ele me respondeu.

XII

Às dez horas da noite, Weyrother chegou com seus planos ao acantonamento de Kutuzov, onde se reuniria o Conselho Superior da Guerra. Todos os chefes de coluna, salvo o príncipe Bagration, que se recusara a ir, estavam reunidos na casa do general em chefe, na hora marcada. Weyrother, que havia organizado a futura batalha, com sua animação e afobação, contrastava flagrantemente com Kutuzov, descontente e sonolento,

que, a contragosto, desempenhava as funções de presidente e diretor do Conselho. Via-se que Weyrother se considerava a cabeça de um movimento que não poderia mais ser interrompido. Era como um cavalo atrelado a uma carroça correndo ladeira abaixo. Seria ele que puxava ou estaria sendo puxado? Ele próprio ignorava, ia a toda a velocidade e já sem tempo para refletir aonde o levaria esse movimento. Nessa mesma noite, por duas vezes, inspecionara pessoalmente as linhas inimigas e, por duas vezes, estivera com os imperadores relatando e explicando as disposições que ditara em alemão no seu gabinete. Completamente esgotado, chegou ao alojamento de Kutuzov.

Estava tão evidentemente preocupado que chegava a esquecer-se de tratar o general em chefe com o respeito que lhe era devido. Interrompia-o, falava rapidamente, com pouca clareza, sem olhar seu interlocutor, sem responder às perguntas que lhe faziam. Todo sujo de lama, tinha um aspecto miserável, atormentado, cansado e ao mesmo tempo senhor de si e orgulhoso.

Kutuzov estava num pequeno castelo perto de Austerlitz. Na grande sala transformada em gabinete do general em chefe, se achavam Kutuzov, Weyrother e os membros do Conselho Superior da Guerra. Tomavam chá. Esperavam o príncipe Bagration para abrir a sessão.

Pouco depois, o príncipe André entrava na sala para informar o general em chefe que o príncipe Bagration mandara dizer que não poderia comparecer à reunião; e, aproveitando a permissão que lhe dera Kutuzov, permaneceu na sala.

— Já que o príncipe Bagration não vem, podemos começar — disse Weyrother, levantando-se apressadamente e aproximando-se da mesa onde estava aberto um grande mapa dos arredores de Brünn.

Com a túnica desabotoada, deixando aparecer o pescoço gordo, Kutuzov estava sentado numa poltrona, quase dormindo, com as mãos gordas de velho simetricamente apoiadas nos braços da cadeira. Ao ouvir a voz de Weyrother fez um esforço para abrir seu único olho.

— Sim, sim, por favor, já é tarde — concordou, sacudindo a cabeça e fechando novamente o olho.

Se a princípio os membros do Conselho pudessem pensar que Kutuzov fingia dormir, agora os sons que seu nariz emitia durante a leitura que se seguiu provavam que, para o general em chefe, se tratava de uma coisa: bem mais importante que demonstrar desprezo por quem ou o que quer que fosse era a satisfação do sono, a invencível necessidade humana. E, com efeito, dormia. Como homem muito ocupado para perder um momento sequer, lançando um

olhar sobre Kutuzov e convencendo-se de que ele dormia, Weyrother começou a ler em voz alta e monótona as disposições para a futura batalha, sob o título, que também leu:

“Disposições das tropas para o ataque às posições inimigas atrás de Kobelnitz e Sokolnitz, no dia 20 de novembro de 1805.”

A disposição era muito difícil e complicada. Estava assim redigida:

“Já que o inimigo apoia seu flanco esquerdo nos matos das montanhas e seu flanco direito se estende ao longo de Kobelnitz e de Sokolnitz, atrás dos lagos lá situados, e que nós, ao contrário, com nosso flanco esquerdo ultrapassamos muito seu flanco direito, nos será vantajoso atacar esse flanco direito inimigo, sobretudo se ocuparmos as aldeias de Sokolnitz e Kobelnitz, o que nos dará a possibilidade de atacar o inimigo de flanco e o encurralar na planície entre Schalapanitz e a floresta de Thurass, evitando o desfiladeiro entre Schalapanitz e Bielovitz, que cobre a primeira linha inimiga. Para atingir esse resultado é necessário... a primeira coluna marcha... a segunda coluna marcha... a terceira coluna marcha...” etc., lia Weyrother. Os generais davam a impressão de ouvir com aborrecimento essa disposição complicada. O general Buxhevden, louro, alto, estava em pé, encostado na parede e os olhos fixos nas velas acesas, parecia não estar ouvindo e querer demonstrar isso mesmo. Bem em face de Weyrother e fitando-o com seus olhos brilhantes, grandes, abertos, o corado Miloradovitch estava sentado numa pose marcial, com os bigodes e os ombros levantados, apoiando os cotovelos nos joelhos. Olhava Weyrother num silêncio obstinado e só despregou-lhe os olhos quando o chefe do Estado-Maior austríaco calou-se. Nessa ocasião olhou os outros generais com um ar importante. Mas a expressão desse olhar não permitia concluir se ele aprovava ou não as disposições, se estava ou não satisfeito. O conde Langeron era o que estava mais próximo de Weyrother. Com um sorriso sutil de meridional francês, que nunca o abandonava, contemplava seus dedos finos, que faziam girar uma tabaqueira de ouro. Durante um dos períodos mais longos, deixou de fazer girar sua tabaqueira, levantou a cabeça e, numa polidez desagradável, interrompeu Weyrother para dizer qualquer coisa. Mas o general austríaco, sem interromper a leitura, franziu a testa e fez um movimento de cotovelos como se quisesse dizer:

“Depois, depois poderá fazer seus comentários, agora queira olhar o mapa e ouvir.”

Admirado, Langeron levantou os olhos, voltou-se para Miloradovitch como para obter uma explicação, mas, notando a expressão importante que nada significava, baixou tristemente os olhos fazendo sua tabaqueira girar novamente.

— Uma lição de geografia — disse à parte, mas em tom bastante alto para que ouvissem.

Prjebichewsky, com polidez respeitosa e digna, levou a mão em concha ao ouvido, na direção de Weyrother, com o ar de um homem profundamente atento. O pequeno Dokhturov, sentado em frente a Weyrother, atenta e modestamente inclinado sobre o mapa, estudava com vontade a disposição das tropas naquela região desconhecida. Várias vezes pediu a Weyrother que repetisse as palavras que ele não compreendera bem, como também os nomes difíceis das aldeias. Weyrother o satisfazia e ele tomava notas.

Terminada a leitura, que durou mais de uma hora, Langeron, cessando de brincar com a tabaqueira e sem olhar Weyrother nem qualquer um dos presentes em particular, começou a dizer como seria difícil executar tal plano, que supunha conhecida a posição do inimigo, quando essa posição podia ser completamente outra, já que o mesmo estava em movimento. As observações de Langeron tinham fundamento, mas via-se que sua finalidade principal era dar a entender a Weyrother que lera sua disposição com a segurança de quem se dirigia a estudantes, que não estava tratando com idiotas, mas com homens que lhe podiam dar lições em assuntos militares. Quando o som monótono da voz de Weyrother cessou, Kutuzov abriu os olhos como um moleiro que se acorda com a interrupção do ruído atormentador das rodas do moinho. Ouviu o que Langeron dizia e parecia pensar: “Ah! Vocês ainda estão com as mesmas bobagens!” E fechou apressadamente os olhos, baixando ainda mais a cabeça.

Procurando ferir ainda mais Weyrother no seu amor-próprio de autor militar, Langeron provava que Bonaparte poderia facilmente atacar em lugar de ser atacado, o que inutilizaria todas as disposições tomadas. A todas essas objeções, Weyrother respondia com um sorriso firme e desdenhoso, evidentemente preparado para todas as objeções, quaisquer que fossem.

— Se ele pudesse atacar-nos, teria feito hoje — retorquiu.

— Então imagina que ele não disponha de força suficiente? — perguntou Langeron.

— Tem no máximo quarenta mil homens — respondeu Weyrother com o sorriso superior do médico a quem uma camponesa quer prescrever um remédio.

— Nesse caso, está cavando sua própria ruína se espera nosso ataque — disse Langeron ironicamente, voltando-se para Miloradovitch a fim de obter apoio. Mas era claro que nesse momento Miloradovitch não estava pensando no que os generais discutiam.

— Enfim — disse ele —, amanhã veremos tudo isso no campo de batalha.

Weyrother sorriu novamente com aquele sorriso que parecia dizer que ele achava estranho e ridículo que generais russos tivessem objeções a fazer e ter de provar aquilo de que ele e os dois imperadores tinham absoluta certeza.

— O inimigo apagou as fogueiras e um ruído ininterrupto se fez ouvir de seu acampamento. O que significa isso? Ou está procurando fugir, e é a única coisa que devemos temer, ou está mudando de posição (sorriu). Mas, mesmo que ele ocupasse Thurass, conseguiria apenas poupar-nos muito trabalho, e todas as disposições, em seus menores detalhes, continuariam as mesmas.

— Como assim? — perguntou o príncipe André, que há muito esperava uma oportunidade para exprimir suas dúvidas.

Kutuzov acordou, tossiu e olhou os generais.

— Senhores, o plano traçado não pode ser mudado amanhã, e nem mesmo hoje (porque já passa da meia-noite). Todos ouviram sua leitura e estou certo de que nenhum faltará a seu dever. E, antes da batalha, o mais importante... (calou-se um momento) é dormir bem.

Kutuzov fez um movimento como quem ia levantar-se; os generais despediram-se. Já passava da meia-noite. O príncipe André saiu.

* * *

O Conselho Superior de Guerra, perante o qual o príncipe André não conseguira expor seu plano como esperava, deixara-lhe uma impressão vaga e confusa. Quem teria razão, Dolgorukov e Weyrother ou Kutuzov, Langeron e os que não aprovavam o plano de ataque?

Ignorava. “Mas seria possível que Kutuzov não tivesse conseguido expor diretamente ao imperador seu ponto de vista! Não haverá outra forma de proceder? Por causa de considerações pessoais de cortesãos devem-se arriscar milhares de vidas, inclusive a minha?”, pensava.

“Sim, é possível que me matem amanhã.” E, subitamente, lembrando-se da morte, veio-lhe à mente uma série das mais longínquas e mais íntimas recordações. Lembrava-se do momento em que se despedira do pai e da mulher, dos primeiros tempos de seu amor por ela. Lembrou-se da gravidez de Lisa e emocionou-se. Nervoso, saiu da cabana onde se alojava com Nesvitzki e começou a andar na frente da casa.

A noite estava sombria e, através da cerração, o luar insinuava-se misteriosamente. “Sim, amanhã, amanhã”, pensava, “amanhã talvez esteja tudo acabado para mim; talvez todas essas lembranças tenham desaparecido ou não tenham mais o menor sentido, e tenho o pressentimento de que amanhã, pela primeira vez, poderei mostrar de que sou capaz”.

Imaginava a batalha, a derrota, a concentração do embate num único ponto, o embaraço de todos os chefes. E aí, esse momento feliz, aquela Toulon que esperava há tanto tempo e que afinal se apresenta. Exprime enérgica e claramente sua opinião a Kutuzov, a Weyrother, aos imperadores, todos ficam impressionados pela exatidão de suas considerações, mas ninguém quer assumir a responsabilidade. Então, apodera-se de um regimento, de uma divisão, certifica-se de que ninguém se envolverá em suas disposições, conduz a divisão ao ponto decisivo e, sozinho, consegue derrotar o inimigo. “E a morte e os sofrimentos?”, diz uma outra voz. Mas o príncipe André não lhe dá resposta e continua seus sucessos.

A batalha seguinte é elaborada unicamente por ele. Oficialmente, continua junto de Kutuzov, mas é ele quem faz tudo. Ainda sozinho, vence a nova batalha e é nomeado para substituir Kutuzov... “E depois?”, diz novamente uma voz. “E isso se antes de realizares teus planos não fores ferido dez vezes, morto, se não te enganarem; e então?” “Depois”, responde o príncipe André, “não sei, depois não quero e não posso saber. Mas tenho culpa se desejo isso, se quero a glória, se quero que todos os homens me conheçam, que me estimem, se vivo apenas para isso? Sim, apenas para isso! Nunca confessarei a ninguém, mas, meu Deus, o

que fazer se quero unicamente a glória e o amor dos homens. A morte, os ferimentos, a perda da família, nada me assusta. Por mais caros que me sejam meu pai, minha irmã, minha mulher e todos que mais estimo, e por mais terrível e antinatural que isso possa parecer, daria tudo isso por um momento de glória, de triunfo, pelo amor dos homens que não conheço, que não conhecerei nunca”, pensou, ouvindo vozes no pátio de Kutuzov.

No pátio de Kutuzov os criados se preparavam para dormir. Uma voz, provavelmente de um cocheiro, mexia com o velho cozinheiro de Kutuzov, chamado Tito, que o príncipe André conhecia, dizendo: “Tito! Eh, Tito!”

— Hein?

— Tito, vai coçar tuas pulgas — respondeu o que caçoava.

— Vai para o inferno! — exclamou o outro com uma voz abafada pelo riso dos criados.

“E apesar de tudo, só faço questão do triunfo, só quero a glória diante de todos eles, e esta força misteriosa que me invade, aqui mesmo, no meio deste nevoeiro!”

XIII

Rostov passou essa noite com seu pelotão nos postos avançados do destacamento de Bagration. Os hussardos estavam dispersos aos pares, ele mesmo percorria sua linha, procurando resistir ao sono invencível que o dominava.

Na retaguarda, via-se um grande espaço coberto pelas fogueiras de nosso exército, que cortavam a cerração. Na frente, a escuridão e a densa cerração.

Por mais que se esforçasse, Rostov nada via. Ao longe, onde devia estar o inimigo, parecia-lhe ver, de quando em quando, ora uma luz tênue, ora qualquer coisa preta, ora fogueiras. Fechava os olhos e, em imaginação, via o imperador, Denissov, Moscou. Quando os abria, tinha novamente diante de si as orelhas de seu cavalo, as figuras negras dos hussardos e, a distância, a mesma obscuridade, a mesma cerração. “E por que não? É muito possível”, pensava, “que o imperador me encontre e, dando uma ordem, como a qualquer oficial, me diga: ‘Faz um reconhecimento em tal ponto.’ Se é verdade, como dizem, que tudo se

faz por acaso: ele vê tal ou tal oficial e o requisita para seu serviço e dele se aproxima...”.

“Ah! E estando perto como cuidaria dele, dir-lhe-ia toda a verdade, denunciaria os hipócritas.” A fim de tornar mais evidente, aos próprios olhos, seu amor pelo tsar, imaginava o inimigo ou algum alemão traidor que ele não só mataria com prazer, mas também esbofetearia na presença de Alexandre. Subitamente, um grito longínquo o despertou. Estremeceu e abriu os olhos.

“Onde estou? Ah, sim, na linha de frente; a senha: timão, Olmütz. Que lástima que o nosso esquadrão esteja de reserva amanhã... Pedirei que me mandem para a frente. Talvez seja a única ocasião de ver o tsar. A alvorada não deve tardar. Vou dar mais uma volta e depois irei procurar o general.” Fez seu cavalo andar novamente para ver mais uma vez seus hussardos. Parecia-lhe que estava mais claro. À esquerda, uma rampa suave estava iluminada, e em frente havia uma elevação que dava a impressão de um muro. Sobre essa elevação via-se uma mancha branca que Rostov não conseguia explicar. Seria uma clareira na floresta iluminada pela lua, ou neve que ainda não derreteria, ou ainda algumas casas brancas? Parecia-lhe que alguma coisa se movia nessa mancha branca. “Com certeza é a neve, essa mancha... *une tache*”, pensava Rostov. “Não, não é *une tache*. Natachka, minha irmã, os olhos negros, Natachka (como ficará admirada quando lhe disser que vi o imperador! Natachka, Natachka...”

— Um pouco para a direita, senhor, aí tem uns arbustos — disse a voz de um hussardo por quem Rostov passava semiadormecido.

Levantou a cabeça, que estava quase encostando nas crinas do animal, e parou perto do soldado. O sono infantil o invadia irresistivelmente. “Sim, no que estava pensando mesmo, para não esquecer?... Como falarei ao imperador? Não, não é isso. É amanhã. Sim, sim, Natachka. Quem? Os hussardos. Os hussardos, os bigodes. Esse hussardo de bigodes passou pela rua Tverskaia, ainda pensei nele diante da casa de Guriev. O velho Guriev... Ah! Bom rapaz esse Denissov!... Tudo é besteira. Agora, o principal é que o imperador está aqui. Quando ele me olhou, queria dizer alguma coisa, mas não ousou... Não, fui eu que não ousei. Sim, é uma bobagem. Sim, mas o principal é não esquecer no que pensei. Sim, Natachka, Sim, sim, sim. Está bem.” E mais uma vez a cabeça pendia sobre o pescoço do cavalo. Pareceu-lhe, de repente, que alguém atirara

sobre ele. “Hein! Quem está atirando?”, perguntou num sobressalto. No momento em que abria os olhos ouviu milhares de vozes vindo do inimigo em gritos prolongados. Tanto o seu cavalo como o do hussardo que ia a seu lado ergueram as orelhas. Lá, de onde vinham os gritos, chamas acendiam-se e apagavam-se, e em toda a linha francesa, sobre a colina, acendiam-se fogueiras, e os gritos aumentavam cada vez mais. Rostov chegava a ouvir o som de palavras francesas, mas não conseguia compreendê-las. Era grande demais a vozeria. Só se ouvia *Raaaaaa! Rrrrrrrrr!*

— O que será? Qual é tua opinião? — perguntou Rostov ao hussardo que se achava a seu lado. — Isso é no campo inimigo?

O hussardo não respondeu.

— E então, não estás ouvindo? — insistiu Rostov, esperando inutilmente alguma explicação.

— Como se pode saber, senhor! — respondeu de má vontade o hussardo.

— Pela direção, deve ser o inimigo — repetiu Rostov.

— Talvez sim, talvez não — disse o hussardo. — Acontece tanta coisa durante a noite. Eh! — gritou com o cavalo que se impacientava.

O cavalo de Rostov também estava se impacientando, batia os cascos no solo gelado, ouvindo os sons e olhando as fogueiras. Os gritos aumentavam cada vez mais, confundindo-se num clamor geral, que só um exército de milhares de homens podia produzir. As luzes se acendiam cada vez mais, provavelmente sobre todo o campo inimigo. Rostov já não tinha sono. Os gritos alegres, triunfantes do exército inimigo o excitavam: *Vive l’Empereur! l’Empereur!*, ouvia Rostov agora.

— Isso não pode ser muito longe; talvez do outro lado do riacho — disse ao hussardo.

Sem responder, contrariado, o hussardo limitou-se a suspirar e tossir. Da direção dos hussardos ouvia-se o trote de cavalos e, logo em seguida, na cerração, dando a impressão de um enorme elefante, surgiu um suboficial dos hussardos.

— Senhor, os generais! — disse o suboficial, aproximando-se de Rostov. Rostov, continuando a olhar em direção às luzes e aos gritos, partiu com o suboficial ao encontro de alguns cavaleiros que se aproximavam. Um montava

um cavalo branco. O príncipe Bagration e o príncipe Dolgorukov, acompanhados pelos ajudantes de ordens, vinham observar o estranho fenômeno desses gritos e luzes do exército inimigo. Rostov aproximou-se de Bagration, comunicou-lhe o que vira e, juntando-se aos ajudantes de ordens, prestou atenção ao que os generais diziam.

— Creia, isso não passa de um ardil! — dizia Dolgorukov a Bagration. — Estão se retirando e mandaram que a retaguarda fizesse esse barulho e acendesse fogueiras a fim de enganar-nos.

— Acho que não — disse Bagration. — Hoje à noite vi-os na colina. Se estivessem recuando, deveriam ter saído de lá. Senhor oficial, as patrulhas de reconhecimento continuam nos seus postos? — perguntou a Rostov.

— Ao cair da noite ainda estavam, agora não sei, Excelência. Se ordenar, irei com alguns hussardos.

Bagration parou e, sem responder, procurou distinguir a fisionomia de Rostov através da cerração.

— Está bem! Vá — disse depois de um curto silêncio.

— Sim, Excelência.

Rostov esporeou o cavalo, chamou o suboficial Fedtchenko e dois hussardos, ordenou-lhes que o seguissem e desceu a trote a colina, na direção dos gritos. Sentindo um arrepio agradável e acompanhado apenas por três hussardos, embrenhou-se na escuridão cheia de mistérios e perigos, aonde ainda ninguém havia ido antes dele. Da colina, Bagration gritou-lhe para que não fosse além do riacho, mas Rostov fingiu não ouvir e, sem parar, ia cada vez mais longe, enganando-se constantemente: confundindo arbustos com árvores, barrancos com homens, e justificando sempre seus enganos. No pé da colina, já não podia ver as luzes do inimigo nem as nossas, mas ouvia cada vez mais distintamente os gritos dos franceses. Ao chegar embaixo, notou qualquer coisa que lhe pareceu o rio, mas, ao aproximar-se mais, reconheceu a estrada. Alcançando a estrada, indeciso, conteve o cavalo: deveria seguir pela estrada ou continuar através dos campos escuros na direção da colina oposta? Pela estrada, onde a cerração era menos densa, seria menos perigoso, pois poderia distinguir vultos a maior distância.

— Sigam-me — gritou. Atravessou a estrada na direção da colina, onde, à tarde, vira um piquete inimigo.

— Senhor! Atenção! — exclamou atrás dele um hussardo, e Rostov ainda não havia percebido qualquer coisa escura na cerração quando uma chama brilhou e uma bala sibilou na bruma.

Uma segunda chama, e o tiro ficou preso. Rostov voltou a galope. A intervalos, mais quatro tiros se fizeram ouvir e, assobiando, cortaram a bruma em diapasões diferentes. Rostov conteve o cavalo, tão excitado quanto ele pelos tiros, e seguiu a passo. “Está bem, mais, mais, mais!”, dizia-lhe dentro da alma uma voz alegre.

Os tiros haviam cessado. Só galopou novamente ao aproximar-se de Bagration e o abordou prestando continência.

Dolgorukov continuava teimando que os franceses recuavam e que haviam feito as fogueiras para enganar-nos.

— Isso não prova nada — dizia, enquanto Rostov se aproximava. — Poderiam muito bem ter recuado deixando o piquete.

— Evidentemente deixaram gente, príncipe. Amanhã de manhã saberemos tudo — disse Bagration.

— Excelência, o piquete continua na colina, no mesmo lugar em que se achava esta tarde — comunicou Rostov, inclinando e levando a mão à viseira. Não conseguia esconder um sorriso alegre, provocado pela corrida e, principalmente, pelo som das balas.

— Muito bem, agradeço-lhe, senhor oficial.

— Excelência, permite-me fazer um pedido?

— O que há?

— Amanhã, nosso esquadrão vai ficar na reserva, permita pedir-lhe que me agregue ao primeiro esquadrão.

— Seu nome?

— Conde Rostov.

— Está bem, fique junto de mim como ajudante.

— O filho de Ilia Andreievitch? — interrogou Dolgorukov.

Rostov não respondeu.

— Então vou esperar, Excelência.

— Darei a ordem.

“Amanhã, quem sabe?, é muito possível que me mandem levar uma comunicação ao imperador”, pensou. “Deus seja louvado!”

Os gritos e as luzes do exército inimigo eram devidos ao seguinte: enquanto nas fileiras era lida uma proclamação de Napoleão, este, em pessoa, percorria os acampamentos a cavalo. Vendo o imperador, os soldados acendiam tochas de palha e corriam atrás dele aos gritos: “*Vive l’Empereur!*” A proclamação de Napoleão estava assim redigida:

Soldados!

O exército russo ergue-se diante de vós para vingar o exército austríaco do Ulm. São os mesmos batalhões que já esmagastes perto de Hollabrunn e que perseguistes incessantemente até aqui. Ocupamos posições formidáveis, e quando os russos subirem para atacar nossa ala direita, ficarão de flanco para nós. Soldados! Conduzirei pessoalmente vossos batalhões. Conservar-me-ei longe do fogo, se vos conduzirdes com a coragem habitual desmantelando as formações inimigas. Mas, se num único instante a vitória estiver ameaçada, vereis vosso imperador expor-se às balas do inimigo, pois não pode haver hesitação na vitória, principalmente hoje, em que está em jogo a honra da infantaria francesa, tão necessária à honra da nação.

“Que as formações não se desorganizem sob o pretexto de transportar feridos! Que cada um se concentre na necessidade de vencer esses vendidos à Inglaterra, animados de tamanho ódio contra nossa nação. Essa vitória encerrará nossa campanha e poderemos voltar aos nossos acampamentos de inverno, onde esperaremos as novas tropas francesas, que neste momento se organizam na França, e então a paz que farei será digna de meu povo, de vós e de mim.

Napoleão

XIV

Às cinco horas da manhã ainda estava completamente escuro. As tropas do centro, as reservas e o flanco direito de Bagration ainda não haviam se movido. Mas, no flanco esquerdo, as colunas de infantaria, de cavalaria e de artilharia, que desceram em primeiro lugar para atacar o flanco direito dos franceses e os rechazar, segundo o plano, para as montanhas da Boêmia, já se agitavam, começando os preparativos. A fumaça das fogueiras nas quais haviam atirado tudo o que era desnecessário irritava os olhos de todos. Estava frio e escuro. Os oficiais tomavam chá e comiam apressadamente. Os soldados mastigavam biscoitos, batiam as solas dos pés para aquecê-los e se reuniam em volta da fogueira, na qual atiravam pedaços de madeira, cadeiras, mesas, rodas, tonéis, coisas supérfluas que não podiam levar. Os guias austríacos, misturados com as tropas russas, davam o sinal da partida. Logo que um oficial austríaco se apresentava na barraca do comandante de um regimento, todos começavam a se preparar: os soldados

deixavam as fogueiras e, guardando o cachimbo no cano da bota, amontoavam as bolsas nas carretas e punham-se em forma. Os oficiais abotoavam as túnicas, apanhavam o sabre, punham a mochila nos ombros e, gritando, percorriam as formações. Os soldados dos transportes e os bagageiros preparavam os veículos e carregavam as bagagens. Os ajudantes de ordens, os comandantes de batalhão e de regimento, persignando-se, montavam a cavalo e davam as últimas ordens, indicações e explicações aos soldados que ficavam cuidando dos transportes e ouvia-se o tropel monótono de milhares de pés. As colunas moviam-se sem saber para onde e nada podiam ver por causa dos homens que as cercavam, da fumaça e da cerração; não conheciam a região de onde partiam nem aquela para onde iam.

Em marcha, o soldado é cercado, limitado e arrastado pelo seu regimento como o marinheiro pelo navio. Por mais longe que vá, por desconhecida e perigosa que seja a latitude onde se encontre, assim como o marinheiro, que vê sempre em torno de si as mesmas cobertas, os mesmos mastros, as mesmas cordas de seu navio, o soldado vê sempre e em toda parte os mesmos companheiros, o mesmo cabo Ivan Mitrich, o mesmo cão da companhia, o mesmo chefe. Raramente o marinheiro quer saber a latitude de seu navio, mas, no dia da batalha, sabe Deus como, na atmosfera moral do exército, os soldados ouvem a mesma nota, impressionante para todos, parecendo a aproximação de qualquer coisa de decisivo e solene que excita uma curiosidade inabitual. No dia da batalha os soldados procuram elevar-se acima dos interesses do próprio regimento, e olham, escutam, questionam, ávidos por saber o que se está passando.

A cerração era tão forte que, apesar de já ser dia, nada se via a dez passos de distância. Os arbustos pareciam árvores enormes, os lugares planos se confundiam com barrancos e declives. Em toda parte, de todos os lados, podia surgir, a dez passos, um inimigo até então invisível.

As colunas marcharam muito tempo através dessa cerração, descendo e subindo colinas, atravessando jardins, pomares, numa região nova, desconhecida, mas sem encontrar vestígios do inimigo. Ao contrário, ora na frente, ora atrás, de todos os lados, os soldados viam colunas russas que marchavam na mesma direção.

Cada soldado sentia um certo alívio ao verificar que muitos, muitos dos nossos marchavam na mesma direção que ele, isto é, para um lugar desconhecido.

— Olha, os de Kursk passaram — diziam.

— É assustadora, meu caro, a quantidade de tropas reunidas! Olhei durante a noite quando acenderam as fogueiras... não se via o fim. É como Moscou!

Os comandantes de colunas não falavam nem se aproximavam dos soldados (como vimos no Conselho Superior de Guerra, estavam de mau humor e descontentes com a empreitada, e limitavam-se a cumprir ordens sem se preocuparem com o ânimo das tropas). Apesar disso, os soldados marchavam alegremente, como sempre aliás, quando se trata de um ataque. Mas, depois de uma hora de marcha, aproximadamente, sempre na mesma cerração, a maioria das tropas teve de parar, e todos sentiram a impressão desagradável da grande confusão e desordem que reinava. É difícil explicar como essa impressão se transmitia, mas o certo é que ela se propagava rápida e inevitavelmente, como água num despenhadeiro. Se o exército russo estivesse só, sem os aliados, talvez essa impressão demorasse em transformar-se em certeza geral. Mas na ocasião, com um prazer especial, culpando os estúpidos alemães como causadores da desordem, todos estavam convencidos da existência de uma confusão prejudicial, causada pelos comedores de salsicha.

— Por que param? Estará a estrada interrompida? Teriam encontrado os franceses?

— Não, não se ouve nada. Caso contrário eles atirariam.

— Está aí, estavam com pressa de sair e agora param estupidamente no caminho. São sempre esses malditos alemães que estragam tudo. Que trapalhões, esses diabos!

— Eu os deixaria passar para a frente. Mas eles se resguardam. E ficar aqui sem comer.

— Afinal, para quando é isso? Parece que a cavalaria obstruiu a estrada — disse um oficial.

— Ah! Esses malditos alemães, não conhecem o próprio país! — dizia um outro.

— Qual é sua divisão? — perguntou um ajudante de ordens, aproximando-se.

— A décima oitava.

— Então o que está fazendo aqui? Há muito tempo que devia estar na frente. Agora, não poderão avançar antes da noite.

— Que ordens estúpidas! Eles mesmos não sabem o que estão fazendo — disse o oficial, afastando-se.

Depois, passou um general. Irritado, gritava qualquer coisa, mas não em russo.

— Ta, fa, la, fa! O que estará dizendo? Não se compreende — disse um soldado, mostrando o general que passava. — Eu sou capaz de fuzilar esses canalhas.

— Parece que deveríamos estar no local da batalha às nove horas e ainda não chegamos à metade do caminho. Que ordens! — repetiam de todos os lados. E a energia que animava as tropas na hora da saída começava a transformar-se em despeito e cólera contra as ordens ineptas e contra os alemães.

Na verdade, a causa da confusão era o seguinte: durante o movimento da cavalaria austríaca que marchava no flanco esquerdo, a autoridade superior, achando o centro muito afastado do flanco direito, ordenara que toda a cavalaria passasse para a direita. A infantaria tinha de esperar que alguns milhares de cavaleiros passassem diante dela.

Houve uma discussão entre o chefe da coluna austríaca e o general russo. O russo gritava para que a cavalaria parasse e o austríaco explicava que a culpa não era dele, mas da autoridade superior.

Enquanto isso, as tropas continuavam em pé, cansando-se e aborrecendo-se. Depois de estarem paradas uma hora, voltaram, finalmente, à marcha e desceram a colina. A cerração era ainda mais densa na parte baixa em comparação com a alta. Na vanguarda os primeiros tiros se fizeram ouvir, a princípio irregularmente e com intervalos desiguais: tá-tá-tá-tá; depois, com mais regularidade e frequência. Era o combate que começava na margem do Goldbach.

Não contando encontrar o inimigo no vale, próximo ao rio, e encontrando-se com ele por acaso, na cerração, e sem uma palavra de encorajamento dos chefes, com a convicção de que já era tarde demais, e principalmente não vendo nada em volta de si, lentamente e sem energia, os russos atiravam a esmo, avançavam e paravam sem receber em tempo a palavra dos chefes e dos ajudantes de ordens, que vagavam na cerração, em terreno desconhecido, sem conseguir encontrar suas tropas. Assim começou o ataque para as primeira, segunda e terceira

colunas, que estavam no pé da colina. A quarta, onde Kutuzov se achava pessoalmente, conservava-se nas elevações de Pratzen.

No vale, onde começava o combate, a cerração continuava espessa. Sobre a colina estava mais claro, mas ainda não era possível ver o que se passava na frente. Estariam todas as forças inimigas a dez *verstas* de distância, como se supunha, ou nessa linha de cerração? Até as nove horas ninguém sabia.

Eram nove horas da manhã. A cerração se estendia como um mar compacto sobre o vale, mas na aldeia de Schalapanitz, na elevação onde Napoleão se achava cercado por seus marechais, fazia dia claro.

Sobre suas cabeças estendia-se o céu azul, e o enorme disco solar, como uma formidável esfera vermelha, balançava sobre a imensa superfície láctea da cerração.

As tropas francesas, e o próprio Napoleão com seu Estado-Maior, não se achavam do outro lado do rio e das aldeias de Sokolnitz e Schalapanitz, atrás das quais tencionávamos tomar posição, mas do lado de cá e tão perto de nossas tropas que, a olho nu, Napoleão podia distinguir entre os nossos um soldado da infantaria de um cavaleiro. Um pouco adiante de seus marechais, montando um pequeno cavalo árabe tordilho, Napoleão vestia um capote azul-escuro, semelhante ao que usara na campanha da Itália. Em silêncio, olhava o contorno das colinas que sobressaía da cerração, nas quais se movimentavam as tropas russas, e ouvia o som da fuzilaria nas quebradas. Nenhum músculo de seu rosto magro se movia. Seus olhos brilhantes estavam fixos num ponto. Suas previsões não haviam falhado. Uma parte das tropas russas já descia para o vale, na direção dos açudes e dos lagos, e a outra abandonava as elevações de Pratzen, que ele considerava posição-chave e, portanto, pretendia ocupar. Através da cerração, Napoleão via as baionetas brilhantes das colunas russas que, nas proximidades de Pratzen, continuavam avançando na direção das quebradas, e uma a uma desapareciam no imenso nevoeiro. Segundo as informações que recebera na véspera, pelo barulho dos passos e das rodas que ouvira durante a noite nos postos avançados, pela desordem de movimentos das colunas russas, de acordo com suas suposições, via claramente que os aliados pensavam estar muito distantes dele, que as colunas em movimento nas proximidades de Pratzen

formavam o centro do exército russo e que esse centro já estava demasiadamente fraco para um ataque vitorioso. Mas ainda protelava o início da batalha.

Esse dia era solene para ele: o aniversário de sua coroação. Antes da aurora, dormiu algumas horas e bem-disposto, alegre, repousado, nessa disposição de espírito em que tudo parece possível e assegurado, montou a cavalo e partiu para o campo.

Mantinha-se imóvel, olhando as elevações que se podiam perceber através da bruma, e seu semblante frio deixava entrever uma expressão de felicidade segura e merecida, que muitas vezes se observa na fisionomia de um rapaz apaixonado e feliz.

Os marechais, que se mantinham um pouco recuados, não ousavam perturbá-lo.

Ele ora contemplava as elevações de Pratzen, ora o sol, que aparecia por sobre a cerração.

Quando o sol surgiu completamente e sua claridade ofuscante brilhou sobre os campos e sobre o mar de bruma, Napoleão, como se estivesse esperando apenas isso para travar a batalha, descalçou a luva e, fazendo um sinal aos marechais, ordenou-lhes que comesçassem. Os marechais, acompanhados pelos ajudantes de ordens, galoparam em todas as direções; e, alguns minutos mais tarde, as tropas francesas avançavam rapidamente na direção das elevações de Pratzen, cada vez mais abandonadas pelas tropas russas, que desciam para a esquerda, em direção ao vale.

XV

Às oito horas Kutuzov dirigiu-se a cavalo para Pratzen, à frente da quarta coluna, a de Miloradovitch, que devia ocupar o lugar deixado pelas colunas de Prjebichevsky e de Langeron, que já haviam descido. Saudou os soldados do regimento que estava na frente e deu ordem de marcha, demonstrando que era sua intenção dirigir pessoalmente essa coluna. Parou perto da aldeia de Pratzen. O príncipe André se achava um pouco atrás do general em chefe, entre o grande número de pessoas que formavam sua comitiva. Sentia-se emocionado, exaltado e ao mesmo tempo resoluto e tranquilo, como um homem que vê chegar a ocasião há muito desejada. Estava plenamente convencido de que esse dia seria sua Toulon ou sua Ponte de Arcole.

Como se daria isso? Ele não sabia, mas estava certo de que aconteceria. Conhecia a região e a situação de nossas tropas tão bem quanto poderia conhecer

qualquer um de nosso exército. Esquecera seu plano estratégico, que agora não podia pensar em executar, e adaptando-se ao plano de Weyrother, refletia sobre os azares que poderiam sobrevir e que talvez o forçassem a tomar medidas rápidas e decisivas.

À esquerda no vale, sob o nevoeiro, ouvia-se a fuzilaria entre tropas invisíveis. Parecia ao príncipe André que a batalha se concentrava ali; lá estava o principal obstáculo. “E eu serei enviado para lá com uma brigada ou uma divisão e, à frente, empunhando uma bandeira, avançarei sobre tudo o que aparecer diante de mim”, pensava.

O príncipe André não podia olhar com indiferença as bandeiras dos batalhões que passavam. Olhando-os, pensava sempre: “Talvez seja com essa bandeira que terei de conduzir as tropas.”

Pela manhã, nos lugares altos a cerração da noite deixava perceber a geada que se transformava em orvalho, e no vale continuava compacta como um mar de leite. No vale, para onde desciam nossas tropas, não se via mais nada, ouvia-se apenas o som das armas. Em cima aparecia o céu azul-escuro e à direita, o largo disco do sol. Muito distante, na outra margem do oceano de bruma, eram vistos os matos das colinas onde devia estar o exército inimigo.

À direita, embrenhando-se na cerração, a guarda deixava atrás de si um ruído de passos e rodas, e as baionetas brilhavam de quando em quando.

À esquerda, atrás da aldeia, as massas de cavalaria avançavam e se perdiam no nevoeiro. Adiante e atrás, marchava a infantaria. O general em chefe se achava na saída da aldeia e as tropas desfilavam diante dele. Kutuzov parecia cansado e contrariado. A infantaria, que passava diante dele, parava sem ordem, evidentemente por causa de qualquer coisa que obstruía sua marcha.

— Mas então fracione essas tropas em batalhões e contorne a aldeia — disse Kutuzov em tom colérico a um general que se aproximava. — Vossa Excelência então não compreende que não se pode marchar em fila pelas ruas de uma aldeia quando se vai ao encontro do inimigo?

— Pensava formar atrás da aldeia, Excelência — respondeu o general.

Kutuzov deu um sorriso azedo.

— O senhor terá a grande gentileza de desdobrar a linha de frente diante do inimigo.

— O inimigo ainda está longe, Excelência, segundo a disposição...

— Disposição! — gritou Kutuzov tomado de cólera. — Quem lhe disse isso? Queira fazer o que lhe ordenam.

— Pois não.

— Meu caro, o velho está impossível — cochichou Nesvitzki ao príncipe André.

Um general austríaco em uniforme branco e com uma pluma verde no chapéu aproximou-se de Kutuzov e perguntou-lhe, em nome do imperador, se a quarta coluna já estava combatendo.

Kutuzov virou-se sem responder-lhe e, por acaso, notou o príncipe André, que estava próximo. Amenizou a expressão como se quisesse dizer que seu ajudante de ordens não era culpado pelo que estava acontecendo. Sem responder ao austríaco, dirigiu-se a Bolkonski.

— Vá ver, meu caro, se a terceira divisão já passou da aldeia. Mande-a parar e aguardar minhas ordens.

O príncipe André afastou-se imediatamente, mas Kutuzov o deteve.

— E pergunte-lhe se os atiradores já estão a postos — acrescentou. — E o que eles estão fazendo! — disse à parte, sempre sem responder ao austríaco.

O príncipe André apressou-se em cumprir a ordem.

Depois de passar o batalhão que marchava em sua frente, fez parar a terceira divisão e verificou que, efetivamente, não havia atiradores na frente de nossas colunas.

O comandante do regimento da vanguarda ficou muito surpreso com a ordem do generalíssimo, mandando colocar os atiradores a postos. Estava plenamente convencido de que tinha tropas russas na sua frente e supunha o inimigo a mais de dez *verstas*. Mas na verdade não enxergava à frente nada além de uma extensão deserta em declive, coberta por denso nevoeiro.

Transmitida a ordem do general em chefe, o príncipe André voltou. Kutuzov estava no mesmo lugar. Com o enorme corpo largado sobre a sela, bocejava profundamente e cerrava os olhos. As tropas conservavam-se imóveis em posição de descanso.

— Bom, bem — disse ele ao príncipe André.

Aproximou-se do general austríaco que, de relógio na mão, lhe dizia que já era tempo de marchar, pois que as colunas do flanco esquerdo haviam descido.

— Ainda teremos tempo, Excelência — respondeu Kutuzov, entre dois bocejos. — Não há pressa — repetiu.

Nesse instante, ao longe, atrás de Kutuzov, ouviam-se os gritos dos regimentos em saudação e os sons que começaram a propagar-se rapidamente em toda a extensão das colunas russas que avançavam. Evidentemente, aquele que saudavam devia estar passando muito depressa. Quando os soldados do regimento que estava junto de Kutuzov começaram a gritar, ele recuou um pouco para o lado e voltou-se com o cenho franzido.

Parecia que um esquadrão inteiro, com uniformes de todas as cores, galopava na estrada de Pratzen. Dois cavaleiros corriam diante dos outros. Um deles, montando um alazão de rabo curto, vestia um uniforme preto com uma pluma branca no gorro; o outro, em uniforme branco, montava um cavalo preto. Eram os dois imperadores com suas comitivas. Com a afetação de um subordinado, Kutuzov comandou “sentido” e, prestando continência, aproximou-se do imperador. Sua atitude mudou por completo. Tomou o ar de um subordinado que não discute. Com a afetação de um respeito que parecia desagradar ao imperador Alexandre, aproximou-se e o saudou.

Como o resto de uma nuvem no céu claro, uma expressão de desagrado passou pela fisionomia jovem e feliz do imperador e logo desapareceu. Emagrecera um pouco em consequência da indisposição que o acometera dias antes, mas nos olhos claros e nos lábios finos havia a mesma unidade cativante de majestade e doçura, a mesma mobilidade de expressão, e mais que tudo, a impressão de juventude ingênua e inocente.

Em Olmütz, durante a revista, estava mais majestoso; agora parecia mais alegre e enérgico. Estava um pouco corado, e depois de ter percorrido três *verstas* a galope, parara para respirar a plenos pulmões e olhar as fisionomias jovens e animadas, como a sua, dos que o acompanhavam. Czartoriski, Novosiltzov, príncipe Volkonski, Stroganov e os demais, rapazes alegres, ricamente vestidos, montando cavalos bem tratados, descansados, ligeiramente suados, sorrindo e conversando, pararam atrás do imperador. O imperador Franz, um rapaz ruivo, de rosto comprido, estava muito aprumado no seu belo cavalo

preto, olhando com preocupação em torno de si. Chamou um de seus ajudantes de ordens em uniforme branco e perguntou-lhe alguma coisa. “Provavelmente quer saber a que horas partiram”, pensou o príncipe André, olhando seu velho conhecido com um sorriso que não podia reprimir, ao lembrar-se da audiência. Na comitiva dos imperadores achavam-se os escudeiros de elite, russos e austríacos, dos regimentos da guarda e da infantaria. Os belos cavalos de reserva dos imperadores, com ricas capas bordadas, eram conduzidos pelo cabresto por escudeiros.

Como o ar puro dos campos entrando subitamente por uma janela aberta numa sala abafada, essa mocidade brilhante que chegava trazia para o Estado-Maior pouco alegre de Kutuzov um sopro novo de energia e confiança no sucesso.

— Por que não começa, Mikhail Ilarionovitch? — perguntou o tsar a Kutuzov, e, por polidez, voltou-se para o imperador Franz.

— Esperava por Vossa Majestade — respondeu o general em chefe, inclinando-se respeitosamente.

Franzindo a testa e dando a entender que não compreendera bem, o tsar inclinou-se um pouco para a frente.

— Esperava por Vossa Majestade — repetiu Kutuzov.

O príncipe André percebeu um tremor anormal no lábio superior de Kutuzov enquanto dizia esse “esperava”.

— Nossas colunas ainda não estão todas reunidas, Majestade.

O imperador ouviu a resposta, mas via-se que ela não lhe agradava. Levantou o busto um pouco curvado, fitou Novosiltzov, que se achava próximo dele, e nesse olhar parecia queixar-se de Kutuzov.

— Não estamos no Campo de Marte, Mikhail Ilarionovitch, onde não se começa a parada antes que todos os regimentos estejam reunidos — disse o imperador, olhando de relance o imperador Franz, como se o convidasse para ao menos escutá-lo, já que não queria participar da conversa.

Mas o imperador Franz continuava a olhar em torno de si e não ouvia nada.

— É justamente por isso, Majestade, que não começo — replicou Kutuzov com uma voz sonora e clara, como para prevenir a possibilidade de não ser

ouvido, e no seu rosto qualquer coisa tremia. — É por isso que não começo, Majestade, porque não estamos em parada nem no Campo de Marte.

Na comitiva do imperador todos se entreolharam, exprimindo o descontentamento e a censura. “Por mais velho que seja, nunca deveria falar assim”, diziam todos os semblantes.

O imperador fitava Kutuzov, esperando que ele dissesse ainda alguma coisa. Mas, de seu lado, o general em chefe, inclinando respeitosamente a cabeça, parecia também esperar.

O silêncio durou perto de um minuto.

— Entretanto, se Vossa Majestade ordena... — disse Kutuzov levantando a cabeça. E, novamente, mudando de tom, falava como um general que obedece sem discutir.

Adiantando seu cavalo, chamou Miloradovitch, o comandante da coluna, e ordenou-lhe que começasse o ataque.

O exército agitou-se mais uma vez e dois batalhões do regimento de Novgorod e um batalhão do regimento de Apcheron desfilaram diante do imperador.

No momento em que passava o batalhão de Apcheron, Miloradovitch, que galopava sem capote, em uniforme repleto de condecorações, com uma enorme pluma no bicórnio posto de banda, estacou seu cavalo diante do imperador fazendo uma charmosa saudação.

— Vá com Deus, general! — disse-lhe o imperador.

— *Ma foi, sire*, faremos o que tiver ao nosso alcance, *sire* — respondeu alegremente, mas provocando um sorriso de galhofa entre os oficiais da comitiva, devido à má pronúncia do francês.

Miloradovitch torceu as rédeas e seu cavalo parou atrás do imperador. Os soldados do regimento de Apcheron, excitados pela presença do tsar, desfilaram com passo firme e cadenciado diante dos imperadores e suas comitivas.

— Meus jovens! — gritou Miloradovitch com uma voz forte, firme e alegre. A fuzilaria, a expectativa da batalha e a presença dos bravos de Apcheron, camaradas seus do tempo de Suvorov, que passavam tão briosamente diante dos imperadores, o animaram e fizeram com que ele se esquecesse de que estava em

presença do soberano. — Meus filhos, não será a primeira aldeia que conquistareis.

— Felizes em servir! — gritaram os soldados.

A esse grito inesperado o cavalo do imperador empinou. Esse animal que, na Rússia, o imperador montava nas revistas, aqui, no campo de Austerlitz, levava seu amo e suportava pacientemente os golpes distraídos do seu pé esquerdo. Esse cavalo esticava as orelhas ao som dos tiros, como fazia no Campo de Marte, não compreendendo a significação desses tiros, nem da vizinhança do cavalo preto do imperador Franz, nem o que o seu cavaleiro dizia, pensava ou sentia nesse dia.

O imperador dirigiu-se sorrindo a um de seus íntimos e, apontando os bravos soldados do regimento de Apcheron, disse-lhe alguma coisa.

XVI

Acompanhado por seus ajudantes de ordens, Kutuzov seguia seus carabineiros a passo.

Depois de ter percorrido meia *versta* na cauda da coluna, parou perto de uma casa isolada, abandonada (provavelmente uma antiga estalagem), situada no entroncamento de duas estradas. Ambas as estradas vinham da montanha e por ambas as tropas desciam.

O nevoeiro começava a dissipar-se e a uma distância de duas *verstas* podia-se distinguir vagamente as tropas inimigas nas elevações fronteiras. À esquerda, no vale, os tiros tornavam-se mais nítidos. Kutuzov parou e falou com o general austríaco. Um pouco atrás, o príncipe André os observava. Necessitando de uma luneta, pediu-a a um ajudante de ordens.

— Olhe, olhe — disse esse ajudante de ordens que estava vendo, não o exército, longínquo, mas o que se achava diante dele, ao pé da montanha —, são franceses.

Os dois generais e os ajudantes de ordens empunharam rapidamente a luneta, procurando arrancá-la uns aos outros. Subitamente, todas as fisionomias se modificaram. Acreditava-se que os franceses estivessem a duas *verstas* e eles apareciam inopinadamente diante de nossas tropas.

— O inimigo?...

— Não!...

— Mas, veja, é ele...

— Seguramente... o que significa isso?! — exclamavam.

O príncipe André percebeu, a olho nu, à direita do vale, uma compacta e forte coluna francesa que subia ao encontro do regimento de Apcheron, a menos de quinhentos passos do local onde se achava Kutuzov. “Afinal, chegou o momento decisivo! Compete a mim agir”, pensou o príncipe André, e, instigando seu cavalo, aproximou-se de Kutuzov.

— É preciso fazer parar o regimento de Apcheron, Excelência — gritou.

Mas nesse mesmo instante tudo ficou coberto de fumaça. A fuzilaria estava mais próxima, e uma voz ingênua e assustada gritou a dois passos do príncipe André: “Está tudo acabado, camaradas!” Parecia ser uma palavra de ordem e, ao ouvi-la, todos se puseram a correr.

Uma multidão sempre maior corria para o mesmo local onde cinco minutos antes haviam desfilado diante dos imperadores. Não só era difícil reter essa multidão, mas também impossível não ser arrastado por ela. Bolkonski esforçava-se apenas para não recuar e, estupefato, olhava em torno de si, sem conseguir compreender o que estava se passando. Vermelho, fora de si, Nesvitzki gritava furiosamente a Kutuzov que se ele não corresse imediatamente seria feito prisioneiro. Kutuzov, sem responder, imóvel, tirou seu lenço. Corria-lhe sangue na face. O príncipe André abriu caminho até ele.

— Está ferido? — perguntou, mal contendo o tremor do queixo.

— A ferida não está aqui, mas lá! — disse Kutuzov, apertando o lenço contra a face, que sangrava, e designando os fujões. — Parem-nos! — gritou, e ao mesmo tempo convencendo-se de que isso era impossível, galopou para a direita.

A multidão crescente de fugitivos alcançou-o e arrastou-o para trás.

As tropas corriam numa massa tão compacta que, estando inserido, era impossível sair-se dela.

Um gritava “Vamos, por que paras?”. Outro, voltando-se, atirava para o ar. Um terceiro surrava o cavalo do próprio Kutuzov. Depois de grandes esforços, o general conseguiu desvencilhar-se da multidão, escapando pela esquerda com sua comitiva grandemente diminuída, e lançou-se na direção dos tiros mais

próximos. Livre da multidão em debandada, o príncipe André, procurando não se afastar de Kutuzov, notou que na descida da montanha, envolta em fumaça, uma bateria russa continuava atirando e que os franceses acorriam na sua direção. Na elevação, a infantaria russa mantinha-se imóvel: não avançava para auxiliar a bateria nem tampouco seguia os que debandavam. Um general a cavalo, afastando-se da bateria, aproximou-se de Kutuzov, cuja comitiva estava reduzida a quatro homens. Todos estavam pálidos e se olhavam em silêncio.

— Faça parar esses miseráveis! — gritava Kutuzov, sem ar, ao comandante do regimento, indicando a massa em debandada. Mas justamente nesse instante, como para castigar essas palavras, as balas voaram assobiando, como um bando de passarinhos, por cima do regimento e da comitiva de Kutuzov. Os franceses atacavam a bateria e, avistando o general em chefe, atiravam em sua direção. O comandante do regimento levou a mão à perna, alguns soldados caíram e o porta-estandarte deixou escapar a bandeira, que caiu, enganchando-se nos fuzis dos soldados vizinhos. Sem esperar a ordem, os soldados começaram a atirar.

— Oh! Oh! — gemeu Kutuzov com uma expressão desesperada. — Bolkonski — murmurou com voz trêmula, consciente de sua fraqueza senil. — Bolkonski — murmurou, apontando o batalhão desorganizado e o inimigo —, o que é isso?

Mas antes que ele terminasse, sentindo subir aos olhos lágrimas de raiva e vergonha, o príncipe André apeou e correu para a bandeira.

— Meus jovens, adiante! — gritou com sua voz fina e penetrante. “Chegou o momento”, pensava o príncipe André, empunhando a bandeira; e ouvia com prazer o zunir das balas dirigidas precisamente contra ele.

Alguns soldados caíam.

— Hurra! — gritou o príncipe André, carregando a pesada bandeira com dificuldade. E lançou-se para a frente na certeza de que todo o batalhão o seguiria. Com efeito, não deu mais que alguns passos sozinho: um soldado pôs-se em movimento, depois outro, e todo o batalhão passou diante dele dando “hurras”.

Um suboficial do batalhão tomou-lhe a bandeira, que vacilava, pesada demais para as mãos do príncipe, mas logo caiu morto. O príncipe André retomou a bandeira e, arrastando-a pela haste, correu na direção do batalhão. Na sua frente

via nossos artilheiros, dos quais uns continuavam atirando e outros, deixando os canhões, vinham a seu encontro. Via os infames franceses tomando os cavalos dos artilheiros e virando as peças dos canhões. O príncipe André e o batalhão já estavam a vinte passos dos canhões. Ouvia-se de perto o zumbido ininterrupto das balas e o gemido dos soldados que caíam à direita e à esquerda. Mas ele não os olhava. Fixava apenas o que se passava diante dele na bateria. Via claramente um artilheiro ruivo, com seu quepe de lado, puxando o soquete, enquanto um francês esforçava-se para tomá-lo. O príncipe André distinguia a expressão desatinada e feroz desses dois homens que, visivelmente, não compreendiam o que estavam fazendo. “O que estão fazendo?”, pensou o príncipe André. “Por que será que o artilheiro ruivo não foge, já que está desarmado, e por que o francês não acaba com ele? Assim que ele tentar fugir o francês se lembrará de seu fuzil e o matará.” De fato, um outro francês ocorreu na direção dos dois adversários e, apontando o fuzil, decidiu a sorte do artilheiro ruivo, que, sem saber o que o esperava, estava todo triunfante por ter conseguido apoderar-se do soquete. Mas o príncipe André não viu como isso terminou. Parecia-lhe que um dos soldados mais próximos bateu-lhe violentamente na cabeça com um pedaço de pau. Sentiu-se mal, mas o mais desagradável era que a dor o impedia de perceber o que seus olhos estavam vendo.

“O que é isso? Estou caindo? Minhas pernas vacilam”, pensou; e caiu de costas.

Abriu os olhos esperando ver como terminaria a luta entre os franceses e o artilheiro; queria saber se o artilheiro ruivo fora morto ou não e se os canhões haviam sido tomados ou salvos. Mas não via nada. Sobre ele não havia nada, salvo o céu, o céu alto, sombrio, infinitamente alto, com nuvens cinza que corriam lentamente.

“Que suavidade, que calma, que solenidade; bem diferente de ainda há pouco, quando eu estava correndo”, pensou o príncipe André, “quando corríamos, gritávamos e lutávamos; quando, com as fisionomias ferozes, assustadas, o francês e o artilheiro disputavam o soquete. Não era assim que as nuvens flutuavam no céu infinito. Como se explica eu nunca ter visto antes um céu tão alto! Como me sinto feliz de tê-lo descoberto finalmente. Sim, tudo é vazio,

decepção, salvo o céu infinito. Nada existe além dele. Mas ele próprio não existe, nada existe além da calma e do repouso. Deus seja louvado!”.

XVII

Às nove horas, a batalha ainda não começara no flanco direito, de Bagration. Não querendo ceder aos pedidos de Dolgorukov, que pretendia começar imediatamente o ataque, e desejando declinar de toda a responsabilidade, o príncipe Bagration propôs a Dolgorukov que se mandasse alguém receber as ordens do general em chefe. Bagration sabia que a distância de dez *verstas* que separava um flanco de outro, mesmo no caso de o emissário não ser morto (o que era muito provável), e mesmo que este encontrasse o general em chefe, o que era muito difícil, não poderia estar de volta antes da noite.

Bagration lançou um olhar inexpressivo sobre sua comitiva. O primeiro que lhe chamou a atenção foi o semblante infantil de Rostov, impregnado, apesar de tudo, de emoção.

Escolheu-o para emissário.

— Excelência, e se eu encontrar Sua Majestade antes do general em chefe? — perguntou Rostov, prestando continência.

— Poderá pedir ordem a Sua Majestade — respondeu Dolgorukov, interrompendo vivamente Bagration.

Assim que deixara o serviço, Rostov dormira algumas horas durante a madrugada. Sentia-se alegre, ousado, resoluto, cheio de animação e seguro do sucesso, numa palavra, nessa disposição de ânimo em que tudo parece fácil, alegre e possível.

Nessa manhã todos os seus desejos se realizavam. Travava-se uma batalha geral e ele tomava parte nela. Além disso era ajudante de ordens do general mais corajoso e finalmente era enviado como emissário junto a Kutuzov e talvez junto ao próprio imperador. A manhã estava clara, o cavalo era bom e sua alma estava cheia de alegria. Assim que recebeu a ordem, galopou ao longo da linha. A princípio, percorreu as tropas de Bagration, que ainda não haviam tomado parte na batalha e se mantinham imóveis. Depois passou pela região ocupada pela cavalaria de Uvarov, onde notou certos movimentos que indicavam preparativos para o combate. Quando ultrapassou a cavalaria de Uvarov, ouviu claramente os sons dos canhões e dos mosquetes adiante. O barulho aumentava sempre.

No ar fresco da manhã, não eram ouvidos, como antes, dois ou três tiros com intervalos irregulares, seguidos de um ou dois de canhão.

Agora, nas encostas das montanhas, para além de Pratzen, a fuzilaria ininterrupta era pontilhada pelo troar dos canhões, cujos disparos eram tão frequentes que por vezes se confundiam num só ribombo geral. Nas encostas viam-se saltar as fumaças dos fuzis, parecendo perseguirem-se umas às outras, e as dos canhões formando grossas nuvens que se dispersavam e se confundiam. No meio da fumarada podia-se perceber o brilho das baionetas, as massas de infantaria em movimento e as linhas estreitas da artilharia com seus armões verdes.

Sobre uma pequena elevação, Rostov parou o cavalo por um momento, na intenção de ver o que estava acontecendo. Mas, apesar de sua atenção, não podia distinguir nem compreender o que se passava. Longe, no meio da fumaça, havia gente correndo adiante ou recuando, mas ele não entendia por quê. Esse aspecto e esses sons, longe de intimidá-lo ou causar-lhe algum temor, davam-lhe coragem e determinação.

“Vamos, mais forte ainda, mais forte!”, dizia a si mesmo, ouvindo a fuzilaria.

Voltou a galopar, cada vez mais longe, penetrando nas tropas que tomavam parte no combate. “Como estará aquilo lá, não sei, mas há de estar bom!”, pensou.

Passando pelas tropas austríacas, Rostov notou que uma parte da linha seguinte (a guarda) já entrara em ação.

“Melhor, verei de perto.”

Estava quase na linha da frente. Alguns cavaleiros vinham a galope na sua direção. Eram nossos ulanos da guarda, cujas fileiras haviam sido rompidas e que voltavam do ataque. Rostov cruzou por eles, notando, involuntariamente, que um dos homens estava ensanguentado. “Pouco me importa!”, pensou, seguindo seu caminho. Andara apenas uns cem passos depois disso quando percebeu, à esquerda, cortando-lhe o caminho, uma massa enorme de cavaleiros, montando cavalos negros e trajando uniformes brancos cintilantes, que cobriam toda a extensão dos campos e vinham a trote em sua direção. A todo o galope, Rostov procurou afastar-se do caminho desses cavaleiros, e o teria certamente conseguido se eles houvessem conservado o ritmo; mas aceleravam a marcha

cada vez mais, e alguns já galopavam. Rostov ouvia, com nitidez crescente, o ruído dos cascos e o tilintar de armas, e já podia distinguir perfeitamente os cavalos, as pessoas e até mesmo suas fisionomias. Eram nossos cavaleiros da guarda; iam atacar a cavalaria francesa, que, por sua vez, começava a movimentar-se.

Os guardas montados galopavam, mas ainda continham seus cavalos. Rostov já via suas fisionomias e ouvia a voz de comando “Marche! Marche!” de um oficial que corria a toda a velocidade no seu cavalo de raça. Temendo ser esmagado ou arrastado no ataque contra os franceses, Rostov exigiu o máximo de seu cavalo, mas não conseguiu evitá-los.

O guarda montado que estava na outra extremidade, um gigante bexigoso, franziu a testa raivosamente ao ver Rostov no seu caminho, pois inevitavelmente iria se chocar contra ele, bem como esmagaria seu Beduíno (Rostov sentia-se pequeno e fraco comparado a esses homens e cavalos enormes) se Rostov não tivesse tido a ideia de agitar seu chicote diante dos olhos do grande cavalo. O corcel negro saltou, murchando as orelhas; mas o cavaleiro bexigoso cravou-lhe as esporas e o animal, sacudindo o rabo e espichando o pescoço, continuou ainda mais velozmente. Logo em seguida ouvia os hurras dos nossos e suas primeiras linhas se embolando com outros cavaleiros de dragonas vermelhas, provavelmente franceses. Ao longe não se podia ver nada, porque em alguma parte o canhão começou a troar e tudo se cobriu de fumaça.

No momento em que o guarda montado passou por ele e desapareceu na fumaça, Rostov hesitou: não sabia se deveria segui-lo ou cumprir a missão que lhe fora confiada. Foi esse brilhante ataque dos guardas montados que causou a admiração dos próprios franceses. Mais tarde, Rostov soube com horror que de todos esses homens belos, jovens e ricos, oficiais e *junkers*, montando cavalos que valiam muito e que o ultrapassaram a galope, só restaram dezoito que haviam sobrevivido ao ataque.

“Por que invejá-los, minha vez virá, e talvez eu vá ver o imperador”, pensou Rostov, afastando-se a galope.

Quando alcançou a infantaria da guarda, notou que as balas de canhão voavam atrás e em torno dela. Percebeu isso menos pelo barulho dos tiros que pela inquietação que transparecia nas fisionomias dos soldados e dos oficiais,

uma estranha solenidade guerreira. Passando atrás de um dos regimentos da infantaria da guarda, ouviu alguém chamá-lo pelo nome:

— Rostov!

— Hein? — respondeu, reconhecendo Boris.

— Não sabes? Estivemos na primeira linha! Nosso regimento tomou parte no ataque! — disse Boris com o sorriso dos moços que experimentam o fogo pela primeira vez.

Rostov parou.

— Ah! — respondeu. — E então?!

— Conseguimos rechaçá-los! — continuou animadamente Boris, que estava muito loquaz. — Imaginas que...

E Boris começou a contar como a guarda, instalada em determinado ponto, confundiu as tropas que tinha pela frente com forças austríacas e, somente quando foi alvejada, verificou que estava na primeira linha e inesperadamente teve que tomar parte no combate.

Sem querer ouvir Boris até o fim, Rostov continuou seu caminho.

— Aonde vais? — perguntou-lhe Boris.

— Tenho uma missão junto a Sua Majestade.

— Ele está aqui — informou Boris, pensando que Rostov tinha que falar com Sua Alteza Imperial e não com Sua Majestade.

E indicou-lhe o grão-duque, que se achava a cem passos de distância, com o casco e o uniforme de guarda montado. Tinha os ombros levantados e a fisionomia carregada, e gritava alguma coisa a um oficial austríaco, branco e pálido.

— Mas é o grão-duque, e eu preciso falar com o general em chefe ou com o imperador — disse Rostov. E quis seguir...

— Conde! Conde! — gritou Berg, tão animado quanto Boris e acorrendo do outro lado. — Conde! Estou ferido na mão direita — disse ele, mostrando o pulso ensanguentado e enrolado num lenço. — E não abandonei as fileiras. Conde! Segurei a espada com a mão esquerda! Na minha família, os Von Berg, conde, sempre fomos todos cavaleiros.

Berg ainda continuou dizendo alguma coisa, porém Rostov afastou-se sem terminar de ouvi-lo.

Passando da guarda e de um espaço desocupado, a fim de não entrar novamente sob fogo inimigo, como acontecera com o ataque dos guardas montados, procurou a linha das tropas de reserva, contornando vários pontos de onde se ouviam a fuzilaria e o canhoneio mais intensos. Subitamente, diante dele e na retaguarda de nossas tropas, onde nunca poderia imaginar que o inimigo pudesse estar, ouviu uma fuzilaria muito perto. “O que será isso?”, pensou. “O inimigo em nossa retaguarda! Impossível.” E foi de repente tomado de medo, por si mesmo e pelo resultado da batalha. “Seja como for, não é o caso de recuar, devo procurar o general em chefe aqui, e, se tudo está perdido, meu dever é morrer com todos os outros.”

O mau pressentimento de Rostov justificava-se cada vez mais, à medida que avançava na região situada atrás da aldeia de Pratzen, ocupada por diferentes tropas.

— O que há? O que há? Em quem se está atirando? Quem está atirando? — perguntou Rostov ao cruzar por soldados russos e austríacos que corriam na multidão heterogênea, cortando-lhe o caminho.

— O diabo é que sabe! Fomos esmagados! Tudo está perdido! — responderam em russo, alemão e tcheco os bandos de fugitivos que não compreendiam melhor do que ele o que se estava passando.

— ... abaixo os alemães! — gritou alguém.

— Traidores, que o diabo os carregue!

— Para a força esses russos... — resmungava um alemão.

Alguns feridos se arrastavam na estrada. As injúrias, os gritos, os gemidos se confundiam num clamor geral. Os tiros cessaram, e Rostov soube mais tarde que eram os soldados russos e austríacos que atiravam uns nos outros.

“Meu Deus! O que é isso?”, pensou Rostov. “E isso se passa aqui, quando a qualquer momento o imperador pode vê-los... Mas não, são apenas alguns covardes, sem dúvida. Não, não é isso, não pode ser... preciso seguir adiante, o mais depressa possível.”

Não podia convencer-se da derrota. Apesar de ver as tropas e os canhões franceses, precisamente no planalto de Pratzen, nesse mesmo lugar onde lhe haviam dito que procurasse o general em chefe, não podia, nem queria, crer.

XVIII

Rostov recebera a ordem de encontrar Kutuzov ou o imperador nas proximidades da aldeia de Pratzen, mas não só eles não se encontravam ali, como também nenhum chefe. Havia apenas bandos de tropas desorganizadas. Instigou o cavalo, já esfalfado, para se desvencilhar mais depressa dessas multidões. Quanto mais avançava, porém, mais desordenadas elas se tornavam. Na estrada principal chocavam-se veículos e carruagens de toda espécie, soldados russos e austríacos das diversas armas, feridos ou não. Toda essa multidão fervilhava zunindo, sob o ruído soturno das balas de canhão francesas postadas nas elevações de Pratzen.

— Onde está o imperador? Onde está Kutuzov? — perguntava Rostov a todos que conseguia deter, mas não obtinha a resposta. Finalmente, segurando um soldado pela gola, forçou-o a responder.

— Xi... camarada! Há muito que todos já fugiram — respondeu o soldado, rindo e procurando se desvencilhar.

Soltando esse soldado, evidentemente bêbado, Rostov segurou o cavalo de um ordenança, ou escudeiro, de algum personagem importante e interrogou-o.

O ordenança respondeu que, uma hora antes, em sua carruagem, a toda a velocidade, passara o imperador gravemente ferido.

— Impossível! Provavelmente foi outra pessoa! — retrucou Rostov.

— Eu mesmo o vi — reafirmou o ordenança, sorrindo, na certeza do que dizia. — Sei reconhecer o imperador, quantas vezes o vi em Petersburgo ! Estava na carruagem, pálido, muito pálido. Ora, se não reconheci seus quatro cavalos pretos a toda a disparada pela estrada, conduzidos por Ilia Ivanitch! Todo o mundo sabe que o cocheiro Ilia Ivanitch serve unicamente ao imperador.

Rostov já seguia adiante quando um oficial ferido que passava dirigiu-se a ele.

— Quem procura? — perguntou-lhe.

— O general em chefe? Se é ele, foi morto diante de nosso regimento por uma bala de canhão que lhe atingiu o peito.

— Morto não, ferido — corrigiu outro oficial.

— Quem? Kutuzov? — perguntou Rostov.

— Não foi Kutuzov, não. Ora, como se chama? Mas não tem importância. Poucos se salvaram. Vá até a aldeia, todos os chefes estão reunidos — disse o oficial que se afastou designando a aldeia de Gostieradek.

Rostov seguiu a passo, sem saber aonde ir nem o que fazer. O imperador estava ferido, a batalha, perdida. Agora era impossível duvidar. Rostov seguiu a direção que lhe haviam indicado e viu ao longe a torre e a igreja. Não tinha pressa. Agora, o que poderia dizer ao imperador ou a Kutuzov, mesmo que eles estivessem vivos e não tivessem sido feridos?

— Por aqui. Não vá por aí, Excelência, será morto na certa — gritou-lhe um soldado. — Será morto!

— O que estás dizendo? — interrompeu um outro. — Aonde irá ele? Por aqui é mais perto.

Rostov refletiu e tomou precisamente a direção por onde lhe haviam dito que seria morto.

“Agora não tem mais importância, para que me proteger se o imperador está ferido?!”, pensou. E entrou no espaço onde havia morrido o maior número de soldados que fugiam de Pratzen. Os franceses ainda não tinham ocupado esse local, e os russos que não tinham sido mortos ou estavam apenas feridos há muito o tinham abandonado.

Na relva, como feixes de gramíneas, jaziam, por *deciatina*, [\[19\]](#) dez ou quinze homens mortos ou feridos. Os feridos, arrastando-se, reuniam-se em grupos de dois e três e lançavam gritos e gemidos lamentáveis — às vezes fingidos, segundo pareceu a Rostov. Para não ver todos esses homens que sofriam, tocou, impressionadíssimo, seu cavalo a trote.

Receava, não pela sua vida, mas pela coragem que lhe era necessária e que não podia resistir à vista de todos esses desgraçados.

Os franceses haviam cessado de atirar sobre esse espaço coberto de mortos e feridos, pois não viam mais ninguém ali. Ao notar um ajudante de ordens, apontaram um canhão e dispararam algumas balas. A consciência desse zumbido terrível e os mortos que o cercavam confundiam-se em Rostov numa impressão de horror e piedade de si próprio. Lembrava-se da última carta de sua mãe: “O que sentiria ela se me visse agora neste campo, os canhões dirigidos contra mim?”

Algumas tropas russas estavam na aldeia de Gostieradek. Apesar de misturadas, haviam se retirado em melhor ordem do campo de batalha. Achavam-se agora fora do alcance dos tiros franceses e o som do canhoneio estava distante. Aqui, via-se claramente e todos diziam que a batalha estava

perdida. Por mais que Rostov perguntasse, ninguém sabia dizer-lhe onde se achava o imperador ou Kutuzov. Uns confirmavam que o imperador estava ferido, outros negavam e atribuíam esse boato ao fato de a carruagem do imperador ter deixado rapidamente o campo de batalha conduzindo o grande marechal da corte, conde Tolstói, pálido e assustado que se achava com outros na comitiva do imperador.

Um oficial informou a Rostov que vira a oeste da aldeia um grupo de grandes figurões. Sem esperança de encontrar alguém, mas unicamente por descargo de consciência, Rostov dirigiu-se para o local indicado. Depois de ter percorrido três *verstas* e deixado para trás as últimas tropas russas, notou dois cavaleiros junto de um pomar cercado de fossos. Um deles, com uma pluma branca no chapéu, não pareceu desconhecido a Rostov; o outro, um cavaleiro desconhecido montando um belo cavalo ruço (Rostov supôs ter reconhecido o cavalo) aproximou-se do fosso, esporeou o animal e, a galope, saltou-o com facilidade. Um pouco de terra saltou com o choque dos cascos.

Voltando-se, saltou novamente o fosso e dirigiu-se respeitosamente ao cavaleiro de pluma branca, propondo-lhe, evidentemente, que fizesse o mesmo. O cavaleiro cuja fisionomia parecia familiar a Rostov e involuntariamente atraía sua atenção fez um gesto negativo com a cabeça e a mão, e nesse gesto Rostov reconheceu imediatamente seu imperador adorado e pranteado. “Mas talvez não seja ele, no meio deste campo vazio”, pensou. Nesse momento Alexandre virou a cabeça. Rostov reconheceu os traços amados que gravara profundamente na memória. O imperador estava pálido, as bochechas estavam cavadas e os olhos, fundos, mas apesar disso seus traços nada tinham perdido do encanto e da suavidade. Rostov sentia-se feliz por certificar-se de que era infundado tudo que contavam sobre os ferimentos do imperador. Estava contente em vê-lo. Sabia que podia e devia mesmo dirigir-se a ele e transmitir-lhe o que Dolgorukov lhe ordenara.

Mas Rostov estava como um rapaz apaixonado, trêmulo e emocionado diante da criatura amada, que finalmente encontra a sós, sem coragem para dizer-lhe o que sonha durante noites inteiras e procura ajuda ou possibilidade de adiamento ou de fuga. Agora, que tinha o que mais desejava no mundo, não sabia como aproximar-se do imperador e vinha-lhe à mente mil considerações demonstrando

que isso seria incômodo, inconveniente, impossível. “Como! Pareço feliz em aproveitar a ocasião em que ele está só e triste. Neste momento de pesar talvez lhe seja desagradável e doloroso ver alguém desconhecido. Depois, o que posso dizer-lhe agora, quando só sua presença paralisa a minha língua e faz meu coração palpitar?” Não lhe vinha à cabeça nem um único dos inúmeros discursos que imaginara para quando encontrasse o imperador.

Os discursos, na sua maioria, estavam ligados a outras circunstâncias; eram pronunciados por ocasião de uma vitória, de um triunfo e, principalmente, no leito de morte, onde, agonizando em consequência de ferimentos recebidos, o imperador vinha vê-lo e lhe agradecia os atos heroicos, e Rostov, ao morrer, lhe exprimia seu amor confirmado por seus atos.

“Afinal por que pedir ordens ao imperador sobre o flanco direito quando já são quatro horas e a batalha está perdida? Não, não devo aproximar-me dele; não devo perturbar suas meditações. Mil vezes a morte que ser recebido com um olhar contrariado, uma resposta atravessada”, decidiu Rostov, e com o coração cheio de tristeza e desespero afastou-se sem cessar de olhar o imperador, que continuava na mesma atitude indecisa.

Enquanto Rostov se entregava a essas considerações e tristemente se afastava do imperador, o capitão Von Toll chegava casualmente ao mesmo local. Ele aproximou-se e, oferecendo-lhe seus préstimos, auxiliou-o a atravessar o fosso a pé. Desejando repousar e sentindo-se indisposto, Alexandre sentou-se sob uma macieira e Von Toll parou junto dele. De longe Rostov verificou com inveja e pesar que Von Toll falava longa e calorosamente com o imperador e que este parecia chorar e, cobrindo os olhos, apertava a mão do capitão.

“E eu poderia estar em seu lugar”, pensou Rostov. Era tal a pena que lhe causara a sorte do imperador que, desesperado, retendo as lágrimas com dificuldade, afastou-se sem saber para onde ia nem o que fazia.

Seu desespero era ainda avivado por saber que sua própria fraqueza era a causa de sua dor. Poderia — mais ainda, deveria — ter se aproximado do imperador; era uma ocasião única de mostrar-lhe sua dedicação. E não a aproveitara.

“O que fiz?...”, pensou. Voltou ao local de onde vira o imperador. Mas não havia mais ninguém do outro lado do fosso. Viu apenas carros e carretas que

passavam. Um dos condutores informou-o de que o Estado-Maior de Kutuzov estava numa aldeia próxima, para onde se dirigiam os transportes. Rostov os seguiu.

Diante dele marchava o escudeiro de Kutuzov. Levava pelo cabresto dois cavalos encapados. Uma carroça seguia o escudeiro, e atrás caminhava um velho criado com as pernas arqueadas, vestindo um capote curto de pele de cordeiro e quepe.

— Tito! Eh! Tito! — disse o escudeiro.

— O quê? — perguntou o velho distraidamente.

— Tito, vai coçar tuas pulgas!

— Imbecil! — disse o velho escudeiro com raiva.

O silêncio durou alguns instantes, depois a mesma brincadeira recomeçou.

* * *

Às cinco horas da tarde a batalha estava completamente perdida. Mais de cem canhões haviam caído em poder dos franceses.

Prjebichevsky e seu corpo de exércitos haviam entregado as armas. As outras colunas, com menos da metade dos efetivos, recuavam desordenadamente em debandada.

O que sobrara das tropas de Langeron e Dokhturov comprimia-se em desordem junto dos açudes, sobre os barrancos e nas proximidades da aldeia de Auhest.

Às seis horas o canhoneio cerrado das baterias francesas, colocadas nas elevações de Pratzen, só visavam aos barrancos de Auhest, onde as tropas desbaratadas caíam fulminadas.

Na retaguarda, Dokhturov e outros, reunindo os batalhões, defendiam-se da cavalaria francesa que os perseguia. O crepúsculo chegava. Junto de um estreito dique de Auhest, onde, durante tantos anos, o velho moleiro se sentara tranquilamente com seus anzóis portando seu gorro de algodão, enquanto o neto, de mangas arregaçadas, mergulhava as mãos no grande regador e apalpava um peixe prateado, saltitante. Nesse mesmo dique onde, durante tantos anos conduzindo pacificamente as carroças cheias de trigo puxadas por dois cavalos,

passaram os morávios com seus gorros de pele e jaquetas azuis, que depois voltavam com as carroças cheias de uma farinha fina que voava no ar. Nesse mesmo dique, agora, entre transportes e canhões, em meio a cavalos e entre rodas, imprensavam-se homens meio loucos de medo da morte; derrubavam-se uns contra os outros, morriam, passavam por cima dos mortos, matavam-se, paravam para da mesma maneira ser mortos depois de darem alguns passos.

De dez em dez segundos, no meio dessa multidão compacta, caía uma bala de canhão ou explodia uma granada, matando e ensanguentando os que lá se encontravam. Ferido no braço, Dolokhov, a pé, com uma dezena de homens de sua companhia (já era oficial) e o comandante do regimento a cavalo eram os únicos sobreviventes de todo o regimento. Arrastados pela multidão, empurravam-se na entrada do dique e, imprensados de todos os lados, tiveram que parar, pois um cavalo caíra na frente deles sob um canhão e a multidão procurava removê-lo. Uma bala de canhão matou alguém atrás dele, um outro caiu adiante, deixando Dolokhov coberto de sangue. A multidão num impulso para a frente apertou-se, deu alguns passos e parou novamente.

“Ainda cem passos e será a salvação; permanecer em pé mais dois minutos será a morte certa”, pensava cada um.

Dolokhov, que se achava no meio da multidão, saltou para a borda do dique e, derrubando dois soldados, correu sobre o gelo escorregadio que cobria o lago.

— Vira! — gritou, correndo sobre o gelo que estava sob seus pés. — Vira... — gritou, designando o canhão. — Isto aguenta.

O gelo suportava, mas estalava e cedia. Era evidente que cederia não só sob o canhão e a turba, mas com o próprio peso de Dolokhov. Todos o olhavam apertando-se à beira do dique sem que ninguém se decidisse a acompanhá-lo. O comandante do regimento, que estava a cavalo, levantou o braço e abriu a boca para dirigir-se a Dolokhov quando uma bala de canhão passou zunindo tão baixo que todos se encolheram. Alguma coisa caiu. O general e seu cavalo desfaleceram num mar de sangue. Ninguém o olhou e ninguém procurou levantá-lo.

— Sobe no gelo! Vai para o gelo! Anda! Vira! Não ouves?! Vamos! — vociferaram de repente, depois da bala, numerosas vozes, sem saber o que diziam.

Um dos canhões da retaguarda foi empurrado para o gelo e uma multidão de soldados correu pelo lago gelado. Sob os pés de um dos primeiros soldados o gelo estalou e uma de suas pernas mergulhou na água. Quis levantar-se e a água lhe subiu até a cintura. Os soldados mais próximos pararam; o condutor da peça conteve o cavalo; mas atrás continuavam a gritar: “Vamos para o gelo.” “Por que param?” “Vamos. Vamos.” E ouviam-se gritos de horror na multidão. Os soldados que cercavam o canhão, brandindo os chicotes, surravam os cavalos para que eles fossem adiante. Os cavalos seguiram. O gelo que sustentava os homens fendeu-se numa grande extensão, e uns quarenta homens, atirando-se para trás e para a frente, pereceram afogados. As balas de canhão, zunindo regularmente, caíam no gelo, na água e, mais amiúde, na multidão que cobria o dique, o lago e suas margens.

XIX

No alto da montanha de Pratzen, segurando a haste da bandeira, o príncipe André estava estendido no mesmo local onde caíra. Sem perceber, perdendo sangue, deixava escapar um gemido queixoso, fraco, infantil.

Ao cair da noite cessou de gemer e calou-se completamente. Não sabia quanto tempo durara seu desmaio. Subitamente sentiu-se vivo outra vez, e com uma dor violenta que lhe lancinava a cabeça.

“Onde está esse céu alto que eu não conhecia e que vi hoje pela primeira vez?”, foi seu primeiro pensamento. “E esse sofrimento que eu também não conhecia. É verdade, até agora eu nada sabia, nada. Mas onde estou?” Prestou atenção e ouvia o ruído de cascos de cavalo que se aproximavam e o som de vozes que falavam em francês. Abriu os olhos. Sobre sua cabeça ainda estava o mesmo céu alto com as nuvens flutuantes que se elevavam ainda mais, e através das quais se podia perceber o infinito azulado. Não movia a cabeça e não via aqueles que, a julgar pelo ruído dos cascos e o som das vozes, aproximavam-se dele e paravam.

Era Napoleão com dois ajudantes de ordens. Percorrendo o campo de batalha, Bonaparte dava as últimas ordens para reforçar as baterias que atiravam sobre o

dique de Auhest e examinava os mortos e feridos que haviam ficado no campo de batalha.

— Belos homens — disse Napoleão, olhando um granadeiro russo morto, com o rosto enterrado no solo, a nuca enegrecida, deitado sobre o ventre e uma das mãos, já rígida, atirada para um lado.

— Acabaram-se as munições das peças de posição, *sire* — informou um ajudante de ordens que acabava de chegar das baterias que atiravam sobre Auhest.

— Mande avançar as da reserva — disse Napoleão, e, afastando-se alguns passos, parou junto do príncipe André, deitado de costas e apertando a haste da bandeira (a bandeira fora levada pelos franceses como troféu).

— Eis aí uma bela morte! — disse ele, olhando Bolkonski.

O príncipe André compreendeu que essas palavras eram de Napoleão e se referiam a ele. Compreendia que chamavam de *sire* aquele que as pronunciava.

Mas ouvia tudo isso como o zumbido de uma mosca. Não só isso não lhe interessava, como não lhe prestou a menor atenção e esqueceu-o em seguida. Sua cabeça queimava, sentia o sangue correr e via o céu longínquo, alto, infinito. Sabia que era Napoleão, seu herói, mas, nesse momento, Napoleão parecia um homem tão pequeno, tão insignificante em comparação com o que se passava entre sua alma e esse céu alto e infinito onde corriam nuvens!... Agora, pouco se preocupava com quem parasse perto dele e o que porventura dissesse, e, apesar de tudo, estava contente que esses homens tivessem parado, e queria que o auxiliassem e o levassem novamente para a vida, agora que ela lhe parecia tão bela e que ele a compreendia de outra forma. Num esforço de vontade moveu levemente uma perna e emitiu um som doentio, fraco, e sentiu piedade de si próprio.

— Ah! Não morreu! — disse Napoleão. — Levem esse rapaz para a enfermaria.

Depois, Napoleão foi ao encontro do marechal Lannes, que, aproximando-se de chapéu na mão e com um sorriso, felicitava o imperador pela vitória.

O príncipe André não se recordava de mais nada. Perdera a consciência com os sofrimentos terríveis que a remoção para a padiola lhe causavam, os solavancos do percurso e o exame dos ferimentos. Só acordou no fim do dia,

quando o levaram para o hospital com outros oficiais russos feridos, que haviam sido feitos prisioneiros. Quando era transportado, sentiu-se um pouco melhor e podia olhar em torno de si e até mesmo falar.

A primeira coisa que ouviu, ao acordar, foram as palavras do oficial francês que conduzia o comboio e dizia apressadamente:

— Temos que parar aqui: o imperador vai passar dentro de alguns instantes e gostará de ver os senhores prisioneiros.

— Hoje os prisioneiros são tantos, quase todo o exército russo, que provavelmente isso já o aborrece — disse outro oficial.

— Mas dizem que esse é o comandante da guarda do imperador Alexandre — retrucou o primeiro oficial, apontando um oficial ferido, fardado com o uniforme branco de guarda montada.

Bolkonski reconheceu o príncipe Repnine, que encontrara na sociedade de Petersburgo.

A seu lado estava um outro cavaleiro ferido, um rapaz de dezenove anos.

Bonaparte, que chegava a galope, estacou.

— Quem é o mais graduado? — perguntou ao ver os prisioneiros.

Mostraram-lhe o coronel príncipe Repnine.

— O senhor comandava a guarda montada do imperador da Rússia? — perguntou-lhe Napoleão.

— Comandava um esquadrão — respondeu Repnine.

— Seu regimento cumpriu nobremente seu dever — disse Napoleão.

— É a melhor recompensa para um soldado receber a aprovação de um grande capitão — replicou Repnine.

— É com prazer que lhe digo isso. Quem é esse rapaz a seu lado? — perguntou Napoleão. Repnine apresentou o tenente Sukhtelen.

Napoleão observou o moço e disse sorrindo:

— Veio bem novo meter-se conosco.

— Não é necessário ser velho para ter coragem — retrucou Sukhtelen em tom emocionado.

— Bem respondido — disse Napoleão. — Rapaz, você irá longe.

Colocado também na primeira fila para completar o troféu de prisioneiros, o príncipe André não podia deixar de chamar a atenção do imperador.

Napoleão lembrava-se, evidentemente, de tê-lo visto no campo de batalha e, dirigindo-se a ele, tratou-o por *jeune homme*, como o fizera a primeira vez.

— *Et vous, jeune homme?* Como se sente, *mon brave?*

Apesar de, cinco minutos antes, ter podido dirigir a palavra ao soldado que o transportava, agora, fixando os olhos em Napoleão, o príncipe André se calava.

Nesse momento os interesses que ocupavam Napoleão lhe pareciam tão insignificantes, seu herói lhe parecia tão mesquinho, com essa pequena ambição e a alegria da vitória, comparado a esse céu alto, justo e bom que ele via e compreendia, que nada lhe podia responder.

Tudo lhe parecia tão inútil e mesquinho comparado com esses severos e majestosos transportes do pensamento que lhe provocava o enfraquecimento das forças, devido à perda de sangue, aos sofrimentos e à espera da morte próxima! Fitando Napoleão nos olhos, o príncipe André pensava na futilidade da grandeza, na insignificância da vida, da qual ninguém pode compreender o sentido, e na insignificância ainda maior da morte, da qual nenhum ser em vida podia compreender ou explicar o significado.

Sem esperar a resposta, o imperador afastou-se e dirigiu-se a um oficial:

— Que esses senhores sejam bem cuidados, levem-nos para meu acampamento e digam a Larrey que lhes examine os ferimentos. Até mais, príncipe Reprine!

E partiu a galope.

Seu rosto tinha o brilho da alegria e da satisfação íntima.

Os soldados que conduziam o príncipe André e se haviam apoderado da medalhinha que a princesa Maria lhe pusera ao pescoço, diante da cordialidade do imperador com os prisioneiros, apressaram-se a devolvê-la.

O príncipe André não viu como nem quando lhe devolveram, mas de um momento para outro sentiu novamente sobre o peito a medalhinha suspensa na sua corrente de ouro.

“Seria bom se tudo fosse claro e simples como pensa a princesa Maria”, refletiu, olhando a medalha que sua irmã lhe dera com tanta piedade e veneração. “Como seria bom se se pudesse saber onde buscar ajuda neste mundo e o que se deve esperar depois da morte! Como me sentiria feliz e tranquilo se pudesse dizer agora: Senhor, perdoai-me! Mas a quem diria isso? A uma força

indefinida, incompreensível, à qual não posso nem me dirigir nem me expressar por palavras: o grande todo ou nada! Ou é Deus que está aqui, neste amuleto que a princesa Maria me deu? Nada! Não há nada de certo além da perda de valor das coisas que eu compreendo e da majestade de alguma coisa incompreensível e ainda mais importante!”

A padiola avançava. A cada solavanco sentia uma dor insuportável. Com o aumento da febre, começava a delirar. O pai, a mulher, a irmã, o filho esperado, o pequeno e ínfimo Napoleão e, sobre tudo isso, o céu alto apareciam-lhe em suas visões febris.

Imaginava a felicidade tranquila no seio da família em Lissia-Gori, quando subitamente aparecia o pequeno Napoleão com seu olhar indiferente, mesquinho e satisfeito com a desgraça alheia; voltavam-lhe as dúvidas e os sofrimentos, e apenas o céu prometia tranquilidade. Pela manhã todos os seus sonhos se confundiam no caos e nas trevas do delírio e do esquecimento que, segundo a opinião de Larrey, o médico de Napoleão, deviam resolver mais provavelmente pela morte que pela cura.

— É um indivíduo nervoso e bilioso. Não escapará — opinou Larrey.

Como os demais doentes desenganados, o príncipe André foi deixado aos cuidados dos habitantes locais.

Quarta parte

I

Em princípios de 1806, Nicolau Rostov veio em licença a Moscou. Denissov também ia visitar seus parentes em Voronejo e Rostov persuadiu-o acompanhá-lo até Moscou e parar algum tempo em sua casa. Na antepenúltima posta encontrou um amigo e bebeu três garrafas de vinho em sua companhia. Assim, enquanto se aproximavam de Moscou, dormia pesadamente, apesar dos solavancos. Deitara-se no fundo do trenó, junto de Rostov, cuja impaciência aumentava à medida que se aproximavam da cidade.

“Mais rápido! Como custa a chegar! Ah! Essas ruas insuportáveis, essas lojas, esses vendedores, esses lampiões, esses cocheiros!”, pensava Rostov depois de terem eles mostrado o salvo-conduto na barreira da cidade.

— Denissov! Chegamos!... Está dormindo! — disse Nicolau, inclinando o corpo para a frente como se aumentasse a velocidade do trenó com esse movimento.

Denissov não respondeu.

— Lá está a encruzilhada onde estacionava o cocheiro Zakhar, e lá está Zakhar com o mesmo cavalo, e a venda onde se comprava o pão de mel! Como demora! Vamos!

— Em que casa devo parar? — perguntou o postilhão.

— Ora, lá no fim da rua, naquela casa grande! Não estás vendo? É a nossa casa — dizia Rostov. — Denissov! Denissov! Chegamos.

Denissov levantou a cabeça, pigarreou e não respondeu.

— Dmitri! Aquela luz é lá de casa? — perguntou Rostov ao criado que estava na boleia.

— Sim, é a luz do gabinete de seu pai.

— Ainda não foram se deitar, hein! O que achas? Vê se não esqueces de tirar da mala meu uniforme novo assim que chegarmos — acrescentou, torcendo o bigode que começava a aparecer. — Vamos, mais ligeiro! — gritou ao postilhão. — Acorda, Vassia! — disse a Denissov, que deixara a cabeça cair novamente. — Depressa, depressa, três rublos de gorjeta, vamos — gritou Rostov quando o trenó estava a três casas do patamar. Parecia-lhe que os cavalos não puxavam. Finalmente o trenó dobrou à direita, dirigindo-se para o patamar. Viu a cornija de gesso rachado, tão sua conhecida, a coluna de entrada. Saltou do trenó em movimento e correu para o vestíbulo. A casa estava quieta, inóspita, como se não

se interessasse pelos visitantes. No vestibulo não havia ninguém. “Meu Deus, será que está tudo bem?”, pensou com um aperto no coração. Depois de uma rápida pausa, atravessou o vestibulo e subiu os degraus gastos, tão seus conhecidos. Lá estava o mesmo trinco da porta, com cuja sujeira a condessa tanto se incomodava e que cedia silenciosamente como sempre. Apenas uma vela iluminava a antecâmara.

O velho Mikhail dormia numa banqueta. Prokofi, o lacaios fortíssimo que levantava o carro pela parte traseira, trançava umas sandálias de palha. Olhou para a porta que se abria e seu ar sonolento e indiferente transformou-se subitamente num entusiasmo assustado.

— Céus! O jovem conde! — exclamou reconhecendo seu jovem amo.

— Ora veja! Meu querido! — E, trêmulo de emoção, correu para a porta da sala, provavelmente para anunciar quem chegava. Mas, refletindo, voltou e abraçou, beijando o ombro do jovem amo.

— Vão todos bem? — perguntou Rostov, tirando o braço.

— Deus seja louvado! Vai tudo bem, acabam de cear. Deixa que eu te olhe, Excelência.

— Tudo bem mesmo?

— Graças a Deus! Graças a Deus!

Rostov esquecera-se completamente de Denissov e, não permitindo que o anunciassem, tirou a peliça e entrou na ponta dos pés na grande sala sombria.

Tudo estava como antes: as mesmas mesas, o mesmo jogo, o mesmo lustre encapado. Mas alguém já havia visto o jovem amo, e antes que ele chegasse ao salão uma onda barulhenta como uma tempestade saltou pela porta lateral, cercandoo e abraçando-o. Mais uma segunda, uma terceira pessoa vindas de uma e outra parte, abraços, gritos, beijos, lágrimas de alegria. Nicolau não podia distinguir quem era o pai, Natacha, Pétia. Todos gritavam, falavam e o abraçavam ao mesmo tempo. Apenas sua mãe não estava, e ele notou imediatamente.

— E eu não sabia... Nikolenka... meu amigo!

— Aí está ele, nosso... meu amigo... Kola... Como mudou! Está escuro? Chá?

— Dá-me um abraço!

— Meu querido, e eu...

Sônia, Natacha, Pétia, Ana Mikhailovna, Vera, o velho conde, todos o abraçavam. Os criados, as camareiras enchiam a casa com suas exclamações.

Pétia agarrava-se às suas pernas.

— E eu? — gritou.

Natacha afastava-se, depois puxava-o e beijava-o por todo o rosto, agarrou seu casaco e pulava como uma cabra, sempre no mesmo lugar, dando gritos estridentes.

De todos os lados olhos brilhantes, carinhosos, lágrimas de alegria, lábios que procuravam beijos.

Toda rubra como um *kumatch*, [\[20\]](#) Sônia também lhe segurava o braço, olhando-o extasiada. Sônia já tinha dezesseis anos. Estava muito bonita, principalmente nesse momento de entusiasmo feliz. Não despregava os olhos dele, e, sorrindo, continha a respiração. Ele a fitava como que em retribuição, mas esperava e procurava alguém. A velha condessa ainda não estava lá. Até que ouviu passos do outro lado da porta, passos rápidos que não podiam ser de sua mãe.

Mas era ela, com um vestido novo que ele não conhecia, feito em sua ausência. Todos o deixaram e ele correu ao seu encontro. Quando chegou junto à mãe, esta caiu em soluços nos seus braços. Não podia levantar a cabeça, apoiada nos alamares frios de seu uniforme.

Ninguém notara Denissov, que estava na mesma sala, esfregando os olhos diante do que via.

— Vassili Denissov, um amigo de seu filho — disse, apresentando-se ao conde, que o fitava interrogativamente.

— Ah! Seja bem-vindo, eu sei, eu sei — disse o conde, abraçando Denissov.

— Nicolau nos escreveu... Natacha, Vera, é ele, Denissov.

Os mesmos semblantes felizes, entusiastas, se voltaram para a figura desgrenhada de Denissov e o cercaram.

— Caro Denissov! — gritou Natacha, que, entusiasmada, perdia o controle.

Correu para ele e beijou-o.

Todos ficaram confusos com a atitude de Natacha. Denissov também corou, depois, sorrindo, beijou a mão de Natacha. Levaram Denissov até o quarto que

lhe estava reservado e todos os Rostov se reuniram na sala de música em torno de Nicolau.

A velha condessa, sem soltar a mão do filho, que beijava a cada momento, sentou-se junto dele. Os demais, agrupados em volta, atentos a cada movimento, cada palavra, cada olhar, não cessavam de contemplá-lo com entusiasmo e carinho. Os irmãos discutiam para ficar mais perto dele e brigavam pela honra de trazer-lhe o chá, um lenço, fumo.

Nicolau estava muito contente com a afeição que lhe testemunhavam, mas no primeiro momento do encontro sentiu-se tão feliz que a felicidade atual lhe parecia insuficiente e esperava ainda alguma coisa.

No dia seguinte os viajantes dormiram até as dez horas da manhã. No aposento vizinho acumulavam-se sabres, cartucheiras, mochilas, malas abertas, botas sujas. Dois pares de botas, lustradas, com esporas foram colocados junto da parede. Os criados trouxeram lavatórios, água quente para barba, as roupas escovadas. O quarto cheirava a fumo e a homem.

— Alô! Grichka! O cachimbo! — gritou Vaska Denissov com sua voz rouca.
— Rostov, levanta.

Rostov ergueu a cabeça do travesseiro, esfregando as pálpebras coladas e com a cabeleira bagunçada.

— Então? Já é tarde?

— É, sim. Dez horas — respondeu a voz de Natacha.

E, no aposento vizinho, ouvia-se o farfalhar das saias engomadas, o cochicho, os risos e as vozes das meninas, e qualquer coisa de azul, fitas, cabelos negros e semblantes alegres apareceu na porta entreaberta. Eram Natacha, Sônia e Pétia, que vinham ver se eles já tinham se levantado.

— Nikolenka, levanta — repetiu a voz de Natacha perto da porta.

— Estou indo.

Foi quando Pétia, vendo o sabre no primeiro quarto, o empunhou com o entusiasmo dos jovens por seus irmãos militares, e, esquecendo que não ficava bem para as meninas verem homens em trajes íntimos, abriu a porta.

— É teu sabre! — gritou.

As garotas se afastaram. Com os olhos assustados, Denissov escondia com o cobertor suas pernas cabeludas, virando-se para seu companheiro como para

pedir-lhe auxílio. Pétia entrando e fechando a porta. Ouviam-se risos do outro lado.

— Nikolenka, sai em robe de chambre — propôs Natacha.

— É teu sabre? — perguntava Pétia. — Ou vosso? — perguntou com respeito ao moreno Denissov de longos bigodes.

Rostov calçou-se rapidamente, pôs o robe de chambre e saiu. Natacha já havia calçado uma bota, com a espora, e procurava calçar a outra. Sônia rodopiava para fazer rodar a saia e sentar-se. Ambas trajavam vestidos azul-claros, iguais; estavam coradas, dispostas e alegres. Sônia fugiu e Natacha, tomando o irmão pelo braço, levou-o para a sala de música, onde ficaram conversando. Não terminavam de interrogar-se mutuamente e responder a perguntas sobre mil pequenas bobagens que só a eles interessavam. Natacha ria a cada palavra, não porque as palavras fossem engraçadas, mas porque estava alegre, e não podendo esconder sua alegria, exprimia-a pelo riso.

— É isso mesmo! Que maravilha! — acrescentava ela a tudo.

Pela primeira vez, depois de um ano e meio, sob a influência dos raios quentes do amor, Rostov sentia desabrochar em sua alma e em seu rosto esse sorriso infantil que não tivera desde sua partida.

— De verdade, agora estás um homem! Estou muito contente por seres meu irmão. — Ela tocava seu bigode. — Queria saber como são vocês os homens. Serão semelhantes a nós? Não?

— Por que será que Sônia fugiu? — perguntou Rostov.

— Ah! Isso é muito complicado! Como vais tratá-la? Por tu ou senhora?

— Como a coisa se apresentar.

— Trata-a por senhora, sim? Depois te direi por quê.

— Mas por quê?

— Ora, posso dizer de uma vez. Sabes que Sônia é minha amiga, e tão amiga que por ela botei meu braço no fogo, olha.

Arregaçou a manga de musselina e no braço fino, comprido, macio, muito acima do cotovelo, perto do ombro, justamente no lugar que os vestidos de baile escondem, mostrou uma mancha vermelha.

— Queimei-me por ela, para provar-lhe meu amor. Aqueci a régua no fogo e encostei-a aqui.

Sentado na sua antiga sala de estudos, entre almofadas, e vendo os olhos animados e brilhantes de Natacha, Rostov voltava para seu mundo familiar e infantil, com significação apenas para ele, que lhe havia proporcionado os melhores prazeres da vida. A queimadura do braço com a régua, como prova de amor, não lhe parecia inútil; compreendia e não se admirava.

— Como? Só isso? — perguntou.

— Ah! Somos tão amigas, tão amigas! A queimadura não é nada, é uma bobagem. Somos amigas para sempre. Quando ela gosta de alguém é para sempre. Eu não compreendo isso, esqueço imediatamente.

— Mas e então?

— Sim, ela gosta de mim como gosta de ti. — Natacha corou subitamente. — Pois bem, lembra-te antes de tua partida?... Pois ela diz que tu esqueces tudo... Ela disse: Hei de amá-lo sempre, mas quero que ele seja livre. Como é belo e nobre, não é verdade? Sim, sim, muito nobre! — disse Natacha seriamente e com tanta emoção que, evidentemente, já dissera a mesma coisa com lágrimas.

Rostov ficou pensativo.

— Nunca volto atrás quando prometo — disse ele. — Além disso, Sônia é tão encantadora que só um louco recusaria essa felicidade.

— Não, não! — gritou Natacha. — Nós já falamos sobre isso. Sabíamos que seria essa tua resposta. Mas é impossível. Compreendes que, falando assim, te consideras preso por palavras que ela mesma tenha provocado. Assim casarias obrigado, e não é isso que ela quer.

Rostov achou que estava muito certo. Desde a véspera a beleza de Sônia o surpreendera; hoje ela lhe parecia ainda mais bonita. Era uma garota encantadora de dezesseis anos de idade que, evidentemente, o amava apaixonadamente (ele estava certo disso). E por que não a amaria e não casaria com ela? Mas, de momento, existem tantas outras alegrias e ocupações! “Sim, elas pensaram muito bem nisso! Devo ficar livre!”, pensava Nicolau.

— Está bem — concordou. — Falaremos nisso mais tarde. Ah! Como estou contente em ver-te. E tu, não traíste Boris? — perguntou-lhe.

— Que bobagem! — exclamou Natacha, rindo. — Não penso nem nele nem em ninguém, e não quero saber disso.

— Verdade? Então o que farás?

— Eu? — disse Natacha, com um sorriso feliz. — Viste Duport?

— Não.

— Não viste o célebre Duport, o dançarino? Ah! Então não podes compreender. Mas eis o que eu sou. — Natacha arqueou os braços, suspendeu a saia, afastou-se correndo, voltou-se, deu um salto e, pulando num *entrechat*, fez alguns passos nas pontas dos pés.

— Vês como fico na ponta! — exclamou. Mas não podia sustentar-se na ponta dos pés. — Pois bem, eis o que sou. Não casarei nunca, serei bailarina. Apenas não digo a ninguém.

Rostov deu uma risada tão forte e tão alegre que Denissov, no outro quarto, sentiu ciúmes. Não podendo conter-se, Natacha ria com o irmão.

— É bom, não é?

— Se é bom? Bem, então não queres mais casar com Boris?

Natacha corou.

— Não quero casar com ninguém, eu mesma lhe direi quando nos encontrarmos.

— Mesmo?

— Mas tudo isso não significa nada — cortou Natacha. — E esse Denissov, é bom?

— Sim.

— Então, adeus, vai te vestir. Ele não assusta a gente, esse teu Denissov?

— Não, por quê? — perguntou Nicolau. — Vaska é muito bom.

— Tu o chamas de Vaska, engraçado. Ele é bom mesmo?

— Sim, muito bom.

— Muito bem, não demores a vir tomar o chá, vamos esperar.

Natacha saiu do quarto na ponta dos pés como fazem as bailarinas, mas sorrindo como só sabem sorrir as garotinhas felizes de quinze anos.

Encontrando Sônia no salão, Rostov corou. Não sabia que atitude assumir na sua presença. Na véspera haviam se beijado no primeiro momento de alegria, mas hoje ele sentia que não podia fazer isso. Sentia que todos, sua mãe e suas irmãs, o olhavam interrogativamente para saber como ele a trataria. Beijou-lhe a mão e lhe tratou como senhora, mas os olhos que se encontraram disseram tu e abraçaram-se ternamente. O olhar de Sônia pedia-lhe perdão por ter lhe

lembrado da promessa por intermédio de Natacha e agradecia seu amor. Ele, com o olhar, agradecia a liberdade que ela lhe dera e dizia que de uma ou de outra forma não deixaria nunca de amá-la, que era impossível.

— Engraçado que Nicolau e Sônia se tratem por senhor e senhora como dois estranhos — disse Vera, aproveitando um momento de silêncio. A observação era muito justa, como todas as suas observações, mas a verdade é que todos se sentiram constrangidos, não só Nicolau, Sônia e Natacha, mas também a velha condessa, que temia que o amor do filho por Sônia pudesse privá-lo de um partido brilhante e corou como uma menina. Para grande surpresa de Rostov, Denissov entrou na sala em uniforme novo, perfumado e elegante como em dia de batalha. Foi tão amável com as damas e os homens que surpreendeu Rostov.

II

Na sua volta do exército a Moscou, Nicolau Rostov foi recebido pelos mais íntimos como o melhor dos filhos, como um herói, como o querido Nikolenka; por parentes, como um rapaz encantador, agradável e respeitável; pelos conhecidos, como um belo tenente de hussardos, bom dançarino e um dos melhores partidos de Moscou.

Os Rostov conheciam todo mundo em Moscou. Nesse ano o velho conde tinha bastante dinheiro, pois havia hipotecado novamente seus domínios. Assim Nikolenka tornou-se proprietário de um trotador, usava calças da última moda como ainda ninguém possuía em Moscou, calçados elegantes, os mais pontudos, com pequenas esporas de prata, e passava alegremente o tempo. Um certo tempo depois de voltar, Rostov se reabilitava agradavelmente às suas antigas condições de vida. Sabia ter crescido e acreditava-se um verdadeiro homem. Seu desespero causado pelo resultado ruim no exame de religião, o empréstimo contraído com o cocheiro Gavrilo, os beijos furtivos em Sônia, tudo isso lhe parecia criancices, coisas de um passado distante. Atualmente, era um tenente de hussardos, possuía uma túnica bordada de prata com a cruz de São Jorge, exercitava seu cavalo com amadores idosos, muito respeitáveis e muito conhecidos. Conheceu uma dama no bulevar, a quem visitava à noite, dirigia a mazurca no baile dos Arkharov, falava de guerra com o feldmarechal Kaminski, frequentava o clube inglês, conversava como amigo com um coronel de quarenta anos que Denissov lhe apresentara.

Em Moscou sua paixão pelo imperador enfraqueceu um pouco, porque não via e não tinha ocasião de vê-lo, mas falava muito no tsar, em seu amor por ele, dando a entender que não dizia tudo e que em sua afeição existia alguma coisa que nem todos podiam compreender. E compartilhava de todo o coração o sentimento geral de adoração que em Moscou se votava então ao imperador Alexandre Pavlovitch, onde o haviam cognominado “o Anjo Terrestre”.

Durante sua curta estada em Moscou, até a volta para o exército, Rostov não se aproximou de Sônia — antes, procurou afastar-se dela. Estava muito bonita, encantadora, e via-se que o amava apaixonadamente, mas ele se achava nesse período de juventude em que parece haver tantas coisas para fazer que não se tem tempo de ocupar-se de uma determinada criatura, e receia-se qualquer compromisso. A liberdade lhe parecia necessária para muitas outras coisas. Durante essa estada em Moscou, quando pensava em Sônia, costumava dizer: “Encontrarei muitas outras iguais; devem existir por aí muitas que ainda não conheço. Terei tempo quando quiser pensar em amor, mas por enquanto não tenho tempo.” Além disso, a companhia de garotinhas parecia-lhe humilhante para a sua dignidade de homem. Nos bailes e na companhia das mulheres fingia-se contrariado. As corridas, o clube inglês, as farras com Denissof, as visitas *là-bas* eram outra coisa, eram o que convinha a um valente hussardo.

Em princípios de março, o velho Ilia Andreievitch Rostov estava organizando um banquete no clube inglês para receber o príncipe Bagration.

O conde andava no salão em robe de chambre, dando ordens ao gerente do clube e ao célebre Theoctisto, chefe da cozinha, sobre os aspargos, os pepinos frescos, os morangos, a vitela e os peixes, para o jantar do príncipe Bagration. Era membro e diretor do clube desde a sua fundação. Fora-lhe confiada a organização do banquete a Bagration por ser o único capaz de organizar um banquete dessas proporções e, sobretudo, porque poucas pessoas sabiam ou queriam gastar o próprio dinheiro se isso fosse necessário. O chefe da cozinha e o gerente do clube ouviam alegremente as ordens do conde, pois sabiam que não havia ninguém melhor do que ele para lhes proporcionar grandes lucros num banquete de vários milhares de rublos.

— E não esqueças a crista na sopa de tartaruga, ouviste?

— Serão necessários três pratos frios? — perguntou o chefe de cozinha.

O conde ficou pensativo.

— Menos que três é impossível... maionese... um — disse, dobrando um dedo.

— Devo comprar esturjões grandes? — perguntou o gerente.

— Que remédio, se não quiserem ao menos baixar o preço. Ah! Meu caro, já ia esquecendo... É necessário haver mais uma entrada. É o diabo! O diabo! — Pôs as mãos na cabeça. — Sim, mas quem irá buscar as plantas? Mitenka! Mitenka! Vá imediatamente até a chácara — disse a Mitenka, que acorrera a seu chamado. — Vá depressa e diz ao jardineiro Máximo que ponha os servos para trabalhar e mande todas as plantas da estufa. Diga que, sexta-feira, quero duzentas plantas aqui enroladas em feltro.

Depois de dar ainda diversas ordens, quis descansar nos aposentos da condessa, mas lembrou-se que ainda tinha o que fazer; mandou chamar o cozinheiro e o gerente e começou a dar novas ordens.

Ouviu-se atrás da porta o andar leve de um homem, acompanhado do ruído de esporas, e o jovem conde apareceu, bem-disposto, bonito, com seu bigodinho preto que começava a aparecer. Era evidente que descansava e se lançara na vida ociosa de Moscou.

— Ah! Meu caro, estou com a cabeça tonta! — disse o velho conde, sorrindo um pouco envergonhado diante do filho. — Podes me ajudar! Ainda preciso de cantores e músicos. Temos os nossos, mas talvez convenha chamar os ciganos. Vocês militares gostam disso.

— Francamente, meu pai, creio que Bagration quando se preparava para a batalha de Schoengraben estava menos preocupado que o senhor hoje — disse o rapaz, sorrindo.

O velho conde fingiu-se ofendido.

— Vai falando, vem cá!

Dirigiu-se ao cozinheiro, que, com ar respeitoso e inteligente, observava e olhava afetuosamente pai e filho.

— Essa é a mocidade de hoje, Theoctisto, ri dos velhos! — disse o conde.

— Ora, Excelência, contentam-se em comer bem, mas o que toca aos preparativos e ao serviço, isso não os preocupa.

— É isso mesmo, isso mesmo! — exclamou o conde. E segurando alegremente as mãos do filho, disse: — Foi bom teres vindo aqui: toma o trenó de dois cavalos, vai até a casa Bezukhov e diz-lhe que o conde Ilia Andreievitch mandou buscar morangos e abacaxis frescos que não encontrou em parte nenhuma e só ele deve ter. Se ele não estiver, fala com as princesas. De lá, vai a Razgulai, o cocheiro Ipatka sabe onde é, e traz o cigano Iluchka, aquele que dançava de blusa branca na festa do conde Orlov.

— As ciganas também? — perguntou, rindo, Nicolau.

— Por que não?!

Nesse instante Ana Mikhailovna entrou na sala num passo imperceptível, com o ar preocupado e cristão que não deixava nunca.

Todos os dias Ana Mikhailovna via o conde em robe de chambre, mas, apesar disso, ele sempre se desculpava do seu traje.

— Não tem importância, meu caro conde — disse ela, fechando modestamente os olhos. — Eu mesma irei falar com Bezukhov. Pierre chegou, e agora teremos tudo que quisermos de suas estufas. Além disso, preciso falar-lhe. Mandou-me uma carta de Boris. Graças a Deus, Boris agora está adido ao Estado-Maior.

Feliz com a colaboração de Ana Mikhailovna, o conde mandou que lhe preparassem o carro pequeno.

— Diga a Bezukhov que venha. Inscreverei seu nome. Virá com a mulher?

Ana Mikhailovna levantou os olhos numa expressão de profunda dor.

— Ah! Meu amigo, ele é muito infeliz. Se o que dizem é verdade, é horrível! E pensar que ficamos tão contentes com sua felicidade! E que alma superior e celeste esse jovem Bezukhov! Sim, lamento de todo o coração e, na medida de minhas possibilidades, procurarei consolá-lo.

— Mas o que há? — perguntaram o velho conde e Nicolau ao mesmo tempo.

Ana Mikhailovna suspirou profundamente.

— Dolokhov... o filho de Maria Ivanovna comprometeu-a, segundo dizem — respondeu a meia-voz e num tom misterioso, como se temesse se comprometer. — Ele o protegeu, convidou-o para a sua casa em São Petersburgo e é isso... Chegou aqui e esse malandro lhe faz a corte — disse Ana Mikhailovna, desejando exprimir sua compaixão por Pierre; mas, por entonações involuntárias

e um meio sorriso, via-se que ela tinha pena principalmente do malandro Dolokhov, como o tratava. — Dizem que Pierre está muito abatido com essa desgraça.

— Bem, mas não deixe de dizer-lhe que venha ao clube. Será uma distração. Vai ser um banquete monstro!

No dia seguinte, 3 de março, às duas horas da tarde, duzentos e cinquenta sócios do clube inglês e cinquenta convidados esperavam para o almoço o convidado de honra, o herói da campanha austríaca, o príncipe Bagration.

No primeiro momento, depois da batalha de Austerlitz, toda Moscou ficou surpresa. Nessa época os russos estavam tão habituados às vitórias que, ao tomarem conhecimento da derrota, muitos não acreditaram e outros procuravam causas extraordinárias para explicar o acontecido. No clube inglês, onde se reunia tudo que havia de mais ilustre, chegavam informações seguras e importantes, e no mês de dezembro, quando veio a notícia, não se falou mais em guerra, dando a impressão de que todos se tinham combinado nesse sentido. Os figurões que guiavam as conversas, como o conde Rostopchine, o príncipe Iuri Vladimirovitch Dolgorukov, Valuiiev, o conde Markov e o príncipe Viazemski, não apareciam no clube, mas se reuniam em suas residências, em rodas íntimas. E os moscovitas que falavam por ouvir dizer (entre os quais estava o conde Ilia Andreievitch Rostov) ficaram por algum tempo sem opinião sobre a guerra e sem ninguém para guiá-los. Os moscovitas sentiam que havia qualquer coisa de desastroso, que era difícil discutir más notícias e que o melhor era silenciar. Mas depois de algum tempo, tais como jurados que saem da sala de deliberações, os indivíduos que davam a opinião do clube reapareceram, e todos recomeçaram a falar alto e claro. Encontravam causas para esse conhecimento incrível, inaudito, impossível: a derrota dos russos. Tudo tornou-se evidente, e em todos os cantos de Moscou se dizia a mesma coisa. As causas eram: a traição dos austríacos, o mau reabastecimento das tropas, a traição do polonês Przebichevsky e do francês Langeron, a incapacidade de Kutuzov e (diziam em surdina) a pouca idade e a inexperiência do imperador, que confiara em gente má e incapaz. Mas as tropas russas, diziam todos, foram extraordinárias e fizeram prodígios de valor. Os soldados, os oficiais, os generais, todos eram heróis. Mas o herói entre os heróis era o príncipe Bagration, que se glorificara na batalha de Schoengraben e na

retirada de Austerlitz, onde só ele conservara suas colunas em ordem e rechaçara durante um dia inteiro um inimigo duas vezes mais poderoso. A outra razão que fazia do príncipe Bagration o herói escolhido de Moscou era o fato de ser ele completamente estranho à cidade, sem ligação de espécie alguma. Na sua pessoa se homenageava o simples soldado russo, distante de todas as relações e intrigas, o guerreiro cujo nome estava ligado ao de Suvorov pelas recordações da campanha da Itália. Além disso, com tais honrarias, demonstravam melhor o descontentamento com Kutuzov.

— Se Bagration não existisse, seria preciso inventá-lo — dizia o espirituoso Chinchine, parodiando Voltaire. Ninguém falava de Kutuzov e alguns o injuriavam em voz baixa, tratando-o de cata-vento da corte e velho sátiro.

Toda Moscou repetia as palavras do príncipe Dolgorukov: “Só quem nada faz é que nunca se engana.” Consolava-se da derrota recordando antigas vitórias, e com as palavras de Rostopchine, que dizia ser necessário excitar o soldado francês com grandes frases, que aos alemães era necessário convencer pela lógica de que era mais perigoso fugir que avançar, enquanto que ao soldado russo era preciso contê-lo e pedir que agisse com mais calma. De todos os lados ouviam-se novas histórias de exemplos de heroísmo cometidos na batalha de Austerlitz por nossos soldados e oficiais; um salvara a bandeira, outro matara cinco franceses, o terceiro carregara cinco canhões sem nenhuma ajuda. Não esqueciam Berg, e até os que não o conheciam contavam que, apesar de ferido na mão direita, empunhara a espada com a esquerda e continuara pelejando.

Não se dizia nada sobre Bolkonski e unicamente os que o haviam conhecido de perto lamentavam que tivesse morrido tão cedo, deixando a esposa grávida na casa daquele original que era seu pai.

III

No dia 3 de março todas as salas do clube inglês estavam repletas de convidados e membros do clube, que conversavam ruidosamente, em uniformes, fraques, alguns até empoados e de cafetã, parecidos com abelhas na primavera, que ora se sentavam, ora se levantavam, ora se reuniam, ora se separavam.

Os lacaios empoados, em libré, meias de seda e calções, se conservavam junto de cada porta, procurando seguir todos os movimentos dos convidados e

membros do clube, a fim de poder servi-los da melhor forma possível. Os presentes, na sua maioria, eram homens velhos, respeitáveis, de rostos largos, seguros, dedos grossos, movimentos e vozes firmes. Os membros do clube e os convidados dessa categoria estavam sentados no lugar que lhes fora designado e formavam o grupo habitual. A minoria era composta de convidados de ocasião, principalmente rapazes, entre os quais Denissov, Rostov, Dolokhov, novamente promovido a oficial do regimento Semenovski. Nos semblantes dos moços, principalmente dos militares, podia se ler uma expressão de respeito desdenhoso para com os velhos que parecia dizer: “Sim, nós os estimamos e respeitamos de bom grado, mas não se esqueçam de que o futuro é nosso.”

Nesvitzki estava presente na qualidade de antigo sócio do clube. Pierre, que por ordem de sua mulher deixava crescer os cabelos, não usava mais óculos e vestia-se na moda, passeava pelas salas com um ar entediado e triste. Como sempre, estava cercado por pessoas que olhavam para sua fortuna, e ele as tratava com um desprezo distraído peculiar aos que têm o hábito de dominar.

Pela idade devia estar entre os jovens, mas pela fortuna e posição fazia parte da roda dos antigos, dos velhos convidados respeitáveis. Por essa razão passava de um grupo a outro. Alguns velhos dos mais importantes formavam o centro dos grupos dos quais até os desconhecidos se aproximavam respeitosamente para ouvir as pessoas de destaque. Os maiores grupos eram formados em torno do conde Rostopchine, Valuiev e Narischkine. Rostopchine contava que os russos haviam sido espezinhados pelos austríacos em fuga e que haviam sido obrigados a fazer uso da baioneta a fim de abrirem caminho entre os que fugiam.

Valuiev contava confidencialmente que Uvarov fora mandado de Petersburgo a fim de conhecer a opinião dos moscovitas sobre Austerlitz.

Num outro grupo Narischkine narrava a sessão do Conselho Superior de Guerra austríaco, onde Suvorov gritara como um galo contra a estupidez dos generais austríacos. Chinchine, querendo fazer graça, disse que, evidentemente, Kutuzov não aprendera com Suvorov a arte fácil de cantar como galo. Os velhos fitaram severamente o brincalhão, dando-lhe a entender que nesse dia não era de bom-tom mencionar o nome de Kutuzov.

O conde Ilia Andreievitch Rostov, calçando botinas confortáveis, andava ativamente da sala de jantar para o salão com o aspecto preocupado,

cumprimentando uniformemente todas as pessoas, importantes ou não, todas suas conhecidas, e de vez em quando procurava seu elegante e valente filho. Fitava-o piscando os olhos. O jovem Rostov estava com Dolokhov em pé, junto da janela; conhecera-o recentemente e tinha por ele grande simpatia. O velho conde aproximou-se e apertou a mão de Dolokhov.

— Aparece lá em casa. Agora conheces meu filho. Sei que vocês fizeram prodígios no campo de batalha... Ah! Vassili Ignatitch! Bom dia, meu caro — disse a um velho que passava nesse momento. Mas nem terminara sua saudação e todos já se movimentavam ao ouvir o laçao anunciar assustado “Chegou!”.

As campainhas retiniram. O comitê do clube precipitou-se para a frente, os convidados dispersos em diversos lugares, como o trigo sacudido numa pá, reuniram-se num único bloco e pararam no grande salão perto da porta da sala.

Bagration apareceu à porta da entrada.

Não trazia chapéu nem espada, tendo-os deixado no vestíbulo, segundo o uso do clube. Não estava com um gorro de peles, com o chicote de cossaco a tiracolo, como Rostov o vira na véspera da batalha de Austerlitz. Vestia um uniforme novo com as condecorações russas e estrangeiras, a cruz de São Jorge do lado esquerdo. Via-se claramente que antes de vir aparara as costeletas e mandara cortar o cabelo, o que prejudicava bastante seu aspecto. Havia em seu semblante uma expressão de festa, ingênua, um pouco ridícula, em contraste com seus traços firmes e másculos. Bekhleschov e Fedor Petrovitch Uvarov, que o acompanhavam, pararam no limiar da porta a fim de permitir-lhe, como principal convidado, passar na frente. Confuso, Bagration não queria aproveitar a gentileza. Todos pararam à porta e finalmente Bagration passou em primeiro lugar. Desajeitado e timidamente, caminhava pela sala de recepção sem saber o que fazer das mãos. Era-lhe mais fácil e mais habitual caminhar sob as balas, num campo lavrado, como fizera diante do regimento de Kursk em Schoengraben. Perto da primeira porta, os membros do comitê do clube foram a seu encontro. Em breves palavras exprimiram-lhe a alegria de ver um convidado tão estimado e, sem esperar resposta, cercaram-no e o levaram até o salão. Pela porta do salão era impossível passar por causa dos membros do clube e dos convidados, que se empurravam e procuravam ver Bagration por cima dos ombros uns dos outros, como se se tratasse de um animal raro. O conde Ilia

Andreievitch, o mais enérgico de todos, rindo e dizendo “Deixa, meu caro, deixa passar”, empurrou a multidão e levou o convidado até a sala central de música, onde o fez sentar-se no sofá. Os medalhões e os membros mais graduados do clube cercavam os recém-chegados.

Forçando novamente a passagem através da multidão, o conde Ilia Andreievitch saiu do salão e, um minuto depois, apareceu com um outro diretor, trazendo uma grande bandeja de prata, que ofereceu a Bagration. Nessa bandeja estavam uns versos escritos em honra do herói. Vendo a bandeja, Bagration assustou-se e parecia pedir socorro. Mas todos os olhares convidavam-no a submeter-se. Sentindo-se dominado, Bagration, resolutamente, segurou a bandeja com as duas mãos e, descontente, lançou um olhar de censura para o conde que a trouxera. Alguém segurou gentilmente a bandeja (de outra forma Bagration a teria segurado até a noite e teria ido assim para a mesa), chamando-lhe a atenção para os versos.

“Está bem, vou ler”, pareceu dizer. Fixando os olhos cansados sobre o papel, começou a ler num ar concentrado e sério. O autor tomou-os e leu. O príncipe Bagration inclinou a cabeça e escutou:

Sejas pois a glória do século de Alexandre,
Guarda nosso Titus sobre o trono.
Sejas ao mesmo tempo o chefe temível, o homem bom,
O baluarte da pátria, e o César do campo de batalha.
Sim, o feliz Napoleão
Quando souber por experiência quem é Bagration
Não mais ousará inquietar os Aquiles russos...

Ainda não terminara a leitura e já o gerente anunciava com sua voz retumbante: “O jantar está servido!” As portas se abriram. Na sala de jantar a orquestra fez-se ouvir numa polonesa: “Que estoure o raio da vitória; que os russos corajosos se regozijem!”

O conde Ilia Andreievitch, lançando um olhar irritado ao autor, que continuava lendo os versos, adiantou-se para Bagration. Todos se levantaram;

percebia-se que o jantar era mais importante que os versos.

Novamente, à frente de todos, Bagration dirigiu-se para a mesa. Ocupava o lugar de honra entre dois Alexandres: Bekhleschov e Narischkine, o que tinha sua importância, dado o primeiro nome do imperador. Trezentos convidados tomaram seus lugares em volta da mesa, de acordo com sua graduação e importância. O fato de os mais importantes estarem mais próximos do convidado de honra era tão natural como a água que corre mais profundamente quando o solo é mais baixo.

Antes do jantar o conde Ilia Andreievitch apresentou seu filho ao príncipe. Bagration o reconheceu, disse algumas palavras embaraçadas, como todas que proferiu nesse dia. Feliz e orgulhoso, o conde Ilia Andreievitch olhava em volta, enquanto Bagration falava com seu filho.

Nicolau Rostov, Denissov e seu novo amigo, Dolokhov, estavam sentados lado a lado, quase ao centro da mesa. Em frente a eles estava Pierre e o príncipe Nesvitzki.

Dando todas as atenções ao príncipe e personificando toda a hospitalidade moscovita, o conde Ilia Andreievitch estava sentado diante de Bagration junto com os demais diretores do clube.

Seus esforços não foram em vão.

Os pratos leves e pesados eram deliciosos, contudo, ele não pôde deixar de inquietar-se ao longo do jantar. Piscava o olho para o gerente, dava ordens em voz baixa aos criados e não era sem uma certa emoção que esperava cada prato, que conhecia antecipadamente. Tudo corria bem. Quando foi servido o segundo prato, o enorme esturjão (ao vê-lo, Ilia Andreievitch corou de alegria e confusão), os garçons começaram a fazer espocar as rolhas de champanhe. Depois do peixe, que causou grande impressão, o conde Ilia Andreievitch trocou olhares com os outros diretores e disse em voz baixa: “Haverá muitos brindes, creio que seria bom começar de uma vez.” E ergueu-se com a taça na mão. Todos se calaram esperando o que iria dizer.

— À saúde do imperador! — gritou.

E seus olhos bons se encheram de lágrimas de alegria e entusiasmo. Nesse momento a orquestra tocava “Que caia o raio da vitória”. Todos se ergueram e gritaram “Hurra!”.

Como no campo de Schoengraben e no mesmo tom de voz, Bagration também gritou “Hurra!”. A voz entusiasmada do jovem Rostov sobressaiu entre as trezentas vozes. Estava quase chorando: “À saúde do imperador! Hurra!”, gritou. Num gole esvaziou a taça e jogou-a no chão. Muitos seguiram seu exemplo. Os gritos perduraram por muito tempo. Quando as vozes se calaram, os criados juntaram os cacos de cristal, todos sentaram-se e trocaram olhares, sorrindo dos próprios gritos. O conde Ilia Andreievitch levantou-se novamente, lançou um olhar sobre os bilhetes colocados ao lado de seu prato e ergueu um brinde à saúde do herói da última campanha, o príncipe Piotr Ivanovitch Bagration, e mais uma vez seus olhos azuis se encheram de lágrimas. Hurra!, gritaram novamente os trezentos convidados, e em lugar de música ouviu-se um coro que entoava a canção composta por Pavel Ivanovitch Kutuzov:

Para os russos não existem obstáculos;

A coragem é a garantia da vitória.

Nós temos Bagrations,

Todos os inimigos cairão a nossos pés etc.

Assim que os cantores terminaram, ainda muitos brindes foram feitos e o conde Ilia Andreievitch ficava cada vez mais comovido. Cada vez se quebravam mais copos, e ainda gritavam mais. Beberam à saúde de Bekhleschov, Narischkine, Uvarov, Dolgorukov, Apraxine, Valuiev, do comitê do clube e de todos os seus membros, de todos os convidados e, finalmente, em particular, à saúde do conde Ilia Andreievitch, organizador do banquete. Ouvindo esse brinde, o conde puxou o lenço, cobriu o rosto e caiu em pranto.

IV

Pierre estava sentado diante de Dolokhov e de Nicolau Rostov. Como sempre, comia e bebia avidamente. Mas os que o conheciam mais de perto notaram nesse dia uma grande mudança. Conservou-se calado durante toda a refeição e, piscando os olhos, franzindo a testa, olhava em torno de si ou fixava o olhar num ar de completa distração e esfregava o dedo sobre o nariz. Sua fisionomia estava triste e sombria, dava a impressão de não ver nem ouvir o que se passava em torno de si e estar pensando em qualquer coisa de penoso e insolúvel.

O caso insolúvel que o atormentava era as alusões da princesa à intimidade de Dolokhov com sua mulher e uma carta anônima recebida na mesma manhã, na qual lhe diziam, com a covarde caçoada peculiar a toda carta anônima, que ele via mal através dos óculos e que as relações de sua mulher com Dolokhov só eram secretas para ele. Pierre não prestara a menor atenção às alusões da princesa nem à carta anônima, mas lhe era extremamente penoso olhar Dolokhov nesse momento, sentado diante dele. Cada vez que o acaso fazia seu olhar encontrar os belos olhos atrevidos de Dolokhov, qualquer coisa de terrível e monstruoso crescia em sua alma e ele se virava precipitadamente. Lembrando-se, contra a vontade, de todo o passado de sua mulher e de suas relações com Dolokhov, Pierre via que a carta anônima podia muito bem estar dizendo a verdade, e que, ao menos, seria verossímil se não se tratasse de *sa femme*. Involuntariamente, Pierre lembrou-se de como Dolokhov, reintegrado em seu posto e de volta a Petersburgo, depois da campanha, aparecera em sua casa. Pierre o acolhera e lhe emprestara dinheiro. Lembrou-se de que Helena, sorrindo, exprimira seu descontentamento em ver Dolokhov vivendo com eles e que este elogiava cinicamente a beleza de sua mulher, e que, finalmente, desde esse dia até a chegada a Moscou, ele não os deixara um minuto.

“Sim, ele é muito bonito”, pensava Pierre, “eu o conheço. Sentiria um prazer todo especial em cobrir-me de vergonha e zombar de mim, exatamente porque fiz uma série de coisas por ele, porque o acolhi, ajudei. Sei e compreendo que sabor teria para ele essa traição se isso fosse verdade, sim, se fosse verdade. Mas não creio. Não tenho o direito; não posso crer”. Lembrava-se da expressão de Dolokhov nos seus momentos de crueldade, como, por exemplo, quando amarrou o policial no lombo do urso e os atirou dentro d’água, ou quando, sem causa, desafiava alguém para um duelo ou, com um tiro de pistola, matou o cavalo de um postilhão. E essa expressão reaparecia no semblante de Dolokhov quando Pierre o fitava. “Sim, é um brigão”, pensava Pierre. “Para ele, matar um homem não tem a menor importância. Deve imaginar que todos têm medo dele e isso lhe deve ser agradável. Deve pensar que também eu o temo. E, na verdade, tenho medo.” Pensando assim, Pierre sentia crescer novamente em sua alma qualquer coisa de terrível e monstruoso.

Dolokhov, Denissov e Rostov, sentados em frente a Pierre, pareciam muito alegres. Rostov falava alegremente com seus dois amigos, dos quais um era um valente hussardo e o outro, um provocador afamado. Rostov de quando em quando lançava um olhar de zombaria para Pierre. Este, com seu aspecto concentrado, distraído e pesadão, chamava a atenção dos outros.

Rostov fitava Pierre sem simpatia porque, em primeiro lugar, para ele, um hussardo, Pierre não passava de um rico civil, marido de uma bela mulher e, em suma, uma galinha-morta. Essa antipatia também vinha, em segundo lugar, do fato de não ter Pierre respondido a seu cumprimento, tão distraído e concentrado estava.

Quando ergueram um brinde pela saúde do imperador, Pierre, que estava pensativo, não se levantou nem esvaziou sua taça.

— E então, o que há? — gritou-lhe Rostov, fitando-o com olhos entusiastas e irritados. — Não está ouvindo? À saúde do imperador.

Pierre suspirou, levantou-se docilmente, esvaziou sua taça e, esperando que todos se sentassem, dirigiu-se a Rostov com seu bom sorriso.

— E eu que não o tinha reconhecido.

Mas Rostov não se deixava interromper por tão pouco e gritou: Hurra!

— Por que não se apresenta de novo? — perguntou Dolokhov a Rostov.

— Ora, que fique com Deus. Um imbecil! — respondeu Rostov.

— É preciso tratar bem os maridos das mulheres bonitas — disse Dolokhov.

Pierre não compreendia o que diziam, mas sentia que falavam dele. Corando, virou-se.

— Bem, agora à saúde das belas mulheres! — brindou Dolokhov. E num tom sério, mas com um sorriso no canto dos lábios, a taça na mão, dirigiu-se a Pierre.

— À saúde das mulheres bonitas, Pierre, e de seus amantes!

Com os olhos baixos, Pierre bebeu sem fitar Dolokhov e sem responder-lhe.

O criado que distribuía a canção de Kutuzov pôs uma folha diante de Pierre, na qualidade de convidado mais respeitável. Ele ia pegá-la, quando Dolokhov, adiantando-se, arrancou-lhe a folha das mãos e pôs-se a ler. Pierre encarou Dolokhov, cerrou as pálpebras; aquela coisa terrível e monstruosa que o atormentara durante o jantar cresceu e tomou-o inteiramente. Inclinou seu corpo enorme sobre a mesa.

— Não ouse tocar! — exclamou.

Ouvindo esse grito e percebendo a quem se dirigia, Nesvitzki e seu vizinho da direita, assustados, dirigiram-se vivamente a Bezukhov.

— Sossegue, sossegue, o que é isso? — cochicharam apreensivos.

Sorrindo, Dolokhov fitava Pierre com seus olhos claros, alegres e cruéis. Parecia dizer: “Ah! É disso que eu gosto!”

— Guardo-a comigo — disse positivamente.

Pierre, com os lábios trêmulos, arrancou-lhe a folha.

— Você... você... é um covarde! Eu o desafio! — disse Pierre, empurrando a cadeira e levantando-se da mesa.

No mesmo momento em que pronunciava essas palavras, sentiu que o caso da culpa de sua mulher, que o atormentara nas últimas vinte e quatro horas, era assunto definitivamente resolvido no sentido afirmativo. Ele a odiava e romperia com ela para sempre. Denissov pediu inutilmente a Rostov que não se envolvesse nesse caso, mas Nicolau concordou em ser o padrinho de Dolokhov e, depois do banquete, trocou ideias sobre as condições do duelo com Nesvitzki, o padrinho de Bezukhov. Pierre voltou para casa e Rostov, Denissov e Dolokhov, ouvindo os ciganos e os cantores, ficaram até muito tarde no clube.

— Então, até amanhã em Sokolniki — disse Dolokhov, despedindo-se de Rostov no patamar do clube.

— Estás calmo? — perguntou Rostov.

Dolokhov parou.

— Em duas palavras vou explicar-te o segredo do duelo. Se antes de um duelo escreves teu testamento e cartas ternas aos parentes, se pensas que podem matar-te, és um idiota e estás perdido. Mas se vais na intenção firme de matar, e o mais rápido possível, tudo correrá bem. Como dizia o caçador de ursos de Kostroma: como não ter medo do urso? Mas quando a gente o vê, todo medo desaparece e teme-se apenas que ele escape. Pois bem, meu caro, eu também sou assim. Até amanhã, meu caro!

No dia seguinte, às oito da manhã, Pierre e Nesvitzki chegaram ao bosque de Sokolniki, onde Dolokhov, Denissov e Rostov já se encontravam. Pierre dava a impressão de um homem preocupado com assunto muito diferente do duelo. Seu semblante torturado estava bilioso; parecia não ter dormido a noite toda. Olhava

distraidamente em torno de si e apertava os olhos como se a claridade do sol o incomodasse. Duas coisas o absorviam inteiramente: a culpa de sua mulher, da qual, após uma noite de insônia, não duvidava mais, e a inocência de Dolokhov, o qual não tinha o menor motivo para respeitar a honra de um homem que lhe era estranho. “Talvez em seu lugar eu fizesse o mesmo”, pensou. “Sim, certamente faria a mesma coisa. Então, para que esse duelo, esse assassinato? E eu o matarei ou será ele que me atingirá na cabeça, no braço ou na perna. Sair daqui, fugir, desaparecer.” Mas, justamente quando lhe ocorriam essas ideias, perguntava com um ar particularmente tranquilo e indiferente, inspirando respeito aos que o viam: “Irá demorar? Estão prontos?”

Quando tudo ficou pronto, os sabres enterrados na neve para marcar a linha onde deviam postar-se, as pistolas carregadas, Nesvitzki aproximou-se de Pierre.

— Conde, eu não cumpriria o meu dever — disse num tom de voz tímido — e não justificaria a confiança que depositou em mim e a honra que me conferiu escolhendo-me para seu padrinho, se nesse momento grave, muito grave, não lhe dissesse toda a verdade. Creio que esse caso não tem motivos bastante sérios que justifiquem um derramamento de sangue... O senhor foi um pouco áspero e, sem razão alguma, exaltou-se...

— Sim, isso é horivelmente estúpido — disse Pierre.

— Então, permita-me transmitir seu pesar. Estou certo de que seu adversário aceitará suas desculpas — disse Nesvitzki (como todos que tomam parte em assuntos desse gênero, não acreditava que este terminasse em duelo). — Sabe, conde, é muito mais nobre reconhecer o próprio erro do que levar as coisas até o irreparável. Não existe ultraje de uma parte nem de outra, permita-me arranjar as coisas.

— Não, para quê? — disse Pierre. — Isso não mudaria nada... Então, está tudo pronto? — acrescentou. — Diga-me apenas onde devo caminhar e como atirar. — Sorria com um sorriso suave e constrangido. Pegou a pistola e informou-se sobre o modo de atirar, pois até aquele momento nunca tivera semelhante arma nas mãos e não queria confessá-lo.

— Ah! Sim, já sei, tinha esquecido — disse.

— Nenhuma desculpa, absolutamente nada — dizia Dolokhov a Denissov (que de seu lado fazia tentativas de conciliação). E aproximou-se do lugar

indicado.

O local do duelo ficava a oitenta passos da estrada onde estavam os trenós, numa pequena clareira, num bosque de pinheiros, coberta de neve derretida, pois o degelo começara havia dois dias. Os adversários se mantinham a quarenta passos de distância um do outro. Os padrinhos, medindo os passos, traçavam linhas que se imprimiam na neve amolecida e profunda, do lugar onde estavam até os sabres de Nesvitzki e Denissov, que marcavam os limites e estavam a dez passos de distância um do outro. O degelo e a cerração continuavam. A quarenta passos não se via nada. Há três minutos que tudo estava pronto e, apesar disso, não começavam. Ninguém falava.

V

— Vamos, que comece! — disse Dolokhov.

— Vamos! — repetiu Pierre sempre com o mesmo sorriso.

A situação tornava-se terrível. Estava claro que o caso, tão insignificante de início, já não podia mais ser evitado, que ele caminhava por si próprio, já independente da vontade dos homens e que tinha de acontecer.

Denissov adiantou-se até a barra e disse:

— Já que os adversários ‘ecusam ‘econcilia’-se, c’eiio que podemos começa’: segu’em as pistolas e, à contagem de t’ês, ap’oximem-se.

— Um!... Dois!... T’ês... — gritou Denissov num tom irritado, afastando-se para um lado. Os dois se aproximavam cada vez mais pelo caminho traçado, reconhecendo um ao outro através da cerração.

Caminhando até o limite marcado, os adversários tinham a liberdade de atirar quando bem entendessem. Dolokhov caminhava lentamente sem levantar a pistola. Com seus olhos claros, azuis e brilhantes, fitava o adversário. A boca, como sempre, parecia sorrir. Ao comando de três, Pierre avançou a passos rápidos, afastando-se do trilho marcado e caminhando pela neve lisa. Empunhava a pistola com o braço estendido, e tinha-se a impressão de que ele temia matar-se com a própria arma. Afastava cuidadosamente a mão esquerda, pois era levado instintivamente a usá-la como apoio para a direita, e sabia que isso era proibido. Afastando-se do trilho na neve, depois de ter dado seis passos,

Pierre fitou os pés e, lançando um olhar rápido a Dolokhov, apertou o gatilho como lhe haviam ensinado. Como não esperasse absolutamente um golpe tão forte, estremeceu, depois sorriu de sua surpresa e parou. No primeiro momento, a fumaça, que o nevoeiro tornava particularmente densa, impediu-o de ver, mas o outro tiro que esperava não veio. Ouviu apenas os passos apressados de Dolokhov e pôde entrevê-lo através da fumaça. Estava pálido, com uma das mãos sobre o lado esquerdo e a outra apertando a pistola baixada.

Rostov correu e lhe disse qualquer coisa.

— N...ão — respondeu Dolokhov, cerrando os dentes. — Não, ainda não está terminado. Cambaleando, deu alguns passos e caiu na neve junto do sabre.

Sua mão esquerda estava coberta de sangue. Enxugou-a no casaco e apoiou-se nela. Seu rosto estava pálido, contraído, trêmulo.

— Por fa... — começou, mas não pôde concluir num só fôlego — ... favor — disse com esforço. Mal contendo os soluços, Pierre correu para Dolokhov. Já ia atravessar o espaço que separava os limites quando Dolokhov gritou: — Ao limite.

Pierre compreendeu do que se tratava e estacou junto do seu sabre. Apenas dez passos os separavam. Dolokhov caiu de lado, mastigou um pouco de neve com avidez, levantou novamente a cabeça, encolheu as pernas e sentou-se procurando um ponto de apoio resistente. Engolia neve e chupava. Seus lábios tremiam, mas ele continuava sorrindo e, com uns olhos que o esforço e a cólera tornavam brilhantes, reunia as últimas forças. Levantou o revólver e fez pontaria.

— De lado... cubra-se com a pistola! — exclamou Nesvitzki.

— Cub'a-se! — disse o próprio Denissov ao adversário, não podendo conter-se.

Sem procurar proteger-se, Pierre ficou diante de Dolokhov, pernas e braços afastados, apresentando-lhe o largo peito, com um sorriso de lástima e arrependimento, olhando-o tristemente.

Denissov, Rostov e Nesvitzki fecharam os olhos. No mesmo instante ouviram um tiro e o grito raivoso de Dolokhov.

— Errei! — gritou e caiu com o rosto na neve.

Com as mãos na cabeça, Pierre afastou-se, mato adentro. Caminhava na neve dizendo palavras incompreensíveis.

— Estúpido!... Estúpido!... a morte... a mentira... — repetia.

Nesvitzki levou-o para casa.

Rostov e Denissov levaram o ferido.

Olhos fechados, deitado no trenó, Dolokhov não respondia ao que lhe perguntavam. Mas, ao entrarem na cidade, pareceu acordar e, levantando a cabeça com esforço, agarrou a mão de Rostov, que estava sentado a seu lado. Rostov surpreendeu-se com a expressão completamente mudada e inesperada, entusiasta e terna da fisionomia de Dolokhov.

— E então, como te sentes? — perguntou Rostov.

— Mal! Mas não se trata disso, meu amigo — disse Dolokhov com a voz sufocada. — Onde estamos? Em Moscou, já sei. Quanto a mim, não é nada, mas eu a matei, matei. Ela não suportará.

— Quem? — perguntou Rostov.

— Minha mãe, meu anjo, meu anjo adorado, minha mãe!

E Dolokhov chorava, apertando a mão de Rostov.

Um pouco mais calmo, explicou ao amigo que morava com a mãe, e que se ela o visse agonizante não suportaria. Pediu a Rostov que fosse na frente a fim de preparar-lhe o espírito.

Nicolau assim o fez. Para grande surpresa sua, descobriu que Dolokhov, esse malandro e brigão, vivia em Moscou em companhia de sua velha mãe e de uma irmã corcunda, e que era o mais carinhoso dos filhos e dos irmãos.

VI

Nos últimos tempos, Pierre ficava muito raramente a sós com sua mulher. Tanto em Petersburgo como em Moscou, tinha a casa sempre cheia de convidados. Na noite que se seguiu ao duelo, como acontecia muitas vezes, não foi ao quarto, mas ficou no imenso gabinete de seu pai, onde morrera o conde Bezukhov.

Estendeu-se no sofá; queria dormir para esquecer tudo que havia se passado, mas não conseguia. Era tal a tempestade de emoções, pensamentos e lembranças atormentando-o que não só não podia dormir, como também não conseguia ficar deitado, e tinha de andar pelo aposento. Lembrando-se dos primeiros tempos de seu casamento, sua mulher de ombros nus, o olhar cansado, apaixonado, logo imaginava o rosto bonito, petulante, enérgico e escarecedor de Dolokhov, tal

como estava no jantar, depois, seu rosto pálido, sofrido, trêmulo, como o havia visto caído na neve.

“O que foi que aconteceu?”, perguntou a si mesmo. “Matei o amante. Sim, matei o amante de minha mulher. Sim. Por quê? Como cheguei a esse ponto?” “Porque casaste com ela”, respondia uma voz interior. “Mas que culpa tenho nisso?”, perguntava consigo. “Ter casado sem amor. Ter enganado a ela e a ti mesmo.” E recordava claramente a reunião na casa do príncipe Vassili, quando finalmente pronunciara as palavras que não queriam sair de sua boca: “*Je vous aime.*” Tudo veio daí. “Já ali”, pensou, “senti que não estava certo, que eu não tinha o direito de falar-lhe assim”. Corou ao lembrar-se da lua de mel. O que mais o magoava e envergonhava era lembrar-se de que, certa ocasião, ao meio-dia, viera do quarto para o gabinete de trabalho em robe de chambre de seda e encontrara o administrador-geral, que o cumprimentara respeitosamente e, olhando-lhe o rosto e o robe de chambre, sorria levemente, como se assim quisesse exprimir o interesse respeitoso que tomava pela felicidade de seu amo.

“E quantas vezes tive orgulho dela. Estava orgulhoso de sua beleza majestosa, de seu tato mundano, orgulhoso de minha casa frequentada por toda Petersburgo, tinha orgulho de sua beleza inacessível. Às vezes me parecia não compreendê-la. Muitas vezes, refletindo sobre seu temperamento, julguei-me culpado de não compreendê-lo, de não compreender essa calma perpétua, esse contentamento e ausência de paixão e desejos. E toda a solução estava nessa palavra terrível: é uma devassa. Quando pensei nisso, tudo ficou claro!

“Anatole vinha pedir-lhe dinheiro emprestado e beijava-lhe os ombros nus. Ela não lhe dava o dinheiro, mas deixava-se beijar. Por brincadeira o pai provocava-lhe o ciúme, e ela respondia com um sorriso tranquilo que não era tola a ponto de ter ciúmes. ‘Ele que faça o que entender’, dizia ela, referindo-se a mim.

“Uma ocasião perguntei-lhe se não sentia algum indício de gravidez. Com um sorriso de desprezo respondeu que não era besta para desejar ter filhos e que de mim não os teria.” Depois, Pierre recordou a grosseria transparente de seus pensamentos e a vulgaridade de suas expressões, apesar de educada num ambiente aristocrático.

“Eu não sou besta”, “Quero ver, experimenta tu mesmo”, “Vá para o diabo”, costumava dizer. Embora notasse a impressão que ela causava nos outros homens e nas mulheres, jovens e velhos, Pierre não conseguia compreender por que não a amava. “Não, nunca a amei”, dizia para si mesmo. “Eu sabia que ela era uma devassa, mas não ousava admitir para mim mesmo.”

“E agora Dolokhov jaz sobre a neve, esforçando-se para sorrir, e talvez morra, respondendo a meu arrependimento com um gesto de bravura fingida!”

Pierre era um desses homens que, embora dotados de um caráter aparentemente fraco, não procuram confidentes para suas dores. Só, dentro de si, ruminava sua dor.

“Ela é a única culpada de tudo, de tudo. Mas e daí? Por que me liguei a ela? Por que lhe disse *Je vous aime*, o que era uma mentira, ou pior... Sou culpado e devo suportar... o quê? A vergonha de meu nome? A desgraça de minha vida? Mas tudo isso é bobagem: a vergonha do nome? A honra! Tudo isso não passa de convenção; tudo é independente de mim!

“Luís XVI foi executado porque ‘eles’ o declararam sem honra e criminoso”, pensou Pierre subitamente, “e do ponto de vista deles, tinham razão, como também tinham razão os que morreram por ele, como mártires, e o fizeram um santo. Depois executaram Robespierre porque era um déspota. Quem tem razão? Quem é culpado? Ninguém. Hoje estás vivo, amanhã morrerás; uma hora atrás eu poderia ter morrido. Valerá a pena a gente atormentar-se quando resta apenas um segundo a viver em comparação com a eternidade?”

Mas enquanto se tranquilizava um pouco com um raciocínio desse gênero, subitamente *ela* se apresentava, e no momento em que mais ardentemente lhe declarava seu amor mentiroso, sentia o sangue afluir-lhe para o coração, e tinha de levantar-se, mover-se, quebrar, rasgar os objetos que lhe caíam nas mãos. “Por que lhe disse *Je vous aime*?”, repetia sempre. Depois de ter perguntado isso a si mesmo pela décima vez, veio-lhe à mente a expressão de Molière “Mas que diabo queria ele nessa confusão?”, e riu-se de si próprio.

Durante a noite chamou seu criado de quarto e ordenou-lhe que aprontasse as malas a fim de partir para Petersburgo. Não podia imaginar como falar agora com ela. Resolveu partir no dia seguinte, deixando-lhe uma carta na qual declararia sua intenção de separar-se dela para sempre.

Pela manhã, quando o criado trouxe o café, Pierre estava deitado no sofá e dormia com um livro aberto na mão. Acordou e olhou longamente em torno, assustado, sem saber onde estava.

— A senhora condessa mandou perguntar se Vossa Excelência está em casa — disse o criado.

Antes que Pierre imaginasse uma resposta, a condessa em pessoa entrou no seu gabinete, penteada com simplicidade, com um diadema suspendendo os cabelos, vestindo um robe de chambre de cetim branco, com bordados de prata. Estava calma e majestosa; unicamente sua testa marmórea, um pouco abaulada, estava riscada por uma pequena ruga de cólera.

Sempre calma, não falou diante do criado. Soubera do duelo e viera falar nisso. Esperou que o criado servisse o café e saísse. Pierre a olhava timidamente através dos óculos, e, como uma lebre cercada de cães, baixando as orelhas fica deitada diante dos inimigos, ele procurava continuar a ler, mas sentia que isso era grotesco, impossível, e tornou a olhá-la timidamente.

Ela conservava-se em pé, e fixava-o com um sorriso de desprezo enquanto esperava que o criado saísse.

— Que história é essa? O que andou fazendo? — perguntou severamente.

— Eu? O que eu fiz?

— Sim! Quer mostrar-se valente! Diga o que significa esse duelo? O que quis provar com isso? O quê, pergunto?

Pierre virou-se pesadamente no sofá e abriu a boca sem poder responder.

— Já que não responde, eu mesma lhe direi — continuou Helena. — Acredita em tudo que lhe dizem. Disseram-lhe — ela ria — que Dolokhov é meu amante (disse em francês, acentuando grosseiramente a palavra amante, como se fosse uma palavra qualquer), e você acreditou. Pois bem, e o que provou com isso? O que provou com esse duelo? Que é um tolo. Todo mundo o sabe. E qual o resultado disso? É tornar-me objeto de zombaria de toda Moscou, e todos dirão que, estando bêbado, você provocou um homem do qual não tinha o menor motivo para ter ciúmes. — Helena levantava a voz e animava-se cada vez mais. — E que é superior a você de todos os pontos de vista.

— Hum! Hum! — resmungou Pierre, franzindo o cenho sem mover-se e sem olhar a mulher.

— Por que, por que acreditou que ele fosse meu amante? Por quê? Talvez por eu gostar de sua companhia? Se você fosse mais inteligente e mais agradável, eu preferiria a sua.

— Não me fale... peço-lhe... — murmurou Pierre com voz rouca.

— E por que nãoalaria? Posso dizer, e direi bem alto, que existem poucas mulheres que, casadas com um marido como você, não arranjariam um amante, e eu não o fiz.

Pierre queria falar, contemplou-a com olhos estranhos, cuja expressão ela não compreendeu, e deitou-se de novo. Nesse momento sofria fisicamente. Seu peito estava oprimido. Sabia que precisava fazer alguma coisa para pôr fim a esse sofrimento, mas o que ele queria fazer era demasiado terrível.

— É preferível que nos separemos — disse afinal com a voz sufocada.

— Se quiser, desde que você me dê a fortuna — disse Helena. — É com a separação que pretende assustar-me?

Pierre saltou do sofá e, cambaleando, deu alguns passos em sua direção.

— Eu te matarei! — gritou, arrancando, com uma força que o surpreendeu, o mármore da mesa e caminhando em sua direção.

Helena ficou lívida. Deu um grito agudo e saltou para trás. A raça de seu pai aparecia nele. Pierre sentia o impulso e o encanto do furor. Atirou o mármore, que se quebrou, no chão e, de braços abertos, aproximou-se dela e gritou “Saia!” num tom tão terrível que toda a casa ouviu assustada esse grito. Sabe Deus o que Pierre teria feito se Helena não tivesse fugido do aposento.

* * *

Uma semana depois, Pierre entregou à mulher uma procuração para dirigir todas as suas terras na Grande Rússia, o que representava a melhor metade de sua fortuna, e partiu sozinho para Petersburgo.

VII

Fazia dois meses que haviam recebido em Lissia-Gori a notícia da batalha de Austerlitz e do desaparecimento do príncipe André. Apesar de todas as cartas enviadas por intermédio da embaixada e de todas as pesquisas, seu corpo não foi encontrado. Seu nome também não estava entre os prisioneiros. O pior para seus parentes era que ainda havia esperança de que ele tivesse sido recolhido por pessoas do lugar no campo de batalha e estivesse, atualmente, em convalescença ou talvez agonizante, só entre estranhos, sem

nenhuma possibilidade de dar notícias suas. As primeiras notícias que o velho príncipe vira nos jornais sobre a batalha de Austerlitz diziam em poucas palavras vagas que os russos, depois de alguns brilhantes combates, haviam sido forçados a se retirar e que essa retirada fora efetuada em perfeita ordem. O velho príncipe compreendeu, por essa nota oficial, que os nossos haviam sido massacrados. Uma semana depois da notícia nos jornais sobre a batalha de Austerlitz, o velho príncipe recebeu uma carta de Kutuzov a respeito do misterioso destino do filho.

“Seu filho”, escreveu Kutuzov, “sob meus olhos, empunhando a bandeira, na frente do regimento, caiu como um herói digno de seu pai e de sua pátria. Com grande pesar meu e de todo o exército, não foi possível saber até agora se está vivo ou morto. Tenho esperanças de que seu filho ainda esteja vivo, pois, caso contrário, seria mencionado entre os oficiais encontrados no campo de batalha no registro que nos foi entregue pelos encarregados das negociações”.

O velho príncipe recebeu essa carta tarde da noite, quando se encontrava só em seu gabinete. No dia seguinte, saiu para o seu passeio habitual pela manhã, mas mostrou-se taciturno com o administrador, o arquiteto e o jardineiro e, embora parecesse encolerizado, não disse nada a ninguém.

Quando a princesa Maria veio vê-lo à hora de costume, ele trabalhava em pé diante do torno; mas não se voltou para ela como habitualmente.

— Ah! Princesa Maria! — disse de repente e num tom de voz pouco natural. Atirou a ferramenta (a roda continuou seu movimento por inércia). Muito tempo depois a princesa Maria ainda se recordava do ruído da roda confundindo-se com tudo que se seguiu.

A princesa aproximou-se dele e, ao vê-lo, sentiu qualquer coisa indefinível dentro de si. Seus olhos não viam mais nada. O semblante do pai não estava triste nem abatido, mas com uma expressão de maldade que ele se esforçava por dissimular. Compreendeu que uma desgraça terrível caía sobre ela e a esmagava, a pior desgraça da sua vida, uma desgraça ainda não experimentada, irreparável, incompreensível: a morte de uma pessoa amada.

— *Mon père! André!* — exclamou a princesa desajeitadamente, mas com um tal encanto no próprio abandono que o pai não pôde enfrentar seu olhar e desviou o rosto soluçando.

— Recebi notícias. Não está nem entre os prisioneiros nem entre os mortos. Kutuzov escreveu! — disse num tom cortante como se quisesse enxotar a princesa. — Foi morto.

A princesa não caiu nem teve uma síncope. Já estava pálida, e ao ouvir essas palavras sua fisionomia transformou-se, qualquer coisa brilhou nos seus lindos olhos radiantes, como se a alegria, uma alegria superior, independente das tristezas e alegrias deste mundo, pairasse acima da dor profunda que a dominava. Esquecera o temor que o pai lhe inspirava; aproximou-se, pegou-lhe a mão e, puxando-o para junto de si, abraçou-o.

— Meu pai, não se afaste de mim, choremos juntos.

— Bandidos, covardes! — exclamou o velho, afastando o rosto. — Perder o exército! Perder todos os homens! Por quê? Vá dizer a Lisa.

Extremamente perturbada, a princesa deixou-se cair numa cadeira e começou a chorar. Revia o irmão no momento em que se despedia de Lisa e dela com seu ar a um tempo terno e distante. Revia-o quando, vagorosamente, com um ar de zombaria, pendurava no pescoço a medalhinha que ela lhe dera. “Teria fé? Estaria arrependido de sua falta de crença? Agora estará lá em cima onde todos são felizes e tranquilos?”, pensava.

— Meu pai, conte-me como foi? — perguntou entre lágrimas.

— Deixa, deixa. Foi morto na batalha para onde conduziram os melhores russos para serem mortos com a glória russa. Vai, princesa Maria, vai dizer a Lisa. Irei depois.

Quando a princesa Maria saiu do gabinete do pai, a princesinha estava sentada com seu tricô. Tinha essa expressão feliz e tranquila, peculiar às mulheres grávidas. Fitou a princesa Maria. Era evidente que seus olhos não a viam, mas contemplavam profundamente, dentro de si mesma, qualquer coisa de feliz e misteriosa que ali se estava processando.

— Maria... me dá a mão. — Segurou a mão da princesa e a encostou no seu ventre. Seus olhos sorriam e seu pequeno lábio alçou-se, o que lhe dava uma expressão de criança feliz.

A princesa Maria ficou de joelhos diante da cunhada e encostou o rosto no seu colo.

— Aqui, estás ouvindo? Isso me parece tão estranho... Sabes, vou amá-lo muito — disse Lisa, fitando a cunhada com um olhar brilhante e feliz.

A princesa Maria não podia levantar a cabeça; chorava.

— O que tens, Macha?

— Nada... não sei, mas fiquei triste... triste, por causa de André — respondeu, enxugando as lágrimas na saia de Lisa.

Diversas vezes durante a manhã a princesa Maria quis preparar o espírito de Lisa, e cada vez começava a chorar. Essas lágrimas, que a princesinha não compreendia, a perturbavam, mesmo que não fosse muito observadora. Não dizia nada, mas olhava em torno de si como se procurasse alguma coisa. Antes do jantar o príncipe, que ela sempre temia, entrou no seu quarto. Tinha um aspecto mau, perturbado, e saiu sem dizer palavra. Ela olhou para a princesa Maria, depois ficou pensativa, com essa expressão nos olhos, que parece olhar para dentro, própria das mulheres grávidas; subitamente, começou a chorar.

— Receberam notícias de André? — perguntou.

— Não, sabes que ainda não há tempo, mas meu pai está inquieto e para mim isso é terrível.

— Então não há nada?

— Nada — reafirmou a princesa Maria, encarando a cunhada com olhos radiantes. Decidira não dizer nada e convencera o pai de que devia esconder-lhe a terrível notícia até depois do parto, que estava sendo esperado para dali a poucos dias.

* * *

A princesa Maria e o velho príncipe, cada um a seu modo, suportavam sua dor. O velho príncipe não queria esperar, estava certo da morte do príncipe André. E embora tivesse mandado alguém à Áustria à procura de indícios do filho, encomendara em Moscou um monumento que tencionava erigir no jardim. Dizia a todos que o filho tinha morrido. Esforçava-se para não alterar em nada sua vida, mas as forças o traíam: caminhava, dormia e comia menos e suas forças diminuía dia a dia.

A princesa Maria esperava. Rezava por seu irmão como se estivesse vivo, e esperava a cada momento a notícia de sua volta.

— *Ma bonne amie* — disse a princesinha na manhã do dia 19 de março, depois da refeição matinal, levantando o pequeno lábio como de costume. Mas agora toda a casa estava triste, não só os sorrisos, mas os sons, o andar das pessoas, tudo era triste depois da terrível notícia, e o sorriso da princesinha seguia a impressão geral sem saber a causa e acentuava ainda mais a tristeza de todos. — *Ma bonne amie*, receio que o “fristique” (como diz Foca, o cozinheiro) desta manhã me tenha feito mal.

— Mas o que tens, minha querida? Estás pálida... Estás muito pálida! — disse a princesa Maria muito assustada, acorrendo até ela.

— Excelência, não será necessário mandar chamar Maria Bogdanovna? — perguntou uma criada que se achava no quarto (Maria Bogdanovna era uma parteira da cidade vizinha, que estava em Lissia-Gori havia duas semanas).

— É — disse a princesa Maria —, talvez seja preciso. Vou agora. Coragem, meu anjo! — Beijava Lisa antes de sair do quarto.

— Não! Não! — Além da palidez causada pelo sofrimento físico, seu semblante exprimia um medo infantil das dores inevitáveis. — Não, é o estômago... diga que é o estômago, Maria, diga! — E a princesinha chorava como uma criança que sofre, caprichosamente e mesmo com um pouco de exagero, e apertava as mãos fazendo estalar os dedos.

A princesa saiu do quarto à procura de Maria Bogdanovna.

— *Mon Dieu! Mon Dieu! Oh!...* — ouvia enquanto se afastava.

Esfregando as mãos pequenas, brancas e gordas, com a fisionomia calma e grave, a parteira já vinha a seu encontro.

— Maria Bogdanovna, parece que já começou — disse a princesa Maria, fitando a parteira com olhos que o medo tornava maiores.

— Pois bem, Deus seja louvado, princesa — disse Maria Bogdanovna sem se apressar. — A senhora que é solteira não precisa saber essas coisas.

— Mas como fazer, o médico de Moscou ainda não chegou — disse a princesa (de acordo com a vontade de Lisa e do príncipe André, haviam mandado chamar em Moscou um médico parteiro que estava sendo esperado a qualquer momento).

— Não faz mal, princesa, não se inquiete, mesmo sem médico tudo correrá bem — disse Maria Bogdanovna.

Cinco minutos depois a princesa ouviu de seu quarto que estavam arrastando alguma coisa pesada. Era o divã do gabinete do príncipe André, que os criados

levavam para o quarto. A fisionomia desses homens tinha qualquer coisa de solene e de calmo.

Sozinha em seu quarto, a princesa Maria ouvia os ruídos da casa. Cada vez que alguém passava diante de sua porta, ela a abria e observava tudo que se fazia no corredor.

Algumas mulheres passavam de um lado para outro, caminhando na ponta dos pés; olhavam para a princesa e afastavam-se. Não ousando interrogar ninguém, fechava novamente a porta. Ora sentava-se numa cadeira, ora pegava um livro de orações, ora ajoelhava-se diante dos ícones. Com grande pesar e admiração, verificava que a prece não acalmava sua grande emoção. De repente a porta do quarto abriu-se devagarinho, deixando passar a velha criada, enrolada num xale. Prascovia Savichna, por ordem do príncipe, quase nunca entrava em seu quarto.

— Vim te fazer um pouco de companhia, Machenka, e trouxe os círios do casamento do príncipe para acendê-los diante dos santos ícones, meu anjo — disse a velha criada, suspirando.

— Que bom! Estou muito contente, minha cara.

— Que Deus te conserve, minha pomba!

A velha criada acendeu o círio ornado de filigranas diante das imagens e sentou-se com seu tricô perto da porta. A princesa pegou um livro e começou a ler. Mas quando ouviam passos ou vozes, ela levantava interrogativamente os olhos assustados, e a velha criada a acalmava tranquilamente com um olhar.

A mesma impressão que dominava a princesa Maria, fechada no seu quarto, se espalhara por toda a casa. Como existe uma tradição de que quanto menor for o número de pessoas que saibam de um parto, menos a mãe sofre, todos fingiam ignorar. Ninguém falava, mas em todos, além da gravidade e respeito que constituíam a regra na casa do príncipe, notava-se uma preocupação geral, uma espécie de enternecimento e a convicção de que um acontecimento importante, incompreensível, estava se dando naquele momento.

No grande quarto das criadas não se ouviam risos. Na copa todos os criados e copeiros estavam sentados em silêncio, esperando qualquer coisa. Acendiam-se velas e ninguém dormia. O velho príncipe caminhava de um lado para outro no seu gabinete e pelo criado Tikhon mandava saber de Maria Bogdanovna as

novidades: “Diga-lhe apenas que o príncipe mandou perguntar e vem contar-me o que ela disser.”

— Diga ao príncipe que o parto começou — dizia Maria Bogdanovna, fitando gravemente Tikhon. Tikhon se retirava e ia levar a resposta ao príncipe.

— Bom! — dizia o príncipe, batendo com a porta atrás dele. E Tikhon não ouvia mais o menor barulho no gabinete de trabalho. Pouco depois o velho criado entrou no gabinete a pretexto de arrumar as velas. O príncipe estava estendido no sofá. Tikhon olhou para ele e, ao perceber a fisionomia perturbada, sacudiu a cabeça, aproximou-se em silêncio, beijou-lhe o ombro e saiu sem arrumar as velas e sem dizer por que entrara.

O mistério mais solene do mundo continuava a cumprir-se.

A tarde passou, veio a noite, e o sentimento de expectativa diante do incompreensível aumentava, ao invés de diminuir. Ninguém dormia.

* * *

Era uma dessas noites de março em que o inverno parece reerguer-se vitoriosamente e atirar com fúria suas últimas neves e tempestades.

Vários homens a cavalo foram mandados com lanternas ao encontro do médico alemão de Moscou, esperado a qualquer momento, para acompanhá-lo no caminho, cheio de buracos e valas.

Há muito que a princesa Maria deixara seu livro. Estava sentada em silêncio, com os olhos fixos no rosto envelhecido da criada. Com sua mecha de cabelos grisalhos que escapava do lenço na cabeça e a pele enrugada no maxilar, ela conhecia nos menores detalhes aquela senhora.

A velha criada Savichna, com o tricô na mão, contava, sem ela própria entender suas palavras, histórias centenas de vezes repetidas: como a falecida princesa dera à luz a princesa Maria em Kichinev, com uma camponesa da Moldávia servindo de parteira.

— Quando Deus quer, os médicos não são necessários.

Subitamente uma rajada chicoteou um dos vidros do quarto (por ordem do príncipe sempre tiravam um postigo de cada quarto por ocasião da chegada das andorinhas), forçou o trinco, mal fechado, e, esticando a cortina, arrojou uma

onda de frio e neve que apagou a vela. A princesa Maria estremeceu. A velha criada largou o tricô, aproximou-se da janela e, inclinando-se para fora, procurou alcançar os postigos. O vento frio sacudia-lhe a ponta do lenço e a mecha de cabelos grisalhos.

— Princesa, minha querida, na avenida vem gente com lanternas... Provavelmente é o médico — disse ela, puxando o postigo sem fechá-lo.

— Ah! Deus seja louvado! — disse a princesa Maria. — É preciso ir recebê-lo, ele não fala russo.

A princesa Maria cobriu-se com um xale e correu ao encontro do visitante. Atravessando o vestíbulo, notou, pela janela, lanternas e uma carruagem junto do patamar. Saiu para a escada.

Uma vela fustigada pelo vento fora colocada sobre a rampa. O criado Filipe, com outra vela na mão, de fisionomia assustada, estava mais adiante. Mais embaixo, na volta da escada, passos precipitados de botas forradas de peles eram ouvidos e uma voz que pareceu conhecida à princesa Maria dizia alguma coisa.

— Graças a Deus! — disse a voz.

— E meu pai?

— Já foi dormir — respondeu a voz do criado Demian, que estava embaixo.

A voz conhecida disse ainda algumas palavras e os passos se fizeram ainda mais rápidos.

“É André!”, pensou a princesa Maria. “Não, é impossível. Seria extraordinário demais.” E nesse mesmo momento o príncipe André apareceu com a gola da peliça coberta de neve. Sim, era ele, mas pálido e magro, com a expressão completamente mudada, estranhamente doce e perturbada. Subiu os últimos degraus e abraçou a irmã.

— Não receberam minha carta? — perguntou. E sem esperar a resposta que não viria, pois a princesa Maria não conseguia falar, virou-se para o médico parteiro, que vinha atrás dele (havia se encontrado na última posta), e continuou a subir a passos rápidos. Novamente abraçou a irmã.

— Que acaso, Macha, minha querida!

Tirando a peliça e as botas, dirigiu-se para os aposentos da princesa.

Com uma touca branca, a princesinha estava deitada sobre travesseiros. As dores haviam cessado. O cabelo negro enrolava em torno das faces febris e suadas. A encantadora boquinha vermelha estava aberta, sorria alegremente. O príncipe André entrou no quarto e parou ao pé do divã.

Os olhos brilhantes, que olhavam com receio e emoção como os de uma criança, pousaram-se nele sem mudar de expressão: “Eu amo todos e não fiz mal a ninguém, por que então sofro? Ajudem-me”, parecia dizer seu semblante. Via o marido mas não compreendia a significação de sua presença diante dela nesse momento.

O príncipe André contornou o divã e beijou-lhe a testa.

— Meu bem — disse (palavra que ele não dizia nunca). — Deus será misericordioso.

Ela o fitava com um ar de censura inquisitiva, infantil.

“Esperava tua ajuda, e nada, nada, tu também!”, diziam seus olhos. Não se admirava da volta do marido. Não compreendia o que acontecera. A volta dele não tinha nenhuma ligação com seus sofrimentos nem com o alívio destes.

As dores recomeçaram. Maria Bogdanovna aconselhou o príncipe André a sair do quarto.

O médico parteiro entrou. O príncipe André saiu e encontrou a princesa Maria. Conversaram em voz baixa, mas calavam-se a cada instante. Esperavam e escutavam.

— Vá, meu amigo — disse a princesa Maria.

O príncipe André voltou para junto da mulher e, enquanto esperava, sentou-se na peça vizinha. Uma criada saiu do quarto e ficou confusa ao notar a presença do príncipe André. Ele cobriu o rosto com as mãos e ficou assim por alguns minutos. Gemidos de dor animal ouviam-se do outro lado da porta. O príncipe André aproximou-se da porta e quis abri-la, mas alguém a segurou.

— Não pode, não pode — disse uma voz assustada.

Pôs-se a andar de um lado para outro.

Os gritos cessaram. Decorreram alguns segundos. De repente, um grito terrível — não dela, que não podia gritar assim! — fez-se ouvir na peça vizinha. O príncipe correu para a porta. Agora, apenas se ouviam os vagidos de uma criança.

“Por que trouxeram a criança para cá?”, pensou o príncipe André no primeiro momento. “A criança? Qual? Por que está lá? Será o recém-nascido?”

Subitamente compreendeu toda a significação alegre desse grito. As lágrimas o sufocavam. Encostou-se na janela e começou a chorar como uma criança. A porta abriu-se. O médico, sem casaco, com as mangas da camisa arregaçadas, pálido, o queixo trêmulo, saiu do quarto. O príncipe André dirigiu-se a ele. O doutor o fitou desorientado e, sem dizer uma palavra, passou adiante.

Uma mulher saiu. Ao dar com os olhos no príncipe André, ficou perplexa no limiar da porta. Ele entrou no quarto da princesinha. Estava morta, deitada como a vira cinco minutos antes. E a mesma expressão, apesar dos olhos fixos e da palidez das faces, conservava-se nesse rosto encantador, infantil, com o labiozinho sombreado.

“Eu amo todos e não fiz mal a ninguém; e o que me fizeram?”, parecia dizer seu rosto bonito, triste e sem vida.

Num canto do quarto uma coisa pequena, vermelha, que Maria Bogdanovna carregava nos braços brancos e trêmulos, respirava e dava gritos agudos.

* * *

Duas horas depois o príncipe André entrava a passos lentos no gabinete do pai. O velho já sabia de tudo. Estava em pé, perto da porta, e assim que a porta se abriu, com os braços duros como uma tenaz, abraçou o filho pelo pescoço e soluçou como uma criança.

* * *

Três dias depois cantavam-se os hinos fúnebres pela alma da princesinha. E o príncipe André dizia-lhe adeus sobre os degraus do catafalco. No esquife, embora de olhos fechados, seu semblante parecia dizer ainda: “Ah! O que fizeram de mim!”

E o príncipe André sentia que qualquer coisa se despedaçava em sua alma, que era o culpado de uma desgraça irreparável e inesquecível. Não podia chorar. O velho subiu também e beijou uma das mãozinhas cor de cera cruzadas sobre o peito. A ele também o rosto dizia: “Ah! O que fizeram de mim!” Vendo esse rosto, o velho afastou-se de cenho franzido.

* * *

Cinco dias depois o príncipezinho Nicolau Andreievitch foi batizado. A ama sustinha o cueiro com o queixo enquanto o padre ungia, com uma pluma, as palminhas enrugadas das mãos e as plantas dos pés.

O padrinho, que era o avô, receando deixar cair o bebê, todo trêmulo, levou-o ao batistério e entregou-o à madrinha, a princesa Maria. O príncipe André, temendo que afogassem a criança, ficara sentado na outra peça e, trêmulo, esperava o fim da cerimônia. Assim que a velha criada lhe trouxe a criança, ele a olhou alegremente e fez um movimento aprovador com a cabeça quando ela lhe contou que o pedaço de cera atirado na pia — e sobre o qual tinham posto alguns cabelos do recém-nascido — havia boiado.

X

A participação de Rostov no duelo de Dolokhov com Bezukhov foi abafada graças ao velho conde, e Rostov, em lugar de ser rebaixado, como esperava, foi nomeado ajudante de ordens do governador-geral de Moscou. Por esse motivo, não pôde partir para o campo com sua família, e passou todo o verão em Moscou, no exercício das suas novas funções.

Dolokhov se restabelecera, e Rostov se tornara mais seu amigo durante a convalescença. Dolokhov foi tratado em casa de sua mãe, que o queria apaixonadamente. A velha Maria Ivanovna, que se afeiçoara a Rostov pela amizade que dedicava a seu Fédia, falava-lhe seguidamente do filho.

— Sim, conde, ele tem uma alma demasiadamente nobre e pura para um mundo depravado como o de hoje — dizia. — Ninguém estima a virtude, ela incomoda a todos. E, diga o senhor, conde! Foi justo e honesto da parte de Bezukhov? Meu Fédia, nobre como é, gostava dele, e mesmo agora nada diz contra ele. Em Petersburgo fizeram juntos aquela brincadeira com o policial, não é verdade? Pois bem, Bezukhov nada sofreu, Fédia suportou tudo. E de que forma? É verdade que lhe devolveram o galão, mas tinha de ser! Creio que na guerra os corajosos como ele não eram muitos. E agora esse duelo! Terão esses homens o menor senso de honra? Provocá-lo sabendo-o filho único e atirar dessa forma! Felizmente Deus nos poupou! E por quê? Quem, em nossos dias, não é vítima de intrigas? E depois, quem tem culpa de seus ciúmes? Admito que

tivesse suspeitas, mas isso já fazia mais de um ano e ele nada fez... ele provocou-o pensando que Fédia não iria aceitar por ser seu devedor. Que baixeza! Que covardia! Eu sei, conde, que o senhor compreendeu Fédia e por isso gosto do senhor com toda a minha alma. Poucos o compreendem. É uma alma tão nobre, tão celestial!

Muitas vezes o próprio Dolokhov, durante sua convalescença, dizia certas coisas que Rostov nunca poderia esperar dele.

— Sei que muitos me consideram um homem mau. Que seja, não me interessa ninguém além dos que amo, e aos que amo eu poderia dar a minha vida; enquanto que os demais eu esmagaria todos se os encontrasse no meu caminho. Tenho uma mãe adorável, inigualável, dois ou três amigos, tu entre eles, e quanto aos outros, só presto atenção quando me podem ser úteis ou prejudiciais. E quase todos são prejudiciais, principalmente as mulheres. Sim, meu amigo, encontrei homens amigos, dignos, de sentimentos elevados, mas mulheres, salvo as que estão à venda, condessa ou cozinheira, é a mesma coisa, não encontrei nenhuma. Ainda não encontrei essa pureza celestial, essa dedicação que procuro na mulher. Se encontrasse uma mulher assim, daria minha vida por ela. As outras... — Fez um gesto de desprezo. — Acredita no que digo, se ainda tenho algum apego à vida, é porque espero encontrar essa criatura divina que me purificará, me regenerará e me levantará. Mas tu não compreendes isso...

— Ao contrário, compreendo muito bem — respondeu Rostov, que se achava sob a influência do novo amigo.

* * *

No outono a família de Rostov regressou a Moscou. Denissov, que voltou no começo do inverno, se hospedou na casa deles.

Esses primeiros meses do inverno de 1806 em Moscou foram dos mais felizes para Rostov e toda sua família.

Nicolau atraía muitos jovens para a casa de seus pais. Vera era uma linda moça de vinte anos, Sônia, uma jovem beldade de dezesseis, com todo o brilho

de uma flor que acaba de desabrochar. Natacha, metade mulher, metade criança, ora com as extravagâncias de uma criança, ora com o encanto de uma moça.

Nessa época a casa dos Rostov estava saturada de uma atmosfera de amor, como acontece nas casas onde existem moças encantadoras e muito jovens.

Todo rapaz que aparecia na casa dos Rostov, vendo essas fisionomias jovens, vivas, que sorriam para tudo (provavelmente da própria felicidade), vendo essa animação, ouvindo essa tagarelice inconsciente mas terna com todos, pronta a tudo, cheia de fé na mocidade, ouvindo esses sons misturados, ora de canto, ora de música, sentia a mesma atração pelo amor, a mesma confiança na felicidade que a juventude da casa dos Rostov experimentava.

Entre os homens trazidos por Rostov, um dos primeiros foi Dolokhov, que agradou a toda a família, salvo a Natacha. Por causa de Dolokhov ela quase brigou com o irmão. Dizia que era um homem mau e que no caso do duelo Bezukhov tinha razão, que Dolokhov era o culpado, que era antipático e pretensioso.

— Não há o que entender — dizia Natacha obstinadamente. — Ele é um malvado, não tem sentimentos. Mas aí está, gosto do teu Denissov. É um farrista como poucos, mas simpatizo com ele apesar de tudo, então eu compreendo. Não sei bem como explicar, mas em Dolokhov tudo é calculado e eu não gosto disso, quanto a Denissov...

— Denissov é outra coisa — retorquiu Nicolau, dando a entender que, comparando um com o outro, Denissov não era ninguém. — Mas é preciso compreender a alma de Dolokhov. É preciso vê-lo junto de sua mãe, é tão grande seu coração!

— Quanto a isso não sei, mas na presença dele eu não fico à vontade. E sabes que ele está apaixonado por Sônia?

— Que bobagem...

— Tenho certeza. Tu vais ver.

A predição de Natacha se realizava.

Dolokhov, que não gostava da companhia de senhoras, vinha muito frequentemente à casa dos Rostov, e a questão sobre por quem ele vinha logo foi resolvida (embora ninguém falasse em tal coisa). Vinha por Sônia. Ela, sem

ousar confessar a si própria, também sabia e toda vez que ele chegava ficava muito vermelha.

Dolokhov jantava muitas vezes com os Rostov, não faltava a um único espetáculo a que eles compareciam, frequentava os bailes de adolescentes na casa de Ioguel e sempre estava com Rostov. Tinha atenções especiais para com Sônia e a fitava de tal modo que a menina não podia resistir a esses olhares sem corar, mas não só ela, como a velha condessa e Natacha também coravam quando os percebiam.

Era claro que esse homem forte e estranho achava-se sob a influência invencível dessa criaturinha morena, graciosa, que gostava de outro.

Rostov notava qualquer coisa de novo entre Dolokhov e Sônia, mas não chegava a dar-se conta dessas novas relações. “Nessa idade todas elas estão apaixonadas por alguém”, imaginava ele, pensando em Sônia e Natacha. Mas já não se sentia tão à vontade em companhia de Sônia e Dolokhov, e começou a sair de casa mais frequentemente.

Desde o outono de 1806, todos, ainda mais ardorosamente que no ano anterior, falavam da guerra contra Napoleão. Não só fora decidido o recrutamento de dez a cada mil homens para o exército, como também recrutavam nove a cada mil para as milícias. Amaldiçoavam Bonaparte em todos os cantos, e em Moscou só se falava na futura guerra.

Para a família Rostov, todo o interesse desses preparativos de guerra se resumia no seguinte: Nicolau não queria ficar em Moscou por preço nenhum, e apenas esperava o fim da licença de Denissov para depois das festas voltar com ele para o regimento. A partida próxima, longe de impedi-lo de se divertir, o estimulava. Passava a maior parte do tempo fora de casa em jantares, festas e bailes.

XI

No terceiro dia das festas de Natal, Nicolau jantou em casa, o que acontecia raramente nesses últimos tempos. Era um jantar de despedida, pois ele e Denissov voltariam para o exército logo depois do dia de Reis. Estavam presentes umas vinte pessoas, entre as quais Dolokhov e Denissov.

Nunca, na casa dos Rostov a atmosfera de amor se fizera sentir tão fortemente como durante esses dias de festa. “Agarra os momentos de felicidade, seja amado e ama. É a única coisa que existe no mundo, qualquer outra é tolice, e aqui só nos ocupamos com isso!”, dizia essa atmosfera.

Rostov, depois de ter cansado duas parelhas de cavalos sem ter conseguido, como sempre lhe acontecia, comparecer a todos os lugares aonde devia ir ou para onde fora convidado, chegou em casa na hora exata do jantar. Desde a entrada notou e sentiu a atmosfera de amor, mas além disso percebeu que alguns dos presentes estavam estranhamente perturbados.

Sônia, Dolokhov, a velha condessa e mesmo Natacha estavam particularmente perturbados. Nicolau compreendeu que, entre Sônia e Dolokhov, alguma coisa acontecera antes do jantar, e, com a delicadeza de sentimentos que lhe era peculiar, foi extremamente gentil para com os dois durante toda a refeição. Na mesma noite realizava-se em casa do senhor Ioguel (o professor de dança) um dos bailes que ele oferecia a seus alunos de ambos os sexos, por ocasião das festas.

— Nikolenka, vais à festa de Ioguel? Vais, não é? Ele te convidou especialmente e Vassili Dmitrievitch (era Denissov) irá também — disse Natacha.

— Onde deixa’ia de i’ com o’dem da condessa — disse Denissov, que, brincando, assumia ares de escudeiro de Natacha. — Estou p’onto pa’a dança’ *le pas de châte*.

— Se for possível! Prometi aos Arkharov não faltar à festa que eles oferecem esta noite — disse Rostov. — E tu? — perguntou a Dolokhov, e logo que fez essa pergunta compreendeu que não devia tê-la feito.

— Sim, talvez... — respondeu Dolokhov friamente, olhando Sônia. Depois franziu o cenho e fitou Rostov da mesma maneira que fitara Pierre no jantar do clube.

“Aconteceu alguma coisa”, pensou Nicolau. Sua suposição ganhou mais ares de certeza quando viu que Dolokhov se despedia em seguida ao jantar. Chamou Natacha e perguntou-lhe o que acontecera.

— Estou à tua procura — disse Natacha, correndo para ele. — Eu não te disse? Não querias acreditar — continuou com um ar triunfante. — Ele pediu a

mão de Sônia.

Nesses últimos tempos Nicolau prestara muito pouca atenção a Sônia, ao ouvir isso, porém, sentiu seu coração oprimir-se. Dolokhov era um partido muito razoável e, sob certo aspecto, até brilhante para uma órfã sem dote como Sônia. De acordo com o ponto de vista da condessa e da sociedade ela não podia recusar. Eis por que, ouvindo isso, o primeiro impulso de Nicolau foi de raiva contra Sônia. Já ia dizer: “Muito bem! Naturalmente as promessas de crianças são feitas para serem esquecidas e o pedido foi aceito...” Mas não teve tempo de dizer essas palavras.

— Imagina! Recusou, recusou dizendo simplesmente que ama outro — acrescentou Natacha depois de um curto silêncio.

“Minha Sônia não podia agir de outra forma”, pensou Nicolau.

— Por mais que mamãe lhe pedisse, recusou e eu sei que ela não cederá; quando ela diz alguma coisa...

— E mamãe pediu-lhe? — perguntou Nicolau num tom de censura.

— Sim — disse Natacha. — Olha, Nicolau, não vais ficar brabo, mas eu estou certa de que nunca casarás com ela. Não sei por quê, mas tenho a certeza.

— Não podes ter certeza de coisa nenhuma — replicou Nicolau. — Preciso falar com ela... que criatura maravilhosa essa Sônia.

— É um encanto! Vou trazê-la.

E Natacha beijou o irmão e afastou-se correndo.

Um minuto depois, assustada, toda atrapalhada como se fosse culpada, Sônia apareceu. Nicolau aproximou-se e beijou-lhe a mão. Desde sua chegada era a primeira vez que falavam a sós e do amor que os unia.

— Sophie — começou ele timidamente e desembaraçando-se aos poucos —, se pretende recusar um partido, não apenas brilhante, mas vantajoso, já que se trata de um homem bom, digno, amigo meu...

Sônia interrompeu.

— Já recusei — disse com vivacidade.

— Se recusa por minha causa, receio que...

Sônia o interrompeu novamente. Olhava-o com um ar de súplica e assustado.

— *Nicolas*, não me diga isso.

— Devo dizer. Talvez seja um pouco de presunção de minha parte, mas é preferível que diga. Se recusa por minha causa, então, devo dizer-lhe toda a verdade. Amo-a, creio que a amo mais que tudo...

— Isso me basta — disse Sônia, corando.

— Não, mas já me apaixonei milhares de vezes e isso se repetirá, apesar de sentir só por você esse sentimento de amizade, confiança e amor. Além disso, sou moço, mamãe não quer nosso casamento. Numa palavra, não lhe prometo nada e peço-lhe que reflita sobre o pedido de Dolokhov — concluiu, pronunciando com dificuldade o nome do amigo.

— Não fale assim comigo. Não quero saber de nada. Gosto de ti como a um irmão, hei de gostar toda a vida, e não preciso de mais nada.

— Você é um anjo e eu não sou digno de você. O que eu temo é enganá-la.

E Nicolau beijou-lhe novamente a mão.

* * *

Os bailes de Ioguel eram o mais alegres de Moscou. Era o que diziam as mães olhando as suas adolescentes que davam os passos recém-aprendidos. Os adolescentes e as adolescentes que dançavam até não poder mais diziam a mesma coisa, como também as moças e os rapazes que compareciam a esse baile com um ar condescendente e se divertiam a valer. Nesse mesmo ano, dois casamentos foram arranjados no baile de Ioguel: as duas lindas princesas Gortschakov haviam encontrado noivos e estavam casadas. Esse fato aumentava mais ainda a reputação do baile. Ele tinha uma peculiaridade: não havia nem dono nem dona da casa, mas apenas esse excelente Ioguel, que voava como uma pluma, cumprimentava a todos segundo as regras da etiqueta e recebia os convidados aos quais dava as lições em troca de pagamento posterior. Outra particularidade era que a esse baile só iam aqueles que queriam dançar e divertir-se, coisa que sempre querem as garotinhas de treze ou quatorze anos que, pela primeira vez, põem um vestido comprido. Todas, com muito raras exceções, eram ou pareciam bonitas. Com os olhos brilhantes, sorriam entusiasmadas.

Às vezes, até as melhores alunas dançavam o *pas de châte*, e entre elas Natacha se distinguia pela sua graça. Mas, nesse último baile, só dançavam escocesas, inglesas e a mazurca, que acabava de entrar em moda.

Ioguel solicitara um salão da casa de Bezukhov, e, segundo a opinião geral, o baile era um sucesso. Havia muitas moças bonitas e as senhorinhas Rostov eram das mais interessantes. Elas estavam mais felizes e radiantes que de costume. Nessa noite, Sônia, satisfeita com o pedido de Dolokhov e com sua recusa,

satisfeita com o esclarecimento com Nicolau, já em casa começara a rodopiar sem deixar que a criada lhe penteasse as tranças, e agora irradiava alegria.

Não menos satisfeita estava Natacha, que, pela primeira vez, comparecia a um verdadeiro baile de vestido comprido. Ambas trajavam vestido de musselina branca com fitas cor-de-rosa.

Desde que entrou no baile Natacha ficou apaixonada, não por uma pessoa em particular, mas por todos. Apaixonava-se espontaneamente por todas as pessoas que olhava.

— Ah! Como é bom! Como é bonito! — dizia a cada instante, correndo para Sônia.

Nicolau e Denissov passeavam pela sala e contemplavam as moças com um ar terno e protetor.

— Como ela é encantado'a. Se'á muito bela — disse Denissov.

— Quem?

— A condessa Natacha. E como dança. Que encanto — repetiu, depois de um curto silêncio.

— Mas de quem estás falando?

— De tua i'mã — gritou Denissov irritado.

Rostov sorriu.

— Meu caro conde, o senhor é um dos meus melhores alunos. Tem de dançar — disse o pequeno Ioguel, aproximando-se de Nicolau. — Veja quantas moças bonitas!

Dirigiu-se a Denissov, também seu antigo aluno, e fez o mesmo pedido.

— Não, meu ca'o, sou pa'te deco'ativa — disse Denissov. — Não se 'eco'da como ap'oveitei mal suas lições?

— Absolutamente — protestou Ioguel para incentivar. — Na verdade, não era muito atento, mas tinha qualidades. Sim, tinha qualidades.

Tocavam uma mazurca, que começava a entrar na moda. Nicolau não podia recusar o que Ioguel lhe pedira e convidou Sônia. Denissov sentou-se perto de uma das senhoras idosas. Apoiando-se no sabre, batia o pé ao compasso da música, fazia rir as velhas contando alguma coisa divertida e ao mesmo tempo olhava as moças que dançavam. Na frente dançava Ioguel com Natacha, sua melhor aluna, seu orgulho. Suavemente, molemente, batendo com os pés

calçados de sapatos baixos, Ioguel arrastou Natacha para o centro do salão. Ela, apesar de intimidada, executava os passos com precisão. Denissov não lhe despregava os olhos e marcava o compasso com o sabre num ar que parecia dizer que, se não dançava era porque não queria, mas se precisasse o faria com honra. No meio de uma coreografia, chamou Rostov, que passava diante dele.

— Não é assim. Não é a mazu'ca polonesa. Mas ela dança admi'velmente.

Sabendo que até na Polônia Denissov era tido como grande dançarino de mazurca polonesa, Nicolau correu até Natacha.

— Anda, convida Denissov. Ele dançará. É uma maravilha! — disse-lhe.

Quando chegou novamente a vez de Natacha, ela levantou-se e, caminhando depressa com seus sapatinhos de borlas, atravessou timidamente a sala na direção em que Denissov estava sentado. Percebeu que todos a olhavam e esperavam. Nicolau viu que Denissov e Natacha discutiam sorrindo, que Denissov recusava mas sorria alegremente. Ele foi até os dois.

— Por favor, Vassili Dmitrievitch. Vamos, peço-lhe — dizia Natacha.

— Não, não, não me obrigue, condessa — respondia Denissov.

— Vamos, Vassia — interveio Rostov.

— Dirão que estão tentando me agradar como uma gatinha.

— Cantarei uma tarde inteira para o senhor — disse Natacha.

— Feiticei'a. Fa'á de mim tudo que quise' — disse Denissov, desafivelando o sabre.

Saiu de trás das cadeiras, apertou fortemente a mão da parceira, levantou a cabeça e, esperando o compasso, afastou uma perna. Quando montava a cavalo ou dançava a mazurca, a baixa altura de Denissov ficava imperceptível; adquiria um aspecto robusto de que tinha consciência. À chegada do compasso, olhou a parceira com ar vitorioso e divertido. Inesperadamente bateu um pé depois do outro e, como uma bala, invadiu a sala voando em círculo com a parceira. Quase sem ruído, apenas com uma perna, percorreu a metade da sala e, parecendo não ver as cadeiras que estavam em sua frente, corria na direção delas. Subitamente, batendo com as esporas e abrindo as pernas, estacava equilibrando-se nos saltos das botas e assim permanecia alguns segundos, sapateava no mesmo lugar com um ruído de esporas, fazia uma volta, depois, aproximando a perna esquerda da direita, recomeçava o círculo. Natacha adivinhava o que ele iria fazer e, sem

saber como, abandonando-se, o acompanhava. Ora ele a fazia rodopiar pela mão direita, ora pela esquerda, ora caía de joelhos, fazendo-a girar em torno dele, depois, saltando novamente, disparava com tal rapidez como se quisesse percorrer todos os aposentos sem respirar; ora parava subitamente, ora fazia alguma coisa imprevista. Quando, fazendo a dama rodopiar diante de si, bateu as esporas e a cumprimentou, Natacha não fez sequer uma reverência. Admirada, fitava-o como se não o reconhecesse.

— O que foi isso? — perguntou-lhe.

Apesar de Ioguel não admitir essa mazurca como legítima, todos estavam encantados com a arte de Denissov, e a todo momento ele era escolhido. Os velhos, sorrindo, falavam da Polônia e dos bons tempos passados. Secando a testa com o lenço, corado, Denissov sentou-se ao lado de Natacha e não se afastou dela o resto da noite.

XII

Nos dois dias que se seguiram, Rostov não viu Dolokhov, nem em sua casa nem na casa do amigo. No terceiro, recebeu o seguinte bilhete:

“Como não pretendo voltar à casa de teu pai, por motivos que conheces, e como volto para o exército, ofereço hoje, à noite, no hotel Inglês, um jantar de despedida a meus amigos.”

Às dez horas da noite, ao sair do teatro, aonde fora com parentes e Denissov, Rostov dirigiu-se para o hotel Inglês. Conduziram-no imediatamente ao melhor quarto do hotel, que fora reservado por Dolokhov. Uns vinte homens estavam em torno da mesa, à qual, diante de duas velas, Dolokhov estava sentado. Sobre a mesa havia ouro, dinheiro em papel e Dolokhov era o banco do jogo.

Depois do pedido e da recusa de Sônia, Nicolau não tornara a vê-lo e sentia-se constrangido ao encontrá-lo. O olhar cortante e frio de Dolokhov fixou-se em Rostov, ainda junto da porta. Dir-se-ia que o esperava há muito tempo.

— Há muito que não nos vemos. Obrigado por ter vindo. Vou apenas terminar esta banca e Iuchka virá com seu coro.

— Procurei-te em casa — disse Rostov, corando.

Dolokhov não respondeu.

— Podes escolher uma carta — disse.

Nesse instante Rostov lembrou-se de uma estranha conversa que tivera com Dolokhov: “Só os idiotas arriscam no jogo”, disse-lhe este.

— Tens medo de jogar comigo? — perguntou Dolokhov, como se adivinhasse o pensamento do outro, e sorriu.

Através desse sorriso, Rostov percebia nele o mesmo estado de espírito em que se achava por ocasião do jantar do clube e, em geral, quando aborrecido da vida, sentia necessidade de sacudir o seu tédio com algum ato estranho, o mais das vezes cruel. Rostov não se sentia à vontade; sem conseguir, procurava uma brincadeira para responder às palavras de Dolokhov. Mas, antes que descobrisse algo, Dolokhov o fitou e, vagarosamente, separando as palavras, disse-lhe de forma que todos pudessem ouvir:

— Lembras-te, uma ocasião falamos sobre o jogo... Só os idiotas arriscam no jogo. Deve-se jogar na certa, e eu vou experimentar.

“Experimentar na sorte ou na certa?”, pensou Rostov.

— É preferível não jogares. Ao jogo, senhores! — acrescentou, fazendo estalar o baralho.

Empurrando o dinheiro, Dolokhov preparava-se para fazer a banca. Rostov sentou-se a seu lado. A princípio não jogou. Dolokhov o fitava.

— Por que não jogas? — perguntou-lhe Dolokhov.

Coisa estranha. Nicolau sentia a necessidade de pegar uma carta, a necessidade de arriscar uma soma insignificante e começar o jogo.

— Estou sem dinheiro — disse.

— Tens crédito.

Rostov apostou cinco rublos numa carta e perdeu. Apostou novamente e perdeu uma segunda vez.

Dolokhov matara, isto é, ganhara dez cartas seguidas de Rostov.

— Senhores, um momento, peço-lhes que ponham o dinheiro sobre as cartas, para que eu não me engane nas contas.

Um dos jogadores objeta dizendo que se julga merecedor de confiança.

— Posso confiar, claro, mas é que eu tenho receio de fazer confusão. Peço-lhes que ponham o dinheiro sobre as cartas — repetiu Dolokhov. — Tu não precisas preocupar-te. Depois acertaremos as contas — disse a Rostov.

O jogo continuava. Ininterruptamente o criado servia champanhe.

Todas as cartas de Rostov eram matadas; oitocentos rublos já lhe estavam debitados. Ia jogar mais oitocentos rublos numa carta, mas refletiu enquanto lhe serviam o champanhe, e recomeçou com a parada habitual, vinte rublos.

— Deixa, daqui a pouco recupera — disse Dolokhov sem olhar Rostov. — Estranho, perco dos outros, mas ganho sempre de ti. Tens medo de mim? — repetiu.

Rostov obedeceu; deixou os oitocentos rublos e pegou o sete de copas que tinha um dos cantos rasgado, que ele apanhara do chão e do qual se lembraria muito bem depois. Com um pedaço de giz escreveu “800” sobre a carta em algarismos verticais redondos; tomou uma taça de champanhe que aquecera, sorriu às palavras de Dolokhov, e, com o coração aos pulos e esperando o sete, pôs-se a observar as mãos de Dolokhov, que segurava o baralho. Perder ou ganhar com o sete de copas era muito importante para Rostov.

No domingo anterior o conde Ilia Andreievitch dera dois mil rublos ao filho, e ele, que não gostava de falar das dificuldades de dinheiro, lhe havia dito que aquela soma seria a última até maio, e assim lhe pedia que fosse mais econômico dessa vez. Nicolau respondeu que a quantia era mais que suficiente e que se comprometia, sob palavra de honra, a nada mais lhe pedir antes da primavera.

Desta quantia só lhe restavam mil e duzentos rublos, de sorte que do sete de copas dependiam não somente mil e seiscentos rublos a pagar, mas o risco de faltar à palavra dada.

Com o coração aos pulos observava as mãos de Dolokhov e pensava: “Vamos, dá essa carta logo, pego o chapéu e vou para casa, jantarei com Denissov, Natacha e Sônia; e garanto que nunca mais tocarei numa carta.” Nesse momento a vida da família, as brincadeiras com Pétia, as conversas com Sônia, os duetos com Natacha, a partida de *piquet* com seu pai e até a cama tranquila da casa da rua Povarskaia lhe apareciam com tanta força, clareza e encanto, como se se tratasse de uma felicidade já passada, perdida, desperdiçada. Não podia admitir que um acaso estúpido, fazendo o sete cair à esquerda e não à direita, pudesse privá-lo de toda essa felicidade novamente compreendida e atirá-lo no abatimento de uma desgraça ainda não experimentada e sem fim. Isso não podia acontecer, entretanto, seguia ansioso o movimento das mãos de Dolokhov, essas

mãos grandes, vermelhas, peludas, que soltaram o baralho e pegaram o copo e o cachimbo que lhe ofereciam.

— Então, não tens medo de jogar comigo — repetiu Dolokhov. E como se fosse contar uma história divertida, largou as cartas, atirou-se para trás e lentamente, num sorriso, começou a falar.

— Sim, senhores, disseram-me que em Moscou corre o boato de que sou trapaceiro no jogo, portanto, aconselho-os a serem prudentes comigo.

— Vamos, continua o jogo! — disse Rostov.

— Ah! Esses disse que disse de Moscou! — exclamou Dolokhov num sorriso; e pegou as cartas.

— Ai! — quase gritou Rostov, levando as mãos à cabeça. O sete de que necessitava estava bem em cima. Perdera mais do que lhe era possível pagar.

— Não vá se afundar demais — disse Dolokhov, olhando Rostov de esguelha e continuando com a banca.

XIII

Uma hora e meia mais tarde os jogadores olhavam as próprias apostas como brincadeiras.

Todo o interesse do jogo se concentrava em Rostov. Em lugar de mil e seiscentos rublos, uma grande coluna de quantias já lhe fora debitada; contara-as até dez mil, mas agora, como ele supunha vagamente, já devia andar pelos quinze mil. Na verdade, seu débito passava de vinte mil. Agora Dolokhov não ouvia nem dizia mais nada, acompanhava todos os movimentos das mãos de Rostov e, de tempos em tempos, verificava rapidamente as contas. Resolvera continuar o jogo até ganhar quarenta e três mil. Escolhera esse número porque quarenta e três era a soma de sua idade com a de Sônia. Rostov, com a cabeça entre as mãos, estava sentado à mesa toda rabiscada, manchada de vinho e cheia de cartas. Uma impressão dolorosa o dominava; essas mãos grandes, ossudas, vermelhas, onde apareciam os pelos sob as mangas, essas mãos que ele estimava e odiava o tinham em seu poder.

“Seiscentos rublos, ás, nove... impossível recuperar! Como estaria alegre em casa! Par de valetes... Não é possível! E por que faz isso comigo?...”, pensava Rostov. Às vezes pegava uma boa carta e fazia uma aposta mais alta, mas

Dolokhov recusava, fixando ele mesmo a quantia. Nicolau obedecia e ora dirigia-se a Deus, como no campo de batalha de Amstetten, ora imaginava que essa carta, a primeira que pegasse do bolo, o salvaria, ora contava os alamares de sua túnica e queria jogar tudo na carta que tinha o mesmo número; ora, implorando auxílio, olhava os demais jogadores, ora fitava o rosto frio de Dolokhov e procurava penetrar-lhe os pensamentos.

“Ele sabe, no entanto, o que esse prejuízo significa para mim. Ele não pode querer meu fracasso. Era meu amigo. Eu gostava dele... Mas ele não é culpado. O que fazer? Está com sorte! Eu também não tenho culpa... Não faço nada de errado. Matei alguém? Feri, desejei algum mal?... E por que esta terrível desgraça?... Quando começou isto? Ainda há pouco me aproximei desta mesa com a intenção de ganhar cem rublos, comprar aquela caixa para a festa da mamãe e ir para casa... Estava tão satisfeito, tão livre, tão alegre. Não compreendia quanto era feliz! Quando foi que tudo isso acabou? Quando começou essa situação nova, terrível? Quando se operou essa mudança? Eu também estava nesse lugar, também escolhia as cartas e olhava essas mãos hábeis, ossudas. Quando aconteceu isso, e o que foi? Sou são, forte, e continuo no mesmo lugar! Provavelmente ficará por isso mesmo.”

Estava vermelho, coberto de suor, apesar de não estar quente no quarto. Seu semblante estava pavoroso e dava pena, sobretudo por causa do seu desejo de parecer calmo.

O total atingiu o número fatídico: quarenta e três mil! Rostov preparava a carta na qual ia apostar os três mil rublos que estavam em jogo quando Dolokhov, batendo o baralho, afastou-se para um lado e, tomando o giz, com sua letra clara e fina, começou a fazer a soma do dinheiro perdido por Rostov.

— Vamos jantar, já é tempo de jantar. Aí estão os ciganos!

Realmente, homens e mulheres morenos, com o tipo de ciganos, entravam no quarto, vindos do frio lá de fora.

Nicolau compreendeu que tudo estava acabado. Com uma voz indiferente perguntou:

— Como, não jogas mais? Havia preparado uma boa carta... — Como se estivesse apenas empolgado pela alegria do jogo.

“Tudo está acabado. Estou perdido”, pensou. “Agora, um tiro na cabeça é tudo que resta.”

E ao mesmo tempo dizia com voz alegre:

— Mais uma cartinha?

— Está bem — concordou Dolokhov, terminando a soma. — Bom! Vinte e um rublos, está bem — disse ele, fixando o número, que era o valor que ultrapassava os quarenta e três mil redondos. E tomando o baralho preparava-se para dar as cartas. Rostov apagava docilmente os algarismos e, em lugar dos seis mil propostos, escrevia 21.

— Isso não importa — disse. — O que me interessa é saber se ganharás ou se me darás esse dez.

Dolokhov começou o jogo com ar sério. Oh! Como Rostov odiava essas mãos vermelhas de dedos curtos, com pelos que se viam sob as mangas, e que o tinham em seu poder.

O dez foi para ele.

— O senhor me deve quarenta e três mil rublos, conde — disse Dolokhov, e, espreguiçando-se, levantou-se da cadeira. — A gente cansa ficando sempre no mesmo lugar.

— Eu também estou cansado — disse Rostov.

Como para lembrar-lhe que não ficava bem para ele ficar de gracejos, Dolokhov interrompeu-o:

— Quando posso receber o dinheiro, conde?

Rostov corou e levou Dolokhov para o aposento ao lado.

— Não posso pagar tudo isso de uma vez. Aceitas um documento? — perguntou.

— Escuta, Rostov — disse Dolokhov sorrindo e fitando Nicolau bem dentro dos olhos. — Tu conheces o provérbio: “Sorte no amor, azar no jogo.” Tua prima está apaixonada por ti. Eu sei.

“Oh! É horrível estar nas mãos desse homem!”, pensou Rostov.

Compreendia o golpe que daria em seus pais ao confessar-lhes essa perda; compreendeu quanto seria feliz se pudesse desembaraçar-se de tudo isso; compreendia que Dolokhov sabia que lhe era fácil livrá-lo dessa vergonha e dessa dor, mas que, de momento, queria brincar de gato e rato.

— Tua prima... — começou Dolokhov, mas Nicolau o interrompeu.
— Minha prima nada tem com isso. Nada há que se dizer sobre ela! — gritou indignado.
— Então, quando recebo o dinheiro? — repetiu Dolokhov.
— Amanhã — respondeu Rostov, e saiu.

XIV

Dizer “amanhã” com convicção não era difícil, mas ir sozinho para casa, ver as irmãs, o irmão, a mãe, o pai, confessar e pedir um dinheiro ao qual não tinha direito depois da palavra de honra dada era terrível.

Na sua casa ainda não dormiam. Os jovens da casa dos Rostov, depois de terem ceado, ao voltar do teatro, sentaram-se ao pé do cravo. Logo que Nicolau entrou na sala sentiu essa atmosfera de amor, poesia, que, nesse inverno, reinava naquela casa e que, agora, depois do pedido de Dolokhov e do baile de Ioguel, ainda parecia mais condensada, como o ar antes da tempestade, em torno de Sônia e Natacha. Ambas com vestido azul, o do teatro, bonitas, e sabendo disso, sorriam felizes sentadas ao pé do cravo. Vera jogava xadrez com Chinchine em outra sala. A velha condessa, esperando o filho e o marido, jogava paciência acompanhada da velha senhora de um gentil-homem que vivia com eles. Denissov, com os olhos brilhantes, os cabelos revoltos, estava sentado junto ao cravo, com uma perna afastada para trás; com os dedos curtos tirava acordes do instrumento. Revirando os olhos, cantava com sua voz rouca, fraca mas armada, versos compostos por ele, “A feiticeira”, que estava procurando musicar:

Feiticeira, dize que força é essa
Que me arrasta para esses acordes abandonados.
Que chama acendestes em meu coração,
Que entusiasmo é esse que se espalha em todo o meu ser.

Cantava com uma voz apaixonada, fitando com seus olhos negros e brilhantes Natacha, assustada e feliz.

— É bonito, admirável! — gritava Natacha. — A outra estrofe — pediu, sem notar a presença de Nicolau.

“Aqui, tudo continua sempre a mesma coisa”, pensou Nicolau olhando para dentro da grande sala, onde viu Vera e sua mãe com a velha senhora.

— Ah! Aí está Nikolenka!

Natacha correu ao seu encontro.

— Papai está em casa? — perguntou ele.

— Como estou contente por teres vindo! — disse Natacha sem responder. — Estamos tão alegres. Sabes que Vassili Dmitrievitch ficou mais um dia por minha causa?

— Não, papai ainda não chegou — disse Sônia.

— Nicolau, chegaste. Vem cá, meu amigo — disse do salão a condessa.

Nicolau aproximou-se da mãe, beijou-lhe a mão e sentou-se em silêncio perto da mesa, contemplando as mãos que soltavam as cartas. Na sala, exortando Natacha, risos e vozes se faziam ouvir.

— Ora, ora! — gritou Denissov.

— Ago’a você não pode ‘ecusa’, tem que canta’ a “Ba’ca’ola”, suplico-lhe.

A condessa voltou-se para o filho silencioso.

— O que tens? — perguntou a Nicolau.

— Nada — respondeu como se estivesse aborrecido por uma pergunta muitas vezes repetida. — Papai não irá demorar?

— Creio que não.

“Aqui, sempre a mesma coisa, sempre a mesma coisa. Não sabem de nada. Onde vou me meter?”, pensou Nicolau; e dirigiu-se para a sala onde estava o cravo.

Sônia estava tocando o prelúdio da barcarola de que Denissov gostava particularmente. Natacha preparava-se para cantar. Denissov a contemplava com um olhar entusiasmado.

Nicolau pôs-se a caminhar de um lado para outro.

“E que ideia essa de cantar? Que pode ela cantar? Não há nada alegre aqui”, pensava Nicolau.

Sônia tocou as primeiras notas do prelúdio.

“Meu Deus. Sou um homem perdido, desonesto! Uma bala no crânio é tudo que me resta, e não cantar. Vou-me embora! Mas para onde! O que importa, se estão cantando!”

Continuando a caminhar, Nicolau, sombrio, olhava Denissov e as meninas e evitava seus olhares.

“Nicolau, o que tens?”, perguntava o olhar de Sônia fixo nele. Percebera logo que havia alguma coisa.

Nicolau afastou-se. Natacha, com sua notável perspicácia, logo notara também o estado do irmão. Notara, mas estava tão alegre nesse momento, tão distante de toda tristeza, de toda preocupação, que voluntariamente (como muitas vezes acontece com os jovens) ela procurava iludir-se. “Não, estou demasiadamente alegre para estragar minha alegria com as dores dos outros”, pensava. E logo disse consigo: “Não, sem dúvida, me engano. Ele deve estar tão alegre quanto eu.”

— Vejamos, Sônia — disse; e dirigiu-se para o meio da sala, onde acreditava que a ressonância fosse melhor. A cabeça levantada, deixando caírem os braços como fazem as dançarinas, Natacha caminhou para o centro da sala, pisando na ponta dos pés.

“Vejam como sou!”, parecia dizer em resposta ao entusiasmo de Denissov, que a seguia com os olhos.

“Por que está tão alegre?”, pensou Rostov olhando a irmã. “Não terá vergonha de não se aborrecer?”

Natacha lançou a primeira nota: a garganta dilatava, o peito se enchia, os olhos tomavam uma expressão séria. Nesse momento não pensava em nada e em ninguém, e os sons lhe escapavam da boca sorridente, sons que cada um pode emitir ao mesmo tempo e no mesmo intervalo, e que nos deixam indiferentes um milhão de vezes, mas que, subitamente, na milionésima primeira vez, nos fazem estremecer e chorar.

Nesse inverno era a primeira vez que Natacha cantava seriamente, e isso porque Denissov se entusiasmava com sua voz. Não estava mais cantando como uma criança, não havia mais no seu canto essa preocupação cômica, infantil, de outrora, mas ainda não cantava bem. Todos os conhecedores que a ouviam diziam: “Uma linda voz não cultivada.”

Mas em geral diziam isso muito depois de ela ter acabado de cantar, e, enquanto ressoava essa voz não cultivada, apesar das aspirações defeituosas e dos esforços em certas passagens, os próprios críticos nada diziam; ficavam

como que enlevados ante essa voz não cultivada e apenas desejavam ouvi-la uma vez mais.

A pureza virginal de sua voz, a ignorância de seu poder, o tom aveludado ainda a ser aproveitado estavam tão unidos à falta de arte no canto que parecia impossível alterar alguma coisa sem estragar tudo.

“O que é isso?”, pensou Nicolau, com os olhos muito abertos, ouvindo a voz da irmã. “Que foi que lhe aconteceu? Como está cantando hoje!” E para ele também o mundo se concentrou na espera da nota seguinte, e tudo no mundo estava dividido em três tempos. “*Oh! mio crudele affetto*”, um, dois três... “Que vida imbecil. A desgraça, o dinheiro, Dolokhov, a cólera, a honra... tudo isso não é nada... eis o verdadeiro... Aí! Natacha... Aí! Minha pombinha! Aí, querida... Como alcançará este *si*? Alcançou-o. Deus seja louvado”, pensou Nicolau. E sem notar que também estava cantando para reforçar o *si*, entoou ele próprio a terça acima da nota. “Meu Deus, como é bonito! Fui eu que dei esta nota? Como é bonito!”, pensou.

Oh! Como essa terça tremia e parecia comover o melhor da alma de Rostov: algo independente do mundo inteiro e superior a tudo. O que significavam aqui a perda no jogo, e Dolokhov, e a palavra de honra?! Tudo é tolice. A gente pode matar, roubar e apesar de tudo ser feliz...

XV

Há muito tempo que Rostov não sentia tão grande prazer na música como nesse dia. Mas assim que Natacha terminou a barcarola, caiu na realidade. Não disse nada, saiu e desceu para seu quarto. Quinze minutos depois o velho conde voltava do clube, alegre e contente. Ouvindo-o entrar, Nicolau foi procurá-lo no seu gabinete.

— E então, te divertiste muito?... — perguntou Ilia Andreievitch, sorrindo alegre e desvanecidamente para o filho.

Nicolau quis responder “sim”, mas não conseguiu e quase caiu em pranto.

O conde acendia o cachimbo e não notava o estado do filho.

“É inevitável”, pensou Nicolau, pela primeira e última vez. Subitamente, num tom despreocupado, que ele mesmo achou revoltante, como se pedisse o carro para ir à cidade, disse ao pai:

— Papai, vim falar contigo a respeito de um negócio que quase esqueci... Preciso de dinheiro.

— Ah! Ah! — fez o pai, que estava particularmente alegre. — Bem te disse que não terias o suficiente. Precisas muito?

— Muito — respondeu Nicolau, corando e com um sorriso estúpido, negligente, do qual, passado muito tempo, ele ainda não se perdoava. — Perdi um pouco... quer dizer muito... quarenta e três mil rublos.

— Hein! Para quem? Estás brincando! — exclamou o conde, cujo pescoço e nuca se cobriam de um rubor carmesim, como acontece com as pessoas idosas.

— Prometi pagar amanhã — disse Nicolau.

— E esta!... — disse o velho conde, abrindo os braços e caindo sem forças no sofá.

— O que se vai fazer! A quem não acontece coisas como essas — disse o filho num tom desembaraçado, ousado, enquanto que interiormente se considerava um covarde que, em toda a vida, não poderia lavar seu crime.

Ele queria beijar a mão do pai, pedir-lhe perdão de joelhos e, em lugar disso, num tom negligente e grosseiro, dizia que essas coisas acontecem a todo mundo.

Ouvindo essas palavras do filho, o conde Ilia Andreievitch baixava os olhos e, apressadamente, como se procurasse alguma coisa, disse:

— Sim, sim, é difícil. Receio que seja difícil arranjar... Mas a quem não acontece isso! Sim, a quem não acontece...

O conde olhou furtivamente o rosto do filho e saiu do quarto... Nicolau, pronto a defender-se, esperava censuras, mas com essa atitude nunca contara.

— Pai, paizinho — exclamou Nicolau atrás dele, soluçando —, perdoe-me! — E, chorando, pegou a mão do pai e apertou-a contra os lábios.

* * *

Enquanto o filho se explicava com o pai, uma outra explicação não menos importante se dava entre mãe e filha. Emocionada, Natacha correra para sua mãe.

— Mamãe, mamãe, ele me fez...

— O que te fez ele?

— Ele me fez... ele me fez... uma declaração... Mamãe! Mamãe!

A condessa não podia crer no que ouvia. Denissov havia feito uma declaração. A quem? A essa garotinha, Natacha, que até bem pouco tempo ainda brincava de boneca e ainda estava estudando.

— Natacha, chega de bobagens! — disse, esperando que se tratasse de uma brincadeira.

— Não são bobagens! Estou lhe falando seriamente — contestou Natacha zangada. — Vim para perguntar-lhe o que devo fazer e a senhora diz que são bobagens!

A condessa sacudiu os ombros.

— Se é verdade que o senhor Denissov te fez esse pedido, então dize-lhe que é um imbecil. Estás satisfeita?

— Mas ele não é um imbecil — retrucou Natacha entre ofendida e zangada.

— Mas o que queres então? Hoje todos vocês estão apaixonados. Pois bem, se estás apaixonada por ele, casa! Deus vos abençoe! — disse ironicamente a condessa.

— Mamãe, eu não estou apaixonada por ele, provavelmente não estou apaixonada.

— Pois bem, então é só dizer-lhe.

— Mamãe, a senhora está se zangando? Não se zangue, meu bem. Vamos, que culpa tenho eu?

— Nenhuma, minha querida. Se queres, eu mesma respondo por você — disse a condessa, sorrindo.

— Não, eu mesma falo. Só quero que me diga como, para a senhora tudo é fácil — acrescentou, respondendo ao sorriso da mãe. — Ah! E se tivesse ouvido como ele disse isso. Eu sei que ele não queria dizer. Escapou como por acaso.

— Mas é preciso recusar.

— Não, não é necessário, tenho tanta pena dele. É tão encantador!

— Então aceita. Não há dúvida de que já é tempo de casares — disse a mãe meio zangada e meio em tom de brincadeira.

— Ora, mamãe... tenho tanta pena dele! Não sei como vou dizer.

— Mas não tens nada que dizer, eu mesma direi — decidiu a condessa zangada com Denissov por ter ousado tratar essa garotinha como gente grande.

— Não, nunca. Eu mesma lhe direi e a senhora poderá escutar atrás da porta.

Natacha correu para a sala, onde Denissov estava sentado perto do cravo, na mesma cadeira, com o rosto escondido nas mãos. Levantou a cabeça ao ouvir os passos dela.

— Natacha! Decida minha so'te. Ela está nas suas mãos! — disse ele, aproximando-se dela a passos rápidos.

— Vassili Dmitrievitch, lastimo-o tanto. Não, o senhor é tão bom. Mas não pode ser isso... Mas esteja certo de que sempre gostarei do senhor.

Denissov inclinou-se sobre sua mão e Natacha ouviu um som estranho, incompreensível para ela. Beijou-lhe os cabelos escuros e encaracolados. Nesse momento ouviu-se o fru-fru rápido do vestido da condessa, que se aproximava deles.

— Vassili Dmitrievitch, agradeço-lhe a honra — disse a condessa num tom emocionado, que pareceu severo a Denissov —, mas minha filha ainda é tão jovem, e eu imaginava que o senhor, amigo de meu filho, num caso como esse, se dirigiria primeiramente a mim. Desse modo, não me poria na obrigação de recusar.

— Condessa — disse Denissov, com os olhos baixos e um ar de culpado. Quis dizer outra coisa, mas calou-se. Natacha começou a chorar.

— Condessa, eu agi mal — continuou Denissov numa voz sufocada. — Mas saiba que sinto uma tal ado'ação pela sua filha e toda sua família que se'ia capaz de da' duas vidas... — Olhou a condessa e, percebendo sua expressão severa, disse: — Pois bem, adeus, condessa — disse ele, beijando-lhe a mão. E, sem olhar Natacha, saiu da sala a passos rápidos e decididos.

* * *

No dia seguinte Rostov acompanhou Denissov, que não queria ficar mais um único dia em Moscou. Todos os seus amigos de Moscou acompanharam Denissov até o acampamento dos ciganos para uma festa de despedida e ele não recordava como o haviam posto no trenó e como havia chegado até a terceira posta.

Depois da partida de Denissov, esperando o dinheiro que o velho conde não podia conseguir de um momento para outro, Rostov ainda ficou duas semanas em Moscou, sem sair de casa, e principalmente do quarto das meninas.

Sônia mostrou-se ainda mais carinhosa e dedicada do que antes. Parecia que ela queria dar-lhe a entender que a sua perda no jogo fora um ato heroico que a fazia amá-lo ainda mais. Mas agora Nicolau se julgava indigno dela.

Sujou todos os álbuns das meninas com versos e notas, e, sem despedir-se de nenhum conhecido depois de mandar os quarenta e três mil rublos de Dolokhov e receber a quitação, partiu em fins de novembro para alcançar seu regimento, que já estava na Polônia.

Quinta parte

I

Depois da discussão com sua mulher, Pierre partiu para Petersburgo. Na posta de Torjok não havia cavalos ou o chefe não os quis dar.

Pierre foi obrigado a esperar. Sem se trocar, deitou-se num divã de couro, diante de uma mesa redonda, sobre a qual esticou suas pernas compridas, calçadas com botas quentes, e ficou pensativo.

— Quer que traga as malas? Precisa de uma cama? Posso trazer o chá? — perguntou-lhe o criado.

Pierre não respondeu, pois não via nem ouvia nada. Desde a última posta começara a pensar num assunto de tal importância que não prestava a menor atenção ao que se passava em torno dele. Não só lhe era indiferente chegar mais cedo ou mais tarde a São Petersburgo, como também pouco se importava em encontrar ou não um lugar para descansar no caminho. Diante dos pensamentos que o preocupavam, era-lhe indiferente parar algumas horas ou a vida inteira na posta.

O chefe da posta, sua mulher, o criado e uma mulher que vendia bordados em ouro e prata da região entravam na sala e lhe ofereciam seus préstimos. Pierre, sem tirar as pernas do lugar, fitava-os através dos óculos sem compreender o que desejavam e como todos podiam viver sem ter que resolver os problemas que o preocupavam. E os problemas que o preocupavam eram sempre os mesmos desde que voltara de Sokolniki, após o duelo, quando passara a primeira noite inquieto e sem sono.

Só agora, no isolamento da viagem, essas ideias se apoderavam dele com uma força extraordinária. Por mais que quisesse pensar em outra coisa, voltava sempre aos problemas que não podia resolver e que estavam sempre presentes, como se na sua cabeça se enterrasse esse parafuso principal em torno do qual girava toda a sua vida. O parafuso não ia adiante nem saía dali, mas rodava, rodava sem se fixar em nada, sempre no mesmo lugar, e era impossível fazê-lo parar.

O chefe da posta entrou para pedir muito humildemente a Sua Excelência que esperasse mais duas horinhas, depois do que, para Sua Excelência (acontecesse o

que acontecesse) ele daria os cavalos do correio. Evidentemente esse homem estava mentindo. Queria apenas mais dinheiro do viajante. “Será direito isso?”, perguntava Pierre a si mesmo. “Para mim está certo, para outro viajante, não, e para ele é inevitável, pois não tem o que comer. Ele diz que o oficial o espancara por isso, e o oficial o espancara porque tinha necessidade de ir mais ligeiro. E eu atirei em Dolokhov porque me julguei ofendido. Luís XVI foi executado porque o consideraram criminoso, e um ano mais tarde mataram também, pelo mesmo motivo, os que o executaram... O que está errado? O que é certo? Quem se deve amar? Quem odiar? Por que viver? O que sou eu? O que é a vida? O que é a morte? Que força dirige tudo?”, perguntava a si mesmo; e para essas perguntas não encontrava resposta, salvo uma, ilógica, e que de forma nenhuma respondia a essas perguntas. “Morrerás e tudo ficarás liquidado. Morrerás e saberás tudo ou deixarás de perguntar.” Mas morrer também era uma coisa terrível.

A vendedora de Torjok oferecia suas mercadorias com voz estridente e de modo especial insistia em lhe vender uns chinelos de couro de cabra. “Tenho centenas de rublos e não sei em que empregá-los, e ela, com uma peliça rasgada, me olha timidamente”, pensou Pierre.

“E para que ela quer esse dinheiro?! Pode ele acrescentar uma gota de felicidade ou paz de espírito? Existe alguma coisa no mundo que nos possa tornar, a ela e a mim, menos suscetíveis ao mal ou à morte? A morte que acaba com tudo e que deverá vir hoje ou amanhã? Que importância tem o momento ao lado da eternidade?” E novamente apertava o parafuso que não tocava em nada e continuava a rodar no mesmo lugar. Seu criado deu-lhe um livro com as folhas cortadas até a metade, um romance em forma epistolar de Madame de Souza.

Começou a ler algumas páginas referentes aos sofrimentos e à luta virtuosa de uma certa Amélie de Mansfield. “Por que lutou ela contra o sedutor, se o amava? Deus não podia incutir-lhe na alma uma aspiração contrária à Sua vontade. Minha mulher não lutou, talvez tivesse razão. Nada foi descoberto. Nada foi inventado...”, disse Pierre consigo novamente. “Podemos apenas saber que não sabemos de nada. É o grau mais alto da sabedoria humana.”

Tudo, em torno e dentro dele, parecia confuso, insensato e abjeto. Mas, mesmo nesse enojamento de tudo que o envolvia, Pierre encontrava uma espécie de prazer que o contrariava.

— Ouso pedir a Vossa Excelência para incomodar-se um pouquinho, é por causa desse senhor — disse o chefe da posta, entrando na sala e introduzindo outro viajante que também interrompera a viagem por falta de cavalos.

O viajante era um velho atarracado, amarelo, enrugado, ossudo. As sobrancelhas brancas caíam-lhe sobre os olhos brilhantes e de uma indefinível cor acinzentada.

Pierre tirou as pernas de cima da mesa e foi deitar-se na cama que lhe haviam preparado. De quando em quando olhava o recém-chegado, que, sem olhar para Pierre, com um ar de quem está preocupado e cansado, se despia desajeitadamente auxiliado pelo seu criado. Sem tirar o casaco surrado e coberto de nanquim e as botas flexíveis que lhe cobriam as pernas magras e ossudas, o viajante sentou-se no divã e, encostando a cabeça de testa muito larga e cabelos curtos no espaldar do móvel, olhou para Bezukhov. Pierre ficou impressionado com a expressão severa, inteligente e penetrante desse olhar. Sentia vontade de conversar com o viajante. Mas enquanto ele pensava em dizer-lhe alguma coisa a respeito da jornada o viajante cerrou os olhos, juntou as mãos velhas e enrugadas, com um grande anel de chumbo com uma caveira em um dos dedos e pareceu a Pierre que ele repousava ou refletia profundamente. O criado do viajante também era um velhinho amarelo, enrugado, sem bigodes nem barba. Via-se que ele não estava escanhado, mas que nunca tivera barba. Muito hábil, o velho criado preparou a mesa para o chá e trouxe o samovar fervendo. Quando tudo ficou pronto, o viajante abriu os olhos, aproximou-se da mesa, serviu-se de um copo de chá e encheu um outro, que estendeu ao velhinho imberbe. Inquieto, Pierre começou a sentir a necessidade e mesmo a fatalidade de entabular uma conversa com o viajante.

O criado trouxe de volta seu copo vazio, e emborcado, com um tablete mordido de açúcar, e perguntou se seu senhor precisava de alguma coisa.

— Nada, dá-me o livro — disse o viajante.

O velho criado entregou-lhe o volume. Pareceu a Pierre que se tratava de um livro de religião. O viajante mergulhou na leitura. Pierre o contemplava.

Subitamente o viajante deixou o livro marcando a página, fechou novamente os olhos e voltou à posição inicial. Pierre o fitava, e, antes que lhe fosse possível

desviar o olhar, o velho abriu os olhos e olhou Pierre com seus olhos resolutos e severos.

Bezukhov sentiu-se constrangido. Queria fugir a esse olhar, mas os olhos brilhantes do velho o atraíam invencivelmente.

II

— Tenho o prazer de falar com o conde Bezukhov, se não me engano? — disse o viajante em voz alta e descansadamente.

Em silêncio, com um olhar interrogador, Pierre fitava seu interlocutor através dos óculos.

— Ouvi falar do senhor e da desgraça que caiu sobre o senhor — continuou o viajante. Sublinhou a palavra desgraça, como se quisesse dizer “Sim, a desgraça, chame isso como quiser, mas eu sei que o que lhe aconteceu em Moscou é uma desgraça”. — Lastimo muito, senhor.

Pierre corou, tirou apressadamente as pernas de cima da cama, inclinou-se na direção do velho com um sorriso tímido e forçado.

— Não mencionei isso por simples curiosidade, mas por motivos mais graves.

Calou-se e, sem tirar os olhos de Pierre, afastou-se um pouco e convidou Pierre para sentar-se a seu lado no sofá. A Pierre era desagradável entabular conversação com esse velho, mas, obedecendo contra a vontade, aproximou-se e sentou-se a seu lado.

— O senhor é infeliz — prosseguiu. — É jovem, eu sou um velho. Desejaria auxiliá-lo no limite de minhas possibilidades.

— Ah! Pois não — disse Pierre com um sorriso forçado. — Fico-lhe muito agradecido. De onde vem o senhor?

O semblante do viajante não era afável, muito ao contrário, era frio e severo, mas, apesar disso, a palavra e a fisionomia de seu novo conhecido exerciam sobre Pierre uma atração irresistível.

— Mas se por qualquer motivo minha palestra lhe for desagradável, diga-o com franqueza.

E, subitamente, deixou transparecer um sorriso terno, paternal, que não era possível esperar de sua parte.

— Não, absolutamente, ao contrário, fico muito satisfeito em conhecê-lo — disse Pierre; e, olhando mais uma vez as mãos do novo conhecido, notou o anel. Viu o crânio, símbolo dos maçons.

— Permita-me perguntar-lhe... O senhor é maçom?

— Sim, pertenço à fraternidade dos pedreiros-livres — respondeu o viajante fitando Pierre mais de perto.

— E, em meu nome e no deles, estendo-lhe uma mão fraterna.

— Receio estar muito longe de compreender... como explicar, receio que minhas ideias sobre a criação do mundo sejam opostas às suas e que não possamos nos compreender — disse Pierre com um sorriso, hesitando entre a confiança que o maçom lhe inspirava e o hábito de zombar de suas crenças.

— Conheço sua maneira de ver as coisas — disse o maçom. — Essa maneira de que fala e que lhe parece ser o resultado do trabalho de seu pensamento é o ponto de vista da maioria dos homens, é o produto uniforme do orgulho, da preguiça e da ignorância. Perdoai-me, mas se eu não a conhecesse, não falaria assim. Sua maneira de pensar é um triste erro.

— Posso supor o mesmo, e é possível que seja o senhor quem está errado — contestou Pierre sorrindo ligeiramente.

— Não ousaria nunca afirmar que conheço a verdade — disse o maçom, que, cada vez mais, surpreendia Pierre pela segurança e precisão de seu modo de exprimir-se. — Não se pode atingir a verdade sozinho, somente com a participação de todos, pelo trabalho de milhões de gerações, desde Adão até nossos dias, e é pedra por pedra que se constrói esse templo que deve ser a digna morada do Todo-Poderoso — disse o maçom; e fechou os olhos.

— Devo confessar-lhe que não creio... em Deus... — disse Pierre com pesar e esforço, mas sentindo a necessidade de dizer toda a verdade.

O maçom considerou Pierre com atenção e sorriu como poderia sorrir um rico, com milhões entre as mãos, a um pobre que lhe dissesse não ter os cinco rublos necessários para a sua felicidade.

— Sim, o senhor não O conhece. O senhor não pode conhecê-Lo. E é infeliz porque não O conhece.

— Sim, sou infeliz — confirmou Pierre —, mas o que posso fazer?

— O senhor não O conhece e por isso é infeliz. Não O conhece e Ele está aqui. Está em mim, nas minhas palavras, em ti e até nas palavras sacrílegas que acabas de pronunciar — disse o maçom com uma voz severa, trêmula.

Calou-se e suspirou, num esforço visível para acalmar-se.

— Se Ele não existisse — continuou suavemente —, então nós não falaríamos Nele, meu senhor. De que, de quem estamos falando? Quem acabas de negar? — disse subitamente, num tom enérgico e entusiasta. — Quem inventou, se Ele não existe? Como te surgiu a ideia da existência de um ser tão incompreensível? Por que tu e todo o mundo supondes a existência de um ser tão incompreensível, de um ser eterno, onipotente e infinito em todas as qualidades?...

Calou-se e por muito tempo conservou-se em silêncio. Pierre não queria e não podia romper esse silêncio.

— Ele existe, mas é muito difícil compreendê-Lo — recomeçou o velho. Não encarava Pierre, mas olhava para um ponto vago na sua frente enquanto folheava as páginas do livro com suas mãos de velho, que não podiam ficar tranquilas, tão grande era sua emoção interior. — Se duvidasses da existência de um homem, levaria esse homem à tua casa para que o visses. Mas como eu, um simples mortal, poderei mostrar toda a onipotência, toda a eternidade, toda a misericórdia a quem é cego ou fecha os olhos para não O ver, para não O compreender, para não ver e não compreender a extensão da própria covardia e do próprio vício?

Calou-se.

— Quem és? O que és? Julgas-te sábio por teres pronunciado essas palavras sacrílegas — disse com um sorriso sombrio e cheio de desprezo —, mas és mais tolo e mais insensato que uma criança que, brincando com as peças de um relógio habilmente fabricado, ousasse dizer, porque não compreende a finalidade do relógio, que não acredita no artífice que o fez. É difícil compreendê-Lo... Há séculos, desde Adão até os nossos dias, que se trabalha para compreendê-Lo e estamos ainda muito longe de atingir esse fim. Mas, em nossa incompreensão, vemos apenas nossa fraqueza e Sua grandeza...

Com o coração batendo forte, sem interrompê-lo, sem interrogá-lo, Pierre fitava o desconhecido com seus olhos brilhantes e, com toda sua alma, acreditava no que ele dizia. Acreditava nos argumentos que as palavras do maçom indicavam, ou acreditava, como fazem as crianças, graças à entonação, à

convicção e à cordialidade que se desprendiam dessas palavras, à vibração da voz, por vezes entrecortada, ao brilho dos olhos cansados, envelhecidos nessa convicção, ou à sua calma e firmeza, ou à consciência de sua predestinação que se lhe refletia em todo o ser e que o surpreendia pelo contraste que formava com sua atonia moral e seu desespero? Mas de todo o coração desejava acreditar e acreditava, invadido por um alegre sentimento de calma, de renovação, de volta à vida.

— Não é pelo espírito que O compreendemos, é a vida que nos faz compreendê-Lo — disse o maçom.

— Não compreendo — disse Pierre com receio, sentindo que a dúvida o invadia. Temia a imprecisão e a franqueza do raciocínio de seu interlocutor; temia não acreditar nele. — Não o compreendo por que o espírito humano não pode atingir esses conhecimentos de que fala.

O maçom sorriu, com seu sorriso suave e paternal.

— A mais alta sabedoria e a verdade são como o mais puro dos líquidos do qual desejaríamos impregnar-nos. Poderei eu, vaso impuro, absorver esse líquido e opinar sobre seu grau de pureza? Só pela purificação interior de mim mesmo é que posso em certa medida absorvê-lo.

— Sim, sim, é isso mesmo! — disse Pierre alegremente.

— A alta sabedoria está baseada não unicamente na razão, não nas ciências exteriores: física, história, química etc., nas quais o conhecimento se subdivide. A sabedoria é única. A sabedoria superior é uma ciência. A ciência universal que explica toda a criação do mundo e o lugar ocupado pelo homem. Para conservar dentro de si essa ciência, é necessário purificar e renovar o eu, e é por isso que, antes de se saber alguma coisa, é necessário crer e aperfeiçoar-se. Ora, é para atingir essa finalidade que a luz divina, que chamamos consciência, foi introduzida em nossa alma.

— Sim, sim — confirmou Pierre.

— Com teus olhos espirituais contempla teu ser interior e pergunta de ti para ti se estás satisfeito contigo próprio. O que conseguiste guiado unicamente pela tua inteligência? Quem és tu? O senhor é jovem, rico, inteligente, instruído; o que fizeste de todos esses bens que te foram dados? Estás satisfeito contigo próprio e com tua vida?

— Não, odeio minha vida — disse Pierre, fechando a cara.

— Tu a odeias. Então muda essa vida! Purifica-te e, à medida que te fores purificando, conhecerás a sabedoria. Examina tua vida, meu senhor. Como a passaste? Em orgias e na depravação; recebendo tudo da sociedade e nada lhe dando em troca. Recebeste a fortuna; como a empregaste? O que fizeste pelo teu próximo? Já pensaste alguma vez nas dezenas de milhares de seres que são teus escravos, auxiliaste-os física e moralmente? Não. Aproveitaste o trabalho deles para levar uma vida desregrada. Eis o que fizeste. Escolheste alguma ocupação onde pudesses ser útil a teu próximo? Não. Passaste tua vida na ociosidade. Depois, casaste e assumiste a responsabilidade de guiar uma jovem mulher, e o que fizeste? O senhor não a auxiliou a encontrar o caminho da verdade, mas a atirou no abismo da mentira e da desgraça. Um homem o ofendeu e o senhor o matou; e diz que não crê em Deus e odeia sua vida. Não admira, senhor.

Depois dessas palavras, como que fatigado com tão longa palestra, o maçom apoiou-se novamente no encosto do sofá e fechou os olhos. Pierre olhava esse semblante severo, imóvel, cansado, quase apagado, e, sem nada articular, moveu os lábios. Queria dizer: “Sim, é verdade, levei uma vida covarde, ociosa, depravada”, mas não ousava romper o silêncio.

O maçom tossiu, sacudiu-se e chamou o criado.

— E os cavalos? — perguntou sem olhar Pierre.

— Já chegaram — respondeu o criado. — O senhor não vai descansar?

— Não, manda atrelar.

“Partirá deixando-me só, sem dizer o resto e sem me prometer auxílio?”, pensou Pierre, levantando-se. De quando em quando, lançava um olhar para o maçom e continuava a andar pela sala: “Sim, eu não refletia, levei uma vida desprezível, desregrada; mas não gostava dela, não a queria. Mas esse homem conhece a verdade e, se quisesse, me poderia revelar.” Pierre queria dizer isso ao maçom, mas não ousava.

Depois de ter feito as malas, o viajante abotoava o casaco com suas mãos velhas e hábeis. Uma vez tudo pronto, voltou-se para Bezukhov e perguntou-lhe num tom indiferente, polido:

— Para onde vai o senhor?

— Eu? Para Petersburgo — respondeu Pierre num tom de voz infantil, hesitante. — Fico-lhe agradecido, estou de acordo com o senhor em todos os pontos. Mas não creia que eu seja tão mau. De todo o coração desejaria ser o que o senhor queria que eu fosse, mas nunca encontrei ajuda de ninguém... Aliás, sou o primeiro culpado... Auxilie-me, instrua-me, e talvez eu venha a ser... — Pierre não podia mais falar. Respirou fortemente e desviou o rosto.

O maçom conservou-se muito tempo em silêncio; via-se que estava refletindo.

— A ajuda só vem de Deus — disse —, mas a que nossa ordem pode dar lhe será dada, meu senhor. Vá a Petersburgo; entregue isso ao conde Villarsky. (Tirou a carteira e escreveu algumas palavras numa grande folha de papel dobrada em quatro.) Permita-me dar-lhe um conselho. Chegando à capital, consagre os primeiros tempos ao isolamento, ao exame de si próprio e não tome os antigos rumos de sua vida. Finalmente, deseje-lhe uma boa viagem e felicidades... — concluiu, notando que seu criado acabava de entrar.

O viajante era Ossip Alexievitch Bazdeiev, como Pierre ficou sabendo pelo chefe da posta. Bazdeiev era um dos maçons e dos martinistas mais conhecidos desde os tempos de Novikov.

Havia muito que ele partira e Pierre, sem deitar-se nem perguntar pelos cavalos, continuava caminhando pela sala, examinava seu passado desregrado e imaginava com entusiasmo um futuro feliz, irrepreensível, virtuoso, futuro que se lhe afigurava tão fácil de realizar. Parecia-lhe que até o momento presente fora vicioso, unicamente porque, por acaso, esquecera-se de como era bom ser virtuoso. Em sua alma não restava mais um traço das dúvidas antigas. Acreditava firmemente na possibilidade da fraternidade dos homens unidos para se apoiarem mutuamente no caminho da virtude. Era assim que ele imaginava a franco-maçonaria.

III

Chegando a Petersburgo, Pierre não comunicou sua volta a ninguém. Não aparecia em parte alguma e passava os dias lendo Tomás de Kempis, autor cujo livro ele não sabia como lhe caíra nas mãos. Lendo esse livro, Pierre via, com um prazer novo para si, a possibilidade de atingir a perfeição e crer nesse amor fraternal e ativo entre os homens que Ossip Alexievitch lhe revelara.

Uma semana após sua chegada, o jovem conde polonês Villarsky, que Pierre conhecia de vista por tê-lo encontrado na sociedade de Petersburgo, veio a sua casa com esse ar oficial, solene, semelhante ao do padrinho de Dolokhov quando foi ter com ele antes do duelo. Depois de fechar a porta e certificar-se de que não havia mais ninguém no quarto, Villarsky dirigiu-se a Pierre.

— Conde, vim procurá-lo com uma missão e uma proposta... — disse sem sentar-se. — Uma pessoa altamente colocada em nossa irmandade quer que o senhor seja recebido em nossa ordem antes do prazo de experiência e pede-me que eu me responsabilize pelo senhor. Para mim, cumprir a vontade dessa pessoa é um dever sagrado. O senhor deseja entrar na irmandade dos livres sob minha responsabilidade?

Pierre impressionou-se com o tom frio e severo desse homem que ele estava acostumado a ver nos bailes sempre sorridente e gentil entre lindas mulheres.

— Sim, desejo — respondeu.

Villarsky inclinou a cabeça.

— Conde, permita ainda uma pergunta à qual peço-lhe que responda com absoluta franqueza, não como futuro maçom, mas como cavalheiro: abandonou suas antigas convicções, crê agora em Deus?

Pierre ficou pensativo.

— Sim... sim, creio em Deus.

— Nesse caso... — começou o conde Villarsky.

Pierre interrompeu:

— Sim, creio em Deus — repetiu.

— Nesse caso podemos ir, meu carro está à sua disposição — disse Villarsky.

Durante todo o percurso, Villarsky conservou-se calado. Às perguntas de Pierre sobre o que deveria fazer ou responder, respondeu apenas que irmãos mais autorizados iriam avaliá-lo, e que ele só deveria responder a verdade.

Tendo passado o portão da grande casa onde estava instalada a loja e depois subido uma escada sombria, entraram num pequeno vestíbulo iluminado, onde tiraram as peliças sem auxílio de criados. Dali passaram para outra sala. Um homem estranhamente vestido estava junto da porta. Villarsky foi a seu encontro, falou-lhe baixinho em francês e aproximou-se de um pequeno armário no qual havia alguns trajes que Pierre nunca vira. Villarsky pegou um lenço e

vendou-lhe os olhos. Ao atá-lo atrás, prendeu desajeitadamente no nó uma mecha de cabelos. Em seguida abraçou-o e o conduziu a um lugar qualquer. Pierre sentia doer os cabelos que o nó prendera e, fazendo caretas, sorria num constrangimento indefinido. Com seu enorme corpo, braços caídos, fazendo caretas e sorrindo, em passos hesitantes, caminhava timidamente ao lado de Villarsky.

Tendo dado dez passos, o outro parou.

— Aconteça o que acontecer — disse —, se está firmemente decidido a entrar em nossa irmandade, deve tudo suportar com coragem.

Pierre respondeu por um sinal afirmativo de cabeça.

— Quando ouvir bater na porta, tire a venda. Coragem e felicidades — acrescentou Villarsky apertando-lhe a mão.

Tendo ficado só, Pierre continuou a sorrir da mesma forma. Por duas vezes ele sacudiu os ombros e levou a mão aos olhos como se quisesse desvendá-los; mas duas vezes tornou a baixá-la. Estava com os olhos vendados há cinco minutos, que lhe pareciam uma hora. Seus braços inchavam, suas pernas tremiam, sentia-se cansado. As sensações mais diversas e mais complexas o invadiam. Sentia medo do que estava para lhe acontecer e mais ainda de mostrar esse medo. Estava curioso por saber o que lhe aconteceria e o que lhe seria revelado. Mas sentia-se ainda mais alegre por ter finalmente chegado o momento de entrar no caminho da renovação, da vida ativa, virtuosa, com a qual não cessava de sonhar desde seu encontro com Ossip Alexievitch. Fortes pancadas se fizeram ouvir na porta. Pierre tirou a venda e olhou em volta de si. O local estava escuro, apenas em determinado ponto brilhava uma lamparina de alguma coisa branca. Pierre aproximou-se e verificou que a lamparina estava colocada sobre uma mesa preta onde se achava um livro aberto.

Esse livro era o Evangelho. A coisa branca era um crânio humano com os buracos e os dentes. Depois de ter lido as primeiras palavras do evangelho: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus...”, Pierre contornou a mesa e notou uma grande caixa cheia e aberta. Era um esquife cheio de ossos. Não estava nem um pouco admirado do que via. Esperando entrar numa vida nova completamente diferente da antiga, contava ver coisas ainda bem mais extraordinárias que essas. O crânio, o esquife, o Evangelho ele já os esperava, e

desejava ainda muito mais. Procurava enternecer-se e observava tudo que havia à sua volta: “Deus, a morte, o amor, a fraternidade humana”, repetia para si próprio, concentrando em palavras a representação vaga, mas jubilosa, de alguma coisa.

A porta abriu-se; alguém entrou.

Habitado com a semiobscuridade, Pierre viu aparecer um homem de estatura baixa. Vindo da luz para a obscuridade, o homem parou. Em seguida, em passos hesitantes aproximou-se da mesa, na qual apoiou suas mãos pequenas, cobertas por luvas de pelica. Usava um avental de couro branco que lhe cobria o peito e parte das pernas. Em volta do pescoço tinha uma espécie de colarinho alto, ao qual se prendia, uma gorjeira branca, envolvendo-lhe o rosto comprido e alumiado de baixo.

— Por que está aqui? — perguntou a Pierre o homem que entrava, voltando-se para o lado, de onde vinha o ruído feito por Pierre. — Por que, não acreditando na verdade da luz e não vendo a luz, por que veio até aqui? O que quer de nós? A sabedoria, a virtude, o esclarecimento?

Desde o momento em que a porta se abrira e esse homem entrara, Pierre teve uma sensação de receio e de veneração, semelhante à que sentia, quando criança, à hora da confissão. Sentia-se a sós com um homem completamente estranho pelas condições de vida e próximo pela fraternidade humana.

Com o coração pulsando a ponto de cortar-lhe a respiração, Pierre aproximou-se do mestre de cerimônias. (Em linguagem maçônica é o título que tem o irmão encarregado de preparar o recipiendário para entrar na irmandade.)

Aproximando-se do mestre de cerimônias, Pierre reconheceu Smolianinov, um conhecido seu, e, por encontrar nesse homem uma pessoa de suas relações, sentiu-se constrangido. O recém-chegado devia ser para ele apenas o irmão e o preceptor virtuoso. Num primeiro momento não conseguiu emitir uma única palavra a ponto de o mestre de cerimônias repetir sua pergunta.

— Sim, eu... eu... quero a renovação — disse Pierre com esforço.

— Bem — disse Smolianinov, para prosseguir. — Faz alguma ideia dos meios pelos quais nossa ordem poderá ajudá-lo a atingir essa finalidade?

— Eu... espero... o guia... auxílio... na renovação... — disse Pierre com a voz trêmula e uma grande dificuldade de expressão causada pela emoção e falta

de hábito em exprimir-se em russo sobre um assunto abstrato.

— Que ideia faz da franco-maçonaria?

— Acho que a franco-maçonaria é a fraternidade e a igualdade dos homens, com uma finalidade virtuosa — respondeu Pierre, envergonhando-se à medida que falava, do contraste entre suas palavras e a solenidade do ato. — Penso...

— Está bem! — atalhou o mestre de cerimônias, que parecia satisfeito com essa resposta. — Procurou na religião os meios de atingir esse objetivo?

— Não. Eu supunha falsa e não a seguia — disse Pierre em voz tão baixa que o mestre de cerimônias não ouviu e perguntou-lhe o que estava dizendo.

— Eu era ateu — respondeu Pierre.

— Procura a verdade para segui-la na vida, quer dizer, procura a sabedoria e a virtude, não é verdade? — disse o mestre de cerimônias depois de um momento de silêncio.

— Sim, sim — confirmou Pierre.

O mestre de cerimônias pigarreou e, cruzando as mãos enluvadas sobre o peito, começou a falar:

— Agora, devo revelar-lhe a principal finalidade de nossa ordem. Se essa finalidade coincide com a sua, o senhor poderá ser útil para nossa irmandade. A finalidade essencial, que é ao mesmo tempo a base de nossa ordem e que nenhuma força humana pode derrubar, é a conservação e transmissão à posteridade de um certo mistério importante... que nos vem dos tempos mais remotos, dos primeiros homens mesmo. Desse mistério depende a sorte da humanidade. Mas ele é de tal ordem que ninguém o pode conhecer e aproveitar sem estar preparado por uma longa e perseverante purificação de si próprio. Por isso poucos homens podem esperar encontrá-lo em pouco tempo. Por essa razão temos um segundo objetivo, que consiste em preparar nossos irmãos, ajudar a corrigir as próprias inclinações, purificar e esclarecer a sua razão por meios que nos revelou a tradição dos homens que trabalharam na pesquisa desse mistério, e assim torná-los aptos a recebê-lo.

“Purificando e corrigindo nossos irmãos, procuramos ainda, em terceiro lugar, corrigir toda a humanidade, dando-lhe, pelos nossos, o exemplo da piedade e da virtude, e tratamos, assim, de lutar com todas as nossas forças contra o mal que reina no mundo. Reflita sobre isso que eu voltarei.”

Saiu da sala.

— “Lutar contra o mal que reina no mundo...” — repetiu Pierre, e imaginava toda sua atividade futura nesse campo.

Imaginava os homens semelhantes ao que ele próprio era duas semanas antes e, mentalmente, fazia-lhes um sermão. Imaginava-os auxiliando, por palavras e atos, homens viciados e infelizes; salvando vítimas de seus opressores. Das três finalidades mencionadas pelo mestre de cerimônias, a última — o aprimoramento da humanidade — agradava particularmente a Pierre.

Aquele tal mistério importante, apesar de fustigar sua curiosidade, não lhe parecia essencial, e a segunda finalidade, a purificação e a regeneração de si próprio, o preocupava muito pouco, pois, nesse momento, sentia-se, com satisfação, completamente corrigido de seus vícios antigos e disposto apenas para o bem.

Meia hora depois o mestre de cerimônias voltou para entregar ao recipiendário suas sete virtudes, correspondentes aos sete degraus do templo de Salomão, que todo maçom deve desenvolver em si mesmo. Essas virtudes eram: 1ª) a discrição, a conservação do segredo da ordem; 2ª) a obediência aos superiores da ordem; 3ª) os bons costumes; 4ª) o amor à humanidade; 5ª) a coragem; 6ª) a generosidade; 7ª) o amor à morte.

— Procure — disse o mestre de cerimônias —, por meio de reflexões frequentes sobre a morte, fazer com que ela não lhe pareça mais uma inimiga terrível, senão uma amiga que liberta dessa vida de miséria a alma que sofreu por seus esforços virtuosos, e a conduz a um lugar de recompensa e repouso.

“Sim, deve ser isso”, pensou Pierre, quando, depois dessas palavras, o mestre de cerimônias afastou-se e o deixou só com suas reflexões. “Deve ser assim, mas sou ainda tão fraco que amo a vida cujo sentido apenas começo a perceber.” Mas as cinco outras virtudes, que Pierre recordava contando nos dedos, sentia todas em sua alma: a coragem, a generosidade, os bons costumes, o amor à humanidade e acima de tudo a submissão, que ele não considerava uma virtude, mas uma felicidade. (Sentia-se feliz em desembaraçar-se de sua própria vontade para submeter-se à dos que conheciam a verdade absoluta.) Pierre esquecera a sétima virtude e não conseguia lembrar-se.

O mestre de cerimônias não tardou a voltar pela terceira vez. Perguntou a Pierre se continuava com as mesmas intenções e disposto a submeter-se a tudo que exigissem dele.

— Estou pronto para tudo — respondeu.

— Devo dizer-lhe ainda que nossa ordem ensina sua doutrina não por palavras, mas por outros meios que, num verdadeiro recipiendário da sabedoria e da virtude, agem, provavelmente, com muito mais eficácia que as explicações verbais. Esse templo, pela decoração que vê, deve, se seu coração é sincero, dizer-lhe mais que as palavras. Talvez em sua admissão futura trave conhecimento com esse meio de explicação. Nossa ordem imita as sociedades antigas que exprimiam sua doutrina por meio de hieróglifos. O hieróglifo é a figuração de uma coisa abstrata, encerrando as propriedades do objeto que simboliza.

Pierre sabia muito bem o que era um hieróglifo, mas não ousava falar.

Ouvia o mestre de cerimônias em silêncio, e tudo lhe dava a impressão de que as provações iam começar.

— Se está decidido, devo proceder à sua iniciação — disse o mestre de cerimônias, aproximando-se de Pierre. — Em sinal de generosidade, peço-lhe todos os objetos preciosos que tem.

— Mas não trouxe nada comigo — disse Pierre, supondo que lhe pediam tudo que possuía.

— O que tem consigo: o relógio, o dinheiro, os anéis.

Imediatamente entregou a carteira e o relógio. Para tirar o anel do dedo grosso foi necessário um bom tempo.

Quando terminou, o maçom disse:

— Em sinal de obediência, peço-lhe que se dispa.

Pierre tirou o casaco, o colete e, por indicação do mestre de cerimônias, a botina esquerda. O maçom abriu-lhe o peito da camisa do lado esquerdo, depois abaixou-se e arregaçou-lhe a perna esquerda da calça acima do joelho. Pierre quis apressar-se em tirar a botina direita e arregaçar a outra perna das calças para poupar esse trabalho a essa pessoa que não conhecia. Mas o maçom disse que não era necessário e deu-lhe um chinelo para o pé esquerdo. Um sorriso infantil de constrangimento, de dúvida e de zombaria de si próprio apareceu-lhe no

rosto, embora contra a vontade. Conservava-se de braços caídos e pernas abertas diante do mestre de cerimônias, esperando novas ordens.

— Finalmente, em sinal de sinceridade, peço-lhe que revele sua principal fraqueza.

— Minha fraqueza? Eu tinha tantas — respondeu Pierre.

— A fraqueza que, mais que as outras, o faz hesitar no caminho da virtude — esclareceu o maçom.

Pierre calou-se e procurou.

“O vinho? A gula? A ociosidade? A preguiça? A cólera? As mulheres?”, refletia sem saber o que dizer.

— As mulheres — disse num tom de voz quase imperceptível.

O maçom continuava imóvel e, depois dessa resposta, conservou-se muito tempo sem falar. Finalmente, aproximou-se de Pierre, pegou o lenço que estava sobre a mesa e vendou-lhe novamente os olhos.

— Digo-lhe pela última vez: volte a atenção sobre si mesmo, subjuguem os seus sentimentos e procure a felicidade, não nas próprias paixões, mas em seu coração. A fonte da felicidade não está no exterior, mas dentro de nós... E Pierre já sentia dentro de si essa fonte vivificante de beatitude, que no momento lhe enchia a alma de alegria e ternura.

IV

Logo em seguida vieram buscar Pierre no quarto escuro. Não era o antigo mestre de cerimônias, mas seu padrinho, Villarsky, que ele reconheceu pela voz. Às novas perguntas sobre a firmeza de suas intenções Pierre respondeu:

— Sim, sim, consinto.

E com um sorriso brilhante, infantil, o largo peito descoberto, avançou num andar desigual, hesitante, um pé calçado, o outro de chinelo maçônico, enquanto Villarsky encostava-lhe uma espada no peito nu. Dali levaram-no por corredores fazendo-o caminhar, ora para um lado, ora para outro, até, finalmente, chegar à porta da loja. Villarsky tossiu, e responderam-lhe pela pancada maçônica de martelo. A porta abriu-se diante deles. Uma voz baixa (os olhos de Pierre ainda estavam vendados) fez-lhes diversas perguntas: quem é, onde e quando nasceu?

etc. Depois, levaram-no ainda a um lugar desconhecido, sem desvendar-lhe os olhos, e enquanto caminhava, falavam-lhe alegoricamente sobre a dificuldade de sua viagem, sobre a amizade santa, sobre o eterno Construtor do mundo, sobre a coragem com que deveria suportar os trabalhos e os perigos. Durante esse trajeto Pierre notou que ora o chamavam “aquele que procura”, ora “aquele que sofre”, ora “aquele que pede”, batendo cada vez de forma diferente com os martelos e as espadas. Quando o levavam na direção de um determinado objeto, notou uma certa perturbação e constrangimento entre seus guias. Ouviu as pessoas que o conduziam discutirem em voz baixa, e uma delas insistia para que ele passasse por um tapete qualquer.

Depois pegaram sua mão direita, apoiaram-na em alguma coisa e lhe ordenaram que levasse a esquerda ao peito, segurando um compasso, e pronunciasse o juramento de fidelidade às leis da ordem, repetindo as palavras que alguém lia.

Depois, apagaram as velas e acenderam álcool, o que Pierre percebeu pelo olfato, e foi prevenido de que iria ver uma pequena luz.

Tiraram-lhe a venda. Como num sonho, através da luz pálida do álcool, Pierre viu algumas pessoas, com aventais semelhantes ao do mestre de cerimônias, que, diante dele, seguravam espadas dirigidas contra seu peito. Entre eles achava-se um homem com uma camisa branca ensanguentada. Vendo isso Pierre atirou-se contra as espadas, no desejo de ser atravessado por elas. Mas as espadas afastaram-se e vendaram-lhe novamente os olhos.

— Acabas de ver a pequena luz — disse-lhe uma voz. Reacenderam as velas, e disseram-lhe que ia ver a luz plena. Mais uma vez tiraram-lhe a venda, e mais de dez vozes disseram ao mesmo tempo: *sic transit gloria mundi*.

Pierre, dominando-se aos poucos, observava a sala em que estava e os homens que ali se encontravam. Em torno de uma mesa comprida, recoberta de preto, doze pessoas estavam sentadas; todas tinham o mesmo traje que ele já vira. Pierre conhecia algumas delas da sociedade de Petersburgo. O lugar do presidente estava ocupado por um rapaz desconhecido que trazia uma cruz especial ao pescoço. À direita estava o padre italiano que Pierre vira dois anos antes na casa de Ana Pavlovna. Havia também um funcionário público muito importante e um preceptor suíço que estivera na casa dos Kuriaguine. Todos

conservavam-se num silêncio solene ouvindo as palavras do Venerável Mestre, que tinha um martelo na mão. Uma estrela de fogo estava fixada à parede. De um dos lados da mesa havia um pequeno tapete com diversas imagens, do outro, alguma coisa semelhante a um altar, com o Evangelho e um crânio. Em torno da mesa, sete grandes candelabros semelhantes aos das igrejas. Dois irmãos levaram Pierre ao altar e ordenaram-lhe que se estendesse com os pés em ângulo reto, pois era diante das portas do templo que ele iria se prostrar.

— Antes, deve receber a colher de pedreiro — cochichou um dos irmãos.

— Ora, deixe, por favor — disse um outro.

Com olhos espantados, míopes, Pierre olhava em torno de si sem obedecer; subitamente foi assaltado por uma dúvida: “Onde estou? O que fiz? Não estarão zombando de mim? Não me sentirei envergonhado ao lembrar-me disso?”

Mas isso durou apenas um momento. Viu as fisionomias sérias dos homens que o cercavam. Lembrou-se de todas as provas a que se submetera e compreendeu que não podia parar na metade do caminho. Assustado com sua dúvida, procurando reavivar o antigo sentimento de abnegação, prosternou-se na entrada do templo. E o sentimento de abnegação o dominou ainda com mais força que antes.

Ficou estirado durante algum tempo, depois ordenaram-lhe que se levantasse e puseram-lhe um avental de couro branco idêntico ao que os demais usavam, fizeram-no segurar a colher de pedreiro e três pares de luvas, e o Venerável dirigiu-se a ele.

Disse-lhe que deveria esforçar-se para não manchar a brancura desse avental, emblema da firmeza e da castidade. Quanto à colher de pedreiro, era para trabalhar na purificação de sua alma e nivelar com indulgência o caminho do coração do próximo.

Depois disse-lhe que não poderia conhecer a significação do primeiro par de luvas, mas que devia conservá-lo; que o outro par de luvas de homem, ele devia usá-lo nas assembleias; e finalmente para o terceiro par (luvas de mulher) disse-lhe:

— Caro irmão, essas luvas de mulher também são para você. Dai-as à mulher que mais respeita. Por elas convencerá da castidade de sua alma a que escolher

como uma digna companheira. — Depois de uma curta pausa, acrescentou: — Mas cuida, caro irmão, para que essas luvas não cubram mãos impuras.

Enquanto o Venerável pronunciava essas últimas palavras, pareceu a Pierre que ele estava confuso.

Pierre ficou ainda mais confuso, corou a ponto de chorar, como as crianças, e pôs-se a olhar em torno de si com inquietação. Fez-se um silêncio constrangido.

O silêncio foi interrompido por um dos irmãos que, levando Pierre até o tapete, leu-lhe, num caderno, a explicação de todas as figuras que ali estavam desenhadas: sol, lua, martelo, fio de prumo, colher de pedreiro, pedra bruta e esquadrada, a coluna, as três janelas etc. Em seguida indicaram um lugar a Pierre, mostraram-lhe os signos da loja, deram-lhe a senha e permitiram-lhe que se sentasse. O Venerável começou a ler os estatutos. Foi longa a leitura, e Pierre, por causa da alegria, das emoções e da perturbação, não podia compreender o que ouvia. Entendeu apenas as últimas palavras dos estatutos, que ficaram gravadas em sua memória.

— Em nossos templos, não conhecemos outros graus — lia o Venerável — salvo os que estão entre o vício e a virtude. Cuida em não criar uma diferença que possa perturbar a igualdade. Socorre os irmãos, não importa quem eles sejam. Reconduz o que tiver desviado. Levanta o que cair e não alimenta jamais algum sentimento de cólera ou de ódio contra um irmão. Sê benevolente e afável. Provoca em todos os corações o fogo da virtude. Divide tua felicidade com teu próximo, e que a inveja não perturbe jamais esse prazer puro. Perdoa a teu inimigo, não te vingues nunca, a não ser fazendo o bem. Cumprindo assim a lei suprema, encontrarás os traços da grandeza antiga que tinhas perdido.

Terminou e, levantando-se, abraçou Pierre e beijou-o. Com os olhos rasos de água, Pierre olhava em torno de si, não sabendo como responder às felicitações e aos conhecidos que agora o cercavam. Não fez distinção entre os que já conhecia e as novas relações. Em todos esses homens via apenas irmãos e estava impaciente em começar a trabalhar com eles.

O Venerável bateu com o martelo. Todos se sentaram em seus lugares, e um deles leu o sermão sobre a necessidade da humildade.

O Venerável propôs que se cumprisse o último rito, e o funcionário importante, que tinha o título de tesoureiro, fez a volta em torno da assembleia.

Pierre quis inscrever na lista tudo o que possuía, mas, com receio de parecer orgulhoso, subscreveu a mesma quantia que os demais.

A sessão estava terminada. Quando Pierre chegou em casa, parecia-lhe que voltava de uma grande viagem que durara diversos anos e que agora estava completamente mudado e perdera seus antigos hábitos de vida.

V

No dia seguinte à sua admissão na loja, Pierre lia em casa um livro e procurava penetrar a significação do quadrado, do qual um dos lados significava Deus, o outro, o mundo moral, o terceiro, o mundo físico, e o quarto, a união dos dois. De quando em quando deixava o livro e o quadrado e, em imaginação, traçava um novo plano de vida. Na véspera, na loja, lhe haviam dito que o rumor de seu duelo chegara aos ouvidos do imperador e que o mais aconselhável, para ele, seria afastar-se de Petersburgo.

Pierre pretendia partir para seus domínios do Sul e, lá, ocupar-se com seus camponeses. Sonhava alegremente com essa nova vida quando, inesperadamente, o príncipe Vassili entrou em seu quarto.

— Meu amigo, o que fizeste em Moscou? Por que brigaste com Lili, meu caro? Estás enganado — disse o príncipe Vassili, entrando no quarto. — Estou a par de tudo e posso assegurar-te que Helena é tão inocente diante de ti como Cristo diante dos judeus.

Pierre quis responder, mas ele o interrompeu.

— E por que não te dirigiste diretamente a mim, como a um amigo? Sei de tudo. Compreendo tudo. Tua conduta foi a de um homem que preza a honra, talvez um pouco precipitado, mas não falemos disso. Pensa apenas na situação em que tu a deixas, e a mim também, perante a sociedade e perante a corte — acrescentou, abaixando a voz. — Ela mora em Moscou e tu aqui. Compreende, meu caro — disse, puxando-lhe a mão. — É um mal-entendido do qual tu mesmo já deves estar convencido. Escreve imediatamente uma carta comigo e ela virá, tudo se explicará, porque, de outra forma, meu caro, advirto-te que talvez venhas a sofrer por isso. — O príncipe Vassili olhou-o com um ar importante:

— Sei de boa fonte que a imperatriz mãe se interessa vivamente por esse assunto. Sabes que ela estima muito Helena.

Várias vezes Pierre quis falar, mas por um lado o príncipe Vassili não permitia e por outro ele próprio temia começar a falar num tom de recusa absoluta e de desacordo, como estava firmemente decidido a responder a seu sogro. Além disso, as palavras do estatuto maçônico “Sê tolerante e afetuoso” voltavam à sua memória. Ficou muito sério, corou, levantou-se, sentou-se, fazendo grande esforço sobre si próprio para dizer, nesse caso delicado, coisas desagradáveis na cara de um homem, para dizer o que esse homem não esperava dele. Estava tão habituado a obedecer ao tom de segurança despreocupada do príncipe Vassili que, mesmo neste momento, sentia que não teria a força necessária para resistir, mas sentia também que todo seu futuro dependia das palavras que pronunciaria. Seguiria o caminho antigo ou o novo que os maçons lhe indicavam e que tinha tantos atrativos para ele, e onde ele estava convencido de que ressuscitaria para uma nova vida?

— E então, meu caro — disse o príncipe Vassili em tom de gracejo. — Responde “sim” de uma vez e eu mesmo lhe escreverei, e mataremos a vitela gorda.

Mas o príncipe Vassili ainda não terminara sua brincadeira quando Pierre, com a fisionomia transtornada — que lembrava a de seu pai —, disse em voz baixa, sem fitar o interlocutor:

— Príncipe, não o chamei em minha casa. Saia, por favor! Saia! — E abriu-lhe a porta. — Saia de uma vez! — repetiu sem acreditar no que estava fazendo e satisfeito com a expressão confusa e temerosa do príncipe Vassili.

— O que tens? Estás doente?

— Saia! — insistiu Pierre com a voz trêmula.

O príncipe Vassili teve que sair sem receber explicações. Uma semana mais tarde, Pierre, depois de ter se despedido de seus novos amigos, os maçons, e lhes ter doado grandes somas de dinheiro, para serem dadas em esmolas, partiu para seus domínios. Os novos irmãos deram-lhe cartas para os maçons de Kiev e Odessa e prometeram escrever-lhe e guiá-lo em sua nova atividade.

VI

O caso de Pierre e Dolokhov foi abafado, e apesar da severidade do imperador com relação aos duelos, nem os adversários nem as testemunhas foram inquietados. Mas a história do duelo, confirmada com o

rompimento de Pierre com a mulher, espalhou-se em toda a sociedade. Pierre, que era olhado com uma indulgência protetora, quando era apenas bastardo, Pierre, que todos exaltavam e mimavam quando era o melhor partido do império russo, baixara muito no conceito social, quando, depois de seu casamento, as moças e as mães não podiam esperar nada dele, tanto mais porque ele desprezava a opinião pública benevolente. Agora, consideravam-no o único culpado do que se passara, tratavam-no de ciumento, insensato, sujeito a ataques de fúria, como seu pai. E quando Helena voltou a Petersburgo, depois da partida de Pierre, foi recebida por todos os conhecidos, não só com demonstrações de simpatia, mas também de respeito pela sua desgraça. Quando se falava em seu marido, Helena tomava um ar digno, que adotara sem compreender o sentido, mas pelo tato que lhe era peculiar. Essa expressão queria dizer que estava resignada a suportar sem queixas seu destino desafortunado, que seu marido era a cruz que Deus lhe enviara.

O príncipe Vassili exprimia mais francamente sua opinião. Encolhia os ombros quando falavam em Pierre e, batendo com o dedo na testa, dizia:

— Parafuso frouxo. Eu sempre o disse.

— Eu havia dito — dizia Ana Pavlovna, falando de Pierre. — Sempre disse, e antes de todos (ela insistia sobre a prioridade), que era um rapaz louco, estragado pelas ideias depravadas do século. Eu o dizia, quando todos eram seus entusiastas, quando acabava de chegar do exterior e uma noite, na minha casa, lembram-se, dava-se ares de Marat. E como terminou isso tudo? Nessa época eu já não queria esse casamento e predisse o que aconteceu.

Como antes, Ana Pavlovna dava festas como só ela tinha o dom de organizar e onde, segundo sua expressão, se reunia a nata da boa sociedade, a fina flor da essência intelectual da sociedade petersburguesa. Além dessa seleção refinada dos convidados, as festas de Ana Pavlovna se distinguiam também pelo fato de que, em cada uma delas, era apresentado um novo personagem interessante, e que em parte alguma, como em suas reuniões, o termômetro político se manifestava com mais exatidão, indicando a impressão da sociedade petersburguesa legitimista da corte.

Em fins de 1806, quando já eram conhecidos todos os tristes detalhes da derrota, por Napoleão, do exército prussiano em Iena e Auerstaedt e a capitulação da maioria das fortalezas prussianas, quando nossos exércitos já tinham entrado na Prússia e começava nossa segunda guerra contra Napoleão, Ana Pavlovna recebia a nata da boa sociedade, composta da encantadora e infeliz Helena, de Mortemart, do simpático príncipe Hippolyte, que acabava de chegar de Viena, de dois diplomatas, da tia, de um rapaz que levava o simples

epíteto “homem de grande mérito”, de uma dama de companhia, recentemente elevada a essa investidura, sua mãe e ainda outras pessoas menos notáveis.

A pessoa com quem Ana Pavlovna regalava seus convidados era Boris Drubetskoi, que acabava de chegar do exército da Prússia como mensageiro e que era ajudante de ordens de um personagem muito importante.

Nessa noite o termômetro político dava as seguintes indicações: “Por mais que os imperadores europeus e os generais se inclinem diante de Bonaparte, causando aborrecimentos e incômodos *a mim* e, em geral, *a nós*, nossa opinião a respeito de Bonaparte não pode mudar. Não cessaremos de exprimir nossa opinião franca e podemos apenas dizer ao rei da Prússia e aos demais: pior para vocês. *Tu l’as voulu, Georges Dandin* — eis tudo que podemos dizer.”

Era o que indicava o termômetro político no sarau de Ana Pavlovna.

Quando Boris, que seria oferecido aos convidados, entrou no salão, quase toda a sociedade já estava reunida e o objeto da discussão conduzida por Ana Pavlovna era nossas relações diplomáticas com a Áustria, e a esperança de nossa aliança com ela.

Boris, vestindo elegante uniforme de ajudante de ordens, mais viril, disposto, corado, entrou com desembaraço no salão. Segundo o costume, foi levado em primeiro lugar junto à tia para cumprimentá-la, depois reuniu-se ao grupo geral. Ana Pavlovna deu-lhe a beijar sua mão seca, apresentou-lhe algumas pessoas que não conhecia, qualificando cada uma em voz baixa.

— O príncipe Hippolyte Kuriaguine, um moço encantador. O senhor Krug, *chargé d’affaires* de Copenhague, um espírito profundo; o senhor Shittoff, um homem de grande mérito.

Boris, no exército, graças aos cuidados de Ana Mikhailovna, às suas inclinações pessoais e às qualidades de seu caráter discreto, chegara a uma situação muito vantajosa. Era ajudante de ordens de um personagem de grande destaque, fora à Prússia numa importante missão e acabava de chegar de lá como mensageiro. Assimilara perfeitamente os princípios dessa subordinação não escrita que tanto lhe agradara em Olmütz, pela qual o segundo-tenente podia ser muito superior ao general e pela qual podia fazer carreira sem esforço, sem trabalho, sem coragem nem perseverança, bastava conhecer a arte de saber conduzir-se com aqueles que distribuem as recompensas pelo serviço. Muitas

vezes ele próprio se admirava de seus sucessos fáceis e da incapacidade de outros para compreender isso. Graças a essa descoberta, toda sua vida, todas as suas relações com antigos conhecidos, todos os seus planos de futuro estavam completamente modificados. Não era rico, mas empregava seu dinheiro até o último vintém para se vestir melhor que os outros. Preferia privar-se de muitos prazeres que andar num mau carro ou passar pelas ruas de Petersburgo vestindo um uniforme enxovalhado. Só procurava relações com pessoas que lhe eram superiores e que lhe pudessem ser úteis. Gostava de Petersburgo e desprezava Moscou. A lembrança da casa dos Rostov e do amor infantil de Natacha lhe era desagradável, e, depois de sua partida para o exército, não voltara uma única vez à casa dos Rostov.

Ser convidado ao salão de Ana Pavlovna era considerado por ele um grande impulso na carreira militar. Compreendeu logo seu papel ali e deixou que Ana Pavlovna aproveitasse o interesse que ele despertava. Observava atentamente cada pessoa, pesando as vantagens e a possibilidade de aproximar-se de cada uma delas. Sentou-se no lugar que lhe foi designado junto da bela Helena e ficou ouvindo a conversação comum.

— Viena considera tão inatingíveis as bases do tratado proposto que não seria possível realizá-las, mesmo por uma série dos mais brilhantes triunfos. Além disso, tem dúvidas quanto aos meios que nos poderiam proporcionar essas bases. São palavras autênticas do gabinete de Viena — disse o *charge d'affaires* dinamarquês.

— A dúvida é que é lisonjeira para nós — opinou com um fino sorriso o “homem de grande mérito”.

— É preciso distinguir entre o gabinete de Viena e o imperador da Áustria. O imperador não pode ter pensado semelhante coisa, é apenas o gabinete quem a diz — afirmou Mortemart.

— *Eh! Mon cher vicomte* — interveio Ana Pavlovna —, *l'Urope* (não se sabe por que ela pronunciava *Urope* como uma sutileza da língua francesa que só ela podia permitir-se ao falar com um francês) nunca será nossa aliada sincera.

Depois, no intuito de envolver Boris na conversa, referiu-se à coragem e à firmeza do rei da Prússia.

Esperando sua vez, Boris ouvia atentamente quem estava falando. Mas ao mesmo tempo, de quando em quando, dirigia um olhar para a sua vizinha, a bela Helena, que, com um sorriso, várias vezes sustentara o olhar do jovem e elegante ajudante de ordens.

Já que se falava da Prússia, Ana Pavlovna, muito naturalmente, pediu a Boris que contasse sua viagem a Glogau e a situação em que se achava o nosso exército naquele país. Sem apressar-se, num francês correto, Boris contou muitos detalhes interessantes sobre as tropas, sobre a corte, evitando cuidadosamente, durante toda sua exposição, emitir alguma opinião pessoal sobre os fatos a que se referia. Por um momento Boris concentrou o interesse geral, e Ana Pavlovna ficou certa de que seu presente era aceito prazerosamente por todos os convidados. Helena demonstrou o mais vivo interesse pela exposição de Boris. Interrompeu-o diversas vezes a propósito de certos detalhes de sua viagem e parecia muito interessada na situação do exército da Prússia. Logo que ele terminou, dirigiu-se a ele com seu sorriso habitual.

— Faço questão que o senhor venha me visitar. — Pronunciou essas palavras num tal tom que dava a entender que sua visita, por motivos que ele próprio ignorava, se impunha necessariamente. — Terça-feira, entre oito e nove horas. Dar-me-á grande prazer.

Boris prometeu obedecer ao seu desejo e pretendia entabular uma conversa com ela quando Ana Pavlovna o chamou, pretextando que sua tia desejava vê-lo.

— O senhor conhece o marido dela! — disse Ana Pavlovna, fechando os olhos e apontando a bela Helena com um gesto desolado. — É uma mulher tão infeliz e encantadora! Não toque no nome do marido diante dela. Peço-lhe, não fale nisso. É-lhe demasiadamente doloroso.

VII

Quando Boris e Ana Pavlovna voltaram para junto dos demais, era Hippolyte que estava com a palavra. Empertigado na beira da poltrona, disse:

— O rei da Prússia! — E caiu na risada. Todos voltaram-se para ele. — O rei da Prússia? — repetiu Hippolyte. E novamente calmo e impassível, afundou-se na poltrona.

Ana Pavlovna esperou um pouco, mas, como Hippolyte parecia decidido a não falar mais, contou como aquele maldito Napoleão se apoderara da espada de Frederico, o Grande, em Potsdam.

— É a espada de Frederico, o Grande, que eu... — começou, mas Hippolyte a interrompeu:

— O rei da Prússia... — E, novamente, quando se voltaram para ele, desculpou-se e calou-se.

Ana Pavlovna fez um gesto de contrariedade. Mortemart, amigo de Hippolyte, dirigiu-se a ele resolutamente.

— Então, o que quer o senhor com o seu rei da Prússia?

Hippolyte riu como se tivesse vergonha de seu riso.

— Não é nada, eu só queria dizer... (tinha a intenção de repetir a brincadeira ouvida em Viena e, desde o início da reunião, estava procurando uma oportunidade para contá-la). Eu só queria dizer que não se justifica estarmos em guerra pelo rei da Prússia.

Sem saber como seria recebida essa brincadeira, Boris sorriu prudentemente, de tal sorte que seu sorriso podia ser interpretado por uma zombaria ou uma aprovação. Todos riram.

— A sua insinuação é de mau gosto. Muito espirituosa, mas injusta. Nós não lutamos pelo rei da Prússia, mas pelos bons princípios. Ah, como é maldoso esse príncipe Hippolyte! — disse Ana Pavlovna, ameaçando-o com seu dedinho.

Durante toda a noite nunca faltava assunto, e a conversação versava principalmente sobre novidades políticas. No fim da reunião ela animou-se particularmente quando se falou das recompensas dadas pelo imperador.

— N.N. recebeu no ano passado a tabaqueira com o retrato, por que razão S.S. não poderá receber igual recompensa? — disse o “homem de espírito profundo”.

— Perdoe-me. Uma tabaqueira com o retrato do imperador é uma recompensa, mas não uma distinção; eu chamaria isso de presente — opinou o diplomata.

— Mas há precedentes, como, por exemplo, Schwarzenberg.

— Impossível! — objetou um outro.

— Apostemos! A faixa é outra coisa...

Quando todos se levantaram para partir, Helena, que quase não conversara a noite inteira, dirigiu-se novamente a Boris, reiterando-lhe o pedido e a ordem terna, importante, de comparecer a sua casa terça-feira.

— Tenho absoluta necessidade — disse ela com um sorriso, olhando para Ana Pavlovna. E esta, com esse sorriso triste que acompanhava suas palavras quando falava de sua alta protetora, apoiou o desejo de Helena. Parecia que nessa noite, por algumas palavras que Boris dissera sobre o exército da Prússia, Helena descobrira subitamente a necessidade de vê-lo; ela parecia prometer explicar-lhe essa necessidade terça-feira, quando ele a visitasse.

Terça-feira à noite, chegando ao magnífico salão de Helena, Boris não recebeu uma explicação clara da necessidade de sua visita.

Havia outros presentes. A condessa falou muito pouco com ele, e somente quando, ao despedir-se, ele beijou-lhe a mão, de modo completamente inesperado, ela cochichou-lhe sorrindo:

— Venha jantar amanhã... à noite. É preciso que venha... Não falte.

Durante sua estada em Petersburgo, Boris tornou-se íntimo da casa da condessa Bezukhov.

VIII

A guerra recrudescia e seu teatro se aproximava da fronteira russa.

Em toda parte erguiam-se maldições contra o inimigo do gênero humano, Bonaparte. Recrutavam-se soldados nas aldeias, do teatro da guerra chegavam diversas notícias, como sempre mentirosas, e que cada um interpretava a seu modo.

A vida do velho príncipe Bolkonski, do príncipe André e da princesa Maria havia sofrido uma grande modificação desde o ano de 1805.

Em 1806, o velho príncipe foi nomeado um dos oito generais em chefe dos exércitos voluntários que então se organizavam em toda a Rússia. O velho príncipe, apesar da fraqueza consequente de sua idade avançada, e que ainda mais se acentuara durante todo o tempo em que ele acreditou que o filho estivesse morto, achou que faltaria a seu dever se não aceitasse uma função para a qual era chamado pelo próprio imperador. Esse novo gênero de atividade que

lhe era proporcionado o excitava e fortalecia. Vivia em viagens constantes nas três províncias que lhe haviam sido confiadas, cumpria suas obrigações com um exagero pedante, mostrava-se severo até a crueldade com seus subordinados e fazia questão de tudo conhecer pessoalmente nos menores detalhes.

A princesa Maria não estudava mais matemática com o pai e era só quando ele estava em casa que, pela manhã, ela entrava em seu gabinete em companhia da ama e do pequeno príncipe Nicolau (como o chamava o avô).

O bebê Nicolau vivia com a ama e a velha criada Savichna nos aposentos da falecida princesa, e a princesa Maria passava a maior parte do tempo no quarto da criança, procurando, na medida do possível, ocupar o lugar da mãe de seu pequeno sobrinho.

Mademoiselle Bourienne também parecia gostar imensamente da criança, e, muitas vezes, privando-se, a princesa Maria cedia à amiga o prazer de embalar o anjinho (como ela tratava o sobrinho) e de brincar com ele.

Perto do altar da igreja de Lissia-Gori havia uma pequena capela que fora construída sobre a sepultura da princesinha e na qual fora colocado um monumento de mármore vindo da Itália, que representava um anjo de asas abertas e prestes a subir para o céu. Esse anjo tinha o lábio superior um pouco contraído e dava a impressão de que ia sorrir. Um dia o príncipe André e a princesa Maria, ao saírem da capela, reconheceram que era estranho, mas que o rosto desse anjo lembrava o da finada princesa. Mas o que ainda era mais estranho e o príncipe André não disse à irmã é que, na expressão que o artista por acaso dera à fisionomia do anjo, o príncipe André lia as mesmas palavras de doce censura lidas na fisionomia de sua mulher morta: “Ah! Por que me fizeram isso?”

Pouco depois da volta do príncipe André, o velho príncipe deu ao filho a grande propriedade de Bogutcharovo, situada a quarenta *verstas* de Lissia-Gori. Ou porque Lissia-Gori lhe despertasse recordações dolorosas, ou porque nem sempre se sentisse capaz de suportar o temperamento do pai, e também porque precisava de solidão, o príncipe André mandou construir em Bogutcharovo uma casa onde passava a maior parte do tempo.

Depois da campanha de Austerlitz, havia tomado a firme resolução de não mais voltar para o exército, e, quando a guerra recomeçou e todos tiveram de

partir, ele não voltou ao serviço ativo e aceitou funções no recrutamento das milícias, sob o comando de seu pai.

Após a campanha de 1805, o velho príncipe parecia ter trocado de papel com o filho. O pai, excitado pela atividade, esperava os melhores resultados da futura campanha. O príncipe André, que não tomava parte na guerra e no fundo da alma a lamentava, pelo contrário, fazia as piores previsões.

No dia 26 de fevereiro de 1807 o velho príncipe partiu em viagem de inspeção. O príncipe André, como fazia quase sempre por ocasião das ausências de seu pai, ficou em Lissia-Gori. O pequeno Nicolau estava doente havia quatro dias. Os cocheiros que haviam conduzido o velho príncipe à cidade traziam papéis e cartas para o príncipe André.

O lacaios que trazia as cartas, não encontrando o príncipe no seu gabinete, foi até os aposentos da princesa Maria, mas ele também não estava lá. Informaram o lacaios que o príncipe estava no quarto da criança.

— Com licença, Excelência, Petrusha chegou com o correio — disse uma das criadas ao príncipe André, que estava sentado numa cadeirinha e, com as mãos trêmulas e o cenho franzido, pingava algumas gotas de remédio em meio copo d'água.

— O que é que há? — perguntou ele num tom irritado, e sua mão tremeu ainda mais forte, deixando cair algumas gotas a mais. Jogou o conteúdo no chão e pediu mais água, que a criada lhe trouxe.

No quarto havia um berço, duas arcas, duas poltronas, uma mesinha de criança e a cadeirinha, na qual o príncipe André estava sentado.

As janelas estavam fechadas, na mesa ardia uma vela escondida atrás de um livro de música encadernado, o que não permitia que a luz atingisse o berço.

— Meu amigo — disse a princesa Maria ao irmão, que se achava ao lado da cama —, é melhor esperar. Depois...

— Por favor. Estás sempre dizendo bobagens. Sempre estás esperando coisas, e por isso também esperaste — disse o príncipe André num resmungo colérico e no desejo evidente de magoar a irmã.

— Meu amigo, o melhor é não o acordar, não tenhas dúvida. Está dormindo — disse a princesa num tom de súplica.

O príncipe André levantou-se e, de copo na mão, na ponta dos pés, aproximou-se da cama.

— Achas?... Será mesmo melhor não o acordar? — perguntou num tom de indecisão.

— Faze como entenderes... porque... Eu acho... mas faze como entenderes — disse a princesa Maria, que parecia envergonhada e temerosa por ter feito prevalecer seu ponto de vista.

Mostrou ao irmão a criada que o chamava em voz baixa.

Já era a segunda noite que ambos passavam sem dormir cuidando do garotinho, que ardia em febre. Como não tivessem confiança no médico da casa, esperaram o dia inteiro o que haviam mandado buscar na cidade. Ora experimentavam um remédio, ora outro.

Esgotados pela insônia, abatidos, censuravam-se reciprocamente a dor que sentiam, e discutiam.

— Petrucha está com os papéis de seu pai — cochichou a criada.

O príncipe André saiu.

— O diabo que os trouxe! — disse ele, e, depois de ter ouvido as ordens verbais de seu pai e agarrado o pacote que este lhe mandava, voltou para o quarto da criança.

— E então? Como está? — perguntou o príncipe André.

— Sempre a mesma coisa. Espera, por favor. Karl Ivanitch sempre diz que o sono é o melhor remédio — murmurou a princesa Maria, suspirando.

O príncipe André aproximou-se da cama e tocou na criança, que continuava ardendo em febre.

— Vá para o diabo com o seu Karl Ivanitch!

Agarrou o copinho no qual havia pingado as gotas e aproximou-se novamente.

— Não, André! — disse a princesa Maria.

Mas ele, encolerizado, embora estivesse sofrendo, franziu o cenho e inclinou-se sobre a criança com o copinho na mão.

— Afinal, eu quero. Peço-te que lhe dê o remédio.

A princesa Maria ergueu os ombros, mas, docilmente, pegou o copo, chamou a criada e aprestou-se para dá-lo à criança. A criança gritou e começou a

engasgar-se. Com a expressão pesada, o príncipe André pôs as mãos na cabeça, saiu do quarto e sentou-se no sofá do quarto vizinho.

Tinha todas as cartas na mão. Abriu-as maquinalmente e começou a lê-las. Com sua letra comprida e grande o velho príncipe escrevia numa folha de papel azul:

Pelo correio acabo de receber uma notícia muito boa, se é que é verdadeira. Parece que Bonaparte foi derrotado por Benigsen em Eylau. Em Petersburgo todos exultam e uma quantidade enorme de recompensas foram mandadas para o exército. Apesar de ele ser alemão, eu o felicito. Não posso compreender o que está fazendo por aí o chefe de Kortcheva, um tal Khandrikov. Até agora não temos homens nem víveres. Procura-o imediatamente e dize-lhe que eu mandarei cortar-lhe a cabeça se dentro de uma semana tudo não estiver aqui. A respeito da batalha de Pressich-Eylau, recebi mais uma carta de Petinka, que tomou parte nela. Tudo é verdade. Quando os que não têm nada que ver com a coisa não se metem, então até um alemão derrota Bonaparte. Dizem que ele fugiu na maior desordem. Portanto, vai a Kortcheva imediatamente e executa as minhas ordens.

O príncipe André suspirou e rompeu o lacre do outro envelope. A carta, escrita com uma letra fina, enchia duas folhas e era de Bilibine. Dobrou-a novamente sem a ter lido e releu a de seu pai, que terminava com as palavras: “Vai a Kortcheva imediatamente e executa as minhas ordens!” “É, mas agora tenha paciência, não irei antes que meu filho se restabeleça”, pensou ele aproximando-se da porta e lançando um olhar para o quarto da criança.

A princesa Maria continuava ao pé da cama e estava embalando suavemente a criança.

“O que foi ainda que ele mandou dizer de desagradável?”, pensou o príncipe André, procurando recordar-se do conteúdo da carta de seu pai. “Ah, sim... justamente quando eu não estou lá nós conseguimos uma vitória contra Bonaparte. É... ainda zomba de mim. Que seja, aproveite.” E pôs-se a ler a carta de Bilibine, escrita em francês.

Leu sem compreender mais da metade do que lia. Queria ler só para não pensar, durante um momento, no que o preocupava há tanto tempo, naquilo em que pensava exclusivamente e com tantos sofrimentos.

Bilibine, que estava agora adido ao quartel-general do exército na qualidade de diplomata, descrevia toda a campanha em língua francesa, com pilhérias francesas, mas a descrevia com uma ousadia exclusivamente russa, zombando de si próprio.

Bilibine escrevia que a discrição diplomática o atormentava e que ele se sentia feliz em ter na pessoa do príncipe André um confidente diante do qual podia dar vazão a toda a bÍlis que se acumulara dentro dele em consequência do que se passava no exército. Essa carta já era antiga. Era anterior à batalha de Pressich-Eylau.

Ele escrevia:

Desde os nossos grandes triunfos de Austerlitz, meu caro príncipe, não saio mais dos quartéis-generais. Decididamente tomei gosto pela guerra, e muito ganhei com isso. É incrível o que tenho visto nestes três últimos meses.

Começarei *ab ovo*. O inimigo do gênero humano, como sabe, ataca os prussianos. Os prussianos são nossos fiéis amigos; em três anos nos enganaram apenas três vezes. Abraçamos a sua causa, mas sucede que o inimigo do gênero humano não presta a menor atenção às nossas falas bonitas e, descortês e selvagememente, conforme é sua maneira, atira-se aos prussianos sem lhes dar tempo de terminar o que haviam começado, massacrando-os em dois tempos e instalando-se no palácio de Potsdam.

“Desejo sinceramente”, escreve o rei da Prússia a Bonaparte, “que V. M. seja acolhido e tratado no meu palácio de maneira que lhe seja agradável, e para esse efeito tomei solicitamente as providências que me permitem as circunstâncias. Espero ter sido bem-sucedido!” Os generais prussianos desfazem-se em cortesias com os franceses e entregam as armas à primeira intimação.

O comandante da guarnição de Glogau, com dez mil homens, pergunta ao rei da Prússia o que deverá fazer se o intimarem a render-se... Tudo isso é verdade.

Em suma, esperando impor respeito apenas com uma demonstração militar, vemo-nos agora envolvidos de fato na guerra, e o que mais é, numa guerra que se desenrola nas nossas fronteiras, com e pelo rei da Prússia. Tudo está completo, e só nos falta uma coisa mínima: o general em chefe. Como foi verificado que os triunfos de Austerlitz podiam ter sido mais decisivos se o general em chefe não fosse tão jovem, passa-se em revista aos octogenários e, entre Prosorvski e Kamenski, este último tem a preferência. O general chega num *kibik*, à moda de Suvorov, e é recebido com aclamações de alegria e triunfo.

No dia 4 chega o primeiro correio de Petersburgo. Trazem as malas ao gabinete do marechal, que gosta de fazer tudo pessoalmente. Chamam-me para ajudar na triagem da correspondência e levar a que nos é destinada. O marechal observa o nosso trabalho, à espera das suas cartas. Procuramos, mas não encontramos nenhuma. O marechal impacienta-se, toma parte na busca e encontra cartas do imperador para o conde T., para o príncipe V. e outros. É então quando fica rubro de cólera, fulmina o mundo

inteiro, apodera-se das cartas e lê as que o imperador escreveu a outros. “Ah! É assim que me tratam, não confiam em mim! E ele ordena que me acompanhem. Está bem! Podem ir embora!” E escreve a famosa ordem do dia ao general Benigsen:

“Estou ferido, não posso montar e portanto não posso comandar o exército. O senhor levou seu corpo de exército derrotado a Pultousk, aqui ele está exposto, sem lenha e sem forragem. Portanto, uma coisa que precisa ser remediada, e como o senhor mesmo comunicou ontem ao conde Buxhevden, é necessário pensar na retirada em direção à nossa fronteira, o que deve ser feito ainda hoje.”

“Em consequência de todos os percursos”, escreve ele ao imperador, “a sela me deixou esfolado, essa esfoladura me impede de montar a cavalo e comandar um grande exército. Essa é a razão que me fez passar o comando ao general mais antigo depois de mim, o conde Buxhevden. Enviei-lhe todos os serviços e tudo que possa ter alguma conexão com os mesmos e aconselhei-o, no caso de virem a faltar os víveres, a retirar-se para o interior da Prússia, pois há pão apenas para um dia, e, em certos regimentos não se encontra mais nada, de acordo com o que nos comunicaram os comandantes das divisões Ostermann e Sedmorezky. Nas casas dos camponeses tudo já foi comido. Quanto a mim, aguardando a cura, permaneci no hospital de Ostrolenko. Na data em que honrosamente comunico este relatório faço acrescentar que, se o exército russo permanecer mais quinze dias neste acampamento não nos sobrá um único soldado válido na primavera.

“Permita a um velho que se retire para o campo, ao ancião que já perdeu sua glória por não ter podido cumprir o grande e glorioso destino para o qual havia sido eleito. Espero vossa augusta autorização aqui no hospital para não fazer, diante do exército, o papel de *escriba* em lugar do de *comandante*. Minha reforma terá tanta repercussão no exército como a que produziria a retirada de um cego. Na Rússia existem milhares como eu.”

O marechal zanga-se com o imperador, e nós todos somos punidos. Nada mais lógico, não é verdade?

Este é o primeiro ato. Nos seguintes, naturalmente, aumentam o interesse e o ridículo, como era de esperar. Após a partida do marechal, verificamos que o inimigo está à vista e que a batalha é inevitável. Buxhevden é o general em chefe por direito de antiguidade, mas o general Benigsen não está de acordo, tanto mais quanto ele se acha, com o seu corpo, à vista do inimigo e quer aproveitar a ocasião para uma batalha “*auf eigene Hand*”, como dizem os alemães. É o que faz. Foi a batalha de Pultousk, que passa por ter sido uma grande vitória, mas que na minha opinião não o foi em absoluto. Nós, os paisanos, temos, como você sabe, um péssimo habito de decidir o desfecho de uma batalha. Quem se retira após uma batalha perdeu-a, eis o nosso veredicto. E, julgando por esse ponto de vista, nós perdemos a batalha. Numa palavra, nos retiramos. Enviamos um correio a Petersburgo, com a notícia de uma vitória, e o general não cede o comando supremo a Buxhevden, esperando receber de Petersburgo, em reconhecimento da sua vitória, o título de general em chefe. Nesse ínterim, damos início a um plano de manobras extremamente interessante e original. Nosso objetivo não consiste, como devia, em evitar ou em atacar o inimigo, mas apenas em evitar o general Buxhevden, que, por direito de antiguidade, devia ser o nosso chefe. Seguimos esse objetivo com tanta energia que, mesmo ao passar um rio que não é

vadeável, incendiámos as pontes para nos separar do nosso inimigo, que no momento não é Bonaparte, mas o general Buxhevden. O general escapou por pouco de ser atacado e aprisionado por forças inimigas superiores, devido a uma de nossas belas manobras para livrar-se dele. Buxhevden perseguiu-nos, e nós fugimos. Mal ele passa para o nosso lado do rio, voltamos para o outro. Finalmente, o nosso inimigo Buxhevden nos alcança e investe contra nós. Os dois generais brigam. Houve mesmo uma provocação para duelo por parte de Buxhevden e um ataque de epilepsia por parte de Benigsen. Mas, no momento crítico, o correio que levou a notícia de nossa vitória em Pultousk traz de Petersburgo a nossa nomeação para general em chefe, e o primeiro inimigo, Buxhevden, é posto fora de combate. Podemos agora pensar no segundo, Bonaparte. Mas eis que nesse momento se ergue diante de nós um terceiro inimigo, que é o exército ortodoxo pedindo aos gritos pão, carne, biscoitos, feno... que sei eu! Os depósitos estão vazios, os caminhos acham-se impraticáveis. O exército ortodoxo lança-se à pilhagem, e isso por uma forma de que a última campanha não lhe pode dar a mais pálida ideia. Metade dos regimentos constituiu-se em tropas livres que percorrem a região ateando fogo em tudo. Os habitantes são saqueados, os hospitais regurgitam de doentes, a fome reina em toda parte. Duas vezes foi o quartel-general atacado por tropas de salteadores, e o próprio general em chefe foi obrigado a pedir um batalhão para expulsá-los.

Num desses assaltos levaram-me uma mala vazia e meu robe de chambre. O imperador pensa em dar a todos os chefes de divisão o direito de fuzilar os salteadores, mas receio muito que isso obrigue metade do exército a fuzilar a outra metade.

O príncipe André começara a ler distraidamente, mas, aos poucos, sem perceber, interessava-se cada vez mais pelo que estava lendo (embora soubesse até que ponto podia crer em Bilibine). Ao chegar a essa passagem, amassou a carta e a jogou fora. Não era o conteúdo da carta que o exasperava, mas sim o fato de ainda se emocionar com essa vida distante e que lhe era estranha.

Fechou os olhos, passou a mão pela testa, como se quisesse enxotar toda preocupação relativa à leitura que acabava de fazer, e prestou atenção ao que se passava no quarto da criança. Subitamente pareceu-lhe ouvir um ruído estranho através da porta. Assustou-se e temeu que, durante o tempo que passara a ler a carta, alguma coisa tivesse acontecido à criança. Aproximou-se da porta na ponta dos pés e a abriu.

Quando entrou, percebeu que a criada procurava esconder qualquer coisa com um ar assustado e que a princesa Maria não estava mais junto do leito.

— Meu amigo — murmurou a princesa Maria num tom que lhe pareceu desesperado. Como muitas vezes acontece depois de uma longa noite de insônia e de fortes emoções, sentia-se invadido por um temor sem causa. Veio-lhe ao

pensamento que a criança tinha morrido. Tudo que via e ouvia em torno de si parecia-lhe confirmar seu receio. “Tudo está acabado”, pensou, e um suor frio molhou-lhe a fronte.

Aproximou-se do berço meio tonto, temendo encontrá-lo vazio e que a criada tivesse escondido a criança morta. Abriu a pequena cortina e, por muito tempo, seus olhos assustados e distraídos não conseguiram encontrar a criança. Finalmente a viu. Muito corado, o bebê estava deitado na diagonal da cama com os braços abertos e a cabeça embaixo do travesseiro; dormindo, ele movia os lábios e respirava regularmente.

Vendo a criança, o príncipe André alegrou-se por ver que não a tinha perdido. Inclinou-se e, como sua irmã lhe havia ensinado, verificou com os lábios se o menino ainda estava com febre. A testa delicada estava úmida. Tocou-lhe a cabeça com a mão; era tão forte a transpiração do pequeno que seus cabelos estavam molhados. Não só não estava morto, mas, ao contrário, podia-se ver que a crise havia passado e que ele estava a caminho da cura. Queria agarrar, apalpar, apertar contra o peito essa fraca criaturinha, mas não ousava fazê-lo. Permanecia em pé diante dele contemplando-lhe a cabeça, as mãos, as pernas que se podiam perceber sob a coberta.

Ouviu um leve ruído junto dele e uma sombra apareceu sob o cortinado do pequeno leito. Ele não se virou, continuava a olhar o rosto da criança e a escutar sua respiração regular. A sombra era a da princesa Maria, que se aproximara em silêncio do pequeno leito, levantara o cortinado e o deixara cair sobre si mesma. Sem se voltar, o príncipe a reconheceu e estendeu-lhe a mão, que ela apertou.

— Está suando muito — disse o príncipe André.

— Vim para te dizer isso mesmo.

A criança se movia, sorria no sono e se esfregava no travesseiro. O príncipe André olhou para a irmã. Na meia-luz da alcova os olhos resplandecentes da princesa Maria brilhavam ainda mais que habitualmente em virtude das lágrimas de alegria que os enchiam. A princesa Maria chegou-se para perto do irmão e o abraçou, atrapalhando-se ligeiramente com o cortinado e temendo, assim, acordar o menino. Eles se estreitavam sob a luz opaca do cortinado, como se não quisessem separar-se desse mundo composto pelos três e alheio a tudo o mais. O

príncipe André foi o primeiro a afastar-se da cama despenteando-se no cortinado.

— Sim, é tudo que me resta agora — disse ele, suspirando.

X

Pouco depois de ser recebido na maçonaria, Pierre, com o guia completo, escrito especialmente para ele, do que devia fazer nos seus domínios, partiu para a província de Kiev, onde se encontrava a maioria de seus camponeses.

Chegando a Kiev reuniu todos os seus intendentess no escritório principal e explicou-lhes suas intenções e seus desejos. Disse-lhes que as medidas necessárias à emancipação geral dos camponeses seriam certamente tomadas, mas que até lá eles não deviam ser sobrecarregados de trabalho, que as mulheres e as crianças não deviam ser enviadas à corveia, que era preciso auxiliar os camponeses, que os castigos deveriam ser verbais e não corporais, que hospitais, asilos e escolas deviam ser construídos em cada domínio.

Diversos intendentess (alguns eram analfabetos) ouviam assustados, interpretando essa preleção como uma prova de que o jovem conde não estava satisfeito com a administração dos domínios e que sabia que roubos eram praticados.

Outros, assim que se libertaram da primeira impressão de medo, acharam graça dos balbucios de Pierre e das palavras que eles jamais haviam ouvido.

Outros ainda se limitavam ao prazer de ouvir seu amo falar. Os demais, os mais inteligentes, e dentre eles o intendente-chefe, deduziram dessa preleção como se deveriam comportar diante do amo se quisessem obter o que pretendiam.

O intendente-chefe demonstrou uma grande simpatia pelas ideias de Pierre, mas observou que além dessas reformas, era necessário, de modo geral, tratar dos negócios que estavam em muito mau estado.

Apesar da imensa fortuna do conde Bezukhov, que deixara ao filho, segundo se dizia, quinhentos mil rublos de rendimentos anuais, Pierre se sentia muito menos rico que no tempo em que seu falecido pai lhe dava dez mil rublos por ano. Em traços gerais seu orçamento era mais ou menos o seguinte: ao conselho

de tutela ele pagava aproximadamente oitenta mil rublos por todo o domínio; a manutenção da casa de campo próxima de Moscou, da casa de Moscou e das princesas custava-lhe perto de trinta mil rublos; para as pensões, quase quinze mil rublos e uma quantia equivalente para as obras de beneficência. Mandava-se à condessa cento e cinquenta mil rublos aproximadamente; com as dívidas eram despendidos mais ou menos setenta mil rublos de juros; a construção de uma igreja em obras havia custado, nestes dois anos, quase dez mil rublos; o resto, cerca de cem mil rublos, fora gasto sem que ele soubesse como, e quase todos os anos era forçado a contrair empréstimos. Além disso, anualmente, o intendente-chefe escrevia-lhe ou a propósito de um incêndio, ou a respeito de penúria, ou sobre a necessidade de mandar reconstruir edificações e fábricas. Assim, a primeira tarefa de Pierre foi aquela pela qual ele tinha menos capacidade e menos gosto, a gerência dos negócios.

Pierre trabalhava diariamente com seu intendente-chefe, mas sentia que seu trabalho não trazia o menor proveito aos negócios. Sentia que suas ocupações eram inteiramente à margem dos negócios e que não as aproveitavam. De uma parte o intendente-chefe expunha a situação sob o aspecto mais negro, mostrando-lhe a necessidade de pagar as dívidas e empreender novos trabalhos com os camponeses, com o que Pierre não concordava; de outra parte Pierre exigia o começo da emancipação, contra o que o intendente-chefe alegava a necessidade peremptória de pagar as dívidas do conselho de tutela e, portanto, a impossibilidade da imediata realização desse desejo.

O intendente não dizia que isso era absolutamente impossível, propunha para a realização desse objetivo a venda das florestas da província de Kostroma, a das terras sitas à margem do Volga e do domínio da Crimeia. Mas, a dar ouvidos ao intendente, todas essas operações estavam sujeitas a um tão grande número de processos, deliberações, hipotecas, pedidos de autorização etc. que Pierre se perdia no meio deles e se limitava a dizer: “Sim, sim, faça isso.”

Pierre não tinha o senso prático necessário para cuidar dos negócios, razão pela qual não gostava dessas ocupações e, na frente do intendente apenas fingia interessar-se por elas, e o intendente procurava fingir que julgava essas ocupações úteis para o amo e constrangedoras para ele...

Na cidade grande encontrou pessoas de suas relações, e os desconhecidos se empurravam para entrar em contato com o rico que acabava de chegar, o mais rico proprietário da província. As tentações que tocavam o fraco principal de Pierre, aquele que ele confessara ao ser recebido na loja, eram tão fortes que ele não conseguia resistir.

Mais uma vez, os dias, as semanas, os meses da vida de Pierre passavam com as mesmas preocupações e eram despendidos em saraus, jantares, almoços, bailes que, como em Petersburgo, não lhes davam tempo de atinar no que estava fazendo. Em vez de levar uma nova vida, como pretendia, Pierre continuava na mesma, só mudara de lugar.

Das três finalidades da maçonaria Pierre reconhecia que não havia cumprido aquela que prescrevia a cada maçom fazer-se o modelo da vida moral e, entre as sete virtudes, duas lhe faltavam inteiramente: os bons costumes e o amor à morte. Consolava-se disso porque cumpria a outra — o aprimoramento da humanidade — e porque tinha outras virtudes: o amor ao próximo e principalmente a generosidade.

Na primavera de 1807 Pierre resolveu voltar a Petersburgo. No caminho pretendia percorrer todos os seus domínios e verificar pessoalmente como haviam cumprido suas ordens e a situação em que se achava agora toda essa gente que lhe fora confiada por Deus e que ele queria fazer feliz.

O intendente-chefe, que considerava todas as reformas do jovem conde uma loucura prejudicial ao próprio amo, a ele, intendente, e aos camponeses, havia feito concessões. Continuando a apresentar a emancipação como uma coisa impossível, determinava a construção de grandes pavilhões para as escolas, os hospitais, os asilos.

Por toda parte, em vista da chegada do amo, preparava encontros sem pompa e sem solenidade, pois sabia que Pierre não gostava disso. Eram simples recepções de reconhecimento com os ícones, o pão e o sal, o que — ele conhecia bem seu amo — devia influir no conde e enganá-lo.

A primavera do Sul, a viagem calma, rápida, numa sege vienense, e a solidão da estrada agiam beneficentemente sobre Pierre. As propriedades que ele ainda não conhecia pareciam-lhe mais pitorescas umas do que as outras. Por toda parte o povo se mostrava feliz e cheio de gratidão pelos benefícios recebidos. Por toda

parte as recepções, embora o constrangessem um pouco, faziam no fundo da alma Pierre se sentir alegre. Numa localidade, os camponeses lhe trouxeram o pão e o sal, o ícone de Pierre e Paulo e pediram a permissão de erigir, à própria custa, um novo altar na igreja, em honra daqueles santos e em testemunho da gratidão que lhe votavam pelos benefícios recebidos. Em outra, mulheres, com crianças de peito ao colo, vieram ao seu encontro e lhe agradeceram por ter libertado as mulheres dos trabalhos pesados. No terceiro domínio, ele foi saudado pelo padre com a cruz na mão, cercado das crianças, as quais, graças aos favores do conde, ele ensinava a religião e a ler e escrever. Em todos os domínios Pierre via com os próprios olhos os pavilhões edificadas ou em construção, todos obedecendo ao mesmo plano: hospitais, escolas, asilos, que deviam ser brevemente inaugurados.

Por toda parte Pierre lia nos livros do gerente que as corveias haviam diminuído e delegações de camponeses de cafetã azul vinham ao seu encontro.

Mas Pierre ignorava que o lugar onde lhe haviam dado o pão e o sal e onde estavam construindo um altar em nome de São Pierre e São Paulo era uma aldeia comercial que realizava sua feira no dia de São Pierre, que o altar havia muito fora começado pelos ricos camponeses do lugar, por aqueles que se tinham apresentado a ele, e que nove décimos dos camponeses dessa aldeia viviam na maior penúria.

Ele ignorava que desde que haviam dispensado da corveia as mães com seus filhinhos, essas mulheres estavam sujeitas a trabalhos caseiros ainda mais duros. Ignorava que o padre que viera a seu encontro com a cruz na mão oprimia os camponeses com tributos, que os alunos lhe eram entregues com lágrimas nos olhos e que os pais deviam pagar muito dinheiro para reavê-los.

Ignorava que os pavilhões de pedra eram construídos pelos camponeses e lhes aumentavam a corveia, que só fora aliviada no papel. Ignorava que quando o intendente lhe mostrava no livro o decréscimo de um terço no tributo pago pelos camponeses, a corveia tinha aumentado em cinquenta por cento. Desse modo, Pierre estava encantado com essa viagem pelos seus domínios e sentia-se novamente empolgado pelo ardor filantrópico de que estava possuído ao deixar Petersburgo. Escreveu uma carta entusiasmada ao irmão preceptor, como ele chamava o Venerável.

Como é fácil! Como são pequenos os esforços necessários para se fazer o bem”, pensava Pierre, “e como isso nos preocupa pouco!”.

Sentia-se feliz pela gratidão que lhe haviam testemunhado, mas o fato de aceitá-la o envergonhava. Essa gratidão lhe lembrava que ele podia fazer muito mais por essa gente simples e boa.

O intendente-chefe, um homem tolo mas esperto, compreendia bem o conde, inteligente mas ingênuo, e, percebendo o efeito que haviam causado em Pierre as recepções arranjadas, manipulava-o como a um brinquedo. Dirigiu-se a Pierre, mais resolutamente do que nunca, insistindo sobre a impossibilidade, e principalmente a inutilidade, de emancipação dos camponeses, que sem ela se consideravam perfeitamente felizes.

Pierre concordava, no íntimo, com o intendente em que era difícil imaginar homens mais felizes, que só Deus sabia as consequências que a liberdade lhes traria, se bem que, contra a própria vontade, Pierre insistisse em fazer o que considerava justo. O intendente prometeu fazer todo o possível para tornar o desejo do conde uma realidade, pois sabia muito bem que ele jamais poderia não só verificar se todas as medidas haviam sido tomadas para a venda da floresta e dos domínios, para a amortização do débito ao conselho, como até era provável que ele jamais soubesse ou perguntasse a razão pela qual os pavilhões construídos continuavam vazios e os camponeses continuavam a dar em trabalho e em dinheiro o mesmo que davam antes, isto é, tudo que podiam dar.

XI

Pierre, que se encontrava na melhor das disposições, ao retornar do Sul, realizou o antigo projeto de fazer uma visita ao seu amigo Bolkonski, que não via há mais de dois anos.

Bogutcharovo estava situado numa região pouco pitoresca, coberta de campos e matos de pinheiros e bétulas, aparados e não aparados.

O solar se achava na extremidade da aldeia, que se estendia ao longo da estrada principal. Ficava atrás de um açude recentemente cavado e completamente cheio, com os bordos ainda sem grama, no seio de uma floresta de árvores novas, no meio das quais se viam alguns pinheiros muito grandes. Compreendia o celeiro, edificações de serviço, estrebarias, banheiros, um

pavilhão e uma grande casa de pedra com um frontispício em arco cuja construção ainda não estava concluída. Em torno da casa havia um jardim recentemente plantado. Os gradis e as portas eram resistentes e novos. Sob o alpendre estavam as bombas de incêndio e um tonel pintado de verde. As alamedas eram retas; as sólidas pontes tinham parapeitos. Tudo tinha a fisionomia da ordem e da boa direção. À pergunta “Onde mora o príncipe?”, os criados mostraram um pequeno pavilhão novo construído junto do açude. O velho *diatka* [\[21\]](#) do príncipe André, Anton, ajudou Pierre a descer do carro, informou-lhe que o príncipe estava em casa e o acompanhou até o vestibulo, pequeno e limpo.

Depois do ambiente brilhante onde Pierre havia visto o amigo pela última vez em Petersburgo, a casinha do príncipe André, apesar de muito limpa, surpreendeu-o pela simplicidade. Entrou rapidamente na pequena sala ainda não rebocada e saturada do cheiro de pinheiro, quis ir adiante, mas Anton precipitou-se na ponta dos pés e bateu na porta.

— O que há? — disse uma voz ríspida e desagradável.

— Uma visita — respondeu Anton.

— Manda esperar. — E o ruído de uma cadeira que empurravam foi ouvido. Pierre aproximou-se da porta em passos rápidos e viu-se cara a cara com o príncipe André, que acabava de aparecer com o cenho franzido e a fisionomia envelhecida. Pierre o abraçou, e levantando os óculos, beijou-lhe as faces e o fitou muito de perto.

— Tu aqui! Não te esperava! Estou muito contente — disse o príncipe André.

Surpreendido, Pierre não dizia nada. Sem desviar o olhar, observava o amigo. Impressionava-o a mudança que se operara nele. As palavras do príncipe André eram amáveis, os lábios e a face sorriam, mas o olhar era inexpressivo, morto. Era evidente que, apesar de desejá-lo, o príncipe André não lhe podia mostrar um semblante alegre, de satisfação.

O que chamava a atenção de Pierre e o incomodava não era o fato de seu amigo estar mais magro, pálido, envelhecido, mas sim o olhar e as pequenas rugas que indicavam uma longa concentração sobre uma coisa única, aspecto novo com que Pierre precisava habituar-se.

Nesse encontro, após uma longa separação, como sempre acontece, a conversa levou muito tempo a ser entabulada. Interrogavam-se e respondiam-se brevemente sobre assuntos que exigiam, eles o sabiam, uma longa palestra. Finalmente a conversação começou a encaminhar-se aos poucos para o que antes eles haviam abordado rapidamente: a vida passada, os planos para o futuro, a viagem de Pierre, suas ocupações, a guerra etc. A concentração e o abatimento que Pierre notara no semblante do príncipe André exprimiam-se agora com força ainda maior no sorriso com o qual ele ouvia Pierre, principalmente quando este falava com animação e alegria do passado e do futuro. O príncipe André parecia desejar tomar parte no que ele dizia, sem todavia consegui-lo. Pierre compreendeu finalmente que o entusiasmo, os sonhos, a esperança de felicidade e da prática do bem não deviam ser compartilhados com o príncipe André. Sentiu-se envergonhado de falar sobre as suas novas ideias maçônicas, excitadas e revivificadas nele pela última viagem. Conteve-se, receava parecer ingênuo. Ao mesmo tempo sentia uma vontade irresistível de mostrar o quanto antes ao seu amigo que agora ele era inteiramente outro, um homem melhor que o Pierre de Petersburgo.

— Não posso dar-lhe uma ideia do que vivi nestes últimos tempos. Eu próprio não me reconheço.

— Sim, nós mudamos muito, muito — disse o príncipe André.

— Muito bem! E você? Quais são seus planos? — perguntou Pierre.

— Meus planos? Meus planos! — repetiu ironicamente o príncipe André como se o sentido dessa palavra o surpreendesse. — Ora, como vês, estou construindo. No ano que vem quero estar completamente instalado.

Silenciosamente, Pierre fixava a fisionomia do príncipe André.

— Não é isso, eu pergunto... — disse Pierre.

O príncipe André o interrompeu.

— Mas por que falar em mim!... Conta, conta tua viagem, tudo quanto fizeste nos teus domínios.

Pierre começou a contar o que havia feito nos seus domínios, procurando esconder, tanto quanto possível, sua participação nas melhorias introduzidas.

Diversas vezes o príncipe André antecipou-se ao que ele contava, como se tudo que Pierre havia feito fosse uma história conhecida de longa data, e não só

ele escutava sem interesse, como também parecia ter vergonha do que Pierre lhe contava.

Pierre sentiu-se constrangido na companhia do amigo. Calou-se.

— É isso, meu amigo — disse-lhe o príncipe André, também visivelmente pesaroso e constrangido. — Aqui estou acampado, vim apenas olhar o que estavam fazendo. Hoje vou para a casa de minha irmã. Vou apresentá-lo a ela. Mas se não me engano, tu a conheces. — Ele parecia dar atenções a um hóspede com o qual nada tinha de comum. — Partiremos depois do jantar. E, agora queres visitar meu domínio?

Passearam até a hora do jantar, conversando sobre as novidades políticas e as relações comuns, como homens quase estranhos. Com bastante animação e interesse, o príncipe André falava de uma nova construção feita por ele na casa, mas, mesmo sobre esse assunto, no meio de uma conversa na qual ele descrevia a Pierre a futura disposição da casa, ele interrompeu-se:

— Mas isso não tem o menor interesse. Vamos jantar, depois partiremos.

Durante o jantar o assunto foi o casamento de Pierre.

— Fiquei muito admirado quando soube — disse o príncipe André.

Pierre corou, como sempre fazia quando falava no seu casamento, e disse apressadamente:

— Um dia ainda hei de lhe contar como tudo isso aconteceu. Mas pode estar certo, tudo está acabado e para sempre.

— Para sempre? — disse o príncipe André. — Nada acontece para sempre.

— Mas sabe como terminou tudo? Com certeza ouviu falar do duelo.

— Ah! Sim. Soube que também passaste por isso.

— A única coisa por que agradeço a Deus é de não ter matado esse homem — disse Pierre.

— Mas por quê? Matar um cão pernicioso é até um ato meritório.

— Não, matar um homem não é direito. É injusto.

— Por que injusto? — repetiu o príncipe André. — Os homens não podem saber o que é justo ou não. Os homens se enganam e se enganarão sempre, e principalmente no que eles consideram justo ou injusto.

— Injusto é o que provoca mal em outro homem — disse Pierre, sentindo com prazer que pela primeira vez depois de sua chegada o príncipe André se

animava, começava a falar e queria exprimir tudo o que acontecera com ele, o que era atualmente.

— E como podes saber o que é mal para um outro homem? — perguntou.

— O mal? O mal? Nós todos sabemos o que é o mal para nós mesmos — disse Pierre.

— Sim, sabemos; mas isso que eu sei que é o mal para mim, eu não posso fazê-lo a outro homem — disse o príncipe André, animando-se visivelmente e desejando exprimir a Pierre suas novas ideias sobre as coisas.

Falava em francês.

— Eu só conheço, na vida, dois males bem reais: são o remorso e a doença. Não existe bem, senão a ausência desses males. Viver para si, evitando esses dois males, eis o que agora encerra toda a minha sabedoria.

— E o amor ao próximo e o sacrifício? — começou Pierre. — Não, não posso concordar com você. Viver só para não fazer o mal, para não se arrepender, é pouco. Eu vivi assim, para mim, e perdi minha vida. Só agora, quando vivo, ou ao menos — corrigiu Pierre por modéstia — quando procuro viver para os outros, foi que compreendi toda a felicidade da vida. Não, não estou de acordo com você, e você mesmo não acredita no que está dizendo.

O príncipe André olhava Pierre em silêncio, sorriu ironicamente.

— Olha, vais conhecer minha irmã, a princesa Maria. Vão dar-se bem. Talvez tenhas razão quanto ao caso — prosseguiu depois de um silêncio —, mas cada um vive a seu modo. Dizes que viveste para ti e que quase perdeste tua vida, dizes que só conheceste a felicidade no momento em que começaste a viver para os outros. E eu experimentei o contrário. Vivi para a glória (o que é a glória? O amor a meu próximo, desejava fazer alguma coisa por ele, eu visava a seus louvores). Portanto, eu vivi para os outros e não estive na iminência de perder minha vida, mas a perdi inteiramente, e agora que vivo só para mim, sinto-me mais tranquilo.

— Mas como viver assim? — perguntou Pierre, exaltando-se. — E o filho? A irmã? O pai?

— Mas é sempre eu mesmo. Eles não são os outros. Mas os outros, *le prochain*, como você e a princesa Maria o chamam, é a principal fonte do erro e do mal. O próximo são os camponeses de Kiev a quem tu queres fazer o bem.

Fitou Pierre com um olhar irônico e provocador.

— Você está caçoando — disse Pierre, animando-se cada vez mais. — Que erro ou que mal pode haver no meu desejo de fazer o bem? Tenho feito muito pouco, é verdade, e o que fiz foi malfeito, mas em todo caso tinha o desejo de fazer alguma coisa. Que inconveniente pode haver se pessoas infelizes, os nossos camponeses, homens como nós, que nascem e morrem sem ideia alguma de Deus e da verdade, apenas conhecendo orações e cerimônias sem sentido, se eles forem instruídos nas doutrinas consoladoras da vida futura, do castigo e da recompensa? Que mal e que erro pode haver se eu lhes der médicos, hospitais, asilos para os velhos, quando essa gente adoece e morre sem nenhum socorro e é tão fácil prestar-lhes auxílio material? E não é um benefício apreciável e indiscutível se dou repouso aos camponeses, às mulheres com seus filhos, gente que não descansa dia e noite? — perguntou Pierre, gaguejando e falando muito rapidamente. — Mal e pouco, mas fiz alguma coisa, e nada me convencerá de que não agi bem, e também nada me convencerá de que você não concorda comigo. O principal — prosseguiu Pierre —, e do que eu estou certo, é que o prazer de fazer o bem é a única felicidade na vida.

— Bem, se encararmos o problema por esse prisma, a coisa é outra — disse o príncipe André. — Eu construo uma casa, planto um jardim, tu constrói asilos, uma e outra coisa podem servir de passatempo. Mas onde está o bem e o justo? Não julguemos, deixa isso para Aquele que sabe tudo. Mas queres discutir, não é? Pois seja.

Levantaram-se, deixaram a mesa e sentaram-se no patamar que servia de varanda.

— Pois bem, discutamos — começou o príncipe André. — Falas em escolas — prosseguiu, contando nos dedos —, no ensino etc., isto é, queres arrancá-lo — apontou para um mujique que passava diante deles e tirava o chapéu — de seu estado bestial e dar-lhe necessidades morais, quando eu entendo que a única felicidade possível é a do animal, e tu queres privá-lo dela. Eu o invejo e tu queres fazê-lo semelhante *a mim*, mas sem dar-lhe meus meios. Outra coisa. Dizes facilitar seu trabalho, quando eu acho que o trabalho físico é para ele uma necessidade, da mesma forma que o pensamento é para ti e para mim. Tu não podes deixar de pensar. Eu só adormeço às três da manhã, diversos pensamentos

me assaltam e não me deixam dormir. Revolvo-me na cama e não consigo adormecer antes da madrugada porque penso e não posso deixar de pensar, assim como ele não pode deixar de lavrar a terra, ceifar o trigo, pois se assim fizer irá para a taverna e adoecerá. Assim como eu não suportaria seu pesado trabalho físico e morreria ao cabo de uma semana, ele também não suportaria minha ociosidade física, engordaria e acabaria morrendo. Em terceiro lugar, o que foi que disseste? (O príncipe André dobrou o terceiro dedo.) Ah, sim, os hospitais, os remédios. Ele tem um ataque de apoplexia, vai morrer, e tu cuidas e o curas. Ele será inválido e um fardo para todo mundo durante dez anos. Para ele teria sido preferível morrer; outros nascem e existe tanta gente como ele. Se tu lamentasses ter um operário a menos ainda se poderia compreender, mas não, tu cuidas dele por amor ao próximo. E isso lhe é desnecessário. E além disso, por que razão acreditas que a medicina já tenha curado alguém? Matado, sim! — disse ele, franzindo as sobrancelhas com cólera e desviando o olhar de Pierre.

O príncipe André exprimia esses pensamentos com tanta clareza e nitidez que se via que ele já refletira sobre isso muitas vezes, e discorria de bom grado e muito rapidamente, como um homem que não conversava havia muito tempo. Seu olhar se animava na proporção do pessimismo de seus raciocínios.

— Ah! É terrível, terrível! — disse Pierre. — Não compreendo como pode viver com ideias semelhantes. Também atravessei momentos como esses. Isso ainda aconteceu há pouco tempo, em Moscou, viajando. Caí tanto que não vivia mais, tudo era negro em mim, principalmente eu próprio. Não comia mais, não me lavava mais. Mas você, como é possível?

— Por que não se lavar?... Não é asseado. Ao contrário, é preciso tornar a vida o mais agradável possível. Vivo, não tenho culpa disso, portanto, desde que não incomode a ninguém, devo viver o melhor possível até a morte.

— Mas como mete na cabeça ideias como essas? Pretende então ficar sentado sem se mexer, sem nada realizar...

— A vida não deixa ninguém tranquilo. Eu gostaria de não fazer nada, mas eis que surge de uma parte a nobreza da região e me faz a honra de eleger-me seu representante, só com muita dificuldade consegui esquivar-me. Eles não conseguiam compreender que me falta o necessário: a banalidade e a bonomia

indispensáveis para semelhantes funções. Depois, tive de construir esta casa para ter um canto para viver tranquilo. Agora é a malícia de que me ocupo.

— Por que não serve no exército?

— Depois de Austerlitz, não, obrigado — respondeu o príncipe André com ar sombrio. — Dei a minha palavra que não serviria no exército ativo russo e não servirei. Mesmo que Napoleão estivesse aqui, em Smolensk, e ameaçasse Lissia-Gori, eu não serviria no exército russo. Como ia dizendo — prosseguiu o príncipe André, acalmando-se —, agora estão recrutando a milícia, meu pai é o chefe da terceira região e o único meio de livrar-me do serviço é permanecer junto dele.

— Então está servindo?

— Estou.

Calou-se um momento.

— Mas por que está servindo?

— A razão é esta. Meu pai é um dos homens mais notáveis do seu século, mas está ficando velho, não é mau, mas de um temperamento um pouco violento. Ele é terrível devido a seu hábito de poder ilimitado, e principalmente agora, com esse poder de chefe de milícia que o imperador lhe outorgou. Há duas semanas, se eu me tivesse atrasado duas horas, ele teria enforcado um escrivão em Ukhnov — contou o príncipe André, sorrindo. — Portanto, sirvo porque, além de mim, não há quem exerça a menor influência sobre ele, e por vezes evito um ato que depois o atormentaria muito.

— E então! Está vendo!

— Sim, mas não é como você pensa — prosseguiu o príncipe André. — Eu não desejo o menor bem, não o desejava a esse canalha do escrivão que roubara botas dos milicianos, gostaria até de vê-lo enforcado, mas preocupava-me com meu pai, isto é, comigo mesmo.

O príncipe André animava-se cada vez mais. Seus olhos brilhavam febrilmente enquanto ele procurava provar a Pierre que nos seus atos não havia nunca o desejo de fazer bem ao próximo.

— Está tudo certo. A questão é a seguinte: se queres libertar teus camponeses, está muito bem, mas não para ti (creio que nunca mataste ninguém a chicote nem mandaste ninguém para a Sibéria) e muito menos para os camponeses. E mesmo

que se batam nos camponeses, que se açoitem, que se mandem para a Sibéria, creio que isso não é pior para eles. Na Sibéria eles levam a mesma vida bestial: as cicatrizes do corpo se fecham e eles se sentem tão felizes como antes. Mas é necessário para esses homens que perecem moralmente, que se arrependem, que afogam o arrependimento e se embrutecem em consequência do fato de terem a possibilidade de dar o castigo justa ou injustamente. Estes são os que eu lastimo, e por quem eu desejaria emancipar os camponeses. Tu talvez nunca tiveste a oportunidade de ver, mais eu vi gente de muito bons sentimentos, educados na tradição do poder ilimitado, e que, com os anos, sabem que se tornam mais cruéis e brutais, mas não se podem conter e cada vez sentem-se mais infelizes.

O príncipe André disse isso com tal convicção que, involuntariamente, Pierre imaginou que essas ideias lhe eram inspiradas pelo pai. Não respondeu nada.

— Isto é o que eu lastimo: a dignidade humana, a tranquilidade e a pureza da consciência, e não as costas e as cabeças dessa gente, que, por mais que sejam açoitadas ou raspadas, continuam sempre as mesmas costas e as mesmas cabeças.

— Não, não, mil vezes não. Não serei nunca de sua opinião — disse Pierre.

XII

À noite, o príncipe André e Pierre instalaram-se na carruagem e partiram para Lissia-Gori. O príncipe André fitava Pierre e, de tempos em tempos, quebrava o silêncio com palavras que provavam seu bom humor.

Mostrando os campos, falava-lhe de seus aperfeiçoamentos agrícolas.

Sombrio, Pierre respondia por monossílabos e parecia mergulhado em seus pensamentos. Pierre pensava que o amigo fosse infeliz, que estivesse errado, que não conhecesse a verdadeira luz e que ele, Pierre, devesse vir em seu auxílio, esclarecê-lo e reerguê-lo. Mas logo que achava como fazer, como começar, sentia que o príncipe André, com uma única palavra, um único argumento, destruiria toda sua doutrina, e receava começar. Receava que alguém zombasse de sua coisa sagrada, favorita.

— Não, por que pensa assim? Não deve pensar assim — começou Pierre de repente, baixando a cabeça e tomando a atitude de um touro se preparando para

dar cornadas.

— Sobre o quê? — perguntou Bolkonski admirado.

— Sobre a vida, sobre o destino do homem. Não pode ser assim. Outrora pensei como você, mas fui salvo. Sabe por quem? Pela maçonaria. Não, não ria. A maçonaria não é uma seita religiosa de ritos, como eu imaginava, é a expressão única dos melhores aspectos, dos aspectos eternos da humanidade.

Fez uma exposição da maçonaria ao príncipe André tal como ele a compreendia.

Dizia que a maçonaria é a doutrina do Cristo, desembaraçada dos entraves administrativos e da religião, a doutrina da igualdade, da fraternidade e do amor.

— Só nossa santa fraternidade tem um sentido real na vida. Todo o resto não passa de sonho. Compreenda, meu amigo, que fora dessa união, tudo é mentira e erro, e concordo que, para um homem inteligente e bom, só resta a fazer o que você faz: proteger sua vida esforçando-se em não prejudicar os outros. Mas adote nossas convicções fundamentais, entre em nossa irmandade, deixe-nos guiá-lo, e você se sentirá imediatamente, como eu me senti, como num anel de uma cadeia infinita, cujo começo se esconde nos céus.

Em silêncio, o príncipe André olhava para a frente, ouvindo Pierre. Várias vezes não tendo entendido bem, por causa do barulho das rodas, fez o outro repetir. E pelo brilho particular que iluminava os olhos do príncipe André e por seu silêncio, Pierre via que suas palavras não eram perdidas e que ele não as interromperia nem zombaria delas.

Estavam perto do arroio que enchera e era preciso passar numa balsa. Enquanto arranjavam o carro e os cavalos, eles passaram para a balsa.

O príncipe André, encostado na balaustrada, olhava silenciosamente as margens submersas que brilhavam ao sol poente.

— E então, qual a sua opinião? Por que não diz nada? — interrogou Pierre.

— O que penso? Estou te ouvindo. Tudo isso está certo. Dizes: Entra em nossa irmandade e nós te mostraremos a finalidade da vida e o destino do homem e as leis que regem o mundo. Mas quem são vocês, homens? Por que razão sabem vocês tudo? Por que só eu não vejo o que vocês podem ver? Vocês enxergam na terra o reino do bem e da verdade, eu não o vejo...

Pierre o interrompeu:

— Acredita na vida futura?

— A vida futura? — repetiu o príncipe André.

Mas Pierre não lhe deixou tempo de responder, tomando essa repetição por uma resposta negativa, tanto mais que ele conhecia o ateísmo que o príncipe André manifestava antigamente.

— Diz que não vê sobre a terra o reino do bem e da verdade. Eu também não o via, porque não é possível vê-lo admitindo nossa vida como o fim de tudo. Na terra, principalmente nesta terra (Pierre mostrava os campos), não existe verdade, tudo é mentira e maldade. Mas na criação universal existe o regime da verdade, nós somos, nesse momento, os filhos da terra e eternamente os filhos do Universo. Então não sinto em minha alma que faço parte de toda essa imensa harmonia? Então não sinto que, nessa incalculável quantidade de seres, em que se manifesta a divindade, a força superior se assim a quiser chamar, sou um elo, um degrau dos seres inferiores para os superiores? Se vejo claramente essa escala que leva da planta ao homem, por que supor que ela termine em mim e não vá adiante? Sinto que não só não posso desaparecer, nada no mundo desaparece, mas que sempre existi e sempre existirei. Sinto que além de mim, acima de mim, vivem espíritos e que nesse mundo existe a verdade.

— Sim, é a doutrina de Herder — disse o príncipe André. — Não será ela que me convencerá. A vida e a morte, eis o que me convence. Uma vez que se vê uma criatura cara, ligada a ti, com relação à qual eras culpado e esperavas justificar-te (a voz do príncipe André tremia e ele desviou os olhos), se vê subitamente essa criatura sofrer, queixar-se e deixar de existir... Por quê? Não é possível que isso não tenha resposta! Creio que há uma resposta... Eis o que me convence, eis o que me convenceu — disse o príncipe André.

— Sim, sim, mas não é o que estou dizendo? — perguntou Pierre.

— Não. Digo apenas que não são os raciocínios que convencem da necessidade de uma vida futura, mas sim este fato: quando se caminha com alguém, de mãos dadas, e de repente essa pessoa desaparece no além, no nada, tu mesmo paras diante desse abismo e olhas... E eu olhei...

— E então você sabe que *lá* existe, que lá está *alguém*. *Lá* é a vida futura e *alguém* é Deus.

O príncipe André não respondeu. A carruagem e os cavalos há muito que estavam na outra margem do arroio, já atrelados, o sol desaparecera quase totalmente, a geada da noite já cobria os charcos perto do declive que dava no rio, mas Pierre e André, com grande admiração dos criados, cocheiros e balseiros, continuavam conversando na balsa.

— Se existe Deus e a vida futura, então existe a verdade e a virtude, e a felicidade suprema do homem consiste em aspirar a elas. É necessário viver, amar, crer que não viveremos sempre como hoje, num pequeno espaço de terra, mas que vivemos e viveremos eternamente lá, no todo (e mostrava o céu).

O príncipe André, em pé, apoiado no parapeito da balsa, escutava Pierre sem despregar os olhos dos reflexos vermelhos do sol na superfície azulada da água.

Pierre calou-se. A calma era total. Há muito que a balsa estava junto da margem e unicamente as ondas da corrente, num leve ruído, batiam no fundo da embarcação. Parecia ao príncipe André que o ruído das ondas acompanhava as palavras de Pierre: “É verdade, crê.”

O príncipe André suspirou e, com um olhar radiante, infantil, suave, fitou o rosto de Pierre, vermelho de entusiasmo, sempre tímido diante do seu imponente amigo.

— É, se fosse assim... — disse. — Mas vamos — acrescentou o príncipe André e, saindo da balsa, olhou o céu que Pierre lhe mostrava. Pela primeira vez depois de Austerlitz, viu esse céu alto, infinito, que vira quando estendido no campo de batalha. Qualquer coisa há muito adormecida, qualquer coisa de melhor que estava dentro dele, acordou-se subitamente, alegre, jovem, em sua alma. Esse sentimento desapareceu logo que o príncipe André entrou de volta nas condições habituais da vida, mas ele sabia que esse sentimento que não podia fortalecer vivia nele.

Esse encontro com Pierre foi marcante para o príncipe André, e a partir de então, apesar da mesma vida exterior, uma nova vida interior começou para ele.

XIII

Já estava escuro quando o príncipe André e Pierre pararam na principal entrada de Lissia-Gori.

Quando estavam chegando, o príncipe André com um sorriso chamou a atenção de Pierre para o corre-corre que se fez no patamar. Uma velha encurvada, com um saco nas costas, e um homem, não muito grande, com uma roupa preta e cabelos compridos, ao avistarem o carro que chegava, fugiram pela porta da cocheira. Mais duas mulheres se reuniram a eles e os quatro, voltando-se assustados para o carro, desapareceram pela escada de serviço.

— São os homens de Deus — disse o príncipe André. — Pensaram que fosse meu pai. É a única coisa em que ela não lhe obedece: ele deu ordem de expulsar os romeiros e ela os recebe.

— O que são esses romeiros? — perguntou Pierre.

O príncipe André não teve tempo de responder. Os criados já vinham a seu encontro e ele os interrogava sobre o velho príncipe. O velho príncipe ainda estava na cidade e devia chegar a qualquer momento.

O príncipe André levou Pierre ao seu aposento, sempre perfeitamente preparado para recebê-lo, e foi até o quarto da criança.

— Vamos ver minha irmã — disse o príncipe André quando voltou —, ainda não a vi. Agora está escondida com seus homens de Deus. Vamos, ela vai ficar toda atrapalhada e tu verás os homens de Deus. Dou minha palavra que é interessante.

— O que são esses homens de Deus?

— Ah... verás.

Com efeito, a princesa Maria corou e perturbou-se quando eles entraram. No seu quarto, gracioso, bem-arranjado, onde uma lamparina ardia diante dos ícones, estava sentado perto dela no sofá, atrás do samovar, um rapaz com nariz e cabelos compridos, com veste de monge. Na poltrona próxima estava sentada uma mulher velha, magra, com uma expressão suave e infantil, apesar das rugas do rosto.

— André, por que não me preveniste? — disse a mulher num tom de suave censura, colocando-se na frente de seus romeiros como uma galinha na frente de seus pintos. — Encantada em vê-lo. Tenho realmente muito prazer em vê-lo — disse a Pierre, que lhe beijava a mão.

Ela o conhecera ainda criança, e agora sua amizade com André, sua infelicidade no casamento e sobretudo seu aspecto bom e simples a dispunham

em seu favor. Fitava-o com seus lindos olhos radiantes, e parecia dizer: “Gosto muito do senhor, mas peço-lhe que não ria dos meus.”

Depois dos cumprimentos da chegada, todos se sentaram.

— Ah! Ivanuchka também está aí — disse o príncipe André, designando o jovem romeiro com um sorriso.

— André — fez a princesa Maria num tom de súplica.

— É preciso dizer-te que se trata de uma mulher — disse André a Pierre.

— André, por amor de Deus! — repetiu a princesa Maria.

Via-se que as zombarias do príncipe André com os romeiros e a vã defesa destes pela princesa Maria constituíam um hábito entre irmão e irmã.

— Mas, minha boa amiga, devia até agradecer-me por explicar a Pierre sua intimidade com esse rapaz — disse o príncipe André.

— Realmente? — fez Pierre com curiosidade e em tom sério (o que lhe valeu o reconhecimento da princesa Maria), observando o rosto de Ivanuchka, que, tendo compreendido que se falava nele, olhava a todos com um ar esperto.

Era inútil a princesa Maria constranger-se pelos seus. Eles não estavam nem um pouco intimidados. A velha, com os olhos baixos, olhava de esguelha os recém-chegados. Virara a xícara no pires, guardara um pedacinho de açúcar roído e estava tranquilamente sentada em sua poltrona, esperando que lhe oferecessem mais chá. Ivanuchka bebia no pires e, com um olhar astuto, feminino, observava dissimuladamente os presentes.

— Estiveste em Kiev? — perguntou o príncipe André à senhora.

— Estive, paizinho — respondeu a velha conversadora. — Justamente no Natal tive a felicidade de comungar perto do povo santo, e agora venho de Koliazine. Aconteceu um grande milagre lá.

— E Ivanuchka anda contigo?

— Eu ando pelo meu caminho, encontrei Pelagueuchka em Iuknovo — disse Ivanuchka, procurando falar em voz baixa.

Pelagueuchka interrompeu sua camarada. Evidentemente desejava contar o que vira...

— Em Koliazine, paizinho, houve um grande milagre.

— O quê? Novas relíquias? — perguntou o príncipe André.

— Deixa, André — interveio a princesa Maria. — Não conta, Pelagueuchka.

— O que estás dizendo, mãezinha, por que não contar? Eu gosto muito do senhor. Ele é bom. É meu benfeitor enviado por Deus. Ainda me lembro de uma ocasião em que me deu dez rublos. Quando eu estava em Kiev, Kirucha, o inocente, um verdadeiro homem de Deus, inverno como verão anda de pés descalços, disse-me: “Por que não estás onde deves? Vai a Koliazine, lá existe um ícone milagroso, a Virgem Mãe apareceu.” Despedi-me dos santos e parti...

Todos estavam calados; só a romeira falava com uma voz monótona e respirando fundo.

— Chegando lá, paizinho, o povo me diz: Houve um grande milagre, santos óleos correm do rosto da Virgem Mãe.

— Bem, bem, contarás isso depois — disse a princesa Maria, corando.

— Permita-me que faça uma pergunta? — pediu Pierre. — Viste com teus próprios olhos?

— Como não, paizinho, eu mesma vi. Brilhante como a luz do próprio céu, caía gota por gota do rosto da santa Mãe.

— Mas é um embuste! — disse ingenuamente Pierre, que escutara atentamente a romeira.

— Ah, paizinho! O que estás dizendo?! — exclamou Pelagueuchka, voltando-se para a princesa, como para pedir-lhe auxílio.

— E engana-se o povo dessa forma? — repetiu.

— Senhor Jesus Cristo! — disse a romeira, persignando-se. — Não digas isso, paizinho. Um general que não acreditava em Deus disse uma vez “Os monges mentem”, e imediatamente ficou cego. Em sonho ele viu a Virgem Santa de Petchersk que vinha em sua direção e lhe disse: “Crê em mim que eu te curarei.” E eis que ele começa a gritar “Levai-me junto dela, levai-me até ela”. Isso é a verdade, eu própria vi. Levaram o cego até a casa da santa. Ele aproximou-se, caiu de joelhos e disse: “Cura-me e eu te darei o que o tsar me concedeu.” Eu mesma vi, paizinho, uma estrela está incrustada nela. E eis que ele começou a ver! É um pecado falar dessa forma, Deus castiga — disse a Pierre num tom doutrinal.

— E como foi que a estrela apareceu no ícone? — perguntou Pierre.

— E não promoveram a Santa Virgem a general? — inquiriu o príncipe André, sorrindo.

Pelagueuchka empalideceu de repente, e batendo as mãos:

— Paizinho, paizinho, é um pecado. Tu tens um filho. — disse ela, ficando vermelha depois da palidez. — Paizinho, o que disseste? Que Deus te perdoe! — Persignou-se. — Deus o perdoe! Mãezinha, o que é isso? — disse à princesa Maria.

Levantou-se e quase chorando começou a arrumar seu saco. Estava visivelmente horrorizada e envergonhada de receber benefícios numa casa onde se diziam tais coisas, e lamentava ter de privar-se para o futuro.

— Mas que prazer é esse? Por que estão em meu quarto? — disse a princesa Maria.

— Não, Pelagueuchka, estou brincando — disse Pierre. — Palavra, princesa, eu não quis ofendê-la. Falei por falar. Não faça caso, estou brincando — disse sorrindo timidamente, querendo reparar seu erro.

Pelagueuchka parou desconfiada, mas havia tanta franqueza e arrependimento na fisionomia de Pierre e o príncipe André olhava tão terno, ora Pelagueuchka, ora Pierre, que, pouco a pouco, ela acalmou-se.

XIV

A romeira se tranquilizava e, voltando à conversação, falava longamente do padre Anfilóquio, cuja vida era tão santa que sua mão espalhava o cheiro dos santos óleos, de monges que ela encontrava durante sua peregrinação a Kiev e que lhe haviam entregue as chaves das catacumbas, onde, comendo apenas um pedaço de pão, ficara dois dias com os santos.

— Rezava para um, depois ia a outro. Dormia. Voltava para beijá-lo, e o silêncio é tal, mãezinha, o bem-estar é tão grande que a gente nem pensa em voltar para o mundo.

Pierre escutava com atenção e seriamente. O príncipe André saiu do quarto. Deixando os peregrinos terminarem seu chá, a princesa Maria o seguiu e levou Pierre para a sala.

— O senhor é muito gentil — disse-lhe ela.

— Não pensava ofendê-la. Compreendo tão bem e aprecio tanto esses sentimentos.

A princesa Maria olhou-o calada e sorriu ternamente.

— Conheço-o há muito tempo e gosto do senhor como a um irmão. Como encontrou André? — acrescentou apressadamente a fim de não lhe dar tempo para responder às suas palavras amigas. — Ele me preocupa muito. Está melhor de saúde este inverno, mas na primavera passada seu ferimento se reabriu, e o médico diz que ele deve cuidar-se no exterior. Temo muito pelo seu estado de espírito. Não tem um temperamento como nós, mulheres, para sofrer e chorar a própria dor. Ele a traz consigo. Hoje ele está alegre e animado, mas devido a sua presença. Está raramente assim. Se o senhor pudesse convencê-lo a fazer uma viagem ao exterior! Ele precisa fazer alguma coisa, e essa vida regular, monótona, é sua perda. Os outros não percebem isso, mas eu estou vendo.

Às dez horas os criados se precipitaram para o patamar ao ouvirem os guizos da carruagem do velho príncipe.

O príncipe André e Pierre também foram a seu encontro.

— Quem é? — perguntou o velho príncipe ao notar a presença de Pierre quando saiu da carruagem.

— Ah! Fico muito contente! Vamos, um abraço! — disse, reconhecendo o rapaz.

O velho estava bem-humorado e recebeu Pierre muito cordialmente.

Antes da ceia, o príncipe André, voltando ao gabinete do pai, o encontrou em acalorada discussão com Pierre. Este provava que viria o tempo em que as guerras não seriam mais possíveis. O príncipe zombava dele, mas discutia sem zangar-se.

— Deixa correr o sangue das veias e o substitui por água, e então as guerras acabarão. Conversa fiada de mulher, conversa fiada de mulher — comentou. Apesar disso, batia amigavelmente no ombro de Pierre. Aproximou-se da mesa junto da qual o príncipe André, que evidentemente não queria entrar na conversa, folheava alguns papéis que o príncipe trouxera da cidade. O velho aproximou-se dele e começou a falar de negócios.

— O marechal da nobreza, o conde Rostov, não forneceu nem a metade dos homens. Veio à cidade e queria convidar-me para jantar. Eu lhe ofereci um jantar... Ah! Olha esse papel... Pois é, meu caro — fez o príncipe Nicolau Andreievitch a seu filho, batendo no ombro de Pierre —, teu amigo é um bom rapaz, gosto dele. Ele me estimula. Muitos dizem coisas sábias e a gente não tem

vontade de ouvi-los, e ele, que só diz bobagens, embala um velho como eu. Bem, podem ir, talvez eu ceie com vocês, discutiremos mais um pouco. Trata de querer bem minha tolinha, a princesa Maria — gritou a Pierre através da porta.

Só agora, em Lissia-Gori, Pierre apreciava todo o encanto e a força de sua amizade com o príncipe André. Esse encanto não se exprimia tanto nas relações pessoais como naquelas com seus parentes e familiares. Sentia-se, de pronto, como um grande amigo do velho e sisudo príncipe e da suave e tímida princesa Maria, apesar de pouco conhecê-los. Todos já o estimavam muito. Não só a princesa Maria, seduzida pela sua doçura para com os romeiros o fitava com seus olhos mais brilhantes, mas até o pequeno príncipe Nicolau, como o chamava o avô, sorria a Pierre e deixava-se ficar em seus braços. Mikhail Ivanovitch e Mademoiselle Bourienne olhavam-no com um sorriso alegre quando falava com o velho príncipe.

O velho príncipe veio cear, evidentemente por causa de Pierre. Durante os dois dias que Pierre ficou em Lissia-Gori, tratou-o muito afetuosamente e convidou-o a voltar.

Depois da partida de Pierre, quando todos os membros da família reunidos se puseram a julgá-lo, como sempre acontece depois da partida de um hóspede, só falaram, coisa rara, bem dele.

XV

Terminada a licença, Rostov sentiu, pela primeira vez, como eram fortes os laços que o ligavam a Denissov e todo o regimento.

Ao aproximar-se do regimento, sentiu a mesma emoção que o dominou quando estava prestes a chegar à sua casa da rua Povarskaia. Quando avistou o primeiro hussardo de seu regimento com o uniforme desabotoado, quando reconheceu o ruivo Dementiev e o piquete de cavalos baios, quando Lavruchka gritou alegremente a seu patrão: “O conde chegou!” e Denissov, que estava dormindo, correu da cabana todo desganhado e o abraçou com os demais oficiais reunidos em torno dele, Rostov sentiu a mesma emoção da volta a casa, quando a mãe, o pai e as irmãs o abraçavam, e lágrimas de alegria trancadas na

garganta o impediam de falar. O regimento também era uma casa, e uma casa agradável e querida como a dos pais.

Depois de ter se apresentado ao comandante do regimento, de ter recebido seu antigo esquadrão, de ter feito plantão e olhado a forragem, de ter se integrado nos pequenos interesses do regimento, quando sentiu-se privado da liberdade e integrado nesse quadro estreito, imutável, Rostov sentiu a mesma calma que sentira sob o teto paterno, esse mesmo aconchego e essa mesma consciência de estar em seu lugar.

Não havia toda essa desordem do mundo livre, onde não achava lugar para si e onde se enganava nas escolhas. Não havia Sônia, com quem não sabia se devia explicar-se. Não era possível ir ou deixar de ir a determinado lugar, não havia essas vinte e quatro horas por dia para serem empregadas como melhor lhe aprouvesse, não havia essa multidão de homens entre os quais todos ficavam igualmente indiferentes, não havia essas imprecisas relações de dinheiro com seu pai, não tinha a lembrança terrível da quantia que perdera para Dolokhov. Aqui no regimento tudo era simples e claro. Todo o mundo estava dividido em duas seções desiguais: uma, nosso regimento de Pavlograd; a outra, todo o resto. E ninguém tinha nada que ver com esse resto. No regimento tudo era conhecido. Quem é o tenente ou o capitão, quem não presta, quem é bom e, particularmente, quem é camarada ou não. O vivandeiro fia; o soldo é recebido todos os quatro meses; não há nada que inventar ou escolher, basta abster-se do que é considerado mau no regimento de Pavlograd; o que for mandado a qualquer parte deve fazer tudo que lhe foi nítida e claramente ordenado, e tudo corre bem.

Quando Rostov voltou a essas condições definidas da vida do regimento, sentiu uma satisfação e um prazer semelhante aos que sente um homem exausto que repousa. A vida do regimento era tanto mais agradável para Rostov porquanto, depois da perda no jogo (ato que não podia perdoar a si próprio, apesar de todas as consolações de seus pais), decidira, não apenas servir como antes, mas, a fim de apagar seu erro, servir bem e tornar-se estimado e admirado por seus camaradas e chefes, isto é, ser um homem digno, o que era difícil na sociedade e tão fácil no regimento.

Depois do seu prejuízo no jogo, Rostov decidiu pagar essa dívida a seus pais em cinco anos. Mandavam-lhe dez mil rublos por ano, dos quais ele decidira

gastar apenas dois mil e reservar o resto para pagar sua dívida.

* * *

Depois de diversas retiradas, ataques e batalhas perto de Pultousk e Pressich-Eylau, nosso exército se concentrava nas proximidades de Bartenstein. Esperava-se a chegada do imperador e o começo de uma nova campanha.

O regimento de Pavlograd, que se encontrava na parte do exército que fizera a campanha de 1805, tendo completado seu efetivo na Rússia, não estivera em Pultousk nem tampouco em Pressich-Eylau, e durante a segunda metade da campanha, reunindo-se ao exército ativo, fez parte do destacamento de Platov.

Esse destacamento agia independentemente do grosso do exército. O regimento de Pavlograd tivera diversas escaramuças com o inimigo, havia feito prisioneiros e uma ocasião chegara a apoderar-se das equipagens do marechal Oudinot. No mês de abril passou diversas semanas sem mover-se, numa aldeia alemã, deserta e completamente arruinada.

Era o degelo. Havia barro, fazia frio, o gelo dos arroios quebrava-se, as estradas tornavam-se impraticáveis.

Há vários dias que homens e animais estavam sem víveres. Como o reabastecimento se houvesse tornado impossível, os homens se espalhavam nas aldeias abandonadas à procura de batatas, e algumas vezes chegavam a encontrar.

Tudo fora comido, todos os habitantes haviam fugido. Os que haviam ficado estavam piores que mendigos, e em suas casas não havia nada, a tal ponto que os soldados pouco inclinados à compaixão, em lugar de tomar alguma coisa, lhes davam o que possuíam.

Nas batalhas, o regimento de Pavlograd perdera apenas dois feridos, mas pela fome e a doença perdera quase a metade de seus homens. Nos hospitais a mortalidade era tão grande que os soldados doentes, inchados ou com febre em consequência da má alimentação, preferiam servir, arrastando-se nas fileiras, a ir ao hospital. No começo da primavera os soldados descobriram uma planta que saía da terra e se assemelhava ao aspargo, e, sem que se soubesse por quê, chamavam-na “a raiz doce de Macha”. Eles espalhavam-se nos campos e nas

várzeas para procurar essa raiz doce (era muito amarga), arrancavam-na com os sabres e a comiam, apesar da proibição de comer essa planta nociva.

Na primavera uma nova doença grassou entre os soldados: o inchaço dos braços, das pernas e do rosto, que os médicos atribuíram a essa raiz.

No entanto, apesar da proibição, os soldados de Pavlograd, do esquadrão de Denissov, comiam essa raiz, porque havia duas semanas racionavam os biscoitos,

duzentos e vinte gramas por homem, e pelo fato de as batatas chegadas com o último comboio estarem geladas e grelhadas. Havia duas semanas que os cavalos do regimento se alimentavam com a palha dos telhados e estavam assustadoramente magros e cobertos de pequenos tufo de pelos de inverno.

Apesar dessa miséria, soldados e oficiais viviam como sempre; agora, com os rostos pálidos, inchados, os uniformes esfarrapados, os hussardos se arrumavam, limpavam os cavalos, levavam-lhes palha e iam comer no panelão, de onde voltavam esfomeados e fazendo graça da má alimentação e da fome. Agora, como sempre, nas horas de folga os soldados acendiam fogueiras, aqueciam-se nus perto do fogo, fumavam, cozinhavam as batatas geladas e apodrecidas e contavam ou escutavam episódios das campanhas de Potemkine e de Suvorov, ou as histórias maravilhosas de Aliocha, o sabido, ou Mikolka, o criado do padre.

Os oficiais também, como de hábito, viviam aos dois e aos três em casas sem telhado e semidestruídas. Os superiores preocupavam-se com a aquisição de palha e batatas, em geral, com os meios de alimentar os homens; os inferiores, como sempre, jogavam cartas (se não havia mantimentos, em compensação o dinheiro era abundante) ou jogos inocentes, como o *svaika* [\[22 \]](#) e bugalha. Falava-se pouco do desenrolar dos acontecimentos, seja porque nada se soubesse de positivo, seja porque se sentia vagamente que as coisas não iam muito bem.

Como da vez anterior, Rostov morava com Denissov, e a amizade que os unia ainda se tornara mais forte depois da licença.

Denissov não falava nunca da família de Rostov, mas pela ternura que o comandante testemunhava a seu oficial, Rostov sentia que o amor infeliz do velho hussardo por Natacha não era estranho a esse recrudescimento de amizade.

Era evidente que Denissov se esforçava para expor Rostov o mínimo possível, cuidava dele, e depois de cada escaramuça, o encontrava com uma alegria

particular, vendo-o são e salvo. Durante uma dessas expedições, Rostov encontrou, numa aldeia abandonada e arruinada, onde fora à procura de víveres, um velho polonês, sua filha e um bebê. Estavam maltrapilhos, famintos e não tinham meios de partir. Rostov levou-os para o acampamento, alojou-os em sua casa e os conservou algumas semanas, enquanto o velho se restabelecia. Um camarada de Rostov, falando de mulheres, pôs-se a caçoar dizendo que ele era o mais esperto de todos e que não seria pecado apresentar a linda polonesa a seus camaradas. Rostov ofendeu-se com essa brincadeira e, exaltando-se, disse tantas coisas desagradáveis a esse oficial que Denissov só com grande esforço pôde evitar o duelo. Quando o oficial se retirou, Denissov, que ignorava as relações de Rostov com a polonesa, condenou seu arrebatamento. Rostov respondeu:

— O que queres... ela é para mim como uma irmã... E não posso dizer-te o quanto me ofendi... porque... porque...

Denissov deu-lhe uma palmada no ombro e começou a andar com largas passadas sem olhar Rostov, o que lhe acontecia nos momentos de grande emoção.

— Ahh! que diabo de ‘aça essa dos ‘ostov — disse, e Nicolau notou que os olhos de Denissov estavam rasos d’água.

XVI

No mês de abril as tropas se animaram com a notícia da chegada do imperador ao exército. Rostov não assistira à revista passada pelo tsar em Bartenstein. O regimento de Pavlograd estava acampado na vanguarda, longe, muito adiante de Bartenstein. Denissov e Rostov estavam alojados numa cabana coberta de galhos e musgos, que lhes fora construída pelos soldados.

Essa cabana fora construída de uma maneira muito em uso na época: haviam cavado um fosso de aproximadamente um *archine* [\[23\]](#) e meio de largura, dois de profundidade e três de comprimento. Numa das extremidades os degraus formavam o patamar. O próprio fosso era o quarto e para os privilegiados, como o comandante de esquadrão, na extremidade oposta aos degraus havia uma mesa feita de tábuas sustentadas por estacas. De cada lado, no sentido do comprimento, cavavam a terra na profundidade de um *archine* eram as duas camas e os sofás. O telhado era feito de tal forma que no meio se podia ficar em pé, e na cama era até possível sentar-se, desde que se ficasse junto da mesa. Na

cabana de Denissov a vida era luxuosa, pois os soldados gostavam dele, e havia ali mais uma tábua pregada no teto sobre a qual se encontrava um vidro quebrado e colado. Quando fazia muito frio, traziam uma lata com brasas da fogueira dos soldados e a colocavam junto dos degraus. (Denissov chamava essa parte da cabana de antecâmara.) O calor, então, se tornava tão forte que os oficiais, sempre muito numerosos na cabana de Denissov e Rostov, ficavam em mangas de camisa.

No mês de abril Rostov estava de serviço. Às sete horas da manhã, entrando em casa depois de uma noite sem sono, mandou que lhe trouxessem brasas, mudou a roupa de baixo molhada pela chuva, orou a Deus, tomou chá, aqueceu-se, pôs suas coisas em ordem no seu canto e sobre a mesa e, com as faces ardentes, em mangas de camisa, deitou-se de costas com as mãos sob a cabeça. Pensava com satisfação que dentro de poucos dias seria promovido pela última inspeção e esperava Denissov que saíra. Rostov queria conversar com ele. No lado de fora da cabana se ouviram os gritos violentos de Denissov, que evidentemente se exaltava. Rostov aproximou-se da janela para ver com quem ele falava e reconheceu o sargento-mor Toptchenko.

— Eu já tinha te dado o'dem pa'a que não lhes deixasses come' essa 'aiz de Macha! — gritava Denissov. — Eu p'op'io vi Laza'tchuk t'azendo-as do campo.

— Transmíti a ordem, Excelência. Eles não obedecem — respondeu o sargento.

Rostov deitou-se novamente, pensando com prazer: “Bem, eles que se resolvam, eu fiz o que tinha de fazer e me deito. Pronto!”

Pelas vozes que ouvia através da parede, compreendeu que, além do sargento, Lavruchka, o esperto criado de Denissov, também estava presente. Lavruchka falava de umas certas carretas, de biscoitos, de bois que ele tinha visto quando fora buscar os mantimentos.

Nos fundos da cabana ele ouviu novamente o grito mais distante de Denissov e o comando:

— Segundo pelotão! A cavalo!

“Aonde irão eles?”, pensou Rostov.

Cinco minutos depois Denissov entrou na cabana, trepou na cama com os pés sujos, fumou o cachimbo com raiva, desarrumou tudo, agarrou a *nogaika* e o

sabre e preparou-se para sair. Quando Rostov lhe perguntou aonde ia, ele respondeu vagamente, num tom irritado, que tinha um assunto a tratar.

— Que Deus e o g'ande impe'ado' me julguem! — disse Denissov ao sair.

Do interior da cabana Rostov ouviu o ruído de cascos de diversos cavalos no barro. Não se preocupou em saber para onde Denissov partira. Depois de aquecer o corpo, adormeceu e só saiu da cabana ao anoitecer. Denissov ainda não voltara. O crepúsculo estava muito bonito. Junto da cabana vizinha, vários oficiais e um *junker* jogavam bola com paus fincados na terra úmida e barrenta. Rostov se juntou a eles. No meio do jogo os oficiais avistaram várias carretas que vinham na direção do acampamento. Uns quinze hussardos, montados em cavalos magros, as acompanhavam. As carretas, conduzidas por hussardos, aproximavam-se do piquete, e uma multidão de hussardos as cercaram.

— Aí está, Denissov andava tão aborrecido, e eis os mantimentos que chegam! — disse Rostov.

— É verdade — responderam os oficiais. — Os soldados é que vão ficar contentes.

Denissov vinha pouco atrás das carretas, acompanhado por dois oficiais de infantaria com quem conversava. Rostov foi ao encontro dele.

— Eu o previno, capitão — disse um oficial de pequena estatura, magro, visivelmente irritado.

— Já lhe disse que não devolve'ei nada — replicou Denissov.

— O senhor terá que responder por isso, capitão! Apoderar-se de comboios para os seus é pilhagem! Há dois dias que os nossos não comem.

— E os meus faz duas semanas que não comem — respondeu Denissov.

— Isso é roubo, e o senhor terá que prestar contas — repetiu o oficial de infantaria, levantando a voz.

— Mas, afinal, o que é que você que' comigo, hein? — gritou Denissov, exaltando-se. — Sou eu o 'esponsável e não você, e pa'a com esse zumbido po' aqui enquanto está são e salvo. Caiam fo'a! — gritou aos oficiais.

— Está bem! Assalto e roubo. Eu vou lhe mostrar... — gritou o pequeno oficial sem medo e sem afastar-se.

— Vai pa'a o infe'no! Cai fo'a e já enquanto está são e salvo.

Denissov virou seu cavalo na direção do oficial.

— Está bem, está bem! — disse o oficial num tom ameaçador, e, torcendo as rédeas de seu cavalo, afastou-se a trote saltitando sobre a sela.

— Pa'ece um cangu'u a cavalo! Um cangu'u a cavalo, sem ti'a' nem pô'! — gritou Denissov nas suas costas.

Era a pior zombaria que um oficial de cavalaria podia dirigir a um infante a cavalo. E, às gargalhadas, Denissov aproximou-se de Rostov.

— A"unquei da infanta'ia, tomei-lhe o comboio à fo'ça! — disse ele. — Afinal os homens não podem mo"e' de fome!

As carretas que se aproximavam dos hussardos estavam destinadas aos regimentos de infantaria, mas, tendo sido informado por Lavruchka de que esse comboio não trazia escolta, Denissov, com os hussardos, se apoderara delas à força. Foi feita uma larga distribuição de biscoitos aos soldados e até os outros esquadrões receberam uma parte.

No dia seguinte o comandante do regimento mandou chamar Denissov e, escondendo os olhos atrás dos dedos abertos, disse-lhe:

— Eis como encaro esse caso. Não sei de nada e não tomarei nenhuma providência, mas o aconselho a ir ao Estado-Maior e lá, na direção do abastecimento, arranjar essa história e, se possível, assinar um recibo de tanto e tanto de mantimentos. Caso contrário isso será debitado do regimento de infantaria e dará margem a um inquérito que poderá acabar mal.

Da cabana do comandante do regimento, Denissov dirigiu-se diretamente para o Estado-Maior, no desejo sincero de seguir esse conselho. À noite voltou num estado como Rostov jamais o vira. Denissov não podia falar, sufocava. Quando Rostov lhe perguntou o que tinha, limitou-se a proferir injúrias e ameaças incompreensíveis num tom de voz rouco e fraco.

Assustado com o estado de Denissov, Rostov aconselhou-o a despir-se, beber água e mandar chamar um médico.

— Manda-me a conselho de gue"a po' pilhagem! Que ba'ba'idade! Me dá um pouco d'água! Que me julguem, mas eu massac'a'ei essa canalha e i'ei dízê-lo ao impe'ado'. Me alcança o gelo — acrescentou.

O médico do regimento declarou que era necessário fazer uma sangria. Um prato ficou cheio de sangue negro do braço cabeludo de Denissov, e só então ele pôde contar o que lhe acontecera:

— Chego. “E então! Onde está o chefe?” Dão-me a indicação... “Queira esperar.” “Tenho meu se’viço, andei t’inta ve’s^{tas}; não tenho tempo, anuncia-me.” Bem, o chefe desses lad’ões apa’ece. Ele também p’etende da’-me uma lição: “Isso é ‘oubol!” “O lad’ão”, ‘espondo-lhe, “não é aquele que se apode’a de p’ovisões pa’a dá-las aos seus soldados, mas sim aquele que assim age pa’a embolsá-las!” Bom. “Di’ija-se ao enca”egado dos t’anspo’tes, assine o recibo e seu caso segui’á os t’âmites legais.” P’ocu’o o enca”egado dos t’anspo’tes. Chego diante de sua mesa... Quem está lá?... Imagina só! Quem está nos matando à fome! — gritou Denissov, batendo com tal força na mesa com seu braço doente que quase a virou fazendo caírem os copos que ali estavam. — Telianine! “Então és tu que nos faz jejuar!” Um, dois e paft na cara! E ace’tei bem!... O canalha ‘olou. Posso dize’-te que foi um p’aze’! — gritou Denissov, mostrando seus dentes brancos, ameaçadores, que apareciam atrás dos bigodes pretos. — Eu o te’ia matado se não tivessem apa’tado.

— Mas por que gritas? Acalma-te — disse Rostov. — Olha, está escorrendo sangue outra vez. Espera, é preciso amarrar isso.

Amarraram o braço de Denissov e fizeram-no deitar-se.

No dia seguinte ele acordou-se alegre e calmo. Mas ao meio-dia o ajudante de ordens do regimento entrou na cabana com o semblante sério e triste, exprimindo pesar, e estendeu um envelope oficial ao major Denissov da parte do comandante do regimento. Faziam-lhe perguntas sobre o caso da véspera.

O ajudante de ordens disse-lhe que esse caso poderia complicar-se seriamente, que uma comissão de inquérito havia sido nomeada e que, devido à severidade atual para os casos de pilhagem e indisciplina das tropas, na melhor das hipóteses, o caso terminaria com o rebaixamento.

Esse caso, para os oficiais ofendidos, assumia o seguinte aspecto: depois de ter se apoderado do comboio, o major Denissov se apresentara, sem convocação, bêbado, ao chefe do reabastecimento e, sem nenhuma provocação de sua parte, o havia chamado de ladrão e ameaçado esbordoá-lo. Depois disso entrara precipitadamente na secretaria, surrara dois funcionários, torcendo o braço de um deles.

Às novas perguntas de Rostov, Denissov respondeu, rindo, que era bem possível que um terceiro estivesse presente, mas que tudo isso não passava de

farsa e tolice, que ele não receava nenhum conselho de guerra e que se os covardes ousassem tocá-lo, ele responderia de forma a fazer-se lembrado.

Denissov falava desse caso num tom negligente, mas Rostov o conhecia demais para não perceber que, no fundo de sua alma (e escondendo-o dos outros), ele temia o conselho de guerra e se inquietava com as consequências desagradáveis que daí lhe poderiam advir.

Todos os dias chegavam papéis que faziam novos questionamentos, demandavam novas explicações, e no dia 1º de maio Denissov recebeu a ordem de passar o comando do esquadrão ao oficial mais graduado e apresentar-se ao Estado-Maior da divisão para prestar explicações a respeito dos fatos relativos à comissão de reabastecimentos.

Na véspera, Platov fez um reconhecimento do inimigo com dois regimentos de cossacos e dois esquadrões de hussardos. Como sempre, Denissov surgiu na primeira linha e deu provas de grande coragem. Uma das balas dos caçadores franceses feriu-lhe a coxa. Em qualquer outra ocasião, é provável que Denissov não tivesse abandonado o regimento por um ferimento tão leve, mas dessa vez ele aproveitou-se do acontecido para não se apresentar no Estado-Maior da divisão e pedir que o levassem ao hospital.

XVII

No mês de junho travou-se a batalha de Friedland, na qual o regimento de Pavlograd não tomou parte. Essa batalha foi seguida pelo armistício. Rostov, que sentia muito a ausência de seu amigo, de quem não tinha nenhuma notícia, e inquietando-se com as consequências do inquérito e do ferimento, aproveitou o armistício e pediu permissão para ir ao hospital, a fim de saber como ia passando Denissov.

O hospital se achava numa pequena aldeia prussiana, duas vezes saqueada pelas tropas russas e francesas. Exatamente por ser verão e por fazer um tempo tão agradável no campo, essa aldeia, com seus telhados e cercados em pedaços, suas ruas sujas, seus habitantes maltrapilhos, os soldados bêbados e doentes vagando a esmo, tinha um aspecto particularmente desolador.

O hospital estava instalado numa casa de pedra onde os vidros estavam quase todos quebrados e a cerca do pátio fora destruída.

Alguns soldados com ataduras, pálidos, inchados, caminhavam ou se conservavam sentados no pátio, aproveitando o sol.

Assim que Rostov chegou ao limiar da casa, foi assaltado pelo cheiro de podridão e de hospital. Na escada encontrou um médico militar russo de charuto na boca. Um enfermeiro russo seguia o médico.

— Não posso assobiar e tocar flauta ao mesmo tempo — dizia o médico. — Aparece hoje à noite na casa de Makhar Alexievitch, eu também irei.

O enfermeiro perguntou-lhe ainda alguma coisa.

— Ora, faz como melhor entenderes! É indiferente...

O doutor viu Rostov subindo as escadas.

— O que traz aqui Sua Nobreza? — perguntou. — Por que vem cá? Se nenhuma bala o atingiu, quer pegar o tifo? Aqui, senhor, é a casa da lepra.

— Por quê? — perguntou Rostov.

— O tifo, senhor. Quem entra aqui está morto. Apenas nós, eu e Makeiev (designou o enfermeiro), ainda estamos de pé. Cinco de meus colegas médicos já morreram. Quando chega um novo, numa semana é homem liquidado — disse o médico com um prazer evidente. — Os médicos prussianos foram convidados, mas nossos aliados não gostam disso.

Rostov explicou-lhe que desejava ver o major de hussardos Denissov, que estava ali.

— Não sei, não sei, meu caro. Reflita um pouco, para mim só, três hospitais, mais de quatrocentos doentes. A sorte é que as caridosas damas prussianas nos mandam café e chumaço de linho, duas libras por mês, porque de outra forma estaríamos perdidos. — Riu. — Quatrocentos, meu caro, e mandam mais incessantemente. São quatrocentos, não é? Hein? — interrogou dirigindo-se ao enfermeiro.

O enfermeiro parecia estafado. Via-se que ele perguntava a si mesmo, irritado, se o médico ia manter a conversa fiada por muito tempo.

— O major Denissov — repetiu Rostov. — Foi ferido em Mauliten.

— Creio que morreu. Não te lembras, Makeiev? — perguntou o médico em tom indiferente.

O enfermeiro não confirmou as palavras do médico.

— Ele não é grande, ruivo? — perguntou o médico.

Rostov descreveu o tipo de Denissov.

— Sim, havia um assim, sim, havia! — disse o médico alegremente. — Provavelmente morreu. Mas posso certificar-me. Eu tinha listas. Estão contigo, Makeiev?

— Estão com Makhar Alexievitch — disse o enfermeiro. — Mas faça o favor de ir ao quarto dos oficiais, e o senhor mesmo verá — acrescentou, dirigindo-se a Rostov.

— Eh! Meu caro, é preferível não ir, do contrário corre o risco de ficar também — disse o doutor.

Mas Rostov cumprimentou o médico e pediu ao enfermeiro que o acompanhasse.

— Cuidado, não vá queixar-se depois! — gritou o médico.

Rostov entrava no corredor com o enfermeiro. O cheiro de hospital era tão forte nesse corredor escuro que Rostov foi obrigado a tapar o nariz e parar para recobrar as forças. Uma porta abriu-se à direita e apareceu um homem magro, de muletas, cadavérico, descalço, em trajes íntimos. Apoiado no batente da porta, fitou os dois homens com olhos brilhantes e curiosos.

Num rápido relance de vista, Rostov notou que os feridos e os doentes estavam deitados no chão, sobre um punhado de palha ou sobre os próprios capotes.

— Pode-se entrar para olhar? — perguntou ao enfermeiro.

— Olhar o quê? — retrucou ele. Mas justamente porque o enfermeiro não parecia desejar que ele entrasse Rostov penetrou na sala dos soldados. O cheiro, com o qual acabara se habituando no corredor, aqui era ainda mais forte; aqui, era um pouco diferente, era mais concentrado, e era evidente que provinha dali.

Numa sala comprida, vivamente iluminada pelo sol que penetrava, os doentes e os feridos, com a cabeça voltada para a parede, estavam deitados em duas filas, mas, deixando uma passagem entre elas. A maioria se achava inconsciente e não prestou atenção aos que entravam. Os que estavam lúcidos ergueram os rostos emagrecidos, cadavéricos, e todos, com a mesma expressão, expressão de esperança de um auxílio, de censura e de inveja pela saúde alheia, não despregaram os olhos de Rostov. Ele caminhou no meio da sala, olhou pelas portas entreabertas dos quartos vizinhos e em toda parte viu a mesma coisa. Parou e olhou em silêncio em torno de si. Não contava com esse espetáculo.

Diante dele, atravessado no caminho, um doente estava estendido no chão. Devia ser um cossaco, pelo corte de cabelo. Estava deitado de costas, com as pernas e os braços enormes abertos. Seu rosto estava vermelho, os olhos revirados a ponto de ver-se apenas o branco e as veias dos pés e das mãos ainda vermelhas, tensas como cordas. Bateu com a nuca no chão e disse alguma coisa num tom de voz rouco, repetindo-a incessantemente. Rostov prestou atenção e compreendeu a palavra que ele repetia. Era: beber, beber.

Rostov olhou ao redor procurando um meio de colocá-lo em seu lugar e dar-lhe água.

— Quem cuida dos doentes aqui? — perguntou ao enfermeiro.

Nesse momento um soldado de serviço no hospital saiu do quarto vizinho e aproximou-se de Rostov em passos cadenciados para prestar continência.

— Meus cumprimentos, Alta Nobreza! — gritou o soldado fixando os olhos em Rostov, que, evidentemente, era tomado como chefe do hospital.

— Arruma-o e dá-lhe água — disse Rostov, mostrando o cossaco.

— Obedeço a Vossa Alta Nobreza — disse o soldado gravemente, perfilando-se ainda mais, sem, entretanto, dar um passo.

“Não, aqui não se consegue nada”, pensou Rostov baixando os olhos. Ia sair quando, à direita, sentiu um olhar muito grave que o fitava. Voltou-se. Quase no canto, um velho soldado sentado num capote, com a fisionomia amarelada, cadavérica, sisuda, a barba grisalha crescida, olhava-o obstinadamente. Ao lado, seu vizinho, cochichando, dizia-lhe alguma coisa apontando Rostov.

Nicolau compreendeu que o velho queria falar-lhe. Aproximou-se e viu que o infeliz só tinha uma perna, a outra fora amputada acima do joelho. Um outro, bastante afastado do velho, estava deitado, completamente imóvel, com a cabeça atirada para trás. Era um soldado jovem. Uma palidez de cera cobria seu rosto de nariz redondo e sardento; os olhos estavam revirados sob as pálpebras.

— Mas parece que este... — disse ao enfermeiro.

— Quantas vezes já pedimos, Vossa Nobreza... Está morto desde hoje de manhã. Afinal, somos homens e não cachorros... — disse o velho soldado com um tremor no queixo.

— Providenciarei imediatamente. Será retirado — disse o enfermeiro apressadamente. — Queira Vossa Nobreza...

— Vamos, vamos — disse vivamente Rostov, e, baixando os olhos, saiu da sala encolhendo-se sob aqueles olhares cheios de censura e de inveja fixados nele.

XVIII

Atravessaram o corredor, e o enfermeiro introduziu Rostov na seção dos oficiais, composta de três salas, cujas portas estavam abertas. Havia camas, oficiais feridos e doentes, deitados e sentados. Alguns em trajes de hospital andavam pela sala. A primeira pessoa que viu Rostov na sala dos oficiais foi um homenzinho magro, sem um braço, com um gorro e um camisolão de hospital, que, fumando cachimbo, caminhava no primeiro quarto. Rostov, com os olhos fixos nele, procurava lembrar-se de onde o havia visto.

— Veja onde Deus me permite encontrá-lo novamente — disse o homenzinho. — Tuchine, Tuchine! Lembre-se. Eu o transportei em Schoengraben! Cortaram-me um pedacinho. Veja — fez sorrindo, mostrando a manga vazia do capote. — Procura Vassili Dmitrievitch Denissov, é meu companheiro — disse, adivinhando quem Rostov procurava. — É aqui. — E Tuchine levou Rostov a um outro quarto, onde se ouviam vozes e risos.

“E como pode essa gente viver, e quanto mais rir?”, pensou Rostov, sentindo esse odor de cadáver do qual a enfermaria dos soldados estava impregnada, relembando os olhares curiosos que o acompanhavam de todos os lados e a fisionomia do jovem soldado com os olhos revirados.

Denissov dormia em sua cama com a cabeça sob as cobertas, apesar de já ser meio-dia.

— Ah! ‘ostov! Bom dia, Bom dia! — gritou como costumava fazer no regimento.

Mas Rostov percebeu com tristeza que atrás dessa vivacidade habitual havia um sentimento novo, pessimista, escondido pela expressão do rosto, a entonação e as palavras.

Seu ferimento, apesar de leve, ainda não estava curado, e contudo havia mais de seis semanas que fora ferido. Seu rosto estava inchado e pálido como os de todos os pacientes do hospital. Mas não era isso que impressionava Rostov, o que o preocupava era o fato de Denissov não parecer contente em vê-lo, sorria-lhe com esforço e não se interessava pelo regimento, nem pelo desenvolvimento

da campanha. Quando Rostov tocou nesse assunto, Denissov não prestou atenção.

Rostov notou mesmo que seu amigo ficava contrariado quando lhe falavam do regimento e, em geral, da outra vida, livre, que escoava fora do hospital. Dava a impressão de querer esquecer essa vida passada e interessar-se apenas pela sua questão com o funcionário do reabastecimento. Quando Rostov lhe perguntou em que pé estava o caso, tirou de baixo do travesseiro um papel que recebera da comissão e o rascunho de sua resposta. Animou-se quando começou a leitura desse papel e chamou a atenção de Rostov sobre as alfinetadas que dava em seus inimigos.

Os companheiros de hospital de Denissov que cercavam Rostov — alguém que vinha do mundo livre — afastaram-se pouco a pouco quando Denissov começou a leitura de sua carta.

Pelas suas expressões Rostov compreendeu que todos eles já haviam ouvido a mesma história um sem-número de vezes e estavam cheios dela. Apenas seu vizinho de cama, um ulano gordo que, sentado na cama, franzia o cenho fumando seu cachimbo, e o pequeno Tuchine, com um braço amputado, ouviam e sacudiam a cabeça em sinal de desaprovação. No meio da leitura o ulano interrompeu Denissov.

— Minha opinião — disse, dirigindo-se a Rostov — é que ele deve pedir perdão ao imperador. Dizem que haverá muitas recompensas e, provavelmente, será perdoado...

— Eu, pedi' pe'dão ao impe'ado'! — replicou Denissov numa voz a que pretendia dar um tom de firmeza enérgica e calor, mas que vibrava com uma irritação vã. — Po' quê? Se eu fosse um salteado', pedi'ia pe'dão, mas julgam-me po'que desigmo cla'amente os salteado'es! Que me julguem, não tenho medo de ninguém. Si'vo honestamente o tsa' e a pát'ia e não 'oubei! 'ebaixam a mim! Olhem... ouçam, esc'evo-lhes f'ancamente: "Se houvesse 'oubado ao gove'no..."

— Está muito bem escrito, não se pode dizer nada em contrário — objetou Tuchine —, mas não se trata disso, Vassili Dmitrievitch. — Dirigia-se também a Rostov. — A gente deve submeter-se e Vassili Dmitrievitch não o quer. Bem que o auditor disse que seu caso é difícil.

— Paciência! — disse Denissov.

— O auditor redigiu-lhe a súplica, deve assiná-la e remetê-la por ele. Ele (Tuchine designava Rostov) deve ter algum contato no Estado-Maior. Você não encontrará ocasião melhor.

— Mas eu já disse que não comete’ei nenhuma baixeza! — interrompeu Denissov, prosseguindo a leitura de seu papel.

Rostov não ousava exortar Denissov, mas sentia por instinto que a solução de Tuchine e dos outros oficiais era a mais segura e ele sentir-se-ia feliz em prestar ajuda a Denissov. Mas conhecia a obstinação de Denissov e seu ardor sincero.

Quando Denissov cessou a leitura de seus papéis envenenados, que durara mais de uma hora, Rostov não disse nada e na mais triste disposição de espírito passou o resto do dia em companhia dos outros doentes, que se reuniam em torno dele. Contou-lhes o que sabia e ouviu as histórias dos outros. Denissov calava-se e passou toda a tarde na mais sombria disposição de ânimo.

Preparando-se para sair, quase à noite, Rostov perguntou a Denissov se não o encarregava de nada.

— Sim, espe’a — disse Denissov, fitando os oficiais e tirando seus papéis debaixo do travesseiro, aproximou-se da janela onde estava o tinteiro e começou a escrever.

— Evidentemente, não adianta nada bater com a cabeça na parede — disse, afastando-se da janela e entregando um grande envelope a Rostov. Era a súplica dirigida ao imperador, redigida pelo auditor e na qual Denissov, sem mencionar os erros cometidos pelo intendente, pedia apenas perdão.

— Ent’ega a quem for de di’eito. Vê-se...

— Não concluiu a frase e sorriu com um sorriso doloroso e forçado.

XIX

De volta ao regimento, depois de ter contado ao comandante em que pé estava o assunto de Denissov, Rostov partiu para Tilsitt com a carta endereçada ao imperador.

No dia 13 de junho, os imperadores francês e russo se reuniam em Tilsitt. Boris Drubetzkoi havia pedido ao figurão, a quem estava adido, para fazer parte da comitiva destinada a ficar em Tilsitt.

— Desejaria ver o grande homem — disse, ao falar de Napoleão, que até esse momento, como todo o mundo, ele chamava de Buonaparte.

— Refere-se a Buonaparte? — perguntou o general, sorrindo.

Boris olhou interrogativamente o general e compreendeu imediatamente que ele o estava testando e procurava divertir-se à sua custa.

— Falo do imperador Napoleão, príncipe.

O general sorriu e bateu-lhe no ombro.

— Irás longe. — E levou-o consigo.

Boris foi das raras pessoas que assistiram ao encontro dos imperadores no rio Niemen. Viu as jangadas ornadas de brasões, a passagem de Napoleão na outra margem, a guarda francesa, a expressão pensativa do imperador Alexandre, enquanto esperava, silenciosamente, a chegada de Napoleão numa estalagem nas margens do Niemen. Viu os dois imperadores tomarem os botes, e, como Napoleão desembarcou primeiro, viu ele dirigindo-se para Alexandre em passos rápidos, estendendo-lhe a mão e entrando com ele no pavilhão. Desde que frequentava as altas esferas, Boris adquirira o hábito de observar atentamente o que se passava em torno dele e tomar nota de tudo. Por ocasião do encontro de Tilsitt, informou-se dos nomes das pessoas vindas com Napoleão, dos uniformes que usavam e prestou atenção às palavras dos altos figurões.

No momento em que o imperador entrou no pavilhão, consultou seu relógio, não esquecendo de fazê-lo novamente quando Alexandre saiu. O encontro durou uma hora e cinquenta e três minutos. Na mesma noite anotou isso com outros fatos que julgou de importância histórica. Como a comitiva do imperador era pouco numerosa, era muito importante, para um homem que pretende fazer carreira, estar em Tilsitt por ocasião do encontro dos imperadores, e Boris compreendeu que sua posição estava perfeitamente consolidada.

Não só tornava-se conhecido, como também era visto com bons olhos e se habituaram a ele. Duas vezes foi encarregado de comissões junto ao próprio imperador, de forma que o soberano já o conhecia de vista e que os demais, em lugar de evitá-lo como antes, quando o viam como um novato, se surpreenderiam se não o vissem.

Boris morava com um outro ajudante de ordens, o conde polonês Gilinsky. Gilinsky, polonês educado em Paris, era rico, gostava apaixonadamente dos

franceses e, em Tilsitt, os oficiais franceses da guarda do Estado-Maior almoçavam e jantavam quase diariamente com ele e Boris.

Na noite de 24 de junho, o conde Gilinsky oferecia uma ceia aos seus amigos franceses. O convidado de honra era ajudante de ordens de Napoleão. Também estavam presentes alguns oficiais da guarda francesa e um rapazinho pertencente à velha aristocracia francesa, um pajem de Napoleão.

Nesse mesmo dia, aproveitando a obscuridade a fim de não ser reconhecido, Rostov chegava, à paisana, ao alojamento de Gilinsky e Boris.

Essa reviravolta que se notava no quartel-general onde estava Boris, em que Napoleão e os franceses passaram de inimigos a amigos, ainda não se produzira no resto do exército de onde vinha Rostov. Todo o exército continuava imbuído dos mesmos sentimentos de cólera, desprezo e medo contra Napoleão e os franceses.

Ainda havia bem pouco tempo, Rostov, conversando com um oficial dos cossacos de Platov, dizia que, se Napoleão fosse feito prisioneiro, não seria tratado como imperador, mas como um simples criminoso. Recentemente, encontrando no caminho um coronel francês ferido, Rostov se exaltara provando que a paz não poderia ser concluída entre um imperador legítimo e o criminoso Bonaparte. Portanto, grande foi sua surpresa vendo oficiais franceses na casa de Boris, nos mesmos uniformes que ele estava acostumado a encarar sob um ponto de vista completamente diferente na linha de fogo.

Vendo um oficial francês aparecer à porta, foi dominado pelo mesmo sentimento belicoso e hostil que sempre sentia quando via o inimigo. Parou e perguntou em russo se não era lá que morava Drubetzkoi. Ouvindo uma voz estranha na antecâmara, Boris veio a seu encontro. Quando viu Rostov, sua primeira expressão foi de desgosto.

— Ah! És tu! Tenho muito prazer, muito prazer em ver-te — disse contudo, aproximando-se e sorrindo. Mas Rostov notara a primeira impressão.

— Parece-me que sou importuno. Não teria vindo se não tivesse um assunto... — disse friamente.

— Não, só me admiro que tenhas podido deixar o regimento. Já vou — respondeu a uma voz que o chamava.

— Vejo que sou importuno — repetiu Rostov.

Boris não dava mais a menor demonstração de aborrecimento. Refletiu e tendo, evidentemente, decidido como agir, com uma calma perfeita, segurou-o pela mão e conduziu-o à sala vizinha. Boris fitava Rostov com tranquilidade e firmeza. Seus olhos pareciam recobertos de um véu, qualquer coisa como os óculos azuis do bom-tom. Foi a impressão que teve Rostov.

— Ora deixa disso, como podes ser importuno? — protestou Boris.

Boris levou-o para a sala ao lado, onde estava servido o jantar, e apresentou-o aos convidados, dizendo que não se tratava de um civil, mas sim de um velho amigo seu, oficial de hussardos.

— O conde Gilinsky, *le comte N. N.*, *le capitaine S. S.* — dizia, fazendo as apresentações.

Rostov, de cenho franzido, olhou os franceses, cumprimentou-os contra a vontade e calou-se.

Era visível que Gilinsky recebia sem o menor prazer esse russo em seu círculo. Não disse uma palavra a Rostov. Boris parecia não perceber o constrangimento causado pelo recém-chegado e com a mesma calma amável e o mesmo véu sobre os olhos, que assumira ao encontrar Rostov, procurava animar a conversação. Um dos franceses, com a habitual delicadeza de seu país, dirigiu-se a Rostov, que se calava obstinadamente, e perguntou-lhe se viera a Tilsitt para ver o imperador.

— Não, tinha o que fazer aqui — respondeu secamente.

Rostov ficara de mau humor desde o momento em que vira anuviar-se o semblante de Boris e, como sempre acontece aos homens mal-humorados, parecia-lhe que todos o fitavam hostilmente e que ele constrangia a todos. Na verdade, constrangia toda a gente e mantinha-se fora da conversação geral, que recomeçara. “Por que estará aqui?”, pareciam perguntar os olhos dos presentes.

Levantou-se e se aproximou de Boris.

— Estou te incomodando — disse em voz baixa. — Vamos conversar sobre meu assunto e eu irei embora.

— Absolutamente — protestou Boris. — Agora, se estás cansado, poderás repousar um pouco no meu quarto.

— Sim, é melhor...

Entraram no pequeno quarto de Boris. Sem sentar-se, ainda irritado, como se Boris tivesse alguma culpa, contou o caso de Denissov e perguntou ao amigo se lhe era possível intervir por ele, junto ao imperador, por intermédio de seu general, e transmitir-lhe uma súplica.

Quando se viram a sós, Rostov sentiu pela primeira vez que não podia fitar Boris nos olhos sem um certo constrangimento.

Com as pernas cruzadas, acariciando com a mão esquerda os dedos finos da mão direita, Boris parecia um general ouvindo o relatório de um subordinado, ora olhando para os lados, ora, com o mesmo véu encobrindo o olhar, fitava Rostov de frente. Cada vez que isso acontecia, Rostov baixava os olhos, constrangido.

— Ouvi falar em assuntos desse gênero e sei que o imperador é muito severo em casos semelhantes. Acho que não deveria levar esse caso até Sua Majestade. Na minha opinião o melhor seria dirigir-se ao comandante do corpo... Mas, em geral, eu penso...

— Então não queres fazer nada! — exclamou Rostov, quase gritando e sem olhar para Boris.

Boris sorriu.

— Ao contrário, farei tudo que puder, apenas acho...

Nesse momento, a porta abriu-se e Gilinsky apareceu chamando Boris.

— Vai, vai... — disse Rostov, e, recusando ir jantar, ficou muito tempo andando de um lado para outro no quartinho, ouvindo as conversações alegres, em francês, no aposento vizinho.

XX

Rostov chegara a Tilsitt no dia mais impróprio possível para o que tinha a fazer. Ele próprio não podia procurar o general de serviço, pois estava à paisana e viera sem permissão de seus chefes. E Boris, mesmo que quisesse, não podia fazer nada no dia seguinte à chegada de Rostov. Nesse dia, 27 de junho, foram assinadas as preliminares da paz. Os imperadores haviam trocado condecorações: Alexandre recebera a Legião de Honra e Napoleão, a cruz de Santo André do primeiro grau. Nesse dia deveria realizar-se o banquete que o batalhão da guarda francesa oferecia ao batalhão Preobrajenski, com a presença dos imperadores.

Rostov sentia-se tão incomodado com Boris que, quando o amigo veio ao quarto, depois do jantar, fingiu que dormia, e no dia seguinte saiu cedo pela manhã, procurando não se encontrar com ele.

De sobrecasaca e chapéu redondo, Nicolau vagava pela cidade examinando os franceses e seus uniformes, olhava as ruas e a casa onde os imperadores russo e francês estavam instalados. Na praça viu as mesas arrumadas e os preparativos do almoço; as ruas estavam enfeitadas com bandeiras russas e francesas e enormes monogramas A. e N. As janelas das casas também estavam adornadas com bandeiras e monogramas. “Boris não quer ajudar-me e eu não lhe pedirei mais nada, é assunto resolvido”, pensava Nicolau. “Entre nós tudo está acabado, e eu não sairei daqui sem fazer todo o possível por Denissov e, sobretudo, sem entregar a carta ao imperador. Ah! O imperador está ali!”, pensava, voltando involuntariamente na direção da casa ocupada por Alexandre. Perto dessa casa estacionavam vários cavalos de sela e a comitiva se reunia; evidentemente ela se preparava para a saída do imperador. “Poderei vê-lo a qualquer momento”, pensava Rostov. “Se ao menos eu pudesse entregar-lhe pessoalmente a súplica, dir-lhe-ia tudo. Creio que não seriam capazes de prender-me por causa de meu traje. Ele compreenderia de que lado está a justiça. Ele compreende tudo, sabe tudo. Quem pode ser mais justo e mais magnânimo que ele? Afinal, mesmo que me prendessem por estar aqui, não seria grande o mal. Ah, estão se reunindo”, pensava olhando o oficial que entrava na casa ocupada pelo imperador. “Ora, tudo isso é bobagem. Levarei a carta ao imperador. Pior para Drubetzkoï, que me forçou a isso.”

Subitamente, com uma decisão de que ele próprio não se julgava capaz, apalpando a carta que tinha no bolso, Rostov dirigiu-se para a casa onde estava o imperador. “Não, agora não deixarei escapar a ocasião como em Austerlitz.” Esperava encontrar o imperador a qualquer momento e sentia com esse pensamento o sangue fluir ao coração. “Cairei aos seus pés e suplicar-lhe-ei. Ele me ouvirá, me levantará e me agradecerá.” “Sinto-me feliz quando posso fazer bem; reparar a injustiça é minha maior alegria.” Rostov imaginava que o imperador diria essas palavras. E passou pelos curiosos que o olhavam no patamar da casa onde estava o imperador.

Do patamar subia uma grande escada. À direita havia uma porta fechada. Embaixo, sob a escada, uma porta dava acesso ao andar inferior.

— O que deseja? — perguntou-lhe alguém.

— Entregar uma carta, uma súplica, à Sua Majestade — disse Nicolau com voz trêmula.

— Uma súplica? Faça o favor, por aqui, com o oficial de serviço (mostraram-lhe a porta de baixo). Mas não poderá ser recebido agora.

Ouvindo essa voz indiferente, Rostov assustou-se com o que estava fazendo. A ideia de ver o imperador de um momento para o outro lhe era, ao mesmo tempo, tão sedutora e terrível que ele estava pronto a fugir, quando o oficial com quem encontrara abriu-lhe a porta da sala de serviço e ele entrou. Ali se achava um homem gordo, de estatura média, com uns trinta anos de idade, vestindo apenas calças brancas com botas altas e camisas de cambraia que, evidentemente, acabara de vestir. Um criado ajudava-o a pôr os suspensórios novos de seda, que chamaram a atenção de Rostov sem que ele soubesse por quê.

Esse homem falava com alguém que estava no outro aposento.

— Bem-feita de corpo e linda como um demônio — dizia. Ao notar a presença de Rostov, calou-se franzindo o cenho.

— O que deseja? Uma súplica?...

— O que é? — perguntou alguém no outro aposento.

— Outro solicitante — respondeu o homem dos suspensórios.

— Diga-lhe que venha mais tarde. Ele vai sair agora.

— Mais tarde, depois, amanhã... Hoje já é muito tarde...

Rostov voltou-se para sair, mas o homem dos suspensórios o deteve.

— Da parte de quem? Quem é o senhor?

— Da parte do major Denissov — respondeu Rostov.

— E o senhor? É oficial?

— Tenente, conde Rostov.

— Que audácia! Encaminhe por seu chefe, pelo comando. Vá embora... — E vestiu a túnica do uniforme que o criado lhe estendia.

Rostov saiu para o vestíbulo e viu que o patamar estava cheio de oficiais e generais em uniforme de gala, diante dos quais deveria passar.

Maldizendo sua audácia, tremendo só em pensar que de um momento para o outro poderia encontrar o imperador, passar pela vergonha de ser preso diante dele, compreendendo a inconveniência de seu ato e o lamentando, Rostov procurava escapar sem ser notado pela brilhante comitiva, quando uma voz conhecida o chamou e uma mão o deteve.

— Você, meu caro? O que está fazendo aqui à paisana? — perguntou-lhe alguém em voz grave.

Era o general da cavalaria, antigo comandante da divisão onde servia Rostov, e que nessa campanha merecera favores especiais do imperador.

Assustado, Rostov começou a justificar-se, mas ao notar a expressão jovial e amável do general, afastando-se um pouco para um lado, contou-lhe o que o trazia a Tilsitt e pediu-lhe que intercedesse por Denissov, que ele conhecia.

Depois de ouvir Rostov, o general sacudiu gravemente a cabeça.

— É uma lástima! É uma lástima para esse bravo! Dá-me a carta.

Mal Rostov terminara a história de Denissov e entregara a carta, ressoaram passos rápidos na escada, com um tinir de esporas, e o general dirigiu-se para o patamar. Os oficiais da comitiva do imperador desciam as escadas correndo para os seus cavalos. O escudeiro Ainé, que estivera em Austerlitz, fez avançar o cavalo do imperador, e logo em seguida passos leves, que Rostov reconheceu, se fizeram ouvir.

Esquecendo o perigo de ser reconhecido, Rostov, com alguns burgueses curiosos, aproximou-se do patamar e novamente, depois de dois anos, reviu os traços que adorava: o mesmo rosto, o mesmo olhar, o mesmo andar, o mesmo conjunto de majestade e suavidade... E o sentimento de amor e de entusiasmo pelo imperador renasceu na alma de Rostov com a força antiga.

O imperador, no uniforme do regimento de Preobrajenski, calças, botas altas, brancas, e uma estrela que Rostov não conhecia (a Legião de Honra), apareceu no patamar, com o chapéu sob o braço e calçando as luvas. Parou e olhou, aquele olhar lançava um clarão em torno dele. Disse algumas palavras a uns generais. Reconheceu o antigo chefe de divisão de Rostov, sorriu-lhe e chamou-o.

Toda a comitiva afastou-se e Rostov viu que o general falava demoradamente de alguma coisa ao imperador. O imperador respondeu-lhe com algumas palavras e aproximou-se do cavalo. Novamente a comitiva e a multidão onde

estava Rostov aproximaram-se do imperador. Alexandre parou perto do cavalo, e, empunhando a sela, dirigiu-se ao general de cavalaria em voz alta, evidentemente para que todos o ouvissem:

— Não posso, general, e não posso porque a lei é mais forte que eu.

O general inclinou respeitosamente a cabeça. O imperador montou e partiu a galope. Fora de si com o entusiasmo, Rostov correu atrás dele com a multidão.

XXI

Na praça aonde ia o imperador, um em frente ao outro, se achavam, à direita, o batalhão Preobrajenski, e, à esquerda, o da guarda francesa, com barretina de pele.

Enquanto o imperador se aproximava do flanco de um batalhão que apresentava armas, no lado oposto chegava a galope uma multidão a cavalo e diante da qual Rostov reconheceu Napoleão. Não podia ser outro. Galopava um cavalo cinzento, puro-sangue árabe, ornado com xairol avermelhado bordado em ouro. Ele usava um pequeno chapéu na cabeça, a condecoração de santo André a tiracolo, a casaca azul aberta sobre o colete branco. Aproximando-se de Alexandre, tirou o chapéu, e nesse movimento o olho experimentado de Rostov não pôde deixar de perceber que Napoleão montava mal. O batalhão gritava “Hurra!” e “Viva o imperador”. Napoleão disse alguma coisa a Alexandre. Os dois imperadores apearam e apertaram-se as mãos. Um sorriso antipático e falso se espelhava no rosto de Napoleão; Alexandre, com uma expressão amiga, lhe dizia qualquer coisa.

Sem baixar os olhos, apesar dos cavalos dos granadeiros que continham a multidão, Rostov acompanhava todos os movimentos do imperador Alexandre e de Bonaparte. Estava surpreso com esse fato inesperado para ele: Alexandre tratava Napoleão de igual para igual e este mostrava-se muito à vontade com o imperador russo, como se essa proximidade lhe fosse natural e familiar.

Alexandre e Napoleão, acompanhados pelas enormes comitivas, aproximavam-se do flanco direito do batalhão de Preobrajenski, caminhando em direção à multidão que lá se encontrava. Inesperadamente a multidão ficou tão perto dos imperadores que Rostov, bem na frente, receou ser reconhecido.

— *Sire*, peço permissão para dar a Legião de Honra ao mais valente dos seus soldados... — disse a voz seca, precisa, acentuando cada sílaba. O pequeno Napoleão falava assim encarando de alto a baixo Alexandre.

O tsar ouvia atentamente o que ele dizia e, inclinando a cabeça, sorriu amavelmente.

— Ao que se portou com mais bravura nesta última guerra — acrescentou Napoleão, escandindo as sílabas e com uma calma e segurança revoltantes para Rostov, e olhando as tropas russas que se perfilavam diante dele, continuando a apresentar armas e com os olhos fixos no rosto do seu imperador.

— Vossa Majestade me permite que peça a opinião do coronel? — disse Alexandre, aproximando-se do príncipe Kozlovski, comandante do batalhão.

Napoleão, com suas mãos pequenas e brancas, descalçou as luvas, rasgou-as e jogou-as fora. O ajudante de ordens que estava próximo a apanhou apressadamente.

— A quem daremos? — perguntava em voz baixa e em russo o imperador Alexandre a Kozlovski.

— A quem Vossa Majestade ordena que dê?

O tsar franziu a testa em sinal de descontentamento, voltou-se e disse:

— Mas é necessário que lhe responda alguma coisa.

Kozlovski, resolutamente, percorreu as fileiras num olhar que também abrangia Rostov. “Talvez a mim”, pensou Rostov.

— Lazarev! — chamou o coronel com expressão carregada. O soldado Lazarev, que se achava na primeira fileira, aproximou-se num ar decidido.

— Aonde vais? Espera aqui!... — cochicharam a Lazarev, que não sabia aonde ir. Lazarev parou olhando assustado para o coronel, e seu rosto tremia como acontece aos soldados chamados para a frente.

Napoleão mal virou a cabeça, fez um movimento com a mão pequena e rechonchuda como se quisesse pegar alguma coisa. As pessoas de sua comitiva adivinharam imediatamente do que se tratava: movimentaram-se, cochicharam, e o pajem, o mesmo que Rostov encontrara na casa de Boris, correu para a frente, inclinou-se respeitosamente diante da mão estendida e sem a fazer esperar entregou-lhe a condecoração com a fita vermelha. Sem olhar, Napoleão apertou dois dedos. A condecoração estava entre eles. Aproximou-se de Lazarev, que,

espantado, continuava a fitar obstinadamente seu imperador. Napoleão voltou-se para Alexandre, mostrando que o que estava fazendo nesse momento era para seu aliado. A pequena mão branca que segurava a condecoração tocava a lapela do soldado Lazarev. Napoleão parecia acreditar que isso era o bastante para que esse soldado fosse feliz o resto da vida, para que se julgasse recompensado e distinguido entre todos os outros homens. Retirou a mão e aproximou-se de Alexandre, deixando a cruz no peito de Lazarev. Ela foi presa então por oficiais de ambas as comitivas, que vieram imediatamente.

O soldado fitava com ar sombrio esse homenzinho de mãos brancas que lhe havia feito alguma coisa e continuava, imóvel, apresentando armas. Depois, procurou novamente os olhos de Alexandre, parecia perguntar-lhe: “Será necessário que eu continue sempre em pé, não me mandarão afastar-me ou fazer alguma outra coisa?” Mas não lhe deram nenhuma ordem e ele continuou por muito tempo ainda na mesma posição.

Os imperadores montaram e partiram. Os soldados de Preobrajenski se misturaram com os da guarda francesa e sentaram-se diante da mesa que lhes fora preparada. Lazarev estava no lugar de honra; todos o abraçavam e felicitavam. Os oficiais russos e franceses apertavam-lhe a mão. Grande número de gente e oficiais aproximavam-se, apenas para vê-lo. O rumor dos risos e das conversações em russo e em francês enchia a praça, em volta da mesa. Dois oficiais corados, de rosto alegre, passaram na frente de Rostov.

— Que banquete, meu caro! Tudo de prata! Viste Lazarev?

— Sim.

— Dizem que amanhã os soldados de Preobrajenski farão um jantar para os franceses.

— Que sorte a desse Lazarev! Mil e duzentos francos de pensão vitalícia.

— Isso é que é chapéu, rapaziada! — gritava um soldado russo, pondo a barretina de um francês.

— É maravilhoso, admirável!

— Ouviste a palavra de ordem? — dizia a seu camarada um oficial da guarda.

— Anteontem era: “Napoleão, França, Bravura”; ontem, “Alexandre, Rússia, Grandeza”. Num dia é nosso imperador que dá a palavra de ordem, no dia

seguinte Napoleão. Amanhã o imperador mandará a cruz de São Jorge ao mais valente dos guardas franceses. É obrigatório, tem que pagar na mesma moeda.

Boris e seu camarada Gilinsky também vieram ver o banquete dos soldados de Preobrajenski. Quando voltavam, Boris viu Rostov, que estava num canto de uma casa.

— Rostov! Bom dia! Nem chegamos a ver-nos — disse, e não pôde deixar de perguntar-lhe se acontecera algo, tão sombria e transtornada era sua expressão.

— Nada, nada — respondeu Rostov.

— Vai lá em casa?

— Sim, irei.

Rostov continuou muito tempo no seu canto, olhando de longe os que estavam em torno das mesas. Seu cérebro, que trabalhava desesperadamente, não conseguia encontrar uma solução. As mesmas dúvidas o assaltavam. Ora lembrava-se de Denissov, completamente mudado, sua submissão e todo o hospital com esses braços e pernas amputados, a sujeira, o sofrimento. Sentia tão vivamente aquele cheiro de hospital e de cadáver que chegou a olhar em volta para descobrir de onde ele provinha. Ora lembrava-se de Napoleão, cheio de si, com sua mão branca, agora imperador e estimado e respeitado pelo tsar Alexandre. Então, por que aqueles membros arrancados e aqueles homens mortos? Ora lembrava-se de Lazarev condecorado, de Denissov castigado e não perdoado. Surpreendeu-se com pensamentos tão estranhos que ficou assustado. O cheiro do banquete de Preobrajenski e a fome o arrancaram de suas reflexões. Precisava comer alguma coisa antes de partir. Foi ao hotel que avistara pela manhã. Havia tanta gente, oficiais à paisana como ele, que foi com dificuldade que conseguiu almoçar. Dois oficiais de sua divisão juntaram-se a ele. Naturalmente a discussão foi em torno da paz.

Os camaradas de Rostov, como a maioria do exército, estavam descontentes com a paz concluída depois de Friedland. Diziam que mais uma pequena resistência seria suficiente para liquidar Napoleão, pois seu exército não tinha mais pão nem cartuchos.

Nicolau comeu em silêncio, mas principalmente bebeu. Só ele bebeu duas garrafas de vinho. O problema interior que ele não conseguia solucionar atormentava-o ainda. Receava entregar-se a essas ideias e não conseguir libertar-

se delas. Subitamente, ouvindo as palavras de um oficial que dizia que era humilhante olhar para os franceses, Rostov começou a gritar com um calor injustificado que surpreendeu os dois oficiais.

— E como podem decidir o que seria melhor? — Seu rosto ficou vermelho. — Como pode julgar os atos do imperador? Que direito temos nós de discutir? Não podemos compreender nem o alcance disso, nem os atos do imperador.

— Mas eu não disse uma palavra sobre o imperador! — justificava-se o oficial, que só podia explicar esse arrebatamento julgando Rostov embriagado.

Mas Rostov não o ouvia.

— Nós não somos funcionários diplomáticos, somos soldados e nada mais! Recebemos ordem de morrer e morremos. Se alguém foi punido, é porque teve culpa; não cabe a nós julgar. Se é do gosto do imperador reconhecer Bonaparte como imperador e concluir uma aliança com ele, é que tal se torna necessário. Se nos plantarmos a discutir e raciocinar sobre tudo, não existirá mais nada sagrado neste mundo! Então, diremos que não existe Deus, que nada existe! — gritava Rostov, batendo com o punho fechado na mesa, e suas ideias, muito fora de propósito na opinião de seus companheiros, eram muito lógicas segundo o desenrolar de seu raciocínio.

— Nossa obrigação é cumprir nossos deveres, entrar na batalha e não pensar, aí está — concluiu.

— E beber — disse um oficial que não queria disputas.

— Sim, e beber — concluiu Nicolau. — Eh! Garçom! Mais uma garrafa! — gritou.

Sexta parte

I

Em 1808, o imperador Alexandre teve um novo encontro, em Erfurt, com o imperador Napoleão. Na alta sociedade de Petersburgo muito se falou no esplendor desse encontro solene.

Em 1809, a amizade dos dois potentados do mundo, como chamavam Napoleão e Alexandre, era tão grande que, nesse ano, quando Napoleão declarou guerra à Áustria, um corpo de exército russo foi mandado para apoiar Bonaparte, ex-inimigo, contra o antigo aliado, o imperador da Áustria.

Era tal essa amizade que, nas altas esferas, falava-se na possibilidade de um casamento entre Napoleão e uma das irmãs do imperador Alexandre. Mas, além das condições políticas externas, a atenção da sociedade russa, nessa época, estava vivamente fixada nas reformas internas que se operavam em todos os setores da administração.

A vida, no entretanto, a verdadeira vida dos homens, com seus interesses essenciais de saúde, doença, trabalho, repouso, com suas aspirações intelectuais dirigidas para as ciências, poesia, música, amor, amizade, ódio, paixões, continuava, independente como sempre, sem preocupar-se com a amizade política ou a hostilidade para com Bonaparte, nem tão pouco com qualquer espécie de reformas.

* * *

Havia dois anos que o príncipe André vivia constantemente no campo.

Todos os empreendimentos que Pierre iniciara em seus domínios, sem chegar a nenhum resultado, pois passava sempre de um negócio a outro, eram realizados pelo príncipe André sem a menor publicidade e sem dificuldade aparente.

Desenvolvera ao mais alto grau essa tenacidade prática que faltava a Pierre e que, sem esforço e sem agitação de sua parte, impulsionava os empreendimentos.

As trezentas almas de um de seus domínios estavam classificadas entre os agricultores livres (um dos primeiros exemplos desse gênero na Rússia); nos demais, substituíra a corveia pelo foro. Em Bogutcharovo instalara, à sua custa,

uma parteira e um padre remunerado, para ensinar a ler e escrever os filhos dos camponeses e criados.

O príncipe André dividia seu tempo entre Lissia-Gori, com o pai e o filho que ainda estava aos cuidados das criadas, e seu ermitério de Bogutcharovo, como dizia o velho príncipe. Apesar da indiferença que demonstrava a Pierre por todos os acontecimentos exteriores, acompanhava-os atentamente, recebia muitos livros e notava com surpresa que as pessoas chegadas diretamente de Petersburgo, isto é, do centro da ação, para visita-lo ou o pai estavam infinitamente menos informadas do que ele — que nunca deixava o campo — sobre tudo o que se passava na política interna ou externa.

Além dos cuidados com seus domínios e a leitura de livros os mais diversos, o príncipe André ocupava-se com a análise de nossas duas últimas campanhas malsucedidas, e redigia um projeto renovando nossos códigos e regulamentos militares.

Na primavera de 1809 foi à província de Riazan visitar o domínio de seu filho, de quem era tutor.

Aquecido pelo sol primaveril, sentado em seu carro, observava a relva nascente, as primeiras folhas das bétulas, as primeiras nuvens da primavera que corriam no azul-claro do céu. Não pensava em nada e, alegremente, sem refletir, olhava para todos os lados.

O carro passou pela balsa onde, no ano anterior, conversara com Pierre. Atravessou a aldeia de aspecto pobre, os estábulos, os campos de trigo verde; na base da colina havia neve junto de uma ponte, e à medida que subia o terreno argiloso sucediam-se os restolhais e as moitas verdejavam ao longo da estrada. Finalmente penetrou na floresta de bétulas. Estava quase quente na floresta. Não soprava a menor brisa. As bétulas, cobertas de folhas verdes, gordas, permaneciam imóveis e, sob as folhas do ano anterior, impelindo-as para cima, surgiam os novos brotos, com as primeiras flores lilases. Espalhados pela floresta, pinheirinhos de um verde sombrio, eterno, lembravam desagradavelmente o inverno. Os cavalos assustaram-se ao entrar no mato; estavam cobertos de suor.

O criado Pierre disse alguma coisa ao cocheiro. Este respondeu afirmativamente, mas ficou evidente que isso não bastava a Pierre. Ele virou-se

no banco, dirigindo-se ao amo.

— Excelência, que bom a gente respirar! — disse respeitosamente.

— Hein?

— Que bom, Excelência.

“O que estará dizendo?”, pensou o príncipe André. “Ah! Sim, a primavera”, e olhou em volta. “Já está verde; tudo já está verde. Parece que foi de repente! E bétulas, cerejeiras, amieiros começam a verdejar também... E o carvalho, que ainda não se vê? Ah! Ali está ele!”

Um carvalho erguia-se à margem da estrada. Provavelmente dez vezes mais velho que as bétulas que formavam a floresta, era dez vezes mais grosso e alcançava o dobro da altura de cada uma delas. Tinha alguns galhos quebrados, provavelmente há muito tempo, sua casca estava toda gretada. Com seus enormes braços e dedos assimétricos e abertos, parecia, entre as bétulas sorridentes, um velho monstro mau e desdenhoso. Só ele não queria submeter-se ao encanto da primavera e recusava-se a ver o sol.

“A primavera, o amor e a felicidade!”, parecia dizer esse carvalho. “Como suportam sempre o mesmo embuste grosseiro, insensato, sempre a mesma coisa, sempre a mentira. A primavera, o sol e a felicidade não existem. Vejam os pinheirinhos esmagados, mortos, sempre sós. Contemplem a mim, que abri meus dedos quebrados na direção em que cresceram, nos lados, nas costas, e assim permaneço sem crer nas esperanças nem nas mentiras de vocês!”

Continuando a viagem, o príncipe André voltou-se várias vezes para olhar esse carvalho como se esperasse alguma coisa. As flores e a relva cresciam em torno, e ele sempre imóvel e sombrio, obstinadamente em pé.

“Sim, este carvalho tem razão, mil vezes razão”, pensou. “Que os outros, os jovens, deixem-se iludir de novo. Para nós que conhecemos a vida, ela está terminada!”

Uma nova série de ideias desesperadas, mas agradavelmente tristes, surgiu em sua mente, enquanto pensava no carvalho.

Nessa viagem, parecia refletir novamente em toda sua vida e chegar à conclusão antiga, tranquilizadora e resignada de que não se deve iniciar nada e que deve terminar sua vida sem fazer o mal, sem perturbar-se, sem nada desejar.

II

A fim de tratar dos assuntos da tutela do domínio de Riazan, o príncipe André tinha necessidade de falar com o marechal da nobreza do distrito, o conde Ilia Andreievitch Rostov. Procurou-o em meados de maio.

Os primeiros calores da primavera haviam chegado. A floresta estava completamente verde. O calor e a poeira eram tais que a vista da água provocava o desejo de banhar-se.

Triste e preocupado com o pedido que devia fazer ao marechal da nobreza a respeito de seus negócios, o príncipe André avançava de carruagem pela alameda do jardim dos Rostov em Otradnoie. À direita, através das árvores, ouvia alegres gritos femininos. Em seguida viu uma porção de meninas que atravessavam a estrada correndo.

Uma menina muito franzina, estranhamente franzina, de cabelos negros, olhos negros, com um vestido de linho amarelo e um lenço na cabeça que deixava escapar mechas de seus cabelos, corria na frente, não longe de seu carro. Gritava alguma coisa, mas ao avistar um estranho deu volta sem olhar para ele, continuando a rir.

Sem saber como explicar, o príncipe André sentiu um doloroso constrangimento.

O dia estava tão bonito, o sol tão claro, tudo que o cercava era tão alegre... E essa menina franzina e bonita, que não o conhecia e nem queria saber de sua existência, contente e feliz com a própria vida, provavelmente tola, mas alegre e tranquila... “Com que estará se divertindo? Em que estará pensando? Não em regulamentos militares, com certeza, nem na organização dos camponeses de Riazan. Em que pensará? Por que é feliz?”, indagava André para si mesmo, sem compreender o motivo de sua curiosidade.

Em 1809, o conde Ilia Andreievitch continuava vivendo em Otradnoie de acordo com seus hábitos, isto é, recebendo quase toda a província, acompanhando caçadas, teatros, jantares, música. Como sempre acontecia com todo hóspede que chegava, estava encantado em receber o príncipe André e forçou-o a pernoitar.

O dia foi cansativo, o casal Rostov e os convidados mais respeitáveis que enchiam a casa do velho conde, aguardando a festa próxima, deram-lhe todas as

atenções, mas Bolkonski, continuando a observar Natacha, que ria de tudo e divertia-se com a outra metade dos hóspedes, os jovens, se indagava: “No que pensará? Por que é tão feliz?”

À noite, isolado nesse ambiente novo para ele, custou muito a dormir. Leu, apagou a vela, acendeu-a novamente. No quarto, com os contraventos cerrados, estava quente. Resmungava contra esse velho imbecil (era como designava o velho Rostov) que o retivera a pretexto de que os papéis necessários ainda não haviam chegado da cidade. Estava irritado consigo próprio por ter ficado.

Levantou-se e aproximou-se da janela para abri-la. Assim que empurrou os contraventos, o luar invadiu o quarto como se estivesse junto da janela espreitando esse momento. Abriu-a. A noite estava fresca, imóvel e clara.

Bem defronte à janela alinhavam-se árvores podadas, negras de um lado e prateadas do outro. Sob as árvores crescia uma vegetação qualquer, luxuriante, úmida, cheia de ramos onde surgiam, de quando em quando, algumas folhas e hastes prateadas. Mais distante, atrás das árvores escurecidas, um telhado brilhava sob o sereno. Ainda mais longe uma grande árvore ramalhuda, de tronco claro, branco. Ao alto, a lua, quase cheia, e o céu claro de primavera, quase sem estrelas. O príncipe André debruçou-se na janela. Seus olhos se fixaram no céu.

Seu quarto ficava no andar do meio. O quarto correspondente do andar superior estava ocupado, e lá ainda não dormiam também. Ouviu vozes femininas.

— Só mais uma vez — disse uma voz de mulher que o príncipe André reconheceu imediatamente.

— Mais a que horas vais dormir? — replicou outra voz.

— Não dormirei, não consigo dormir. O que vou fazer?! Uma última vez, vamos!...

Por duas vezes cantaram uma frase musical que era o fim de uma estrofe.

— Ah! Que maravilha! Bem, agora vamos dormir, chega!

— Dorme, eu não posso — disse a primeira voz, aproximando-se da janela, pois se podia ouvir o farfalhar do vestido e até sua respiração. Tudo estava em silêncio e parado, a lua, a luz, as sombras.

O príncipe André também receava mover-se e trair sua indiscrição involuntária.

— Sônia! Sônia! — repetiu a primeira voz. — Mas como se pode dormir! Olha que maravilha. Ah! Que maravilha! Mas acorda, Sônia — disse quase chorando. — Nunca vi uma noite tão deliciosa.

Sônia respondeu qualquer coisa sem entusiasmo.

— Não, mas olha esta lua! Ah, que maravilha! Vem cá, meu bem, querida, vem cá. Estás vendo? Vou sentar assim bem na beirinha, apertar os joelhos o máximo possível com os braços e voarei, assim!

— Chega, vais cair.

Ouviu-se um ruído de briga e a voz descontente de Sônia.

— É mais de uma hora.

— Ah! Estragas tudo! Podes ir!

Novamente se fez o silêncio. O príncipe André sabia que ela ainda estava lá, pois, de quando em quando, ouvia um leve movimento ou um suspiro suave.

— Ah! Meu Deus! O que é isso! — exclamou de repente. — Vamos dormir então! — Fechou a janela.

“Que lhe importa minha existência!”, pensava o príncipe André enquanto ouvia a conversação esperando e, sem saber por quê, temendo que falassem dele. “E logo ela! Parece proposital!” Subitamente, surgiu em sua alma um tumulto tão inesperado de pensamentos juvenis e esperanças, em contradição com toda sua vida, que não se sentiu com forças para explicar a si mesmo esse estado de espírito, e logo adormeceu.

III

No dia seguinte, depois de ter cumprimentado o conde, sem esperar pelas senhoras, o príncipe André partiu.

Junho já havia começado quando, de volta para casa, atravessou novamente a floresta de bétulas onde o velho carvalho o impressionara de forma tão estranha e memorável. As campainhas da carruagem tilintavam de modo ainda mais surdo na floresta que seis semanas atrás. Tudo estava pesado, umbroso, denso. Os pinheirinhos disseminados na floresta não violavam a beleza do conjunto e se harmonizavam ao tom geral pelo verde tenro de seus novos galhos.

O dia estava quente, a tempestade se armava em algum lugar, mas apenas uma pequena nuvem molhara a poeira da estrada e das folhas espessas. O lado esquerdo da floresta estava à sombra; o lado direito, úmido, reluzente, brilhava ao sol, e o vento mal se fazia sentir.

Tudo estava florido. Os rouxinóis gorjeavam e arrulhavam, ora perto, ora distantes.

“Sim, sim, nesta floresta foi que encontrei o velho carvalho tão em harmonia comigo! Mas onde está ele?”, se indagava o príncipe André, olhando o lado esquerdo da estrada. E, sem perceber, sem reconhecê-lo, admirava o carvalho, continuando a procurá-lo. O velho carvalho, completamente transformado, estendia-se como uma tenda de verdura abundante e sombria, se espraiava num leve balanço pela brisa, sob os raios do sol poente. Não se percebiam nem seus galhos retorcidos, nem suas feridas, nem sua velhice desconfiada e dolorosa. Através da casca dura, centenária, folhas novas, reluzentes, abriam caminho. Era inacreditável que viessem desse ancião. “Sim, é o mesmo carvalho”, pensou o príncipe André. E subitamente, sem causa, sentiu-se empolgado por um sentimento de alegria e rejuvenescimento primaveril.

Todos os momentos intensos de sua vida se tornaram presentes: Austerlitz e o céu alto, o semblante cheio de censuras da esposa morta, Pierre na balsa, a garotinha emocionada pela beleza da noite, e essa noite e a lua, tudo lhe surgia na mente.

“Não, a vida não está acabada aos trinta e um anos”, convenceu-se de repente. “Não é suficiente que eu saiba tudo o que existe em mim, todos devem sabê-lo: e Pierre e essa menina que pretendia voar para o céu, é preciso que todos me conheçam, que minha vida não decorra em meu único proveito, que eles não vivam tão alheios à minha vida, que ela se reflita em todos e que eles todos e eu vivamos juntos!”

* * *

Chegando de viagem, o príncipe André decidiu ir a São Petersburgo no outono e, para isso, inventou uma série de razões. Descobrira uma multidão de pretextos razoáveis, lógicos, mostrando-lhe a necessidade de ir a Petersburgo e mesmo o dever de servir. Chegava a não compreender como duvidara da obrigação de

tomar uma parte ativa na vida, do mesmo modo que, um mês antes, não admitia a possibilidade de deixar o campo.

Parecia-lhe claro que toda sua experiência se perderia em vão, tornando-se inútil, se não a aplicasse a uma obra determinada e não tomasse, mais uma vez, parte ativa na vida. Já não compreendia como se humilhara tanto, baseando-se em tão fracos argumentos, visto que, depois dessas lições da vida, acreditava novamente na possibilidade de ser útil, feliz e de amar.

Atualmente a razão lhe indicava outro caminho. Depois dessa viagem o príncipe André começou a aborrecer-se no campo. Suas antigas ocupações já não o interessavam. Muitas vezes, só em seu gabinete de trabalho, aproximava-se do espelho, examinando-se longamente. Depois, afastava-se, olhava o retrato da finada Lisa, que, em sua moldura dourada, com os cabelos à moda grega, o olhava ternamente. Já não repetia ao marido as palavras antigas e terríveis; olhava-o alegremente, com curiosidade. E o príncipe André, com as mãos para trás, caminhava de um lado para outro, ora sombrio, ora sorrindo, refletindo. Seu pensamento vagabundo, não expresso em palavras, misterioso como o crime, vagava da lembrança de Pierre à imagem da glória, à garotinha da janela, ao carvalho, à beleza feminina, ao amor, e sua vida se transformava inteiramente.

Quando alguém o interrompia nessas reflexões, mostrava-se particularmente frio, severo, resoluto, antipático e lógico.

— Meu caro — dizia às vezes a princesa Maria, quando chegava nessas ocasiões —, Nicolau não pode passear hoje, está muito frio.

— Se estivesse quente — respondia o príncipe André num tom quase ríspido —, passearia apenas com uma camisa. Já que está frio, é preciso que lhe vistam uma roupa quente, feita especialmente para isso. Eis ao que o frio obriga, ele não impede que a criança passeie quando precisa de ar — dizia com uma lógica particular, como para castigar alguém pelo trabalho desordenado e misterioso que se processava dentro dele.

Nessas ocasiões, a princesa Maria costumava dizer que o labor intelectual ressecava os homens.

O príncipe André chegou a Petersburgo em agosto de 1809. O jovem Speranski estava no apogeu e as reformas feitas por ele, no seu período áureo. Nesse mesmo mês o imperador caíra da carruagem durante um passeio, e há três semanas tratava a perna ferida em Peterhoff, onde, todos os dias, recebia unicamente Speranski. Além dos dois decretos célebres que haviam abalado toda a sociedade — o da abolição da hierarquia na corte e o dos exames para os diplomas de assessores do colégio e de conselheiros privados —, estava em estudos uma constituição que mudaria a organização da justiça, da administração e das finanças russas, desde o conselho de império até o conselho comunal. Nessa época os sonhos vagos de liberalismo que animavam o imperador Alexandre ao subir ao trono começavam a realizar-se com o auxílio de seus conselheiros: Czartoriski, Novosiltzov, Kotchubei e Strogonov que, caçoando, ele mesmo chamava o “Comitê de Salvação Pública”.

No momento, Speranski substituía a todos nos assuntos civis e Araktcheiev, nos militares. O príncipe André, pouco depois de sua chegada, na qualidade de camarista, apresentou-se na corte. Por duas vezes o imperador o viu sem honrá-lo com uma só palavra. Como outrora, o príncipe André acreditava-se antipático ao tsar; imaginava que seu semblante e toda sua pessoa lhe fossem desagradáveis.

No olhar seco que Alexandre lhe dirigiu, viu, ainda mais claramente, a confirmação de suas suposições. Os cortesãos lhe explicaram que a falta de atenção do tsar para com ele explicava-se pelo fato de Sua Majestade estar descontente com sua inatividade desde 1805.

“Sei por mim mesmo que não governamos nossas simpatias ou antipatias”, dizia o príncipe André a si próprio, “eis por que não posso pensar em apresentar-lhe pessoalmente meu projeto de código militar, mas a coisa andarà por si mesma”.

Expôs seu projeto a um velho feldmarechal amigo de seu pai. O feldmarechal, que lhe marcara hora, recebeu-o muito amavelmente e prometeu levar o projeto ao conhecimento do imperador.

Poucos dias depois o príncipe André foi notificado para que se apresentasse ao ministro da Guerra, conde Araktcheiev.

* * *

Às nove horas da manhã do dia marcado, já estava na sala de recepção do conde Araktcheiev.

Não o conhecia pessoalmente, nunca o vira, mas o que sabia a seu respeito não era muito lisonjeiro.

“É ministro da Guerra, homem de confiança do imperador, e a ninguém cabe apreciar suas qualidades pessoais. Confiaram-lhe o estudo do meu projeto, portanto, só ele pode dar-lhe andamento”, pensava o príncipe André enquanto esperava na sala do conde Araktcheiev, entre diversas pessoas, de maior ou menor importância.

Quando servia como ajudante de ordens, o príncipe André vira muitas salas de recepção de grandes personagens. Conhecia-lhes bem os tipos característicos. O salão do ministro da Guerra tinha uma particularidade toda especial. Em todos os semblantes das pessoas de pouca importância que aguardavam sua vez de ser recebidas, lia-se um sentimento de docilidade humilde. Os outros escondiam o constrangimento sob um desembaraço afetado, zombando de si próprios, da própria situação e do personagem esperado. Alguns caminhavam pensativos, outros riam e cochichavam. O príncipe André ouvia o apelido de *Sila Andreitch*^[24] e as palavras “o tio te arrumará”, referindo-se ao conde Araktcheiev. Um general (personagem muito importante), visivelmente magoado em esperar tanto tempo, estava sentado de pernas cruzadas, sorrindo com desprezo de si próprio.

Mas, cada vez que a porta se abria, todos os semblantes exprimiam o mesmo sentimento: medo. O príncipe André pediu ao funcionário de serviço que o anunciasse novamente, mas, com um ar de ironia, o funcionário respondeu-lhe que sua vez chegaria. Depois que algumas pessoas foram introduzidas e reconduzidas pelo oficial de gabinete do ministro, foi introduzido um oficial cujo ar humilde e assustado chamou a atenção do príncipe André. A audiência desse oficial foi longa. Em dado momento ouviu-se atrás da porta roncar uma voz desagradável.

O oficial saiu com os lábios trêmulos, pálidos, e atravessou a sala com a cabeça entre as mãos. Foi a vez de o príncipe André ser recebido, e o oficial de serviço disse-lhe ao ouvido:

— À direita, perto da janela.

Bolkonski entrou no gabinete de trabalho, sem luxo, mas asseado. Junto da mesa viu um homem alto, de seus quarenta anos, tronco largo, rosto comprido,

rugas marcadas, sobrancelhas carregadas, olhos esverdeados, vítreos, e um nariz vermelho caído. Araktcheiev virou a cabeça sem olhá-lo.

— Que tem a solicitar?

— Não peço nada, Excelência — respondeu o príncipe André cortesmente.

Os olhos de Araktcheiev voltaram-se para ele.

— Sente. Príncipe Bolkonski?

— Não peço nada, mas o imperador dignou-se mandar a Vossa Excelência o memorial que apresentei...

— Olhe, meu caro, li seu projeto — interrompeu Araktcheiev. Apenas a primeira palavra foi pronunciada com brandura, depois, sem olhar o interlocutor, retomou uma tonalidade mais desdenhosa. — Propõe novas leis militares! Existem muitas leis e ninguém que execute as antigas. Atualmente, todo o mundo escreve leis, escrever é mais fácil que executar.

— Vim, pela vontade do imperador, para saber que andamento Vossa Excelência pensa dar a meu memorial — retrucou o príncipe André num tom polido.

— Escrevi minha opinião no próprio projeto e mandei-o à comissão. Não o aprovo — disse Araktcheiev, levantando-se e, pegando um papel que estava sobre a mesa, entregou-o a Bolkonski. — Leia.

O parecer estava escrito a lápis, sem maiúscula, sem pontuação e sem ortografia: “não é serio redigido como a imitação escrita do código militar francês e afastando-se sem necessidade do código militar existente.”

— A que comissão foi transmitido o projeto? — perguntou o príncipe André.

— A comissão do código militar. Indiquei o nome de sua nobreza para ser incluído como membro, mas sem remuneração.

O príncipe André sorriu.

— Não a desejo...

— Membro sem remuneração — repetiu Araktcheiev. — Foi um prazer! Vamos, o seguinte! Quem ainda está esperando?... — gritou enquanto se despedia de Bolkonski.

Aguardando sua nomeação oficial, o príncipe André reatou antigas relações, principalmente com pessoas prestigiosas que, no seu modo de entender, lhe poderiam ser úteis. A sensação que o dominava no momento, em Petersburgo, era a mesma que o empolgara na véspera de uma batalha, quando uma curiosidade inquieta o atormentava, arrastando-o para as altas esferas onde se preparava o futuro, do qual dependia o destino de milhões de seres. Pela cólera dos velhos, curiosidade dos que querem saber, reserva dos que estavam envolvidos no assunto, pela pressa e preocupação de todos, pelo número incalculável de comissões que se fundavam diariamente, ele sentia que, nesse ano de 1809, uma enorme batalha civil se estava preparando em Petersburgo. Não conhecia aquele que a comandaria e que imaginava ser um indivíduo misterioso e genial: Speranski. A essência das reformas, que conhecia vagamente, e Speranski, seu ator principal, começaram a interessá-lo de tal forma que a revisão do código militar passou para um plano secundário em suas preocupações.

O príncipe André se achava numa situação privilegiada para ser bem recebido nas rodas mais diversas e mais elevadas da sociedade de Petersburgo. O partido reformador o recebia com hospitalidade. Primeiro porque ele tinha a reputação de um espírito arejado e muito instruído; segundo porque a emancipação de seus camponeses o classificava como liberal. O partido dos antigos, descontente, deplorando as reformas, procurava sua simpatia por ser filho do velho Bolkonski. A sociedade feminina, *le monde*, recebia-o amavelmente por tratar-se de um rico e brilhante partido, um personagem quase novo, aureolado pela história romanesca de sua suposta morte e o fim trágico da esposa. Além disso, a opinião geral de todos que já o conheciam era de que, nesses cinco anos, mudara muito, para melhor, que se tornara mais humano e mais maduro, que perdera a atitude afetada e cáustica de outrora, em troca de uma calma que se adquire com os anos. Falava-se em seu nome, todos estavam interessados nele e desejavam vê-lo.

No dia seguinte de sua visita ao conde Araktcheiev, o príncipe André foi à casa do conde Kotchubei. Contou-lhe sobre o encontro com *Sila Andreitch* (Kotchubei tratava assim Araktcheiev, com a mesma zombaria vaga que o príncipe André notara nos salões de recepção do ministro da Guerra).

— *Mon cher*, mesmo nesse assunto você não poderá dispensar Mikhail Mikailovitch. É ele quem faz tudo. Eu lhe direi... Prometeu vir hoje...

— Mas o que tem a ver Speranski com o código militar? — perguntou o príncipe André. Kotchubei sacudiu a cabeça sorrindo; parecia admirado da ingenuidade de Bolkonski.

— Um dia desses conversamos a respeito de seus camponeses libertos... —

continuou Kotchubei.

— Ah! Príncipe, foi o senhor que emancipou seus camponeses? — perguntou um ancião do tempo de Catarina, voltando-se com desprezo para Bolkonski.

— Tratava-se de uma pequena propriedade que não dava renda nenhuma — respondeu Bolkonski, procurando desculpar seu ato para não irritar inutilmente o velho.

— O senhor receia ficar em atraso — retrucou o velho, fitando Kotchubei. — Não compreendo uma coisa — continuou —, quem lavrar a terra se lhes dermos liberdade? Escrever leis é fácil, governar é que é difícil. E, diga, conde, hoje que todos terão que submeter-se a exames, como serão supridos os cargos administrativos?

— Pelos que passarem nos exames, suponho — respondeu Kotchubei, cruzando as pernas e olhando ao redor.

— Veja, nos meus domínios serve um certo Prianichnikov, um homem direito, um homem de ouro. Tem sessenta anos, acredita que se sujeitará a prestar exames?

— Sim, é difícil, a instrução não está muito difundida, mas...

O conde Kotchubei não concluiu. Levantou-se, tomou o príncipe André pelo braço e foi ao encontro de um homem que acabara de chegar. Tinha seus quarenta anos, era alto, louro, calvo, com uma enorme testa descoberta e o rosto alongado, de uma alvura extraordinária. Vestia um fraque azul, trazia uma cruz ao pescoço e uma estrela do lado esquerdo do peito. Era Speranski. O príncipe André o reconheceu imediatamente e sentiu um estremecimento interior, como sempre acontece nos momentos importantes da vida.

Não sabia se era respeito, inveja ou simples expectativa. A personalidade de Speranski tinha um cunho particular que o tornava imediatamente reconhecível.

Nunca o príncipe André vira, na sociedade em que vivia, essa calma e essa segurança de movimentos desajeitados e deselegantes. Não vira em ninguém esses olhos semicerrados, um pouco úmidos, firmes e ao mesmo tempo meigos. Nunca vira tanta firmeza num sorriso insignificante, não ouvira jamais uma voz tão fina, tão uniforme e tão suave. E, principalmente, não encontrara nunca um rosto de uma alvura tão delicada nem mãos, apesar de grandes, tão extraordinariamente brancas e suaves. O príncipe André só vira essa alvura e

delicadeza de fisionomia nos soldados com demorada permanência nos hospitais. Era Speranski, secretário de Estado, confidente do imperador, seu companheiro em Erfurt, onde, mais de uma vez, conversara com Napoleão.

Speranski não corria os olhos ao redor, como se faz involuntariamente ao entrar numa grande sala cheia de gente, e não se apressava em conversar. Falava lentamente, certo de ser ouvido, e só olhava o interlocutor.

Com uma atenção particular, o príncipe André acompanhava cada palavra e cada movimento de Speranski. Como acontece muitas vezes com os homens, e em particular aos que julgam severamente o próximo, o príncipe André, encontrando um novo personagem, principalmente um homem como este, cuja reputação conhecia, esperava encontrar nele a perfeição completa das qualidades humanas.

Speranski disse a Kotchubei que lamentava não ter podido vir mais cedo, tendo sido retido no palácio. Não disse que fora retido pelo imperador, e o príncipe André notou essa afetação de modéstia. Quando Kotchubei apresentou-lhe o príncipe André, ele fitou Bolkonski lentamente com o mesmo sorriso e pôs-se a observá-lo em silêncio.

— Tenho muito prazer em conhecê-lo, ouvi falar muito em seu nome, aliás como todo o mundo.

Kotchubei disse algumas palavras sobre a recepção feita a Bolkonski por Araktcheiev. Speranski sorriu mais abertamente.

— O presidente da comissão dos códigos militares, Magnitzki, é um de meus bons amigos — disse, acentuando cada sílaba e cada palavra. — Se quiser, posso pô-lo em contato com ele. (Fez uma pausa no ponto.) Espero que encontre nele simpatia e o desejo de auxiliar em tudo que for razoável.

Imediatamente um grupo se formara em torno de Speranski e o ancião que falara de seu funcionário Prianichnikov também dirigiu-lhe a palavra.

Sem tomar parte na conversa, o príncipe André observava todos os movimentos de Speranski. Esse homem, até bem pouco um obscuro seminarista, tinha agora em suas mãos brancas e grandes o destino da Rússia. O príncipe André estava impressionado com a calma extraordinária e desdenhosa com a qual Speranski respondia ao ancião. Dava a impressão de dirigir-lhe a palavra indulgentemente, de uma altura inacessível. Como o ancião se pusesse a falar

demasiadamente alto, ele sorriu dizendo que não lhe cabia julgar a vantagem ou desvantagem do que agradava ao imperador.

Depois de trocar algumas palavras, com todos em geral, Speranski levantou-se e levou o príncipe André para a outra extremidade da sala. Via-se que Bolkonski o interessava.

— Não me foi possível falar-lhe, príncipe, nessa conversação animada a que fui arrastado pelo respeitável ancião — disse num sorriso discreto, desdenhoso, como se assim desse a entender que ele e Bolkonski compreendiam a nulidade de todos com quem acabavam de falar.

Essa atitude lisonjeava o príncipe André.

— Conheço-o há muito tempo, primeiro por causa de sua história com os camponeses. É nosso primeiro exemplo, seria de desejar que ele fosse seguido por muitos outros. Além disso, o senhor é dos camaristas que não se julgam ofendidos pelo novo decreto sobre a hierarquia, que tem provocado tanta conversa fiada e reclamações idiotas.

— Sim — disse o príncipe André. — Meu pai não quis que eu aproveitasse esses direitos, comecei a servir nos postos subalternos.

— Seu pai, um homem do século passado, evidentemente é superior a nossos contemporâneos que censuram tanto essa medida, que apenas restabeleceu a justiça natural.

— Creio, no entretanto, que essa censura não deixa de ser justificável — retrucou o príncipe André, procurando combater a influência de Speranski que começava a sentir. Desagradava-lhe estar de acordo com ele em todos os pontos; queria contradizê-lo.

O príncipe André que, normalmente, falava com segurança e desenvoltura, sentia uma certa dificuldade de expressão conversando com Speranski. Estava por demais preocupado em observar a pessoa do ilustre homem público.

— Justificável talvez por ambição pessoal — disse Speranski suavemente.

— Um pouco também pelo respeito das instituições.

— Como assim? — perguntou Speranski baixando os olhos.

— Sou admirador de Montesquieu, e sua ideia de que a honra é o princípio básico da monarquia me parece incontestável. Certos direitos e privilégios da nobreza me parecem meios de alimentar esse sentimento.

O sorriso desapareceu do semblante pálido de Speranski e sua fisionomia muito lucrou com isso. Sem dúvida a ideia do príncipe André parecera-lhe curiosa.

— Se o senhor considera a questão por esse ângulo... — começou, pronunciando o francês com dificuldade, e falando ainda mais devagar que em russo, mas com absoluta calma. Disse que a honra não pode apoiar-se em privilégios nocivos ao bom andamento do serviço, que a honra pode ter duas significações: ou uma concepção negativa, a abstenção de um ato condenável, ou a fonte dessa ambição que visa receber as aprovações e recompensas devidas a essa abstenção. Suas deduções eram breves, simples e claras. — A instituição que mantém essa honra, a fonte de emulação, é a instituição semelhante à Legião de Honra do grande imperador Napoleão, que não prejudica, mas auxilia o andamento do serviço. Não é um privilégio de casta ou de corte.

— Não discuto, mas não se pode negar que os privilégios de corte tenham atingido o mesmo alvo — disse o príncipe André. — Cada cortesão se julga obrigado a manter dignamente a posição que ocupa.

— Mas o senhor não quis aproveitar a sua, príncipe — disse Speranski, mostrando num sorriso que desejava terminar amavelmente uma discussão incômoda para seu interlocutor. — Se quiser honrar-me com sua visita quarta-feira — acrescentou —, já terei falado com Magnitzki e talvez possa comunicar-lhe algo que o interesse. Além disso, terei o prazer de conversar com o senhor sobre uma série de detalhes.

Cerrou os olhos, cumprimentou e “à francesa”, sem despedir-se, procurando não ser notado, saiu da sala.

VI

Nos primeiros tempos de sua estadia em Petersburgo, o príncipe André sentiu que todas as ideias elaboradas em sua vida solitária se obscureciam, esmagadas pelas pequenas obrigações.

À noite, ao chegar em casa, anotava as quatro ou cinco visitas ou encontros obrigatórios de hora marcada.

O mecanismo da vida, a melhor maneira de dispor do tempo absorviam a maior parte de sua energia. Não fazia nada, não pensava em nada e nunca tinha

tempo. Limitava-se a repetir, aliás com sucesso, o que seu espírito elaborara no interior.

Às vezes sentia-se contrariado ao perceber que repetia a mesma coisa, no mesmo dia, em lugares diferentes; mas estava sempre tão ocupado que não lhe sobrava tempo para notar que não pensava em nada.

Na quarta-feira seguinte, Speranski recebeu Bolkonski a sós em sua casa, falou-lhe demoradamente e, como no primeiro encontro na reunião de Kotchubei, produziu-lhe viva impressão.

O príncipe André considerava como seres desprezíveis e nulos uma quantidade tão grande de pessoas, e queria tanto encontrar o ideal vivo dessa perfeição à qual aspirava, que acreditou facilmente ter achado em Speranski a personificação do homem sábio e virtuoso.

Se Speranski fosse da mesma sociedade, com a mesma educação e o mesmo nível moral do príncipe André, este teria encontrado logo seus pontos fracos, humanos, não heroicos; mas esse espírito lógico, estranho para ele, inspirava-lhe um respeito tanto maior pelo fato de não o compreender inteiramente. De outra parte, Speranski, ou porque apreciasse as qualidades do príncipe André, ou por julgar necessário atraí-lo, exibia-se em sua presença ao raciocinar com calma e imparcialidade. Tinha para com ele essa lisonja sutil, que consiste em reconhecer tacitamente no interlocutor o único homem capaz de compreender toda a estupidez dos outros e a sabedoria e profundidade das próprias ideias.

Durante a longa conversa de quarta-feira à noite, Speranski repetiu diversas vezes: “*Nós* tomamos em consideração tudo que sai do nível comum, do hábito arraigado...” ou, com um sorriso: “Mas *nós* queremos os lobos satisfeitos e as ovelhas sãs e salvas...” “*Eles* não podem compreender isso...” e sempre numa expressão, como se quisesse dizer: “Nós, você e eu, compreendemos o que *eles* são e o que *nós* somos.”

Essa primeira conversa demorada com Speranski só aumentou a impressão causada no príncipe André por ocasião do primeiro encontro. Via nele um homem razoável, um pensador profundo, um grande espírito que chegara ao poder pela própria energia e a empregava exclusivamente no bem da Rússia. Aos olhos do príncipe André, Speranski era precisamente o homem que desejaria ser:

o que explica razoavelmente todos os fenômenos da vida, só dando importância ao que é razoável e pode submeter tudo aos padrões da razão.

Na exposição de Speranski tudo parecia tão claro, tão simples, que o príncipe André, apesar de seu desejo de contrariá-lo, sempre acabava concordando. Se o contradizia e discutia, era apenas para defender a própria independência e não se submeter inteiramente às suas opiniões. Tudo estava certo, apenas uma coisa constrangia o príncipe André: era o olhar frio, glacial, que tornava impenetrável a alma de Speranski, e sua mão branca, macia, que Bolkonski olhava involuntariamente, como é comum olhar as mãos dos homens que ocupam o poder. Sem saber por quê, esse olhar gelado e essa mão macia o irritavam. Também o impressionara mal o desprezo demasiado pelos homens que observara nele, e a diversidade de provas que citava em apoio de suas opiniões. Empregava todos os processos de raciocínio, salvo a comparação, e, na opinião do príncipe André, passava de um para outro com uma audácia desmedida.

Ora colocava-se no terreno prático e censurava os sonhadores; ora tornava-se irônico, zombando de seus adversários; ora fazia-se abstrato, lógico; ora elevava-se ao domínio da metafísica (empregava frequentemente esse último processo de demonstração). Transportava o problema para as alturas da metafísica, passava pelas definições do espaço, do tempo e do pensamento, de onde tirava objeções e baixava novamente para o terreno da discussão.

Em geral o traço dominante do espírito de Speranski, e que mais impressionava o príncipe André, era a fé indiscutível, inabalável na força e na dignidade da inteligência.

Era evidente que nunca poderia passar pela cabeça de Speranski esse pensamento muito frequente no príncipe André de que “nunca se pode exprimir tudo que se pensa” e que jamais o perturbava esta dúvida: “tudo que penso, tudo que digo, não será asneira?” Essa peculiaridade de Speranski atraía Bolkonski de um modo particular.

No início de suas relações, dedicava-lhe o mesmo sentimento apaixonado de admiração, semelhante ao que, outrora, lhe provocara Bonaparte.

A circunstância de ser Speranski filho de um padre e dos imbecis poderem permitir-se — o que acontecia — tratá-lo com um certo desprezo forçava o

príncipe André a conservar zelosamente a impressão que lhe inspirara, engrandecendo-o inconscientemente.

Nessa primeira visita que Bolkonski lhe fez, falando do comitê de codificação das leis, Speranski contou-lhe ironicamente que o mesmo existia há cento e cinquenta anos, custara milhões e nada fizera; que Rozenkampf colara etiquetas sobre todos os artigos da legislação comparada.

— E foi nisso que o Estado gastou milhões. Queremos dar um novo poder jurídico ao senado e não temos leis. Eis por que é indesculpável que homens como o senhor, príncipe, não colaborem no momento atual ao governo.

O príncipe André objetou que para isso era necessário ter conhecimentos jurídicos que ele não possuía.

— Mas ninguém os tem!... O que se vai fazer? E um *circulus viciosus* do qual temos que sair a qualquer preço.

* * *

Uma semana depois o príncipe André fazia parte da comissão do código militar e, o que ele não esperava de forma nenhuma, era feito chefe de uma seção de codificação das leis. A pedido de Speranski, tomou a si a primeira parte das leis civis em elaboração e, com o auxílio dos códigos de Napoleão e Justiniano, escreveu o capítulo sobre o “direito das pessoas”.

VII

Dois anos antes, em 1808, voltando a Petersburgo depois de uma viagem a seus domínios, Pierre encontrara-se, sem o querer, à testa da franco-maçonaria da capital. Recrutava novos membros, organizava lojas de mesa e regulares, preocupava-se com sua união e aquisição de seus títulos. Contribuía para a construção dos templos e supria, como podia, as coletas para as quais a maioria dos membros era avarenta e impontual. Quase exclusivamente à sua custa mantinha a casa dos pobres construída pela ordem de Petersburgo.

Nesse meio-tempo, sua vida continuava como anteriormente, com os mesmos desregramentos e excessos. Gostava de comer e beber bem e, embora considerasse imoral, não podia abster-se dos prazeres dos solteiros.

Na confusão de suas ocupações e de seus excessos, passado um ano, Pierre começou a sentir que o terreno da maçonaria, onde pisava, começava a escorregar sob seus pés, e tanto mais porque ele procurava equilibrar-se. E ao

mesmo tempo sentia que, quanto mais fundo ele pisava, mais ele se achava preso.

Ao entrar para a maçonaria, tivera a sensação de um homem que pisa confiante na superfície lisa de um pântano. Posto o pé, ele cede. Para convencer-se inteiramente da solidez do terreno em que se achava, colocara o outro pé e se enterrara ainda mais, e agora, contra sua vontade, caminhava com o lodo até os joelhos.

Ossip Alexievitch não estava em Petersburgo. (Nesses últimos tempos se afastara das lojas da capital e vivia constantemente em Moscou.)

Os irmãos eram homens que Pierre encontrava com frequência na sociedade e era difícil a ele vê-los apenas como irmãos na loja. Homens, por exemplo, como o príncipe B... e Ivan Vassilievitch D..., que sabia serem homens fracos e nulos. Debaixo dos aventais e símbolos maçônicos via-lhes os uniformes e condecorações, que eram a meta dos seus desejos na vida comum. Muitas vezes fazendo a coleta e verificando que vinte ou trinta rublos haviam sido debitados, ou prometidos, de dez membros, na maioria tão ricos quanto ele, lembrava-se do juramento dos maçons de dar aos pobres todo o bem que possuísem. Então, surgiam-lhe dúvidas sobre as quais procurava não pensar.

Dividia em quatro grupos todos os irmãos que conhecia. No primeiro, colocava os que não tomavam parte ativa nos trabalhos das lojas nem nos assuntos de humanidade, mas preocupavam-se exclusivamente com os mistérios da ciência da ordem, os problemas sobre a trindade divina, os três princípios das coisas — enxofre, mercúrio e sal —, a significação do quadrado e de todas as figuras do templo de Salomão.

Pierre respeitava esse grupo de irmãos maçons composto principalmente de velhos membros, entre os quais, na sua opinião, se encontrava o próprio Ossip Alexievitch. Mas não partilhava dos seus interesses, não se sentia inclinado para o lado místico da maçonaria.

No segundo grupo, classificava a seu lado os irmãos semelhantes a ele que procuravam, hesitavam e, sem ter ainda encontrado na maçonaria o caminho reto e claro, esperavam descobri-lo um dia.

No terceiro, classificava os irmãos (constituíam a maioria) que viam na maçonaria apenas os hábitos exteriores, cumpriam rigorosamente os ritos sem se

preocuparem com o sentido e simbolismo dos mesmos. Entre esses estava Villarsky e o próprio grão-mestre da loja principal.

Finalmente, no quarto grupo, colocava uma grande quantidade de irmãos, recrutados principalmente entre os novos iniciados. Eram homens, segundo suas observações, que não acreditavam em nada, não queriam nada, e só entravam na maçonaria para se aproximarem de irmãos jovens, ricos, poderosos por suas relações de posição, e que eram numerosos na loja.

Pierre começava a sentir-se descontente com sua atividade. A maçonaria, ao menos a que ele conhecia, parecia-lhe, às vezes, pura fachada. Não duvidava da maçonaria em si, mas suspeitava que a maçonaria russa estivesse no caminho errado e se houvesse afastado da finalidade primitiva. Por isso, no fim do ano, partiu para o exterior para consagrar-se ao estudo dos grandes mistérios da ordem.

* * *

No verão de 1809, Pierre voltou a Petersburgo.

Segundo a correspondência dos maçons russos com os estrangeiros, sabia-se que Bezukhov granjeara, fora da Rússia, a confiança de muitas pessoas altamente colocadas, vencera um grande número de iniciações, fora promovido ao mais alto grau e estava em condições de contribuir grandemente para o bem da obra franco-maçônica russa. Todos os maçons de Petersburgo o visitavam, todos o lisonjeavam, todos pensavam que ele escondia e preparava uma surpresa.

A loja do segundo grau, onde Pierre prometera comunicar o que devia transmitir aos irmãos de Petersburgo, da parte dos chefes superiores da ordem, estava reunida em sessão solene, com a presença de todos os seus membros. Depois das cerimônias ordinárias, Pierre levantou-se e começou seu discurso:

— Caros irmãos — com o discurso escrito na mão, fez uma pausa e ficou muito vermelho —, não é suficiente observar nossos mistérios na calma da loja, é necessário agir, agir. Estamos adormecidos e precisamos agir. — Abriu o caderno e começou a ler. — “Para difundir a verdade pura e fazer triunfar a virtude, devemos purificar os homens dos preconceitos, elaborar regras de acordo com o espírito do tempo, tomar a nós a educação da juventude, unirmo-

nos por laços indissolúveis com os homens mais inteligentes, vencer com ousadia e ao mesmo tempo prudência a superstição, a desconfiança e a tolice; formar, entre os que nos sejam dedicados, um núcleo de pessoas ligadas pela unidade de objetivo e que disponham do poder e da força.

“Para atingir esse objetivo é necessário tornar a virtude mais forte; é necessário que o homem honesto receba, ainda neste mundo, a recompensa eterna de suas virtudes. Mas um grande número de instituições políticas atuais dificulta esses grandes desígnios... O que fazer diante de tal estado de coisas? Favorecer as revoluções, derrubar tudo, vencer a força pela força? Não. Estamos muito longe disso. Toda reforma feita pela força merece censura, porque não corrigirá o mal enquanto os homens continuarem como são, e porque a sabedoria não carece de violência.

“Todo o plano da nossa ordem deve ter por base a preparação de homens enérgicos, virtuosos, ligados pela unidade de convicção. Essa convicção deve consistir em perseguir, em toda a parte e sob todas as formas, o vício e a tolice e proteger o talento e a virtude; a arrancar da obscuridade os homens que mereçam ser elevados e tomarem parte da nossa irmandade. Só então nossa ordem terá o poder de amarrar pelas mãos os protetores da desordem e de dirigi-los sem que eles mesmos o percebam. Numa palavra, temos que estabelecer uma espécie de governo universal, preponderante, que se estenda pelo mundo inteiro sem destruir os laços civis e sob a autoridade moral de modo que todos os demais governos possam continuar existindo na ordem ordinária e fazer tudo, salvo o que se opuser à grande finalidade de nossa ordem: o triunfo da virtude sobre o vício. O próprio cristianismo estabeleceu esse objetivo ensinando os homens a serem sábios e bons e a seguir, no seu próprio interesse, o exemplo e o ensinamento dos homens melhores e mais esclarecidos.

“Enquanto tudo estava mergulhado nas trevas, a prédica era suficiente, a estranheza da verdade dava-lhe uma força particular. Hoje, porém, necessitamos de meios muito mais eficazes. Atualmente é necessário que o homem, guiado pelos próprios sentimentos, encontre um encanto sensual na virtude. As paixões não podem ser destruídas, devem apenas ser dirigidas para um fim nobre. Daí a necessidade de nossa ordem fornecer a cada um os meios de satisfazer suas paixões dentro dos limites da virtude.

“Assim que tivermos, em cada país, um certo número de pessoas dignas, cada uma delas formará imediatamente duas outras, e todos se ligarão estreitamente. Então, tudo se tornará possível para nossa ordem que, secretamente, já conseguiu fazer muito para o bem da humanidade.”

Esse discurso não só produziu uma forte impressão, mas chegou mesmo a causar certa emoção na loja. Alguns irmãos, vendo nesse discurso perigosas tendências para o iluminismo, acolheram-no com uma frieza que surpreendeu Pierre. O grão-mestre começou a contradizê-lo. Pierre, num ardor crescente, pôs-se a desenvolver suas ideias. Há muito que não se realizava uma sessão tão tempestuosa. Os presentes se dividiram. Alguns tacharam Pierre de iluminado, outros o defendiam. Pela primeira vez, ele sentia nessa assembleia a diversidade infinita dos espíritos humanos, a ponto de uma verdade não se apresentar sob o mesmo aspecto a duas pessoas diferentes. Mesmo os membros que pareciam estar de acordo com ele o compreendiam a seu modo, com restrições e modificações que não podia subscrever, já que seu objetivo principal era, precisamente, transmitir suas ideias a um outro da mesma forma que ele as compreendia.

No fim da sessão, o grão-mestre, malévola e ironicamente, chamou-lhe a atenção sobre o seu ardor, dizendo que não era apenas o amor da virtude, mas também o gosto da luta, que o arrastava na discussão. Pierre não respondeu e limitou-se a perguntar secamente se sua proposta fora aceita. Diante da resposta negativa, sem esperar as formalidades ordinárias, retirou-se da loja e voltou para casa.

VIII

O tédio que Pierre tanto receava o invadiu novamente. Depois do discurso na loja, ficou três dias em casa, estendido num sofá, sem receber ninguém e sem ir a parte alguma.

Nesse meio-tempo recebeu uma carta de Helena, narrando sua tristeza, o desejo de consagrar-se a ele e suplicando-lhe um encontro.

Terminava dizendo que dentro de poucos dias chegaria a Petersburgo, vindo do exterior.

Depois dessa carta a solidão de Pierre foi interrompida pela visita de um irmão maçom, no seu modo de entender, menos respeitável que os demais, e que, conduzindo a conversa para o terreno de sua vida conjugal, demonstrou-lhe, sob a forma de um conselho fraternal, que sua severidade para com a esposa era injusta e não condizia com as regras fundamentais da franco-maçonaria, já que não perdoava o arrependimento.

Ao mesmo tempo, sua sogra, a mulher do príncipe Vassili, mandou chamá-lo suplicando-lhe que passasse em sua casa apenas por alguns instantes, a fim de tratar de um negócio importante.

Pierre percebeu a conjuração contra ele e compreendeu que pretendiam reconciliá-lo com Helena. No estado em que se encontrava, essa ideia não chegou a lhe desagradar. Tudo lhe era indiferente. Não atribuía especial importância a nenhum acontecimento de sua vida e, sob a influência do tédio que o dominava agora, não fazia questão da própria liberdade, nem da firme vontade de castigar sua mulher.

“Ninguém tem razão, ninguém é culpado, portanto ela também não é culpada”, pensava.

Se não concordou imediatamente com uma reconciliação, foi apenas porque, no estado de espírito em que se encontrava, faltavam-lhe forças para qualquer deliberação. Se sua mulher o procurasse, não a rejeitaria. Diante do que o preocupava, lhe era indiferente viver ou não em sua companhia.

Sem responder a ninguém, uma noite, já bastante tarde, viajou para Moscou, a fim de encontrar-se com Ossip Alexievitch. Eis o que escreveu em seu diário:

Moscou, 17 de novembro.

Acabo de chegar da casa do benfeitor e tenho pressa de escrever tudo que senti. Ossip Alexievitch vive pobremente e há três anos que sofre de uma enfermidade dolorosa na bexiga. Ninguém jamais ouviu de sua parte um gemido ou uma palavra de revolta. Desde o amanhecer até tarde da noite, salvo nos momentos das refeições extremamente frugais, estuda as ciências. Recebeu-me amavelmente, convidando-me para sentar na cama em que estava deitado. Fiz-lhe o sinal dos Cavaleiros do Oriente e de Jerusalém, e ele respondeu-me com o mesmo sinal e um sorriso terno. Perguntou-me o que aprendera nas lojas prussianas e escocesas. Conte-lhe tudo o que sabia. Expus-lhe em linhas gerais o que havia proposto em nossa loja de Petersburgo, falei-lhe do mau acolhimento que tivera e do meu rompimento

com os irmãos. Depois de refletir longamente em silêncio, Ossip Alexievitch expôs-me sua opinião geral, que esclareceu instantaneamente todo meu passado e o caminho futuro que se abre diante de mim. Surpreendeu-me ao perguntar se eu estava bem lembrado da tríplice finalidade da ordem: 1º) conservar e estudar os mistérios; 2º) purificar e corrigir a si próprio a fim de poder participar dos mistérios; 3º) corrigir o gênero humano pelo desejo dessa purificação. Qual a finalidade principal, a primeira entre essas três? Sem dúvida o aperfeiçoamento e a purificação pessoais; somente a essa finalidade podemos aspirar sempre, independentemente de todas as circunstâncias. Mas ao mesmo tempo nos exige a maior soma de esforços. Quando pecamos por orgulho, perdemos de vista esse objetivo. Estudamos um mistério que somos indignos de penetrar em consequência de nossa impureza, e tentamos corrigir o gênero humano quando nós mesmos oferecemos o exemplo da covardia e do desregramento. O iluminismo não é uma doutrina pura precisamente porque promove a atividade social e é cheia de orgulho. Por esse motivo, Ossip Alexievitch censurou meu discurso e toda minha atividade. No fundo da alma, estava de acordo com ele. A propósito de nossa conversa sobre meus assuntos de família, disse-me: ‘O dever principal do verdadeiro maçom, repito-o, consiste no próprio aperfeiçoamento. Mas muitas vezes imaginamos que, afastando de nós todas as dificuldades de nossa vida, atingimos mais rapidamente o alvo. Ao contrário, e só no meio das complicações mundanas que podemos atingir três objetivos principais: 1º) o conhecimento de nós mesmos, pois o homem só pode conhecer-se por comparação; 2º) o aperfeiçoamento, que só se obtém pela luta; 3º) a virtude essencial: o amor à morte. Só a perversidade da vida nos pode mostrar o quanto ela é vã, e auxiliar nosso amor inato pela morte, ou a ressurreição para uma nova vida.’ Essas palavras têm um valor especial, pois Ossip Alexievitch, apesar de seus terríveis sofrimentos físicos, não considera a vida como um fardo e ama a morte para a qual, não obstante sua pureza e elevação, não se considera preparado. Em seguida o benfeitor explicou-me detalhadamente a significação do grande quadrado do mundo e provou que os números 3 e 7 são a base de tudo. Aconselhou-me a não perder o contato com os irmãos de Petersburgo, ocupar na loja apenas funções secundárias e procurar, afastando os irmãos dos arrebatamentos do orgulho, conduzi-los para o verdadeiro caminho da sabedoria e do aperfeiçoamento.

Além disso, aconselhou que me observasse pessoalmente; para isso deu-me um caderno, este mesmo em que estou escrevendo e no qual, doravante, escreverei todos os meus atos.

Petersburgo, 23 de novembro.

Vim novamente com minha mulher.

Minha sogra procurou-me em casa dizendo, entre lágrimas, que Helena chegara e me suplicava que a ouvisse, que era inocente, que sofria com meu abandono e muitas outras coisas. Eu sabia que se consentisse vê-la não teria forças para recusar seu pedido. Na dúvida, não sabia com quem aconselhar-me, a quem recorrer. Se o benfeitor estivesse aqui, ele me guiaria. Fechei-me no quarto, reli as cartas de Ossip Alexievitch, lembrei-me das conversas que tive com ele, e de tudo isso concluí que não se deve recusar a quem pede, que devo estender minha mão solícita a todos e, muito principalmente, a uma

criatura tão ligada a mim, e que deveria carregar minha cruz. Mas, se para o triunfo da verdade eu a perdoo, que nossa união tenha apenas um objetivo espiritual. Foi o que resolvi; escrevi a Ossip Alexievitch o ocorrido; pedi à minha mulher que esquecesse todo o passado, que perdoasse minhas faltas para com ela, dizendo-lhe que quanto a mim nada tinha a perdoar. Estava satisfeito em ter falado dessa forma, e ela não percebeu quanto me era penoso revê-la. Instalei-me no andar superior da casa grande, com o sentimento feliz da renovação.

IX

Nessa época, como sempre, a alta sociedade que se reunia na corte e nos grandes bailes estava dividida em diversos grupos, cada um com suas nuances. Entre esses grupos, o maior era o francês da união napoleônica, do conde Ruminatzov e de Caulaincourt. Helena ocupava o lugar mais em evidência, desde que se instalara em Petersburgo com o marido. Sua casa era frequentada pelos membros da embaixada francesa e grande número de pessoas com as mesmas tendências, conhecidas pelo seu espírito e fina educação.

Helena se encontrava em Erfurt por ocasião do famoso encontro dos imperadores e lá travara relações com todos os homens célebres que acompanhavam Napoleão. Em Erfurt, brilhara excepcionalmente. Napoleão, que a vira no teatro, disse: “É um animal soberbo.” Seu sucesso de mulher bela e elegante não surpreendeu a Pierre, pois com os anos se tornara ainda mais linda, mas estava admirado pelo fato de ela ter granjeado, nesses dois anos, a reputação de uma mulher encantadora, tão inteligente quanto bela.

O famoso príncipe de Ligne escrevia-lhe cartas de oito páginas; Bilibine guardava suas piadas para servi-las em primeira mão à condessa Bezukhov. Ser admitido em seus salões era um atestado de inteligência. Os moços, antes de ir a uma recepção de Helena, liam livros a fim de poder tomar parte na conversação; os secretários de embaixada e os próprios embaixadores confiavam-lhe segredos diplomáticos, de sorte que ela representava uma certa força. Pierre, que sabia que ela era muito tola, de quando em vez assistia, com uma sensação estranha de surpresa e medo, às suas festas e jantares, nos quais se falava de política, poesia e filosofia. Nessas recepções sentia qualquer coisa semelhante ao que deve sentir o mágico que treme a cada instante, no receio de que seu embuste seja descoberto. Mas, ou porque a tolice fosse necessária para dirigir um salão semelhante, ou porque os convidados se prestassem prazerosamente ao embuste, o truque não aparecia e a reputação de mulher encantadora e inteligente, que

granjeara Helena Vassilievna Bezukhova, firmava-se de tal sorte que lhe bastava dizer as coisas mais banais e tolas para que todos se entusiasmassem com suas palavras e procurassem dar-lhes um sentido profundo que ela própria não suspeitava.

Pierre era precisamente o marido que convinha a essa mulher brilhante. Ele era esse tipo de original distraído, de marido grão-senhor que, não estorvando ninguém, também não deslustra a impressão geral do tom superior do salão, mas muito ao contrário faz ressaltar, pelo contraste, o tato e a elegância da mulher.

Durante dois anos, graças às suas ocupações constantes, concentradas em interesses imateriais e a seu desprezo sincero por tudo mais, Pierre adotou, entre as relações da esposa, que não o interessavam, esse tom indiferente, despreocupado e amável com todos, que não se adquire artificialmente e que, por isso mesmo, inspira um respeito involuntário. Entrava no salão de Helena como no teatro, conhecendo a todos e tratando a cada um com a mesma amabilidade e indiferença. Algumas vezes tomava parte em alguma conversação que o interessava, e então, sem indagar se os cavalheiros da embaixada estavam ou não presentes, exprimia suas opiniões, muitas vezes em oposição com o tom do momento. Mas a opinião sobre o marido original da mulher mais distinta de Petersburgo estava de tal forma estabelecida que ninguém levava a sério suas inconveniências.

Entre o grande número de pessoas que frequentavam diariamente a casa de Helena, Boris Drubetzkoï, que fazia uma bonita carreira, se tornara o convidado mais íntimo desde a volta de Helena de Erfurt. Helena o chamava “meu pajem” e tratava-o como a uma criança. O sorriso que lhe fazia era o mesmo para os demais, mas por vezes desagradava a Pierre. Boris o tratava com uma consideração particular, digna e triste. Essa nuance de respeito também o inquietava. Sofrera tanto três anos antes com a ofensa da mulher que agora fugia à possibilidade de outra semelhante, não só porque não era um marido para ela, como também porque não se concedia o direito de suspeitar de sua fidelidade. “Não, agora que se tornou *bas-bleu*, [\[25\]](#) renunciou a todas as extravagâncias de outrora”, dizia consigo. “Não há exemplo de *bas-bleu* com recaídas sentimentais.” Era uma regra que havia lido em qualquer parte e que tinha por absoluta. Mas, coisa estranha, a presença de Boris no salão de Helena (e era

quase diária) causava-lhe um mal-estar físico, impedia os movimentos dos membros, destruindo-lhe a espontaneidade e a liberdade de movimentos.

“Essa antipatia é estranha”, pensava Pierre, “antes eu o achava até muito simpático”.

Aos olhos do mundo, Pierre era um grande senhor, marido meio cego e ridículo de uma mulher célebre, um original espirituoso que não fazia nada, mas também não incomodava ninguém; em suma, um bom homem. E durante esse tempo todo, na alma de Pierre se processava um trabalho de desenvolvimento interior, complicado, difícil, revelador de muitas coisas e que lhe proporcionava muitas alegrias e dúvidas espirituais.

X

Continuava seu diário e eis o que escreveu nessa época.

24 de novembro.

Levantei-me às oito horas. Li as Escrituras Sagradas, depois fui para o serviço (a conselho de seu benfeitor, Pierre entrara num dos comitês). Voltei para o jantar. Jantei só. (Em companhia da condessa havia muitas visitas que me são desagradáveis.) Comi e bebi moderadamente, e depois do jantar recopiei documentos para meus irmãos. À noite fui ter com a condessa, contei uma história engraçada sobre B... e, só depois de todos terem rido, foi que me lembrei que não devia ter feito isso.

Deito-me tranquilo e feliz. Deus Todo-Poderoso! Auxilia-me a seguir teu caminho: 1º) a vencer a cólera pela bondade e pela paciência; 2º) vencer a luxúria pela abstinência e pela repugnância; 3º) a afastar-me do mundo mundano e não despreocupar-me: a) dos negócios públicos e do serviço; b) da família; c) das relações com os amigos; d) dos assuntos econômicos.

27 de novembro.

Levantei-me tarde. Depois de acordado ainda fiquei muito tempo na cama, entregue à preguiça. Meu Deus, ajuda-me, dá-me forças para seguir o teu caminho. Li as Escrituras Sagradas, mas não no estado de espírito adequado. Mais tarde recebi a visita do irmão Urusov e conversamos sobre as banalidades deste mundo. Ele falou dos novos projetos do imperador. A princípio, comecei a criticá-lo, depois lembrei-me das palavras do nosso benfeitor: que o verdadeiro maçom deve ser um agente ativo do Estado quando sua colaboração é exigida, e contemplar tranquilamente quando não é chamado. Minha

língua é minha inimiga. Os irmãos G..., V... e O... também me visitaram; falamos da admissão de um novo irmão. Impõem-me o cargo de orador. Sinto-me incapaz e indigno. A seguir falamos sobre a significação das sete colunas e dos degraus do templo: sete ciências, sete virtudes, sete vícios, sete dons do Espírito Santo. O irmão O... estava muito eloquente. À noite haveria a cerimônia de recepção. O novo local facilita muito a magnificência das cerimônias. Boris Drubetzko foi admitido. Fui o orador e fiz sua apresentação. Uma sensação estranha me perturbou o tempo todo que estive com ele no quarto escuro. Tentei inutilmente dominar o sentimento de ódio que me invadiu. Eis por que desejava sinceramente salvá-lo do mal e trazê-lo para o caminho da verdade. Mas não conseguia debelar os maus pensamentos que ele me despertava. Parecia-me que seu objetivo, entrando na irmandade, era somente aproximar-se de certas pessoas, de ser visto com bons olhos pelos membros de nossa loja. Além de ter perguntado várias vezes se N... e S... pertenciam à nossa loja (sobre o que eu não podia responder), segundo minhas observações, não o julgava capaz de sentir respeito pela nossa santa ordem. Ele está demasiadamente preocupado e satisfeito com sua pessoa física para querer melhorar o eu espiritual. Não tinha razões para duvidar dele, mas não me parecia sincero, e, todo o tempo que estivemos a sós no quarto escuro, pareceu-me que sorria com desprezo de minhas palavras, e tive ímpetos de atravessá-lo de verdade com a espada que mantinha apoiada contra seu peito nu. Não conseguia ser eloquente e, no entanto, de boa-fé não podia dividir minhas dúvidas aos irmãos e ao grão-mestre. Grande arquiteto da natureza, auxilia-me a encontrar os verdadeiros caminhos que nos levam para fora do labirinto da mentira.

Três páginas adiante, havia a seguinte passagem:

Tive uma longa conversa instrutiva com o irmão B... que me aconselhou a ter cuidado com o irmão A... Revelou-me muitas coisas, embora eu não fosse digno. *Adonai* é o nome daquele que criou o mundo; *Elohim* daquele que governa tudo; o terceiro nome, o que não se pode pronunciar, tem a significação de *Tudo*. As conversas com o irmão B... fortificam, tranquilizam e me impelem para o caminho da virtude. Junto dele não há lugar para a dúvida. Vejo claramente a pobreza doutrinal das ciências sociais comparadas com a nossa santa doutrina, que abarca tudo. As ciências humanas dividem tudo para compreender, matam tudo para estudar. Na ciência santa da ordem tudo está unificado, todos a compreendem na sua totalidade e na vida. A trindade, os três princípios das coisas — o enxofre, o mercúrio e o sal. O enxofre tem os predicados do óleo e do fogo; unido ao sal, estimula e desperta o desejo pelo qual atrai e conserva o mercúrio; unidos, produzem diversos corpos. O mercúrio é a essência líquida e gasosa do espírito: Cristo, o Espírito Santo, Ele.

3 de novembro.

Acordei tarde. Li as Escrituras Sagradas, mas não as senti. Depois saí e caminhei pelo salão. Queria refletir, mas, em lugar disso, minha imaginação revivia um fato passado há quatro anos. O senhor

Dolokhov, num encontro que teve comigo em Moscou, depois do duelo, dissera-me: “Espero que agora goze de uma perfeita tranquilidade de espírito, apesar da ausência de sua esposa.” Na ocasião não respondi nada. Agora, lembro-me de todos os detalhes desse encontro em que, interiormente, disse-lhe uma porção de palavras azedas e cheias de rancor. Consegui dominar-me e abandonar esse pensamento ao perceber que estava profundamente irritado; mas não me arrependo bastante. Depois, Boris Drubetzko chegou e começou a contar-me diversas aventuras, e eu, que ficara descontente com sua chegada, respondi-lhe mal. Ele retrucou. Exaltei-me e lancei-lhe uma série de coisas desagradáveis e mesmo grosseiras. Ele calou-se e eu só consegui dominar-me quando já era tarde.

Meu Deus, não posso entender-me com ele por causa de meu amor-próprio. Coloco-me acima dele e por isso torno-me pior. Boris é indulgente com minha grosseria e eu, ao contrário, alimento desprezo por ele. Meu Deus, permite-me que, na frente dele, possa ver melhor minha covardia e agir de forma a ser útil a ele também. Depois do almoço dormi e, durante o sono, ouvi uma voz que me dizia nitidamente no ouvido esquerdo: é teu dia.

Sonhei que vagava na escuridão quando, subitamente, fui cercado por cachorros. Eu, porém, continuava a caminhar sem receio. De repente um cachorrinho morde-me a coxa esquerda e não me solta. Procuo bater com as mãos. Assim que me livro dele, outro muito maior começa a morder-me. Quando me livro, um terceiro vem. Ergo-o, e, quanto mais o ergo, maior e mais pesado ele se torna. De repente, o irmão A..., segurando-me pelo braço, leva-me para umas casas, onde, para entrar, é necessário atravessar uma prancha muito estreita. Piso na tábua, esta vira e, com dificuldade, consigo agarrar-me numa cerca. Depois de grandes esforços, arrasto-me de tal sorte que minhas pernas pendem para um lado e o corpo para o outro. Viro-me e vejo o irmão A... em pé sobre a cerca; mostrava-me uma grande alameda e um jardim em volta de uma casa magnífica. Acordei. Deus, grande arquiteto da natureza! Auxilia-me a livrar-me dos cachorros, minhas paixões, e da última que reúne em si a força de todas as outras; e ajuda-me a entrar em teu templo de virtude que contemplei em sonho.

7 de dezembro.

Sonhei que Ossip Alexievitch estava em minha casa, e eu, contentíssimo, enchia-o de atenções. Estava tagarelando com uns estranhos quando lembrei-me que isso podia não agradá-lo e quis aproximar-me dele para abraçá-lo. Mas, assim que me aproximei, percebi que seu rosto se havia transformado, tornara-se jovem, e ele me disse em voz baixa qualquer coisa sobre a doutrina da ordem, mas tão baixo que não me foi possível entender o que dizia. Depois, saímos todos do aposento, e eis que aconteceu uma coisa estranha. Estávamos sentados ou deitados no chão. Ele falava comigo. E eu parecia querer mostrar-lhe minha sensibilidade e, sem escutar suas palavras, começava a considerar o estado de minha alma e o favor de Deus que me esclarecera. Meus olhos se encheram de lágrimas, e eu estava contente porque ele as percebia. Mas Ossip Alexievitch olhou-me aborrecido e levantou-se bruscamente, interrompendo a conversa. Fiquei tímido e perguntei-lhe se suas palavras não se referiam a mim. Não deu resposta, mas olhou-me com ternura, e, de repente, percebi que estávamos em meu quarto, onde havia uma cama de

casal. Ele deitou-se na beira, e eu, sentindo vontade de estar perto dele, deitei-me também. Parecia perguntar-me: “Diga-me a verdade, qual é sua paixão principal? Sabe qual é? Creio que já descobriu.” Constrangido com essa pergunta, respondi que a preguiça era minha paixão principal. Ele sacudiu a cabeça num ar de dúvida e eu, ainda mais constrangido, respondi que, embora vivesse com minha mulher por conselho dele, não era um marido para ela. Respondeu-me a isso que não se deve privar a mulher de carícias e me fez compreender que esse era meu dever. Mas respondi-lhe que tinha vergonha; e subitamente tudo desapareceu. Acordei lembrando-me do texto das Escrituras Sagradas: “Nela estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz resplandece nas trevas, mas as trevas não a compreenderam.”

A fisionomia de Ossip Alexievitch era jovem e radiante. Nesse mesmo dia recebi uma carta do benfeitor. Escrevia-me sobre o dever conjugal.

9 de dezembro.

Tive um sonho que me fez acordar emocionado. Sonhei que estava em minha casa em Moscou, na grande sala de música. Ossip Alexievitch estava vindo do salão. Percebi imediatamente que uma transformação se operava nele, e corri a seu encontro. Abracei-o, beijei suas mãos e ele me disse: “Notaste que tenho outro semblante?” Olhava-o, continuando a estreitá-lo nos braços; pareceu-me que seu rosto era jovem, mas não tinha cabelos e os traços eram outros. Disse-lhe: “Eu o teria reconhecido se o tivesse encontrado por acaso.” E, enquanto dizia isso, pensava: “Terei dito a verdade?” E, subitamente, tomou o aspecto de um cadáver. Depois, pouco a pouco, ressuscitou e entrou comigo no grande gabinete, tinha nas mãos um in-fólio manuscrito. “Fui eu que escrevi”, disse-lhe. Respondeu com um gesto de cabeça. Abri o livro, todas as folhas estavam ornadas com belos desenhos, e vi que esses quadros representavam as aventuras de dois apaixonados; vi nessas páginas a imagem de uma virgem de vestes transparentes, com um corpo diáfano, subindo para o céu. Parecia-me saber que essa virgem não era mais nem menos que a imagem do Cântico dos Cânticos. Enquanto olhava esse desenho, pareceu-me estar procedendo mal, mas não pude tirar os olhos dele. Deus ajuda-me! Se me abandonas, que Tua vontade seja feita, mas, se eu mesmo errei, ensina-me o que devo fazer. Sucumbirei pela depravação se me abandonares completamente!

XI

Os negócios dos Rostov não haviam melhorado nos dois anos passados do campo.

Apesar de Nicolau Rostov, firme no seu propósito, continuar servindo modestamente num regimento obscuro, tendo relativamente muito pouco dinheiro, a vida em Otradnoie era tal, e Mitenka continuava dirigindo as propriedades de tal forma, que as dívidas aumentavam de ano para ano. A única

solução que se oferecia ao velho conde era o serviço público, e ele foi a Petersburgo procurar um emprego e ao mesmo tempo, como dizia, divertir as filhas pela última vez. Pouco depois da chegada dos Rostov a Petersburgo, Berg pediu Vera em casamento e seu pedido foi aceito.

Embora em Moscou os Rostov pertencessem à alta sociedade sem eles mesmos o saberem e nem se preocuparem com isso, em Petersburgo a sociedade que os frequentava era misturada e incaracterística. Na capital não passavam de provincianos que não mereciam a atenção dessa mesma gente que eles hospedavam em Moscou sem perguntar-lhes de onde vinham.

Os Rostov continuavam tão hospitaleiros em Petersburgo como o eram em Moscou, reunindo em torno de sua mesa as pessoas mais diversas: vizinhos do campo, velhos proprietários arruinados com suas filhas, a dama de companhia Peronskaia, Pierre Bezukhov e o filho do chefe do correio do distrito que morava em Petersburgo. Entre os homens, Boris, Pierre, que o velho conde encontrara na rua, e Berg, que passava os dias inteiros na casa dos Rostov dispensando à condessa Vera atenções de um pretendente, tornaram-se logo familiares da casa.

Não era em vão que Berg mostrava a todo o mundo a mão direita ferida em Austerlitz e segurava, com a esquerda, a espada que lhe era inútil. Narrava esse acontecimento com tanta precisão e gravidade que todos acreditavam na utilidade e importância desse ato, achando muito justo que tivesse recebido duas condecorações por sua conduta em Austerlitz.

Também se distinguira na guerra da Finlândia. Apanhara um estilhaço de granada que havia matado o ajudante de ordens ao lado do general em chefe e o levava a seu comandante. Como no caso de Austerlitz, contava isso com tanta insistência e tão demoradamente que todos ficavam pensando que não podia ter sido feito de outra forma. Nessa campanha, também recebeu duas condecorações.

Em 1809, era capitão da guarda, condecorado, e ocupava em Petersburgo um cargo pecuniariamente vantajoso.

Alguns tipos mais descrentes sorriam quando lhes falavam das qualidades de Berg, mas não se podia negar que ele fosse um oficial disciplinado e corajoso, muito bem-visto pelos chefes, e um rapaz de bons costumes, com um bonito futuro e uma situação sólida na sociedade.

Quatro anos antes, tendo-se encontrado em Moscou, nas poltronas de orquestra, com um camarada alemão, Berg dissera, mostrando-lhe Vera Rostov: “Essa é que há de ser minha mulher.” E desde esse momento estava resolvido a casar com ela.

Agora em Petersburgo, comparando a situação dos Rostov com a sua, achou que o momento era oportuno e fez seu pedido.

A princípio esse pedido foi recebido com uma surpresa pouco lisonjeira para ele. Achava-se estranho que o filho de um obscuro fidalgo livônio pedisse em casamento uma condessa Rostov. Mas a qualidade dominante do caráter de Berg era um egoísmo ingênuo e bem-intencionado de tal força que os Rostov acharam que devia estar certo, já que era essa sua convicção. De outra parte, as finanças dos Rostov estavam tão em crise que o noivo não podia ignorar. Afinal, Vera tinha vinte e quatro anos, saía muito e, embora fosse indiscutivelmente bonita e ajuizada, até esse momento ninguém pretendia sua mão.

O consentimento foi dado.

— Veja — dizia Berg a seu camarada que ele chamava de amigo só por saber que todos os homens têm amigos —, veja, calculei tudo, e não casaria se não tivesse achado vantajoso depois de refletir. Atualmente, meus pais estão bem instalados num pequeno domínio do Báltico que eu lhes adquiri, e eu poderei viver em Petersburgo com meus vencimentos, a fortuna dela e minha regularidade. Poderemos viver muito bem. Não caso pelo dinheiro, acho que isso não é digno, mas é necessário que mulher e marido colaborem. Eu tenho minha carreira, ela, algumas relações e uma pequena fortuna. Nos tempos que correm já é alguma coisa, não acha? E acima de tudo, trata-se de uma moça boa, respeitadora e que me ama...

Berg corou e sorriu.

— E eu também gosto dela, pelo seu gênio razoável e bom. E para ver como são as coisas, a outra irmã, da mesma família, é o contrário, tem um gênio desagradável, é tola e você sabe... Tem alguma coisa... Antipática, enquanto que minha noiva... Quando estivermos casados, você — continuou Berg. Queria dizer “jantarão conosco”, mas refletiu e disse: — tomará um chá conosco. — E, num rápido movimento de língua, deixou escapar um círculo de fumaça, que representava exatamente os sonhos de felicidade que fazia.

Depois da primeira impressão de surpresa que o pedido de Berg causara, como é comum nessas ocasiões, sucedeu-se um período de festa e alegria. Porém essa alegria não era franca, mas apenas exterior. Os pais pareciam um pouco envergonhados com esse casamento. Sentiam-se também constrangidos por nunca terem gostado bastante de Vera e por se desembaraçarem dela com tamanha facilidade.

O velho conde estava principalmente confuso. É provável que ele não soubesse bem a causa desse constrangimento, originado pelas suas dificuldades financeiras. Ignorava absolutamente o montante de suas dívidas e que dote poderia dar a Vera. Quando suas filhas nasceram, destinava a cada uma um dote de trezentas almas, mas, como uma das aldeias já fora vendida e a outra estava de tal forma hipotecada que seria obrigado a vendê-la, era-lhe impossível dar um domínio.

Dinheiro não possuía.

Berg já estava noivo há mais de um mês e faltava apenas uma semana para o casamento e o conde ainda não decidira a questão do dote e nem sequer falara à sua mulher. Ora queria dar a Vera o domínio da província de Riazan, ora vender a floresta, ora fazer um empréstimo emitindo títulos ao portador. Alguns dias antes do casamento, Berg entrou cedo no gabinete de trabalho do conde e, com um sorriso cordial, pediu respeitosamente a seu futuro sogro que lhe dissesse o que pretendia dar de dote à condessa Vera.

O conde estava confuso com essa pergunta, esperada há muito tempo, que, sem refletir, respondeu a primeira coisa que lhe veio à mente.

— Gosto que te preocupes... Gosto... Ficarás satisfeito... — E batendo no ombro de Berg, levantou-se para pôr fim ao assunto.

Mas Berg, sorrindo gentilmente, declarou que não estava certo do que seria dado a Vera e queria ao menos saber antecipadamente que parte lhe era destinada; caso contrário seria forçado a retirar-se.

— Porque, julgue o senhor mesmo, conde, se eu me permitisse casar sem ter meios seguros para manter minha mulher, agiria indignamente...

A conversa terminou no seguinte: o conde, para ser magnânimo e não se sujeitar à nova interpelação, disse que daria um título ao portador de oitenta mil rublos. Berg sorriu docemente e beijou com muito respeito o ombro do conde,

dizendo que ficava muito grato, mas que lhe era impossível iniciar a sua nova vida sem trinta mil rublos em dinheiro.

— Pelo menos vinte mil, conde — acrescentou —, e um título ao portador de sessenta mil apenas.

— Sim, sim, está bem — respondeu vivamente o conde. — Apenas quero que me permitas, meu amigo, dar-te vinte mil e também o título de oitenta. Muito bem, agora um abraço.

XII

Corria o ano de 1809 e Natacha tinha dezesseis.

Fazia quatro anos que ela e Boris haviam contado esse prazo nos dedos, depois de terem se beijado. Depois disso não tornara a vê-lo uma única vez.

Diante de Sônia e de sua mãe, quando se falava de Boris, dizia no maior desembaraço, como uma coisa resolvida, que todos esses planos de outrora não passavam de infantilidade dos quais nem valia a pena falar e que há muito estavam esquecidos. Mas, no fundo da alma, ela indagava se seu compromisso com Boris era uma brincadeira ou uma promessa séria que a comprometia, e isso a atormentava.

Desde que partira para o exército, em 1805, Boris não tornara a ver os Rostov. Estivera em Moscou diversas vezes, passara perto de Otradnoie, mas nunca os procurara.

Às vezes Natacha imaginava que ele não a queria ver, e suas suposições se confirmavam pelo tom triste com que os mais idosos procuravam desculpá-lo.

— Hoje em dia, ninguém mais se lembra das amizades antigas — dizia a velha condessa, quando se falava de Boris.

Ana Mikhailovna, que nesses últimos tempos frequentava menos a casa dos Rostov, mostrava-se particularmente digna e cada vez falava com entusiasmo e gratidão das qualidades do filho e de sua brilhante carreira. Quando os Rostov se instalaram em Petersburgo, Boris foi visitá-los.

Não foi sem alguma emoção que se dirigiu para a casa deles. A lembrança de Natacha era a mais poética de sua vida, mas ao mesmo tempo ele estava no firme propósito de fazer com que ela e seus pais compreendessem que as relações de

infância não podiam constituir uma obrigação, nem para ele, nem para ela. Atualmente desfrutava uma brilhante situação na sociedade, graças à sua intimidade com a condessa Bezukhov, uma situação brilhante no exército graças à proteção de um alto figurão, cuja confiança conquistara, e tinha projetos ainda vagos de matrimônio, facilmente realizáveis, com um dos partidos mais ricos de Petersburgo. Quando Boris entrou no salão dos Rostov, Natacha estava em seu quarto. Assim que soube de sua chegada, correu toda vermelha ao salão, com a fisionomia iluminada por um sorriso mais que terno.

Boris lembrava-se da Natacha de vestido curto, olhos negros e brilhantes, cabelos cacheados e um riso sonoro de criança, que conhecera quatro anos antes, e, por isso, quando ela entrou, completamente outra, ficou confuso e sua fisionomia exprimiu uma surpresa entusiasta.

Natacha alegrou-se com essa expressão.

— Como! Não reconheces tua amiguinha endiabrada? — disse a condessa.

Boris beijou a mão de Natacha e disse de sua surpresa pela mudança que se operara nela.

— Como está bonita!

“Sem dúvida!”, responderam os olhos risonhos de Natacha.

— E papai, acha que envelheceu? — perguntou.

Natacha sentou-se e, sem tomar parte na conversa de Boris com a condessa, observava em silêncio seu noivo de infância até nos menores detalhes.

Ele sentia esse olhar terno e obstinado e de quando em quando a fitava.

O uniforme, as esporas, a gravata, o penteado de Boris, tudo era elegante e da última moda, Natacha o percebeu imediatamente. Estava sentado um pouco de lado, numa poltrona perto da condessa, e ajustava com a mão direita a luva imaculada e justa que parecia ter sido modelada sobre a mão esquerda.

Cerrando os lábios de uma maneira particular e elegante, falava dos prazeres das altas-rodas de Petersburgo e, pilheriando docemente, lembrava os antigos tempos e os camaradas de Moscou. Não era por acaso, como Natacha o sentia, que, falando da alta aristocracia, mencionava o baile da embaixada aonde ia, os convites de N.N. e S.S.

Sempre sentada silenciosamente, Natacha olhava-o de baixo para cima. Esse olhar o inquietava e constrangia cada vez mais. Voltava-se a todo momento para

ela, interrompendo-se constantemente. Ficou apenas dez minutos e levantou-se, fazendo gesto para se despedir. Os mesmos olhos curiosos, provocantes e um pouco zombeteiros o fitavam sempre.

Depois de sua primeira visita Boris disse a si próprio que Natacha tinha para ele o mesmo atrativo de outros tempos, mas que não devia abandonar-se a esses sentimentos, pois casar com ela sem dote só poderia prejudicar sua carreira. De outra parte, renovar as antigas relações sem ter o casamento por objetivo seria um ato não muito nobre. Decidiu evitar Natacha. Mas, apesar dessa decisão, voltou alguns dias mais tarde e terminou por passar dias inteiros na casa dos Rostov. Compreendia que se impunha uma explicação para Natacha, que devia dizer-lhe que todo o passado estava esquecido, que apesar de tudo... Ela não podia ser sua mulher, já que sua mão não lhe seria concedida pelo fato de ele não ter fortuna. Mas tinha constrangimento de começar essas explicações. Cada dia comprometia-se mais. Natacha, pelas observações de sua mãe e de Sônia, parecia apaixonada outra vez. Cantava-lhe suas árias preferidas, mostrava-lhe seu álbum e o forçava a escrever, mas não lhe deixava falar nos tempos passados, fazendo-lhe compreender quanto era bonito o presente. E cada dia ele saía como numa nuvem, sem dizer o que pretendia, não sabendo o que fazia, por que voltava e como terminaria isso tudo.

Boris deixou de visitar Helena; todos os dias recebia dela bilhetes de censura e, apesar disso, passava dias inteiros na casa dos Rostov.

XIII

Uma noite, quando a velha condessa, de touca e camisão de dormir, sem os cachos postiços, com uma triste mecha de cabelos saindo da touca, suspirando e pigarreando, fazia em cima do tapete as genuflexões profundas da oração da noite, a porta do quarto rangeu e Natacha apareceu em camisão, chinelos e papelotes. A condessa virou-se e franziu o cenho. Terminava sua oração: “Se este leito tivesse que ser meu túmulo!” Sua inspiração devota estava destruída. Natacha corada e animada, ao perceber que sua mãe estava rezando, estacou, acorrou-se e, involuntariamente, mostrou a língua numa expressão de autocensura. Vendo que a mãe continuava a rezar, na ponta dos pés, dirigiu-se rapidamente para a cama, tirou os chinelos e deitou-se nesse mesmo leito que a condessa receava ter por túmulo. Era muito alto, com colchões de penas e cinco travesseiros sobrepostos, de tamanhos diferentes. Num salto Natacha meteu-se embaixo das cobertas, virando-se para a parede. Encolhia-se até encostar o queixo nos joelhos, agitava os pés e sorria. Ora cobria a cabeça, ora olhava sua mãe. A condessa terminou a oração e com a expressão

severa aproximou-se da cama. Mas, vendo que Natacha cobria a cabeça, não pôde evitar um sorriso bondoso e sem energia.

— Está bem, está bem!

— Mamãe, a gente pode conversar? Vem, dá um beijo aqui embaixo do queixo, outro, agora chega. — Abraçou a mãe e beijou-a no seu lugar favorito, sob o queixo. Nas suas expansões com a mãe, Natacha parecia um tanto estabanada, mas era muito delicada e jeitosa, e, de qualquer maneira que a enlaçasse, fazia-o de tal forma que a condessa nunca se sentia aborrecida ou constrangida.

— Então, quais são as novidades de hoje? — perguntou a condessa, apoiando-se nos travesseiros, enquanto Natacha, fazendo dois giros na cama, estendia-se a seu lado, sob a mesma coberta, as mãos para fora e a fisionomia séria.

As visitas noturnas que Natacha fazia à sua mãe antes de o conde chegar do clube eram um dos maiores prazeres de ambas.

— Então, o que há hoje? Eu também preciso falar-te...

Natacha pôs a mão na boca de sua mãe.

— A respeito de Boris... Eu sei, e foi por isso que vim. Não fale, eu sei. Não, sim. — Tirou a mão. — Mamãe, não acha que ele é encantador?

— Natacha, tens dezesseis anos, na tua idade eu já estava casada. Dizes que Boris é encantador. É verdade, é encantador e eu gosto dele como a um filho. Mas o que se vai fazer, o que achas? Está de cabeça virada por ti, eu vejo...

Dizendo essas palavras a condessa virou-se para a filha. Natacha conservava-se imóvel, deitada reta, olhando fixamente uma esfinge de acaju esculpida numa coluna da cama, de sorte que a condessa só via o rosto da filha de perfil. Esse semblante sério e concentrado impressionou a condessa.

Natacha ouvia e pensava.

— E então, o que tem isso?

— Tu o deixaste de cabeça virada, por quê? O que pretendes dele? Sabes que não podes casar com ele?

— Por quê? — perguntou Natacha sem mudar de posição.

— Porque ele é moço, pobre, parente... Porque tu não o amas.

— Tem certeza?

— Tenho. E isso não é direito, minha querida.

— E se eu quero... — retrucou Natacha.

— Deixa de dizer bobagens.

— E se eu quero...

— Natacha, estou falando sério.

Natacha não a deixou concluir. Pegou a mão comprida da condessa, cobrindo-a de beijos, virou-a, beijou-lhe a palma, depois a articulação do indicador, entre as articulações, novamente a articulação do dedo seguinte, dizendo baixinho: “Janeiro, fevereiro, março, abril, maio.”

— Diga, mamãe, por que não fala? Fala — disse à mãe, que a fitava com um olhar terno, parecendo ter esquecido tudo que tinha a dizer.

— Não é direito, minha querida. Nem todos compreendem essa amizade de infância, e essa intimidade pode prejudicar-te perante certas pessoas que frequentam nossa casa. Além de tudo, isso não dará em nada. É possível que já tenha encontrado um bom partido, e agora está ficando louco.

— Está ficando louco?

— Queres saber o que aconteceu a mim mesma... Tinha um primo...

— Eu sei, Kiril Matveitch. Mas é um ancião.

— Nem sempre foi. Mas falarei com Boris. Não convém que venha tão frequentemente...

— Por quê, se ele quer?

— Porque eu sei que isso não dará em nada.

— Como é que a senhora sabe? Não, mamãe, não lhe diga nada. É uma bobagem — disse Natacha no tom de uma pessoa a quem se quer arrancar um bem. — Está certo, não casarei, mas que ele continue a vir: é agradável para mim e para ele também. Por que não pode continuar assim?

Natacha sorria fitando sua mãe.

— Não para casar, mas *assim* — repetiu.

— Mas como, *assim*, minha querida?

— Ora, *assim*. Não é absolutamente necessário que case, mas que fique *assim*.

— *Assim, assim* — repetiu a condessa, e, toda trêmula, riu com seu riso velho e bom.

— Não ria, chega, chega! — exclamou Natacha. — Está sacudindo toda a cama, a senhora é bem como eu, uma gaiata... Espera...

Pegou as duas mãos da condessa, beijou o osso do dedo mínimo de uma delas, junho, e continuou a beijar na outra mão: julho, agosto.

— Mamãe, ele estará muito apaixonado? Será? Gostavam assim da senhora? É encantador, encantador! Mas não é meu tipo. É estreito como o pêndulo da sala de jantar... Compreende, não é? Estreito, a senhora sabe, cinza-claro...

— Que história é essa?

Natacha continuou:

— Será que não compreende? Nikolenka compreenderia... Bezukhov, sim, é azul, azul-escuro com vermelho, e além disso quadrado...

— Será que também estás flertando com ele? — perguntou, rindo, a condessa.

— Não, soube que é maçom. É bom, azul-escuro com vermelho, ora, como explicar?...

— Condessinha, já não estás dormindo? — perguntou o conde do lado de fora da porta.

Natacha deu um pulo, pegou os chinelos e correu para seu quarto de pés descalços.

Por muito tempo não conseguiu dormir. Pensou sem descanso que ninguém podia compreender tudo que ela compreendia e o que havia nela.

“Sônia?”, pensou olhando aquela gatinha dormindo depois de ter enrolado a sua enorme trança. “Não! É virtuosa demais. Apaixonou-se por Nikolenka e não quer saber de mais nada. Mamãe, mesmo, não compreende. É maravilhoso como sou inteligente e como ela... É querida”, continuava falando para si na terceira pessoa e imaginando que alguém muito inteligente estivesse dizendo aquilo, a pessoa mais inteligente e melhor... “Tudo, tudo, possui tudo”, continuava essa pessoa de inteligência superior, “encantadora, além de bonita, extraordinariamente bonita e habilidosa. Nada, monta cavalos admiravelmente e que voz! Não há o que dizer, é uma voz soberba!” Cantou sua frase favorita da ópera de Cherubini, atirou-se na cama, riu alegremente ao lembrar que dormiria em seguida, chamou Duniacha para apagar a vela e, antes de a criada ter tempo de sair do quarto, já havia passado para um mundo mais feliz, esse mundo dos

sonhos, onde tudo não só era fácil e belo como na realidade, mas ainda melhor, porque era diferente.

No dia seguinte a condessa falou em particular com Boris e ele deixou de frequentar a casa dos Rostov.

XIV

Um grão-senhor do tempo de Catarina festejava o *réveillon* de 1810, oferecendo um baile em sua casa. O corpo diplomático e o imperador deveriam comparecer.

Milhares de luzes iluminavam a casa muito conhecida do ilustre senhor, que ficava situada no cais inglês. Junto do patamar, atapetado de vermelho e brilhantemente iluminado, o policiamento era rigoroso. O próprio chefe de polícia estava na entrada, acompanhado por uma dezena de seus oficiais. As carruagens chegavam constantemente com lacaios de vermelho, com plumas nos chapéus. Homens fardados, com fitas e condecorações, saíam das carruagens. As senhoras, cobertas de cetim e arminho, descendo prudentemente com o auxílio do estribo, atravessavam sem ruído o tapete do patamar.

Um murmúrio da multidão acolhia quase todas as carruagens que chegavam, e as pessoas tiravam os chapéus.

“O imperador?...”, “Não...”, “O ministro... O grão-duque, o embaixador.” “Não vê as plumas?”, dizia-se na multidão.

Uma pessoa, mais bem-vestida que os demais, parecia conhecer todo o mundo e designava pelos nomes os maiores dignitários da época.

Um terço dos convidados já chegara e os Rostov, que deviam comparecer a esse baile, ainda estavam atrapalhados para se arrumar.

Esse baile foi motivo de muitos preparativos e confabulações na família Rostov. Receavam muito não serem convidados, tinham medo de que um vestido não ficasse pronto e que tudo não se arranjasse como era necessário.

Maria Ignatievna Peronskaia, amiga e parenta da condessa, uma dama de companhia amarelada e magra da velha corte, ia ao baile com os Rostov e guiava esses provincianos no grande mundo de Petersburgo.

Os Rostov deviam ir buscá-la às dez horas perto da praça Tavritcheski, e a hora chegava e as meninas ainda não estavam vestidas.

Natacha ia pela primeira vez a um grande baile. Nesse dia levantara às oito horas da manhã e passara o dia numa atividade febril. Desde a manhã desdobrava-se em esforços para que sua mãe, Sônia e ela própria vestissem o melhor possível. Sônia e a condessa deixaram tudo em suas mãos. O vestido da condessa era de veludo vinho e os das meninas eram brancos com fundo de seda cor-de-rosa e rosas no decote e na bainha; o penteado era à grega.

O essencial já estava feito: as pernas, os braços, o pescoço e as orelhas estavam lavados, perfumados e empoados com um cuidado especial, como convém a um baile. Já tinham calçado as meias de seda e os sapatinhos de cetim guarnecidos de fitas. Os penteados estavam quase prontos, Sônia terminava de se vestir. A condessa também, mas Natacha, que trabalhava para todas, estava atrasada, sentada diante do espelho, com um robe sobre os ombros descarnados. Sônia, já vestida, entalada num espartilho, pregava uma última fita, que rangia sob o alfinete. Os dedos chegavam a doer ao apertar o alfinete.

— Não é assim, não é assim, Sônia — disse Natacha, virando a cabeça e pegando os cabelos que a criada segurava sem dar-lhe tempo de largá-los. — A fita não está direita, vem cá.

Sônia obedeceu e sentou-se. Natacha arrumou a fita de modo diferente.

— Permita, senhorita, assim eu não posso — disse a criada que segurava os cabelos de Natacha.

— Ah, meu Deus! Pois deixa para depois! Pronto, Sônia.

— Ainda vão demorar muito? — perguntou a voz da condessa. — São quase dez horas.

— Só mais um instante. E a senhora, mamãe, já está pronta?

— Só me falta ajustar o toque.

— Não faça sem mim — gritou Natacha. — A senhora não sabe.

— Mas já são dez horas.

Deviam estar no baile às dez e meia, Natacha ainda não estava vestida e ainda tinham de ir até a praça Tavritcheski.

Depois de penteada, vestindo uma saia curta que deixava aparecer os sapatos de baile, envolta na camisola da mãe, Natacha correu para Sônia, examinou-a e foi ao quarto da condessa. Fez-lhe virar a cabeça, ajustou a touca e, beijando-lhe

rapidamente os cabelos grisalhos, correu até o quarto das empregadas que costuravam seu vestido.

A saia de Natacha estava comprida demais e duas empregadas a encurtaram mordiscando nervosamente um pedaço de linha, uma terceira, com alfinetes nos lábios, corria da condessa para Sônia, a quarta, com as mãos levantadas, segurava o vestido transparente.

— Mavrucha, mais ligeiro, querida!

— O dedal, senhorita?

— Falta muito? — perguntou o conde da porta. — Venha cá, trouxe alguns perfumes para vocês, Mademoiselle Peronskaia já está esperando...

— Está pronto, senhorita — disse a criada que suspendia o vestido com dois dedos, agitando-o com um sopro e mostrando com esse gesto que tinha consciência da leveza e brancura do que estava segurando.

Natacha começou a vestir-se.

— Já vou. Já vou. Não entres, papai! — gritou, através da saia que lhe cobria o rosto, ao pai, que estava abrindo a porta.

Sônia fechou a porta. Um minuto depois deixavam o conde entrar. Vestia uma casaca azul, meias e sapatos; estava perfumado e frisado.

— Ah! Papai! Como estás bonito! Ótimo! — exclamou Natacha no meio do quarto, arrumando uma prega do vestido.

— Com licença, senhorita, com licença — dizia a criada que arrumava a saia ajoelhada, fazendo os alfinetes correrem de um canto ao outro da boca.

— Tu decides, mas ainda vai demorar muito — disse Sônia com a voz angustiada, olhando o vestido de Natacha.

Natacha afastou-se um pouco para olhar-se no espelho. O vestido estava comprido.

— Juro, senhorita, que não está comprido — disse Mavrucha, arrastando-se no chão atrás de Natacha.

— Afinal, se estiver, nós o encurtaremos num instante — disse Duniachka resolutamente, pegando uma agulha presa no xale em seu pescoço e sentando-se no chão para trabalhar.

Nesse momento a condessa entrou a passos lentos, um pouco confusa, com seu vestido de veludo e a touca na cabeça.

— Ah! Ah! Minha bela! — exclamou o conde. — Mais bonita que vocês todas! — Quis abraçá-la, mas ela, muito vermelha, afastou-se para não amassar o vestido.

— Mamãe, a touca deve ficar um pouco mais para um lado — disse Natacha. — Deixa que eu a arrumarei. — E precipitou-se para a frente. As criadas, que estavam cosendo e não tiveram tempo de segui-la, arrancaram um pedaço do tecido fino.

— Meu Deus! O que é isso? Juro que não tenho culpa...

— Não é nada. Eu costuro e não se verá — disse Duniachka.

— Minha bela! Que beleza! — disse da porta a velha ama entrando. — E Sonutchka? Ah! Minhas belezinhas!...

Às dez e quinze, finalmente, tomaram o carro e partiram. Mas era preciso ainda fazer uma volta pela praça Tavritcheski.

A senhorita Peronskaia já estava pronta. Apesar de sua idade e feiura, a arrumação a preocupara tanto como aos Rostov (estava habituada). Vinha também toda perfumada e empoada, com as orelhas lavadas, e, como nos Rostov, a velha criada admirou entusiasmada o vestido amarelo de sua patroa, ornado com o distintivo das damas de companhia.

A senhorita Peronskaia elogiou as roupas dos Rostov, e estes elogiaram seu gosto e seu vestido. Tomando todas as precauções com os vestidos e penteados, instalaram-se no carro às onze horas e partiram.

XV

Desde a manhã desse dia, Natacha não tivera um único momento livre e nem uma só vez havia tido tempo de pensar no que veria.

No ar úmido e frio, dentro da carruagem apertada e escura, que oscilava, imaginou pela primeira vez o que veria no baile, naqueles salões iluminados: a música, as flores, as danças, o imperador, toda a mocidade brilhante de Petersburgo. O que a esperava era tão lindo que ela não podia crer tal a dessemelhança da impressão de frio, aperto e obscuridade do carro. Só compreendeu tudo que a esperava quando, pisando o tapete vermelho do patamar, entrou no vestíbulo, tirou a peliça e, ao lado de Sônia e diante de sua

mãe, subiu, entre as flores, a escadaria iluminada. Só então lembrou-se de como devia conduzir-se e procurou tomar atitudes majestosas que julgava adequadas a uma moça num baile.

Mas, por felicidade sua, sentia que seus olhos corriam em todas as direções, não distinguia nada com nitidez, suas pulsações subiam a cem e o sangue afluía-lhe ao coração. Não podia tomar essas atitudes que a teriam tornado ridícula, e subia, trêmula da emoção que procurava esconder a todo custo. E era precisamente o que mais lhe sentava. Adiante e atrás deles, convidados, também em traje de baile, caminhavam conversando em voz baixa. Os espelhos da escadaria refletiam as damas de vestidos brancos, azuis e cor-de-rosa, com diamantes e pérolas nos braços e nos decotes.

Natacha olhava nesses espelhos e não conseguia distinguir-se dos demais. Tudo se confundia numa procissão brilhante. Entrando no primeiro salão, o ruído das vozes, dos passos, dos cumprimentos deixou-a aturdida. A luz ainda a cegava mais.

O dono e a dona da casa que, há uma meia hora, estavam junto da porta e cumprimentavam os convidados com as palavras “*Charmés de vous voir*”, acolheram os Rostov e a senhorita Peronskaia da mesma forma.

As duas garotinhas nos seus vestidos brancos, com rosas nos cabelos negros, cumprimentaram como todos, mas a dona da casa não pode conter-se de observar mais demoradamente a franzina Natacha. Contemplou-a com um sorriso particular, só para ela diferente do seu sorriso de anfitriã. Talvez se lembrasse do seu passado de menina-moça, de seu primeiro baile. O marido, acompanhando Natacha com os olhos, perguntou ao conde qual era sua filha.

— *Charmante* — disse, beijando a ponta dos dedos.

No salão de baile, os convidados se apertavam junto da porta esperando o imperador. A condessa colocou-se na primeira fila dessa multidão. Natacha ouvia e sentia que a olhavam e que algumas vozes falavam dela. Compreendeu que agradava os que a notavam, e essa observação a reconfortou um pouco.

“Há outras como nós, e ainda piores”, pensou.

A senhorita Peronskaia mostrava à condessa as pessoas mais importantes que se encontravam no baile.

— Olhe, o embaixador da Holanda, aquele grisalho. — Designava um velhinho de cabeleira prateada, encaracolada, cercado de damas que fazia rir.

— E ali, a rainha de Petersburgo, a condessa Bezukhov — disse, mostrando Helena, que entrava.

— Como é bonita! Não perde nada para Maria Antonovna. Veja, moços e velhos a cercam. É bonita e espirituosa... Dizem que o príncipe está louco por ela. E agora essas duas, apesar de não serem bonitas, atraem ainda mais pessoas. — Designava uma dama e sua feia filha que atravessavam o salão. — É milionária — continuou a senhorita Peronskaia —, veja os pretendentes.

“Este é o irmão da condessa Bezukhov, Anatole Kuriaguine. — Mostrava um belo oficial da guarda montada que passava diante delas, com a cabeça levantada, olhando sobre a cabeça das damas. — Bonito, não é verdade? Vão casá-lo com a moça milionária. E seu primo Drubetzkoï também anda cortejando... Fala-se de milhões.

“Sim, sim, é ele mesmo, o embaixador francês — respondeu à condessa, que lhe mostrava de Caulaincourt, perguntando quem era. — Parece um imperador. E, apesar de tudo, os franceses são encantadores, encantadores. Em sociedade ninguém os iguala... Ah! É ela! Não há dúvida, é a mais bonita de todas, nossa Maria Antonovna! E como se veste com simplicidade. É radiante. E esse gordo de óculos, o maçom universal! — disse a senhorita Peronskaia, mostrando Bezukhov. — Imagine-o ao lado de sua mulher e verá o grotesco...”

Pierre deslocava seu corpo pesado por entre convidados e cumprimentando à direita e à esquerda, com negligência e bonomia, como se estivesse passeando no mercado público. Parecia procurar alguém.

Natacha avistou com prazer a fisionomia conhecida de Pierre, esse grotesco, como o tratava a senhorita Peronskaia. Sabia que ele os procurava na multidão, e especialmente a ela. Prometera vir ao baile e apresentar-lhe alguns pares.

Antes chegar até onde estavam, Pierre parou perto de um convidado moreno, bonito, não muito alto, em uniforme branco, que se achava perto da janela conversando com um senhor idoso, decorado de cruzes e fitas. Natacha reconheceu imediatamente o rapaz em uniforme branco. Era Bolkonski, que lhe parecia mais moço, alegre e bonito.

— Olhe, mais um conhecido, mamãe, o príncipe Bolkonski — disse Natacha.
— Lembra-se, ele pousou em Otradnoie.

— Ah! Também o conhecem — fez a senhorita Peronskaia. — Eu o detesto. É ele quem dita a lei agora. Um orgulho sem limites. Bem como seu pai. Ligou-se a Speranski e estão escrevendo uns projetos quaisquer. Veja como fala com as senhoras! Afasta-se quando elas se dirigem a ele; que experimente fazer isso comigo!

XVI

Subitamente, tudo se agitou. Um sussurro percorreu a multidão que se aproximou, tornou a recuar e, ao som da música, o imperador passou entre as duas alas afastadas. Os donos da casa o acompanhavam um pouco atrás. Caminhando, o imperador cumprimentava rapidamente à direita e à esquerda, como se quisesse deixar para trás, o mais prontamente possível, esse primeiro momento de encontro. A música tocava uma *polonaise* muito em moda, com a seguinte letra: “Alexandre e Elisabeth, sois nosso encanto! Etc.”

O imperador entrou no salão; a multidão se comprimia junto às portas. Algumas pessoas, com expressão cerimoniosa, iam e vinham rapidamente. Mais uma vez todos se afastaram das portas do salão e o imperador apareceu conversando com a dona da casa. Um rapaz atarefado corria para todos os lados, pedindo às damas que se afastassem. Algumas, cujas fisionomias exprimiam o completo esquecimento das conveniências mundanas, amassavam os vestidos para ficar na frente. Os cavalheiros aproximavam-se das damas formando os pares da *polonaise*. Todos se afastaram e o imperador, sorrindo, dando a mão à dona da casa, entrou no salão de dança sem observar o compasso da música. Seguiam-os o dono da casa com Maria Antonovna Narischkina, embaixadores, ministros, generais que a senhorita Peronskaia ia nomeando. Mais da metade dos pares dançavam ou se preparavam para dançar a *polonaise*. Natacha viu que ia ficar com sua mãe e Sônia no pequeno grupo de senhoras apertadas contra a parede, e que não haviam sido convidadas para a *polonaise*.

Conservava-se em pé, com os braços finos caídos, o peito, apenas formado, arfando regularmente, contendo a respiração. Seus olhos brilhantes e assustados exprimiam a expectativa da maior alegria ou da maior infelicidade. Nem o imperador nem os demais figurões que a senhorita Peronskaia designava a interessavam. Só pensava numa coisa: “Será que ninguém se aproximará de

mim? Não serei das primeiras a dançar? Será que não serei notada por nenhum desses homens que agora não me enxergam ou quando me veem parecem dizer: ‘Ah! Não é ela, não vale a pena olhar.’ Não, é impossível!”, pensou. “Devem compreender que tenho vontade de dançar, que danço bem e que será muito agradável dançar comigo.”

Ao ouvido de Natacha os sons da *polonaise*, que se faziam ouvir há bastante tempo, começavam a ressoar tristemente como uma lembrança. Sentia vontade de chorar. A senhorita Peronskaia afastou-se delas. O conde estava na outra extremidade da sala. A condessa, Sônia e ela pareciam estar sozinhas numa floresta, sem interesse nem utilidade para ninguém naquela multidão estranha. O príncipe André passou diante delas acompanhando uma senhora. Evidentemente não as reconhecia. O belo Anatole, sorrindo, conversava com a dama com quem dançava e olhou Natacha como se fitasse uma parede.

Boris passou duas vezes junto delas e duas vezes esquivou-se. Berg e sua mulher, que não dançavam, aproximaram-se. Natacha chocou-se com essa aproximação de família no baile, como se não houvesse outro local para isso, considerou uma vergonha. Não via e nem ouvia Vera, que dizia qualquer coisa sobre seu vestido verde.

Finalmente o imperador parou junto de seu último par (dançara com três). A música silenciou. O ajudante de ordens, aparentando preocupação, aproximou-se das Rostov, pedindo-lhes que se afastassem mais, apesar de elas estarem encostadas na parede. A orquestra rompeu numa valsa de ritmo suave e irresistível.

Sorrindo, o imperador percorreu a sala com o olhar. Alguns momentos passaram e ninguém dançava ainda. O ajudante de ordens que coordenava a cerimônia aproximou-se da condessa Bezukhov e convidou-a. Ela sorriu e, sem olhar, pôs a mão no ombro do oficial. Este, um verdadeiro artista no ofício, sem apressar-se, com segurança e energia, enlaçou-a fortemente e começou a valsa, deslizando em torno da sala. A certa altura, erguendo a mão esquerda, fê-la rodopiar e, aos sons sempre mais rápidos da música, nada mais se percebia senão o tinir regular das esporas, as pernas ágeis do ajudante de ordens e, cada três compassos, a saia de veludo que fazia balão. Natacha os olhava. Estava quase chorando por não dançar essa primeira volta de valsa.

O príncipe André, em uniforme branco de coronel de cavalaria, meias de seda e sapatos de gala, animado e alegre, estava na primeira fila, não muito distante dos Rostov. O barão Firhow conversava com ele sobre a primeira sessão do conselho imperial, que devia realizar-se no dia seguinte. O príncipe André, como íntimo de Speranski e participante dos trabalhos da comissão legislativa, podia dar informações seguras sobre essa sessão, a propósito da qual corriam os mais desencontrados boatos. Mas ele não prestava atenção a Firhow e olhava ora o imperador, ora os pares que se preparavam para dançar e não ousavam entrar no círculo.

O príncipe André observava esses homens intimidados pela presença do imperador e essas damas morrendo de vontade de dançar. Pierre aproximou-se e apertou-lhe a mão.

— Já parou de dançar? Tenho aqui uma jovem protegida, a pequena Rostov, convide-a.

— Onde? — perguntou Bolkonski. — Com licença — disse ao barão —, terminaremos nossa conversa em outro local, o baile é para dançar.

Tomou a direção que Pierre lhe indicava. A fisionomia desesperada, palpitante de Natacha chamou a atenção do príncipe André. Reconheceu-a. Adivinhou-lhe os pensamentos e compreendeu que era seu primeiro baile. Lembrou-se da conversa na janela e, com a mais alegre das expressões, aproximou-se da condessa Rostov.

— Permite que lhe apresente minha filha — disse a condessa, corando.

— Já tive esse prazer, não sei se está lembrada, condessa — disse o príncipe André com um sorriso delicado e profundo, em completa contradição com o que a senhorita Peronskaia informara sobre sua grosseria. Aproximando-se de Natacha, e, antes mesmo de convidá-la para dançar, enlaçou-a. Propôs-lhe uma valsa. A expressão de desespero de Natacha, pronta para a dor ou para o entusiasmo, iluminou-se subitamente num sorriso feliz, grato e infantil.

“Te espero há tanto tempo!”, parecia dizer o sorriso dessa garotinha assustada e feliz, afastando as lágrimas prontas a brotarem, ao apoiar a mão no ombro do príncipe André. Era o segundo par que entrava no círculo.

O príncipe André era um dos melhores dançarinos de seu tempo. Natacha dançava admiravelmente; seus pés, com sapatos de baile, mal tocavam o chão, e

seu rosto brilhava de entusiasmo e felicidade. O pescoço e os braços nus e magros não eram bonitos, comparados aos de Helena. Os ombros eram magros, o busto ainda não estava formado e os braços eram finos. Mas o corpo de Helena estava como envernizado por um sem-número de olhares, enquanto Natacha parecia uma garotinha que se mostrava pela primeira vez e que teria se envergonhado se não lhe houvessem dito que isso era necessário.

O príncipe André gostava da dança e, dançando, logo esquecia os debates políticos e intelectuais com que costumavam abordá-lo. Queria afastar, o mais rapidamente possível, esse constrangimento causado pela presença do imperador e escolhera Natacha porque Pierre lhe havia indicado e porque era a primeira criatura bonita que lhe aparecia diante dos olhos. Mas assim que enlaçou esse corpo franzino e flexível, e a jovem se aconchegou a ele, sorrindo tão perto dele, sentiu toda a sedução de seu encanto subir-lhe à cabeça, como um bom vinho. Ao deixá-la para descansar, tomando fôlego, sentia-se rejuvenescido contemplando os outros pares.

XVII

Em seguida do príncipe André, Boris dançou com Natacha, logo depois, o ajudante de ordens que abrira o baile e muitos outros ainda. Ofegante e feliz, Natacha passava a Sônia seus pares por demais numerosos. Dançou sem parar a noite inteira. Não via nem notava o que preocupava a todos os outros. Nem sequer percebera que o imperador falava demoradamente com o embaixador francês, que se dirigia a tal dama com uma graça especial, o que fazia ou dizia o príncipe tal, que Helena estava fazendo um grande sucesso e que fulano a honrava com uma atenção toda particular, nem viu o imperador. Apenas notou sua partida pelo fato de o baile ter-se tornado ainda mais animado. O príncipe André dançou com Natacha um *cotillon* muito alegre que precedeu a ceia.

Lembrou-lhe o primeiro encontro que tiveram na alameda de Otradnoie, como custara a dormir naquela noite de luar e como, sem querer, a ouvira falar. Natacha corou e procurou justificar-se, como se houvesse alguma coisa de vergonhoso nesse estado de espírito em que o príncipe André a surpreendera involuntariamente.

Como todas as pessoas criadas na sociedade, o príncipe André gostava de encontrar os que não trazem o cunho banal do mundanismo. Tal era Natacha com sua surpresa, alegria, timidez e até erros de francês. Tratava-a de uma forma

particularmente terna e atenciosa. Sentado a seu lado, falando sobre as menores coisas, admirava-lhe o brilho alegre dos olhos e o sorriso que não se relacionava às palavras que dizia, mas à sua felicidade interior.

Quando a convidavam para dançar, levantava-se sorrindo e o príncipe André surpreendia-se, acima de tudo, com sua graça ingênua. Antes do fim do *cotillon*, depois de terminar uma figura da dança, ainda ofegante, Natacha voltou a seu lugar.

Mais uma vez vieram convidá-la.

Estava cansada, ofegante e visivelmente desejaria recusar, mas, apoiando a mão no ombro do novo par, sorria ao príncipe André.

“Gostaria de descansar e ficar junto do senhor, estou cansada, mas, estou vendo, vêm tirar-me e eu me sinto feliz, contente, e gosto de todos, você e eu compreendemos isso”, e seu sorriso ainda dizia muitíssimas outras coisas. Quando o par a deixou, Natacha correu pela sala à procura de duas damas para a coreografia. “Se se aproximar primeiro da prima e depois da outra dama, será minha mulher”, disse consigo, de repente, o príncipe André enquanto a olhava, admirando-se de si mesmo.

Ela aproximou-se da prima em primeiro lugar.

“Quanta bobagem passa pela cabeça da gente”, pensou. “Mas o certo é que essa menina é tão encantadora e tão original que não dançará mais de um mês aqui sem casar-se... Nesse meio é uma raridade”, pensava quando Natacha, arrumando uma rosa no corpete do vestido, sentava-se a seu lado.

Ao terminar o *cotillon*, o velho conde, de casaca azul, aproximou-se deles. Convidou o príncipe André para ir à sua casa e perguntou à filha se estava contente. Natacha não respondeu logo; limitou-se a sorrir como se o censurasse: “Mas isso é coisa que se pergunte?!”

— Alegre como nunca — disse. E o príncipe André notou que seus braços frágeis levantavam-se para enlaçar o pai, e logo se contiveram. Natacha nunca se sentira tão feliz. Estava impregnada de felicidade até esse ponto em que as pessoas se tornam absolutamente boas e afáveis e não acreditam que o mal, a desgraça e a dor sejam possíveis.

Nesse baile, pela primeira vez, Pierre sentiu-se mal com a situação de sua mulher nas altas esferas. Estava distraído e sombrio. Um grande sulco cortava-

lhe a testa e, encostado numa janela, olhava através dos óculos sem ver ninguém.

Quando se dirigia para a ceia, Natacha passou diante dele.

O semblante sombrio e infeliz de Pierre a surpreendeu. Parou, quis consolá-lo, dando-lhe uma sobra da própria felicidade.

— Divertido, conde, não é?

Pierre sorriu distraidamente; estava claro que não compreendia o que lhe estavam dizendo.

— Sim, estou muito contente.

“Como poderia estar descontente”, pensou Natacha, “principalmente um homem bom como esse Bezukhov!”. Aos olhos de Natacha, todos que estavam naquele baile eram bons, encantadores, amáveis e queriam bem uns aos outros. Ninguém poderia ofender os demais, e por isso todos deviam estar felizes.

XVIII

No dia seguinte o príncipe André recordou-se da festa da véspera, mas não se deteve muito nessa lembrança.

“Sim, o baile foi brilhantíssimo, e também... Sim, essa pequena Rostov é um encanto; há nela um frescor, algo que não é petersburguense, que a diferencia.” Foi tudo que pensou sobre o baile e, depois de tomar o chá, começou a trabalhar.

Mas fosse fadiga ou insônia — o dia estava impróprio para trabalhar e o príncipe André não conseguia fazer nada — levou todo o tempo a criticar o próprio trabalho, o que lhe acontecia muitas vezes, e ficou satisfeito quando vieram anunciar-lhe uma visita.

O visitante era Bitzki, membro de diversas comissões e frequentador de toda a sociedade de Petersburgo. Era um admirador apaixonado das novas ideias e de Speranski, e o leva e traz mais bem informado de Petersburgo. Um desses homens que escolhem uma opinião como um traje, seguindo a moda, mas que, por isso mesmo, parecem ser os partidários mais ardentes da nova corrente. Chegou à casa do príncipe André com a fisionomia preocupada e, mal erguendo o chapéu, começou a falar.

Sem perda de tempo e com entusiasmo, contou os detalhes da sessão do conselho do império realizada pela manhã sob a presidência do imperador. O

discurso do tsar fora admirável, um desses discursos de que só os imperadores constitucionais são capazes de pronunciar. “O imperador disse, sem rodeios, que o Conselho e o Senado são as *ordens* do Estado. Disse também que o governo deve fundar-se, não no abuso, mas em *princípios* sólidos, que as finanças devem ser transformadas e as contas publicadas”, contava Bitzki, acentuando certas palavras e abrindo muito os olhos. “Sim, o acontecimento de hoje marca uma era, a maior era de nossa história”, concluiu.

O príncipe André ouvia falar na instalação do conselho do império, que esperava com tanta impaciência e ao qual ligara tamanha importância, admirando-se de não sentir a menor emoção e achá-lo mais que insignificante, agora que esse acontecimento se realizara. Zombando às escondidas, ouvia a narrativa entusiástica de Bitzki. A ideia que lhe veio à mente foi a mais simples: “Que importância tem para mim e para Bitzki que o imperador tenha dito isso no conselho! Tornar-me-ei mais feliz e melhor?”

E esse simples raciocínio destruiu de golpe todo seu interesse pelas reformas realizadas. Nesse mesmo dia deveria jantar na casa de Speranski, *en petit comité*, como lhe dissera o dono da casa.

Esse convite para um jantar íntimo, vindo de um homem que ele tanto admirava, fora particularmente agradável ao príncipe André, tanto mais que ainda não vira Speranski no seio da sua família. Mas, agora, não fazia a menor questão de ir.

Apesar disso, na hora marcada para o jantar, o príncipe André entrava na residência, pequena, de Speranski, nas imediações da praça Tavritcheski. Quando, um pouco atrasado, às cinco horas, entrou na sala de jantar, que se distinguia pelo asseio meticuloso (lembrando o de um convento), já encontrou reunidos todos os íntimos de Speranski. Não havia senhoras, salvo a filhinha do anfitrião com o rosto comprido como o de seu pai, e sua preceptora. Os convidados eram Gervais, Magnitzki e Stolipine.

Do vestíbulo, o príncipe André ouviu vozes altas e um riso claro, sonoro.

Esse riso era semelhante aos que se ouvem nos palcos. Alguém, com a mesma voz de Speranski, gargalhava nitidamente: “Ha! Ha! Ha!”

O príncipe André nunca ouvira o riso de Speranski, e esse riso sonoro e agudo do homem público o impressionava estranhamente.

Entrou na sala de jantar. Todos estavam reunidos em torno de uma pequena mesa coberta de aperitivos, que ficava entre duas janelas. Speranski estava junto da mesa, de casaca cinza com uma medalha, gravata e colete brancos, como, provavelmente, se apresentara na famosa sessão do conselho imperial. Aparentava alegria. Os convidados faziam círculo em torno dele. Magnitzki, dirigindo-se a Mikhail Mikailovitch, contava uma anedota. Speranski ouvia-o, rindo de antemão. Quando o príncipe André entrou na sala, as palavras de Magnitzki eram novamente abafadas pelo riso.

Stolipine, mastigando um pedaço de pão e queijo, ria numa voz forte de baixo. Gervais tinha um riso sibilante e macio. Quanto a Speranski, ria francamente, sonoramente.

Continuando a rir, o ministro estendeu ao príncipe André sua mão branca e feminina.

— Encantado em vê-lo, príncipe! Um momento... — disse a Magnitzki, interrompendo sua história. — Hoje ofereço um jantar de prazer, sendo proibidos os assuntos sérios.

E novamente dirigiu-se ao narrador, rindo outra vez.

O príncipe André ouvia o riso de Speranski com a surpresa de um desencantamento triste, e o fitava. Parecia-lhe que não era Speranski, mas um outro homem. Tudo que outrora lhe parecera misterioso e atraente em Speranski tornava-se, de chofre, claro e sem interesse.

À mesa, a conversa continuou igualmente animada, não passando de um desfiar de anedotas jocosas.

Magnitzki ainda não terminara sua narrativa e já alguém mostrava o desejo de contar alguma coisa ainda mais engraçada.

Em geral, as anedotas se referiam ao mundo administrativo e aos funcionários. A nulidade dessas pessoas parecia demonstrada de uma forma tão definitiva que não podia provocar nada mais que uma indulgência cômica.

Speranski contava que, pela manhã, na sessão do conselho, um dos membros que era surdo e a quem foi pedida a opinião respondera que estava de acordo. Gervais contou uma longa história de inspeção, notável pela estupidez de todos os participantes.

Gaguejando, Stolipine começou a criticar, com ardor, os abusos do antigo estado de coisas, ameaçando assim levar a conversação para um terreno mais sério. Magnitzki pôs-se a zombar do zelo de Stolipine. Gervais disse uma pilhéria e a conversa retomou o tom frívolo.

Era evidente que Speranski, depois do trabalho, gostava de divertir-se numa roda de amigos, e os convidados, compreendendo esse desejo, procuravam alegrá-lo e divertir-se também. Mas, ao príncipe André, esse torneio de espírito parecia pesado e enfadonho. A voz estridente de Speranski lhe era desagradável e seu riso constante o irritava pela sua entonação falsa. O príncipe André não ria e receava motivar um constrangimento geral.

Mas ninguém percebia a dissonância de seu estado de espírito. Todos pareciam muito alegres.

Várias vezes quis tomar parte na conversa, mas suas palavras se ricocheteavam como uma rolha n'água, e ele não conseguia tomar parte nas pilhérias.

O que diziam não era de mau gosto nem fora de propósito, tudo era espirituoso, vivo e podia ser engraçado. Mas os presentes pareciam ignorar uma certa coisa que dá o sabor à alegria.

Depois do jantar a filha de Speranski e a preceptora levantaram. Com sua mão branca Speranski acariciou a filha e a beijou. Esse gesto não pareceu natural ao príncipe André.

À moda inglesa os homens continuaram na mesa tomando vinho do Porto. No meio da conversa sobre os assuntos de Napoleão na Espanha, que todos aprovavam unanimemente, o príncipe André começou a contradizê-los. Speranski sorriu e, desejando visivelmente mudar de assunto, contou uma anedota que nada tinha que ver com o que se estava conversando. Durante alguns momentos todos se calaram.

Ainda sentado, Speranski fechou a garrafa de vinho e disse: “Hoje em dia o bom vinho é muito raro.” Entregou-a ao criado e levantou-se. Todos levantaram e, conversando ruidosamente, passaram para o salão. Speranski recebeu duas mensagens que o correio acabava de trazer e foi até seu gabinete. Assim que saiu, desapareceu a alegria geral dos convidados, que se tornaram razoáveis, conversando a meia-voz.

— Muito bem, agora vamos ouvir a declamação! — disse Speranski, saindo do gabinete. — É um verdadeiro talento — esclareceu ao príncipe André.

Tomando atitude, Magnitzki começou a declamar versos humorísticos em francês, que escrevera sobre certos personagens de Petersburgo. Várias vezes foi interrompido pelos aplausos.

Terminada a declamação, o príncipe André aproximou-se de Speranski para despedir-se.

— Aonde vai tão cedo? — perguntou-lhe o ministro.

— Prometi ir a uma reunião...

Calaram-se. O príncipe André fitou bem de perto esses olhos vítreos que não se deixam penetrar e achou-se ridículo por ter chegado a esperar alguma coisa de Speranski e de toda a sua atividade; chegava a não acreditar como lhe dera tanta importância. Aquele riso medido, forçado, continuava a ressoar em seus ouvidos, ainda muito depois de ter se retirado.

Chegando em casa, o príncipe André começou a recordar, como alguma coisa de novo, sua vida em Petersburgo nesses últimos quatro meses. Recordava seus propósitos, suas pesquisas, a história de seu projeto de código militar que fora tomado em consideração e sobre o qual procuravam silenciar, unicamente porque um outro trabalho, aliás péssimo, já estava feito e fora apresentado ao imperador. Rememorava as sessões do comitê do qual Berg fazia parte; lembrava-se de como, nessas sessões, haviam discutido demorada e cuidadosamente sobre tudo que se relacionava com a parte formal, passando ao largo de tudo que era essencial. Recordava seu trabalho de codificação; o cuidado com que traduzira para o russo os artigos dos códigos romano e francês, e sentia vergonha de si próprio.

Depois, tinha uma imagem viva de Bogutcharovo, das ocupações do campo, de sua viagem a Riazan. Lembrava-se dos camponeses, do estaroste de Drone e, outorgando-lhes mentalmente os direitos das pessoas que dividira em artigos, admirava-se de si próprio, por ter se dedicado durante tanto tempo a um trabalho tão estéril.

No dia seguinte, o príncipe André visitou algumas pessoas que ainda não procurara, e entre essas os Rostov, com quem renovara as relações por ocasião do último baile. Além da regra de bom-tom que o mandava visitar os Rostov, queria rever em casa essa menina original, cheia de vida, que lhe deixara uma lembrança tão agradável.

Natacha foi uma das primeiras a recebê-lo. No seu vestido azul, parecia-lhe ainda melhor que no baile. Ela e toda sua família receberam o príncipe André como um velho amigo, de maneira cordial e simples. Essa família que, outrora, julgara com tanta severidade parecia-lhe agora composta de pessoas muito boas, simples e amáveis. A hospitalidade, a bonomia do velho conde, particularmente encantadora em Petersburgo, era tal que o príncipe André não pôde recusar o convite para jantar. “Sim, é gente boa”, pensou Bolkonski, “e eles provavelmente não compreendem o tesouro que possuem em Natacha. É gente muito boa e eles constituem um ótimo segundo plano para essa criaturinha encantadora, tão poética e tão cheia de vida!”.

O príncipe André sentiu em Natacha a presença de um mundo diferente, completamente estranho para ele, cheio de alegrias desconhecidas e que já o pressentira tanto na alameda de Otradnoie quanto na janela naquela noite de luar. Agora, esse mundo não o contrariava mais, não lhe era mais estranho e, ao penetrar nele, encontrava prazeres novos.

Depois do jantar — a pedido do príncipe André — Natacha cantou acompanhada do cravo. Em pé, junto da janela, conversando com as senhoras, o príncipe André escutava. Calou-se no meio de uma frase, ao sentir, inesperadamente, subirem-lhe à garganta soluços de cuja possibilidade não suspeitava.

Olhou Natacha, que cantava, e em sua alma passou-se qualquer coisa de novo e feliz. Sentia-se feliz e triste ao mesmo tempo. Não tinha razão nenhuma para chorar, mas estava prestes a fazê-lo. Por quê? Por seu amor antigo? Pela princesinha? Por suas decepções, suas esperanças no futuro?... Sim e não. O que mais o comovia era a contradição violenta que subitamente sentira entre alguma coisa de infinito e grande que tinha dentro de si e a matéria mesquinha, corpórea, que era ele, e também ela. Essa contradição o entristecia e alegrava enquanto ela cantava.

Assim que terminou de cantar, Natacha aproximou-se dele, perguntando-lhe se sua voz o agradava. Fez essa pergunta e logo ficou confusa ao compreender que não devia tê-la feito. Ele sorriu e, fitando-a, disse-lhe que gostava do seu canto como de tudo que ela fazia.

O príncipe André retirou-se tarde da casa dos Rostov. Deitou-se por hábito, mas logo percebeu que não conseguia dormir. Ora levantava-se acendendo a vela; ora deitava-se novamente sem sofrer com a insônia. Sentia a alma alegre e rejuvenescida como se a tivesse libertado de uma atmosfera abafada para respirar um ar mais puro. Não lhe passava pela cabeça estar apaixonado da senhorita Rostov. Não pensava nela, apenas a imaginava e, graças a isso, encarava a vida sob um prisma novo. “Por que me debato, para que trabalhar nesse ambiente estreito, fechado, quando tenho diante de mim a vida inteira com suas alegrias?” E pela primeira vez, desde muito tempo, começou a fazer planos alegres para o futuro. Resolveu preocupar-se com a educação de seu filho, procurar-lhe um preceptor, demitir-se e partir para o exterior, ver a Inglaterra, a Suíça, a Itália. “Devo aproveitar minha liberdade enquanto sinto em mim tanta força e juventude. Pierre tinha razão quando dizia que é preciso crer na felicidade possível para ser feliz. E agora eu creio. Deixemos os mortos enterrarem seus mortos; enquanto se vive, é preciso viver e ser feliz”, pensava.

XX

Um dia pela manhã, o coronel Adolfo Berg, que Pierre conhecia como conhecia toda Moscou e Petersburgo, chegou em sua casa elegantemente fardado, com pequenas suíças em pomada, como usava o imperador Alexandre Pavlovitch.

— Acabo de procurar a senhora condessa sua esposa e tive a infelicidade de não ver aceito meu pedido. Espero ser mais feliz junto ao senhor — disse, sorrindo.

— Que deseja, coronel? Estou ao seu dispor.

— Conde, acabo de instalar-me num apartamento novo — disse o visitante, certo de que essa notícia só podia ser agradável — e por isso desejaria oferecer uma pequena festa às minhas relações e às de minha mulher (sorriu mais

graciosamente ainda). Ousei pedir à condessa que me fizesse a honra de comparecer e tomar uma taça de chá e cear conosco.

Só Helena Vassilievna, julgando os Berg indignos dela, poderia ter a crueldade de recusar tal convite. Berg explicou claramente por que desejava reunir um pequeno, mas bom, grupo, por que isso lhe seria agradável; que lamentava o dinheiro gasto nos jogos e qualquer outra coisa fora de propósito, mas que, para a boa sociedade, estava disposto a fazer todos os sacrifícios. Pierre não podia recusar e prometeu comparecer.

— Peço que não vá tarde, conde. Seria ousadia esperá-lo às dez para as oito? Jogaremos uma partida. Meu general também irá, ele é muito bom para mim. Cearemos, conde. Então, estamos entendidos?

Desmentindo a sua impontualidade habitual, em vez de chegar às dez para as oito, Pierre chegou às quinze para as oito.

Os Berg, depois de terem feito todos os preparativos, já estavam prontos para receber os convidados.

Berg e sua mulher estavam sentados no novo gabinete de trabalho, limpo, claro, ornado de bustos, quadros e móveis novos. Sentado junto da esposa, envergando um uniforme novo, Berg explicava que sempre se deve manter relações com pessoas de nível superior, pois só assim se pode ter prazer com novas relações.

— Pode-se imitar ou pedir alguma coisa. Veja como sempre vivi desde meu primeiro posto (Berg não contava sua vida pelos anos, mas sim pelas promoções), meus camaradas ainda não são coisa nenhuma e eu estou prestes a ser comandante de regimento, tenho a felicidade de ser seu marido (levantou-se e beijou a mão de Vera e, na passagem, arrumou o canto do tapete). E como consegui tudo isso? Principalmente pelo meu tato em escolher as relações. É desnecessário dizer que se deve ser virtuoso e cumpridor dos deveres.

Berg sorriu com a consciência de sua superioridade sobre uma fraca mulher e calou-se pensando que sua encantadora esposa era uma mulher de tino, mas não podia compreender o que faz a superioridade de um homem, “*ein Mann zu sein*”, ser um homem. Ao mesmo tempo Vera sorriu, também na consciência da própria superioridade sobre o marido bom e virtuoso, mas que, na sua concepção, como todos os homens, compreendia mal a vida. Julgando pela esposa, Berg

considerava todas as mulheres fracas e tolas. Julgando pelo marido e generalizando suas observações, Vera acreditava que todos os homens não faziam outra coisa senão achar-se inteligentes, mas que na realidade eram orgulhosos e egoístas e não tinham a menor compreensão das coisas.

Berg levantou-se, abraçando prudentemente a mulher para não amarrotar as rendas, que haviam custado muito caro, beijou-a na boca.

— Uma única coisa: que não tenhamos filho tão cedo — disse, por uma associação de ideias inconscientes.

— Sim — respondeu Vera —, não os quero de forma nenhuma. É preciso viver para a sociedade.

— Bem como o da princesa Ussupov — disse Berg com um sorriso bom e feliz, indicando a pelerine de Vera.

Nesse instante foi anunciado o conde Bezukhov. Os dois trocaram um olhar satisfeito, cada um atribuindo-se a si a honra dessa visita.

“Eis o que é saber fazer relações; eis o que é saber se conduzir”, pensou Berg.

— Agora, peço-te que não me interrompas quando estiver falando com os convidados, porque eu sei como se deve fazer e o que dizer a cada um — disse Vera.

Berg sorriu também.

— Nem sempre, para os homens é preciso uma conversa de homem.

Pierre foi recebido no salão novo, onde não se podia sentar em parte alguma sem desmanchar a simetria e a ordem. É fácil compreender que Berg se mostrasse magnânimo propondo ele mesmo romper a simetria de uma poltrona ou de um sofá para um convidado tão estimado, mas, se achando numa indecisão impossível, deixou a solução desse caso à escolha do visitante.

Pierre destruiu a simetria puxando uma cadeira, e logo Berg e Vera começaram a reunião interrompendo-se mutuamente com atenções para o convidado.

Achando que devia falar com Pierre sobre a embaixada francesa, Vera entrou imediatamente no assunto. Berg, julgando que uma conversa masculina era necessária, interrompeu a mulher, abordando a questão da guerra com a Áustria e, involuntariamente, passou às considerações pessoais: o convite que recebera para tomar parte na campanha da Áustria e os motivos pelos quais não aceitara.

Embora a conversação estivesse muito embrulhada e Vera estivesse zangada com a irrupção do elemento masculino, os dois esposos sentiam com prazer, apesar de haver um único convidado, que a reunião estava bem lançada e que se assemelhava, como duas gotas de água, a qualquer outra reunião, com a conversa, o chá e as velas acesas.

Boris, o antigo camarada de Berg, chegou pouco depois. Olhava Berg e Vera com um leve ar de superioridade e proteção. Depois de Boris chegou um coronel com uma senhora, em seguida o general em pessoa e finalmente os Rostov. Indiscutivelmente a reunião se assemelhava a todas as demais. Berg e Vera não podiam esconder um sorriso de alegria diante desse movimento da sala, do ruído das conversas em grupos, do farfalhar dos vestidos, dos cumprimentos. Tudo estava como na casa dos outros: o general extasiava-se com o apartamento, batia no ombro de Berg e, com uma sem-cerimônia paternal, ordenava que aprontassem a mesa para o bôston. O general sentou-se ao lado do conde Ilia Andreievitch, o convidado mais graduado depois dele. Os velhos com os velhos, os jovens com os jovens, a dona da casa junto da mesa de chá, onde se podia ver os mesmos doces sobre travessas de prata da festa dos Panine. Tudo estava exatamente como na casa dos outros.

XXI

Pierre, como um dos convidados mais importantes, devia jogar o bôston com Ilia Andreievitch, o general e o coronel. Na mesa de jogo Pierre estava sentado diante de Natacha e surpreendeu-se com a mudança estranha que se operara nela depois do baile. Natacha parecia taciturna e não só não estava bonita como no baile, mas se poderia dizer mesmo que estava feia se não fosse seu ar meigo e indiferente a tudo. “O que estará se passando com ela?”, pensou Pierre, fitando-a. Sentada à mesa de chá junto da irmã, respondia sem interesse e sem olhar alguma coisa ao que Boris lhe dizia, sentado a seu lado. Pierre, depois de descartar um naipe e ganhar cinco vazas, para grande satisfação do seu parceiro, ouvindo o ruído dos cumprimentos e dos passos de algumas pessoas no aposento vizinho, tornou a olhar para ela, enquanto recolhia as vazas.

“Mas o que lhe terá acontecido?”, perguntou consigo, ainda mais surpreso.

Com uma expressão terna, o príncipe André estava diante dela e falava. Com as faces vermelhas, levantando a cabeça e procurando conter a respiração, Natacha o olhava. A luz viva de um fogo interior que parecia extinto brilhava

novamente. Transformara-se por completo. De feia, tornara-se tal como estava no baile.

O príncipe André aproximou-se de Pierre, que notou uma expressão nova de mocidade na fisionomia do amigo.

Durante o jogo Pierre mudou de posição diversas vezes, ora dando as costas a Natacha, ora ficando de frente para ela, e os observou durante toda a partida. “Alguma coisa de muito importante está se passando entre eles”, pensava. E um sentimento alegre e ao mesmo tempo amargo o emocionava, fazendo-o esquecer os seus aborrecimentos.

Depois de seis partidas, o general levantou-se dizendo que era impossível jogar dessa forma, e Pierre foi liberado. Natacha, Boris e Sônia conversavam num canto. Vera, num sorriso sutil, dizia alguma coisa ao príncipe André. Pierre aproximou-se do amigo e, perguntando se não estavam tratando de algum segredo, sentou-se junto deles. Tendo notado a atenção que o príncipe André dispensava à Natacha, e sendo da opinião que numa *soirée*, numa verdadeira *soirée*, não se podia deixar de fazer alusões sutis ao amor, Vera aproveitou o momento em que estava a sós com o príncipe para falar sobre o sentimento em geral e sobre sua irmã em particular. Com um convidado tão inteligente como lhe parecia o príncipe André, era necessário desenvolver toda sua arte diplomática.

Quando Pierre aproximou-se deles, notou que Vera estava em pleno assunto e que o príncipe André, o que lhe acontecia raramente, parecia confuso.

— E o que pensa disso? — perguntava Vera com um sorriso sutil. — O senhor, príncipe, que tem um espírito tão penetrante e compreende de imediato o temperamento das pessoas, o que pensa de Natália? Julga-a capaz de constância nas suas afeições, crê que, como outras mulheres (Vera pensava em si mesma), seja capaz de amar um homem para sempre e lhe ser fiel, o que é, penso eu, o verdadeiro amor? Qual é sua opinião, príncipe?

— Conheço muito pouco sua irmã para responder a uma pergunta tão delicada — respondeu o príncipe André com um sorriso zombeteiro, sob o qual queria esconder seu constrangimento. — Além disso, observei que as mulheres que menos agradam são as mais fiéis. — E voltou-se para Pierre, que nesse momento se aproximava.

— Sim, é verdade, príncipe — continuou Vera —, em nossos dias (referia-se aos nossos dias como em geral gostam de fazer as pessoas de fraca inteligência que julgam ter compreendido a fundo as particularidades de nossa época e descoberto que o caráter das pessoas muda com o tempo), em nossos dias a moça tem tanta liberdade que o prazer de ser cortejada muitas vezes abafa um sentimento verdadeiro. E Natália, temos de reconhecer, é muito sensível a esse prazer. — Essa nova alusão a Natália contrariou o príncipe André. Quis levantar-se, mas Vera continuou com um sorriso ainda mais sutil. — Creio que ninguém tenha sido tão cortejada como ela, mas creio que até o presente momento não encontrou alguém que lhe agradasse seriamente. O senhor sabe, conde — disse, dirigindo-se a Pierre —, que até Boris, nosso gentil primo, estava, entre nós, muito, muito *dans le pays du tendre...*

Com o cenho franzido, o príncipe André não dizia uma palavra.

— Dá-se bem com Boris? — perguntou Vera.

— Sim, conheço-o...

— Provavelmente ele lhe falou de seu amor infantil por Natacha?

— Ah! Houve um amor de infância? — perguntou subitamente o príncipe André, corando.

— Sim, como sabe, entre primos essa intimidade conduz algumas vezes ao amor: o parentesco é um terreno perigoso, não acha?

— Sem dúvida — concordou o príncipe André. E, numa animação súbita e falsa, pôs-se a caçoar com Pierre sobre esse assunto, sobre as relações que ele deveria ter com sua prima quinquagenária de Moscou e, conversando alegremente, levantou-se arrastando o amigo para um canto.

— Mas o que há? — perguntou Pierre admirado, notando a animação estranha de seu amigo e o olhar que ele lançara a Natacha ao levantar-se.

— Eu preciso... preciso falar contigo — disse o príncipe André. — Sabes, aquele par de luvas de mulher (referia-se às luvas de maçom que cada novo eleito recebe para entregá-las à mulher amada), eu... Mas, mas, depois te direi...

Com movimentos nervosos, os olhos brilhando estranhamente, o príncipe André aproximou-se de Natacha, sentando-se a seu lado. Pierre percebeu que o príncipe André lhe perguntava alguma coisa e que ela respondia corando.

Mas, nesse momento, Berg aproximou-se de Pierre e convidou-o insistentemente a tomar parte na discussão entre o general e o coronel sobre os negócios da Espanha.

Berg estava contente e feliz. Um sorriso de satisfação perene iluminava-lhe a fisionomia. A recepção estava muito bonita e exatamente como as que havia visto. Tudo era idêntico: as conversas inteligentes das senhoras, o jogo de cartas, o general levantando a voz, e o samovar e os doces. Só faltava uma coisa que estava acostumado a ver nas outras reuniões, e que ele queria imitar: a conversa em voz alta entre os homens e a discussão sobre um assunto importante e intelectual. O general iniciou esse debate e Berg arrastou Pierre.

XXII

No dia seguinte, a convite do conde Ilia Andreievitch, o príncipe André almoçou na casa dos Rostov, onde ficou o dia inteiro.

Todos da casa compreendiam por quem o príncipe André vinha, e ele, sem o esconder, procurou ficar sempre junto de Natacha.

Não só na alma de Natacha, assustada, mas feliz e entusiasmada, como em toda a casa, sentia-se o medo de alguma coisa importante que estava para acontecer. A condessa, com seus olhos tristes, pensativos e severos, olhava o príncipe André enquanto ele falava com Natacha e, timidamente, para fingir, começava alguma conversa sem importância quando ele se voltava para ela. Sônia temia deixar a prima e receava incomodá-los quando estava junto deles. Um receio tímido empalidecia as faces de Natacha quando, por alguns momentos, ficava a sós com ele. O príncipe André a surpreendia pela sua timidez. Sentia que ele queria dizer alguma coisa, mas não ousava.

Quando, à noite, ele retirou-se, a condessa aproximou-se de Natacha e perguntou-lhe em voz baixa:

— E então?

— Mamãe, por amor de Deus, não me pergunte nada agora. Não se pode falar nisso.

À noite, no entanto, Natacha, ora emocionada, ora assustada, com o olhar imóvel, ficou muito tempo deitada na cama de sua mãe. Contou-lhe que ele a

tinha galanteado, que falara na sua intenção de ir para o exterior, que lhe perguntara onde pretendiam passar o verão e que a interrogara sobre Boris.

— Mas nunca senti uma coisa assim! — dizia. — Apenas, não me sinto à vontade diante dele, tenho medo. O que significará isso? Será que isso quer dizer que é verdade? Hein? Mamãe, está dormindo?

— Não, meu anjo, eu também tenho medo — respondeu a condessa. — Vai dormir.

— Não vale a pena, não dormirei. Que bobagem dormir! Mamãe, nunca, nunca, senti uma coisa assim! — repetia, aterrada e admirada desse sentimento que surpreendia em si. — Quando é que a gente poderia imaginar?!

Natacha tinha a impressão de estar apaixonada pelo príncipe André desde a primeira vez que o vira em Otradnoie. Estava assustada com essa felicidade estranha e inesperada, pois que o homem que escolhera então (e ela estava firmemente convencida de tê-lo feito), encontrando-a novamente, segundo lhe parecia, não a olhava com indiferença. “E a coincidência de ele vir a Petersburgo na mesma ocasião que nós, e esse encontro no baile. É o destino. É claro que tudo isso é obra do destino. Desde a primeira vez que o vi, senti uma coisa diferente.”

— O que foi mais que ele disse? Que versos são esses, conta... — disse pensativamente a condessa, interrogando-a sobre os versos que o príncipe André escrevera no álbum de Natacha.

— Mamãe, não faz mal que ele seja viúvo?

— Chega, Natacha, vai rezar. Os casamentos se fazem no céu.

— Minha pombinha, mamãe, como eu gosto da senhora, como me sinto bem! — exclamou Natacha com lágrimas de felicidade e emoção, abraçando sua mãe.

Nessa mesma ocasião, o príncipe André estava na casa de Pierre falando de seu amor por Natacha e da firme intenção de desposá-la.

Nesse dia, havia uma recepção na casa da condessa Helena Vassilievna. Entre os convidados: o embaixador francês, um príncipe que desde pouco se tornara frequentador assíduo da casa da condessa, e muitas damas brilhantes e cavalheiros. Pierre atravessava os salões e surpreendia a todos os convidados com seu ar concentrado, distraído e sombrio.

Desde o baile Pierre se achava atacado por uma hipocondria que procurava vencer com esforços desesperados. Com a aproximação do príncipe e sua mulher, inesperadamente, fora nomeado camarista da corte. Agora, começava a sentir aborrecimento e vergonha da alta sociedade, ideias sombrias sobre a vaidade de tudo que é humano o assaltavam constantemente. Então, depois que percebera os sentimentos de sua protegida Natacha e o príncipe André, esse mau humor aumentara ainda pelo contraste de sua situação com a do amigo. Procurava não pensar em sua mulher, nem em Natacha, nem no príncipe André. Novamente tudo lhe parecia mesquinho em comparação com a eternidade. Novamente fazia a si mesmo a pergunta: Por quê? E, noite e dia, esforçava-se por trabalhar nas obras maçônicas, esperando afastar assim os maus espíritos.

Saindo dos aposentos da condessa à meia-noite, Pierre subiu para os seus, sentando no quarto baixo e cheio de fumaça. Vestindo um robe de chambre usado e sujo, recopiava atas escocesas originais quando alguém entrou no quarto.

Era o príncipe André.

— Ah! É você. Como vê, estou trabalhando — disse Pierre num tom distraído e descontente, mostrando o caderno, nesse ar de escapar às misérias da vida com que os infelizes olham o trabalho que fazem.

O príncipe André, com a fisionomia brilhante, entusiasmada, transformada, parou diante de Pierre, sorrindo com o egoísmo da felicidade sem notar o ar triste do outro.

— É verdade, meu amigo. Ontem queria falar-te e hoje vim à tua casa para isso. Nunca senti uma coisa assim. Estou apaixonado, meu amigo.

Pierre suspirou com tristeza, deixando-se cair pesadamente no sofá, ao lado do príncipe André.

— De Natália Rostov, não é?

— Sim, sim, de quem poderia ser senão dela? Nunca teria imaginado, mas esse sentimento é mais forte que eu. Ontem eu estava atormentado, sofri; mas não trocaria esse sofrimento por nada no mundo. Antes eu não vivia. Só agora estou vivendo, mas não posso viver sem ela. Poderá ela amar-me? Sou velho para ela... Por que não dizes nada?

— Eu? Eu? Mas o que posso dizer? — exclamou Pierre de repente, levantando-se e pondo-se a caminhar pelo quarto. — Sempre achei... Essa menina é um tesouro tão grande, tão... É uma menina rara... Caro amigo, peço-lhe, não reflita, não hesite e case, case, case. E estou convencido que não haverá homem mais feliz no mundo.

— Mas e ela?

— Ela o ama.

— Não digas bobagens... — retrucou o príncipe André, fitando Pierre bem dentro dos olhos.

— Ela o ama... Eu sei — gritou Pierre, com desgosto.

— Ouve — disse o príncipe André, segurando-o pelo braço —, sabes em que situação me encontro? Preciso dizer tudo a alguém.

— Pois diga, diga. Terei muito prazer.

E, na verdade, o semblante de Pierre mudava, as rugas se apagavam e com ar alegre ouvia o príncipe André.

O príncipe André parecia outro homem. Onde estava seu aborrecimento, seu desprezo pela vida, seu desencanto? Pierre era a única pessoa com a qual ele era capaz de falar com peito aberto, dizendo tudo que lhe ia na alma. Ora, muito à vontade, ousadamente, traçava planos para um longo futuro, dizendo que não podia sacrificar sua felicidade a um capricho de seu pai, que o forçaria a consentir no seu casamento e a amá-la, ou então que dispensaria seu consentimento. Ora surpreendia-se com esse sentimento que o empolgava inteiramente, como uma coisa estranha, independentemente dele.

— Não acreditaria nunca se me tivessem dito que seria capaz de amar tanto. Não tem nada de parecido com tudo que já senti antes. Para mim o mundo está dividido em duas metades: ela, onde está a felicidade, a esperança, a luz; a outra metade, tudo em que ela não está, onde tudo é a tristeza, a escuridão — disse o príncipe André.

— A escuridão, as trevas — repetiu Pierre. — Sim, compreendo.

— Não posso deixar de amar a luz, não é minha culpa. E sou muito feliz. Compreendes? Sei que partilhas da minha alegria.

— Sim, sim — afirmou Pierre, olhando o amigo com tristeza e ternura. Quanto mais o destino do príncipe André lhe parecia brilhante, mais o seu lhe

parecia sombrio.

XXIII

Para o casamento, era necessário o consentimento do pai, e no dia seguinte o príncipe André partiu para Lissia-Gori.

O velho príncipe ouviu o pedido do filho com uma calma aparente e uma cólera secreta. Não compreendia por que o filho queria mudar sua vida adicionando-lhe alguma coisa, quando a sua própria já estava terminada.

“Que me deixem acabar os meus dias como quero, depois poderão fazer o que quiserem”, dizia a si mesmo o velho. No entanto, empregou com o filho a diplomacia que costumava usar nos casos importantes. Discutiu a coisa num tom absolutamente calmo.

Primeiro, o casamento não era brilhante considerando o parentesco, a fortuna e a nobreza; segundo, o príncipe André já não era uma criança e sua saúde era delicada (o velho insistia particularmente nesse ponto), e ela era muito criança; terceiro, havia o filho, que era uma lástima entregar a uma menina tão jovem; finalmente, disse o pai em tom zombeteiro, “peço-te que adies isso por um ano. Faz tua viagem ao exterior, cuida-te e procura, como tens a intenção, um preceptor alemão para o príncipe Nicolau, e depois, se o amor, a paixão, a teimosia por essa pessoa são realmente muito grandes, casa. É minha última palavra, fica certo, a última... — concluiu o príncipe num tom que demonstrava que nada o faria voltar atrás.

O príncipe André compreendeu claramente que seu pai esperava que seus sentimentos e os da futura noiva não resistissem à prova de um ano, ou que ele morresse antes disso. Resolveu atender o velho, fazer seu pedido e adiar o casamento por um ano.

Três semanas depois de sua última visita aos Rostov, o príncipe André voltava a Petersburgo.

* * *

No dia seguinte à confidência com a mãe, Natacha esperou Bolkonski o dia inteiro, mas ele não apareceu; no outro, no terceiro, foi a mesma coisa. Pierre também não aparecia, e Natacha, ignorando que o príncipe

André tivesse ido à casa de seu pai, não sabia como explicar essa ausência.

Três semanas passaram assim. Natacha não queria sair para parte alguma e vagava pelos aposentos como uma sombra ociosa e desolada. À noite, sem que ninguém visse, chorava e não procurava sua mãe. A todo instante corava e se enervava. Imaginava que todos estavam ao par de sua decepção e zombavam dela ou a lastimavam. Somado a toda a intensidade de sua dor íntima, o amor-próprio ferido ainda aumentava sua desgraça.

Um dia foi aos aposentos da condessa para dizer-lhe alguma coisa e subitamente desatou em pranto. Suas lágrimas corriam como as de uma criança humilhada que nem sabe por que está sendo punida.

A condessa procurou acalmá-la. Natacha, que a princípio ouvia as palavras de sua mãe, interrompeu-a subitamente:

— Basta, mamãe. Eu não penso e não quero pensar! Não há nada de extraordinário, ele vinha, deixou de vir, deixou...

Sua voz tremia. Estava prestes a chorar, mas, contendo-se, continuou tranquilamente:

— Mesmo, eu não quero casar. E tenho medo dele. Agora estou completamente calma...

No dia seguinte a essa conversa, Natacha pôs um vestido velho que lhe agradava particularmente porque a deixava mais à vontade nas manhãs. Desde esse dia, retomou os hábitos que abandonara depois do baile. Depois de ter tomado chá, foi ao salão de que gostava muito devido a sua forte ressonância e pôs-se a solfejar.

Quando terminou a primeira lição, sentou-se no meio do aposento e repetiu uma frase musical de que gostava particularmente. Escutava com prazer a sedução com que esses sons, ao se espalharem, enchiam todo o vazio da sala para depois morrerem aos poucos. E subitamente tornou-se alegre. “Para que pensar tanto, estou bem sem isso”, disse intimamente, pondo-se a caminhar de um lado para o outro no parquet sonoro do salão, batendo com os saltos e com a ponta dos pés (estava com sapatos novos pelos quais tinha preferência), alegre, e, como se estivesse ouvindo o som de sua voz, escutava o barulho regular dos saltos e o ranger das pontas. Ao passar diante do espelho, se olhava. “Veja como

sou!”, parecia dizer a expressão do rosto cada vez que se via. “Pois está bem assim, não preciso de ninguém!”

O criado quis entrar para arrumar alguma coisa no salão, mas ela não consentiu, fechando a porta atrás dele, e continuou seu passeio. Nessa manhã, voltara a seu estado favorito de amor de si mesma e admiração pela sua pessoa... “Que encanto essa Natacha!”, dizia consigo novamente como se fosse um personagem masculino a falar dela. “Linda, bonita voz, jovem e não faz mal a ninguém. É preciso, porém, deixá-la em paz.” Mas, embora a deixassem em paz, logo compreendeu que não podia ficar calma.

A porta de entrada abriu-se para o vestíbulo. Alguém perguntou se estavam em casa. Passos se fizeram ouvir. Natacha se olhava no espelho, mas não via nada. Ouvia sons no vestíbulo. Quando compreendeu ficou pálida. Era *ele*. Tinha certeza, embora mal ouvisse o som de sua voz através das portas fechadas.

Correu para a sala de visitas, pálida e nervosa.

— Mamãe! Bolkonski chegou! É terrível, é insuportável! Não quero... sofrer! O que devo fazer?

Antes que a condessa tivesse tido tempo de responder, o príncipe André, com a fisionomia perturbada e séria, entrava na sala.

Assim que viu Natacha, seu semblante iluminou-se. Beijou a mão da condessa e a de Natacha e sentou-se no sofá:

— Há muito tempo não tínhamos o prazer... — começou a condessa.

O príncipe André a interrompeu respondendo à sua pergunta, evidentemente ansioso para dizer o que pretendia.

— Não apareci esse tempo todo porque estava em Lissia-Gori com meu pai. Precisava falar com ele sobre um assunto muito importante. Cheguei esta noite — disse, lançando um olhar a Natacha. — Desejaria falar com a senhora, condessa — acrescentou, depois de um minuto de silêncio.

A condessa suspirou penosamente e baixou os olhos.

— Estou a seu dispor.

Natacha compreendeu que devia retirar-se, mas não podia fazê-lo, qualquer coisa apertava-lhe a garganta e, indelicadamente, com os olhos muito abertos, fitou o príncipe André.

“Já! Imediatamente?... Não, é impossível!”, pensou.

Ele a fitou novamente e esse olhar a convenceu de que não se enganava. Sim, já, naquele momento, se decidiria seu destino.

— Vai, Natacha, eu te chamarei — murmurou a condessa.

Natacha olhou para o príncipe André e para a condessa com olhos assustados, de súplica, e saiu.

— Condessa, vim pedir-lhe a mão de sua filha — disse o príncipe André.

A condessa corou, a princípio não respondeu nada.

— Seu pedido... — começou lentamente a condessa.

O príncipe André a olhava calado.

— Seu pedido... (ela estava constrangida) nos é muito agradável e... Eu concordo e fico muito satisfeita. E meu marido... Espero... Mas, isso depende dela mesma.

— Pedir-lhe-ei assim que tiver o consentimento da senhora... A senhora consente? — perguntou o príncipe André.

— Sim... — tornou a condessa.

E estendeu-lhe a mão, num sentimento misto de ternura e medo. Encostou os lábios na testa do príncipe André enquanto ele beijava sua mão. Desejaria amá-lo como um filho, mas o sentia demasiadamente estranho e imponente para isso.

— Estou certa de que meu marido consentirá — disse a condessa —, mas e seu pai?

— Meu pai, a quem comuniquei minha intenção, impõe como condição absoluta a seu consentimento que o casamento não se realize antes de um ano, e é o que eu queria dizer-lhe.

— É verdade que Natacha ainda é muito criança, mas tanto tempo...

— Não pode ser de outra forma — disse o príncipe André, suspirando.

— Vou chamá-la — disse a condessa, saindo da sala.

“Senhor Deus, tenha piedade de nós”, repetia enquanto ia à procura da filha. Sônia disse-lhe que Natacha estava no quarto.

Estava sentada na cama, pálida, com os olhos secos. Olhava o ícone, persignando-se rapidamente, murmurava alguma coisa. Vendo a mãe, precipitou-se na sua direção.

— Então, mamãe? Conte!

— Vai, vai falar com ele. Pede tua mão — disse a condessa friamente, segundo pareceu a Natacha. — Vai, vai — repetia a condessa com tristeza e num tom de censura, suspirando, atrás da filha, que corria.

Natacha não sabia como entrara na sala. Vendo-o da porta, parou. “Será que esse estranho, agora, tornou-se *tudo* para mim?”, perguntava-se e logo respondia a si própria: “Sim, tudo. Ele me é mais querido, só ele, que a todo o resto do mundo!” O príncipe André aproximou-se dela com os olhos baixos.

— Amei-a desde o primeiro momento que a vi. Devo ter esperanças?...

Fitava-a. A expressão grave e apaixonada de seu semblante surpreendeu-o. Esse semblante dizia: “Por que perguntar, por que duvidar do que não pode ser ignorado? Por que falar quando não se pode exprimir com palavras o que se sente?”

Ela aproximou-se. Ele beijou-lhe a mão.

— Ama-me?

— Sim, sim — disse Natacha como se estivesse contrariada. Suspirou profundamente, sua respiração acelerou-se e ela desatou em soluços.

— O que foi? Sente alguma coisa?

— Ah! Sou tão feliz! — respondeu, sorrindo através das lágrimas. Achejou-se a ele, refletiu um segundo como se se interrogasse, e o beijou.

O príncipe André segurava-lhe as mãos, fitava-a dentro dos olhos e não encontrava mais seu antigo amor por ela. Subitamente alguma coisa se transformara nele, estava rompido o encanto antigo, poético, misterioso do desejo, mas a piedade por sua fraqueza de mulher e de criança, o medo diante de sua ternura e sua confiança, a consciência a um tempo penosa e alegre do dever o ligavam a ela para sempre. O sentimento atual, apesar de não ser tão puro e poético quanto o antigo, era mais profundo e mais vivo.

— Sua mãe disse-lhe que não poderá ser antes de um ano? — perguntou o príncipe André, continuando a fitá-la nos olhos.

“Sou ainda essa garotinha (como todos dizem?)”, pensava Natacha. “Serei eu mesma que, a partir deste momento, sou a *mulher*, a igual a este estranho encantador, inteligente, respeitado pelo meu próprio pai? Será verdade que já não posso brincar com a vida, que agora sou gente grande, que sou responsável por todos os meus atos e palavras? Sim. O que foi que ele perguntou?”

— Não — respondeu, mas sem saber o que ele lhe havia perguntado.

— Perdoe-me — disse o príncipe André —, ainda é tão jovem e eu já vivi tanto. Receio pela senhora, que não se conheça bastante.

Natacha ouvia atentamente, procurando, sem conseguir, compreender o sentido dessas palavras.

— Por penosa que me seja essa espera de um ano que protela minha felicidade — continuou o príncipe André —, a senhora terá tempo de examinar seus sentimentos. Dentro de um ano pedirei que faça minha felicidade, mas continuará livre... Nosso noivado ficará secreto, e se se convencer de que não me ama realmente, ou se amar... — disse o príncipe André com um sorriso forçado.

— Por que diz isso? — interrompeu Natacha. — Sabe que o amei desde que o vi em Otradnoie — disse na firme convicção de estar falando a verdade.

— Terá um ano para certificar-se disso.

— Um ano! — exclamou Natacha, que só então compreendeu que o casamento só se realizaria dentro de um ano. — Por que um ano? Por quê?

O príncipe André explicou-lhe o motivo.

Natacha não o ouvia.

— Não será possível de outra forma? — perguntou.

O príncipe André não respondeu, seu semblante exprimia a impossibilidade de mudar a decisão.

— É terrível! Não, é horroroso! Horroroso! — repetiu Natacha, novamente entre soluços. — Morrerei esperando esse ano. É impossível! Horroroso!

Contemplou o rosto de seu noivo e pareceu-lhe entrever uma expressão de piedade e surpresa.

— Não, não, farei tudo o que quiser — disse subitamente, enxugando as lágrimas. — Sou tão feliz!

O pai e a mãe entraram na sala e abençoaram os noivos.

Desde esse dia o príncipe André passou a frequentar a casa dos Rostov como noivo.

Não houve festa de noivado e não se disse a ninguém que Bolkonski e Natacha eram noivos. O príncipe André fazia questão. Objetava que, sendo ele a causa da demora, devia arcar sozinho com a responsabilidade. Dizia que sua palavra o ligava para sempre, mas que não queria comprometer Natacha, deixando-lhe toda a liberdade. “Dentro de seis meses, caso sentir que não me ama, terá o direito de recusar-me.” É desnecessário dizer que nem os pais, nem Natacha concordavam com isso, mas o príncipe André insistia. Frequentava diariamente a casa dos Rostov, mas não se portava com ela como noivo. Tratava-a na terceira pessoa e beijava-lhe a mão. Depois do pedido de casamento, as relações entre Natacha e o príncipe André mudaram totalmente, tornando-se amigáveis, simples. Acontecia que até esse momento eles ainda não se conheciam. Ambos gostavam de recordar como se julgavam reciprocamente quando um ainda não era *nada* para o outro. Agora sentiam-se seres completamente diferentes. Outrora eram dissimulados, agora eram simples e francos.

A princípio, a família sentiu um certo constrangimento na convivência com o príncipe André. Parecia um homem de outro meio, e Natacha levou muito tempo para convencer os seus, afirmando a todos, com orgulho, que ele parecia diferente, mas na realidade era como todos, que ele não lhe provocava o menor medo e nem ninguém deveria temê-lo. Ao cabo de algum tempo a família habituou-se a ele e, sem constranger-se com sua presença, continuou a vida costumeira da qual ele tomava parte. Com o conde, falava sobre assuntos de agricultura, com condessa e Natacha sobre modas, e com Sônia sobre álbuns e bordados. Às vezes os Rostov, na presença do príncipe André, mostravam-se admirados do que acontecera, e como os sinais do destino eram evidentes: a chegada do príncipe André a Otradnoie, a estada deles em Petersburgo, a semelhança entre o príncipe André e Natacha, que a velha criada notara desde a primeira visita do príncipe, a discussão entre André e Nicolau em 1805 e ainda uma série de outras circunstâncias notadas pelos parentes.

Na casa reinava essa atmosfera de monotonia poética e silenciosa que sempre acompanha a presença dos noivos. Muitas vezes todos se calavam na sala, algumas vezes se retiravam e os noivos, ficando a sós, continuavam calados. Raramente falavam em sua vida futura. O príncipe André tinha medo e vergonha de falar. Natacha partilhava esse sentimento como todos os outros que sempre adivinhava. Uma ocasião interrogou-o sobre seu filho. O príncipe André corou, o que agora lhe acontecia seguidamente, com grande enternecimento de Natacha, e disse que seu filho não viveria com eles.

— Por quê? — perguntou ela, admirada.

— Não posso tirá-lo do avô, e além disso...

— Como iria amá-lo! — disse Natacha, adivinhando logo seu pensamento. — Mas eu sei, não quer que ele tenha razões para acusar-nos, ao senhor e a mim.

O velho conde aproximava-se por vezes do príncipe André e abraçava-o, e outras vezes lhe pedia conselhos sobre a educação de Pétia ou a carreira de Nicolau. A velha condessa olhava-os suspirando. Sônia, sempre receando importunar, procurava pretextos para deixá-los a sós, mesmo quando não era necessário. Quando o príncipe André falava (exprimiam-se com muita facilidade), Natacha o ouvia com orgulho; quando ela falava, notava com receio e alegria que ele a fitava atentamente, com um olhar perscrutador. E perguntava consigo: “O que estará procurando em mim? O que pretende com esse olhar? E se eu não possuo o que esse olhar procura?”

Outras vezes Natacha ficava numa alegria louca e gostava, especialmente, de ver e ouvir como o príncipe André ria. Ele ria raramente, mas, quando o fazia, entregava-se inteiramente ao riso, e ela sentia-se então mais próxima dele. Natacha seria completamente feliz se a ideia da separação, que se aproximava, não a assustasse.

Na véspera de sua partida de Petersburgo, o príncipe fez-se acompanhar por Pierre, que, desde o baile, não visitara os Rostov uma só vez. Pierre parecia perturbado e confuso. Conversou com a mãe. Convidando o príncipe André, Natacha sentou-se com Sônia junto da mesa de xadrez. Ele aproximou-se delas.

— Conhecem Bezukhov há muito tempo? Gostam dele? — perguntou ele.

— Sim, ele é bom, mas muito engraçado.

E como sempre que falava em Pierre, Natacha começou a contar anedotas, muitas que andaram inventando, sobre sua distração.

— Sabe que confiei a ele o nosso segredo — disse o príncipe André. — Conheço-o desde a infância. É um coração de ouro. Eu queria pedir-lhe, Natália... — disse subitamente, num tom sério. — Vou viajar. Sabe Deus o que pode acontecer. Pode deixar de am... Bem, sei que não se deve falar nisso, mas qualquer coisa que lhe acontecer, na minha ausência...

— Mas que pode acontecer?

— Qualquer desgraça que aconteça, peço-lhe, senhorita Sofia, que para um conselho ou auxílio, se dirija unicamente a ele. É o homem mais distraído e engraçado deste mundo, mas é um coração de ouro.

Nem o pai, a mãe, Sônia, nem o próprio príncipe André podiam prever o efeito que a separação produziria em Natacha. Corada e comovida, os olhos secos, passava o dia inteiro percorrendo a casa, ocupando-se com as menores coisas, como se não compreendesse o que a esperava. Ela não chorou, nem no momento da despedida, quando ele beijou sua mão pela última vez.

— Não vá! — disse-lhe num tom de voz que o fez hesitar e que por muito tempo não pôde esquecer.

Depois da sua partida, ela também não chorou, mas, durante vários dias, ficou sentada em seu quarto, não se interessando por nada e repetindo de quando em quando: “Ah! Por que foi embora?!”

Mas duas semanas depois da partida dele, surpreendendo a todos que a cercavam, despertou desse mal-estar moral, voltou a ser o que era antes, mas com a individualidade moral mudada, como acontece às crianças que levantam com uma fisionomia diferente depois de uma longa enfermidade...

XXV

A saúde e o gênio do príncipe Nicolau Andreievitch Bolkonski haviam piorado muito nesse último ano, depois da partida do filho. Tornara-se ainda mais irritável, descarregando, quase sempre, seus impulsos de cólera sobre a princesa Maria.

Parecia procurar cuidadosamente todos seus pontos fracos para torturá-la o mais cruelmente possível.

A princesa Maria tinha duas paixões e, assim, duas alegrias: seu sobrinho Nikoluchka e a religião. E esses eram os dois motivos favoritos da zombaria do príncipe. Qualquer que fosse o assunto da conversa, ele a levava para a superstição das solteironas ou o excessivo carinho para com as crianças.

— Queres fazer dele uma solteirona como tu. É inútil, o príncipe André precisa de um filho e não de uma filha. — E dirigia-se a Mademoiselle Bourienne e perguntava-lhe, em tom de gozação, diante da princesa, qual era sua opinião sobre nossos padres e nossos ícones.

Magoava constantemente a princesa Maria, mas ela o perdoava sem nenhum esforço. Poderia ele ser passível de culpa ou ser injusto com ela, gostando dela como ela sabia que ele gostava? E o que é a justiça? A princesa não pensava

nunca na palavra “justiça”. Para ela, todas as leis complicadas da humanidade se reduziam a uma lei simples e clara, a lei do amor, do sacrifício, que nos foi dada por aquele que, sendo Deus, sofreu com amor pela humanidade. O que tinha ela a ver com a justiça ou injustiça dos homens? Devia amar e sofrer, e assim o fazia.

O príncipe André veio a Lissia-Gori no inverno. Estava alegre, amável e terno, como a princesa Maria não o via há muito tempo. Pressentia que algo acontecera, mas ele nunca lhe falou de seu amor. Antes de partir o príncipe André havia conversado longamente com o pai, e a princesa Maria notou que, ao se despedirem, estavam descontentes um com o outro. Pouco depois da partida do príncipe André, a princesa Maria escrevera de Lissia-Gori a Petersburgo, à sua amiga Júlia Kariaguina (nessa ocasião de luto por um de seus irmãos morto na Turquia), que ela sonhava em ver a outra casar com seu irmão, como o fazem todas as moças.

Os desgostos são, evidentemente, nosso destino comum, cara e terna Júlia. Seu luto é tão horrível que só posso explicá-lo como um favor particular de Deus, que, amando-a muito, quer pô-la à prova, assim como sua boníssima mãe. Ah! Minha amiga! Só a religião pode não digo consolar-nos, mas livrar-nos do desespero. Só a religião pode explicar o que, sem auxílio, o homem é incapaz de compreender: porque os seres nobres, bons, que sabem encontrar a felicidade na vida, que não só não prejudicam a ninguém, mas são necessários à felicidade dos outros, são chamados a Deus, enquanto ficam os seres maus, inúteis prejudiciais ou que são um fardo para os outros. A primeira morte que vi foi a de minha encantadora cunhada e me impressionou enormemente, não esquecerei jamais. Assim como pergunta por que seu bom irmão devia morrer, perguntei por que Lisa devia morrer, esse anjo que não só não fizera mal a ninguém, mas cuja alma só tinha pensamentos bons. E afinal, minha amiga, cinco anos passaram e eu, com meu fraco espírito, começo a compreender claramente por que ela devia morrer e como essa morte não era mais que a expressão da bondade infinita do Criador, do qual todos os atos, embora não compreendamos a maior parte, não passam de uma manifestação de seu amor infinito por suas criaturas. Penso muitas vezes que ela era demasiado angélica e meiga para suportar todos os deveres de mãe. Era irrepreensível como mulher, talvez não o fosse como mãe. Agora, não só nos deixou — e principalmente ao príncipe André — a saudade e as recordações mais puras, como talvez ocupe, lá no alto, um lugar que não ouse esperar para mim. Mas sem falar apenas dela, essa morte prematura e terrível teve a influência mais benéfica possível sobre mim e meu irmão, apesar de toda a tristeza. Quando a perdemos, essas ideias não me podiam vir à mente, e eu as teria afastado com horror, mas agora elas me são claras e indiscutíveis. Escrevo-lhe tudo isto, minha amiga, só para convencê-la da verdade evangélica que se tornou a regra de minha vida. Nem um só fio de cabelo nos cairá da

cabeça sem a Sua vontade, e Sua vontade é guiada pelo Seu infinito amor por nós. Por isso, tudo que nos acontece é para nosso bem.

Pergunta se passaremos o próximo inverno em Moscou? Apesar de toda minha vontade de vê-la, acredito que não e não o desejo. Ficará admirada em saber que Buonaparte é a causa. Eis por quê! A saúde de meu pai enfraquece a olhos vistos. Não suporta a menor contradição e irrita-se. Como sabe, essa irritação é devida principalmente aos negócios políticos. Não pode conformar-se com a ideia de Buonaparte tratar de igual para igual todos os imperadores da Europa e principalmente o nosso, o neto da grande Catarina! Como sabe, sou completamente indiferente às coisas da política, mas, pelo que diz meu pai e pelas suas conversas com Mikhail Ivanovitch, estou ao par de tudo que se passa e principalmente das honras dispensadas a Buonaparte; tenho a impressão de que só em Lissia-Gori ele não é tido como um grande homem e, ainda menos, como o imperador dos franceses. Meu pai não o suporta. Não fala em voltar a Moscou, devido às suas opiniões sobre os assuntos políticos, prevendo discussões inevitáveis dado seu hábito de exprimir o que pensa sem o menor constrangimento. Todo o proveito que ele tira do tratamento de saúde que começou se perde com as discussões sobre Buonaparte. Em todo caso, isso se decidirá muito brevemente. Nossa vida de família continua a mesma, salvo a presença de meu irmão André. Como já lhe escrevi, ele está muito mudado. Depois da desgraça que o prostrou, só esse ano conseguiu reviver moralmente. Tornou-se como eu o conheci em criança: bom, terno, com esse coração de ouro como não conheço outro. Parece-me que compreendeu que a vida não está terminada para ele. Mas com essa transformação moral, fisicamente ficou muito debilitado. Emagreceu e está mais nervoso. Isso me preocupa e tenho muitas esperanças na viagem que vai fazer ao exterior e que os médicos lhe prescreveram há muito tempo. Espero que se restabeleça.

Você me escreve que em Petersburgo fala-se dele como um dos moços mais ativos, mais instruídos e inteligentes. Perdoe minha vaidade de irmã, nunca tive a menor dúvida. Não tem conta o bem que ele fez aqui a todos, desde os camponeses até os fidalgos. Ele então encontrou em Petersburgo o que merecia. Admiro-me como correm boatos de Petersburgo a Moscou, e principalmente boatos falsos como os que você me escreve: o casamento imaginário de meu irmão com a pequena Rostov. Não creio que André case novamente, e principalmente com ela porque: Primeiro, sei que raramente ele fala da finada esposa, mas a dor dessa perda penetrou-lhe fundo demais no coração para que pense em substituí-la, dando uma madrasta ao nosso anjinho. Segundo, porque sei que essa pessoa não é mulher que possa agradar ao príncipe André; não creio que o príncipe André a escolha para esposa e, confesso francamente, não o desejo. Mas estou conversando demais. Cheguei ao fim da segunda folha. Adeus, cara amiga, que Deus a guarde sob sua santa e poderosa proteção. Mademoiselle Bourienne, minha querida companheira, manda um beijo afetuoso.

Maria

XXVI

Em meados do verão, a princesa Maria recebeu, da Suíça, uma carta do príncipe André, comunicando-lhe uma notícia estranha e inesperada: seu noivado com a pequena Rostov. Toda essa carta respirava o

entusiasmo amoroso pela noiva e a terna e confiante amizade para com a irmã. Dizia que nunca amara como agora e que somente agora compreendia a vida. Pedia à irmã que lhe perdoasse por não lhe ter dito nada em Lissia-Gori, embora houvesse falado a seu pai. Não lhe havia dito nada, a fim de que ela não intercedesse junto do pai no sentido de obter seu consentimento; ela o teria irritado sem nada conseguir e teria que suportar todo o peso de seu descontentamento. “No entanto”, escrevia, “não estava ainda tão firmemente resolvido como agora, meu pai deu-me o prazo de um ano, e eis que seis meses, a metade do prazo imposto, já passaram, e eu estou mais firme que nunca em minha decisão. Se os médicos não me retivessem aqui nas águas, já estaria na Rússia, mas devo adiar minha volta por mais três meses. Tu me conheces e sabes da minha relação com nosso pai. Nada necessito dele. Fui e serei sempre independente, mas afrontar sua vontade, merecer sua cólera, quando, talvez, lhe reste tão pouca vida, destruiria a metade de minha felicidade. Escrevo-lhe sobre o mesmo assunto e peço-te, escolhendo um bom momento, que lhe mostres esta carta e me escrevas dizendo como ele encara tudo isso, e se há alguma esperança de que ele consinta em reduzir em três meses o prazo marcado.”

Depois de longas hesitações, de muitas dúvidas e de grandes orações, a princesa Maria levou a carta ao conhecimento do pai.

No dia seguinte o velho príncipe disse-lhe tranquilamente:

— Escreve a teu irmão para que espere minha morte... Não será muito demorada. Muito breve o deixarei em paz...

A princesa quis objetar alguma coisa, mas, levantando a voz, seu pai não consentiu.

— Casa, casa, meu caro... Bonita família! Gente inteligente! Hein! Hein? Ricos! Hein! Sim, uma esplêndida madrasta para Nikoluchka. Escreve-lhe que pode casar amanhã, se quiser. Ela será a madrasta de Nikoluchka e eu casarei com Mademoiselle Bourienne. Ha! Ha! Ha! Para que ele também não fique sem madrasta! Apenas não quero mais mulheres na minha casa. Que case, mas não conte comigo. Talvez também queiras morar com ele? Que Deus te acompanhe. No frio, na neve...

Depois dessa explosão, o príncipe não falou mais no assunto, mas um despeito incessante com a atitude do filho se refletia nas relações entre pai e filha. Aos antigos pretextos de zombaria, acrescentou-se um novo: a conversa sobre as madrastas e as amabilidades com Mademoiselle Bourienne.

— Por que não haveria de casar-me? — repetia à filha. — Seria uma linda princesa!

E, efetivamente, nos últimos tempos, com grande surpresa, a princesa Maria começou a notar que seu pai se tornava cada vez mais íntimo da francesa.

Escreveu ao príncipe André dizendo como o pai acolhera sua carta, mas o consolava dando-lhe a esperança de convencer o velho príncipe.

Nikoluchka e sua educação, André e a religião eram o consolo e a alegria da princesa Maria. Mas, afora isso, já que todos precisam ter esperanças individuais, no fundo da alma da princesa Maria escondia-se um sonho e uma esperança que constituíam a consolação principal de sua vida. Esse sonho consolador, essa esperança lhe eram dados pelos religiosos, pelos inocentes e pelos peregrinos que a visitavam às escondidas do príncipe. Quanto mais a princesa Maria vivia, maiores eram suas provações, mais se admirava da cegueira das pessoas que procuram, na terra, o prazer e a felicidade, que trabalham, que sofrem, que lutam, prejudicando-se reciprocamente para atingir essa felicidade impossível, imaginária e perniciosa.

“O príncipe André amava sua mulher, ela morreu; é pouco, quer encontrar mais uma vez a felicidade com outra mulher. Nosso pai não quer, porque deseja para o filho um casamento mais brilhante, mais rico. E todos lutam, sofrem, atormentam-se e pervertem a sua alma, a sua alma imortal, para atingir um bem efêmero. Mas mesmo sabendo isso, há Cristo, filho de Deus descendo à terra, que nos diz que esta vida é um curto momento, uma provação, e continuamos a querê-la e pensamos sempre encontrar nela a felicidade. E como se explica que ninguém compreende isso?”, pensava a princesa Maria. “Ninguém, salvo esses pobres peregrinos que, de saco nas costas, entram em nossa casa pela escada de serviço, receando encontrar o príncipe, não que temam sofrer, mas para não o induzir a pecar.”

“Deixar a família, a pátria, todas as preocupações com os bens deste mundo e, desprendida de tudo, coberta de trapos, caminhar sob um outro nome, de um lugar para o outro, sem fazer mal aos homens e orando por eles, orando pelos que escorçam e pelos que acolhem. Não existe vida, não existe verdade superior a essa!”

A princesa Maria gostava particularmente de uma velha peregrina, Fedosuchka, uma velhinha bexigosa, de cinquenta anos, pequena e muito tímida que há trinta anos andava descalça e com correntes nos pés. Um dia, em seu quarto iluminado por uma única lamparina, a princesa Maria, ouvindo Fedosuchka contar sua vida, sentiu-se subitamente empolgada pela ideia de que

só Fedosuchka encontrara o verdadeiro caminho e resolveu adotar também vida errante. Quando Fedosuchka foi deitar-se, a princesa Maria refletiu demoradamente, decidindo, por estranho que isso parecesse, partir em peregrinação. Confiou sua intenção ao monge Akinfi, seu orientador espiritual, que aprovou a resolução. Sob o pretexto de dar presentes aos peregrinos, a princesa Maria preparou um traje para a peregrinação: camisa, sandálias, cafetã, xale preto. Muitas vezes abria o móvel secreto onde guardava isso tudo e perguntava a si mesma se não chegara o momento de realizar seu projeto. Amiúde, ouvindo os peregrinos, inflamava-se com suas histórias simples, maquinais para eles, mas onde ela via um sentido profundo; a tal ponto que várias vezes esteve na iminência de abandonar tudo e fugir de casa. Em imaginação, via-se em andrajos grosseiros como Fedosuchka, caminhando pela estrada empoeirada, com um saco e um cajado, indo sempre de um santuário a outro, sem amor terrestre, sem desejos, e, finalmente, lá em cima, onde não existe nem tristezas nem suspiros, mas a alegria, a bem-aventurança eterna.

“Chegarei a um lugar, rezarei, não terei tempo de habituar-me, de amar esse lugar, e irei adiante, até que minhas pernas se recusem a continuar, e irei morrer em algum canto, e chegarei finalmente ao asilo eterno onde não existem tristezas nem lamentações”, pensava a princesa Maria.

Mas, vendo seu pai e principalmente o pequeno Nicolau, fraquejava e chorava às escondidas, sentindo-se pecadora, já que a Deus, preferia o pai e o sobrinho.

Sétima parte

I

A Bíblia nos ensina que a ausência do trabalho, a ociosidade, era a condição de bem-aventurança do primeiro homem antes de sua queda. O homem decaído conserva o amor pela ociosidade, mas a maldição continua pesando sobre ele, não por precisarmos ganhar o pão com o suor de nosso rosto, mas porque, pelas nossas qualidades morais, não podemos ser felizes na ociosidade. Uma voz misteriosa nos diz que somos culpados quando estamos ociosos. Se o homem pudesse encontrar um estado em que, embora sem fazer nada, pudesse sentir-se útil e ter a impressão do dever cumprido, encontraria alguma coisa de sua bem-aventurança primitiva.

Uma classe inteira, a classe militar, goza desse estado de ociosidade obrigatória e irrepreensível e é justamente nisso que reside o atrativo principal do serviço militar.

Nicolau Rostov sentia plenamente essa bem-aventurança desde 1807, continuando a servir no regimento de Pavlograd no qual já comandava o esquadrão que era de Denissov.

Rostov tornara-se um rapaz de modos rudes, que não agradavam aos conhecidos de Moscou, mas era bom, querido e respeitado pelos camaradas, subalternos e chefes, e estava satisfeito com a sua vida.

Nesses últimos tempos, em 1809, nas cartas de casa, encontrara mais frequentemente as queixas de sua mãe. Ela dizia que os negócios iam de mal a pior e reclamava sua visita para consolar e alegrar seus velhos pais.

Lendo essas cartas, Nicolau receava que quisessem afastá-lo desse meio onde, libertado de todas as preocupações da vida, achava-se tão tranquilo e tão feliz. Sentia que cedo ou tarde teria que voltar para a engrenagem da vida: a desorganização e o reerguimento dos negócios, as prestações de contas com os gerentes, as discussões, as intrigas, as relações com os outros, a sociedade, o amor de Sônia e sua promessa.

Tudo isso era horivelmente difícil, embrulhado, e ele respondia às cartas da mãe com missivas frias, clássicas, que começavam por: “Minha querida mãe” e terminavam por “Seu filho obediente”, sem falar na intenção de voltar para casa. Em 1810, recebeu uma carta de seus pais comunicando-lhe que Natacha estava noiva de Bolkonski e que o casamento só se realizaria dentro de um ano, porque o velho príncipe não dava seu consentimento. Nicolau sentiu-se ofendido e triste

com essa carta. Primeiro lamentava o afastamento de Natacha, de quem ele gostava mais que o resto da família; segundo, na sua qualidade de hussardo, lamentava não ter estado presente para mostrar a Bolkonski que não era absolutamente tão grande honra ser seu parente e que, se amava Natacha, poderia muito bem dispensar o consentimento do maluco de seu pai. No primeiro momento hesitou, pensando em pedir uma licença para ver Natacha noiva, mas as manobras se aproximavam, além disso lembrava-se de Sônia, do mau estado dos negócios, e adiou mais uma vez a partida. Mas, na primavera desse ano, recebeu uma carta que sua mãe lhe escrevera às escondidas do conde, e essa o fez decidir a partir. Nessa carta ela lhe dizia que se ele não viesse, se não se encarregasse dos negócios, os domínios seriam vendidos em penhor e que todos ficariam reduzidos à mendicância, que o conde não tinha energia, que era bom demais e enganado por todos, que confiara demasiadamente em Mitenka, que tudo ia de mal a pior. “Em nome de Deus, peço-te que venhas imediatamente se não quiseses que todos sejamos desgraçados”, escrevia a condessa.

Essa carta impressionou Nicolau. Ele possuía esse bom senso da mediocridade, que lhe indicava o que devia fazer.

Agora, era necessário partir, ao menos em licença, já que não queria pedir demissão. Ignorava por que precisava partir, mas depois de ter dormido bem, depois do jantar, ordenou que selassem Marte, um tordilho fegoso que há muito não era montado, e, ao chegar ao seu alojamento o corcel espumante, disse a Lavruchka (o criado de Denissov ficara a seu serviço) e aos camaradas presentes que sairia em licença para ver os seus parentes. Embora lhe fosse difícil e estranho pensar que iria partir sem saber do Estado-Maior (o que o interessava particularmente) se seria promovido a capitão, se receberia a condecoração de Ana pelas últimas manobras, por mais absurdo que lhe parecesse imaginar que partiria sem ter vendido os três cavalos que estava negociando com o conde polonês Golukovsky, transação em que apostara uns dois mil rublos, por mais incompreensível que lhe parecesse sua ausência no baile que os hussardos ofereciam à senhora Pchasetzka para rivalizar com os ulanos que ofereciam um à senhora Borjozovska, sabia que devia deixar esse ambiente bom e ir a alguma parte distante, onde tudo era tolice e incômodos. Uma semana mais tarde recebia sua licença. Os hussardos, não só seus camaradas do regimento, mas também os

da brigada, lhe ofereceram um jantar de quinze rublos por cabeça, com duas orquestras e dois coros. Rostov dançou o *trepak* com o major Bassov, os oficiais, bêbados, atiraram Rostov para o ar, abraçaram-no e soltaram-no, os soldados do terceiro esquadrão o jogaram mais uma vez ao ar e gritaram “hurra!”. Finalmente conduziram Rostov ao trenó e o acompanharam até a primeira muda de cavalos.

Até a metade do caminho, de Kremenchug a Kiev, como sempre acontece, todos os pensamentos de Rostov ainda se dirigiam para o esquadrão, mas, uma vez percorrida essa etapa, começou a esquecer a troica de seus cavalos, seu sargento ajudante Dojoveiko, para imaginar com inquietação o que iria encontrar em Otradnoie. Quanto mais se aproximava, mais fortemente (como se o sentimento moral fosse regulado pela lei da gravidade) pensava nos seus parentes. Na última muda, antes de Otradnoie, deu três rublos de gorjeta ao postilhão e, como uma criança, subiu correndo as escadas do patamar de sua casa.

Depois das expansões da chegada, depois de uma impressão estranha de desapontamento ao não encontrar o que esperava, pensou: “Sempre os mesmos, por que me apressei tanto?” Nicolau começou a habituar-se a seu antigo ambiente. Seus pais não haviam mudado, apenas envelhecido um pouco. Percebeu neles uma certa inquietação e por vezes uns desacordos, que não vira antes, decorrente do mau estado dos negócios, como logo ficou sabendo. Sônia estava com quase vinte anos. Sua beleza não aumentava, não prometia mais nada, mas era suficientemente bonita. Desde a chegada de Nicolau, Sônia irradiava amor e felicidade, e esse amor constante, inabalável nessa jovem, o alegrava agradavelmente. Pétia e Natacha o surpreenderam muito mais.

Pétia já era um menino crescido, de treze anos, bonito, inteligente e endiabrado, cuja voz começava a mudar. Natacha o surpreendeu por muito tempo, e sempre que a via tinha vontade de rir.

— Mudou em tudo! — dizia.

— Como, fiquei mais feia?

— Ao contrário... Mas está importante. Princesa! — dizia-lhe ao ouvido.

— Sim, sim — dizia Natacha alegremente.

Ela contou-lhe seu romance com o príncipe André, a chegada deste em Otradnoie e mostrou-lhe sua última carta.

— Então, estás contente? Agora me sinto tão feliz, tão tranquila!

— Muito contente — respondeu Nicolau. — É um homem de bem. Mas estás apaixonada?

— Ora... Como explicar?... Gostei de Boris, do professor, de Denissov, mas era outra coisa. Agora eu me sinto calma, tranquila. Sei que não existe homem melhor que ele, e estou tranquila e bem-disposta. Antes era muito diferente.

Nicolau exprimiu seu desagrado pelo fato do casamento ter sido adiado por um ano, mas Natacha provou-lhe, agastada, que não poderia ser de outra forma, que não se justificaria entrar numa família sem o consentimento do pai, que ela mesma preferia assim.

— Não compreendes nada, nada — disse Natacha.

Nicolau concordou e calou-se.

Sempre que a olhava, ficava admirado, ela não lhe dava a impressão de uma noiva apaixonada e com o noivo distante. Como outrora, continuava calma e alegre. Nicolau estava surpreendido e chegou a ter dúvidas sobre esse noivado. Não acreditava que o destino de sua irmã já estivesse lançado, e isso, principalmente, por não ver o príncipe André a seu lado. Parecia-lhe que algo não estava certo nesse futuro casamento.

“Por que essa protelação? Por que não casar logo?”, pensava. Uma ocasião, conversando com a mãe a respeito da irmã, verificou, com surpresa e um certo prazer, que a condessa também não acreditava totalmente nesse casamento.

— Como vê, ele escreveu — dizia a condessa, mostrando ao filho a carta do príncipe André com aquele sentimento de hostilidade oculta da mãe pela futura felicidade conjugal de sua filha. — Diz que não virá antes de dezembro. Que negócios poderão retê-lo? Provavelmente a doença. Ele não tem muita saúde. Não fales nisso com Natacha. Não te iludas com sua alegria, está vivendo seus últimos momentos de solteira, e eu sei em que estado ela fica cada vez que chega uma carta dele. Espero, no entanto, que tudo corra bem com a ajuda de Deus — concluía, e acrescentando cada vez: — É um homem admirável.

Ao chegar, Nicolau estava sério e mesmo triste. A obrigação de envolver-se nesse negócio aborrecido de administração para o qual sua mãe o chamara contrariava-o. Para libertar-se o mais cedo possível desse fardo, no terceiro dia depois de sua volta, descontente, sem responder à pergunta de Natacha aonde ia, de cenho franzido, dirigiu-se ao pavilhão de Mitenka e pediu-lhe uma prestação de contas *de tudo*. O que significava esse *tudo*, Nicolau sabia ainda menos que Mitenka, que estava trêmulo de medo e muito admirado. A conversa e as contas de Mitenka não demoraram muito.

O estaroste e o representante da comuna que esperavam no vestíbulo, com prazer e receio, ouviram a voz do jovem conde num crescendo violento, descompondo Mitenka com palavras injuriosas.

— Bandido... Ingrato... Te cortarei em pedaços... Cachorro... Agora não é meu pai que está aqui. Roubaste... Etc.

Depois, com um prazer e receio não menores, viram a habilidade com que o jovem conde, apoplético, com os olhos em chamas, arrastando Mitenka pelo colarinho, dava-lhe pontapés no traseiro depois de cada palavra: “Rua! Que ninguém mais te veja aqui! Cafajeste!”

Mitenka rolou os seis degraus e sumiu no mato. (Esse mato era o refúgio dos criminosos em Otradnoie. O próprio Mitenka costumava esconder-se ali quando voltava bêbado da cidade, e muitos habitantes de Otradnoie, que se escondiam de Mitenka, conheciam a força salutar desse refúgio.)

A mulher e a nora de Mitenka, com o semblante assustado, apareceram no vestíbulo pela porta do quarto, onde aparecia o samovar fervendo e onde se via o leito alto do intendente, com uma colcha de retalhos.

O jovem conde, arquejante, sem prestar atenção, passou diante delas com andar resoluto e entrou em casa.

A condessa, tendo sabido em seguida, pelas criadas de quarto, o que se passava no pavilhão, tranquilizou-se por um lado, imaginando que agora restabeleceria a fortuna, mas, por outro, inquietava-se com a reação do filho. Por diversas vezes aproximou-se da porta, na ponta dos pés. Ele fumava um cachimbo atrás do outro.

No dia seguinte o velho conde chamou o filho, dizendo-lhe com um sorriso tímido.

— Sabes, meu amigo, que te exaltaste inutilmente? Mitenka me contou tudo.

“Eu bem sabia que aqui, neste mundo de imbecis, não compreenderia nada”, pensou Nicolau.

— Tu te exaltaste porque ele não registrou esses setecentos rublos. Foram lançados na outra página, que não olhaste.

— Papai, ele é um velhaco e um ladrão, não tenho a menor dúvida. O que eu fiz está feito, mas, se quiser, não direi mais nada.

— Não, meu querido. (O conde estava constrangido. Sentia que administrava mal os bens da mulher e que não procedera bem para com os filhos, mas não sabia como remediar o mal). Não, peço-te que te encarregues dos negócios. Quanto a mim, estou velho...

— Não, papai, quero que me perdoe se o contrariei, ainda entendo menos que o senhor.

“O diabo que carregue esses camponeses, esse dinheiro, esses lançamentos!”, pensava. “Antes eu sabia escriturar paradas de jogo, mas desse negócio de lançamentos não entendo coisa nenhuma.” Depois disso não se envolveu mais nos negócios da família. Só uma vez a condessa o chamou perguntando o que devia fazer com um título de dívida de dois mil rublos, assinado por Ana Mikhailovna.

— Pede minha opinião — respondeu Nicolau. — Diz que isso depende de mim. Não gosto de Ana Mikhailovna nem de Boris, mas foram nossos amigos e são pobres. Portanto, será assim. — Rasgou o título, e esse gesto fez a velha condessa derramar lágrimas de alegria.

Depois disso o jovem Rostov não se envolveu mais em negócio algum. Entregava-se com paixão a uma coisa nova para ele, a caça, bastante praticada no terreno do velho conde.

III

As primeiras geadas já haviam começado. As da manhã aprisionavam a terra encharcada pela chuva do outono, a vegetação de inverno começava a enfeixar e distinguia-se por seu verde cintilante dos restolhos escuros do trigo já colhido e do palhegal amarelo-claro do trigo de verão pisoteado pelo gado e entrecortado pelas listas vermelhas do trigo-sarraceno.

Os bosques, que, no fim de agosto, eram ainda como ilhas verdes no meio dos campos enegrecidos e dos restolhos, apareciam como ilhas douradas e de um vermelho vivo entre as sementeiras verde-claro do outono. A lebre já perdera a metade de seu pelo, as jovens raposas começavam a dispersar-se e os jovens

lobos já eram maiores que os cachorros. Era a melhor temporada para a caça. Os cachorros de Rostov, que era um caçador jovem e ardente, não só já estavam cansados para a caça, como num tal estado que, a conselho dos caçadores, tiveram três dias de repouso para se porem a caminho no dia 16 de setembro, começando pela floresta em Dubrav, onde uma ninhada de lobinhos fora assinalada. Tal era o estado das coisas no dia 14 de setembro.

O dia inteiro os caçadores ficaram em casa. O frio era intenso. Mas à noite o tempo tornou-se mais brando e a geada passou. No dia 15 de setembro, quando, pela manhã, o jovem Rostov aproximou-se da janela de robe de chambre, verificou que não se poderia esperar tempo mais propício para a caça: o céu parecia derreter-se e, sem vento, descer sobre a terra. No ar, o único movimento era a descida suave das gotas microscópicas da cerração. Gotas transparentes pendiam dos galhos nus do jardim sobre as folhas arrancadas. No pomar, a terra negra e fresca brilhava como sementes de papoula e, a pequena distância, se confundia com a cortina úmida e opaca da cerração. Nicolau dirigiu-se para o patamar molhado, coberto de lama. A atmosfera estava impregnada de um cheiro de folhas mortas e de cachorros. Milka, a cadela preta de manchas cor de fogo, ancas reforçadas, grandes olhos negros e saltados, deitou-se como uma lebre, para depois saltar de repente sobre ele, lambendo-lhe o nariz e o bigode. Um outro cachorro, um lebreiro, ao ver o dono, saltou, arqueando a espinha, do canteiro de flores onde estava deitado, alcançou o patamar e, sacudindo o rabo, começou a esfregar-se nas pernas de Nicolau.

“Oh! Hoi!”, se fez ouvir nesse momento, esse grito inimitável dos caçadores que une o baixo mais profundo ao tenor mais agudo, e o caçador Danilo surgiu no canto da casa. Era um caçador enrugado, grisalho, os cabelos cortados em forma de ferradura, à moda ucraniana. Trazia um chicote na mão e tinha essa expressão de energia e desprezo por todo o universo que só se vê nos caçadores. Tirou o boné circassiano diante do amo e o olhou com um ar desdenhoso. Esse desdém não era ofensivo; Nicolau sabia que esse Danilo que desprezava todos os outros e que se julgava superior a todos era seu homem e seu caçador.

— Danilo! — disse Nicolau, que, diante da perspectiva dessa caça, com tal tempo, tais cachorros e tais caçadores, sentia-se empolgado por esse frêmito anterior, como o apaixonado em presença da amada.

— Que ordem se digna dar, Excelência? — perguntou numa voz de baixo, de primeiro diácono, rouca de tanto excitar os cachorros, e os dois olhos negros e brilhantes olharam de soslaio o amo, que se calava: “Então, será que vais resistir?”, pareciam dizer esses olhos.

— Lindo dia, hein? E a caça com cães, hein? — disse Nicolau, coçando a orelha de Milka.

Danilo não respondeu, contentou-se em pestanejar.

— Mande Uvarka ao amanhecer para escutar — disse a voz de baixo após um momento de silêncio. — Ele diz que ela *passou* para os matos de Otradnoie, onde uivaram. (*Passou* significava que a loba, como ambos entendiam, se dirigira com seus filhotes para o mato de Otradnoie, lugar reservado para a caça, a duas *verstas* da casa).

— Então não temos que partir? — disse Nicolau. — Traga aqui Uvarka.

— Como queira.

— Espera um pouco, não dá nada aos cachorros.

— Entendido.

Cinco minutos depois, Danilo e Uvarka estavam no grande gabinete de Nicolau. Apesar de Danilo não ser muito alto, dentro de casa, dava a impressão de um cavalo ou de um urso entre os móveis e demais acessórios da vida doméstica. Ele próprio sentia isso e, como de hábito, estava parado junto da porta; tratava de falar mais baixo e não mover-se para não quebrar nada na casa dos senhores e se esmerava em dizer o mais rapidamente possível tudo que precisava, para sair desse espaço coberto e voltar para o céu.

Depois de perguntar o que queria e de ter a confirmação de Danilo de que os cachorros estavam prontos (Danilo também queria partir), Nicolau ordenou que preparassem os cavalos. Mas no momento em que Danilo ia retirar-se, Natacha entrou no gabinete a passos rápidos, não tendo ainda se vestido nem se penteado, enrolada no grande xale da velha criada. Pétia corria atrás dela.

— Vais? — perguntou Natacha. — Eu sabia! Sônia disse que não iriam hoje. Mas eu sabia que não podiam deixar de ir num dia assim.

— Vamos — respondeu Nicolau sem vontade, não querendo levar Natacha nem Pétia, já que era sua intenção fazer uma caçada séria. — Vamos, mas é uma caçada de lobos e vais te entediar.

— Sabes que é meu maior prazer — disse Natacha. — Agiste mal, mandaste preparar os cavalos sem dizer nada para a gente.

— *Os russos desconhecem obstáculos.* [26] Vamos! — gritou Pétia.

— Mas tu não podes. Mamãe disse que não podias ir — disse Nicolau, dirigindo-se a Natacha.

— Não, irei, irei sem dúvida nenhuma — retrucou Natacha com firmeza. — Danilo, manda selar nossos animais e Mikhail levar meus cachorros — disse ao caçador.

Ficar dentro de casa era incômodo e penoso para Danilo, mas lidar com a senhorita parecia-lhe impossível. Baixou os olhos e saiu apressadamente, como se isso não fosse de sua conta, procurando não machucar, por acaso, a senhorita.

IV

O velho conde, que sempre dirigira as grandes caçadas, agora transmitira a direção ao filho e, nesse dia 15 de setembro, de muito bom humor, se preparava para acompanhá-lo.

Uma hora mais tarde, toda a comitiva estava junto do patamar. Nicolau, com um ar sério e concentrado, mostrando que agora não tinha tempo para tratar de infantilidades, passou diante de Natacha e Pétia, que procuravam dizer-lhe alguma coisa. Inspeccionou todos os detalhes, mandou na frente uma matilha e os caçadores. Montou no seu alazão do Donetz e, assobiando para os cães de sua matilha, passou a cancela e se dirigiu para os campos que levavam ao mato. Um palafrenero montava o cavalo do velho conde, um castradinho com crina branca, chamado Viflianka, já que o conde deveria ir em *drojki* [27] ao local que lhe fora designado.

Havia cinquenta e quatro cachorros conduzidos por seis caçadores. Além dos amos, havia oito caçadores atrás dos quais corriam quarenta lebreiros, de sorte que, somando as matilhas dos amos, eram cento e trinta cachorros aproximadamente e vinte caçadores montados partindo para a caça.

Cada cachorro conhecia seu dono e respondia pelo nome. Cada caçador conhecia sua função, seu lugar e sua obrigação. Assim que passaram a cancela, sem ruído e sem falar, num passo regular e tranquilo, todos se alinharam pela estrada e através dos campos que levavam ao bosque de Otradnoie.

Os cavalos andavam pelos campos como num tapete fofo, passando, de quando em quando, por cima de charcos ao cruzarem a trilha. O céu nublado tornava-se cada vez mais baixo. A atmosfera era suave, quente e calma. De tempos em tempos ouvia-se ora o assobio de um caçador, ora o relinchar de um cavalo, ora o estalar de um chicote, ora os gritos de um cachorro que saía da trilha.

Depois de uma *versta*, ao encontro da comitiva dos Rostov, cinco cavaleiros com seus cachorros apareceram na cerração. Na frente vinha um belo ancião ainda forte, de grandes bigodes grisalhos.

— Bom dia, tio! — disse Nicolau, quando o velho se aproximou dele.

— Muito bem! Vamos em frente. Eu tinha certeza! — fez o tio (era um parente distante e vizinho pouco afortunado dos Rostov). — Eu estava certo que tu não te conterias, e estás certo. Muito bem! (Eram as palavras favoritas do tio.) Entra imediatamente no mato, sei pelo meu Guirtchik que os Ilaguine já estão à espreita. São capazes de pegar toda a caça em tua casa, nas tuas barbas. Muito bem! Vamos em frente.

— Já vou. Será necessário reunir as matilhas? — perguntou Nicolau. — Reúnam...

Os cães reuniram-se numa matilha e o tio com Nicolau avançaram lado a lado. Enrolada em xales sob os quais aparecia seu rosto animado e os olhos brilhantes, Natacha aproximou-se deles acompanhada de Pétia, do caçador Mikailo, que não a deixava, e de um palafrenero que tinha ordem de não a perder de vista. Pétia ria de alguma coisa, fustigando e contendo seu cavalo. Natacha estava sólida e elegantemente sentada no seu cavalo preto Arabtchik, que controlava com mão firme e sem esforço. O tio olhou Pétia e Natacha com um ar não muito aprovador. Não gostava de misturar travessuras com uma coisa séria como a caça.

— Bom dia, tiozinho. Nós vamos também! — gritou Pétia.

— Bom dia, bom dia. Mas muito cuidado para não esmagar os cachorros — disse severamente o tio.

— Nikolenka, que lindo cão esse Trunila. Ele me reconheceu — disse Natacha, falando de seu galgo favorito.

“Em primeiro lugar, Trunila não é um cachorro ordinário, mas um cão de caça”, pensou Nicolau, e olhou severamente a irmã, procurando fazer-lhe compreender a distância que os separava nesse momento. Natacha compreendeu.

— Tiozinho, não pense que vamos incomodar. Ficaremos em nosso lugar sem nos mexermos.

— Está bem, condessinha — disse o tio —, mas não vá cair do cavalo, pois muito bem, vamos em frente. Não há onde se segurar.

A uma distância de duzentos metros, já se via o mato privado de Otradnoie, e os caçadores se aproximavam.

Tendo finalmente escolhido, com o tio, o local de onde deveriam soltar os cachorros, Nicolau mostrou a Natacha o ponto onde ela deveria ficar, onde não havia possibilidade de surgir a caça, e dirigiu-se para o mais espesso do mato, do outro lado da quebrada.

— Atenção, meu sobrinho, trata-se de uma loba — disse o tio. — É preciso muito cuidado para não a deixar escapar.

— Veremos — respondeu Nicolau. — Hei! Karail Pst! — gritou, respondendo assim às palavras do tio.

Karai era um cachorro velho, vermelho, muito feio e que se distinguia dos demais por ser o único que se lançava contra uma loba.

O velho conde, conhecendo o ardor do filho pela caça, apressava-se para não ficar atrasado. Os caçadores ainda não estavam reunidos quando Ilia Andreievitch, alegre, corado, as faces trêmulas, aproximou-se do local que lhe fora designado no carro puxado por dois cavalos negros. Abrindo a peliça e pegando as armas de caça, montou em seu Viflianka, um bom animal, velho como ele, manso e gordo. O *drojki* foi mandado de volta. Apesar de não ser um caçador apaixonado, o conde Ilia Andreievitch conhecia a fundo as leis da caça. Colocou-se na orla do mato, juntou as rédeas, acomodou-se na sela e, sentindo-se pronto, olhou em volta sorrindo.

Junto dele achava-se seu criado, Semion Tchekmar, um velho cavaleiro, mas que ganhara muito peso. Tchekmar segurava na trela três bons cachorros, mas também muito gordos, como o amo e o cavalo. Dois velhos cães inteligentes deitaram-se sem trela. A cem passos de distância estava Mitka, um outro criado do conde, cavaleiro desenfreado e caçador apaixonado.

Seguindo um velho hábito, antes da caça, o conde bebeu a aguardente dos caçadores numa taça de prata, em seguida comeu sanduíches regados por meia garrafa de seu *bordeaux* favorito.

Ilia Andreievitch estava um pouco corado, devido ao vinho e ao exercício. Seus olhos úmidos brilhavam mais que de costume e, enrolado na peliça, montando Viflianka, parecia uma criança que alguém levara para passear.

Tchekmar, magro, as faces encovadas, se aprontava olhando o amo que ele servia muito intimamente havia trinta anos. Vendo-o de bom humor, esperava por uma conversa agradável. Uma terceira pessoa aproximou-se muito prudentemente (via-se que obedecia a alguma orientação), parando atrás do conde. Era um ancião de barbas brancas, com um casacão de mulher e um grande boné. Era o palhaço do grupo, chamado Nastásia Ivanovna.

— Ah! Nastásia Ivanovna, se experimentas assustar o animal, terás notícias de Danilo — murmurou o velho conde, piscando os olhos.

— Eu também... eu também entendo disso — retrucou Nastásia Ivanovna.

— Silêncio!... — disse o conde. E dirigindo-se a Semion: — Viste Natália Ilinichna? Onde está ela?

— Está com Piotr Ilitch perto da moita de Jarov — respondeu Semion, sorrindo. — Para ver como são as coisas, é uma dama, mas que paixão pela caça!

— Ficaste admirado vendo-a montar, hein? Como um homem! — disse o conde.

— Quem não se admiraria?! É tão hábil e audaciosa!

— E onde está Nicolau? Já deve ter subido o Ladov, hein? — perguntava o velho conde, sempre em voz baixa.

— Exatamente. Ele já conhece os lugares. Monta tão bem a ponto de causar admiração a mim e a Danilo — disse Semion, sabendo o que agradava ao amo.

— Sim, monta bem, hein? E que figura faz a cavalo!

— Daria para fazer um quadro! Há pouco tempo na caça da raposa, perto das moitas de Zavarzino, pôs-se a saltar... Era uma maravilha. O animal vale mil rublos, mas o cavaleiro não tem preço. Sim, não é tão fácil encontrar um rapaz assim.

— Encontrar... — repetiu o conde, lamentando que a frase de Semion fosse tão curta. — Encontrar! — disse, tirando a tabaqueira do bolso interno da peliça.

— Um dia desses quando ele apareceu na missa em belos trajes, Mikhail Sideritch...

Semion não concluiu. Ouvindo no ar calmo os latidos de dois ou três cães na corrida e os gritos de perseguição, inclinou a cabeça, escutou e, sem dizer palavra, fez um sinal ao amo.

— Encontraram a ninhada! Foram a Ladov! — cochichou.

O conde, continuando a sorrir, olhava adiante, com a tabaqueira ainda na mão, mas sem tirar a pitada. Depois do latido dos cães ouviu-se o chamado de Danilo. A matilha alcançou os três primeiros cães, ouviam-se os aulidos peculiares dos cachorros quando perseguem o lobo. Os lacaios já não tinham necessidade de excitá-los, gritavam apenas “Vuu! Vuu! Vuu!” e todas essas vozes eram dominadas pela de Danilo, ora grave, ora estridente. A voz de Danilo parecia encher toda a floresta e estender-se mais além, pelo campo.

O conde e seu criado escutaram em silêncio durante alguns segundos e compreenderam que os cachorros se haviam separado em duas matilhas, uma grande que se afastava, latindo com um ardor desacostumado, e a outra correndo pela floresta diante do conde. Perto dela ouviam-se os “vuus” de Danilo.

Os latidos dessas duas matilhas se confundiam numa única vibração, mas ambas se distanciavam.

Semion suspirou e abaixou-se para arrumar a trela em que se embaraçava um cachorro novo.

O conde também suspirou e, percebendo que estava com a tabaqueira na mão, sorveu uma pitada.

— Volte! — gritou Semion ao cachorro que se aproximava demais da floresta.

O conde estremeceu, deixando cair sua tabaqueira. Nastásia Ivanovna apeou e foi pegá-la. O conde e Semion olhavam para ele. Subitamente, como acontece muitas vezes, os gritos aproximaram-se; os ganidos encarniçados dos cachorros e os “vuus” de Danilo pareciam muito próximos.

O conde virou-se e viu à sua direita Mitka, que, com os olhos saltados, tirando o boné, designava um ponto mais adiante.

— Atenção! — exclamou num tom de voz que deixava claro que não conseguira reter mais tempo essa exclamação. E avançou, soltando os cachorros na direção do conde.

O conde e Semion afastavam-se da clareira quando o lobo apareceu à esquerda aproximando-se, aos saltos, da clareira. Furiosos, aos ganidos, os cães libertaram-se das trelas e atiraram-se contra o lobo por entre as patas dos cavalos.

O lobo estacou. Desajeitadamente, como se tivesse uma angina, virou a grande cabeça na direção dos cães e, com o mesmo bamboleio, deu um salto, e outro e, sacudindo o rabo, desapareceu pela orla do mato.

No mesmo instante, do lado oposto da clareira, soltando uivos que pareciam gemidos, um, dois, três cães, toda a matilha se lançou pelos campos perseguindo o lobo. Atrás dos galgos, afastando um arbusto de aveleira, apareceu Danilo no seu cavalo zaino, escurecido de suor. Danilo, inclinado sobre a montaria, sem boné, os cabelos grisalhos caídos sobre a face vermelha, suada.

— Vuu! Vuu! — gritava. Quando viu o conde, seus olhos fuzilaram, coléricos. — À p... — gritou. Levantando o chicote ameaçador na direção do velho Rostov. — Deixaram escapar o lobo. Malditos caçadores!

E sem perder mais tempo com conversa com o conde, que ficara confuso e assustado, fustigou raivoso as ancas suadas do cavalo e galopou atrás da cachorrada. Muito envergonhado, o velho Rostov ficou parado e voltou-se para Semion, tratando de provocar nele, com um sorriso, alguma piedade pela sua situação.

Mas Semion não estava mais ali. Contornara as moitas, atirando-se ao encontro do lobo. Os lebreiros perseguiam a fera de ambos os lados. Mas o lobo esgueirava-se pelas touceiras, e nenhum caçador conseguia apanhá-lo.

V

Entrementes Nicolau Rostov permanecia no seu lugar à espera do animal. Pela aproximação e pelo afastamento da perseguição indicada pelos latidos, pela aproximação e pelo afastamento dos caçadores, pela elevação das vozes, acompanhava perfeitamente o que se passava na pequena floresta. Sabia que havia lobos velhos e novos. Sabia que os cães estavam separados em duas matilhas, que em algum lugar haviam encontrado a presa e que acontecera algo desastroso. A cada momento esperava que a fera surgisse a seu

lado. Fazia milhares de suposições sobre a direção e velocidade do lobo, e como deveria atacá-lo. A esperança e o desânimo alternavam-se. Várias vezes pediu a Deus que mandasse o lobo a seu encontro. Rezou com um fervor mesclado de vergonha, como as pessoas que rezam no momento de uma forte emoção causada por um acontecimento mínimo. “Afinal, não Te custará nada fazer isso por mim! Sei que Tu és grande e que estou pecando ao pedir-Te isso. Mas, meu Deus, faça com que o velho lobo venha em minha direção e que, sob os olhos do tio que está me olhando de lá, Karai o agarre pela goela.”

Durante essa meia hora, Rostov percorreu mil vezes a orla da floresta com um olhar obstinado, tenso, inquieto: dois carvalhos esparramando seus galhos sobre o copado de álamos-brancos, o barranco de bordas carcomidas pelas águas e o boné do tio emergiam apenas de uns arbustos à direita. “Mas não terei essa sorte”, pensou. “É sempre assim! Não acontecerá! Nas cartas e na guerra e em tudo, nunca tenho sorte!”

Austerlitz e Dolokhov surgiam rapidamente em seu pensamento. “Matar um lobo, uma única vez na vida; não peço mais”, e, todo olhos e ouvidos, espreitava ora à esquerda, ora à direita, escutando os menores ecos da perseguição. Olhou mais uma vez à direita e viu no espaço deserto alguma coisa que corria em sua direção. “Não, não é possível!”, pensou Rostov suspirando pesadamente, como um homem que vê a realização de alguma coisa há muito esperada. A maior das felicidades acontecia tão simplesmente, sem ruído, sem fanfarra, sem sinais particulares. Rostov não acreditava em seus olhos e essa dúvida durou mais de um segundo.

O lobo continuava avançando e saltou pesadamente sobre um charco que se encontrava no seu caminho. Era um animal de lombo cinza e grande barriga vermelha. Corria sem apressar-se, certo de que ninguém o via. Contendo a respiração, Rostov olhou os cachorros. Alguns estavam deitados, outros em pé, todos sem ver o lobo e não compreendendo o que se passava. O velho Karai, virando a cabeça e mostrando seus dentes amarelos, procurava raivosamente uma pulga, fazendo estalar os dentes nas patas traseiras.

— Vuu! Vuu! — cochichou Rostov. As trelas balançaram, retesando as orelhas os cães se ergueram num salto. Karai deixou de coçar a pata, levantou-se de orelhas em pé e agitou levemente o rabo do qual pendiam alguns tufo de pelo.

“Solto-os ou não?”, perguntava a si mesmo Nicolau enquanto o lobo, que saíra da floresta, avançava na sua direção... Subitamente transformou-se a

expressão do lobo, que estremeceu ao perceber, provavelmente pela primeira vez em sua vida, olhos humanos fixos nele. Voltando um pouco a cabeça na direção do caçador, parou. “Voltar ou continuar? Bah! Não faz mal, adiante!”, parecia dizer consigo o lobo e, sem mais olhar, continuou seu caminho em pulos calmos, seguros e decididos.

— Vuu! Vuu! — gritou Nicolau com uma voz terrível, e num arranco seu bom cavalo despencou da pequena elevação, saltou pelo lamaçal, cortando o caminho do lobo. Os cachorros corriam ainda mais rapidamente, passando por ele. Nicolau não ouviu seu grito, não sentiu o galope, não viu seus cachorros nem o lugar de onde saltaram, só via o lobo, que, acelerando a corrida, saltava sobre os buracos sem mudar a direção.

Milka, a cadela malhada de ancas fortes, foi a primeira que se aproximou da fera. Quase a alcançava. Mais perto, mais perto! E já a tocava. Mas o lobo apenas a olhou e Milka, em lugar de acelerar a corrida, como era seu costume, levantou o rabo, estacou, apoiando-se nas patas dianteiras.

— Vuu! Lobo! — gritou Nicolau.

Lubim, o vermelho, saltou por cima de Milka, atirando-se rapidamente sobre o lobo e mordendo-lhe a coxa traseira. Mas, apavorado, atirou-se para o lado contrário. O lobo rolou, rangeu os dentes, levantou-se e continuou correndo, seguido a um metro de distância por todos os cachorros que não se aproximavam dele.

“Vai escapar! Não, não é possível!”, pensou Nicolau, continuando a gritar com a voz rouca.

— Karai, vuu! Vuu! — gritava, procurando com os olhos o velho cachorro, sua única esperança.

Reunindo todas as suas forças gastas, Karai corria ao lado da fera, cortando-lhe o caminho. Mas, pela rapidez da corrida do lobo e pela lentidão do cachorro, era evidente que os cálculos de Karai estavam errados. Nicolau via o lobo aproximar-se da floresta onde escaparia sem dúvida nenhuma. Mas cachorros e caçadores, correndo quase a seu encontro, surgiram pela frente. Ainda havia esperança. Um cachorro novo, preto, comprido, de uma matilha estranha que Nicolau não conhecia, atirou-se velozmente sobre o lobo, quase derrubando-o. O lobo, mais rápido do que se podia esperar, levantou-se e jogou-se sobre o cão

preto trincando os dentes. Ensanguentado, com o flanco aberto, o cachorro deu um ganido dilacerante e tombou.

— Karaiuchka! Meu velho!... — gritava Nicolau quase chorando.

O velho cachorro, com as patas doloridas, graças à rápida parada, lograra cortar o caminho do lobo e já estava a cinco passos dele. Sentindo-se em perigo, o lobo apertou ainda mais o rabo entre as pernas e aumentou a velocidade. Mas nesse momento Nicolau percebeu alguma coisa que se passava entre Karai e o lobo: o cachorro pulou sobre a garganta do lobo e ambos caíam como um só corpo no pântano que estava diante deles. Quando Nicolau viu os cachorros no lamaçal cercado o lobo, e embaixo deles o pelo cinza da fera, a pata traseira estirada, as orelhas apertadas, a cabeça assustada e arquejante (Karai segurava-o pela goela), sentiu que era o momento mais feliz de sua vida. Já segurava o arção para apear e matar o lobo quando, inesperadamente, dessa massa de cães, emergiu a cabeça da fera. Depois as patas dianteiras apoiaram-se no bordo do pântano. O lobo rangia os dentes (Karai já não lhe apertava a goela). Num impulso das patas traseiras saltou do pântano, escapando mais uma vez. Com os pelos eriçados, provavelmente ferido ou machucado, Karai fazia esforços tremendos para sair do lamaçal.

— Meu Deus! Por quê?... — gritou Nicolau desesperadamente. Do outro lado os caçadores do tio galopavam no outro sentido do lobo e os cães o fizeram parar novamente, estava mais uma vez cercado.

Nicolau, seu ajudante, o tio e seu caçador rodavam em torno da fera gritando: “Vuu! Vuu!” Estavam prontos para apear assim que o lobo sentasse e avançavam sempre que o lobo se aproximava da orla do mato, que era sua salvação.

Desde o início dessa corrida, ouvindo “Vuu! Vuu!”, Danilo saíra da clareira da floresta. Viu Karai agarrar o lobo e, supondo que tudo estivesse terminado, parou seu cavalo. Mas como os caçadores não apearam, o lobo libertou-se, preparando-se, novamente, para fugir. Danilo não lançou seu cavalo na direção do lobo, mas em linha reta, rumo à floresta, a fim de cortar-lhe a retirada, como fizera Karai. Assim, achava-se perto do lobo quando os cachorros do tio atacaram o lobo pela segunda vez.

Danilo correu em silêncio, com um punhal na mão esquerda. Com o chicote flagelava as ancas de seu zaino.

Nicolau não vira nem ouvira Danilo até o momento em que o zaino passara por ele respirando ruidosamente. Então, ouviu o ruído da queda de um corpo e viu Danilo no meio dos cachorros, sobre o lobo e procurando segurar-lhe as orelhas.

Era evidente para os caçadores, cachorros e lobo que tudo estava liquidado. A fera apavorada, as orelhas caídas, procurava levantar-se, mas os cães a cercavam. Levantando-se, Danilo deu um passo indeciso e, com todo o peso do corpo, como quem se deita para descansar, atirou-se sobre a fera, segurando-a pelas orelhas. Nicolau quis ferir o lobo, mas Danilo murmurou:

— Não, vamos usar a corda!

E, mudando de posição, apertou o pescoço do lobo com o pé. Introduziram-lhe um pau na goela, amarraram-lhe as patas com uma corda e, por duas vezes, Danilo virou-o de um lado para outro.

Com as fisionomias felizes, cansadas, os caçadores suspenderam o lobo vivo na garupa de um cavalo assustado que endureceu o lombo e que os cachorros acompanharam latindo até o lugar onde todos deviam reunir-se. Todos aproximaram-se para olhar: o lobo deixou cair a cabeça com a goela estaqueada e correu seus grandes olhos vítreos sobre essa multidão de homens e cães que o cercavam. Quando lhe tocavam, suas patas encolhidas tremiam. Com o olhar a um tempo simples e selvagem, fitava a todos. O conde Ilia Andreievitch aproximou-se também e tocou no lobo.

— Ah! Que lobo grande! É velho, hein? — perguntou a Danilo, que estava junto dele.

— Bem velho, bem velho — respondeu Danilo, tirando vivamente o boné.

O conde lembrou-se de que deixara o lobo escapar e de sua altercação com Danilo.

— No entanto, meu caro, és bem exaltado! — disse.

Danilo não respondeu, limitando-se a esboçar um sorriso constrangido, infantil, meigo e simpático.

VI

O velho conde foi para casa. Natacha e Pétia prometeram voltar em seguida. Como ainda era cedo a caçada continuou.

Perto do meio-dia deixaram os cães de trela no fundo de um barranco protegido por moitas espessas. Tendo ficado sobre uma pequena elevação, Nicolau via todos os caçadores.

Diante dele, verdejava um trigal novo, e ali, num fosso, um caçador seu escondia-se protegido por algumas nogueiras. Assim que soltaram os cães, Nicolau ouviu o latido, em intervalos, de um cachorro que ele conhecia, Voltorn. Os cães que estavam com ele ora se calavam, ora recomeçavam a latir. Um minuto mais tarde, alguém gritou no barranco anunciando uma raposa, e toda a matilha arremessou-se na direção do trigal, do lado oposto de Nicolau.

Ele via os caçadores de boné encarnado, galopando à beira do barranco, seguindo os cães, e, a cada momento, esperava ver a raposa aparecer do outro lado, na vegetação.

O caçador que estava no fundo soltou os cachorros e Nicolau pôde ver uma raposa-vermelha, estranha, de pernas curtas, abanando a cauda e correndo velozmente entre o trigal. Os cães começaram a alcançá-la. Eis que se aproximaram, eis que a raposa começou a correr entre eles em círculos cada vez mais fechados, sacudindo seu grande rabo. Eis que um cachorro branco se atirou sobre ela, depois um preto... E tudo se misturou; e os cães pararam em forma de estrela, com o traseiro para fora. Dois caçadores se aproximaram correndo dos cachorros, um de boné vermelho, o outro de cafetã verde.

“O que significa isso? De onde vem esse caçador? Não é o caçador do tio”, pensou Nicolau.

Os caçadores se apoderaram da raposa, ficando muito tempo sem se separarem. Junto deles estavam os cavalos selados e os cães descansando. Os caçadores gesticulavam, fazendo alguma coisa com a raposa. O som das cornetas se fez ouvir; era o sinal convencionado para um caso de disputa.

— É um caçador de Ilaguine que está brigando com o nosso Ivan — informou o escudeiro de Nicolau.

Nicolau mandou buscar sua irmã e Pétia e dirigiu-se, a passo, para o local onde o caçador reunia os cachorros. Alguns caçadores haviam acorrido para a disputa.

Nicolau apeou, parou junto dos cachorros com Natacha e Pétia que se haviam aproximado e ficaram aguardando o resultado do incidente. O caçador que

entrara na disputa apareceu na orla do mato chegando-se ao jovem amo com a raposa presa à sela do cavalo. A distância tirou o boné, procurando falar respeitosamente. Mas estava pálido, arquejante, a fisionomia colérica. Estava com um olho inchado e roxo, embora parecesse ignorá-lo.

— O que houve entre vocês? — perguntou Nicolau.

— Ora, ele caça na pista dos nossos cachorros! Foi minha cadela cinzenta que pegou. Se cometi algum crime, que me prendam! Ele se apoderou da caça e nos batemos pela raposa. Veja o animal aqui preso. É isso, quer provar? — disse o caçador, mostrando o punhal, como se ainda estivesse falando com o adversário.

Sem responder ao caçador, Nicolau pediu à sua irmã e Pétia que o esperassem e se dirigiu para a comitiva inimiga de Ilaguine.

O vencedor reuniu-se aos outros caçadores e, no meio dos curiosos simpatizantes, contou seu feito.

Eis o que se havia passado: Ilaguine, com quem os Rostov estavam rompidos e em demanda judicial, caçava no terreno que, por direito consuetudinário, pertencia aos Rostov. Agora, como deliberadamente, mandara seus homens se aproximarem do local reservado à caça dos Rostov e permitira a seu caçador soltar os cachorros contra a presa perseguida por outra matilha.

Nicolau nunca vira Ilaguine, mas ignorando, como sempre, em seus raciocínios e sentimentos, o que havia de verdade sobre os boatos que corriam sobre a violência e arbítrio desse proprietário de terras, o detestava do fundo da alma e o considerava seu pior inimigo. Fora de si e cheio de raiva, disposto aos atos mais decididos e mais perigosos, apertando fortemente o chicote, rumou em direção de seu adversário.

Apenas contornara o mato, ele viu um senhor gordo com um gorro de castor, montando um garboso cavalo preto, que vinha a seu encontro, acompanhado por dois criados. Em lugar de um inimigo, Rostov encontrou em Ilaguine um fidalgo muito respeitável, educado, com grande desejo de conhecer o jovem conde. Aproximando-se de Rostov, Ilaguine tirou o gorro de castor, dizendo que lamentava muito o que acabava de acontecer, que mandaria punir o caçador que tomara a liberdade de envolver-se com a caça de um outro, que desejava conhecê-lo e se permitia oferecer-lhe seus campos para a caça.

Natacha, temendo que seu irmão praticasse alguma loucura, nervosa, seguiu-o de longe. Vendo que os inimigos se cumprimentavam amigavelmente, aproximou-se deles. Diante de Natacha, Ilaguine tirou seu gorro com deferência ainda maior e, sorrindo amavelmente, disse que a jovem condessa era uma verdadeira Diana, não só por sua paixão da caça, como pela sua beleza, da qual já ouvira falar.

A fim de reparar a falta de seu caçador, Ilaguine convidou insistentemente Rostov para ir até suas terras de caça a uma *versta* de distância, onde, segundo dizia, as lebres pululavam. Nicolau aceitou, e a dupla comitiva pôs-se a caminho. Para chegar até às terras de Ilaguine era necessário atravessar os campos. Os amos cavalgavam juntos. O tio, Nicolau e Ilaguine, sem dar a perceber, furtivamente, olhavam os cães uns dos outros, procurando entre eles os rivais dos seus.

Nicolau se surpreendera particularmente com a beleza de uma cadela de tamanho médio, esbelta, mas com músculos de aço, focinho fino, olhos negros e saltados. Essa cadela fazia parte da matilha de Ilaguine. Ouvira falar dos cães de raça de Ilaguine e via nessa linda cadela uma rival de sua Milka.

No meio de uma conversa, iniciada por Ilaguine, sobre a colheita do ano, Rostov apontou-lhe a cadela.

— É boa essa cadela? Com energia? — perguntou num tom despreocupado.

— Esta? Sim, é um bom animal. Boa caçadora — respondeu Ilaguine, falando com indiferença de sua magnífica Erza, que, um ano antes, trocara por três famílias de servos com um vizinho. — Então, conde, a colheita dos senhores não foi grande coisa este ano? — perguntou, continuando a conversa iniciada. E, achando que seria delicado pagar ao jovem conde na mesma moeda, olhou seus cachorros, fixando-se em Milka, que o impressionara pela sua robustez. — Essa com manchas pretas é boa?

— Não é ruim. Corre bem — respondeu Nicolau. “Ah! Se uma lebre velha aparecesse! Eu te mostraria que animal é...”, pensou. E, voltando-se para seu lacaios, prometeu um rublo a quem encontrasse uma lebre na toca.

— Não compreendo — continuou Ilaguine — por que os caçadores são tão ciumentos das suas caças e cachorros. Quanto a mim, posso assegurar-lhe, conde, que um passeio como este é que me distrai: encontra-se um companheiro

agradável, não pode haver nada melhor (novamente tirou seu gorro de castor diante de Natacha), mas contar as peles e quantos bichos foram mortos, isso me é indiferente...

— Tem toda a razão.

— ... Ou ficar aborrecido por que foi o cachorro de outro e não o meu que alcançou a caça?... Divirto-me, apenas, com o espetáculo. Tenho razão, conde? Porque na minha opinião...

— Ahôô! — soltou de repente um dos caçadores, num grito prolongado. Estava numa pequena elevação, levantou o chicote, repetindo demoradamente — Ahhhh... Ahô! (Esse gesto, acompanhado dessas vozes, indicavam uma lebre.)

— Parece que farejou qualquer coisa — disse Ilaguine negligentemente. — Então, conde, vamos caçá-la.

— Vamos, vamos juntos.

Olhando Erza e o vermelho Rugai do tio, dois rivais com os quais ainda não tivera a oportunidade de medir seus cachorros, e aproximando-se de Ilaguine e do tio, Nicolau pensou: “Com que cara ficarei se eles correrem mais que minha Milka?”

— É velha? — perguntou Ilaguine, aproximando-se do caçador que avistara a lebre. E com uma ponta de nervosismo, voltou-se para sua Erza, instigando-a. — E você, Mikhail Nikanorovitch? — perguntou, dirigindo-se ao tio.

O tio caminhava de cenho franzido.

— Por que me envolver nisso?... Muito bem, vamos em frente. Cada um de seus cachorros lhe custaram uma aldeia, são animais de mil rublos. Bem! Como quer que eu rivalize? Rugai! Pst, pst! — gritou — Rugaiuchka — exprimindo, involuntariamente, nesse diminutivo, sua ternura pelo cão vermelho e a confiança que depositava nele.

Natacha via e sentia a emoção encoberta dos dois velhos e do irmão, e até ela estava nervosa. O caçador se conservava sobre a pequena elevação com o chicote levantado. Sem se apressarem, os amos aproximaram-se dele. Os cães de trela se afastavam da lebre, os caçadores se espalhavam também. Todos caminhavam lenta e silenciosamente.

— Para onde a lebre está virada? — perguntou Nicolau ao caçador que a vira em primeiro lugar e que estava a cem passos dele.

Mas antes que ele tivesse tempo de responder, a lebre, pressentindo a geada do dia seguinte, não podendo conservar-se parada, deu um salto. A matilha de cães correu atrás dela aos ganidos. De todos os lados, os cães que estavam soltos se atiraram na sua direção. Todos os caçadores avançavam lentamente, gritando: “Vuu... vuu!”, e os outros caçadores aos gritos: “Ô... ho!” se lançaram, a toda velocidade, pelo campo a fora. O impassível Ilaguine, Nicolau, Natacha e o tio galopavam, sem saber aonde nem como, vendo apenas os cães e a lebre, e receando perder o rumo da caça. A lebre era adulta, esperta e avançava em pequenos saltos. Levantou as orelhas e, ouvindo de todos os lados gritos e ruídos de passos, pôs-se a correr. Deu uns dez saltos, não muito rápidos, deixando que os cachorros se aproximassem, e, finalmente, tendo escolhido sua direção e compreendido o perigo, baixou as orelhas e atirou-se numa corrida desenfreada. Corria sobre os restolhos, mas tinha diante de si a vegetação úmida. Dois cachorros do caçador que a havia descoberto compreenderam sua intenção antes dos demais e lançaram-se atrás dela. Mas ainda não haviam corrido muito quando ao lado deles apareceu a vermelha Erza de Ilaguine. Apenas o comprimento de uma cabeça a separava da lebre e, acreditando segurar o rabo da caça que procurava morder, rolou no chão. A lebre arqueou a espinha e correu ainda mais velozmente. Milka surgiu atrás de Erza e começou a aproximar-se rapidamente da lebre.

“Miluchka, querida!”, gritou Nicolau triunfalmente... Parecia que Milka ia atirar-se e agarrar a caça, mas o ultrapassou. A lebre havia parado. Mais uma vez a linda Erza lançou-se na perseguição e já estava bem próxima, medindo a distância para não se enganar e segurá-la pelo traseiro.

— Erzenka, meu bem! — Era a voz transtornada e súplice de Ilaguine. Erza não ouvia esse pedido; bem no momento que se podia imaginar que ela ia finalmente segurar a lebre, a presa saltou de lado e meteu-se pelo valado que separava o restolho do campo verde. Novamente Erza e Milka, como uma parilha de cavalos atrelados, recomeçaram a perseguição. Dentro do valado a lebre sentia-se melhor, pois ali os cães não a seguiam de tão perto.

— Rugai, Rugaiuchka! Muito bem, vamos em frente! — gritou nesse momento uma outra voz, e o vermelho Rugai, o cachorro do tio, se estirando e curvando a espinha, alcançou os dois primeiros, passou por eles e, já atingindo a

lebre, caiu sobre ela, obrigou-a a deixar o valado para o trigal verde. Com barro até a barriga, mergulhou sobre ela no capim sujo. Via-se apenas como, coberto de barro, ele rolava no chão com a lebre.

Os outros cães os cercavam em forma de estrela. Um minuto mais tarde todos se achavam reunidos junto dos cachorros. O tio, no auge da felicidade, apeou e agarrou a lebre. Sacudiu-a, para deixar correr o sangue e, perturbadíssimo, corria os olhos em roda, sem saber onde meter os pés e as mãos e falando sem saber com quem, nem o que dizia.

— Muito bem, vamos em frente. Isso é que é serviço bem-feito!... Isso é que é cachorro... Passou por todos, até os de mil rublos. Muito bem! — disse, engasgado. Olhava em roda encolerizado, como se quisesse injuriar alguém, como se todos fossem seus inimigos, como se o tivessem ofendido e que finalmente tivesse conseguido justificar-se. — Isso é para ensinar os cachorros de mil rublos! Muito bem! Rugai! Toma um pedaço, mereceste — disse, atirando ao cão a pata arrancada e toda suja de terra. — Muito bem!

— Ela estava cansada, é a terceira vez que corre sozinha hoje — disse Nicolau, não prestando atenção ao que diziam e sem cogitar se o ouviam ou não.

— Mas, como, cortar assim de través?... — dizia o caçador de Ilaguine.

— Sim, mas desse jeito não há cão de guarda que não pegue — disse Ilaguine ao mesmo tempo, com as faces vermelhas, respirando com dificuldade devido à corrida e à agitação.

Engasgada, alegre, triunfante, Natacha dava gritos estridentes que penetravam nos ouvidos. Com esses sons ela exprimia tudo que os caçadores diziam com palavras. E esse grito era tão selvagem que ela mesma se envergonharia e os demais teriam se admirado em outras circunstâncias. O tio amarrou a lebre na garupa da montaria e, como se estivesse com raiva de todos, com um ar de quem não queria conversa, montou e partiu só.

Todos, menos ele, se separavam tristes e feridos em seu amor-próprio e só muito depois conseguiram simular indiferença. Continuavam olhando Rugai, que com o lombo arredondado, coberto de lama, sacudindo a coleira, com um ar calmo de vencedor, caminhava atrás das patas do cavalo do tio.

E Nicolau lia na expressão do cachorro: “Pois vejam! Sou igual aos outros quando não se trata de correr uma lebre; mas, nessas ocasiões, cuidado comigo!”

Passado muito tempo, quando o tio, aproximando-se de Nicolau, dirigiu-lhe a palavra, Nicolau sentiu-se lisonjeado por ele ainda dignar-se falar-lhe, depois de tudo que se passara.

VII

Quando, ao anoitecer, Ilaguine despediu-se de Nicolau, este se achava tão longe de casa que aceitou a hospitalidade que o tio oferecia para receber toda a comitiva na sua aldeia de Mikhailovka.

— Se viessem até a minha casa? Muito bem, vamos em frente! — disse o tio.
— Creio que seria melhor, o tempo está úmido. Descansariam e a condessinha poderia voltar de carro.

O convite foi aceito. Mandaram um criado buscar o carro em Otradnoie, e Nicolau, Natacha e Pétia foram à casa do tio.

Cinco pessoas da criadagem, grandes e pequenas, desceram as escadarias da entrada, acorrendo ao encontro do amo. Dezenas de mulheres, velhas, grandes e pequenas, apareceram para ver os caçadores. A presença de Natacha, uma dama a cavalo, excitou de tal forma a curiosidade dos criados do tio que diversos, sem o menor constrangimento, aproximaram-se para fitá-la nos olhos, e, diante dela, faziam as suas observações como se fosse um fenômeno em exposição que não pode ouvir nem compreender o que dizem a seu respeito:

— Olha, Arinka, está sentada de lado. Está sentada e o vestido esvoaça. Tem uma buzina também!

— Céus! Uma faca!

— Uma tártara legítima!

— Como foi que não caíste? — perguntou a mais ousada, dirigindo-se a Natacha.

O tio apeou perto do patamar da casa de madeira com um jardim não cultivado e, correndo o olhar pelos criados, gritou imperiosamente mandando sair os que eram demais e que fosse feito todo o necessário para receber os convidados da caça.

Todos se dispersaram. O tio ajudou Natacha a descer do cavalo e a subir os degraus inseguros que levavam ao patamar. A casa não era muito limpa e se podiam ver as vigas que sustinham as paredes nuas. Não dava a impressão de

que seus moradores se preocupassem grandemente em retirar manchas, mas, nem por isso, parecia malcuidada. Um odor de maçãs frescas enchia o vestibulo; peles de lobos e de raposas cobriam as paredes.

Do vestibulo o tio levou os hóspedes para uma pequena sala mobiliada com uma mesa dobrável e cadeiras vermelhas, dali para a sala de visitas, onde se via uma mesa redonda de bétula e um sofá. Finalmente chegava-se ao gabinete de trabalho, guarnecido por um sofá furado, um tapete desbotado, um retrato de Suvorov, os retratos dos pais do dono da casa e seu próprio retrato em uniforme militar. O ambiente estava saturado de um forte cheiro de fumo e cachorro.

O tio pediu aos hóspedes que sentassem e se considerassem em casa, e retirou-se. Rugai, com o lombo sujo, entrou no gabinete, estirou-se no sofá e, batendo os dentes, começou a limpar-se com a língua e com os dentes. Do gabinete saía um corredor onde se podia ver um para-vento com um dos panos rasgado. Atrás do para-vento ouviam-se os risos e cochichos das mulheres. Nicolau, Natacha e Pétia tiraram os casacos e sentaram-se no sofá. Pétia, apoiando-se no braço, logo adormeceu, Natacha e Nicolau ficaram silenciosos. Seus semblantes brilhavam, sentiam muita fome e estavam muito alegres. Olhavam-se. (Depois da caça, dentro da casa, Nicolau não julgava mais necessário mostrar sua superioridade de homem diante da irmã.) Natacha piscou os olhos para o irmão, e, não podendo mais conter-se, ambos desataram num riso sonoro antes mesmo de inventar um pretexto que o justificasse.

Pouco depois, o tio voltava com um casaco curto, calças azuis e botas curtas. Natacha compreendeu que o traje do tio, que lhe provocara surpresa e zombaria por ocasião de sua visita em Otradnoie, era um verdadeiro traje, nem melhor nem pior que o jaquetão ou a casaca.

O tio também estava alegre. Além de não se ofender com a risada dos dois irmãos (não podia lhe vir à cabeça que eles tivessem algum motivo para zombar de sua vida), ele próprio se juntou a esse riso inexplicado.

— Pois é, condessa. Muito bem! Ah, a mocidade, nunca não vi igual — disse, oferecendo a Rostov um cachimbo de haste longa enquanto pegava um curto entre os três dedos da mão, num gesto habitual. — Como um homem! Nem parece que andou o dia inteiro a cavalo.

Pouco depois de o tio entrar, a porta abriu-se. A julgar pelo ruído dos passos, era evidentemente uma criada de pés descalços. Uma criada quarentona, gorda, corada, bonita, com papadas e lábios carnudos, vermelhos, apareceu com uma bandeja cheia de coisas.

Com um ar hospitaleiro e trejeitos convidativos, olhava os convidados e, sorrindo, os cumprimentava respeitosamente. Apesar da sua obesidade fora do comum que a obrigava a empinar a barriga e dos seios, atirando a cabeça para trás, essa mulher (a governanta do tio) caminhava com muita vivacidade.

Aproximou-se da mesa, depositou a bandeja e habilmente, com suas mãos brancas, gorduchas, serviu os frios e as bebidas.

Isso feito, afastou-se e, de sorriso nos lábios, parou junto da porta. “Aqui estou! Agora compreendes teu tio?!”, parecia dizer toda sua pessoa, dirigindo-se a Rostov. Como não compreender? Não só Rostov, mas Natacha também compreendeu o tio, a significação do cenho franzido e do sorriso feliz, satisfeito, que apenas aflorava a seus lábios quando Anícia Feodorovna entrava. Na bandeja havia licor de frutas e de ervas, cogumelos e escabeche, bolinhos de trigo preto, mel fresco e mel cozido e espumoso, maçãs, avelãs frescas, assadas ao forno e no mel. Em seguida Anícia Feodorovna trouxe geleia, presuntos e um franguinho que acabara de assar.

Tudo isso era escolhido e preparado por Anícia Feodorovna. Tudo isso tinha o sabor de Anícia Feodorovna. Tudo isso lembrava a frescura, a limpeza, a alvura e o sorriso simpático.

— Sirva-se, senhorita condessa — dizia a Natacha, oferecendo-lhe os diversos pratos.

Natacha comia de tudo e parecia nunca ter visto nem comida bolinhos, geleia, avelãs semelhantes, nem tampouco um frango como esse.

Anícia Feodorovna saiu. Rostov e o tio, bebendo um licor de cereja durante o jantar, conversaram sobre as caçadas passada e futura, sobre Rugai e os cães de Ilaguine. Muito aprumada no sofá, com os olhos brilhantes, Natacha escutava-os. Diversas vezes tentara acordar Pétiá para que ele comesse alguma coisa, mas o menino resmungava algumas palavras incompreensíveis e não acordava. Natacha sentia uma tal alegria de alma, achava-se tão bem nesse meio novo para ela, que só temia que a carruagem viesse buscá-la cedo demais. Depois de um

silêncio casual, muito comum quando pessoas recebem conhecidos pela primeira vez, respondendo ao pensamento de seus hóspedes, o tio disse:

— Eis como termino meus dias. Morrerei, muito bem! Não ficará nada. Logo, por que não pecar?

Dizendo isso o semblante do tio era muito imponente e até belo. Rostov lembrou-se espontaneamente de tudo de bom que ouvira dizer a respeito dele pelo pai e pelos vizinhos. Em todo o distrito, era tido como o homem mais nobre e desinteressado; era indicado como árbitro em questões de família; nomeavam-no executor testamentário; confiavam-lhe segredos; escolhiam-no para juiz e ainda outras funções. Mas obstinadamente recusara qualquer emprego público e passava o outono e a primavera montado no seu cavalo. No inverno ficava em casa e no verão deitava-se no seu jardim frondoso.

— Por que não continua no exército, tio?

— Prestei meu serviço, mas deixei. Não dou para a coisa. Muito bem, vamos em frente! Não entendo nada daquilo. Isso é para vocês, eu mesmo não tenho o espírito militar. Quanto à caça, é outra coisa, bem! Muito bem! Abram essa porta, que diabo! — gritou. — Por que a fecharam?

A porta, no fim do corredor (o tio chamava “colhedor”), dava para o quarto de caça — assim era chamado o quarto destinado aos caçadores. Alguém caminhou rapidamente, de pés descalços, e uma mão invisível abriu a porta. Do corredor se ouvia bem claro o som de uma balalaica, evidentemente tocada por um artista.

Havia muito que Natacha escutava esses sons. Ela saiu para o corredor a fim de ouvi-los melhor.

— É meu cocheiro Mitka... Comprei-lhe uma boa balalaica. Eu gosto — disse o tio.

Quando o tio voltava da caça, Mitka tinha o hábito de tocar balalaica no quarto dos caçadores. O tio gostava desse instrumento.

— Muito bom, realmente muito bom! — disse Nicolau com certa negligência involuntária, como se tivesse vergonha de confessar que esse instrumento lhe agradava muito.

— Como bom? — interveio Natacha em ar de censura, percebendo o tom em que seu irmão dissera aquelas palavras. — Bom, não... Simplesmente encantador!

Da mesma forma que os cogumelos, o mel e os licores do tio lhe haviam parecido os melhores do mundo, no momento, essa canção parecia-lhe uma delícia musical.

— Mais, mais, por favor! — disse Natacha assim que a balalaica silenciou.

Mitka afinou-a e mais uma vez, com variações e nuances, atacou os acordes de *Barínia*.

Sentado, com a cabeça um pouco caída para um lado, o tio escutava, com um sorriso quase imperceptível. O motivo de *Barínia* repetiu-se uma centena de vezes. Várias vezes a balalaica foi afinada, o mesmo som tremia, os ouvintes não se aborreciam e queriam ainda uma vez ouvir essa música. Anícia Feodorovna voltou, recostando seu corpo pesado contra a porta.

— Percebe? — perguntou a Natacha, com um sorriso semelhante ao do tio. — Ele toca bem.

— Ai! Ai! Ai! Não é isso — disse o tio de repente, com um gesto enérgico. — Nessa passagem é necessário mais vivacidade. Muito bem! Solte mais.

— O senhor sabe tocar? — perguntou Natacha.

O tio sorriu sem responder.

— Aniuschka, repara se as cordas da guitarra estão boas. Há muito que não a pego. Muito bem!

No seu andar alegre, Anícia Feodorovna saiu apressadamente para cumprir a ordem do amo e voltou com o violão.

Sem olhar para ninguém, o tio assoprou a poeira. Com seus dedos ossudos, bateu na caixa do instrumento, afinou-o e instalou-se comodamente na poltrona. Num gesto um pouco teatral, afastando o cotovelo esquerdo, empunhou o violão, piscando os olhos para Anícia Feodorovna, não tocou *Barínia*, mas um acorde sonoro, claro, e, lentamente, mas com calma e vigor, começou, num compasso muito lento, uma canção conhecida: “Po ulitza mostovoi” (Na rua ladrilhada). Nicolau e Natacha sentiam que essa canção vibrava em suas almas com uma alegria calma e compassada, essa mesma alegria que irradiava de Anícia Feodorovna toda. Anícia Feodorovna corou e, escondendo o rosto no lenço, saiu rindo da sala. O tio continuou sua canção num tom enérgico, mudando a expressão ao olhar o local onde estava Anícia Feodorovna antes de sair. Alguma

coisa sorria de um lado de seu rosto, sob o bigode grisalho, principalmente quando a canção acentuava o compasso e quando vinha o dedilhado.

— É maravilhoso, maravilhoso, tio. Mais, mais! — exclamou Natacha, quando ele terminou.

Saltando de seu lugar, ela abraçou e beijou o tio.

— Nicolau! Nicolau! — repetia, olhando interrogativamente o irmão.

Nicolau também estava maravilhado. O tio tocou uma segunda canção. A fisionomia sorridente de Anícia Feodorovna apareceu novamente na porta. Outros semblantes se mostraram atrás dela.

*Lá, bem longe, indo beber na fonte fresca,
ele grita: menina, espera!*

Tocava o tio; e fez ainda uma variação muito hábil, cortou um acorde e sacudiu os ombros.

— Mais, tio querido! — exclamou Natacha numa voz de súplica, como se sua vida estivesse em jogo.

O tio levantou-se. Parecia haver nele dois homens: um dava um sorriso grave para o outro, que era alegre. O homem alegre fez uma saída ingênua antes da dança.

— Vamos, sobrinha — gritou o tio, fazendo para Natacha um gesto e tocando o acorde.

Atirando o xale, Natacha pulou para a frente do tio e, com as mãos nos quadris, fez um movimento de ombros, estacando.

Onde, como, quando se formara esse espírito russo que irradiava nessa jovem condessa educada por uma francesa emigrada? Onde adquirira esses modos que o *pas de châte* deveria ter apagado há muito tempo? Mas seu espírito, suas maneiras, eram essas mesmas maneiras russas, inimitáveis, que o tio esperava dela. Assim que parou, sorrindo triunfalmente com faceirice e alegria, o medo de que ela não fosse bem-sucedida se desvanecera do espírito de Nicolau e demais presentes, e todos a admiravam. Anícia Feodorovna imediatamente entregou-lhe o lenço necessário para a dança e riu com emoção olhando essa jovem condessa, franzina, graciosa, tão distante dela em seus trajes de seda e veludo, capaz de

compreender tudo que havia dentro dela, Anícia, de seu pai, de sua mãe, de sua tia e de cada russo.

— Muito bem, condessinha, vamos em frente! — disse o tio num riso alegre quando terminou de dançar. — Isso é que é sobrinha! Agora só falta escolher um bom marido. Muito bem!

— Já está escolhido — disse Nicolau, sorrindo.

— Oh! — fez o tio, fitando interrogativamente Natacha.

Com um sorriso feliz Natacha sacudiu afirmativamente a cabeça.

— E que marido! — exclamou. Mas logo um outro gênero de pensamentos e sentimentos a assaltaram. “O que significaria o sorriso de Nicolau ao dizer ‘já está escolhido’? Estará ou não satisfeito com isso? Parece pensar que Bolkonski não compreenderia nossa alegria, nem tomaria parte nela. Mas ele compreenderia tudo, estou certa. Onde estará ele agora?”, pensava Natacha, e seu semblante tornou-se subitamente sério. Mas isso não durou mais que um segundo: “Não pensar, não ousar pensar nisso”, disse para si mesma, sentando-se ao lado do tio e pedindo-lhe, num sorriso, que tocasse ainda alguma coisa.

O tio tocou mais uma canção, depois uma valsa e parou, pigarreou e entoou sua canção favorita dos caçadores:

*À noite, a neve
caía...*

Cantava como canta o povo, com essa convicção absoluta e ingênua de que todo o significado da canção está nas palavras e o motivo vem por si, que não existe um motivo à parte, que ele só é necessário para o compasso. E era essa a razão de esse motivo inconsciente como o canto dos passarinhos ter uma beleza extraordinária nas canções do tio.

Natacha estava entusiasmada com sua música. Resolveu não estudar mais harpa para dedicar-se ao violão. Pediu o instrumento ao tio e logo encontrou os acordes de uma canção.

Às dez horas da noite chegaram três homens a cavalo com uma carruagem e uma charrete, à procura de Natacha e Pétia. O emissário informou que o conde e a condessa, ignorando onde se achavam, estavam bastante inquietos.

Pétia foi transportado para o carro, onde o deitaram como um cadáver. Natacha e Nicolau tomaram o *drokji*. O tio agasalhou bem Natacha e despediu-se dela com uma ternura toda nova. Acompanhou-os a pé até a ponte que era necessário contornar para passar o vau, e mandou que os caçadores, munidos de lanternas, fossem na frente.

— Até a vista, cara sobrinha! — gritou.

Sua voz não era a que Natacha conhecia, mas a que cantara “À noite, a neve”.

Eles atravessaram campos onde brilhavam luzinhas vermelhas; um cheiro de fumaça planava no ar.

— Que encanto esse tio! — disse Natacha, quando a pequena comitiva alcançou a estrada geral.

— Sim, sim — concordou Nicolau. — Não sentes frio?

— Não, estou muito bem, muito bem — respondeu, até admirada de tão bem como ela se sentia.

Calaram-se por muito tempo. A noite estava escura e úmida. Não se viam os cavalos, apenas ouvia-se o ruído de seus cascos na lama invisível.

O que se passaria nessa alma juvenil, impressionável, que, com tanta vivacidade, apreendia e assimilava as impressões mais diversas da vida? Como se harmonizariam nela todas essas coisas? Seja como for, sentia-se muito feliz.

Já perto de casa, começara a cantar o “À noite, a neve” de que procurava lembrar-se durante todo o caminho, e de que, finalmente, se recordara.

— É isso, lembrou? — perguntou Nicolau.

— No que estás pensando, Nicolau?

Eles gostavam de perguntar isso um para o outro.

— Eu? — disse o irmão como quem procura lembrar. — Olha, primeiro estava pensando que Rugai, o cachorro vermelho, é como o tio, e que, se fosse um homem, teria o tio em sua casa, se não para a caça, ao menos pelo seu bom temperamento, mas o teria consigo. Como é bom o tio! Não é? E tu, no que pensavas?

— Eu? Espera, espera... Sim, primeiro pensei que pensamos ir para casa, mas que na realidade só Deus sabe para onde vamos, nesta escuridão, e que chegaremos de um momento para o outro, mas não veremos Otradnoie, mas um reino feérico. Depois pensei ainda... Não, nada mais...

— Eu sei, com certeza pensaste *nele* — disse Nicolau, sorrindo, o que Natacha percebeu pelo som de sua voz.

— Não — respondeu ela, embora na realidade pensasse no príncipe André, perguntando a si mesma se ele gostaria do tio. — Ah! Durante todo o caminho também me lembrei de como Aniuschka é muito boa...

E Nicolau ouviu o riso sonoro, feliz, sem causa da irmã.

— Sabes — disse ela de repente —, sinto que nunca serei tão feliz e tão tranquila como agora.

— Que bobagem! — retrucou Nicolau, e pensou: “Que encanto essa Natacha. Nunca terei amiga igual. Por que casar? Passearíamos sempre juntos!”

“Que encanto esse Nicolau!”, pensava Natacha.

— Ah! Ainda tem luz na sala — exclamou, mostrando as janelas da casa que brilhavam na obscuridade úmida e aveludada da noite.

VIII

O conde Ilia Andreievitch deixara de ser marechal da nobreza, porque essa função acarretava muitas despesas, mas nem por isso seus negócios melhoraram. Não era raro Natacha e Nicolau surpreenderem conversas misteriosas e inquietantes dos pais e também ouviam falar na venda da rica residência patrimonial e da propriedade próxima de Moscou. O conde não era mais marechal da nobreza, não estava mais obrigado a grandes recepções e a vida em Otradnoie era mais modesta que nos anos anteriores. Mas a grande casa e o pavilhão continuavam cheios de gente, e nunca baixava de vinte o número de pessoas que sentavam à mesa. Todas ali viviam há muito tempo como membros da família ou que não viam como de lá sair. Nessas condições estavam Dimmler, o músico, e sua mulher; Fogel, o professor de dança, com sua família; a velha senhorita Bielova e ainda muitos outros: o preceptor de Pétia, a antiga governanta das meninas e ainda aqueles que achavam mais cômodo morar na casa do conde que em suas próprias casas. Ainda que não houvesse recepções suntuosas como antes, o nível de vida era o mesmo, fora do qual nem o conde nem a condessa podiam compreender a vida. Eram as mesmas caçadas, ainda aumentadas por Nicolau. Havia sempre quinze cocheiros e cinquenta cavalos no trato; os mesmos presentes caros nos dias de festas, os mesmos jantares solenes para todo o distrito; o mesmo *whist* e o mesmo *bóston*, nos quais o conde, deixando que todo o mundo visse suas cartas, permitia que os vizinhos lhe ganhassem cada dia centenas de rublos, de sorte que essas partidas com o conde Ilia Andreievitch constituíam, para eles, a porção mais importante de seus rendimentos.

O conde estava preso por seus negócios como numa imensa teia e procurava não ver que enredava mais a cada passo que dava, nem se sentia com forças para cortar as malhas que o prendiam ou desembaraçá-las com prudência e paciência.

A condessa, com seu coração terno, sentia que os filhos iriam se arruinar, que o conde não era culpado, que não podia ser outro e que sofria embora tratasse de escondê-lo, com a sua ruína e a dos filhos. Ela procurava um meio para remediar essa ruína. Uma única solução se apresentava ao seu espírito de mulher: um casamento rico para Nicolau. Sentia que era o último recurso e, se ele recusasse o partido que estava lhe arranjando, teriam que perder, para sempre, a esperança de resolver a situação. Esse partido era Júlia Kariaguina, filha de pais bons e virtuosos, que os Rostov conheciam desde a infância e que, depois da morte do último de seus irmãos, se tornara uma das mais ricas herdeiras.

A condessa escreveu diretamente à senhora Kariaguina em Moscou, propondo-lhe o casamento de Nicolau com sua filha, e recebeu uma resposta favorável. A senhora Kariaguina respondia dizendo que de sua parte nada tinha a opor, mas que tudo dependia de sua filha. Assim, pedia a Nicolau que viesse a Moscou.

Várias vezes, com lágrimas nos olhos, a condessa dissera ao filho que seu único desejo, já que as filhas estavam encaminhadas, era vê-lo casado. Dizia que, depois disso, poderia morrer tranquila. Em seguida deixava perceber que já tinha em vista uma criatura encantadora e procurava sondar a opinião do filho sobre o casamento.

De outra parte, elogiava Júlia e aconselhava a Nicolau que fosse a Moscou, divertir-se no período das festas. Nicolau adivinhava aonde a mãe queria chegar com essa conversa e, no decurso de uma delas, forçou-a a falar francamente. Ela explicou-lhe que a única esperança que restava de remediar a situação da família repousava no seu casamento com a senhorita Kariaguina.

— Mas como! Se eu amasse uma menina sem fortuna, mamãe, seria capaz de exigir que eu sacrificasse meu amor e minha honra por dinheiro? — perguntou-lhe, sem perceber a crueldade dessa pergunta e querendo apenas demonstrar nobreza de sentimentos.

— Não, tu não me compreendeste — respondeu a mãe, não sabendo como justificar-se. — Tu não me compreendeste, Nicolau. Quero tua felicidade — acrescentou e, sentindo que não estava dizendo a verdade, constrangida, começou a chorar.

— Mãezinha, não chore, mas diga simplesmente o que pretende e saiba que eu seria capaz de dar toda minha vida, tudo, unicamente para tranquilizá-la. Pela senhora, sacrificaria tudo, até meus próprios sentimentos.

Mas a condessa não queria encarar a questão sob esse prisma. Não queria sacrificar o filho, ao contrário, preferia sacrificar-se por ele.

— Não, tu não me compreendeste, não falemos mais nisso — concluiu, enxugando as lágrimas.

“Sim, mas talvez eu ame uma menina pobre”, disse Nicolau consigo. “E nesse caso terei que sacrificar meu afeto e minha honra por dinheiro? Admiro-me que mamãe me tenha dito isso. Então, só porque Sônia é pobre não posso amá-la, não posso corresponder a seu amor fiel, dedicado. Certamente serei mais feliz com ela que na companhia de uma boneca como Júlia. Não há dúvida de que posso sacrificar meus sentimentos pelo bem de meus pais, mas não posso comandá-los. Se amo Sônia, meu amor, para mim, é mais forte e mais alto que tudo.”

Não foi a Moscou; a condessa não lhe falou mais em casamento e, com tristeza e até cólera, ela notava uma aproximação cada vez maior entre seu filho e Sônia, que não tinha dote. Sabia que não era justo, mas não podia deixar de mostrar seu descontentamento à Sônia, repreendendo-a a todo momento, sem o menor motivo, tratando-a na terceira pessoa e de “minha cara”. O que mais aborrecia a boa condessa era que Sônia, essa sobrinha pobre de olhos negros, era tão meiga, tão boa, tão delicada, tão reconhecida aos seus benfeitores, tão constante no seu amor por Nicolau que não justificava a menor censura.

A licença de Nicolau estava terminando. Chegara de Roma a quarta carta do príncipe André dizendo que há muito estaria a caminho da Rússia se, nesse clima quente, seu ferimento não tivesse se reaberto inesperadamente, o que o forçava a adiar sua volta para o começo do próximo ano.

Natacha continuava apaixonada pelo noivo. Esse amor a acalmara, tornando-a acessível a todas as alegrias da vida. Mas ao cabo do quarto mês de separação foi tomada por invencíveis acessos de tristeza.

Queixava-se da sorte, lamentando o tempo que estava perdendo quando se sentia tão capaz de amar e ser amada.

Na casa dos Rostov não reinava a alegria.

IX

O Natal chegou e, além da missa solene, além das felicitações cordiais e aborrecidas dos vizinhos e criados, além dos vestidos e dos casacos novos, não havia nada de particular.

Com um frio sem vento, de 20° negativos, o sol claro, ofuscante durante o dia, e a luz estrelada do inverno durante a noite, todos sentiam a necessidade de festejar esse dia de uma forma qualquer.

No terceiro dia das festas, depois do jantar, os familiares se dispersaram pelos quartos. Era o momento mais aborrecido do dia. Nicolau, que visitara uns vizinhos pela manhã, adormecera no sofá. O velho conde repousava no seu gabinete. Sentada à mesa redonda da sala, Sônia decalcava um desenho. A condessa jogava paciência. Nastásia Ivanovna, o bufão, com a fisionomia triste, estava junto da janela com duas velhas.

Natacha entrou na sala, olhou o que Sônia fazia e, aproximando-se da mãe, parou em silêncio.

— Andas como uma alma penada! Queres alguma coisa? — perguntou a condessa.

— Preciso dele... Preciso dele, mas agora, já! — disse Natacha aos engasgos, com os olhos em chama.

A condessa levantou a cabeça olhando fixamente a filha.

— Não me olhes assim, mamãe, não me olhes que eu choro.

— Vem, senta aqui perto de mim — disse a condessa.

— Mamãe, eu preciso dele. Por que será que preciso esperar tanto, mamãe?

Sua voz se interrompeu e as lágrimas correram-lhe dos olhos. Para escondê-las, virou-se, saindo rapidamente da sala. Passou pela sala de música, parou, refletiu e dirigiu-se para o quarto das criadas. A velha criada ralhava com uma menina que chegava trêmula de frio.

— Estava se divertindo. Há hora para tudo — dizia a velha criada.

— Deixa-a, Kondratievna — disse Natacha. — Vai, Mavrucha, vai.

E, deixando que Mavrucha se fosse, Natacha dirigiu-se para o vestibulo.

Três criados, um velho e dois moços, jogavam cartas. Com a chegada da senhorita levantaram-se, interrompendo o jogo. “O que farei com eles?”, pensou Natacha.

— Vai, Nikita, vai, por favor... — “Aonde o mandarei?...” — Ah! Sim... Vai ao pátio e traz-me um galo, e tu, Micha, traz aveia.

— Muita aveia? — perguntou Micha alegre e amavelmente.

— Vai, mais ligeiro — ordenou o velho.

— Tu, Feodor, vai buscar-me o giz.

Passando na copa, encomendou o samovar, embora não fosse hora. O mestre de cerimônias, Phoca, era o homem mais rabugento da casa. Natacha gostava de experimentar seu poder sobre ele. Phoca não acreditava e veio perguntar-lhe se era verdade.

— Ah! Senhorita, tem cada uma! — disse Phoca, fingindo estar irritado com Natacha.

Ninguém na casa ocupava tanta gente e dava tanto trabalho como Natacha. Não podia ver uma pessoa sem mandá-la a qualquer parte. Parecia querer experimentar se alguém ousaria revoltar-se contra ela. Mas todos executavam suas ordens com mais prazer que as de qualquer outro.

“O que poderei fazer agora? Aonde irei?”, pensava Natacha, caminhando devagar no corredor.

— Nastásia Ivanovna! O que colocarei no mundo? — perguntou ela ao bufão, que vinha a seu encontro em camisa típica.

— Tu? Pulgas, grilos, gafanhotos — respondeu.

“Meu Deus, meu Deus! Sempre a mesma coisa. E aonde irei? O que farei?”

Subiu rapidamente a escada e foi aos aposentos de Fogel, que morava com sua mulher.

Lá encontrou duas governantas. Sobre a mesa havia um prato com passas, nozes e amêndoas. Sentadas, as governantas falavam dos lugares onde a vida era mais barata; seria em Odessa ou Moscou? Natacha sentou-se, prestou atenção à conversa com a fisionomia séria, pensativa, e levantou-se.

— A ilha de Madagascar — pronunciou. — Ma-da-gas-car — repetiu, pronunciando distintamente cada sílaba, e, sem responder às perguntas da senhora Chausse, saiu do quarto.

Pétia também estava no sobrado com seu preceptor e preparava uns fogos de artifício que tencionava acender à noite.

— Pétia! Pétia! — gritou. — Leva-me para baixo.

Pétia correu em sua direção oferecendo-lhe as costas. Ela saltou abraçando-o pelo pescoço, e ele, saltitando, correu com ela na garupa.

— Não, assim não. Ilha de Madagascar — disse Natacha, saltando de cima dele e descendo as escadas.

Como se percorresse seu reino, convencendo-se de seu poder e de que todos lhe eram fiéis, mas que nem por isso deixava de ser entediante, Natacha dirigiu-se para a sala, pegou o violão, sentou-se num canto sombrio atrás de um armarinho e começou a dedilhar as cordas em tom baixo, tocando uma ária de ópera que ouvira em Petersburgo na companhia do príncipe André. Para os outros, os sons que saíam do violão não tinham o menor sentido, mas na imaginação de Natacha esses sons eram acompanhados por uma multidão de lembranças. Sentada atrás do armarinho, com os olhos fixos na luz que se esgueirava pela porta da copa, escutava e lembrava-se. Estava toda mergulhada nas suas reminiscências.

Com um copo na mão, Sônia atravessou a sala para ir à copa. Natacha a olhou, olhou a porta aberta da copa e pareceu-lhe lembrar-se de que já vira essa luz vinda da porta e Sônia passando com um copinho na mão. “É, foi bem assim”, pensou.

— Sônia, o que é isso? — gritou Natacha, correndo o dedo na corda grossa do instrumento.

— Ah! Estás aí! — disse Sônia, estremecendo. Aproximou-se e prestou atenção. — Não sei. *A tempestade?* — arriscou timidamente no receio de enganar-se.

“Foi bem assim. Exatamente, ela estremeceu. Aproximou-se, bem como agora, sorriu timidamente e me pareceu que lhe faltava alguma coisa”, pensou Natacha outra vez.

— Não, é o coro dos *Carregadores d’água*. Lembras?

E Natacha cantou uma ária do coro para que Sônia se lembrasse.

— Aonde ias? — perguntou Natacha.

— Mudar a água do copinho. Meu desenho está quase pronto.

— Estás sempre ocupada, e eu que não consigo fazer nada! Onde está Nicolau?

— Acho que está dormindo.

— Sônia, acorda-o. Diz a ele que venha cantar comigo. — Natacha estava sentada, refletindo sobre o que significavam aquelas coisas, e sem resolver a questão, transportou-se novamente, sem lamentar-se, para o tempo em que ela estava ao lado dele e ele a fitava com seus olhos amorosos.

“Ah! Que venha depressa! Tenho tanto medo de que isso não aconteça! E o pior é que estou envelhecendo! Depois, não serei mais a mesma que sou agora. Talvez ele chegue hoje, agora mesmo. Quem sabe já está lá embaixo, na sala de visitas. Quem sabe já está aqui desde ontem e eu esqueci.” Levantou-se, largou o violão e foi até o salão. Todos os familiares, preceptores, governantas e hóspedes estavam à mesa de chá. Os criados rodeavam a mesa. O príncipe André não estava lá e continuava a mesma vida.

— Aí está! — exclamou Ilia Andreievitch, vendo Natacha entrar. — Vem cá, senta perto de mim. — Mas Natacha parou junto da mãe e olhou em volta como se procurasse alguma coisa.

— Mamãe, mamãe, eu o quero, já, já, já — disse, e novamente conteve as lágrimas com dificuldade.

Sentou-se à mesa, ouviu a conversa das pessoas idosas e de Nicolau, que também acabara de se instalar à mesa. “Meu Deus, meu Deus, sempre as mesmas caras, os mesmos assuntos. Papai segura a xícara do mesmo jeito e assopra como sempre”, pensava, sentindo com horror que uma repulsa contra os seus a invadia, pelo fato de serem sempre os mesmos.

Depois do chá, Nicolau, Sônia e Natacha dirigiram-se para a sala de música, acomodaram-se no canto favorito, onde sempre se realizavam suas conversas íntimas.

X

— Escuta, não te acontece pensar que não haverá mais nada, nada, que tudo que é lindo já passou, e que isso não é aborrecido, mas triste? — perguntou Natacha ao irmão, quando se instalaram na sala de música.

— É isso mesmo. Às vezes me parece que tudo está certo, que todos estão alegres, e eu começo a achar tudo aborrecido e que só nos resta morrer. Uma ocasião, no regimento, não acompanhei os outros, num passeio. Ouvia de longe a música e, subitamente, senti-me triste...

— Ah! Eu sei, eu sei, eu sei! — interrompeu Natacha. — Isso me acontecia quando eu era bem pequena. Não sei se te lembras, uma vez me castigaram por causa de umas ameixas e, enquanto vocês todos dançavam, eu fiquei só na sala de estudos e soluçava. Nunca esquecerei. Estava triste e lamentava a sorte de todos e a minha; todos, todos e principalmente porque não era culpada. Lembras-te?

— Lembro, sim. Ainda me lembro que fui te procurar, queria te consolar e, sabes, eu tinha vergonha. Éramos muito engraçados. Eu tinha um boneco e queria te dar. Lembras-te?

— E tu te lembras — perguntou Natacha com um sorriso pensativo —, faz muito tempo, nós ainda éramos bem pequenos, o tio nos chamou ao seu gabinete de trabalho, ainda na casa velha. Estava escuro, nós nos aproximamos e, bem no fundo, lá estava...

— Um negro — continuou Nicolau com um sorriso alegre. — Como esquecer! Até hoje não sei do que se tratava: seria mesmo um negro ou nós o vimos apenas em sonho, ou foi alguma história que nos contaram?

— Era grisalho, te lembras, e os dentes brancos... Estava em pé e nos olhava...

— A senhora não se lembra, Sônia? — perguntou Nicolau.

— Sim, sim, tenho uma vaga lembrança de alguma coisa assim — respondeu Sônia timidamente.

— Perguntei a papai e mamãe — disse Natacha —, mas eles dizem que nunca houve negro nenhum, e agora tu também te lembras!

— Mas nem há dúvida... Ainda me lembro dos dentes como se fosse hoje.

— Como era estranho! Era como num sonho. Gosto disso.

— Tu te lembras quando nós rolávamos ovos na sala e, de repente, chegaram duas velhas que começaram a dar voltas no tapete? Isso terá acontecido ou não? Lembras-te como era divertido?

— Sim, e tu não esqueceste como papai, com uma peliça azul, dava tiros de fuzil no patamar?

Sorrindo, eles procuravam com prazer, não recordações tristes, sombrias, mas lembranças poéticas, infantis, essas lembranças do passado mais longínquo em

que o sonho se confunde com a realidade. E riam docemente com uma alegria íntima.

Embora suas lembranças fossem comuns, Sônia, como sempre, conservava-se à margem.

Ela não se lembrava muito bem dessas coisas, e as recordações que tinha em mente não despertavam nela esse sentimento poético que empolgava os dois irmãos. Rejubilava-se, apenas, com a alegria deles e procurava acompanhá-los. Só tomou parte na conversa quando eles evocaram sua chegada a casa.

Ela contou que tinha medo de Nicolau porque seu casaquinho tinha uns cordões e que a criada lhe havia dito que ela seria amarrada com cordões.

— Eu me lembro que disseram que tu tinhas nascido num repolho — disse Natacha. — E naquele tempo eu não ousava duvidar, embora soubesse que não era verdade, e me sentia constrangida.

Durante essa conversa, a cabeça da criada de quarto apareceu na porta dos fundos.

— Senhorita, trouxeram o galo — disse ela em voz baixa.

— Não vale mais a pena, Paula, diz a eles que podem soltá-lo.

Nesse meio-tempo Dimmler entrou, aproximou-se da harpa, que estava num canto, descobriu-a e uma nota desafinada se fez ouvir.

— Eduardo Karlitch, por favor, toque meu noturno favorito de Field — pediu do salão a voz da velha condessa.

Dimmler tirou um acorde e, dirigindo-se a Natacha, Sônia e Nicolau, disse:

— Como a mocidade é tranquila!

— Sim, estamos filosofando — disse Natacha, virando-se um momento e continuando a conversa. Agora falavam de sonhos.

Dimmler começou a tocar. Sem fazer barulho, na ponta dos pés, Natacha aproximou-se da mesa, pegou a vela e voltou devagarinho para seu lugar. Na casa, e principalmente junto do sofá onde eles estavam sentados, não havia mais luz, mas pelas grandes janelas a claridade prateada da lua refletia-se no assoalho.

— Sabem no que estou pensando? — cochichou Natacha, aproximando-se de Nicolau e de Sônia, quando Dimmler, depois de tocar, continuou dedilhando levemente as cordas, hesitando se devia parar ou tocar alguma outra coisa. —

Quando a gente começa a se lembrar de tudo, tudo, vem uma quantidade de coisas à memória, até mesmo do que a gente era antes de vir ao mundo...

— É a metempsicose — disse Sônia, que sempre fora uma boa aluna e se lembrava de tudo. — Os egípcios acreditavam que nossas almas vinham dos animais, e que, depois de nossa morte, voltavam a eles.

— Não, eu não acredito que estivéssemos nos animais — disse Natacha sempre em voz baixa, embora a música houvesse cessado. — Mas tenho certeza de que nós éramos anjos, em algum lugar, muito longe, e mesmo por aqui, e é por isso que nos lembramos de tudo.

— Tem lugar para mim? — perguntou Dimmler suavemente. E, aproximando-se, sentou junto deles.

— Se realmente fomos anjos, por que teríamos caído tão baixo? Não, é impossível! — retrucou Nicolau.

— Não baixamos, por que dizes que baixamos? Perguntas como sei o que era antes? — respondeu Natacha com convicção. — A alma é imortal... Logo, eu sempre vivi, vivo hoje, vivi toda a eternidade...

— Sim, mas é difícil a gente imaginar toda a eternidade — disse Dimmler sem o sorriso meigo e desdenhoso, agora falando como eles, baixo e com seriedade.

— Por que difícil imaginar a eternidade? — perguntou Natacha. — Hoje é, amanhã será, sempre será, ontem era, anteontem era...

— Natacha, agora é tua vez. Canta-nos alguma coisa — pediu a condessa. — Por que estão sentados aí como conspiradores?

— Não quero, mamãe, não tenho vontade nenhuma — respondeu Natacha, mas ao mesmo tempo levantou-se.

Nenhum deles, até Dimmler, que já não era jovem, queria interromper a conversa e sair do canto da sala de música. Mas Natacha levantou e Nicolau sentou-se ao cravo. Como sempre Natacha ficou no centro da sala, escolhendo o lugar mais vantajoso para a ressonância, e começou a cantar o trecho preferido de sua mãe.

Disse que não tinha vontade de cantar, mas poucas vezes cantou tanto como nessa noite. O conde Ilia Andreievitch ouvindo-a cantar, como um aluno que se apressa em terminar a lição para voltar a brincar, embaralhou-se nas ordens que

estava dando a seu gerente, acabando por calar-se. Mitenka também ouvia em silêncio, sorrindo, em pé diante do conde.

Nicolau não despregava os olhos da irmã e respirava ao mesmo tempo que ela.

Enquanto a ouvia, Sônia pensava na enorme diferença que existia entre ela e sua amiga e via que lhe era impossível ser tão fascinante como a prima. A velha condessa estava sentada, com um sorriso terno e triste, os olhos rasos d'água e sacudia a cabeça de vez em quando. Pensava em Natacha, na própria mocidade, no que havia de inesperado e de terrível no casamento de Natacha com o príncipe André. Sentado ao lado da condessa, Dimmler ouvia de olhos fechados.

— Não, condessa — disse finalmente —, é um talento europeu. Não há o que estudar. Essa suavidade, essa força, essa ternura...

— Ah! Como tenho medo por ela, como tenho medo! — disse a condessa, sem pensar com quem estava falando.

Seu instinto de mãe lhe dizia haver algo demais em Natacha, que a impediria de ser feliz. Natacha ainda não terminara de cantar quando irrompeu na sala o entusiasta de quatorze anos, Pétia. Trazia a notícia da chegada dos mascarados.

Natacha parou imediatamente.

— Bobo! — exclamou, e correu até uma cadeira, na qual se atirou soluçando de tal forma que não podia parar. — Não é nada, mamãe, é verdade, mas Pétia me assustou — disse ela, procurando sorrir. Mas as lágrimas continuavam a correr, e os soluços enchiam-lhe a garganta.

Os criados, fantasiados de ursos, turcos, taverneiros, grandes damas, terríveis e engraçados, trazendo com eles o frio de fora e a alegria, a princípio timidamente apertados no vestíbulo, depois, escondendo-se uns atrás dos outros, começaram no salão suas canções, suas danças, suas rondas e jogos de Natal.

A condessa reconhecia cada um e, rindo dos disfarces, foi para o salão. O conde Ilia Andreievitch, com o sorriso aberto continuava na sala, com ar de aprovação aos foliões. A juventude sumira em alguma parte.

Meia hora depois outros mascarados entraram na sala: uma mulher velha com anquinhas era Nicolau; uma turca, Pétia; um palhaço, Dimmler; um hussardo, Natacha; um circassiano, Sônia, com um bigode e sobrancelhas feitas com rolha queimada.

Depois da admiração complacente e dos louvores dos que não estavam mascarados, e que simulavam não reconhecer os disfarces, a mocidade achou-se tão bem fantasiada que sentiu vontade de mostrar-se a mais alguém. Nicolau, que queria levar todos a passeio na sua *troika* [\[28\]](#) pela admirável estrada, propôs uma visita ao tio com dez criados fantasiados.

— Não, vocês vão incomodar o velho — disse a condessa —, e na casa dele não há espaço nenhum. Mas se querem ir a algum lugar, por que não vão à casa dos Meliukov?

A senhora Meliukov era uma viúva com filhos de todas as idades, que também tinha professoras e preceptores. Morava a quatro *verstas* dos Rostov.

— Eis uma boa ideia, minha cara — interveio o conde, animado. — Bem, eu me vestirei também e irei com vocês. Sei como acordar Pachette. — Mas a condessa não consentiu que o conde fosse.

Nesses últimos dias ele vinha sentindo uma dor na perna. Ficou resolvido que Ilia Andreievitch não poderia ir, mas se Luíza Ivanovna (Madame Chausse) quisesse acompanhá-los, as meninas poderiam ir também. Sônia, sempre tímida, implorou insistentemente à Luíza Ivanovna que não recusasse. Sônia era a que estava mais bem-vestida. Os bigodes e as sobrelanceiras sentavam-lhe admiravelmente; todos diziam que estava muito bonita, e ela sentia-se numa disposição extraordinária, animada e enérgica. Uma voz interior lhe dizia que hoje ou nunca seu destino se decidiria, e vestida de homem parecia uma outra pessoa. Luíza Ivanovna concordou em acompanhá-los, e meia hora depois, quatro *troikas* com seus guizos, os patins rangendo na neve dura, aproximaram-se do patamar.

Natacha foi a primeira a dar o tom dessa alegria de Natal, que, transmitindo-se de um ao outro, sempre aumentando, atingiu seu ponto culminante no momento em que todos saíram de casa e, conversando, interpelando-se, rindo e gritando, se instalaram nos trenós.

Havia duas *troikas* do serviço da casa, a terceira era a do velho conde com um grande trotador de Orlov atrelado no meio; a quarta era de Nicolau, com seu cavaleiro preto e peludo ao centro. Nicolau, no seu traje de senhora velha sobre o qual vestira seu capote de hussardo fechado com um cinto, ia em pé no meio do trenó, segurando as rédeas.

Estava tão claro que ele via os metais dos arreios brilharem à luz da lua, e os olhos dos cavalos, que se voltavam temerosamente na direção dos viajantes barulhentos sob a sombra do alpendre do patamar.

Natacha, Sônia, Madame Chausse e duas criadas sentaram-se no trenó de

Nicolau; no do conde, Dimmler, sua mulher e Pétia; nos demais, os criados mascarados.

— Toma a frente, Zakhar! — gritou Nicolau ao cocheiro do seu pai, para ter a oportunidade de passá-lo na estrada.

A *troika* do velho conde, onde estavam Dimmler e outros mascarados, fazendo ranger os patins, como se estivesse enganchada na neve, avançou com um tinido de guizos. Os cavalos laterais apertavam-se nos varais e pisoteavam a neve, jogando-a para a direita e para a esquerda como açúcar. Nicolau seguia a primeira *troika*; atrás rangiam as outras. A princípio, foram a trote curto por uma estrada estreita. Enquanto costeavam o jardim, as sombras das árvores desfolhadas encobriam a luz clara da lua. Mas, assim que se afastaram, a planície de neve, iluminada pela lua, com um brilho diamantino, azulado, imóvel, surgiu de todos os lados. Por duas vezes o trenó da frente foi sacudido, a mesma sacudidela recebeu o seguinte e, rompendo audaciosamente a calma profunda, os trenós se alinharam em fila.

— O rastro de uma lebre! Quantos buracos! — ressoou a voz de Natacha no ar gelado.

— Como se vê bem, Nicolau! — disse Sônia.

Nicolau voltou-se para Sônia, abaixando-se para olhar seu rosto de mais perto. Uma fisionomia nova, encantadora, com sobrancelhas e bigodes pretos, emergia da zibelina e o fitava ao luar, próxima e distante a um só tempo.

“Não é mais Sônia.” Olhou-a de mais perto e sorriu.

— O que foi, Nicolau?

— Nada.

E voltou-se para os cavalos.

Na estrada geral, mais batida, onde o luar permitia ver os rastros dos trenós, e marcada pelos cascos, os próprios cavalos, forçando as rédeas, aceleraram a marcha. O cavalo da esquerda, virando a cabeça, puxava as rédeas; o do centro, balançava o corpo e apontava as orelhas como se perguntasse a si mesmo: “devemos começar agora ou ainda é cedo?” Adiante, já longe, na neve branca, via-se a *troika* negra de Zakhar, que fazia soar seus guizos pesados. Ouviam-se o som do trenó, os gritos, os risos e as vozes dos mascarados.

— Vamos, meus amigos! — gritou Nicolau, puxando a rédea de um lado e fazendo um movimento com a mão armada do chicote. É só pelo vento, que parecia levantar-se, e pela tensão dos cavalos laterais, é que se podia notar a velocidade da *troika*.

Nicolau virou-se. Aos sons dos assovios e dos gritos, agitando o chicote, forçavam os cavalos dos outros trenós a galoparem. O cavalo do centro, balançando-se com ousadia sob seu arco, prometia maior velocidade para quando fosse necessário.

Nicolau alcançou a primeira *troika*. Desceram uma ladeira e alcançaram uma estrada larga e desnivelada, numa várzea próxima de um arroio. “Onde estamos?”, pensou Nicolau. “É a várzea provavelmente. Mas isso é novo para mim. Não é a várzea de Kossoi nem a montanha do Diomkino, sabe Deus o que é! É alguma coisa nova e mágica. Que seja!” E, instigando seus cavalos, começou a ultrapassar a primeira *troika*.

Zakhar continha seus animais e voltava o rosto coberto de geada até às sobrancelhas.

Nicolau lançou seus cavalos a toda disparada. Zakhar, os braços estendidos e fazendo estalar a língua, deixava que os seus galopassem.

— Cuidado, meu amo — disse.

As duas *troikas* voavam lado a lado ainda mais velozmente e as patas dos cavalos se cruzavam cada vez mais rápido.

Nicolau ia tomando a dianteira, Zakhar, sem mudar de posição, com as mãos para a frente, levantou um braço com as rédeas.

— Estás enganado, meu amo — gritou a Nicolau.

Nicolau deixava seus cavalos galoparem, distanciando-se de Zakhar. Os cavalos lançavam uma nuvem de neve fina e seca nos rostos dos passageiros. O ranger dos trenós na neve e os gritos das mulheres se ouviam de todos os lados, as sinetas tilintavam e as sombras dos carros se misturavam.

Nicolau conteve seus cavalos e olhou em torno de si. A mesma planície mágica semeada de estrelas, inundada pelo luar, se espalhava em volta.

“Zakhar gritou-me para que virasse para a esquerda, mas por quê?”, pensou Nicolau. “Será que vamos à casa dos Meliukov, será a aldeia Meliukavka? Nós

vamos sabe Deus aonde, só Deus sabe aonde vamos. É estranho e maravilhoso o que nos está acontecendo!” Examinou o trenó.

— Olha os bigodes e as sobrancelhas dele, está tudo branco — disse uma pessoa sentada no trenó, estranha, muito bonita, com um bigode e sobrancelhas finas.

“Parece que essa é Natacha”, pensou Nicolau, “essa outra é Madame Chausse, mas talvez não sejam elas. E o circassiano de bigode, não sei quem é, mas gosto dele.”

— Vocês não estão sentindo frio? — perguntou.

Os outros não responderam e riram. No trenó que vinha atrás Dimmler gritou alguma coisa, provavelmente muito engraçada, mas não se podia compreender o que ele gritava.

— Sim, sim — responderam, rindo.

“Entretanto, eis aí uma floresta mágica, com sombras negras, móveis, adiamantadas e uma escadaria de mármore e tetos prateados, palácio de fadas e um uivo agudo de animais. Se realmente fosse Meliukovka. Seria ainda mais estranho que indo sabe Deus aonde, chegássemos a Meliukovka”, pensou Nicolau.

E, efetivamente, era Meliukovka. No patamar surgiram criados e lacaios de fisionomias sorridentes, com velas na mão.

— Quem é? — perguntaram do patamar.

— Os mascarados da casa do conde! Reconheço-os pelos cavalos — responderam algumas vozes.

XI

Pelágia Danilovna Meliukhov, uma mulher robusta, enérgica, de óculos, abrigada por um largo robe, estava sentada no meio da sala, cercada por suas filhas, que ela procurava distrair. As moças derretiam cera e olhavam atentamente as sombras das figuras, quando um ruído de passos e vozes animadas se fez ouvir do vestibulo.

Os hussardos, as damas, as feiticeiras, os palhaços, os ursos, tossindo e enxugando o rosto coberto de geada, entraram na sala, onde, apressadamente, as velas foram acesas. O palhaço Dimmler e a velha senhora Nicolau iniciaram a

dança. Cercados pelas crianças que riam, os mascarados, escondendo o rosto e mudando a voz, cumprimentavam a dona da casa e se instalavam.

— Estão irreconhecíveis! Ah! Natacha! Vejam com quem ela se parece! É verdade, lembra alguém. Eduardo Karlitch, como está bonito! Nunca o teria reconhecido. E como ele dança! Ah! Um circassiano! É verdade, como ficou bem a Sonitchka... E o que mais? Pois vocês nos divertiram! Retirem as mesas. Nikita! Vânia! Nós estávamos tão quietas!

— Ha! Ha! Ha! Um hussardo! Um hussardo! Como um rapaz, que pernas! Não posso ver... — diziam vozes.

Natacha, a favorita das jovens Meliukhov, desapareceu com elas num quarto dos fundos, onde pediram rolhas, robes, roupas de homens, que os criados entregavam pela porta entreaberta nos braços nus das meninas. Dez minutos mais tarde toda a família Meliukhov se unia aos mascarados.

Pelágia Danilovna ordenou que desse de comer aos hóspedes e criados e, sem tirar os óculos, contendo um sorriso, caminhava entre os mascarados, olhava-os de perto e não os reconhecia. Não só ela não podia reconhecer os Rostov e Dimmler, como não conseguia identificar suas próprias filhas fantasiadas com robes e uniformes.

— Quem é? — perguntou à governanta, apontando sua filha fantasiada de tártaro de Kazan. — Parece alguém dos Rostov. E o senhor hussardo, em que regimento serve? — perguntou à Natacha. — Sirva geleia de frutas ao turco — disse ao criado que passava com os pratos. — A lei deles não proíbe.

Às vezes, olhando os passos estranhos e ridículos dos que dançavam, na suposição de que ninguém os reconheceria com suas máscaras, Pelágia Danilovna escondia o rosto no lenço, e todo o seu corpo gordo tremia com bom riso de velha que ela não podia conter.

— Minha Sacha! Minha Sacha! — dizia.

Depois da dança e das rondas russas, Pelágia Danilovna reuniu todos os amos e criados numa grande roda. Trouxeram um anel, um barbante e um rublo, e jogos de prenda foram organizados.

Uma hora mais tarde todas as fantasias estavam amassadas e amarrotadas, os bigodes e as sobrancelhas feitas à rolha corriam em gotas de suor pelos rostos inflamados e alegres. Pelágia Danilovna começava a reconhecer os mascarados,

entusiasmava-se com a perfeição das fantasias, com o gosto das moças, e agradecia a todos por tê-la divertido tanto. Os hóspedes foram conduzidos ao salão para a ceia e os criados se regalaram com o que lhes foi servido na sala.

— Quero ver quem se aventura a ler a sorte no pavilhão de banho, lá é terrível — disse, durante a ceia, uma solteirona que morava com os Meliukhov.

— Por quê? — perguntou a filha mais velha da senhora Meliukhov.

— Não, vocês não irão. Para ir lá é preciso coragem.

— Então eu vou — disse Sônia.

— Conte o que aconteceu àquela moça — pediu a menor das meninas Meliukhov.

— A história é a seguinte: uma moça foi lá, levou um galo, dois pratos e talheres, tudo que era preciso, e sentou-se — disse a solteirona. — Subitamente ela ouve um ruído de trenó e de guizos que se aproximam. Alguém entra. Vê um homem, parecia um oficial em carne e osso. Ele entra, senta-se na frente dela, diante do prato e do talher.

— Ah! Ah! — exclama Natacha com olhos arregalados de horror.

— Mas como?! Ele falou?

— Sim, bem como um homem, e começou a conversar com ela. Ela devia conversar com ele até o galo cantar. Estava com medo e escondia o rosto entre as mãos. Imediatamente ele a segurou. Felizmente as criadas correram...

— Ora, por que assustá-las?! — interveio Pelágia Danilovna.

— Mamãe, mas a senhora também quis tirar a sorte — disse uma das filhas.

— Como é que se tira a sorte no celeiro? — perguntou Sônia.

— Olha, agora mesmo, se alguém se aproximar do celeiro, poderá ouvir alguma coisa. Ouvindo bater o trigo, é mau sinal; se for ruído de trigo caindo, é bom. Também acontece...

— Mamãe, conta o que a senhora ouviu no celeiro?

Pelágia Danilovna sorriu.

— Eu já esqueci — respondeu. — Então, ninguém irá?

— Eu irei. Permite, Pelágia Danilovna?... — indagou Sônia.

— Se não tiveres medo, vai.

— Luíza Ivanovna, posso? — perguntou a menina.

Qualquer que fosse o jogo de prenda, ou conversando como agora, Nicolau não se afastava de Sônia e a contemplava com olhos novos. Parecia-lhe que só agora, graças aos bigodes de rolha, pela primeira vez ele a conhecia de verdade. E, na realidade, Nicolau nunca vira Sônia alegre, animada e bonita como nessa noite.

“Então, eis o que ela é, e eu o idiota!”, pensava enquanto contemplava os olhos brilhantes dela e o sorriso feliz, entusiasta, que formava duas covinhas acima dos bigodes, e que ele não vira antes.

— Não temo nada — disse Sônia. — Pode-se ir agora? — Levantou-se. Explicaram-lhe onde ficava o celeiro e como ela deveria ficar silenciosa e escutar. Deram-lhe sua peliça. Ela cobriu a cabeça e virou-se para Nicolau.

“Que menina encantadora”, pensou ele, “e no que estive pensando até agora?!” Sônia saiu pelo corredor para ir ao celeiro. Apressadamente Nicolau dirigiu-se para o patamar principal sob pretexto de estar com muito calor. E era verdade, o ambiente estava abafado, tantas eram as pessoas presentes.

No pátio continuava o mesmo frio imóvel; a mesma lua, só um pouco mais clara. A luz era tão intensa, havia tantas estrelas na neve, que não se sentia vontade de olhar o céu para ver as verdadeiras. O céu estava escuro e triste e a terra estava alegre!

“Imbecil, imbecil, o que estava esperando?”, pensou Nicolau e, descendo as escadas, dobrou o canto da casa pelo caminho que levava ao patamar de serviço. Ele sabia que Sônia passaria por lá. Na metade do caminho uma pilha de lenha coberta de neve fazia sombra. Do outro lado da lenha a sombra das tílias desfolhadas se estendia sobre a neve e sobre o caminho. O caminho levava ao celeiro. A parede e o telhado coberto de neve do celeiro, como se fossem de pedras preciosas, brilhavam ao luar. Uma árvore estalou no jardim, e novamente tudo se calou. Parecia que o peito não respirava ar, mas uma força eterna, jovem e alegre.

Alguém descia do patamar dos criados batendo os pés nos degraus. Um rangido se fez ouvir no último degrau coberto de neve, e a voz de uma velha explicou:

— Em frente, em frente, pelo trilho, senhorita, mas não deve se virar.

— Não tenho medo — respondeu a voz de Sônia, e seus sapatos finos rangeram no caminho, na direção de Nicolau.

Enrolada na peliça, Sônia caminhava na direção de Nicolau. Só quando estava a dois passos dele foi que notou sua presença.

Ela também viu um outro homem, diferente daquele que sempre vira e de quem tinha um pouco de medo. Ele estava vestido de mulher, os cabelos desgrenhados, com um sorriso feliz, novo para Sônia. Ela correu rapidamente para ele.

“Absolutamente outra e sempre a mesma”, pensou Nicolau, olhando o rosto dela iluminado pela lua. Passou as mãos pela peliça que cobria a cabeça de Sônia, abraçou-a, apertou-a contra o peito, beijou-lhe os lábios, que ficavam sob o bigode cheirando a rolha queimada. Sônia beijou-o no meio dos lábios e, desembaraçando as mãos, segurou-lhe as faces.

— Sônia!...

— Nicolau!... — disseram apenas.

Correram na direção da granja, e ao voltar cada um entrou pelo lado por onde saiu.

XII

Quando todos partiram da casa de Pelágia Danilovna, Natacha, que observava tudo, se arranjou de forma a instalar-se no trenó de Dimmler com Luíza Ivanovna, deixando Sônia com Nicolau e as criadas.

Agora, sem tentar passar pelos outros, Nicolau avançava a pouca velocidade e, de quando em quando, ao luar, fitava Sônia, e através dessa luz que transformava tudo, através de suas sobrancelhas e de seus bigodes, procurava a antiga Sônia e a Sônia de agora, de quem decidira nunca mais separar-se. Olhava-a fixamente e, quando a reconhecia a mesma e a outra, lembrava-se do cheiro de rolha queimada misturado com as sensações do beijo, respirava profundamente o ar gelado, contemplava a terra, que fugia sob o trenó, e o céu brilhante, e novamente mergulhava no reino mágico.

— Sônia, *te* sentes bem? — perguntava de tempos em tempos.

— Sim — respondia Sônia. — E *tu*?

No meio do caminho Nicolau passou as rédeas ao cocheiro e correu até o trenó de Natacha, trepando no estribo.

— Sabes, Natacha, decidi-me a respeito de Sônia... — cochichou em francês.

— Já lhe disseste? — perguntou Natacha com alegria, animando-se subitamente.

— Ah! Como ficas engraçada com esses bigodes e essas sobrancelhas, Natacha. Estás contente?

— Muito, feliz e contente! Eu já andava zangada contigo. Nunca te disse, mas não procedeste bem com ela. Ela é um coração de ouro, Nicolau. Como estou contente! Às vezes sou má, mas tenho vergonha de ser feliz sozinha, sem Sônia. Agora, sim, é que estou contente. Bem, vai falar com ela.

— Não, espera. Como estás engraçada! — disse Nicolau sempre fitando-a e também descobrindo em sua irmã alguma coisa de novo, de encantador e de terno que nunca percebera antes. — Não achas isso fantástico, Natacha?

— Sim, e fizeste bem.

“Se antes eu a tivesse visto como agora, há muito que lhe teria perguntado o que devia fazer e teria feito tudo que ela tivesse ordenado, e tudo estaria certo”, pensava Nicolau.

— Então, estás contente, fiz bem?

— Mas muito bem! Ainda há pouco tempo eu me zanguei com mamãe porque ela disse que Sônia estava procurando te atrair. Como se pode dizer uma coisa dessas? Quase me zanguei com mamãe. Na minha frente nunca ninguém dirá coisa alguma dela, nem mesmo pensará, é uma criatura que só tem qualidades.

— Então está certo? — perguntou Nicolau mais uma vez, observando a expressão de sua irmã, para saber se era verdade mesmo. E fazendo ranger as botas, voltou para o seu trenó. Lá, estava sentado o mesmo circassiano, sempre feliz, com um bigodinho e olhos brilhantes, sob o capuz de zibelina. Esse circassiano era Sônia, sua futura mulher, feliz e apaixonada.

Em casa, depois de haver contado à condessa como haviam passado o tempo na casa dos Meliukhov, as meninas se recolheram.

Despiram-se, mas, sem apagar os bigodes, ficaram muito tempo sentadas conversando sobre a felicidade que sentiam. Falavam da vida que levariam

depois de casadas, de seus maridos, que seriam amigos, e da felicidade de todos. Na mesa, estavam os espelhos que Duniacha arrumara ainda na véspera.

— Mas quando será tudo isso? Receio que nunca. Seria bonito demais! — disse Natacha, levantando-se e aproximando-se dos espelhos.

— Senta, Natacha, talvez tu o vejas — disse Sônia.

Natacha acendeu algumas velas e sentou-se diante dos espelhos.

— Vejo alguém com bigodes — disse Natacha vendo seu próprio rosto.

— Não deve fazer troça, senhorita! — disse Duniacha.

Auxiliada por Sônia e pela camareira, Natacha encontrou uma posição favorável para os espelhos. Ficou séria, calou-se. Por muito tempo ficou sentada, olhando a série de velas que se afastavam do espelho, e supondo (segundo as histórias que lhe haviam contado) que veria um esquife e *ele*, o príncipe André, nesse último quadrado confuso e vago. Mas não via nada, por mais que quisesse tomar a menor mancha por um rosto ou por um esquife. Começou a doer-lhe a vista, e afastou-se do espelho.

— Por que os outros veem, enquanto eu não vejo nada? Bem, Sônia, hoje tu tens que olhar, senta aqui. Vais tirar a tua sorte... Estou com tanto medo hoje!

Sônia sentou-se diante do espelho, instalou-se e começou a olhar.

— Tenho certeza de que Sofia Alexandrovna verá — cochichou Duniacha —, e a senhora sempre zomba.

Sônia ouviu essas palavras e as de Natacha, que dizia baixinho:

— Sim, eu sei que ela verá, o ano passado ela também viu.

Por três minutos todos se calaram.

— É preciso... — cochichou Natacha. Não terminou. Subitamente Sônia largou o espelho que segurava e cobriu o rosto com as mãos.

— Ah! Natacha!

— Viste? Viste? O quê? — exclamou Natacha, segurando o espelho.

Sônia não vira nada. Começara a pestanejar e levantava-se no momento em que Natacha dizia “É preciso”. Não queria enganar Natacha nem Duniacha, e estava cansada de estar sentada naquela posição. Ela mesma não sabia como nem por que gritara e tapara os olhos com as mãos.

— Viste-o? — perguntou Natacha segurando-lhe as mãos.

— Sim, espera... Eu... o vi... — disse Sônia sem querer, não sabendo a quem Natacha se referia, Nicolau ou André. E pensou: “Por que não lhe dizer que vi! Os outros veem! E quem pode saber se vi ou não?”

— Sim, eu o vi.

— Como? Como? Sentado ou deitado?

— Sim, eu o vi, a princípio não via nada e subitamente o vejo deitado.

— André deitado? Está doente? — perguntou Natacha com um olhar assustado.

— Não, ao contrário, ao contrário, estava alegre e me olhava.

Falando, acreditava que realmente vira o que dizia.

— E depois, Sônia, e depois?

— Depois não vi muito bem, havia duas cores, azul e vermelho...

— Sônia, quando voltará? Quando o verei outra vez? Meu Deus! Como eu temo por ele, por mim, por todos...

E, sem responder às palavras de consolo de Sônia, Natacha deitou-se.

As velas estavam apagadas há muito tempo e ela continuava estendida, imóvel, os olhos abertos, contemplando o luar frio através das vidraças cobertas de geada.

XIII

Pouco depois do Natal, Nicolau declarou à sua mãe que amava Sônia e que estava inabalavelmente resolvido a desposá-la. A condessa, que há muito vinha observando o que se passava entre Sônia e Nicolau e esperava essa explicação, ouviu em silêncio as palavras do filho, disse-lhe que poderia casar com quem bem entendesse, mas que nem ela nem o conde abençoariam essa união.

Pela primeira vez Nicolau sentiu que sua mãe estava descontente com ele e que, apesar de toda a sua ternura, não cederia. Friamente, sem olhar o filho, mandou chamar o marido. Quando ele chegou, a condessa, que pretendia contar-lhe calma e brevemente o que se passava, na presença de Nicolau, não pôde conter-se: derramou lágrimas de desgosto e saiu da sala. O velho conde pôs-se a tentar convencer Nicolau, suplicando-lhe que abandonasse seu projeto. Nicolau respondeu que não poderia faltar à sua palavra, e o pai, suspirando, confuso, logo encerrou a conversa e foi procurar a condessa. Sempre que discutia com o filho, enchia-se de culpa pela má direção que dera aos negócios. Por isso, não

podia zangar-se com o filho pela recusa de casar com uma mulher rica, e pela escolha de Sônia, que não tinha dote. Nessa circunstância lembrava-se mais vivamente ainda que, se os negócios não andassem tão ruins, não se poderia desejar para Nicolau uma esposa melhor que Sônia, e que do mau estado de sua fortuna apenas ele era culpado com seu Mitenka e seus hábitos incorrigíveis.

O pai e a mãe não falaram mais desse casamento do filho. Mas alguns dias mais tarde a condessa chamou Sônia e, com uma crueldade inesperada para as duas, censurou-a por ter avançado em seu filho e por ser uma ingrata.

De olhos baixos, Sônia ouvia essas palavras cruéis da condessa e não compreendia o que pretendiam dela.

Estava sempre pronta a sacrificar-se por seus benfeitores. A ideia do sacrifício era sua ideia favorita, mas nesse caso ela não sabia a quem sacrificar, nem como. Não podia deixar de amar a condessa e todos os Rostov, mas também não podia deixar de amar Nicolau, nem ignorar que a felicidade dele dependia desse amor. Estava silenciosa, triste e não respondia. Nicolau não podia suportar essa situação por mais tempo e foi dizê-lo à sua mãe. Ora lhe pedia que os perdoasse e consentisse no casamento, ora ameaçava desposar Sônia imediatamente, em segredo, se continuassem a repreender Sônia.

Com uma frieza desconhecida para seu filho, a condessa respondia-lhe que ele era maior, que o príncipe André ia casar sem o consentimento de seu pai e que ele poderia fazer o mesmo, mas que ela nunca reconheceria essa intrigante como filha.

Furioso com a palavra *intrigante*, Nicolau levantou a voz e disse à mãe que nunca imaginara que ela o forçaria a vender seu coração e que, se assim fosse, partiria pela última... Mas não teve tempo de pronunciar essa palavra decisiva que sua mãe, a julgar pela sua expressão, esperava apavorada, e que deixaria, para sempre, uma cruel lembrança entre eles. Não teve tempo de pronunciá-la, porque Natacha, com um semblante pálido e sério, entrou na sala pela porta de onde escutara tudo.

— Nikolenka! Estás dizendo asneiras. Cala a boca!... — disse quase gritando. — Mamãe querida, não é isso. Minha pobre mamãezinha — disse à condessa, a qual, sentindo-se à beira da separação, fitava o filho com terror, mas, por

obstinação e pelo calor da briga, não podia nem queria ceder. — Nicolau, depois eu te explicarei, vai. E, minha mamãezinha, meu amor, ouve.

Suas palavras não tinham sentido, mas alcançaram o resultado que ela pretendia.

Soluçando, a condessa escondeu o rosto no peito da filha. Nicolau levantou-se e saiu com as mãos na cabeça.

Natacha promoveu a reconciliação e a levou a um tal ponto que Nicolau recebeu de sua mãe a promessa de que não mais perseguiriam Sônia, e ele mesmo prometeu não tomar nenhuma iniciativa às escondidas dos pais.

Na firme intenção de voltar e casar com Sônia depois de resolver sua situação no regimento e passar para a reserva, Nicolau, triste e compenetrado, em desavença com seus pais, mas, segundo parecia, apaixonado, seguiu para o regimento nos primeiros dias de janeiro.

Depois da partida de Nicolau, a casa dos Rostov tornou-se mais triste que nunca. Em consequência dessas emoções, a condessa adoeceu.

Sônia estava triste com a partida de Nicolau e ainda mais triste com a hostilidade que a condessa não conseguia dissimular. O conde estava mais preocupado que nunca com o mau estado de seus negócios, que exigiam medidas radicais. Era preciso vender a casa de Moscou e uma propriedade vizinha dessa cidade, e para a venda da casa era necessário ir a Moscou. Mas a saúde da condessa obrigava-o a adiar essa viagem.

Natacha, que, a princípio, suportava com facilidade e mesmo com alegria a ausência do noivo, tornava-se cada dia mais sensível e irritadiça. Atormentava-se com a ideia de que o seu melhor tempo, aquele que poderia empregar em amá-lo, corria inutilmente para todos. A maioria de suas cartas a irritava. Era-lhe difícil admitir que, enquanto ela vivia só pensando nele, ele vivesse uma verdadeira vida, vendo países novos, novas pessoas que o interessavam. Quanto mais interessantes eram suas cartas, mais despeitada ela ficava, e as cartas que ela escrevia não lhe serviam de consolo, ao contrário, as considerava uma obrigação fastidiosa e falsa.

Não gostava de escrever por não lhe ser possível exprimir francamente, numa carta, a milésima parte do que estava acostumada a exprimir pela voz, o sorriso, o olhar. Escrevia-lhe cartas secas, formais e monótonas, as quais ela própria não

dava a menor importância e cujos erros de ortografia a condessa corrigia nos rascunhos.

A condessa não se restabelecia, mas não era mais possível adiar a viagem a Moscou. Era preciso comprar o enxoval, vender a casa e, além disso, esperavam que o príncipe André chegasse antes a Moscou, onde o príncipe Nicolau Andreievitch estava passando esse inverno. Aliás, Natacha estava convencida de que o príncipe André já havia chegado.

A condessa ficou no campo e, acompanhado de Sônia e Natacha, o conde seguiu para Moscou nos últimos dias de janeiro.

Oitava parte

I

Depois do compromisso de casamento do príncipe André e Natacha, Pierre, sem nenhuma causa aparente, sentiu repentinamente a impossibilidade de continuar a vida que levava. Por mais firmes que fossem suas convicções nas virtudes que seu benfeitor lhe incutira, apesar da alegria íntima que sentira nos primeiros tempos de seu trabalho interior de aperfeiçoamento, ao qual se havia voltado com tanto ardor depois do compromisso de casamento de Natacha com o príncipe André e da morte de Ossip Alexievitch — duas notícias que recebeu quase ao mesmo tempo —, apesar de tudo isso, sentiu, inesperadamente, que o encanto da vida que levava estava rompido. Só lhe restava o esqueleto dessa vida: sua casa com a brilhante esposa, que de momento gozava os favores de um grande figurão; suas relações com Petersburgo inteiro; o serviço público cheio de formalidades aborrecidas. E, subitamente, Pierre sentiu um horror inesperado por toda essa vida. Deixara de escrever no diário, evitava a companhia dos irmãos, voltou a frequentar o clube, a beber muito, a aproximar-se dos solteiros e a levar uma vida tal que a condessa Helena Vassilievna achou-se na obrigação de adverti-lo. Pierre reconheceu que ela tinha razão e, para não comprometer sua mulher, foi para Moscou.

Nessa cidade, assim que entrou na sua imensa casa, com as princesas magricelas e a numerosa criadagem, assim que avistou a capela da santa Virgem Iverskaia, com os círios inumeráveis acesos diante dos quadros dourados, a praça do Kremlin com sua neve quase imaculada e seus cocheiros, os casebres de Sivtzev Vrajek, quando encontrou os velhos cavalheiros de Moscou que nada desejavam e terminavam seu século sem apressar-se, e as velhas damas, os bailes, o clube inglês, sentiu-se em casa, num asilo reconfortante.

Em Moscou sentiu uma impressão de conforto, calor, hábito e agradável sujeira, semelhante à sensação que nos dá um velho robe de chambre.

A sociedade de Moscou, desde as velhas damas até as crianças, o recebeu como um hóspede há muito esperado, cujo lugar estava sempre pronto e desocupado. Para a sociedade de Moscou, Pierre era o tipo mais encantador, o melhor, inteligente, alegre, gentil, distraído, generoso, um senhor russo das antigas gerações. Sua bolsa estava sempre vazia porque se abria para todo o mundo. Festas beneficentes, maus quadros, estátuas, sociedades beneficentes, ciganos, escolas, jantares por subscrição, farras, os maçons, as igrejas, os livros, ninguém e nada haviam recebido uma recusa de sua parte. E se não fossem dois amigos seus que lhe pediam muito dinheiro emprestado e o tutelavam, teria dado tudo que possuía. No clube não se fazia um jantar ou um sarau sem sua presença.

Logo que ele se instalava no seu lugar no divã, depois de duas garrafas de Margaux, todos o cercavam, discutindo alegremente. Se alguém se exaltava, ele logo apaziguava os ânimos com seu sorriso bom e simpático. As lojas maçônicas eram aborrecidas e tristes quando ele não estava.

Quando, depois de um jantar de solteiros, com seu sorriso bom e meigo, cedendo aos desejos dos alegres companheiros, levantava-se para acompanhá-los, um riso alegre e triunfante iluminava todas as fisionomias. Nos bailes, dançava quando faltava algum par. As jovens casadas e as moças gostavam muito dele por ser amável com todas sem cortejar nenhuma, e isso depois da ceia principalmente. “É encantador, não tem sexo”, diziam dele.

Pierre era um desses camaristas retirados da corte que acabavam tranquilamente seus dias, como havia às centenas em Moscou.

Que horror teria sentido se, sete anos antes, quando voltou do exterior, alguém lhe tivesse dito que não devia procurar nada, nada inventar, que seu caminho estava traçado há muito tempo, definido para sempre e que, apesar de todos os seus esforços, seria igual a todos os rapazes na sua situação! Não teria podido acreditar! Não era ele que, do fundo da alma, desejava, ora implantar a república na Rússia, ora ser Napoleão, ora um filósofo, ora vencer Napoleão? Não era ele que acreditava ser possível e desejava ardentemente a transformação do gênero humano e pretendia chegar pessoalmente ao mais alto grau de perfeição? Não era ele que fundava escolas, hospitais e que libertava os seus camponeses?

E em lugar de tudo isso, lá está ele, rico, marido de uma mulher infiel, camarista aposentado; alguém que gosta de comer e beber e, à vontade, desabotoando-se um pouco, injuriar o governo; alguém que é sócio do clube inglês, estimado por toda a sociedade moscovita! Levou muito tempo a convencer-se de que era ele realmente esse camarista aposentado de Moscou, tipo que desprezava tão profundamente sete anos antes.

Às vezes, consolava-se pensando que esse tipo de existência era apenas temporário, mas logo em seguida outro pensamento o horrorizava: quantos, como ele, ingressaram temporariamente nessa vida, nesse clube, quando ainda tinham cabelos e dentes, e agora estavam calvos e sem dentes!

Nos momentos de orgulho, quando refletia sobre sua situação, parecia-lhe ser diferente de todos esses camaristas aposentados que antes desprezara, que os outros eram vulgares e tolos, contentes e satisfeitos com a própria situação, “enquanto eu, de momento, estou descontente de tudo; continuo querendo fazer alguma coisa pela humanidade”, dizia a si mesmo. “Mas talvez todos os meus companheiros procurassem como eu um rumo novo, e como eu, por força do meio, da sociedade, da raça, por essa força contra a qual o homem é impotente, chegaram ao mesmo ponto a que eu sou conduzido?”, dizia Pierre consigo nas horas de modéstia. E algum tempo depois de sua chegada, já não desprezava seus camaradas, mas começava a estimá-los, a ter tanta pena deles como de si próprio.

Pierre já não atravessava, como no princípio, momentos de desespero, melancolia e aborrecimento da vida, mas a moléstia que a princípio se manifestava por acessos de fúria estava recalcada e não o abandonava um único momento. “Para quê? Por quê? O que se faz nesse mundo?”, perguntava a si mesmo com surpresa várias vezes ao dia, começando insensivelmente a penetrar o sentido dos fenômenos da vida. Mas, sabendo por experiência própria que essas perguntas não tinham resposta, procurava esquecê-las logo, pegava um livro, ia ao clube ou então à casa de um certo Apolo Nikolaevitch conversar sobre as novidades da cidade.

“Helena Vassilievna, que nunca amou nada, salvo seu corpo, e que é uma das mulheres mais tolas deste mundo”, pensava Pierre, “dá, aos homens, a impressão do suprasumo da sutileza do espírito e todos se inclinam diante dela. Enquanto era grande, Napoleão Bonaparte foi desprezado por todos, e depois que se tornou um comediante vulgar, o imperador Franz faz todo o possível para dar-lhe sua filha como concubina. Os espanhóis, por intermédio do clero católico, levantam preces por terem vencido os franceses no dia 14 de junho. E os franceses, também por intermédio do clero católico, fazem o mesmo por terem vencido os espanhóis no dia 14 de junho. Meus irmãos maçons juram pelo próprio sangue que estão prontos a sacrificar tudo pelo próximo e não pagam sua cota para os pobres, e fazem intrigas entre a loja Astreia e a loja dos Buscadores de Maná e usam toda sorte de expediente, a fim de obter o verdadeiro avental escocês e um ato cujo sentido nem mesmo seu redator compreende e que não é necessário a

ninguém. Todos nós professamos a lei cristã do perdão das injúrias e de amor ao próximo, a lei pela qual erigimos em Moscou quarenta vezes quarenta igrejas, e ontem açoitaram até a morte um soldado que fugira; e o defensor dessa mesma lei de amor e de perdão, o padre, faz o soldado beijar a cruz antes do suplício.” Assim pensava Pierre, e toda essa mentira, admitida por todos, causava-lhe a impressão de uma coisa nova, apesar de já estar habituado a ela. “Compreendo essa mentira e essa cegueira”, pensava, “mas como exprimir tudo que sinto? Indaguei e sempre verifiquei que, no fundo do coração, eles sentem o mesmo que eu, mas apenas esforçam-se para não ver. Logo, isso deve ser necessário. Mas eu, o que devo fazer?” Sentia essa capacidade infeliz, bastante frequente na Rússia, de ver e crer na possibilidade do bem e da verdade e a capacidade de ver com demasiada clareza o mal e a mentira da vida, para poder participar seriamente dela. Cada ramo de trabalho, a seus olhos, ligava-se de certo modo ao mal e à mentira; qualquer coisa que experimentasse fazer, qualquer empreendimento era paralisado pelo mal e pela mentira, que lhe cortavam o caminho. E, entretanto, era preciso viver, ocupar-se. Era por demais horrível estar sempre sob o jugo dessas questões insolúveis da vida e ele se entregava às distrações apenas para esquecê-las. Frequentava a sociedade, bebia muito, comprava quadros, construía e principalmente lia.

Lia tudo que lhe caía nas mãos e lia tanto que, mal chegando em casa, enquanto seu criado o despia, pegava um livro e começava a ler. Da leitura, passava para o sono, do sono para a conversa fiada nos salões e no clube; da conversa às farras e festas; das festas novamente à conversa, à leitura, ao vinho. Beber tornava-se para ele uma necessidade física e moral cada vez mais premente. Embora os médicos lhe dissessem que isso era perigoso para um homem de sua corpulência, bebia muito. Só se sentia bem-disposto quando, sem o perceber, depois de ter esvaziado na sua enorme boca alguns copos de vinho, sentia um calor agradável em todo o corpo, uma ternura particular pelo próximo e uma vivacidade de espírito que lhe permitia responder superficialmente qualquer pensamento, sem aprofundá-lo. Somente depois de ter bebido uma ou duas garrafas de vinho, percebia vagamente que esse nó da vida, terrível e emaranhado, que tanto o apavorara antes, não era tão terrível como imaginara. Com um zumbido na cabeça, conversando, ouvindo o que os outros diziam,

lendo depois do almoço e depois do jantar, via constantemente esse nó de um lado ou de outro. Mas, sob a influência do vinho, dizia consigo: “Desatarei isso, para mim está tudo explicado. Mas agora não tenho tempo, depois refletirei sobre tudo isso.”

Mas esse “depois” não vinha nunca.

Quando pela manhã todas as dúvidas anteriores se apresentavam novamente, insolúveis e terríveis, Pierre apressava-se para pegar um livro e ficava contente quando alguém o visitava.

Às vezes lembrava-se das histórias que ouvira, das histórias de guerra: quando os soldados estão nos postos avançados, sob a metralha, quando não têm nada a fazer, procuram uma ocupação qualquer, a fim de suportar mais facilmente o perigo. E Pierre via todos os homens como esses soldados que fogem da vida, uns pela ambição, outros pelas cartas, outros pela elaboração de leis, outros pelas mulheres, outros pelo jogo, pelos cavalos, pela política, pela caça, pelo vinho, pelos assuntos públicos. “Nada é mesquinho nem importante, apenas fugir dessa vida horrível e, sendo possível, apenas não a ver!”, pensava Pierre.

II

No começo do inverno, o príncipe Nicolau Andreievitch Bolkonski e sua filha chegaram a Moscou. Pelo seu passado, seu espírito e sua originalidade — e principalmente devido ao arrefecimento atual do entusiasmo pelo imperador Alexandre e à corrente de opiniões antifrancesas e patrióticas que então reinava em Moscou —, o príncipe Nicolau Andreievitch logo se tornou objeto de um respeito particular por parte dos moscovitas, e o centro da oposição da cidade.

O príncipe envelhecera muito nesse último ano. Viam-se nele indícios indisfarçáveis da velhice: sonolências intempestivas, esquecimento de fatos recentes e lembrança de fatos antigos, a ambição infantil com a qual aceitava o papel de chefe da oposição de Moscou. Apesar disso, principalmente à noite, quando o ancião aparecia para o chá, na sua peliça curta e peruca empoada e alguém o instigava, começava suas histórias entrecortadas sobre o passado, ou emitia suas opiniões ainda mais entrecortadas e ríspidas sobre o presente, provocando em todos os que o ouviam um sentimento de estima e respeito. Para os visitantes, essa casa antiga com seus enormes tremós, seus móveis anteriores

à Revolução, seus lacaios empoados, esse ancião formal e espirituoso do século passado, sua meiga filha e a bonita francesa que o adoravam e temiam, tudo isso formava um espetáculo majestoso e agradável. Mas os visitantes não imaginavam que, além das duas ou três horas em que viam o dono, havia ainda vinte e duas horas, durante as quais se desenrolava a vida íntima e misteriosa da casa.

Nos últimos tempos, essa vida íntima se tornara extremamente penosa para a princesa Maria. Moscou a privava de suas melhores alegrias: a conversa com pessoas pias e a solidão que a reconfortavam em Lissia-Gori, e as alegrias da capital não lhe davam a menor compensação. Não frequentava a sociedade; todos sabiam que seu pai não a deixava ir só, e ele, devido a sua saúde, não podia acompanhá-la, de sorte que não a convidavam para os saraus e jantares. A princesa Maria perdera toda a esperança de casar. Via a frieza e a cólera com que o príncipe Nicolau Andreievitch recebia e afastava os moços que podiam ser candidatos à sua mão e que, de quando em quando, os visitavam. Amigas, a princesa Maria não tinha. Nesse ano, em Moscou, perdera toda a ilusão com duas pessoas muito íntimas: Mademoiselle Bourienne, com quem nunca pudera ser absolutamente franca, tornara-se agora antipática e por certas razões a princesa começava a afastar-se dela. Júlia, que estava em Moscou e com quem a princesa Maria se correspondia há cinco anos, pareceu-lhe uma estranha, quando, de novo, se encontraram pessoalmente. Depois da morte de seus irmãos, Júlia tornara-se um dos mais ricos partidos de Moscou e se deixara empolgar pelo turbilhão dos prazeres mundanos. Vivia constantemente cercada por uma multidão de rapazes que, imaginava, haviam descoberto todas as suas qualidades. Júlia atravessava esse período das moças mundanas que começam a envelhecer e sabem que estão diante da última possibilidade de casamento e que não podem deixá-la escapar. Todas as quintas-feiras a princesa Maria lembrava-se, com um sorriso triste, que agora já não tinha a quem escrever, pois Júlia estava em Moscou e elas se encontrariam todas as semanas, e de forma indiferente a Maria. Como aquele velho emigrado francês que recusou casar com a dama que, durante anos, esteve todas as noites, a princesa Maria lamentava não ter com quem corresponder-se, agora que Júlia e ela estavam na mesma cidade. Em Moscou, não sabia a quem escrever, a quem confiar suas mágoas, e novas

preocupações a oprimiam. A volta do príncipe André e o momento do casamento dele se aproximava, e a missão de preparar o pai não só não estava cumprida, como a coisa lhe parecia completamente perdida: lembrar ao velho príncipe a existência da condessa Rostov era pô-lo fora de si, considerando ainda que ele já estava sempre de mau humor.

O novo aborrecimento que, nesses últimos tempos, atormentava a princesa Maria eram as lições que dava ao sobrinho de seis anos. No seu trato com Nikoluchka, reconhecia em si, com horror, o mesmo temperamento irascível do pai. Por mais que quisesse controlar-se quando ensinava a criança, quase sempre que pegava o alfabeto francês, sentia uma vontade tal de incutir o que sabia no sobrinho, já temeroso dos seus momentos de cólera, que diante da menor desatenção de sua parte, ela tremia, exaltava-se, gritava e, muitas vezes, o sacudia, pondo-o de castigo num canto. Depois ela chorava, lamentando seu temperamento irascível, mau, e Nikoluchka, imitando-a, soluçava também, saía do canto sem licença, aproximava-se dela, fazia-a tirar as mãos do rosto molhado de lágrimas e a consolava.

Mas o mais penoso para a princesa Maria eram os ímpetos de cólera do pai, sempre dirigidos contra ela, e que nesses últimos tempos chegavam à crueldade. Se ele a forçasse a passar a noite inteira diante do ícone, se ele batesse nela, se a forçasse a puxar água e carregar lenha, sua sorte não lhe pareceria mais lamentável. Mas o carrasco afetuoso era tanto mais cruel por amá-la muito, e por esse motivo fazia com que ambos sofressem. Não só ele sabia magoá-la, humilhá-la, mas provava-lhe sua culpa em tudo. Nos últimos tempos acontecera algo que entristecia ainda mais a princesa Maria: suas relações cada vez mais íntimas com Mademoiselle Bourienne. A brincadeira que lhe viera à mente ao saber das intenções de casamento do filho de mencionar casar-se com Mademoiselle Bourienne agradava-lhe visivelmente e nos últimos tempos, com uma obstinação toda especial (a princesa Maria julgava que era apenas para feri-la), mostrava-se particularmente terno com a francesa e testemunhava seu descontentamento com a filha, fazendo demonstrações de afeto à dama de companhia. Um dia, em Moscou, na presença da princesa Maria (parecia-lhe que seu pai o fazia propositadamente diante dela), o velho príncipe beijou a mão de Mademoiselle Bourienne e, puxando-a, abraçou-a e acariciou-a. A princesa

Maria corou e fugiu do quarto. Alguns minutos depois, com seus modos agradáveis, Mademoiselle Bourienne entrou no quarto da princesa Maria e contou-lhe, sorrindo, alguma coisa. A princesa, enxugando apressadamente as lágrimas, aproximou-se resolutamente da francesa e, sem atinar com o que fazia, com a pressa da cólera e a voz descontrolada, gritou-lhe:

— É indecente, baixo, grosseiro, aproveitar-se da fraqueza. — Não concluiu. — Retire-se de meu quarto! — exclamou, e desfez-se em soluços.

No dia seguinte, o príncipe não disse uma palavra à sua filha, mas ela notou que, no jantar, mandou servir Mademoiselle Bourienne em primeiro lugar. No fim da refeição, quando o mordomo, conforme o hábito, serviu o café começando pela princesa, o príncipe enfureceu-se subitamente, atirou a bengala em Filipe e ordenou-lhe que se alistasse imediatamente como soldado.

— Não ouve... Disse duas vezes!... Não presta atenção!... Ela é a primeira pessoa da casa. É a primeira pessoa da casa. É minha melhor amiga — gritou o príncipe. — E se te permitires ainda uma vez o que ousaste ontem... — exclamou colérico, dirigindo-se à princesa Maria pela primeira vez — Se te descontrolas diante dela, eu te mostrarei quem é o dono da casa. Retira-te, e que eu não te veja. Pede-lhe perdão.

A princesa Maria pediu perdão à Mademoiselle Bourienne e a seu pai, para ela e para Filipe, o mordomo, que implorava sua intercessão.

Nesses momentos, sentimentos semelhantes ao orgulho do sacrifício se avolumavam no íntimo da princesa Maria. Subitamente, em momentos como esses, esse pai que ela censurava, tateando, sem ver, procurava os óculos, esquecia o que acabava de se passar ou então suas pernas debilitadas davam um passo em falso e ele olhava ao redor para verificar se alguém percebera essa fraqueza. Ou ainda, ao jantar, quando não havia convidados para entretê-lo, adormecia repentinamente, deixando cair o guardanapo e inclinando a cabeça sobre o prato. “Está velho e fraco, e eu ousou censurá-lo!”, pensava a princesa Maria com desprezo de si mesma.

III

Em 1811 vivia em Moscou um médico francês que logo ficou na moda. Era alto, bonito, encantador como um francês e, como diziam em Moscou, de um talento extraordinário. Chamava-se Métivier. A mais alta

sociedade o recebia, não como médico, mas como pessoa do mesmo nível. O príncipe Nicolau Andreievitch, que zombava dos médicos, nos últimos tempos, a conselho de Mademoiselle Bourienne, mandara chamá-lo e se habituara com ele. Métivier visitava o príncipe duas vezes por semana.

No dia de São Nicolau, aniversário do príncipe, toda Moscou estava diante de sua casa, mas ele dera ordem para não receber ninguém, e só alguns privilegiados, cuja lista entregara à princesa Maria, deviam ser convidados para o almoço.

Métivier, que veio pela manhã, achando que devia “violar as ordens”, como disse à princesa Maria, entrou na sua qualidade de médico. Aconteceu, porém, que o velho príncipe acordara num dos seus piores dias. Durante toda a manhã percorrera a casa, ora ralhando com todo o mundo, ora fingindo não compreender o que lhe diziam e não ser compreendido. A princesa Maria conhecia perfeitamente esse estado azedo de espírito que, habitualmente, explodia num acesso de furor, e, como uma pessoa diante de um fuzil engatilhado, esperava o tiro inevitável. Pela manhã, antes da chegada do médico, tudo correu bem. Quando Métivier foi levado aos aposentos do conde, a princesa sentou-se no salão com um livro nas mãos, perto da porta, de onde podia ouvir tudo que se passava no gabinete.

A princípio se ouviu a voz de Métivier, em seguida a do pai, finalmente as duas se confundindo. A porta abriu-se, aparecendo o belo Métivier com a cabeleira preta, cara assustada, e o príncipe, de barrete e robe de chambre, com os olhos baixos e o semblante transformado pela ira.

— Tu não compreendes, mas eu compreendo! — exclamava o príncipe. — Um espião francês. Um escravo de Bonaparte! Um espião! Fora da minha casa! Rua!

E bateu com a porta.

Métivier, dando de ombros, aproximou-se de Mademoiselle Bourienne, que, ao ouvir os gritos, acorrera do aposento vizinho.

— O príncipe não está muito bem hoje. Bólis e afluxo de sangue ao cérebro. Fique tranquila, voltarei amanhã — disse Métivier, e, levando a ponta dos dedos aos lábios, retirou-se apressadamente.

Do outro lado da porta se ouviam passos de chinelos e gritos: “Espíões! Traidores! Traidores por toda a parte! Nem mesmo em minha casa se pode ter

um momento de tranquilidade!”

Quando Métivier retirou-se, o velho príncipe chamou a filha e descarregou sobre ela toda sua cólera. Era ela a culpada de um espião ter entrado em sua casa. E ele mandara fazer uma lista com a ordem de não deixar entrar os que não estivessem nela. Por que, então, deixaste entrar esse covarde?! Ela era a causa de tudo. Com ela não se podia ter um momento de calma, não podia morrer tranquilo, dizia.

— Não, minha cara, temos que nos separar... nos separar ... Fica sabendo! Agora não posso mais! — disse, saindo da sala. E, como se temesse que ela pudesse consolar-se de uma forma ou de outra, voltou em seguida, e, procurando aparentar calma, acrescentou: — E não pense que eu tenha dito isso num momento de cólera, estou calmo e refleti, não poderá ser de outra forma. Vamos nos separar... Procure um lugar para você!... — Mas não podia mais conter-se, e com essa cólera que só se encontra no homem que ama e sofre, gritou-lhe, brandindo o punho: — E não se acha um imbecil qualquer para casar com ela!

Bateu a porta, chamou Mademoiselle Bourienne e acalmou-se no seu gabinete.

Às duas horas, as seis pessoas escolhidas estavam reunidas para o almoço. Os convidados eram: o conde Rostoptchine, pessoa muito conhecida, o príncipe Lapukhine e seu sobrinho, o general Tchatrov, velho camarada de armas do príncipe, e entre os jovens, Pierre e Boris Drubetskoi. Todos esperavam no salão.

Boris, que acabara de chegar a Moscou, em licença, desejava ser apresentado ao príncipe Nicolau Andreievitch e soube ganhar-lhe as boas graças com habilidade, a ponto de o príncipe, que não costumava receber solteiros, abrir uma exceção em seu favor. A casa do príncipe não era um ponto de reunião daquilo que se chamava “a sociedade”, mas ser recebido nesse pequeno círculo, embora não se falasse dele na cidade, não deixava de ser muito lisonjeiro. Foi o que Boris compreendeu uma semana antes quando, diante dele, Rostoptchine se escusara de jantar com o general em chefe no dia de São Nicolau, dizendo:

— Nesse dia costumo ir apresentar meus cumprimentos às relíquias do príncipe Nicolau Andreievitch.

— Ah! Sim, sim — respondeu o general em chefe. — E como vai ele?

O pequeno grupo que, antes do almoço, estava reunido no salão com seu mobiliário antigo parecia um júri reunido para um conselho solene. Conservavam-se calados e, quando falavam, era em voz baixa. O príncipe Nicolau Andreievitch apareceu sério e sombrio. A princesa Maria ainda parecia mais tímida e meiga que habitualmente. Os convidados dificilmente lhe dirigiam a palavra, percebendo que ela se mantinha alheia à conversação.

O conde Rostopchine era o único que falava, contando as últimas novidades da cidade e da política.

Lapukhine e o velho general só de quando em quando diziam alguma coisa. O príncipe Nicolau Andreievitch escutava como um juiz supremo ouve um relatório que lhe fazem, respondendo raramente e demonstrando que estava tomando conhecimento do relatório por um certo modo de silenciar ou uma palavra breve.

O tom da conversa indicava que nenhum dos presentes aprovava a orientação que vinha sendo dada à política. Só se falava dos acontecimentos com a certeza evidente de que tudo ia de mal a pior. Mas, coisa notável, em cada história ou discussão, aquele que estava com a palavra interrompia-se ou era interrompido no ponto em que a pessoa do imperador começava a ser envolvida. Durante o almoço a conversação girava em torno das últimas novidades políticas, sobre a usurpação das propriedades do grão-ducado de Oldenburgo por Napoleão, e sobre a nota russa, hostil a Napoleão, enviada a todas as cortes da Europa.

— Bonaparte trata a Europa como um pirata diante da nau conquistada — disse o conde Rostoptchine, repetindo uma frase já emitida diversas vezes. — O que é de admirar é a apatia ou cegueira dos soberanos. Agora é a vez do papa. Sem o menor constrangimento, Bonaparte quer derrubar o chefe da religião cristã, e todos se calam! Apenas nosso imperador protestou contra a usurpação das propriedades do grão-ducado de Oldenburgo, e mesmo assim... — calou-se o conde Rostoptchine, sentindo-se no limite além do qual não era mais lícito julgar.

— Ofereceram-lhe outras possessões em lugar do grão-ducado de Oldenburgo — disse o príncipe Nicolau Andreievitch. — É tão simples quanto eu mudar os camponeses de Lissia-Gori para Bogutcharovo; assim também eles mudam os duques.

— O duque de Oldenburgo suporta a sua desgraça com uma dignidade e uma resignação admiráveis — disse Boris, entrando respeitosamente na discussão.

Disse isso porque, passando em Petersburgo, tivera a honra de ser apresentado ao duque.

O príncipe Nicolau Andreievitch olhou o rapaz como se fosse responder, mas refletiu, julgando-o jovem demais para essa honra.

— Li nosso protesto sobre o assunto de Oldenburgo e fiquei admirado com a má redação dessa nota — disse o conde Rostoptchine no tom negligente de quem julga um assunto que conhece bem.

Pierre olhou Rostoptchine com uma surpresa ingênua, não compreendendo por que a má redação da nota o inquietava.

— Não acha, conde, que a redação da nota não tem importância, desde que seu conteúdo seja incisivo?

— Meu caro, com os nossos quinhentos mil homens em armas seria fácil ter estilo bonito — respondeu Rostoptchine.

Pierre compreendeu por que a redação da nota inquietava o conde Rostoptchine.

— Parece-me, no entanto, que agora existe um número suficiente de escribas — disse o velho príncipe. — Lá em Petersburgo escrevem tanto, ultimamente, e não só notas, mas leis novas também. Meu *Andrucha* esteve lá e escreveu um volume inteiro de leis para a Rússia. Escrevem tanto hoje em dia! — E riu de uma maneira pouco natural.

A conversação interrompeu-se por um momento. Pigarreando, o velho general chamou a atenção para a sua pessoa.

— Já ouviram falar do último acontecimento por ocasião da revista dos regimentos em Petersburgo? Como se apresentou o embaixador francês?

— Como? Sim, ouvi falar. Cometeu uma gafe diante de Sua Majestade.

— Sua Majestade chamava-lhe a atenção sobre a divisão dos granadeiros e sobre a beleza da parada — continuou o general — e dizem que o embaixador, não prestando a menor atenção, tomou a liberdade de dizer que na França não se fazia caso de semelhantes bobagens. O imperador não quis fazer a menor objeção. Dizem que na revista seguinte Sua Majestade não se dignou dirigir-se a ele uma única vez.

Todos se calaram. Sobre esse fato, que se relacionava diretamente ao imperador, não se podia fazer a menor crítica.

— Insolentes! — disse o príncipe. — Conhecem Métivier? Hoje escorracei-o de minha casa. Esteve aqui, deixaram-no entrar, apesar de minha ordem de não permitir ninguém, fosse quem fosse... — O príncipe olhou a filha com cólera e contou tudo que dissera ao médico francês e quais as razões que o levaram à convicção de ser Métivier um espião. Embora essas razões fossem muito insuficientes e pouco claras, ninguém o contradisse.

Com o assado foi servido o champanhe. Os convidados levantaram-se e felicitaram o velho príncipe.

A princesa Maria também se aproximou.

O príncipe a fitou com um olhar frio, mau, e estendeu-lhe a face enrugada, escanhoad. Toda sua expressão dizia que não esquecera a conversa da manhã, que sua decisão continuava a mesma e que apenas a presença dos convidados o impedia de repeti-lo agora.

Quando passaram ao salão para tomar o café, os velhos sentaram-se juntos.

O príncipe Nicolau Andreievitch animou-se ainda mais e emitiu sua opinião sobre a próxima guerra. Disse que nossas guerras com Bonaparte seriam malsucedidas sempre que procurássemos a aliança alemã e quiséssemos envolver-nos em assuntos europeus, consequência a que fomos arrastados pelo tratado de paz de Tilsitt. Disse que não deveríamos lutar nem pró nem contra a Áustria. Nossa política era toda oriental; com Bonaparte bastava uma coisa: armar a fronteira e seguir uma política firme. Dessa forma ele nunca atravessaria a fronteira russa, como em 1807.

— Oh! Príncipe, de que forma poderíamos guerrear contra os franceses? — perguntou o conde Rostoptchine. — Acha que seria possível nos armarmos contra nossos mestres, nossos deuses? Veja nossa mocidade, nossas damas, nossos deuses são franceses; nosso reino celeste, Paris. — Levantou a voz para que todos o ouvissem. — Roupas francesas, pensamentos franceses, sentimentos franceses. O senhor escorraçou Métivier por se tratar de um francês e de um covarde, e nossas damas se arrastam atrás dele. Ontem eu estava num sarau havia cinco damas: três são católicas e bordam aos domingos por orientação do papa e, apesar disso, estavam quase nuas como as figuras de propaganda dos

banhos públicos, desculpem por dizê-lo. É verdade, príncipe, quando vejo nossa mocidade tenho ímpetos de arrancar do museu o velho bastão de Pierre, o Grande, e quebrar-lhe as costelas, à moda russa, o que faria desaparecer todas essas tolices.

Todos se calaram. Sorridente o velho príncipe fitou Rostoptchine, fazendo um sinal aprovador de cabeça.

— Muito bem, até mais ver, Excelência. Que passe muito bem — disse Rostoptchine, levantando-se e estendendo a mão ao príncipe com a rapidez de movimentos que lhe era peculiar.

— Adeus, meu caro, sempre gosto de ouvir tua lira!

E, segurando sua mão, o velho príncipe ofereceu-lhe a face para beijar. Os demais convidados levantaram-se ao mesmo tempo que Rostoptchine.

IV

Sentada no salão, a princesa Maria ouvia, sem nada compreender, o que os velhos contavam e diziam. Apenas desejaria saber se os convidados não haviam percebido a maneira hostil com que o pai a tratava. Nem sequer percebeu as atenções particulares e as amabilidades que, durante todo o almoço, lhe foram dispensadas por Boris Drubetskoi, que os visitava pela terceira vez.

Com um olhar distraído, interrogador, a princesa Maria se dirigiu a Pierre, que ficara por último, de chapéu na mão, e que, depois que o pai e os outros se retiraram, se aproximara dela, sorridente.

— Posso ficar ainda um pouco? — perguntou, deixando-se cair pesadamente numa cadeira, junto da princesa Maria.

— Como não?! — respondeu, e seu olhar perguntava: “Não notou nada?”

Pierre se encontrava naquela disposição alegre comum após o almoço. Com um olhar vago, sorria meigamente.

— Conhece esse rapaz há muito tempo?

— Quem?

— Drubetskoi.

— Não, faz pouco.

— Gosta dele?

— Sim, é um rapaz simpático... Por que me pergunta isso? — indagou a princesa Maria, continuando a pensar na conversa que tivera com o pai pela

manhã.

— Porque observei uma coisa. Em geral, os rapazes vêm de Petersburgo a Moscou para fazer um casamento rico.

— Observou isso?

— Sim — continuou Pierre, sorrindo. — Esse rapaz sempre arranja meio de se apresentar onde existe um bom partido. Para mim ele é um livro aberto. No momento ele hesita sobre quem deve atacar: a senhorita ou a senhorita Júlia Kariaguina. Anda muito assíduo junto dela.

— Ele frequenta a casa dela?

— Sim, muito. Conhece esse novo método de cortejar? — perguntou Pierre com um sorriso alegre, estando evidentemente nessa disposição para gracejar que ele tanto censurava a si mesmo no seu diário.

— Não — disse a princesa Maria.

— Hoje em dia, para agradar as moças de Moscou, é preciso ser melancólico. E ele é muito melancólico na companhia de Mademoiselle Kariaguina.

— Verdade? — disse a princesa Maria, fitando o semblante bom de Pierre e pensando sempre na sua mágoa: “Eu me sentiria melhor se me decidisse a confiar a alguém o que sinto, e é precisamente a Pierre que eu tenho vontade de contar tudo. É tão bom e tão nobre. Isso me aliviaria. Ele me daria um conselho”, pensava.

— Casaria com ele? — perguntou Pierre.

— Ah! Meu Deus! Conde, há momentos em que eu seria capaz de casar com o primeiro que aparecesse — disse subitamente a princesa Maria, com lágrimas na voz e admirada de si mesma. — Ah! Como é doloroso amar alguém muito chegado à gente e sentir — acrescentou com a voz trêmula — que não se pode evitar de provocar-lhe desgosto, sabendo que é impossível mudar! Não resta outra coisa a fazer senão fugir... Mas aonde poderia ir?

— O que é isso? O que é isso, princesa?

Sem concluir, a princesa Maria começou a chorar.

— Não sei o que tenho hoje. Não se preocupe. Esqueça o que acabo de dizer.

O bom humor de Pierre desapareceu por completo. Preocupado, interrogava a princesa, rogava-lhe que dissesse tudo, que lhe confiasse sua dor. Mas ela se limitava a repetir-lhe o pedido de esquecer o que dissera, que já não se lembrava,

que não tinha nenhum pesar a não ser o que ele conhecia: o casamento do príncipe André, que poderia ocasionar o rompimento entre pai e filho.

— Já ouviu falar dos Rostov? — perguntou para mudar de assunto. — Soube que estão para chegar. Também espero André todos os dias. Gostaria que eles se encontrassem aqui.

— E como encara ele esse assunto? — perguntou Pierre, referindo-se ao velho príncipe.

A princesa Maria sacudiu a cabeça.

— Mas o que fazer? Faltam poucos meses para o fim do ano e isso não pode continuar assim. Eu gostaria de, ao menos, poupar meu irmão dos primeiros momentos. Gostaria que eles chegassem primeiro. Tenho esperanças de me acertar com ela. O senhor os conhece há muito tempo. Com a mão no coração, diga-me a verdade. Que espécie de moça é? Qual a sua opinião? Mas a verdade toda, porque o senhor compreende que André arrisca muito casando contra a vontade de seu pai, e eu desejaria saber...

Um instinto vago dizia a Pierre que, nesses circunlóquios e nesses pedidos reiterados de saber *toda a verdade*, havia uma certa má vontade da princesa Maria em relação a sua futura cunhada e que gostaria de ouvi-lo desaprovar a escolha do príncipe André. Mas Pierre disse o que pensava, ou melhor, o que sentia.

— Não sei o que responder a suas perguntas — disse e corou sem saber por quê. — Na verdade, eu não sei bem como é essa moça, não posso analisá-la. Ela é sedutora. Mas por quê? Não sei. É tudo que posso dizer-lhe.

A princesa Maria suspirou e a expressão de seu semblante dizia: “Sim, era o que eu imaginava e receava.”

— É inteligente? — continuou a princesa.

Pierre refletiu.

— Creio que não, no entanto, é... Não se preocupa em ser inteligente... Mas não é isso, ela é sedutora e nada mais.

Novamente a princesa Maria fez um gesto desaprovador de cabeça.

— Ah! Meu maior desejo é gostar de verdade dela! Diga-lhe isso se a encontrar antes de mim.

— Ouvi dizer que estão para chegar por esses dias — informou Pierre.

A princesa Maria expôs a Pierre seu projeto de aproximar-se de sua futura cunhada assim que os Rostov chegassem, e procurar aproximá-la do velho príncipe.

V

Tendo deixado escapar um rico partido em Petersburgo, Boris viera a Moscou na intenção de procurar um outro. Em Moscou hesitava entre as duas herdeiras mais ricas: Júlia e a princesa Maria. Apesar da feiura, a princesa Maria lhe parecia mais simpática que Júlia, mas ele se sentia constrangido em cortejar a senhorita Bolkonski. Na última vez que a vira, no almoço do velho príncipe, a todas as suas tentativas de abordar o assunto, ela respondera distraidamente e sem ouvi-lo. Júlia, ao contrário, embora de um modo todo seu, aceitava prazerosamente sua corte.

Júlia tinha vinte e sete anos. Depois da morte de seus irmãos, ficara muito rica. Tinha ficado muito feia, mas não só se julgava tão bonita como antes, como até muito mais atraente. Persistia nessa ilusão porque, em primeiro lugar, se tornara um riquíssimo partido, e também porque quanto mais envelhecia, mais livremente os homens podiam abordá-la, partilhar com ela suas ceias e saraus e, sem se obrigarem a nada, gozar a companhia do mundo elegante que se reunia em sua casa. Um homem que, dez anos antes, teria receado frequentar diariamente uma casa que tivesse uma moça de dezoito anos, no temor de comprometê-la ou comprometer-se, agora a visitava diariamente, e a tratava não como uma candidata ao matrimônio, mas como uma antiga conhecida, sem sexo.

No inverno que corria, a casa dos Kariaguine era a mais agradável e hospitaleira de Moscou. Além dos saraus e jantares, um grande círculo de pessoas, na maioria homens, ali se reunia diariamente. À meia-noite era servida uma ceia aos presentes que se deixavam ficar até às três horas da madrugada. Júlia não faltava a um baile, um passeio, um espetáculo. Suas roupas eram da última moda, mas, apesar de tudo isso, parecia desencantada. Dizia a todos que não acreditava na amizade, no amor, nem nas alegrias da vida e que só esperava encontrar a tranquilidade *lá*. Sua postura era a de uma jovem que sofrera grandes decepções, que perdera o homem amado ou que fora cruelmente enganada por ele. Embora nada disso lhe tivesse acontecido, era essa a opinião geral, e ela acreditava ter sofrido muito na vida.

Essa melancolia que não a impedia de divertir-se também não impedia, aos jovens que frequentavam sua casa, de passar agradavelmente o tempo. Cada convidado pagava seu tributo ao humor melancólico da dona da casa e logo se apressava a tomar parte nas discussões mundanas, nas danças, nos jogos espirituosos e nos torneios de trovas, muito na moda na casa dos Kariaguine. Apenas alguns rapazes, entre eles Boris, se compenetravam do estado de espírito melancólico de Júlia, e, com esses, ela mantinha conversas mais longas e pessoais sobre a vaidade das coisas do mundo e lhes mostrava seus álbuns cheios de imagens tristes, máximas e versos.

Com Boris, Júlia era particularmente terna. Lamentava seu desencanto prematuro com a vida, oferecia-lhe as consolações da amizade que podia oferecer, já que ela mesma havia sofrido tanto, e lhe mostrava seu álbum. Boris desenhou duas árvores numa das páginas e escreveu: “Árvores rústicas, os vossos ramos sombrios derramam trevas e melancolia sobre mim.”

Mais adiante desenhou um túmulo com a seguinte legenda:

A morte é conveniente e a morte é tranquila.

Ah! Contra as dores não há melhor abrigo.

Júlia achou encantador.

— Há qualquer coisa de arrebatador no sorriso da melancolia. É um raio de luz na sombra, uma sutileza entre a dor e o desespero, deixando entrever a consolação — disse a Boris, repetindo um trecho de livro, palavra por palavra.

E a respeito disso Boris escreveu:

Alimento venenoso de uma alma muito sensível,

Tu, sem a qual a felicidade seria impossível,

Doce melancolia, ah!, vem me consolar,

Vem acalmar os tormentos do meu retiro sombrio,

E mistura uma doçura secreta

A estas lágrimas que sinto correr.

Para Boris, Júlia tocava na harpa os noturnos mais tristes. Boris lia-lhe em voz alta *La Pauvre Lise*, interrompendo-se diversas vezes pela emoção que lhe embargava a voz. Quando Júlia e Boris se encontravam na alta sociedade, olhavam-se como se fossem as únicas criaturas que se compreendiam nesse mundo de indiferença.

Ana Mikhailovna frequentava assiduamente a casa dos Kariaguine e, enquanto jogava cartas com a mãe, procurava obter informações seguras sobre o dote de Júlia (ela receberia os dois domínios de Penza e as florestas de Nijni-Novgorod). Ana Mikhailovna, submissa às vontades da Providência, contemplava, enternecidamente, a tristeza refinada que ligava seu filho à rica Júlia.

— Sempre encantadora e melancólica a querida Júlia — dizia à filha. — Boris diz que repousa a alma em sua casa. Sofreu tantas decepções e é tão sensível! — dizia à mãe. — Ah! Meu amigo, as palavras não dizem como me sinto ligada à Júlia nestes últimos tempos. E como não gostar dela? Não é uma criatura deste mundo. Ah! Boris, Boris! — dizia ao filho. E, passado um momento, acrescentava: — E como lastimo a mãe dela! Hoje ela mostrou-me as contas e as cartas de Penza (onde elas possuem um imenso domínio), e a pobre mulher, sozinha, tem que gerenciar tudo. Ela é roubada, enganada!

Boris mal sorria ouvindo sua mãe. Sorria suavemente da simplicidade de seus artifícios, mas a ouvia e às vezes a interrogava minuciosamente sobre os domínios de Penza e Nijni-Novgorod.

Havia muito tempo Júlia aguardava a declaração de seu melancólico adorador e estava disposta a aceitá-lo. Mas uma aversão indefinida por ela, pelo seu desejo ardente de casar-se, pela sua falta de naturalidade e o terror de renunciar a um amor sincero ainda retinham Boris. Sua licença estava prestes a acabar. Passava os dias inteiros com as Kariaguinas e, cada dia que passava, raciocinando, resolvia fazer o pedido no dia seguinte. Mas na presença de Júlia, vendo-lhe o rosto e o queixo vermelhos, quase sempre cobertos de pó, os olhos úmidos e a expressão do semblante, denunciando sua disposição de passar imediatamente da melancolia ao entusiasmo artificial da felicidade conjugal, sentia-se inibido de pronunciar a palavra decisiva, embora, em imaginação, há

muito se considerasse possuidor dos domínios de Penza e Nijni-Novgorod e beneficiário de seus rendimentos.

Júlia percebia a indecisão de Boris e chegava a pensar que não era de seu agrado, mas logo o amor-próprio feminino a consolava e ela dizia a si mesma que só o amor podia ser a causa desse constrangimento. No entanto, a melancolia começava a transformar-se em irritação e, pouco tempo antes da partida de Boris, nos últimos dias de sua licença, ela pôs em prática um plano decisivo. Anatole Kuriaguine apareceu em Moscou e, naturalmente, frequentou o salão das Kariaguinas. Subitamente, Júlia abandonou sua melancolia, tornou-se alegre, mostrou-se amável e cheia de atenção para com Kuriaguine.

— Meu caro, eu sei de boa fonte que o príncipe Basílio pretende mandar o filho a Moscou, para que ele case com Júlia — disse Ana Mikhailovna a Boris. — Lamentaria se isso acontecesse, gosto tanto dela. O que pensa disso, meu amigo?

Boris se ressentia ao pensar que havia gastado e perdido inutilmente um mês inteiro de duro serviço melancólico junto de Júlia e de ver em outras mãos, e principalmente nas de Anatole, aquele imbecil, todos os rendimentos dos domínios dos quais já dispunha em imaginação. Dirigiu-se para a casa das Kariaguinas no firme propósito de fazer o pedido. Júlia o recebeu com um ar alegre, despreocupado, e contou-lhe como se divertira no baile da véspera e perguntou-lhe quando partiria.

Apesar de ter vindo disposto a falar de seu amor, e por conseguinte a ser terno, Boris começou a falar nervosamente sobre a inconstância das mulheres, sobre a facilidade com que passam da tristeza para a alegria e sobre seu estado de espírito que depende apenas de quem lhes faz a corte. Ofendida, Júlia respondeu que era verdade, que uma mulher gosta da variedade e que “sempre a mesma coisa” aborrece qualquer pessoa...

— Nesse caso aconselho-a... — Queria feri-la, mas, nesse momento, veio-lhe à mente a ideia dolorosa de que poderia deixar Moscou sem ter atingido seu objetivo e de que todo seu trabalho haveria sido em vão (o que nunca lhe acontecia). Interrompeu-se no meio da frase, baixou os olhos para não ver o semblante desagradável, irritado e indeciso que tinha na sua frente, e disse: — Não estou aqui para brigarmos. Ao contrário...

Olhou-a para certificar-se se podia continuar. Toda a irritação de Júlia desapareceu de repente e seus olhos inquietos, suplicantes, estavam fixos nele com uma atenção ardente. “Eu poderei dar um jeito de vê-la raramente, e já que a coisa está começada, preciso terminá-la!”, pensou Boris. Corou, levantou os olhos e disse:

— Sabes quais são meus sentimentos a seu respeito!

Era o bastante. A fisionomia de Júlia brilhava de contentamento, mas ela obrigou Boris a dizer tudo que se costuma dizer em casos semelhantes: a dizer-lhe que a amava, que nunca amara outra pessoa além dela. Ela sabia que, pelos domínios de Penza e Nijni-Novgorod, poderia exigir isso, e recebeu o que exigia.

Os noivos, sem falar mais nas árvores que os cobriam de trevas e melancolias, faziam os planos da futura instalação em Petersburgo, marcavam visitas e efetuavam todos os preparativos para um casamento brilhante.

VI

Em fins de janeiro, o conde Ilia Andreievitch chegava a Moscou com Sônia e Natacha. A condessa, ainda doente, não pudera viajar, mas era impossível esperar pelo seu restabelecimento. O príncipe André era esperado em Moscou para qualquer dia e, além disso, era preciso comprar o enxoval, vender a propriedade perto da cidade e aproveitar a estadia do velho príncipe em Moscou para apresentar-lhe sua futura nora. A casa dos Rostov em Moscou não estava aquecida, além disso vinham sem a condessa e por pouco tempo. Essas razões levaram o conde Ilia Andreievitch a aceitar a hospitalidade que Maria Dmitrievna Akhrosimova lhe oferecia há tanto tempo. Tarde da noite, os quatro carros dos Rostov chegaram ao pátio de Maria Dmitrievna, na rua dos Velhos Estábulo. Maria Dmitrievna morava só: sua filha já estava casada e seu filhos serviam no exército. Mantinha-se firme como sempre e, a quem quer que fosse, dizia francamente sua opinião em voz alta e direta. Toda sua pessoa parecia censurar, nos outros, as fraquezas e paixões que não tolerava em si mesma. De manhã cedo, vestindo um casaquinho, cuidava da arrumação da casa, depois saía: por ocasião dos feriados ia à missa e depois à cadeia, onde tinha uns assuntos de que não falava a ninguém. E, nos dias úteis, arrumada, recebia pessoas de toda sorte que a procuravam diariamente. Feito isso, almoçava. Para o almoço, succulento, sempre tinha três ou quatro convidados. Depois da refeição jogava sua partida de boston. Antes de dormir, ouvia a leitura dos jornais e de livros novos enquanto fazia seu tricô. Só excepcionalmente saía e, quando isso acontecia, era sempre para ir à casa das pessoas mais importantes da cidade.

Ainda não estava deitada quando os Rostov e seus criados, trêmulos de frio, empurraram a porta do vestibulo, que rangeu. Da porta da sala, através dos

óculos, que escorregaram para a ponta do nariz, inclinando a cabeça para trás, com um ar severo e agressivo, Maria Dmitrievna olhava os que entravam. Dir-se-ia que estava irritada com eles e que iria escorraçá-los imediatamente, se ao mesmo tempo não tivesse dado ordem para acomodarem os hóspedes e suas bagagens.

— São as bagagens do conde? Tragam aqui — disse, apontando uma mala e não cumprimentando ninguém. — As das meninas, aqui, à esquerda. Vamos, ligeiro, que conversa fiada é essa? — gritou às criadas. — Aqueçam o samovar! Estás mais gorda e mais bonita — disse ela à Natacha, roxa de frio, puxando-a pelo xale. — Ih! Estás gelada! Vai logo se trocar! — gritou, e ao conde, que se aproximava para beijar sua mão: — Estás gelado, não é? Tragam rum para pôr no chá! Sonitchka, *bonjour* — disse à Sônia, frisando com esse cumprimento em francês seus sentimentos um pouco desdenhosos, ainda que ternos, para com Sônia.

Quando todos desceram para o chá, depois de terem mudado de roupa e já um pouco refeitos da viagem, Maria Dmitrievna abraçou-os em fila.

— Alegro-me de todo coração que vocês tenham vindo para a minha casa. Já era tempo... — disse, olhando Natacha. — O velho está aqui, e o filho está sendo esperado todos os dias. É preciso conhecê-lo, é preciso. Mas depois falaremos nisso — acrescentou, dirigindo um olhar a Sônia e demonstrando que não queria falar nessas coisas diante dela. — Agora escuta — disse ela ao conde. — Tens alguma coisa para fazer amanhã? Quem é que pretendes convidar? Chinchine? — Dobrou um dedo. — A choramingtona Ana Mikhailovna, dois. Está aqui com o filho. Sabem que ele vai casar? Depois, Bezukhov talvez! Está em Moscou com a mulher. Fugiu dela, mas ela veio em seu encalço. Quarta-feira ele almoçou comigo. Quanto às meninas, eu as levarei a Iverskaia e depois iremos até o Aubert-Chalmet. Vão mandar fazer vestidos novos? Não se guiem por mim, hoje já não se usam mangas como estas. Há pouco tempo a jovem princesa Irene Vassilievna esteve aqui em casa, estava horrível, parecia que tinha um barril em cada braço. Agora a moda muda todos os dias. E tu, que novidades trazes? — perguntou severamente ao conde.

— Tudo acontece ao mesmo tempo. — respondeu o velho Rostov. — Comprar o enxoval e conhecer um comprador para meu domínio e para a casa.

Se me permitir, deixarei minhas filhas em sua companhia e darei um pulo até Marinskoie, é questão de um dia.

— Muito bem! Na minha casa ficam tão garantidas como sob conselho de tutela... Permitirei que passem em lugares lícitos, serei dura com elas, mas também as mimarei — disse Maria Dmitrievna, passando sua grande mão no rosto de sua favorita Natacha, sua afilhada.

No dia seguinte, pela manhã, Maria Dmitrievna levou as meninas à capela de Iverskaia e à casa de Madame Aubert-Chalmet, que a temia a ponto de até perdendo dinheiro ceder-lhe uma roupa só para livrar-se dela o mais rapidamente possível. Maria Dmitrievna encomendou quase todo o enxoval. Chegando em casa mandou que todos se retirassem da sala, salvo Natacha, chamando-a para sentar junto de sua cadeira.

— Bem, agora conversemos. Eu te felicito pelo teu noivado. Pegaste um ótimo rapaz! Fiquei muito contente por ti, conheci-o quando era dessa idade (estendeu a mão à altura de um *archine*). — Natacha corou alegremente. — Gosto dele e de toda sua família. Agora ouve: sabes que o velho príncipe não tem muita vontade que o filho case. É um velho teimoso. Não há dúvida de que o príncipe André não é uma criança e dispensará seu consentimento. Mas entrar para a família contra sua vontade não é direito. É preciso que isso se dê numa atmosfera de paz e de amor. És inteligente e poderás arranjar as coisas. E só agires com brandura e inteligência para que tudo saia da melhor forma.

Natacha se calava por constrangimento, segundo imaginava Maria Dmitrievna, mas, na verdade, lhe era desagradável que se imiscuíssem no seu amor pelo príncipe André, que lhe parecia uma coisa diferente de qualquer assunto humano e que, na sua opinião, ninguém podia compreender. Só ela compreendia e amava o príncipe André, ele a amava e deveria chegar por esses dias para casar com ela. Era o suficiente.

— Quero que compreendas, eu o conheço há muito tempo e gosto de Machenka, tua futura cunhada. As cunhadas são más, mas essa é incapaz de fazer mal a uma mosca. Ela me pediu para apresentá-la. Amanhã irás procurá-la com teu pai. Mas trata de ser gentil. Tu és mais moça do que ela. Assim, quando teu noivo chegar, já conhecerás sua irmã e seu pai, eles gostarão de ti. Estamos entendidas, não é? É melhor assim?

— Melhor — respondeu Natacha sem grande entusiasmo.

VII

No dia seguinte, a conselho de Maria Dmitrievna, o conde Ilia Andreievitch levou Natacha à casa do príncipe Nicolau Andreievitch. O conde, ao preparar-se para essa visita, não estava muito alegre. Temia o príncipe. Lembrava-se ainda do último encontro que tivera com ele por ocasião do alistamento de voluntários. Em resposta a um convite para jantar, recebera uma enérgica censura por não ter fornecido homens suficientes. Natacha, ao contrário, com seu melhor vestido, parecia muito bem-humorada. “É impossível que não gostem de mim, todos sempre gostaram de mim e eu estou disposta a fazer o que lhes agradar, disposta a amá-lo, já que ele é o pai, e a amá-la, já que é a irmã. E, francamente, eles não têm o menor motivo para não gostarem de mim”, pensava Natacha.

Chegaram à velha casa sombria da rua Vozdvijenka e entraram no vestíbulo.

— Bem, que Deus nos abençoe! — disse o conde, meio brincando, meio sério. Mas Natacha notou que seu pai se apressava a entrar no vestíbulo e, timidamente, em voz baixa, perguntava se o príncipe e a princesa estavam em casa.

Quando anunciaram seus nomes, houve uma perturbação qualquer entre os lacaios: o lacaio que fora anunciá-los parara junto de outro na sala e os dois falaram-se em voz baixa. Uma criada entrou apressadamente na sala dizendo alguma coisa, mencionando a princesa. Finalmente um velho lacaio apareceu. Com uma expressão fechada, informou ao conde Rostov que o príncipe não podia recebê-los, mas que a princesa os esperava em seus aposentos. Mademoiselle Bourienne foi a primeira a vir ao encontro dos visitantes. Cumprimentou pai e filha com uma polidez toda especial e os levou até os aposentos da princesa. A princesa, com o semblante emocionado, assustado, coberto de manchas vermelhas, veio ao encontro dos visitantes com seu passo pesado, procurando, inutilmente, mostrar-se natural e amável. À primeira vista, Natacha não agradou à princesa Maria. Pareceu-lhe demasiadamente elegante, frívola, alegre e vaidosa. A princesa Maria não se lembrava de que, mesmo antes de ver sua futura cunhada, ela já estava com más disposições a seu respeito pela inveja involuntária de sua beleza, sua mocidade e sua felicidade, e pelo ciúme do amor do irmão. Além desse sentimento invencível de antipatia, nesse momento a princesa Maria ainda estava mais nervosa porque, ao saber da visita dos Rostov,

o velho príncipe dissera não querer vê-los, que a princesa os recebesse se quisesse, mas que proibira que os levassem a seus aposentos. A princesa Maria resolvera recebê-los, mas temia a todo momento que o velho príncipe fizesse uma das suas, visto que aparentara ficar muito nervoso com a chegada dos Rostov.

— Aí está, minha cara princesa, trouxe-lhe uma cantora — disse o conde, cumprimentando e olhando em volta como se receasse a entrada do príncipe. — Estou feliz pelas duas se conhecerem... Lamento que o príncipe não esteja em boas condições. — E depois de dizer algumas frases banais, levantou-se. — Se me permitir, princesa, deixarei Natacha em sua companhia por um quarto de hora. Irei a dois passos daqui, na praça dos Cães, à casa de Ana Semeonovna e depois passarei para levá-la.

Ilia Andreievitch inventara esta astúcia diplomática para dar à futura cunhada da filha a oportunidade de falar francamente com ela (como depois ele disse à Natacha) e ainda para evitar a possibilidade de um encontro com o príncipe que ele tanto temia. Não disse isso a Natacha, mas ela compreendeu o medo e a inquietação de seu pai e ofendeu-se com isso. Corou por seu pai e ficou ainda mais contrariada por ter corado, então fitou a princesa com um olhar ousado, provocante, dando a entender que não temia ninguém. A princesa Maria disse ao conde que era muita gentileza de sua parte e pedia-lhe que se demorasse por mais tempo na casa de Ana Semeonovna. Em seguida Ilia Andreievitch saiu.

Mademoiselle Bourienne não se retirava, apesar dos olhares que lhe lançava a princesa Maria, que desejava falar a sós com Natacha, continuando a falar tranquilamente sobre os prazeres de Moscou e o teatro. Natacha sentia-se ofendida com a perturbação que percebera no vestíbulo, com a inquietação de seu pai e com o tom forçado da princesa, que, recebendo-a, parecia fazer uma grande concessão. Daí, tudo parecer-lhe desagradável. Não simpatizara com a princesa Maria: achou-a muito feia, afetada e seca. Subitamente Natacha crispou-se toda, interiormente, e tomou uma atitude negligente que ainda a afastava mais da futura cunhada. Depois de cinco minutos de conversação difícil, forçada, ouviram-se uns passos abafados que se aproximavam rapidamente. Os olhos da princesa Maria exprimiam pavor. A porta abriu-se e o príncipe entrou; estava de barrete branco e robe de chambre.

— Ah! Senhora! — começou dizendo. — A senhora condessa, a condessa Rostov, se não me engano. Peço que me perdoe, me perdoe, não sabia, senhorita. Deus é testemunha de que eu não sabia que a senhora se havia dignado honrar-nos com sua visita. Vim ver minha filha nestes trajes!... Peço-lhe que me perdoe. Deus sabe que eu não sabia — repetiu numa voz que soava falsa, acentuando a palavra “Deus”, e num tom tão desagradável que a princesa Maria, de olhos baixos, não ousava fitar o pai nem Natacha. A condessinha levantou-se, sentou-se novamente, sem saber o que fazer.

Apenas Mademoiselle Bourienne sorria amavelmente.

— Peço-lhe que me perdoe, me perdoe! Deus sabe que eu não sabia... — murmurou o velho, e, examinando Natacha dos pés à cabeça, saiu.

Mademoiselle Bourienne foi a primeira a refazer-se depois dessa aparição e orientou a conversa sobre a indisposição do príncipe.

Natacha e a princesa Maria se olhavam em silêncio, e quanto mais se olhavam, sem exprimir o que deviam dizer, mais aumentava a animosidade que já existia entre elas. Quando o conde voltou, Natacha, indelicadamente, demonstrou seu contentamento, e se apressou a partir.

Nesse momento ela quase odiava essa velha e seca princesa que a deixara nessa situação desagradável sem nada dizer-lhe sobre o príncipe André nessa meia hora! “Eu não podia começar a falar na frente dessa francesa!”, pensava Natacha. Ao mesmo tempo, a princesa Maria dizia consigo a mesma coisa: sabia o que deveria dizer a Natacha, mas não podia fazê-lo, primeiro porque a presença de Mademoiselle Bourienne a impedia, depois, porque, sem saber o motivo, lhe era penoso começar a falar nesse casamento. Quando o conde deixou a sala, a princesa Maria aproximou-se rapidamente de Natacha, tomou-lhe a mão e, com um suspiro longo, lhe disse:

— Espere, eu... Eu preciso...

Com um ar de zombaria, cuja causa ela própria ignorava, Natacha fitou a princesa Maria.

— Cara Natália, saiba que eu me alegro muito que meu irmão tenha encontrado a felicidade... — A princesa Maria interrompeu-se, sentindo que não estava falando a verdade.

Natacha percebeu essa hesitação e compreendeu sua causa.

— Creio, princesa, que não é oportuno falar nisso agora — disse Natacha com uma dignidade e frieza extraordinárias; e as lágrimas subiam-lhe à garganta.

“O que foi que fiz? O que foi que fiz?”, pensou, assim que se retirou.

Nesse dia, por muito tempo esperaram Natacha para o jantar. Estava sentada no quarto, soluçando como uma criança e assoando o nariz. Junto dela, Sônia beijava-lhe os cabelos.

— Natacha, o que é isso? Não dá essa importância! Tudo ficará bem, Natacha — dizia-lhe Sônia.

— Não, se tu soubesses como é humilhante...

— Não digas isso, Natacha, não tens culpa, logo, que importância pode ter? Dê um beijo aqui.

Natacha levantou a cabeça, beijou a amiga na boca e encostou nela seu rosto molhado.

— Não posso dizer. Não sei, ninguém tem culpa. A culpa é minha. Mas tudo isso é doloroso e terrível. Ah! Ele devia vir de uma vez... — dizia Natacha.

Quando desceu para o jantar, estava com os olhos vermelhos. Maria Dmitrievna, que sabia como o príncipe recebera os Rostov, fingiu não notar a tristeza de Natacha e, durante o jantar, pilheriou com o conde e os outros presentes.

VIII

Nessa noite os Rostov foram à ópera, convidados por Maria Dmitrievna.

Natacha não queria ir, mas não era possível recusar essa amabilidade de Maria Dmitrievna feita exclusivamente por sua causa. Quando, depois de vestida, foi para a sala esperar seu pai e, olhando-se no grande espelho, verificou que estava bonita, muito bonita, ficou ainda mais triste, mas já era uma tristeza suave e meiga.

“Meu Deus, se ele estivesse aqui, não ficaria mais como antes, estupidamente tímida diante de tudo, mas o abraçaria com toda a simplicidade, me aconchegaria a ele, obrigando-o a fitar-me com aqueles olhos curiosos, como fazia tantas vezes, haveria de forçá-lo a rir como costumava então, e seus olhos, como vejo seus olhos!”, pensava Natacha. “Afinal, nada tenho que ver com o pai e a irmã!

Só a ele é que amo, seu rosto, seus olhos, seu sorriso viril e infantil ao mesmo tempo... Não, o melhor é não pensar, não pensar, esquecer, esquecer tudo por enquanto. Não posso suportar essa demora, estou prestes a chorar agora mesmo.” E afastou-se do espelho, fazendo um grande esforço para não chorar. “Não sei como Sônia pode amar Nicolau de um modo tão regular, tão tranquilo, e esperar tanto tempo com tal paciência!”, pensou, olhando Sônia, que nesse momento entrava, já vestida, com um leque na mão. “Não, ela é muito diferente, eu não consigo!”

Natacha sentiu-se tão terna e tão emocionada que já não lhe bastava amar e saber-se amada, precisava abraçar imediatamente o homem amado, ouvir dele as palavras de amor que lhe enchiam o coração. Na carruagem, ao lado do pai, olhando pensativamente as luzes dos lampiões que deslizavam nos vidros cobertos de geada, sentia-se ainda mais apaixonada e mais triste, esquecendo onde estava e para onde ia. Acompanhando a fila de carruagens, as rodas rangendo na neve, a carruagem dos Rostov aproximava-se do teatro. Natacha e Sônia desceram rapidamente, suspendendo o vestido. O conde desceu auxiliado pelos lacaios, e os três, entre as damas e os cavalheiros que entravam, entre os vendedores de programas, penetraram no corredor das frisas. Atrás da porta fechada ouviam-se os sons da música.

— Natália, teus cabelos — murmurou Sônia. O rapaz do teatro, com polidez, adiantou-se rapidamente e abriu a porta da frisa. A música se fez ouvir mais distintamente, as filas iluminadas dos camarotes tinham o brilho das senhoras de braços e ombros nus e os uniformes da plateia cintilavam.

A dama que entrou na frisa vizinha fitou Natacha com um olhar invejoso de mulher.

O pano ainda não levantara, tocavam o prelúdio. Natacha, reajustando o vestido, passou com Sônia e sentou-se, olhando a fila iluminada dos camarotes do outro lado. A sensação, há muito não sentida, de centenas de olhos dirigidos para seus braços e pescoço nus subitamente tomou-a agradável e desagradavelmente e despertou uma série de lembranças e desejos correspondentes a essa sensação.

As duas meninas, de uma beleza notável, acompanhados do conde Ilia Andreievitch, que há muito tempo não era visto em Moscou, despertavam a

atenção geral. Além disso, todo o mundo sabia vagamente do noivado de Natacha com o príncipe André. Sabia-se que, depois disso, os Rostov se haviam retirado para o campo e todos olhavam curiosamente a noiva de um dos mais belos partidos da Rússia.

Na opinião de todos, Natacha ficara mais bonita e, nessa noite, devido à emoção, estava particularmente linda. Chamava a atenção pela plenitude de vida e beleza unida à indiferença por tudo que a cercava. Seus olhos negros fitavam a multidão sem procurar ninguém, apoiando seu braço fino e nu no rebordo de veludo e, inconscientemente, amassando o programa ao compasso do prelúdio.

— Olha lá, parece Alenin com a mãe — disse Sônia.

— Céus! Mikhail Kirilitch engordou ainda mais — observou o velho conde.

— Jesus! Olhem o chapéu de nossa Ana Mikhailovna!

— As Kariaguinas, Boris está ao lado de Júlia. A gente logo vê que estão noivos.

— Drubetzkoï fez o pedido. Mas como! Só hoje que soube... — disse Chinchine, entrando no camarote dos Rostov.

Natacha acompanhou o olhar de seu pai e viu Júlia com um colar de pérolas em torno do pescoço grosso e vermelho (coberto de pó, como Natacha sabia), sentada ao lado da mãe. Parecia feliz. Atrás, sorrindo, a orelha perto da boca de Júlia, via-se a bonita cabeça bem penteada de Boris. Olhava os Rostov com o rabo dos olhos e, sorrindo, dizia alguma coisa à noiva.

“Está falando de nós, de mim e dele, e, provavelmente, empenhado em tranquilizar o ciúme da noiva. Preocupa-se em vão, se ele soubesse como tudo isso é indiferente!”, pensava Natacha.

Ana Mikhailovna, com sua touca verde, a fisionomia radiante de dia de festa, submissa à vontade de Deus, estava sentada atrás deles. No camarote havia essa atmosfera de noivado de que Natacha tanto gostava e que tão bem conhecia. Virou-se e, de súbito, veio-lhe à mente toda a humilhação de sua visita da manhã. “Que direito tem ele de não querer aceitar-me como parente! Ah! O melhor é não pensar mais até a volta de André!” E começou a olhar as fisionomias conhecidas e desconhecidas da plateia. Diante da orquestra, bem no meio, com as costas viradas para o palco, estava Dolokhov com sua basta cabeleira encaracolada, penteada para cima; vestia um traje persa. Estava em

evidência para todos os olhares da sala e, embora soubesse disso, mostrava-se tão à vontade como se estivesse em seu quarto. Em volta dele estava toda a mocidade elegante de Moscou, e via-se que ele tinha a primazia sobre ela.

Rindo, o conde Ilia Andreievitch cutucou Sônia, mostrando-lhe seu antigo apaixonado. Sônia corou.

— Reconheceste? — perguntou. — Tinha desaparecido. De onde surge agora? — perguntou a Chinchine.

— Sim, ele tinha desaparecido — respondeu Chinchine. — Foi para o Cáucaso e de lá fugiu. Dizem que foi ministro de um príncipe qualquer na Pérsia. Por lá matou o irmão do Xá. Pois bem, parece que as damas de Moscou andam loucas por ele: “Dolokhov, o persa”, e acabou-se! Agora aqui em Moscou não se dá um pio sem Dolokhov. Não se fala em outra coisa. É servido aos convidados como um prato fino. Dolokhov e Kuriaguine viraram a cabeça de todas as nossas mulheres.

Na frisa vizinha entrou uma grande e linda senhora, com uma enorme trança, os ombros e o colo muito decotados, brancos e fartos. Um duplo colar de pérolas envolvia-lhe o pescoço. Instalou-se com muito vagar, fazendo ruflar o vestido de seda. No momento em que Natacha a observava pela segunda vez, a dama voltou-se e, encontrando o olhar do conde Ilia Andreievitch, que conhecia todo o mundo, inclinou-se e abriu um sorriso. Era a mulher de Pierre, a condessa Bezukhova. O conde pôs-se a falar com ela.

— Está aqui há muito tempo, condessa? Não deixarei, não deixarei de ir beijar-lhe a mão. Vim a Moscou tratar de negócios e trouxe minhas filhas. Dizem que Semionovna trabalha admiravelmente. O conde Piotr Kirillovitch não nos esquecia nunca. Ele está aqui?

— Sim, tinha intenção de vir — disse Helena, e fitou atentamente Natacha.

O conde Ilia Andreievitch voltou ao seu lugar.

— Como é bonita! — murmurou ele para Natacha.

— Uma verdadeira maravilha. Não será difícil alguém apaixonar-se por ela — respondeu Natacha.

Nesse momento ressoava o último acorde do prelúdio e o regente da orquestra batia com a batuta. Na plateia os cavalheiros atrasados tomavam seus lugares.

O pano levantou.

Imediatamente, na plateia e nos camarotes, todos se calaram. Todos os senhores, velhos ou jovens, fardados ou encasacados, todas as damas com pedras preciosas cobrindo seus braços nus, com uma curiosidade ávida, fixavam sua atenção na cena. Natacha fez o mesmo.

IX

O cenário tinha uma forma retangular. Em cada lado, painéis representavam árvores, no centro, ao fundo, havia um outro painel. Jovens de corpete vermelho e saia estavam sentadas no centro do palco. Uma delas, muito gorda, com um vestido de seda branca, estava sentada um pouco mais longe num banco baixo, atrás do qual haviam colado um papelão pintado de verde. Todas cantavam alguma coisa. Quando terminaram a canção, a que estava vestida de branco aproximou-se da caixa do ponto, e um homem, vestindo uns calções de seda muito apertados nas pernas gordas, com um penacho e um punhal, aproximou-se dela e começou a cantar gesticulando. O homem de calções justos cantou só, em seguida ela cantou, depois ambos se calaram. A orquestra continuou a tocar e o homem pegou a mão da mulher vestida de branco, a contar com os dedos, aguardando de forma visível o momento de entoar o dueto.

Ambos cantaram e os espectadores aplaudiram e ovacionaram. O homem e a mulher, que na cena representavam um par apaixonado, curvaram-se sorrindo e fazendo gestos com as mãos.

Depois da estada no campo, e na disposição grave em que se achava, tudo isso parecia surpreendente e estranho a Natacha. Sentia-se incapaz de acompanhar o desenrolar da ópera e nem sequer podia ouvir a música; via apenas papelões pintados, homens e mulheres estranhamente vestidos que, sob a luz brilhante, se moviam, falavam e cantavam de uma forma esquisita. Sabia o que tudo isso queria representar, mas era tão falso, tão pouco natural, que ora ela sentia vergonha pelos atores, ora ria deles. Olhava ao redor as fisionomias dos espectadores, na procura de um sentimento semelhante de zombaria e surpresa que a dominava, mas todos pareciam atentos ao que se passava no palco e exprimiam uma admiração que Natacha julgava fingida. “Provavelmente deve ser assim!”, pensava. Uma por uma, olhava ora as cabeças lustrosas da plateia, ora as mulheres decotadas dos camarotes, e principalmente sua vizinha Helena, que, quase despida, com um sorriso calmo e tranquilo, não tirava os olhos do palco. Ela sentia a luz clara que enchia toda a sala e o ar aquecido pela multidão. Pouco a pouco Natacha começou a ser invadida por um estado de embriaguez

como há muito tempo não sentia. Já não sabia quem era, onde estava, nem o que faziam diante dela.

Olhava e pensava, e as ideias mais estranhas, mais inesperadas, sem o menor nexo, passavam-lhe pela cabeça. Ora sentia vontade de pular na balaustrada do camarote e cantar a ária que a atriz estava cantando; ora de atirar seu leque num velhinho sentado a pequena distância; ora de fazer cócegas em Helena.

Num desses momentos, quando tudo na cena estava silencioso aguardando o começo de uma ária, uma porta da plateia rangeu ao lado do camarote dos Rostov, e passos de homem se fizeram ouvir. “É Kuriaguine!”, segredou Chinchine. A condessa Bezukhov voltou-se sorrindo para o homem que entrava. Natacha acompanhou o olhar da condessa e viu aproximar-se um ajudante de ordens excepcionalmente bonito, seguro de si e ao mesmo tempo educado. Era Anatole Kuriaguine, que ela não via desde o baile de Petersburgo. Vestia agora um uniforme de ajudante de ordens, com dragonas e alamares. Seu caminhar medido, arrogante, seria ridículo se ele não fosse tão bonito e se no seu bonito semblante não houvesse uma expressão de jovialidade e alegria. Embora houvesse chegado no meio do espetáculo, caminhava sem apressar-se, fazendo um leve ruído com as esporas e o sabre, trazendo bem levantada a bela cabeça perfumada. Olhando Natacha, aproximou-se da irmã, apoiou a mão enluvada na balaustrada da frisa e, inclinando-se, disse alguma coisa designando Natacha.

— *Mais charmante!* — disse.

Evidentemente se referia a Natacha, que mais compreendeu pelo movimento dos lábios do que ouviu. Depois passou para a primeira fila e sentou-se perto de Dolokhov, cutucando-o amigável e negligentemente, enquanto os demais o tratavam com tanta deferência. Sorriu, piscando alegremente os olhos e apoiando o pé na rampa do palco.

— Como o irmão e a irmã são parecidos e como são bonitos! — disse o conde.

A meia-voz, Chinchine contava uma história que se dera com Kuriaguine em Moscou. Natacha procurava ouvir, justamente porque ele a achara *charmante*.

O primeiro ato havia terminado. Na plateia todos se levantaram, misturaram-se e começaram a sair.

Boris veio ao camarote dos Rostov. Recebeu as felicitações muito simplesmente e, com as sobrancelhas um pouco erguidas e um sorriso distraído, em nome de sua noiva convidou Sônia e Natacha para o casamento, retirando-se logo depois. Com um sorriso alegre e certa faceirice, Natacha pôs-se a conversar, felicitando-o por seu casamento, esse mesmo Boris por quem já estivera apaixonada em outros tempos. No estado de embriaguez em que se encontrava, tudo lhe parecia simples e natural.

Helena, nua, estava sentada perto dela sorrindo igualmente a todos, e assim também Natacha sorriu a Boris.

A frisa de Helena se enchia e estava cercada, do lado da plateia, pelos homens mais ilustres e espirituosos, que davam a impressão de quererem mostrar a todos que a conheciam.

Durante todo o intervalo Kuriaguine conservou-se em pé, ao lado de Dolokhov, com os olhos fixos no camarote dos Rostov. Natacha sabia que ele estava falando a seu respeito e sentia certo prazer nisso. Colocou-se de forma que ele pudesse vê-la de perfil, julgando que esse ângulo era o que mais a favorecia. Antes do início do segundo ato, Pierre, que os Rostov ainda não haviam encontrado depois de chegarem, apareceu na plateia. Tinha uma expressão triste e engordara ainda mais desde a última vez que Natacha o vira. Sem notar ninguém, dirigiu-se para a primeira fila. Anatole aproximou-se dele e lhe disse alguma coisa mostrando o camarote dos Rostov. Ao ver Natacha, Pierre animou-se e atravessando rapidamente a sala aproximou-se de seu camarote. Debruçou-se na balaustrada e falou, sorrindo, com Natacha.

Enquanto conversava com Pierre, Natacha ouvia uma voz de homem na frisa da condessa Bezukhov; adivinhou ser a de Kuriaguine. Virou-se e seus olhares se encontraram. Ele, quase sorrindo, fitava-a com tal entusiasmo e ternura que lhe pareceu estranho estar tão perto dele, olhando-o dessa forma, de ter certeza de agradar-lhe e de não o conhecer.

No segundo ato o cenário apresentava túmulos, e um buraco no painel dos fundos representava a lua. Acenderam os lampiões da boca da cena e as trombetas e contrabaixos começaram a tocar. À direita e esquerda surgiu um grande número de pessoas em capas pretas. Todos começaram a gesticular, empunhando qualquer coisa semelhante a um punhal. Depois acorreram outras

peessoas arrastando a moça vestida de branco no primeiro ato e que agora estava de azul. Não a arrastavam de uma só vez, mas por muito tempo cantaram com ela e só depois que a levaram para trás, nos bastidores, de onde se ouviram três golpes metálicos, e todos se ajoelharam entoando uma oração.

Tudo isso foi três vezes interrompido pelos gritos entusiastas dos espectadores.

Durante esse ato, cada vez que Natacha olhava para a plateia via Anatole Kuriaguine, que a fitava com o braço apoiado no encosto de sua poltrona.

Natacha estava encantada em causar-lhe tão forte impressão, e nem sequer lhe passava pela cabeça o mal que poderia haver nisso.

Terminado o segundo ato, a condessa Bezukhov levantou-se e, dirigindo-se à frisa dos Rostov (seu colo estava completamente nu), fez um sinal ao velho conde com sua mão enluvada e, sem prestar atenção aos que entravam na sua frisa, sorrindo graciosamente, começou a falar-lhe.

— Então queira apresentar-me suas encantadoras filhas, toda a cidade fala nelas e eu não as conheço.

Natacha levantou-se fazendo uma reverência à magnífica condessa. O louvor dessa brilhante beldade era tão agradável à jovem que ela corou de prazer.

— Agora também quero tornar-me moscovita — disse Helena. — E o senhor não se envergonha de esconder tais pérolas no campo?

A justo título a condessa Bezukhov tinha a reputação de muito amável. Sabia dizer o que não pensava e, principalmente, lisonjeava com simplicidade e naturalidade.

— Mas o meu caro conde vai permitir que eu me ocupe de suas filhas, apesar de eu também não me demorar muito por aqui. Procurarei distraí-las. Em Petersburgo falam muito no seu nome, e há muito que desejava conhecê-la — disse ela a Natacha, com um sorriso imutável e bonito. — Ouvi falar muito a seu respeito por um amigo, Drubetzkoi, sabe que ele vai casar?, e por Bolkonski, o amigo de meu marido, o príncipe André Bolkonski — continuou, com uma entonação especial, dando a entender que conhecia os laços que o ligavam a Natacha.

A fim de estreitar as relações, convidou uma das meninas para passar o resto do espetáculo na sua frisa, e Natacha concordou.

O terceiro ato se passava num palácio iluminado por muitas velas e ornado de quadros representando cavalheiros de barbicha. Ao centro, provavelmente, estavam o rei e a rainha. O rei gesticulava com a mão direita e, visivelmente intimidado, cantando muito mal alguma coisa, sentou-se num trono vermelho. A moça que a princípio estava de branco, depois de azul, agora estava em camisa, os cabelos soltos, junto do trono. Dirigindo-se à rainha, cantava tristemente alguma coisa, mas o rei agitava severamente a mão. Dos lados surgiram homens e mulheres com as pernas nuas, e todos juntos começavam a dançar. Em seguida, o violino tocou uma ária alegre em tom agudo, e uma das moças de grossas pernas nuas e braços finos afastou-se do grupo, arrumou o corpete num canto, dirigiu-se para o centro do palco e começou a saltitar rapidamente, batendo uma perna na outra. Todos a aplaudiam e ovacionaram. Logo em seguida aproximou-se um homem que estava a um canto, os címbalos e trombetas tocaram com mais força, e um homem de pernas nuas começou a dar grandes pulos cruzando as pernas. (Era Duport, que recebia sessenta mil rublos anuais para fazer isso.) Camarotes, plateia e galerias, todos começaram a aplaudir e gritar com todas as forças. O homem parou e, sorrindo, agradeceu com reverências para todos os lados. Depois os homens e mulheres de pernas nuas dançaram mais uma vez e, novamente, o rei gritou qualquer coisa e todos começaram a cantar. Mas, subitamente, como uma tempestade, a orquestra entoou a gama cromática e o acorde de sétima menor, e todos correram arrastando outra vez uma pessoa presente para os bastidores e o pano baixou. E mais uma vez o público irrompeu em aplausos frenéticos e gritos entusiastas se fizeram ouvir: Duport! Duport! Duport!

Natacha não estranhava mais. Satisfeita, olhava alegremente em torno de si.

— Não é verdade que Duport é admirável? — perguntou-lhe Helena.

— Se é! — respondeu Natacha.

X

No intervalo, uma golfada de ar frio entrou no camarote de Helena pela porta que se abriu, dando passagem a Anatole, que se inclinou, procurando não incomodar ninguém.

— Permita-me que lhe apresente meu irmão — disse Helena, olhando inquieta para Natacha e Anatole. Natacha virou a bonita cabeça sobre seu ombro nu na direção do elegante oficial, e sorriu.

Anatole, que era tão bonito de perto como a distância, sentou-se junto dela dizendo-lhe que havia muito tempo aspirava a essa alegria, desde o baile dos Narischkine, onde tivera o prazer inesquecível de vê-la.

Com as mulheres, Kuriaguine era muito mais simples e inteligente que na companhia dos homens. Falava ousada e simplesmente, e Natacha sentia-se agradavelmente impressionada por ver que esse homem, de quem se dizia tanta coisa, nada tinha de terrível e que, muito ao contrário, seu sorriso era o mais ingênuo, mais alegre e mais meigo que se podia imaginar.

Kuriaguine pediu sua impressão do espetáculo e contou-lhe que na apresentação anterior Semionovna caíra quando representava.

— Sabe, condessa, que estão anunciando um concurso de fantasia? Devia participar, será muito divertido. Todos se reúnem na casa das Kariaguinas. Peça-lhe, não deixe de ir! — disse subitamente como se falasse a uma velha amiga.

Dizendo isso, não despregava os olhos sorridentes do rosto, do pescoço e dos braços nus de Natacha. Ela estava certa de ser admirada; isso a alegrava, mas sem saber por que sentia que a presença dele a deixava constrangida. Quando não o fitava sentia que ele olhava seus ombros e, contra a vontade, interpunha-lhe o olhar, preferindo que ele a fitasse nos olhos. Mas, quando seus olhares se cruzavam, ela sentia com pavor que entre eles não havia nenhuma barreira nem o pudor que sentia diante dos outros homens. Sem saber mesmo como, ao cabo de cinco minutos, Natacha sentia-se completamente íntima desse homem. Quando se virava, temia que, por trás, ele lhe segurasse o braço nu ou a beijasse na nuca. Falavam das coisas mais triviais, e ela sentia que eram íntimos como nunca fora antes com outro homem. Natacha voltou-se para Helena e seu pai como se quisesse perguntar-lhes o que significava tudo isso, mas Helena estava absorvida numa conversa com um general e não respondeu a seu olhar, e o de seu pai não lhe disse nada além do que lhe era habitual: “Estás contente, sabes que isso me alegra!”

Para quebrar o silêncio constrangedor durante o qual Anatole, com seus olhos salientes, a contemplava tranquila e obstinadamente, Natacha perguntou-lhe se

gostava de Moscou. Fez a pergunta e corou; parecia-lhe estar fazendo algo inconveniente em falar com ele. Anatole sorriu como que para encorajá-la.

— No começo não gostei muito, porque o encanto de uma cidade está nas mulheres bonitas, não acha? Pois bem, agora Moscou me agrada muito — respondeu, contemplando-a gravemente. — Podemos contar com sua presença no concurso de fantasias, condessa? Não deixe de ir — insistiu, procurando alcançar uma flor que enfeitava o seu vestido e, baixando a voz, acrescentou: — Será a mais linda, condessa, e como garantia dê-me essa flor.

Natacha não compreendeu o que ele dizia, como ele próprio também não compreendeu, mas ela sentia em tudo isso qualquer coisa de inconveniente. Sem saber que resposta dar, virou-se como se não tivesse ouvido. Mas logo lembrou-se que ele se achava muito perto, atrás dela. “O que estará ele fazendo neste momento? Estará confuso, zangado? Devo reparar isso?”, perguntou Natacha a si mesma e não pôde deixar de virar-se novamente. Fitou-o dentro dos olhos e sua proximidade, seu ar de segurança, sua ternura jovial e seu sorriso meigo a venceram. Sorriu, continuando a fitá-lo. E novamente sentiu com horror que entre eles não havia nenhuma barreira.

O pano levantou mais uma vez. Anatole, alegre e satisfeito, deixou a frisa. Natacha voltou para junto do pai, já completamente submetida ao mundo que a cercava. Tudo que via agora parecia-lhe natural, mas em compensação suas antigas impressões sobre o noivo, a princesa Maria, a vida no campo não lhe vieram uma só vez à mente, como se tudo se houvesse passado há muito tempo.

No quarto ato um demônio cantou gesticulando até o momento em que se abriu um alçapão sob seus pés, fazendo-o desaparecer. Foi tudo que Natacha viu do quarto ato. Alguma coisa a emocionava e atormentava e a causa dessa emoção era Kuriaguine, que involuntariamente ela acompanhava com o olhar. Quando saíram do teatro, Kuriaguine aproximou-se deles, chamou a carruagem, auxiliou-os a subir e, enquanto ajudava Natacha, apertou-lhe o braço acima do cotovelo. Rubra e confusa, Natacha olhou-o. Dois olhos brilhantes a fitavam, num sorriso terno. Só depois de chegar em casa foi que Natacha conseguiu refletir claramente sobre tudo que se havia passado e, subitamente, durante o chá que todos tomavam depois do teatro, lembrando-se do príncipe André, tomada de horror diante de toda aquela gente, deixou escapar um grito e correu para fora

da sala. “Oh! Estou perdida! Como pude consentir?” Por muito tempo ficou sentada com as mãos no rosto, procurando fazer uma ideia exata do que se passara sem poder compreender o que acontecera nem o que sentia. Tudo lhe parecia sombrio, obscuro e terrível. Lá, naquela imensa sala iluminada, ao som da música, Duport de pernas nuas, o casaco bordado de lantejoulas, pulava em tábuas úmidas, e moças, e velhos, e até Helena, decotada, com seu sorriso calmo e altaneiro, gritavam, entusiasmados: “Bravo!” Lá, à sombra dessa Helena, tudo lhe parecia claro e simples, mas agora, sozinha consigo própria, tudo tornava-se incompreensível. “Mas o que será isso? Por que esse receio que senti? Que remorso é esse que sinto agora?”, pensava.

Apenas à velha condessa Natacha poderia, deitada em sua cama, no escuro, contar tudo que se passava. Sabia que Sônia, com seus princípios severos e escrupulosos, não compreenderia nada e ficaria aterrada com sua confissão. Só consigo própria, Natacha procurava resolver o problema que a atormentava. “Estarei perdida para o amor do príncipe André ou não?”, perguntava consigo e num sorriso calmo respondia: “Que tola sou eu em me interrogar assim! O que foi que houve, afinal? Nada, não fiz nada, não o provoquei. Ninguém o saberá e nunca mais tornarei a vê-lo. Logo, está claro que não tenho de que arrepender-me e que o príncipe André pode amar-me *tal* como sou. Mas como *tal*? Ah! Meu Deus! Por que não está ele aqui?”

Natacha acalmou-se por um momento, mas de novo um instinto qualquer lhe disse que, apesar de tudo isso ser verdade, apesar de nada ter acontecido, a pureza de seu antigo amor pelo príncipe André estava acabada. Recordava novamente toda a sua conversa com Kuriaguine, recordava o rosto, os gestos, o sorriso meigo desse homem bonito e ousado no momento em que lhe apertara o braço.

XI

Anatole Kuriaguine vivia em Moscou porque seu pai o mandara embora de Petersburgo, onde ele gastava mais de vinte mil rublos anuais e ainda fazia dívidas cujo pagamento os credores exigiam do príncipe.

O príncipe declarou ao filho que pagaria a metade de suas dívidas pela última vez, mas sob a condição de ele ir para Moscou como ajudante de ordens do

comandante em chefe, função que o pai conseguira para ele, e que tratasse de encontrar um bom partido. Designou-lhe a princesa Maria e Júlia Kariaguina.

Anatole concordou e veio para Moscou, hospedando-se na casa de Pierre. A princípio Pierre recebeu-o sem grande entusiasmo, mas logo se habituou com ele. Às vezes divertiam-se juntos e, sob forma de empréstimo, dava-lhe dinheiro.

Chinchine tinha razão quando dizia que Anatole virara a cabeça das mulheres de Moscou principalmente por não se preocupar com elas e dar preferência às ciganas e às atrizes francesas, entre as quais Mademoiselle Georges, com quem, segundo diziam, suas relações eram muito íntimas. Não faltava a uma única orgia na casa de Danilov e de outros amigos de Moscou. Bebia noites inteiras e comparecia a todos os saraus e bailes do grande mundo. Atribuía-lhe certas aventuras com senhoras de Moscou e nos bailes cortejava algumas moças. Com as herdeiras ricas que, em geral, eram muito feias, nunca, porém, se adiantava demais, isso porque, o que todo o mundo ignorava, salvo seus amigos mais íntimos, Anatole há dois anos era casado. Dois anos antes, durante a estada de seu regimento na Polônia, um fidalgo polonês, não muito rico, o forçara a casar com sua filha. Pouco depois, Anatole separava-se da mulher e, sob promessa de dinheiro, conseguira do sogro a permissão de fazer-se passar por solteiro.

Anatole estava sempre contente com sua situação, consigo próprio e com os outros. Por instinto convencera-se de que não poderia mudar de vida e de que nunca fizera mal a ninguém. Não pensava e era incapaz de refletir nas consequências que seus atos poderiam ter para os outros e do que poderia acontecer. Estava convencido de que, assim como o pato devia viver dentro d'água, ele fora feito por Deus de tal forma a despender trinta mil rublos anuais e uma situação preponderante na sociedade. Estava de tal sorte convencido disso que, ao vê-lo, os outros também se convenciam e não lhe recusavam nem o lugar preponderante, nem o dinheiro que pedia emprestado ao primeiro que aparecesse, sem a menor intenção de devolvê-lo.

Não era jogador, isto é, não desejava o ganho; não era vaidoso, pouco se importava com o que dissessem dele, também não era ambicioso. Várias vezes decepcionara o pai prejudicando sua própria carreira ao zombar de honrarias. Não era avarento e atendia aos pedidos de quem quer que fosse. A única coisa que gostava era dos prazeres e das mulheres, e como, segundo suas concepções,

esses gostos em nada contrariavam a nobreza, como era incapaz de refletir sobre as consequências para os outros de suas satisfações e gostos, considerava-se um homem irrepreensível, desprezava sinceramente os covardes e os maus e, de consciência tranquila, levava a vida de cabeça erguida.

Os farristas, essas madalenas masculinas, têm um sentimento secreto de convicção da sua inocência, baseado, como as madalenas femininas, no espírito do perdão. “Tudo lhe será perdoado porque ela amou muito e a eles muito há que perdoar, porque muito se divertiram.”

Dolokhov, que nesse ano reaparecera em Moscou depois de suas aventuras na Pérsia, levando uma vida luxuosa de jogo e orgia, reaproximou-se de seu velho camarada Kuriaguine, aproveitando-se dele para os primeiros passos.

Anatole gostava sinceramente de Dolokhov pelo seu espírito e sua bravura. Dolokhov precisava do nome e das relações de Anatole Kuriaguine, a fim de atrair rapazes ricos para sua roda de jogadores, e, sem que ele o percebesse, tirava proveito dele e divertia-se à sua custa. Além do cálculo, segundo o qual Anatole lhe era necessário, o simples fato de dirigir a vontade de um outro era o prazer habitual de Dolokhov e uma necessidade para ele.

Natacha impressionara fortemente Kuriaguine. Durante a ceia, depois do espetáculo, como grande conhecedor, analisara, na presença de Dolokhov, as qualidades de seus braços, seus ombros, seus pés, seus cabelos e concluiu dizendo-se disposto a fazer-lhe a corte. Quanto ao que pudesse acontecer, Anatole era incapaz de pensar ou prever, não sabendo nunca das consequências de seus atos.

— Ela é bonita, meu caro, mas não é para nós — disse Dolokhov.

— Pedirei à minha irmã que a convide para almoçar, que achas? — perguntou Anatole.

— Acho preferível esperares que ela case...

— Tu sabes, adoro as meninas. Elas logo perdem a cabeça — disse Anatole.

— Tu já te estragaste com uma menina — observou Dolokhov, que conhecia sua história.

— Mas duas vezes é impossível, não é verdade? — retrucou Anatole, rindo de satisfação.

XII

No dia seguinte, os Rostov não saíram e ninguém os visitou.

Maria Dmitrievna, às escondidas de Natacha, falou com o pai dela. Natacha adivinhou que falavam do velho príncipe, inventando alguma coisa, e sentiu-se inquieta e ofendida. Esperava o príncipe André a qualquer momento e por duas vezes, nesse dia, mandou um criado até Vozdvijenka, para saber se ele não havia chegado. Ainda não chegara, e agora a espera lhe era ainda mais penosa que os primeiros dias de sua chegada a Moscou. À impaciência e à tristeza acrescentavam-se agora a lembrança desagradável de seu encontro com a princesa Maria e o velho príncipe e um medo e uma inquietação cuja causa ignorava. Parecia-lhe sempre que ele nunca voltaria ou que antes de sua vinda aconteceria alguma coisa com ela. E já não podia como antes pensar nele tranquila e demoradamente. Assim que começava a pensar, a essa lembrança sobrepunha-se a do velho príncipe e da princesa Maria, a do último espetáculo e a de Kuriaguine, e novamente indagava se era culpada ou não, se fora infiel ao príncipe André, e mais uma vez recordava, nos mínimos detalhes, cada palavra, cada gesto, cada expressão desse homem que sabia despertar nela um sentimento incompreensível e terrível.

Aos olhos das pessoas da casa, Natacha parecia mais animada que normalmente, mas ela já não se sentia tão calma e feliz como antes.

Domingo pela manhã, Maria Dmitrievna levou seus hóspedes à igreja da Assunção, na sua paróquia, para assistirem à missa.

— Não gosto das igrejas da moda — costumava dizer, sem ocultar o orgulho que lhe dava essa independência. — Deus é o mesmo em toda a parte. Nosso padre é muito bom, e reza a missa muito bem e com bastante distinção, o diácono também. Haverá mais santidade só pelo fato de o coro fazer um concerto? Não gosto disso, pende para a idolatria.

Maria Dmitrievna gostava do domingo e sabia aproveitá-lo. No sábado sua casa era completamente lavada e limpa, seus criados e ela não trabalhavam no domingo, cada um vestia seus trajes de festa e todos iam à missa. Ao almoço dos amos acrescentavam-se alguns pratos, e aos criados davam-se aguardente, pato assado ou leitões. Em lugar nenhum se tinha tamanha impressão de festa como

na fisionomia de Maria Dmitrievna, que, nesse dia, recebia a todos com uma expressão imutável de solenidade.

Depois de servido o café, após a missa, no salão onde haviam tirado as capas dos móveis, vieram anunciar a Maria Dmitrievna que a carruagem estava pronta. Com um ar severo, paramentada com seu xale de festa, que usava para fazer visitas, ela levantou-se declarando que ia à casa do príncipe Nicolau Andreievitch Bolkonski, a fim de tratar com ele a respeito de Natacha.

Depois da partida de Maria Dmitrievna, chegou a costureira de Madame Chalmet, e Natacha, contente com a distração, fechou-se no aposento que ficava ao lado do salão para experimentar o vestido novo. Enquanto enfiava o corpete ainda alinhavado, sem as mangas e, virando a cabeça, olhava-se no espelho para ver como ficava nas costas, ouviu no salão os sons animados da voz de seu pai e de uma voz de mulher que a fez corar: era a de Helena. Natacha mal tivera tempo de experimentar o vestido quando a porta se abriu e a condessa Bezukhov entrou sorrindo docemente, com um magnífico vestido de veludo lilás escuro de gola alta.

— *Ah! Ma délicieuse! Charmante!* — disse ela à Natacha, que estava toda confusa. — Não, isso é o cúmulo, meu caro conde — voltou-se a Ilia Andreievitch, que entrava atrás dela. — Como viver em Moscou e não ir a parte alguma? Não, não consinto. Hoje à noite, Mademoiselle Georges declamará em minha casa e receberei alguns amigos, e se o senhor não levar suas beldades, que estão muito acima de Mademoiselle Georges, não o conheço mais. Meu marido não está no momento, viajou para Tver, do contrário o teria mandado convidar. Espero-o com certeza, apareça às nove horas.

Fez um cumprimento de cabeça à costureira, sua conhecida, a qual se inclinou muito respeitosamente. Depois sentou-se diante do espelho, desdobrando artisticamente os vincos de seu vestido de veludo. Não parava de conversar alegremente, enquanto admirava a beleza de Natacha. Examinava seus vestidos e os elogiava, gabando-se também de seu vestido novo de gaze metálica recebido de Paris, e aconselhando Natacha a mandar fazer um igual.

— A você, belezinha, não há o que não fique bem.

Um sorriso de satisfação não abandonava o semblante de Natacha. Sentia-se feliz e alegre com os elogios dessa surpreendente condessa Bezukhov, que antes

lhe parecia uma dama tão inacessível e importante, e agora se mostrava tão gentil com ela. Natacha estava satisfeita e quase apaixonada por essa mulher tão bonita e tão simpática.

De sua parte, Helena, admirava sinceramente Natacha e queria diverti-la. Anatole pedira que lhe proporcionasse um encontro com Natacha, e por isso ela procurava os Rostov. A ideia de aproximá-la de seu irmão a divertia.

Apesar de ter ficado enciumada de Natacha por lhe ter roubado Boris em Petersburgo, agora não pensava mais nisso, e de todo o coração desejava seu bem. Ao deixar os Rostov, falou em particular com sua protegida.

— Ontem meu irmão almoçou conosco. Rimos a não poder mais: não mudou nada e suspira pela senhora, minha beleza. Ele está louco, mas positivamente louco de amor pela senhora, minha querida.

Ouvindo essas palavras Natacha corou muito.

— Como ela cora, como ela cora, *ma délicateuse!* Tem de ir! Se ama alguém, *ma délicateuse*, não é razão para se enclausurar. Mesmo se está comprometida, tenho certeza de que o seu noivo preferiria que você frequentasse a sociedade na sua ausência, em vez de morrer de tédio — concluiu Helena.

“Então ela sabe que estou noiva. Com seu marido, com Pierre, esse bom Pierre, conversam e riem disso. Então, não tem importância.” E novamente sob a influência de Helena, o que, antes, lhe parecia terrível, agora achava simples e natural. “E ela, tão grande dama, tão encantadora, como se vê, gosta muito de mim... Por que não me divertir?”, pensava Natacha, fitando em Helena seus enormes olhos bem abertos.

Maria Dmitrievna, taciturna e séria, voltou para o jantar. Evidentemente havia sido derrotada na casa do velho príncipe. Estava muito emocionada com o que acontecera para ter ânimo de contar tranquilamente. A uma pergunta do conde respondeu que tudo ia bem e que contaria no outro dia. Tendo sabido da visita da condessa Bezukhov e do convite que fizera para o sarau, disse:

— A companhia da senhora Bezukhov não me agrada e eu não a aconselho. Mas, se prometeste, vai, isso te distrairá — acrescentou, dirigindo-se à Natacha.

O conde Ilia Andreievitch levou suas filhas ao sarau da condessa Bezukhov. Havia muita gente, mas quase todos eram desconhecidos de Natacha. O conde Ilia Andreievitch notou com descontentamento que os convidados, na sua maioria, eram homens e damas conhecidos pela liberdade de seus costumes. Cercada de rapazes, Mademoiselle Georges estava num canto do salão. Havia alguns franceses, e entre eles Métivier, que desde a chegada de Helena a Moscou se tornara íntimo da casa.

O conde Ilia Andreievitch resolveu não jogar, não perder de vista suas filhas e retirar-se assim que Mademoiselle Georges houvesse declamado.

Junto da porta, Anatole, evidentemente, aguardava a chegada dos Rostov. Tendo cumprimentado o conde, logo aproximou-se de Natacha, seguindo-a. Assim que o viu, como no teatro, Natacha sentiu-se invadida pelo prazer orgulhoso de agradar-lhe e pelo medo que lhe causava a ausência de qualquer barreira entre eles. Helena recebeu Natacha alegremente, elogiando bem alto sua beleza e seu vestido. Logo depois Mademoiselle Georges retirou-se para mudar de traje. No salão começavam a arrumar as cadeiras, e Anatole aproximando uma cadeira de Natacha quis sentar-se a seu lado, mas o conde, que estava atento, adiantou-se. Anatole colocou-se atrás.

No espaço deixado vago, diante das cadeiras, surgiu Mademoiselle Georges, com seus grossos braços nus e um xale vermelho enrolado, atirado no ombro, tomando uma pose afetada. Zum-zuns entusiastas se fizeram ouvir. Severa e sombriamente, Mademoiselle Georges fitou o público e começou a recitar uns versos franceses que falavam de seu amor criminoso pelo filho. Em certas passagens levantava a voz, e, em outras, declamava em surdina, levantando triunfalmente a cabeça, em outras ainda, parava e deixava escapar sons roucos, arregalando os olhos.

— Adorável! Divino! Delicioso! — ouvia-se de todos os lados. Natacha olhava a gorda Georges, mas não entendia nada do que se fazia diante dela. Novamente sentia-se mergulhada nesse mundo estranho, louco, tão distante do outro mundo, nesse mundo onde não se pode saber onde está o bem, onde está o mal, o que é razoável e o que é insensato. Anatole estava sentado atrás dela, e sentindo-o tão perto, assustada, esperava alguma coisa.

Depois do primeiro monólogo, todos se levantaram, cercando Mademoiselle Georges e exprimindo-lhe o entusiasmo geral.

— Como é bonita! — disse Natacha ao pai, que, como os outros, se levantava e, atravessando a multidão, aproximava-se da atriz.

— Quando vejo a senhora, não concordo — disse Anatole, que acompanhava Natacha. Disse isso no momento em que só ela podia ouvi-lo. — É encantadora... Depois que a vi não deixei de...

— Vem, vem, Natacha — disse o conde, voltando-se e procurando a filha. — Como é linda!

Sem dizer uma palavra, Natacha aproximou-se do pai e o fitou com olhos surpresos e interrogadores.

Depois de outras declamações, Mademoiselle Georges retirou-se e a condessa Bezukhov levou os convidados para o salão.

O conde quis retirar-se, mas Helena suplicou-lhe que não estragasse o baile improvisado. Os Rostov ficaram. Anatole convidou Natacha para a valsa, e, enquanto dançava, apertou-a pela cintura e mão, dizendo-lhe que era encantadora e que a amava. Durante a escocesa, que ela também dançou com Kuriaguine, quando ficaram sós, Anatole limitou-se a olhá-la sem dizer uma palavra. Natacha indagava se não seria um sonho o que ouvira durante a valsa. Depois da primeira figura, apertou-lhe a mão novamente. Natacha lançou-lhe um olhar assustado, mas nos olhos meigos e no sorriso dele havia tanta ternura que, ao fitá-lo, não pôde dizer o que pretendia. Ela baixou os olhos.

— Não me diga essas coisas, sou noiva, amo outro — disse muito rapidamente.

Fitou-o. Anatole não estava constrangido nem magoado com o que ela lhe dissera.

— Não me diga isso, que importância tem? Sei apenas que estou apaixonado pela senhora, loucamente apaixonado. Tenho culpa se é tão encantadora?!... Quem começa a figura agora somos nós.

Animada e perturbada, com os olhos arregalados e assustados, Natacha olhava em torno de si e parecia mais alegre que de costume. Não compreendia quase nada do que estava se passando naquela noite. Dançaram a escocesa e a *Grossvater*. Seu pai quis ir, mas ela pediu para ficar. Onde quer que estivesse, conversando ou não, sentia o olhar dele pousado sobre ela. Depois lembrou-se que pedira licença ao pai para ir até o toucador feminino a fim de arrumar o

vestido, que Helena a seguira e, rindo, lhe falara do amor de seu irmão, e, que na pequena sala ao lado, novamente encontrara Anatole, que Helena havia desaparecido e que ela ficara a sós com Anatole e que ele, segurando-lhe a mão, dissera numa voz terna:

— Não posso visitá-la, mas não a verei de novo? Amo-a loucamente. Será que nunca?... — E, barrando-lhe a passagem, aproximara o rosto do dela.

Dois grandes olhos de homem, brilhantes, estavam tão próximos, que ela não via mais nada.

— Natália! — murmurou Anatole, apertando-lhe fortemente a mão. — Natália!

“Não compreendo nada, nada tenho a dizer”, respondia o olhar dela.

Lábios ardentes tocaram os dela, e nesse momento sentiu-se novamente livre e um barulho de passos e farfalhar do vestido de Helena se fizeram ouvir. Natacha olhou Helena; depois, corada e trêmula, fitou-o com um ar assustado e interrogador, dirigindo-se para a porta.

— Uma palavra, uma palavra só, pelo amor de Deus! — disse Anatole.

Ela parou. Era-lhe tão necessário ouvir essa palavra que explicaria todo o acontecido e ao qual ela responderia!

— Natália, uma palavra, uma só! — repetia Anatole, não sabendo o que dizer. E continuou repetindo até o momento em que Helena chegou junto deles.

Helena levou Natacha para o salão. Sem esperar a ceia, os Rostov se retiraram.

Natália passou toda a noite sem dormir. Atormentava-a o problema insolúvel: amava Anatole ou o príncipe André? Amava o príncipe André, lembrava-se vivamente o quanto o amava; mas também amava Anatole, era indiscutível. “De outra forma, como poderia ter acontecido isso?”, pensava. “Depois do que se passou, se me foi possível, ao despedir-me, ainda sorrir ao seu sorriso, é sinal de que o amei desde o primeiro momento. Logo, ele é bom, nobre, bonito e não é possível deixar de amá-lo. O que devo fazer se o amo e se também amo outro?”, indagava, sem poder responder a essas terríveis perguntas.

A manhã chegou com suas ocupações e seu corre-corre. Todos se levantaram, se agitaram e começaram a falar. Novamente as costureiras chegaram. Maria Dmitrievna saiu do quarto e o chá foi servido. Natacha, com os olhos mais abertos que de costume, como se quisesse apreender cada olhar que lhe fosse dirigido, olhava perturbada a todos e procurava parecer tal como era sempre. Depois do café da manhã Maria Dmitrievna (era seu melhor momento), sentada numa poltrona, chamou Natacha e o velho conde.

— Olhem, meus amigos, agora já refleti sobre o nosso caso e o meu conselho é o seguinte — começou. — Ontem estive na casa do príncipe Nicolau, como sabem, e conversei com ele... Ele pôs-se a gritar, mas eu gritei ainda mais alto! Disse-lhe tudo que tinha a dizer!

— E o que disse ele? — perguntou o conde.

— Ele? É um louco... Não quer saber de nada. Pois bem, não há mais nada a dizer. Já atormentamos o suficiente essa pobre menina. Meu conselho é liquidar os negócios por aqui e voltar para Otradnoie, e lá esperar...

— Ah! Não! — exclamou Natacha.

— Sim, é preciso esperar lá. Se o noivo chegar agora, a coisa não se resolverá sem briga. Ele se explicará com o velho a sós e depois irá procurá-los.

Ilia Andreievitch aprovou esse conselho, cujo alcance logo compreendeu. Se o velho cedesse, sempre haveria tempo para visitá-lo em Moscou ou em Lissia-Gori. Caso contrário, se o casamento se realizar contra sua vontade, só poderia ser em Otradnoie.

— Nada mais acertado, só lamento tê-lo procurado e levado minha filha — disse o velho conde.

— Não, por que lamentar? Estando aqui, por delicadeza não poderiam ter feito de outra maneira. Mas se ele não quer, é problema dele — disse Maria Dmitrievna, procurando alguma coisa na sua bolsa. — O enxoval está pronto, por que esperar mais? O que não estiver pronto, mandarei depois. Lamento muito que tenham de partir, mas é o que há de melhor a fazer, que Deus os acompanhe.

Tendo encontrado na bolsa o que procurava, entregou a Natacha. Era uma carta da princesa Maria.

— Ela te escreveu, a coitada anda atormentada no receio de que penses que ela não gosta de ti.

— Mas ela não gosta de mim — disse Natacha.

— Não digas bobagens — exclamou Maria Dmitrievna.

— Não acreditarei em ninguém. Sei que ela não gosta de mim — retrucou Natacha ousadamente, pegando a carta. E seu semblante exprimia uma resolução fria e má que forçou Maria Dmitrievna a encará-la de cenho franzido.

— Minha amiguinha, não fales desse jeito, o que estou dizendo é a verdade. Escreve a resposta.

Natacha não respondeu nada e correu para o quarto, onde leu a carta da princesa Maria.

A princesa escrevia-lhe que estava triste por causa do mal-entendido surgido entre elas, pedia a Natacha que acreditasse, quaisquer que fossem os sentimentos do pai, que ela só poderia amá-la como a eleita de seu irmão, pela felicidade de quem estava disposta a tudo sacrificar.

“No entanto”, continuava, “não creia que meu pai lhe queira mal. É um homem velho e doente, devemos desculpá-lo. Mas ele é bom, magnânimo e não deixará de amar aquela que fizer a felicidade de seu filho”. A princesa Maria pedia a Natacha que marcasse um dia para de novo se falarem.

Depois de ler essa carta, Natacha sentou-se para escrever a resposta: “*Chère princesse*”, escreveu rápida e maquinalmente, depois parou. O que poderia escrever depois do acontecido na véspera? “Sim, sim, tudo isso era assim, mas agora é muito diferente!” pensava, sentada diante da carta começada. “É preciso recusar. É necessário! É horrível...” E para esquecer esses pensamentos terríveis, foi procurar Sônia e começou a olhar uns bordados com ela.

Depois do almoço Natacha voltou para o quarto na intenção de continuar a carta para a princesa Maria. “Estará tudo acabado? Tudo aconteceu tão rapidamente, estará arrasado todo o passado?” Lembrava-se da força de seu amor pelo príncipe André e, ao mesmo tempo, sentia que amava Kuriaguine. Via-se mulher do príncipe André, imaginava com vividez o quadro, tantas vezes presente na sua imaginação, de sua felicidade com ele, e, ao mesmo tempo, inflamava-se de emoção relembrando os detalhes do encontro da véspera com Anatole. “Por que a gente não pode juntar as duas coisas?”, pensava várias vezes, completamente aturdida. “Só assim eu poderia ser inteiramente feliz, mas sem um dos dois não poderei sê-lo. Dizer ao príncipe André o que se passou ou esconder-lhe são duas coisas igualmente impossíveis. E, com *aquele*, nada ainda

está perdido. Mas terei que renunciar para sempre à felicidade do amor do príncipe André, felicidade com a qual vivi tanto tempo?”

— Senhorita — sussurrou a criada, entrando em seu quarto com um ar misterioso —, um homem ordenou-me que lhe entregasse isso. — E estendeu-lhe uma carta. — Mas, em nome de Cristo, condessa... — continuou, enquanto Natacha, sem pensar, num movimento inconsciente rompia o selo e lia a carta de amor de Anatole, que ela não compreendia, exceto que era dele, do homem que amava. Sim, ela o amava, sem isso, o que aconteceu poderia ter acontecido? Essa carta de amor poderia estar em suas mãos?

Com as mãos trêmulas, Natacha segurava essa carta apaixonada que Dolokhov escrevera para Anatole e, lendo-a, encontrava o eco de tudo que acreditava sentir dentro de si.

A carta começava com estas palavras: “Desde ontem, decidi-se meu destino! O seu amor ou a morte, não tenho outra possibilidade.” Escrevia também que os pais dela não consentiriam, devido a certas razões misteriosas que só poderia explicar pessoalmente, mas que, se ela o amasse, dissesse esta palavra: *sim*, e nenhuma força humana os impediria de serem felizes. O amor venceria tudo. Ele a raptaria levando-a para o fim do mundo.

“Sim, sim, amo-o”, pensava Natacha, relendo essa carta pela vigésima vez e procurando em cada palavra um sentido particular, profundo.

Nessa noite Maria Dmitrievna visitou os Arkharov e convidou as meninas para irem com ela. Pretextando uma dor de cabeça, Natacha ficou em casa.

XV

Voltando tarde da noite, Sônia entrou no quarto de Natacha e surpreendeu-se em ver que ela adormecera vestida no sofá. Em cima da mesa viu a carta de Anatole. Sônia apanhou-a e começou a ler.

Lia e olhava Natacha adormecida, procurando no seu semblante, sem encontrar a explicação do que estava lendo. O rosto de Natacha estava calmo e feliz. Com as mãos no peito para não sufocar, pálida e trêmula de emoção, Sônia sentou-se e desatou em lágrimas.

“Como foi que eu não vi nada? Como isso pôde ir tão longe? Ela já não ama o príncipe André? E como permitiu que Kuriaguine fizesse isso? É um fingido, um

miserável, está claro. O que fará Nicolau, o que dirá esse encantador e nobre Nicolau ao saber disso? Eis o que significava seu semblante comovido, decidido e pouco natural de anteontem, ontem e hoje. Mas não é possível que ela o ame. Provavelmente abriu essa carta sem saber de quem vinha. Sem dúvida ofendeu-se. “Ela não pode fazer isso”, pensava Sônia.

Enxugou as lágrimas, aproximou-se de Natacha e, mais uma vez, fitou-a atentamente.

— Natacha! — chamou quase em voz baixa.

Natacha acordou-se e viu Sônia.

— Ah! Já estás de volta? — E com a ternura e decisão peculiares no momento do despertar, beijou sua amiga. Mas, percebendo a perturbação de Sônia, logo ficou constrangida e desconfiada.

— Sônia, leste a carta? — perguntou.

— Sim! — respondeu Sônia docemente.

Natacha sorriu cheia de alegria.

— Não, Sônia, não posso esconder isso de ti. Sabes, nós nos amamos, Sônia, minha querida, ele escreve... Sônia...

Não podendo acreditar nos seus ouvidos, Sônia fitava Natacha com os olhos arregalados.

— E Bolkonski? — perguntou.

— Ah! Sônia! Ah! Se tu soubesses como sou feliz. Tu não sabes o que é o amor.

— Mas, Natacha, será que já está tudo acabado com o outro?

Arregalando os olhos Natacha fitava sua amiga como se não compreendesse a pergunta.

— Como! Rompes com o príncipe André? — perguntou Sônia.

— Ah! Tu não compreendes nada, não digas bobagens. Ouve — retrucou Natacha agastada.

— Não, não posso acreditar — repetiu Sônia —, não compreendo como te foi possível amar um homem durante um ano inteiro e de repente... Mas tu só o viste três vezes, Natacha! Não posso crer, estás brincando. Em três dias esquecer tudo e...

— Três dias! A mim parece que o amo há cem anos! Sinto que nunca ameie ninguém antes dele. Tu não podes compreender, Sônia. — Natacha beijou-a. — Já me haviam contado que isso acontece, provavelmente também já ouviste falar, mas só agora senti esse amor. É diferente. Desde que o vi, senti que ele era meu senhor, que eu era sua escrava e que me era impossível deixar de amá-lo. Sim, escrava! Qualquer coisa que ele me ordenar eu cumprirei. Tu não compreendes. O que fazer, Sônia? — perguntou Natacha com a fisionomia feliz e assustada.

— Mas pensa no que estás fazendo, não posso deixar-te assim. Cartas misteriosas. Mas como pudeste consentir? — perguntou com uma repugnância e um horror que mal podia disfarçar.

— Mas eu já te disse que não tenho mais vontade própria. Como é que não compreendes isso? Eu o amo!

— Ah! Não consentirei! Vou contar tudo — exclamou Sônia com o rosto coberto de lágrimas.

— Em nome de Deus, o que estás dizendo? Se contares, és minha inimiga, queres a minha desgraça, queres que nos separem...

Diante desse temor de Natacha, Sônia derramou lágrimas de vergonha e piedade pela amiga.

— Mas o que se passou entre vocês? — perguntou. — O que foi que ele te disse? Por que ele não vem aqui?

Natacha não respondeu a essas perguntas.

— Por amor de Deus, Sônia, não digas nada a ninguém, não me faças sofrer! Lembra-te que a gente não se deve envolver nesses assuntos. Eu te revelei...

— Mas por que esse mistério? Por que ele não vem aqui? Por que não pede tua mão? O príncipe André te deu plena liberdade... Mas eu não creio, Natacha. Já pensaste no que poderiam consistir essas *razões misteriosas*?

Natacha fitava Sônia, muito admirada. Evidentemente essa pergunta se apresentava a ela pela primeira vez e não sabia como respondê-la.

— Que razões? Eu não sei, mas existem razões.

Sônia suspirou, sacudindo a cabeça com desconfiança.

— Se existem razões... — começou.

Mas, diante dessa dúvida, Natacha a interrompeu, apavorada.

— Sônia! Não se pode duvidar dele, não se pode, não se pode!

— Mas ele te ama?

— Se ele me ama? — repetiu Natacha com um sorriso de piedade pela falta de inteligência da amiga. — Tu leste a carta, tu a viste!

— Mas se não é um homem digno?

— Ele? Não é um homem digno? Se tu o conhecesses... — disse Natacha.

— Se ele é digno, deve declarar suas intenções ou deixar de procurar-te. E se tu não quiseses obrigá-lo a isso, eu o farei por ti. Eu lhe escreverei e contarei a nosso pai — disse resolutamente.

— Mas eu não posso viver sem ele — exclamou Natacha.

— Natacha, não posso te compreender! Lembra-te de teu pai, de Nicolau.

— Não preciso de ninguém. Não amo ninguém além dele. Mas como ousas dizer que ele não é digno? Não sabes que o amo? — exclamou Natacha. — Sônia, sai daqui, não quero zangar-me contigo, mas vai embora por amor de Deus! Estás vendo como me atormento! — gritou Natacha entre irritada e desesperada.

Soluçando, Sônia fugiu para o seu quarto.

Natacha aproximou-se da mesa e, sem refletir, escreveu à princesa Maria a resposta que não conseguira fazer toda a manhã. Dizia concisamente à princesa que o mal-entendido existente entre elas estava terminado, pois, aproveitando a magnanimidade do príncipe André, que, ao partir, lhe deixara plena liberdade, queria que a princesa a esquecesse e perdoasse se procedia mal, mas que não podia ser mulher do irmão dela. Tudo nesse momento lhe parecia tão fácil, tão simples, tão claro.

* * *

Sexta-feira os Rostov deviam partir para o campo. Na quarta o conde foi mostrar seu domínio próximo de Moscou a um provável comprador.

Nesse dia, Sônia e Natacha estavam convidadas para um grande jantar na casa dos Kuriaguine e Maria Dmitrievna as levou.

Ao jantar, Natacha encontrou novamente Anatole, e Sônia notou que ela falava com ele de forma que ninguém ouvisse, e que durante todo o jantar estava ainda mais agitada que antes.

Quando chegaram em casa, Natacha espontaneamente deu à amiga a explicação que ela esperava.

— Está aí, Sônia! Disseste uma série de tolices a respeito dele — começou Natacha com uma voz meiga, com aquele tom que as crianças usam quando querem que os outros as elogiem. — Hoje ficou tudo explicado.

— E aí? O que foi que ele te disse? Não imaginas como estou contente por não estares zangada comigo. Conta toda a verdade. O que foi que ele te disse?

Natacha ficou pensativa.

— Ah! Sônia, se tu o conhecesses como eu. Ele disse... Perguntou-me quais eram meus compromissos com Bolkonski. Alegrou-se ao saber que depende apenas de mim o rompimento.

Sônia suspirou tristemente.

— Mas tu não rompeu com Bolkonski...

— Talvez. Talvez tenha rompido. É possível que tudo esteja terminado com Bolkonski. Por que estás pensando mal de mim?

— Não penso nada, mas também não estou compreendendo...

— Espera, Sônia, compreenderás tudo. Verás que homem ele é. Não faças mau juízo de mim nem dele.

— Não faço mau juízo de ninguém. Quero bem e lastimo todo o mundo. Mas o que devo fazer?

Sônia não cedia ao tom terno no qual Natacha se dirigia a ela. Quanto mais a expressão de Natacha era terna e estudada, mais a de Sônia se tornava séria e severa.

— Natacha, tu me pediste para não falar mais nisso e eu te atendi. Agora, tu mesma começaste. Natacha, não tenho confiança nele. Por que esse mistério?

— Ainda! — interrompeu Natacha.

— Natacha, receio por ti.

— Mas de que tens medo?

— Tenho medo que te percas — disse Sônia resolutamente, apavorada com suas próprias palavras.

A fisionomia de Natacha, mais uma vez, tornou-se colérica.

— Eu me perderei! Me perderei! Me perderei e o mais ligeiro possível! Não é da conta de ninguém. Pior para mim e não para vocês. Deixa-me, deixa-me, eu te

odeio.

— Natacha! — exclamou Sônia, apavorada.

— Odeio! Odeio! És minha inimiga, e para sempre!

Natacha saiu do quarto. Não falava mais com Sônia e a evitava. Com a mesma expressão emocionada de surpresa e culpa, ela caminhava no seu quarto ocupando-se de uma ou outra coisa e abandonando-as em seguida.

Por doloroso que isso fosse para Sônia, ela acompanhava cuidadosamente a amiga.

Na véspera da volta do conde, Sônia notou que Natacha passou a manhã inteira sentada perto da janela da sala, como se aguardasse alguma coisa, e viu-lhe fazer um sinal a um militar que julgou ser Anatole.

Sônia começou a observar sua amiga ainda mais atentamente e notou que, durante todo o tempo do almoço e mesmo depois, o estado de espírito de Natacha era estranho e fora do natural. (Respondia sem o menor propósito às perguntas que lhe faziam, começava frases que não terminava e ria de tudo.)

Depois do chá, Sônia viu uma camareira toda trêmula esperando Natacha perto da porta. Deixou-a passar e, colada à porta, soube que uma nova carta chegara. Subitamente compreendeu que Natacha deveria ter um plano terrível para aquela noite. Bateu na porta do quarto dela, mas a prima não a deixou entrar.

“Vai fugir com ele”, pensou Sônia. “Ela é capaz de tudo. Hoje havia qualquer coisa de triste e resoluto em sua expressão. Ela chorou ao despedir-se do tio. Sim, não há dúvida, vai fugir com ele. E o que posso eu fazer?”, pensava Sônia, recordando todos os indícios que provavam claramente que Natacha alimentava algum projeto terrível. “O conde não está, o que posso fazer? Escrever a Kuriaguine e pedir-lhe uma explicação. Mas quem poderá obrigá-lo a responder? Escrever a Pierre, como recomendou o príncipe André, em caso de desgraça. Mas talvez ela já tenha realmente rompido com Bolkonski, ontem mandou uma carta à princesa Maria. O tio não está!” Falar com Maria Dmitrievna, que confiava tanto em Natacha, parecia-lhe horrível. “Mas de uma forma ou de outra”, pensava Sônia no corredor escuro, “agora ou nunca chegou o momento de eu provar que não esqueço os benefícios de sua família e que amo Nicolau. Não, passarei três noites sem dormir, mas não sairei deste corredor. Mesmo à

força, eu a impedirei de sair e não permitirei que a desonra respingue sobre sua família.”

XVI

Nos últimos tempos, Anatole morava com os Dolokhov. O plano de rapto da condessinha Rostov há muitos dias que já estava preparado e amadurecido por Dolokhov e, no dia em que Sônia escutou atrás da porta, decidida a montar guarda, esse plano deveria ser executado. Natacha prometera a Kuriaguine sair pela escada de serviço às dez horas e ir a seu encontro. Kuriaguine a esperaria num trenó e a levaria para a aldeia de Kamenka, a sessenta *verstas* de Moscou. Lá um pope degradado deveria casá-los.

Em Kamenka uma carruagem os esperava para levá-los até a estrada de Varsóvia, onde eles tomariam cavalos de posta, fugindo para o exterior. Anatole estava com o passaporte, permissão para a posta, dez mil rublos que pedira à irmã e outros dez mil que tomara emprestados por intermédio de Dolokhov.

Duas testemunhas: Khvostikov, antigo funcionário de quem Dolokhov se servia para o jogo de cartas, e Makarine, hussardo reformado, homem ingênuo e fraco que tinha uma amizade sem limites por Kuriaguine, estavam sentados na sala da frente tomando chá.

No grande gabinete, guarnecido de alto a baixo com tapetes persas, peles de ursos e armas, Dolokhov, em traje de viagem e botas altas, estava sentado junto da escrivaninha aberta, onde se viam as contas e os pacotes de dinheiro. Anatole, com a túnica desabotoada, caminhava dali para a sala onde as testemunhas estavam sentadas e para a sala dos fundos, onde seu laçao francês e outros criados arrumavam a última mala. Dolokhov contava o dinheiro e tomava notas.

— Bem, é preciso dar dois mil rublos a Khvostikov — disse.

— Então, dá de uma vez — concordou Anatole.

— Makarka (era como ele chamava Makarine) vai de graça; por ti é capaz de atirar-se no fogo ou na água. Olha, aqui estão as contas — disse Dolokhov, mostrando a folha. — Está certo?

— Sem dúvida — respondeu Anatole, que, visivelmente, não ouvia o que o amigo estava dizendo e olhava para a frente com um sorriso fixo.

Dolokhov fechou a escrivaninha e dirigiu-se a Anatole com um ar zombeteiro.

— Sabes de uma coisa? Deixa essa história toda, ainda está em tempo.

— Imbecil! — disse Anatole. — Deixa de dizer asneiras. Se tu soubesses... Mas só o diabo sabe o que é isso.

— Estou falando sério, deixa isso. Não se trata de uma brincadeira o que estás fazendo!

— Continuas de troça comigo. Ora, vai para o inferno e não me amoles, sim?!... — disse Anatole, enervando-se. — Não estou disposto a ouvir tuas baboseiras.

Saiu do quarto. Dolokhov sorriu com desprezo.

— Espera, espera! — disse a Anatole. — Não estou brincando, estou falando sério. Vem cá, vem cá.

Anatole voltou e, procurando prestar atenção, fitou Dolokhov. Visivelmente submetia-se a ele, apesar de tudo.

— Escuta, é a última vez que te falo. Por que havia de brincar contigo? Procurei impedir-te? Quem foi que arranjou tudo? Quem achou o padre? Quem foi buscar o passaporte? Quem arrumou o dinheiro? Fui eu.

— Não há dúvida, e eu te agradeço. Achas que não reconheço tudo isso?

Anatole suspirou e abraçou Dolokhov.

— Eu te ajudei, mas não posso deixar de dizer-te toda a verdade: é uma aventura perigosa e, pensando bem, bastante tola. Levarás a menina, maravilha. E depois? Pensas que isso vai ficar assim? Saberão que és casado e te arrastarão perante os tribunais...

— Ah! Ah! Bobagens! — disse novamente Anatole, franzindo o cenho. — Já te expliquei, não é verdade?

E com essa obstinação particular pelas próprias ideias, que é muito comum nos tolos, Anatole repetiu o raciocínio que Dolokhov ouvia pela centésima vez:

— Já te expliquei o que resolvi: Se esse casamento não é válido — disse, dobrando o dedo —, não tenho nenhuma responsabilidade, se é válido, dá no mesmo, e no exterior ninguém saberá disso. E agora não me fales mais, não me fales mais.

— Olha, o melhor é deixar isso, só servirá para te enredar...

— Vai para o inferno — disse Anatole. E com as mãos nos cabelos foi até o outro aposento, voltando em seguida e sentando-se numa cadeira de pernas abertas, bem perto de Dolokhov. — O diabo sabe como são as coisas, não é?

Olha como isto bate! — Tomou a mão de Dolokhov e apoiou-a contra seu peito.
— Que pé, meu caro! Que olhar! Uma deusa!

Dolokhov olhou-o com seu sorriso frio e seus belos olhos brilhantes, ousados. Via-se que pretendia divertir-se à sua custa.

— Muito bem! Gastarás o dinheiro, e depois?

— E depois? Ora! — repetiu Anatole, sinceramente surpreendido diante dessa ideia do futuro. — E depois?... Depois não sei!... Para que pensar nessas bobagens! — Consultou o relógio. — Está na hora.

Anatole foi até o último aposento.

— Como é, isso ainda vai demorar muito? Que pasmaceira é essa aí? — gritou aos criados.

Dolokhov guardou o dinheiro, chamou um criado para preparar algo para comer e beber para a viagem e entrou na sala onde Khvostikov e Makarine estavam sentados.

Anatole estava deitado no divã do gabinete, com a cabeça apoiada no braço. Sorria pensativamente e sua bela boca murmurava algumas palavras carinhosas.

— Bom, come alguma coisa. Bebe! — gritou Dolokhov da outra sala.

— Não quero — respondeu Anatole, continuando a sorrir.

— Vamos, Balaga chegou.

Anatole levantou-se e foi para a sala. Balaga era um cocheiro de trenó muito conhecido e hábil. Dolokhov e Anatole costumavam servir-se de sua *troika*. Várias vezes, nos últimos seis anos, quando o regimento de Anatole estava em Tver, ele o levava à noite para Moscou, aonde chegavam de madrugada, e no dia seguinte, à noite, estavam de volta. Várias vezes salvara Dolokhov de uma perseguição. Várias vezes, na cidade, os levava a passear com ciganas e “senhoras alegres”, como costumava dizer. Várias vezes, passeando com eles em Moscou, atropelou gente do povo e cocheiros, sempre conseguindo escapar, com a ajuda dos senhores, como ele os chamava, salvavam-no sempre. Com eles, exaurira vários cavalos. Várias vezes fora espancado por eles; várias vezes eles o haviam embriagado com champanhe e vinho madeira, de que ele tanto gostava. Conhecia várias malandragens deles, cada uma por si merecedora de condenação na Sibéria. Em suas orgias, muitas vezes convidavam Balaga e o forçavam a beber e dançar com os ciganos, e vários milhares de rublos passavam por suas

mãos. Por eles, arriscava a vida vinte vezes ao ano, e matara mais cavalos do que recebera em dinheiro. Mas gostava deles; gostava dessas corridas loucas a dezoito *verstas* a hora. Gostava de derrubar coches e atropelar pedestres, e percorrer a todo galope as ruas de Moscou. Gostava de ouvir aquelas vozes selvagens e cheias de vinho atrás de si: “Mais ligeiro! Mais ligeiro!” quando já não era possível aumentar a velocidade. Gostava de bater o chicote sobre as costas de um camponês que, sem reclamar, afastava-se mais morto que vivo. “Verdadeiros senhores!”, pensava.

Anatole e Dolokhov também estimavam Balaga por seu conhecimento artístico da profissão e porque gostavam das mesmas coisas que ele. Aos outros Balaga cobrava vinte e cinco rublos por uma corrida de duas horas, e muitas vezes não conduzia pessoalmente, mandando seus empregados. Mas com esses senhores, como os chamava, conduzia sempre pessoalmente e nunca lhes pedia dinheiro. Mas quando ele sabia, pelos lacaios, que havia dinheiro, apresentava-se de manhã, com grandes cumprimentos e mesuras, pedindo-lhes que o savessem. Eles sempre o faziam sentar.

— Salve-me, paizinho Fedro Ivanitch, ou Vossa Excelência — dizia. — Já não tenho cavalos e preciso ir à feira, façam o que lhes for possível.

Quando Anatole e Dolokhov tinham dinheiro, davam-lhe de mil a dois mil rublos.

Balaga era um camponês pequeno, de vinte e sete anos, louro, de cara corada e sombria, nariz arrebitado, o pescoço vermelho, forte, grosso, olhinhos brilhantes e uma pequena barbicha. Usava um cafetã de pano fino forrado de seda que ficava por cima da peliça.

Persignou-se com o rosto virado para o canto e aproximou-se de Dolokhov, estendendo-lhe sua mãozinha morena.

— Saúde, Fedor Ivanitch!

— Boa tarde, meu caro. Olha, ele já chegou!

— Boa tarde, Excelência! — disse ele a Kuriaguine, que entrava estendendo-lhe a mão.

— Balaga, gostas de mim ou não? — perguntou-lhe Anatole, descansando a mão no seu ombro. — Agora preciso de um favor teu. Com que cavalos vieste?

— Conforme me foi ordenado, vim com seus animais favoritos — disse Balaga.

— Então ouve, Balaga, mata teus cavalos, mas chega em três horas, sim?

— Se os matar, como chegaremos? — perguntou Balaga, piscando os olhos.

— Não brinques se não quiseses que te parta em dois! — gritou Anatole, arregalando os olhos.

— Por que brincar? — disse o cocheiro, sorrindo. — Será que recuso alguma coisa a meus senhores? Correremos tão velozmente quanto as forças dos cavalos permitirem.

— Muito bem! Senta — disse Anatole.

— Vamos, senta! — repetiu Dolokhov.

— Posso ficar em pé, Fedor Ivanitch.

— Não, senta. Bebe — disse Anatole, enchendo-lhe um grande copo de vinho madeira.

Os olhos do cocheiro se iluminaram vendo vinho. Recusou por delicadeza na primeira vez, mas bebeu tudo e enxugou a boca com um lenço de seda encarnada que guardava no gorro.

— E então, Excelência, quando partiremos?

— Bem... — Anatole consultou o relógio. — Imediatamente. Lembra-te, Balaga, terás que ser pontual.

— Mas isso depende da partida, se ela for boa. E por que não serei pontual? Já fomos a Tver em sete horas. Lembra-se, Excelência?

— Uma ocasião, no Natal, fui para Tver — disse Anatole, dirigindo-se sorridente a Makarine, que, com os olhos aumentados pela atenção, fitava Kuriaguine com ternura. — Imaginas tu, Makarine, nem podíamos respirar tal era a velocidade em que íamos. Não corríamos, nós voávamos. Encontramos no caminho um comboio e saltamos por cima de duas carroças. O que achas?

— Que cavalos! — continuou Balaga. — Eu havia atrelado dos lados cavalos novos. — E dirigindo-se a Dolokhov. — Creia, Fedor Ivanitch, durante sessenta *verstas*, não foi possível contê-los, minhas mãos estavam dormentes. Fazia um frio terrível, deixei cair as rédeas. Lembra-se, Excelência? Caí no trenó desse jeito. Não só era inútil atçar os cavalos, mas impossível fazê-los parar. Em três horas os demônios nos levaram! Apenas o da esquerda morreu.

XVII

Anatole saiu do quarto, voltando alguns minutos depois vestindo uma peliça com um cinto de prata, trazendo um pouco de lado o gorro de zibelina, que caía muito bem em seu belo rosto. Olhou-se no espelho, escolheu uma pose e, nessa pose, colocando-se de frente para Dolokhov, pegou um copo de vinho.

— Muito bem, Fédia, adeus, obrigado por tudo, adeus. Muito bem! Camaradas! Meus amigos... — Ficou pensativo... — De minha mocidade... Adeus... — disse a Makarine e aos demais.

Embora todos fossem com ele, evidentemente Anatole queria fazer, perante seus camaradas, qualquer coisa de comovente e solene. Balançando a perna, com o peito para a frente, falava em voz lenta e alta.

— Todos peguem um copo, tu também, Balaga. Muito bem! Meus camaradas, amigos de minha mocidade, farreamos juntos, vivemos, não é? Agora, quando voltaremos a ver-nos? Vou para o exterior. Que boa vida levamos. Adeus, meus camaradas. À saúde de todos! Hurra!... — Esvaziou o copo e o jogou ao chão, quebrando-o.

— Saúde! — disse Balaga, esvaziando também o copo e limpando a boca com o lenço. Com os olhos cheios d'água, Makarine abraçou Anatole.

— Ah! Príncipe, que tristeza separar-me de ti! — exclamou.

— Vamos, vamos! — gritou Anatole.

Balaga se preparava para sair.

— Não, espera — disse Anatole. — Fechem a porta, é preciso sentar. [\[29 \]](#) Pronto, assim.

Fecharam a porta e todos se sentaram.

— Muito bem, agora vamos, meus amigos! — disse Anatole, levantando-se.

O laçao José deu a Anatole seu alforje e seu sabre, cumprimentou-o e todos se dirigiram para o vestíbulo.

— Onde está a peliça? — perguntou Dolokhov. — Tu, Ignate, vai procurar Matrena Matvieвна, pede a peliça de mulher, o casacão de zibelina. Eu sei como essas coisas acontecem — disse, piscando os olhos. — Ela sairá mais morta que viva, tal como está em casa. Se atrasa um instante, logo virão as lágrimas... Papai, mamãe... Ficarà gelada e será preciso voltar. Mas tu a enrolas imediatamente na peliça e a traz para o trenó.

O laçao trouxe um casacão forrado de pele.

— Imbecil! Eu pedi a zibelina. Eh! Matrecha, a zibelina! — gritou com tanta força que sua voz ressoou em todos os aposentos.

Uma cigana, bonita, magra, pálida, olhos brilhantes e negros, cabelos negros encaracolados, coberta com um xale vermelho, correu trazendo o casacão de zibelina.

— Pensas que eu me importo? Toma — disse ela, visivelmente intimidada com seu amo e lamentando a perda do casacão.

Sem responder, Dolokhov tomou a peliça, atirou-a sobre Matrecha, agasalhando-a.

— Olha, assim, depois assim — disse, levantando a gola em volta da cabeça e só deixando a descoberto uma parte do rosto. — Depois, estás vendo?, assim. — E aproximou a cabeça de Anatole da abertura deixada pela gola e onde se via o sorriso brilhante de Matrecha.

— Muito bem! Adeus, Matrecha — disse Anatole, beijando-a. — As farras aqui terminaram. Lembranças a Stiocha. Muito bem! Adeus! Adeus, Matrecha, deseja-me felicidades.

— Sem dúvida! Só quero que Deus lhe conceda a maior felicidade — disse Matrecha com seu acento de cigana.

Duas *troikas* estavam diante do patamar, dois jovens cocheiros cuidavam dos cavalos. Balaga sentou-se na *troika* da frente e, sem apressar-se, levantando os cotovelos, arrumou as rédeas. Anatole e Dolokhov subiram nessa *troika*, Makarine e Khvostikov instalaram-se na outra.

— Como é, estão prontos? — perguntou Balaga. — Vamos! — gritou, enrolando as rédeas na mão, e a *troika* voou na direção do bulevar Nikitzki.

— Eh!... Cuidado! Eh... — gritavam Balaga e seu ajudante que estava sentado no mesmo banco. Na praça Arbate a *troika* foi ao encontro de um carro, alguma coisa estalou; ouviu-se um grito e a *troika* fugiu a toda.

Tendo seguido na avenida Podnovinski, Balaga começou a moderar os cavalos e os fez parar na esquina da rua dos Velhos Estábulos.

O ajudante desceu do banco para segurar os cavalos pelas rédeas. Anatole e Dolokhov subiram na calçada.

Junto da porta-cocheira Dolokhov assobiou; um assobio lhe respondeu e logo a criada de quarto apareceu.

— Entre no pátio, senão poderá ser visto, ela virá em seguida — disse a mulher.

Dolokhov permaneceu junto da porta-cocheira, Anatole seguiu a criada e subiu ao patamar.

Gavrilo, um lacaios grande de Maria Dmitrievna, deparou-se com Anatole.

— Venha, a senhora o espera — disse-lhe o lacaios com voz de baixo, cortando-lhe o caminho.

— Quem, que senhora? — perguntou Anatole, sufocado.

— Venha, faça o favor, ordenaram-me que o levasse.

— Kuriaguine! Volta! Traição! Volta! — gritou Dolokhov.

Perto da porta, Dolokhov lutava com o porteiro, que pretendia fechá-la atrás de Anatole. Fazendo uso de todas as suas forças, Dolokhov empurrou o porteiro, puxou Anatole, que corria em sua direção, pela mão e ambos correram para a *troika*.

XVIII

Tendo encontrado Sônia debulhada em lágrimas no corredor, Maria Dmitrievna a forçara a confessar-lhe tudo. Apoderando-se do bilhete de Natacha, Maria Dmitrievna leu-o e entrou no quarto da menina.

— Covarde, descarada! — disse-lhe. — Não quero ouvir nada! — E empurrando Natacha, que a fitava com os olhos surpresos e sem lágrimas, trancou-a à chave e ordenou ao porteiro que fizesse entrar pela porta-cocheira as pessoas que deveriam chegar à noite e não as deixasse sair. Disse ao lacaios que receberia essas pessoas e sentou-se no salão à espera do rapto.

Quando Gavrilo informou à Maria Dmitrievna que as pessoas esperadas haviam fugido, ela levantou-se, franziu o cenho, e, por muito tempo, caminhou de um lado para o outro no salão com as mãos nas costas, refletindo no que deveria fazer. À meia-noite, apalpando a chave que tinha no bolso, dirigiu-se para o quarto de Natacha. Sônia soluçava sentada no corredor.

— Maria Dmitrievna, pelo amor de Deus, deixe-me entrar.

Sem responder-lhe, Maria Dmitrievna abriu a porta e entrou. Sônia a seguiu. “Malvada, que coisa feia. Na minha casa... Que menina canalha. Só tenho pena do pai!”, pensava Maria Dmitrievna, procurando acalmar sua cólera. “Embora seja difícil, mandarei que todos se calem e esconderei do conde.”

Maria Dmitrievna entrou no quarto num passo decidido. Natacha estava sentada no sofá, o rosto escondido nas mãos e não se mexia... Estava deitada na posição em que Maria Dmitrievna a deixara.

— Muito bonito! Marcar encontros com os amantes na minha casa. Ouve, estou falando contigo. — Maria Dmitrievna tocou a mão de Natacha. — Ouve, estou falando contigo. Tu te cobriste de vergonha como a última das moças. Sei o que deveria fazer contigo, mas como tenho pena do teu pai, abafarei tudo.

Natacha não se mexia, mas todo o seu corpo começava a ser sacudido por soluços nervosos, surdos, que a sufocavam. Maria Dmitrievna olhou para Sônia e sentou-se no sofá, perto de Natacha.

— Ele teve sorte de escapar, mas ainda o encontrarei — disse com voz dura. — Estás ouvindo o que te digo? — Com sua grande mão empurrou o rosto de Natacha e o virou para ela.

Maria Dmitrievna e Sônia ficaram admiradas da expressão de Natacha. Seus olhos estavam brilhantes, secos; seus lábios apertados, as faces encovadas.

— Deixem-me... Pouco me importa! Vou morrer! — disse ela, desprendendo-se de Maria Dmitrievna e voltando à posição de antes.

— Natália — replicou Maria Dmitrievna —, eu quero o teu bem. Deita, podes ficar como estavas, não te tocarei, mas ouve, não te direi quanto és culpada, tu mesma o sabes. Está certo, mas teu pai chega amanhã e o que devo dizer-lhe?

Mais uma vez o corpo de Natacha foi sacudido pelos soluços.

— Pois bem, teu pai ficará sabendo, teu irmão, teu noivo também.

— Não tenho mais noivo, eu o recusei — exclamou Natacha.

— Não tem importância — continuou Maria Dmitrievna. — Eles ficarão sabendo, e achas que tudo ficará por isso mesmo? Conheço teu pai. Ele o desafiará para um duelo. Bonito, não é?

— Ora, deixe-me! Por que foi que se meteu? Por quê, por quê? Quem lhe pediu? — gritou Natacha, erguendo-se no sofá e olhando com cólera para Maria Dmitrievna.

— Mas o que querias fazer? — exclamou Maria Dmitrievna, exaltando-se novamente. — Por acaso vivias trancada? Quem o impedia de vir aqui? Vamos, responde! Por que te raptar como uma cigana! Responde! Ele ia raptar-te, e achas que não te encontrariam mais? Teu pai, teu irmão, teu noivo? É um canalha, um covarde, isso sim!

— É melhor que vocês todos! — exclamou Natacha, erguendo-se. — Se não tivessem impedido... Ah! Meu Deus, o que é isso? O que é isso? Sônia, por quê? Por quê? Saiam, me deixem! — E soluçou desesperadamente, como se chora uma dor quem se sente culpado.

Maria Dmitrievna quis falar novamente, mas Natacha exclamou:

— Saiam! Deixem-me! Deixem-me! Vocês me odeiam, vocês me desprezam!

E atirou-se sobre o sofá novamente. Maria Dmitrievna continuou a falar-lhe ainda por algum tempo, procurando fazê-la compreender que era preciso esconder tudo do conde, que ninguém ficaria sabendo de nada se ela mesma esquecesse tudo e aparecesse para os outros como se nada tivesse acontecido. Natacha não respondeu. Já não soluçava, mas tremores de frio a invadiam. Maria Dmitrievna deu-lhe um travesseiro, cobriu-a com dois cobertores e trouxe-lhe chá de tília, mas Natacha não respondia nada.

— Está dormindo! É melhor! — disse Maria Dmitrievna deixando o quarto.

Natacha não dormia, tinha os olhos muito abertos, o rosto pálido, o olhar fixo. Durante toda a noite Natacha não dormiu, não derramou uma lágrima e não falava com Sônia, que por diversas vezes levantou-se e aproximou-se dela.

No dia seguinte, à hora do café da manhã, o conde Ilia Andreievitch chegou de seu domínio próximo de Moscou. Estava alegre, acertara-se com o comprador, nada mais o retinha em Moscou e ele podia pôr um termo à separação com a condessa, que já o entristecia. Maria Dmitrievna recebeu-o e contou-lhe que Natacha ficara doente, que já haviam chamado o médico e que agora ela estava melhor.

Com os lábios apertados, os olhos enxutos, fixos, Natacha estava sentada junto da janela. Olhava com ansiedade para os que passavam na rua e voltava-se nervosamente para os que entravam no quarto. Evidentemente ela ainda esperava alguma coisa dele. Esperava que ele viesse pessoalmente ou lhe escrevesse.

Quando o conde entrou, ela voltou-se inquieta ao ouvir o ruído de seus passos e sua fisionomia retomou a expressão fria, agressiva. Não se levantou para ir ao seu encontro.

— O que tens, meu anjo? Estás doente? — perguntou o conde.

Natacha calou-se.

— Sim, doente — respondeu.

Às perguntas inquietas do conde sobre seu ar triste, se nada acontecera com seu noivo, ela afirmou que não havia nada e pediu-lhe que não se preocupasse. Maria Dmitrievna confirmou ao conde as palavras de Natacha.

O conde não acreditou na doença da filha, que julgava simulada, e, pela sua perturbação e os ares confusos de Sônia e Maria Dmitrievna, compreendeu que alguma coisa acontecera na sua ausência. Mas lhe era tão doloroso pensar que algum mal vergonhoso houvesse acontecido à sua filha predileta e tinha tanto amor à sua calma despreocupada que evitava as perguntas e procurava convencer-se de que nada de particular havia acontecido. Lamentava apenas ter de adiar a partida por causa dessa doença.

XIX

Depois que sua mulher chegara a Moscou, Pierre sempre descobria uma desculpa para ausentar-se, a fim de não estar com ela.

Pouco depois da chegada dos Rostov a Moscou, a impressão que lhe causava Natacha o forçou a adiantar a realização de seus intentos. Partia para Tver, onde procurou a viúva de Ossip Alexievitch, que havia muito tempo lhe prometera entregar-lhe os papéis do falecido.

Quando Pierre voltou a Moscou, entregaram-lhe uma carta de Maria Dmitrievna que o convidava a ir vê-la para tratar de um assunto muito importante que dizia respeito a André Bolkonski e sua noiva.

Pierre evitava Natacha e parecia ter por ela um sentimento mais forte do que o que deve ter um homem casado pela noiva de um amigo, mas sempre o acaso a colocava em sua presença.

“O que terá acontecido? E por que precisam de mim?”, pensava ele enquanto se vestia para ir à casa de Maria Dmitrievna. “Que o príncipe André volte de

uma vez e case com ela!”, dizia a si próprio durante o trajeto para a casa da senhora Akhrosimov.

Na avenida Tverskaia alguém o chamou.

— Pierre! Chegaste há muito tempo? — gritou-lhe uma voz conhecida. Pierre levantou a cabeça. Anatole, com seu amigo Makarine, passava no sentido oposto, num trenó de luxo puxado por dois cavalos tordilhos que faziam uma nuvem de neve.

Anatole estava sentado muito teso, na pose clássica dos oficiais elegantes, a parte inferior do rosto estava coberta por uma gola de castor e ele trazia a cabeça um pouco inclinada. Suas faces estavam coradas, seu gorro, com um penacho branco, colocado um pouco de lado, deixava ver-lhe os cabelos encaracolados, bem penteados e polvilhados de neve fina.

“Aí está um verdadeiro sábio! Só se interessa pelo seu prazer. Nada o perturba, e é por isso que ele está sempre alegre, contente e tranquilo. O que eu não daria para ser como ele?”, pensou Pierre com inveja.

No vestíbulo da senhora Akhrosimov, o lacaio, enquanto lhe tirava a peliça, disse-lhe que Maria Dmitrievna lhe pedia para ir ao seu quarto.

Ao abrir a porta para a sala, Pierre viu Natacha sentada junto da janela, com o rosto magro, pálido, duro.

Voltou-se para ele cerrando o cenho e, com uma expressão de fria dignidade, retirou-se.

— O que foi que aconteceu? — perguntou Pierre, entrando no quarto de Maria Dmitrievna.

— Uma linda história. Estou no mundo há cinquenta e oito anos e ainda não havia visto maior vergonha. — E depois de ter obtido de Pierre sua palavra de honra de que guardaria segredo do que ela ia lhe dizer, Maria Dmitrievna contou-lhe que Natacha rompera com o príncipe André sem prevenir os pais, que a causa desse rompimento era Anatole Kuriaguine, que ela conhecera por intermédio da mulher de Pierre, e que pretendia fugir na ausência de seu pai para casar secretamente com ele.

Ao ouvir o que contava Maria Dmitrievna, Pierre ergueu os ombros e abriu a boca, não podia acreditar no que estava ouvindo. A noiva do príncipe André, tão ardentemente querida, essa Natacha Rostov tão encantadora, trocar Bolkonski

por aquele imbecil de Anatole, que já era casado (Pierre conhecia o segredo de seu casamento), estar apaixonada a ponto de concordar em fugir com ele. Pierre não podia compreender nem imaginar.

A deliciosa impressão que ele tinha de Natacha, a quem conhecia desde menina, não se coadunava, na mente de Pierre, com essa nova face de baixeza, de tolice e de maldade. Lembrou-se de sua mulher. “Todas as mesmas!”, disse a si próprio, acreditando não ser o único homem que se ligara a uma mulher indigna. Entretanto, lastimava muitíssimo pelo príncipe André, lastimava por seu amor-próprio. E quanto mais lastimava pelo amigo, maior era o desprezo e nojo que sentia por essa Natacha que, momentos antes, com um ar de fria dignidade, passava diante dele no salão.

Não sabia que a alma de Natacha estava transbordante de desespero, de vergonha, de humilhação, que ela não tinha a culpa de seu semblante exprimir a dignidade calma e severa.

— Mas como casar-se? Não seria possível, ele já é casado — respondeu Pierre às palavras de Maria Dmitrievna.

— Casado! Só piora! — disse Maria Dmitrievna. — Que bom rapaz, hem?! Que miserável! E ela está esperando há dois dias! É preciso contar-lhe, ao menos ela deixará de esperá-lo.

Informada por Pierre dos detalhes do casamento de Anatole, exprimindo por termos injuriosos sua cólera contra ele, Maria Dmitrievna explicou a Pierre por que mandara chamá-lo. Temia que o conde ou Bolkonski, que poderia chegar a qualquer momento, e aos quais tencionava tudo ocultar, desafiasse Kuriaguine para um duelo. Por isso ela lhe pedia: que mandasse seu cunhado retirar-se de Moscou para não mais voltar. Pierre prometeu atender a seu pedido, compreendendo agora o perigo que ameaçava o velho conde, Nicolau e o príncipe André.

Tendo-lhe formulado esse pedido de uma forma breve, ela o levou para a sala.

— Toma cuidado, o conde não sabe de nada. Faze como se ignorasses tudo — disse-lhe ela. — Eu vou dizer a Natacha que ela não tem mais o que esperar. Mas fica para almoço, se quiseses! — gritou-lhe Maria Dmitrievna.

Pierre encontrou o velho conde. Ele parecia confuso e perturbado: nessa manhã Natacha lhe dissera que havia rompido com Bolkonski.

— Desgraça, desgraça, meu caro — disse ele a Pierre. — É um horror com essas meninas quando a mãe não está perto. Estou arrependido de ter vindo, sendo franco com o senhor. Quem imaginaria? Ela rompe com o noivo sem nada dizer a ninguém. É verdade que eu nunca fiz muito gosto nesse casamento. Ele é um homem de bem, mas contra a vontade do pai a felicidade não seria possível, e Natacha não ficará sem marido. Mas, contudo, esse noivado já era tão antigo, e como tomar uma decisão dessas sem ouvir o pai e a mãe?! Agora ela está doente e sabe Deus o que ela tem. As filhas ficarem sem a mãe é muito ruim, conde.

Percebendo a perturbação do conde, Pierre procurava mudar de assunto, mas o conde voltava sempre a ele.

Com a fisionomia perturbada, Sônia entrou na sala.

— Natacha não está passando nada bem, está no quarto e desejaria vê-lo. Maria Dmitrievna está com ela e também pede que vá até lá.

— O senhor é amigo de Bolkonski, provavelmente ela quer pedir-lhe alguma coisa — disse o conde. — Ah! Meu Deus! Meu Deus! Tudo ia tão bem!

E levando as mãos às têmporas grisalhas, o conde deixou a sala.

Maria Dmitrievna contara a Natacha que Anatole era casado. Natacha não queria acreditar e fazia questão de ouvi-lo da boca de Pierre, ele próprio.

Sônia contou isso a Pierre enquanto o acompanhava pelo corredor em direção ao quarto de Natacha.

Pálida, fechada, Natacha estava sentada perto de Maria Dmitrievna. Dirigiu a Pierre um olhar febril, interrogador. Não sorriu, não o cumprimentou com a cabeça, apenas o olhava fixamente, e seu olhar o interrogava sobre uma única coisa: seria ele amigo de Anatole ou um inimigo como todos os outros? Evidentemente, por si mesmo, Pierre não existia para ela.

— Ele sabe tudo — disse Maria Dmitrievna, dirigindo-se a Natacha e apontando Pierre. — Ele que te diga se eu falei a verdade.

O olhar de Natacha, como o de um animal ferido que contempla os cães e os caçadores, ia ora para um, ora para outro.

— Natália Ilinichna — disse Pierre, baixando os olhos e sentindo piedade dela e nojo do que devia fazer —, verdadeiro ou não, isso lhe deve ser indiferente, porque...

— Então não é verdade que ele é casado?

— Sim, é verdade.

— Está casado há muito tempo? Palavra de honra?

Pierre deu-lhe a palavra de honra.

— Ele ainda está aqui? — perguntou ela rapidamente.

— Sim, eu o vi não faz muito.

Evidentemente ela não tinha mais forças para falar, e, com a mão, fez um sinal para que a deixassem só.

XX

Pierre não ficou para almoçar. Saiu do quarto e foi embora. Correu pela cidade à procura de Anatole Kuriaguine. Todo o sangue lhe afluía ao coração quando pensava nele, e respirava com dificuldade. Sem encontrá-lo, procurou-o nas montanhas, com os ciganos, em Komoneno, finalmente foi ao clube. Lá tudo corria como normalmente. Aqueles que haviam vindo para o almoço estavam sentados em grupos, cumprimentavam Pierre e conversavam sobre as novidades da cidade. Um laçao, que conhecia seus amigos e seus hábitos, cumprimentou-o e comunicou-lhe que haviam reservado um lugar para ele na pequena sala de jantar, que o príncipe Mikhaïl Zakháritch estava na biblioteca, que Pável Timofiéitch ainda não chegara.

Um conhecido de Pierre perguntou-lhe entre uma conversa sobre tempo bom e tempo ruim se ele não ouvira falar do rapto da senhorita Rostov por Kuriaguine, que era o assunto do dia na cidade, e se era verdade.

Pierre respondeu sorrindo que era uma invenção, pois ele acabara de chegar da casa dos Rostov. Perguntou a todos se haviam visto Anatole. Um senhor respondeu-lhe que ele ainda não havia chegado; um outro, que ele almoçaria no clube mais tarde. Era estranho para Pierre olhar toda aquela gente tranquila, indiferente e que ignorava o que se passava na sua alma. Ele passeava pelas salas esperando que todos chegassem e, sem ter encontrado Anatole, voltou para casa, sem almoçar.

Anatole, que ele procurava por toda a parte, almoçara naquele dia na casa de Dolokhov, com quem discutira a forma de reparar o rapto fracassado. Parecia-lhe necessário falar com a senhorita Rostov. À noite fora à casa da irmã a fim de combinar com ela um meio de conseguir um encontro. Quando Pierre, depois de ter percorrido Moscou inteiro, sem resultado, entrou em casa, o criado comunicou-lhe que o príncipe Anatole Vassilievitch estava nos aposentos da condessa.

O salão da condessa estava cheio de convidados. Sem cumprimentar a esposa, que ele ainda não vira depois de sua volta (nesse momento odiava-a mais do que nunca), Pierre entrou na sala e, vendo Anatole, dirigiu-se a ele.

— Ah! Pierre! — fez a condessa, aproximando-se do marido. — Não imaginas em que situação se encontra Anatole... — Calou-se ao perceber na cabeça baixa do marido, nos seus olhos brilhantes, no seu andar decidido aquela mesma expressão terrível de furor e de força que ela conhecia e experimentara pessoalmente após o duelo com Dolokhov.

— Onde você se encontra, estão a depravação e o mal — disse Pierre à esposa. — Anatole, preciso falar com você, venha — prosseguiu ele em francês.

Olhando de soslaio para a irmã, Anatole levantou-se docilmente e seguiu Pierre.

Puxando-o pelo braço, Pierre saiu da sala.

— Se você se atrever, no meu salão... — disse Helena em voz baixa. Mas Pierre saiu sem lhe dar resposta.

Anatole o acompanhava no seu passo ordinário, decidido, mas sua fisionomia deixava transparecer uma certa inquietação. Chegando ao gabinete, Pierre fechou a porta e dirigiu-se a Anatole sem olhar para ele.

— Você prometeu casamento à condessa Rostov e quis raptá-la, não é verdade?

— Meu caro — respondeu Anatole em francês (toda a conversa foi em francês) —, não me julgo no dever de responder a perguntas feitas nesse tom.

A cólera desfigurou as faces já pálidas de Pierre. Com sua enorme mão segurou Anatole pela gola do uniforme e começou a sacudi-lo até os olhos do cunhado exprimirem dor e medo.

— Estou lhe dizendo que preciso falar com você!

— Mas, que isso, que bobagem é essa? — perguntou Anatole, sentindo que o botão de seu uniforme fora arrancado com o pedaço de tecido.

— Você é um miserável! Um crápula! Eu mesmo não sei por que não lhe esmago a cabeça com isso — disse Pierre, exprimindo-se artificialmente por estar falando francês. Agarrou um pesado peso de papel que havia sobre a mesa, levantou-o numa atitude ameaçadora, mas logo o pôs novamente em seu lugar.

— Prometeu ou não casar com ela?

— Eu... Eu... Não pensei que... Mas não prometi porque...

Pierre o interrompeu.

— Tem cartas dela? Tem cartas? — repetiu, aproximando-se de Anatole.

Pierre o encarou e Anatole apressou-se em tirar a carteira do bolso. Pierre pegou a carta que ele lhe estendia e, empurrando a mesa que estava no seu caminho, atirou-se no divã.

— Não tenha receio, não usarei de violência — disse Pierre, em resposta a um gesto assustado de Anatole. — A carta em primeiro lugar... — disse ainda, como se estivesse recitando uma lição. — Em segundo lugar — continuou depois de um momento de silêncio, levantando-se e recomeçando a andar de um lado para o outro —, você sairá de Moscou amanhã mesmo.

— Mas como? Não sei...

— Em terceiro lugar — prosseguiu Pierre sem ouvi-lo —, jamais pronunciará uma só palavra sobre o que houve entre você e a condessa. Sei que não posso proibi-lo, mas se ainda lhe restar uma parcela de consciência... — Em silêncio, Pierre fez várias vezes a volta da sala. Anatole estava sentado junto da mesa; franzia o cenho e mordia os lábios. — Afinal você não pode deixar de compreender que, além de seu prazer, estão em jogo a felicidade e a tranquilidade de outras pessoas, das quais você arruína a vida unicamente para divertir-se. Divirta-se com mulheres da qualidade da minha esposa, com essas vocês têm direito, elas sabem o que vocês pretendem delas. Estão armadas pela mesma experiência de devassidão. Mas prometer casamento a uma menina... Enganá-la... Pretender raptá-la, não compreende que isso é uma covardia tão grande como espancar um velho ou uma criança?

Pierre calou-se e, já sem cólera, fitou interrogativamente o cunhado.

— Não sei — respondeu Anatole, tornando-se novamente audacioso à medida que a cólera de Pierre desaparecia. — Não sei e não quero saber — prosseguiu com um leve tremor no maxilar e sem olhar para Pierre. — Mas você disse certas coisas: crápula etc., que eu, como homem de honra, não permitirei a ninguém...

Surpreso, Pierre o fitava sem compreender o que ele pretendia.

— Embora sem testemunhas, eu não posso... — disse Anatole.

— O que é isto? Você quer uma satisfação? — perguntou Pierre em tom de ironia.

— Quero que ao menos retire as palavras que disse. É justo, não é? Se quiser que eu aceite suas condições!

— Retiro-as, retiro-as — disse Pierre —, peço-lhe que me desculpe. — Involuntariamente Pierre olhou para o botão arrancado. — E se precisar lhe darei o dinheiro para a viagem.

Anatole sorriu.

Essa expressão de sorriso tímido e covarde que já conhecia na esposa revoltou Pierre.

— Raça covarde e sem coração — disse ele e saiu do gabinete.

No dia seguinte Anatole partiu para Petersburgo.

XXI

Pierre foi à casa de Maria Dmitrievna para comunicar-lhe a realização de seu desejo de expulsão de Kuriaguine de Moscou. Uma atmosfera de medo e emoção invadira a casa. Natacha estava muito doente e, conforme Maria Dmitrievna lhe confiou em segredo, à noite, quando soube que Anatole era casado, tentara suicidar-se com arsênico que obtivera às escondidas. Tendo engolido um pouco, assustara-se de tal forma que acordara Sônia e lhe contara o que acabava de fazer. As medidas necessárias contra o envenenamento haviam sido tomadas em tempo, e agora ela se achava fora de perigo. Mas estava tão fraca que nem se podia pensar em levá-la para o campo, e haviam mandado chamar a condessa. Pierre viu o conde fora de si e Sônia aos prantos, mas não pôde ver Natacha.

Nesse dia Pierre jantou no clube. De todos os lados ouvia comentários sobre a tentativa de rapto da senhorita Rostov e desmentia-os todos, afirmando obstinadamente que nada disso acontecera, que seu cunhado havia pedido a mão da senhorita Rostov mas que seu pedido fora recusado, e que não havia mais nada. Pierre achava que era seu dever encobrir tudo e salvar a reputação de Natacha.

Aguardava a volta do príncipe André com receio e todos os dias ia à casa do velho príncipe à procura de notícias.

Por intermédio de Mademoiselle Bourienne o príncipe Nicolau Andreievitch estava ao par dos boatos que corriam na cidade e havia lido, no quarto da

princesa Maria, o bilhete de Natacha desmanchando o noivado. Parecia mais alegre que habitualmente e esperava seu filho com grande impaciência.

Alguns dias depois da partida de Anatole, Pierre recebeu um recado do príncipe André informando sua chegada e pedindo-lhe que o procurasse em sua casa.

Assim que chegara a Moscou o príncipe André recebera das mãos de seu pai o bilhete de Natacha à princesa Maria, no qual rompia o noivado (Mademoiselle Bourienne havia furtado esse bilhete da princesa Maria e o entregara ao velho príncipe). Ouvira do pai, com comentários adicionais, toda a história do rapto de Natacha.

O príncipe André havia chegado na véspera, à noite.

Pierre o procurou no dia seguinte de manhã. Ele esperava encontrar o príncipe André num estado análogo ao de Natacha e por isso surpreendeu-se quando, entrando na sala, ouvia a voz alta do amigo, que, no gabinete, comentava animadamente um fato ocorrido em Petersburgo. O velho príncipe e uma outra voz o interrompiam de quando em quando. A princesa Maria veio ao encontro de Pierre.

Ela suspirou e lançou um olhar na direção da porta do gabinete. Evidentemente queria exprimir sua compaixão pela dor do irmão. Mas, pela sua expressão, Pierre via que ela estava contente com o que acontecera e com a maneira pela qual o príncipe André recebera a notícia da traição da noiva.

— Ele disse que já esperava. Sei que seu orgulho não lhe permite exprimir o que sente, mas, de qualquer forma, reconheço que ele suportou a notícia muito melhor do que eu esperava. Logicamente isso só poderia acabar assim — concluiu a princesa Maria.

— Mas está tudo terminado? — perguntou Pierre.

A princesa Maria o fitou admirada. Não compreendia como se podia fazer semelhante pergunta. Pierre entrou no gabinete. O príncipe André estava com roupa de civil, muito mudado. Parecia muito saudável, mas um novo sulco separava suas sobrancelhas. Estava com o pai e o príncipe Mestcherski e discutia calorosamente fazendo gestos enérgicos. Falavam de Speranski. A notícia de sua deportação e de sua suposta traição acabava de chegar a Moscou.

— Agora todos aqueles que ainda há um mês atrás o admiravam acusam-no — disse o príncipe André —, e até mesmo aqueles que não podiam compreender suas finalidades. É fácil julgar um homem que caiu, como também é fácil acumular sobre ele todos os erros dos outros. Pois eu digo que, se alguma coisa de bom se fez durante este reinado, se deve a ele e unicamente a ele.

Calou-se quando viu Pierre, que entrava. Suas faces estremeceram, e logo tomou uma expressão agressiva.

— E a posteridade lhe fará justiça — concluiu, dirigindo-se a Pierre. — E tu como vais? Continuas engordando? — disse o príncipe André animadamente, mas o novo sulco tornou-se ainda mais profundo. — Eu vou bem — respondeu ele à pergunta de Pierre, e sorriu. Para Pierre era evidente que seu sorriso queria dizer: “Eu vou bem, mas minha saúde não é necessária a ninguém.” Depois de ter dito algumas palavras ao amigo sobre o mau estado da estrada depois da fronteira polonesa, sobre o encontro na Suíça com pessoas conhecidas de Pierre e sobre um senhor Desalles que ele trazia do exterior para ser preceptor do filho, o príncipe André tornou a entrar animadamente na conversa sobre Speranski que prosseguia entre os dois velhos.

— Se ele tivesse traído, haveria provas de seus acordos com Napoleão, elas seriam divulgadas — acrescentou com ardor. — Pessoalmente eu não gosto de Speranski, mas gosto da justiça.

Pierre encontrava agora no amigo uma necessidade muito conhecida dele: a necessidade de agitar-se e discutir um assunto qualquer com o único fim de abafar pensamentos íntimos e por demais dolorosos.

Quando o príncipe Mestcherski saiu, o príncipe André agarrou Pierre pelo braço e o levou até o quarto que lhe haviam preparado: havia um cama, uma valise e vários baús abertos. O príncipe André aproximou-se de um deles e tirou uma caixinha dentro da qual havia um pacote de papéis. Fez tudo isso em silêncio e rapidamente. Levantou-se e pigarreou. Estava com o rosto franzido e os lábios apertados.

— Perdoa-me se te incomodo...

Pierre compreendeu que o príncipe André queria falar de Natacha, e seu largo rosto exprimiu pesar e compaixão. Essa expressão do rosto de Pierre irritou o príncipe André. Com uma voz resoluta, sonora, agressiva, ele prosseguiu:

— Recebi a recusa da senhorita Rostov. Certos rumores chegaram aos meus ouvidos: é verdade que teu cunhado pediu a mão dela ou qualquer coisa de parecido?

— É e não é verdade — começou Pierre, mas o príncipe André o interrompeu.

— Aqui estão as cartas e o retrato dela. — Deu o pacote a Pierre. — Entrega-os à condessa se a encontrares.

— Ela está muito doente — disse Pierre.

— Ah! Ainda está aqui? E o príncipe Kuriaguine? — perguntou rapidamente o príncipe André.

— Já foi embora há muito tempo. Ela esteve mortalmente enferma.

— Lamento-o muito. — E um sorriso frio, agressivo, antipático, semelhante ao de seu pai, surgiu-lhe nos lábios. — Mas então o senhor Kuriaguine não quis honrar a condessa Rostov com sua mão? — disse o príncipe André, fungando repetidas vezes.

— Ele não podia casar-se porque já é casado — respondeu Pierre.

Novamente com um riso antipático o príncipe André lembrava seu pai.

— E onde está agora teu cunhado? Posso saber?

— Partiu para Petersburgo... Mas não sei se está lá.

— Bem, isso pouco me importa. Diz à condessa Rostov que ela sempre esteve e continua perfeitamente livre e que eu lhe desejo todo o bem possível.

Pierre agarrou o pacote de papéis. O príncipe André, como se procurasse lembrar-se de alguma coisa que ainda deveria dizer, ou esperasse uma resposta de Pierre, olhava fixamente para o amigo.

— Ouça. Lembra-se de nossa discussão em Petersburgo — disse Pierre. — Lembra-se...

— Estou lembrado — respondeu vivamente o príncipe André. — Disse que se deve perdoar a mulher que cai, mas não disse que eu podia perdoar. Eu não posso.

— Mas se pode comparar isso...?

O príncipe André o interrompeu. Exclamou:

— Queres que eu peça novamente sua mão, que seja magnânimo etc.? Sim, é muito nobre, mas eu não me sinto capaz de andar na trilha pisoteada por aquele

cavalheiro. Se queres ser meu amigo, nunca me fales dessa... De tudo isso. E, agora, até mais, tu entregarás, não é?

Pierre o deixou e dirigiu-se para a sala onde estavam o velho príncipe e a princesa Maria. O velho parecia mais animado que habitualmente. A princesa era a mesma de sempre, mas, atrás do sentimento de compaixão pelo irmão, Pierre via nela uma secreta alegria pelo fato de não mais realizar-se o casamento dele. Observando-a, compreendeu como eram grandes o desprezo e a cólera de todas as pessoas daquela casa contra os Rostov. Compreendeu que diante deles nem sequer se podia pronunciar o nome daquela que pudera trocar o príncipe André por um tipo qualquer.

Durante o jantar falou-se da guerra que parecia iminente. O príncipe André falava e discutia constantemente, ora com o pai, ora com Desalles, o preceptor suíço, e parecia mais animado que o normal, e Pierre compreendia muito bem qual era a causa moral dessa animação.

XXII

Na mesma noite, Pierre foi à casa dos Rostov para cumprir sua missão. Natacha estava de cama e o conde, no clube. Pierre entregou as cartas à Sônia e depois foi ao encontro de Maria Dmitrievna, que estava interessada em saber como o príncipe André recebera a notícia. Dez minutos mais tarde Sônia entrava nos aposentos de Maria Dmitrievna.

— Natacha faz questão de ver o conde Piotr Kirillovitch.

— Mas como poderemos levá-lo? Aquilo tudo está em desordem. — disse Maria Dmitrievna.

— Não, ela se trocou e o espera no salão — disse Sônia.

Maria Dmitrievna limitou-se a sacudir os ombros.

— Quando virá a condessa? Estou esgotada. Cuidado — disse ela a Pierre. — Não lhe digas tudo, eu nem sequer tenho coragem de a repreender, tal é o seu sofrimento.

Natacha, emagrecida, com o semblante pálido e sério (não envergonhada como Pierre esperava), se achava no meio do salão. Quando Pierre apareceu na porta, ela empalideceu, estava visivelmente indecisa: devia aproximar-se dele ou esperá-lo?

Pierre aproximou-se rapidamente. Imaginou que ela lhe estenderia a mão como de costume, mas ela chegou bem perto, parou respirando com dificuldade e deixou cair os braços, bem como fazia para cantar, mas com uma expressão totalmente diversa.

— Piotr Kirillovitch — começou rapidamente —, o príncipe Bolkonski era seu amigo, aliás, é seu amigo — corrigiu. (Parecia-lhe que tudo passara e que tudo estava mudado.) — Naquele tempo ele disse para dirigir-me ao senhor...

Silenciosamente Pierre a fitava, respirando com força. Até agora ele a censurava e procurava desprezá-la do fundo de seu coração, mas nesse momento lastimava tanto que em sua alma não havia lugar para a censura.

— Sei que ele está aqui. Diga-lhe... que me per... me perdoe. — Parou, sua respiração tornou-se mais agitada, mas não chorou.

— Sim... Eu lhe direi... — começou Pierre. — Mas... — Ele não sabia o que dizer.

Natacha estava visivelmente assustada com o que Pierre pudesse pensar.

— Não, eu sei que tudo está acabado — apressou-se em dizer. — Não, isso não é mais possível. Só o mal que lhe fiz é que me atormenta. Peça-lhe só que me perdoe por tudo...

Todo seu corpo tremia. Ela sentou-se numa cadeira.

A piedade apossava-se da alma de Pierre.

— Eu lhe direi, eu lhe direi, mas desejava saber uma coisa.

“O quê?”, perguntou o olhar de Natacha.

— Desejava saber se a senhora amava... — Pierre não sabia como chamar Anatole e corava pensando nele... — Se amava aquele homem vil.

— Não o chame assim — disse Natacha. — Mas não sei, não posso saber. — Chorou.

E o sentimento de piedade, ternura, amor, dominou completamente Pierre. Sentia que as lágrimas começavam a correr sob seus óculos, e esperava que não fossem notadas.

— Não falemos mais disso, minha amiga. — Natacha achou tão estranho ouvir essa voz terna e meiga... — Não falemos mais disso, minha amiga. Eu direi tudo a ele. Mas peça-lhe uma coisa: considere-me seu amigo... e se necessitar de algum auxílio, de um conselho, se quiser apenas desabafar alguma

coisa, não agora, mas quando tudo lhe parecer claro, lembre-se de mim. — Beijou-lhe a mão. — Muito me alegraria se pudesse... — Pierre ficou confuso.

— Não fale assim comigo, não sou digna! — exclamou Natacha. Quis sair, mas Pierre a segurou pela mão. Sabia que devia dizer outra coisa, mas quando disse surpreendeu-se com suas próprias palavras.

— Não diga isso, não diga isso! Tem toda a vida pela frente.

— Eu? Não, para mim tudo está perdido — retrucou Natacha, humilde e envergonhada.

— Tudo está perdido? — repetiu Pierre. — Se eu não fosse eu, mas o mais belo dos homens, o mais inteligente, o melhor do mundo, e se fosse livre, imediatamente, de joelhos, pedir-lhe-ia sua mão e seu amor.

Pela primeira vez, nesses últimos dias, Natacha derramou lágrimas de gratidão e enternecimento e, lançando um olhar a Pierre, retirou-se da sala.

Pierre correu imediatamente para o vestíbulo contendo lágrimas de emoção e felicidade. Sem encontrar as mangas, cobriu-se com a peliça e sentou-se no trenó.

— Aonde devo levá-lo? — perguntou o cocheiro.

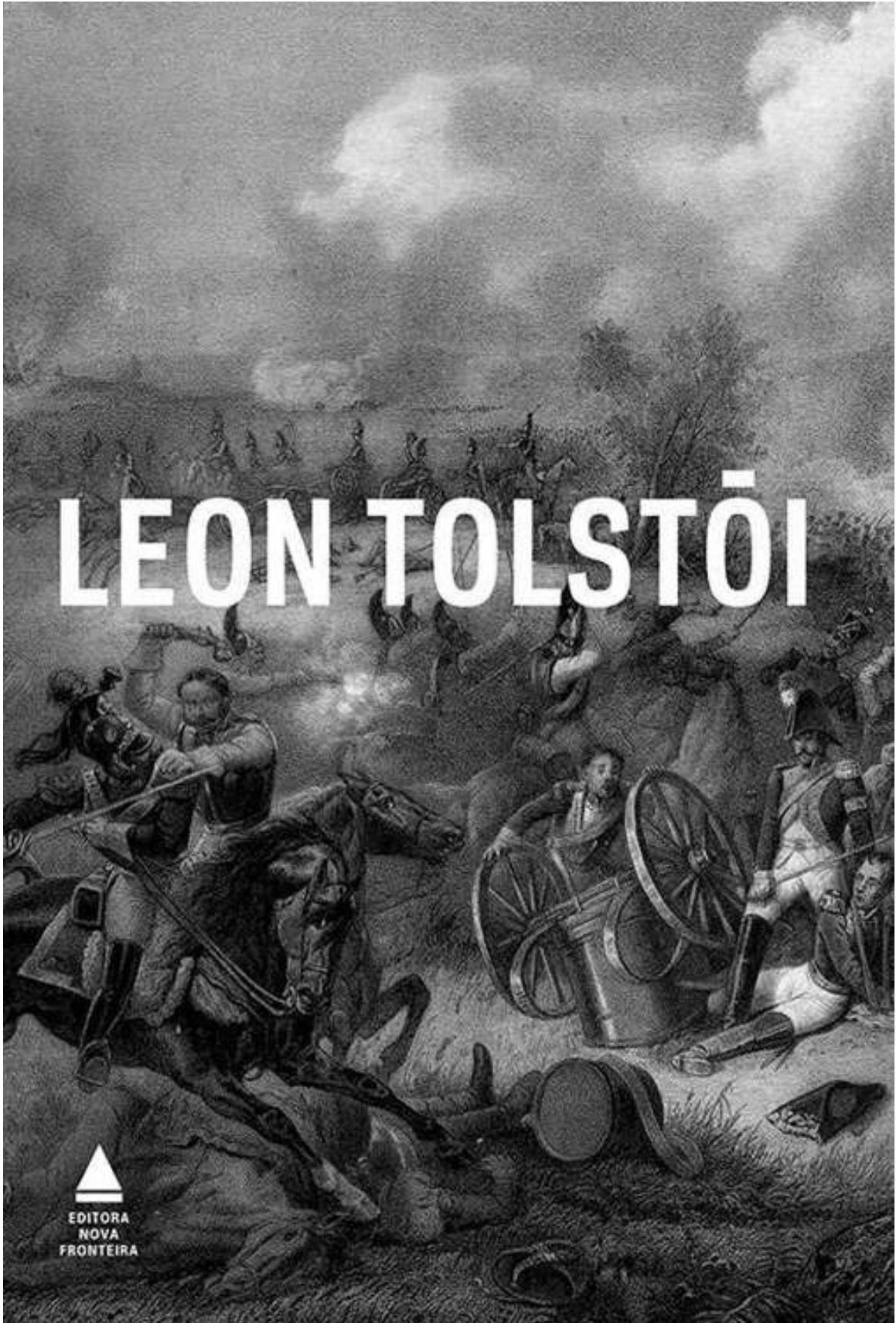
“Aonde?”, perguntou Pierre a si mesmo. “Aonde poderei ir agora? Seria possível ir ao clube ou fazer visitas?”

Todos os homens lhe pareciam tão miseráveis, tão pobres, diante desse sentimento de emoção e amor que ele sentia, em comparação com esse olhar meigo, grato, que ela lhe dirigira pela última vez, através das lágrimas!

— Para casa! — ordenou, e, apesar do frio de dez graus negativos, abriu a peliça de urso, descobrindo seu enorme peito e respirando alegremente.

Estava frio e gelado. Acima das ruas sujas, mal iluminadas, dos telhados negros, aparecia o céu escuro e estrelado. Era só olhando o céu que Pierre deixava de sentir a baixeza contundente das coisas terrestres, em comparação com a altura em que pairava sua alma. À entrada da praça de Arbate, uma grande extensão de céu estrelado, sombrio, se descortinava a seus olhos. Quase ao centro do céu, na avenida Pretchistenski, um grande e brilhante cometa rodeado de estrelas se distinguia destas pela sua proximidade da Terra, pela sua luz branca e sua longa cauda. Era esse cometa de 1812 que, segundo se dizia, anunciava todos os terrores do fim do mundo. Mas para Pierre essa estrela clara,

com sua longa cabeleira resplandecente, ao contrário, nada anunciava de terrível. Os olhos úmidos de Pierre, alegres, fitavam essa estrela clara que, numa rapidez vertiginosa, percorrera numa linha em parábola um espaço incalculável e como uma flecha cravava a atmosfera nesse lugar que escolhera, o céu sombrio, e que parava erguendo sua cabeleira, iluminando-o com sua luz branca entre as outras estrelas brilhantes. Para Pierre essa estrela parecia corresponder ao que se passava na sua alma, revigorada e enternecida, desabrochada para uma vida nova.



LEON TOLSTOÏ



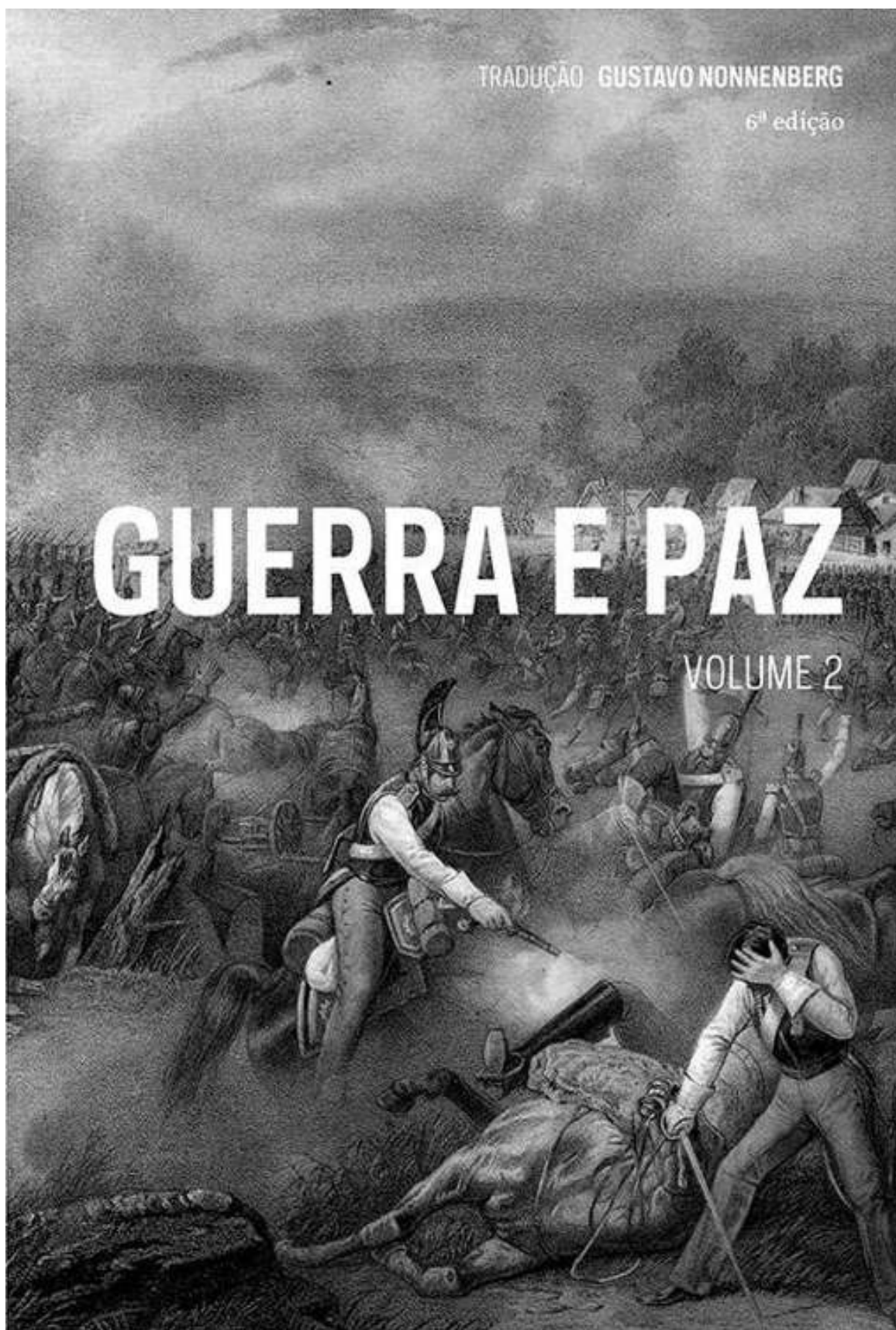
EDITORIA
NOVA
FRONTEIRA

TRADUÇÃO GUSTAVO NONNENBERG

6ª edição

GUERRA E PAZ

VOLUME 2



Nona parte

I

Pelos fins de 1811 tiveram início o armamento intensivo e a concentração de forças na Europa Ocidental, e, em 1812, essas forças — milhões de homens, incluindo os que transportavam e aprovisionavam esse exército — rumaram do oeste para o leste, na direção das fronteiras russas para onde, desde 1811, as forças russas também eram encaminhadas. No dia 12 de junho de 1812 os exércitos da Europa Ocidental atravessaram as fronteiras russas e a guerra começou: quer dizer, houve um acontecimento contrário à razão e à natureza humana. Milhões de homens praticaram, uns contra os outros, crimes, embustes, traições, roubos, fraudes, pilhagens, incêndios, matanças, falsificações ainda mais numerosos que os registrados em todos os tribunais do mundo por séculos, e toda essa gente, autora de tantas atrocidades, não considerava as ações crimes.

E o que originou esse acontecimento extraordinário? Quais suas causas? Com uma segurança ingênua, os historiadores as atribuem à ofensa feita ao duque de Oldenburgo, à inobservância do bloqueio continental, à ambição de Napoleão, à firmeza de Alexandre, aos erros diplomáticos etc.

Nesse caso, bastaria que entre uma recepção na corte e um sarau, Metternich, Rumiantzev ou Talleyrand se dedicasse à redação de um documento astuto, ou que Napoleão escrevesse a Alexandre: “Irmão, consinto em devolver o ducado ao duque de Oldenburgo”, para que a guerra fosse evitada.

É compreensível que fosse essa a impressão dos contemporâneos; é compreensível que Napoleão considerasse as intrigas da Inglaterra os motivos determinantes da guerra (como escreveu em Santa Helena); é compreensível que os membros do Parlamento inglês atribuíssem a responsabilidade da guerra à ambição de Napoleão; que o duque de Oldenburgo visse a causa nas violências de que fora vítima; os comerciantes, no bloqueio continental que arruinava a Europa; os velhos soldados e os generais, na necessidade de fazerem alguma coisa; os legitimistas, na necessidade de restabelecer os bons princípios; os diplomatas, na inabilidade com que se ocultou de Napoleão a aliança austro-russa de 1809 e no fato de o memorando nº 178 ter sido mal redigido. É fácil compreender que essas causas e muitas outras, cuja quantidade variava segundo os diferentes pontos de vista, fossem aceitas pelos contemporâneos, mas para nós, que somos a posteridade, que contemplamos em toda a sua grandeza o espetacular acontecimento e que penetramos seu sentido simples e terrível, essas causas parecem insuficientes. Não podemos compreender que milhões de

cristãos tenham matado e torturado uns aos outros Napoleão era ambicioso, Alexandre era firme, a política inglesa astuciosa ou o duque de Oldenburgo fora ofendido.

Não se pode saber qual a ligação existente entre essas circunstâncias e o fato mesmo das matanças e das violências.

Milhões de homens, do outro extremo da Europa, teriam ocorrido para matar e massacrar os habitantes das províncias de Smolensk e Moscou, e por sua vez para serem mortos por esses habitantes, unicamente pelo fato de o duque de Oldenburgo ter sido ofendido?

Para nós que não somos nem contemporâneos desses acontecimentos, nem historiadores, para nós que não somos dados às pesquisas e por conseguinte contemplamos os fatos apenas com o bom senso desinteressado, as causas desses acontecimentos nos parecem incalculáveis. À medida que nos embrenhamos na procura dessas causas e que discernimos cada uma delas, isoladamente ou em série, somos levados a admiti-las, mas também não podemos deixar de considerá-las falsas pela sua própria insignificância, comparadas à enormidade do acontecimento, e insuficiência (sem a participação de todas as demais causas) para produzir o que aconteceu. A seguinte causa, por exemplo, a recusa de Napoleão em retirar suas tropas para a outra margem do Vístula e devolver o ducado de Oldenburgo, tem para nós valor igual à disposição ou indisposição de qualquer cabo francês para reengajar-se, pois se ele não tivesse querido fazê-lo, e se dois ou três mil cabos e soldados o tivessem imitado, o exército de Napoleão seria menos numeroso, e não teria havido guerra.

Se Napoleão não tivesse se ofendido por lhe terem exigido a retirada de suas tropas para a outra margem do Vístula e não tivesse dado a ordem de avançar, não teria havido guerra. E, se todos os sargentos houvessem se recusado a servir às forças de novo, a guerra teria sido igualmente impossível. Da mesma forma ela teria sido impossível se a Inglaterra não houvesse feito intrigas, se o duque de Oldenburgo nunca tivesse existido, se Alexandre não houvesse sido tão suscetível, se nunca tivesse existido um governo autocrático russo, a Revolução Francesa, a ditadura e o império que a seguiram, e tudo que ela desencadeou. Afastada uma das causas, a guerra não teria acontecido. Logo, todas elas — em número de bilhões — se concertaram unicamente para produzir o que se

realizou. Portanto, esse acontecimento não tinha uma causa exclusiva, mas realizou-se porque devia realizar-se. Milhões de homens, abstraindo seus sentimentos humanos e a própria razão, deviam marchar do Ocidente para o Oriente e matar seus semelhantes, exatamente como, alguns séculos atrás, multidões haviam marchado do Oriente para o Ocidente matando seus semelhantes.

Os atos de Napoleão e Alexandre, que, segundo parecia, determinariam a realização ou a não realização dos acontecimentos, eram tão pouco arbitrários quanto a vontade de qualquer soldado alistado por vontade ou por acaso do destino. E não podia ser de outra forma, pois, para que se cumprisse a vontade de Napoleão e Alexandre (de quem os acontecimentos pareciam depender) era necessária a conjugação de milhares de circunstâncias, bastando que uma só faltasse para que o acontecimento não se realizasse.

Era necessário que milhões de homens, nas mãos dos quais estava a força real — os soldados que atiravam, que carregavam as provisões e os canhões —, estivessem de acordo para que se realizasse essa vontade de fracos indivíduos isolados, e fossem conduzidos por uma multiplicidade de causas complicadas e diversas.

O fatalismo é indispensável na história para explicar acontecimentos destituídos de sentido (quer dizer, aqueles cuja lógica nós não compreendemos). Quanto mais procuramos explicar razoavelmente esses fenômenos históricos, mais eles nos parecem incompreensíveis e irracionais.

Cada homem vive para si próprio, usa a liberdade para atingir sua finalidade pessoal e tem a consciência plena de poder ou não poder praticar imediatamente uma determinada ação. Mas, logo que a pratica, a ação se torna irreparável, a história se apodera dela: deixa de ser uma ação livre para ser predestinada.

Na vida de cada homem existem duas faces: a vida pessoal, individual, que é tanto mais livre quanto mais abstratos forem seus interesses; e a vida geral, social, na qual o homem obedece, inevitavelmente, às leis que lhe são prescritas. Por si próprio, o homem vive conscientemente, mas serve de instrumento inconsciente às finalidades históricas da humanidade. O ato praticado é irreparável e sua importância histórica depende de sua conjunção, no tempo, com milhões de atos praticados por outros homens. Quanto mais o homem se

elevar na escala social, quanto mais próximo estiver dos homens importantes, maior será sua influência sobre os outros, mais evidente será a predestinação e a fatalidade de cada um de seus atos.

“O coração do rei está na mão de Deus.”

“O rei é o escravo da história.”

A história, isto é, a vida inconsciente e comum dos enxames humanos, aproveita, como arma para atingir sua finalidade, cada minuto da vida dos reis.

* * *

Embora, em 1812, mais que nunca Napoleão estivesse convencido de que dependia dele derramar ou não o sangue de seu povo (como escreveu para Alexandre em sua última carta), ele nunca estivera mais subordinado a essas leis inevitáveis que o forçavam (agindo, na sua opinião, por vontade própria) a fazer para a obra comum — para a história — o que se devia realizar.

Homens do Ocidente deslocaram-se para o Oriente para matar uns aos outros. Segundo a lei da consciência das causas, concorriam para esse fato milhares de pequenas causas necessárias a esse movimento e à guerra: as censuras pela inobservância do bloqueio continental, o duque de Oldenburgo, o movimento de tropas na direção da Prússia empreendido (julgava Napoleão) unicamente para atingir a realização da paz armada, o amor e o hábito da guerra do imperador francês, coincidindo com as disposições de seu povo, a efervescência e as despesas desses grandes preparativos, a necessidade de obter vantagens compensadoras dessas despesas, as honrarias embriagantes de Dresden e as confabulações diplomáticas que, na opinião dos contemporâneos, eram conduzidas no desejo sincero de obter a paz, mas que nada mais fizeram que ferir o amor-próprio dos dois adversários. E, coincidindo com o acontecimento a realizar-se, e concordando com ele, milhões e milhões de outras causas.

A maçã cai quando está madura, por quê? Será porque é atraída pela terra pela gravidade, ou porque sua haste secou, ou porque secou no sol, ou porque ficou mais pesada, ou porque o vento a sacode, ou porque o garoto que está debaixo da árvore quer comê-la?

Nada disso é a causa, tudo não passa da concordância dessas condições sob as quais se realiza cada acontecimento vital, orgânico, elementar, e o botânico que

acha que a maçã cai em consequência da decomposição de tecidos celulares etc. terá tanta razão quanto o garoto que estiver debaixo da árvore e julgar que a maçã caiu porque ele desejava comê-la e rezara para que isso acontecesse.

Da mesma forma, estarão certos e errados os que disserem que Napoleão foi a Moscou porque era essa sua vontade e que perdeu porque Alexandre queria sua perda. Assim, também estarão certos e errados os que disserem que uma montanha pesando milhões de *pud*, [\[30\]](#) quando escavada, ruiu porque o último operário tirou-lhe a última pá de terra. Nos acontecimentos históricos, os ditos grandes homens são rótulos que dão nome aos acontecimentos e, como os rótulos, são os que têm menos ligação com o acontecimento em si.

Os atos que praticam e que julgam voluntários, no sentido histórico, não o são. Eles se acham entrosados na marcha da história e definidos desde sempre.

II

No dia 29 de maio, Napoleão deixou Dresden, onde passara três semanas cercado de sua corte, composta de príncipes, duques, reis e até mesmo de um imperador. Antes de partir deu atenção aos príncipes, reis e imperador que o mereciam, censurando os príncipes e reis com os quais estava descontente. Ofereceu presentes de suas próprias pérolas e diamantes — isto é, de joias tomadas de outros reis — à imperatriz da Áustria e, no dizer de um historiador, abraçando carinhosamente a imperatriz Maria Luísa, deixou-a muito abatida pela separação que ela — essa Maria Luísa era considerada sua esposa, embora ele houvesse deixado uma outra esposa em Paris — parecia não ter forças para suportar. Apesar de os diplomatas estarem plenamente convencidos da possibilidade de manter a paz e trabalharem duramente nesse sentido, apesar de Napoleão ter escrito uma carta de seu próprio punho ao imperador Alexandre chamando-o de “Senhor meu irmão” e afirmando não desejar a guerra e que sempre o amaria e estimaria, ele reuniu-se às suas forças, tendo, em cada etapa, dado ordem no sentido de acelerar o movimento do exército do oeste para o leste. Rumando pela estrada de Posen, Thorn, Danzig e Koenisberg, Napoleão fez a viagem num carro puxado por seis cavalos, cercado de pajens, ajudantes de ordens e guardas. Em cada uma dessas cidades, trêmulos e alegres, milhares de homens vinham ao seu encontro.

O exército marchava de oeste para leste e os seis cavalos que eram mudados em todas as postas o levavam nessa direção. No dia 10 de junho, Napoleão alcançou seu exército. Passou a noite na floresta de Vikovisk e instalou-se no castelo de um conde polonês, que fora preparado para recebê-lo.

No dia seguinte, deixando o exército para trás, chegou às margens do Niemen e, fardado de oficial polonês, percorreu um trecho para inspecionar o vau do rio.

Vendo do lado oposto os cossacos e as estepes, que se estendiam a perder de vista até Moscou, a cidade santa, a capital desse Estado semelhante ao Estado dos citas, onde Alexandre, o Grande, estivera, Napoleão, surpreendendo a todos e em desacordo com as considerações estratégicas e diplomáticas, ordenou a invasão e, no dia seguinte, suas tropas iniciaram a travessia do Niemen.

Na madrugada do dia 12, deixando a tenda que instalara na véspera à margem esquerda do Niemen, com uma luneta, contemplou o desfilar de suas tropas, que, saindo da floresta de Vikovisk, atravessaram o rio em três pontes improvisadas. Os soldados, cientes da presença do imperador, procuravam-no com os olhos e quando divisaram, sobre uma pequena elevação diante de sua tenda, um pouco afastado da comitiva, a silhueta de sobrecasaca e chapéu atiraram os quepes para o ar e gritaram: Viva o imperador! E uns depois dos outros surgiram da imensa floresta que os escondia até o momento de se separarem para alcançar a outra margem atravessando as três pontes.

— Iremos longe desta vez. Ah! Quando ele mesmo se mete as coisas fervem... Meu Deus... Ali está!... Viva o imperador!...

— Aí estão as estepes da Ásia! País desgraçado! Até a volta, Beauché, vou reservar-te o melhor palácio de Moscou. Até a volta! Boa sorte... Viste o imperador? Viva o imperador!... rador! Se me fizerem governador das Índias, Gérard, eu te farei ministro de Cachemira, está resolvido. Viva o imperador! Viva! Viva! Como fogem esses cossacos desgraçados! Viva o imperador! Ali está! Estás vendo? Duas vezes eu o vi como estou te vendo agora. *Le petit caporal*... Vi uma ocasião em que ele condecorava um velho... Viva o imperador!... — diziam moços e velhos de tipos e condições os mais diversos. Todas as fisionomias deixavam transparecer a expressão comum de alegria pelo começo da campanha há muito esperada e do devotamento ao homem de sobrecasaca cinza que estava na pequena elevação.

No dia 13, Napoleão montou um pequeno árabe puro-sangue e atravessou a galope uma das pontes do Niemen, atordoado pelos gritos entusiásticos e ininterruptos que ele suportava apenas por não poder proibir que exprimissem a dedicação que lhe votavam. Mas esses gritos que sempre o acompanhavam o irritavam e o distraíam das preocupações militares que o absorviam desde que alcançara o exército. Atravessou uma ponte vacilante que se apoiava em canoas;

na outra margem torceu as rédeas para a esquerda e galopou na direção de Kovno, precedido por um pelotão de caçadores que, entusiasmados e aturdidos de felicidade, lhe preparavam a estrada.

Chegando às margens do caudaloso Víliya, parou junto do regimento polonês de ulanos que ali estava acampado.

— Viva! — gritavam com o mesmo entusiasmo os poloneses, desfazendo o alinhamento e empurrando-se para vê-lo.

Napoleão olhou o rio, apeou e sentou-se num tronco de árvore perto da margem. A um sinal seu trouxeram-lhe uma luneta. Ele a apoiou no ombro de um pajem que a correria alegremente e examinou o que ficava do outro lado do rio. Depois mergulhou no exame de um mapa aberto sobre o tronco. Disse alguma coisa sem levantar a cabeça e dois de seus ajudantes de ordens galoparam na direção dos ulanos poloneses.

— O que há? O que foi que ele disse? — perguntavam de todos os lados quando os ajudantes de ordens se aproximaram.

Ele ordenara que procurassem o vau e atravessassem o rio. Emocionado, o coronel polonês dos ulanos, um belo tipo de ancião, corando e balbuciando, perguntou ao ajudante de ordens se lhe seria permitido atravessar o rio nadando com seus homens, sem procurar o vau. Receando visivelmente uma recusa, como um menino que pede licença para montar a cavalo, ele desejava que lhe permitissem atravessar o rio sob os olhos do imperador. O ajudante de ordens respondeu que certamente o imperador não ficaria descontente com tão grande demonstração de zelo.

Assim que o ajudante de ordens deu sua opinião, o velho oficial bigodudo, com uma expressão de felicidade nos olhos brilhantes, desembainhou a espada e gritou: “Viva!” Ordenou aos ulanos que o seguissem e esporeou seu cavalo aproximando-se do rio. Com raiva, incitou o animal, que hesitava, e atirou-se na água afrontando a correnteza e a profundidade das águas. Centenas de ulanos o seguiram. Fazia frio e, no meio da correnteza muito forte, a passagem era difícil. Os soldados penduravam-se uns nos outros, caíam do cavalo. Cavalos e mesmo alguns homens se afogavam; outros procuravam nadar, uns montados, outros agarrando-se nas crinas de suas montarias. Procuravam atingir a outra margem e, apesar de existir um vau a meia *versta* de distância, eles sentiam-se orgulhosos

em nadar e afogar-se sob os olhos do imperador, que sentado num tronco mais acima nem sequer estava vendo o que faziam. Quando o ajudante de ordens, escolhendo um momento favorável, tomou a liberdade de chamar a atenção do imperador sobre a dedicação dos poloneses, o homenzinho de sobrecasaca cinza levantou-se, chamou Berthier, começou a andar de um lado para o outro, dando-lhe ordens e, de quando em quando, lançando um olhar descontente sobre os ulanos que se afogavam e o distraíam.

Para ele não era nova a convicção de que sua pessoa, da África às estepes de Moscou, impressionava de igual forma os homens, a ponto de lançá-los na loucura e no esquecimento de si próprios. Pediu um cavalo e voltou para o acampamento.

Uns quarenta ulanos se afogaram no rio, apesar dos barcos mandados para socorrê-los. A maioria foi atirada contra a mesma margem da onde saíram. O coronel e alguns homens atravessaram o rio com dificuldade e, ao chegarem encharcados à outra margem, gritaram: Viva!, olhando com entusiasmo na direção do local onde Napoleão se achava, apesar de este já se haver retirado. Nesse momento eles se julgavam felizes.

À noite, Napoleão, entre as duas ordens — fornecer o mais rapidamente possível dinheiro russo falso, previamente preparado para ser introduzido na Rússia, e fuzilar um saxão que fora encontrado com uma carta contendo informações sobre a disposição do exército francês —, deu uma terceira: condecorar com a ordem da Legião de Honra, cujo chefe era ele, o coronel polonês que, sem a menor necessidade, se jogara no rio.

Quos vult perdere, dementat.

III

Enquanto isso, o imperador da Rússia se encontrava em Vilna há um mês, onde dirigia manobras e passava as tropas em revista.

Nada estava pronto para a guerra que todos esperavam e que o imperador viera de Petersburgo preparar. Não havia plano geral de campanha. As hesitações sobre a escolha do plano a adotar, entre tantos sugeridos, haviam ainda aumentado depois de um mês de estada do imperador no quartel-general.

Cada um dos três exércitos tinha seu comandante em chefe, mas não havia um generalíssimo e o imperador não aceitava esse posto. Quanto mais o imperador se demorava em Vilna, menores eram os preparativos para a guerra e maior era o cansaço da espera. A aspiração de todos que cercavam o imperador parecia ser apenas forçá-lo a passar o tempo da forma mais agradável possível e esquecer a guerra iminente.

Depois de diversas festas e bailes nas casas dos magnatas poloneses, por figurões da corte e pelo próprio imperador, no mês de junho, um jovem general polonês ajudante de ordens teve a ideia de oferecer ao imperador um baile e um banquete em nome de seus generais ajudantes de ordens. Essa proposta foi alegremente recebida por todos. O imperador concordou. Os generais adidos ao Estado-Maior fizeram uma subscrição para obter o dinheiro.

A dama que mais inspirava simpatia do imperador foi convidada para ocupar o lugar da anfitriã, o conde Benigsen, proprietário rural na província de Vilna, ofereceu sua residência para essa festa. O baile, o jantar, o passeio de barco e os fogos de artifício deviam realizar-se no dia 13 de junho em Zakret, propriedade do conde Benigsen.

No mesmo dia em que Napoleão ordenou a travessia do Niemen e que suas tropas, debelando os cossacos, passavam a fronteira russa, Alexandre participava do baile que lhe ofereciam os generais ajudantes de ordens na residência de Benigsen.

A festa estava alegre, brilhante. Os conhecedores afirmavam que raramente haviam visto tantas mulheres bonitas num mesmo baile. A condessa Bezukhov, entre as outras damas russas que haviam acompanhado o imperador de Petersburgo a Vilna, estava nesse baile e com sua beleza robusta, russa, ofuscava o brilho mais delicado das polonesas. Sua presença fora notada e o imperador fez a honra de convidá-la para dançar.

Boris Drubetzkoï, *en garçon*, como dizia — deixara a esposa em Moscou —, também estava nesse baile e, apesar de não ser general ajudante de ordens, subscrevera uma grande soma para a festa. Já rico em dinheiro e honrarias, Boris não procurava mais proteção e tratava os superiores de igual para igual. Em Vilna encontrou Helena, que não via há muito tempo e que parecia não se lembrar do passado. Mas, como Helena desfrutava os favores de um personagem

importante e ele houvesse casado há pouco, encontraram-se como velhos amigos.

À meia-noite as danças continuavam. Helena, que não encontrara um par digno de si, propôs a Boris uma mazurca. Formavam o terceiro par. Boris fitava com indiferença os ombros nus, resplandecentes, de Helena que emergiam de seu vestido de gaze escura e bordada de ouro. Falavam de antigas relações e, ao mesmo tempo, sem dar a perceber, Boris não deixava de observar o imperador, que se achava na mesma sala. O imperador não dançava. Conservava-se junto da porta, interpellando uns e outros com palavras amáveis que só ele sabia dizer.

No início da mazurca, Boris notou que o general ajudante de ordens Balachov, um dos indivíduos mais chegados ao imperador, aproximava-se e parava — não era uma atitude de cortesão — bem junto do tsar, que conversava com uma polonesa. Assim que as circunstâncias permitiram, o imperador olhou interrogativamente para Balachov e, compreendendo que sua atitude só podia ser provocada por causas graves, cumprimentou a dama e dirigiu-se ao general. Às primeiras palavras de Balachov, a surpresa espelhou-se na fisionomia do imperador. Agarrou o general pelo braço e atravessou a sala abrindo alas entre os presentes que recuavam a uma distância de três *sagenas*. Boris notou a perturbação de Araktcheiev enquanto o imperador passava com Balachov. Olhando de esguelha e assoando seu nariz vermelho, Araktcheiev destacou-se da multidão parecendo esperar que o tsar se dirigisse a ele. (Boris compreendeu que Araktcheiev invejava Balachov e estava descontente de que uma informação, evidentemente muito importante, não fosse transmitida ao imperador por ele próprio.) Mas o tsar passou com Balachov sem notar sua presença e ambos saíram para o jardim iluminado. Olhando colericamente em torno de si, apertando o punho da espada, Araktcheiev os seguia a uma distância de vinte passos.

Um pensamento não deixava de atormentar Boris enquanto continuava dançando a mazurca: qual seria a novidade trazida por Balachov e como sabê-la antes dos outros.

Quando chegou o momento de fazer as figuras da mazurca, em que todo cavalheiro devia escolher sua dama, Boris disse em voz baixa a Helena que ia convidar a condessa Pototzkaia, que, segundo lhe parecia, estava na sacada.

Num passo abafado dirigiu-se rapidamente para a porta que se abria sobre o jardim

e, ao ver o imperador, que voltava com Balachov, parou. Eles se dirigiam para a porta. Como se não tivesse tido tempo de afastar-se, Boris perfilou-se respeitosamente junto do portal e inclinou a cabeça.

Com a emoção de um homem ofendido, o imperador pronunciava estas palavras:

— Entrar na Rússia sem declaração de guerra! Não aceitarei a paz enquanto um único inimigo armado estiver em meu país.

Boris teve a impressão de que o tsar pronunciava essas palavras com prazer. Estava satisfeito com a força de expressão de seu pensamento, mas contrariado por Boris tê-lo ouvido.

— Que ninguém o saiba! — acrescentou, franzindo o cenho.

Boris compreendeu que essas palavras eram dirigidas a ele e, cerrando os olhos, baixou a cabeça. O imperador entrou novamente na sala, onde se conservou pelo espaço de meia hora.

Assim, Boris foi o primeiro a saber que as forças francesas haviam atravessado o Niemen, e para ele foi uma ocasião de demonstrar a alguns altos personagens que, às vezes, conhecia o que era escondido aos outros: era mais uma oportunidade para elevar-se no conceito dessas pessoas.

* * *

A notícia da passagem do Niemen pelos franceses foi uma grande surpresa, em pleno baile, depois de um mês de expectativa. Parecia inacreditável. No primeiro momento, revoltado e ofendido, o imperador descobrira aquela expressão, tornada célebre, e da qual ele muito gostava, por exprimir plenamente seus sentimentos. Chegando do baile, às duas horas da madrugada, mandou chamar seu secretário Chichkov e ordenou-lhe que redigisse a ordem às tropas e o decreto ao feldmarechal, príncipe Soltikov. Insistiu de forma absoluta para que as palavras “Não aceitarei a paz enquanto um único francês armado ainda estiver em solo russo” fossem aproveitadas. No dia seguinte escreveu a Napoleão.

Senhor meu irmão,

Soube ontem que, apesar da lealdade com que eu mantive meus compromissos com Vossa Majestade, suas tropas atravessaram as fronteiras da Rússia e neste

momento recebo, de Petersburgo, uma nota segundo a qual o conde Lauriston, em virtude dessa agressão, declara que Vossa Majestade considerou-se em estado de guerra comigo desde o momento em que o príncipe Kuriakine pediu seus passaportes. Os motivos pelos quais o duque de Bassano fundava sua recusa em entregar os documentos jamais me teria feito supor que esse incidente serviria de pretexto para uma agressão. E na verdade, esse embaixador, como aliás ele próprio o declarou, nunca foi autorizado a assim proceder, e, logo que soube do ocorrido, comuniquei meu desagrado e ordenei-lhe que permanecesse no seu posto. Se Vossa Majestade não tenciona derramar o sangue de nossos povos por um mal-entendido desse gênero, queira retirar suas tropas do território russo, e eu considerarei o que se passou como não acontecido, e um acordo entre nós será possível. No caso contrário, Majestade, ver-me-ei forçado a rechaçar um ataque que não provoquei. Depende ainda de Vossa Majestade o meio de evitar à humanidade as calamidades de uma nova guerra.

Estou...

Alexandre

IV

Às duas horas da madrugada do dia 13 de junho o tsar mandou chamar Balachov e, depois de ler-lhe a carta que escrevera a Napoleão, ordenou-lhe que a entregasse pessoalmente ao imperador francês. Despedindo Balachov, repetiu-lhe mais uma vez que não se reconciliaria enquanto houvesse um só inimigo armado em território russo, e que disso desse ciência a Napoleão. O tsar não escrevera essas palavras por julgá-las inconvenientes a uma carta em que havia uma tentativa de reconciliação. Mas ordenou categoricamente a Balachov que as transmitisse pessoalmente ao imperador francês.

Acompanhado de um corneteiro e de dois cossacos, Balachov partiu na noite de 13 para 14 e, ao clarear do dia, chegou à aldeia de Rykonty, onde se achavam os postos avançados franceses, do lado de cá do Niemen.

Foi detido pelas sentinelas da cavalaria francesa.

Um suboficial dos hussardos, fardado de vermelho e com um chapéu forrado, aos gritos, ordenou a Balachov que parasse.

Este não atendeu imediatamente, aproximando-se a passo pela estrada.

O suboficial franziu o cenho e, proferindo toda sorte de injúrias, dirigiu-se a Balachov de sabre desembainhado. Grosseiramente perguntou ao general se era surdo. Balachov disse quem era. O suboficial mandou um soldado chamar um oficial.

Sem preocupar-se com Balachov, o suboficial começou a conversar com seus camaradas sobre assuntos de serviço. A Balachov, depois da promiscuidade com o poder superior todo-poderoso, depois de sua conversa com o imperador, três

horas antes, e habituado a honrarias consequentes de sua posição, parecia extraordinário e estranho ver, em solo russo, essa atitude hostil e, principalmente, desrespeitosa, por parte da força bruta.

O sol começava a perfurar as nuvens. O ar estava fresco e repleto de orvalho. Os rebanhos andavam pelas estradas; nos campos, semelhantes a bolhas na superfície da água, as cotovias esvoaçavam soltando seu grito monótono.

Esperando que o oficial chegasse da aldeia, Balachov olhava ao redor. Os cossacos, o corneteiro e os hussardos franceses trocavam olhares silenciosos.

O coronel dos hussardos franceses, que, evidentemente, acabava de levantar-se, saiu da aldeia montando um belo e bem alimentado cavalo tordilho; dois hussardos o acompanhavam. O oficial e os soldados cavalgavam com desenvoltura e elegância.

Era o início da campanha, quando as tropas ainda estão em bom estado, quase como em tempo de paz, apenas matizadas pelo espírito guerreiro e por essa alegria e fanfarronice que sempre existem no começo de uma guerra.

O coronel francês esforçava-se por não bocejar, pois era educado e evidentemente compreendia a importância de Balachov.

Acompanhou-o diante de seus soldados e o informou de que o desejo do outro de ser apresentado ao imperador poderia, provavelmente, ser imediatamente atendido, já que, como ele sabia, o acampamento do imperador não ficava muito distante.

Atravessaram a aldeia de Rykonty, diante dos hussardos franceses, das sentinelas e dos soldados que prestavam honras a seu coronel e olhavam curiosamente o uniforme russo. Segundo as palavras do coronel, o chefe da divisão que receberia Balachov e o conduziria a seu destino achava-se a uma distância de duas *verstas*.

O sol já brilhava alegremente sobre o verde-claro dos campos. Assim que deixaram para trás uma estalagem numa elevação, viram um grupo de cavaleiros que descia a montanha, galopando em sua direção. À frente do grupo, montando um cavalo preto, cujos arreios brilhavam ao sol, vinha um homem de grande estatura, chapéu de plumas, cabelos encaracolados negros que lhe caíam sobre os ombros, capa vermelha e com as pernas compridas para a frente, como montam os franceses. Galopava na direção de Balachov, e suas plumas, suas pedrarias,

seus galões dourados cintilavam ao sol claro de junho. Galopava apenas a dois cavalos de distância de Balachov, com uma expressão solene e teatral, com suas pulseiras, seu penacho, seu colar, tudo dourado, quando Ulner, o coronel francês, murmurou respeitosamente: “*Le roi de Naples.*” Efetivamente, era Murat, que agora chamavam de rei de Nápoles. Embora ninguém compreendesse por que era rei de Nápoles, todos o chamavam assim, e ele próprio estava convencido disso, o que o deixava ainda mais solene e imponente que antes. Estava tão convencido de que era o rei de Nápoles, que na véspera de sua partida, passeando pelas ruas da cidade com sua mulher, ao ouvir alguns italianos gritarem “*Viva il re*”, disse a ela num sorriso triste: “Os coitados! Não sabem que devo partir amanhã!”

Apesar de sua convicção de ser rei de Nápoles e embora lastimasse a tristeza de seus súditos ao deixá-los, quando recebeu a ordem de reincorporar-se ao exército, e principalmente depois de encontrar-se com Napoleão em Danzig, quando seu augusto cunhado lhe disse: “Fiz de você um rei para reinar a meu modo e não ao seu”, vestindo-se tão cara e espalhafatosamente quanto possível, entregou-se alegremente à tarefa muito sua conhecida. E, como um cavalo bem nutrido, não muito gordo, que brinca entre os varais enquanto o atrelam, alegre e satisfeito, galopava pelas estradas da Polônia, sem saber para onde nem por quê.

Ao divisar o general russo, num gesto solene como de um rei, atirou a cabeça para trás, sacudindo a cabeleira crespa que lhe caía até os ombros, e olhou interrogativamente o coronel francês. Este, respeitosamente, transmitiu a Sua Majestade a missão e os títulos de Balachov, cujo nome era incapaz de pronunciar.

— *De Bal Macheve!* — disse o rei (enfrentando com audácia a dificuldade encontrada pelo coronel). — Muito prazer em conhecê-lo, general — acrescentou num gesto gracioso, régio. Mas, assim que começou a falar alto e rapidamente, toda a sua dignidade real fugiu-lhe de súbito e, sem que ele mesmo o percebesse, caiu num tom de familiaridade ingênua. Levou a mão à crina do cavalo de Balachov.

— E então, general, pelo que parece tudo está em guerra — disse, como se lamentasse as circunstâncias que não podia julgar.

— Majestade, o imperador meu amo não deseja a guerra, e como Sua Majestade sabe — respondeu Balachov, empregando o *Sua Majestade* com uma afetação inevitável, quando se pronuncia muitas vezes um título novo para seu portador.

A fisionomia de Murat resplandecia num contentamento ridículo enquanto ouvia Monsieur de Balachov. Mas, na sua qualidade de rei e aliado, sentia a necessidade de falar dos negócios de Estado ao embaixador de Alexandre. Apeou e, tomando o braço de Balachov, afastou-se alguns passos da comitiva que esperava respeitosamente. Caminhavam de um lado para outro, e Murat procurava falar num tom importante. Mencionava o fato de Napoleão ter-se ofendido com a intimação que recebera de retirar suas tropas da Prússia, tanto mais que tal exigência era conhecida de todos e era prejudicial à dignidade da França. Balachov contestou dizendo que essa exigência nada tinha de ofensivo porque...

Murat o interrompeu.

— Então o senhor acha que o provocador não é o imperador Alexandre? — perguntou de repente, com um sorriso simpático e estúpido.

Balachov explicou por que era da opinião de que a provocação partia efetivamente de Napoleão.

— Pois bem, meu caro general, desejo de todo o coração que os imperadores se acertem entre si e que a guerra, começada contra minha vontade, termine o mais cedo possível — interrompeu Murat, ainda uma vez, no tom dos criados que desejam continuar amigos apesar da briga dos patrões. Falou no grão-duque, em sua saúde e das lembranças muito alegres e agradáveis que guardava de sua estada em Nápoles. Depois, lembrando-se subitamente de sua dignidade de rei, Murat empertigou-se solenemente, retomando a postura que mantivera durante a coroação, e, levantando a mão direita, disse: — Não quero roubar mais o seu tempo, general, e desejo que sua missão seja bem-sucedida. — Ofuscante na sua capa vermelha e ouro, seu penacho e suas joias, ele reuniu-se à comitiva que o esperava respeitosamente.

Balachov seguiu na convicção, fundada no que lhe dissera Murat, de que seria prontamente levado à presença de Napoleão. Mas, em lugar disso, as sentinelas do corpo de infantaria de Davout o detiveram novamente perto da aldeia

seguinte, como na primeira linha, e o ajudante de ordens do comandante do corpo o acompanhou até a aldeia onde se achava o marechal Davoust.

V

Davoust era o Araktcheiev do imperador Napoleão, não o Araktcheiev covarde, mas dedicado e cruel e só sabendo exprimir sua dedicação pela crueldade.

Como os lobos na natureza, tais homens são necessários ao mecanismo do Estado. Sempre existem, aparecem e se conservam, apesar da anomalia de sua presença e de sua promiscuidade com o chefe de Estado. Só essa necessidade explica a presença de Araktcheiev, rude e mal-educado, cruel ao ponto de arrancar pessoalmente os bigodes dos granadeiros e que, por fraqueza de nervos, era incapaz de suportar o perigo e ainda exercer tamanha influência sobre Alexandre, nobre e terno como um cavalheiro.

Balachov encontrou o marechal Davoust no alpendre de uma isbá [\[31\]](#) de camponeses. Trabalhava sentado num pequeno barril (fazia a verificação de contas). Em pé, a seu lado, estava um ajudante de ordens. Teria sido possível encontrar uma instalação melhor para o marechal, mas Davoust era um desses homens que avocam a si as mais duras condições de vida para terem o direito de ser inflexíveis. E, por esse mesmo motivo, sempre estão muito ocupados: “Onde encontrarei tempo para pensar nas coisas agradáveis da vida quando trabalho, como está vendo, num alpendre sujo, sentado num barril?”, era o que exprimia seu semblante. A principal satisfação e a necessidade desse tipo de gente consistem, sempre que se encontram em contato com alguém em condições diferentes, mais amenas, em ostentar sua atividade sombria e perseverante. Foi essa satisfação que Davoust sentiu com a chegada do general russo. Mergulhou ainda mais no seu trabalho, olhou através dos óculos a fisionomia de Balachov, agitada pela frescura da manhã e pelo encontro com Murat, mas não se levantou, não fez um movimento sequer. Franziu ainda mais o cenho e sorriu perversamente. Percebendo, na fisionomia de Balachov, a impressão causada por essa recepção, Davoust levantou a cabeça e perguntou friamente o que desejava.

Supondo que tal acolhimento só era devido à ignorância de seu título de general ajudante de ordens do imperador Alexandre e seu embaixador junto de

Napoleão, Balachov apressou-se a fazer conhecer seu título e sua importância. Ao contrário do que esperava, Davout, depois de tê-lo ouvido, tornou-se ainda mais grosseiro e mais fechado.

— Onde está a missiva? — perguntou. — Dê-me, eu a remeterei ao imperador.

Balachov respondeu que tinha ordem de entregar a carta ao imperador em pessoa.

— As ordens de seu imperador são executadas no seu exército, mas aqui o senhor deve fazer o que lhe disserem — retrucou Davout.

E, como para fazer o general russo sentir, ainda mais brutalmente, que dispunha da força bruta, Davout mandou o ajudante de ordens chamar o oficial de serviço. Balachov pôs sobre a mesa o pacote contendo a carta do tsar. (A mesa não passava de uma folha de porta, ainda com seus gonzos, colocada sobre dois barris.) Davout pegou o pacote e leu o endereço.

— Está no direito de me respeitar ou não — disse Balachov —, mas permita-lhe observar-lhe que sou general ajudante de ordens de Sua Majestade.

Davout o fitou por um momento e ficou visivelmente satisfeito com a perturbação e confusão que se espelhavam na fisionomia de Balachov.

— O que lhe for devido será prestado — disse e, pondo o envelope no bolso, saiu do alpendre.

Um minuto depois o ajudante de ordens do marechal, Monsieur de Castries, voltou e acompanhou Balachov ao aposento que lhe fora preparado.

Nesse dia o emissário do tsar almoçou com o marechal, no alpendre, sobre a mesma tábua colocada sobre os barris.

No dia seguinte pela manhã Davout partiu muito cedo e, mandando chamar Balachov, num tom imperativo o convidou a ficar, só prosseguir viagem com os comboios se recebesse alguma ordem a esse respeito e não dirigir a palavra a quem quer que fosse, exceção feita a Monsieur de Castries. Depois de quatro dias de tédio e isolamento, a consciência de sua subordinação e de sua nulidade tornada ainda mais sensível depois da atmosfera de poder que até há bem pouco respirava, acompanhando as bagagens do marechal e as tropas francesas, Balachov entrava em Vilna, pela mesma passagem pela qual saíra quatro dias antes.

No dia seguinte, o camarista imperial, Monsieur de Turenne, procurou Balachov e comunicou-lhe que o imperador Napoleão estava disposto a conceder-lhe uma audiência.

Quatro dias antes, na mesma casa para onde Balachov era conduzido, se achavam as sentinelas do regimento Preobrajenski. Agora dois granadeiros franceses, de uniforme azul e barrete de peles, mantinham-se ao lado das portas juntamente com a guarda de hussardos e ulanos e o brilhante séquito de ajudantes de ordens, pajens e generais que aguardava a saída de Napoleão. Estavam junto de um cavalo selado, ao lado do patamar e de seu mameluco Roustan. Em Vilna, Napoleão recebia Balachov na mesma casa de onde Alexandre o enviara.

VI

Embora Balachov estivesse habituado às solenidades de corte, o fausto e o luxo da corte napoleônica o impressionaram.

O conde de Turenne o levou à grande sala de recepção, onde esperavam muitos generais, camaristas, fidalgos poloneses. Destes últimos vários Balachov conhecia da corte do imperador russo. Duroc preveniu que o imperador Napoleão receberia o general russo antes de seu passeio.

Depois de alguns minutos de espera, o camarista em serviço apareceu e, cumprimentando respeitosamente Balachov, convidou-o a acompanhá-lo.

Balachov entrou na pequena sala de recepção, onde uma das portas dava para o gabinete de trabalho, esse mesmo gabinete de onde fora enviado pelo tsar. Durante dois minutos Balachov ficou esperando em pé. Passos rápidos se fizeram ouvir do outro lado da porta. Ambas as folhas se abriram rapidamente, tudo ficou silencioso e, no gabinete, ressoaram passos firmes. Era Napoleão. Acabava de vestir-se para seu passeio a cavalo. Usava um uniforme azul deixando aparecer o colete branco que cobria seu ventre saliente. Culotes brancos de camurça moldavam-lhe as coxas curtas e roliças, e ele calçava botas altas. Evidentemente acabara de pentear os cabelos curtos, mas uma mecha caía sobre a larga fronte. O pescoço branco e gordo se derramava sobre a gola preta do uniforme; de lá, emanava um perfume de água-de-colônia. Seu rosto cheio,

moço, com o queixo proeminente, tinha uma expressão de benevolência amável e majestosa.

Entrou, trazia a cabeça levemente atirada para trás. Cada passo era acompanhado de um movimento nervoso. Sua figura atarracada, de ombros largos e fortes, o ventre proeminente, o peito estufado, tinha esse ar representativo dos homens em volta dos quarenta anos e que levam uma vida cercados de atenções para suas necessidades. Além disso, via-se que nesse dia ele estava muito bem-humorado.

Respondendo à saudação profunda e respeitosa do embaixador de Alexandre, sacudiu a cabeça, aproximou-se e logo entrou no assunto, como um homem para quem todos os instantes são preciosos e que não costuma preparar seus discursos, na convicção de que sempre dirá bem o que tiver a dizer.

— Bom dia, general, recebi a carta do imperador Alexandre que o senhor trouxe e tenho muito prazer em vê-lo. — Seus grandes olhos pousaram-se em Balachov e logo se estenderam para além dele. Era claro que a pessoa de Balachov não o interessava de forma nenhuma, e só o que se passava no seu íntimo tinha importância para ele. Tudo que se passasse no exterior, para ele, não tinha a menor importância, já que, segundo lhe parecia, todo o mundo dependia de sua vontade. — Não desejo e não desejei a guerra, mas fui forçado a ela. Mesmo *agora* (acentuou essa palavra) estou pronto a aceitar todas as explicações que o senhor tiver a me dar.

E clara e concisamente começou a explicar as causas de seu descontentamento com o governo russo. A julgar pelo tom moderado, calmo, amigável do imperador francês, Balachov estava plenamente convencido de que ele desejava a paz e estava disposto a negociar.

— Majestade, o imperador meu amo — começou Balachov, que há muito tempo preparara o que diria, quando Napoleão, depois de haver terminado, o fitou interrogativamente. Mas esse olhar do imperador, fixado nele, o perturbou. “Está constrangido, acalme-se”, parecia dizer Napoleão, fitando com um sorriso quase imperceptível o uniforme e a espada do embaixador russo.

Balachov recobrou ânimo e começou a falar. Disse que o imperador Alexandre não achava que o pedido de passaporte do embaixador Kuriakine fosse motivo suficiente para uma guerra, já que este agira por conta própria e

sem o consentimento do tsar; que o imperador Alexandre não desejava a guerra e que não tinha um único acordo com a Inglaterra.

— Ele *ainda* não tem — interrompeu Napoleão e, como se temesse deixar-se levar pelos sentimentos, franziu o cenho e sacudiu ligeiramente a cabeça, fazendo compreender a Balachov que ele podia continuar.

Tendo dito o que lhe fora ordenado, Balachov acrescentou que o imperador Alexandre desejava a paz, mas que só concordaria em negociar desde que... Nessa altura Balachov interrompeu-se. Lembrava-se das palavras que o imperador Alexandre não escrevera na sua carta mas que mandara incluir na cópia mandada a Soltikov e repetir a Napoleão. Balachov lembrava-se dessas palavras: “Enquanto houver um único inimigo armado em território russo.” Mas um sentimento complexo o impedia. Apesar do desejo de repetir essas palavras, não o conseguia. Disse: Desde que as tropas francesas se retirem para a outra margem do Niemen.

Napoleão notou o embaraço de Balachov ao pronunciar essas palavras. O rosto de Napoleão estremeceu, a batata de sua perna esquerda pôs-se a tremer regularmente. Sem mover-se, começou a falar num tom de voz cada vez mais alto e mais rápido. Enquanto ele falava, baixando diversas vezes os olhos, Balachov observava involuntariamente o tremor da perna esquerda de Napoleão, num crescendo proporcional à elevação de sua voz.

— Tanto como o imperador Alexandre, eu desejo a paz. Acaso não fiz tudo para obtê-la durante dezoito meses?! Há dezoito meses que espero uma explicação. Mas o que exigem de mim para negociar? — Franziu o cenho fazendo um gesto enérgico com sua pequena mão branca e gorda.

— O recuo das tropas para a outra margem do Niemen, Majestade — respondeu Balachov.

— Para a outra margem do Niemen? — repetiu Napoleão. — Então, agora se contentam que eu recue para a outra margem do Niemen, só até a outra margem do Niemen? — E Napoleão encarava fixamente Balachov.

Balachov inclinou respeitosamente a cabeça.

Em lugar de pedir, como há oito meses, a evacuação da Pomerânia, agora só exigiam que se retirasse para a outra margem do Niemen.

Napoleão voltou-se com vivacidade e começou a andar de um lado para o outro.

— Diz então que exigem de mim a retirada para a outra margem do Niemen para começar a negociar, mas há dois meses também exigiam que eu me retirasse para a outra margem do Oder e do Vístula, e apesar disso consentem em negociar. — Calou-se, caminhou de um extremo ao outro da sala e parou diante de Balachov.

Balachov notou que sua perna esquerda tremia ainda mais que antes e que seu semblante parecia petrificado numa expressão rígida. Napoleão conhecia aquela vibração da perna esquerda sobre a qual ele diria mais tarde: “A vibração da minha batata da perna esquerda é um fenômeno muito significativo.”

— Uma proposta como a de abandonar o Oder e o Vístula pode ser feita a um príncipe de Bade, mas não a mim! — exclamou Napoleão, quase surpreendendo-se a si próprio. — Se os senhores me dessem Petersburgo e Moscou, eu não aceitaria essas condições. Diz que fui eu que comecei a guerra. Mas quem se reuniu primeiro com seu exército? Foi o imperador Alexandre, e não eu. E os senhores querem negociar depois de eu ter gastado milhões, enquanto os senhores se aliavam à Inglaterra, e quando estão em situação precária? Qual a finalidade dessa aliança com a Inglaterra? O que foi que ela lhes trouxe? — perguntou vivamente, conduzindo seu discurso, não no sentido de discutir as vantagens e possibilidades da paz, mas para provar seu direito e sua força, assim como a culpa e os erros de Alexandre.

Era evidente que o início dessa exposição tinha a finalidade de mostrar a superioridade de sua situação e que, apesar de tudo, estava disposto a negociar. Mas estava empolgado e, quanto mais falava, menos podia controlar suas palavras.

O que dizia agora só tinha por finalidade enaltecer-se e ofender Alexandre, isto é, o que ele menos desejava fazer no início do encontro.

— Dizem que os senhores fizeram a paz com os turcos?

Balachov inclinou afirmativamente a cabeça.

— A paz está feita... — começou, mas Napoleão não o deixou concluir. Só ele queria falar, e continuou sua explanação com essa eloquência matizada de cólera, comum nas pessoas favorecidas pela sorte e mimadas.

— Sim, eu sei, os senhores fizeram a paz com os turcos sem conseguir a Moldávia e a Valáquia, e eu daria essas províncias a seu imperador, como lhe dei a Finlândia. Sim, eu havia prometido e teria dado a Moldávia e a Valáquia ao imperador Alexandre. E agora ele não terá essas lindas províncias. E, contudo, ele poderia reuni-las a seu império e, sob seu reinado, aumentaria a Rússia desde o golfo de Botnia até a embocadura do Danúbio. Catarina, a Grande, não teria feito melhor — continuou Napoleão, inflamando-se cada vez mais, caminhando de um lado para o outro e repetindo a Balachov quase as mesmas palavras que dissera ao próprio Alexandre em Tilsitt. — Tudo isso seria dele graças à minha amizade. Ah! que belo reino, que belo reino! — repetiu diversas vezes, parando, abrindo sua tabaqueira de ouro e tomando uma pitada com avidez. — Que belo reino teria se tornado o do imperador Alexandre!

Sempre que Balachov pretendia dizer alguma coisa, Napoleão o fitava com um ar de lástima e cortava-lhe a palavra.

— O que poderia ele desejar e procurar que não encontrasse na minha amizade? — perguntou, sacudindo os ombros num gesto de surpresa. — Mas preferiu cercar-se de meus inimigos, e logo de quem? Dos chamados Stein, Harmfeld, Benigsen, Wintzengerode. Stein é um traidor expulso de sua pátria; Harmfeld, um devasso e um intrigante; Wintzengerode, foragido da França; Benigsen é um pouco mais militar que os outros, mas apesar de tudo um incapaz. Ele nada conseguiu fazer em 1807 e deveria provocar amargas lembranças ao imperador Alexandre. Se eles ainda fossem aptos, poderiam ser aproveitados — prosseguiu Napoleão, que mal podia acompanhar com palavras as considerações que lhe vinham à mente e que provavam seu direito ou sua força (que, na sua opinião, eram a mesma coisa) —, mas nem isso. Não prestam nem para a guerra nem para a paz! Dizem que Barclay é o mais hábil de todos, mas eu tenho minhas dúvidas, a julgar pelos seus primeiros movimentos. E o que fazem eles? O que fazem todos esses cortesãos? Pfull propõe, Harmfeld discute, Benigsen julga e Barclay, chamado a agir, não sabe que decisão tomar, e o tempo corre sem que nada façam. Só Bagration é militar. É um tolo, mas tem experiência, visão e decisão. E qual é o papel de seu jovem imperador nessa multidão de nulidades? Eles o comprometem e jogam-lhe sobre os ombros a responsabilidade de tudo que acontece. Um soberano não deve acompanhar o exército quando não

é general — acrescentou, vendo uma provocação nessas palavras. Napoleão sabia como era grande o desejo de Alexandre de ser um líder militar. — Há uma semana que a campanha foi iniciada e os senhores não conseguiram defender Vilna. Foram cortados ao meio, expulsos das províncias polonesas. O seu exército revolta-se.

— Pelo contrário, Majestade — retrucou Balachov, que dificilmente conseguia apreender o que lhe dizia Bonaparte e acompanhar esse fogo de artifício de palavras —, as tropas estão ansiosas por...

— Eu sei tudo — interrompeu Napoleão —, estou a par de tudo e conheço o número de seus batalhões tão bem como o dos meus. Os senhores nem sequer possuem duzentos mil homens e eu tenho três vezes mais. Dou-lhe minha palavra de honra que tenho quinhentos e trinta mil homens deste lado do Vístula — disse Napoleão, esquecendo completamente que sua palavra de honra não poderia ter a mínima importância. — Os turcos não representam um auxílio significativo para os senhores. Não valem nada e o provaram acordando a paz com a Rússia. Os suecos... parece que o destino deles é serem governados por monarcas loucos. Tinham um rei louco, trocaram e arranjaram outro, Bernardotte, que também ficou louco, pois só um louco pode, sendo sueco, fazer aliança com a Rússia.

Napoleão sorriu com escárnio e novamente aproximou a tabaqueira do nariz.

A cada frase de Napoleão, Balachov encontrava e queria fazer uma objeção, constantemente fazia o movimento de um homem que deseja dizer alguma coisa, mas Napoleão o interrompia. Contra a loucura dos suecos Balachov queria argumentar que a Suécia se tornou uma ilha quando a Rússia aliou-se a ela, mas Napoleão gritou irritado e com violência, abafando a voz do outro. Napoleão estava naquele estado de cólera em que é preciso falar, falar, falar, unicamente para justificar-se a si próprio. A posição de Balachov tornava-se difícil. Receava perder sua dignidade de embaixador e sentia a necessidade de objetar alguma coisa, mas, como homem, cedia moralmente diante dessa cólera desenfreada e sem causa de Napoleão. Sabia que todas as palavras que Napoleão dissesse nesse momento não tinham importância e que ele próprio se envergonharia delas ao cair em si.

Em pé, de olhos baixos, Balachov olhava as pernas grossas e trêmulas de Napoleão e procurava evitar seu olhar.

— Mas não dou a menor importância a seus aliados! Os meus são os poloneses. São oitenta mil e brigam como leões. E serão duzentos mil.

E, irritado provavelmente por ter dito uma mentira tão evidente e por ver Balachov conformado com sua sorte, sem mover-se diante dele, voltou-se bruscamente, fazendo um gesto enérgico e rápido com suas mãos brancas, e disse quase gritando:

— Saibam que, se arrastarem a Prússia contra mim, eu a apagarei do mapa da Europa! — Estava pálido, desfigurado pela cólera. Num gesto enérgico batia as mãos uma contra a outra. — Sim, eu jogarei os senhores para além do Dvina e do Dnieper e reerguerei contra os senhores a muralha que a Europa foi bastante cega e criminosa para permitir que destruíssem. Pois é o que lhes acontecerá. É o que terão ganhado afastando-se de mim! — disse, dando alguns passos em silêncio pela sala; seus ombros fortes balançavam. Guardou a tabaqueira no bolso do colete, tirou-a diversas vezes, aproximou-a do nariz e parou bem na frente de Balachov. Ainda calado, fixou os olhos zombeteiros nos olhos do general russo e disse em voz baixa: — E, no entanto, que belo reino poderia ter o seu amo!

Sentindo a necessidade de objetar alguma coisa, Balachov retrucou que do lado da Rússia as coisas não se apresentavam por um prisma assim tão sombrio. Napoleão, calado, continuou a fitá-lo com um ar galhofeiro, evidentemente sem ouvi-lo. Balachov acrescentou que a Rússia esperava o sucesso certo dessa guerra. Napoleão inclinou a cabeça como se quisesse dizer: “Eu sei que é seu dever dizer essas coisas, mas estou certo de que não pensa assim; eu o convenci.”

Quando Balachov parou de falar, Napoleão serviu-se mais uma vez de sua tabaqueira aspirando uma nova pitada e, como se desse um sinal, bateu duas vezes com o pé no assoalho. A porta abriu-se, um camarista, que se inclinou muito respeitosamente, entregou ao imperador o chapéu e as luvas, e outro deu-lhe um lenço. Napoleão dirigiu-se a Balachov sem olhar para eles.

— Diga em meu nome ao imperador Alexandre que lhe serei tão dedicado como antes. Conheço-o muito bem e tenho em alta conta suas grandes

qualidades. — Pegou o chapéu. — Não o retenho mais, general, a carta para o imperador lhe será entregue. — E Napoleão dirigiu-se rapidamente para a porta. Todos que se achavam na sala de recepções se apressaram em descer as escadas.

VII

Depois de tudo que Napoleão lhe dissera, depois de seus acessos de cólera, depois de sua última frase, muito seca: “Não o retenho mais, general, a carta para o imperador lhe será entregue”, Balachov estava convencido de que Napoleão não só não desejaria mais vê-lo, como também procuraria evitá-lo, ele, embaixador ofendido e, principalmente, testemunha de seu inconveniente ataque de cólera. Mas, com surpresa, recebeu um convite de Duroc para jantar com o imperador nesse mesmo dia.

Bessièrès, Caulaincourt e Berthier estavam presentes. Napoleão recebeu Balachov com ar alegre e amável. Não dava a menor impressão de constrangimento ou vergonha pelo seu assomo da manhã, mas, ao contrário, procurava deixar Balachov à vontade. Via-se que, já há muito tempo, Napoleão não podia admitir para si a possibilidade de errar ou enganar-se e que estava persuadido de que tudo que fazia era bem feito, não porque seus atos respondessem à concepção do bem ou do mal, mas porque eram de sua autoria.

O imperador estava muito alegre depois de seu passeio a cavalo pela cidade, onde a multidão a correr a aclamando-o na passagem. Todas as ruas que atravessara estavam decoradas com tapetes, bandeiras e brasões; nas janelas, as damas polonesas o haviam saudado agitando os lenços.

Durante o jantar, não só se mostrou amável com Balachov, sentando a seu lado, como também parecia querer incluí-lo no número de seus cortesãos, dessa gente que aprovava seus planos e desejava participar de seus sucessos. Entre outras coisas falou de Moscou e pediu informações a Balachov sobre a capital russa, e não perguntava só como um viajante curioso em saber alguma coisa sobre um lugar que deseja visitar, mas também na convicção de que Balachov, como russo, deveria sentir-se lisonjeado com essa curiosidade.

— Quantos habitantes tem Moscou? Quantas casas? É certo que Moscou é chamada *Moscou la Sainte*? Quantas igrejas possui? — perguntou.

Ao saber que possuía mais de duzentas, Napoleão observou:

— Por que tantas igrejas?

— Os russos são muito religiosos — respondeu Balachov.

— Aliás, o grande número de conventos e igrejas é sempre índice de atraso do povo — disse Napoleão, fitando Caulaincourt a fim de obter a aprovação dessa frase.

Balachov tomou a liberdade de, respeitosamente, não compartilhar da opinião do imperador francês.

— Cada país tem seus hábitos — contestou.

— Mas em nenhum lugar da Europa se observa coisa semelhante — retrucou Napoleão.

— Peço a Vossa Majestade que me perdoe — advertiu Balachov —, mas além da Rússia, a Espanha também possui muitas igrejas e conventos.

Com essa resposta, ele fazia alusão à recente derrota dos franceses na Espanha; segundo Balachov, ela foi muito apreciada na corte do imperador Alexandre e muito pouco no jantar de Napoleão, no qual passou despercebida.

Pelas expressões distraídas e surpresas dos senhores marechais, era evidente que eles não percebiam a intenção do tom de Balachov. “Mesmo que haja uma intenção, não a compreendemos ou ela não tem graça nenhuma”, pareciam dizer os semblantes dos marechais. Essa resposta foi tão pouco apreciada que Napoleão nem sequer a percebeu e perguntou ingenuamente a Balachov por quais cidades passava a estrada direta de Vilna a Moscou. Balachov, que durante todo o jantar se conservava prevenido, respondeu que, como todos os caminhos levam a Roma, todos os caminhos levam a Moscou, que havia muitos caminhos e que, entre eles, havia um, por Pultava, que fora escolhido por Carlos XII. Ele se regozijava involuntariamente com a própria resposta.

Mal Balachov pronunciara a palavra “Pultava”, Caulaincourt começou a falar dos incômodos da estrada de Petersburgo a Moscou e de suas lembranças de Petersburgo.

Depois do jantar, foram tomar café no gabinete de Napoleão, o mesmo que, quatro dias antes, era o do imperador Alexandre. Napoleão sentara-se e mexia o café numa taça de Sèvres. Indicou a Balachov uma cadeira a seu lado. Depois das refeições, existe em todo homem uma certa disposição de espírito que, mais decisivamente que todas as causas razoáveis, o força à satisfação consigo próprio e a ver em cada pessoa um amigo. Napoleão se achava nessa disposição.

Parecia-lhe estar cercado de homens que o adoravam. Estava persuadido de que, depois do jantar, até Balachov era seu amigo e adorador. Dirigiu-se a ele com um sorriso amável e levemente zombeteiro.

— Era nesse aposento, me informaram, que o imperador Alexandre passava a maior parte de seu tempo. Estranho, não é verdade, general? — perguntou sem refletir que essa lembrança poderia não ser agradável a seu interlocutor, pois era a prova de sua superioridade sobre Alexandre.

Balachov não podia responder e baixou silenciosamente a cabeça.

— Sim, nesta sala, há quatro dias, Wintzengerode e Stein discutiam — prosseguiu Napoleão, com o mesmo sorriso zombeteiro e confiante. — O que não posso compreender é a razão que tenha levado o imperador Alexandre a se aproximar de meus inimigos pessoais. Isso eu não... não compreendo. Ele não se lembrou que eu poderia fazer a mesma coisa? — perguntou a Balachov.

Essa lembrança provocava-lhe novamente a cólera da manhã, ainda recente nele.

— E fique ele sabendo que o farei — acrescentou, levantando-se e empurrando a xícara. — Expulsarei todos os seus parentes da Alemanha: de Wurtembert, de Bade, de Weimar... Sim, eu os expulsarei... Que trate de arranjar-lhes um asilo na Rússia.

Balachov inclinou a cabeça demonstrando que desejava retirar-se e que só ouvia o que lhe diziam por não poder fazer de outra forma. Napoleão não notou essa expressão. Dirigia-se a Balachov, não como a um embaixador de seu inimigo, mas como a um homem que agora lhe era inteiramente dedicado e que se regozijava da humilhação de seu antigo chefe.

— E por que o imperador Alexandre assumiu o comando das tropas? Por que isso? A guerra é meu ofício; a obrigação dele é reinar, e não comandar tropas. Por que assumiu tamanha responsabilidade?

Napoleão pegou novamente sua tabaqueira, deu alguns passos em silêncio, aproximou-se subitamente de Balachov e, com um leve sorriso, rápida e simplesmente, como se estivesse fazendo uma coisa não só importante, mas agradável ao emissário do tsar, aproximou a mão do rosto do general russo, um homem de quarenta anos, e sorrindo apenas com os lábios puxou-lhe levemente as orelhas.

O imperador puxar a orelha de alguém, na corte francesa, era tido como uma honra e uma distinção consideráveis.

— E então! Não diz nada, admirador e cortesão do imperador Alexandre? — perguntou como se fosse estranho estar em sua presença um admirador e cortesão de outra pessoa que não fosse ele, Napoleão. — Estão prontos os cavalos do general? — acrescentou, numa leve inclinação de cabeça, em resposta à saudação de Balachov. — Deem-lhe os meus. Ele tem uma longa viagem.

A carta levada por Balachov era a última carta de Napoleão ao imperador Alexandre. Todos os detalhes da conversa foram comunicados ao tsar, e a guerra começou.

VIII

Depois de seu encontro com Pierre, em Moscou, o príncipe André partiu para Petersburgo a negócios, segundo disse à sua família, mas na verdade era para encontrar o príncipe Anatole Kuriaguine, algo que ele julgava necessário fazer. Informou-se assim que chegou em Petersburgo e soube que Kuriaguine não se achava mais lá. Pierre comunicara a seu cunhado que o príncipe André o procurava. Logo em seguida, com uma ordem do Ministério da Guerra, Anatole Kuriaguine foi incorporado às forças que se achavam na Moldávia.

Em Petersburgo o príncipe André encontrou Kutuzov, seu antigo general, sempre com a melhor boa vontade para com ele. O general se propôs a levá-lo para o exército da Moldávia, do qual fora nomeado comandante em chefe. Assim que foi nomeado no Estado-Maior, o príncipe André partiu para a Turquia.

O príncipe André não achava fácil escrever a Kuriaguine e desafiá-lo para um duelo sem dar um novo pretexto. Achava que a provocação partindo dele comprometeria a condessa Rostov, razão pela qual procurava encontrar Kuriaguine pessoalmente, para então poder dar um novo pretexto para o duelo. Mas no exército da Turquia não teve a sorte de encontrar Kuriaguine, que voltara para a Rússia pouco depois da chegada do príncipe André.

Num país estranho e com novas condições de vida, o príncipe André sentiu-se mais à vontade. Depois da mágoa que lhe causara a traição da noiva, aumentada pelo cuidado que tinha em esconder os efeitos de todo o mundo, as condições de vida, nas quais outrora vivia feliz, haviam se tornado penosas, e ainda mais

penosas lhe eram a liberdade e independência, que antes prezava tanto. Não só abandonara os pensamentos antigos que tivera, primeiro, no campo de batalha de Austerlitz, pensamentos que gostava de debater com Pierre e que lhe povoavam o isolamento em Bogutcharovo, depois na Suíça e em Roma, mas chegava mesmo a temer esses pensamentos que lhe rasgavam um horizonte infinito e claro. Agora seu espírito só se ocupava com o interesse imediato, prático, sem ligações com o passado. E quanto mais avidamente ele entrava em contato com esse interesse, tanto mais as ideias antigas se bloqueavam para ele. Essa cúpula infinita, que pairava outrora sobre sua cabeça, celeste e longínqua, parecia transformar-se subitamente numa cúpula baixa, definida e limitada, que o asfixiava, sob a qual tudo era compreensível, onde não havia nada de eterno nem de misterioso!

Suas funções no serviço militar eram as mais simples e apropriadas entre as que tinha em vista. Como general de serviço no Estado-Maior de Kutuzov, trabalhava com perseverança e fervor, surpreendendo o general em chefe pelo seu zelo e pontualidade. Não tendo encontrado Kuriaguine na Turquia, o príncipe André não achou que fosse necessário correr atrás dele, mas estava certo, entretanto, de que, mais dia, menos dia, o encontraria. Apesar de seu desprezo por esse homem, apesar de todas as razões que tinha para considerá-lo indigno de que se descesse até ele, sabia que, no momento em que o encontrasse, não poderia deixar de desafiá-lo, assim como um homem faminto não pode deixar de atirar-se sobre um alimento qualquer. E a consciência de não ter ainda se vingado, de levar ainda a cólera recalcada no coração, envenenava a calma fictícia que aparentava na Turquia diante de uma atividade cheia de ambição e de vaidade.

Em 1812, quando a notícia da guerra contra Napoleão chegou a Bucareste, (onde Kutuzov, durante dois meses, passou os dias e as noites na casa de sua amante, uma valáquia), o príncipe André pediu a Kutuzov que o transferisse para o exército do Oeste. Kutuzov, que já estava saturado com a atividade de Bolkonski, censura constante a seu ócio, muito prazerosamente deixou-o partir e confiou-lhe uma missão junto a Barclay de Tolly.

Antes de alcançar o exército que, no mês de maio, estava no campo de Drissa, o príncipe André interrompeu sua viagem em Lissia-Gori, que ficava no

caminho, a três *verstas* da estrada geral de Smolensk. Nos três últimos anos de sua vida, o príncipe André sofrera tantas emoções, pensara e sentira tanto, vira tanta coisa (percorrera o Oriente e o Ocidente) que se sentiu estranhamente surpreso ao encontrar em Lissia-Gori o mesmo modo de vida nos seus menores detalhes. Percorreu a alameda, passou as portas-cocheiras da casa de Lissia-Gori como se penetrasse num castelo encantado e adormecido. O mesmo asseio, a mesma calma reinavam nessa mansão, os mesmos móveis, as mesmas paredes, os mesmos sons, os mesmos odores e as mesmas silhuetas tímidas, apenas um pouco envelhecidas. A princesa Maria continuava sempre a mesma pessoa tímida, feia, envelhecendo, passando os mais belos anos da vida sob o temor e os sofrimentos morais, sem proveitos e sem alegria. Mademoiselle Bourienne continuava a mesma moça faceira, fruindo alegremente de cada momento de sua vida, satisfeita consigo própria e cheia das mais desvanecedoras esperanças. Pareceu ao príncipe André que ela apenas se tornara mais segura de si. O preceptor Desalles, trazido da Suíça, usava uma sobrecasaca de corte russo, falava russo com os criados, massacrando a língua, mas era sempre o mesmo preceptor de inteligência medíocre, instruído, virtuoso e pedante. A mudança física do velho príncipe consistia apenas no fato de faltar-lhe um dente do canto da boca; de cabeça continuava o mesmo de sempre, mas ainda mais impertinente e desconfiado com o que se passava no mundo. Só Nikolenka havia mudado. Crescera, tornara-se corado, tinha cabelos pretos encaracolados, abundantes, e sem perceber, quando ria, levantava o lábio superior de sua bonita boca, exatamente como fazia a finada princesa. Só ele infringia a lei de imutabilidade desse castelo encantado, adormecido. Mas, embora exteriormente tudo continuasse como antes, as relações íntimas de todas essas pessoas haviam se modificado desde a última vez que o príncipe André as vira. Os membros da família estavam divididos em dois campos estranhos e hostis, que agora sua presença reunia, modificando-lhes os hábitos de vida. O velho príncipe, a Mademoiselle Bourienne e o arquiteto estavam num campo; a princesa Maria, Desalles, Nikolenka, todas as criadas e a ama no outro.

Durante sua estada em Lissia-Gori todos jantavam juntos, mas todos estavam constrangidos e o príncipe André sentiu-se como um hóspede em atenção a quem eram feitos certos arranjos e cuja presença incomodava todo o mundo.

No primeiro dia, durante o jantar, o príncipe André, que sentia isso, a contragosto estava taciturno e o velho príncipe, compreendendo a situação falsa em que se achava, permaneceu silencioso, sombrio, retirando-se para seus aposentos logo depois da refeição. Quando, mais tarde, o príncipe André o procurou e, querendo distraí-lo, falou-lhe da campanha do jovem conde Kamensky, o velho príncipe, inesperadamente, começou a falar da princesa Maria, censurando-lhe as superstições e a falta de amizade com Mademoiselle Bourienne, que, pelo que dizia, era a única pessoa que continuava dedicada a ele.

Acusava a princesa Maria de ser a causa de seus incômodos, de estar sempre doente, de atormentá-lo e irritá-lo propositadamente e de estragar o principzinho Nicolau com sua indulgência e suas histórias tolas.

O velho príncipe sabia muito bem que atormentava a filha, cuja vida era muito penosa, mas sabia também que não podia deixar de atormentá-la e que ela o merecia: “Por que será que, vendo isso, o príncipe André não me diz nada de sua irmã?”, perguntava o velho príncipe a si mesmo. “O que pensará disso? Que sou um monstro ou um velho imbecil que, sem causa, se afasta de sua filha e se aproxima da francesa? Ele não me compreende, daí a necessidade de explicarlhe; é preciso que ele me ouça.” E o velho príncipe começou a explicar as razões que tornavam insuportável para ele o temperamento da filha.

— Eu não queria falar — disse o príncipe André sem fitar o pai (pela primeira vez censurava seu pai) —, mas, já que me pergunta, direi francamente o que penso de tudo isso. Se existe um mal-entendido entre os dois, não posso, de forma nenhuma, atribuí-lo a Maria, pois sei quanto ela o ama e venera. Se quer saber tudo que penso — prosseguiu o príncipe André, irritando-se, pois nos últimos tempos se irritava muito facilmente —, poderei dizer-lhe apenas uma coisa: se existe um mal-entendido, a culpa cabe a uma mulher sem valor que não deveria ser a companheira de minha irmã.

A princípio, o velho fitava calado o filho e, num sorriso afetado, mostrava a boca vazia com a qual o príncipe André não conseguia habituar-se.

— Que companheira, meu caro? Ah, já andou conversando por aí?

— Meu pai, eu não queria ser juiz — respondeu o príncipe André num tom duro —, mas, já que me levou para esse terreno, disse-lhe e direi sempre que a princesa Maria não tem a menor culpa e que a culpada... é a francesa.

— Ah! Tu me julgaste? Tu me julgaste! — aclamou o velho príncipe em voz baixa, constrangido, segundo pareceu ao príncipe André. Mas num sobressalto repentino, gritou: — Rua, rua! E que não sejas mais visto aqui!

* * *

O príncipe André queria partir imediatamente, mas a princesa Maria suplicou-lhe que ficasse mais um dia.

Nesse dia o príncipe não viu o pai, que não saiu de seus aposentos e não recebeu ninguém, salvo Mademoiselle Bourienne e Tikhon, e perguntou várias vezes se o filho já havia partido. No dia seguinte, antes de partir, o príncipe André foi ao quarto de seu filho. O garoto era forte e tinha os cabelos crespos como os da mãe. O príncipe André sentou-o nos joelhos e começou a contar-lhe a história do *Barba Azul*, mas não a concluiu e ficou pensativo. Pensava, não nesse lindo menino que era seu filho e que tinha nos joelhos, mas em si mesmo. Com horror, procurava e não encontrava em si o arrependimento por ter irritado o pai, nem o pesar de, pela primeira vez na vida, separar-se dele brigado. Para ele o principal era o fato de não poder sentir seu antigo afeto pelo filho, que procurava reavivar, acariciando o menino e colocando-o sobre os joelhos.

— E depois? — perguntou a criança.

Sem responder, o príncipe André largou-o no chão e saiu do quarto.

Sempre que o príncipe André deixava suas ocupações diárias, principalmente logo que voltava às antigas condições de vida, do tempo em que era feliz, o tédio de viver o invadia inteiramente e ele se apressava em sair, mover-se, encontrar uma ocupação qualquer.

— Está mesmo decidido a partir? — perguntou-lhe sua irmã.

— Graças a Deus posso partir! Lamento muito que não possas fazer o mesmo.

— Por que dizes isso? Por que falas assim, agora que vais para essa guerra terrível e que ele está tão velho! Mademoiselle Bourienne disse que ele perguntou por ti.

Logo que ela começou a falar nessas coisas, seus lábios tremeram e seus olhos se encheram de lágrimas. O príncipe André afastou-se e começou a caminhar pelo quarto.

— Ah! Meu Deus! Meu Deus! Quando a gente pensa que qualquer nulidade, que pessoas tão insignificantes podem ser a causa da desgraça dos outros — disse num tom colérico que assustou a princesa Maria. Compreendeu que ele qualificava de nulidade não só Mademoiselle Bourienne, que lhe causava desgosto, mas também o homem que destruía sua própria felicidade.

— André, peço-te uma coisa, suplico-te — disse, tocando-lhe o braço e fitando-o com seus olhos brilhantes e cheios de lágrimas. — Eu te compreendo (baixou os olhos). Não creias que a desgraça venha dos homens: eles são os instrumentos de Deus. — Fixou os olhos um pouco acima da cabeça do príncipe André com seu olhar seguro, habitual, como se estivesse vendo um retrato. — A dor vem de Deus e não dos homens. Os homens não passam de instrumento. Não são culpados. Se achas que alguém te fez mal, esquece e perdoa. Não temos o direito de punir, e tu compreenderás a doçura do perdão.

— Sim, Maria, se eu fosse mulher, o faria. É a virtude das mulheres, mas o homem não deve e não pode esquecer e nem perdoar.

E, embora até aquele momento não estivesse pensando em Kuriaguine, todo o seu ódio insatisfeito avolumou-se subitamente em seu coração. “Se a princesa Maria pede-me que perdoe, é porque há muito tempo eu deveria tê-lo punido”, pensou. E, sem responder à irmã, começou a pensar no momento feliz em que encontraria Kuriaguine, o qual, ele sabia, estava no exército.

A princesa Maria suplicou ao irmão que ficasse mais um dia. Dizia estar certa de que o pai sofreria muito se partisse sem reconciliar-se com ele. Mas o príncipe André respondeu que, provavelmente, logo voltaria do exército, que escreveria ao pai, mas que, se ele ficasse agora, o desentendimento só poderia agravar-se.

— Adeus, André. Não esqueças que as desgraças emanam de Deus e que os homens nunca são culpados — foram as últimas palavras da irmã, ao despedir-se dele.

“Isso tinha que acontecer!”, pensou o príncipe André ao sair da alameda de Lissia-Gori. “Ela, uma criatura inocente, infeliz, continua fiel à sua devoção pelo velho, que já não anda são. O velho sente que não tem razão, mas não pode fazer de outra forma. Meu filho cresce e ri para a vida, na qual, como todos, enganará

e será enganado. Vou para a guerra, nem sei mesmo por quê, e quero encontrar o homem que desprezo, para dar-lhe a oportunidade de matar-me e rir de mim!”

Outrora, as condições de vida eram as mesmas, mas outrora elas se ligavam umas às outras, e agora tudo se desmoronou. Só acontecimentos insensatos sem o menor nexos entre si, isolados, passavam, uns depois dos outros, pela mente do príncipe André.

IX

Em fins de junho o príncipe André chegou ao quartel-general do exército. As tropas do primeiro exército, onde se achava o imperador, estavam espalhadas no campo fortificado próximo de Drissa. As tropas do segundo exército recuavam, procurando aproximar-se do primeiro, do qual, segundo diziam, estavam separadas pelas forças francesas.

No exército russo todos estavam descontentes com o desenrolar geral dos acontecimentos militares, mas ninguém sonhava sequer com o perigo de invasão das províncias russas; ninguém imaginava que a guerra pudesse ser levada além das províncias da Polônia ocidental.

Nas margens do Drissa o príncipe André alcançou Barclay de Tolly, junto de quem deveria servir. Como não houvesse nenhuma aldeia ou povoado de alguma importância nas proximidades do acampamento, os numerosos generais e cortesãos adidos ao exército haviam sido dispersados num raio de dez *verstas*, nas casas mais confortáveis da região, nas duas margens do rio. Barclay de Tolly se achava a quatro *verstas* do imperador.

Ele recebeu Bolkonski fria e secamente, dizendo-lhe, com seu sotaque alemão, que escreveria ao imperador a seu respeito e que, de momento, lhe pedia que ficasse em seu Estado-Maior. Não encontrou Anatole Kuriaguine, como esperava. Estava em Petersburgo, e essa notícia agradou Bolkonski.

O interesse no centro dessa guerra titânica monopolizava o príncipe André e ele estava satisfeito em sentir-se, por algum tempo, libertado da irritação que lhe provocava a lembrança de Kuriaguine. Completamente livre, nos quatro primeiros dias, o príncipe André percorreu todo o campo fortificado e procurou, com o auxílio de seus conhecimentos e de conversas com pessoas bem informadas, fazer uma ideia exata desse campo.

Apesar disso, continuou indeciso sobre as vantagens ou desvantagens desse campo. Sua experiência militar dera-lhe a convicção de que os planos mais profundamente estudados nada significam na guerra (vira na batalha de Austerlitz), que tudo depende da maneira de responder aos ataques inesperados, impossíveis de prever, que tudo depende daquele que dirige a operação e do modo como a dirige.

Para formar juízo sobre essa questão, aproveitando sua situação e suas relações, o príncipe André procurava penetrar no íntimo dos chefes do exército, das pessoas e dos grupos que participavam de sua direção, o que lhe permitia deduzir o quadro geral dos dirigentes e da situação.

Quando o imperador ainda se encontrava em Vilna, o exército estava dividido em três partes: a primeira comandada por Barclay de Tolly, a segunda por Bagration, a terceira por Tormassov. O imperador se achava no primeiro exército, mas não como comandante em chefe. As ordens do dia diziam que o imperador se conservaria junto de suas tropas, sem dizer que a comandaria. Além disso, o Estado-Maior do comandante em chefe não estava com o imperador; junto dele se achava apenas o Estado-Maior de seu quartel-general.

O chefe do Estado-Maior do imperador, o general quartel-mestre, príncipe Volkonski, era acompanhado por generais, ajudantes de ordens, diplomatas e um grande número de estrangeiros, mas não o Estado-Maior do exército. Além desses, embora sem função, muitos outros faziam parte de sua comitiva, e entre eles: Araktcheiev, antigo ministro da Guerra; o conde Benigsen, decano dos generais; o grão-duque herdeiro, Constantino Pavlovitch; o conde Rumiantzev, chanceler; Stein, antigo ministro da Prússia; Harmfeld, general sueco; Pfull, autor principal do plano da campanha; Paulucci, general ajudante de ordens oriundo da Sardenha; Woltzogen e outros.

Embora esses figurões não tivessem funções especiais no exército, eram influentes pela posição que ocupavam, e muitas vezes um comandante de corpo de exército, e até o comandante em chefe, não sabia com quem aconselhar-se, se com Benigsen, ou com o grão-duque, ou Araktcheiev ou o príncipe Volkonski, e não sabiam também se tal ou tal ordem emanava, sob forma de conselho, de um desses ou do imperador e se deviam ou não executá-la. Mas isso era a encenação exterior. A razão essencial da presença do imperador e de todos esses indivíduos,

sob o ponto de vista da corte (na presença do imperador todos se tornavam cortesãos), era clara para todos. Era a seguinte: o imperador não se dava o título de comandante em chefe, mas suas ordens se estendiam a todos os exércitos. Os homens que o cercavam eram seus auxiliares. Araktcheiev era um fiel executor, protetor da ordem e guarda pessoal do imperador. Benigsen tinha propriedades na província de Vilna e parecia fazer as honras da casa, mas, na realidade, era um bom general, útil para dar um conselho e sempre pronto a substituir Barclay. O grão-duque estava lá porque era de seu agrado. O antigo ministro Stein era um bom conselheiro e o imperador Alexandre apreciava muito suas qualidades pessoais. Harmfeld odiava Napoleão e era um general muito seguro de si, muito respeitado por Alexandre. Paulucci era ousado e resoluto nas suas afirmações. Os generais ajudantes de ordens do Estado-Maior do tsar estavam lá porque acompanhavam o imperador por toda a parte, e finalmente, o principal, Pfull, estava presente, porque era de sua autoria o plano da guerra contra Napoleão e porque, forçando Alexandre a crer na utilidade desse plano, dirigia todas as operações. Junto de Pfull se encontrava Woltzogen, que transmitia as ideias de Pfull sob uma forma muito mais clara que seu próprio autor. Era um homem rígido, seguro de si até o desprezo universal, um teórico de gabinete.

Além desses personagens, russos e estrangeiros (sobretudo estrangeiros que, com a ousadia própria dos homens que se agitam num meio estranho, cada dia propunham novos planos inesperados), havia ainda muitos indivíduos mundanos que se achavam adidos ao exército porque seus chefes lá estavam.

No meio de todas as ideias e vozes desse mundo inquieto, brilhante e orgulhoso, o príncipe André distinguia as seguintes divisões mais nítidas das opiniões e dos partidos.

Um primeiro partido: o de Pfull e seus adeptos teóricos da guerra, que acreditavam na existência de uma ciência da guerra com leis imutáveis: leis do movimento oblíquo, de movimento pelo flanco etc. Pfull e seus partidários exigiam o recuo para o coração do país, em obediência às leis estritas da chamada teoria da guerra, e, em qualquer discrepância, viam apenas barbárie, ignorância ou má-fé. A esse partido pertenciam os príncipes alemães, Woltzogen, Wintzengerode etc., e em geral todos os alemães.

O segundo partido era diametralmente oposto ao primeiro. Como sempre acontece, ambos se tocavam nas extremidades. Os homens desse partido eram os que, desde Vilna, exigiam a invasão da Polônia e a rejeição de todos os planos previamente elaborados. Além de esses partidários serem os representantes de ações ousadas, eram ao mesmo tempo os representantes da nação, razão pela qual se mostravam ainda mais ásperos nas discussões. Eram os russos: Bagration, Ermolov, que começava a subir, e outros. Nessa época estava em voga um chiste de Ermolov que dizia ter pedido um único favor ao tsar: ser promovido a alemão. Recordando Suvorov, os homens desse partido diziam que não se deve pensar, nem espetar alfinetes no mapa, mas brigar, esmagar o inimigo, não permitir sua entrada na Rússia e evitar a propagação do desânimo nas tropas.

O terceiro partido, no qual o imperador tinha a maior confiança, era composto de cortesãos que se dedicavam a conciliar os partidos anteriores. A maior parte deles, entre os quais estavam Araktcheiev e civis, pensava e dizia o que dizem ordinariamente os homens sem convicção, mas que tentam parecer que têm. Diziam não haver dúvida de que a guerra, principalmente contra um gênio como Bonaparte (chamavam-no novamente Bonaparte), exige considerações muito profundas, saber profissional, ciência, e sob esse aspecto Pfull era extraordinário. Mas, ao mesmo tempo, era forçoso confessar que muitas vezes as teorias são unilaterais, e por conseguinte não merecem uma confiança cega, e que o melhor era ouvir a opinião dos adversários de Pfull e das pessoas experientes em assuntos militares, e adotar o meio-termo. Os homens desse partido insistiam em modificar o movimento das outras tropas e conservar o campo de Drissa, de acordo com o plano de Pfull. Embora essa solução não satisfizesse nem a uns nem a outros, parecia a mais acertada aos homens desse partido.

A quarta corrente tinha como principal representante o grão-duque herdeiro, que não conseguia esquecer seu revés em Austerlitz, onde aparecera diante da guarda paramentado como para uma revista e, em lugar de desbaratar galhardamente os franceses, como imaginava, tombara na primeira linha, quando menos esperava, conseguindo, a grande custo, escapar na confusa debandada geral.

O raciocínio dos componentes desse partido tinha o mérito e o defeito da franqueza. Temiam Napoleão; viam nele a força e em neles próprios a fraqueza, e o confessavam claramente. Diziam: “Além da vergonha, da dor e da derrota, nada mais tiraremos de tudo isso! Abandonamos Vilna, Vitebsk, abandonaremos também Drissa. A única coisa inteligente que nos resta a fazer é garantir a paz o mais rapidamente possível, antes que nos expulsem de Petersburgo!”

Essa opinião, muito difundida nas altas esferas do exército, encontrava apoio em Petersburgo e no chanceler Rumiantzev, que, por outras considerações de Estado, era também partidário da paz.

O quinto grupo era partidário de Barclay de Tolly. Não tanto do homem, mas principalmente do ministro da Guerra e comandante em chefe. “Seja o que for (começavam sempre com essa frase), trata-se de um homem honesto e sério e não existe ninguém melhor do que ele. Deem-lhe plenos poderes, pois na guerra nada se pode fazer de positivo sem unidade de comando, e ele mostrará do que é capaz, como já mostrou na Finlândia. Se nosso exército está bem organizado e forte, se recuou até Drissa sem nenhuma perda, nós devemos isso a Barclay. Se o substituírem por Benigsen, tudo estará perdido. Benigsen já deu prova de sua incapacidade em 1807.”

O sexto grupo, pelo contrário, dizia que não havia ninguém mais ativo e experiente que Benigsen e que, depois de tudo, haveriam de recorrer a ele. “Cometam os erros que quiserem por enquanto!” E os componentes desse partido provaram que todo o nosso recuo até Drissa era o mais vergonhoso possível e não passava de uma série ininterrupta de erros. “Quanto mais erros cometerem, melhor será, ao menos se compreenderá mais ligeiro que isso não pode continuar assim e que não é de um Barclay qualquer que precisamos, mas de um homem como Benigsen, já provado em 1807, a quem o próprio Napoleão fez justiça, um homem cujo comando seria facilmente aceito, um homem como só existe um: Benigsen.”

O sétimo grupo eram as pessoas que vivem sempre em torno dos jovens monarcas, e que eram particularmente numerosos junto do imperador Alexandre: generais e ajudantes de ordens apaixonadamente dedicados ao imperador, não como monarca, mas como homem. Eles o adoravam franca e

desinteressadamente, como Rostov o adorava em 1805, e viam nele não só todas as virtudes, mas todas as qualidades humanas.

Eles, embora admirando a modéstia do imperador em não assumir o comando das tropas, censuravam essa moderação excessiva e só desejavam uma coisa, sobre a qual insistiam: que o imperador adorado, deixando de lado qualquer desconfiança supérflua, instalasse o Estado-Maior de comandante em chefe em torno de si e, aconselhando-se onde melhor julgasse, com teóricos ou experientes da prática, conduzisse ele próprio as tropas; que só isso levaria o entusiasmo geral ao paroxismo.

O oitavo grupo, o maior e que, pelo número, comparado aos outros estava numa proporção de noventa e nove para um, era composto das pessoas que não desejavam nem a paz nem a guerra, nem o movimento ofensivo, nem a posição defensiva em Drissa ou em qualquer outro lugar, nem Barclay, nem o imperador, nem Pfull, nem Benigsen, mas apenas uma única coisa: o máximo de prazeres e vantagens pessoais. Nessa água turva de intrigas cruzadas, emaranhadas, que formigam em volta do quartel-general do imperador, era possível conseguir coisas impossíveis em qualquer outra ocasião. Um que apenas não queria perder sua posição vantajosa hoje estava de acordo com Pfull, amanhã com seu adversário, depois de amanhã, para lisonjear o imperador, afirmava não ter nenhuma opinião precisa a esse respeito. Outro, desejando obter vantagens, chamava a atenção do tsar para sua pessoa, dizendo em altos brados o que o imperador dissera na véspera. Batendo no peito, discutia e gritava nas sessões do conselho; desafiava para duelo os que não concordavam com suas opiniões, demonstrando assim que estava pronto a se sacrificar pelo bem geral. Outro ainda limitava-se, entre duas sessões e na ausência dos adversários, a pedir recompensa pelos fiéis serviços prestados, sabendo que no momento não havia tempo para recusá-la. E um quinto, para atingir o desejado há muito tempo, como almoçar com o imperador, provava encarniçadamente a razão ou o erro de uma nova opinião, e para isso trazia provas mais ou menos fortes e justas.

Todos os componentes desse partido obtinham rublos, medalhas, promoções. Nessa caça seguiam apenas a direção do cata-vento do favor imperial e, logo que notavam que esse cata-vento tomava determinada direção, todo esse enxame de

zangãos começava a zumbir do mesmo lado, o que dificultava ao imperador dirigi-lo para outro sentido.

Diante dessa incerteza da situação, diante do perigo ameaçador e sério que dava a tudo isso um aspecto turvo, no turbilhão de intrigas, de amores-próprios, de conflitos, das diversas opiniões, concepções e nacionalidades de todas essas pessoas, esse oitavo partido, o mais numeroso, com os interesses pessoais, trazia a maior e mais nefasta das confusões à obra comum. Qualquer que fosse o problema levantado, esse enxame de zangãos, sem resolvê-lo, voava para um outro problema e, com seu zumbido, abafava e confundia cada vez mais as vozes francas que discutiam.

De todos esses partidos, na ocasião em que o príncipe André chegava ao exército, formava-se ainda um nono, que começava a ter a voz. Era o partido dos homens idosos, razoáveis, experientes e que sabiam, sem compartilhar de uma única das opiniões contraditórias, encarar com clareza tudo que se fazia no quartel-general e encontrar um meio de sair dessa indecisão, dessa confusão, dessa fraqueza.

Os homens desse partido diziam e pensavam que todo o mal tinha sua principal origem na presença do imperador e sua corte junto do exército. Eles haviam levado para o exército uma hesitação vaga, cômoda para os cortesãos, mas prejudicial ao exército. O imperador devia reinar, mas não comandar o exército. A única saída para essa situação era a partida do imperador e da corte, pois só a presença do imperador paralisava cinquenta mil homens do exército, necessários para garantir sua segurança pessoal. E, para eles, o pior comandante em chefe, desde que fosse independente, valeria mais que o melhor general paralisado pela presença e pelo poder do imperador.

Enquanto o príncipe André vivia sem nada fazer em Drissa, Chichkov, o secretário de Estado, um dos principais representantes deste último partido, escreveu uma carta ao tsar que Balachov e Araktcheiev concordaram em assinar. Nessa carta, aproveitando a permissão que lhe dava o imperador de discutir o desenrolar geral dos acontecimentos, pretextando a necessidade da presença do imperador, entusiasta da guerra, na capital, incentivam-no a afastar-se do exército. A necessidade de animar seu povo, de fazer-lhe um apelo para a defesa da pátria, de provocar esse mesmo entusiasmo no povo (em parte atribuído pela

presença do imperador em Moscou), causa principal do triunfo da Rússia, foi apresentada ao tsar e aceita por ele como um motivo para deixar o exército.

X

Essa carta ainda não fora entregue a Alexandre quando Barclay, durante o almoço, disse a Bolkonski que o imperador desejava ver o príncipe pessoalmente para interrogá-lo sobre a Turquia e que ele deveria comparecer às seis horas da tarde no apartamento de Benigsen. No mesmo dia chegava, ao quartel-general do imperador, a notícia de um movimento de Napoleão que poderia tornar-se perigoso para o exército. Essa notícia foi desmentida mais tarde. Pela manhã o coronel Michaud, em companhia do tsar, percorrera as fortificações de Drissa e provara a Alexandre que o campo fortificado construído por Pfull, considerado uma obra-prima de tática para derrotar Napoleão, era totalmente absurdo e seria a causa certa da perda do exército russo.

O príncipe André foi às acomodações do general Benigsen numa pequena casa senhorial nas margens do mesmo rio. Nem Benigsen, nem o imperador estavam lá. Mas Tchernichov, ajudante de ordens do tsar, recebeu Bolkonski e lhe informou que sua majestade, acompanhado pelo general Benigsen e o marquês Paulucci, fora pela segunda vez, nesse dia, examinar as fortificações do campo de Drissa, de cuja utilidade se começava a levantar suspeitas.

Sentado junto à janela do quarto da frente, Tchernichov lia um romance francês. Em outro tempo, esse aposento provavelmente fora uma sala. Ali ainda estava um órgão, sobre o qual se viam algumas tapeçarias em desordem, e, num canto, o ajudante de ordens de Benigsen armara seu leito de campanha. O ajudante de ordens estava lá. Evidentemente esgotado pela ceia ou pelo cansaço, se recostara na cama e cochilava. A sala tinha duas portas: uma dava diretamente para o antigo salão e a outra para o gabinete de trabalho, à direita. Pela primeira, ouviam-se vozes que conversavam em alemão, e às vezes em francês. Lá, no primeiro salão, atendendo o desejo do imperador, estava reunido não o Conselho Superior de Guerra (o imperador gostava da imprecisão), mas algumas pessoas, cuja opinião ele desejava conhecer nas dificuldades presentes. Não era um conselho militar, mas uma reunião de alguns eleitos destinada a explicar pessoalmente certas coisas ao imperador. Para essa espécie de conselho haviam sido convidados: o general sueco Harmfeld, o general ajudante de ordens Woltzogen, Wintzengerode, que Napoleão chamava desertor francês, Michaud,

Toll, o conde Stein, que não era militar, e finalmente o próprio Pfull, que, segundo ouvira o príncipe André, era *la cheville ouvrière* de toda a história.

O príncipe André tivera a oportunidade de examiná-lo bem, pois, tendo chegado pouco depois dele, Pfull passara pelo quarto da frente, onde trocara algumas palavras com Tchernichov.

Pfull, no primeiro momento, vestindo sem o menor garbo uma farda mal cortada de general russo, deu a impressão de uma pessoa conhecida do príncipe André, embora nunca o tivesse visto. Havia nele qualquer coisa de Weyrother, Mack, Schmidt e ainda outros generais teóricos alemães que o príncipe André tivera ocasião de ver em 1805. Mas, de todos, era o tipo mais característico. Semelhante alemão teórico, reunindo em si tudo que vira nos outros, o príncipe André nunca encontrara.

Pfull era baixo, magro, mas de compleição robusta, ancas largas e ombros ossudos. Seu rosto era muito enrugado e os olhos profundos. Os cabelos, na frente e nas têmporas, haviam sido, evidentemente, penteados às pressas e atrás apresentavam pequenos cachinhos. Entrou no quarto olhando ao redor, com a fisionomia inquieta e irritada, como se temesse tudo naquele aposento. Segurando a espada, num movimento desajeitado, dirigiu-se a Tchernichov e perguntou-lhe, em alemão, onde estava o imperador. Estava claro que tinha a maior pressa em atravessar as salas, livrar-se das saudações e salamaleques e sentar-se diante de um mapa, onde se sentia à vontade. Ao ouvir as palavras de Tchernichov, sacudiu vivamente a cabeça e sorriu ironicamente ao saber que o imperador estava examinando as fortificações que ele, Pfull, construía segundo suas próprias teorias. Resmungou qualquer coisa num tom baixo e ríspido, como falam os alemães seguros de si: “Imbecil...” ou “Estragaram tudo...” ou “Vai aparecer muita sujeira...”

O príncipe André não entendeu bem e queria se afastar, mas Tchernichov o apresentou a Pfull, observando que Bolkonski voltava da Turquia, onde a guerra fora bem-sucedida. Pfull mal olhou o príncipe André e disse rindo: “Eis como devia ser a guerra, segundo todas as regras da tática.” E, com um sorriso de desprezo, passou para a sala de onde vinham as vozes.

Sendo Pfull muito sujeito à irritação sarcástica, era natural que nesse dia estivesse particularmente perturbado pelo fato de terem, na sua ausência, ousado

examinar e julgar seu campo. O príncipe André, graças às suas recordações de Austerlitz, com esse rápido encontro com Pfull fizera uma opinião muito clara a respeito desse homem. Pfull era um desses tipos seguros de si até o martírio, que só se encontram entre os alemães e precisamente porque só os alemães levam a confiança ao mais alto grau numa ideia abstrata, na ciência, isto é, no conhecimento imaginário da verdade absoluta. O francês tem autoconfiança por julgar-se irresistível, admirável em corpo e mente, para os homens e para as mulheres. O inglês é seguro de si por ser cidadão do país mais bem organizado do mundo e porque tudo que fizer na sua qualidade de inglês indiscutivelmente será bem feito. O italiano tem confiança em si por ser um tipo que facilmente se esquece dos outros e de si próprio. O russo tem autoconfiança precisamente por não saber nada e nada querer saber, por não acreditar que se possa saber alguma coisa por completo. O alemão é o mais seguro de si e o mais antipático por imaginar-se conhecedor da verdade, a ciência, que ele mesmo inventou, mas que para ele é a verdade absoluta.

Assim era evidentemente Pfull. Possuía um conhecimento: a teoria do movimento oblíquo, que havia tirado das guerras de Frederico, o Grande, e tudo que encontrava na moderna história militar parecia-lhe insanidade, barbárie, um caso monstruoso em que, de todos os lados, se cometiam erros, que essas guerras não podiam chamar-se guerras, já que não concordavam com sua teoria e não podiam ser objeto da ciência.

Em 1806, Pfull fora um dos autores do plano da guerra que terminou em Iena e Auerstedt, mas no desfecho dessa guerra ele não via a menor prova que invalidasse sua teoria. Ao contrário, os insucessos só eram devidos ao fato de a teoria não ter sido integralmente obedecida e, com a ironia jovial que lhe era peculiar, costumava dizer: “Eu bem disse que tudo sairia ao contrário.” Pfull era um desses teóricos que amam as próprias teorias a ponto de esquecerem a finalidade, a aplicação prática. Por amor à teoria, odeiam toda coisa prática e não querem rebaixar-se até ela. Chegam a regozijar-se com o insucesso porque a prática, quando se afasta da teoria, só serve para reforçá-la.

Trocou algumas palavras sobre a guerra com o príncipe André e Tchernichov, com a expressão de um homem que sabe antecipadamente que tudo acabará mal e que não se preocupa muito com isso. Suas mechas de cabelos desganhados na

nuca e a parte penteada às pressas nas tēmporas confirmavam suas palavras com uma eloquência especial.

Entrou na outra sala e de lá se ouviu a ressonância de sua voz grossa e resmungona.

XI

O príncipe André nem sequer teve tempo de acompanhar Pfull com o olhar, pois, nesse momento, o conde Benigsen entrava rapidamente. Fazendo uma saudação de cabeça a Bolkonski, entrou tão logo no seu gabinete de trabalho, dando instruções a seu ajudante de ordens. O imperador vinha logo atrás e Benigsen apressava-se para ter tempo de preparar alguma coisa antes de recebê-lo. Tchernichov e o príncipe André foram até o patamar. Aparentando cansaço, o imperador apeou. O marquês Paulucci lhe dizia alguma coisa. Alexandre inclinava a cabeça para a esquerda com um ar descontente, ouvindo Paulucci, que falava ardorosamente. O imperador aproximou-se do patamar, via-se que ele desejava cortar o assunto, mas o italiano, vermelho de emoção, esquecendo as conveniências, seguia-o falando sem parar.

— Quanto ao que aconselhou esse campo de Drissa... — dizia Paulucci enquanto o imperador, subindo as escadas, notava o príncipe André e observava essa fisionomia desconhecida. — Majestade, quanto ao que aconselhou o campo de Drissa, não vejo outra alternativa senão o hospício ou a força — continuava Paulucci desesperadamente, como se não tivesse forças para conter-se.

Sem esperar o fim, e como se não estivesse ouvindo as palavras do italiano, o imperador dirigiu-se amavelmente a Bolkonski, que havia reconhecido:

— Estou muito satisfeito em ver-te, espera por mim na sala onde eles estão reunidos.

O imperador entrou no gabinete de trabalho. O príncipe Piotr Mikailovitch Volkonski e o barão Stein o seguiram. As portas se fecharam atrás deles.

Juntamente com Paulucci, que conhecera na Turquia, e aproveitando a permissão do imperador, o príncipe André passou para a sala onde o conselho se achava reunido.

O príncipe Piotr Mikailovitch Volkonski desempenhava funções análogas às do chefe do Estado-Maior do imperador. Saiu do gabinete e entrou no salão trazendo mapas que abriu sobre a mesa, indagando a opinião dos presentes sobre assuntos que interessavam. De noite correra a notícia (desmentida depois) de que os franceses se movimentavam no sentido de contornar o campo de Drissa.

O general Harmfeld foi o primeiro a falar. Para evitar dificuldades, propôs uma coisa absolutamente imprevista, que não se explicava (salvo o desejo de mostrar que também era capaz de ter uma opinião própria): propunha uma posição afastada das estradas de Petersburgo e Moscou onde, segundo ele, o exército deveria concentrar-se e aguardar o inimigo. Via-se que Harmfeld elaborara esse plano há muito tempo e que o expunha nesse momento não para responder às perguntas formuladas, com as quais o plano nada tinha que ver, mas apenas para aproveitar a ocasião de torná-lo conhecido. Era um dos milhares de propostas que se podia fazer com o mesmo sucesso das demais, quando não se tem a menor ideia do caráter que tomaria a guerra. Alguns criticaram essa opinião, outros a apoiaram. O jovem coronel Toll, com o mais vivo ardor, refutava a opinião do general sueco e, durante a discussão, tirou do bolso um caderno todo rabiscado, pedindo permissão para lê-lo. Nessa exposição, redigida em detalhe, Toll propunha outro plano de campanha, completamente contrário aos de Harmfeld e de Pfull. Respondendo a Toll, Paulucci propunha um plano ofensivo e de ataque, único, na sua opinião, capaz de nos livrar da incerteza e da armadilha — como chamava o campo de Drissa — em que nos encontrávamos. Durante essa discussão, Pfull e seu tradutor Woltzogen se calaram. Pfull contentou-se em dar as costas, resmungando com desprezo e demonstrando que não se rebaixaria a responder a essas asneiras que estava ouvindo.

Mas, quando o príncipe Volkonski, que presidia a sessão, pediu sua opinião, limitou-se a dizer:

— Por que me perguntar? O general Harmfeld propôs uma bonita posição com a retaguarda a descoberto. Ou o ataque desse senhor italiano... é admirável... ou a retirada. Também muito bom. Por que perguntar minha opinião? Pois os senhores não sabem mais do que eu?

Mas, quando Volkonski, fechando a cara, disse que estava pedindo sua opinião em nome do imperador, Pfull, animando-se subitamente, começou a falar.

— Estragaram tudo, embaralharam tudo. Todos quiseram saber mais do que eu e agora me perguntam como remediar a situação. Não há nada a reparar. É necessário agir exatamente sob as bases que eu estabeleci — disse, batendo os dedos descarnados na mesa. — Onde está a dificuldade? Tolices, infantilidades.

— Aproximou-se do mapa e começou a falar rapidamente, indicando, com o dedo magro, diferentes pontos e provando que nenhum acaso poderia invalidar a utilidade do campo de Drissa, que tudo estava previsto, e que se, de fato, o inimigo contornasse o campo, seria, então, forçosamente esmagado.

Paulucci, que não sabia alemão, começou a interrogá-lo em francês. Woltzogen veio em auxílio de seu mestre, que falava mal francês, traduzindo o que este dizia e acompanhando-o com dificuldade, pois Pfull provava muito rapidamente que tudo, tudo, não só o que acontecera, mas o que poderia acontecer, que tudo estava previsto no seu plano, e que se estavam encontrando alguma dificuldade só se poderia atribuir ao fato de nem tudo ter sido rigorosamente executado. Sorria constantemente com ironia, mostrava e, por fim, deixou de mostrar, como um matemático deixa de resolver um problema já resolvido por diversos meios. Woltzogen o substituiu e continuou a expor suas ideias em francês, dirigindo-se a Pfull de quando em quando: “Não é verdade, Excelência?” Pfull, como um homem excitado pela batalha atira sobre os seus, encolerizado começou a gritar com Woltzogen, um dos seus: “É isso mesmo. Resta ainda alguma coisa a explicar?” Paulucci e Michaud atacavam Woltzogen em francês, Harmfeld dirigia-se em alemão a Pfull, Toll explicava tudo em russo ao príncipe Volkonski. Em silêncio, o príncipe André ouvia e observava.

De todos esses indivíduos, Pfull, enraivecido, decidido, seguro de si, era o que inspirava mais simpatia no príncipe André. Era o único, de todos os presentes, que, evidentemente, nada queria para si, não odiava ninguém, que procurava apenas uma coisa: ver realizar o plano calcado na sua teoria, fruto de anos de trabalho. Era ridículo e desagradável com sua ironia e, ao mesmo tempo, inspirava um respeito involuntário pela sua dedicação infinita a uma ideia. Além disso, nas palavras de todos que falavam, salvo Pfull, havia um traço comum que não existia no conselho de 1805. Era, apesar de dissimulado, o medo, o pânico diante do gênio de Napoleão que se exprimia em tudo que se falava. Achavam que tudo era possível para Napoleão; esperavam-no de todos os lados, e com seu nome temível uns destruíam as sugestões dos outros. Só Pfull parecia considerar Napoleão tão bárbaro como todos que combatiam sua teoria. Mas, além do sentimento de respeito, Pfull inspirava pena no príncipe André. Pois, a julgar pelo tom em que lhe falavam os cortesãos, pelo que Paulucci se permitira dizer

ao imperador e principalmente por um certo despeito na expressão do próprio Pfull, era evidente que os outros sabiam e que ele mesmo sentia que sua queda estava próxima. E, apesar de sua confiança e de sua pesada ironia alemã, era digno de lástima com seus cabelos penteados nas têmporas e desgrenhados na nuca. Embora o escondesse sob um ar de desprezo irritado, estava desesperado por ver escapar-lhe a única ocasião de controlar e provar ao mundo inteiro, numa experiência gigantesca, a segurança de sua teoria.

A discussão durou muito tempo e, quanto mais ela se prolongava, a ponto de provocar gritos e ataques pessoais, mais difícil se tornava tirar qualquer conclusão geral de tudo que se dizia. O príncipe André, ouvindo essa conversação em diversas línguas, essas hipóteses, esses planos, essas contrapartidas, esses gritos, admirava-se apenas de tudo o que era dito. As ideias que tivera há tanto tempo e tantas vezes durante sua atividade militar de que não existe nem pode existir ciência militar, e por conseguinte não pode existir gênio militar, lhe pareciam, nesse momento, de uma evidência completa: “Como poderiam existir as teorias e a ciência num assunto cujas condições e circunstâncias são desconhecidas e não podem ser definidas, e ainda menos a força dos atores da guerra? Ninguém pôde nem poderá saber em que situações estarão, um dia depois, nosso exército e o inimigo, e ninguém pode saber qual o potencial de ação de tal ou tal destacamento. Quando não existe um covarde na frente para gritar: ‘Estamos cortados!’ e fugir, mas em seu lugar um homem valente e alegre exclamando: ‘Hurra!’, um destacamento de cinco mil homens pode valer por outro de trinta mil, como em Schoengraben. E às vezes cinquenta mil homens fogem de oito mil, como em Austerlitz. Que ciência pode existir num assunto em que, como em todo assunto prático, nada pode ser definido, em que tudo depende de inúmeras condições que só se determinam em momentos que ninguém pode prever? Harmfeld diz que nosso exército está cortado e Paulucci afirma que colocamos o exército francês entre dois fogos. Michaud diz que o campo de Drissa não é aconselhável por ter um rio na retaguarda. Pfull contesta dizendo que nisso está sua força. Toll propõe um plano, Harmfeld propõe outro. Ambos são bons e ambos são ruins, e as vantagens de cada um só se tornarão evidentes no momento em que se realizar o acontecimento. E por que dizem: o gênio militar? Um homem deve ser considerado gênio só por mandar

servir biscoitos no momento oportuno e fazer marchar tropas para a esquerda ou a direita? A razão é a seguinte: os militares estão cercados de brilho e poder, e a multidão dos pobres coitados lisonjeia o poder atribuindo-lhes qualidades geniais. Muito pelo contrário, os melhores generais que conheço são tolos e distraídos. O melhor é Bagration. O próprio Napoleão o reconheceu. E Bonaparte? Lembro-me ainda de sua fisionomia satisfeita e estúpida no campo de Austerlitz. Não só o gênio e qualidades especiais são desnecessários a um bom capitão, mas, pelo contrário, ele deve ser destituído das qualidades superiores que enobrecem o homem: o amor, a poesia, a ternura, a dúvida filosófica, analítica. Ele deve ser medíocre, firmemente convicto de estar fazendo alguma coisa de muito importante (pois do contrário não terá paciência), e somente assim poderá ser um militar valoroso. Que Deus preserve esse homem de amar alguém, de lamentar-se da sorte, de pensar no que é justo ou injusto. Eles representam o poder, portanto a teoria do gênio inventada por eles há tanto tempo não tem mérito nenhum. O mérito do sucesso de uma ação militar não depende deles, mas desse homem que grita nas fileiras: ‘Estamos perdidos’ ou ‘Hurra!’. Só nas fileiras se pode ter a certeza de servir com utilidade.”

Assim pensava o príncipe André ouvindo a discussão, e só voltou a si quando Paulucci o chamou e os demais começavam a separar-se.

No dia seguinte, durante a revista, o imperador perguntou ao príncipe André onde desejava servir, e o príncipe perdeu-se para sempre do mundo da corte, por não ter pedido para ficar junto do imperador, preferindo ir para a tropa.

XII

Antes do início da campanha, Rostov recebeu uma carta dos pais comunicando-lhe rapidamente a doença de Natacha e seu rompimento com o príncipe André. (Explicavam-lhe esse rompimento pela recusa de Natacha.) Pediam-lhe mais uma vez que deixasse o serviço e voltasse para casa.

Depois de receber essa carta, sem mesmo tentar obter uma licença ou a reforma, Nicolau escreveu aos pais dizendo que lamentava a doença de Natacha e o rompimento de seu noivado e que faria todo o possível para realizar o desejo deles. A Sônia, escreveu reservadamente:

Amiga adorada de minha alma,

Nada, salvo a honra, poderia me reter aqui nesse momento, mas agora, antes do começo do combate, julgar-me-ia desonesto, não só perante meus camaradas, como a meus próprios olhos, se preferisse minha felicidade a meu dever e a meu amor à pátria. Mas é uma última separação. Acredita, assim que essa guerra terminar, se estiver vivo e for ainda amado por ti, deixarei tudo e correrei a apertar-te para sempre no meu peito caloroso.

Efetivamente, só o início da guerra retinha Rostov e o impedia de casar com Sônia, como lhe prometera.

O outono em Otradnoie com as caçadas, o inverno com as festas de Natal e o amor de Sônia lhe abriam a perspectiva das alegrias suaves de um fidalgo e da calma que outrora menosprezara e que agora o atraía.

“Uma esposa carinhosa, filhos, uma boa matilha de cães e dez ou doze parselhas de lebreiros, uma propriedade a administrar, os vizinhos, o serviço público reservado para a nobreza!”, pensava.

Mas agora o país estava em guerra e era preciso ficar no regimento. E pelo seu próprio temperamento, já que era necessário, Nicolau Rostov sentia-se satisfeito com a vida que levava no regimento e sabia fazê-la agradável.

Voltando da licença e recebido com alegria pelos camaradas, Nicolau fora enviado para a remonta na Pequena Rússia e trazia magníficos cavalos que o alegravam e que lhe valeram o elogio dos chefes. Em sua ausência fora promovido a capitão e, quando o regimento teve seu efetivo aumentado, foi reconduzido ao comando de seu esquadrão.

Iniciada a campanha, o regimento foi mandado para a Polônia. Pagava-se o soldo em dobro; novos oficiais, novos homens e cavalos chegavam; e, principalmente, se manifestava aquela impressão excitante e alegre que acompanha todo começo de guerra. Rostov, sentindo sua situação vantajosa nesse regimento, entregava-se aos prazeres e interesses do serviço militar, embora soubesse que cedo ou tarde deveria abandoná-lo.

As tropas saíram de Vilna por diversas razões complicadas: de Estado, de política e de tática. Cada movimento de recuo era acompanhado, no Estado-Maior, por um jogo complicado de interesses, projetos, paixões. Mas, para os hussardos do regimento de Pavlograd, toda essa marcha a recuos, no melhor momento do verão, com provisões suficientes, era o que havia de mais simples e

mais alegre. Aborrecer-se, inquietar-se, criticar uns aos outros eram coisas que só se podia fazer no quartel-general, mas, no coração do exército, nem sequer se perguntava para onde e por que se recuava. Se alguém lamentava o recuo, era apenas porque se fazia necessário abandonar o alojamento a que se havia habituado, ou então uma jovem bonita. Se passasse pela cabeça de alguém a hipótese de as coisas estarem correndo mal, então, como convém a um bravo militar, procuravam alegrar-se e não mais pensar no desenrolar geral dos acontecimentos, mas apenas na obrigação imediata.

A princípio todos estavam alegres nas proximidades de Vilna: eram as relações com os proprietários poloneses, a revista do imperador e dos grandes chefes. Depois veio a ordem de recuar na direção de Sventziany e destruir todas as provisões que não fosse possível carregar. Sventziany era memorável para os hussardos por ser o *campo dos bêbados*, como todo o exército chamava o acampamento próximo da localidade e por ter havido muitas queixas contra as tropas, que, aproveitando a ordem para requisitar alimentos da população, se apoderavam também de cavalos, carros e tapetes dos fidalgos poloneses. Rostov lembrava-se de Sventziany porque, no dia da entrada nessa aldeia, fizera apear um sargento e não conseguira refrear todos os soldados bêbados do seu esquadrão que, à sua revelia, se apoderaram de cinco tonéis de cerveja velha.

De Sventziany o recuo continuou para mais longe, até Drissa, e de Drissa até as proximidades das fronteiras russas.

No dia 13 de julho, pela primeira vez, o regimento de Pavlograd esteve envolvido num combate de importância.

A noite de 12 de julho, véspera da batalha, fora tempestuosa, caindo forte chuva e trovoadas. (O verão de 1812 foi quase todo tempestuoso.) Dois esquadrões do regimento de Pavlograd estavam acampados nos campos de centeio, espezinhados pelos cavalos e pelo gado. A chuva caía torrencialmente, e Rostov e Ilia, um jovem oficial seu protegido, estavam sentados na cabana construída às pressas. Um oficial do regimento, de bigodes compridos que cobriam as bochechas, voltando do Estado-Maior, fora surpreendido pela chuva e se abrigara na cabana de Rostov.

— Conde, estou chegando do Estado-Maior, já ouviu falar do ato heroico de Raievski?

O oficial narrou os detalhes da batalha de Saltanovka que lhe haviam contado no Estado-Maior.

Virando o pescoço todo molhado, Rostov fumava um cachimbo e, sem prestar atenção ao que ouvia, olhava de quando em quando o jovem oficial Ilin, que estava sentado perto dele. Esse oficial, um rapaz de dezesseis anos, recentemente chegado ao regimento, era para Rostov o que ele fora para Denissov, sete anos antes. Ilin procurava imitar Rostov em tudo e dava a impressão de uma mulher enamorada.

Zdrjinski, o oficial de bigodes compridos, contava com ênfase por que razão esse dique de Saltanovka era as Termópilas russas, e como o general Raievski praticara um ato digno da Antiguidade. Ele contava que Raievski, sob o intenso fogo inimigo, levava seus dois filhos até o dique e, acompanhado por eles, se atirara ao ataque. Rostov ouvia a história e, além de nada dizer para encorajar o entusiasmo de Zdrjinski, dava, ao contrário, a impressão de um homem envergonhado do que estão lhe contando, embora não pensasse em fazer qualquer objeção. Rostov, depois da campanha de Austerlitz e da de 1807, sabia por experiência própria que sempre se mentia ao contar aventuras de guerra, como ele mesmo mentia quando as contava. Em segundo lugar, tinha bastante experiência para saber que na guerra nada se passa como é possível imaginar e contar. Por isso, a história de Zdrjinski o desagradava, como, aliás, o próprio Zdrjinski, que, ao falar, tinha o hábito de chegar muito perto do interlocutor e o apertava na cabana já pequena demais. Rostov o fitava em silêncio.

“Em primeiro lugar, no dique atacado, devia haver tanta agitação e confusão que, se Raievski tivesse levado seus filhos, ninguém, salvo uma dezena de homens mais próximos dele, poderia ter percebido”, pensava Rostov. “Os demais não poderiam ver como ou com quem Raievski marchava sobre o dique. Mas os que o viram não podiam estar muito entusiasmados: que interesse poderia ter, para eles, os sentimentos ternos, paternais, de Raievski quando era preciso pensar na própria pele? Além disso, o destino da pátria não dependia, de forma nenhuma, do fato de ser ou não tomado o dique de Saltanovka, como foi escrito a respeito das Termópilas. Então, por que esse sacrifício? E depois, para que envolver seus filhos na guerra? Eu não só não levaria Pétia, meu irmão, mas nem mesmo Ilin, esse rapaz que me é estranho, embora muito bom. Procuraria deixá-

lo abrigado em qualquer parte!”, continuava a pensar, ouvindo Zdrjinski. Mas não exprimiu seus pensamentos; sua experiência o refreava. Sabia que essa história contribuía para a glória de nosso exército e que, por essa razão, não podia dar demonstrações de dúvida. Era o que fazia.

— Não posso mais — disse Ilin, notando que essa narração aborrecia Rostov. — As meias, a camisa, tudo está ensopado. Vou procurar um abrigo. Parece que a chuva diminuiu. — Ilin saiu e Zdrjinski foi embora. Cinco minutos depois, patinhando na lama, Ilin voltava à cabana.

— Hurra! Rostov, vamos depressa. Achei. A duzentos passos existe uma estalagem. Os nossos já estão lá, ao menos nos secaremos, e Maria Henrikovna também está lá.

Maria Henrikovna era a mulher do médico do regimento. Era uma alemãzinha bonita com quem o médico se casara na Polônia. O médico, fosse por falta de meios, fosse por não querer separar-se da jovem esposa nos primeiros tempos, a arrastava com ele atrás do regimento, e o ciúme do doutor tornara-se o motivo habitual das pilhérias entre os oficiais dos hussardos.

Rostov pôs o capote nos ombros, chamou Lavruchka, ordenando-lhe que levasse suas coisas, e, acompanhado de Ilin, dirigiu-se para a estalagem, patinhando no barro e nas poças. A chuva se acalmava na obscuridade da noite, de quando em quando violada pelos relâmpagos longínquos.

— Rostov, onde estás?

— Aqui. Que relâmpagos! — diziam eles.

XIII

Na estalagem, diante da qual estava a carruagem do doutor, já se refugiavam cinco oficiais. Maria Henrikovna, uma alemãzinha loura, gorda, em camisão e touca, estava sentada num banco grande colocado num canto da sala. Seu marido, o doutor, dormia atrás dela. Ilin e Rostov foram recebidos com gargalhadas e exclamações alegres.

— Ah! está alegre aqui — disse Rostov, rindo.

— E vocês, por que não se divertem?

— Como estão bonitos! Parecem uns pintos molhados! Não vão sujar a sala.

— Não sujem o vestido de Maria Henrikovna! — disseram várias vozes.

Rostov e Ilin procuravam um cantinho onde pudessem trocar as roupas molhadas sem ferir o pudor de Maria Henrikovna. Quiseram ficar atrás do biombo para trocar de roupa, mas esse pequeno reduto estava ocupado por três oficiais que jogavam cartas à luz de uma vela colocada sobre uma caixa vazia e que não queriam cedê-lo de jeito nenhum. Maria Henrikovna ofereceu uma saia para servir de reposteiro e, atrás desse biombo improvisado, Rostov e Ilin, auxiliados por Lavruchka, que trouxera as bagagens, trocaram as roupas molhadas por outras secas.

A estufa quase demolida foi acesa; alguém achou uma tábua, que foi colocada sobre duas selas e coberta por um xabrequê; trouxeram a caixa de provisões, um pequeno samovar, meia garrafa de rum, convidaram Maria Henrikovna para fazer as honras da mesa e todos se agruparam em torno dela. Um oferecia-lhe um lenço limpo para enxugar as lindas mãos; outro atirava-lhe aos pés seu uniforme, para preservá-los da umidade; o terceiro tapava a janela com um capote para evitar que o vento entrasse. Um outro, finalmente, espantava as moscas do rosto de seu marido, para que ele não acordasse.

— Deixe-o — disse Maria Henrikovna, sorrindo timidamente numa expressão de felicidade. — Ele dormirá sem isso depois de uma noite de vigília.

— Impossível, Maria Henrikovna, é preciso tratar bem o doutor. Talvez ele se compadeça mais quando tiver que me cortar uma perna ou um braço.

Só havia três copos. A água era tão suja que não se podia saber se o chá estava forte ou não, e o samovar só tinha capacidade para seis copos, mas era ainda mais agradável cada um, na sua vez, por ordem de antiguidade, receber o copo da mãozinha gorda, de unhas curtas não muito limpas, de Maria Henrikovna. Nessa noite, todos os oficiais pareciam apaixonados por Maria Henrikovna e o estavam efetivamente. Até aqueles que jogavam cartas atrás do biombo logo deixaram o jogo e se aproximaram do samovar, atraídos pelo interesse geral em dar atenções a Maria Henrikovna. Ela, vendo-se cercada por moços tão distintos, tão educados, expandia-se alegremente, apesar de todo o seu cuidado em refrear-se e o receio que lhe provocava cada movimento do marido adormecido.

Só havia uma colher; o açúcar era abundante, mas não havia tempo para deixá-lo dissolver-se e ficou resolvido que Maria Henrikovna mexesse o açúcar

de cada um. Pondo rum no copo que acabara de receber, Rostov pediu a Maria Henrikovna que lhe mexesse o açúcar.

— Mas o senhor toma sem açúcar! — disse ela, sorrindo, como se suas palavras, e as dos outros, e atos fossem muito engraçados e tivessem um duplo sentido.

— Não preciso de açúcar, quero apenas que a senhora mexa com sua mãozinha.

Maria Henrikovna acedeu a começou a procurar a colher, que um outro já havia pegado.

— Maria Henrikovna, com seu dedinho será ainda melhor.

— Está quente! — respondeu ela, corando de satisfação.

Ilin pegou o balde de água e, pingando uma gota de rum, pediu a Maria Henrikovna que mexesse com o dedo.

— É minha taça — disse ele. — Molhe seu dedinho nela que eu beberei tudo.

Quando o samovar ficou vazio, Rostov pegou o baralho e sugeriu que se jogasse “aos reis” com Maria Henrikovna. Tiraram a sorte para ver quem jogaria com ela. Por proposta de Rostov ficou combinado, como regra do jogo, que aquele que fosse o rei teria direito de beijar a mão de Maria Henrikovna e o que ficasse “burro” deveria ferver o samovar para o doutor quando ele acordasse.

— E se Maria Henrikovna for o rei? — perguntou Ilin.

— Ela já é a rainha e suas ordens são a lei.

Em seguida começou o jogo. Inesperadamente a cabeça desgrenhada do doutor surgiu atrás de Maria Henrikovna. Acordara momentos antes, estivera ouvindo a conversa e, era evidente, não a estava achando nada engraçada e divertida. Sua expressão era triste e aborrecida.

Não cumprimentou os oficiais, coçou-se e pediu licença para sair, pois a passagem estava interrompida. Assim que ele saiu, todos os oficiais caíram na risada e Maria Henrikovna corou até as lágrimas, o que a tornou ainda mais atraente aos olhos de todos os oficiais.

Quando o doutor voltou, disse à mulher (que já não sorria alegremente e o fitava com receio aguardando o que ele diria) que a chuva passara e que eles deviam dormir no carro, pois do contrário saqueariam tudo.

— Mandarei um vigia... dois... — disse Rostov.

— Eu mesmo servirei de sentinela — ofereceu-se Ilin.

— Não, os senhores dormiram e eu há duas noites que não prego olho — respondeu o doutor. E, de cara fechada, sentou-se ao lado de sua mulher, esperando que terminassem a partida.

Vendo a expressão sombria do doutor observando sua mulher de esguelha, os oficiais ficaram ainda mais alegres e alguns não puderam conter o riso, que procuravam desculpar com um pretexto razoável. Quando o doutor se retirou com sua mulher e instalou-se no carro, os oficiais deitaram-se na estalagem, cobrindo-se com seus capotes molhados. Mas levaram muito tempo para adormecer: ora falavam uns com os outros, ora lembravam-se do aspecto grave do doutor e da alegria de sua mulher, ora, indo até o patamar, voltavam contando o que se passava no carro. Várias vezes Rostov cobriu a cabeça para dormir, mas novamente um comentário qualquer o distraía. As conversas recomeçavam e, novamente, estalava um riso sem causa, alegre e juvenil.

XIV

Às três horas, quando apareceu um sargento com a ordem de partir para o povoado de Ostrovna, ainda ninguém estava dormindo.

Continuando a conversar e a rir, os oficiais se preparavam rapidamente. Mais uma vez prepararam o samovar com água suja, mas sem esperar o chá Rostov dirigiu-se para seu esquadrão. A chuva cessara, as nuvens se espalhavam. A umidade e o frio eram ainda aumentados pelas roupas que não haviam secado completamente.

Saindo da estalagem ao clarear do dia, Rostov e Ilin deram uma olhada no carro do doutor: viram os pés do doutor que saíam para fora da coberta e, no fundo, apoiada no travesseiro, a cabeça de sua mulher com uma touca de noite. Ouvia-se a respiração sonolenta de ambos.

— Ela é mesmo muito querida — disse Rostov a Ilin.

— Um amor — respondeu Ilin com a seriedade de seus dezesseis anos.

Meia hora mais tarde, o esquadrão marchava em perfeita ordem, pela estrada. Ouviu-se o comando: “A cavalo!” Os soldados se persignaram e montaram. Passando para a frente, Rostov comandou: “Marchem!” E os hussardos, em

formação de quatro, se puseram a caminho sob o ruído dos cascos na larga estrada molhada e orlada de bétulas, o tinido das armas e as conversas em voz baixa, seguindo a infantaria e a artilharia, que iam na frente.

As nuvens de um azul violáceo, em camadas finas, purpureavam-se à luz do sol e eram rapidamente enxotadas pelo vento. Ainda brilhante da chuva da véspera, percebia-se claramente a relva crespa que sempre margeia os caminhos vicinais. Os galhos das bétulas, também molhados, eram embalados pelo vento, deixando cair gotas claras.

As fisionomias dos soldados se tornavam cada vez mais nítidas. Rostov marchava entre as áleas de bétulas com Ilin a seu lado.

Em campanha, Rostov tomava a liberdade de montar um cavalo de cossaco em lugar de animais de parada. Como conhecedor e amador, conseguira um magnífico cavalo alazão do Don, grande, bom e que ninguém alcançava no galope. Para Nicolau era um prazer montar esse cavalo. Pensava no seu cavalo, na aurora, na mulher do doutor, sem lembrar-se uma única vez do perigo que os esperava.

Outrora, Rostov sentia medo quando marchava para o ataque, mas agora não sentia mais nada. Não tinha medo, não porque estivesse habituado com a metralha (a gente não se habitua ao perigo), mas porque aprendera a dominar sua alma diante do perigo. Habituara-se a se lançar ao ataque pensando em tudo, menos no que parecia ser essencial: o perigo iminente. A despeito de seus esforços e apesar de censurar-se por covardia, a princípio não conseguira, mas, com o tempo, esse esquecimento vinha-lhe naturalmente. Agora marchava ao lado de Ilin, entre as bétulas, tão calmo e despreocupado como se estivesse passeando. Ora desfolhava os galhos que lhe ficavam ao alcance da mão, ora batia com as pernas nos flancos do animal, ora, sem virar-se, atirava o cachimbo apagado ao hussardo que o seguia. Observando Ilin, muito loquaz e inquieto, compadecia-se dele. Conhecia por experiência esse estado de inquietação, de espera e de medo da morte em que se achava Ilin, e sabia que nada, salvo o tempo, podia remediar.

Assim que o sol se mostrou no céu límpido, através das nuvens, o vento se acalmou, como se não ousasse perturbar a bela manhã de verão depois da tempestade. Ainda caíam algumas gotas, mas verticalmente, e tudo se tornara

calmo. O sol desprendeuse do horizonte e desapareceu atrás de uma nuvem estreita e comprida; alguns minutos depois, rasgando seus bordos, ele reapareceu ainda mais claro na extremidade superior da nuvem. Tudo se tornava claro e brilhante, e, como saudando essa claridade, ribombaram os tiros de canhão.

Antes que Rostov tivesse tempo de refletir e avaliar a distância desses tiros, o ajudante de ordens do conde Osterman Tolstoi chegava a galope de Vitebsk com a ordem de seguirem a trote pela estrada.

O esquadrão passou pela infantaria e pela bateria, que, também se apressando, desciam a colina, e tendo atravessado uma aldeia abandonada por seus habitantes, surgia novamente na colina. Os cavalos começavam a cobrir-se de suor e os homens estavam corados.

— Alto! Em linha! — gritava o comandante da divisão. — Em fila pela esquerda! Marchem! — E os hussardos se colocavam no flanco esquerdo da posição atrás dos ulanos que se achavam na primeira linha. Uma coluna fechada de nossa infantaria se mantinha à direita: era a reserva. Mais em cima, sobre a montanha, no horizonte, sob a luz opaca, oblíqua, clara, pura, apareciam nossos canhões. Mais adiante, divisava-se uma outra colina com os canhões inimigos. Do vale vinha o barulho de nossos soldados já engajados na luta, alegremente trocando golpes com o inimigo.

Rostov se regozijava com esses sons que não ouvia há muito tempo, como se fossem a mais alegre das músicas. Ta-ta-ra-ta-ta... vários tiros se fizeram ouvir, ora simultâneos, ora sucessivamente. Novamente tudo se calava e, mais uma vez, tinha-se a impressão de estar pisando sobre bombinhas, fazendo-as estourar.

Os hussardos ficaram perto de uma hora no mesmo lugar. O canhoneio começava. O conde Osterman passou com sua comitiva por trás do esquadrão, falou com o comandante do regimento e rumou para a colina na direção dos canhões.

Depois da partida do conde, comandaram aos ulanos:

— Em coluna! Ao ataque!

A infantaria abriu para dar passagem à cavalaria. Segurando suas lanças com flâmulas ao vento, os ulanos desceram a colina a trote, na direção da cavalaria francesa que surgia à esquerda.

Assim que os ulanos desceram, os hussardos receberam ordem para aproximar-se da colina a fim de cobrir a bateria. Enquanto os hussardos tomavam o lugar dos ulanos, voavam balas longínquas assobiando, mas sem atingir a linha.

Esse som que Rostov não ouvia há muito tempo deixava-o ainda mais enérgico e alegre que o do canhoneio.

Erguendo-se sobre a sela, observava o campo de batalha que se divisava da montanha, e do fundo da alma participava dos movimentos dos ulanos. Os ulanos estavam muito próximos dos dragões franceses: deu-se uma confusão no meio da fumaça, e, cinco minutos depois, os ulanos galopavam em retirada, não voltando para onde estavam antes, e sim mais para a esquerda. Entre os ulanos nos seus cavalos zainos, e atrás deles, via-se a formação compacta de uniformes azuis dos dragões franceses nos seus cavalos tordilhos.

XV

Rostov, com sua agudeza de vista de caçador, foi um dos primeiros a notar os dragões franceses de azul perseguindo nossos ulanos. Os ulanos com as linhas rompidas e os dragões franceses que os perseguiam se aproximavam cada vez mais. Já se podia ver como esses homens, que pareciam pequenos ao pé da colina, se chocavam e atacavam mutuamente, sacudindo os braços ou os sabres.

Como numa caçada, Rostov observava o que se passava diante dele. Sentia que, se os hussardos avançassem imediatamente sobre os dragões, eles não poderiam resistir, mas era preciso que fosse em seguida, imediatamente, pois do contrário seria tarde demais. Olhou ao redor. O capitão estava junto dele e também não despregava os olhos da cavalaria no vale.

— André Sevastianitch — disse Rostov —, nós poderíamos esmagá-los...

— Seria um golpe e tanto. Mas de fato...

Sem ouvir o resto, Rostov galopou para a frente do esquadrão. Antes mesmo da voz de comando, o esquadrão, num impulso análogo ao seu, movimentou-se como só um homem. O próprio Rostov não sabia como nem por que fazia isso. Procedia agora como numa caçada, sem refletir, sem calcular. Via que os dragões estavam próximos, que galopavam desorganizadamente. Sabia que não resistiriam. Sabia que esse momento era único e que não se repetiria se o deixasse escapar. Como um estimulante, as balas zumbiam e assobiavam em

volta dele, o cavalo se atirava para a frente num ardor tal que se tornava impossível contê-lo. Soltou as rédeas, deu uma ordem e ao mesmo tempo ouviu atrás de si o ruído de cascos de seu esquadrão que o acompanhava a trote largo. Começou a descer a colina na direção do vale. Assim que desceram, involuntariamente, o trote transformou-se num galope crescente à medida que se aproximavam de nossos ulanos e dos dragões franceses que os perseguiam.

Os dragões estavam próximos. Os que se achavam na frente retrocederam assim que viram os hussardos. Os que estavam atrás pararam. Rostov, num estado de espírito semelhante ao que o leva a cortar o caminho do lobo numa caçada, soltando as rédeas de seu cavalo do Don, corria para cortar o caminho dos dragões franceses, cujas fileiras haviam sido rompidas. Um ulano parou. Um infante se jogou ao chão para não ser esmagado. Um cavalo solto fugia entre os hussardos. Quase todos os dragões franceses fugiam. Escolhendo um que montava um cavalo cinzento, Rostov lançou-se no seu encalce. Na corrida esbarrou num arbusto. Seu bom cavalo passou por cima e Nicolau segurou-se com dificuldade para, em seguida, atacar o inimigo escolhido. Esse francês, provavelmente um oficial, a julgar pelo seu uniforme, galopava agachado no seu cavalo cinzento, fustigando-o com o sabre. Um momento depois, o peito do cavalo de Rostov se chocava com a traseira do cavalo do oficial francês, quase o derrubando. No mesmo instante, sem saber mesmo por quê, Rostov levantou o sabre ferindo o francês.

Subitamente todo o seu entusiasmo desapareceu. O oficial caiu, tonto não pelo golpe, que apenas lhe feriu o braço um pouco acima do cotovelo, mas, principalmente, pelo choque e pelo medo. Rostov conteve seu cavalo, procurando com os olhos o homem que havia vencido. O oficial francês saltitava, um pé na terra e outro enganchado no estribo. Receoso, piscava os olhos, esperando receber um novo golpe a qualquer momento e, com o cenho franzido, fitava Rostov de alto a baixo numa expressão de pavor. Sua fisionomia pálida, loura, jovem, com uma covinha marcando-lhe o queixo, seus olhos de um azul-claro e seu rosto coberto de barro não eram absolutamente os de um homem no campo de batalha, os de um inimigo, mas um rosto comum, ordinário. Antes mesmo que Rostov tomasse uma decisão, o oficial gritou:

— Eu me rendo! — Esforçava-se, inutilmente, para tirar o pé do estribo e fitava Rostov com seus olhos azuis, assustados.

Os hussardos que acorreram desvencilharam-no fazendo-o montar novamente. Em diversos pontos os hussardos se ocupavam com os dragões. Um, ferido, a face ensanguentada, não soltava seu cavalo. Um outro, na garupa de um hussardo, o abraçava pela cintura. Um terceiro montava outra vez, auxiliado por um hussardo.

Atirando, a infantaria francesa fugia. Os hussardos se retiraram apressadamente levando seus prisioneiros. Deprimido, Rostov seguia os outros. Qualquer coisa de vago, de confuso, que ele não podia explicar despertara no seu íntimo com a captura desse oficial e o golpe que lhe desferira.

O conde Osterman Tolstoi encontrou os hussardos que voltavam. Chamou Rostov, agradeceu-lhe e disse que levaria seu ato heroico ao conhecimento do imperador e pediria para ele a cruz de São Jorge. Quando Rostov foi avisado de que deveria apresentar-se ao conde Osterman, lembrando-se do ataque que comandara sem haver recebido ordem, estava certo de que o chefe o chamava para puni-lo por seu ato arbitrário. Por conseguinte, as palavras lisonjeiras de Osterman e a promessa de uma recompensa deveriam alegrá-lo particularmente. Mas o mesmo sentimento impreciso continuava a provocar um sofrimento moral. “Mas por que me atormento?”, perguntava a si próprio ao deixar o general. “Ilin? Não, ele está são e salvo. Pratiquei alguma ação vergonhosa? Também não!” Algo o atormentava como um remorso.

“Sim, sim, aquele oficial com uma covinha... E ainda me lembro como meu braço parou quando o levantava.”

Rostov encontrou os prisioneiros levados. Acompanhou-os para ver seu francês da covinha. No seu uniforme estrangeiro, montando um cavalo dos hussardos, ele tinha uma expressão inquieta no olhar. Seu ferimento era insignificante. Fingiu sorrir a Rostov saudando-o com a mão. Rostov sentiu um incômodo próximo da vergonha. Durante todo esse dia e no seguinte, os amigos e camaradas de Rostov notaram que ele não estava nem aborrecido nem zangado, mas, apesar de tudo, se conservava silencioso, pensativo e concentrado. Bebia sem prazer, retraía-se e parecia preocupado.

Rostov pensava constantemente no seu ato brilhante que o tornava merecedor da cruz de São Jorge e lhe dera a reputação de valente. Havia ali alguma coisa que ele não conseguia compreender. “Então eles têm ainda mais medo que nós? Então é isso que chamam de heroísmo. Terei eu feito isso pela pátria? E que culpa tem ele com sua covinha e seus olhos azuis? Que medo ele sentia! Estava pensando que iria matá-lo! Mas por que o mataria? Minha mão tremia. E agora me condecoram. Não posso compreender”, pensava Nicolau.

Mas enquanto Nicolau fazia essas perguntas a si mesmo, sem conseguir, apesar de tudo, descobrir o que o perturbava tanto, a roda da fortuna girava a seu favor, como muitas vezes acontece. A refrega de Ostrovna lhe valeu uma promoção, ele foi nomeado comandante de um batalhão e, toda vez que havia uma missão em que fosse necessário um oficial corajoso, era a ele que a confiavam.

XVI

Ao ter conhecimento da doença de Natacha, a condessa, apesar de ainda fraca e indisposta, voltou a Moscou com Pétia e toda a criadagem, e os Rostov deixaram a casa de Maria Ivanovna para instalar-se em sua própria residência.

A doença de Natacha era tão séria que, para felicidade sua e de seus pais, a lembrança da causa de seu mal, sua conduta e seu rompimento com o noivo, foi relegada para um segundo plano. Estava muito doente, e não se podia medir quanto era culpada de tudo que acontecera, enquanto não dormia, não comia, emagrecia a olhos vistos, tossia e, como o médico dava a entender, estava em perigo. Só se podia pensar em tratá-la. Os médicos a examinavam isoladamente e em conferência, falavam muito em francês, alemão e latim, julgavam-se reciprocamente com muita severidade, davam as receitas mais variadas de todas as moléstias que lhes eram conhecidas. Mas não passou pela cabeça de nenhum a lembrança de que não se podia conhecer o mal que fazia Natacha sofrer, como não se podia conhecer uma única das moléstias dos homens, visto que cada um tem sua doença particular, nova, complicada que a medicina desconhece. Não se trata de uma moléstia de pulmões, de fígado, de pele, de coração, de nervos etc., catalogadas pela medicina, mas são moléstias resultantes de múltiplas

combinações das afecções de vários órgãos. Essa ideia tão simples não podia passar pela cabeça dos médicos (como também não pode passar pela cabeça de um feiticeiro a ideia de que ele não seja capaz de enfeitiçar), já que o negócio deles consiste em curar, porque são pagos para isso e porque, para tal, gastaram os melhores anos de sua vida. Mas o motivo principal que impedia aos médicos de pensarem nisso residia na convicção de serem absolutamente necessários — e na realidade o eram — a

toda a família Rostov. Eram úteis não por obrigar a doente a engolir substâncias na sua maioria nocivas (o perigo era pouco sensível, já que as substâncias nocivas eram ministradas em pequenas doses), mas eles eram muito úteis, necessários, indispensáveis (e por essa razão os feiticeiros, os curandeiros imaginários, os homeopatas e os alopatas sempre existirão), porque satisfaziam as necessidades morais da doente e das pessoas que a amavam. Eles satisfaziam essa necessidade eterna, humana, de esperar o alívio, essa necessidade de simpatia e solidariedade que o homem sente quando sofre. Eles satisfaziam essa necessidade eterna, humana, que se observa na criança em sua forma primitiva: esfregar a parte dolorida. A criança se machuca e logo corre para os braços da mãe, da criada, para ser abraçada, para que lhe passem a mão na parte afetada. Logo sente-se melhor. A criança não pode crer que as pessoas mais fortes e mais sábias que ela não consigam aliviar sua dor. E a esperança do alívio, a expressão compadecida da mãe quando lhe acaricia a contusão a consolam. Os médicos eram úteis a Natacha porque aliviavam seu *dodói*, afirmando-lhe que ele logo desapareceria se o cocheiro fosse à farmácia da Arbate e comprasse por um rublo e sessenta e cinco *kopeks* [\[32\]](#) um pozinho e pílulas numa bonita caixinha, e se a doente tomasse regularmente todos esses remédios em água fervida de duas em duas horas regularmente.

E o que poderiam fazer Sônia, o conde e a condessa? Como ficariam se tivessem que cruzar os braços e não fazer nada, em vez de dar essas pílulas a cada duas horas, bebidas quentes, croquetes de frango e todos os detalhes prescritos pelo médico, cuja execução consolava os que cercavam a doente? Como poderia o conde suportar a moléstia de sua filha querida se não soubesse que ela lhe custava milhares de rublos e que ele estava disposto a gastar outros milhares para curá-la; se não soubesse que, no caso de ela não melhorar, gastaria outros milhares de rublos levando-a ao exterior e lá reunindo vários médicos em conferência; e não pudesse contar detalhadamente que Métivier e Feller não haviam compreendido a moléstia, que Frise a compreendera e que Mudrov ainda a diagnosticara melhor? O que teria feito a condessa se, de quando em quando, não lhe fosse possível zangar-se com a doente, que não seguia estritamente as prescrições do médico?

— Assim nunca poderá ficar boa — dizia, esquecendo a sua dor na contrariedade. — Se não obedeces ao médico e não tomas os remédios nas horas marcadas, poderás ter uma pneumonia; não se pode brincar com isso.

E sentia um grande conforto apenas em pronunciar aquela palavra, que ela não compreendia.

O que teria feito Sônia se não tivesse a alegre consciência de que, nos primeiros tempos, passara três noites em claro a fim de poder cumprir exatamente as prescrições do doutor e que agora mal dormia durante a noite para não deixar passar a hora das pílulas quase inofensivas da caixinha dourada?

Até Natacha, embora dissesse que nenhum remédio a curaria, que tudo era inútil, sentia-se feliz por ser o objeto de tantos sacrifícios e ter que tomar remédios em horas certas. E era um prazer para ela poder mostrar, desobedecendo as prescrições médicas, que não acreditava na cura e não amava a vida.

O médico vinha todos os dias, tomava-lhe o pulso, examinava sua língua e, sem preocupar-se com sua fisionomia abatida, caçoava com ela. Mas em compensação, quando saía do quarto acompanhado pela condessa, sempre ansiosa, assumia um ar de seriedade, sacudia gravemente a cabeça, dizia que, apesar do perigo, confiava na ciência e na sua última receita, que era necessário esperar para ver, que o maior mal da doente era moral, mas...

A condessa, procurando fazê-lo às escondidas de si própria e do médico, passava-lhe de cada vez uma moeda de ouro e, mais tranquila, voltava para junto da doente.

As características da moléstia de Natacha consistiam em comer pouco, dormir mal, tossir e sofrer uma apatia constante. Os médicos diziam que ela não podia ficar sem assistência médica, razão pela qual os Rostov não foram para fora no verão de 1812, conservando-a na atmosfera sufocante da cidade.

Malgrado a grande quantidade de pílulas, gotas e pozinhos fornecidos em caixinhas e vidrinhos que Madame Chausse colecionava apaixonadamente, e malgrado a falta da vida no campo a que estava habituada, a mocidade foi mais forte. As impressões da vida cotidiana começavam a abafar a dor de Natacha, que, diluindo-se no passado, já não era um sofrimento. Natacha começava a restabelecer-se.

XVII

Natacha estava mais calma, mas não mais alegre. Não só evitava todas as ocasiões exteriores de prazer: bailes, passeios, concertos, teatros, como não havia uma só vez em que ria e não se percebessem lágrimas através de seu riso. Não podia cantar. Quando começava a rir, ou quando, sozinha, procurava cantar, as lágrimas a sufocavam. Lágrimas de arrependimento, de lembrar esse tempo puro que se fora, de ter perdido sua mocidade, que poderia ter sido tão feliz. O riso e, principalmente, o canto pareciam-lhe profanar sua dor. Em faceirice ela nem sequer pensava; não tinha necessidade de reprimir-se. Dizia e sentia que agora todos os homens tinham para ela a mesma significação de Nastásia Ivanovna, o bufão. Um guardião interior proibia-lhe energicamente qualquer alegria: a vida com mil e um de interesses de moça, sem preocupações, cheia de esperanças, já não tinha interesse para ela. Lembrava-se principalmente, com lástima, dos meses de outono: a caça, o tio, o Natal passado com Nicolau em Otradnoie. O que não daria para voltar a esse tempo, nem que fosse por um único dia! Mas isso passara para sempre. O pressentimento de que aquele estado de liberdade, acessível a todas as alegrias, não voltaria nunca mais não a enganara. Mas era preciso viver.

Alegrava-se em pensar que não era melhor — como imaginava outrora —, mas pior, muito pior que tudo no mundo. Mas era pouco. Sabia e perguntava a si mesma: “E depois?” E depois não haveria nada. Não havia nenhuma alegria na vida e a vida passava. Esforçava-se visivelmente por não incomodar ninguém, não impedia ninguém de trabalhar, mas para si nada era preciso. Afastava-se de todos os íntimos e só se sentia à vontade com seu irmão Pétia. Preferia passar o tempo em sua companhia do que na das outras pessoas, e às vezes ria quando estava com ele a sós.

Quase não saía de casa e, das visitas que recebia, só uma lhe dava prazer: Pierre. Não era possível alguém ser mais terno e atencioso, e ao mesmo tempo mais sério, que o conde Bezukhov com Natacha. Sem perceber ela sentia essa ternura, e daí o grande prazer que sentia em sua companhia. Mas nem sequer lhe era grata por essa ternura. Nada na bondade de Pierre lhe parecia resultado de esforço. Era tão natural a Pierre ser bondoso com todo o mundo que não havia nenhum mérito na sua bondade. Às vezes Natacha notava um certo constrangimento em Pierre, principalmente quando ele queria ser agradável ou quando receava que alguma coisa pudesse lembrar-lhe suas recordações dolorosas. Notava isso e o atribuía à sua bondade específica e à sua timidez, que, segundo ela, devia ser a mesma com todos. Depois que falou que se fosse livre, jovem, lhe pediria sua mão e seu amor, palavras ditas a esmo, num momento de tão grande emoção para ela, Pierre nunca lhe dissera nada sobre seus

sentimentos. Para Natacha era claro que essas palavras, que lhe serviram de tão grande consolo na ocasião, haviam sido ditas como se diz muita coisa sem sentido para consolar uma criança que chora. Não porque Pierre fosse casado, mas porque Natacha sentia haver entre eles, no mais alto grau, essa força dos obstáculos morais, ausentes na presença de Kuriaguine! Nunca lhe passava pela cabeça que suas relações com Pierre pudessem caminhar para o amor, tanto de uma parte como de outra, nem mesmo para essa espécie de amizade meiga e poética entre o homem e a mulher, de que ela conhecia alguns exemplos.

Ao terminar o jejum da semana de São Pierre, Agrafena Ivanovna Bielova, vizinha dos Rostov no campo, veio a Moscou render homenagem às relíquias. Convidou Natacha para acompanhá-la nas suas devoções e esta aceitou com alegria. Embora o médico a tivesse proibido de sair cedo, Natacha insistiu para fazer suas preces, não como normalmente faziam os Rostov, isto é, assistir em casa às três orações coletivas, mas como as fazia Agrafena Ivanovna, isto é, não faltar às matinas, às missas nem às vésperas durante uma semana inteira.

A condessa sentiu-se feliz com esse zelo de Natacha. No seu íntimo, depois do tratamento médico infrutífero, esperava que a oração a aliviasse mais que os remédios e, embora receosa e às escondidas do médico, acedeu ao desejo de Natacha, confiando-a à senhora Bielova. Agrafena Ivanovna vinha acordar Natacha às três horas da manhã, mas na maioria das vezes já a encontrava acordada. Natacha temia faltar às matinas. Levantava-se às pressas, arrumava-se o mais modestamente possível, vestindo um traje velho e agasalhando-se com um casacão usado, tremendo de frio, saía pelas ruas desertas de Moscou, iluminadas pela aurora. A conselho de Agrafena Ivanovna, Natacha não fazia suas preces na própria paróquia, mas numa igreja em que, na opinião da pia senhora Bielova, havia um padre dos mais austeros e dignos. Na igreja sempre havia pouca gente. Natacha e a senhora Bielova se colocavam diante do ícone da Virgem, atrás do coro da esquerda. Quando, nessa hora matinal, fitando a imagem escura da mãe de Deus iluminada pelos círios acesos e pela luz da aurora que caía sobre os vitrais, ouvia e procurava acompanhar e compreender as palavras do ofício sacro, Natacha sentia-se invadida por um sentimento novo de humildade diante do grande e do incompreensível. Quando compreendia o sentido, seu sentimento pessoal se aliava à oração. Quando não compreendia,

sentia-se ainda mais confortada ao pensar que o desejo de compreender é apenas orgulho, que nem tudo se pode penetrar, que só se deve crer e orar a Deus, que, nesse momento, ela o sentia dirigir sua alma. Persignava-se, curvava-se e quando não compreendia, horrorizada com sua alma, implorava a Deus que a perdoasse por tudo e tivesse misericórdia. Suas orações preferidas eram as de arrependimento. Voltando para casa na hora em que todos ainda dormem e que só se encontram os calceteiros que se dirigem ao trabalho e os porteiros varrendo as ruas, Natacha sentia-se empolgada pela sensação, nova para ela, da possibilidade de corrigir seus defeitos, de uma vida nova, pura e de felicidade.

Durante toda a semana que levou essa vida, esse sentimento aumentou a cada dia. A felicidade de comungar era tão grande que lhe parecia não ser possível alcançar esse domingo bendito.

Quando esse dia feliz chegou, quando Natacha, nesse domingo memorável para ela, com seu vestido de musselina branca, voltou da comunhão, pela primeira vez, depois de vários meses, sentiu-se calma e confiante na vida que tinha diante de si.

O médico que a visitou nesse dia ordenou-lhe que continuasse tomando os últimos pozinhos que receitara duas semanas antes.

— É absolutamente necessário, condessa, de manhã e à noite — disse ele, evidentemente convicto de seu sucesso. — Peço-lhe, com a máxima regularidade. Fique tranquila, condessa, muito em breve ela cantará e se divertirá outra vez. O último medicamento fez-lhe muito, muito bem. Está muito bem disposta — disse num tom jocoso, agarrando habilmente na palma da mão a moeda de ouro que lhe davam.

Para não espantar a sorte, a condessa olhou as unhas, cuspiu [\[33\]](#) e entrou na sala com uma expressão alegre.

XVIII

Nos primeiros dias de julho, correram em Moscou boatos dos mais alarmantes a respeito dos caminhos que a guerra tomava. Falava-se de uma proclamação do imperador ao povo, da chegada do imperador, que deixara o exército para vir a Moscou. Como até o dia 11 de julho não houvesse chegado um manifesto nem uma proclamação, começaram a circular boatos exagerados relativos a esse manifesto e à situação geral do

país. Diziam que o imperador se retirara porque o exército estava em perigo, que Smolensk se rendera, que Napoleão tinha um milhão de soldados e que só um milagre poderia salvar a Rússia.

O manifesto fora recebido sábado, 11 de julho, mas ainda não havia sido publicado, e Pierre, que frequentava os Rostov, prometeu almoçar com eles no dia seguinte, domingo, e levar o manifesto e o apelo do povo, o que lhe seria fácil obter com o conde Rostoptchine.

Nesse domingo, os Rostov, como de hábito, foram ouvir a missa na capela privada dos Razumovski. Era um dia quente de julho. Desde às dez horas, quando os Rostov desceram do carro diante da igreja, no ar quente, nos gritos dos mascates, nos trajes claros e alegres da multidão, nas folhas empoeiradas das árvores das avenidas, no som da música, nas calças brancas do batalhão que desfilava, no ruído das rodas nas ruas, no brilho quente do sol, sentia-se a languidez do verão, junto com o contentamento e o descontentamento que, nas cidades, os dias quentes e claros provocam com uma nitidez particular.

Toda a nobreza de Moscou, todas as relações dos Rostov estavam na capela de Razumovski (este ano, como se esperassem acontecimentos, várias famílias ricas que, ordinariamente, passavam o verão no campo haviam ficado em Moscou). Passando na frente, os lacaios de libré afastavam a multidão para que a mãe e Natacha passassem. Natacha ouviu um rapaz dizer alto o bastante:

— É a senhorita Rostov, ela mesma.

— Como emagreceu. Apesar disso, continua bonita.

Ouviu ou pareceu-lhe ouvir que pronunciavam o nome de Kuriaguine e o de Bolkonski. Aliás, ela sempre imaginava isso. Parecia-lhe que, ao vê-la, todos pensavam no que lhe acontecera. Amargurada, a alma trêmula, como sempre no meio da multidão, Natacha caminhava, com seu vestido de seda lilás e fitas pretas, como só as mulheres sabem caminhar: tanto mais calmas e majestosas, quanto maior for a dor e a vergonha que sentem. Sabia, e não estava enganada, que era bonita, mas não se sentia feliz com isso como antes. Ao contrário, havia certo tempo que vivia atormentada e, principalmente, neste dia elaro de verão na cidade. “Ainda um domingo, ainda uma semana”, dizia ela consigo, vendo que tudo se passava como no domingo anterior. “É sempre a mesma vida sem vida; sempre as mesmas condições nas quais, outrora, era tão fácil viver. Sou bonita, jovem, eu sei, e sei que agora sou boa. Antes eu era má, agora eu sei que sou

boa. E meus melhores anos passam por nada, para ninguém”, pensava. Parou junto da mãe, cumprimentando de cabeça as pessoas que estavam próximas. Por hábito, Natacha examinava as roupas das damas e criticava as maneiras e o modo ridículo de persignar-se de uma que estava a seu lado. Contrariada, lembrou-se novamente de que a julgavam e que ela julgava os outros e, subitamente, ouvindo os sons das cerimônias, assustou-se com os maus sentimentos que a invadiam. Apavorava-se por ter novamente perdido sua pureza antiga.

O padre, um velhinho respeitável, oficiava com essa suave solenidade tão confortadora para a alma dos devotos. As portas santas se fecharam, a cortina abriu lentamente, uma voz meiga, misteriosa, disse qualquer coisa. Uma emoção que Natacha não compreendia a dominou, lágrimas encheram seus olhos e um sentimento alegre e enervante a invadiu. “Ensina-me o que devo fazer. Como levar a vida, como corrigir-me para sempre, para sempre!”, pensava. O diácono surgiu na galeria, arrumou a longa cabeleira que ficara presa embaixo da sobrepeliz, encostou a cruz no peito e, com uma voz alta e solene, pronunciou as palavras da oração:

— Oremos todos, oremos juntos ao Senhor.

“Oremos todos juntos sem distinção de classes, sem ódios, todos com um amor fraternal. Oremos”, pensou Natacha.

— Oremos, a fim de merecermos o céu e nossas almas serem salvas!

“Oremos, para obter a paz dos anjos e de todos os seres espirituais que vivem acima de nós”, rezou Natacha.

Quando rezavam pelo exército, ela lembrou-se de seu irmão e de Denissov. Quando rezaram pelos marinheiros e pelos viajantes, lembrou-se do príncipe André, rezou por ele e para que Deus lhe perdoasse o mal que lhe havia feito. Quando rezaram pelos que nos amam, ela pediu por seus parentes, por seu pai, sua mãe, Sônia, e, pela primeira vez, compreendeu o erro que cometera com eles e sentiu que os amava com todas as suas forças. Quando rezaram pelos que nos odeiam, inventou inimigos a fim de pedir por eles. Considerava inimigos os credores e todos que tinham negócios com seu pai e, sempre que pensava neles e nos que odeiam, lembrava-se de Anatole, que lhe fizera tanto mal, e, embora ele não fosse dos que odeiam, era com alegria que rezava por ele, como por um

inimigo. Só rezando é que ela se sentia capaz de recordar-se com nitidez e calma de Anatole e do príncipe André como pessoas com relação às quais seus sentimentos desapareciam comparados ao sentimento de temor e adoração a Deus. Quando rezaram pela família imperial e pelo Santo Sínodo, inclinou-se ainda mais e persignou-se dizendo que, mesmo sem compreender, não podia duvidar, mas devia amar o Santo Sínodo e rezar por ele. Terminada a oração, o diácono fez o sinal da cruz sobre a estola e disse:

— Todos, cada um de nós mutuamente, recomendemo-nos a Jesus Cristo, nosso Deus.

“Recebe-me, Deus!”, repetia Natacha intimamente. “Meu Deus, entrego-me à tua vontade. Não quero nada, não desejo nada. Ensina-me o que devo fazer, como empregar minha vontade! Mas aceita-me, aceita-me!”, dizia mentalmente, com uma entrega comovida, sem fazer o sinal da cruz, deixando cair os braços finos como se esperasse que uma força invisível a levasse, libertando-a de suas mágoas, desejos, remorsos, esperanças, defeitos.

Várias vezes, durante a cerimônia, a condessa observou a fisionomia atenta, os olhos brilhantes da filha, e pediu a Deus que a amparasse.

Subitamente, no meio da cerimônia, fora da ordem que Natacha conhecia muito bem, o diácono trouxe um banquinho, no qual eram feitas de joelhos as orações de Pentecostes, e o colocou diante das santas portas. O padre levantou a batina de veludo lilás e arrumou os cabelos, ajoelhando-se com dificuldade. Todos fizeram o mesmo e se entreolharam surpresos. Era uma oração que acabava de chegar do Santo Sínodo para salvar a Rússia da invasão inimiga.

— Senhor Deus Todo-Poderoso, Deus de nossa salvação! — começou o padre com essa voz enfática e meiga que só os pregadores eslavos possuem e que tanta influência exerce sobre o coração russo. — Senhor Deus Todo-Poderoso, Deus de nossa salvação, concede-nos agora tuas graças, a nós que, humildemente, nos dirigimos a ti. Ouve nossa oração e vem em nosso auxílio. O inimigo lança a confusão sobre a terra e quer transformar o mundo num deserto.

“Esse inimigo ergue-se contra nós. Os homens criminosos se reuniram para destruir tua casa, para reduzir tua fiel Jerusalém a nada, tua Rússia bem-amada, para desrespeitar teus templos, derrubar teus altares e profanar nossos santuários.

Até quando, Senhor, triunfarão os pecadores? Até quando poderão eles infringir tuas leis?!

“Senhor Deus! Escuta-nos, a nós, que te pedimos. Ampara com tua força nosso muito piedoso e autocrata imperador Alexandre Pavlovitch, que sua lealdade e bondade mereçam tua graça. Recompensa-o pelas virtudes com que ele conserva teu Israel bem-amado. Abençoa suas resoluções, seus empreendimentos, suas obras. Com tua mão toda-poderosa fortifica seu reino e dá-lhe a vitória contra o inimigo, como Moisés contra Amalech, como Gedeão sobre Midian e Davi sobre Golias.

“Protege seus exércitos, ampara com um arco nos braços daqueles que se armaram em teu nome e dá-lhes força no campo de batalha. Arma-te, toma o escudo e a lança e vem em nosso socorro. Que se envergonhem aqueles que nos desejam o mal, que diante de teus exércitos fiéis eles se transformem em pó que o vento leva, e concede a teu anjo o poder de abatê-los e persegui-los; que seus desígnios secretos se voltem contra eles à luz do dia; que se enredem numa rede inextricável; que caiam sob os pés de teus escravos, os quais os esmagarão! Senhor, tu podes salvar os grandes e os pequenos porque és Deus e o homem nada pode contra ti.

“Deus de nossos pais, tua graça e tua misericórdia são eternas, não nos abandones por causa de nossas iniquidades, mas, por tua graça e bondade infinitas, esquece nossas deslealdades e nossos pecados. Faz com que o nosso coração se torne puro e o nosso espírito, justo. Revigora nosso temor e nossa esperança, faz com que nos amemos uns aos outros. Reúne-nos todos na defesa do patrimônio que deste a nós e a nossos pais, e que o espectro dos maus não se erga na terra dos que abençoaste.

“Senhor Deus em quem nós cremos, em quem depositamos toda a nossa esperança, não nos cobre de vergonha e não nos decepciona e faz um sinal em nosso favor a fim de que os que nos odeiam o vejam, que os que odeiam nossa religião ortodoxa pereçam, que todos os povos possam convencer-se de que teu nome é o Senhor e que nós somos teus filhos. Testemunha-nos, Senhor, tua misericórdia e concede-nos a libertação. Alegria o coração de teus escravos, fere nossos inimigos e arrasa-os sob os pés de teus fiéis. Porque és o socorro, o apoio

e a vitória dos que confiam em ti. Glória a ti, ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, agora, sempre e em todos os séculos dos séculos. Amém.”

Devido ao estado de alma em que ela se encontrava, essa oração repercutiu fortemente em Natacha. Ouviu com atenção cada palavra que se dizia sobre Moisés contra Amalech, Gedeão contra Midian, Davi contra Golias, sobre a ruína do templo de Jerusalém. Orava com essa emoção e ternura que lhe enchia a alma, mas não compreendeu muito bem para quem era a oração. Do fundo da alma pedia a Deus que lhe desse um espírito puro e lhe robustecesse o coração pela fé, a esperança e o amor. Mas não podia rezar pelo aniquilamento dos inimigos, pois alguns minutos antes desejara tê-los mais numerosos a fim de poder rezar por eles. Mas não podia, tampouco, duvidar da oração que fora lida de joelhos. O pavor do castigo que espera os homens pelos pecados que cometem invadiu-lhe a alma, e, principalmente, ela pensou em seus pecados. Pedia a Deus que perdoasse a todos e a ela própria e desse aos outros e a ela a calma e a felicidade neste mundo. Parecia-lhe que Deus ouvia sua oração.

XIX

Desde o dia em que, deixando os Rostov e contemplando o cometa que aparecia no céu, Pierre se lembrara do olhar reconhecido de Natacha e descobrira que qualquer coisa de novo se abria para ele, a pergunta sobre a vaidade e o absurdo da vida humana, que o atormentava, não mais o preocupava. A terrível pergunta: Por quê? Para quê?, que outrora ele fazia diante de tudo, era substituída não por outra pergunta, não pela resposta à pergunta antiga, mas pela imagem *dela*.

Conversando ou ouvindo os assuntos mais indiferentes, lendo ou tomando conhecimento de qualquer miséria ou loucura humanas, não se apavorava como antes, não se indagava por que se agitam os homens quando tudo é passageiro e desconhecido. Mas lembrava-se dela tal como a vira na última vez, e todas as dúvidas desapareciam, não porque ela solucionasse as perguntas que ele fazia a si mesmo, mas porque sua lembrança o transportava momentaneamente para outros domínios: o domínio claro da atividade espiritual onde não há justos nem culpados, o domínio do amor e da beleza, as razões que justificam o viver. Diante de qualquer miséria que se apresentasse a seus olhos, ele dizia consigo:

“Não importa que aquele roube do governo e do tsar, e que o tsar e o governo o cumulem de honrarias, pois ontem ela sorriu para mim, pediu-me que voltasse,

e eu a amo, e ninguém o saberá nunca.”

Pierre continuava frequentando a sociedade, bebendo muito e levando a mesma vida ociosa e distraída, porque, além das horas que passava nos Rostov, era necessário empregar o resto do tempo, e os hábitos e relações que fizera em Moscou o arrastavam, invencivelmente, para a vida que o subjugava.

Mas nos últimos tempos, diante dos boatos cada vez mais inquietantes vindos do teatro da guerra, diante do restabelecimento progressivo de Natacha, que já não inspirava mais sua compaixão preocupada, uma inquietação cada vez mais incompreensível tomou conta dele. Sentia que a situação na qual se encontrava não podia prolongar-se por muito tempo, que uma catástrofe iminente deveria revolucionar sua vida e, impaciente, procurava em toda parte os indícios dessa catástrofe. Um maçom lhe revelara a seguinte profecia relativa a Napoleão e tirada do *Apocalipse* de João, o profeta.

No *Apocalipse*, capítulo XIII, versículo 18, lê-se: “Aqui, há sabedoria. Quem tem inteligência calcule o número da besta, porque é número de homem; e o número dela é seiscentos e sessenta e seis.”

E no mesmo capítulo, versículo 5: “E foi-lhe dada uma boca que falava com insolência e pronunciava blasfêmia; e foi-lhe dado o poder de conquistar por quarenta e dois meses.”

Ao aplicar os caracteres franceses aos caracteres hebraicos, no formato de números, temos os dez primeiros correspondendo às unidades, os seguintes às dezenas. Possuem a significação que segue:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	20	30	40	50	60
a	b	c	d	e	f	g	h	i	k	l	m	n	o	p
70	80	90	100	110	120	130	140	150	160					
q	r	s	t	u	v	w	x	y	z					

Escrevendo, com esse alfabeto cifrado, as palavras: *L’empereur Napoléon*, a soma dos números dá 666. Nessas condições, Napoleão seria a besta do

Apocalipse. Além disso, pelo mesmo sistema, escrevendo o número quarenta e dois, isto é, o limite concedido à besta para falar “com insolência e blasfêmias”, e somando os números correspondentes, também encontramos o resultado 666. Em consequência disso, o poder de Napoleão deveria findar em 1812, quando o imperador dos franceses tivesse completado quarenta e dois anos.

Essa profecia despertara a atenção de Pierre, e muitas vezes ele perguntara a si próprio quem acabaria com o poder da besta, isto é, de Napoleão, e, baseando-se na representação das palavras por números e somas, procurava a resposta da pergunta que tanto o preocupava. Em resposta a essa pergunta, escrevia: *L’empereur Alexandre, La nation russe*. E a soma não dava 666. Uma ocasião em que estava fazendo esses cálculos, escreveu *Comte Pierre Besouhoff*, mas não chegou ao número desejado. Mudou a ortografia, trocou o s pelo z, acrescentou *de*, depois *le*, mas sempre sem resultado. Supôs então que, se a resposta à pergunta não era encontrada no seu nome, poderia sê-lo na sua nacionalidade. Escreveu: *Le russe Besuhof*; somando chegou ao resultado de 671. Só havia cinco a mais: 5 representa a letra *e*, a mesma letra suprimida no artigo diante da palavra imperador. Fazendo a mesma elisão, apesar de irregularmente, Pierre obteve a resposta procurada: *L’russe Besuhof* dava 666. Essa descoberta o emocionou. Que laço o ligaria a esse grande acontecimento profetizado no Apocalipse? Ignorava, mas não tinha a menor dúvida.

Seu amor pela senhorita Rostov, o anticristo, a invasão napoleônica, o cometa, 666, *l’empereur Napoléon* e *l’russe Besuhof*, tudo isso reunido deveria amadurecer, desabrochar e libertá-lo do círculo de hábitos moscovitas no qual se sentia prisioneiro, e levá-lo a uma grande ação e à felicidade máxima.

* * *

Na véspera do domingo em que foi lida a oração, Pierre prometera aos Rostov que iria à casa do conde Rostoptchine, com quem mantinha as melhores relações, a fim de obter uma cópia do apelo à Rússia e informar-se das últimas novidades vindas do exército.

Na casa do conde, Pierre encontrou o emissário chegado do exército. Era um conhecido seu, frequentador dos bailes de Moscou.

— Em nome de Deus, ajude-me — pediu o emissário. — Trago uma pasta cheia de cartas para parentes.

Entre essas cartas havia uma de Nicolau Rostov para seu pai. Pierre a pegou. Além disso, o conde Rostoptchine deu-lhe uma cópia do apelo do imperador ao povo de Moscou, sua última proclamação e a última ordem do dia ao exército. Lendo a ordem do dia, entre as informações sobre os mortos, feridos e condecorados, Pierre encontrou o nome de Nicolau Rostov, condecorado com a cruz de São Jorge do quarto grau pela coragem demonstrada da refrega de Ostrovna. O mesmo boletim registrava a nomeação do príncipe André Bolkonski para comandante do regimento de caçadores.

Embora não quisesse relembrar Bolkonski aos Rostov, Pierre não podia dominar o desejo a alegrá-los com a notícia relativa a Nicolau e, deixando em casa a proclamação oficial que pretendia levar pessoalmente na hora do jantar, enviou-lhes a ordem do dia e a carta.

A conversa com o conde Rostoptchine, seu ar inquieto, as más notícias trazidas pelo emissário, os boatos que corriam sobre espiões encontrados em Moscou, os boletins que circulavam na cidade segundo os quais Napoleão prometia tomar as duas capitais antes do outono, as notícias sobre a chegada do imperador, que estava sendo esperado para o dia seguinte, tudo isso, com uma força nova, excitava em Pierre o sentimento de emoção e de expectativa que não o abandonava desde a aparição do cometa e, principalmente, depois do começo da guerra.

Desde muito que Pierre desejava entrar para o exército e já o teria feito se não se sentisse impedido, em primeiro lugar, pelo fato de pertencer a essa sociedade maçônica, à qual estava ligado por um juramento e que pregava a paz universal e a extinção da guerra; em segundo lugar, porque, sem saber o motivo, sentia vergonha de imitar um grande número de moscovitas que haviam envergado a farda e pregavam o patriotismo.

Mas a causa principal que o impedia de alistar-se era essa revelação vaga pela qual ele se imaginava *l'russe Besuhof*, com a significação do número 666 da besta do Apocalipse e com a grande missão de refrear a *besta*, já determinada desde o início dos séculos. Assim, achava que nada deveria empreender, e deveria aguardar o que fatalmente aconteceria.

XX

Alguns amigos íntimos costumavam jantar com os Rostov todos os domingos. Pierre foi um pouco mais cedo a fim de encontrá-los sós. Nesse ano Pierre engordara tanto que teria ficado horrível se não fosse tão alto, tão robusto e não tivesse ombros tão fortes. Subiu ali escadas arquejando e murmurando alguma coisa. O cocheiro já não lhe perguntava se deveria esperar, sabia que o conde não saía da casa dos Rostov antes da meia-noite.

Alegremente, os lacaios dos Rostov se apressavam em desembaraçá-lo do sobretudo, chapéu e bengala. Habitado no clube, Pierre deixava a bengala e o chapéu no vestíbulo. A primeira pessoa que viu nos Rostov foi Natacha. Antes mesmo de vê-la, enquanto tirava o sobretudo no vestíbulo, ele a ouvira solfejando na sala. Sabia que, desde a doença, ela não cantava mais, e por isso o som de sua voz o surpreendeu e alegrou. Abriu a porta devagarinho e viu Natacha com um vestido lilás, o mesmo da missa; ela cantarolava andando de um lado para outro. Quando ele abriu a porta, ela caminhava com as costas viradas, mas quando se voltou, vendo sua fisionomia surpreendida, Natacha corou e aproximou-se rapidamente de Pierre.

— Quero ver se consigo cantar novamente — disse ela. — Apesar de tudo é um passatempo — acrescentou, como se quisesse desculpar-se.

— Faz muito bem.

— Estou tão contente que o senhor tenha vindo. Sinto-me tão feliz hoje! — disse com uma animação que há muito Pierre não via nela. — Nicolau foi condecorado com a cruz de São Jorge, sabe?! Estou tão orgulhosa dele.

— Sei, sim, fui eu que mandei a ordem do dia. Mas não quero perturbá-la — acrescentou dirigindo-se para outra sala. Natacha o deteve.

— Conde! Acha que não devo cantar? — Corou, mas não baixou os olhos, fitando-o interrogativamente.

— Não... por quê?... Ao contrário... Mas por que pergunta isso?

— Eu mesma não sei, mas não desejaria fazer nada que viesse a desagradá-lo. Confio absolutamente no senhor. O senhor nem imagina a importância que dou à sua opinião, quanto já fez por mim. — Ela falava muito ligeiro, sem notar que Pierre corava ouvindo essas palavras. — Na ordem, vi que ele, Bolkonski (pronunciava esse nome em voz baixa e rapidamente), está na Rússia e que está servindo outra vez. Qual é sua opinião, acha que ele me perdoará algum dia? Ou

será que sempre guardará rancor de mim? Qual é sua opinião? Diga! — perguntou rapidamente. Era evidente que ela se apressava em falar no receio que lhe faltassem as forças.

— Na minha opinião... ele nada tem a perdoar... Se eu estivesse no seu lugar...

Associando as ideias, Pierre se transportava momentaneamente ao dia em que, para consolá-la, lhe havia dito que se ele fosse o melhor homem do mundo, e livre, pediria sua mão de joelhos. Agora, esse mesmo sentimento de piedade, de ternura, de amor o dominava novamente e sentia-se levado a repetir as mesmas palavras. Mas ela não lhe deu tempo.

— Sim, o senhor, o senhor — disse ela, pronunciando essa palavra com entusiasmo —, o senhor é outra coisa: desconheço quem seja melhor, mais magnânimo e mais generoso que o senhor; não pode existir. Se não o conhecesse naquele tempo e mesmo agora, não sei o que seria de mim, pois... — Subitamente seus olhos ficaram rasos de água, afastou-se, escondeu o rosto atrás de um caderno de música, começou a cantarolar e andar de um lado para o outro.

Nesse momento Pétia entrou na sala. Tornara-se um forte e bonito menino de quinze anos, ruivo, de lábios grossos, vermelhos, muito parecido com Natacha. Preparava-se para entrar na universidade, mas nesses últimos tempos, às escondidas com seu camarada Obolenski, resolvera alistar-se como hussardo.

Pétia falou disso com seu xará. Pedira-lhe que se informasse se havia possibilidade de ser aceito nos hussardos. Pierre andava de um lado para outro, sem escutar Pétia. Então, o jovem puxou-lhe a manga para forçá-lo a prestar atenção.

— E então, Piotr Kirillovitch, o que acha do meu projeto, diga pelo amor de Deus! O senhor é a minha única esperança — disse Pétia.

— Ah! Sim, teu projeto, aquele dos hussardos? Vou me informar, prometo. Tratarei disso ainda hoje.

— E então, meu caro, recebeu o manifesto? — perguntou o velho conde. — A condessa assistiu à missa na capela dos Razumovski e ouviu a nova oração, dizem que está muito bem feita.

— Sim, sim, tenho o manifesto — respondeu Pierre. — O imperador chega amanhã, haverá uma assembleia extraordinária da nobreza, dizem que haverá um

recrutamento suplementar de dez a cada mil. Permita-me agora felicitá-lo.

— Sim, conde, Deus seja louvado. Mas, afinal, o que há de novo a respeito de guerra?

— Os nossos recuaram mais uma vez. Dizem que os franceses já chegaram perto de Smolensk.

— Meu Deus! Meu Deus! — fez o conde. — Onde está o manifesto?

— O manifesto? Ah, sim! — Pierre começou a procurar nos bolsos, mas não conseguia encontrar o papel. Sempre remexendo nos bolsos e, com um olhar inquieto, procurando Natacha, que saía da sala, beijou a mão da condessa, que entrava nesse momento. — Palavra de honra, não sei onde o meti — disse.

— Ele sempre perde tudo — disse a condessa.

Com a fisionomia emocionada, Natacha entrou e sentou-se em silêncio, fitando Pierre. Assim que ela entrou, o rosto de Pierre desanuviou-se. Continuando a procurar o papel, fitou-a diversas vezes.

— É, esqueci, não há dúvida. Vou buscá-lo.

— O senhor vai se atrasar para o jantar.

— O pior é que o meu cocheiro não está.

Sônia, que fora ao vestíbulo procurar o papel, encontrou-o dentro do chapéu de Pierre, que o tinha guardado cuidadosamente debaixo do forro. Pierre quis lê-lo.

— Não, depois do jantar — disse o velho conde, que parecia estar antecipar o entusiasmo por essa leitura.

Ao jantar beberam champanhe à saúde do novo cavaleiro de São Jorge. Chinchine contou os boatos da cidade: a doença da velha princesa Georgina, o desaparecimento de Métivier, a prisão de um alemão levado à presença de Rostoptchine, que ele próprio dissera ser um *champignon* (como dizia Rostoptchine, em vez de “chpion” [\[34\]](#)), e que depois mandara soltar dizendo ao povo que não era um *champignon*, mas apenas um velho alemão.

— Sim, estão prendendo, estão prendendo — disse o conde. — Já disse à condessa que não falasse tanto em francês, não é ocasião para isso.

— Sabem que o príncipe Galitzine contratou um preceptor russo? — disse Chinchine. — Começa a tornar-se perigoso falar francês na rua.

— E, conde Piotr Kirillovitch, quando mobilizarem a milícia, o senhor terá que montar a cavalo? — disse o velho conde, dirigindo-se a Pierre.

Pierre passou todo o jantar pensativo e sem dizer uma palavra. Ouvindo essas palavras, fitou o conde como se não compreendesse.

— Sim, sim, na guerra... Mas qual nada, não dou para soldado! No entanto, tudo é tão estranho, tão estranho! Eu próprio não compreendo, não sei. Estou tão distante dos gostos militares. Mas, nos tempos que correm, não se pode garantir coisa nenhuma.

Depois do jantar o conde sentou-se tranquilamente numa poltrona e, com uma expressão séria, chamou Sônia, que tinha fama de ótima leitora.

— “A Moscou, nossa primeira capital! O inimigo invadiu a Rússia com forças consideráveis. Vem arruinar nossa pátria bem-amada” — lia Sônia com sua vozinha, muito cuidadosa. O conde ouvia de olhos fechados, suspirando a certas passagens.

Escutando atentamente, Natacha fitava ora o pai, ora Pierre. Pierre sentia esse olhar e fazia esforços para não se virar. A condessa, depois de cada expressão solene do manifesto, sacudia a cabeça com um ar zangado e descontente. Em todas essas palavras ela só via uma coisa: que os perigos que cercavam seu filho não estavam próximos do fim. Franzindo os lábios num sorriso de zombaria, Chinchine, evidentemente, preparava uma pilhéria qualquer: fosse sobre a leitura de Sônia, fosse sobre as reflexões do conde e, na falta de melhor pretexto, até sobre o próprio manifesto.

Depois de ter lido o que se dizia sobre os perigos que ameaçavam a Rússia e as esperanças que o imperador depositava em Moscou e, principalmente, na sua gloriosa nobreza, com a voz trêmula, devido à atenção com que a ouviam, Sônia leu as últimas palavras: “Mas, em breve, estaremos com nosso povo, nessa capital e em outros pontos do país, para aconselhar e guiar nossas milícias, tanto as que, de momento, enfrentam o inimigo, como também as que se formarem para combatê-lo onde quer que ele surja. Que a ruína para a qual ele sonhou nos arrastar se volte contra sua cabeça e que a Europa, libertada da escravidão, glorifique o nome da Rússia!”

— É isso mesmo! — exclamou o conde, abrindo os olhos úmidos. E, interrompendo-se diversas vezes com uma fungadela, como se tivesse aspirado

sal e vinagre, acrescentou: — Que o imperador diga apenas uma palavra e nós sacrificaremos tudo, não pouparemos nada.

Natacha correu para o pai, antes de Chinchine ter tido tempo de zombar do patriotismo do conde.

— Que encanto esse papai! — disse, abraçando-o e, novamente, olhou para Pierre com essa faceirice inconsciente que lhe renascia com a animação.

— Eis um patriota! — disse Chinchine.

— Nada disso, eu apenas... — retrucou Natacha, ofendida. — Para o senhor, tudo é ridículo e no caso não se trata de uma brincadeira.

— Brincadeira! — repetiu o conde. — Ele que diga apenas uma palavra e verá como iremos todos... Nós não somos uns alemães quaisquer...

— Notou que o manifesto diz: “Para aconselhar”? — observou Pierre.

— Seja para o que for...

Nesse momento, Pétia, a quem ninguém dava muita atenção, aproximou-se do pai e, muito vermelho, com uma voz ora grave, ora aguda, disse:

— Muito bem, papai, eu lhe peço absolutamente, e à mamãe também, será como queiram, que me permitam entrar no exército, porque eu não posso mais... é só.

A condessa levantou os olhos aterrados para o céu, bateu as mãos e, dirigindo-se ao marido:

— Vamos! Dize alguma coisa!

Refazendo-se de sua emoção o conde respondeu:

— Ora! Eu com mais um soldado! Deixa dessas tolices, rapaz, é preciso estudar.

— Não são tolices, papai. Fédia Obolenski é mais moço que eu e também vai alistar-se. Além disso, sou incapaz de aprender qualquer coisa quando... — Pétia interrompeu-se, corou até as orelhas, mas concluiu: —... quando a pátria está em perigo.

— Chega, chega de tolices...

— Mas o senhor mesmo acabou de dizer que não pouparia nada.

— Pétia, cala a boca, estou mandando! — exclamou o conde, fitando sua mulher, que, muito pálida, não despregava os olhos do caçula.

— E eu lhe digo que... Está aí, Piotr Kirillovitch poderá dizer-lhe...

— Tolices, repito. Ainda cheira a cueiros e já quer ser soldado. Bem, agora já falei o que penso a respeito.

E, pegando a folha de papel, provavelmente na intenção de relê-la no seu gabinete antes da sesta, o velho conde dirigiu-se para a porta.

— Piotr Kirillovitch, vamos fumar um pouco.

Pierre estava confuso e indeciso. Os olhos de Natacha, com um brilho e uma animação fora do comum e que, sem dúvida nenhuma, o fixavam com mais ternura que a qualquer outro, é que o haviam deixado nesse estado.

— Obrigado, mas... tenho que ir para casa...

— Como para casa! Não disse que pretendia ficar até tarde? Está se fazendo de rogado, quase não aparece mais. E minha pequena... só se alegra com sua presença — disse o conde, vivamente apontando Natacha.

— Mas eu tinha esquecido... Tenho necessidade de voltar para casa... negócios... — disse Pierre apressadamente.

— Está bem, então vá. Até logo — retrucou o conde, saindo da sala.

— Por que vai tão cedo? Por que está perturbado? Por quê? — perguntou-lhe Natacha, encarando-o com um ar provocador.

“Porque te amo!”, desejaria ele dizer. Mas não disse, corou muito e baixou os olhos.

— Porque, para mim, será preferível visitá-la mais raramente... porque... Nada disso, mas é que eu tenho o que fazer em casa...

— Por quê? Diga a verdade... — começou Natacha num tom decidido, mas calando-se subitamente.

Ambos se entreolharam assustados e constrangidos. Ele procurou sorrir, mas não conseguiu. O sorriso de Pierre tinha uma expressão de sofrimento. Sem dizer uma palavra, beijou-lhe a mão e retirou-se.

De si para si, Pierre resolveu não mais voltar à casa dos Rostov.

XXI

Depois da recusa definitiva dos pais, Pétia fechou-se no seu quarto, chorando amargamente. Quando voltou para o chá, ninguém demonstrou ter notado que ele estava de mau humor e tinha os olhos inchados.

O imperador chegou no dia seguinte. Alguns criados dos Rostov pediram para ir ver o imperador. Nessa manhã, Pétia levou muito tempo para vestir-se, penteou-se e pôs o colarinho como as pessoas grandes. A todo momento se olhava no espelho, fazia gestos, erguia os ombros, franzia o cenho e, finalmente, sem dizer nada a ninguém, agarrou o chapéu e saiu pela escada de serviço, procurando não ser visto. Pétia resolvera ir diretamente aonde estava o imperador e explicar francamente a um camarista (na sua imaginação o tsar estava sempre cercado de camaristas) que ele, conde Rostov, apesar de sua pouca idade, desejava servir a pátria, que o número de anos não podia ser um obstáculo à dedicação e que ele estava disposto... Enquanto se vestia, Pétia preparava as palavras bonitas que deveria dizer ao camarista.

Pétia esperava ser bem-sucedido junto do imperador, justamente por ser ainda criança (achava mesmo que todos ficariam surpresos com sua proeza), e ao mesmo tempo, no arranjo do colarinho, do cabelo e pelo caminhar grave e ponderado, procurava aparentar ser mais velho. Mas, à medida que andava, distraía-se com a multidão sempre crescente nas proximidades do Kremlin, esquecendo que devia caminhar lentamente como fazem os homens maduros. Nas proximidades do Kremlin ele começou a temer que a multidão o esmagasse e, resolutamente, com a fisionomia ameaçadora, afastou os cotovelos. Mas nas portas da Trindade, apesar de seu ar resolutivo, as pessoas que, provavelmente, ignoravam as intenções patrióticas que o levavam ao Kremlin o apertaram de tal forma contra uma parede que ele teve de esperar enquanto os carros passavam pelos portões no meio do ruído da multidão. Perto de Pétia estava uma mulher com um laçao, dois comerciantes e um soldado reformado. Depois de permanecer alguns momentos junto do portão, não querendo esperar a passagem de todos os carros, Pétia tentou forçar a passagem. Mas a mulher que estava a seu lado, e que foi a primeira a ser empurrada, protestou aos gritos:

— Que história é essa, seu fidalgo! Por que empurrar desse jeito? Não está vendo que todo mundo está quieto no seu lugar, não adianta empurrar!

— Desse jeito todos vão querer fazer o mesmo — disse o laçao, e num golpe Pétia foi parar num canto fedorento da rua.

Pétia limpou o suor do rosto com a mão, ajeitou o colarinho encharcado que ele pusera com tanto cuidado, como se fosse uma pessoa grande.

Sentia que não estava mais apresentável e receava não ser recebido pelo imperador se se apresentasse nesse estado aos camaristas. Mas era tal o aperto que não havia meio de arrumar-se ou tomar outro caminho. Passou um general conhecido dos Rostov. Pétia quis pedir-lhe auxílio, mas lembrou-se de que isso seria pouco corajoso. Quando os carros terminaram de passar, a multidão arrastou Pétia até o centro da praça, que também estava apinhada do povo. Não só a praça, mas até os telhados estavam coalhados de gente. Chegando à praça, Pétia ouviu claramente o som dos sinos que enchiam todo o Kremlin e o ruído alegre do povo conversando.

Em dado momento todas as cabeças se descobriram, e, arrastando Pétia, que mal podia respirar, a multidão precipitou-se para a frente aos gritos: Hurra! Hurra! Hurra!

Pétia se erguia nas pontas dos pés, empurrava, beliscava, mas não conseguia ver coisa alguma, a não ser a multidão que o cercava.

Todas as fisionomias refletiam entusiasmo e ternura. Uma comerciante que estava ao lado de Pétia soluçava e as lágrimas corriam de seus olhos.

— Pai! Anjo! Paizinho! — dizia ela enxugando as lágrimas com as mãos.

— Hurra! — gritavam de todos os lados.

A multidão estacou um momento e mais uma vez precipitou-se para a frente.

Sem saber o que estava fazendo, Pétia cerrou os dentes e, revirando os olhos, com a fisionomia feroz, dando empurrões para todos os lados, acompanhou a multidão gritando hurra!, como se estivesse disposto a matar todo o mundo e a si mesmo. Mas de todos os lados pessoas de expressão selvagem semelhantes à sua também empurravam e gritavam hurra!

“Eis o que é o imperador”, pensou Pétia. “Não, não posso apresentar-lhe minhas súplicas, seria demasiada ousadia!” Apesar disso, desesperado, prosseguia avançando quando, por entre as costas dos que estavam na sua frente, divisou um grande espaço vazio com um tapete vermelho. Foi quando a multidão agitou-se e começou a recuar (a polícia repelia os que estavam muito próximos do cortejo; o imperador saía do palácio para ir à catedral da Assunção). Na confusão, Pétia recebeu de repente um violento golpe na lateral que o fez perder os sentidos. Quando voltou a si, um eclesiástico de cabelos grisalhos

coabrindo-lhe a nuca, provavelmente um sacristão, amparava-o com uma mão e, com a outra, defendia-o da multidão que avançava.

— Esmagaram um jovem senhor. Mas não façam isso! Para que empurrar desse jeito! Cuidado, cidadão, esmagaram-no — dizia o sacristão.

O imperador entrou na catedral de Assunção. A multidão parou novamente e o sacristão carregou Pétia, pálido e respirando com dificuldade, até o grande canhão do Kremlin. Algumas pessoas se apiedaram dele. Subitamente os que estavam em volta começaram a se empurrar e dirigir-lhe a palavra. Os que estavam mais próximos procuravam ajudar, desabotoando-lhe o casaco, colocando-o sobre o canhão, e injuriavam os que o haviam posto nesse estado.

— Podia ter morrido. Que coisa? Matar alguém! O pobrezinho! Reparem como está pálido — diziam vozes.

Pétia logo se refez, voltaram-lhe as cores, o mal-estar passou e, para compensar o momento desagradável, acabou conseguindo um lugar sobre o canhão, de onde ele esperava ver o imperador, que devia voltar. Pétia já não pensava em apresentar-lhe sua súplica, vê-lo seria o bastante para que ficasse feliz.

Durante a missa na catedral de Assunção, uma grande cerimônia em ação de graças pela vinda do imperador e pela paz com os turcos, a multidão espalhou-se um pouco. Os vendedores de *kvass*, [\[35\]](#) de pão de mel, de papoulas, de que muito gostava Pétia, começaram a circular e todos se puseram a conversar sobre assuntos ordinários. Uma comerciante mostrava um xale rasgado, contando que ele lhe havia custado caro; uma outra dizia que os tecidos de seda custavam um preço exorbitante. O sacristão, o que salvara Pétia, estava conversando com um funcionário sobre os padres que prestavam seu auxílio ao arcebispo na solenidade que o mesmo estava oficiando. Repetiu várias vezes a palavra *sobornie*, [\[36\]](#) que Pétia não compreendia. Dois jovens brincavam com duas criadinhas que quebravam avelãs. Todos esses assuntos, principalmente as pilhérias com as jovens, para Pétia, devido à sua idade, tinham uma grande importância, mas de momento elas não o interessavam. Estava sentado no alto do canhão, emocionado ao pensar no imperador e no amor que lhe votava. A sensação de dor e de medo, quando o haviam atropelado, aliada ao sentimento de

entusiasmo dava-lhe uma consciência ainda mais nítida da importância desse momento.

Subitamente os canhões do cais começaram a atirar (celebrava-se a paz com os turcos), e a multidão correu febrilmente para o cais a fim de ver os disparos. Pétia também queria ir, mas o sacristão que o havia tomado sob sua proteção não consentiu.

Os canhões continuavam atirando quando os oficiais, generais, camaristas e outros saíram lentamente da catedral da Assunção. Novamente todos se descobriram e os que tinham ido ver os canhões voltaram correndo. Finalmente quatro homens, com o peito coberto de condecorações, saíram da catedral.

— Hurra! — gritou a multidão mais uma vez.

— Qual é? Qual é? — perguntava Pétia, quase chorando.

Mas ninguém lhe respondeu. Todos estavam demasiadamente excitados e Pétia escolheu uma entre essas quatro pessoas, que ele mal podia distinguir através das lágrimas, e concentrou nela todo o seu entusiasmo. Embora não fosse o imperador, ele gritava: Hurra! com voz estridente, no firme propósito de, custasse o que custasse, alistar-se no dia seguinte.

Correndo atrás do imperador, a multidão o acompanhou até o palácio e começou a dispersar-se. Já era tarde e Pétia ainda não comera nada. Apesar do suor que lhe corria pelo corpo, não voltou para casa. Contemplava a multidão que ia diminuindo mas continuava ainda muito grande. Permaneceu diante do palácio durante o almoço do imperador, olhando para as janelas, como se ainda esperasse alguma coisa, e invejava tanto o fidalgo que se aproximava do patamar para almoçar com o tsar como o lacaio que servia sua mesa e que ele divisava pelas janelas.

Durante o almoço do imperador, olhando pela janela, Valuiev disse:

— O povo continua esperando ver Vossa Majestade.

O almoço estava no fim. Terminando de comer um doce, o imperador apareceu na sacada:

— Anjo! Paizinho! Hurra! Pai... — gritou a multidão e gritava Pétia. E as mulheres e alguns homens, entre os quais Pétia, choraram de felicidade. Um pedaço do doce que o imperador segurava partiu-se, caiu sobre a balaustrada e dali na calçada. Um cocheiro, que estava mais próximo, atirou-se no chão e

agarrar o doce. Algumas pessoas assaltaram o cocheiro. Percebendo a cena, o imperador mandou buscar uma bandeja de doces e começou a atirá-los para o povo. Os olhos de Pétia ficaram injetados de sangue. O perigo de ser esmagado ainda o receava mais ainda, mas era necessário não ceder se quisesse obter um doce das mãos do imperador. Por quê? Ele não sabia, mas era preciso pegar o doce. Precipitou-se, derrubou uma velha que também tentava agarrar o doce. Embora lançada ao chão, a velha não se considerava vencida. (Ela ainda procurava alcançar o doce.) Pétia empurrou sua mão, agarrou o doce e, como se temesse ficar em atraso, gritou “Hurra!” com uma voz rouca.

O imperador retirou-se e a multidão começou a dispersar-se.

— Está aí, eu bem disse que a gente devia esperar! — diziam alegremente de todos os lados.

Apesar da felicidade que o empolgava, Pétia sentia-se triste por ter que voltar para casa, onde sua felicidade se findaria. Do Kremlin não se dirigiu imediatamente para casa, passando antes pela de seu amigo Obolenski, que também tinha quinze anos e estava se alistando.

Chegando em casa, declarou resolutamente que fugiria se não lhe deixassem partir. No dia seguinte, apesar de não ter ainda cedido de forma definitiva, o conde Ilia Andreievitch procurou informar-se onde, sem perigo, poderia colocar Pétia.

XXII

No dia 15 pela manhã, três dias depois da cena descrita, um número incalculável de carruagens estacionava na frente do palácio Slobotzki.

Os salões estavam repletos. No primeiro estavam os nobres de uniforme; no segundo os negociantes condecorados, de barbas longas e cafetãs azuis. Na sala dos nobres havia muito barulho e movimento.

À grande mesa, sob o retrato do imperador, os fidalgos mais importantes estavam sentados em cadeiras de alto espaldar, mas a maioria caminhava pela sala.

Todos os nobres, os mesmos que Pierre via diariamente, ou no clube, ou em casa, estavam uniformizados. Alguns vestiam o uniforme de Catarina, outros o

do tempo de Paulo, e os jovens, o do tempo de Alexandre. E o caráter geral desses uniformes acrescentava algo de estranho e fantástico a essas fisionomias velhas e jovens. Os mais surpreendentes eram os velhos, quase cegos, desdentados, calvos, balofos, pálidos ou enrugados e magros.

A maior parte deles se conservava sentada em silêncio, em seus lugares, e os que andavam ou conversavam procuravam a ajuda dos jovens. Como a multidão que Pétia vira na praça, todas essas fisionomias exprimiam algo de contraditório: a espera de um acontecimento solene e da coisa habitual: partida vespertina de bóston, comida do cozinheiro Petruchka, a saúde de Zenaida Dmitrievna etc.

Pierre chegara entre os primeiros, envergando seu uniforme de corte, que se tornara muito apertado. Estava emocionado: a reunião extraordinária, não só da nobreza, mas dos negociantes (*États-Généraux*), provocava-lhe uma série de pensamentos, há muito esquecidos, mas profundamente enraizados no seu espírito. Pensamentos sobre o *Contrat Social* e a Revolução Francesa.

Essas palavras do apelo que lhe haviam chamado a atenção — o imperador virá à capital para *consultar* seu povo — vinham corroborar seu ponto de vista e, acreditando que, nesse sentido, se preparava alguma coisa de grave que esperava desde muito tempo, ele caminhava, examinava, ouvia as conversas sem, no entanto, vislumbrar a expressão das ideias que o preocupavam.

Depois do entusiasmo provocado pela leitura do manifesto, todos se dispersaram conversando. Além dos assuntos habituais, Pierre ouvia combinações sobre os lugares que os marechais da nobreza deveriam ocupar por ocasião da entrada do imperador, sobre o momento mais apropriado para lhe oferecer um baile e dúvidas sobre o modo de se agruparem: se devia ser por distritos ou províncias etc.

Mas, toda vez que se falava na guerra e no motivo da reunião desse dia, a conversação se tornava vaga e hesitante. Todos preferiam ouvir.

Um homem de meia-idade, marcial, bonito, fardado de oficial de marinha reformado, falava numa das salas e todos se agrupavam em torno dele. Pierre aproximou-se do grupo procurando ouvi-lo também. O conde Ilia Andreievitch, no cafetã de marechal da nobreza do tempo de Catarina, circulando com seu sorriso amável, conhecido de todos, aproximou-se do grupo, aprovando o que falava com um sorriso bom e um gesto de cabeça que lhe eram habituais. O

marinheiro reformado falava com muita ousadia, via-se isso na expressão dos que o escutavam e no fato de homens, que Pierre sabia serem muitos tímidos e calmos, se afastarem sem aprová-lo e o contradizendo. Pierre forçou um lugar no meio da roda e, ouvindo o que falava, convenceu-se de que, efetivamente, tratava-se de um liberal, mas não no sentido em que ele próprio compreendia o liberalismo. O marinheiro, numa voz sonora, agradável de barítono, própria da nobreza, pronunciando os erres de modo agradável e abreviando as consoantes, falava num tom de quem está habituado a comandar.

— Então, só porque os habitantes de Smolensk ofereceram milicianos ao imperador devem ser considerados modelos por todos nós?! Se os nobres de Moscou julgarem necessário, podem muito bem exprimir sua dedicação por outros meios. Já foi esquecida a milícia de 1807? Só os intendentos e os ladrões tiraram proveitos, foi o único resultado...

Sorrindo, o conde Ilia Andreievitch sacudia a cabeça em aprovação.

— Pergunto, as milícias já foram de alguma utilidade para o país? Nunca! Só arruinaram nossos domínios. A própria conscrição é preferível... Caso contrário voltam para casa sem terem sido soldados e não sendo mais camponeses, uns corrompidos e nada mais... Os fidalgos não poupam sua vida, iremos nós mesmos, conduziremos novos recrutas, bastará para isso que o imperador faça um apelo e todos morreremos por ele! — acrescentou, animando-se.

Ilia Andreievitch engolia saliva de satisfação e cutucava Pierre. Este também queria falar. Deu um passo à frente, estava muito animado, embora não soubesse por quê, nem o que diria. Estava abrindo a boca para falar quando um senador desdentado, de expressão feroz e inteligente, que estava junto do orador, o interrompeu.

Evidentemente habituado a conduzir uma discussão, falava devagar, mas muito distintamente.

— Suponho, senhor — disse o senador, mexendo sua boca desdentada —, que não estamos aqui para discutir o que mais convém ao Estado neste momento: a conscrição ou a milícia. Estamos aqui atendendo ao apelo que o imperador dignou-se dirigir-nos e deixaremos ao poder superior o cuidado de julgar o que mais convém, se a milícia ou a conscrição.

Subitamente Pierre encontrou uma válvula para seu entusiasmo. Zangou-se com o senador que impunha uma visão estreita e cerceava os deveres que interessavam à nobreza. Aproximou-se e o interrompeu. Sem saber ao certo o que estava dizendo, começou a falar animadamente, misturando frases francesas e exprimindo-se num russo demasiadamente literário.

— Perdoe-me, Excelência — começou (Pierre dava-se muito bem com o senador, mas aqui julgava necessário dirigir-se a ele numa forma protocolar) —, embora eu não esteja de acordo com esse senhor... (Pierre interrompeu-se. Ele queria dizer “com meu respeitável preopinante”) com esse senhor que não tenho a honra de conhecer, suponho que a nobreza, além de expressar seu sentimento de simpatia e entusiasmo, também é chamada para ser consultada sobre as medidas necessárias à salvação da pátria. Creio — acrescentou, animando-se — que o próprio imperador ficaria descontente se só encontrasse em nós proprietários de camponeses, fornecedores de *chair à canon*, incapazes de oferecer um conselho.

Notando o sorriso de desprezo do senador e achando as palavras de Pierre demasiadamente livres, várias pessoas se afastaram do grupo. Apenas Ilia Andreievitch estava satisfeito com a fala de Pierre, como também com o discurso do marinheiro, do senador e, em geral, da última coisa que ouvia.

— Creio — prosseguiu Pierre — que, antes de discutir esses assuntos, devemos pedir ao imperador, pedir muito respeitosamente à Sua Majestade que nos informe da força de nosso exército, da situação em que as tropas se encontram, e então...

Mas Pierre não pôde concluir. De todos os lados o interpelavam ao mesmo tempo. Seu adversário mais violento era Stepan Stepanovitch Adraxine, seu parceiro de boston, muito seu amigo e a quem conhecia de longa data.

Stepan Stepanovitch estava fardado. Talvez por causa do uniforme ou por qualquer outro motivo, mas o fato é que Pierre não o reconhecia. Com uma expressão inesperada de cólera senil, exclamou para Pierre:

— Em primeiro lugar, devo dizer-lhe que não temos o direito de perguntar isso ao imperador. Em segundo, se a nobreza russa tivesse tal direito, o imperador não poderia responder-nos. As tropas avançam de acordo com os movimentos do inimigo. O número diminui, aumenta...

A outra voz era a de um homem de estatura média, de seus quarenta anos, que outrora Pierre encontrava com os ciganos e muito conhecido como trapaceiro no jogo, e que também lhe parecia diferente devido ao uniforme. Aproximou-se de Pierre, interrompendo Adraxine:

— Este não é o momento para discussões. É preciso agir. A guerra está na Rússia. Nosso inimigo avança para destruir a Rússia, para profanar os túmulos de nossos antepassados, para raptar nossas mulheres e nossos filhos! — E batia no peito. — Devemos nos erguer todos, todos marcharemos pelo tsar, nosso pai! — gritou, revirando os olhos injetados.

Algumas vozes aprovadoras eram ouvidas na multidão.

— Somos russos e não pouparemos nosso sangue na defesa da religião, do trono e da pátria! Se somos filhos da pátria, temos que abandonar os sonhos. Mostraremos à Europa como os russos defendem a Rússia! — exclamou.

Pierre queria responder, mas não conseguia pronunciar uma só palavra. Ele sentia que o som de suas palavras, independentemente dos pensamentos que exprimiam, era menos ouvido que o som das palavras daquele nobre.

Atrás do grupo, Ilia Andreievitch aprovava; alguns, ao fim de cada frase, voltavam o ombro para quem a emitira, dizendo:

— É isso mesmo, isso mesmo.

Pierre queria dizer que, de forma nenhuma, era contrário aos sacrifícios de dinheiro, de camponeses, da própria vida, mas que era necessário saber do estado das coisas para remediá-las. Mas não o deixavam falar.

Várias vozes gritavam e falavam ao mesmo tempo, de sorte que Ilia Andreievitch não conseguia aprovar todos, e o grupo aumentava, se espalhava, se concentrava mais uma vez e, na mesma agitação, dirigia-se para a grande sala. Além de não ter conseguido falar, Pierre era grosseiramente interpelado, repellido e afastavam-se dele como de um inimigo comum. Isso se dava não porque suas palavras houvessem provocado o descontentamento, ninguém mais se lembrava do que ele dissera depois de tantas discussões, mas o estado e espírito de todos exigia um objeto concreto para o amor, um objeto concreto para o ódio, e Pierre era este último. Depois do nobre, vários outros tomaram a palavra e sempre no mesmo tom. Muitos deles se exprimiam com elegância e originalidade.

O editor do *Mensageiro Russo*, Glinka (um literato, um literato!, diziam), disse que o inferno deve ser repellido pelo inferno, que ele vira a criança sorrir diante da luz do raio e do ribombo do trovão, mas nós não seremos essa criança.

— Sim, sim, ao ribombo do trovão! — repetiram em aprovação nas últimas filas.

Todos se aproximaram da grande mesa, à qual, com seus uniformes e suas condecorações, estavam sentados os velhos fidalgos septuagenários, pálidos, calvos, que em casa tinham bufões e no clube jogavam bóston. Sempre agitado, o grupo aproximou-se da mesa. Apoiados contra os altos espaldares das cadeiras, falavam uns depois dos outros, por vezes dois ao mesmo tempo.

Os que estavam atrás notavam o que o orador deixara de dizer e procuravam dizer o que faltava. Os outros, nesse calor e nessa confusão, colocavam a mão na cabeça, na procura de uma ideia qualquer, e se apressavam em expô-la. Os velhos fidalgos, conhecidos de Pierre, estavam sentados e se entreolhavam e olhavam os outros; na expressão de diversos deles, lia-se que estavam com muito calor.

Apesar de tudo, Pierre sentia-se nervoso, e o desejo geral de mostrar que não havia obstáculos para nós, desejo que se exprimia mais nos sons e nas expressões das fisionomias que no sentido das palavras, também o empolgava. Não renunciava às próprias ideias, mas sentia-se culpado e desejava justificar-se.

— Eu só digo que nos seria mais fácil fazer sacrifícios se soubéssemos quais são as nossas necessidades — explicou alto, procurando sobrepor as outras vozes.

Um velho que estava próximo o fitou, mas nesse momento um grito vindo da outra extremidade da mesa o distraiu.

— Sim, Moscou se renderá, será a redentora! — gritava um.

— Ele é o inimigo da humanidade! — gritava outro.

— Deixem-me falar... Senhores, deixem-me respirar.

XXIII

Nesse momento, a multidão de fidalgos abriu alas e o conde Rostoptchine, com seu queixo saliente e olhos penetrantes, entrou a passos rápidos, vestindo o uniforme de general com um galão no ombro.

— O imperador chegará a qualquer momento. Acabo de vê-lo. Creio que, na situação em que estamos, não há muito que discutir. O imperador dignou-se conferenciar conosco e com os comerciantes. De lá virão os milhões (apontou para a sala dos comerciantes), cabendo a nós fornecer as milícias e entrar com nossa pessoa... É o mínimo que poderemos fazer.

Alguns fidalgos sentados à mesa deram início ao conselho. Tudo era dito em voz muito baixa, dando uma impressão de tristeza em contraste com o barulho de momentos antes. Ouviam-se vozes alquebradas que diziam: “Eu estou de acordo.” Outras para variar: “Eu também sou da mesma opinião.”

O secretário recebeu a ordem de escrever as decisões da nobreza moscovita: os moscovitas, como os habitantes de Smolensk, dariam dez homens em mil, com todo o equipamento.

Arrastando as cadeiras, os velhos levantaram-se aliviados e começaram a andar pela sala estirando as pernas e conversando, de braços dados, com um ou outro amigo.

— O imperador! O imperador!

Essa palavra percorreu rapidamente todas as salas e a multidão se precipitou para a entrada.

O imperador atravessou a sala entre as alas de nobres que a margeavam. Uma curiosidade respeitosa e inquieta se exprimia em todos os semblantes. Pierre estava muito distante e não podia ouvir muito bem o que dizia o imperador. Só compreendeu que o imperador falava do perigo que ameaçava o país e das esperanças que ele depositava na nobreza de Moscou. Uma outra voz respondeu ao imperador, comunicando-lhe a decisão que a nobreza acabava de tomar.

— Senhores... — começou o tsar com uma voz trêmula.

A multidão calou-se de novo e Pierre ouviu nitidamente a voz agradável do imperador, que dizia:

— Senhores, eu nunca duvidei da dedicação da nobreza russa, mas hoje ela ultrapassou minha expectativa. Agradeço-lhes em nome da pátria. Senhores, temos que agir, o tempo é precioso...

O imperador calou-se e todos começaram a agrupar-se em torno dele. Aclamações entusiásticas se faziam ouvir de todos os lados.

— Sim, nada tem mais valor... que a palavra do tsar... — dizia, soluçando, Ilia Andreievitch, que não ouvira nada, mas que compreendia tudo a seu modo.

Da sala da nobreza, o imperador passou para a sala dos comerciantes, onde se demorou uns dez minutos. Como os demais, Pierre viu que Alexandre ao sair da sala tinha os olhos marejados de lágrimas. Como souberam mais tarde, mal o imperador começara a falar com os comerciantes, as lágrimas correram-lhe dos olhos, tendo concluído seu discurso numa voz trêmula. Quando Pierre viu o imperador, ele estava acompanhado por dois comerciantes, dos quais um era seu conhecido, um gordo responsável pela venda de aguardente; o outro tinha a cabeça pequena, o rosto amarelado e a barba em ponta. Ambos choravam, o negociante magro estava com os olhos cheios de lágrimas, mas o gordo soluçava como uma criança, repetindo constantemente:

— Nossa vida e nossos bens pertencem à Vossa Majestade!

Nesse instante, Pierre sentiu apenas o desejo de mostrar que para ele não havia obstáculos, que estava disposto a sacrificar tudo. Agora seu discurso constitucionalista lhe pesava na consciência. Procurava uma ocasião para apagá-lo. Tendo sabido que o conde Mamonov oferecia um regimento, Bezukhov declarou imediatamente ao conde Rostoptchine que sua contribuição seria mil homens mantidos por ele.

Chorando, o velho Rostov contou à esposa o que se passara e, imediatamente, acedeu ao pedido de Pétia e foi alistá-lo pessoalmente.

No dia seguinte o imperador partiu. Todos os nobres que haviam se reunido abandonaram seus uniformes e novamente se dispersaram nas suas casas e no clube, transmitindo, não sem reclamar um pouco, a seus intendentos as ordens sobre o recrutamento, admirados do que haviam feito.

Décima parte

I

Napoleão desencadeara a guerra contra a Rússia porque não podia deixar de ir a Dresden, de atordoar-se com as honrarias, de vestir o uniforme polonês, de ceder à sensação embriagante de uma manhã de junho, de refrear seus impulsos na presença de Kuriakine e depois de Balachov.

Alexandre rejeitava qualquer entendimento por sentir-se pessoalmente ofendido. Barclay de Tolly procurava dirigir o exército da melhor forma possível para cumprir seu dever e merecer a glória de grande capitão. Rostov atirava-se ao ataque contra os franceses por não poder refrear seu desejo de galopar em campo aberto. E assim também essa quantidade incalculável de pessoas que participavam dessa guerra agia, de acordo com suas qualidades pessoais, seus hábitos, suas condições e finalidades em vista. Todas temiam, se vangloriavam, se regozijavam, se indignavam, discutiam, acreditando saber o que estavam fazendo e convictas de estar agindo por si próprias quando, no entanto, não passavam de instrumentos involuntários da história, fazendo um trabalho desconhecido para elas, mas compreensível para nós. É o destino imutável de todos os indivíduos em ação que, quanto mais altamente colocados estiverem na hierarquia humana, menos livres serão.

Hoje, os homens de 1812 há muito que desceram de seus postos, seus interesses pessoais desapareceram sem deixar rastros, e só temos diante de nossos olhos o resultado histórico dessa época.

Mas, admitamos que os homens da Europa, sob o comando de Napoleão, *deviam* penetrar nas profundezas da Rússia e lá perecer, e toda a atividade inútil, insensata, ilógica dos envolvidos nessa guerra se tornará compreensível para nós.

A Providência forçava todos esses homens, voltados para seus interesses pessoais, a contribuírem para a realização de um único e formidável resultado, do qual homem nenhum (nem Napoleão, nem Alexandre, e muito menos qualquer outro dos participantes dessa guerra) tinha a menor ideia.

Hoje, as causas da derrota do exército francês em 1812 são claras para nós. Ninguém negará que a causa da perda das tropas francesas de Napoleão tenha sido, de uma parte, sua penetração tardia, sem preparo para uma campanha de inverno, nas profundezas da Rússia; e, de outra parte, o caráter que assumiu a

guerra com o incêndio das cidades russas e o ódio provocado no povo russo contra o inimigo. Mas na ocasião não só ninguém previa (o que agora parece evidente) que esse meio só podia causar a derrota dos oitocentos mil homens do melhor exército do mundo, comandado pelo melhor dos capitães, num combate com um inimigo duas vezes inferior, inexperiente, comandado por chefes sem experiência. Não só ninguém podia prevê-lo, mas todos os esforços, do lado dos russos, eram sempre dirigidos no sentido de impedir a única coisa que poderia salvar a Rússia; e, do lado dos franceses, apesar da experiência e do que se costumava chamar o gênio militar de Napoleão, todos os esforços se dirigiam no sentido de alcançar Moscou no fim do verão, isto é, fazer a única coisa que provocaria a própria derrota.

Nas obras de história sobre 1812, os autores franceses chegam a dizer que Napoleão sentia o perigo de estender o alinhamento de seu exército, que procurava travar batalhas, que seus marechais o aconselhavam a parar em Smolensk e ainda outras coisas que provam ter havido um pressentimento de todo o perigo dessa campanha. De outra parte, os historiadores russos gostam ainda mais de dizer que, desde o começo da campanha, havia um plano de guerra cítica: atrair Napoleão para as profundezas da Rússia. Uns atribuem esse plano a Pfull, outros a um francês qualquer, outros a Toll, outros enfim ao próprio imperador Alexandre, citando as notas, os projetos e as cartas nas quais, efetivamente, se podem encontrar algumas alusões a esse método de conduzir a campanha. Mas todas essas alusões sobre a previsão do que aconteceu, tanto por parte dos franceses como por parte dos russos, são trazidas agora porque os fatos as justificariam. Se os fatos tivessem sido outros, essas alusões teriam ficado no esquecimento, como ficaram milhares de outras alusões e hipóteses que contradiziam essa e circularam na época, mas que não foram justificadas pelos fatos e por isso foram esquecidas. Existem sempre tantas suposições sobre o desenlace de cada acontecimento que nunca falta gente para dizer: “Eu previ isso muito antes de acontecer”, e esquecem completamente que, no meio de outras inumeráveis suposições, havia algumas completamente contrárias.

As suposições, de uma parte, de que Napoleão conhecia o perigo do prolongamento da linha e, de outra parte, de que os russos queriam atrair o inimigo para as profundezas da Rússia pertencem, evidentemente, a essa

categoria, e só com grandes reservas os historiadores podem atribuir essas considerações a Napoleão e esses planos aos chefes russos. Todos os fatos contradizem categoricamente tais suposições. Durante toda a guerra não só os russos não queriam atrair os franceses às profundezas da Rússia, como faziam todo o possível para impedir-lhes a entrada desde o início. E não só Napoleão não receava prolongar sua linha, como se regozijava de cada passo para a frente como de um novo triunfo, e, contrariamente às suas campanhas anteriores, procurava o combate com muita displicência.

Bem no início da campanha, nossos exércitos foram divididos e a única finalidade à qual aspirávamos era reuni-los novamente. Ora, para recuar e atrair o inimigo às profundezas do país não haveria necessidade disso. O imperador acompanhava o exército para animá-lo e para defender cada polegada de terra russa, e não para recuar. Segundo os planos de Pfull, foi construído o enorme campo de Drissa para não recuar além dele. O imperador censurava cada recuo dos comandantes em chefe. Não só o incêndio de Moscou como também o fato de o inimigo atingir Smolensk não podiam passar pela imaginação do tsar, e quando os exércitos se uniram novamente ele se indignou com a tomada e o incêndio de Smolensk sem que se tivesse travado uma grande batalha. Assim pensava o tsar, mas os chefes militares russos e todos os russos se indignavam ainda mais ao verem que os nossos recuavam para o interior do país.

Dividindo nosso exército, Napoleão penetrou no interior russo, deixando escapar algumas oportunidades de travar batalha: no mês de agosto ele se encontrava em Smolensk e só pensava em ir adiante, embora esse movimento, como o vemos agora, fosse perigoso para ele.

Os fatos demonstram indiscutivelmente que Napoleão não percebeu o perigo do movimento sobre Moscou, e que nem Alexandre nem os chefes militares russos pensaram em atraí-lo, muito pelo contrário. Atrair Napoleão para as profundezas do país não foi uma resultante de um plano qualquer (ninguém mesmo admitia essa possibilidade), mas sim a consequência de uma combinação complicada das intrigas, ambições e desejos dos que participavam da guerra e que não adivinhavam o que sucederia e que era a única salvação da Rússia.

Tudo aconteceu por acaso: os exércitos são divididos no início da campanha. Nós procuramos reuni-los para impedir a invasão inimiga com uma grande

batalha. Mas, apesar dessa intenção, evitamos o encontro com um inimigo mais forte, involuntariamente recuamos em ângulo agudo e atraímos os franceses até Smolensk. Mas não é o bastante dizer que os nossos dois exércitos recuavam aproximando-se em ângulo agudo porque os franceses avançavam entre eles — e afastavam-se ainda mais um exército russo do outro porque Bagration, comandante do segundo exército, tendo de se submeter ao comando de Barclay de Tolly, um alemão impopular que ele detestava, retardou o máximo possível o momento da junção.

Por muito tempo Bagration deixou de fazer a junção (embora fosse a finalidade de todos os chefes militares), por lhe parecer que essa marcha poria seu exército em perigo, e por ser mais cômodo para ele recuar mais para a esquerda e para o sul, ameaçando o inimigo pelo flanco e pela retaguarda, e podendo completar seu efetivo na Ucrânia. No entanto, parece que ele inventou isso, precisamente, por não querer submeter-se ao comando do alemão Barclay, que ele odiava e que era menos graduado que ele.

O imperador acompanhava o exército para animá-lo com sua presença, mas essa presença, a ignorância do que era necessário decidir e o número incalculável de conselhos e de planos destruíram a energia de ação do primeiro exército, que recuava.

O que estava resolvido era fazer frente no campo de Drissa, mas, imprevistamente, Paulucci, que aspirava ao comando em chefe, influenciou Alexandre com sua energia, e todos os planos de Pfull foram postos de lado e a situação foi confiada a Barclay.

Mas, como Barclay não inspirava confiança, seu poder era limitado. Os exércitos estavam separados, não havia unidade de comando. Barclay não era popular, mas, de toda essa confusão, da divisão do exército, da impopularidade do alemão comandante em chefe, resultou, de uma parte, a indecisão, o temor de uma batalha (que seria inevitável se os exércitos estivessem reunidos e se o comandante não fosse Barclay) e, de outra parte, a indignação crescente contra os alemães e a excitação do espírito patriótico.

Finalmente o imperador deixou o exército justificando sua partida com o mais conveniente dos pretextos: que também devia animar o povo das capitais para

excitar a guerra nacional. E essa viagem do imperador a Moscou triplicou os efetivos do exército russo.

O imperador deixou o exército para não constranger o poder do comandante em chefe e esperava que este tomara medidas mais decisivas. Mas a situação do comandante dos exércitos complicava-se e debilitava-se cada vez mais. Benigsen, o grão-duque e o enxame de generais ajudantes de ordens continuavam no exército para acompanhar os atos do general em chefe e excitar sua energia. Mas Barclay, sentindo-se ainda menos livre sob todos aqueles “olhos do imperador”, tornou-se ainda mais prudente, evitando combates decisivos.

Barclay era todo prudência. O grão-duque falou em traição e exigiu uma batalha geral. Lubomirsky, Brodznitzky, Vloditzky e outros agitaram tão bem toda essa efervescência que Barclay, a pretexto de mandar papéis ao imperador, mandou os generais poloneses para Petersburgo e declarou guerra aberta a Benigsen e ao grão-duque.

Em Smolensk, finalmente, os exércitos se reuniram, apesar de toda a oposição de Bagration.

Bagration chegou de carro à casa ocupada por Barclay. Este saiu a seu encontro com uma manta ao pescoço e, como o russo é mais graduado, expôs-lhe a situação. Igualando-o em magnanimidade, Bagration submeteu-se a ele, apesar de lhe ser superior em posto; mas, ao mesmo tempo, aumentava o desacordo entre eles. Por ordem do tsar, Bagration expôs-lhe pessoalmente seu ponto de vista. E escreveu a Araktcheiev:

“Apesar da vontade do imperador, não posso, absolutamente, ficar junto do *ministro* (Barclay). Pelo amor de Deus, mandem-me para qualquer parte, nem que seja para comandar um único regimento, mas não posso ficar aqui. Todo o quartel-general está cheio de alemães, sendo impossível um russo viver lá, é um desastre completo. Imaginava servir lealmente o imperador e a pátria e, afinal de contas, sirvo a Barclay. Confesso que não o quero.”

A multidão de Brodznitzky, de Wintzengerode e dos outros continuava a semear a discórdia entre os comandantes em chefe e enfraquecia ainda mais a unidade. O exército se preparava para atacar os franceses diante de Smolensk. Um general foi enviado para inspecionar a posição. Esse general odiava Barclay.

Ele visitou um amigo comandante do corpo do exército e depois de ter passado o dia em sua companhia voltou à presença de Barclay e, sob todos os pontos de vista, criticou o campo de batalha, que nem mesmo viu. Enquanto se disputava e se fomentava intriga a respeito do futuro campo de batalha, enquanto procurávamos os franceses e nos enganávamos sobre sua posição, eles atacaram a divisão de Neverovsky e se aproximaram das muralhas de Smolensk.

Para salvar as comunicações era preciso aceitar a batalha inesperada em Smolensk. A batalha se travou. Milhares de homens foram mortos de parte a parte. Smolensk foi abandonada, apesar da cólera do imperador e de todo seu povo, mas foi incendiada por seus próprios habitantes. Enganados pelo seu governador, arruinados, eles se reuniram e retiraram-se para Moscou, dando o exemplo aos outros russos, só pensando nas próprias perdas e inflamando o ódio contra o inimigo. Napoleão avançava, nós recuávamos e realizava-se exatamente aquilo que faria perder Napoleão.

II

No dia seguinte à partida de seu filho, o príncipe Nicolau Andreievitch chamou a princesa Maria a seus aposentos.

— Deves estar satisfeita agora. Tu me fizeste brigar com meu filho! Satisfeita, não? Era o que tu querias! Satisfeita, não?... Isso me magoa, estou velho e fraco e foi por tua vontade. Podes ficar feliz!

Depois disso a princesa Maria não viu seu pai durante uma semana inteira. Ele estava indisposto e não saía de seu gabinete.

A princesa Maria surpreendeu-se ao notar que, durante toda a doença, o velho príncipe não admitiu a presença de Mademoiselle Bourienne e só Tikhon cuidava dele.

Uma semana depois o príncipe retomou seus hábitos de vida, ocupando-se das construções e dos jardins com determinação particular e cortando inteiramente suas antigas relações com a francesa. Seu ar e seu tom frios com a princesa Maria pareciam dizer: “Muito bem, inventaste, caluniaste a respeito de minhas relações com essa francesa, me intrigaste com o príncipe André, e agora está vendo que não preciso de ti nem da francesa.”

A princesa Maria passava a metade do dia com Nikolenka, fiscalizando seus estudos — ela mesmo lhe ensinava russo e música — e conversando com Desalles. O restante do dia passava com seus livros, a velha criada e os peregrinos que subiam até seu quarto pela escada de serviço.

Sobre a guerra a princesa Maria pensava o que pensam as mulheres. Temia por seu irmão distante, sentia horror pela crueldade humana que faz os homens matarem uns aos outros, mas não compreendia a importância dessa guerra, que lhe parecia igual a todas as guerras precedentes. Não compreendia a significação dessa guerra apesar de Desalles, seu constante interlocutor, que se interessava apaixonadamente pelo desenrolar dos acontecimentos, procurar explicar-lhe seus pontos de vista, e malgrado os peregrinos que a visitavam, cada um a seu modo, falarem com horror dos rumores populares, da invasão do Anticristo, e não obstante Júlia, agora princesa Drubetskoi, que novamente se correspondia com ela, escrever-lhe cartas patrióticas.

“Escrevo-lhe em russo, minha boa amiga, porque odeio todos os franceses, assim como a língua deles, que não posso ouvir. Em Moscou estamos todos entusiasmados com nosso imperador adorado!

“Meu pobre marido suporta o cansaço, as dificuldades e a fome nos albergues judeus, mas as notícias que recebo me reanimam ainda mais.

“Com certeza você ouviu falar no ato heroico de Raievski, que, abraçando os dois filhos, disse: ‘Morrerei com vocês, mas nós não abandonaremos!’ E realmente, apesar de um inimigo duas vezes mais forte, não cedemos. Passamos nosso tempo como podemos, mas na guerra é como na guerra. A princesa Alina e Sofia passam o dia inteiro em minha companhia e nós, infelizes viúvas de maridos vivos, alimentando belas conversações, preparamos ataduras com chumaços de linho. Só você, minha amiga, não está conosco etc...”

A princesa Maria não compreendia toda a significação dessa guerra, principalmente porque o velho príncipe nunca falava nela, não a admitia e, durante o almoço, zombava de Desalles, que sempre abordava esse assunto. O tom do velho príncipe era tão calmo e tão seguro que, sem raciocinar, a princesa Maria acreditava no que ele dizia. Durante todo o mês de julho o velho príncipe conservou-se extremamente animado, desenvolvendo grande atividade: mandou fazer um novo jardim e construir mais um alojamento para os criados. A única

coisa que inquietava a princesa Maria era o fato de ele dormir pouco e ter renunciado ao hábito de repousar no seu gabinete de trabalho: cada dia dormia em um lugar diferente. Ora mandava preparar o leito de campanha na galeria, ora ficava no salão, cochilando no sofá ou na poltrona, sem despir-se. Nessas ocasiões já não era Mademoiselle Bourienne que lhe fazia a leitura, mas Petrucha, um empregado jovem da casa. Também passava a noite na sala de jantar.

No dia primeiro de agosto chegou uma segunda carta do príncipe André. Na primeira que escrevera, pouco depois de sua partida, o príncipe André pedia, docilmente, perdão a seu pai pelo que tomara a liberdade de dizer-lhe, pedindo que lhe restituísse sua afeição.

A essa carta o velho príncipe respondeu afetuosamente e, a partir desse dia, afastou de si a francesa. A segunda carta do príncipe André, escrita dos arredores de Vitebsk, informava que os franceses ocupavam essa cidade e continha uma descrição sumária de toda a campanha com um desenho do plano e considerações sobre os seguintes passos dessa campanha.

Nessa carta o príncipe André lembrava ao pai a inconveniência de sua residência nas proximidades do teatro da guerra, exatamente sobre a linha do movimento das tropas, e o aconselhava a partir para Moscou.

Nesse dia, durante o jantar, quando Desalles falou nos boatos que corriam sobre a entrada dos franceses em Vitebsk, o velho príncipe lembrou-se da carta do príncipe André.

— Hoje recebi uma carta do príncipe André. Já a leste, princesa Maria?

— Não, meu pai — respondeu a princesa, assustada. Não podia ter lido uma carta cuja chegada ignorava.

— Escreve sobre esta guerra — disse o príncipe, com um sorriso de desprezo que lhe era habitual sempre que falava dessa guerra.

— Deve ser muito interessante — disse Desalles. — O príncipe André está em condições de saber...

— Ah! Muito interessante — interveio Mademoiselle Bourienne.

— Vá buscá-la, a senhora sabe onde, na mesinha sob o peso de papel — disse ele a Mademoiselle Bourienne.

Ela ergueu-se contentíssima.

— Não, não — gritou o príncipe, de cenho franzido. — Vai tu, Mikhail Ivanovitch.

Mikhail Ivanovitch levantou-se, dirigindo-se para o gabinete. Mas assim que ele saiu, o velho príncipe, inquieto, lançou um olhar ao redor, atirou o guardanapo na mesa e saiu atrás.

— Não sabem nada, vão desarrumar tudo.

Enquanto isso, a princesa Maria, Desalles, Mademoiselle Bourienne e até Nikolenka se entreolhavam em silêncio.

Acompanhado de Mikhail Ivanovitch, o velho príncipe voltou num passo apressado, com uma planta e uma carta, que pôs a seu lado, sem mostrá-las a ninguém durante o jantar.

Passando para a sala, deu a carta à princesa Maria, ordenando-lhe que a lesse em voz alta, e, nesse ínterim, pôs-se a examinar a planta das novas construções.

Ao terminar a leitura da carta, a princesa Maria fitou interrogativamente o pai, que, mergulhado nos seus pensamentos, continuava com os olhos fixos na planta.

— O que pensa disso, príncipe? — aventurou Desalles.

— Eu! Eu!... — fez o príncipe como se despertasse contrariado, sem tirar os olhos da planta da construção.

— É muito possível que o teatro da guerra se aproxime tanto de nós...

— Ha! Ha! Ha! O teatro da guerra! — exclamou o velho príncipe. — Eu já disse e repito que o teatro da guerra é a Polônia e que o inimigo nunca transporá o Niemen.

Admirado, Desalles fitava o velho príncipe, que falava do Niemen quando o inimigo já estava próximo do Dnieper. Mas a princesa Maria, que havia esquecido a posição geográfica do Niemen, julgou que seu pai estava com a razão.

— No degelo, eles se atolarão nos pântanos da Polônia. É possível que não prevejam... — prosseguiu o velho príncipe, evidentemente pensando na campanha de 1807, que lhe parecia recentíssima. — Benigsen deveria entrar na Prússia de uma vez, e as coisas tomariam outro rumo.

— Mas, príncipe — objetou Desalles, timidamente —, a carta fala de Vitebsk.

— Sim, a carta, é — disse, contrariado, o velho príncipe. — Sim... — Subitamente sua expressão tornou-se sombria; fez uma pausa. — Sim, ele escreve que os franceses foram derrotados. Perto de que rio, de que arroio?

Desalles baixou os olhos.

— Mas o príncipe André não fala nisso — objetou mansamente.

— Não fala nisso? Mas, afinal de contas, não fui eu que inventei.

Todos se calaram demoradamente.

— Sim, sim... Afinal! Mikhail Ivanovitch — disse ele subitamente, levantando a cabeça e apontando para a planta —, explica como pretendes corrigir tudo isso.

Mikhail Ivanovitch aproximou-se da planta, e o príncipe, depois de ter conversado com ele sobre as novas construções, retirou-se para seus aposentos lançando um olhar irritado sobre a princesa Maria e Desalles.

A princesa Maria, que percebera o mutismo e o olhar confuso e surpreso de Desalles dirigido a seu pai, estava admirada com o velho príncipe ter esquecido a carta do filho na mesa da sala. Mas temia indagar Desalles sobre a causa de sua confusão e de seu silêncio e nem sequer desejava pensar nela.

À noite, Mikhail Ivanovitch esteve nos aposentos da princesa Maria, por ordem do velho príncipe, procurando a carta esquecida na sala. A princesa Maria a entregou. Apesar de constrangida, ela tomou a liberdade de perguntar a Mikhail Ivanovitch o que estava fazendo seu pai.

— Sempre trabalhando — respondeu Mikhail Ivanovitch, com um sorriso respeitoso e zombeteiro que fez a princesa Maria empalidecer. — Preocupa-se muito com as novas construções. Leu um pouco e agora — continuou, com os olhos baixos — sentou-se à escrivaninha, é provável que esteja tratando do testamento. (Nos últimos tempos uma das ocupações prediletas do velho príncipe era examinar os papéis que deveria deixar ao morrer, e que ele chamava de seu testamento).

— Ainda vão mandar Alpatitch a Smolensk? — perguntou a princesa Maria.

— Como não?! Ele já está esperando há muito tempo.

Quando Mikhail entrou com a carta no gabinete de trabalho, o príncipe estava sentado diante de sua escrivaninha, perto de uma vela, com óculos e uma viseira acima dos olhos. Numa pose um pouco solene, lia alguns papéis. (Esses papéis, observações, como ele os chamava, deviam ser entregues ao imperador depois de sua morte.)

Quando Mikhail Ivanovitch entrou, o velho príncipe estava com os olhos cheios de lágrimas, provocadas pela lembrança do tempo em que escrevera esses papéis e pela leitura que fazia nesse momento. Tomou a carta das mãos de Mikhail Ivanovitch, guardou-a no bolso, arrumou os papéis e chamou Alpatitch, que estava esperando havia muito tempo.

Numa pequena folha de papel ele escrevera tudo que era preciso arranjar em Smolensk e, andando de um lado para o outro, dava as ordens a Alpatitch, que esperava perto da porta.

— Em primeiro lugar, papel de carta, estás ouvindo, oito pacotes, o modelo é este, borda dourada... Deste modelo, é absolutamente necessário que sejam idênticas. Verniz e cera, de acordo com a nota de Mikhail Ivanovitch.

Caminhava pelo gabinete e consultava a agenda.

— Depois entrega, pessoalmente, esta carta ao governador.

Em seguida vinham os ferrolhos para as portas das novas construções, feitos exatamente de acordo com o modelo que ele mesmo inventara. Além disso, deveria encomendar uma caixa para guardar o testamento. Levou mais de duas horas dando ordens a Alpatitch. O príncipe não o deixava falar. Sentou-se, refletiu e, fechando os olhos, adormeceu. Alpatitch fez um movimento.

— Está bem, vai, vai, se precisar ainda alguma coisa mandarei chamar-te.

Alpatitch saiu. O príncipe aproximou-se novamente da escrivaninha, remexeu nos papéis procurando alguma coisa, guardou-os e sentou-se, começando a escrever a carta ao governador.

Já era tarde quando ele se levantou, depois de ter lacrado a carta. Queria dormir, mas sabia que não poderia, pois, na cama, era assaltado por toda sorte de maus pensamentos. Chamou Tikhon. Andava pelo quarto a fim de escolher um lugar onde mandar preparar a cama para essa noite. Examinava canto por canto. Nenhum lhe parecia bom, mas principalmente o sofá habitual, no gabinete, parecia-lhe terrível, possivelmente devido às ideias acabrunhadoras que ali

tivera. Nenhum lugar lhe servia, o melhor ainda era um cantinho na sala de música, atrás do piano. Ainda não dormira lá.

Auxiliado pelo mordomo, Tikhon levou a cama para lá e começou a arrumá-la.

— Assim não, assim não! — exclamou o príncipe, e ele próprio empurrou-a um pouco mais para o canto, depois afastou-a outra vez. “Bem, agora que está tudo arrumado posso repousar!”, pensou o príncipe, deixando Tikhon despi-lo. O príncipe despiu-se, irritado com a dificuldade que tinha para tirar o cafetã e as calças, depois deixou-se cair pesadamente na cama e, contemplando suas pernas descarnadas e amareladas, parecia refletir. Não estava refletindo, mas hesitava diante do esforço que teria que fazer para levantar as pernas e mexer-se na cama. “Ah! como é pesado! Tomara que esse trabalho termine de uma vez e que me deixem tranquilo!” Mordendo os lábios, fez esse esforço pela milésima vez e deitou-se.

Mas, assim que se deitou, a cama tremeu sob seu peso, indo para a frente e para trás, como se tivesse ganhado vida e empurrasse. Todas as noites era a mesma coisa. Abriu os olhos, que estavam se fechando.

— Malditos, não me deixam um momento de tranquilidade! — resmungou enraivecido como se dirigisse a alguém.

“Sim, sim, havia ainda uma coisa muito importante que eu havia deixado para ler à noite, na cama. Os ferrolhos? Não, isso já foi falado... É sobre alguma coisa que aconteceu no salão. A princesa Maria falou alguma besteira. Aquele imbecil de Desalles também falou não sei no quê... coloquei alguma coisa no bolso... não consigo me lembrar...”

— Tickha! Do que foi que falaram durante o jantar?

— A respeito do príncipe André.

— Cala a boca, cala a boca. — O príncipe deu um soco na mesa. — Sim, já sei, a carta do príncipe André. A princesa Maria a leu. Desalles disse alguma coisa sobre Vitebsk. Vou ler agora.

O príncipe mandou buscar a carta no seu bolso e ordenou que pusessem a mesinha com a limonada e a vela ao lado da cama. Pondo os óculos, começou a ler. Só nesse momento, no silêncio da noite, relendo a carta, à luz fraca do quebra-luz verde, pela primeira vez ele compreendeu toda a sua importância.

— Os franceses estão em Vitebsk, mais quatro pulos estarão em Smolensk, talvez já estejam lá. Tickha! — Tikhon correu. — Não, não é nada, não é nada! — exclamou.

Largou a carta embaixo do castiçal e fechou os olhos. Pensou no Danúbio num dia claro, nos troncos, no acampamento russo e ele, jovem general, sem uma ruga, valente, alegre, entrando na tenda de Potiomkine. E um sentimento de inveja do favorito o invadiu com a mesma violência de outrora. E ele se recordou de todas as palavras trocadas com Potiomkine por ocasião do primeiro encontro. Surgiu na sua frente uma mulher gorda, baixa, de rosto cheio e amarelado, a imperatriz. Lembrou-se de seu sorriso, de suas palavras quando, pela primeira vez, ela o recebeu graciosamente. E lembrou-se de sua expressão no esquife e de sua discussão com Zubov, que não queria deixá-lo aproximar-se da mão da Catarina.

“Ah! Tenho pressa, pressa de voltar para esse tempo, e que tudo que existe agora termine de uma vez... de uma vez, que me deixem tranquilo!”

IV

Lissia-Gori, a propriedade do príncipe Nicolau Andreievitch Bolkonski, ficava sessenta *verstas* além de Smolensk e a três *verstas* da estrada de Moscou.

Na mesma noite, enquanto o príncipe dava suas ordens a Alpatitch, Desalles pediu para ser recebido pela princesa e lhe disse que, já que o príncipe não andava muito bem de saúde, não tomaria nenhuma medida para sua segurança, e, pela carta do príncipe André, se via claramente que a permanência em Lissia-Gori não era muito segura. Assim tomava a liberdade de aconselhar a princesa que mandasse por Alpatitch a Smolensk uma carta ao governador da província, pedindo-lhe informações sobre o estado geral das coisas e sobre os perigos que ameaçam Lissia-Gori. Ele próprio escreveu a carta ao governador, e a princesa Maria assinou-a, mandando entregá-la a Alpatitch, com a ordem de transmiti-la ao governador e, em caso de perigo, voltar o mais rapidamente possível.

Depois de ter recebido todas as ordens, acompanhado por seus criados, Alpatitch, com um gorro branco (presente do príncipe) e um bastão (como o

velho príncipe), saiu para tomar o carro coberto de couro e puxado por três vigorosos ruanos.

Os guizos estavam amarrados a fim de não fazer o menor ruído. O príncipe não permitia que ninguém viajasse com guizos em Lissia-Gori. Mas Alpatitch gostava deles para viagens longas. A *entourage* de Alpatitch — o intendente, o contador, a cozinheira, a ajudante da cozinheira, duas velhas, o garoto, o cocheiro e diversos criados — o acompanhava. Sua filha arrumava os travesseiros de plumas estampado onde ele devia sentar. A velha cunhada colocou um pacotinho no carro. Um dos cocheiros, segurando-o pelo braço, ajudava-o a subir.

— Bem, bem! Preparativos de mulheres! Mulheres! Mulheres — disse muito ligeiro, soprando como o velho príncipe costumava fazer.

Alpatitch sentou-se no carro. Depois de ter dado as últimas ordens relativas ao trabalho, e isso sem imitar o príncipe, Alpatitch descobriu a cabeça calva e persignou-se três vezes.

— Se acontecer alguma coisa, volte, Iakov Alpatitch! Pelo Cristo, tenha piedade de nós — gritou-lhe a mulher, fazendo alusão aos boatos que corriam a respeito da guerra e do inimigo.

— Mulheres! Mulheres! Conversa de mulheres! — disse Alpatitch, e partiu lançando um olhar pelos campos de centeio amarelando, de aveia ainda verde e forte e ainda, os campos negros e prontos para a sementeira.

No caminho, contemplando os campos de centeio que começavam a ser ceifados, Alpatitch admirava a abundância extraordinária das sementeiras de primavera, fazia cálculos sobre a semeadura, a colheita, e procurava lembrar se não esquecera nenhuma ordem do príncipe.

Depois de ter parado duas vezes para cuidar dos cavalos, Alpatitch chegou à cidade pelo anoitecer de 4 de agosto. Durante a viagem havia encontrado e passado por comboios e tropas. Nas proximidades de Smolensk começou a ouvir o ruído da metralha longínqua, mas isso não o impressionara. O que mais o surpreendeu foi ver os soldados cortando, provavelmente para forragem, um campo de aveia onde estavam acampados, nas proximidades de Smolensk. Esse fato surpreendeu Alpatitch, mas ele logo o esqueceu, preocupado com seus próprios assuntos.

Todos os interesses da vida de Alpatitch, há mais de trinta anos, se resumiam à vontade do príncipe; nunca saíra dessa influência. Tudo que não se relacionasse com o cumprimento das ordens do príncipe não só não o interessava, como também não existia para ele.

Chegando a Smolensk na noite de 4 de agosto, Alpatitch hospedou-se na estalagem de Ferapontov, na região de Gatchensk, na outra margem do Dnieper, onde estava acostumado a parar havia mais de trinta anos. Doze anos antes, com a ajuda de Alpatitch, Ferapontov adquirira um bosque do príncipe, começara a comerciar e hoje possuía uma casa, uma estalagem e um negócio de farinha na capital da província. Ferapontov era um camponês de quarenta anos aproximados, barrigudo, moreno, corado, de lábios grossos, nariz chato, sobrelanceiras espessas.

Encostado na porta da venda, Ferapontov, em mangas de camisa estampada e colete, viu Alpatitch, que se aproximava:

— Bem-vindo, Iakov Alpatitch. Todos fogem da cidade e tu vens a ela.

— Por que fogem? — perguntou Alpatitch.

— Eu também digo que o povo é tolo; estão com medo dos franceses.

— Histórias de mulher! Histórias de mulher! — disse Alpatitch.

— É o que eu sempre digo, Iakov Alpatitch. Eu sempre digo: se foi dada a ordem proibindo a entrada, não pode haver dúvida. Até os camponeses pedem três rublos por carroto. Não é procedimento cristão.

Iakov Alpatitch ouvia distraidamente. Pediu um samovar, pasto para os cavalos e, depois de ter tomado o chá, deitou-se.

Durante a noite inteira as tropas desfilaram diante da estalagem. No dia seguinte Alpatitch vestiu o cafetã que só usava na cidade e saiu para tratar de seus negócios. A manhã estava ensolarada e às oito horas já fazia muito calor. “Um grande dia para a lavoura!”, pensou Alpatitch.

Desde muito cedo ouviam-se tiros nos arredores da cidade.

Às oito horas o canhoneio fez coro com a fuzilaria. Nas ruas havia muita gente que se dirigia às pressas para algum lugar, muitos soldados, mas, como sempre, os cocheiros circulavam, os comerciantes conservavam-se à porta de suas lojas e, nas igrejas, as cerimônias religiosas continuavam a se realizar.

Alpatitch percorreu o comércio, as repartições, o correio e foi à casa do governador. Nas repartições e nas lojas todos falavam da guerra, do inimigo que já estava atacando a cidade. Todos perguntavam o que fazer e procuravam acalmar-se mutuamente.

Perto da casa do governador, Alpatitch encontrou uma grande aglomeração, cossacos e carros de viagem pertencentes ao governador. No patamar encontrou dois fidalgos; conhecia um deles, que era antigo comissário de polícia e falava com calor.

— Isso não é uma brincadeira. Quando há só uma cabeça, não tem importância: uma cabeça, uma miséria. Mas quando são treze e o fazem perder tudo o que possui... que espécie de autoridade é essa que nos faz perder tudo? Ah! Eu enforcaria esses bandidos... — dizia ele.

— Calma, calma! — advertiu o outro.

— Pouco me importa que ouçam! Afinal de contas não somos uns cachorros — replicou o antigo policial.

Virando-se, viu Alpatitch.

— Iakov Alpatitch! O que estás fazendo aqui?

— Preciso falar com o governador por ordem de Sua Excelência — respondeu Alpatitch, levantando altivamente a cabeça, com os dedos na cava do colete, o que sempre fazia quando mencionava o príncipe. — Ordenaram-me que me informasse sobre o estado das coisas — disse.

— Ah, é! Pois informa-te! — exclamou o fidalgo. — Colocaram-nos em tal situação! não se encontra mais um transporte. Estás ouvindo? — perguntou, apontando para o lado de onde vinham os tiros. — Estamos reduzidos a uma situação tal que só resta perecer... Bandidos! — repetiu, descendo as escadas do patamar.

Alpatitch sacudiu a cabeça, subiu as escadas e entrou na sala de espera, onde encontrou negociantes, mulheres e funcionários, que se entreolhavam em silêncio.

A porta do gabinete se abriu: todos se ergueram, ansiosos. Um funcionário saiu correndo, falou com um comerciante, pediu a um funcionário gordo, com uma cruz ao pescoço, que o acompanhasse e novamente desapareceu pela porta, procurando evitar as perguntas e os olhares que lhe eram destinados. Alpatitch

aproximou-se da porta e, quando o funcionário apareceu outra vez, dirigiu-se a ele, entregando-lhe duas cartas, com a mão esquerda no colete:

— À sua excelência o barão Aschu, da parte do general em chefe príncipe Bolkonski — disse solenemente e com tanta importância que o funcionário virou-se e pegou as cartas.

Alguns minutos depois o governador recebia Alpatitch:

— Diz ao príncipe e à princesa que eu não sei de nada. Estou obedecendo ordens superiores. Olha... — Entregou um papel a Alpatitch. — Mas, como o príncipe está adoentado, eu acharia prudente que ele fosse para Moscou. Eu mesmo vou para lá imediatamente. Diz...

Mas o governador não concluiu. Um oficial arquejante, suado e cheio de poeira acabava de chegar, dirigindo-lhe a palavra em francês.

O pavor se estampou na fisionomia do governador.

— Podes ir — disse, dirigindo-se a Alpatitch, e começou a interrogar o oficial.

Quando Alpatitch saiu do gabinete do governador, sentiu os olhares apavorados, ávidos, desamparados dos presentes. Agora, já não podia deixar de ouvir a fuzilaria, cada vez mais próxima e mais intensa. Às pressas, dirigiu-se para a estalagem. O papel que o governador lhe entregara continha as seguintes palavras:

Afirmo-lhe que nenhum perigo ameaça Smolensk e é pouco provável que venha a ser ameaçada. Eu de um lado e o príncipe Bagration do outro marchamos para reunirmo-nos em Smolensk. Esse encontro se realizará no dia 22 e os dois exércitos, com suas forças reunidas, defenderão seus compatriotas da província que foi confiada a V. S., até que nossos esforços afastem os inimigos da pátria, ou até que, nas nossas corajosas fileiras, caia o último soldado. Pelo exposto é fácil a V. S. ver que, sem temor, pode tranquilizar os habitantes de Smolensk porque aquele que é defendido por dois exércitos tão corajosos pode estar certo da vitória.

(Comunicação de Barclay de Tolly ao governador de Smolensk, barão Aschu — 1812.)

Cheio de inquietação, o povo vagava pelas ruas. Veículos carregados de utensílios de toda sorte, cadeiras, pequenos armários, saíam de cada portão e circulavam pelas ruas. Diante da casa vizinha da estalagem de Ferapontov

estacionavam diversos veículos e, soluçando, algumas mulheres faziam suas despedidas. O cão de guarda rodava e acuava em volta dos cavalos atrelados.

Alpatitch, num passo mais rápido que o habitual, entrou no pátio dirigindo-se diretamente à estrebaria de seus cavalos e de seu carro. O cocheiro dormia. Acordou-o, ordenou-lhe que atrelasse e entrou no vestíbulo. Do quarto dos donos vinha o choro das crianças, os soluços desesperados de uma mulher e os gritos irritados e roucos de Ferapontov. Assim que Alpatitch entrou, a cozinheira correu ao vestíbulo como uma galinha assustada.

— Quase matou a patroa a bordoadas! Bateu tanto!... machucou tanto!

— Por quê? — perguntou Alpatitch.

— Ela pedia para ir embora. Coisa de mulher. “Como”, disse-lhe ela, “queres sacrificar-me junto com as crianças? Todo mundo já foi embora, e nós, o que estamos fazendo?” Ele começou a sorrir. Bateu tanto, machucou tanto...

A essas palavras, Alpatitch sacudiu a cabeça como se as aprovasse e não quisesse saber mais nada. Dirigiu-se para o quarto onde estavam suas compras, fronteiro à porta que dava para o quarto dos donos da casa.

— Monstro! Bandido! — gritava nesse momento uma mulher magra, pálida, com uma criança nos braços, fugindo pela porta em direção à escada do pátio. Ferapontov a seguia. Vendo Alpatitch, arrumou o colete, os cabelos, bocejou e acompanhou Alpatitch ao quarto vizinho.

— Já vais embora? — perguntou.

Sem responder e sem olhá-lo, Alpatitch pediu-lhe a conta enquanto fazia a verificação de suas compras.

— Não há pressa, não faltará tempo para isso! Mas estiveste com o governador? — perguntou Ferapontov. — O que foi que ele disse?

Alpatitch respondeu que o governador não dissera nada de preciso.

— Como é possível partir com a família — disse Ferapontov — se estão cobrando sete rublos por carro até Dorogobuj. Isso não é ser cristão, eu sempre digo! Selivanov teve sorte, quinta-feira ele conseguiu vender farinha ao exército por nove rublos o saco... E então, queres tomar um copo de chá comigo? — acrescentou.

Enquanto atrelavam, Alpatitch e Ferapontov tomaram o chá e trocaram ideias sobre o preço do trigo, a safra, o bom tempo para as colheitas.

— Parece que o canhoneio está diminuindo — disse Ferapontov, levantando-se, depois de ter tomado três xícaras de chá. — Provavelmente conseguimos vencê-los. Já haviam dito que não os deixariam entrar... então estamos fortes... Andaram contando por aí que Mateus Ivanitch Platov os perseguiu até o rio Morina e de uma só vez afogou dezoito mil inimigos.

Alpatitch reuniu as compras que fizera, entregou-as ao cocheiro, que entrava, e pagou o dono da casa.

A rua estava cheia de ruídos de rodas, de cascos de cavalos, de guizos.

Já passava de meio-dia. Metade da rua estava na sombra, e a outra, vivamente iluminada pelo sol. Alpatitch olhou pela janela e dirigiu-se para a porta.

Subitamente, ouviu-se um estranho ruído de assobios e um barulho seco, logo em seguida, o ribombo confuso do canhoneio fazendo estremecer os vidros.

Alpatitch saiu para a rua. Dois homens corriam na direção da ponte. De todos os lados se ouvia o assobio, os tiros de canhão, a explosão das granadas que caíam na cidade. Mas os habitantes quase não se preocupavam com esses tiros, ouvindo os tiros próximos da cidade. Era o bombardeio de Smolensk que Napoleão ordenara para as cinco horas, com cento e trinta bocas de fogo.

A princípio, o ruído das balas de canhão e das bombas só provocou a curiosidade da população. A mulher de Ferapontov, que ainda chorava perto da estrebaria, calou-se e, sempre com a criança no braço, apareceu na porta-cocheira. Sem dizer uma palavra, observava o povo e prestava atenção aos sons.

A cozinheira e um comerciante também apareceram na porta-cocheira. Com uma curiosidade alegre, todos procuravam ver os projéteis que voavam sobre suas cabeças. Na esquina surgiram algumas pessoas discutindo animadamente.

— Que força! — dizia alguém. — Despedaçou o telhado e o forro.

— Fuçou a terra como um porco, que coisa doida! — observava, rindo, um outro.

— A tua sorte foi saltar em tempo, mais um pouco terias virado mingau.

Umas quantas pessoas se aproximavam desses homens. Eles pararam e contaram que uma bala de canhão haviam caído ao lado deles, numa casa. Enquanto isso, outras balas, com um assobio ora lúgubre — as balas de canhão —, ora agradável — as granadas —, voavam constantemente sobre a multidão.

Nenhuma caía nas proximidades; todas iam além. Alpatitch instalou-se no seu cabriolé.

O dono da estalagem estava junto da porta.

— O que estás olhando aí? — gritou à cozinheira, que, de mangas arregaçadas, saia vermelha, sacudindo os braços nus, aproximava-se da esquina para ouvir o que contavam.

— Isso é inacreditável! — exclamou ela. Mas, ouvindo a voz do patrão, voltou, arrumando a saia arregaçada.

Novamente assobiou alguma coisa, semelhante a um passarinho que voa de cima para baixo, mas dessa vez muito próxima.

O fogo brilhou no meio da rua, alguma coisa estourou e cobriu de fumaça a rua inteira.

— Idiota! O que estás fazendo aí? — exclamou o patrão, acorrendo na direção da cozinheira.

No mesmo instante, de todos os lados, mulheres gemiam; crianças assustadas choravam, e umas quantas pessoas, pálidas, se agruparam em torno da cozinheira. Os gritos e os gemidos da cozinheira encobriam os demais.

— Ai! Ai! Meus queridos! Minhas pombinhas brancas, não me deixem morrer! Minhas pombinhas brancas!...

Cinco minutos depois a rua estava deserta. A cozinheira havia sido levada para a cozinha com uma costela quebrada por um estilhaço de granada.

Alpatitch, seu cocheiro e a mulher de Ferapontov com os filhos e o porteiro estavam sentados no porão, procurando ouvir o que se passava. O ribombo dos canhões, o assobio dos projéteis, as lamentações da cozinheira, que dominavam os demais sons, martelavam incessantemente.

A dona da casa ora embalava e acalmava a criança, ora, num cochicho queixoso, perguntava aos que entravam no porão onde estava o marido, que ficara na rua. Um comerciante informou-lhe que Ferapontov acompanhara a multidão que se dirigia para a catedral, onde estavam fazendo orações diante do ícone milagroso de Smolensk.

Ao cair da noite o canhoneio diminuiu. Alpatitch saiu do porão e parou junto da porta. O céu, antes tão claro, estava escuro de fumaça e, através da fumaça, a lua crescente brilhava de uma forma estranha. Depois de cessado o ribombo dos

canhões, planava sobre toda a cidade um silêncio interrompido apenas pelo ruído de passos, gemidos, gritos, estalidos dos incêndios espalhados por toda parte.

Os gemidos da cozinheira haviam cessado. De dois lados surgiam e desapareciam as nuvens negras de fumaça do incêndio. Nas ruas, os soldados passavam e corriam, não em filas compactas, mas como formigas de um formigueiro destruído, em diversos uniformes e em diversas direções. Sob os olhos de Alpatitch alguns acorreram para o pátio de Ferapontov. Alpatitch dirigiu-se para a porta-cocheira. Um regimento voltava às pressas, enchendo a rua.

— A cidade vai se render, vá embora, vá embora — gritou-lhe um oficial. E, dirigindo-se aos soldados, acrescentou aos gritos: — Eu vou dar-lhes uma lição se fugirem pelos pátios!

Alpatitch entrou no isbá, chamou o cocheiro e ordenou-lhe que partisse. Todas as pessoas da casa de Ferapontov saíram atrás de Alpatitch e do cocheiro. Ao ver a fumaça e as línguas de fogo do incêndio, mais visíveis à noite, as mulheres, que até esse momento haviam ficado em silêncio, começaram a se lamentar.

Dando a impressão de uma resposta, gritos e gemidos se fizeram ouvir das outras esquinas.

Com as mãos trêmulas, Alpatitch e o cocheiro liberaram as rédeas do alpendre.

Quando Alpatitch saiu pelas portas-cocheiras, viu na bodega de Ferapontov uma dezena de soldados, que, conversando muito alto, enchiam seus sacos e embornais com farinha e sementes de girassol. Nesse instante chegava Ferapontov. Quando viu os soldados, quis gritar alguma coisa, mas, contendo-se subitamente, começou a rir, com um riso soluçante e as mãos nos cabelos.

— Levem tudo, rapazes! Assim os demônios não encontrarão nada! — gritou, carregando ele próprio um saco e jogando-o no meio da rua.

Alguns soldados se assustaram e saíram correndo, outros continuaram a encher seus sacos.

Dando com Alpatitch, Ferapontov dirigiu-se a ele:

— Está acabada a Rússia! — exclamou. — Alpatitch, eu mesmo queimarei tudo. Está acabado.

Ferapontov correu para o pátio.

A rua continuava cheia de gente; soldados passavam constantemente, o que impedia Alpatitch de mover-se, obrigando-o a esperar. A mulher e os filhos de Ferapontov estavam sentados numa carroça, também esperando o momento de sair.

Já era noite fechada. O céu estava estrelado, e, de quando em quando, a lua desaparecia sob a fumaça. Na descida em direção ao rio Dnieper, o carro de Alpatitch e o da patroa, que avançavam lentamente entre os soldados e outros veículos, foram obrigados a parar. Numa rua próxima da encruzilhada onde pararam, uma casa e uma venda ardiam. O incêndio estava no fim. As línguas de fogo ora diminuía, ora desapareciam na fumaça negra, ora brilhavam subitamente iluminando de modo estranho, aos detalhes, as fisionomias das pessoas agrupadas na encruzilhada.

Silhuetas negras passavam diante do incêndio e, entre o crepitar incessante do fogo, ouviam-se vozes e gritos. Percebendo que o trânsito estava interrompido por muito tempo, Alpatitch desceu da *troika* e dobrou a esquina para ir ver o incêndio. Soldados andavam de um lado para outro diante do incêndio, e Alpatitch viu dois soldados e um homem de capa de frisa carregando tições do incêndio para um pátio vizinho. Outros carregavam fardos de feno.

Alpatitch aproximou-se da multidão que olhava o incêndio de um grande armazém. Todas as paredes estavam em chamas, a dos fundos desmoronava, o telhado caía para um lado, as vigas queimavam. Evidentemente a multidão esperava ver o telhado cair. Alpatitch esperava a mesma coisa.

— Alpatitch — gritou subitamente uma voz sua conhecida.

— Meu Deus, Vossa Excelência! — respondeu Alpatitch, reconhecendo a voz do seu jovem príncipe.

Montando um cavalo negro, o príncipe André estava atrás da multidão e olhava Alpatitch:

— O que estás fazendo aqui?

— Exc... Excelência — disse Alpatitch, soluçando. — Exc... Exc..., será que estamos completamente perdidos? Meu paizinho...

— O que estás fazendo aqui? — repetiu o príncipe André.

Nesse momento a chama aumentou, iluminando a fisionomia pálida e fatigada do jovem amo. Alpatitch contou-lhe o que estava fazendo e a dificuldade que encontrava para sair.

— Diga, Excelência, será que já estamos perdidos? — repetiu.

Sem responder, o príncipe André escreveu qualquer coisa a lápis no seu caderno, apoiado no joelho, destacando a folha. Era um bilhete para a irmã:

Smolensk se rendeu. Dentro de uma semana Lissia-Gori será ocupada pelo inimigo. Partam imediatamente para Moscou. Assim que partirem avisem-me, mandando um mensageiro a Usviajo.

Depois de entregar a folha a Alpatitch, transmitiu-lhe, verbalmente, as ordens relativas à viagem do príncipe, da princesa e do filho com seu preceptor, e como e onde deveriam avisá-lo assim que possível. Ainda não havia terminado essas ordens quando se aproximou um dos chefes do Estado-Maior, a cavalo, acompanhado de sua comitiva.

— O senhor é coronel? — gritou o chefe do Estado-Maior, com um sotaque alemão e uma voz que o príncipe André conhecia. — Queimam casas na sua presença e o senhor não diz nada? O que significa isso? Será responsabilizado! — gritou Berg, que agora era ajudante do chefe do Estado-Maior do flanco esquerdo da infantaria do primeiro exército, posição muito agradável e de muita evidência, como ele dizia.

O príncipe André o fitou e, sem responder, continuou dirigindo-se a Alpatitch:

— Bem, dirás que esperarei a resposta até o dia 10 e, se até o dia 10 não souber que todos partiram para Moscou, deixarei tudo para ir a Lissia-Gori.

— Digo isso, príncipe — acrescentou Berg, reconhecendo o príncipe André —, porque devo cumprir ordens e porque sempre as cumpro rigorosamente... Perdoe-me, peço-lhe...

Alguma coisa estalou no fogo; ele esmoreceu rapidamente, e depois de um curto silêncio negras nuvens de fumaça surgiram sobre o telhado. Depois de um outro estalo terrível, alguma coisa enorme desmoronou.

— Hurra! Hurra! — berrou a multidão, ouvindo o estrondo do telhado do armazém que ruía, espalhando, ao mesmo tempo, um cheiro de pão queimado.

As chamas se expandiram, iluminando as fisionomias animadas, alegres e cansadas das pessoas que olhavam o incêndio.

O homem de capa de frisa, erguendo os braços, exclamou:

— Muito bem! Bonito! Muito bem, meus filhos, vai tombar!

— É o dono! — diziam vozes.

— Pois é isso — disse o príncipe André, dirigindo-se a Alpatitch —, transmite o que eu te disse. — E, sem responder a Berg, que se conservava em silêncio a seu lado, sumiu-se a trote pelo beco.

V

Após Smolensk, as tropas continuavam a retirada. O inimigo avançava. No dia 10 de agosto o regimento comandado pelo príncipe André passou pela estrada geral, diante do caminho que levava a Lissia-Gori. O calor e a seca se faziam sentir há mais de três semanas. Nuvens grossas cobriam o céu diariamente e, de quando em quando, escondiam o sol. Mas ao cair da tarde as nuvens se dispersavam e o sol se deitava sob uma bruma avermelhada. Só o orvalho refrescava a terra. O trigo que ainda não fora colhido secava e soltava os grãos. Os pântanos estavam secos, o gado mugia de fome sem encontrar o que comer nos campos queimados pelo sol. A temperatura só era tolerável durante a noite e nos bosques, enquanto houvesse orvalho. Na estrada geral por onde as tropas marchavam, até durante a noite e nos trechos margeados de bosques a temperatura era sufocante. Nem se podia perceber o orvalho na poeira revolta e alta da estrada. O movimento começava com o dia. Os comboios e a artilharia avançavam sem ruído pela areia que subia aos eixos, e a infantaria sufocava na poeira quente, macia, que a noite não chegava a refrescar. Uma parte dessa poeira formava placas sobre os pés e as rodas, a outra, como uma nuvem, planava sobre o exército, infiltrando-se os cabelos, nos olhos, nos ouvidos, nas narinas e, principalmente, nos pulmões dos homens e dos animais que marchavam pela estrada. Quanto mais alto estava o sol, mais se elevavam as nuvens de poeira. Através dessa poeira fina, quente, podia-se fitar o sol a olho nu, mesmo quando as nuvens não o encobriam. O sol parecia uma grande esfera vermelha. Não havia vento nenhum e os soldados sufocavam nessa atmosfera imóvel. Marchavam com um lenço tapando o nariz e a boca.

Quando chegavam a alguma aldeia, todos corriam para os poços. Muitos brigavam por causa de um pouco de água e bebiam até chegar ao barro.

O príncipe André comandava o regimento, e essa direção, o bem-estar dos soldados e a necessidade de dar e receber ordens tomavam todo seu tempo. O incêndio de Smolensk e seu abandono marcaram uma etapa para o príncipe André. Um sentimento novo de cólera contra o inimigo o fazia esquecer a própria dor. Entregava-se de corpo e alma aos interesses do regimento. Preocupava-se paternalmente com seus soldados e oficiais. No regimento todos

o chamavam “nosso príncipe”, orgulhavam-se dele e o amavam. Mas ele só tratava bem os homens do regimento, Timokhine e os outros que conhecia há pouco tempo, os que não podiam compreender e não conheciam seu passado. Mas, assim que se encontrava com um conhecido antigo do Estado-Maior, encoleriza-se, tornava-se mau, irônico, arrogante. Tudo que lhe lembrava o passado repugnava-o, de sorte que sua maior preocupação era não ser injusto com seus antigos conhecidos e cumprir seu dever.

Na verdade, tudo se apresentava ao príncipe André sob cores sombrias, principalmente depois do dia 6 de agosto, em que Smolensk foi abandonada (que na sua opinião podia e devia ser defendida), e de seu pai doente ter tido que fugir para Moscou, abandonando à pilhagem o domínio de Lissia-Gori, que o velho príncipe tanto amava e que havia organizado e povoado. Mas, apesar disso, graças ao regimento, o príncipe André podia pensar em outra coisa diferente dos assuntos gerais: no seu regimento. No dia 10 de agosto chegou a Lissia-Gori a coluna da qual seu regimento fazia parte.

Dois dias antes o príncipe André recebera a notícia de que seu pai, seu filho e sua irmã haviam partido para Moscou. Embora não tivesse nada que fazer em Lissia-Gori, no desejo de reavivar sua dor, resolveu ir até lá.

Ordenando que lhe selassem o cavalo, rumou, deixando seus soldados em marcha, para a aldeia paterna, onde nascera e crescera. Passando diante do açude, onde sempre havia uma dezena de mulheres conversando e lavando roupa, o príncipe André notou que estava deserto e viu a pequena balsa boiando, metade coberta d’água. Aproximou-se da casa do guarda. Perto da porta-cocheira, que estava aberta, não havia ninguém. As alamedas do jardim já estavam cobertas de capim, bezerros e cavalos vagavam pelo parque inglês. O príncipe André aproximou-se da estufa: os vidros estavam quebrados, algumas árvores caídas nos vasos e outras murchavam. Chamou Tarass, o jardineiro, mas ninguém respondeu. Fazendo a volta da estufa, viu que a cerca de carvalho esculpido estava quebrada e que os frutos haviam sido arrancados com os galhos de ameixeiras. Um velho camponês (o príncipe André estava acostumado a vê-lo perto da porta desde sua infância) estava sentado num banco verde e trançava um *lapot*. Era surdo e não ouviu os passos do príncipe. Estava sentado no banco preferido do velho príncipe, e, em volta dele, pendurados nos galhos quebrados e

murchos de uma magnólia, viam-se as tiras de palha preparadas para o trançado que fazia.

O príncipe André aproximou-se da casa. No velho jardim algumas tílias haviam sido cortadas. Uma égua malhada e seu potro andavam entre os rosais. A casa estava com as persianas fechadas. Só uma janela do andar térreo estava aberta. Vendo o príncipe André, um garotinho correu no interior da casa. Alpatitch mandara a família embora, ficando sozinho em Lissia-Gori. Estava em casa lendo a *Vida dos santos*. Ao saber da chegada do príncipe André, saiu com os óculos no nariz e, abotoando-se, aproximou-se do príncipe sem pronunciar uma só palavra e ajoelhou-se beijando-lhe os joelhos. Mas, contrariado com sua própria fraqueza, afastou-se e começou a prestar contas da situação dos negócios. Tudo que era precioso e caro havia sido transportado para Bogutcharovo. O trigo, cem *tchetvert* aproximadamente, também fora remetido para lá. O feno e a colheita da primavera — extraordinária, no dizer de Alpatitch — haviam sido cortados ainda verdes e levados pelas tropas. Os camponeses estavam arruinados: uns haviam partido para Bogutcharovo, outros, uma pequena parte, ficaram.

Sem ouvir até o fim, o príncipe perguntou:

— E meu pai e minha irmã, quando partiram?

Ele queria perguntar “quando partiram para Moscou?” Supondo que se tratasse da partida para Bogutcharovo, Alpatitch respondeu que havia sido no dia 7 e novamente começou a falar nos assuntos da casa, pedindo ordens.

— Quer que entregue a aveia às tropas mediante um recibo? Restam ainda uns seiscentos *tchetvert*.

“O que devo responder-lhe?”, pensou o príncipe André, fitando a cabeça calva do velho, que brilhava ao sol, e percebendo pela sua expressão que ele também compreendia a inutilidade dessa pergunta e que só fazia para esconder a sua dor.

— Sim, entregue — respondeu.

— Possivelmente o senhor notou alguma desordem no jardim — acrescentou Alpatitch. — Foi impossível impedir. Três regimentos pousaram aqui, o pior foi um dos dragões. Tomei nota do nome e do posto do comandante para fazer a reclamação.

— E tu, afinal de contas, que pretendes fazer? Vais ficar esperando o inimigo?
— perguntou o príncipe André.

Voltando-se para o príncipe André, Alpatitch fitou-o e, subitamente, num gesto solene, levantou as mãos para o céu.

— Ele é meu protetor! Que sua vontade seja feita!

Uma multidão de criados e camponeses acorria em direção ao príncipe André.

— Bem, adeus! — disse o príncipe André, inclinando-se para Alpatitch. — Vai embora também, leva o que puderes, manda os camponeses para o domínio de Riazan ou para perto de Moscou.

Alpatitch abraçou-se na sua perna e soluçou.

O príncipe André empurrou-o suavemente e partiu a galope pela alameda.

Na entrada da estufa, sempre com a mesma indiferença, como uma mosca no rosto de um morto, o velho continuava sentado batendo a sola do *lapot*; duas meninhas, com as saias cheias de ameixas que haviam colhido nas árvores da estufa, vinham correndo e passavam no caminho do príncipe André. Ao verem o jovem senhor, a mais velha, com o medo estampado na fisionomia, agarrou a menor pelo braço e escondeu-se atrás de uma bétula, sem apanhar as ameixas verdes que caíam.

O príncipe André virou rapidamente o rosto, no receio de que elas percebessem que ele as vira. Sentia pena daquela bonita garotinha assustada. Embora constrangido, tinha vontade de fitá-la. Um sentimento novo, suave e tranquilizador o invadiu quando, contemplando essas garotinhas, compreendeu a existência de interesses humanos, diferentes dos seus, mas igualmente naturais. Evidentemente, as garotinhas só pensavam numa coisa: levar e comer as ameixas verdes sem serem pegas, e o príncipe André desejava que fossem bem-sucedidas. Não resistiu à tentação de olhá-las ainda uma vez. Julgando-se fora de perigo, elas saltavam de seu esconderijo, gritavam qualquer coisa numa voz aguda, seguravam as saias e corriam alegre e rapidamente na grama com os pés descalços.

Deixando a nuvem de poeira da estrada geral por onde as tropas marchavam, o príncipe André sentia-se um pouco refeito. A uma pequena distância de Lissia-Gori, ele tomou novamente a mesma estrada e alcançou seu regimento, que estava acampado próximo do dique de um pequeno açude. Passava de uma hora

da tarde. O sol, uma esfera vermelha, empoeirado, queimava as costas dos soldados de uma maneira insuportável através das túnicas negras. A poeira continuava sempre a mesma e se mantinha imóvel sobre as tropas paradas e seus ruídos. Não havia vento algum. Subindo na barragem, o príncipe André sentiu o ar fresco e úmido de lama do açude. Queria atirar-se na água por mais suja que fosse. Olhava o açude de onde partiam gritos e risadas. O pequeno açude, coberto de vegetação, passava meio *archine* da barragem, porque estava cheio de corpos humanos brancos, com mãos, rostos e pescoços vermelhos como tijolos, que chapinhavam na água. Toda essa carne humana, branca, nua, chafurdava nesse lamaçal dando risadas e gritando, como se fossem carpas num regador.

Tudo isso respirava de alegria e por isso mesmo era particularmente triste.

Um jovem soldado louro — o príncipe André ainda não o conhecia pessoalmente — da terceira companhia, com uma tala amarrando a batata da perna, persignando-se, tomou distância para melhor atirar-se na água. Mais adiante, um sargento moreno, sempre com os cabelos bagunçados, com água até a cintura, movimentando seu corpo musculoso, bufava alegremente e jogava água na cabeça com seus braços negros até as mãos.

Ouviam-se mergulhos, gritos agudos e exclamações.

Nas margens, no dique, no açude, via-se por toda parte a carne branca, forte e musculosa. O oficial Timokhine, com seu pequeno nariz vermelho, enxugava-se com uma toalha no dique. Ao ver o príncipe sentiu-se constrangido. Entretanto, resolveu dirigir-se a ele.

— É bom, Excelência, acho que lhe faria bem se também...

— Está muito sujo — disse o príncipe André, fazendo uma careta.

— Nós lhe daremos lugar imediatamente, limparemos.

E, ainda despido, Timokhine correu para limpar.

— O príncipe deseja se banhar.

— Quem? Nosso príncipe? — disseram algumas vozes. E todos, apressadamente, empurravam-se de tal forma que o príncipe André tinha dificuldade em acalmá-los. Finalmente achou que seria melhor lavar-se no celeiro.

“A carne, o corpo, *carne para canhão!*”, pensava ele olhando para seu corpo nu e estremecendo, menos de frio que de asco e horror, incompreensível para ele,

em vista do grande número de corpos que chafurdavam no açude sujo.

* * *

No dia 7 de agosto, o príncipe Bagration, no seu acampamento de Mikhailovka, situado na estrada de Smolensk, escrevia a seguinte carta: “Senhor conde Alexis Andreievitch,” (escrevia a Araktcheiev, mas sabia que a carta seria lida pelo imperador, razão pela qual, dentro das possibilidades de sua inteligência, pesava cada palavra.)

Creio que o ministro já lhe tenha feito o relatório sobre o abandono de Smolensk ao inimigo.

É doloroso e triste, e todo o exército sente-se desolado por ter abandonado inutilmente o ponto mais importante. De minha parte pedi pessoalmente com a máxima insistência; a respeito escrevi ao ministro, mas nada o demoveu. Juro-lhe pela minha honra que Napoleão estava num impasse como nunca antes se encontrara: ele podia ter perdido a metade do seu exército e não tomar Smolensk. Nossas tropas lutaram e lutam como nunca. Com quinze mil homens resisti durante mais de trinta e cinco horas e o derrotei. Mas ele não quis nem sequer ficar quatorze horas. É uma vergonha e uma mancha para o nosso exército, e parece-me que ele próprio não deveria sobreviver a isso. Se ele diz que as nossas perdas são grandes, está faltando com a verdade, talvez quatro mil, não mais, e até mesmo nem tanto. E que fossem dez mil, o que fazer? É a guerra. Em compensação, as perdas inimigas são enormes.

O que custava aguentar ainda dois dias? Ao menos eles próprios teriam se retirado, pois já não tinham água para os homens nem para os cavalos. Ele havia me dado sua palavra de que não recuaria, mas, subitamente, enviou um comunicado informando que partiria durante a noite. Não se pode fazer a guerra dessa forma e assim não tardaremos a levar o inimigo a Moscou.

Correm boatos afirmando que o senhor pensa na paz. Que Deus nos defenda dela! Concluir a paz depois de tantos sacrifícios e depois de um recuo tão louco! O senhor atrairia contra sua pessoa as iras de toda a Rússia e cada um de nós se envergonharia de envergar o uniforme. No ponto em que estamos, devemos lutar enquanto a Rússia tiver forças, enquanto os homens tiverem pernas.

É necessário que haja um único comandante, e não dois. Seu ministro talvez seja bom no ministério, mas, como ministro, não é só ruim, ele não vale nada, e ainda é a ele que se entrega o destino de nossa pátria toda! Sinceramente é de enlouquecer! Perdoe-me se escrevo muito ousadamente. É evidente que aquele que sugere a paz e apoia o ministro não ama seu imperador e deseja a perda de nós todos. Assim, eu escrevo a verdade: prepare a milícia, porque o ministro, da forma mais autoritária, é capaz de conduzir, atrás de si, o hóspede até a capital. O senhor Woltzogen, ajudante de ordens do imperador, é suspeitíssimo a todo o exército. Dizem que ele está mais com Napoleão que conosco, e é ele que dá todos os conselhos ao ministro. Eu não só o trato bem, mas também lhe obedeço como subordinado, apesar de estar acima dele; é triste. Mas, por amor ao meu benfeitor e imperador, obedeço. Só é lamentável que o imperador confie a tal gente a glória do exército. Imagine que, com o nosso recuo,

perdemos mais de quinze mil homens mortos de fadiga ou nos hospitais, e que, se tivéssemos atacado, isso não teria acontecido. Pense, em nome de Deus, no que dirá a Rússia, nossa mãe, diante do nosso grande medo e do fato de entregarmos aos canalhas essa pátria boa e amada, e em cada indivíduo nós injetamos a vergonha e o ódio. Do que fugimos?! De quem temos medo?! Eu não tenho culpa se o ministro é indeciso, covarde, falso, vagaroso, se ele tem todos os defeitos. Todo o exército chora e o injuria.

VI

Entre as inumeráveis divisões que se podem estabelecer para os fenômenos da vida, existem aqueles em que se predomina a substância e aqueles em que se predomina a forma. Sob esse aspecto é possível opor a vida no campo, no distrito, na província, e mesmo em Moscou, à vida em Petersburgo e principalmente à vida dos salões. Essa vida é imutável.

Desde 1805 nós havíamos nos reconciliado e rompido com Bonaparte, havíamos feito e desfeito uma constituição, mas o salão de Ana Pavlovna e o de Helena continuavam exatamente como eram, sete anos antes o primeiro e o outro cinco. Nas reuniões de Ana Pavlovna se falava com a mesma surpresa dos êxitos de Bonaparte, que, assim como a submissão dos imperadores europeus a ele, eram interpretados como uma conjuração odiosa cuja única finalidade era inquietar e desagradar esse grupo da corte, da qual Ana Pavlovna era a representante. Também nas recepções de Helena, a quem Rumiantzev honrava com suas visitas, considerando-a uma mulher excepcionalmente inteligente, em 1812, como em 1808, falava-se com entusiasmo da grande nação e do grande homem, e o rompimento com os franceses era visto com pesar. As pessoas que frequentavam o salão de Helena eram da opinião de que a paz deveria ser a conclusão desse rompimento.

Nos últimos tempos, depois de o imperador ter regressado do exército, houve uma certa animação entre os frequentadores desses salões opostos e algumas demonstrações de hostilidade se verificaram, mas a opinião dirigente de cada grupo continuou a mesma. No de Ana Pavlovna, entre os franceses, só eram recebidos os mais fanáticos legitimistas; nele se afirmava patrioticamente que ninguém deveria ir ao teatro francês e que a manutenção da companhia era tão custosa quanto a de um corpo de exército. Os acontecimentos militares eram ansiosamente acompanhados, e espalhavam-se os boatos mais vantajosos para o nosso exército.

No grupo de Helena, de Rumiantzev, dos franceses, eram desmentidos os boatos sobre a crueldade do inimigo e da guerra, e eram discutidas todas as tentativas de reconciliação feitas por Napoleão. Nesse grupo censuravam-se os que aconselhavam prematuramente os preparativos de partida da corte para Kazan, assim com a remoção para essa localidade das instituições escolares de meninas que funcionavam sob o alto patrocínio da imperatriz-mãe. No salão de Helena a guerra era geralmente considerada um conjunto de manifestações estéreis com as quais a paz não tardaria a acabar, e a opinião reinante era a de Bilibine, agora residindo em Petersburgo e um dos íntimos da casa (todo homem inteligente devia frequentar sua casa), que dizia não ser a pólvora mas sim os que a inventaram quem resolveria a pendência. Nesse grupo, zombava-se com muito espírito, mas prudentemente, do entusiasmo de Moscou, cujas repercussões chegavam a Petersburgo juntamente com o imperador.

No salão de Ana Pavlovna, ao contrário, esse entusiasmo era alvo da admiração geral e todos falavam dele como Plutarco fala dos antigos. O príncipe Vassili, que continuava ocupando os mesmos cargos importantes, era o traço de união entre os dois grupos. Frequentava a casa da “minha boa amiga” Ana Pavlovna e aparecia “no salão diplomático de minha filha”, e muitas vezes, passando repetidamente de um campo para o outro, ele se distraía dizendo na casa de Helena o que deveria dizer na de Ana Pavlovna e vice-versa.

Pouco depois da chegada do imperador, o príncipe Vassili abordou assuntos militares numa reunião de Ana Pavlovna, censurou com severidade Barclay de Tolly e mostrou-se indeciso quanto àquele que deveria ser nomeado comandante em chefe.

Um dos convidados, designado como “homem de grande mérito”, depois de ter contado que nesse mesmo dia havia visto Kutuzov, que fora escolhido para o comando da milícia de Petersburgo, presidir a recepção dos soldados na Câmara da Fazenda, tomou a liberdade de, muito prudentemente, exprimir a suposição de que Kutuzov seria o homem capaz de satisfazer a todas as exigências.

Ana Pavlovna sorriu tristemente e objetou que Kutuzov, salvo os dissabores que causara, nada havia feito para o imperador.

— Eu disse e tornei a dizer na assembleia da nobreza — interveio o príncipe Vassili —, mas ninguém me ouviu. Disse que sua eleição para o comando da

milícia não seria do agrado do imperador. Não fui ouvido. Sempre que essa mania de criticar... — prosseguiu. — E diante de quem? Tudo isso porque pretendemos macaquear esses tolos entusiastas de Moscou — disse o príncipe Vassili, atrapalhando-se ligeiramente e esquecendo que, se na casa de Helena era necessário zombar do entusiasmo dos moscovitas, na de Ana Pavlovna era preciso admirá-lo. Mas ele logo caiu em si. — Será que cabe ao príncipe Kutuzov, o mais velho general russo, presidir a sessão, e lhe valerá a pena?! Como nomear comandante em chefe um homem que não pode montar a cavalo, que dorme nas reuniões do conselho, um homem dos hábitos mais depravados? Ele soube se portar em Bucareste?! Nem vou falar de suas qualidades de general, mas será possível que num momento como este se designe um homem caduco e cego, nada menos que cego?! Será o ideal um general cego?! Ele não vê nada, pode brincar de cabra-cega... Não vê absolutamente nada!

Ninguém o contradisse.

No dia 24 de julho isso era absolutamente exato, mas no dia 29 Kutuzov recebeu o título de príncipe. Esse título poderia significar que o governo desejava afastá-lo, razão pela qual o raciocínio do príncipe Vassili continuava certo, embora ele não mais se apressasse em exprimi-lo. Mas, no dia 8 de agosto, uma comissão da qual faziam parte o feldmarechal Saltykov, Araktcheiev, Viazmitinov, Lopukhine e Kotchubei reuniu-se para discutir o desenrolar da guerra. Essa comissão concluiu que o insucesso se originava da divisão do poder e resolveu, apesar de seus membros terem conhecimento da má vontade do imperador com Kutuzov, depois de uma curta deliberação, indicá-lo para comandante em chefe. No mesmo dia Kutuzov foi nomeado generalíssimo de todos os exércitos e de todas as regiões ocupadas pelas tropas.

No dia 9 de agosto Vassili encontrava-se novamente com o “homem de grande mérito”. Este cortejava Ana Pavlovna porque pretendia ser nomeado diretor de um estabelecimento de ensino feminino. O príncipe Vassili entrou no salão com o ar vitorioso, feliz, de um homem que alcançou o que desejava.

— Então, já sabem a grande notícia? O príncipe Kutuzov é marechal! Todos os desentendimentos desapareceram. Sinto-me tão feliz, tão feliz! Enfim temos um homem — opinou com vigor, fitando com severidade todos os presentes.

O “homem de grande mérito”, apesar do seu desejo de obter o posto, não pôde deixar de lembrar ao príncipe Vassili sua opinião anterior. (Isso, no salão de Ana Pavlovna e diante dela, que também recebera alegremente a novidade, era indelicado para com o príncipe Vassili. Mas ele não podia conter-se.)

— Mas dizem que ele é cego, príncipe — disse, lembrando ao príncipe Vassili suas próprias palavras.

— Qual nada, ele enxerga bastante bem — disse o príncipe, pigarreando, com sua voz rápida, de baixo. Era o mesmo pigarro e a mesma voz que ele usava para resolver todas as dificuldades. — Enxerga muito bem — repetiu. — O que mais me alegra é o fato de o imperador ter lhe outorgado plenos poderes sobre todos os exércitos e em todas as regiões, poderes que jamais foram conferidos a nenhum comandante em chefe. É um segundo autocrata — concluiu com um sorriso triunfante.

— Que essa seja a vontade de Deus! Que essa seja a vontade de Deus! — disse Ana Pavlovna.

O “homem de grande mérito”, ainda novato na sociedade da corte, julgou lisonjear Ana Pavlovna defendendo seu antigo ponto de vista, e disse:

— Dizem que o imperador não outorgou esses poderes a Kutuzov de muito bom grado. Consta que ele corou como uma donzela a quem se lê a “Gioconda” quando disse: “O imperador e a pátria lhe concedem essa honra.”

— Talvez não fosse dessa opinião de coração — disse Ana Pavlovna.

— Absolutamente, absolutamente — interrompeu com ardor o príncipe Vassili. Agora ele não podia sacrificar Kutuzov a quem quer que fosse. Na opinião do príncipe Vassili não só Kutuzov era bom, como também todos o adoravam. — Não, isso é impossível porque o imperador já o apreciava muito antes.

— Deus permita que o príncipe Kutuzov assuma efetivamente o poder e não consinta que ninguém ponha entraves nas rodas — disse Ana Pavlovna.

O príncipe Vassili logo compreendeu a quem ela se referia com esse “ninguém”. Segredou-lhe:

— Sei de fonte segura que Kutuzov impôs como condição absoluta que o príncipe herdeiro não faça parte do exército. Sabe o que ele disse ao imperador? — E o príncipe Vassili repetiu as palavras que Kutuzov teria dito ao imperador:

— “Eu não posso puni-lo se cometer algum erro, nem recompensá-lo se praticar um ato de valor.” Oh! o príncipe Kutuzov é muito inteligente; conheço-o de longa data.

— Dizem até — interveio o “homem de grande mérito”, que ainda não possuía o tato da corte — que ele impôs como condição absoluta que o próprio imperador não se reúna ao exército.

Imediatamente o príncipe Vassili e Ana Pavlovna se afastaram dele e, suspirando diante de tanta ingenuidade, entreolharam-se com tristeza.

VII

Enquanto isso se passava em Petersburgo, os franceses já haviam passado de Smolensk e se aproximavam cada vez mais de Moscou. Thiers, o historiador de Napoleão, assim como os outros historiadores do imperador francês, diz, procurando justificar seu herói, que Napoleão foi levado até os muros de Moscou contra sua vontade. Ele tem razão, como têm razão todos os historiadores que procuram a explicação dos acontecimentos históricos na vontade de uma só pessoa. Ele tem razão, como os historiadores russos que afirmam que Napoleão foi atraído a Moscou pela habilidade dos capitães russos. Nesse caso, afora a lei da retrospectividade, que representa todo o passado como uma série de preparativos para a realização de um fato, existe ainda a reciprocidade que complica todo o problema. Um bom jogador que perdeu uma partida de xadrez fica plenamente convencido de que a derrota só pode ser atribuída a uma falta sua, e ele a procura no início da partida, mas esquece que em cada lance, durante toda a partida, foram cometidos erros semelhantes, que nem um único lance foi perfeito. Ele só nota o erro que chama mais sua atenção porque foi desse erro que o adversário tirou partido. O jogo da guerra é particularmente complicado porque se passa em determinadas condições de tempo e, nele, não é uma única vontade que guia máquinas inanimadas, mas, ao contrário, tudo decorre de inúmeros choques e de diversas vontades!

Depois de Smolensk, Napoleão procurou combate para além de Dorogobuj, perto de Viazma, e em seguida nas proximidades de Tzarevo-Zaimichtche. Mas por uma série inumerável de circunstâncias acontece que só em Borodino, a cento e doze *verstas* de Moscou, os russos puderam aceitar o combate.

Depois de Viazma, Napoleão deu a ordem de marchar diretamente para Moscou. Moscou, “a capital asiática desse grande império, a cidade sagrada dos povos de Alexandre, com suas inúmeras igrejas em forma de pagode chinês”. Moscou não dava tréguas à imaginação de Napoleão. Entre Viazma e Tzarevo-Zaimichtche, Napoleão avançava em seu cavalo de pelagem amarelada, acompanhado pela guarda, pajens e ajudantes de ordens. O chefe do Estado-

Maior Berthier se atrasara interrogando um prisioneiro russo da cavalaria. A galope, acompanhado pelo tradutor Lelorgne d'Ideville, alcançou Napoleão e, com a fisionomia alegre, estacou a montaria.

— Então? — indagou Napoleão.

— Um cossaco de Platov. Diz que as tropas de Platov vão se reunir ao grande exército e que Kutuzov foi nomeado comandante em chefe. Muito inteligente e tagarela.

Napoleão sorriu, ordenou que arranjassem um cavalo para o cossaco e que o trouxessem à sua presença. Desejava conversar pessoalmente com ele. Alguns ajudantes de ordens se precipitaram e, uma hora mais tarde, Lavruchka, o criado de Denissov cedido a Rostov, com sua túnica de ordenança, montado numa sela de cavalaria francesa, aproximou-se de Napoleão com o semblante astuto, alegre e bêbado.

— O senhor é cossaco?

— Cossaco, Excelência.

“Ignorando com quem tratava, pois nada havia na simplicidade de Napoleão que revelasse a uma imaginação oriental a presença de um soberano, o cossaco conversou com a maior familiaridade sobre assuntos da atual guerra”, diz Thiers ao descrever esse episódio. E, efetivamente, Lavruchka, que, na véspera, se embriagara, deixando seu amo sem jantar, fora açoitado e depois mandado buscar galinhas numa aldeia. Entretido com o roubo, deixara-se capturar pelos franceses. Lavruchka era um desses criados grosseiros e atrevidos que viram muitas coisas e que se julgam no dever de sempre proceder com negligência e astúcia, que sempre estão dispostos a tudo pelos amos e que adivinham as más inclinações dos mesmos, principalmente a vaidade e a mesquinharia.

Na presença de Napoleão, que ele acabara por reconhecer, e com muita facilidade, Lavruchka não sentiu o menor constrangimento e, do fundo da sua alma, desejava apenas merecer as boas graças dos novos patrões.

Sabia muito bem que era Napoleão em pessoa e a presença do imperador não podia causar-lhe maior constrangimento que a de Rostov ou de um sargento com açoites na mão, já que nem o sargento nem Napoleão podiam tomar-lhe qualquer coisa.

Contou tudo o que se comentava entre os ordenanças. Na sua história havia muito de verdade. Mas quando Napoleão lhe perguntou o que pensavam os russos, se eles venceriam ou não Bonaparte, Lavruchka apertou os olhos e ficou pensativo. Percebeu uma esperteza muito sutil — os indivíduos como Lavruchka costumam ver esperteza por toda a parte. Franziu o cenho e calou-se.

— Isto é, se se travar uma batalha proximamente? — indagou num tom pensativo. — Então, sim. Não há dúvida. Mas, se a batalha se realizar daqui a três dias, é possível que vá se estender.

A tradução disso foi feita a Napoleão nos seguintes termos: “Se a batalha for travada em até três dias, os franceses vencem; se se realizar mais tarde só Deus sabe o resultado”, traduziu Lelorgne d’Ideville, sorrindo.

Napoleão não sorriu, apesar de estar visivelmente bem-humorado. Ordenou que repetissem essas palavras.

Lavruchka percebeu e, para agradá-lo, fingindo não reconhecer seu interlocutor, disse:

— Sabemos que os senhores têm um Bonaparte que derrotou o mundo inteiro, mas conosco a coisa é outra — disse, sem saber por que nem como o patriotismo se infiltrava finalmente entre suas palavras.

O tradutor, omitindo o fim, transmitiu essas palavras a Napoleão. Bonaparte sorriu. “O jovem cossaco fez sorrir o seu poderoso interlocutor”, diz Thiers. Depois de ter dado alguns passos em silêncio, Napoleão dirigiu-se a Berthier e lhe disse que desejaria ver que efeito produziria *sur cet enfant du Don* a revelação de que o homem com quem ele falava era o próprio imperador, esse imperador que inscrevera seu nome imortal e vitorioso nas Pirâmides.

Assim o fizeram.

Compreendendo que desejavam surpreendê-lo e que Napoleão pensava assustá-lo, Lavruchka, para agradar seus novos amos, fingiu estar chocado e atordoado: arregalou os olhos e assumiu a mesma expressão que se estampava na sua fisionomia quando o levavam para ser açoitado.

“Mal o intérprete de Napoleão havia falado”, diz Thiers, “o cossaco, tomado de uma espécie de estupor, fechou-se num mutismo completo, movendo-se com os olhos constantemente fixos naquele conquistador cujo nome, atravessando as estepes do Oriente, chegara até ele. Toda a sua loquacidade cessara de repente,

cedendo espaço a uma admiração ingênua e silenciosa. Depois de recompensá-lo Napoleão mandou que lhe dessem a liberdade, como a um pássaro que se solta nos campos natais.”

Napoleão seguiu adiante sonhando com essa Moscou que tanto lugar ocupava na sua imaginação, e “o pássaro que se solta nos seus campos natais” galopou em direção aos postos avançados, inventando com antecedência o que não acontecera e que ele contaria aos seus camaradas. Não queria contar o que realmente lhe havia acontecido, porque isso lhe parecia pouco para ser contado.

Alcançou os cossacos, perguntou onde se achava o regimento que fazia parte do destacamento de Platov e, na mesma noite, encontrou seu amo Nicolau Rostov, que estava em Jankovo e acabava de montar a cavalo para dar um passeio pelas aldeias da vizinhança em companhia de Ilin. Rostov mandou que dessem um outro cavalo a Lavruchka e levou-o junto.

VIII

A princesa Maria não estava em Moscou, nem fora de perigo, como imaginava o príncipe André.

Quando Alpatitch regressou de Smolensk, o velho príncipe pareceu cair em si subitamente. Ordenou que reunissem os milicianos, que os armassem e escreveu uma carta ao comandante em chefe, na qual lhe comunicava a intenção de permanecer em Lissia-Gori até o limite e de defender-se; pedia que lhe dessem a liberdade de armar-se à sua vontade ou de não tomar medidas para a defesa de Lissia-Gori; nesse caso, o mais velho dos generais russos seria aprisionado ou morto. Aos seus familiares declarou que permaneceria em Lissia-Gori.

Mas, a par disso, o velho príncipe dava ordens para que levassem a princesa, Desalles e o neto para Bogutcharovo e de lá para Moscou. Assustada com essa atividade febril, e insone, do pai, atividade que tomava o lugar de seu antigo abatimento, a princesa Maria não se conformava em deixá-lo só e, pela primeira vez em sua vida, ousou desobedecê-lo. Recusou-se a partir e sujeitou-se à pavorosa cólera do príncipe. Ele lembrou-lhe todas as vezes em que fora injusto com ela. Procurando acusá-la, dizia-lhe que ela o atormentava, que o fizera brigar com seu filho, que ela alimentava suspeitas indignas a seu respeito, que sua finalidade era envenenar-lhe a vida e a escorraçou de seu gabinete

acrescentando que lhe era indiferente que ela partisse ou não. Assegurou que sua vida não mais o interessava e a proibiu de apresentar-se outra vez diante de seus olhos. O fato de ele não ter ordenado que a levassem à força — o que a princesa Maria receava —, ter apenas proibido que ela estivesse à sua presença, alegrou a princesa Maria. Sabia que isso era a prova de que, no fundo da alma, ele estava contente por ela ficar.

No dia seguinte, pela manhã, depois da partida de Nikoluchka, o velho príncipe envergou seu uniforme de parada e preparou-se para ir ao encontro do comandante em chefe. O carro estava pronto. A princesa Maria viu-o sair da casa, uniformizado, com todas as suas condecorações, e dirigir-se para o jardim, a fim de passar em revista os camponeses armados e os criados. A princesa Maria estava sentada junto da janela e ouvia sua voz, que retumbava no jardim. Subitamente algumas pessoas correram pela alameda com as fisionomias assustadas.

A princesa Maria desceu em direção à alameda do jardim. Uma multidão de camponeses vinha a seu encontro e, no centro, alguns homens arrastavam o velhinho de uniforme coberto de condecorações, carregado pelos braços. A princesa Maria correu para ele. Na confusão dos pequenos círculos de luz que atravessavam a folhagem da alameda de tílias, ela não podia perceber as transformações do semblante dele. Notou apenas uma coisa: a antiga expressão severa e decidida de seu rosto fora substituída por uma expressão de timidez e docilidade.

Ao ver a filha ele moveu os lábios débeis e soltou sons roucos. Não era possível compreender o que ele queria. Levaram-no pelos braços até seu gabinete. Chegando lá deitaram-no no divã que ele tanto temia nos últimos tempos.

O médico, chamado às pressas, fez-lhe uma sangria na mesma noite e declarou que o príncipe sofrera um ataque de paralisia do lado direito. Permanecer em Lissia-Gori tornava-se cada vez mais perigoso e, no dia seguinte, o príncipe foi transportado para Bogutcharovo. O médico o acompanhou.

Quando chegaram a Bogutcharovo, Desalles e o príncipezinho já haviam partido para Moscou. O velho príncipe, sempre no mesmo estado, sem melhorar nem piorar, paralisado, permaneceu deitado em Bogutcharovo durante três

semanas, na casa nova que o príncipe André construía. O velho príncipe ainda não recobrava a consciência. Continuava deitado como um cadáver mutilado. Murmurava constantemente qualquer coisa movendo as sobrancelhas e os lábios, mas não se podia saber se ele compreendia o que estava acontecendo. Uma única coisa era certa: sofria e desejava exprimir alguma coisa. Mas o que era? Ninguém podia adivinhar. Seria o capricho de um doente ou de um insensato? Teria alguma relação com o desenrolar geral dos acontecimentos ou com circunstâncias de família? O médico dizia que a inquietação que ele exprimia nada significava, que a causa era física, mas a princesa Maria pensava (e o fato de sua presença sempre aumentar a inquietação do príncipe confirmava-lhe a suposição) que ele queria dizer alguma coisa.

Era evidente que ele sofria física e moralmente. Não havia esperanças de cura. Não se podia pensar em transportá-lo. O que se poderia fazer se ele morresse no caminho? “O fim não seria preferível? O fim de tudo”, pensava algumas vezes a princesa Maria. Ela permanecia dia e noite junto dele, mal dormia e, é horrível dizer, muitas vezes o observava não na esperança de proporcionar-lhe algum alívio, mas com o *desejo* de vislumbrar o indício do fim próximo.

Por mais estranho que isso parecesse à princesa Maria, esse sentimento a invadira. E mais terrível ainda para ela era o fato de a doença de seu pai ter-lhe despertado todos os desejos e todas as esperanças pessoais adormecidos no seu íntimo. O que, durante anos, não lhe passava pela cabeça: o pensamento da vida livre, sem temor do pai, e até mesmo a ideia do amor e da possibilidade da felicidade familiar, como uma tentação demoníaca, povoavam-lhe constantemente a imaginação. Por mais que a repelisse, a mesma pergunta voltava-lhe à mente: como, depois *disso*, ela organizaria sua vida? Eram tentações do diabo e a princesa Maria o sabia. Sabia que a única arma contra ele era a oração. Ajoelhava-se diante dos ícones, recitava as palavras das orações, mas não conseguia rezar. Sentia que agora o outro mundo, o da vida, da atividade difícil e livre, se apoderava dela, um mundo completamente oposto ao mundo moral onde vivera encerrada até então e onde a oração era o melhor consolo. Não podia orar nem chorar e as preocupações da vida a acompanhavam. Permanecer em Bogutcharovo tornava-se perigoso. De todos os lados se ouvia

dizer que os franceses se aproximavam, e numa aldeia, a quinze *verstas* de Bogutcharovo, uma propriedade fora pilhada por bandoleiros franceses.

O médico insistia no sentido de transportar o príncipe para mais longe. O marechal da nobreza mandou um funcionário até a princesa Maria para suplicar-lhe que partisse o mais cedo possível. O inspetor de polícia, vindo a Bogutcharovo, também insistiu, dizendo que os franceses se encontravam a quarenta *verstas*, que proclamações francesas circulavam nas aldeias e que, se a princesa não partisse com seu pai antes do dia 15, ele não podia responsabilizar-se pelo que acontecesse.

A princesa resolveu partir e marcou a viagem para o dia 15. As preocupações dos preparativos, as ordens a dar — todos se dirigiam a ela — tomavam-lhe o dia inteiro.

Na noite de 14 para 15, como de costume, ela permaneceu, sem despir-se, no aposento vizinho ao quarto em que estava o príncipe. Acordou diversas vezes, ouviu a respiração oprimida, os gemidos, o ranger da cama, os passos de Tikhon e do médico, que o viravam de lado. Diversas vezes aproximou-se da porta para ouvir; parecia-lhe que hoje ele murmurava mais alto que habitualmente e era virado mais vezes. Não podia dormir, muitas vezes aproximava-se da porta, escutava, tinha vontade de entrar, mas não ousava fazê-lo. Embora ele não falasse, a princesa Maria via, sabia quanto era desagradável a ele qualquer expressão de receio a seu respeito. Notava o descontentamento com que ele se esquivava do olhar obstinado com o qual, a contragosto, ela o fitava. Sabia que ele se agastava quando ela entrava à noite, fora de hora, em seu quarto.

Mas jamais a ideia de perdê-lo lhe foi mais dolorosa. Lembrava-se de toda a sua vida ao lado dele e, em cada uma de suas palavras, em cada um de seus atos, ela encontrava a expressão do amor que ele lhe votava. Entre essas recordações, as tentações do diabo, o pensamento “O que acontecerá depois de sua morte e como organizar uma nova vida livre?”, povoavam-lhe por vezes a imaginação. Mas ela os repelia com horror. Pela manhã o príncipe acalmou-se e ela adormeceu.

Acordou tarde. A clareza de ideias que sempre se manifesta ao despertar revelou-lhe claramente o que mais a preocupava durante a doença do pai.

Acordou, escutou o que se passava do outro lado da porta e, ouvindo seus resmungos, compreendeu que tudo continuava na mesma.

— E o que pode acontecer? O que eu desejo? Desejo a sua morte! — exclamou com asco de si mesma.

Vestiu-se, lavou-se, fez as orações e dirigiu-se para o patamar. Próximo dele já se achavam os carros, mas ainda sem os cavalos; colocavam as bagagens nos carros.

A manhã estava quente e nublada. A princesa Maria estava parada no patamar. Não parava de horrorizar-se de sua covardia moral e procurava ordenar as ideias antes de ir ver o pai. O médico desceu a escada e aproximou-se dela.

— Hoje ele está melhor — disse ele. — Estive à sua procura. Pode-se compreender alguma coisa do que ele diz; tem a cabeça mais fresca. Vamos, ele a chama.

Ouvindo essas palavras, o coração da princesa Maria começou a bater com tal violência que ela empalideceu e encostou-se na porta para não cair. Vê-lo, falar com ele, aparecer diante de seus olhos, quando tinha a alma cheia de horríveis tentações criminosas, era um tormento alegre e terrível para a princesa Maria.

— Vamos — disse o médico.

A princesa Maria entrou no quarto de seu pai e aproximou-se do leito. Ele estava deitado de costas, acomodado pelos travesseiros, suas pequenas mãos ossudas, sulcadas de veias azuis e nodosas, descansavam sobre a coberta. O olho esquerdo estava fixo e olhava em frente, o direito, vesgo; as sobrancelhas e os lábios imóveis. Estava magríssimo, pequeno e dava pena. O rosto parecia ressequido ou desfeito, os traços haviam se afinado. A princesa Maria aproximou-se e beijou-lhe a mão. A mão esquerda do príncipe apertou a dela com tal força que se via que ele a esperava havia muito tempo. Agitou a mão, e suas sobrancelhas e seus lábios moveram-se com impaciência.

Assustada, ela o fitava, procurando compreender o que ele queria. Quando ela mudou de posição, aproximando-se para que o olho esquerdo do príncipe visse seu rosto, ele acalmou-se por alguns instantes sem despregar-lhe o olho. Seus lábios e sua língua se agitaram, certos sons se fizeram ouvir e ele começou a falar timidamente, com um ar de súplica; evidentemente, temia que ela não o compreendesse.

Dispensando-lhe a mais inteira atenção, a princesa Maria o fitava. O esforço cômico que ele fazia para mover a língua obrigou a princesa Maria a baixar os olhos e com dificuldade ela reprimiu os soluços que lhe subiam à garganta. O velho príncipe disse alguma coisa repetindo várias vezes as mesmas palavras. A princesa Maria não conseguia compreendê-lo, mas procurava adivinhar o que ele dizia e repetia interrogativamente as suas palavras.

— Ah... al, oi.. — repetiu ele diversas vezes.

Era impossível compreendê-lo. Acreditando ter adivinhado e, repetindo suas palavras, o médico perguntou: “Está a princesa assustada?” Ele sacudiu negativamente a cabeça e repetiu novamente a mesma coisa.

— *A alma, a alma dói* — adivinhou e repetiu a princesa.

O príncipe gemeu afirmativamente, segurou-lhe a mão e começou a apertá-la contra diversos pontos do peito, como se procurasse ali algum lugar para ela.

— Sempre pensei! a teu respeito... pensamentos... — murmurou em seguida, com muito mais facilidade e de uma forma bem mais compreensível que antes, agora que ele estava certo de ser compreendido. A princesa Maria encostou a cabeça na mão do pai para esconder-lhe os soluços e as lágrimas. Ele acariciou-lhe os cabelos.

— Chamei-te a noite inteira... — articulou ele.

— Se eu soubesse... — disse ela entre as lágrimas. — Não ousava entrar.

Ele apertou-lhe a mão.

— Não dormiste?

— Não, não dormi — disse ela sacudindo negativamente a cabeça. Involuntariamente submissa ao pai, ela procurava falar com ele, principalmente por sinais, como que também movendo a língua com dificuldade.

— Almazinha... — ou: — amiguinha...

A princesa Maria não sabia ao certo, mas pela expressão de seu olhar compreendia que ele havia pronunciado uma palavra terna, carinhosa, como nunca havia pronunciado antes:

— Por que não vieste?

“E eu queria que ele morresse”, pensou a princesa Maria. Ela calou-se um momento.

— Obrigado, minha filha... minha amiga... por tudo... por... tudo... perdão... Maria... perdoa... obri... gado! — Lágrimas corriam-lhe dos olhos. — Chama Andrucha — disse ele subitamente, e, ao fazer esse pedido, seu semblante refletiu qualquer coisa de tímido, de infantil, de desconfiado. Ele parecia saber muito bem que esse pedido não tinha nenhum sentido. Ao menos foi essa a impressão da princesa Maria.

— Recebi uma carta dele — respondeu a princesa Maria.

Ele a fitou surpreendido e indagou timidamente:

— Onde está ele?

— Está em Smolensk, com o exército, meu pai.

Calou-se e assim permaneceu muito tempo com os olhos fechados. Depois, como se quisesse dissipar qualquer dúvida e demonstrar que compreendera tudo e que estava lembrado, sacudiu afirmativamente a cabeça e abriu os olhos.

— Sim — disse ele devagar e com toda a clareza —, a Rússia está perdida! Eles a perderam! — Soluçou novamente e as lágrimas correram-lhe dos olhos.

Não podendo mais conter-se, fitando-o, a princesa Maria também chorava.

O príncipe cerrou novamente os olhos e parou de soluçar. Fez um sinal com a mão em direção dos olhos, e Tikhon, que compreendera, enxugou-lhe as lágrimas.

Algum tempo depois abriu os olhos, disse alguma coisa que ninguém conseguia compreender e que, finalmente, só Tikhon compreendeu e transmitiu aos outros. A princesa Maria procurava o sentido das palavras dele na mesma ordem de ideias do que o príncipe dizia alguns minutos antes. Imaginava se ele falava da Rússia, do príncipe André, dela, ou do neto, ou da morte, e por isso não podia adivinhar o que ele dizia.

— Põe teu vestido branco, gosto dele — disse o príncipe.

Ao ouvir essas palavras a princesa Maria soluçou ainda mais e o médico, segurando-a pelo braço, levou-a até o terraço, dizendo-lhe que se acalmasse e tratasse dos preparativos da viagem.

Logo que a princesa Maria se afastou do príncipe, ele tornou a falar no filho, na guerra, no imperador, franziu colericamente o cenho, levantou a voz rouca e sofreu um segundo e último ataque.

No terraço a princesa Maria se deteve. O dia se tornara bonito, ensolarado, quente. Ela não conseguia nem compreender, nem sentir, nem pensar em nada, apenas na afeição apaixonada pelo pai, afeição que, parecia-lhe, ela ignorara até então. Correu até o jardim e, soluçando, desceu correndo em direção do açude pela alameda das tílias plantadas pelo príncipe André.

— Sim... eu... eu... eu... que desejava sua morte! Sim, eu desejei que ele morresse mais rapidamente... quis ver-me livre... E o que será de mim?! Para que me servirá a tranquilidade quando ele não existir mais?! — murmurava ela em voz alta, caminhando em passos rápidos pelo jardim e apertando com as mãos o peito cheio de soluços.

Depois de ter dado uma volta no jardim, ao aproximar-se da casa, viu Mademoiselle Bourienne (ele ficara em Bogutcharovo e não quisera partir) e um homem desconhecido vindo em sua direção. Era o marechal da nobreza, que viera pessoalmente procurar a princesa, a fim de fazer-lhe sentir a necessidade de partir imediatamente. A princesa Maria ouvia e não compreendia. Convidou-o entrar, a almoçar e sentou-se com ele. Logo em seguida pediu desculpas ao marechal da nobreza e aproximou-se da porta do velho príncipe. O médico apareceu com a expressão perturbada e não permitiu que ela entrasse:

— Vamos, vamos, princesa, não entre!

A princesa Maria voltou para o jardim e, perto do açude, num lugar onde ninguém podia vê-la, sentou-se na grama. Não saberia dizer quanto tempo esteve ali.

Os passos de uma mulher que corria na alameda a fizeram cair em si. Levantou-se e viu Duniacha, sua criada de quarto, que evidentemente corria à sua procura. Ela, como que se assustando ao ver a patroa, parou subitamente.

— Por favor, princesa... o príncipe... — disse Duniacha com a voz entrecortada.

— Estou indo, já vou — disse apressadamente a princesa Maria sem dar tempo para que Duniacha terminasse o que tinha a dizer-lhe. E, procurando não ver a criada, correu para casa.

— Princesa, foi feita a vontade de Deus, a senhora deve estar preparada para tudo — disse-lhe o marechal da nobreza ao encontrá-la junto da porta da frente.

— Deixe-me passar! Não, não é verdade! — gritou-lhe agressivamente a princesa Maria. O médico quis detê-la, mas ela o empurrou e correu em direção da porta. “Por que será que esses homens de caras assustadas me detêm? Não preciso de ninguém! O que fazem eles aqui?”

Abriu a porta. A luz clara do dia, nesse quarto que sempre estava na penumbra, assustou-a. Lá estavam mulheres e a velha ama. Todas se afastaram da cama para que ela se aproximasse. O príncipe continuava estendido na cama, mas o ar severo de seu rosto calmo fez a princesa Maria parar na entrada do quarto.

“Não... ele não está morto, não é possível!”, pensou a princesa Maria, aproximando-se dele. E, vencendo o horror que a assaltava, beijou-lhe a face. Mas imediatamente recuou. Toda a força da ternura pelo pai que existia dentro dela desaparecia espontaneamente e dava lugar a um sentimento de medo do que tinha diante de si. “Ele já não existe! Já não existe! Ele já não existe, e aqui, no mesmo lugar em que ele estava, acha-se qualquer coisa estranha, hostil, um mistério terrível, pavoroso, repulsivo!” E, cobrindo o rosto com as mãos, a princesa Maria caiu nos braços do médico, que a amparou.

As mulheres, na presença de Tikhon e do médico, lavaram o corpo, amarraram a cabeça com um lenço a fim de que a boca não ficasse aberta, com um outro lenço prenderam as pernas que se abriam. Depois elas vestiram-lhe novamente o uniforme com as condecorações, e um pequeno cadáver descarnado foi colocado em cima da mesa. Só Deus sabe quem se preocupou com tudo aquilo, e quando, mas tudo parecia fazer-se por si. Ao anoitecer os círios queimavam em torno do esquife coberto com um pano negro. Havia espalhado folhas de zimbros no assoalho. Uma oração impressa fora colocada sob a cabeça do morto, e um chantre recitava salmos num canto.

Semelhantes aos cavalos que se empinam ao ver um cavalo morto, todos que se apertavam na sala, estranhos, pessoas da casa, o marechal da nobreza, o estoroste da aldeia, mulheres, camponeses, todos de olhos fixos, assustados, persignavam-se, inclinavam-se e beijavam a mão fria, inerte do velho príncipe.

Bogutcharovo, antes da instalação do príncipe André, era uma propriedade com a qual o dono não se preocupava, e os camponeses dessa aldeia tinham um caráter muito diferente dos de Lissia-Gori. Distinguiam-se deles pelo modo de falar, pela roupa, pelos costumes.

Eles próprios se chamavam de camponeses das estepes. O velho príncipe louvava-lhes o modo de trabalhar quando eles iam a Lissia-Gori para auxiliar as colheitas, ou cavar açudes e valetas, mas não gostava deles por serem muito selvagens.

A última estada do príncipe André em Bogutcharovo, apesar das inovações — hospitais, escolas, redução de contribuições —, não lhes havia atenuado os costumes, mas, ao contrário, lhes havia acentuado o traço característico que o velho príncipe chamava de selvageria.

Entre eles sempre circulavam rumores vagos, ora sobre o alistamento em bloco nos cossacos, ora sobre a nova religião a qual eles se converteriam, ora sobre algum comunicado do tsar, ora sobre o sermão de Paulo Petrovitch em 1797 (falava-se que nessa ocasião lhes havia sido dada a liberdade, mas que os senhores a haviam retomado); ora sobre o tsar Piotr Feodorovitch, que voltaria a reinar dentro de sete anos, e que todos seriam livres e tudo tão simples a ponto de não haver mais nada. Para eles, os rumores sobre a guerra, sobre Bonaparte e sua invasão se confundiam com as vagas noções que tinham do Anticristo, do fim do mundo, da liberdade absoluta.

Bogutcharovo estava cercado de grandes aldeias, umas pertencentes à Coroa e outras a particulares, que, na sua maioria, não as habitavam e se limitavam a receber-lhes as contribuições. Havia poucos servos domésticos, os que sabiam ler e escrever eram igualmente muito pouco numerosos e, na vida dos camponeses dessa região, era ainda mais acentuada essa corrente misteriosa da vida popular russa, cuja causa e sentido são inexplicáveis para os contemporâneos. Um fenômeno desse gênero era o movimento migratório na direção dos rios quentes, quaisquer que eles fossem, movimento esse que se manifestava havia vinte anos entre os camponeses dessa região. Centenas de camponeses, e entre eles os de Bogutcharovo, começaram subitamente a vender o gado que possuíam e partiram com suas famílias para uma região qualquer do sudeste. Como os pássaros que atravessam os mares, esses indivíduos, com suas mulheres e filhos, aspiravam a esse sudeste onde jamais nenhum deles havia

estado. Partiam em caravanas, pagavam por sua liberdade ou fugiam com destino aos rios quentes e longínquos. Vários foram castigados, deportados para a Sibéria; vários morreram de fome e frio durante o caminho; vários voltaram espontaneamente e o movimento acalmou-se como começara, sem causa aparente.

Mas ideias subterrâneas se infiltravam continuamente nesse povo e se aglomeravam para, sob um novo aspecto qualquer, se manifestarem tão estranhamente, tão inopinadamente, e ao mesmo tempo com tanta simplicidade, naturalidade e força. Nesse ano de 1812, para um homem que vivesse junto do povo, seria evidente que essas ideias misteriosas fermentavam e que muito proximamente se manifestariam.

Pouco antes da morte do velho príncipe, Alpatitch chegara a Bogutcharovo e percebera que se processava um movimento no povo e que, contrariamente ao que se verificava na região em torno de Lissia-Gori, num raio de sessenta *verstas*, onde todos os camponeses fugiam (abandonando suas aldeias à pilhagem dos cossacos) em direção às estepes, os camponeses de Bogutcharovo, segundo se dizia, mantinham contato com os franceses, recebiam certos papéis que circulavam entre eles e não abandonavam suas casas. Soubera, por intermédio de criados que lhe eram dedicados, que o camponês Karp, que recentemente partira com a carroça da administração e que exercia grande influência sobre o *mir*, voltara com a notícia de que os cossacos estavam arruinando as aldeias abandonadas pelos habitantes, mas que os franceses não tocavam nelas. Sabia que na véspera um outro camponês trouxera da aldeia de Visloúkhovo, onde estavam os franceses, um papel do general francês, pelo qual declarava aos moradores que nenhum mal lhes seria feito e que lhes pagariam tudo o que levassem, desde que eles não fugissem. Como prova, o camponês trouxera de Visloúkhovo uma nota de cem rublos (ele não sabia que a nota era falsa), que lhe haviam adiantado para o feno.

Finalmente, coisa mais importante, Alpatitch soube que, no mesmo dia em que ordenara ao estaroste que reunisse as carretas para levar as bagagens da princesa, os camponeses haviam se reunido de manhã e decidido não partir, mas esperar. Entretanto urgia uma solução. No dia da morte do príncipe, 15 de agosto, o marechal da nobreza insistiu para que a princesa partisse

imediatamente, que estava perigoso. Ele dizia não poder responsabilizar-se por nada depois do dia 16. Ele próprio partiu no dia da morte do príncipe, prometendo voltar no dia seguinte para os funerais. Mas no dia seguinte não podia voltar, já que, segundo as notícias que recebera, os franceses avançavam imprevistamente e ele mal teve tempo de levar de sua propriedade a família e tudo que possuía de precioso.

Havia uns trinta anos que Bogutcharovo era administrado pelo estaroste Drone, que o velho príncipe chamava Dronuchka.

Drone era um desses camponeses moral e fisicamente robustos, que ao começar a envelhecer deixam crescer uma longa barba e depois, sem mudar, até os sessenta ou setenta anos, sem um único cabelo branco, com todos os dentes, continuam com o mesmo aprumo e a mesma solidez dos trinta anos.

Logo depois da emigração em debandada aos rios quentes, na qual também tomou parte com os demais, Drone foi feito estaroste em Bogutcharovo e, durante vinte e três anos, desempenhou suas funções de forma irrepreensível. Era mais temido pelos camponeses que o próprio amo. Os senhores, o velho príncipe, o jovem e o gerente, o respeitavam e, brincando, costumavam chamá-lo de ministro. Desde que exercia essas funções, nunca adoecera nem se embriagara; fosse depois de uma noite em claro ou de não importa qual trabalho, Drone nunca sentira a menor fadiga; não sabia ler e escrever, mas nunca errava uma só conta de dinheiro ou de farinha dos enormes comboios que vendia, uma única medida de trigo de cada *deciatina* dos campos de Bogutcharovo. Alpatitch, que chegara da arruinada Lissia-Gori, mandou chamar Drone e ordenou-lhe que preparasse doze cavalos para os carros da princesa e dezoito carretos para as bagagens que ele devia levar de Bogutcharovo. Apesar de se tratar de camponeses que pagavam contribuição, na opinião de Alpatitch essa ordem não podia acarretar a menor dificuldade, pois havia duzentas e trinta famílias em Bogutcharovo e os camponeses estavam bastante confortáveis. Mas o estaroste Drone, depois de ouvir a ordem em silêncio, baixou os olhos. Alpatitch nomeava-lhe os camponeses que conhecia e na casa de quem lhe ordenava que fosse buscar as carretas. Drone respondeu que os cavalos desses camponeses estavam sendo utilizados. Alpatitch nomeou outros camponeses, estavam na mesma situação. Pelo que dizia Drone não havia cavalos, uns haviam sido

atrelados nos comboios do Estado, os outros estavam muito fracos; noutros lugares os cavalos haviam morrido por falta de alimentação. Segundo Drone, era impossível conseguir-lhe o número necessário de cavalos, não só para as bagagens, mas também para os carros.

Alpatitch fitou Drone com atenção e franziu o cenho. Assim como Drone era um estaroste modelo, Alpatitch também conhecia muito bem seu ofício: há vinte anos que dirigia os negócios do príncipe, e sempre se mostrara um gerente modelo. Era excepcional sua capacidade de compreender intuitivamente os planos e as intenções dos indivíduos com quem devia tratar, e por essa razão era um ótimo gerente. Encarando Drone, ele compreendeu imediatamente que essas respostas não eram a expressão de seu modo de pensar, mas a da opinião geral dos camponeses de Bogutcharovo, que já manobrava o estaroste. Mas ao mesmo tempo ele sabia que Drone, enriquecido, odiado do *mir*, devia hesitar entre os dois campos: os dos senhores e o dos camponeses. Alpatitch notou essa hesitação no seu olhar. De cenho franzido, aproximou-se de Drone.

— Escuta aqui, Dronuchka — disse ele —, não me venhas com histórias. É de sua excelência o príncipe André Nikolaievitch a ordem de fazer todo mundo partir e não deixar ninguém nas mãos do inimigo. Existe a esse respeito uma ordem do tsar, e aquele que fica é traidor do tsar, compreendes?

— Compreendo — respondeu Drone, sem levantar os olhos.

Alpatitch não se contentou com essa resposta.

— É, Drone, isso não vai acabar bem — disse ele, sacudindo a cabeça.

— Como o senhor desejar — retorquiu Drone tristemente.

— Vamos, Drone, basta! — exclamou Alpatitch, tirando a mão da cava do colete e, num gesto solene, apontando o solo sob os pés de Drone. — Eu não só te vejo claramente, se fosses transparente, como também vejo embaixo de ti, três *archines* abaixo teus pés.

Constrangido, Drone olhou Alpatitch furtivamente; e novamente baixou os olhos.

— Basta de asneiras e dize ao povo que se apronte para seguir para Moscou e também quero que as carretas para a bagagem da princesa estejam prontas amanhã, e quanto a ti, não deves comparecer à assembleia, estás compreendendo?

Subitamente Drone caiu de joelhos.

— Iakov Alpatitch, livra-me dessa missão! Toma-me as chaves, mas ao menos livra-me disso, pelo Cristo!

— Para com isso! — disse severamente Alpatitch. — Vejo três *archines* abaixo de ti — repetiu, sabendo que sua arte de apicultor, seu talento em semear aveia e mais o fato de ter conseguido agradar ao velho príncipe durante vinte anos lhe haviam valido desde muito tempo a reputação de feiticeiro, e que a capacidade de ver três *archines* sob um homem era atribuída aos feiticeiros.

Drone levantou-se, queria dizer alguma coisa, mas Alpatitch o interrompeu.

— Vamos ver o que vocês inventaram agora? O que estão dizendo de tudo isso?

— O que posso eu fazer contra o povo? — replicou Drone. — Estão completamente fora de si. Quanto a mim, eu lhes digo...

— É isso, diz: eles se embriagam? — perguntou rapidamente Alpatitch.

— Todos se embriagaram, Iakov Alpatitch. Trouxeram um outro barril.

— Então ouve: eu irei à casa do chefe de polícia e tu vai dizer aos camponeses que abandonem isso e entreguem as carretas.

— Está bem.

Iakov Alpatitch não insistiu mais. Havia muito tempo que ele dirigia camponeses e sabia que o melhor meio de fazê-los obedecer era não deixar transparecer a menor dúvida a respeito de sua obediência. Tendo arrancado de Drone o dócil “Está bem”, Iakov Alpatitch deu-se por satisfeito, apesar de estar quase certo de que sem o auxílio da tropa as carretas não seriam fornecidas.

E, efetivamente, à noite as carretas não estavam prontas. Na aldeia, perto da venda, estivera reunida uma assembleia, na qual foi resolvido soltar os cavalos na floresta e não fornecer as carretas. Sem dizer nada à princesa, Alpatitch mandou descarregar suas próprias bagagens que acabavam de chegar de Lissia-Gori e aproveitar os cavalos para o carro da princesa, e dirigiu-se pessoalmente para onde estavam as autoridades.

X

Depois dos funerais do pai, a princesa Maria se fechara no quarto e não deixava entrar ninguém. A criada de quarto aproximou-se da porta para dizer que Alpatitch viera receber ordens para a partida (isso foi antes da

conversa entre Alpatitch e Drone). A princesa Maria levantou-se do divã no qual se recostara e, através da porta fechada, disse que não partiria nunca para lugar nenhum e que a deixassem em paz. As janelas do quarto onde se achava a princesa Maria davam para oeste. Ela estava estendida no divã, o rosto virado para a parede, e seus dedos seguravam os botões da almofada de couro. Ela só via essa almofada e suas ideias estavam concentradas numa única coisa: pensava na irrevocabilidade da morte e na malvadez de sua alma que não percebera até então e que se revelara durante a doença do pai. Queria, mas não ousava rezar. No estado de alma em que se encontrava não ousava dirigir-se a Deus. Por muito tempo ficou estendida na mesma posição.

O sol se deitava do outro lado da casa e, com seus raios oblíquos, vesperais, através das janelas abertas, iluminava o quarto e parte da almofada que a princesa Maria fitava. Subitamente o fluxo de suas ideias se interrompeu. Aprumou-se mecanicamente, arrumou os cabelos, levantou-se e aproximou-se da janela, respirando sem querer a frescura de uma noite clara, com pouco vento. “Sim, agora te é fácil admirar o crepúsculo! Ele já não existe e ninguém te impedirá de fazê-lo”, disse ela consigo. Sentou-se numa cadeira e encostou a cabeça na janela.

Alguém com uma voz terna e meiga chamou-a do lado do jardim e beijou-lhe a cabeça. Ela se virou. Era Mademoiselle Bourienne, com um vestido preto guarnecido de fitas pelo luto. Aproximou-se devagarinho da princesa Maria, beijou-a suspirando e logo se pôs a chorar. A princesa Maria virou-se para Mademoiselle Bourienne. Todos os aborrecimentos que tivera com ela, o ciúme que sentira voltaram à mente da princesa Maria. Ela também se lembrava de que *ele*, nos últimos tempos, mudara com Bourienne, não queria mais vê-la, e então sentiu como eram injustas as censuras que, no fundo da alma, ela lhe fazia. “Será que a mim, que desejava sua morte, tem o direito de julgar alguém?”, pensava ela.

A princesa Maria imaginava com muita clareza a situação de Mademoiselle Bourienne, que, nos últimos tempos, fora afastada de sua companhia, embora dependente dela, e vivia na casa de estranhos.

Teve pena dela. Fitou-a com suavidade, interrogativamente, e estendeu-lhe a mão.

Imediatamente Mademoiselle Bourienne começou a chorar, a beijar a mão da princesa, a falar da dor que ferira a ambas. O único consolo para sua própria dor, dizia, era a princesa permitir que a partilhasse com ela. Dizia que todos os mal-

entendidos antigos deviam desaparecer diante da grande dor, que ela se sentia pura diante de todos, que de lá *ele* via sua afeição e seu reconhecimento. A princesa ouvia essas palavras sem compreender; mas ao mesmo tempo ela a fitava e ouvia os sons de sua voz.

— Sua situação é duplamente terrível, querida princesa — disse Mademoiselle Bourienne depois de um curto silêncio. — Compreendo que não lhe tivesse sido e nem seja possível agora pensar em si, mas eu, com a amizade que lhe dedico, devo fazê-lo. Viu Alpatitch? Ele não lhe falou sobre a partida?

A princesa Maria não respondeu. Não compreendia quem devia partir, nem para onde. “Agora poderá alguém compreender alguma coisa, pensar nalguma coisa? Não será tudo indiferente?” E não respondeu.

— Sabe, querida Maria, que estamos em perigo, que estamos cercados de franceses, que é perigoso partir agora? Se partirmos, é quase certo que seremos presas e sabe Deus...

A princesa Maria fitava a amiga sem compreender o que ela dizia.

— Ah! se soubessem como tudo me é indiferente agora! — disse ela. — Não quero, por nada neste mundo, afastar-me *dele*... Alpatitch disse-me qualquer coisa a respeito da partida... Fale com ele, eu não posso e nem quero tratar de nada, de nada.

— Falei com ele. Ele espera que talvez seja possível partir amanhã, mas eu creio que agora seria preferível ficar aqui — prosseguiu Mademoiselle Bourienne —, porque, reconheça, querida Maria, seria terrível, em viagem, cair nas mãos de soldados ou de camponeses revoltados.

Mademoiselle Bourienne tirou da bolsa uma declaração (escrita não em papel russo comum) do general francês Rameau, pedindo aos habitantes que não abandonassem suas casas e dizendo-lhes que seriam protegidos pelas autoridades francesas. Estendeu-a à princesa.

— Creio que seria preferível nos entendermos com esse general — disse Mademoiselle Bourienne — e estou certa de que a tratarão com o respeito devido.

A princesa Maria leu o papel. Soluços nervosos a desfiguravam.

— Por intermédio de quem recebeu isso? — perguntou.

— Creio que devido ao meu nome concluíram que sou francesa — respondeu Mademoiselle Bourienne, corando.

Com o papel na mão a princesa Maria afastou-se da janela e, com o rosto pálido, saiu do quarto e entrou no antigo gabinete do príncipe André.

— Duniacha, chama Alpatitch, Dronuchka, alguém, e diz à Amélie Carlovna que não me procure — acrescentou ao ouvir a voz de Mademoiselle Bourienne. — Partir, partir quanto antes! — disse a princesa Maria, aterrorizada só em lembrar que poderia ficar aqui nas mãos dos franceses.

“Se o príncipe André soubesse que estou em poder dos franceses! Se ele soubesse que eu, a filha do príncipe Nicolau Andreievitch Bolkonski, peço a proteção do general Rameau e aceito sua generosidade!” Esse pensamento a horrorizava, a fazia tremer, corar e sentir acessos de cólera e indignação como ainda não sentira.

Ela imaginava vividamente tudo que havia de doloroso e principalmente ofensivo na sua situação. “Eles, os franceses, se instalariam nesta casa; o senhor general Rameau profanaria o gabinete do príncipe André; para divertir-se remexeria nas suas cartas e papéis e os leria. Mademoiselle Bourienne lhe faria as honras de Bogutcharovo, dar-me-iam um quarto por caridade; os soldados profanariam o túmulo fresco de meu pai para roubar-lhe as condecorações. Contar-me-iam as vitórias que obtiveram contra os russos e fingiriam compadecer-se de minha dor...” A princesa Maria pensava assim, não tanto por ela própria, mas mais por julgar-se no dever de pensar de acordo com as ideias do pai e do irmão. Para ela, pessoalmente, tudo lhe era indiferente, ficar onde quer que fosse, acontecesse o que acontecesse, mas ela se sentia a representante de seu finado pai e do príncipe André. Involuntariamente pensava de acordo com as ideias e sentia com os sentimentos deles. O que eles faziam nesse momento era justamente o que ela julgava necessário fazer. Entrou no gabinete do príncipe André e, procurando imbuir-se de suas ideias, começou a refletir sobre a situação.

As exigências da vida, que ela julgava desaparecidas com a morte do pai, surgiam novamente diante dela e a dominavam subitamente com uma força desconhecida. Emocionada, com o rosto em brasa, caminhava pelo gabinete e ora chamava Alpatitch, ora Mikhail Ivanovitch, ora Tikhon, ora Drone.

Duaniacha, sua velha babá e as demais criadas de quarto não podiam dizer-lhe até que ponto eram verdade o que dissera de Mademoiselle Bourienne. Alpatitch não estava em casa, saíra para entender-se com as autoridades. Mikhail Ivanovitch, o arquiteto, que veio ao encontro da princesa Maria com olhos adormecidos, não soube informá-la. Ele lhe respondia com o mesmo sorriso de aprovação ao qual se habituara havia quinze anos e que ele usava para responder às perguntas do velho príncipe, de sorte que não se obtinha nada de preciso de suas respostas. Tikhon, o velho criado de quarto, com o semblante fatigado e refletindo a marca de uma dor incurável, respondia “Como quiser” a todas as perguntas da princesa Maria e, fitando-a, só a grande custo retinha os soluços.

Finalmente o estaroste Drone entrou na sala. Inclinou-se profundamente e parou perto da porta.

A princesa Maria atravessou o gabinete e parou diante dele.

— Dronuchka — disse a princesa, que via nele um amigo seguro, o mesmo Dronuchka que por ocasião da viagem anual às feiras de Viazma, com um sorriso, sempre lhe trazia um pão de mel especial. — Dronuchka, depois da nossa desgraça... — interrompeu-se, não tendo forças para continuar.

— Somos todos submissos a Deus — disse ele, suspirando. Ambos se calaram.

— Dronuchka, Alpatitch está ausente, eu não sei a quem me dirigir. Disseram-me que não posso partir; é verdade?

— Por que não pode partir, Excelência! É possível partir.

— Disseram-me que é perigoso por causa dos inimigos. Meu amigo, eu não posso fazer nada, não compreendo nada, não tenho ninguém comigo, faço questão absoluta de partir hoje à noite ou amanhã de manhã.

Drone calou-se. Olhou a princesa Maria com um olhar de esquelha.

— Não há cavalo — disse ele. — Já preveni Iakov Alpatitch a esse respeito.

— Não há cavalos, como? — indagou a princesa Maria.

— É um castigo de Deus — disse Drone. — Uns cavalos foram mandados para as tropas, os outros morreram, este ano é um ano ruim. Não só não temos meios para alimentar os cavalos, como nós mesmos também teremos que tomar precauções para não morrer de fome! É como estou lhe dizendo: três dias sem comer. Não existe nada, todos estão completamente arruinados.

A princesa Maria ouvia atentamente o que ele lhe dizia.

— Os camponeses arruinados! Não têm comida? — perguntou ela.

— Estão morrendo de fome! — replicou Drone. — Além de não terem mais carretas...

— Mas por que não me disseste, Dronuchka? Não será possível auxiliá-los? Farei tudo que puder...

Agora que uma grande dor lhe tomava a alma, a princesa Maria parecia admirada em lembrar-se que ainda existiam ricos e pobres e que os ricos não eram capazes de auxiliar os pobres. Ouvira dizer e sabia vagamente que havia o trigo dos senhores e que costumavam dá-lo aos camponeses. Também sabia que tanto seu pai como seu irmão costumavam nada recusar aos camponeses na miséria. Seu único receio era enganar-se ao falar da distribuição de trigo que ela queria oferecer. Estava satisfeita por ter encontrado um pretexto de preocupações que lhe permitiam, sem deshonra, esquecer sua dor. Pediu que Drone lhe desse informações detalhadas sobre a miséria dos camponeses e sobre o que, em Bogutcharovo, pertencia aos senhores.

— Temos em casa o trigo de meu irmão, do senhor, não é verdade?

— O trigo dos senhores está intacto — respondeu Drone com orgulho. — Nosso príncipe não nos deu ordem de vendê-lo.

— Dá-o aos camponeses; dá-lhes tudo que for necessário. Autorizo-te em nome de meu irmão — disse a princesa Maria.

Drone não respondeu e suspirou profundamente.

— Distribui esse trigo entre eles; dá tudo, se for necessário. Ordeno-te em nome de meu irmão, e diz-lhes que tudo pertence a eles. Por eles nós não poupamos nada. Dize-lhes isso.

Enquanto a princesa falava, Drone a olhava fixamente.

— Livra-me, mãezinha, por Deus. Ordena que eu devolva as chaves, servi durante vinte e três anos e não fiz nada de mal. Livra-me, por Deus!

A princesa Maria não compreendia o que ele queria dizer, do que ele queria livrar-se. Respondeu-lhe que nunca duvidara de sua dedicação e que estava pronta a fazer tudo por ele e pelos camponeses.

Uma hora mais tarde Duniacha apareceu diante da princesa com a notícia de que Drone, de acordo com a ordem que ela lhe dera, havia reunido todos os camponeses perto da granja, e que eles desejavam falar com a senhora.

— Mas eu não mandei chamá-los, disse a Drone que lhes fizesse uma distribuição de trigo, nada mais.

— Ouça, princesa, por Deus, mãezinha, mande-os embora e não vá falar com eles. Tudo isso é uma enganação. Iakov Alpatitch não demora a chegar e nós partiremos... E a senhora não faça...

— Que enganação? — perguntou a princesa surpreendida.

— Eu sei. Ouça-me, sim, pelo amor de Deus. Se quiser pergunte à velha criada. Dizem que eles não querem partir como a senhora lhes ordenou.

— Deves estar confundindo, não é isso... Eu não lhes dei ordem de partir — observou a princesa Maria. — Chama Drone.

Drone veio confirmar as palavras de Duniacha: os camponeses haviam vindo por ordem da princesa.

— Mas eu não mandei chamá-los. Provavelmente deste mal meu recado. Mande apenas que distribuísse trigo.

Drone suspirou sem nada contestar.

— Se a senhora ordenar, eles irão embora — disse ele.

— Não, não, vou ver o que eles querem.

Apesar das súplicas de Duniacha e da velha criada, a princesa Maria dirigiu-se para o patamar. Drone, Duniacha, a velha criada e Mikhail Ivanovitch a seguiram.

“Com certeza estão pensando que eu lhes ofereço trigo para que fiquem aqui, enquanto eu partirei abandonando-os à mercê dos franceses. Prometer-lhes-ei casa e comida no nosso domínio perto de Moscou. Estou certa de que, no meu lugar, André faria ainda mais”, pensava ela enquanto, no crepúsculo, se aproximava da multidão que se achava perto da granja. A multidão comprimiu-se, agitou-se. Rapidamente descobriram a cabeça. Com os olhos baixos, tropeçando no vestido, a princesa Maria aproximou-se muito deles. Tantos olhos jovens e velhos a fitavam, havia lá uma diversidade tão grande de fisionomias que a princesa Maria não viu ninguém e, sentindo a necessidade de falar com

todos, não sabia como fazer. Mas a consciência de ser representante do pai e do irmão lhe deu forças e, ousadamente, começou a falar.

— Estou muito contente por vê-los aqui — disse ela sem levantar os olhos e sentindo o coração bater rápido e fortemente. — Drone me informou que a guerra os arruinou. É a nossa desgraça comum, mas eu nada pouparei para auxiliá-los. Eu mesma vou partir devido ao perigo... o inimigo está muito perto... porque... Meus amigos, dou-lhes tudo... Peço que peguem tudo... todo o nosso trigo, para que não exista miséria entre vocês. Se lhes disseram que eu lhes dou o trigo para que fiquem aqui, não falaram a verdade. Ao contrário, peço-lhes que partam para nossa aldeia próxima de Moscou com todos os bens que possuírem. Lá, responsabilizo-me por tudo e prometo-lhes que terão o necessário. Dar-lhes-ei casa e comida.

A princesa interrompeu-se. Suspiros, era tudo que se ouvia na multidão.

— Não faço isso por mim mesma — prosseguiu —, faço em nome de meu falecido pai, que foi um bom amo para vocês, e em nome de meu irmão e de seu filho.

Calou-se novamente. Ninguém rompeu o silêncio.

— Nossa desgraça é comum e partilharemos tudo com igualdade. Tudo que é meu lhes pertence — disse ela, olhando as fisionomias que estavam na sua frente. Todos os olhos a fitavam com a mesma expressão cujo significado ela não conseguia compreender. Seria curiosidade, devotamento, gratidão ou medo e desconfiança? Todos os semblantes exprimiam a mesma coisa.

— Vossos favores muito nos alegram, mas nós não devemos tocar no trigo dos senhores — disse uma voz entre os que estavam mais atrás.

— Mas por quê? — perguntou a princesa.

Ninguém respondeu e a princesa, percorrendo a multidão com o olhar, percebeu que todos os olhos se baixavam ao encontrar os seus.

— Mas por que não querem? — insistiu.

Ninguém respondeu.

Esse silêncio constrangia a princesa Maria, que procurou encontrar um olhar.

— Por que não falam? — perguntou a um velho que, apoiado num bastão, estava diante dela. — Se achas que falta ainda alguma coisa, debes dizê-lo. Farei

tudo — disse ela conseguindo fitá-lo olho no olho. Mas ele, como se estivesse zangado com essa circunstância, baixou completamente a cabeça e disse:

— Por que aceitar? Não temos necessidade de trigo.

— Mas como! Querem que abandonemos tudo? Não estamos de acordo... Não aceitamos. Lastimamos a tua situação, mas não queremos, não daremos. Se quiseres, podes ir — ouvia-se de todos os lados da multidão.

E novamente a mesma expressão se espelhou em todas as fisionomias, mas agora certamente não era a expressão de curiosidade e gratidão, mas a de uma decisão inabalável.

— Com certeza vocês não compreenderam — objetou a princesa Maria com um sorriso triste. — Por que não querem partir? Prometo alojá-los, alimentá-los, e aqui o inimigo os arruinará...

Mas as vozes da multidão abafaram sua voz.

— Não concordamos! Ele que nos arruíne! Não aceitamos teu trigo. Não concordamos.

Novamente a princesa Maria procurou encontrar o olhar da multidão, mas nem um só se virava para ela. Evidentemente todos os olhos a evitavam. Sentiu-se constrangida, perturbada.

— Aí está! Sua proposta foi muito hábil. Vai atrás dela e para a fortaleza! Arruína a casa e vai trabalhar de graça! Assim são as coisas! E ainda diz “Eu lhes darei trigo!” — diziam vozes na multidão.

Baixando a cabeça, a princesa Maria subiu a escada do patamar e entrou em casa. Depois de repetir a Drone a ordem de preparar os cavalos para partir na manhã seguinte, fechou-se no seu quarto e lá ficou só com seus pensamentos.

XII

Nessa noite, a princesa Maria permaneceu muito tempo sentada junto da janela aberta do seu quarto, ouvindo os rumores das vozes dos camponeses que chegavam até lá. Mas não pensava neles. Sentia que por mais que pensasse neles não poderia compreendê-los. Pensava sempre na mesma coisa: na sua desgraça, que agora, em face das preocupações presentes, para ela já havia ficado no passado. Agora ela já podia recordar-se, podia chorar e rezar. Antes do pôr do sol o vento diminuía. A noite estava fresca e calma. À meia-noite as vozes começaram a se calar. O galo cantou. Atrás das tíliaas começou a surgir a lua cheia. Levantava uma cerração fresca e o silêncio começavam a invadir a aldeia e a casa.

Diante de seus olhos passavam, um após outro, cenas do passado recente — da doença e dos últimos momentos do pai. E, com alegria triste, ela se comprazia diante dessas imagens, apenas repelindo com horror a última cena, a da morte, que nessa hora suave e misteriosa da noite ela não sentia com forças para contemplar, nem sequer em imaginação. E esse quadro surgia diante de seus olhos com tanta clareza e tantos detalhes que ora lhe parecia presente, ora passado, ora futuro.

Depois ela se lembrava nitidamente do momento em que ele havia sofrido o ataque, quando o haviam transportado pelos braços no jardim de Lissia-Gori, quando ele murmurava alguma coisa com os lábios débeis, quando ele movia as sobranceiras brancas e a fitava com um ar inquieto e tímido. “Ele queria dizer-me o que me disse no dia de sua morte. Ele pensava constantemente no que me disse”, imaginava a princesa Maria e, com detalhes cruéis, recordava-se dessa noite em Lissia-Gori, na véspera do ataque, quando ela, pressentindo uma desgraça, contra a vontade dele, permanecia a seu lado. Não dormira durante a noite, descia as escadas nas pontas dos pés e aproximava-se da porta do jardim de inverno onde, nessa noite, o pai ficara, e ouvia sua voz. Ele, com uma voz de doente, uma voz cansada, falava com Tikhon. Via-se que ele estava com vontade de conversar. “E por que não me chamou? Por que não me permitiu ficar aqui, no lugar de Tikhon?”, pensava então e agora a princesa Maria. “Agora ele jamais contará a alguém o que tinha na alma. E agora jamais voltará, para mim e para ele, esse momento no qual ele poderia ter me dito tudo quanto desejasse e no qual eu, e não Tikhon, o teria ouvido e compreendido. Por que não entrei então no seu quarto?”, pensou ela. “Ele talvez tivesse me dito o que me disse no dia de sua morte. Até nessa noite, na conversa com Tikhon, por duas vezes pronunciou meu nome. Ele queria ver-me e eu estava atrás da porta. Para ele era triste, doloroso falar com Tikhon, que não o compreendia. Lembro-me de que ele falava de Lisa como de uma pessoa viva. Esquecera que ela estava morta e Tikhon lhe lembrou que ela já morrera. Então ele gritou: ‘Imbecil!’ Ele sofria. Através da porta ouvi como, resmungando, ele se estendeu na cama e gritou: ‘Meu Deus! Meu Deus!’ Por que não entrei então? O que ele teria feito comigo? Que risco corria eu? Talvez ele tivesse sentido algum consolo e me dito aquela palavra.”

E a princesa Maria emitiu em voz alta a palavra carinhosa que seu pai lhe havia dito no dia da morte: “Almazinha.” Repetiu-a e os soluços aliviaram-lhe a alma. E agora tinha diante dos olhos o rosto dele, não o que ela sempre conhecera, mas um semblante tímido, fraco, que ele via meigo pela primeira vez, com todas as rugas, todos os detalhes, quando se inclinava sobre ele para ouvir o que dizia.

“Almazinha”, repetia. “No que pensaria ele ao dizer essa palavra? No que pensará agora?”, perguntou a si mesma subitamente.

E em resposta ela o via diante de seus olhos com a mesma expressão que, no esquife, tinha seu rosto amarrado com um lenço branco. E o horror que a invadira quando o tocara e se convencera de que já não era ele, mas sim qualquer coisa repugnante e misteriosa, a invadia agora. Queria pensar em outra coisa, rezar, mas não conseguia. Com os olhos muito abertos contemplava o luar e a escuridão. Temia ver, de um momento para o outro, o semblante morto do pai e sentia que o silêncio que reinava sobre a casa e dentro da casa a paralisava.

— Duniacha! — murmurou. — Duniacha! — gritou com uma voz desesperada e, fugindo do silêncio, correu em direção ao quarto das criadas, ao encontro da velha criada e das jovens, que acorriam ao seu chamado.

XIII

No dia 17 de agosto, Rostov e Ilin, acompanhados de Lavruchka, que voltara recentemente do cativeiro, e de um hussardo ordenança, saíram para dar uma volta a cavalo além dos limites do acampamento de Iankovo, localizado a quinze *verstas* de Bogutcharovo, para experimentar um novo cavalo que Ilin comprara e a fim de verificar se não havia forragem nas aldeias.

Havia três dias que Bogutcharovo se achava entre os dois exércitos, e igualmente acessível à retaguarda russa e à vanguarda francesa. Essa era a razão pela qual Rostov, zeloso comandante de um esquadrão, queria aproveitar as provisões que haviam ficado em Bogutcharovo antes dos franceses.

No trajeto para Bogutcharovo, domínio de príncipe, Rostov e Ilin estavam de muito bom humor, pois lá contavam encontrar uma grande criadagem e bonitas moças. Ora interrogavam Lavruchka sobre Napoleão e riam de suas histórias, ora, para experimentar o cavalo de Ilin, corriam carreiras pela estrada.

Rostov ignorava que a aldeia para onde eles se dirigiam pertencia ao mesmo Bolkonski que fora noivo de sua irmã. Rostov e Ilin soltaram as rédeas de seus cavalos uma última vez para uma corrida, passaram juntos a curva da estrada, e Rostov, tomando a dianteira, alcançou a rua da aldeia em primeiro lugar.

— Ganhaste — disse Ilin, muito corado.

— Sim, sempre sou o primeiro a chegar no campo e aqui também — respondeu Rostov, acariciando com a mão seu cavalo do Don, que espumava.

— E eu, Excelência, estou montado no meu francês — disse Lavruchka, que vinha mais atrás, e chamava seu rocim de cavalo francês. — Poderia ter chegado na frente, mas não quis envergonhá-los.

Aproximaram-se a passo da granja junto da qual uma grande multidão de camponeses estava reunida. Alguns tiraram o chapéu, outros, sem se descobrir, olhavam os cavaleiros. Dois camponeses, velhos, altos, enrugados, de barba rala, saíam da venda; às risadas, titubeando e cantando um estribilho qualquer, aproximaram-se dos oficiais.

— E então, brava gente! Ainda temos forragem aqui? — perguntou Rostov, rindo.

— Como eles se parecem... — observou Ilin.

— “Ale... gre... dis... dis... dis... cus... sã... ão” — cantava um deles com um sorriso feliz.

Destacando-se da multidão, um camponês aproximou-se de Rostov.

— Quem sois? — perguntou.

— Franceses — retrucou Ilin, rindo. — Eis aqui Napoleão em pessoa — acrescentou ele, apontando Lavruchka.

— Então sois russos? — tornou a interrogar o camponês.

— Sois muitos? — indagou outro camponês baixo, aproximando-se deles.

— Muitos, muitos — respondeu Rostov. — Mas por que estão reunidos aqui? Há alguma festa?

— É a reunião dos anciões para resolver o caso do *mir* — respondeu o camponês e se afastou.

Nesse momento duas mulheres e um homem de gorro branco, vindos da casa senhorial, aproximavam-se dos oficiais.

— A de cor-de-rosa é para mim, não te metas — disse Ilin, vendo Duniacha, que vinha, resoluta, em sua direção.

— Será para nós — disse Lavruchka, piscando os olhos para Ilin.

— O que procuras, beleza? — perguntou Ilin, sorrindo.

— A princesa ordenou que lhes perguntasse a que regimento pertencem e como se chamam?

— Este é o conde Rostov, comandante do esquadrão, e eu sou seu humilde servidor.

“Dis... cus... são... são”, cantava o camponês bêbado que, com um sorriso feliz, observava Ilin em conversa com a jovem.

Depois de Duniacha, descobrindo-se de longe, Alpatitch aproximou-se de Rostov.

— Ousarei incomodar Vossa Senhoria — iniciou ele respeitosamente, mas ao mesmo tempo com certa negligência em virtude da juventude do oficial. Enfiou a mão na cava do colete. — Minha patroa, a filha do general em chefe Nicolau Andreievitch Bolkonski, falecido no dia 15 deste mês, está em dificuldades graças à ignorância dessa gente — disse e designou os camponeses — e ela pede-lhe que se digne... Não quer afastar-se um pouco? — perguntou Alpatitch com um sorriso triste. — Não é bom falar diante... — E designou dois camponeses que ficavam em torno dele, como os moscardos em volta do cavalo.

— É então Alpatitch!... É então Iakov Alpatitch!... Está bem! Perdoa em nome de Cristo. É isso, não é? — disseram-lhe os camponeses sorrindo alegremente.

Rostov olhou os camponeses bêbados e sorriu.

— A não ser que isso divirta Vossa Excelência! — disse Iakov Alpatitch num tom sério, apontando para os velhos com a mão que não estava na cava do colete.

— Não, não vejo nada de divertido aqui! — replicou Rostov, afastando-se. — Do que se trata?

— Ser-me-ia lícito contar a Vossa Excelência que a grosseira população deste lugar não quer permitir que a princesa se retire da aldeia e ameaça desatrelar os cavalos, de sorte que, apesar de tudo estar emalado desde o amanhecer, Sua Excelência não pode partir.

— Impossível! — exclamou Rostov.

— O que lhe digo é a pura verdade — confirmou Alpatitch.

Rostov apeou, passou as rédeas ao ordenança e, acompanhado de Alpatitch, dirigiu-se a pé para a casa interrogando o outro sobre os detalhes do caso. Efetivamente, a proposta de dar trigo aos camponeses, feita na véspera pela princesa, sua explicação com Drone e com a assembleia complicaram de tal forma a história que Drone, entregando definitivamente as chaves, reuniu-se aos camponeses e não atendeu ao chamado de Alpatitch. E, pela manhã, quando a princesa ordenou que atrelassem para partir, numerosos camponeses se agruparam perto da granja e mandaram dizer-lhe que não consentiriam que ela se retirasse da aldeia, “que havia ordem de não sair” e que eles desatrelariam os cavalos. Alpatitch tentara trazê-los à razão, mas responderam-lhe (Karp era quem mais falava; Drone permanecia na multidão) que não era possível deixar a princesa partir, que havia uma ordem a esse respeito e que, se a princesa ficasse, eles a serviriam como antes e a obedeceriam em tudo.

Enquanto Rostov e Ilin galopavam pela estrada, a princesa Maria, apesar dos rogos de Alpatitch, da velha criada e das suas criadas de quarto, ordenava que atrelassem e queria partir. Mas ao perceber os cavaleiros que galopavam — julgando que fossem franceses — os cocheiros se negaram a partir, e a casa começou a encher-se de gemidos das mulheres.

— Paizinho! Meu pai! Foi Deus que o enviou! — exclamavam vozes enternecidas, enquanto Rostov atravessava o vestíbulo.

Fora de si, sem forças, a princesa Maria estava sentada na sala quando Rostov foi apresentado. Ela não compreendia quem era ele, por que estava ali, nem o que aconteceria a ela. Percebendo seu semblante russo e reconhecendo ao primeiro contato e pelas suas primeiras palavras que se tratava de um homem de seu nível social, ela o fitou com seu olhar profundo e brilhante e se pôs a falar com a voz entrecortada e trêmula de emoção. Rostov logo viu qualquer coisa de romanesco nesse encontro: “Uma moça sem defesa, prostrada de dor, só, abandonada ao sabor dos camponeses grosseiros e revoltados. E que destino estranho me trouxe aqui! E que suavidade, que nobreza de traços e expressão!”, pensava Rostov, olhando-a e ouvindo seu tímido relato.

Quando ela começou a dizer que tudo isso acontecera no dia seguinte à morte do pai, sua voz tremeu. Virou o rosto, mas, como se temesse que Rostov lhe interpretasse as palavras como um meio para enternecê-lo, logo o fitou com um ar interrogativo e temeroso. Rostov estava com os olhos rasos d'água. A princesa Maria percebeu isso e fitou-o com o olhar resplandecente que fazia esquecer a fealdade de seu rosto.

— Não posso exprimir-lhe, princesa, quanto me alegro por ter vindo aqui por acaso e poder pôr-me à sua inteira disposição — disse Rostov, levantando-se. — Parta se for essa sua vontade, e, se me permitir acompanhá-la, dou-lhe minha palavra de honra que ninguém ousará incomodá-la.

E, saudando-a com respeito, como se saúdam as damas da realeza, dirigiu-se para a porta. Pelo seu tom respeitoso Rostov parecia querer demonstrar que, embora considerasse uma felicidade tê-la conhecido, não queria aproveitar sua desgraça para aproximar-se dela.

A princesa Maria compreendeu e gostou dessa delicadeza.

— Fico-lhe muito, muito agradecida — disse-lhe ela em francês —, mas espero que tudo isso seja um simples mal-entendido, e que ninguém seja culpado.

Subitamente a princesa desatou em pranto.

— Perdoe-me — disse ela.

Franzindo o cenho, Rostov inclinou-se profundamente mais uma vez e saiu da sala.

XIV

— Graciosa, não é? É, meu caro, a minha é um encanto, a rosa, e chama-se Duniacha. — Mas, ao ver o semblante de Rostov, Ilin calou-se. Percebeu que seu herói, o comandante, se achava num estado de espírito muito diferente.

Rostov lançou um olhar irritado sobre Ilin e sem responder-lhe dirigiu-se a passos rápidos para a aldeia.

“Eu lhes mostrarei, eles vão ver só, canalhas!”, dizia ele consigo.

Trotando o mais ligeiro possível, Alpatitch alcançou Rostov.

— Que decisão se digna tomar? — perguntou-lhe.

Rostov parou e, cerrando os punhos com um ar ameaçador, dirigiu-se bruscamente para Alpatitch.

— Decisão! Que decisão! Velho preguiçoso! — gritou-lhe. — O que estás querendo? Os camponeses se revoltam e tu não és capaz de fazer alguma coisa! Tu também és um traidor. Eu conheço vocês... arrancarei o couro de todos...

Depois, como se temesse gastar em vão seu ardor, deixou Alpatitch e prosseguiu a passos rápidos. Abafando o sentimento provocado pela ofensa, Alpatitch o seguiu apressadamente. Continuava a transmitir-lhe suas considerações. Explicava que seria imprudente contradizer os camponeses sem um destacamento militar, pois eles ignoravam o que se passava e talvez fosse melhor mandar buscar a tropa.

— Eu lhes darei tropas! Eu vou contradizê-los! — dizia Nicolau sem nenhum sentido, sufocado por uma cólera insensata, animal, e pela necessidade de soltar essa cólera. Sem pensar no que devia fazer, inconscientemente, aproximava-se da multidão num passo rápido e resolutivo. Quanto mais ele se aproximava, mais Alpatitch sentia que seu ato irrefletido poderia dar bons resultados. Observando seu andar rápido, decidido, e seu semblante contraído, os camponeses pensavam a mesma coisa.

Depois da chegada dos hussardos à aldeia, enquanto Rostov falava com a princesa, importantes disputas se verificaram na multidão. Alguns camponeses começaram a dizer que os oficiais eram russos e que poderiam ter se ofendido pelo fato de eles não terem permitido que a princesa partisse.

Drone era dessa opinião. Mas, logo que ele a manifestou, Karp e outros camponeses cresceram sobre o antigo estaroste.

— Quantos anos exploraste o *mir*? — gritou Karp. — Para ti isso é indiferente. Desenterrarás teu cofrezinho e o levarás. O que te importa que nossas casas sejam ou não destruídas?

— Dizem que há uma ordem para que ninguém deixe sua casa, para que não se leve nada, e pronto! — gritou um outro.

— Era a vez de teu filho ser soldado, mas tu tinhas pena do teu corvo e fizeste alistar meu Vanka. — disse subitamente um velhinho em tom agressivo, dirigindo-se a Drone.

— Não te preocupes! Nós saberemos morrer!

— É isso, saberemos morrer!

— Como? Eu não me afasto do *mir* — disse Drone.

— Não te afastaste! Mas enche a barriga!

Dois camponeses de grande estatura falavam sem parar.

Assim que Rostov, acompanhado por Ilin, Lavruchka e Alpatitch, aproximou-se da multidão, Karp, enfiando os dedos no cinto, aproximou-se com um leve sorriso. Drone, ao contrário, retirou-se para as últimas filas; a multidão se comprimiu.

— Vamos! Quem é o estaroste? — gritou Rostov, aproximando-se da multidão em passos rápidos.

— O estaroste? Por que precisa dele? — perguntou Karp.

Mas, antes de ter tido o tempo de concluir, um vigoroso soco arrancou-lhe o gorro e fez com que sua cabeça se inclinasse para um lado.

— Tirem os gorros, traidores! — gritou a voz de Rostov. — Onde está o estaroste? — gritou fora de si.

— O estaroste... Ele chama o estaroste... Drone... Zakaritch, chamam-no — gritavam vivamente, e todos foram tirando o chapéu.

— Não queremos nos revoltar, conhecemos a ordem — explicou Karp. E nesse momento, de vários pontos, diversas vozes começaram a falar ao mesmo tempo.

— Foi o que os anciões decidiram. Existem muitos chefes aqui!

— Ainda falam? Uma revolta! Canalias! Traidores! — gritava Rostov, fora de si, segurando Karp pela gola. — Amarrem-no! Amarrem-no! — gritava, apesar de não haver ninguém para amarrar Karp, salvo Lavruchka e Alpatitch. Entretanto Lavruchka aproximou-se de Karp virando-lhe os braços para trás.

— Quer que chame os nossos que estão na montanha? — perguntou ele.

Alpatitch dirigiu-se aos camponeses e chamou dois pelo nome para amarrar Karp. Os camponeses saíram docilmente da multidão e tiraram o cinto.

— Onde está o estaroste? — gritou Rostov.

Com o semblante pálido e cenho franzido, Drone destacou-se da multidão.

— És o estaroste? Amarra-o, Lavruchka! — gritou Rostov, como se essa ordem não pudesse encontrar obstáculo.

E efetivamente, mais dois camponeses se puseram a amarrar Drone, que, como se quisesse auxiliá-los, tirou o cinto e o entregou a eles.

— Quanto aos demais, ouçam-me! — disse Rostov, dirigindo-se aos camponeses. — Que todos se retirem para as suas casas e que eu não ouça mais uma única voz.

— Como! Não ofendemos ninguém. Não chegamos a fazer nada, foi estupidez nossa... Só fizemos tolices... Bem eu dizia que não era essa a ordem... — diziam vozes que se censuravam reciprocamente.

— Estão vendo... Eu não lhes disse... Foi muito errado, meus filhos! — disse Alpatitch, reassumindo suas funções.

— Foi estupidez nossa, Iakov Alpatitch! — respondiam as vozes. E logo em seguida a multidão se dispersou na aldeia.

Os dois camponeses amarrados foram levados ao pátio dos senhores. Os dois camponeses embriagados os acompanhavam.

— Merecido! — disse um deles a Karp.

— Então eram modos de se dirigir aos senhores? No que estavas pensando?

— Imbecil! — acrescentou o outro.

Duas horas mais tarde os carros estavam no pátio da casa de Bogutcharovo, os camponeses carregavam sem demora as bagagens dos senhores, e Drone, posto em liberdade graças à intervenção da princesa Maria, estava no pátio e dava ordens aos camponeses.

— Assim não está bom! — disse um camponês, um homem alto, de rosto redondo, sorridente, tomando uma caixa das mãos da criada de quarto.

— Isto vale dinheiro, não é? Se atirares desse jeito ele se estragará. Não gosto disso. Tudo deve ser bem arrumado, em ordem, leva assim, põe ele aqui embaixo da almofada e cobre com um pouco de feno. Assim mesmo, muito bem!

— Isso é que é ter livros, puxa! — disse outro camponês que estava transportando a biblioteca. — Não empurra! Está bem assim, não é? Como pesa livro! Como são grandes e belos!

— Sim, e como escreveram... não sobrou tempo para divertimentos! — disse um camponês muito alto, de rosto redondo, piscando os olhos com importância e apontando os dicionários que estavam em cima.

* * *

Rostov, que não queria impor sua presença à princesa, não foi à casa dela, mas continuava na aldeia esperando sua partida. Quando viu os carros da princesa Maria deixarem a casa, ele montou a cavalo e a acompanhou até a estrada ocupada pelas nossas tropas, a doze *verstas* de Bogutcharovo. Em Iankovo, numa estalagem, ele despediu-se respeitosamente e, pela primeira vez, tomou a liberdade de beijar-lhe a mão.

— Não pense nisso — respondeu ele, corando quando a princesa o agradeceu por sua salvação (como ela designava o ato dele). — Qualquer *ispravnik* [\[37\]](#) teria feito a mesma coisa. Se nós tivéssemos que combater só os camponeses, não teríamos deixado o inimigo avançar tanto — disse ele, como se estivesse envergonhado de alguma coisa e procurasse mudar de assunto... — Alegro-me por ter tido a oportunidade de conhecê-la. Até a vista, princesa, desejo-lhe felicidades e conforto, e faço votos para tornar a encontrá-la em circunstâncias mais felizes. Se não quiser deixar-me constrangido, peço-lhe que não me agradeça.

Mas se a princesa não mais o agradeceu com palavras, agradeceu com toda a expressão de seu semblante resplandecente de gratidão e ternura. Ela não podia crê-lo quando ele dizia que não havia do que agradecê-lo. Para ela, ao contrário, era indiscutível que, se não fosse ele, teria perecido nas mãos dos revoltosos ou dos franceses, que *ele*, para salvá-la, se expusera aos perigos os mais certos e os mais terríveis e que, coisa ainda mais indiscutível, era um homem de alma grande e nobre que soubera compreender sua situação e sua dor. Seus olhos bons e honestos, cheios de lágrimas enquanto ela, chorando, lhe falava de seu luto, não lhe saíam da cabeça.

Depois de despedir-se dele, quando ficou só, sentiu subitamente que as lágrimas lhe haviam subido aos olhos e então, pela primeira vez, veio-lhe à mente esta estranha pergunta: será amor?

Durante a viagem, mais perto de Moscou, apesar da situação da princesa não ser das mais divertidas, Duniacha, que estava no carro, observou que por diversas vezes ela olhava para fora com um sorriso alegre e triste.

“E afinal, se eu o amasse?!”, pensou a princesa Maria. Embora se sentisse envergonhada ao reconhecer que amava um homem que talvez nunca viesse a amá-la, consolou-se com o pensamento de que jamais alguém saberia e que ela

não seria culpada se, sem dizer nada a ninguém, até o fim de sua vida amasse alguém pela primeira e última vez.

Às vezes recordava seus olhares, sua compaixão, suas palavras, e a felicidade não lhe parecia impossível. E era nessas ocasiões que Duniacha notava que ela olhava sorrindo pela janelinha do carro.

“E ele tinha de vir a Bogutcharovo exatamente nesse momento, e sua irmã tinha de recusar o príncipe André!”, pensava a princesa Maria, e em tudo isso ela via a vontade da Providência.

A princesa Maria passara a melhor das impressões a Rostov. Quando se recordava dela, tornava-se alegre e quando seus camaradas, depois de terem sabido a aventura que lhe acontecera em Bogutcharovo, zombavam dele dizendo que ele saíra para buscar feno e pescara a mais rica noiva da Rússia, Rostov se zangou. Zangou-se precisamente porque a ideia do casamento com a suave, agradável e riquíssima princesa Maria, várias vezes, contra sua vontade, lhe passara pela mente. Para ele, pessoalmente, Nicolau não poderia desejar uma esposa melhor que a princesa Maria. O casamento com ela faria a felicidade da condessa sua mãe, resolveria os negócios de seu pai e até mesmo — Nicolau o sentia — faria a felicidade da princesa Maria.

Mas Sônia! E a palavra dada? Por isso Nicolau se zangava quando, fazendo pilhéria, alguém falava da princesa Bolkonski.

XV

Tendo aceitado o comando geral das tropas, Kutuzov lembrou-se do príncipe André e mandou que se apresentasse ao quartel-general.

O príncipe André chegou a Tzarevo-Zaimichtche precisamente quando Kutuzov, pela primeira vez, passava em revista as tropas. O príncipe André ficou na aldeia, perto da casa do pope, onde estava a caleça do comandante em chefe, e, esperando o sereníssimo, como todos agora chamavam Kutuzov, sentou perto do portão.

Nos campos, atrás da aldeia, ora se ouviam os sons da música militar, ora o bramido de uma multidão de vozes que gritava “Hurra” ao novo comandante em chefe.

Ali, perto do portão, a dez passos do príncipe André, dois ordenanças, um estafeta e um mordomo, aproveitavam a ausência do príncipe e o bom tempo para conversarem.

Um tenente-coronel dos hussardos de pequena estatura, moreno, de bigode e suíças grossas, aproximou-se a cavalo do portão e, vendo o príncipe André, perguntou-lhe se o sereníssimo estava hospedado ali e se não tardaria a chegar. O príncipe André respondeu que não pertencia ao Estado-Maior do sereníssimo e que também acabava de chegar. O tenente-coronel dos hussardos dirigiu-se ao ordenança bem-vestido, e ao ordenança do general em chefe, com o desprezo peculiar dos ordenanças dos comandantes em chefe quando se dirigem aos oficiais, disse-lhe:

— O quê? O sereníssimo? Voltará em seguida. Deseja alguma coisa?

O tenente-coronel dos hussardos sorriu sob o bigode do tom do ordenança, apeou, entregou-lhe o cavalo e, aproximando-se de Bolkonski, cumprimentou-o levemente.

Bolkonski chegou-se para uma extremidade do banco e o tenente-coronel dos hussardos sentou-se a seu lado.

— Também espe'a o comandante em chefe? — perguntou o tenente-coronel dos hussardos. — Dizem que ele é acessível a todos. Deus seja louvado. Po'que com esses comedo'es de salsichas é uma desg'aça! Não foi po' nada que E'molov pediu pa'a se' p'omovido a alemão, é possível que ago'a os 'ussos também tenham o di'eito de fala', até aqui sabe o diabo o que eles fize'am. Semp'e recua', semp'e recua'. O senho' pa'ticipou da campanha?

— Tive esse prazer — respondeu o príncipe André —, não só de participar da retirada, como também de nela perder tudo o que tinha de mais caro, sem falar de meus bens e da casa paterna. Meu pai morreu de desgosto. Sou de Smolensk.

— Ah! O senho' é o p'íncipe Bolkonski? Muito p'aze' em conhecê-lo, tenente-co'onel Denissov, mais conhecido pelo nome de Vaska — disse Denissov, apertando a mão do príncipe André e fitando-o com uma simpatia toda especial. — Sim, ouvi fala' — acrescentou num tom compungido, e depois de um curto silêncio: — É uma ve'dadei'a gue''a de citas! Tudo isso pa'ece muito bom, mas não pa'a os que pagam o p'eço. Ah, o senho' é então o p'íncipe And'é Bolkonski? — Sacudiu a cabeça. — Muito p'aze', p'íncipe, muito p'aze' em

conhecê-lo — repetiu mais uma vez com um sorriso triste enquanto lhe apertava a mão.

O príncipe André conhecia Denissov através das histórias que Natacha lhe contava a respeito de seu primeiro pretendente. Essa lembrança lhe foi a um tempo dolorosa e agradável e o fez recordar fatos passados e dolorosos nos quais, havia muito tempo, ele não pensava, mas que, entretanto, estavam na sua alma. Nos últimos tempos ele sentira tantas outras impressões e de tamanha gravidade, como o abandono de Smolensk, sua chegada a Lissia-Gori, a recente notícia da morte de seu pai, que havia muito tempo não recordava esses fatos, e quando isso acontecia, já não era com a antiga intensidade.

Também para Denissov a série de recordações que lhe provocava o nome de Bolkonski já era passado longínquo e poético, no qual ele, depois do jantar e do canto de Natacha, sem saber como, pedira em casamento uma garota de quinze anos. Sorriu ao lembrar-se desse tempo e de seu amor por Natacha e, em seguida, passou para o que agora o preocupava exclusiva e apaixonadamente: era o plano de campanha que imaginara quando de serviço nos postos avançados durante a retirada. Apresentara esse plano a Barclay de Tolly e pretendia agora submetê-lo a Kutuzov. Seu plano se baseava no fato de a linha de operações dos franceses ser demasiadamente extensa e que antes de eles fazerem um ataque frontal, ou mesmo durante esse ataque, era necessário cortar-lhes o caminho e atacar suas comunicações. Começou a explicar seu plano ao príncipe André.

— Eles não podem gua’nece’ toda essa linha, é impossível. Eu me comp’omento a ‘ompê-la. Deem-me quinhentos homens e eu a co’ta’ei, é ga’antido! Há só um meio possível: a gue’’ilha.

Denissov levantou-se e explicou seu plano a Bolkonski com grandes gestos. Durante a exposição, gritos indistintos, entrecortados e confundidos com a música e os cantos chegavam do local da revista. A aldeia se enchia de gritos e ruídos de passos.

— É ele — gritou um cossaco que estava na entrada da casa.

Bolkonski e Denissov se aproximaram do portão junto do qual havia um pequeno grupo de soldados (a guarda de honra) e viram Kutuzov montado num cavalo baio de tamanho médio, que se aproximava pelo meio da rua. Uma

grande comitiva de generais o acompanhava: Barclay vinha quase a seu lado. Dando “Hurra”, uma multidão de oficiais corria atrás e em torno deles.

Os ajudantes de ordens, que galopavam na sua frente, entraram no pátio. Instigando com impaciência seu cavalo, que marchava lentamente sob tamanho fardo, Kutuzov levava a mão ao gorro branco de cavaleiro da guarda (com o bordo vermelho e sem pala) e sacudindo constantemente a cabeça.

Ao chegar perto da guarda de honra dos bravos granadeiros, na maioria condecorados, que faziam parte de sua escolta e prestavam continência, durante um minuto, em silêncio, fitou-os atentamente com um olhar obstinado de chefe e voltou-se para o grupo de generais e oficiais que o cercavam. Subitamente sua fisionomia tomou uma expressão perspicaz e ele deu de ombros com um gesto de surpresa.

— Recuar, sempre recuar com um grupo destes! — disse ele. — Até a vista, general — acrescentou, e passou a cavalo pela porta, diante do príncipe André e Denissov.

— Hurra! Hurra! Hurra! — gritavam atrás dele.

Desde a última vez que o príncipe André o vira, Kutuzov ainda havia engordado e se tornara mais pesado; mas o olho branco, a cicatriz, a expressão de cansaço do semblante e da pessoa continuavam os mesmos.

Vestia o capote do uniforme (o chicote preso ao ombro por uma pequena correia) e o gorro branco de cavaleiro da guarda. Balançava-se sobre seu valente cavalo.

Assobiando em surdina, entrou no pátio. A alegria tranquila de um homem que pretende repousar depois de uma parada refletia-se no seu semblante. Tirou o pé esquerdo do estribo, inclinou o corpo para a frente e, contraindo os traços pelo esforço despendido, ergueu-se da sela, apoiou-se nos joelhos, pigarreou e apeou apoiando-se nos braços do cossaco e do ajudante de ordens.

Aprumou-se, passeou seus olhos semicerrados ao redor, fitou o príncipe André, evidentemente sem reconhecê-lo, e, balançando-se, dirigiu-se para o patamar. Assobiou mais uma vez e tornou a olhar para o príncipe André. Só depois de alguns segundos a fisionomia do príncipe André ligou-se à lembrança de sua pessoa (como muitas vezes acontece com os velhos).

— Ah! Bom dia, príncipe! Bom dia, meu caro! Vamos... — disse num tom fatigado percorrendo o olhar em volta e subindo com dificuldade as escadas do patamar, que rangiam sob seu peso. Desabotoou o uniforme e sentou-se num banco que havia ali.

— E então! Como vai teu pai?

— Soube de sua morte ontem — disse laconicamente o príncipe André.

Com os olhos arregalados Kutuzov fitou o príncipe André e depois tirou o gorro e persignou-se.

— Que ele alcance o reino dos Céus! Seja feita a vontade de Deus para todos nós. — Suspirou profundamente e calou-se um momento. — Eu o estimava e respeitava profundamente e do mais íntimo de minha alma compartilho de tua dor. — Abraçou o príncipe André e por muito tempo apertou-o contra seu largo peito. Quando o soltou, o príncipe André percebeu que os grossos lábios de Kutuzov tremiam e que seus olhos se enchiam de lágrimas. Kutuzov suspirou e apoiou ambas as mãos no banco para levantar-se.

— Entra, vamos ao meu gabinete, conversemos — disse ele.

Mas, nesse momento, Denissov, que não era intimidado nem pelos chefes nem pelo inimigo, e apesar de os ajudantes de ordens tentarem detê-lo diante do patamar, subiu ousadamente os degraus batendo com as esporas. Ainda com as mãos apoiadas no banco, Kutuzov fitou Denissov com um ar descontente. Denissov apresentou-se e declarou que desejava comunicar a Sua Alteza um assunto de grande importância para o bem da pátria. Kutuzov observou-o com um ar cansado e, apoiando as mãos na barriga num gesto de agastamento, repetiu: “Para o bem da pátria?” Vamos, dize o que é, fala!

Denissov corou como uma donzela (era estranho ver corar esse rosto bigodudo, velho, embriagado). Ousadamente começou a expor seu plano de romper a linha de operações inimigas entre Smolensk e Viazma.

Denissov vivera muito tempo nessa região e a conhecia bem. Indiscutivelmente seu plano parecia bom, principalmente devido à força da convicção com a qual era exposto. Kutuzov olhava para os pés e de quando em quando lançava olhares para o pátio da isbá vizinha como se esperasse qualquer coisa desagradável de lá. E, efetivamente, um general com uma pasta em baixo do braço saiu da isbá que ele observava enquanto Denissov falava.

— Como! Já está pronto? — perguntou Kutuzov, interrompendo a exposição de Denissov.

— Já estou pronto, Excelência — respondeu o general.

Kutuzov sacudiu a cabeça como se quisesse dizer “Como pode um só homem fazer tudo isso!” e continuou a ouvir Denissov.

— Dou minha palav’ a de hon’ a de oficial dos hussa’ dos que co’ ta’ ei as comunicações de Napoleão — disse Denissov.

— Que parentesco tem contigo Kiril Andreievitch, o chefe da intendência? — perguntou Kutuzov.

— É meu tio, Alteza.

— Ah! Fomos amigos — disse alegremente Kutuzov. — Muito bem, meu caro, fica aqui no Estado-Maior, amanhã falaremos.

E, fazendo um cumprimento de cabeça a Denissov, virou-se e agarrou os papéis que Konovnitzine lhe trazia.

— Não quer Vossa Alteza dignar-se entrar no gabinete? — perguntou o general de serviço num tom descontente. — É preciso examinar os planos e assinar alguns papéis.

Um ajudante de ordens apareceu na porta e informou que tudo estava pronto na casa, mas era evidente que Kutuzov só queria entrar no quarto para descansar. Fez uma careta.

— Bem, meu caro, manda trazer a mesa. Eu examinarei aqui. Tu ficas aqui — acrescentou, dirigindo-se ao príncipe André.

O príncipe André permaneceu no patamar e ouviu o que dizia o general de serviço.

Durante o relatório ouviu um cochicho de mulheres e o farfalhar de um vestido de seda que vinha do outro lado da porta de entrada. Diversas vezes olhou nessa direção e viu uma bela mulher, corada, com um vestido rosa e um lenço de seda lilás na cabeça. Segurava uma bandeja e evidentemente esperava a entrada do comandante em chefe.

Em voz baixa o ajudante de ordens de Kutuzov explicou ao príncipe André que era a dona da casa, a mulher do pope, que pretendia oferecer o pão e o sal a Sua Alteza. Seu marido havia encontrado o sereníssimo com a cruz, na igreja, e ela o recebia em casa. “Muito bonita”, acrescentou o ajudante de ordens

sorrindo. Ao ouvir essas palavras Kutuzov virou-se. Ele ouvia o relatório do general de serviço (o objeto principal do relatório do general era a crítica da posição próximo a Tzarevo-Zaimischtche) como ouvira Denissov, como, sete anos antes, ouvira a decisão do Conselho Superior de Guerra, antes da batalha de Austerlitz. Ouvia só porque tinha ouvidos e porque, apesar do algodão que lhe enchia um dos ouvidos, ele não podia deixar de ouvir. Mas era evidente que tudo o que pudesse dizer o general de serviço não o surpreenderia nem o interessaria, que sabia antecipadamente tudo o que lhe tinham a dizer, e que ele ouvia unicamente porque não podia fazer de outra forma, como não podia evitar de ouvir o *Te Deum* em ação de graças.

Tudo o que Denissov dizia era inteligente e sensato; o que o general de serviço dizia era ainda mais inteligente e mais sensato, mas era evidente que Kutuzov desprezava o saber e a inteligência e que ele estava certo de que alguma coisa diferente decidiria o resultado, alguma coisa independente da inteligência e do saber. O príncipe André acompanhava atentamente a expressão do rosto do comandante em chefe e só podia notar a expressão de tédio, o interesse pelos cochichos das mulheres que estavam do outro lado da porta e o desejo de manter as aparências. Era evidente que Kutuzov desprezava a inteligência e o saber e até mesmo o sentimento patriótico que Denissov exprimia, mas ele os desprezava, não pela sua inteligência, não pelo seu sentimento, nem pelo seu saber (pois ele nem sequer procurava exprimi-los), mas por uma outra coisa qualquer. Ele os desprezava devido à sua velhice, à sua experiência da vida. Durante esse relatório, a única ordem que Kutuzov deu espontaneamente foi relativa à pilhagem nas tropas russas. No fim do relatório o general de serviço apresentou ao sereníssimo um documento relativo ao castigo que seria infligido a alguns chefes da infantaria em consequência da queixa de um proprietário cujo feno fora ceifado.

Kutuzov estalou os lábios e sacudiu a cabeça ouvindo esse caso.

— Jogue na estufa... queime. E de uma vez por todas, comunico-te, meu caro, que deves lançar ao fogo todos os casos desse gênero. Eles que cortem o trigo e queimem a madeira quanto quiserem. Não os autorizo, mas não posso puni-los. Não é possível de outra forma: quando se derruba uma árvore as lascas de madeira voam em todas as direções.

Olhou mais uma vez o documento.

— Ah! A exatidão alemã! — disse ele sacudindo a cabeça.

XVI

— Bem! Agora não falta mais nada! — disse Kutuzov, assinando o último papel.

Levantou-se pesadamente, esfregou as rugas do pescoço branco e gordo e, com o semblante alegre, dirigiu-se para a porta.

A mulher do pope, com as faces escarlates, apressou-se a pegar a bandeja, que não conseguiu apresentar a tempo, apesar de a ter preparado havia muito.

Fazendo uma grande reverência, apresentou-a a Kutuzov.

O general piscou os olhos, sorriu, segurou-lhe o queixo e disse:

— Como és bonita! Obrigado, belezinha.

Tirou algumas moedas de ouro do bolso das calças e as pôs na bandeja.

— E então! Como vais? — perguntou Kutuzov, dirigindo-se para o quarto que lhe estava reservado.

Muito vermelha, sorrindo, a mulher do pope o acompanhou até o quarto. O ajudante de ordens foi ter com o príncipe André no patamar e o convidou para almoçar. Meia hora mais tarde o príncipe André foi novamente chamado ao aposento de Kutuzov. O comandante em chefe, com o uniforme desabotoado, estava recostado na poltrona. Tinha nas mãos um livro francês. Quando o príncipe André chegou, ele o fechou marcando a página com um cortador de papel. Era *Les Chevaliers du Cygne*, de Madame de Genlis, o príncipe André verificou pela capa.

— E então! Senta, senta e conversemos! — disse Kutuzov. — É triste, muito triste. Mas não esqueças, meu amigo, que tens um pai em mim, um segundo pai.

O príncipe André contou a Kutuzov tudo que sabia a respeito dos últimos momentos de seu pai e o que vira na sua passagem por Lissia-Gori.

— Até que ponto! Até que ponto fomos arrastados! — interrompeu bruscamente Kutuzov com a voz embargada pela emoção. Era evidente que o relato do príncipe André tornava particularmente presente para Kutuzov a situação na qual a Rússia se encontrava. — Demos tempo ao tempo — acrescentou com uma expressão de rancor no semblante e, não desejando

continuar esse assunto, que o emocionava, disse: — Mandei chamar-te para que sirvas junto de mim.

— Agradecido, Alteza — respondeu o príncipe André —, mas temo não servir mais para o Estado-Maior — acrescentou com um sorriso que Kutuzov percebeu.

Kutuzov o fitou interrogativamente.

— E o principal — prosseguiu o príncipe André — é o fato de eu estar habituado com o meu regimento. Gosto dos oficiais e tenho a impressão que os soldados também me estimam. Teria pesar em deixar o regimento e se recuso a honra de servir com Vossa Alteza... creia-me...

O rosto gordo de Kutuzov deixava transparecer uma expressão inteligente, bondosa e maliciosa ao mesmo tempo. Ele interrompeu Bolkonski.

— Lamento, tu me serias necessário, mas tens razão, tens razão. Não é aqui que precisamos de homens. Existem muitos conselheiros e poucos soldados. Os regimentos não seriam o que são se todos os conselheiros servissem na tropa como tu. Lembro-me de ti em Austerlitz. Lembro-me, com a bandeira...

Essa lembrança fez o príncipe André corar de alegria. Kutuzov puxou-o para junto de si e estendeu-lhe a face. Mais uma vez o príncipe André viu lágrimas nos olhos do velho. Apesar de o príncipe André saber que Kutuzov vertia lágrimas facilmente e que ele o tratava com carinho no desejo de demonstrar sua solidariedade diante da perda que o afligia, essa lembrança de Austerlitz não podia deixar de lhe ser agradável e o lisonjeava.

— Vai, segue teu caminho e que Deus te acompanhe. Sei que teu caminho é o da honra. — Calou-se. — Como fizeste falta em Bucareste, precisava mandar alguém a... — Em seguida, mudando de assunto, Kutuzov começou a falar da guerra turca e da paz concluída: — Sim, criticaram-me bastante, tanto pela guerra como pela paz... Mas tudo vem a seu tempo. Tudo vem a ponto para quem sabe esperar. E, contudo, lá não havia menos conselheiros... do que aqui — continuou, detendo-se nos conselheiros, que o preocupavam visivelmente. — Ah! Os conselheiros, os conselheiros! Se a gente fosse ouvir todos lá na Turquia, não teríamos feito a paz nem terminado a guerra. Fazer tudo o mais depressa possível só faz prolongar a demora. Se Kamenski não tivesse morrido, estaria perdido. Com trinta mil homens ele cercava as fortalezas. Tomar uma fortaleza

não é difícil, o difícil é ganhar uma campanha, e para isso não se deve nem cercar nem atacar, mas é preciso *paciência e tempo*.

Kamenski lançava soldados para Rustchuck e eu apenas lançava mão disso (a paciência e o tempo) e tomei mais fortalezas que Kamenski e obriguei os turcos a comerem carne de cavalo.

Sacudiu a cabeça:

— E com os franceses acontecerá o mesmo. Podes acreditar em mim — disse Kutuzov, animando-se e batendo no peito —, eu os farei comerem carne de cavalo.

Mais uma vez seus olhos ficaram marejados de lágrimas.

— Entretanto devemos aceitar o combate? — perguntou o príncipe André.

— Será se todos a quiserem, devemos. Não se pode fazer nada... Podes estar certo, meu caro, não existe ninguém mais forte que esses dois guerreiros: *a paciência e o tempo*. Ambos farão tudo, mas os conselheiros se fazem de desentendidos, aí está. Uns querem, outros não querem. E o que fazer diante disso? — perguntou, dando a impressão de esperar uma resposta. — O que desejarias fazer? — repetiu. E seus olhos brilhavam com uma expressão profunda e inteligente. — Vou dizer-te — prosseguiu, já que o príncipe André não respondia nada. — Eu te direi o que é preciso fazer e o que eu fiz. Na dúvida, meu caro — calou-se —, abstém-te — concluiu, pronunciando cada sílaba destacadamente. — Pois é assim, meu amigo. Lembra-te de que, do fundo da alma, participo do teu luto e que para ti não sou o sereníssimo, nem príncipe, nem comandante em chefe, mas um pai. Se precisares de alguma coisa, vem diretamente a mim! Até a vista, meu caro.

Mais uma vez o abraçou e beijou. Mal o príncipe André passou a porta, Kutuzov respirou com calma e retomou o romance não concluído de Madame de Genlis: *Les Chevaliers du Cygne*.

Como e por que causas, o príncipe André não poderia de forma nenhuma explicar, mas depois desse encontro com Kutuzov ele retornou ao seu regimento completamente tranquilizado a respeito do desenrolar geral das operações e a respeito do homem a quem elas haviam sido confiadas. Quanto mais percebia a absoluta falta de personalidade desse velho que só conservava os hábitos da paixão, e, em lugar da inteligência (que coordena os fatos e tira conclusões),

somente a capacidade de contemplar tranquilamente a marcha dos acontecimentos, mais ele se sentia tranquilo em face dos acontecimentos futuros.

“O que quer que aconteça, nada será por ele, ele não inventará nada, não empreenderá nada”, pensava o príncipe André, “mas ouvirá tudo, lembrar-se-á de tudo, porá tudo em seu lugar. Não impedirá nada de útil, não permitirá nada de nocivo. Ele compreende que existe algo de mais forte e mais importante que sua vontade: o desenrolar inevitável dos acontecimentos. E sabe vê-los, sabe compreender sua importância e, diante dessa importância, ele sabe renegar sua vontade dirigida para outra coisa. E, principalmente, o que faz a gente acreditar nele é o fato de ele ser russo, apesar das leituras de Madame de Genlis e dos provérbios franceses; como estava trêmula sua voz quando dizia: ‘Até que ponto nos levaram!’, e por isso ele chorava quando disse que os forçaria a comer carne de cavalo.”

Sobre esse sentimento de que, mais ou menos vagamente, todos estavam imbuídos, repousava a unidade de pensamentos e o assentimento geral diante da escolha, agradável ao povo — mas contrária às intenções da corte —, de Kutuzov para comandante em chefe.

XVII

Quando o imperador deixou Moscou, a vida da cidade voltou ao seu ritmo habitual, e o curso dessa vida retornou a ser tão normal que era difícil alguém lembrar-se dos dias passados no entusiasmo patriótico e no encantamento, era difícil acreditar que, efetivamente, a Rússia estava em perigo e que os membros do clube inglês eram esses mesmos filhos da pátria, prontos a todos os sacrifícios. A única coisa que fazia lembrar o entusiasmo geral, patriótico, que reinava durante a estada do imperador em Moscou, era a exigência dos sacrifícios em homens e dinheiro, que logo foram concretizados por uma determinação legal, oficial, e pareciam obrigatórios.

Com a aproximação do inimigo, os moscovitas não passaram a encarar a situação com maior seriedade, mas, ao contrário, pareciam ainda mais despreocupados, como sempre acontece aos homens diante de um grande perigo iminente.

Ao aproximar-se o perigo, duas vozes se elevam com igual força dentro do homem: uma, muito razoavelmente, manda refletir sobre a espécie mesma do perigo e sobre o meio de evitá-lo. A outra, ainda mais razoavelmente, diz que é

por demais doloroso, por demais atormentador pensar nos perigos, pois que prever todos e afastá-los não está ao alcance do homem e por conseguinte é preferível que o homem pense nas coisas agradáveis e se afaste das coisas dolorosas até o momento em que estas acontecem.

No isolamento, em via de regra, o homem ouve a primeira voz; em sociedade, ao contrário, obedece à segunda.

Era o que agora acontecia com relação aos habitantes de Moscou. Havia muito tempo que o povo de Moscou não se divertia como neste ano.

Os boletins de Rostoptchine, [\[38\]](#) com as caricaturas em uma taberna de um criado e de um pequeno burguês de Moscou, Karpuchka Tchiguirine, que, “solicitado pelo recrutamento, depois de ter bebido demais, ouvindo dizer que Bonaparte pretendia atacar Moscou, embrabeceu e proferiu palavras de baixo calão contra todos os franceses, saiu da bodega e, sob a imagem da águia imperial, começou a clamar ao povo aglomerado”, eram tão lidos e comentados como os últimos versos de Vassili Lvovitch Puschkine.

No clube, os sócios se reuniam numa das salas para ler esses boletins e diversos dentre eles se divertiam com as expressões de Karpuchka zombando dos franceses dizendo “que eles inchariam como repolhos, arrebrantariam de tanto comer papa de aveia e se engasgariam com *stchi*, que todos eram anões e que uma mulher, com um forçado, podia derrubar três franceses”. Alguns não aprovavam esse tom, achavam-no vulgar e tolo. Dizia-se que Rostoptchine expulsara de Moscou todos os franceses e até mesmo os estrangeiros, que entre eles havia espiões e agentes de Napoleão. Mas repetia-se isso principalmente para ter a ocasião de citar as piadas de Rostoptchine no momento da partida dos estrangeiros.

Os estrangeiros eram remetidos em barcas para Nijni-Novgorod e Rostoptchine lhes havia dito: “Metam-se lá consigo, entrem nessa barca e cuidado para que ela não se torne para vocês a barca de Caronte.” Falava-se que todas as repartições e administrações públicas haviam sido expulsas de Moscou e acrescentavam — pilhérias de Chinchine — que só por isso Moscou devia ser grata a Napoleão. Comentavam que o regimento de Mamonov lhe custaria oitocentos mil rublos, que Bezukhov gastaria ainda mais com seus soldados, mas que no ato de Bezukhov o que havia de melhor era o fato de ele pretender vestir

o uniforme, montar a cavalo à testa de seu regimento e não cobrar nada daqueles que fossem vê-lo.

— Você não poupa ninguém — disse Júlia Drubetzkoi, enrolando os chumaços de linho com seus dedos finos cobertos de anéis.

Júlia se preparava para deixar Moscou no dia seguinte e dava uma festa de despedida.

— Bezukhov *est ridicule*, mas é tão bom, tão agradável! Que prazer de ser tão *caustique*!

— Uma multa! — disse um rapaz fardado de miliciano que Júlia chamava de “*mon chevalier*” e que devia acompanhá-la a Níjni-Novgorod.

Nas reuniões de Júlia, como em muitos outros salões moscovitas, ficara decidido que só se falaria russo e os que, por engano, se exprimissem em francês pagariam uma multa em favor do Comitê de Voluntariado.

— Uma outra multa pelo galicismo — disse um literato russo que estava na sala. — “Prazer de ser” não é russo.

— Você não poupa ninguém — continuou, sem dar atenção à observação gramatical. — Pelo *caustique*, sou culpada e pagarei, mas pela satisfação de dizer-lhe a verdade estou pronta a pagar ainda mais uma vez. Quanto ao galicismo, não respondo por ele — disse ao literato. — Não tenho tempo nem dinheiro para tomar um professor e aprender o russo como o príncipe Galitzine. Olhe que ele vem aí! — disse Júlia... — *Quand on...* Não, não! — disse ela ao miliciano —, você não me pega mais. Quando se fala no sol, seus raios surgem — disse ela, sorrindo amavelmente para Pierre. — Estávamos falando do senhor — prosseguiu Júlia, mentindo com a tranquilidade peculiar às mulheres da sociedade. — Dizíamos que era provável que seu regimento se apresentasse ainda melhor que o de Mamonov.

— Ah! Não me fale de meu regimento! — replicou Pierre, beijando a mão da dona da casa e sentando-se a seu lado. — Ele me aborrece tanto!

— Naturalmente o senhor mesmo o comandará — insinuou Júlia, olhando para o miliciano com um ar de zombaria.

Na presença de Pierre o miliciano já não parecia tão *caustique* e seu semblante deixava transparecer a surpresa ante a significação do sorriso de Júlia.

Apesar da sua distração e da sua simplicidade, a presença de Pierre paralisava imediatamente qualquer sentimento de zombaria.

— Não — respondeu Pierre, rindo e olhando para seu corpo grande e gordo. — Seria um alvo fácil demais para os franceses e, além disso, creio que não me seria possível montar.

Entre as pessoas que constituíam o objeto das conversas no salão de Júlia, falou-se dos Rostov.

— Dizem que vão muito mal de negócios — disse Júlia. — E o próprio conde é tão tonto!... Os Razumovski quiseram comprar deles a casa e o domínio próximo de Moscou, mas isso já está se arrastando; ele quer muito dinheiro.

— Não, creio que a venda se realizará por estes dias, embora seja uma loucura comprar qualquer coisa em Moscou no momento presente.

— Por quê? — indagou Júlia. — Acredita que Moscou esteja correndo perigo?

— E qual é a razão de a senhora deixar a cidade?

— Eu? Eis uma estranha pergunta! Deixo a cidade porque é o que devo fazer, porque todo o mundo se retira, porque não sou nenhuma Joana d'Arc, nem uma amazona.

— Pois é isso mesmo. Dê-me mais linho.

— Se ele souber negociar, poderá pagar todas as dívidas — continuou o miliciano a propósito dos Rostov.

— Um bom velho, mas uma pobre criatura. E por que passam eles tanto tempo aqui? Já deviam ter partido para o campo há muito tempo. Natália já está restabelecida, não é? — perguntou Júlia, sorrindo maliciosamente a Pierre.

— Estão esperando Pierre, o filho mais moço. Ele entrou para os cossacos de Obolenski, está em Bielaia-Tzerkov, onde estão organizando o regimento. Agora fizeram com que ele fosse transferido para o meu regimento e o estão esperando todos os dias. Pelo conde já teriam partido há muito tempo, mas a condessa não quer sair de Moscou por nada deste mundo antes da volta do filho.

— Eu os vi anteontem na casa dos Arkharov. Natália está bonita e alegre outra vez. Cantou uma romança. Certas pessoas esquecem tão facilmente!

— Esquecem o quê? — perguntou Pierre, irritado.

Júlia sorriu.

— Conde, o senhor sabe que um cavalheiro como o senhor só se encontra nos romances de Madame de Souza.

— Que cavalheiro? Como assim? — perguntou Pierre, corando.

— Ora, meu caro conde, não finja, *c'est la fable de tout Moscou. Je vous admire, ma parole d'honneur.*

— Uma multa! Uma multa! — disse o miliciano.

— Por favor! A gente não pode conversar, é maçante!

— Qual é a fábula de toda Moscou? — perguntou Pierre, levantando-se zangado.

— Chega, conde, o senhor sabe muito bem.

— Não sei de nada — disse Pierre.

— Sei que o senhor é muito amigo de Natália e é por isso... Mas, eu sempre gostei mais de Vera. *Cette chère Vera...*

— *Non, madame* — prosseguiu Pierre num tom descontente. — Não assumi o papel de cavalheiro da senhorita Rostov, já faz quase um mês que não os visito, mas eu não compreendo a crueldade...

— *Qui s'excuse... s'accuse* — disse Júlia, sorrindo e sacudindo o linho. E para ficar com a última palavra logo mudou de assunto. — Imaginem o que eu soube hoje: Maria Bolkonski, a coitada, chegou ontem a Moscou. Sabem que ela perdeu o pai?

— Não sabia, não! Onde está ela? Desejaria muito vê-la — disse Pierre.

— Ontem à noite estive com ela. Hoje ou amanhã ela deve partir com o sobrinho para a propriedade deles perto de Moscou.

— E como vai ela? — indagou Pierre.

— Está muito triste. E sabe quem a salvou? É um romance! Nicolau Rostov. Ela estava cercada, queriam matá-la, haviam ferido seus criados. Ele chegou, precipitou-se e a salvou...

— Mais um romance! — interveio o miliciano. — Decididamente essa fuga geral foi inventada para casas as solteironas: *Catiche*, primeiro, a princesa Bolkonski, depois.

— E quer saber de uma coisa, eu tenho a impressão de que ela está um pouco apaixonada pelo *jeune homme*.

— Uma multa! Uma multa! Uma multa!

— Mas como dizer isso em russo?

XVIII

Quando Pierre chegou em casa, entregaram-lhe dois boletins de Rostoptchine que haviam sido distribuídos naquele dia.

No primeiro estava escrito que era falso o boato segundo o qual o conde Rostoptchine havia proibido que os habitantes saíssem de Moscou, que, ao

contrário, o conde Rostoptchine até desejaria que as damas e as mulheres dos negociantes deixassem a cidade.

“Menos medo e menos boatos”, lia-se também, “mas eu juro pela minha vida que o criminoso não virá a Moscou!” Essas palavras, pela primeira vez, mostravam claramente a Pierre que os franceses viriam a Moscou. O segundo boletim dizia que o nosso quartel-general estava em Viazma, que o conde Wittgenstein derrotara os franceses, mas que, como os numerosos habitantes desejavam armar-se, eles encontrariam no arsenal, preparados para eles, sabres, pistolas, fuzis que poderiam adquirir por muito bom preço. O tom dos boletins não era mais tão brincalhão como o das conversas anteriores de Tchiguirine. Pierre ficou pensativo ao ler esses boletins. Essas nuvens tempestuosas que ele chamava com todas as forças de sua alma e que, ao mesmo tempo, independentemente de sua vontade, o enchiam de horror sem a menor dúvida estavam próximas.

“Alistar-se e reunir-se ao exército ou esperar?” Era a pergunta que ele fazia para si próprio pela centésima vez. Pegou um baralho que estava na sua mesa e começou a jogar paciência.

“Se esta paciência der certo”, pensou deitando as cartas e levantando os olhos, “se ela der certo quer dizer... Quer dizer o quê?”

A voz da princesa mais velha perguntando se podia entrar não lhe permitiu concluir.

“...Quer dizer que devo reunir-me ao exército”, concluiu Pierre.

— Entre, entre — acrescentou, dirigindo-se à princesa.

(A princesa mais velha, a de busto comprido e rosto petrificado, era a única que continuava morando na casa de Pierre, pois as outras duas tinham casado.)

— Perdoe-me, primo, por ter vindo perturbá-lo — disse ela com emoção, num tom de censura. — É preciso tomar uma resolução. O que está para acontecer? Todos já deixaram Moscou e o povo se revolta. Por que ficamos?

— Ao contrário, minha prima, tudo parece correr muito bem — disse Pierre no tom de pilhéria que ele sempre usava para dirigir-se à princesa, para esconder o constrangimento que lhe causava sua situação de benfeitor da prima.

— Sim, está bem... Tudo está ótimo! Ainda hoje Varvara Ivanovna contou-me como as nossas tropas se distinguem. Parece-me que não há do que se

orgulhar. E o povo está inteiramente revoltado, deixa de obedecer. Até a minha criada está ficando grosseira comigo. Continuando assim, muito breve começarão a espancar-nos, não podemos mais sair, e o pior é que qualquer dia destes os franceses estarão aqui. O que estamos esperando? Peço-lhe só uma coisa, meu primo, ordene que me acompanhem a Petersburgo. Independentemente do que eu seja, não poderia viver sob o domínio de Bonaparte.

— Acalme-se, minha prima. Não sei quem lhe dá essas informações! Ao contrário...

— Não me submeterei ao seu Napoleão. Os outros fazem como entendem... Se você não quer...

— Quero, sim, ordenarei o que você pede imediatamente.

A princesa estava visivelmente desapontada por não ter com quem ralar. Resmungando qualquer coisa, sentou-se numa cadeira.

— Mas você foi mal informada — disse Pierre. — Na cidade tudo está muito calmo e não existe nenhum perigo. Olhe, li agora mesmo... — Pierre mostrou os boletins à princesa. — O conde jura pela sua vida que o inimigo não entrará em Moscou.

— Ah! É o seu conde! — replicou a princesa num tom colérico. — É um hipócrita, um miserável, foi ele mesmo que instigou o povo a revoltar-se. Por acaso ele também não escreveu nesses estúpidos boletins que era preciso pegar quem quer que fosse pelos cabelos para jogar no xadrez? Que bobagem! A glória e a honra caberão a quem vencer. E aí está o resultado!... Varvara Ivanovna contou-me que o povo quase a matou porque ela havia falado francês...

— Mas afinal... Você leva tudo muito a sério — disse Pierre; e continuou a jogar paciência.

A paciência foi ganha, mas Pierre apesar disso não se reuniu ao exército, ficou na Moscou deserta, sempre na mesma confusão, na mesma indecisão, receoso e ao mesmo tempo alegre, esperando que acontecesse algo de horrível.

No dia seguinte à noite, a princesa partiu e o administrador de Pierre chegou à sua casa para lhe informar que, sem vender um domínio, não era possível conseguir o dinheiro necessário para equipar o regimento. O gerente

demonstrava a Pierre que todas essas despesas com o regimento o arruinariam. Ao ouvir essas palavras Pierre dissimulou um sorriso com dificuldade.

— Pois venda — disse ele. — O que fazer? Agora não posso recuar.

Quanto pior era a situação dos negócios, e principalmente dos seus, mais isso agradava a Pierre e mais iminente lhe parecia a catástrofe.

Todas as relações de Pierre já haviam deixado a cidade. Júlia há havia partido, a princesa Maria também. Dos seus conhecidos íntimos só restavam os Rostov, mas Pierre não os visitava.

Nesse dia, a fim de distrair-se, Pierre foi à aldeia de Vorontzovo para ver um grande balão construído por Leppich para destruir o inimigo e um balão de teste que deveria ser lançado no dia seguinte.

Esse balão ainda não estava pronto, mas Pierre soube que ele estava sendo feito de acordo com o desejo do imperador. A esse respeito o conde Rostoptchine recebera a seguinte carta de Alexandre:

Assim que Leppich estiver pronto, reúna, para sua barquinha, uma equipagem de homens idôneos e inteligentes, e envie um mensageiro prevenindo o general Kutuzov. Já lhe falei sobre isso.

Peço-lhe oriente Leppich que preste muita atenção ao lugar onde descerá a primeira vez, a fim de não se enganar e cair nas mãos do inimigo. É imprescindível que ele combine seus movimentos com o comandante em chefe.

Ao voltar para casa, vindo de Vorontzovo, Pierre atravessou a praça Bolotnaia e notou uma multidão que se comprimia perto do local das execuções. Mandou parar e desceu do carro. Açoitavam um cozinheiro francês acusado de espionagem. O castigo terminara naquele momento e o carrasco desamarrava um homem gordo, de suíças ruivas, com meias azul-marinho e casaco verde, que gemia queixosamente. Um outro criminoso, magro e pálido, também se encontrava lá. Ambos, a julgar pelas suas fisionomias, eram franceses. Com um ar assustado e doentio, semelhante ao do francês magro, Pierre abriu caminho através da multidão.

— De que se trata? Por que isso? — perguntou.

Mas a atenção da multidão dos funcionários, dos burgueses, dos negociantes, dos camponeses, das mulheres com mantos e peliças, estava de tal forma

concentrada no que se passava no local do suplício que ninguém lhe respondeu. O homem gordo levantou-se, franziu o cenho, ergueu ombros e, no desejo evidente de mostrar firmeza, vestiu novamente o casaco sem olhar os que o rodeavam.

Mas subitamente seus lábios tremeram e, censurando-se por sua fraqueza, começou a chorar como choram os homens sanguíneos. A multidão falava alto, parecia a Pierre que era para abafar qualquer sentimento de piedade.

— É o cozinheiro de um príncipe qualquer...

— É, *monsiê*, vê-se que o molho russo é muito forte para um francês... Estás sentindo a pimenta, hein?... — disse um funcionário público enrugado que estava junto de Pierre quando o francês começou a chorar. O funcionário olhou em volta esperando o efeito de sua pilhéria. Algumas pessoas começaram a rir, outras continuavam a olhar com pavor o carrasco, que despia o segundo.

Pierre franziu o cenho, respirou ruidosamente e afastou-se bruscamente em direção de seu carro. Enquanto entrava, murmurava continuamente qualquer coisa. Durante o caminho estremeceu diversas vezes e pronunciou alguma coisa em tom tão alto que o cocheiro lhe perguntou:

— O que ordena o senhor?

— Aonde vais? — gritou Pierre ao cocheiro, que tomava a direção de Lubianka.

— O senhor ordenou-me que fosse à casa do general governador! — respondeu o cocheiro.

— Imbecil! Animal! — gritou Pierre, invectivando o cocheiro, o que lhe acontecia raramente. — Mandei que tocasses para casa! E mais ligeiro! É preciso partir ainda hoje! — concluiu com seus botões.

Ao ver os franceses açoitados e a multidão que os cercava no local do suplício, Pierre havia decidido de forma tão absoluta não mais permanecer em Moscou e alcançar o exército que lhe parecia tê-lo dito ao cocheiro ou que o cocheiro também deveria saber disso.

Chegando em casa, Pierre preveniu seu cocheiro Eustachevitch, que podia fazer de tudo, sabia tudo e conhecia Moscou inteira, que ele partiria na mesma noite para Mojaïsk, onde estava o exército, e que lá deveriam ser remetidos seus cavalos de montaria. Tudo isso não podia ser feito no mesmo dia; Eustachevitch

era da opinião que Pierre deveria adiar sua viagem para o dia seguinte, a fim de dar tempo de preparar tudo.

Depois de um período de mau tempo, o dia 24 ficou bonito e, nesse dia, depois do almoço, Pierre deixou Moscou.

Durante a noite, enquanto trocava os cavalos, Pierre soube em Perkhuchkavo, que uma grande batalha se travara ao anoitecer. Contavam que os tiros haviam abalado a terra. Pierre perguntava quem havia vencido, mas ninguém sabia responder. (Era a batalha de Chevardino do dia 24). Ao amanhecer Pierre chegava perto de Mojaisk.

Todas as casas de Mojaisk estavam ocupadas pelas tropas e na estalagem onde Pierre encontrou seu escudeiro e seu cocheiro não havia um só lugar: tudo estava ocupado pelos oficiais.

Em Mojaisk e arredores encontravam-se tropas por toda a parte: cossacos, infantaria, cavaleiros, carros fechados, transportes de munições e víveres, canhões. Pierre avançava apressadamente, e quanto mais se afastava de Moscou e mais mergulhava nesse oceano de tropas, mais o invadia uma inquietação e um sentimento de alegria novo para ele. Era um sentimento semelhante ao que experimentara no palácio de Slabotch, por ocasião da chegada do imperador: o sentimento da necessidade de empreender alguma coisa e de sacrificar alguma coisa. Agora lhe era agradável compreender que tudo aquilo que faz a felicidade dos homens, as comodidades da vida, a riqueza, a vida em si, que tudo era nada comparado ao que ele entrevia, e que era confortador livrar-se de tudo isso em nome de outra coisa. Pierre não podia compreender nem procurava explicar por que encontrava um encanto particular em sacrificar tudo. Não era o desejo do sacrifício que o preocupava, mas o próprio sacrifício lhe causava um sentimento novo, alegre.

XIX

No dia 24 a batalha se travara no reduto de Chevardino. No dia 25 nenhum tiro foi ouvido. No dia 26 a batalha de Borodino se realizou.

Por que e como foi proposta e aceita a batalha nas proximidades de Chevardino e Borodino? Por que se travou a batalha de Borodino? Ela não tinha

sentido nem para os franceses nem para os russos. O resultado era e devia ser: para os russos, o fato de sermos impelidos para as portas de Moscou (o que nós mais temíamos no mundo), e, para os franceses, a perda total de seu exército que, cada vez, se tornava mais certa e iminente (o que eles também mais temiam no mundo).

Mesmo assim, com o resultado evidente, Napoleão propôs essa batalha e Kutuzov a aceitou.

Se os capitães se deixassem guiar por causas razoáveis, seria natural que Napoleão visse claramente que avançando duas mil *verstas* e aceitando a batalha com o risco provável de perder um quarto de seu exército, ele caminhava para a sua derrota certa e, da mesma sorte, Kutuzov deveria ver que aceitando a batalha ele também arriscava perder um quarto de seu exército e que, com toda a certeza, perderia Moscou. Para Kutuzov, isso era matematicamente claro, tão claro como o seguinte: tendo uma peça menos no jogo de damas, se continuo a trocar, perderei, portanto, não devo trocar.

Quando meu adversário tem dezesseis peças e eu quatorze, sou mais fraco que ele apenas de um oitavo, mas quando tivermos trocado treze peças ele será três vezes mais forte do que eu.

Até a batalha de Borodino, as forças russas estavam para as francesas como cinco para seis. Depois da batalha como um para dois, isto é, antes da batalha, cem mil contra cento e vinte mil, depois da batalha, cinquenta contra cem. E, apesar disso, Kutuzov, inteligente e experiente, aceitara a batalha, e Napoleão, capitão genial, como diziam, a provocara perdendo um quarto de seu exército e ainda alongando mais sua linha. Se se disser que ocupando Moscou ele contava, como com a ocupação de Viena, terminar a campanha, pode-se levantar muitas objeções.

Os próprios historiadores de Napoleão contam que logo depois de Smolensk ele quis parar. Ele compreendia o perigo de sua posição em linha extensa e sabia que a ocupação de Moscou não seria o termo da campanha, porque, depois de Smolensk, ele via o estado em que lhe abandonavam as cidades russas e que ele não recebia nenhuma resposta às declarações exprimindo o desejo de entabular negociações e acordo de paz.

Provocando e aceitando a batalha de Borodino, Kutuzov e Napoleão agiram de forma absurda e sem razão, e os historiadores, depois do fato consumado, trouxeram provas complicadas da clarividência e do gênio dos capitães, que, entre os fatores involuntários dos acontecimentos do mundo, eram os mais servis e os menos conscientes.

Os antigos nos deixaram modelos de poemas heroicos nos quais os heróis ocupam todo o interesse da história, e nós não conseguimos compreender que hoje a história assim contada não tenha sentido.

À outra pergunta: como se travaram a batalha de Borodino e a de Chevardino, que a precedeu?, também existe uma explicação definida, que todo o mundo conhece, e que é absolutamente falsa. Todos os historiadores descrevem a batalha da seguinte maneira:

“O exército russo, na sua retirada depois de Smolensk, procurava a posição mais favorável para a batalha geral, e a encontrou nas proximidades de Borodino.

“Os russos fortificaram essa posição primeiro, à esquerda da estrada (de Moscou a Smolensk) e em ângulo reto com ela, entre Borodino e Utitza, no local onde se travou a batalha.

“Diante dessa posição, o posto avançado se estabeleceu sobre o morro de Chevardino, para melhor observar os movimentos inimigos. No dia 24 Napoleão atacou e tomou o posto avançado. No dia 26 ele atacou todo o exército russo que ocupava o campo de Borodino.”

Eis o que escrevem os historiadores e tudo isso é absolutamente inexato, do que pode convencer-se facilmente todo aquele que deseja penetrar no sentido da questão.

Os russos não procuravam a melhor posição, ao contrário, na retirada, eles negligenciaram diversas posições melhores que essa. Não pararam em nenhuma delas porque Kutuzov não queria aceitar uma posição que não fora escolhida por ele, porque o desejo patriótico por uma batalha geral ainda não ganhara força suficiente, porque Miloradovitch ainda não chegara com as milícias e ainda por muitas outras causas que são inúmeras. O fato é que certas posições deixadas para trás eram mais fortes que a de Borodino (onde se travou a batalha), que,

além de não ser forte, não era mais favorável que qualquer outro ponto do império russo que ao acaso fosse marcado no mapa com um alfinete.

Os russos, não só não fortificaram a posição no campo de Borodino à esquerda, em ângulo reto com a estrada (isto é, no local onde se travou a batalha), como nunca, até o dia 25 de agosto de 1812, imaginaram que a batalha pudesse dar-se nesse local. A prova é: primeiro que, no dia 25, nesse local, não havia fortificações, começaram nesse dia, mas no 26 não estavam concluídas; segundo, a posição do reduto de Chevardino, o reduto de Chevardino, visto do local onde se travou a batalha, não tinha nenhum sentido. Por que era esse reduto mais fortificado que todos os outros pontos? Por que o defenderam no dia 24 até altas horas da noite, esgotando todas as forças e perdendo seis mil homens? Para observar o inimigo bastaria um destacamento de cossacos; terceiro, a prova de que a posição onde se travou a batalha não havia sido prevista e que o reduto de Chevardino não era a vanguarda é que Barclay de Tolly e Bagration, até o dia 25, estavam convencidos de que o reduto de Chevardino fosse o flanco esquerdo da posição e que o próprio Kutuzov, no seu relatório, escrito sob a primeira impressão da batalha, chama o reduto de Chevardino de flanco esquerdo da posição. Só muito mais tarde, quando foi escrito o relatório sobre a batalha de Borodino, é que foi inventada (provavelmente para justificar os erros do comandante em chefe, que devia ser visto como infalível) essa afirmação inexata e estranha de que o reduto de Chevardino constituía o posto avançado (quando não passava de um ponto fortificado do flanco esquerdo) e que a batalha de Borodino fora aceita por nós na posição antecipadamente escolhida e fortificada, embora ela se tivesse realizado num lugar imprevisto, apenas fortificado.

Evidentemente, o caso se passou da seguinte forma: escolheram um ponto nas margens do Kolotcha que corta a estrada real, não em ângulo reto, mas em ângulo agudo, de sorte que o flanco esquerdo se achava em Chevardino, o flanco direito próximo da aldeia de Novoie, o centro em Borodino, na confluência dos rios Kolotcha e Voina. Essa posição, às margens do Kolotcha, é a de um exército que tem por finalidade atacar o inimigo que avança sobre Moscou pela estrada de Smolensk. Isso é evidente para qualquer um que contemple o campo da batalha de Borodino esquecendo como se passou a batalha.

Napoleão, no dia 24, rumando para a aldeia de Valuievo, não percebeu (dizem nas histórias) a posição dos russos entre Utitza e Borodino (ele não podia ver essa posição porque ela não existia). Ele não percebeu o posto avançado do exército russo, mas, perseguindo tropas da retaguarda russa, à esquerda da posição dos russos, foi de encontro com a disposição de Chevardino, e, sem que os russos esperassem, fez sua tropas atravessarem o Kolotcha. Como não tivessem tempo para tomar parte na batalha geral, os russos recuaram sua ala esquerda da posição que pretendiam ocupar e tomaram uma outra que não estava prevista nem fortificada. Passando para a margem esquerda do Kolotcha, à esquerda da estrada, Napoleão deslocou toda a batalha da direita para a esquerda (do lado dos russos) e a concentrou entre Utitza, Semenovskoie e Borodino (nesse campo que oferecia vantagens semelhantes às de qualquer outro e onde se travou toda a batalha do dia 26).

Nas suas linhas gerais o plano dessa batalha suposta e da que realmente se travou será o seguinte:

Se, na noite de 24, Napoleão não tivesse se dirigido para Kolotcha, e não tivesse ordenado o ataque ao reduto na mesma noite, mas tivesse começado o ataque na manhã seguinte, ninguém negaria que o reduto de Chevardino constituía o flanco esquerdo de nossa posição e a batalha se teria dado como nós a esperávamos. Nesse caso é indiscutível que teríamos defendido o reduto de Chevardino, nosso flanco esquerdo, com obstinação ainda maior, teríamos atacado Napoleão no centro ou à direita e, no dia 24, a batalha geral se teria travado na posição fortificada e prevista. Mas como o ataque ao nosso flanco esquerdo realizou-se à noite, depois da retirada da nossa retaguarda, isto é, imediatamente após a batalha de Gridnievo, e como os chefes russos não quiseram ou não puderam começar a batalha decisiva na noite de 24, o primeiro e principal encontro da batalha de Borodino estava perdido desde a noite desse dia, o que necessariamente acarretava a perda do combate travado no 26.

Depois de perder o reduto de Chevardino na manhã do dia 25, nós estávamos com o nosso flanco esquerdo descoberto e tendo de desdobrar a linha nossa ala esquerda e fortificá-la às pressas, fosse como fosse.

Mas o fato de as tropas russas, no dia 26, estarem protegidas por fortificações insuficientes, inacabadas, não é pior. O aspecto angustioso dessa situação ainda

aumenta porque os chefes russos, não aceitando como fato definitivamente consumado a perda da posição do flanco esquerdo e o deslocamento, da direita para a esquerda, de todo o campo da batalha futura, permaneceram na posição afastada que ocupavam, desde a aldeia de Novoie até Utitza. Por conta disso, apenas durante o combate, viram a necessidade de deslocar suas tropas da direita para a esquerda. Portanto, durante toda a batalha, os russos avançavam contra o grosso do exército francês com a ala esquerda, apesar de esta dispor de forças duas vezes mais fracas que as inimigas (a ação de Poniatovski contra Utitza e a de Uvarovo, no flanco direito dos franceses, era independente do desdobramento geral da batalha). Logo, a batalha de Borodino se deu de forma muito diferente da que foi descrita na intenção de esconder os erros de nossos generais, diminuindo, por isso mesmo, a glória do exército e do povo russo. A batalha de Borodino não teve lugar numa posição escolhida e fortificada, com forças apenas levemente mais fracas do lado dos russos, mas, em consequência da perda de combate de Chevardino, foi aceita pelos russos num lugar descoberto, pouco fortificado, com forças duas vezes mais fracas que as dos franceses, isto é, em condições tais que era impossível não só combater durante dez horas e travar uma batalha indecisa, como também impossível impedir o desmantelamento completo, em três horas de combate, e a fuga do exército.

XX

Na manhã do dia 25, Pierre partiu de Mojaïsk. Na encosta íngreme da colina que levava à cidade, diante da catedral, edificada à direita no ponto culminante e onde o carrilhão anunciava as cerimônias religiosas, Pierre desceu do carro e prosseguiu a pé. Atrás dele descia da colina um regimento de cavalaria com os cantores na dianteira. No sentido oposto, subia um comboio de carretas com os feridos do combate da véspera. Os camponeses que guiavam gritavam atrás dos cavalos e, correndo de um lado para o outro, os fustigavam. As carretas, cada uma delas com três ou quatro feridos deitados ou sentados, saltavam sobre as pedras da estrada íngreme. Os feridos, com as suas ataduras, pálidos, os lábios cerrados, os cenhos franzidos, seguravam-se nos bordos e se chocavam dentro das carretas. Quase todos, com uma curiosidade infantil, ingênua, olhavam para o chapéu branco e o fraque verde de Pierre.

O cocheiro de Pierre gritava violentamente atrás dos comboios dos feridos para que eles se alinhassem. O regimento de cavalaria que descia a montanha com os cantores cruzou com o *drojki* de Pierre e lhe cortou o caminho. Pierre parou e ficou no limite da estrada aberta na montanha. Na estrada profunda

estava frio e úmido, pois o sol ainda não havia chegado até lá. Acima da cabeça de Pierre brilhava uma clara manhã de agosto e ele ouvia os sons do alegre carrilhão. Uma carreta de feridos parou à margem da estrada, perto de Pierre. O condutor, um camponês de *lapti*, [\[39\]](#) correu ofegante em direção da carreta, pôs uma pedra sob as rodas traseiras, sem aro, e ajeitou os arreios de seu cavalo que ficara parado.

Um velho soldado ferido, com o braço enfaixado, que caminhava atrás da carreta, o segurou com sua mão boa e voltou-se para Pierre.

— Diga, patrício, isso vai continuar assim? Seremos deixados aqui ou arrastados desse jeito até Moscou? — perguntou.

Pierre estava tão pensativo que não compreendeu a pergunta. Ele olhava ora o regimento de cavalaria que nesse momento cruzava o comboio de feridos, ora a carreta que parara junto dele e onde estavam dois feridos sentados e um deitado. Tinha a impressão de que ali, na presença desses feridos, se achava a solução do problema que o preocupava. Um dos soldados sentados na carreta fora, provavelmente, ferido na face: tinha a cabeça inteiramente enrolada em trapos e uma das faces parecia do tamanho de uma cabeça de criança, a boca e o nariz estavam tortos. O soldado olhou para a igreja e persignou-se. O outro, um rapaz — um recruta — louro e branco, com o rosto completamente exangue, fitava Pierre com um sorriso bom, estático. O terceiro estava deitado de bruços e não se podia ver seu rosto. Os cantores do regimento de cavalaria passavam diante da carreta. Cantavam uma canção de soldados:

A! za-pro-pa-la...

Como se respondesse, mas com uma alegria diferente, o carrilhão ressoava na elevação. E também numa alegria diferente os raios quentes do sol acariciavam o cimo oposto da colina. Mas no sopé da colina, perto da carreta de feridos, perto do cavaleiro resfolegante que se achava ao lado de Pierre, estava úmido, sombrio e triste.

O soldado de rosto inchado olhava com raiva para os cantores.

— Ah! Os graciosos! — disse ele num tom de censura. — Hoje não se contentaram com soldados, mas também agarraram os camponeses! Até os camponeses... também os recrutam... Hoje não fazem distinções... querem jogar o povo inteiro, numa palavra, é Moscou. Querem acabar com tudo! —

disse, com um sorriso triste, o soldado que estava no fundo da carreta, dirigindo-se a Pierre.

Apesar da obscuridade das palavras do soldado, Pierre compreendeu tudo o que ele queria dizer e sacudiu a cabeça num gesto de aprovação.

A estrada descongestionou-se, Pierre desceu a encosta e foi adiante.

Pierre procurava alguma fisionomia conhecida nos dois lados da estrada, mas por toda a parte só via semblantes desconhecidos, militares de diversos regimentos que olhavam com surpresa para o seu chapéu branco e seu fraque verde. Depois de ter percorrido quatro *verstas*, encontrou finalmente um conhecido e, cheio de alegria, o interpelou. Era um dos médicos-chefes do exército. Ia num cabriolé, remava na direção contrária de Pierre. Perto dele estava um jovem médico. Ao reconhecer Pierre deu ordem de parar ao cossaco que estava na boleia se fazendo de cocheiro.

— Conde! Excelência! O que faz aqui? — perguntou o médico.

— Nada, quis ver...

— Sim, sim, terá muito que ver.

Pierre desceu e começou a conversar com o médico, explicando-lhe que desejava participar da batalha.

O médico aconselhou-o que se dirigisse diretamente ao sereníssimo.

— Por que ficar sabe Deus onde, perdido, durante a batalha? — exclamou, trocando um olhar com seu jovem colega. — Aliás o sereníssimo o conhece e o receberá prazerosamente. Faça o que lhe digo, meu caro.

O doutor parecia cansado e apressado.

— Então o senhor acha... Ah! Eu também queria perguntar-lhe onde fica exatamente a nossa posição — disse Pierre.

— A posição? Isso escapa da minha alçada. O senhor passará pela aldeia de Tatarinovo, lá estão cavando qualquer coisa. Lá, veja, suba o morro. De lá se vê bem — disse o médico.

— Realmente! De lá se vê bem?... Se o senhor...

Mas o médico o interrompeu e aproximou-se do cabriolé.

— Eu o levaria de bom grado, mas juro-lhe que estou por aqui de serviço (o médico mostrou o pescoço). Dirijo-me a toda pressa ao encontro do comandante da tropa. Nem queira saber em que pé estamos!... O senhor sabe, conde, que a

batalha se travará amanhã, e para cem mil homens deve-se contar ao menos vinte mil feridos. E nós não temos nem padiolas, nem leitos de campanha, nem técnicos, nem médicos suficientes para atender seis mil. Temos dez mil carretas, mas outras coisas também são necessárias, a gente tem que se arranjar como pode...

Pensando que entre esses milhares de homens vivos, são, jovens e velhos, que olhavam para seu chapéu branco com uma surpresa divertida, havia seguramente vinte mil destinados aos ferimentos, à morte (talvez aqueles mesmos que ele estava vendo), Pierre sentiu-se perturbado. “Eles talvez morram amanhã! Por que pensam eles em outra coisa e não na morte?” E de súbito, por uma misteriosa associação de ideias, veio-lhe claramente à memória a descida da colina de Mojaïsk, a carreta com os feridos, o carrilhão, os raios oblíquos do sol, as canções dos cavaleiros. “Os cavaleiros marcham para a batalha, encontram feridos e não pensam um só momento no que os aguarda, seguem caminho e mal olham para os feridos. E de todos esses homens vinte mil estão destinados à morte, e no entanto se preocupam com o meu chapéu. É estranho!”, pensava Pierre dirigindo-se para a aldeia de Tatarinovo.

Perto da casa senhorial, à esquerda da estrada, achavam-se os carros, as carretas, uma multidão de ordenanças, de sentinelas. Era o quartel-general do sereníssimo. Mas quando Pierre lá chegou, não havia quase ninguém no Estado-Maior. Todos assistiam ao serviço de ação de graças. Pierre foi adiante em direção a Gorki. Tendo subido à elevação e entrando na ruazinha da aldeia, viu pela primeira vez os camponeses milicianos com seus bonés e suas camisas brancas que, enquanto conversavam alto e gritavam, animados e suados, faziam um trabalho qualquer à direita da estrada, sobre um grande outeiro coberto de capim. Uns cavavam com pás, outros transportavam a terra em carrinhos de mão que empurravam sobre tábuas, outros não faziam nada.

Dois oficiais davam ordens. Ao ver esses camponeses, animados com sua nova condição de militares, Pierre lembrou-se novamente dos soldados feridos em Mojaïsk e compreendeu o que desejava exprimir o soldado que dizia “querem jogar o povo inteiro”. Ver esses camponeses barbudos, que trabalhavam no campo de batalha, desajeitados em botas estranhas para eles, com os pescoços suados, as camisas desabotoadas pelas quais se podia ver o moreno das

clavículas causara em Pierre uma impressão mais forte do que tudo o que ele havia visto e ouvido até então, a respeito da solenidade e da importância do momento presente.

XXI

Pierre desceu do carro e, diante dos milicianos que trabalhavam, subiam o morro de onde, segundo o médico, via-se o campo de batalha.

Eram onze horas da manhã. O sol um pouco à esquerda e atrás de Pierre, através do ar claro e puro, iluminava vivamente um enorme panorama que se abria como um anfiteatro diante dos olhos de Pierre.

Ao alto e à esquerda, recortando esse anfiteatro, serpenteava a grande estrada de Smolensk, que atravessava a aldeia com sua igreja branca, situada a quinhentos passos do morro onde estava Pierre, e abaixo dele. (Era Borodino.) Depois da aldeia, a estrada passava por uma ponte e serpenteava em subida na direção da aldeia de Valuievo, que se podia ver a uma distância de seis *verstas*. (No momento, Napoleão estava nessa aldeia.) Depois de Valuievo, a estrada desaparecia na floresta que dava um tom amarelo ao horizonte. No seio dessa floresta de bétulas e de abetos, à direita da estrada, a cruz longínqua e o campanário do convento e Kolotzki brilhavam sob o sol. Por todo esse horizonte azulado, à direita e à esquerda da floresta e da estrada, em diversos lugares, viam-se as fogueiras fumegantes e as massas vagas de nossas tropas e das inimigas. À direita, nas regiões marginais dos rios Kolotcha e Moscova, o terreno era acidentado, cheio de depressões e aclives. Numa baixada distante viam-se as aldeias de Bezubovo e Zakharino. À esquerda a paisagem era mais regular com seus campos de trigo; desse lado podia-se ver a aldeia incendiada de Semenovskoie.

Tudo o que Pierre via à esquerda e à direita era tão vago que em ponto algum lhe era possível satisfazer inteiramente sua imaginação. Não via em lugar nenhum esse campo de batalha que contava ver, mas campos, planícies, tropas, florestas, fogueiras, aldeias, morros, regatos, e por mais que perscrutasse, Pierre não conseguia encontrar a posição nessa paisagem alegre, nem sequer podia distinguir nossas tropas das do inimigo.

“Tenho que me informar com alguém que conheça a região”, pensou; e dirigiu-se a um oficial que observava curiosamente sua enorme pessoa que nada tinha de marcial.

— Permita-me perguntar-lhe que aldeia é aquela lá longe, diante de nós?

— Burdino. Não é isso? — disse o oficial, dirigindo-se a seu camarada.

— Borodino — corrigiu o outro.

Visivelmente satisfeito com a oportunidade de conversar, o oficial aproximou-se de Pierre.

— Os nossos estão lá? — perguntou Pierre.

— Sim, e aqueles mais distantes são os franceses. Repare, repare, pode-se vê-los! — disse o oficial.

— Onde? Onde? — perguntou Pierre.

— Pode-se vê-los a olho nu. Repare.

O oficial mostrou a fumaça que era vista à esquerda, do outro lado do rio, e deixou transparecer aquela expressão severa e grave que Pierre já observara em muitas fisionomias que vira.

— Ah! são os franceses! E lá? — Pierre apontou para a esquerda do morro, junto do qual viam-se as tropas.

— Aqueles são os nossos.

— Ah! os nossos! E lá? — Pierre apontava um morro muito distante com uma grande árvore, perto de uma aldeia que podia ser vista no vale. Lá também havia a fumaça das fogueiras e alguma coisa negra.

— Ainda é *ele* — disse o oficial. (Era o reduto de Chevardino.) Ontem eram nossos, hoje é *ele*.

— Então, qual é a nossa posição?

— A posição! — repetiu o oficial com um sorriso de satisfação. — Posso falar-lhe com conhecimento de causa, pois fui eu quem construiu quase todas as fortificações. Está vendo lá longe, é nosso centro, em Borodino. — Ele apontava a aldeia com a igreja branca que se via na frente. — Agora aqui é a passagem sobre o Kolotcha. O senhor está vendo onde está o feno cortado, tem uma ponte, é o nosso centro. Ali fica o nosso flanco direito (ele apontava bem para a direita, muito longe, no vale). É lá que passa o rio Moscova e nessas imediações nós construímos três redutos muito fortes. O flanco esquerdo... — Nesse ponto o

oficial interrompeu sua descrição. — O senhor compreende, é muito difícil explicar-lhe... Ontem nosso flanco esquerdo estava lá, em Chevardino, o senhor vê onde está o carvalho, mas depois disso deslocamos nossa ala esquerda para trás. Lá onde o senhor está vendo a aldeia e a fumaça, é Semenovskoie, e veja também aqui (ele mostrava o morro de Raievski). Mas é pouco provável que a batalha se trave aqui. Foi para nos iludir que *ele* fez suas tropas passarem para este lado, estou certo de que ele contornará para o lado direito do rio Moskova. Seja como for, muitos de nós não estarão aqui amanhã.

Um velho sargento que se aproximara do oficial enquanto este falava esperava em silêncio que seu chefe concluísse. Mas nesta altura, evidentemente descontente com as palavras do oficial, o interrompeu e disse num tom severo:

— É preciso ir buscar os gabiões.

O oficial ficou confuso, como se compreendesse que se podia pensar que muitos não estariam no dia seguinte, mas que não se devia falar nisso.

— Muito bem. Isso também cabe à terceira companhia — disse vivamente o oficial.

— E quem é o senhor? Um médico?

— Não, estou caminhando ao acaso — respondeu Pierre. E prosseguiu seu caminho diante dos milicianos.

— Ah! Os malditos! — disse o oficial que o seguia, tapando o nariz e fugindo dos operários.

— Veja, estão trazendo, vamos, vêm vindo... você... Eles não tardarão a... — disseram subitamente diversas vozes. E oficiais, soldados e milicianos correram para a estrada.

A procissão que saía de Borodino subia a colina. Na frente de todos, pela estrada poeirenta, caminhava alegremente a infantaria alinhada, com a cabeça descoberta e os fuzis baixados. Atrás da infantaria ouviam-se cantos de igreja. Os soldados e os milicianos correram naquela direção com as cabeças descobertas e ultrapassando Pierre:

— Estão carregando nossa Santa Mãe! A protetora Iverskaia!...

— É a santa Mãe de Smolensk — corrigiu um outro.

Os milicianos, os que estavam na aldeia, assim como os que trabalhavam na bateria, soltando suas pás, corriam ao encontro da procissão. Atrás do batalhão

que avançara pela estrada empoeirada, seguiam os padres vestidos de casulas... Um de capelo era velho; os demais membros e os cantores o acompanhavam. Atrás deles, soldados e oficiais carregavam um grande ícone com o rosto enegrecido e todo ornamentado. Era o ícone trazido de Smolensk e que, desde então, acompanhava o exército. Ao redor do ícone, uma multidão de militares ia, vinha, corria e reverenciava.

No cimo da colina o ícone parou. Os homens que seguravam o andor o deixaram e foram substituídos. Os sacristãos balançaram os incensários uma vez mais e começou o serviço de ação de graças. Os raios quentes do sol caíam perpendicularmente; um ventinho fresco agitava os cabelos das cabeças descobertas e brincava com as fitas que ornavam o ícone; os cantos, ao ar livre, se elevavam ao céu num som baixo. Uma enorme multidão de oficiais, de soldados, de milicianos, todos de cabeças descobertas, cercavam o ícone. Atrás do padre e dos sacristãos, num local reservado, estavam as autoridades: um general calvo, condecorado com a cruz de São Jorge, se mantinha perfilado bem nas costas do padre e, sem persignar-se (provavelmente era um alemão), esperava pacientemente o fim da cerimônia, que ele julgava necessário para, sem dúvida, excitar o patriotismo do povo russo. Um outro general, numa atitude marcial, batia no peito e observava tudo o que se passava em volta dele. Nesse grupo de dignitários, Pierre, que se misturara na multidão de camponeses, reconheceu algumas pessoas de suas relações. Mas ele não os olhava, toda a sua atenção estava absorvida pela expressão séria da fisionomia dessa multidão de soldados e de milicianos que, com avidez, fitavam o ícone. Logo que os sacristãos, que estavam cansados (cantavam esse serviço pela vigésima vez), começaram a cantar preguiçosamente pela força do hábito “Santa Mãe, salva teus escravos da desgraça!” e que o padre e o diácono entoaram “Acorremos todos a ti para que nos defenda como uma muralha inabalável”, a mesma expressão de consciência da solenidade do momento que ele já havia observado ao subir para Mojaisk e pela manhã em diversas pessoas se espalhava novamente em todas as fisionomias. As cabeças se inclinavam mais frequentemente, os cabelos se agitavam e podia-se perceber suspiros e o ruído de sinais da cruz feitos sobre o peito.

Subitamente a multidão que cercava o ícone se afastou e espremeu Pierre. Alguém, provavelmente uma figura importante, a julgar pela pressa com que todos lhe abriram caminho, aproximou-se do ícone. Era Kutuzov, que inspecionava a posição. Tendo chegado a Tatarinovo, ele se aproximara para assistir à cerimônia de ação de graças. Pierre imediatamente reconheceu Kutuzov pelo seu aspecto bem diferente de qualquer outro: seu enorme corpo dentro de uma comprida sobrecasaca, as costas encurvadas, a cabeça branca descoberta, um olho branco vazado. No seu caminhar bamboleante, hesitante, Kutuzov penetrou no local reservado e parou diante do padre. Persignou-se num movimento maquinal, tocou o chão com os dedos e, suspirando profundamente, inclinou sua cabeça branca. Benigsen e a comitiva seguiam Kutuzov. Apesar da presença do comandante em chefe, que atraía a atenção dos oficiais superiores, os soldados e os milicianos continuavam a rezar sem olhar para ele.

Terminada a cerimônia, Kutuzov aproximou-se do ícone, ajoelhou-se pesadamente, fez uma profunda reverência e, devido à sua obesidade e sua fraqueza, só com muita dificuldade conseguiu levantar-se. Sua cabeça branca se contraía pelo esforço. Por fim levantou-se e, com uma expressão infantil e ingênua, beijou o ícone. Fez mais uma reverência, tocando o solo com a mão. Os generais seguiram o seu exemplo, depois os oficiais e, depois deles, empurrando-se uns aos outros, arquejantes, e se chocando, com a fisionomia emocionada, foi a vez dos soldados e dos milicianos.

XXII

Apesar dos empurrões que levava no atropelo geral, Pierre continuava a observar ao redor.

— Conde Piotr Kirillovitch! O senhor aqui? — disse uma voz.

Pierre procurou ver quem o chamava.

Boris Drubetzkoï, esfregando a calça que estava suja na altura do joelho (o que provavelmente se deu quando ele se inclinara diante do ícone), dirigiu-se sorrindo para Pierre. Boris estava trajado com elegância, ainda que com o uniforme de combate. Envergava uma sobrecasaca comprida e, como Kutuzov, trazia um relho a tiracolo.

Nesse meio-tempo, Kutuzov voltava para a aldeia e sentava-se à sombra da casa mais próxima, num banco que um cossaco lhe trouxera correndo e que um outro, apressadamente, cobrira com um pequeno tapete. Uma comitiva brilhante, numerosa, cercava o comandante em chefe.

O ícone se afastava acompanhado pela multidão. Conversando com Boris, Pierre parou a trinta passos de Kutuzov.

Pierre dizia que tencionava participar da batalha e inspecionar a posição.

— Vou explicar-lhe o que deve fazer — disse Boris. — Eu lhe farei as honras do campo. O senhor verá tudo do lugar onde estiver o conde Benigsen, é o melhor. Fui designado para servir junto dele. Eu informo a ele e, se o senhor quiser ter uma visão de conjunto da posição, venha conosco. Seguiremos imediatamente para o flanco esquerdo. Em seguida, voltaremos e eu lhe peço que me conceda a honra de pernoitar no meu alojamento; jogaremos uma partida. Conhece Dmitri Sergueitch? Está hospedado aqui. — Boris apontou para a terceira casa de Gorki.

— Mas eu desejaria seguir para o flanco direito. Dizem que está muito fortificado — disse Pierre. — Eu desejaria atravessar o Moscova e percorrer toda a posição.

— Ora, isso o senhor poderá fazer depois, o principal é o flanco esquerdo.

— Está bem, está bem. E onde se encontra o regimento do príncipe Bolkonsk? Saberá me informar a esse respeito? — perguntou Pierre.

— O de André Nicolaievitch? Passaremos por ele, eu o acompanharei até seu acampamento.

— Muito bem, e o flanco esquerdo? — indagou Pierre.

— Para falar a verdade, entre nós, só Deus sabe a posição de nosso flanco esquerdo — disse Boris num tom confidencial e baixando a voz. — O conde Benigsen não queria que isso ficasse assim, ele queria fortificar o outro morro, lá, e não aqui. — Boris deu de ombros. — Mas o sereníssimo não quis ou alguém lhe instilou... Portanto...

Boris não terminou, porque nesse momento se aproximava Kaissarov, o ajudante de ordens de Kutuzov.

— Alô! Paisi Sergueitch! — disse Boris familiarmente, dirigindo-se a Kaissarov com um sorriso. — Sabe o que estou fazendo? Explico nossa posição

ao conde. É admirável como o sereníssimo sabe adivinhar os desígnios dos franceses!

— Está falando do flanco esquerdo? — perguntou Kaissarov.

— Sim, sim, precisamente. Agora nosso flanco esquerdo está muito forte, muito forte.

Apesar de Kutuzov ter excluído do Estado-Maior todos os inúteis, Boris conseguira manter-se no quartel-general e se aproximara do conde Benigsen. O conde Benigsen, como todos aqueles junto de quem Boris se achava, considerava o jovem príncipe Drubetzkoï um homem preciosíssimo.

No comando do exército havia dois partidos bem distintos: o partido de Kutuzov e o de Benigsen, chefe do Estado-Maior. Boris pertencia ao segundo partido e ninguém melhor do que ele, embora sempre demonstrando um respeito servil por Kutuzov, sabia dar a compreender que o velho já não regulava e que todas as operações eram dirigidas por Benigsen.

Agora havia chegado o momento decisivo da batalha que devia ou aniquilar Kutuzov e dar o poder a Benigsen ou, mesmo Kutuzov ganhando a batalha, fazer sentir que o mérito era de Benigsen. Em todo o caso, grandes recompensas deviam ser distribuídas no dia seguinte, novas pessoas deviam ser promovidas, e era essa a razão que deixava Boris tão nervoso.

Depois de Kaissarov outros conhecidos de Pierre aproximaram-se dele, e ele não tinha tempo de responder às perguntas que lhe faziam sobre Moscou, nem de ouvir as histórias que lhe contavam. Todas as fisionomias refletiam entusiasmo e perturbação. Mas pareceu a Pierre que a causa da animação, que se exprimia nesses semblantes, era sobretudo o desejo do êxito pessoal, e não lhe saía da mente a expressão excitada que ele via em outros e que não se preocupava com assuntos pessoais, mas sim com problemas gerais da vida e da morte. Kutuzov notou a presença de Pierre e o grupo que se formava em torno dele.

— Chamem-no — disse Kutuzov.

O ajudante de ordens transmitiu o desejo do sereníssimo, e Pierre dirigiu-se para o banco. Mas antes dele um soldado se aproximava de Kutuzov, era Dolokhov.

— Como é que ele está aqui? — perguntou Pierre.

— É um tipo que aparece em toda a parte. Foi rebaixado, e agora quer se fazer valer. Tem algum projeto na cabeça e, durante a noite, foi até as linhas inimigas. Que ele é valente não se pode negar!...

Pierre tirou o chapéu e inclinou-se respeitosamente diante de Kutuzov.

— Pensei que, se procurasse Vossa Excelência, poderia me mandar embora ou dizer que já estava a par do assunto, o que não deixaria de ser humilhante para mim — dizia Dolokhov.

— É isso. É isso.

— Mas, se tenho razão, sou útil à pátria pela qual estou pronto a morrer.

— É isso. É isso.

— E se Vossa Excelência precisa de um homem que não poupe sua vida, queira lembrar-se de mim... Talvez eu possa ser útil à Vossa Excelência.

— É isso, é isso — repetia Kutuzov, virando-se alegremente para Bezukhov.

Nesse momento, com sua habilidade de cortesão, Boris chegou ao lado de Pierre, nas proximidades do chefe, e, muito naturalmente, sem levantar a voz, como se prosseguisse uma conversa, disse a Pierre:

— Os milicianos, na maior simplicidade, prepararam-se para a morte vestindo camisas brancas limpas. Que heroísmo, conde!

Evidentemente Boris dizia isso a Pierre para ser ouvido pelo sereníssimo. Ele sabia que Kutuzov prestaria atenção às suas palavras e, com efeito, o sereníssimo dirigiu-se a ele.

— O que há com os milicianos?

— Preparando-se para amanhã, Excelência, preparando-se para a morte, eles vestiram camisas brancas.

— São uns homens admiráveis, incomparáveis! — disse Kutuzov e, fechando os olhos, sacudiu a cabeça. — Gente incomparável — repetia, suspirando. — Quer sentir o cheiro da pólvora? — perguntou ele a Pierre. — Tem razão, o cheiro da pólvora é agradável. Eu tenho a honra de ser um adorador de sua senhora, ela está bem? Meu campo está à sua disposição. — E como muitas vezes acontece às pessoas velhas, Kutuzov começou a olhar distraidamente em volta dele como se tivesse esquecido o que devia fazer ou dizer. Lembrando-se, sem dúvida, do que procurava, mandou chamar André Sergueitch Kaissarov, o irmão de seu ajudante de ordens.

— Não posso me lembrar daqueles versos de Marin! Ora... Aqueles que ele escreveu sobre Guerakov. “Serás professor da corporação...” Recita-os, recita-os — pediu Kutuzov, que, evidentemente, se preparava para rir.

Kaissarov leu os versos. Sorrindo, Kuruzov sacudia a cabeça no compasso.

Quando Pierre afastou-se de Kutuzov, Dolokhov aproximou-se dele e apertou-lhe a mão.

— Tenho muito prazer em vê-lo aqui, conde — disse ele em voz alta, num tom resoluto e grave, sem preocupar-se com a presença de pessoas estranhas. — Na véspera de um dia que só Deus sabe quem ficará vivo, sinto-me feliz por ter a oportunidade de dizer-lhe que lamento o mal-entendido que houve entre nós. Espero que o senhor não guarde o menor ressentimento, e peço-lhe que me perdoe.

Sorrindo, Pierre olhava para Dolokhov sem saber o que dizer. Com os olhos rasos d’água, Dolokhov abraçou e beijou Pierre.

Boris disse alguma coisa a seu general, e o conde Benigsen, dirigindo-se a Pierre, convidou-o para acompanhá-lo até a linha de combate.

— Será muito interessante para o senhor — disse ele.

— Sim, muito interessante — repetiu Pierre.

Meia hora mais tarde Kutuzov partia para Tatarinovo, e Benigsen, com sua comitiva, da qual Pierre fazia parte, saía para o campo.

XXIII

De Gorki, Benigsen desceu pela estrada principal em direção à ponte que o oficial havia indicado a Pierre, do alto do morro, como centro da posição, e junto da qual havia pilhas de pasto ceifado com cheiro de feno. Atravessando a ponte, eles entraram na aldeia de Borodino, de lá viraram para a esquerda e, diante de uma grande quantidade de tropas e canhões, eles atingiram o cimo do morro, onde os milicianos cavavam trincheiras. Era um reduto ainda sem nome e que mais tarde foi chamado reduto de Raievski ou a bateria do morro. Pierre não prestou muita atenção a esse reduto. Não sabia que, para ele, esse local seria o mais memorável da batalha de Borodino. Em seguida eles partiram pela ravina de Semenovskoie, de onde os soldados levavam as últimas vigas das isbás e dos alpendres. Depois, subindo e descendo colinas, por campo de centeio queimado pela geada, passaram pela nova estrada feita para a artilharia até as trincheiras que estavam sendo abertas.

Benigsen parou um momento sobre as trincheiras e contemplou o reduto de Chevardino, que na véspera ainda se achava em nosso poder e onde se via alguns

cavaleiros. Os oficiais diziam que Napoleão e Murat estavam lá, e todos olhavam avidamente esse grupo de cavaleiros. Pierre também olhava e procurava adivinhar quem, entre aqueles homens que mal se podia distinguir, era Napoleão. Finalmente os cavaleiros desceram do morro e desapareceram. Benigsen dirigiu-se ao general que se aproximava dele e começou a explicar-lhe a situação de nossas tropas.

Pierre escutava as palavras de Benigsen fazendo o possível para compreender o plano da futura batalha, mas sentia com tristeza que suas capacidades intelectuais não eram suficientes para tanto. Não compreendia nada. Benigsen parou de falar e percebendo que Pierre o escutava lhe disse:

— Creio que isso não o interessa.

— Pelo contrário, muito interessante — repetiu Pierre não muito sinceramente.

Das trincheiras eles rumaram ainda mais para a esquerda pela estrada que serpenteava dentro da floresta de bétulas não muito altas. No meio da floresta, diante deles, um coelho marrom, de patas brancas, saltou na estrada. Assustado pelo ruído de cascos de um tão grande número de cavalos, perturbou-se tanto que disparou aos saltos pela estrada, à frente, por um tempo, provocando a atenção geral e o riso. Mas quando ouviu gritos no seu encalço, atirou-se na mata e desapareceu.

Depois de ter percorrido duas *verstas* na floresta, eles alcançaram uma várzea onde se achavam as tropas de Tutchkov, que deviam defender o flanco esquerdo.

Aqui, no extremo flanco esquerdo, Pierre achava que Benigsen falava muito, com energia e alto demais. Ele estava dando uma ordem militar muito importante.

Diante das tropas de Tutchkov havia um pequeno outeiro que não estava ocupado pelas tropas. Benigsen criticava vivamente esse erro e dizia que era uma loucura não ocupar uma elevação que dominava a região e deixar as tropas na planície. Alguns generais exprimiam a mesma opinião. Um, principalmente, com todo o ardor militar, dizia que eles haviam sido postos lá para serem dizimados. Benigsen, em seu próprio nome, ordenou que fossem colocadas tropas na elevação.

Essa ordem no flanco esquerdo ainda aumentou o ceticismo de Pierre a respeito de sua capacidade de compreender os assuntos militares. Ouvindo Benigsen e os generais que censuravam a posição das tropas no pé da elevação, Pierre os compreendia perfeitamente e estava de acordo com eles, mas, precisamente por isso, ele não podia compreender como aquele que as colocara ao pé da montanha tivesse podido cometer um erro tão grosseiro, tão evidente.

Pierre ignorava que aquelas tropas não se achavam ali para defender a posição, como pensava Benigsen, mas que haviam sido assim dispostas na previsão de uma emboscada, isto é, para passarem desapercibidas e se lançarem de surpresa sobre as vanguardas inimigas.

Benigsen não sabia disso e deslocava tropas vantajosamente dispostas, como melhor lhe parecia e sem dar ciência da mudança o comandante em chefe.

XXIV

Nessa tarde clara do dia 25 de agosto, o príncipe André estava deitado, apoiado nos cotovelos, num alpendre demolido da aldeia de Kniazkovo, no limite da posição de seu regimento. Pelo buraco da parede em ruínas ele olhava a fila de bétulas de trinta anos, com os galhos inferiores cortados, olhava um campo com aveia colhida e uma mata acima da qual se via a fumaça das fogueiras onde os soldados cozinhavam.

Por mesquinha, inútil e dolorosa que agora lhe parecesse sua vida, o príncipe André se sentia emocionado e nervoso, tal como sete anos antes, na véspera da batalha de Austerlitz.

Ele havia recebido e dado ordens para a batalha do dia seguinte. Nada mais tinha que fazer, mas os pensamentos mais simples, os mais claros, e depois os mais terríveis, não lhe davam trégua. Ele sabia que a batalha do dia seguinte devia ser a mais pavorosa de todas de que havia participado e, pela primeira vez na sua vida, sem nenhuma relação com todos os outros, não só perante si próprio, mas também perante sua alma, ele encarava a possibilidade da morte com uma quase certeza simples e perturbadora. E diante dessa imagem, tudo que antes o preocupava e atormentava iluminava-se subitamente com uma luz fria, branca, sem sombras, sem perspectiva, sem planos diferenciados. Sentia que via a vida através de uma lanterna mágica, do outro lado de um vidro, sob os raios de uma luz artificial. Agora, sob a luz clara do dia, ele via subitamente todas essas imagens mal pintadas. “Sim, sim, aí estão essas imagens falsas que me

emocionaram, entusiasmaram e atormentaram”, dizia ele consigo, relembando os principais quadros da lanterna mágica de sua vida e observando-os agora sob essa luz fria, branca, do dia — a sensação nítida da morte. “Aí estão essas figuras grosseiramente pintadas que se apresentam como algo de belo e misterioso: a glória, o bem público, o amor à mulher, à própria pátria! Como esses quadros me pareciam grandiosos! Como me pareciam cheios de um sentido profundo! E tudo isso é simples, desbotado e grosseiro sob a luz fria desta manhã que, eu o sinto, surge para mim.” Três dores de sua vida atraíam sua atenção de um modo particular: seu amor por uma mulher, a morte de seu pai e a invasão francesa, que conquistara a metade da Rússia. “O amor!... Aquela garotinha me parecia cheia de uma força misteriosa. Como é possível? Eu a amava, fazia planos poéticos sobre o amor, sobre a felicidade com ela. Rapaz sonhador!”, disse em voz alta e encolerizado. “Como é possível?! Eu acreditava num amor ideal que me devia conservar sua fidelidade durante um ano inteiro de ausência. Como a terna pomba da fábula, ela devia perecer separando-se de mim... E tudo isso é muito mais simples... Tudo isso é horivelmente simples e ordinário!”

“Meu pai também construía em Lissia-Gori, que ele considerava como sua terra, assim como seus camponeses e mesmo o ar que respirava. Mas Napoleão chega e, mesmo ignorando sua existência, o afasta de seu caminho como um trapo e destrói essa Lissia-Gori e toda a sua vida. E a princesa Maria diz que é uma provação vinda do alto, mas por que essa provação quando ele já não existe e não existirá mais? Quando ele não existirá nunca mais! Se ele já não existe, para que serve essa provação?! A pátria, a perda de Moscou... E amanhã me matarão, e talvez nem sequer por um francês, mas um dos nossos, como aquele soldado que, ontem, descarregou o fuzil perto de minha orelha. E os franceses virão e, segurando-me pelos pés e pela cabeça, me jogarão numa vala para que meu odor não os infete. Depois formar-se-ão novas condições de vida, que serão habituais para os outros e eu não as conhecerei, não existirei mais.”

Contemplou a fila de bétulas com seu tom amarelo, imóvel, suas folhas verdes e a casca branca e brilhante aos raios do sol. “Morrer! Que me matem amanhã!... Que eu deixe de existir... Que tudo isso aconteça e que eu desapareça!” Ele apresentava vivamente para si sua ausência desta vida. E essas

bétulas com sua luz e suas sombras, e essas nuvens crespas e essa fumaça das fogueiras, tudo isso se transformava a seus olhos e lhe parecia qualquer coisa de terrível e ameaçador. Um estremecimento percorreu-lhe a espinha. Levantou-se rapidamente, saiu do alpendre e começou a andar. Atrás do alpendre ouviam-se vozes.

— Quem está aí? — perguntou o príncipe André.

O capitão Timokhine, com o nariz vermelho, antigo comandante da companhia onde servia Dolokhov, e que agora comandava o batalhão por falta de oficiais, penetrou timidamente no alpendre. O ajudante de ordens e o tesoureiro do regimento entraram atrás dele. O príncipe André levantou-se rapidamente, ouviu o que os oficiais tinham para lhe dizer, deu-lhes ainda algumas ordens e se preparava para liberá-los quando, atrás do alpendre, ouviu uma voz conhecida que cochichava:

— *Que diable!*

E ao mesmo tempo esse homem esbarrava em alguma coisa.

O príncipe André olhou para fora do alpendre e viu Pierre, que se aproximava dele e quase caíra ao ir de encontro a uma pilha de lenha. Em geral era desagradável ao príncipe André encontrar pessoas conhecidas, principalmente Pierre, que o fazia recordar todos os momentos dolorosos por que ele havia atravessado durante sua última estada em Moscou.

— Muito bem! Que bons ventos o trazem? Palavra que não o esperava — disse ele.

Enquanto dizia essas palavras, nos seus olhos e no seu rosto não só havia secura, mas até mesmo hostilidade. Pierre o percebeu imediatamente.

Ele se aproximara do alpendre no melhor estado de espírito possível, mas ao perceber a expressão do rosto do príncipe André, sentiu-se constrangido, sem jeito.

— Cheguei... assim... Sabe, cheguei... Isso me interessa — disse Pierre, que nesse dia já havia repetido inúmeras vezes: “Isso me interessa.” — Quis assistir à batalha.

— Sim, sim. E os irmãos maçons, o que dizem eles da guerra? Como impedi-la? — disse ironicamente o príncipe André. — Conte as novidades de Moscou.

O que fazem os meus parentes? Chegaram finalmente a Moscou? — perguntou em tom sério.

— Chegaram. Soube por Júlia Drubetzkoi. Procurei-os, mas não os encontrei. Haviam partido para a casa de campo próxima de Moscou.

XXV

Os oficiais fizeram menção de se retirarem, mas o príncipe André, como se temesse estar a sós com o amigo, propôs-lhes que ficassem para tomar chá. Trouxeram chá e bancos. Surpresos, os oficiais observavam a enorme figura de Pierre e ouviam as histórias que ele contava a respeito de Moscou e da disposição das nossas tropas, que acabava de percorrer. O príncipe André se conservava calado e numa atitude tão hostil que Pierre se dirigia de preferência ao bom comandante de batalhão Timokhine.

— Então compreendeste toda a disposição das tropas? — interrompeu o príncipe André.

— Sim, mas, como não sou profissional, não posso dizer que tenha compreendido absolutamente tudo, entretanto, compreendo a disposição geral.

— Pois bem, você está mais informado do qualquer outro — disse em francês o príncipe André.

— Ah! — exclamou Pierre, olhando para o príncipe André por cima dos óculos. — E o que diz você da nomeação de Kutuzov?

— Causou-me uma grande satisfação — respondeu o príncipe André. — Tudo o que sei...

— E que juízo faz de Barclay de Tolly? Em Moscou só Deus sabe o que dizem dele. O que acha dele?

— Pergunte a eles — respondeu o príncipe André, apontando os oficiais.

Com seu sorriso indulgente, Pierre dirigiu um olhar interrogador a Timokhine, olhar com que todos bem ou mal dirigiam a ele.

— Quando o sereníssimo chegou, foi como se tivéssemos visto a luz — disse Timokhine timidamente sem despregar os olhos do seu coronel.

— Por que isso? — perguntou Pierre.

— São coisas. Por exemplo, a propósito da lenha e da alimentação quando recuamos de Sventzane, não nos foi permitido tocar na lenha, no feno nem em coisa nenhuma. Depois que fomos embora *ele* se apossou de tudo. Não é verdade, Excelência? No nosso regimento, dois oficiais responderam ao

conselho de guerra por atos dessa natureza. Pois bem, com a vinda do sereníssimo, tudo isso se tornou simples, tudo se ajeitou.

— E por que era proibido?

Sem saber como responder a essa pergunta, Timokhine olhava confuso em torno de si. Pierre a repetiu ao príncipe André.

— Foi para não arruinar o país que deixamos tudo ao inimigo — disse o príncipe André num tom irônico que dissimulava sua cólera. — É muito justo, não se pode autorizar o saque e habituar as tropas à pirataria. Também em Smolensk ele raciocinou com muito acerto, achando que os franceses eram mais fortes e podiam derrotar-nos. Mas ele não podia compreender — dizia o príncipe, de repente num tom estridente — que lá, pela primeira vez, nós lutamos em terra russa, que as tropas estavam animadas por um sentimento que eu não conhecia, que por duas vezes consecutivas detivemos os franceses e que esse êxito decuplicou nossas forças! — Ele ordenou a retirada, e todas as perdas, todos os esforços se tornaram inúteis. Ele não pensava na traição, procurava fazer pelo melhor e calculou tudo, mas é por isso que ele não consegue nada. Não consegue nada agora, precisamente porque reflete com excessivo cuidado, com demasiada exatidão, como é próprio de um alemão. Como explicar-te... Imagina, por exemplo, que teu pai tenha um lacaios alemão, trata-se de um bom lacaios, que cumpre todas as suas obrigações, que satisfaz a todas as exigências. Mas se teu pai está muito doente, agonizante, tu despacharás o lacaios e, com tuas próprias mãos, sem experiência, desajeitado, tu mesmo cuidarás de teu pai e o farás melhor que qualquer estranho, por mais hábil que seja. O mesmo acontece com Barclay. Enquanto a Rússia estava forte, um estrangeiro podia servir a ela, e Barclay era um hábil ministro, mas agora, que ela está em perigo, precisa de um dos seus homens. No nosso clube ele foi tachado de traidor! E por o terem caluniado chamando-o de traidor, resultará o seguinte: envergonhados com a calúnia, farão dele um herói ou um gênio, o que será ainda mais injusto. É um alemão honesto e muito meticoloso...

— Entretanto ele é tido como um comandante muito capaz! — disse Pierre.

— Eu não compreendo o que significa um comandante muito capaz — disse o príncipe André, sorrindo.

— O comandante capaz é aquele que prevê todos os acasos e adivinha os projetos do adversário — retrucou Pierre.

— Mas isso é impossível! — replicou o príncipe André, como se se tratasse de um assunto há muito tempo resolvido.

Pierre o fitava com expressão admirada.

— Contudo, dizem que a guerra pode ser comparada a uma partida de xadrez.

— Sim — disse o príncipe André —, mas com a pequena diferença que, numa partida de xadrez, tu podes refletir a cada passo, quanto queiras, o tempo não é uma questão, e ainda com outra diferença: no xadrez o cavalo sempre é mais forte que o peão, e dois peões sempre são mais fortes que um, enquanto que na guerra um batalhão pode ser mais forte que uma divisão e às vezes mais fraco que uma companhia. A força relativa das tropas não pode ser conhecida por ninguém. Fica certo de que, se alguma coisa dependesse das ordens dos estados-maiores, eu estaria lá e daria ordens, mas, em lugar disso, tenho a honra de servir aqui, na tropa, com esses senhores, e creio que é de nós, e não deles, que depende o dia de amanhã. O êxito não depende e nunca dependerá da posição, nem do armamento, nem mesmo do número, mas ainda menos da posição.

— Mas de que então?

— Desse sentimento que existe dentro de mim, dentro dele (apontou Timokhine), dentro de cada soldado.

O príncipe André fitava Timokhine, que, assustado, surpreso, não tirava os olhos de seu chefe. O príncipe André, ordinariamente taciturno, parecia emocionado nesse momento. Não podia deixar de exprimir as ideias que lhe vinham espontaneamente.

— Ganha a batalha aquele que, firmemente, resolveu ganhá-la. Por que perdemos a batalha de Austerlitz? Nossas perdas foram quase iguais às dos franceses, mas nós nos apressamos em acreditar que havíamos perdido a batalha, e nos dissemos isso porque já não tínhamos gana de combater. Todos queriam fugir quanto antes do campo de batalha: “Fomos derrotados, fujamos!” E fugimos. Se até a noite não nos tivéssemos dado por vencidos, sabe Deus o que teria acontecido. E amanhã não nos daremos por vencidos. Tu dizes: nossa posição, o flanco esquerdo é fraco, o flanco direito está em linha, mas tudo isso é tolice, nada disso existe. E o que teremos nós amanhã?! Centenas, milhares de

circunstâncias as mais diversas que serão resolvidas de um momento para outro pelo fato de serem os deles ou os nossos que vão fugir, de ser morto tal homem ou de matar um outro. Aqueles com quem inspecionaste as posições, além de não contribuírem em nada para o desenrolar geral dos acontecimentos, ainda a entravam. São interesses mesquinhos que os movem.

— Num momento como este! — exclamou Pierre num tom de censura.

— Num momento como este — repetiu o príncipe André. — Para eles, é só em tais momentos que se pode progredir e receber maior número de condecorações. No meu modo de entender, eis o que acontecerá amanhã: Um exército russo de cem mil homens e um exército francês de cem mil homens estão preparados para o combate, esses duzentos mil homens lutarão, e aqueles que lutarem com mais ardor e menos se queixarem serão os vencedores. E ainda digo uma coisa: amanhã, aconteça o que acontecer, por mais artimanhas que se pratiquem nas altas esferas, nós ganharemos a batalha. Amanhã, custe o que custar, venceremos.

— Eis a verdade, Excelência, a verdadeira verdade! — disse Timokhine. — Desta vez, não se deve queixar-se. O senhor talvez não acredite, mas os soldados de meu batalhão não beberam aguardente. Não é o dia, dizem eles.

Todos se calaram.

Os oficiais se levantaram. O príncipe André os acompanhou até o lado de fora e transmitiu as últimas providências ao ajudante de ordens. Quando os oficiais se retiraram, Pierre aproximou-se do príncipe André. Ia dizer qualquer coisa quando, na estrada, próximo do alpendre, ressoaram os cascos de três cavalos. Olhando nessa direção, o príncipe André reconheceu Woltzogen e Klosevitch, acompanhados por um cossaco. Atravessaram o prado conversando, e Pierre e o príncipe André, sem o querer, ouviram as seguintes frases ditas em alemão.

— A guerra precisa ser estendida. Faltam-me palavras para exprimir minha admiração por esse conceito — dizia um.

— É isso mesmo. Como a finalidade é enfraquecer o inimigo, não se pode ter em consideração a perda de indivíduos — dizia a outra voz.

— Sim, sim — repetiu a primeira voz.

— Sim, estender a guerra... — repetiu o príncipe André, resmungando colericamente depois deles terem passado. — Estender. Eu tinha um pai, uma

irmã e um filho em Lissia-Gori, essa terra estendida. Isso lhe é indiferente! Eis o que eu te dizia. Esses senhores alemães não ganharão a batalha de amanhã, mas estragarão tudo que puderem porque na cabeça alemã só se desenvolvem raciocínios que não valem a casca de um ovo, e além disso eles não possuem a única coisa necessária para amanhã, e que Timokhine possui. Entregaram a ele a Europa inteira a *ele* e estão aqui para nos instruir. Que bons mestres! — E sua voz ficou estridente de novo.

— Então você acredita que nós ganharemos a batalha amanhã? — perguntou Pierre.

— Sim, sim — respondeu distraidamente o príncipe André. — A única coisa que eu ordenaria se tivesse autoridade — prosseguiu — era não fazer prisioneiros. Para que prisioneiros? São costumes cavalheirescos. Os franceses saquearam minha casa, vão devastar Moscou, ofenderam-me e continuam me ofendendo a cada instante, são meus inimigos, na minha concepção, todos são criminosos. Timokhine e todo o exército pensam como eu. Deve-se executá-los. Se eles são meus inimigos, não podem ser meus amigos, apesar do que foi dito em Tilsitt.

— Sim, sim, sou de sua opinião — disse Pierre, fitando o príncipe André com olhos brilhantes.

O problema que, durante o dia inteiro, desde a colina de Mojaisk, perturbara Pierre, agora lhe parecia definitivamente resolvido e claro.

Compreendia agora todo o sentido e a importância dessa guerra e da futura batalha. Tudo o que vira durante esse dia, a expressão grave, concentrada das fisionomias que percebera de passagem aparecia-lhe sob uma luz nova. Compreendia esse calor latente — como se diz em física — do patriotismo de toda essa gente que via, e sabia por que todos se preparavam para a morte com toda a calma e ao mesmo tempo toda a frivolidade.

— Não fazer prisioneiros — prosseguia o príncipe André. — Somente isso daria um novo aspecto à guerra e a tornaria menos cruel. E nós brincamos de guerra, eis o que está errado. Fomos magnânimos. Essa magnanimidade e essa sensibilidade são do gênero daquelas de uma senhora que se sente mal quando vê uma vitela sendo morta: é tão boa que não pode ver o sangue correr, mas come com apetite a vitela depois de ensopada. Falam-nos do direito da guerra,

do cavalheirismo, dos que são enviados para negociar, dos sentimentos humanos para com os desgraçados etc., tudo tolices! Em 1805, eu vi o cavalheirismo, os enviados para negociar! Fomos enganados e enganamos! Saqueiam minha casa e fazem circular moeda falsa, matam meus filhos, meu pai e falam do direito da guerra, da magnanimidade para com os inimigos! Não fazer prisioneiros, mas matar e enfrentar a morte! Aquele que como eu chegou a esse ponto, pelos mesmos sofrimentos...

O príncipe André, que pensava ser-lhe indiferente que tomassem Moscou como haviam tomado Smolensk, calou-se bruscamente. Um espasmo inesperado apertava-lhe a garganta. Deu alguns passos em silêncio, mas seus olhos brilhavam febrilmente e seus lábios tremiam quando recomeçou a falar.

— Se a magnanimidade não existisse na guerra, nós só marcharíamos no caso em que fosse necessário, como agora, ir ao encontro da morte. Não haveria guerra porque Paulo Ivanitch ofendeu Miguel Ivanitch. Mas a guerra como a de agora, isso é que é guerra. Porque então o estado de espírito das tropas seria outro, todos esses westfalianos e hessianos que Napoleão conduz não o teriam acompanhado até a Rússia, e nós não teríamos ido combater na Áustria e na Prússia sem querer saber por quê. A guerra não é uma coisa graciosa, mas a mais horrível das atividades, e é preciso compreender isso para não fazer dela um brinquedo. É preciso aceitar séria e severamente essa terrível necessidade. Tudo está nisso. Rejeita-se a mentira, e a guerra será a guerra, e não um brinquedo. Sob outro prisma, a guerra é o divertimento favorito das pessoas ociosas e levianas. A classe militar é a mais honrosa, e o que é a guerra? E no trabalho militar o que é necessário para o êxito? Quais são os costumes da vida militar? O objetivo da guerra, da batalha, é o assassinato; os instrumentos da guerra são a espionagem, a traição e seu estímulo, a ruína dos habitantes, o saque e o roubo para alimentar os exércitos, o embuste e a mentira, que são chamados de astúcia militar. A base dos costumes da vida militar é a disciplina, isto é, a ausência de liberdade, a ociosidade, a ignorância, a crueldade, a devassidão, a embriaguez. E apesar disso, é a classe superior, respeitada por todos. Todos os imperadores, salvo o imperador da China, usam uniforme militar, e àquele que matou maior número de pessoas cabem as mais altas recompensas. Encontrar-se-ão, como amanhã, para lutarem; dezenas de milhares de homens serão feridos e mortos e,

depois, serão celebradas missas em ação de graças por se ter matado muita gente (e ainda exagerar-se-á o número) e será proclamada a vitória na suposição de que tanto maior é o mérito quanto maior for o número de mortos. Que Deus contemple lá do alto e os ouça! — gritou o príncipe André com uma voz ameaçadora e estridente. — Ah! meu amigo, nestes últimos tempos a vida me tem sido insuportável. Creio que estou começando a compreender demais, e não convém ao homem provar o fruto da árvore do bem e do mal. Mas não será por muito tempo — acrescentou. — Estás cansado? Também está na minha hora. Parte para Gorki — disse subitamente o príncipe André.

— Não, não vou — replicou Pierre, olhando para o príncipe André com os olhos assustados e ternos.

— Vai, sim, antes da batalha é preciso dormir bem — repetiu o príncipe André. Aproximou-se rapidamente de Pierre e o abraçou. — Adeus, vai — gritou. — Tornaremos ou não a nos ver. — E, voltando-se rapidamente, entrou no alpendre.

Já estava escuro e Pierre não podia distinguir se a expressão do príncipe André era afetuosa ou hostil.

Por muito tempo permaneceu imóvel, sem saber se devia acompanhá-lo ou voltar para casa. “Não, ele não precisa”, resolveu Pierre, “e eu sei que é o nosso último encontro”. Suspirou profundamente e voltou para Gorki.

Tendo entrado no alpendre, o príncipe André estirou-se num tapete, mas não conseguiu dormir. Fechou os olhos. As imagens se sucediam umas às outras; diante de uma delas deteve-se demoradamente, com alegria. Lembrava-se vivamente de uma noite em Petersburgo. Natacha, com a fisionomia emocionada, cheia de animação, contava-lhe como, no verão anterior, saíra para colher cogumelos e perdera-se na grande floresta. Ela lhe descrevia desordenadamente a profundidade da floresta, as sensações que tinha, sua conversa com um criador de abelhas que encontrara e, cada instante, interrompendo a narração, dizia: “Não, não posso, não estou contando direito, você não compreende”, apesar de ele tranquilizá-la e dizer-lhe que compreendia. E, efetivamente, compreendia tudo o que ela queria dizer.

Natacha não estava satisfeita com a sua narração, sentia que não conseguia reproduzir a sensação viva, poética que experimentara naquele dia e que

desejava exprimir.

“Aquele velho era um encanto e a floresta estava tão sombria... E havia nele tanta doçura... Não, não sei contar”, dizia ela corando de emoção. Agora o príncipe André sorria com o mesmo sorriso alegre com que fitara seus olhos. “Eu a compreendia”, pensava o príncipe André. “Não só eu a compreendia, mas era justamente essa fortaleza de alma, essa franqueza, essa candura de alma que o corpo parecia reunir que me encantavam nela... Gostava de tudo isso, amava tão profundamente isso... eu era tão feliz...”

E subitamente recordou-se do fim desse romance. “Para ele nada disso era necessário; *ele* não via essas coisas e não as compreendia. *Ele* só via nela uma menina bonita e *fresca* a quem não pretendia ligar sua vida. Já eu! E até agora *ele* continua vivendo, continua alegre...”

Como se alguma coisa o tivesse queimado, o príncipe André deu um salto e pôs-se a caminhar diante do alpendre.

XXVI

No dia 25 de agosto, véspera da batalha de Borodino, o prefeito do palácio imperial francês, Monsieur de Beausset, e o coronel Fabvier alcançavam Napoleão no seu acampamento de Valuievo, o primeiro vindo de Paris, o segundo de Madri.

Monsieur de Beausset, vestindo o uniforme da corte, mandara levar na sua frente uma caixa para o imperador. Penetrou no primeiro aposento da tenda de Napoleão, onde, conversando com os ajudantes de ordens que o cercavam, começou a abrir a caixa.

Fabvier, sem entrar na tenda, ficou no pátio conversando com alguns generais seus conhecidos.

O imperador Napoleão ainda não saíra de seu quarto e terminava de vestir-se.

Suspirando e arquejando, ora virava as costas largas, ora o peito gordo, peludo, para a escova do lacaio, que friccionava seu corpo. Outro lacaio, tapando o vidro com o dedo, vaporizava com água de colônia o corpo bem tratado do imperador e fazia isso com uma expressão tal, como se só ele soubesse onde e como espalhar a água de colônia.

Os cabelos curtos de Napoleão estavam molhados e caíam-lhe sobre a testa, mas seu rosto, embora balofo e amarelado, exprimiam o bem-estar físico...

— Continua, com força, continua... — disse ele ao laçao que o friccionava, ofegante pelo esforço.

O ajudante de ordens que entrara no quarto para comunicar-lhe o número de prisioneiros feitos na véspera, depois de ter feito a comunicação, mantinha-se junto da porta, aguardando a permissão para retirar-se. Napoleão franziu o cenho e fitou de esguelha o oficial.

— Sem prisioneiros. Eles se deixam dizimar. Pior para o exército russo — disse, ao ouvir as palavras do ajudante de ordens. — Continua sempre, esfrega com força — ordenou, curvando seus largos ombros. — Está bem, mande entrar Monsieur Beausset e também Fabvier — disse o ajudante de ordens, sacudindo a cabeça.

— *Oui, Sire.* — E o ajudante de ordens retirou-se.

Os dois lacaios vestiam rapidamente Sua Majestade, que, no seu uniforme azul da guarda, em passos rápidos e decididos, entrou na sala de recepção.

Enquanto esperava, Beausset preparava às pressas o presente que a imperatriz enviara por seu intermédio e o instalava sobre duas cadeiras, bem em frente da porta por onde o imperador devia entrar. Mas Napoleão se vestira muito rapidamente e entrou antes que Beausset pudesse terminar seus preparativos para a surpresa.

Napoleão não quis privá-lo do prazer de fazer-lhe uma surpresa. Fingiu não o ver e chamou Fabvier. De cenho franzido, ouvia o que Fabvier lhe contava sobre a coragem e dedicação de suas tropas que lutavam em Salamanca, na outra extremidade da Europa, e que só tinham um pensamento: serem dignas de seu imperador; e um único receio: desagradá-lo. Os resultados da batalha eram tristes. Napoleão fazia observações irônicas ao relato de Fabvier, como se já estivesse convencido de que na sua ausência não poderia ser de outra forma.

— Tenho que compensar isso em Moscou — disse Napoleão. — Até logo — acrescentou. E chamou Beausset, que, tendo finalmente preparado sua surpresa, colocara-a sobre as cadeiras e a cobrira com um véu.

Beausset fez uma reverência profunda, à moda da corte francesa, como só sabiam fazer os velhos servidores dos Bombon, e aproximou-se com um

envelope na mão.

Napoleão dirigiu-se alegremente a ele e puxou-lhe a orelha.

— O senhor apressou-se. Isso me alegra. E o que se diz em Paris? — perguntou, mudando subitamente de expressão e tornando-se o mais terno possível.

— *Sire*, Paris inteira lamenta a sua ausência — respondeu de Beausset habilmente.

Embora Napoleão soubesse que Beausset devesse responder assim ou com uma expressão semelhante, embora ele soubesse que no momento isso não era verdade, era-lhe agradável ouvi-lo dos lábios de Beausset. Dignou-se puxar-lhe mais uma vez a orelha.

— Sinto-me mal por tê-lo obrigado a vir tão longe.

— *Sire!* Esperava encontrá-lo pelo menos nas portas de Moscou — respondeu Beausset.

Napoleão sorriu, virando distraidamente a cabeça para a direita. O ajudante de ordens aproximou-se com passo cadenciado, oferecendo-lhe a tabaqueira.

Napoleão a tomou das mãos do oficial.

— Sim, isso vem a propósito para o senhor, que gosta de viajar — disse, aspirando uma pitada de fumo. — Dentro de três dias verá Moscou. É provável que não contasse ver a capital asiática. Sua viagem será agradável.

Beausset inclinou-se em sinal de agradecimento por essa atenção ao seu gosto (que ele ignorava até esse momento) de viajar.

— Ah! O que é isso? — perguntou Napoleão, notando que todos os cortesãos olhavam alguma coisa coberta com um véu.

Beausset, com a solicitude de um homem de corte, sem virar as costas, fez meia volta, deu dois passos para trás e, ao mesmo tempo, tirou o pano e disse:

— Um presente para Vossa Majestade da parte da imperatriz.

Era um retrato em cores, pintado por Girard, do filhinho de Napoleão e da filha do imperador da Áustria. Todos, sem que se saiba por quê, chamavam o menino de rei de Roma. Um garoto muito bonito, de cabelos encaracolados, com o olhar de Jesus da Madona Sistina estava retratado jogando bilboquê. A esfera representava o universo, e o cabo na outra mão, o cetro. Embora a intenção do pintor, que retratara o rei de Roma furando o mundo com uma vara, não fosse

muito evidente, essa alegoria pareceu muito clara e agradou muito aos que haviam visto o quadro em Paris, assim como a Napoleão.

— O rei de Roma! — exclamou, apontando para o retrato num gesto gracioso de mão. — Admirável!

Com a capacidade peculiar aos italianos de mudar à vontade de expressão, aproximou-se do retrato com um ar de ternura pensativa.

Ele sentia que tudo que dissesse e pensasse agora pertenceria à história. Parecia-lhe que, nesse momento, o melhor que ele poderia fazer diante de seu filho jogando bilboquê com o mundo, graças à sua própria grandeza, seria demonstrar-se simples e ternamente paternal. Seus olhos se turvaram. Aproximou-se, lançou um olhar à procura de uma cadeira (a cadeira apareceu para ele), sentou-se diante do retrato, fez um gesto, e todos se retiraram na ponta dos pés, deixando o grande homem entregue a seus sentimentos.

Permaneceu assim durante algum tempo e, sem saber por quê, tocou a bola com o dedo. Levantou-se chamando Beausset e o ordenança. Mandou que colocassem o retrato na frente da tenda a fim de não privar a velha guarda — que cercava sua tenda — da felicidade de ver o rei de Roma, o filho e o herdeiro de seu imperador adorado.

Como ele esperava, enquanto almoçava como Monsieur Beausset, muito honrado com o convite, ouviu gritos entusiastas dos oficiais e soldados da velha guarda que acorreram para ver o retrato.

— Viva o imperador! Viva o rei de Roma! Viva o imperador! — gritavam vozes entusiásticas.

Depois do almoço, na presença de Beausset, Napoleão ditou sua proclamação do dia ao exército.

— Breve e enérgica! — comentou, depois de ter lido a seguinte proclamação escrita de um só jato, sem uma emenda:

Soldados! Aqui tendes a batalha tão desejada! A vitória depende de vós! Ela é necessária para nós. Ela nos dará tudo de que precisamos: um alojamento cômodo e a volta próxima para a pátria. Procedei como procedestes em Austerlitz, Friedland, Vitebsk e Smolensk. Que a posteridade recorde com orgulho vossos atos de hoje. Que de cada um de vós se diga: ele esteve na grande batalha de Moscova!

— *De la Moscova!* — repetiu Napoleão. E, convidando para seu passeio o senhor Beausset, que gostava de viajar, saiu da tenda dirigindo-se para os cavalos selados.

— Vossa Majestade é por demais bondoso — disse Beausset ao receber o convite do imperador.

Ele queria dormir. Não sabia montar e tinha medo de fazê-lo.

Mas Napoleão sacudiu a cabeça e Beausset teve que conformar-se.

Quando Napoleão saiu da tenda, redobram os gritos da guarda postada diante do retrato do filho. Napoleão franziu o cenho.

— Tirem-no — fez, mostrando o retrato num gesto gentil e majestoso. — Ainda é muito cedo para que ele veja os campos de batalha.

Cerrando os olhos, Beausset inclinou a cabeça num suspiro profundo, demonstrando nesse gesto quanto sabia apreciar e compreender as palavras do imperador.

XXVII

Durante todo esse dia 25 de agosto, dizem os historiadores, Napoleão se manteve a cavalo, inspecionando a região, discutindo os planos que seus marechais lhe apresentavam e transmitindo pessoalmente as ordens a seus generais.

A frente primitiva das tropas russas nas margens do Kolotcha fora rompida e uma parte dessa frente, notadamente o flanco esquerdo, recuara em consequência da tomada de Chevardino no dia 24. Esse flanco não estava fortificado, não estava mais protegido pelo rio e tinha diante de si um descampado completamente plano. Era evidente para qualquer um, militar ou não, que era esse o ponto que os franceses deveriam atacar. Parece que para tirar essa conclusão não seriam necessários muitas considerações, nem tantos cuidados e idas e vindas do imperador e dos marechais, nem essa capacidade particular, superior, que chamam de gênio e que gostam tanto de atribuir a Napoleão. Mas os historiadores que descreveram esse acontecimento, os homens que então cercavam Napoleão e o próprio Napoleão pensavam de forma diferente.

Napoleão circulava pelo campo de batalha, observava atentamente a região, sacudia a cabeça em sinal de aprovação ou desconfiança, sem transmitir a seus

gerais o processo interior das ideias que guiavam sua decisão, e apenas transmitia as conclusões definitivas sob a forma de ordens.

Ouvindo a sugestão de Davout — chamado duque de Eckmuhl — de contornar o flanco esquerdo dos russos, Napoleão respondeu negativamente, dizendo que era inútil, e sem explicar os motivos. Mas quando o general Compaing (que devia atacar as trincheiras) propôs passar sua divisão pela floresta, Napoleão concordou, embora o chamado duque de Elchingen, isto é, Ney, tivesse tomado a liberdade de observar que o movimento na floresta fosse perigoso e pudesse desordenar a divisão.

Depois de ter examinado a região diante das fortificações de Chevardino, Napoleão refletiu em silêncio durante algum tempo e designou os lugares onde deveriam estar postas, no dia seguinte, duas baterias destinadas a agir contra as fortificações russas e os lugares onde, ao lado delas, deveria achar-se a artilharia de campo.

Depois de dar essas ordens e ainda outras, entrou na sua tenda e ditou o plano de batalha. Esse plano, ao qual os historiadores franceses se referem com entusiasmo e os outros historiadores com profundo respeito, era o seguinte:

“Duas baterias serão instaladas durante a noite na planície ocupada pelo duque de Eckmuhl e, ao amanhecer, abrirão fogo contra as duas baterias inimigas fronteiras.

“Nesse meio-tempo, o comandante da artilharia do primeiro corpo, general Pernetti, avançará com trinta canhões da divisão de Compaing e com todos os obuseiros da divisão de Dessaix e de Friant, abrindo fogo e inundando de obuses a bateria inimiga, contra a qual agirão: vinte e quatro canhões de artilharia da guarda, trinta canhões da divisão de Compaing e oito canhões da divisão de Dessaix e Friant; total: sessenta e dois canhões.

“O comandante da artilharia do terceiro corpo, general Fouché, conduzirá todos os obuseiros do terceiro e oitavo corpos, num total de dezesseis, sobre os flancos da bateria que deverá metralhar as fortificações da esquerda, o que somará um total de quarenta canhões.

“O general Sorbier deverá estar pronto, ao primeiro sinal, para lançar-se com todos os obuseiros da artilharia da guarda contra uma ou outra das fortificações.

“Durante o canhoneio, o príncipe Poniatowski, através da floresta, rumará para a aldeia, ultrapassando as posições inimigas.

“O general Compaing atravessará a floresta para apoderar-se da primeira fortificação.

“Quando a batalha estiver travada, serão dadas ordens de acordo com os movimentos do inimigo.

“O canhoneio no flanco esquerdo começará assim que se ouvir o canhoneio no flanco direito.

“Os atiradores da divisão de Morand e os da divisão do vice-rei abrirão violento tiroteio assim que notarem o começo do ataque no flanco direito.

“O vice-rei ocupará a aldeia, [\[40\]](#) atravessará suas três pontes, acompanhando as divisões de Morand e Giraud, que, sob seu comando, se dirigirão para o reduto e formarão a frente de batalha com as outras tropas.

“Tudo isso será feito metodicamente e com ordem, preservando quanto possível as tropas de reserva.

“Redigido no campo imperial de Mojaisk, no dia 6 de setembro de 1812”.

Esse plano confuso e pouco claro — se se pode tomar a liberdade de criticar suas ordens, sem blasfemar o gênio de Napoleão — se resumia em quatro pontos, quatro disposições. Nenhuma dessas ordens podia ser nem foi cumprida.

No plano de batalha se lê primeiro: *Que as baterias instaladas no local escolhido por Napoleão, com os canhões de Perneti e de Fouché, que deverão reunir-se a elas, somando um total de cento e dois canhões, inundarão de obuses a trincheira russa e o reduto.* Isso não podia acontecer, pois dos lugares designados por Napoleão os obuses não atingiam os russos, e esses cento e dois canhões atiraram em vão até o momento em que um chefe inferior fê-los avançar, contrariando a ordem de Napoleão.

A segunda ordem era esta: *Poniatowski, dirigindo-se para a aldeia, pela floresta, ultrapassará o flanco esquerdo dos russos.* Isso não era possível e não aconteceu, pois ao rumar para a aldeia Poniatowski encontrou Tutchkov cortando-lhe o caminho, de sorte que não lhe era possível ultrapassar, como não ultrapassou, essa posição russa.

A terceira ordem: *O general Compaing atravessará a floresta para apoderar-se da primeira fortificação.* A divisão de Compaing não se apoderou da primeira

fortificação, mas foi rechaçada, pois ao sair da floresta teve que recuar sob o fogo da metralha que Napoleão não previra.

A quarta: *O vice-rei ocupará a aldeia (Borodino) e atravessar suas três pontes, acompanhando as divisões de Morand e de Friant (sem dizer onde e quando estas avançarão), que, sob o seu comando, se dirigirão para o reduto e formarão a frente de batalha com as outras tropas.* Como é fácil compreender, não por essa ordem confusa, mas pelas tentativas do vice-rei de cumprir as ordens recebidas, ele devia, atravessando Borodino, atacar o reduto pela esquerda, ao mesmo tempo que as divisões de Morand e Friand avançariam.

Tudo isso, como todos os outros pontos do plano, não foi nem podia ser cumprido. Tendo passado Borodino, o vice-rei foi rechaçado para as margens do Kolotcha e não pôde ir além, as divisões de Morand e Friand foram repelidas sem tomar o reduto que, no fim da batalha, foi tomado pela cavalaria (fato provavelmente não previsto por Napoleão).

De sorte que nenhuma única ordem do plano foi nem podia ser executada. Mas havia também o seguinte: uma vez travada a batalha, as ordens serão dadas em conformidade com os movimentos do inimigo. Poderia acreditar-se que, durante a batalha, todas as ordens necessárias tenham sido dadas por Napoleão. Mas isso não aconteceu nem poderia ter acontecido, pois, durante todo o tempo da batalha, Napoleão se achava tão distante (como se soube depois) que lhe era impossível mudar o rumo dos acontecimentos, nem transmitir uma única ordem que pudesse ser cumprida.

XXVIII

Vários historiadores dizem que a batalha de Borodino não foi ganha pelos franceses porque Napoleão estava atacado de um forte resfriado e que, se não fosse isso, suas ordens, antes da batalha, teriam sido ainda mais notáveis, os russos teriam sucumbido e a face do mundo teria se transformado. Para os historiadores que afirmam que a Rússia se formou pela vontade de um único homem, Pierre, o Grande, que a França se transformou de república em império e que suas tropas invadiram a Rússia em obediência à vontade de um só homem, Napoleão, é muito lógico o raciocínio de que a Rússia tenha vencido porque Napoleão estava com coriza no dia 26.

Se da vontade de Napoleão dependesse travar ou não a batalha de Borodino, se de sua vontade dependesse fazer tal ou tal plano, evidentemente esse

resfriado, que podia influenciar as manifestações de sua vontade, pode ter sido o motivo da salvação da Rússia, e, conseqüentemente, o laçao que, no dia 24, esqueceu de dar a Napoleão suas botas impermeáveis foi o salvador da Rússia. Raciocinando assim, essa conclusão é indiscutível; é tão indiscutível como a de Voltaire quando diz, pilheriando, que a noite de São Bartolomeu só teve lugar devido a uma indigestão de Carlos IX.

Mas para os que não admitem que a Rússia tenha se formado pela vontade de um só homem, Pierre I, nem que o império francês e a guerra contra a Rússia tenham sido feitos pela vontade de um só homem, Napoleão, não só esse raciocínio é inexato, desarrazoado, como contrário a todo espírito humano. E à pergunta “Qual a causa dos acontecimentos históricos?” se apresenta uma outra resposta: A marcha dos acontecimentos é predestinada, que ela depende da concordância de todos os atos das pessoas participantes desses acontecimentos e que a influência dos Napoleões sobre a marcha dos mesmos, é apenas exterior e fictícia.

Por estranha que pareça à primeira vista a suposição de que o massacre de São Bartolomeu, após ordem de Carlos IX, não tenha ocorrido por sua vontade, embora assim lhe parecesse, e que a batalha de Borodino, na qual pereceram oitenta mil homens, se tenha travado, não pela vontade de Napoleão, embora ele tivesse dado ordens para o começo e andamento da batalha, e embora ele julgasse determiná-la, por mais estranha que pareça essa suposição, a dignidade humana me diz que, se cada um de nós não é maior que Napoleão, também não é menor, essa dignidade humana nos leva a admitir essa solução do problema, e as pesquisas históricas confirmam extensamente tal hipótese.

Na batalha de Borodino, Napoleão não atirou em ninguém e não matou ninguém, seus soldados é que o faziam; logo, não era ele que matava.

Os soldados do exército francês matavam na batalha de Borodino não por ordem de Napoleão, mas por livre vontade.

Todo o exército — franceses, italianos, alemães, poloneses —, esfomeado, maltrapilho, esgotado pelas marchas, ao avistar o outro exército que lhe impedia a entrada em Moscou, sentia que depois de aberto o vinho é preciso bebê-lo. Se Napoleão, nesse momento, houvesse proibido o combate, eles o teriam matado e atacado os russos porque isso lhes era necessário.

Quando, depois de terem ouvido as ordens de Napoleão, que, para os consolar dos ferimentos e da morte, lhes dizia que a posteridade falaria neles como participantes da batalha de Moscova, eles gritavam *Vive l'empereur!*, como também haviam gritado *Vive l'empereur!* diante da imagem de uma criança furando o mundo com um cabo de bilboquê, como gritavam: *Vive l'empereur!* a toda tolice que ouviam.

Nada mais lhes restava a fazer que gritar: *Vive L'empereur!* e ir combater para encontrar o alimento e o repouso dos vencedores em Moscou.

Logo, não mataram seus semelhantes por causa da ordem de Napoleão.

E não era Napoleão que dirigia o desenrolar da batalha, já que nenhuma de suas ordens foi cumprida e que ele não sabia o que estava se passando diante dele. Por conseguinte, o fato de centenas de milhares de homens terem se matado não se realizou pela vontade de Napoleão, mas independentemente dela. O fato se realizou pela vontade de centenas de milhares de homens participantes de uma obra comum. A Napoleão, parecia apenas, que tudo se fazia por sua vontade. Por isso a pergunta “Estava ele resfriado ou não?” não tem importância maior que a gripe do último soldado das tropas de reabastecimento.

No dia 26 de agosto o resfriado de Napoleão não tinha a menor importância, e as afirmações dos historiadores de que o resfriado de Napoleão influenciara seu plano (menos bem feito que os anteriores) e as ordens durante a batalha (piores que as de outrora) são absolutamente injustificadas.

O plano não era pior — era mesmo melhor — que aqueles com os quais ganhara outras batalhas. As ordens imaginárias durante a batalha não eram piores que as antigas, mas semelhantes a todas as outras. Entretanto, esse plano e essas ordens pareceram piores porque a batalha de Borodino era a primeira que Napoleão não ganhava. Os planos e as ordens mais eficientes, mais sagazes, parecem péssimos, e todo sábio militar os critica cheio de propriedade quando não ganham a batalha, enquanto que os planos e as ordens mais medíocres parecem ótimos quando foi ganha a batalha, e homens sérios dedicam-lhes volumes e volumes para provar-lhes a excelência.

O plano de Weyrother para a batalha de Austerlitz era um modelo de perfeição no gênero e, no entanto, foi condenado pela demasiada perfeição de detalhes. Na batalha de Borodino, Napoleão desempenhou seu papel de

representante do poder tão bem ou ainda melhor que nas outras batalhas. Nada fez que perturbasse o desencadeamento da batalha, aceitou as opiniões mais razoáveis, não se atrapalhou, não se contradisse, não se apavorou, não desertou do campo de batalha. Ele desempenhou sua parte de comando imaginário com todo cuidado, com seu tato e sua experiência militar, tranquilamente, dignamente.

XXIX

Voltando da segunda inspeção das posições, Napoleão disse:

— As peças estão colocadas, a partida começa amanhã.

Mandou que lhe preparassem um ponche e chamou Beausset. Conversou com ele sobre Paris e algumas modificações que pretendia fazer na casa da imperatriz. Surpreendia o prefeito com sua lembrança de todos os pequenos detalhes da corte.

Interessava-se pelas pequenas coisas, brincava com Beausset sobre seu amor às viagens e conversava despreocupadamente, como faz um cirurgião célebre, seguro de si, enquanto arregaça as mangas, veste o avental e o doente é posto na maca. “Tudo está nas minhas mãos, e na minha mente tudo está claro e nítido. Quando for preciso começar, eu o farei melhor que ninguém, e agora posso brincar, e quanto mais alegre e calmo eu estiver, mais confiança inspirarei e mais admirarão meu gênio.”

Tendo bebido seu segundo copo de ponche, Napoleão tratou de repousar na espera do combate sério que, segundo lhe parecia, deveria realizar-se no dia seguinte.

Interessava-se tanto por essa tarefa futura que não podia dormir, e apesar de o resfriado aumentar em consequência da umidade da noite, às três horas da manhã, apareceu na grande sala da tenda assoando o nariz ruidosamente. Perguntou se os russos haviam se retirado. Responderam-lhe que as fogueiras inimigas continuavam no mesmo lugar. Napoleão sacudiu a cabeça em sinal de aprovação.

O ajudante de ordens de serviço entrou na tenda.

— Então, Rapp, acha que faremos bom negócio hoje? — perguntou-lhe Napoleão.

— Sem dúvida alguma, *Sire*! — respondeu Rapp.

Napoleão o fitou.

— Lembre-se, *Sire*, daquilo que me fez a honra de dizer em Smolensk: depois de aberto o vinho é preciso bebê-lo.

Napoleão franziu o cenho, e por muito tempo ficou sentado de cabeça baixa.

— Pobre exército — disse subitamente —, como ele diminuiu depois de Smolensk! A fortuna é cortesã, Rapp. Eu sempre o disse e começo a sentir a prova. Mas a guarda, Rapp? A guarda está intacta?

— *Oui, Sire!*

Napoleão levou uma pastilha à boca e olhou seu relógio. Não queria dormir e o dia ainda estava longe; para passar o tempo, não podia dar ordem nenhuma, porque todas tinham sido dadas e estavam sendo executadas.

— Já distribuíram biscoitos e arroz aos regimentos da guarda? — perguntou Napoleão severamente.

— *Oui, Sire.*

— Mas e o arroz?

Rapp respondeu que transmitira as ordens do imperador a respeito do arroz, mas Napoleão sacudiu a cabeça em sinal de descontentamento, como se não acreditasse que sua ordem fora executada. Mandou que servissem um copo de ponche a Rapp e, em silêncio, esvaziou o seu a pequenos goles.

— Estou sem olfato e sem paladar — disse ele, cheirando o copo. — Esse resfriado me aborrece. Falam da medicina. Que medicina é essa que não pode curar um resfriado! Corvisart me deu umas pastilhas, mas elas não prestam para nada. O que podem eles curar? A gente não consegue curar nada. O nosso corpo é uma máquina de viver. Para isso é organizado, a sua natureza é essa; deixem a vida à vontade dentro dele, para que se defenda por si mesma. Livre, ela fará mais do que se a paralisarmos atulhando-a de remédios. O nosso corpo é como um relógio perfeito, construído para funcionar durante certo tempo; o relojoeiro não pode abri-lo, não pode lidar nele senão às apalpadelas e com os olhos vendados. O nosso corpo é uma máquina de viver, é isso.

E enveredando pelo caminho das definições, tão de seu agrado, subitamente fez uma outra.

— Sabe, Rapp, o que é a arte militar? A arte militar é ser, em dado momento, mais forte que o inimigo, *voilà tout*.

Rapp não respondeu.

— Amanhã vamos encarar Kutuzov — disse Napoleão. — Vamos, lembre-se de Branau. Ele comandava o exército e, durante três semanas, nem uma única vez montou a cavalo para verificar as fortificações. Veremos.

Consultou o relógio. Eram apenas quatro horas. Não sentia sono, bebera o ponche e não tinha nada que fazer. Levantou-se, andou de um lado para o outro, vestiu um casaco quente, pôs o chapéu e saiu da tenda. A noite estava sombria e úmida. Uma neblina imperceptível caía. As fogueiras pouco iluminavam a guarda francesa, e, ao longe, através da fumaça, brilhavam nas linhas russas. Tudo estava calmo e distinguia-se apenas os passos das tropas francesas já em movimento para tomar posição.

Napoleão passeava na frente da tenda olhando as fogueiras, ouvindo os passos e, passando diante da sentinela junto da tenda, um guarda muito alto com chapéu de pele, que se perfilava quando ele se aproximava, parou na sua frente.

— Desde quando está servindo? — perguntou bruscamente em tom amigo e familiar em que sempre se dirigia a seus soldados.

O soldado respondeu.

— Ah! Um dos veteranos! Distribuíram arroz no regimento?

— Sim, Majestade.

Napoleão sacudiu a cabeça e afastou-se.

* * *

Às cinco e meia montou a cavalo e dirigiu-se para a aldeia de Chevardino. Começava a clarear, o céu abria, apenas uma nuvem restava, a leste. As fogueiras se apagavam à luz fraca da manhã.

À direita, se fez ouvir um tiro de canhão, surdo, isolado, que se perdeu no silêncio geral. Passaram-se alguns minutos. Um segundo, um terceiro tiro

ribombaram. O ar estremecia, o quarto, o quinto tiro soaram a pequena distância, solenemente, em algum lugar à direita.

O primeiro tiro ainda ressoava, e outros e mais outros ribombavam, confundindo-se e se entrecruzando.

Acompanhado de sua comitiva, Napoleão se aproximava do reduto de Chevardino. Apeou. A partida começava.

XXX

Voltando a Gorki, depois de ter deixado o príncipe André, Pierre ordenou a seu escudeiro que preparasse os cavalos e o acordasse de manhã cedo. Depois de ter dado essas ordens, adormeceu atrás do biombo, no cantinho que Boris lhe cedera.

Quando acordou, no dia seguinte pela manhã, não havia mais ninguém no isbá. Os vidros da janelinha trepidavam, o escudeiro, a seu lado, o sacudia.

— Excelência! Excelência! Excelência!... — dizia o escudeiro, persistentemente, sacudindo Pierre pelo ombro, sem olhar para ele e, evidentemente, sem esperança de acordá-lo.

— Hein? Começou? Já está na hora? — perguntou Pierre, acordando.

— Escute o canhoneio — disse o escudeiro, um soldado aposentado. — Todos os senhores já foram. Até o sereníssimo já passou há muito tempo.

Pierre vestiu-se às pressas e correu para o patamar. No pátio estava claro, fresco e alegre. O sol, que acabava de surgir por detrás da nuvem que o escondia, lançava seus raios, semicortados pelas nuvens, sobre o telhado da outra rua, na poeira da estrada úmida de orvalho, nas paredes das casas, nas aberturas do cercado, nos cavalos que se achavam próximos da isbá. Do pátio se ouvia mais claramente o ribombar dos canhões. Um ajudante de ordens passou a trote, acompanhado por um cossaco.

— Está na hora, conde! Está na hora! — gritou o ajudante de ordens.

Pierre mandou que levassem seu cavalo, dirigindo-se a pé, pela rua, para o morro onde, na véspera, observara o campo de batalha. Lá encontrou uma multidão de militares. De todos os lados se ouviam as conversas, em francês, dos oficiais do Estado-Maior e via-se a cabeça grisalha de Kutuzov com um gorro

branco de borda vermelha e sua nuca grisalha enterrada nos ombros. Kutuzov observava a estrada geral com uma luneta.

Subindo o morro, Pierre surpreendeu-se com a beleza do espetáculo que se descortinava. Era o mesmo panorama que admirara na véspera, mas agora toda a região estava coberta de tropa, da fumaça dos tiros e dos raios oblíquos do sol claro, que se levantava atrás e um pouco à esquerda de Pierre, esparramando sobre ele, no ar puro, matinal, a luz resplandecente, matizada de ouro e rosa e de longas sombras negras.

As florestas distantes, que limitavam o panorama e pareciam recortadas numa pedra preciosa de um amarelo esverdeado, eram vistas no horizonte com suas linhas curvas, e entre elas, atrás de Valuievo, avistava-se a estrada geral de Smolensk, coberta de tropas. Mais próximos, brilhavam os campos dourados e alguns bosques. Por toda a parte, à frente, à direita, à esquerda, viam-se tropas. Tudo isso era vivo, majestoso, surpreendente. Mas de tudo isso o que mais chamava a atenção de Pierre era a vista do campo de batalha de Borodino e as barrancas marginais do Kolotcha.

Acima do Kolotcha, em Borodino mesmo, principalmente à margem esquerda na confluência com o Voína, pela área pantanosa, a cerração se diluía sob os raios claros do sol que tingiam magicamente tudo que alcançavam. A essa cerração juntava-se a fumaça dos tiros, e sobre ambas, por toda parte, brilhavam os raios de luz matinal, ora na água, ora no orvalho, ora nas baionetas dos soldados que marchavam pelas margens do rio e ora em Borodino. Através dessa cerração, viam-se a igreja branca, de quando em quando, os telhados das isbás de Borodino, e de todos os lados uma massa compacta de soldados e os armões verdes dos canhões. E tudo isso se movia ou parecia mover-se, pois o nevoeiro e a fumaça se espalhavam por todo esse espaço. Assim como nas proximidades de Borodino, no fundo dos vales, nas elevações e principalmente à esquerda, no limiar das florestas, nos campos, nas bases das colinas, assim como nos topos, viam-se constantemente ondas de fumaça vindas dos canhões, ora isoladas, ora em massa, ora raras, ora frequentes. E essas nuvens, inchando, crescendo, turbilhonando, enchiam o espaço inteiro. Essa fumaceira, esses tiros com seus sons, coisa estranha de dizer, constituíam a principal beleza do espetáculo.

Puff! E subitamente se via a fumaça redonda, compacta, com tons matizados de cinza e branco. E *bum!* Ouvia-se um segundo depois no meio dessa fumaça. *Puff! Puff!* Duas colunas de fumaça levantavam-se juntas e se confundiam. *Bum! Bum!* E os sons confirmavam o que o olho via.

Pierre ainda contemplava a primeira fumaça que subia e já duas outras a seguiam e *puff! Puff!* E mais outras, todas com os mesmos intervalos: *bum! Bum! Bum!* Respondiam os sons agradáveis, claros, nítidos. Essas colunas de fumo ora pareciam correr, ora pareciam imóveis, com as florestas, os campos e as baionetas, brilhantes a correrem diante delas. A esquerda, nos campos e arbustos, esses grandes turbilhões surgiam constantemente com seus ecos solenes, e mais próximos, na base das colinas e no limiar das florestas as pequenas fumaças dos fuzis sem tempo para arredondar-se também faziam ouvir pequenos ecos. *Ta, ta, ta, ta,* os fuzis crepitavam frequentemente mas sem regularidade, e os sons que produziam pareciam mirrados em comparação com os dos canhões.

Pierre desejava estar no meio dessas vagas de fumo, dessas baionetas brilhantes, desse movimento, desses sons. Observou Kutuzov e sua comitiva para comparar sua impressão com a dos outros. Parecia-lhe que todos, imbuídos do mesmo sentimento, fitavam o campo de batalha. Em todos os semblantes via-se agora esse calor latente do sentimento que Pierre notara na véspera e que compreendera perfeitamente depois de sua conversa com o príncipe André.

— Vai, meu amigo, vai, que Cristo te acompanhe! — disse Kutuzov, sem tirar os olhos do campo de batalha, a um general que se achava junto dele.

Depois de receber a ordem, o general passou diante de Pierre, dirigindo-se para a descida do morro.

— Para o rio — disse o general fria e severamente, respondendo a um oficial do Estado-Maior que lhe perguntava aonde ia.

“E eu também”, pensou Pierre, e seguiu o general.

O general montou o cavalo que lhe trazia o cossaco. Pierre aproximou-se de seu escudeiro, que segurava os cavalos. Perguntou qual era o mais manso e montou. Segurava-se nas crinas, apertando os calcanhares contra a barriga do cavalo. Sentiu que seus óculos caíam, mas faltava-lhe coragem para soltar as

crinas ou as rédeas. Galopou atrás do general, provocando sorriso nos oficiais de Estado-Maior que o observavam da colina.

XXXI

O general, atrás do qual Pierre galopava, desceu a colina e virou bruscamente para a esquerda e Pierre, depois de tê-lo perdido de vista, mergulhou nas formações de infantaria que marchavam na sua frente. Procurava desvencilhar-se, ora para a frente, ora para a esquerda, ora para a direita, mas sempre esbarrava em soldados com expressões sérias, graves, de quem está preocupado com algo não aparente, mas evidentemente muito importante.

Todos olhavam de forma descontente e interrogativa esse homem enorme de chapéu branco que, ninguém sabia por quê, os atropelava com seu cavalo.

— Por que passa ele no meio do batalhão? — gritou um.

Outro empurrou o cavalo com a coronha do fuzil e Pierre, inclinado sobre o arção, segurava-se com dificuldade sem poder conter sua montaria, que se lançava num espaço livre na frente dos soldados.

Diante de Pierre estava a ponte e, junto dela, soldados atiravam. Pierre aproximou-se deles. Sem o saber, Pierre chegara à ponte do Kolotcha entre Gorki e Borodino, que, na primeira refrega da batalha (depois de ter ocupado Borodino), os franceses haviam atacado. Pierre via a ponte diante de si e, de ambos os lados, nos campos de feno cortado que ele notara na véspera, os soldados faziam alguma coisa em meio à fumaça, mas, apesar da fuzilaria ininterrupta, ele não imaginava estar no campo de batalha. Não ouvia o som das balas que zumbiam de todos os lados e das balas de canhão que caíam atrás dele. Não via o inimigo, que estava na outra margem do rio, e, por muito tempo, não viu os mortos e feridos, embora muitos tivessem caído não longe dele.

Olhava em torno de si com um sorriso imperturbável.

— O que está fazendo esse homem aí na frente? — gritou alguém outra vez.

— Pega à esquerda! À direita! — gritavam-lhe.

Pierre rumou para a direita e, inesperadamente, encontrou um conhecido, ajudante de ordens do general Raievski. O oficial fitou Pierre com um ar descontente. Também quis chamá-lo aos gritos, mas, ao reconhecê-lo, limitou-se a sacudir a cabeça.

— O senhor! Como veio parar aqui? — perguntou, continuando a galopar.

Pierre sentia-se deslocado e inútil. Receando incomodar mais alguém, seguiu o ajudante de ordens.

— Mas o que está acontecendo? Posso acompanhá-lo? — perguntou.

— Um momento! Um momento! — respondeu o ajudante de ordens, aproximando-se de um coronel gordo e transmitindo-lhe uma ordem qualquer. Só depois foi que se dirigiu a Pierre. — O que está fazendo aqui, conde? Sempre curioso? — perguntou-lhe, sorrindo.

— Sim, sim — respondeu Pierre. Mas o ajudante de ordens se virou, prosseguindo seu caminho.

— Aqui ainda não é nada, graças a Deus — disse o ajudante de ordens —, mas no flanco esquerdo, com as forças de Bagration, a batalha está apavorante.

— É mesmo? Onde é isso? — perguntou Pierre.

— Venha comigo até o outeiro. De lá se vê bem e ainda é uma posição suportável — sugeriu o ajudante de ordens.

— Sim, irei com o senhor — concordou Pierre, olhando em torno de si à procura de seu escudeiro.

Só nesse momento, Pierre viu os feridos caminhando ou que estavam sendo transportados em padiolas.

Nesse mesmo campo de feno perfumado que ele cruzara na véspera, jazia um soldado com a cabeça descoberta desajeitadamente inclinada para um lado. A barretina estava jogada a seu lado.

— E por que não levantaram este? — começou Pierre. Mas, percebendo a expressão severa do ajudante de ordens que olhava no mesmo sentido, calou-se.

Pierre não encontrou seu escudeiro e seguiu com o ajudante de ordens para o outeiro de Raievski. Seu cavalo não conseguia acompanhar o do ajudante de ordens e avançava aos saltos.

— Evidentemente não está habituado a montar, não é, conde?

— Não, mas isso não tem importância, só estranho esses saltos que ele dá — disse Pierre, muito admirado.

— É... mas ele está ferido na perna direita, um pouco acima do joelho. Provavelmente foi uma bala. Parabéns, conde, é o batismo de fogo — disse o ajudante de ordens.

Atravessando a nuvem de fumaça do sexto corpo do exército, atrás da artilharia que avançava atirando e ensurdecendo todos com seus tiros, eles chegaram a um bosque. Lá estava mais agradável e mais calmo, sentia-se o outono. Pierre e o ajudante de ordens apearam, subindo a colina a pé.

— O general está aqui? — perguntou o ajudante de ordens, aproximando-se do outeiro.

— Ainda há pouco estava, foi para lá — responderam-lhe, apontando para a direita.

O ajudante de ordens virou-se para Pierre, como se, no momento, não soubesse o que fazer com ele.

— Não se preocupe, irei para o outeiro. Posso? — perguntou Pierre.

— Sim, vá, de lá se vê tudo e não é tão perigoso, virei buscá-lo mais tarde.

Pierre dirigiu-se para a bateria e o ajudante de ordens seguiu adiante. Não tornaram a ver-se, e já muito mais tarde Pierre soube que, nesse mesmo dia, esse ajudante de ordens perdera um braço.

O outeiro para onde Pierre foi era o célebre local (mais tarde conhecido dos russos pelo nome de bateria do outeiro ou bateria Raievski, e dos franceses pelo nome de *la grande redoute*, *la fatale redoute*, *la redoute du centre*) em torno do qual pereceram milhares homens e que os franceses consideravam o ponto vital da posição.

Esse reduto era composto do outeiro e nos seus três lados haviam cavado um fosso.

Na parte cercada do fosso estavam postados dez canhões em ação, atirando pelas canhoneiras.

No mesmo alinhamento do outeiro, de ambos os lados, havia outros canhões que atiravam constantemente. Um pouco atrás estavam as forças de infantaria. Galgando o outeiro, Pierre não podia imaginar que esse local, cercado de pequenas trincheiras nas quais estavam postados alguns canhões em ação, pudesse ser o mais importante da batalha. Parecia-lhe, ao contrário (precisamente por ser onde ele se achava), que fosse o mais insignificante.

Chegando ao topo do outeiro, Pierre sentou-se na extremidade de um fosso que protegia uma bateria, e com um sorriso inconsciente e alegre observou o que se fazia em torno dele. De quando em quando, sempre com o mesmo sorriso, ele

levantava-se e dava uma volta procurando não perturbar os soldados, que carregavam os canhões e corriam diante dele com sacos e munições. Os canhões dessa bateria, um depois do outro, atiravam sem interrupção, cobrindo o reduto de fumaça e pólvora e atordoando a todos com seus sons.

Em contraste com o pavor que se observava entre os soldados da infantaria de cobertura, ali na bateria, onde os grupinhos de homens ocupados com suas obrigações ficavam separados dos demais pelo fosso, sentia-se uma animação uniforme, comum a todos, solidária.

A princípio, a figura pouco marcial de Pierre, com seu chapéu branco, causou uma impressão desagradável a esses homens. Passando diante dele, os soldados o fitavam com surpresa e até mesmo com receio. O oficial superior da artilharia, um homem alto, de pernas compridas, bexigoso, aproximou-se de Pierre, como se quisesse ver a atividade do canhão pela extremidade, e o fitou curiosamente.

Um oficialzinho muito moço, de cara redonda, uma criança ainda, que, provavelmente acabara de sair do colégio, continuando a observar atentamente os dois canhões confiados a ele, dirigiu-se secamente a Pierre:

— Senhor, peço-lhe que se afaste um pouco, é proibido ficar aqui.

Vendo Pierre, os soldados sacudiam a cabeça em sinal de desaprovação, mas, quando todos se convenceram de que esse homem de chapéu branco não só não fazia nada de mal, como apenas ora sentava-se calmamente no talude das trincheiras, ora, com um sorriso tímido, afastando-se delicadamente dos soldados, passeava tão tranquilamente sob a metralha fora da trincheira como se estivesse numa avenida, o sentimento de hostilidade que a princípio lhes inspirara foi aos poucos se transformando em simpatia terna e zombeteira, semelhante à dos soldados para com os animais: cachorros, galos, carneiros etc. que vivem junto dos acampamentos.

Instantaneamente os soldados admitiram Pierre como um dos seus, o adotaram, e o apelidaram de “Nosso príncipe!” e entre si riam e zombavam afetuosamente dele.

Uma bala enterrou-se a dois passos de Pierre, que, sacudindo a terra que lhe respingara na roupa, olhou em volta, sorrindo.

— Mas como! O senhor não tem medo mesmo, príncipe? — perguntou-lhe um soldado espadaúdo, de cara vermelha, mostrando os dentes brancos e

grandes.

— E tu, tens medo? — retrucou Pierre.

— Como não?! Ela não poupa, e, quando atinge, as tripas saltam. Não se pode deixar de ter medo — disse, rindo.

Alguns soldados alegres e simpáticos pararam perto de Pierre. Parecia que eles não esperavam que Pierre falassem como todo o mundo, e vê-lo ali falando os alegrava e surpreendia.

— Afinal nós somos soldados, é nossa obrigação! Mas o príncipe, que coisa notável! Isso é que é príncipe!

— A seus postos! — gritou um oficialzinho aos soldados que haviam se agrupado em torno de Pierre.

Via-se que esse oficialzinho cumpria seus deveres pela primeira ou segunda vez, razão de seu formalismo exagerado com relação aos soldados e aos chefes.

O fogo incessante dos canhões e dos fuzis aumentavam em todo o campo de batalha e principalmente no flanco esquerdo, onde estavam as trincheiras de Bagration. Mas era tal a fumaceira que, do local onde Pierre se achava, não se podia ver quase nada. Além disso, toda a sua atenção estava dedicada a esse pequeno grupo de pessoas (separadas de todas as outras) que formavam — como uma família — a bateria.

A primeira emoção involutária e alegre que lhe causara o aspecto e os sons do campo de batalha agora cedia lugar a um outro sentimento (principalmente depois de ter visto o soldado estendido no campo). Sentado sobre a trincheira, observava agora as pessoas que o cercavam.

Por volta das dez horas já haviam transportado uns vinte homens da bateria, dois canhões haviam sido destruídos e as balas, vindas de longe, saltando e zumbindo, caíam sobre a bateria com uma frequência crescente.

Mas os homens que estavam lá pareciam não perceber isso. De todos os lados se ouviam conversas alegres e troças.

— Eh! Granada! — gritou um soldado a uma granada que se aproximava assobiando — vá para longe!

— Para a infantaria! — acrescentou outro numa gargalhada, ao perceber que a granada passara, indo cair sobre as tropas de cobertura.

— Ah! É seu conhecido?! — gritava outro soldado a um camponês que se agachava enquanto uma bala de canhão passava por sua cabeça.

Alguns soldados se agruparam junto das paredes da trincheira e observaram o que se passava diante deles.

— Olhem, os postos avançados se retiraram — dizia um, mostrando por cima da trincheira.

— Cuide do que é seu! — gritou um velho cabo. — Se eles recuaram é porque está acontecendo alguma coisa lá por trás. — E, segurando um dos soldados pelo ombro, deu-lhe um pontapé no joelho.

Ouviu-se uma risada.

— Ao quinto canhão! — gritaram de um lado.

— Vamos amigos, todos de uma vez! — gritavam os que moviam o canhão.

— Ah! Quase que arrancou o chapéu do nosso príncipe! — exclamou um engraçadinho de nariz vermelho, mostrando os dentes e apontando para Pierre. — Ah! Desajeitada — acrescentou, censurando uma bala de canhão que atingiu uma roda e a perna de um homem.

— Ai! As raposas! — disse um outro rindo e designando os milicianos que entravam na trincheira agachados para levar os feridos.

— Como é então, a comida não é boa, seus corvos?! — gritavam aos milicianos que haviam parado junto do soldado que acabava de perder a perna. — É, eles não gostam muito disso! — diziam, zombando dos camponeses.

Pierre notava que, depois de cada bala, cada baixa, a animação geral redobrava.

Como uma nuvem tempestuosa que se aproxima, as fúrias de um fogo secreto, aumentando, inflamando-se em progressão crescente, apareciam cada vez mais vivas nas fisionomias de todos esses homens.

Pierre não observava o campo de batalha e não se interessava pelo que estava se passando por lá. Estava completamente absorvido na contemplação desses fogos que brilhavam cada vez mais e que (ele sentia) também se inflamavam na sua alma.

Às dez horas, os soldados da infantaria que se achavam na frente da bateria, nos arvoredos das margens do Kamenka, recuaram. Da bateria se podia vê-los correndo atrás e na frente, levando os feridos em padiolas improvisadas com

fuzis. Um general subiu ao outeiro e conversou com um coronel. Fitando Pierre severamente, desceu depois de ter ordenado à infantaria de cobertura que se encontrava atrás da bateria que se deitasse para resguardar-se mais dos tiros. Depois disso, o tambor e os gritos de comando se fizeram ouvir nas formações de infantaria postadas à direita do outeiro, e as tropas de cobertura avançaram.

Pierre olhava por cima da trincheira. Um militar atraiu sua atenção de uma maneira especial: era um jovem oficial, muito pálido, que marchava de costas, a espada baixa, virando-se com inquietude.

As formações de infantaria desapareciam na fumaça. Ouviam-se seus gritos prolongados e as descargas frequentes dos fuzis. Alguns minutos depois retiraram uma porção de feridos em padiolas. As balas caíam na bateria com maior frequência. Alguns soldados jaziam por terra. Em volta dos canhões os soldados avançavam com maior animação. Ninguém mais se preocupava com Pierre. Duas ou três vezes gritaram com ele por encontrar-se no caminho.

O oficial superior, com o rosto contraído, andava a passos rápidos de um canhão para o outro. O oficialzinho, ainda mais corado, comandava seus soldados com um cuidado ainda maior. Os soldados atiravam e cumpriam suas funções com uma coragem admirável. Quando caminhavam, eram aos saltos como se pisassem em molas.

A nuvem tempestuosa se aproximava e aquele fogo que Pierre acompanhava brilhava em todos os semblantes. Pierre se achava junto do oficial superior. O oficialzinho aproximou-se correndo com a mão na pala do quepe.

— Tenho a honra de comunicar-lhe, senhor coronel, que só nos restam oito cargas. Ordena que se continue atirando?

— Metralha! — gritou sem responder o oficial superior, que estava olhando por cima da trincheira.

Alguma coisa aconteceu de repente: o oficialzinho deixou escapar um “Ah!” e, dobrando-se, tombou como um pássaro ferido em pleno voo.

Para Pierre tudo se tornou estranho, vago e sombrio.

As balas de canhão zumbiam uma atrás das outras, tombando na trincheira, atingindo os soldados e os canhões. A princípio Pierre não ouvia esse som, mas agora não ouvia outra coisa. Do lado da bateria, à direita, os soldados corriam dando hurras, mas aos recuões, e não para frente, segundo parecia a Pierre.

Uma bala de canhão atingiu a lateral da trincheira bem perto de Pierre, levantou muita terra, uma bala preta passou diante dos olhos de Pierre e, no mesmo momento, alguma coisa tombou.

Os milicianos que entravam voltaram correndo.

— Metralha em todos os canhões! — gritou o coronel.

Um cabo aproximou-se correndo do oficial superior, cochichando-lhe assustado, (assim como um mordomo que, durante o jantar, informa o anfitrião que não tem mais o vinho pedido), e informou-lhe que não havia mais munição.

— Bandidos! E o que estão fazendo? — exclamou o oficial, voltando-se para Pierre. O oficial estava vermelho, suado e seus olhos semicerrados brilhavam.

— Corre às reservas, traz os cunhetes! — gritou ao soldado, lançando um olhar irritado para Pierre.

— Eu irei — disse Pierre.

Sem responder, o oficial afastou-se a passos largos.

— Não atira agora... Espera! — exclamou.

O soldado que recebera a ordem de ir buscar os cunhetes deu um encontrão em Pierre.

— Ah, príncipe! Aqui não é teu lugar! — disse, e desceu correndo.

Pierre correu atrás dele, fazendo uma volta no lugar onde caíra o oficialzinho.

Uma bala de canhão, uma segunda e uma terceira voaram acima dele, caindo adiante, ao lado, atrás. Pierre corria encosta abaixo. “Aonde vou?”, pensou de repente, já próximo dos armões verdes. Parou indeciso, perguntando consigo se devia voltar ou seguir para a frente. De súbito tombou por terra sob um choque terrível.

No mesmo momento um clarão imenso o alumia, um ruído de trovão e um silvo ensurdecedor estalaram, repercutindo. Quando Pierre voltou a si estava sentado, com as mãos apoiadas no solo. O armão junto do qual se achava não existia mais, só se viam tábuas verdes queimadas e farrapos de pano espalhados sobre a mata. Um cavalo fugia, sacudindo os destroços de uma padiola, e um outro estava, como ele, caído ao solo e soltava longos gritos estridentes.

Assustado e atordoado, Pierre deu um salto e correu novamente na direção da bateria como se fosse o único refúgio contra todos os horrores que o cercavam.

Quando chegou onde estava a bateria, notou que de lá os tiros não eram ouvidos e que pessoas estranhas faziam alguma coisa. Pierre não teve tempo de compreender quem eram aquelas pessoas. Viu o coronel deitado sobre o parapeito da trincheira, de costas para ele, como se estivesse examinando o que se passava embaixo, e um soldado que se debatia enquanto o seguravam pelos braços e gritava “Meus irmãos”. E viu ainda algo de estranho.

Mas ele não teve tempo para compreender que o coronel estava morto, que o homem que gritava “Meus irmãos” era um prisioneiro e que, junto dele, estava um outro soldado que fora morto com golpe de baioneta nas costas.

Mal ele chegara à trincheira, um homem magro, pálido, suado, fardado de azul, correu em sua direção gritando alguma coisa com uma espada em punho. Num movimento instintivo de defesa, sem ver seu adversário, Pierre chocou-se com ele, segurando-o com uma das mãos (era um oficial francês) e apertando-lhe a garganta com a outra. Deixando cair a espada, o oficial agarrou Pierre pela gola.

Durante alguns segundos eles se entreolharam assustados e ambos pareciam não saber muito bem o que faziam nem o que deviam fazer. “Eu sou o prisioneiro ou eu o tomei como prisioneiro?”, pensava cada um deles. Entretanto era evidente que o oficial francês parecia cada vez mais disposto a admitir que fosse ele próprio o prisioneiro, porque a mão vigorosa de Pierre, movida pelo medo, apertava-lhe cada vez mais a garganta. O francês tentava dizer alguma coisa quando, subitamente, uma bala de canhão zumbiu sinistramente sobre suas cabeças, e Pierre teve a impressão que a do oficial francês fora arrancada, tal a rapidez com que ele se abaixou. Pierre também inclinou a cabeça e baixou a mão. Sem mais indagar quem era prisioneiro, o francês dirigiu-se para a bateria e Pierre desceu a encosta, tropeçando nos mortos e nos feridos que, ele tinha a impressão, agarravam-no pelas pernas.

Mas não terminara ainda de descer quando se encontrou com uma massa compacta de soldados russos que corriam para a bateria. Caindo e empurrando-se, eles soltavam gritos alegres e raivosos. (Foi desse o ataque que Ermolov se disse autor, afirmando que somente sua coragem e seu valor podiam produzir

esse ato heroico. Afirmava ter atirado sobre o morro as cruzes de São Jorge que tinha no bolso).

Os franceses que ocupavam a bateria fugiram. Gritando “Hurra!”, nossas tropas perseguiram os franceses com tal obstinação que se tornou difícil detê-las.

Na bateria foram feitos vários prisioneiros, entre os quais um general francês, que foi cercado por diversos oficiais. Uma multidão de feridos, russos e franceses, com a fisionomia deformada pelo sofrimento, marchava, arrastava-se, eram levada em padiolas. Pierre subiu até o ponto mais elevado do morro onde permanecera mais de uma hora, mas não reconhecia ninguém do pequeno grupo que o recebera tão amigavelmente. Lá estavam muitos mortos que ele não conhecia, contudo, alguns ele reconheceu. O oficialzinho continuava sentado num mar de sangue, encolhido da mesma maneira junto ao parapeito da trincheira. O soldado de rosto vermelho ainda agonizava, mas ficou abandonado. Pierre desceu correndo.

“Não, agora eles não prosseguirão, terão horror do que fizeram”, pensava Pierre, caminhando sem rumo atrás de uma multidão de padiolas que se afastavam do campo de batalha.

O sol, coberto de fumaça, ainda estava alto, e adiante, principalmente à esquerda, perto de Semenovskoie, alguma coisa fervilhava no meio da fumaça e do ronco da metralha. Em lugar de diminuir, o canhoneio e a fuzilaria aumentavam desesperadamente, semelhantes a um homem que esgota suas últimas forças num grito.

XXXIII

A ação principal da batalha de Borodino se desenrolava numa área de mil *sagenas*, entre Borodino e as trincheiras de Bagration. (Fora dessa área, durante o dia, os russos faziam, num dos flancos, uma demonstração com a cavalaria de Uvarov, e um confronto se dava na outra margem do Utitza, entre Poniatowski e Tutchkov. Mas eram duas ocorrências isoladas e fracas em comparação ao que se passava no meio do campo de batalha.)

Entre Borodino e as trincheiras de Bagration, no espaço descoberto e visível para ambos os lados, a ação principal da batalha acontecia da forma a mais simples, sem nenhuma astúcia.

A batalha teve início com o canhoneio recíproco de algumas centenas de canhões.

Em seguida, depois da fumaça ter coberto todo o campo, à direita (do lado francês), as divisões de Dessaix e Compaing avançaram sobre as trincheiras, e à esquerda, os regimentos do vice-rei atacaram Borodino.

As trincheiras estavam situadas a uma *versta* do reduto de Chevardino — onde se achava Napoleão — e a mais de duas *verstas*, em linha reta, de Borodino. Por esse motivo Napoleão não podia ver o que lá se passava, por conta da fumaça, confundindo-se com a bruma, que encobria toda a região. Os soldados da divisão de Dessaix marchando em direção às trincheiras só podiam ser vistos antes de descerem ao pé dos barrancos que os separavam delas. Assim que eles desceram, a fumaça dos tiros de canhão e de fuzil dirigidos contra as trincheiras se tornou tão compacta que cobriu inteiramente a encosta do lado oposto dos barrancos. Através da fumaça podiam-se perceber de quando em quando o brilho das baionetas e qualquer coisa escura, provavelmente homens. Mas estariam eles parados ou avançando? Seriam franceses os russos do reduto de Chevardino? Não se podia saber.

O sol erguia-se claro e lançava seus raios oblíquos contra a face de Napoleão, que se protegia com a mão enquanto observava as trincheiras. A fumaça as cobria e ora parecia que era ela que avançava, ora que eram as tropas. Por vezes, entre os tiros, ouviam-se gritos de homens, mas não se podia saber o que estava acontecendo.

Napoleão, em pé no alto do outeiro, olhava com a luneta, e na pequena objetiva via a fumaça e os homens, às vezes os seus, às vezes os russos, mas, quando em seguida procurava observar a olho nu, não conseguia localizá-los.

Ele desceu do outeiro e pôs-se a andar de um lado para o outro. De vez em quando parava, aguçava o ouvido na direção dos tiros e olhava fixamente para o campo de batalha.

Não só do local onde ele se achava, não só do outeiro onde agora se encontravam alguns de seus generais, como das próprias trincheiras onde, reunidos ou separadamente, ora estavam os russos, ora os franceses, soldados mortos, feridos, vivos, apavorados, loucos de medo, não se podia compreender o que ali se passava. Durante algumas horas, nesse local, entre detonações

ininterruptas dos fuzis e dos canhões, apareciam ora russos, ora franceses, ora infantes, ora cavaleiros, que se chocavam, atiravam, caíam, sem saber o que faziam, gritavam e desciam correndo.

Do campo de batalha os ajudantes de ordens e ordenanças de Napoleão e de seus marechais corriam constantemente em sua direção trazendo relatórios sobre o desenrolar geral da batalha. Mas todos esses dados eram falsos, porque no calor da batalha é impossível dizer o que se passa e em num certo momento e porque diversos ajudantes de ordens não chegavam até o coração da batalha e transmitiam apenas o que ouviam dizer, e ainda porque, enquanto o ajudante de ordens percorria as duas ou três *verstas* que o separavam de Napoleão, as circunstâncias mudavam e a notícia que ele trazia já era inexata. Dessa forma, a mando do vice-rei, um ajudante de ordens levou a notícia de que Borodino fora ocupada e que a ponte sobre o Kolotcha estava em poder dos franceses.

O ajudante de ordens perguntou a Napoleão se ele determinava que as tropas passassem a ponte. Napoleão ordenou que tomassem posição na outra margem e ali esperassem. Ora, não só enquanto Napoleão dava essa ordem, mas exatamente no momento em que o ajudante de ordens deixava Borodino, a ponte havia sido retomada e queimada pelos russos, fato a que Pierre assistiu no início da batalha.

Voltando das trincheiras, com a fisionomia assustada e pálida, um ajudante de ordens comunicou a Napoleão que o ataque fora repellido, que Compaing estava ferido e Davout, morto. Mas, no mesmo momento em que dizia o ajudante de ordens que os franceses haviam sido repellidos, as trincheiras eram ocupadas por outras tropas francesas, e Davout estava com leves machucados. Baseando-se em semelhantes dados, necessariamente falsos, Napoleão dava ordens que já haviam sido cumpridas ou que não podiam sê-lo, e não foram.

Os marechais e os generais que se achavam mais próximos do campo de batalha, mas que, como Napoleão, não participavam propriamente do combate, e só de quando em quando penetravam no espaço varrido pelas balas, tomavam suas decisões e davam ordens sobre que ponto e de que local atirar, para onde deviam ir a cavalaria e a infantaria, sem nada perguntar a Napoleão.

Mas suas ordens, como as de Napoleão, só eram executadas em proporções mínimas. A maioria delas eram executadas inteiramente contrárias ao que se

dizia.

Os soldados que recebiam ordem de avançar, ao serem alvo da metralha, corriam para a retaguarda. Os que haviam recebido ordem de não se mexerem subitamente viam surgir os russos diante deles e por vezes avançavam, outras tantas recuavam, e a cavalaria, sem ter recebido nenhuma ordem, perseguia os russos. Foi o que aconteceu com dois regimentos de cavalaria que transpuseram as ravinas de Semenovskoie, começaram a subir a colina e depois, voltando-se, recuaram a galope.

Os soldados de infantaria procediam da mesma forma, porque corriam para onde não lhes haviam mandado. Todas as ordens para mover os canhões, para deslocar as tropas de infantaria, para atirar, para lançar uma carga de cavalaria contra a infantaria russa, todas essas ordens eram dadas por chefes que se achavam mais próximos das fileiras, e nem sequer pediam a opinião de Ney, Davout, Murat, muito menos de Napoleão. Eles não temiam que uma ordem não executada lhes valesse um castigo porque, durante a batalha, está em jogo a coisa mais preciosa para um homem: sua vida. E às vezes parece que a salvação está na fuga para trás, outras vezes para a frente, e todos esses indivíduos agiam em obediência à impressão de momento em pleno calor da batalha. Na realidade, todo esse movimento de vaivém não facilitava e não mudava a situação das tropas. Todos os seus ataques, suas retiradas causavam poucos danos. As balas de canhão e os projéteis que voavam sobre todo o espaço em que se movimentavam esses homens é que causavam o dano, a morte, os ferimentos. Cada vez que esses homens deixavam o espaço sobrevoado pelos projéteis, os chefes que se achavam na retaguarda logo os obrigavam a recompor as fileiras, os submetiam à disciplina e, fazendo valer a influência que tinham, os colocavam mais uma vez dentro do círculo de fogo onde (possuídos pelo medo da morte) novamente eles escapavam à disciplina e se agitavam de acordo com o instinto fortuito da multidão.

XXXIV

Os generais de Napoleão — Davout, Ney e Murat — permaneciam nas proximidades do fogo e muitas vezes penetravam nele arrastando enormes massas de tropas disciplinadas. Mas, contrariamente ao que havia acontecido em todas as batalhas precedentes, em lugar da notícia esperada da fuga do inimigo, as

massas ordenadas de tropas voltavam de lá numa multidão desorganizada, apavorada. Reorganizavam-nas, mas a cada vez se tornavam menos numerosas.

Por volta do meio-dia, Murat mandou seu ajudante de ordens pedir reforços a Napoleão.

Napoleão se achava sentado no sopé do outeiro e bebia um ponche quando o ajudante de ordens de Murat chegou garantindo-lhe que os russos seriam esmagados se Sua Majestade fornecesse mais uma divisão.

— Reforços?! — exclamou Napoleão, com uma surpresa severa, como se não compreendesse as palavras ouvidas, enquanto fitava o ajudante de ordens, um bonito rapaz que usava longos cabelos encaracolados, como Murat. “Reforços”, pensou. “Que reforços pedem quando já dispõem da metade do exército dirigida sobre a ala não fortificada dos russos?!”

— Diga ao rei de Nápoles que ainda não é meio-dia e que ainda não vejo com clareza o tabuleiro. Vá... — disse Napoleão severamente.

O belo ajudante de ordens de longos cabelos, sem tirar a mão da viseira, suspirou profundamente e galopou para onde se matavam homens.

Napoleão levantou-se, mandou chamar Caulaincourt e Berthier e pôs-se a falar de coisas que não tinham a menor ligação com a batalha.

No meio da conversa que começava a interessar Napoleão, os olhos de Berthier deram com um general que galopava num cavalo suado com sua comitiva, em direção do outeiro. Era Belliard. Apeou, a passos rápidos aproximou-se do imperador e, ousadamente, em voz alta, começou a demonstrar a necessidade de reforços. Jurava por sua honra que os russos seriam esmagados se o imperador desse mais uma divisão.

Napoleão deu de ombros e sem nada responder continuou a andar. Belliard, em voz alta, inflamada, pôs-se a falar com os generais da comitiva que o cercavam.

— Você está muito exaltado, Belliard — disse Napoleão, aproximando-se do general. — É fácil a gente enganar-se no calor da batalha. Vá observar novamente e volte aqui.

Belliard acabava de partir quando, do outro lado, vindo do campo de batalha, chegava um novo enviado apressado.

— E então, o que há? — indagou Napoleão no tom de um homem irritado por obstáculos imprevistos.

— *Sire*, o príncipe... — começou o ajudante de ordens.

— Pede reforços? — concluiu Napoleão com um gesto de cólera.

O ajudante de ordens inclinou afirmativamente a cabeça e pôs-se a transmitir a mensagem. Mas o imperador afastou-se dele, deu dois passos, parou, voltou-se e chamou Berthier.

— Tenho que mandar reservas — disse ele, abrindo os braços. — Quem mandamos para lá? Qual é sua opinião? — perguntou ele a Berthier, aquele “ganso que eu fiz águia”, como posteriormente o chamou.

— Senhor, vamos mandar a divisão de Clapeyrade — disse Berthier, que conhecia de cor todos os regimentos e batalhões.

Napoleão aquiesceu com um sinal de cabeça.

O ajudante de ordens correu para a divisão de Clapeyrade. Alguns minutos depois, movimentava-se a jovem guarda que se achava atrás do outeiro. Napoleão olhava em silêncio nessa direção.

— Não — disse ele subitamente a Berthier —, não posso mandar Clapeyrade. Mande a divisão de Friant.

Embora não houvesse nenhuma razão para mandar Friant em lugar de Clapeyrade, e que mandar aquele no lugar deste resultava apenas em perda de tempo, a ordem foi fielmente cumprida. Napoleão não percebia que, em relação às suas tropas, ele estava fazendo o papel de médico que com seus remédios só atrapalha a cura — papel que ele conhecia muito bem e tanto censurava.

A divisão de Friant também desapareceu no meio da fumaça do campo de batalha. De diversos lados chegavam ajudantes de ordens a galope, e todos, como se tivessem combinado, diziam a mesma coisa: pediam reforços. Todos diziam que os russos não se moviam e faziam *un feu d'enfer* sob o qual o exército francês era aniquilado.

Pensativo, Napoleão estava sentado numa cadeira dobrável. Monsieur de Beausset, que gostava de viajar e que desde manhã estava com fome, aproximou-se do imperador e, respeitosamente, ousou propor o almoço a Sua Majestade.

— Creio que já posso felicitar Vossa Majestade pela vitória — disse ele.

Napoleão, silencioso, sacudiu negativamente a cabeça. Monsieur de Beausset supondo que essa negativa se referisse à vitória, e não ao almoço, permitiu-se observar num tom frívolo e respeitoso que não havia causa no mundo que impedisse alguém de almoçar quando isso era possível.

— Pois vá você... — disse subitamente Napoleão num tom sombrio, dando-lhe as costas.

Um sorriso beato de lástima sincera e entusiasta iluminou o rosto de Beausset, e num passo solene afastou-se em direção de outros generais.

Napoleão experimentava um sentimento doloroso, semelhante ao do jogador feliz que atira seu dinheiro a torto e a direito, ganhando sempre, e que, de repente, precisamente quando calculou todos os prós e contras do jogo, sente que quanto mais refletir sobre a jogada mais certamente perderá.

As tropas eram as mesmas, os mesmos generais, os mesmos preparativos, as mesmas disposições, a mesma “proclamação curta e enérgica”. Ele era o mesmo e o sabia, sabia também que era muito mais experiente e hábil que outrora, o inimigo era o mesmo, o mesmo de Austerlitz e Friedland, mas o braço erguido caía sem forças, como por encanto.

Todas decisões anteriores foram invariavelmente coroadas de êxito: concentração de baterias num mesmo ponto, ataque das reservas para romper a linha, ataque da cavalaria de “homens de ferro”, todos esses métodos já haviam sido empregados e no entanto, em lugar da vitória, de todos os lados chegavam as mesmas notícias: generais mortos ou feridos, a necessidade de reforços, a impossibilidade de repelir os russos, a desordem da batalha. Outrora, depois de duas ou três ordens, duas ou três frases, os marechais e os ajudantes de ordens acorriam com felicitações, as fisionomias alegres, declarando como troféus: prisioneiros, “feixes de bandeiras e de águias inimigas”, canhões, transportes, e Murat só pedia permissão para usar uma cavalaria a fim de apoderar-se de todos os transportes. Assim havia acontecido em Lodi, em Marengo, Arcole, Iena, Austerlitz, Wagram etc. Agora, qualquer coisa de estranho se passava no seu exército.

Apesar da notícia da tomada das trincheiras, Napoleão via que era muito diferente do que se dera nas batalhas anteriores. Via que todos os que o cercavam, homens experientes na arte militar, tinham o mesmo sentimento.

Todos os semblantes estavam tristes, todos evitavam se olhar. Somente Beausset era incapaz de compreender o que se passava. Mas Napoleão, com sua longa experiência de guerra, sabia bem o que significava para quem faz a ofensiva uma batalha não ganha, depois de oito horas de confronto com todas as forças empreendidas. Sabia que era quase uma batalha perdida e que, no ponto em que estava, o mais insignificante acaso podia destruir a ele próprio e suas tropas.

Quando recordava toda essa singular campanha da Rússia, na qual não vencera uma única batalha, na qual, durante dois meses, não capturara bandeiras, nem canhões, nem corpos de exércitos, quando olhava para essas fisionomias tristes — às escondidas — de sua comitiva e ouvia a mensagem de que os russos continuavam firmes, um sentimento terrível, semelhante ao que temos em sonhos, o invadia. Vinham-lhe à cabeça todas as conjunturas infelizes que poderiam destruí-lo. Os russos podiam atacar seu flanco esquerdo, romper seu centro, uma bala de canhão perdida podia matá-lo. Tudo era possível. Nas batalhas precedentes ele só refletira sobre as possibilidades de êxito e, agora, uma quantidade inumerável de acasos infelizes vinham-lhe à mente, e ele esperava todos. Sim, era como num sonho, quando um homem vê um malfeitor que se lança contra ele e, com terríveis esforços que, ele o sabe, devem esgotá-lo, lança-se ao ataque e procura atingir o malfeitor, mas sua mão inerte e sem forças cai como um trapo e o horror da própria perda inevitável domina o homem indefeso.

A notícia de que os russos atacavam o flanco esquerdo do exército francês provocou esse horror em Napoleão.

Ele estava sentado na cadeira, ao sopé do outeiro, a cabeça baixa, o cotovelo sobre os joelhos. Berthier aproximou-se e lhe propôs uma volta pelas linhas a fim de verificar a situação em que se achava a batalha.

— Hein? O que está dizendo? Sim, mande trazerem um cavalo — disse Napoleão.

Montou e dirigiu-se para Semenovskoie. Pela fumaça da pólvora que se dissipava lentamente, por toda parte onde Napoleão passava, em poças de sangue jaziam cavalos e homens, isolados ou amontoados. Napoleão e até mesmo seus generais não haviam jamais visto tamanho horror, tamanha

quantidade de cadáveres em tão pequena área. O ribombo dos canhões, que não cessava há dez horas consecutivas e fazia doer os ouvidos, dava uma importância particular ao espetáculo (como a música nos quadros vivos). Napoleão, tendo galgado a elevação de Semenovskoie, percebeu, através da fumaça, formações de homens com um uniforme com o qual sua vista não estava acostumada.

Eram russos.

Os russos, em formações compactas, achavam-se atrás de Semenovskoie e do outeiro, e todos os seus canhões troavam incessantemente e cobriam de fumaça toda a linha. Já não era uma batalha, era uma carnificina contínua da qual nada podia resultar, nem para os russos, nem para os franceses.

Napoleão deteve seu cavalo e recaiu na mesma passividade da qual Berthier o arrancara. Não podia impedir a obra que se desenrolava diante dele, em torno dele, e que se considerava como guiada e dirigida por ele. E, diante do insucesso, essa obra lhe pareceu inútil e terrível pela primeira vez. Um dos generais aproximou-se de Napoleão e tomou a liberdade de propor-lhe que lançasse a velha guarda na refrega. Ney e Berthier, que estavam lá, se entreolharam e sorriram com desprezo ao ouvirem a sugestão insensata desse general.

Napoleão baixou a cabeça e conservou-se calado por muito tempo.

— A oitocentas léguas da França, não permitirei que minha guarda seja destruída — disse ele afinal e, voltando-se bruscamente, retornou para Chevardino.

XXXV

Kutuzov estava sentado, a cabeça grisalha baixa, o pesado corpo prostrado sobre um banco coberto por um tapete, no mesmo lugar onde Pierre o vira pela manhã. Não dava nenhuma ordem, limitava-se a consentir ou não no que lhe propunham.

— Sim, sim, faça isso — respondia ele a diversas propostas. — Sim, vai, meu caro — dizia ora a um, ora a outro de seus subalternos; ou: — Não, não convém, vamos esperar.

Ouvia os relatos que lhe faziam, dava ordens quando seus subordinados as pediam, mas, quando ouvia as comunicações, parecia não se interessar pelo

sentido das palavras que lhe diziam, mas, sim, por outra coisa na expressão do rosto, no tom daqueles que falavam. Sabia pela sua longa experiência militar, e compreendia com seu critério de homem idoso, que um só homem não pode guiar cem mil que lutam contra a morte.

Sabia que não são as ordens do comandante em chefe, que não é o local onde se acham dispostas as tropas, nem a quantidade de canhões e o número de homens mortos que decidem uma batalha, mas essa força indefinível que se chama estado de espírito do exército, e ele acompanhava essa força e a guiava na medida do possível. A expressão da fisionomia de Kutuzov era a atenção concentrada, tranquila, que mal conseguia dominar o cansaço de seu corpo enfraquecido e velho.

Às onze horas da manhã trouxeram-lhe a notícia de que as trincheiras tomadas pelos franceses haviam sido recuperadas, mas que Bagration estava ferido. Kutuzov soltou uma lamentação e sacudiu a cabeça.

— Procura o príncipe Piotr Ivanovitch e trata de saber minuciosamente como está — disse a um de seus ajudantes de ordens e, virando-se para o príncipe de Wurtemberg, que se achava atrás dele: — Não agradaria a Vossa Alteza assumir o comando do primeiro exército?

Pouco depois da partida do príncipe, antes que fosse tempo de chegar a Semenovskoie, o ajudante de ordens dele estava de volta e comunicava ao sereníssimo que o príncipe pedia reforços.

Kutuzov franziu o cenho, mandou uma ordem a Dokhturov para que assumisse o comando do primeiro exército e pediu que o príncipe voltasse, pois, dizia ele, não podia dispensar seus conselhos nesses momentos importantes.

Quando trouxeram a Kutuzov a notícia de que Murat fora feito prisioneiro e os oficiais do Estado-Maior o felicitaram, ele sorriu:

— Esperem, senhores, esperem, a batalha está ganha e a captura de Murat nada tem de extraordinário, mas é preferível esperar para cantar vitória.

Contudo, mandou um ajudante de ordens transmitir a notícia às tropas.

Quando Tcherbinine chegou do flanco esquerdo para informar que os franceses haviam tomado as trincheiras e Semenovskoie, Kutuzov, adivinhando pelos barulhos que vinham do campo de batalha e pela expressão de Tcherbinine

que a situação não era boa, levantou-se como que para esticar as pernas e, agarrando Tcherbinine pelo braço, afastou-se do grupo com ele.

— Vai, meu caro, e vê se pode fazer alguma coisa — disse a Ermolov.

Kutuzov estava em Gorki, no centro da posição do exército russo. O ataque de Napoleão dirigido contra nosso flanco esquerdo fora várias vezes repellido. No centro, os franceses não haviam passado de Borodino. No flanco esquerdo a cavalaria de Uvarov pusera os franceses para correr.

Às três horas cessaram os ataques franceses. Em todas as fisionomias dos que vinham do campo de batalha e dos que o cercavam, Kutuzov percebia uma tensão elevada ao mais alto grau.

O comandante em chefe sentia-se feliz com o êxito inesperado dessa jornada, mas as forças físicas o abandonavam. Várias vezes sua cabeça pendeu para a frente; ele dormitava. Serviram-lhe o jantar. Woltzogen, o ajudante de ordens do imperador, o mesmo que passando pelo príncipe André dissera “É preciso estender a guerra” e que Bagration tanto odiava, aproximou-se de Kutuzov durante o jantar. Viera, da parte de Barclay, fazer uma exposição do desenrolar dos acontecimentos no flanco esquerdo. O prudente Barclay de Tolly, vendo que uma multidão de feridos fugia e que as formações da retaguarda se deslocavam, refletindo sobre todas as circunstâncias do caso, concluíra que a batalha estava perdida e, por seu favorito, mandava esta notícia ao comandante em chefe.

Kutuzov mastigava com dificuldade um frango assado e, com seu olho pequeno, alegre, observava Woltzogen.

Woltzogen, num passo displicente, com um semissorriso de desprezo nos lábios, aproximou-se de Kutuzov mal tocando a viseira com os dedos. Afetava uma certa negligência para com o sereníssimo destinada a mostrar que ele, como militar muito instruído, deixava aos russos o cuidado de fazerem um ídolo desse velho inútil, mas que ele pessoalmente sabia com quem estava tratando. “*Der alte Herr* (velho cavalheiro, como os alemães chamavam Kutuzov) se cuida muito bem”, pensava Woltzogen, olhando severamente para os pratos diante do comandante em chefe. Começou por lembrar ao “velho cavalheiro” a situação da refrega no flanco esquerdo, como Barclay lhe havia ordenado que fizesse e como ele próprio a vira e compreendera.

— Todos os pontos de nossa posição estão em poder do inimigo, não podemos repeli-lo, pois não dispomos de tropas; elas fogem e não é possível contê-las.

Kutuzov cessou de mastigar e, surpreso, como se não compreendesse o que lhe diziam, fixou o olhar em Woltzogen. Este, percebendo a emoção do “velho cavalheiro”, disse com um sorriso:

— Não me julgo no direito de esconder de Vossa Excelência o que eu vi. As tropas estão completamente desorganizadas.

— O senhor viu? O senhor viu? — exclamou Kutuzov com o cenho carregado, levantando-se rapidamente e dirigindo-se para Woltzogen. — Como, o senhor... Como ousa... — exclamou, engasgado, fazendo um gesto ameaçador com a mão trêmula. — Como ousa, senhor, dizer isso *a mim*. O senhor não sabe nada. Diga de minha parte ao general Barclay que suas informações são falsas, e que eu, comandante em chefe, conheço melhor do que ele o desenrolar da batalha.

Woltzogen quis dizer qualquer coisa, mas Kutuzov o interrompeu.

— O inimigo foi repellido no flanco esquerdo e vencido no flanco direito. Se o senhor viu mal, não tome a liberdade de afirmar coisas que ignora. Queira procurar o general Barclay e transmitir-lhe minha ordem categórica de atacar o inimigo amanhã — concluiu Kutuzov severamente.

Todos se conservavam em silêncio e só se ouvia a respiração ofegante do velho general.

— Foram repelidos em todos os pontos, pelo que eu agradeço a Deus e ao nosso valoroso exército. O inimigo está derrotado e amanhã nós vamos colocá-lo para fora de nossa santa Rússia! — disse Kutuzov, persignando-se, e, subitamente, desatou em soluços.

Woltzogen deu de ombros, fez uma careta e, sem dizer uma palavra, afastou-se para um lado, admirado da obstinação do “velho cavalheiro.”

— Ah! Aqui está o meu herói! — disse Kutuzov a um general de bonito aspecto, um pouco gordo, cabeleira negra e que, nesse momento, subia o outeiro.

Era Raievski, que, o dia inteiro, permanecera no ponto principal do campo de Borodino.

Raievski vinha comunicar que nossas tropas se mantinham firmes em suas posições e que os franceses não ousavam mais atacá-las.

Depois de o ter ouvido, Kutuzov disse, em francês:

— Então o senhor não pensa, como os outros, que somos forçados a retirar?

— Ao contrário, Alteza, nos combates em aberto, a vitória sempre pende para o mais teimoso, e eu penso que...

Kutuzov chamou seu ajudante de ordens.

— Kaissarov, senta aí e escreve a ordem para amanhã. E tu — disse a um outro — vai até as linhas e comunica que amanhã atacaremos.

Enquanto ocorria essa conversa com Raievski, e enquanto Kutuzov ditava a ordem, Woltzogen chegava de volta dizendo que o general Barclay de Tolly desejava ter a confirmação por escrito dessa ordem do feldmarechal.

Sem olhar Woltzogen, Kutuzov mandou que escrevessem essa ordem que o antigo comandante em chefe desejava ter para, com razão, ressaltar sua responsabilidade pessoal. E, por um laço misterioso, indefinível, que mantinha em todo o exército a mesma impressão chamada espírito do exército e que constitui o nervo principal da guerra, as palavras de Kutuzov, sua ordem, se espalharam de uma única vez por todos os pontos das tropas. Não eram as próprias palavras de Kutuzov, não era sua ordem que transmitiam aos últimos anéis dessa corrente. Nas narrativas feitas de um a outro nos diversos pontos do exército, já não havia nada de semelhante ao que Kutuzov dissera, mas o sentido de suas palavras se comunicava por toda a parte, porque elas não decorriam de considerações espertas, mas do sentimento que possuía a alma do comandante em chefe assim como a de cada russo.

Ao saber que atacaríamos o inimigo no dia seguinte, ao ouvir, das esferas superiores do exército, a afirmação daquilo no que todos queriam acreditar, os homens esgotados, trôpegos, se resserenavam e se enchiam de uma coragem nova.

XXXVI

O regimento do príncipe André continuava nas reservas que, até as duas horas da tarde, permaneceram inativas atrás da aldeia de Semenovskoie, sob violento fogo da artilharia.

Às duas horas, o regimento, que já perdera mais de duzentos homens, movimentou-se para a frente, por campos de aveia espezinhados, na área compreendida entre a aldeia de Semenovskoie e a bateria do outeiro, onde, durante toda aquela manhã, milhares de homens haviam sido mortos e sobre a qual, pouco antes das duas horas, era dirigido o fogo concentrado de algumas centenas de canhões inimigos.

Sem mexer-se, sem disparar um tiro, o regimento ali ainda perdeu um terço de seus homens. Na frente e principalmente à direita, no meio da fumaça que não se dissipava, os canhões troavam e por toda a extensão misteriosa da fumaça que cobria toda a região fronteira, balas de canhão e granadas voavam constantemente com um silvo rápido.

Às vezes, como para dar descanso, durante quinze minutos todas as balas de canhão e granadas voavam mais longe, mas outras vezes, durante um minuto, o regimento perdia diversos homens e, a cada instante, retiravam-se mortos e transportavam-se feridos.

A cada novo tiro, os que ainda não haviam sido mortos tinham menos probabilidade de escapar. O regimento estava disposto em colunas, por batalhões, com intervalos de trezentos passos, mas, apesar disso, todos os homens tinham a mesma impressão. Todos se conservavam em silêncio e sombrios. Nas fileiras as conversas raramente se faziam ouvir e cessavam cada vez que um tiro era disparado e que se ouvia este grito: “Padiola!” Os soldados na maior parte do tempo se conservavam sentados no chão em obediência às ordens recebidas. Um, tirando a barretina, a dobrava e desdobrava cuidadosamente para recompor a forma. Outro, amassando a terra argilosa nas mãos, esfregava sua baioneta. Um terceiro tirara o cinto e arranjava a fivela. Outro enrolava cuidadosamente suas pernas de flanela e calçava-se outra vez. Alguns faziam abrigos de terra ou de palha, ou trançavam palha. Todos pareciam absorvidos em suas pequenas ocupações. Quando alguém era ferido ou morto, quando as padiolas apareciam, quando os nossos voltavam, quando, através da fumaça, viam-se as grandes massas inimigas, ninguém prestava atenção. E quando a artilharia e a cavalaria avançavam em direção à nossa infantaria que se movimentava, ouviam-se palavras de estímulo que partiam de todos os lados. Mas eram os acontecimentos inteiramente alheios, sem nenhuma relação com a

batalha, que despertavam maior atenção. A atenção desses homens moralmente exauridos parecia repousar sobre assuntos da vida comum. A bateria de artilharia passou diante do regimento. Num dos carros de munições um cavalo se enredou nas rédeas: “Atenção! O cavalo! Arruma isso! Ele vai cair... Não é possível que ele não veja!...”, gritavam de todas as fileiras do regimento. Outra vez a atenção geral foi atraída por um cachorrinho pardo, de rabo levantado, vindo não se sabia de onde, e que aparecera correndo entre as fileiras do regimento com uma expressão inquieta nos olhos e, subitamente, dando um ganido e baixando a cauda, jogou-se no chão, assustado pelo ruído de uma bala de canhão que caíra nas proximidades. O regimento inteiro desatou em risadas e gritos. Mas semelhantes distrações duravam minutos, e os homens que há mais de oito horas estavam ali sem comer, inativos, sob o terror constante da morte, com os semblantes pálidos e sombrios, cada vez se tornavam mais pálidos e mais sombrios.

O príncipe André, como todos os homens de seu regimento, estava pálido, de cenho franzido. As mãos cruzadas nas costas, a cabeça baixa, ele caminhava de um lado para outro, num campo próximo a uma plantação de aveia. Não tinha nada que fazer nem que ordenar. Tudo se fazia por si. Os mortos eram arrastados para a retaguarda, os feridos eram transportados e as formações se recompunham. Às vezes os soldados se afastavam, mas logo voltavam às pressas. Acreditando, a princípio, que era seu dever excitar a coragem de seus soldados, o príncipe André caminhava entre eles, mas logo convenceu-se de que não precisava ensinar nada a ninguém. Todas as forças de sua alma, como as de cada soldado, se concentravam conscienciosamente no esforço contínuo de não ver o horror da situação. Andava pelo campo num passo arrastado, calcando a relva e olhando para a poeira que lhe cobria as botas. Ora caminhava a passos largos procurando só pisar nas pegadas deixadas pelos ceifeiros, ora, contando os passos, calculava quantas vezes deveria passar de uma ponta a outra para percorrer uma *versta*, ora arrancava um raminho de losna que brotara numa margem do campo, esfregava-o nas mãos e aspirava o perfume amargo e forte. Não restava nada de tudo o que se dera o trabalho de pensar na véspera. Não pensava em nada. Com a atenção cansada, ouvia sempre os mesmos sons, distinguindo o silvo do roncar dos projéteis, e observava as fisionomias muito

suas conhecidas dos soldados do primeiro batalhão. “Pronto!... Esta... vem para cá”, pensou, ouvindo o silvo de qualquer coisa envolta em fumaça que se aproximava dele. “Uma, duas! Mais outra! Pronto!...” Parou e percorreu a tropa com o olhar. “Não, passou. Ah, mas esta vai cair.” Recomeçou a andar, abrindo muito as pernas para alcançar a ponta seguinte em dezesseis passos. Um silvo e o estrondo de um tiro. A cinco passos dele a terra seca havia sido arrancada, a bala de canhão desaparecera. Um tremor percorreu-lhe a espinha. Novamente olhou para as tropas. Diversos deviam ter morrido. Uma multidão se comprimia em torno do segundo batalhão.

— Senhor ajudante de ordens — gritou —, diga-lhes que não se apertem.

O oficial transmitiu a ordem e aproximou-se do príncipe André. Do outro lado chegava, a cavalo, o comandante do batalhão.

— Cuidado! — Um soldado soltou esse grito num tom assustado e, como um pássaro, que em um voo rasante pousa em terra, quase sem ruído, uma granada caiu a dois passos do príncipe André, perto do cavalo do comandante do batalhão.

O cavalo, antes que qualquer outro, sem indagar se lhe ficava bem ou não dar mostras de medo, relinchou, deu um salto, quase jogando ao chão o major, e foi para o lado. O pavor do cavalo foi transmitido aos homens.

— Deitar — gritou o ajudante de ordens, atirando-se ao chão.

Indeciso, o príncipe André permanecia em pé. A granada fumegante girava como um pião entre ele e o ajudante de ordens curvado, perto do palhegal e do campo, junto de uma touceira de losna.

“Será a morte?”, pensou o príncipe André, contemplando com olhos diferentes, desejosos, a relva, a losna e a pequena fumaça que se erguia da bola negra que acabava de cair. “Não posso, não quero morrer! Gosto da vida, gosto dessa relva, da terra, do ar...” Ele pensava nisso quando se lembrou instantaneamente que o observavam e disse ao ajudante de ordens:

— É uma vergonha, senhor oficial, que...

Não concluiu. Nesse mesmo instante um estrondo, um assobio, um ruído como de vidro quebrado, o cheiro sufocante da pólvora e o príncipe André girou sobre os calcanhares, ergueu os braços e caiu com o peito para a frente.

Alguns oficiais acorreram. Do lado direito do abdômen o sangue corria sobre a relva.

Os milicianos chamados com uma padiola pararam atrás. O príncipe André, estendido de bruços na relva, respirava com dificuldade.

— E então! Por que ficam parados? Aproximem-se.

Os camponeses aproximaram-se, seguraram-no pelos ombros e pelas pernas, mas ouvindo seus gemidos se entreolharam e o largaram.

— Vamos! Isso não tem importância! Carreguem! — disse alguém.

Agarraram-no segunda vez pelos ombros e o deitaram na padiola.

— Ah! Meu Deus! Meu Deus! Será possível?! Na barriga! Está perdido! Ah! Meu Deus! — ouvia-se entre todos os oficiais.

— Ela assobiou a um fio de cabelo da minha orelha — dizia o ajudante de ordens.

Com a padiola nos ombros, tomando um atalho, os camponeses rumaram apressadamente em direção ao acampamento médico.

— Acertem o passo, camponeses! — gritou o oficial, segurando pelos ombros os que não marchavam regularmente e sacudiam a padiola.

— Caminha direito, Fedor! — dizia o camponês que vinha na frente.

— Pronto, acertei! — replicou alegremente o que vinha atrás, acertando o passo.

— Excelência! Príncipe! — disse Timokhine com uma voz trêmula, aproximando-se da padiola.

O príncipe André abriu os olhos. Na padiola olhou para aquele que falava e, deixando cair pesadamente a cabeça, cerrou novamente as pálpebras.

Os milicianos levaram o príncipe até as proximidades da floresta, onde estavam as carroças e o acampamento médico.

O acampamento era constituído por três tendas com as aberturas viradas para a orla de um bosque de bétulas. No bosque estavam as carretas e os cavalos. Os cavalos comiam aveia nos seus sacos, e os pardais vinham colher os grãos que caíam, os corvos sentindo o cheiro de sangue grasnavam atrevidamente e voavam entre as bétulas. Em volta das tendas, numa área de mais de duzentas *deciatinas*, homens ensanguentados, nos mais diversos trajes, estavam sentados, deitados ou em pé. Perto dos feridos havia uma multidão de soldados padioleiros

com as fisionomias tristes e atentas que não se retiravam de lá apesar de os oficiais terem ordenado que fossem embora.

Sem ouvir os oficiais, os soldados permaneciam apoiados nas padiolas e, de olhar fixo, como se procurassem compreender a importância do espetáculo, contemplavam o que se passava diante deles. Das tendas ora vinham gemidos agudos, raivosos, ora gemidos queixosos. De vez em quando os enfermeiros saíam para buscar água e designavam aqueles que deviam ser atendidos. Os feridos que esperavam sua vez perto da tenda gemiam, choravam, gritavam, pediam aguardente; alguns deliravam.

Passando na frente de feridos ainda não atendidos, levaram o príncipe André, comandante do regimento, para bem perto de uma tenda e ficaram aguardando ordens. O príncipe André abriu os olhos e custou muito a compreender o que se passava em torno dele: o campo, a losna, o palhegal, a bola negra que rodopiava e seu impulso apaixonado pela vida que se despertava nele. A dois passos de onde se achava, um grande e bonito sargento de cabelos negros, em pé, apoiando-se num tronco, falava alto e chamava a atenção de todos. Havia sido ferido com uma bala na cabeça e na perna. Em torno dele uma multidão de feridos e padioleiros ouvia avidamente suas palavras:

— Quando os colocamos para correr, abandonaram tudo e nós capturamos o próprio rei! — gritou o soldado, correndo os olhos brilhantes ao redor. — Ah! se as reservas tivessem chegado naquele momento, meu caro, agora não haveria mais nem sinal deles. Nada mais certo do que isso, podes acreditar...

O príncipe André, como todos que cercavam o narrador, o fitava com um olhar brilhante e experimentava um sentimento confortador. “Mas agora tudo isso é indiferente, não é? O que haverá do outro lado? E o que havia aqui? Por que se lastimar tanto por deixar esta vida?... Será que havia nesta vida alguma coisa que eu não compreendia e não compreendo?”, pensou ele.

XXXVII

Um dos médicos, com o avental ensanguentado, as mãos cheias de sangue, uma delas segurando um charuto entre o mindinho e o polegar (para não o sujar), saiu da tenda. Levantou a cabeça e pôs-se a olhar para os lados, por cima dos feridos. Evidentemente queria respirar um pouco. Depois de ter olhado para a esquerda e para a direita, suspirou e baixou os olhos.

— Muito bem! Imediatamente! — respondeu ele às palavras do enfermeiro que lhe designava o príncipe André, e ordenou que o levassem para a tenda.

Na multidão de feridos que esperava correu um murmúrio.

— Evidentemente até no outro mundo a vida é para os grandes senhores — disse alguém.

O príncipe André foi levado para uma mesa que acabava de ser desocupada e na qual um enfermeiro esfregava qualquer coisa. O príncipe André não podia discernir tudo que se passava na tenda, os gemidos queixosos em volta, dores intoleráveis nas costas e na barriga o distraíam. Tudo o que via em torno de si se confundia para ele numa impressão geral de corpo humano, nu, ensanguentado, que enchia a tenda baixa, assim como algumas semanas antes, num dia claro de agosto, esse mesmo corpo encheu um poço barrento perto da estrada de Smolensk. Sim, era o mesmo corpo a mesma carne para canhão, cuja vista, como se ele então tivesse tido o pressentimento do estado atual, provocava nele uma sensação de repugnância.

Na tenda havia três mesas: duas estavam ocupadas, colocaram o príncipe André na terceira. Deixaram-no só um momento e, sem o querer, ele via o que se passava nas duas outras mesas. Na mesa mais próxima estava estendido um tártaro, provavelmente um cossaco, a julgar pelo uniforme atirado para o chão. Quatro soldados o seguravam. O médico, de óculos, fazia-lhe qualquer coisa nas costas morenas, musculosas.

— Ai! Ai! Ai! — gritava o tártaro e, levantando bruscamente o rosto musculoso, moreno, de nariz achatado e mostrando os dentes brancos, procurou desvencilhar-se, agitou-se e deu gritos estridentes.

Na outra mesa, cercada de muitas pessoas, um homem alto e corpulento estava deitado de costas, a cabeça atirada para trás (a cor de sua cabeleira crespa, o feitio da cabeça pareciam estranhamente conhecidos ao príncipe André). Alguns enfermeiros apoiados no seu peito o mantinham parado. Uma das pernas, comprida, branca, era constantemente agitada por um tremor convulsivo. Esse homem soluçava febrilmente e se engasgava. Dois médicos em silêncio — um deles estava pálido e tremia — faziam qualquer coisa na outra perna, que estava vermelha.

Quando terminou com o tártaro, sobre quem jogaram um capote, o médico de óculos, enxugando as mãos, aproximou-se do príncipe André.

Olhou para a fisionomia do príncipe André e afastou-se apressadamente.

— Dispam-no! Por que ficam aí sem fazer nada? — gritou severamente aos enfermeiros.

A imagem da primeira infância veio à mente do príncipe André quando o enfermeiro, com uma mão hábil, desabotoou-lhe a túnica e tirou-lhe as vestes.

O médico examinou o ferimento, apalpou-o, deixou escapar um suspiro profundo e depois fez um sinal a alguém. As terríveis dores no abdômen haviam feito o príncipe André desmaiar. Quando voltou a si, os fragmentos do fêmur quebrado haviam sido retirados, um pedaço de carne fora cortado, e os curativos necessários estavam feitos. Respingavam-lhe água no rosto. Assim que abriu os olhos, o médico chegou a ele, beijou-lhe na boca e afastou-se rapidamente.

Depois do sofrimento que padecera, o príncipe André sentiu um bem-estar que há muito tempo não experimentava. Todos os melhores momentos de sua vida, principalmente a infância mais remota, quando o despiam e o punham na cama, após o que a velha criada o embalava cantando, quando, a cabeça mergulhada nos travesseiros, ele se sentia feliz apenas com a consciência da vida, e todos esses instantes se apresentavam à sua imaginação, não como passado, mas como realidade.

Em torno do ferido cuja cabeça o príncipe André julgava reconhecer os médicos se agitavam. Ergueram-no e procuravam acalmá-lo.

— Quero vê-la. Ai! Ai! Ai! — E seus gemidos eram entrecortados por soluços de terror e resignação ao sofrimento.

Ouvindo esses gemidos, o príncipe André sentiu ímpetos de chorar. Ou porque ia morrer sem glórias, ou porque sentia deixar a vida, ou por causa das recordações da infância para sempre no passado, ou porque sofria com a dor dos outros, e com todos esses gemidos lastimosos, o certo é que ele queria derramar lágrimas de criança, suaves, quase alegres.

Mostraram ao ferido sua perna cortada, ainda calçada, com o sangue seco.

— Oh! Oh! Oh! — soluçou ele como uma mulher.

O médico que se achava diante do ferido e lhe escondia o rosto afastou-se.

“Meu Deus! O que é isto? Por que está ele aqui?”, pensou o príncipe André.

Nesse infeliz que soluçava e de quem acabavam de cortar a perna, o príncipe André reconheceu Anatole Kuriaguine. Amparavam Anatole pelas axilas e ofereciam-lhe um copo d'água, cuja borda ele não conseguia alcançar com seus lábios trêmulos, inchados. Anatole soluçava dolorosamente.

“Sim, é ele! Sim, esse homem está ligado a mim por qualquer coisa de íntimo e de doloroso”, pensou o príncipe André, que ainda não compreendera claramente o quadro que tinha diante dos olhos. “Que laço existiria entre esse homem e a minha infância e a minha vida?”, perguntava ele, sem encontrar resposta. E, subitamente, uma recordação nova, inesperada, do mundo infantil puro e terno veio à mente do príncipe André. Lembrava-se de Natacha, tal como a vira pela primeira vez no baile de 1810, com seu pescoço fino, seus braços, seu rosto feliz, assustado, pronto para o entusiasmo, e o amor e a ternura que sentia por ela despertavam na sua alma mais fortes do que nunca. Lembrava-se agora do laço que existia entre ele e esse homem que, através das lágrimas que lhe estremeciam a vista, o olhava vagamente. O príncipe André lembrava-se de tudo, e a piedade e o amor por esse homem transbordavam-lhe alegremente o coração.

O príncipe André não podia mais se conter, derramava lágrimas doces, boas, pelos outros e por si próprio, pelos erros alheios e pelos seus.

“A misericórdia, o amor ao próximo, o amor àqueles que nos amam, o amor àqueles que nos odeiam, aos nossos inimigos. Sim, esse amor que Deus pregou na terra e que a princesa Maria me ensinava, mas que eu não compreendia. Eis por que lamento deixar a vida, eis o que eu sentiria de mim se vivesse, mas agora é tarde demais, eu sei!”

XXXVIII

O aspecto aterrador do campo de batalha, coberto de cadáveres e de feridos, juntamente com o peso que sentia na cabeça, com a notícia de que vinte generais que ele conhecia haviam sido mortos ou feridos e com a consciência da fraqueza de sua mão outrora tão poderosa, produzia uma impressão inesperada em Napoleão, que, normalmente, gostava de contemplar os mortos e os feridos, para dessa forma, dizia ele, pôr à prova sua força de alma.

Mas, nesse dia, o aspecto pavoroso do campo de batalha vencera essa força de alma que, segundo ele, constituía seu mérito e sua grandeza. Retirou-se apressadamente do campo de batalha e voltou ao outeiro de Chevardino.

Amarelado, inchado, cansado, com os olhos vagos, o nariz vermelho, a voz rouca, ele sentara-se numa saliência do terreno e, sem o querer, sem levantar os olhos, ouvia os sons do canhoneio. Com um tédio doentio ele esperava o fim desse confronto ao qual se julgava ligado, mas que não podia impedir. O sentimento pessoal, humano, por momentos se sobrepôs à imagem artificial da vida que há tanto tempo ele cultuava. Imaginava em si os sofrimentos e a morte que via no campo de batalha. O peso que sentia na cabeça e no peito fazia-o pensar que os sofrimentos e a morte também podiam atingi-lo. Nesse momento ele não desejava nem Moscou, nem a vitória, nem a glória (de que glória precisaria ainda?), agora só desejava uma coisa: o repouso, a tranquilidade, a liberdade. Mas quando chegou à elevação de Semenovskoie, o chefe da artilharia propôs-lhe mandar algumas baterias para lá, a fim de aumentar o fogo contra as tropas russas concentradas diante da aldeia de Kniazkovo. Napoleão concordou e mandou que lhe comunicassem o efeito produzido por essas baterias.

O ajudante de ordens voltou para dizer que, por ordem do imperador, duzentos canhões dirigiam suas bocas contra os russos, mas que estes resistiam apesar de tudo.

— Nosso fogo ceifa-lhes as fileiras, mas eles resistem apesar de tudo! — disse o ajudante de ordens.

— Ainda querem mais! — retrucou Napoleão em voz rouca.

— *Sire?* — fez o ajudante de ordens, que não compreendera bem.

— Eles ainda querem mais, façam-lhes a vontade! — disse Napoleão com voz rouca e de cenho franzido.

Sem que desse ordens, o que ele desejava se fazia, e só dava ordens porque julgava que os outros as esperavam dele. E novamente voltou para o antigo mundo interior artificial, povoado de imagens vulgares de uma grandeza quimérica, e mais uma vez (como um cavalo que caminha atrelado a um mecanismo e imagina estar trabalhando para si) voltava docilmente a desempenhar o papel cruel, triste, doloroso, desumano que lhe era destinado.

E o espírito e a consciência desse homem, não somente nessa hora, nesse dia, haviam se tornado dolorosamente sombrios. Ele, mais responsável que todos os outros, por todos esses acontecimentos. Mas jamais, até o fim de sua vida, ele pôde compreender o bem, a beleza, a verdade, a significação desses atos, por

demais contrários ao bem e à verdade, demasiadamente afastados de todos os sentimentos humanos para poderem ser compreendidos por ele. Ele não podia renunciar a seus atos louvados pela metade do mundo, e por essa razão era forçado a renunciar à verdade, ao bem, a todo ato humano.

Não foi somente nesse dia que, percorrendo o campo de batalha cheio de mortos e feridos (por sua vontade, ele assim pensava), calculando quantos mortos russos haviam por um francês e, iludindo a si próprio, ele concluiu que havia motivos para regozijar-se porque para cada francês morto havia cinco russos.

Não foi somente nesse dia que ele escreveu numa carta para Paris que o campo de batalha tinha um aspecto soberbo, porque lá havia cinquenta mil cadáveres. Mas também na ilha de Santa-Helena, no silêncio da solidão, onde ele dizia que pretendia consagrar seus lazes à exposição das grandes obras que realizara, ele escrevia:

A guerra da Rússia deveria ter sido, com certeza, a mais popular dos tempos modernos. Foi a guerra do bom senso e dos verdadeiros interesses, a do repouso e da segurança de todos; ela foi puramente pacífica e conservadora.

Foi feita pela grande causa, o fim dos acasos e o começo da segurança. Um novo horizonte e novos trabalhos dela decorreriam, todos cheios do bem-estar e da propriedade para todos. O sistema europeu estava fundado; só faltava organizá-lo.

Satisfeito a respeito desses grandes pontos e tranquilo para o restante, eu também teria tido meu *congresso* e minha *santa aliança*. São ideias que me foram roubadas. Nessa reunião de grandes soberanos, teríamos tratado de nossos interesses em família e, desde então, prestado conta aos povos.

A Europa, dessa forma, logo teria se tornado um só povo, e cada um, viajando por toda a parte, sempre se acharia na pátria comum. Eu teria proposto que todos os rios navegáveis fossem franqueados a todos, que os mares se tornassem domínio comum, uma comunidade de mares, e que os grandes exércitos fossem, daí em diante, reduzidos a simples guarda dos soberanos.

De volta à França, no seio da pátria grande, forte, magnífica, tranquila, gloriosa, eu teria proclamado seus limites imutáveis; toda guerra futura puramente *defensiva*; todo alargamento de fronteira *antinacional*. Teria associado meu filho ao império; minha ditadura teria acabado e seu reino constitucional teria começado.

Paris teria sido a capital do mundo e os franceses, a inveja das nações!

Meus lazeres a partir daí e os dias da minha velhice teriam sido consagrados, em companhia da imperatriz e durante o régio aprendizado de meu filho, a visitar lentamente, como um verdadeiro casal de camponeses, com nossos próprios cavalos, todos os recantos do império, recebendo as queixas, reparando as injustiças, semeando benefícios e monumentos por toda a parte.

Ele, destinado pela providência ao papel triste, servil de carrasco dos povos, estava convencido de que a finalidade de seus atos era o bem dos povos e que podia guiar milhões de destinos humanos e oferecê-los boas ações.

“Dos quatrocentos mil homens que atravessaram o Vístula”, escrevia ele mais adiante, sobre a guerra da Rússia, “a metade era de austríacos, prussianos, saxões, poloneses, bávaros, wurtemburgueses, meklemburgueses, espanhóis, italianos, napolitanos. Um terço do exército imperial propriamente dito era composto de holandeses, belgas, habitantes das margens do Reno, piemonteses, suíços, genebrinos, toscanos, romanos, habitantes da trigésima segunda divisão militar, de Bremen, de Hamburgo etc. Contavam apenas cento e quarenta mil homens de língua francesa. A expedição à Rússia custou menos de cinquenta mil homens à França atual. O exército russo, na sua retirada de Vilna a Moscou, nas diferentes batalhas, sofreu perdas quatro vezes superiores às do exército francês. O incêndio de Moscou custou a vida de cem mil russos mortos de frio e de fome nos bosques. Enfim, na sua marcha de Moscou a Oder, o exército russo também sofreu as intempéries da estação; quando chegou a Vilna ele era composto de apenas cinquenta mil homens e em Kalisch tinha menos de dezoito mil.”

Ele julgava que a guerra contra a Rússia se fizera por sua vontade e o horror do que aconteceu não o impressionava. Com ousadia, assumia a responsabilidade do acontecimento e seu espírito o justificava pelo fato de, entre as centenas de milhares de mortos, haver menos franceses que hessianos ou bávaros.

XXXIX

Algumas centenas de milhares de homens jaziam mortos, nas mais diversas posições e uniformes, sobre os campos e prados pertencentes ao senhor Davidov e aos camponeses da Coroa. Sobre esses campos e prados, por centenas de anos, os camponeses das aldeias de Borodino, Gorki, Chevardino e Semenovskoie faziam suas colheitas e o gado pastava.

Nas tendas médicas, dentro da área de uma *deciatina*, a relva e o solo estavam embebidos de sangue. A multidão dos feridos e dos soldados de diversas armas, com as fisionomias ainda assustadas, voltavam ou para Mojaisk ou para os lados de Valuievo. Outros, exaustos e famintos, conduzidos por seus chefes, marchavam para a frente. Outros, finalmente, permaneciam onde estavam e continuavam a atirar.

Sobre todos os campos, outrora tão belos e alegres, com o brilho das baionetas e os vapores do sol matinal, havia agora a bruma, a umidade e o cheiro ácido, estranho de salitre e de sangue. As nuvens haviam se congregado e uma leve chuva começava a cair sobre os mortos, os feridos, os apavorados, os cansados, os que hesitavam. Era como se essa chuva quisesse dizer: “Basta! Basta! Homens! Parai! Pensai no que estais fazendo!”

Os homens de um e de outro exército, cansados, famintos, começavam também a pensar se deviam continuar matando-se uns aos outros e em todos os semblantes lia-se a hesitação, e a cada um se apresentava a mesma pergunta: “Por quê? Por que devo matar e ser morto? Mate você se quiser, faça o que entender, eu não quero mais.” Ao anoitecer esse sentimento amadurecia em cada alma.

Todos os homens podiam, a qualquer momento, sentir horror do que faziam, deixar tudo e fugir.

Mas, embora ao fim da batalha os homens já sentissem todo o horror dos atos que praticavam, embora desejassem parar, uma força incompreensível, misteriosa, continuava a guiá-los, e os artilheiros, cobertos de suor, de pólvora e de sangue, reduzidos a um terço, todos trôpegos e esmagados pelo cansaço, transportavam as cargas, carregavam, miravam, inflamavam o pavio, e as balas de canhão, com a mesma rapidez e a mesma crueldade, voavam de ambos os lados e estraçalhavam corpos humanos. E essa obra terrível que se cumpria, não pela vontade humana, mas por aquele que dirige os homens e o mundo, continuava a cumprir-se.

Aquele que tivesse visto a retaguarda do exército russo teria dito que os franceses, com mais um pequeno esforço, o destroçariam. Aquele que tivesse visto a retaguarda francesa teria dito que os russos com mais um pequeno

esforço destruiriam os franceses. Mas nem os russos nem os franceses fizeram esse esforço e o fogo da batalha se extinguia lentamente.

Os russos não fizeram esse esforço por não terem sido eles os atacantes. No começo da batalha eles estavam na estrada de Moscou, defendendo-a, e, no fim da batalha, continuavam no mesmo local onde estavam quando ela se iniciara.

Mas mesmo que a finalidade dos russos fosse destroçar os franceses, eles não poderiam ter feito esse último esforço, porque todas as tropas russas estavam derrotadas, porque não havia uma só parte do exército russo que não tivesse sofrido com a batalha e porque os russos, permanecendo onde estavam, haviam perdido a *metade* de seus homens.

Os franceses, que mantinham vivas na memória vitórias obtidas durante quinze anos, seguros da invencibilidade de Napoleão e com a consciência de haverem conquistado uma parte no campo de batalha, de só haverem perdido um quarto de seu efetivo e de continuar intacta a guarda de vinte mil homens, podiam fazer esse esforço. Os franceses, que atacavam o exército russo para desalojá-lo de suas posições, deviam fazer esse esforço, porque, enquanto os russos continuassem interrompendo o caminho para Moscou, os franceses não alcançariam o objetivo visado e todos os seus esforços, todas as suas perdas se tornariam inúteis. Mas eles não o fizeram. Alguns historiadores dizem que a Napoleão teria bastado lançar a velha guarda para vencer a batalha.

Dizer o que teria acontecido se Napoleão tivesse comprometido sua velha guarda é o mesmo que dizer o que teria acontecido se o outono se transformasse em primavera. Tal coisa não era possível. Napoleão não deixou de lançar sua guarda por falta de vontade, mas porque não podia fazê-lo.

Todos os generais, os oficiais, os soldados do exército francês sabiam que ele não podia fazer isso porque o abatimento do exército não o permitia.

Não era só Napoleão que experimentava esse sentimento, semelhante ao sonho, do impulso da mão que tomba sem forças, mas todos os generais, todos os soldados do exército francês que participavam ou não da batalha, depois de todas as experiências das batalhas precedentes (quando, após esforços dez vezes menores, o inimigo fugia), experimentavam um sentimento de pavor do inimigo que, depois de ter perdido a *metade* de seu exército, continuava, no fim da batalha, tão ameaçador como no início. A força moral do exército francês que

atacava estava esgotada. Nos campos de Borodino os russos não conquistaram a vitória que se caracteriza pelos pedaços de pano amarrados a hastes de madeira que têm o nome de bandeiras, pela área ocupada pelas tropas. Eles conquistaram uma vitória moral: aquela que convence o inimigo da superioridade moral do adversário e da sua própria fraqueza. A invasão francesa, como uma fera enraivecida que recebeu na fuga um ferimento mortal, sentia a derrota, mas não podia parar, assim como o exército, duas vezes mais fraco, não podia ceder. Depois do choque recebido, o exército francês ainda podia arrastar-se até Moscou, mas lá, diante de um novo esforço do exército russo, acabaria por perecer, perdendo seu sangue pelo ferimento mortal sofrido em Borodino.

O resultado direto da batalha de Borodino foi a partida sem razão de Napoleão de Moscou, a volta pela velha estrada de Smolensk, a perda de um exército de quinhentos mil homens e da França napoleônica, que, pela primeira vez, em Borodino, sentiu o peso da mão de um adversário moralmente mais forte!

Décima primeira parte

I

A inteligência humana é incapaz de compreender a continuidade absoluta do movimento. As leis de um movimento, seja ele qual for, só se tornam compreensíveis para o homem quando ele examina as unidades que o compõem. Mas os erros humanos decorrem precisamente disto, do fato de isolarmos arbitrariamente e examinarmos à parte as unidades inseparáveis do movimento contínuo. É muito conhecido o sofisma dos antigos: Aquiles nunca alcançará a tartaruga que caminha na sua frente, embora Aquiles ande dez vezes mais depressa que ela. Quando ele tiver percorrido o espaço que o separa da tartaruga, esta terá percorrido mais um décimo dessa distância. Quando Aquiles tiver percorrido esse décimo, a tartaruga terá percorrido um centésimo, e assim até o infinito. Esse problema parecia insolúvel aos antigos. O absurdo desse problema (que Aquiles nunca alcançaria a tartaruga) provinha tão só do fato de se admitir arbitrariamente a separação das unidades de movimento, enquanto que os movimentos de Aquiles e da tartaruga se realizavam sem descontinuidade.

Tomando unidades de movimento sempre menores, apenas conseguimos aproximar-nos da solução do problema. Nunca, porém, chegaremos a ela. E somente admitindo os infinitesimais e sua progressão ascendente até um décimo, e fazendo depois a soma dessa progressão geométrica, que obteremos a solução do problema. O novo ramo da matemática, o emprego dos infinitamente pequenos, atualmente resolve problemas que antes pareciam insolúveis. Esse novo ramo, desconhecido dos antigos, restabelece no exame dos problemas de movimento a condição principal deste (a continuidade absoluta) e, assim, corrige o erro que a inteligência humana não pode evitar examinando as unidades isoladas do movimento em lugar do movimento contínuo.

No exame das leis do movimento histórico sucede exatamente o mesmo. O movimento da humanidade, produto de uma quantidade inumerável de vontades individuais, se faz ininterruptamente.

A finalidade da história é a compreensão das leis desse movimento. Mas para compreender as leis do movimento contínuo, resultante de todas as vontades dos homens, a razão humana admite unidades independentes e isoladas. O primeiro processo histórico consiste em tomar, arbitrariamente, uma parcela dos acontecimentos ininterruptos e examiná-la separadamente das outras, uma vez que não existe nem pode existir começo de nenhum acontecimento, pois que todo acontecimento, seja ele qual for, sempre decorre de um outro. O segundo processo consiste em examinar os atos de um homem, imperador ou capitão,

como resultante das vontades de todos os homens, uma vez que essa resultante jamais se resume à atividade de um personagem histórico considerado isoladamente.

A ciência histórica, evoluindo, aceita sempre, para suas pesquisas, unidades cada vez menores e, por esse meio, procura aproximar-se da verdade. Mas, por pequenas que sejam as unidades usadas pela história, o fato de separá-las, de admitir o *começo* de um fenômeno qualquer, de ver exprimir-se na atividade de um único personagem as vontades de todos os homens, induz fatalmente um erro.

Ao menor esforço da crítica, toda conclusão histórica se desfaz em pó, nada deixando atrás de si, pelo simples fato de a crítica escolher, como medida de observação, uma unidade maior ou menor — o que é seu direito, já que a unidade histórica sempre é arbitrária.

É só tomando a unidade infinitamente pequena para nossa observação — as diferenciais da história, isto é, as aspirações uniformes dos homens — e aprendendo a arte de integrar (unir as somas desses infinitamente pequenos), que podemos ter a esperança de compreender as leis da história.

* * *

Os quinze primeiros anos do século XIX se caracterizam pelo movimento de milhões de homens. Todos deixam seus afazeres habituais, se arremessam de uma para a outra extremidade da Europa, pilham, matam uns aos outros, triunfam, desesperam; todo o desenrolar da vida se modifica pos alguns anos e apresenta um movimento que, a princípio, vai aumentando para depois decrescer. “Qual foi a causa desse movimento e sob que leis ele se originou?”, pergunta a razão humana.

Os historiadores que respondem a essas perguntas nos expõem os atos e discursos de algumas dezenas de homens em algum edifício da cidade de Paris e dão a esses atos e a esses discursos o nome de Revolução. Feito isso, nos dão biografias minuciosas de Napoleão e de alguns homens simpáticos ou hostis a ele. Falam da influência de alguns desses homens sobre os outros e dizem: Eis por que se deu esse movimento, eis aqui suas leis.

Mas não só a razão humana se recusa a aceitar essa explicação, como diz-nos que ela está equivocada porque admite a causa das mais insignificantes para tamanho efeito produzido. A soma das vontades humanas gerou a Revolução e um Napoleão, e foi só ela que os sustentou e os derribou. “Mas, toda vez que houve conquistas, houve conquistadores; sempre que houve revolução num país, apareceram grandes homens”, diz o historiador.

Realmente, sempre que surgiram conquistadores, houve guerras, responde a razão humana, mas isso não prova que os conquistadores sejam a causa das guerras e que seja possível encontrar as leis destas na atividade pessoal de um indivíduo. Cada vez que olho meu relógio, quando o ponteiro se aproxima do número X, ouço o carrilhão da igreja vizinha, mas pelo fato do carrilhão soar sempre que o ponteiro chega ao número dez não me cabe o direito de concluir que a posição do ponteiro seja a causa do badalar dos sinos. Sempre que vejo uma locomotiva movimentar-se, ouço um apito, abre-se a válvula de escape e as rodas se movimentam, mas não me cabe concluir que o apito e o movimento das rodas sejam a causa do andar da locomotiva.

Dizem os camponeses, todo fim de primavera sopra um vento frio devido à brotação do carvalho; e, realmente, sempre que o carvalho lança rebentos na primavera, sopra um vento frio. Mas embora eu ignore por que sopra um vento frio quando o carvalho brota, não posso compartilhar da opinião dos camponeses que a causa do vento frio seja a eclosão dos brotos do carvalho. Não posso, porque a força do vento está fora da influência da brotação. Vejo apenas uma coincidência de fatos, como é verificável em todo fenômeno vital, e creio que, por mais que observe e estude atentamente o ponteiro do relógio, a válvula de escape e os brotos do carvalho, não chegarei a conhecer a causa do carrilhão, do movimento da locomotiva e do vento frio do fim da primavera. Para tal, devo mudar meu ponto de observação e estudar as leis do movimento do vapor, do som e do vento. Assim deve proceder o historiador. E tentativas semelhantes já foram feitas.

Para estudar as leis da história devemos mudar completamente o objeto da observação, deixar em paz os reis, os ministros, os generais, e estudar os elementos comuns, infinitamente pequenos, que guiam as massas. Ninguém pode dizer até que ponto irá o homem, por esse caminho, na compreensão dessas

leis, mas é evidente que só nesse rumo é possível encontrá-las, e que nesse sentido a razão humana não realizou a milésima parte dos esforços despendidos pelos historiadores na descrição dos atos de diversos reis, generais e ministros, e na exposição de suas considerações relativas a esses atos.

II

As forças reunidas dos povos da Europa se lançam sobre a Rússia. O exército e a população recuam, evitando combater, até Smolensk, e de Smolensk até Borodino. O exército francês, com uma força de propulsão sempre crescente, se atira sobre Moscou, alvo de seu movimento. A força de propulsão cresce aproximando-se do alvo, como aumenta a velocidade de um corpo que cai, à medida que se aproxima da terra. Na retaguarda, milhares de *verstas* de um país faminto, hostil; pela frente, dezenas de *verstas* que o separam do alvo. Cada soldado do exército de Napoleão sente isso, e a invasão progride por si mesma, pela força da impulsão.

No exército russo, quanto mais se acentua a retirada, mais aumenta o ódio contra o inimigo: com o recuo esse ódio se concentra e cresce. O choque se dá em Borodino. Nenhum dos dois exércitos cede, mas, imediatamente depois do choque, o exército russo prossegue na sua retirada, tão fatalmente como recua uma bala que se choca contra outra lançada com grande força; com a mesma fatalidade, a bala da invasão, lançada com grande velocidade (apesar de ter perdido toda a sua força no choque) ainda continua seu caminho por algum tempo.

Os russos se retiram cento e vinte *verstas* além de Moscou. Os franceses chegam a Moscou e param. Depois, passam-se cinco semanas sem uma única batalha. Os franceses não se movem. Semelhante a um animal mortalmente ferido que lambe suas feridas, durante cinco semanas permanecem em Moscou sem nada empreenderem e, inesperadamente, sem nenhuma causa nova, recuam fugindo, atiram-se na estrada de Kaluga, e embora se tenham tornado senhores do campo de batalha depois da vitória de Malo-Iaroslavetz, sem que nenhuma outra batalha de importância se houvesse travado, fogem ainda mais rapidamente para Smolensk, além de Smolensk, além de Vilna, para a outra margem do Berezina e ainda além.

Na noite de 26 de agosto, Kutuzov e todo o exército russo estavam convencidos de que a batalha de Borodino fora ganha. Kutuzov chegou a

escrever ao imperador informando sobre isso e a ordenar os preparativos para uma nova batalha, com o fim de liquidar o inimigo, não porque quisesse enganar alguém, mas por saber que o inimigo estava vencido, como o sabiam todos que haviam tomado parte na batalha.

Mas na mesma noite e no dia seguinte, sucediam-se as notícias de perdas inacreditáveis. A metade do exército estava perdida; a batalha se tornava materialmente impossível.

Não se podia travar uma nova batalha quando ainda não se sabia tudo, quando o número de feridos ainda não fora verificado, antes de novos suprimentos de munição, quando os mortos ainda não haviam sido contados, quando novos chefes ainda não haviam sido nomeados em substituição dos mortos, e quando os soldados ainda não haviam comido nem dormido. E ao mesmo tempo, imediatamente após a batalha, no dia seguinte de manhã, o exército francês (devido a essa força propulsiva que agora aumentava em razão inversa ao quadrado das distâncias) se arrojava contra o exército russo. Kutuzov queria atacar no dia seguinte, e todo o exército também o queria. Mas para atacar não era o bastante desejá-lo, era preciso haver possibilidade, e esta não existia. Impunha-se o recuo de um dia de marcha, de outro, e ainda de um terceiro, e finalmente no dia 1º de setembro, quando o exército estava próximo de Moscou, não obstante a exaltação de todos que o compunham, o estado das coisas exigia que essas tropas se retirassem para além de Moscou. E as tropas ainda recuaram mais e mais, entregando Moscou ao inimigo.

Às pessoas acostumadas a pensar que os planos de guerra e as batalhas são feitos pelos capitães da mesma forma que nós, sentados diante de um mapa em nosso gabinete de trabalho, opinando como agiríamos em tal ou tal conjuntura, se apresentam as seguintes questões: “Por que Kutuzov, na retirada, não procedeu dessa ou daquela forma? Por que não ocupou a posição diante de Fili? Por que não recuou imediatamente pela estrada de Kaluga, por que deixou Moscou etc.?” Os homens acostumados a pensar assim esquecem ou ignoram as condições inevitáveis que sempre condicionam a atividade de um comandante em chefe. A atividade do capitão nada tem de semelhante à que nós imaginamos, sentados em nosso gabinete de trabalho analisando uma campanha qualquer no mapa, com certa quantidade de tropas de ambos os lados, numa região conhecida

e fazendo cálculos que partem de um momento preciso. O comandante em chefe nunca é colocado nas condições do *começo* de um acontecimento qualquer, sob as quais nós o examinamos. O comandante em chefe sempre se encontra no meio da série movimentada dos acontecimentos, e de tal sorte que nunca, em nenhum momento, ele pode abarcar toda a importância do acontecimento que se realiza. Dentro da sucessão ininterrupta de acontecimentos, a cada instante, imperceptivelmente, um deles pode adquirir relevância com tudo o que arrasta consigo, e apanhar o comandante em chefe envolto no mais complicado jogo de intrigas, preocupações, dependências, poder, projetos, conselhos, ameaças, embustes, e perpetuamente obrigado a responder às menores perguntas que lhe fazem e que sempre se contradizem.

Os sábios da tática nos dizem com muita seriedade que, muito antes de Fili, Kutuzov deveria ter levado suas tropas à estrada de Kaluga, como alguém sugerira. Mas, nos momentos difíceis, o comandante em chefe recebe dezenas de sugestões, todas elas contraditórias e com fundamentos estratégicos e táticos. Pode parecer que ao comandante em chefe seja suficiente escolher uma, mas nem isso ele pode fazer. O tempo e os acontecimentos não esperam. Suponhamos, por exemplo, que no dia 28 lhe sugeriram seguir pela estrada de Kaluga; mas nesse momento chega o ajudante de ordens de Miloradovitch perguntando-lhe, por ordem deste, se deve atacar os franceses imediatamente ou recuar. Precisa dar uma ordem imediata, e a de recuar nos afasta da estrada de Kaluga.

Depois do ajudante de ordens, o chefe da intendência pergunta para onde deve levar os mantimentos, o chefe dos hospitais de campanha para onde deve conduzir os feridos, o enviado especial de São Petersburgo traz uma carta do imperador, dizendo que não admite a possibilidade de abandonar Moscou, e o rival do comandante em chefe, o que teve intrigas contra ele (sempre existem vários desse gênero), propõe um novo plano, diametralmente oposto ao da passagem pela estrada de Kaluga. Pessoalmente, o comandante em chefe está esgotado, precisando repousar e dormir. Nesse momento um general muito respeitável, que não foi condecorado, vem queixar-se. Os habitantes imploram para serem defendidos. Um oficial, voltando de um reconhecimento, traz novidades completamente opostas às relatadas por outro oficial que o precedera,

e o espião, um prisioneiro e o general que fez uma volta de reconhecimento pela região descrevem a posição do inimigo da maneira a mais contraditória. Os que não compreendem ou esquecem as condições necessárias de atividade de um comandante em chefe nos descrevem a posição do exército em Fili e supõem que o comandante em chefe, no dia 1 de setembro, podia livremente resolver o problema de abandonar ou defender Moscou, quando, entretanto, na posição em que se encontrava o exército russo, a cinco *verstas* de Moscou, não era nem mais possível formular essa questão. E quando se resolvera essa questão? Em Drissa e Smolensk, e de uma forma mais irredutível no dia 24, em Chevardino, no dia 26, em Borodino, e a cada dia, a cada hora, a cada instante da retirada de Borodino a Fili.

III

Quando Ermolov, enviado por Kutuzov para inspecionar a posição, disse ao feldmarechal, que, nas condições em que nos achávamos nas proximidades de Moscou, não era possível combater, Kutuzov fitou-o em silêncio.

— Dá-me tua mão — disse, procurando tomar-lhe o pulso: — Estás doente, meu caro. Pensa no que estás dizendo.

Kutuzov ainda não podia conceber abandonar Moscou sem combater.

A seis *verstas* das fortificações de Dorogomilov, na colina de Poklonnaia, Kutuzov desceu de seu carro para sentar-se num banco à margem da estrada. Uma grande multidão de generais o cercou. O conde Rostoptchine, vindo de Moscou, também se aproximou. Todos esses personagens brilhantes, divididos em vários grupos, conversavam sobre as vantagens e desvantagens da posição, sobre a situação das tropas, os planos que se faziam, o estado de Moscou e, em geral, sobre assuntos militares. Todos percebiam, apesar de não terem sido convocados para tal, que estavam em conselho de guerra, embora não fosse dado esse nome à reunião. O que se conversava em todos os grupos não passava do domínio das generalidades. Se alguém comunicava ou recebia notícias pessoais, era em voz baixa, logo voltando às questões gerais. Ninguém pilheriava, nem ria e nem sequer sorria. Evidentemente todos se esforçavam para parecer à altura do momento. E, conversando entre si, todos esses grupos procuravam ficar

próximos do comandante em chefe (cujo banco formava o centro de todos os grupos) e falar de forma a serem ouvidos por ele. O comandante em chefe escutava, às vezes pedia algum esclarecimento sobre o que diziam em torno, mas não tomava parte nas conversas nem emitia opinião alguma. Às vezes, mostrava-se retraído, aparentando desinteresse pelo que se dizia, se fosse algo que o decepcionasse. Uns falavam da posição, criticando, principalmente, a capacidade intelectual dos que a haviam escolhido. Outros provavam que o erro vinha de mais longe, que a batalha devia ter sido aceita desde a antevéspera.

Outros falavam da batalha de Salamanca, informados por Crossart, um francês com uniforme espanhol que acabava de chegar. (Esse francês discutia o cerco de Saragoça com um dos príncipes alemães que serviam no exército russo, lembrando a possibilidade de defender Moscou de forma semelhante.) Num outro grupo, o conde Rostoptchine se dizia disposto a morrer sob as muralhas da capital com a milícia moscovita, embora lamentasse a incerteza na qual o haviam deixado, e declarava que se o tivessem prevenido as coisas se passariam de forma bem diferente. Outros, exibindo a profundidade de seus conhecimentos estratégicos, falavam da direção que deveriam tomar as tropas. Outros diziam os maiores absurdos.

A fisionomia de Kutuzov tornava-se cada vez mais preocupada e triste. De tudo que se dizia, ele concluía uma única coisa: que não havia *possibilidade física* de defender Moscou, isto é, que, se houvesse um comandante em chefe capaz da loucura de ordenar a batalha, dar-se-ia uma convulsão que, inevitavelmente, a tornaria impossível. A batalha não se realizaria porque todos os chefes superiores achavam a posição incabível e nem sequer discutiam o que poderia acontecer depois de abandonada a atual posição. Como, pois, poderiam os chefes conduzir seus homens a um campo de batalha que eles julgavam impossível?

Os chefes inferiores e até os soldados (que também debatiam) achavam a posição impossível; portanto, não iriam combater na certeza da derrota. Que Benigsen insistisse na defesa dessa posição e os outros em criticá-la, não tinha mais importância, agora já não passava de um pretexto para disputas e intrigas. Kutuzov percebia isso.

Benigsen, fazendo questão dessa posição e falando no seu ardente patriotismo (o que Kutuzov não podia ouvir sem franzir o cenho), insistia em querer defender Moscou. Kutuzov via claramente qual era a finalidade de Benigsen: no caso de insucesso, atirar toda a responsabilidade sobre Kutuzov, que, sem combater, trouxera as tropas até a montanha dos Pardais; em caso de vitória, ser considerado seu maior fator; e, no caso de recuo, isentar-se do crime de ter abandonado Moscou. Mas nesse momento as intrigas não preocupavam o ancião. Um problema terrível, cuja solução não esperava de ninguém, o absorvia.

Agora ele perguntava a si mesmo: “Fui eu que deixei Napoleão vir até Moscou? Quando foi que isso se deu? Terá sido ontem, quando mandei a Platov ordem de retirar, ou anteontem à noite, quando encarreguei Benigsen de dar as ordens para que eu repousasse um pouco? Mas quando, quando se deu essa coisa terrível? Moscou deve ser abandonada, as tropas devem recuar, é preciso dar essa ordem.” Dar essa ordem lhe parecia tão difícil quanto renunciar o comando do exército.

E não só Kutuzov gostava do poder, não só estava habituado a ele (as homenagens prestadas ao príncipe Prosorovski, junto de quem estivera adido na Turquia, provocavam sua inveja), como estava convencido de que lhe cabia salvar a Rússia e que por isso, contra a vontade do imperador e pela vontade do povo, era o comandante em chefe. Estava convencido de que, nesse momento difícil, só ele era capaz de conduzir o exército, que só ele no mundo era capaz de, sem pavor, enfrentar seu adversário, o invencível Napoleão. E só pensar na ordem que deveria dar causava-lhe horror. Mas era preciso decidir-se. Era preciso pôr termo às conversas que já com excessiva liberdade se davam em torno dele. Chamou os generais superiores.

— Boa ou má, a minha cabeça só pode pedir conselhos a si mesma — disse, levantando-se do banco e rumando para Fili, onde se achavam suas bagagens.

IV

Às duas horas, numa grande e confortável isbá do camponês André Savostianov, reuniu-se o conselho. Do outro lado do vestíbulo, na parte dos fundos da isbá que servia, estavam camponeses, mulheres e crianças. Só a netinha de André, Malacha, uma criança de seis anos a quem o sereníssimo dera um pedaço de açúcar, se conservava junto da estufa na grande sala. Tímida e alegre, da estufa, Malacha observava as fisionomias,

os uniformes e as condecorações dos generais que entravam uns depois dos outros e se instalavam nos grandes bancos colocados a um canto sob os ícones. Até o “avô”, conforme ela chamava mentalmente Kutuzov, se conservava sozinho no canto sombrio atrás da estufa. Sentado numa cadeira, parecia abatido e, a todo momento, soltava interjeições engasgadas e arrumava a gola, que, apesar de desabotoada, parecia incomodá-lo. Os que entravam aproximavam-se dele, uns depois dos outros. Apertava a mão de alguns, limitando-se a fazer um sinal de cabeça a outros. Kaissarov, o ajudante de ordens de Kutuzov, quis abrir a cortina da janela, mas o comandante fez um gesto de impaciência e Kaissarov compreendeu que o sereníssimo não queria que vissem seu rosto.

Havia tanta gente em volta da rústica mesa de pinho, onde estavam os mapas, os planos, os lápis, os papéis, que os criados tiveram de trazer ainda outro banco para colocar junto dela. Os recém-chegados sentaram-se: Ermolov, Kaissarov e Toll. Sob os ícones, à cabeceira, estava Barclay de Tolly com a cruz de São Jorge ao pescoço, pálido, de aspecto doentio, e cuja testa muito alta se confundia com a calva. Havia dois dias que estava com febre, e no momento sentia tremores e parecia muito indisposto. Uvarov, sentado ao seu lado, comunicava-lhe alguma coisa, gesticulando e a meia-voz, como falavam todos. O pequeno e gordo Dokhturov, com os olhos muito abertos e as mãos cruzadas sobre a barriga, ouvia atentamente. Na outra extremidade estava o conde Osterman Tolstoi, que parecia mergulhado nas suas reflexões, com a grande cabeça de traços acentuados apoiada numa das mãos e os olhos brilhantes. Demonstrando impaciência, Raievski passava a mão pelos cabelos num gesto habitual, fitando ora Kutuzov, ora a porta de entrada. O semblante duro, belo e bom de Konovnitzine parecia iluminado por um sorriso meigo e esperto. Seu olhar encontrara o de Malacha e, com os olhos, fazia-lhe sinais que a faziam sorrir.

Todos esperavam Benigsen, que, sob pretexto de inspecionar uma nova posição, estava terminando um bom jantar. Esperaram das quatro às seis horas sem abrir a sessão, conversando em voz baixa. Mas logo que Benigsen entrou na isbá, Kutuzov saiu de seu canto, aproximando-se da mesa. Conservou-se, entretanto, a uma distância que não permitia às velas da mesa iluminarem seu rosto.

Benigsen abriu a sessão com a pergunta: “Devemos abandonar sem combate a antiga e santa capital da Rússia ou defendê-la?” Um prolongado silêncio se sucedeu. Todas as fisionomias se tornaram sombrias, e no silêncio ouviu-se o pigarro descontente de Kutuzov. Todos os olhares estavam fixos nele. Malacha

também fitava o avô. Estava bem próxima dele e notou que seu semblante se contraía. Parecia que ele estava prestes a chorar. Mas isso não durou muito.

— *A antiga e santa capital da Rússia!* — começou subitamente num tom de voz irritado, repetindo as palavras de Benigsen para acentuar a falta de convicção de quem as pronunciara. — Permita-me dizer-lhe, Excelência, que essa pergunta não tem sentido para um russo. — E aproximou seu enorme corpo. — Não se pode fazer semelhante pergunta e ela não tem sentido. Convidei esses senhores para uma reunião a fim de resolver um problema militar: a salvação da Rússia é o exército. O que será mais vantajoso, arriscar a sorte do exército e de Moscou aceitando a batalha ou entregar Moscou sem combater? Era sobre isso que eu desejaria conhecer a opinião dos senhores. — E voltou a sentar-se.

Os debates começaram. Benigsen ainda não acreditava perdida a partida. Admitindo a opinião de Barclay e dos outros sobre a impossibilidade de aceitar uma batalha defensiva em Fili, exaltando seu patriotismo e seu amor a Moscou, propunha que as tropas se transportassem, durante a noite, da direita para a esquerda, a fim de, no dia seguinte pela manhã, atacar a ala direita dos franceses.

As opiniões se dividiam: Ermolov, Dokhturov e Raievski concordavam com Benigsen. Sentiam eles a necessidade de um sacrifício antes de abandonar a capital, ou eram levados por motivos de ordem pessoal? Pareciam não compreender que esse conselho não poderia modificar a marcha inevitável dos acontecimentos e que Moscou estava desde já abandonada. Os demais generais compreendiam isso e, deixando de parte qualquer questão relativa a Moscou, só falavam nas medidas a serem tomadas para a retirada do exército.

Malacha, que observava atentamente o que se passava diante de seus olhos, compreendia de forma bem diferente a importância desse conselho. Parecia-lhe que tudo se reduzia a uma luta pessoal entre o “avô” e o “homem de fraque comprido”, como chamava Benigsen. Percebia que eles se irritavam quando falavam um com o outro e, no seu íntimo, estava do lado do “avô”. No meio da conversa, notou o olhar rápido e malicioso do “avô” dirigido a Benigsen, e com grande satisfação compreendeu que o “avô” colocara “o homem de fraque comprido” em seu lugar. Subitamente Benigsen enrubescera e se pusera a caminhar de um lado para outro. As palavras que haviam causado esse estado de Benigsen eram as emitidas por Kutuzov, numa voz calma e suave, sobre as

vantagens e desvantagens de sua proposta: fazer, durante a noite, o deslocamento do flanco direito para o esquerdo a fim de atacar a ala direita dos franceses.

— Mas, senhores — disse Kutuzov —, não posso aprovar o plano do conde. Os movimentos de tropas nas proximidades do inimigo sempre são perigosos, e a história militar o confirma. Por exemplo... (Kutuzov fingiu procurar, enquanto fitava Benigsen com um olhar claro e ingênuo) Está aí! Por exemplo, a batalha de Friedland, da qual o conde deve estar bem lembrado: não se pode dizer que ela tenha sido... um sucesso, e isso apenas devido ao fato de nossas tropas se terem colocado muito perto do inimigo...

Um silêncio, que a todos pareceu demasiadamente longo, seguiu-se a essas palavras. Os debates recomeçaram, embora fossem amiúde interrompidos; todos sentiam que não havia mais nada a discutir.

Durante uma dessas interrupções, suspirou penosamente Kutuzov, parecendo que se preparava para falar. Todos o olharam.

— Em suma, senhores, estou vendo que eu pagarei o pato — disse ele, levantando-se e aproximando-se da mesa. — Senhores, ouvi todas as opiniões. Alguns aqui não estão de acordo comigo, mas eu — fez uma breve pausa —, em virtude dos poderes que me foram conferidos pelo imperador e pela pátria, ordeno a retirada.

Imediatamente os generais começaram a levantar-se e a sair, com o cerimonial que se usa no fim dos funerais.

Alguns generais, numa voz baixa bem diferente da que tinham durante a sessão, disseram alguma coisa ao comandante em chefe. Malacha, que há muito era esperada para a ceia, desceu prudentemente de costas, encostou os pés descalços na beirada da estufa e, esgueirando-se entre as pernas dos generais, desapareceu pela porta entreaberta.

Depois de ter se despedido dos generais, Kutuzov conservou-se muito tempo debruçado sobre a mesa, pensando sempre na mesma e terrível questão: “Quando ficou decidida a entrega de Moscou? Quando aconteceu o que tornou fatal essa entrega, e quem é o culpado?”

— Não podia contar com isso — disse a Schneider, seu ajudante de ordens, que o procurou tarde da noite. — Não esperava isso! Nunca teria acreditado!

— Alteza, é preciso descansar um pouco — disse Schneider.

— Vocês vão ver! Eles hão de comer carne de cavalo, como os turcos! — exclamou Kutuzov, sem responder, e dando um soco na mesa. — Eles vão comer, basta...

V

Rostoptchine, que apresentamos como inspirador desse acontecimento muito mais grave que a retirada do exército sem combate — o abandono de Moscou e seu incêndio —, nas circunstâncias do momento, procedia de forma totalmente diversa da de Kutuzov.

Esse acontecimento — o abandono de Moscou incendiada — era tão inevitável quanto a retirada das tropas sem combate, depois do que aconteceu em Borodino.

Qualquer russo, não por reflexão lógica, mas guiando-se pelo sentimento que existe em nós e que existia em nossos pais, poderia ter predito o que aconteceu.

Depois de Smolensk, em todas as cidades e todas as aldeias da Rússia, sem a intervenção do conde Rostoptchine e de seus panfletos, acontecia o mesmo que em Moscou: o povo esperava tranquilamente o inimigo, não se revoltava, não se perturbava, não trucidava ninguém, apenas aguardava calmamente seu destino, certo de ser capaz de decidir, nos momentos mais difíceis, o que deveria fazer. E logo que o inimigo se aproximava, os mais ricos habitantes se retiravam abandonando seus bens, os mais pobres incendiavam e destruíam o que restava. Cada russo tinha, e tem, a consciência de que isso se repetiria sempre e por toda a parte. E essa consciência aliada ao pressentimento de que Moscou seria tomada se espalhara na sociedade moscovita de 1812. Os que começaram a retirar-se em julho e nos primeiros dias de agosto mostravam esperar isso. Os que se retiravam levando o que podiam, abandonando suas casas e a metade de seus bens, agiam impulsionados por esse patriotismo latente que não se exprimia por frases, pela morte de crianças para a salvação da pátria ou outros atos antinaturais, mas externava-se de forma simples, sem estardalhaços, e por isso mesmo proporcionava os melhores resultados. “É vergonhoso fugir do perigo. Só os covardes abandonam Moscou”, diziam. Nos seus cartazes, Rostoptchine lhes fazia compreender que era vergonhoso abandonar Moscou. Tinham vergonha de passar por covardes; tinham vergonha de retirar-se, mas eles retiravam-se apesar

de tudo, conscientes de que isso era necessário. Por que partiam? Não é correto supor que Rostoptchine os assustasse relatando os horrores que Napoleão cometia nas terras conquistadas. Os ricos e os instruídos eram os primeiros a partir, gente que sabia muito bem que Viena e Berlim haviam ficado intactas e que lá, durante a ocupação napoleônica, os habitantes conviviam alegremente com os encantadores franceses, de quem os russos e especialmente as senhoras tanto gostavam.

Partiam porque os russos não podiam indagar se Moscou seria habitável ou não sob a ocupação dos franceses. O impossível era permanecer sob o domínio destes. Partiam mesmo antes da batalha de Borodino, e ainda com mais pressa depois da batalha, apesar dos apelos para a defesa, apesar da proclamação do governador de Moscou, propondo orar à santa Mãe Iverskaia e resistir, apesar dos balões que deviam abater os franceses, apesar de todas as tolices que Rostopchine escrevia nos seus boletins. Eles sabiam que ao exército cabia combater e, se este não estivesse condições, não seriam eles, com moças e criados, que iriam atacar Napoleão nas Três Montanhas, e que era necessário partir, embora fosse bem triste abandonar seus bens. Partiam sem pensar na importância majestosa dessa grande e rica capital abandonada pelos habitantes e evidentemente destinada ao incêndio (não estava no espírito do povo russo deixar de destruir e queimar casas vazias). Partiam cada um por si; e, entretanto, nesse simples fato residia o acontecimento memorável que ficará para sempre como a maior glória do povo russo. A dama que desde o mês de junho abandonava Moscou, retirando-se para seus domínios de Saratov com seus negros e seus bufões, movida pela vaga consciência de não ser uma criada de Bonaparte e pelo terror de ser presa por ordem do conde Rostoptchine, contribuía para essa grande obra que salvou a Rússia. E o conde Rostoptchine, que ora humilhava os que se retiravam, ora ordenava a retirada dos órgãos públicos da cidade, ora distribuía armas imprestáveis ao populacho embriagado, ora passeava com os ícones pelas ruas, ora proibia ao metropolitano Agostinho a exposição das relíquias e dos ícones, ora apreendia todas as carroças de Moscou, ora carregava o balão fabricado por Leppich em cento e trinta e seis carroças, ora insinuava que incendiaria Moscou, ora contava como havia queimado sua própria casa, ora escrevia uma proclamação aos franceses censurando-os,

solenemente, a pilhagem de um orfanato, ora se arrogava a glória do incêndio de Moscou, ora fugia a toda responsabilidade desse ato, ora ordenava ao povo que prendesse todos os espiões e os conduzisse à sua presença, ora censurava o povo por isso mesmo, ora expulsava todos os franceses de Moscou, ora consentia na permanência de Madame Aubers-Chalmet, que era o centro da sociedade francesa de Moscou, e, sem o menor motivo, deportava Klutcharov, o velho e respeitável diretor dos correios, ora reunia o povo para atacar os franceses nas Três Montanhas, ora, para ver-se livre desse mesmo povo, atirava-lhe um homem para ser atacado e ele próprio se retirava pelas escadas de serviço, ora dizia que não suportaria as desgraças de Moscou, ora escrevia versos franceses em álbuns, narrando sua participação na tragédia, [\[41 \]](#) esse homem não compreendia a importância do que estava acontecendo, mas queria fazer alguma coisa, causar admiração a alguém, representar um papel qualquer, patriótico, heroico e, como um garoto, divertia-se com o acontecimento formidável e fatal do abandono e do incêndio de Moscou, e com seu punho fraco procurava, ora encorajar, ora conter a enorme avalanche popular que o arrastava.

VI

Na sua volta com a corte de Vilna para Petersburgo, Helena se achava numa situação bastante embaraçosa.

Em Petersburgo ela gozava da proteção particular de um figurão que ocupava um dos mais altos postos do Estado. Em Vilna, se aproximara de um jovem príncipe estrangeiro. Quando regressou, tanto o príncipe como o figurão se encontravam em Petersburgo, ambos reivindicaram seus direitos, e Helena viu-se diante do novo problema: conservar tais relações íntimas com ambos, sem desagradar nenhum.

O que poderia parecer difícil ou impossível a uma outra mulher não fez a condessa Bezukhov hesitar um só minuto, pois, evidentemente, não era em vão que gozava da reputação de mulher superior. Esconder-se e desvencilhar-se pela astúcia seria comprometer tudo e reconhecer-se culpada. Mas Helena, ao contrário, como uma pessoa realmente forte, que pode tudo quanto quer, encheu-se de razões, nas quais acreditava com tanta sinceridade que os outros pareciam ser injustos para com ela.

A primeira vez que o jovem príncipe estrangeiro tomou a liberdade de fazer-lhe censuras, ela, empertigando altivamente seu lindo rosto e fazendo uma meia volta na direção dele, retrucou com firmeza:

— Eis aí o egoísmo e a crueldade dos homens! Isto era justamente o que eu esperava. A mulher sofre e sacrifica-se pelos senhores e esta é a recompensa que recebe. Que direito tem, Alteza, de me pedir satisfações de minhas amizades, minhas afeições? Esse homem foi mais que um pai para mim.

O jovem príncipe quis dizer alguma coisa, mas Helena o interrompeu:

— Bem, pode ser que ele tenha para comigo sentimentos que não sejam bem os de um pai, mas isso não é uma razão para que eu lhe feche a porta. Não sou homem, para ser ingrata. Saiba, Alteza, que no que toca aos meus sentimentos íntimos, só dou satisfação a Deus e à minha consciência. — E punha a mão sobre o belo peito, olhando o céu.

— Mas ouça-me, por amor de Deus!

— Case comigo e serei sua escrava.

— Mas isso é impossível!

— Vossa Alteza não se digna a descer até mim... — disse Helena, começando a chorar.

O príncipe procurou consolá-la, e Helena, através das lágrimas, disse (como por descuido) que nada a impedia de casar, que havia muitos exemplos (nesse tempo havia muito poucos, porém ela citou Napoleão e outros grandes figurões), que nunca fora a esposa de seu marido, que era uma sacrificada...

— Mas as leis, a religião... — insinuou o príncipe, começando a ceder.

— As leis, a religião... Mas por que seriam elas inventadas se não se pudesse fazer isso? — perguntou Helena.

O jovem apaixonado ficou surpreso por não lhe ter passado pela cabeça um raciocínio tão simples e procurou aconselhar-se com os santos padres da Companhia de Jesus, com quem estava muito ligado.

Alguns dias depois, numa das festas encantadoras que Helena costumava oferecer na sua residência da ilha de Kamenni, apresentaram-lhe *Monsieur de Jobert, un jésuite de robe courte*, homem maduro de cabelos brancos como a neve e olhos negros brilhantes. No jardim iluminado e aos sons da música, ele conversou demoradamente com Helena sobre o amor a Deus, o amor a Cristo, ao

coração da Virgem Maria e as consolações que a única religião verdadeira, a católica, nos proporcionava neste e no outro mundo.

Helena estava emocionada e diversas vezes, como os de Monsieur Jobert, seus olhos ficaram rasos d'água e sua voz tremeu. Um cavalheiro, vindo convidá-la para dançar, pôs fim à conversa com seu futuro guia espiritual, mas no dia seguinte à noite Monsieur Jobert voltou só, tornando-se, depois, um frequentador assíduo da casa.

Um dia levou a condessa a uma igreja católica, e Helena caiu de joelhos diante do altar para onde ele a conduziu. O francês, maduro, encantador, pousou-lhe a mão sobre a cabeça, e ela, como contou mais tarde, sentiu algo semelhante a um vento fresco a arejar-lhe a alma. Explicaram-lhe que era “a graça”.

Em seguida apresentaram-na a um abade de *robe longue*. Ele a ouviu em confissão e absolveu-a. No dia seguinte levaram-lhe uma caixa dourada contendo uma hóstia, que deixaram em sua casa. Alguns dias mais tarde Helena soube, com alegria, que havia ingressado no seio da Igreja Católica, que o próprio papa seria imediatamente informado e lhe mandaria um documento importante.

Tudo o que se passava nesse meio-tempo, em torno dela e a seu respeito, toda essa atenção que lhe dispensavam tantas pessoas inteligentes, exprimindo-se de uma forma agradável e refinada, a pureza da pomba, estado no qual agora se encontrava (passou a usar apenas um vestido branco guarnecido de fitas azuis), tudo isso só podia alegrá-la. Mas, não obstante o seu prazer, ela nunca deixou de lado a finalidade que tinha em vista e, como sempre acontece de um tolo lograr os mais inteligentes, Helena, tendo compreendido que o objetivo de todas aquelas palavras e diligências para convertê-la ao catolicismo era, principalmente, o de arrancar-lhe dinheiro em benefício dos estabelecimentos dos jesuítas (algumas alusões já haviam sido feitas a esse ponto), antes de entregar o dinheiro fez questão de dar todos os passos necessários para ver-se livre do marido. Para ela a importância de toda religião consistia em satisfazer os desejos humanos, guardando certas conveniências. E com esse fim, conversando com seu guia espiritual, exigiu insistentemente que lhe respondesse ao seguinte: até que ponto seu casamento a prendia.

Estavam sentados na sala, junto da janela. A noite caía. O perfume das flores entrava pela janela. O vestido branco e transparente de Helena deixava adivinhar seus braços e seu colo. O abade, bem alimentado, escanhado, com traços enérgicos e agradáveis, as mãos brancas untuosamente pousadas sobre os joelhos, estava sentado perto de Helena e com um sorriso falso a contemplava, encantado pela sua beleza, expondo-lhe sua opinião sobre o assunto que os interessava. Com um sorriso inquieto, Helena fitava seus cabelos crespos, suas faces gordas bem barbeadas, morenas, e prestava atenção ao novo rumo que tomava a conversa. Embora admirando a beleza de sua interlocutora, o abade não se afastava de seus objetivos.

Assim raciocinava o diretor intelectual:

— Ignorando a importância do que se comprometia, a senhora jurou fidelidade a um homem que, de seu lado, contraindo matrimônio sem crer na sua importância religiosa cometeu um sacrilégio. Esse casamento, então, não possui a dupla significação que deveria possuir. Mas, no entanto, o juramento os ligou. Quer rompê-lo? Que pecado comete agindo assim? Pecado venial ou pecado mortal? Pecado venial, porque praticou o ato sem má intenção. Agora, se contrai novo enlace na intenção de ter filhos, esse pecado lhe poderá ser perdoado. Mas novamente o problema se divide em dois: primeiro...

Mas Helena, que se aborrecia com tudo isso, interrompeu-o subitamente com um sorriso encantador:

— Mas eu creio que entrando para a verdadeira religião não devo ficar presa aos laços que me foram impostos pela falsa.

O guia espiritual ficou admirado da simplicidade com que lhe punham em pé o ovo de Colombo. Estava encantado com os progressos rápidos e inesperados de sua aluna, mas não podia renunciar a seus argumentos.

— Vamos nos entender, condessa — disse, num sorriso.

E começou a discutir os raciocínios de sua filha espiritual.

VII

Helena compreendia que, sob o ponto de vista espiritual, seu caso era muito fácil e que os obstáculos criados por seus guias resultavam apenas do fato de eles não saberem como as autoridades civis o encarariam.

Compreendendo isso, Helena resolveu preparar o ambiente na sociedade. Provocou o ciúme do velho fidalgo e repetiu-lhe o que dissera ao primeiro postulante: isto é, esclareceu-lhe que desposá-la seria o único meio de obter algum direito sobre sua pessoa.

No primeiro momento, ouvindo essa proposta de casamento, o velho e importante senhor ficou tão surpreso quanto o jovem postulante, considerando que ela tinha marido vivo, mas, diante da afirmação categórica de Helena dizendo que casar lhe seria tão fácil como a qualquer moça solteira, ficou igualmente influenciado. Se Helena tivesse feito mistério e deixado perceber o menor sinal de hesitação ou vergonha, seu caso estaria irremediavelmente perdido, mas não só ela não fazia o menor mistério como contava a seus íntimos (e era toda Petersburgo) com uma simplicidade ingênua, sem o menor constrangimento ou vergonha, que o príncipe e o velho fidalgo haviam pedido sua mão, que ela gostava de ambos e receava magoar um ou outro.

Em Petersburgo logo circulou a notícia, não de que Helena pretendia divorciar-se (nesse caso muitos se teriam voltado contra ela), mas de que a infeliz estava atrapalhada não sabendo com qual dos dois casar. Ninguém indagava como a coisa seria possível, mas apenas qual o melhor partido e como a corte receberia esse casamento. Havia, é verdade, alguns retardatários incapazes de compreender a situação e que viam nesse projeto a profanação do sacramento do matrimônio. Mas não eram muitos e logo se calavam. A maioria se interessava pela felicidade futura de Helena, indagando qual seria o melhor partido; mas se estava certo ou errado casar, tendo marido vivo, ninguém perguntava, porque, evidentemente, esse assunto já fora resolvido por pessoas mais inteligentes que “você e nós” (como diziam então) e também porque duvidar do acerto dessa solução seria dar mostras de estupidez e falta de tato mundano.

Só Maria Dmitrievna Akhrosimova, tendo vindo a Petersburgo nesse verão para ver um dos seus filhos, permitiu-se dizer claramente o que pensava, contrariando a opinião geral. Encontrando Helena num baile, Maria Dmitrievna a deteve no meio da sala e, num silêncio geral, disse-lhe com sua voz rude:

— Aqui a gente se casa tendo marido vivo. Pensas, talvez, ter inventado alguma novidade. Já te preveniram, minha cara, isso é invenção muito antiga.

Em todos os... se faz a mesma coisa!

Dizendo isso, Maria Dmitrievna arregaçou as mangas num gesto habitual e atravessou a sala olhando furiosamente para todos os lados.

Embora todos temessem Maria Dmitrievna, em Petersburgo ela era tida como uma excêntrica, motivo pelo qual só a palavra grosseira que pronunciara não foi esquecida e continuou sendo repetida em voz baixa, como se nela estivesse todo o sabor do que dissera.

O príncipe Vassili, que nos últimos tempos andava muito esquecido e costumava repetir cem vezes a mesma coisa, toda ocasião que encontrava a filha lhe dizia:

— Helena, quero dizer-te uma palavra... — E a puxava para um canto —: Tive conhecimento de certos projetos relativos a... bem sabes. Minha querida, não ignoras que o meu coração de pai se regozija por saber que tu... Sofreste tanto... Mas, minha querida... deves consultar unicamente teu coração. Isto é tudo que tenho para te dizer. — E, escondendo sempre a sua emoção, sempre a mesma, encostava o rosto da filha no peito e se afastava.

Bilibine, que não perdera a reputação de homem espirituoso e que era um amigo desinteressado de Helena, desses amigos que as mulheres brilhantes sempre têm, desses amigos que nunca se apaixonam, exprimiu-lhe um dia, *en petit comité*, sua opinião sobre o assunto.

— Escute, Bilibine (Helena tratava os amigos íntimos pelo sobrenome), quero que você me aconselhe, como faria a uma irmã. Qual dos dois devo escolher? — E pousou sua mão branca, carregada de anéis, no ombro de Bilibine. Franzindo a testa, este ficou um momento pensativo e disse, com um sorriso nos lábios:

— A senhora não me apanha desprevenido. Sabe que, como amigo sincero, tenho pensado muito no seu caso. Olhe, se casar com o príncipe (era um jovem), perderá para sempre a oportunidade de casar com o outro e, além disso, causará descontentamento na corte. Como sabe, há uma espécie de parentesco. Mas, casando com o velho conde, fará a felicidade dos seus últimos dias e então, como viúva do grande..., o príncipe não cometerá *mésalliance* [\[42 \]](#) se a desposar. — E as rugas desapareceram da testa de Bilibine.

— Aí está um verdadeiro amigo! — disse Helena, radiante, tocando mais uma vez no ombro de Bilibine. — Mas é que eu gosto dos dois e não queria magoá-

los. Daria a minha vida para fazer ambos felizes.

Bilibine deu de ombros, exprimindo nesse gesto sua impotência em face de semelhante pesar. “Grande mulher! Isso é o que se chama falar claro. Ela desejaria casar com os dois ao mesmo tempo”, pensou ele.

— Mas o que pensará seu marido de tudo isso? — perguntou, não temendo, dada a sua reputação, diminuir-se como uma pergunta tão ingênua. — Consentirá?

— Ah! Ele me ama tanto! — disse Helena, que, não se sabe por quê, acreditava no amor de Pierre. — Fará tudo por mim.

Bilibine franziu a testa para sublinhar o dito que preparava:

— Até o divórcio!

Helena riu.

Entre as pessoas que ousavam duvidar da legalidade do casamento projetado estava a mãe de Helena, a princesa Kuriaguina. Sempre tivera ciúmes da filha, e agora que todas as aspirações desta estavam prestes a se realizar, a princesa não conseguia dominar esse sentimento. Pediu a opinião de um padre russo para saber se era possível divorciar-se e casar novamente, com o marido vivo. Para sua grande alegria, o padre garantiu-lhe que era impossível e mostrou-lhe o texto do Evangelho que estabelece, de forma categórica, a impossibilidade de contrair novas núpcias estando vivo o marido.

Armada com esses argumentos, que lhe pareciam indiscutíveis, a princesa procurou sua filha um dia muito cedo, a fim de encontrá-la só.

Depois de ouvir as objeções da mãe, Helena sorriu com um leve ar de zombaria.

— Mas está escrito claramente: aquele que casar com uma mulher divorciada... — disse a velha princesa.

— Ah, mamãe, não diga tolices. A senhora não compreende nada. Minha posição impõe-me certos deveres — disse Helena, passando do russo para o francês, pois lhe parecia que em língua russa seu caso sempre era complicado.

— Mas, minha cara...

— Mas, então não compreende, mamãe, que o Santo Padre, que pode dar a dispensa...

Nesse momento a dama de companhia de Helena veio preveni-la de que Sua Alteza estava na sala e desejava vê-la.

— Não, diga que não quero recebê-lo. Estou furiosa com ele porque me faltou com a palavra.

— Condessa, não há pecado que não mereça perdão — disse, entrando na sala, um rapaz louro, de nariz e rosto compridos.

A velha princesa levantou-se respeitosamente e fez uma reverência. O rapaz não lhe prestou a menor atenção.

A princesa fez um cumprimento de cabeça à filha e dirigiu-se para a porta.

“É, ela tem razão”, pensou a velha princesa, cujas convicções se esboroavam na presença de Sua Alteza. “Ela tem razão. Mas como se explica que nós, quando éramos jovens, não o sabíamos? E no entanto era tão simples”, dizia ela para si mesma enquanto se instalava no carro.

No começo de agosto o caso de Helena estava perfeitamente esclarecido. Escreveu ao marido (que, julgava ela, a amava muito) uma carta na qual lhe comunicava a intenção de casar com N.N. e sua conversão à verdadeira religião. Pedia-lhe que preenchesse todas as formalidades necessárias ao divórcio, de acordo com as explicações que o portador da carta lhe daria.

“E com isso, meu amigo, rogo a Deus que o tenha sob a sua santa e poderosa guarda. Sua amiga Helena.”

Essa carta foi entregue a Pierre quando ele se achava no campo de Borodino.

VIII

Quase no fim da batalha de Borodino, abandonando pela segunda vez a bateria de Raievski, juntamente com grande número de soldados, Pierre se dirigiu para Kniazkovo, através do bosque, e alcançou a ambulância. Mas, vendo sangue e ouvindo gritos e gemidos, prosseguiu caminho, misturando-se aos soldados. Com todas as forças de sua alma, Pierre só desejava agora uma coisa: esquecer o mais rapidamente possível a horrível impressão desse dia, voltar às condições habituais de vida, dormir tranquilamente no seu quarto, na sua cama. Sentia que só nas condições normais de vida lhe seria possível compreender tudo o que vira e sentira. Mas essas condições normais de vida lhe faltavam.

Pela estrada que eles seguiam já não assobiavam as balas de fuzil e canhão, mas de todos os lados era a mesma cena do campo de batalha. As mesmas fisionomias contraídas pela dor, exaustas e às vezes estranhamente indiferentes;

o mesmo sangue, os mesmos capotes, os mesmos sons da fuzilaria, longínquos, é verdade, mas que, apesar disso, ainda espalhavam o terror; além de tudo, o calor e a poeira eram acabrunhadores.

Ao cabo de três *verstas* pela grande estrada de Mojaïsk, Pierre sentou-se à beira da estrada. O crepúsculo baixava sobre a terra. O ribombo do canhão se acalmava. Apoiando-se nos braços, Pierre permaneceu muito tempo recostado na mesma posição e observando as sombras que, na obscuridade, passavam diante dele. A cada instante parecia-lhe que uma bala de canhão vinha em sua direção com um silvo apavorante. Estremecia e levantava-se. Não saberia lembrar quanto tempo permanecera nesse local. No meio da noite três soldados que haviam apanhado galhos de árvores instalaram-se perto dele e fizeram uma fogueira, ao mesmo tempo que o olhavam de esguelha. Puseram uma panela no fogo que acabavam de acender e nela cozinharam biscoitos e toucinho. O odor agradável de gordura se confundia com o da fumaça. Pierre levantou-se e suspirou.

Os soldados comiam sem preocupar-se com Pierre e conversavam entre si. Subitamente um deles perguntou a Pierre:

— Quem és tu?

Com essa pergunta eles queriam sem dúvida exprimir o que pensava Pierre: “Se queres comer, nós te daremos comida. Basta que nos diga se és um homem de bem.”

— Eu? Eu? — fez Pierre, que sentiu a necessidade de diminuir tanto quanto possível sua posição social, a fim de sentir-se mais próximo dos soldados e ser mais compreendido por eles. — Para falar a verdade, sou um oficial de milícia, mas acontece que meu destacamento não está aqui. Acabo de chegar do campo de batalha, onde me perdi dos meus.

— Isso acontece — disse um dos soldados.

O outro sacudiu a cabeça.

— Olha, se quiseres comer alguma coisa, nada de constrangimento — prosseguiu o primeiro. E passou a Pierre uma colher de pau, depois de lambê-la.

Pierre sentou-se perto do fogo e começou a tomar a sopa que estava na panela, parecia que nunca comera nada melhor. Enquanto se conservava

avidamente inclinado para tomar grandes colheradas de sopa que engolia sem parar, os soldados o examinavam em silêncio, à luz do fogo.

— E para onde vais agora? — perguntou-lhe um dos soldados.

— Vou para Mojaisk.

— Quer dizer que és um senhor?

— Sim.

— E como te chamas?

— Piotr Kirilovitch.

— Pois bem, Piotr Kirillovitch, vamos. Nós te levaremos.

Na mais completa escuridão, os soldados e Pierre rumaram para Mojaisk.

O galo já cantava quando eles começaram a subir a encosta íngreme da cidade. Pierre caminhava com os soldados sem lembrar-se de que sua estalagem ficava no começo da subida e que ficara para trás. Não se teria recordado (tão abalado estava) se no meio da encosta não houvesse encontrado seu escudeiro, que fora procurá-lo na cidade e vinha voltando para a estalagem. O escudeiro reconheceu Pierre pelo chapéu branco que se destacava na escuridão.

— Excelência! — disse ele. — Nós já estávamos desesperados. Por que veio a pé, para onde vai? Venha por aqui, por favor.

— Ah! Sim — disse Pierre.

Os soldados pararam.

— Encontraste os teus, não é? — perguntou um deles.

— Adeus, Piotr Kirillovitch — disseram os outros.

— Adeus — respondeu Pierre, que partiu em direção à estalagem acompanhado pelo escudeiro.

“Eu deveria dar-lhes alguma coisa”, pensou Pierre levando a mão ao bolso. “Não, não precisa”, respondeu-lhe uma voz interior.

Todos os quartos da estalagem estavam ocupados. Pierre dirigiu-se para o pátio e deitou-se na sua carruagem com a cabeça mergulhada nas almofadas.

IX

Mal pousara a cabeça nas almofadas, Pierre sentiu que adormecia. Mas subitamente, com uma nitidez semelhante à realidade, ele ouviu os “bum bum bum” dos tiros, os gemidos, os gritos, o estardalhaço das balas de canhão, sentiu o cheiro do sangue e da pólvora, e uma sensação de horror, a sensação do medo da

morte, o despertou. Assustado, abriu os olhos e ergueu a cabeça acima do capote. No pátio tudo estava calmo, somente um ordenança, que conversava com o porteiro, caminhava diante do portão. Acima, sob o alpendre, os pombos foram despertados pelo barulho que Pierre fizera ao levantar-se.

Em todo o pátio se respirava um aroma pacífico, nesse momento agradável a Pierre, o cheiro da estalagem, de feno, de estrume, de breu.

Entre os dois alpendres escuros via-se o céu limpo, estrelado.

“Graças a Deus que isso já é passado!”, pensou Pierre escondendo outra vez a cabeça. “Oh! Como o medo é uma coisa horrível! Entreguei-me a ele, que vergonha! E eles... *eles* permaneceram impassíveis, calmos até o fim.” *Eles*, no pensamento de Pierre, eram os soldados, os que haviam tomado parte no combate, assim como os que lhe haviam dado de comer e os que rezavam diante do ícone. *Eles*, seres estranhos que até aquele momento não conhecera, no seu pensamento se destacavam nítida e distintamente de todas as outras pessoas.

“Ser soldado, um simples soldado”, pensou Pierre adormecendo, “entrar inteiramente nessa vida comum, imbuir-se dos sentimentos que fazem deles o que são. Mas como repelir todo o fardo supérfluo, diabólico desse ser exterior? Em outros tempos isso teria sido possível. Poderia afastar-me de meu pai como queria. Mesmo depois do duelo com Dolokhov eu me poderia ter ingressado no regimento”. E o pensamento de Pierre evocou o jantar no clube, durante o qual ele havia provocado Dolokhov, e seu benfeitor em Torjok. Evocou também uma sessão solene da loja. Realizara-se no clube inglês; um conhecido muito chegado, estimado, estava sentado na extremidade da mesa. Sim, ele! Era o benfeitor! “Mas ele está morto”, pensou Pierre. “Sim. Ele está morto, mas eu não sabia que ele estava vivo. Como me entristeceu sua morte! Como me sinto feliz por vê-lo vivo outra vez!” De um lado da mesa, Anatole, Dolokhov, Nesvitzki, Denissov e os outros estavam sentados. (No sonho, a categoria desses homens aparecia nitidamente para Pierre, tão definida como a dos homens que ele chamava *eles*.) E esses homens, Anatole, Dolokhov, gritavam em alto e bom som e cantavam. Mas através de seus gritos ouvia-se a voz do benfeitor, que falava constantemente, como o ribombo do campo de batalha, mas sua voz era agradável e reconfortante. Pierre não compreendia o que dizia o benfeitor, mas sabia (a categoria das ideias era absolutamente nítida no sonho) que ele falava do bem, da possibilidade de ser o que *eles* eram. E de todos os lados *eles* se

comprimiam em torno do benfeitor. Seus semblantes eram simples, bons, resolutos. Mas apesar de bons, eles não olhavam para Pierre; não o conheciam. Pierre quis atrair-lhes a atenção e falar. Levantou-se, mas nesse momento suas pernas gelaram: elas estavam nuas.

Sentiu-se envergonhado e cobriu novamente as pernas, que, efetivamente, estavam para fora do capote. Enquanto se cobria novamente, Pierre abriu os olhos e viu os mesmos alpendres, os mourões, o pátio; mas agora tudo estava azulado, claro, com gotas de orvalho ou de geada.

“Já é dia”, pensou Pierre. “Mas isso não é tudo, devo terminar de ouvir e de compreender as palavras do benfeitor.” Ele se cobriu novamente com o capote, mas já não viu a loja nem o benfeitor. Restavam apenas ideias que são expressas por palavras claras, ideias emitidas por alguém ou concebidas pelo próprio Pierre.

Mais tarde, recordando-se dessas ideias, embora elas tivessem sido provocadas pelos acontecimentos do dia, Pierre estava convencido de que emanavam de alguém estranho a ele; nunca, ele acreditava, teria podido conceber e exprimir tais ideias se estivesse acordado.

“A guerra é, para a liberdade humana, o ato de submissão mais difícil às leis de Deus”, dizia a voz. “A simplicidade é a obediência a Deus. Dele não é possível afastar-se. E *eles* são simples. *Eles* não falam, mas agem. A palavra pronunciada é prata, a palavra não pronunciada é ouro. O homem nada pode dizer enquanto tiver medo da morte. E aquele que não a teme é senhor de tudo. Sem os sofrimentos, o homem nunca seria capaz de saber seus limites, de conhecer-se. O mais difícil”, “continuava a pensar ou a ouvir Pierre no sonho, “consiste em reunir na própria alma a significação de tudo. Unir tudo!”, pensou Pierre. “Mas não, não se pode unir ideias. O que se pode é concatenar todas essas ideias, eis o que se deve fazer. *Sim, é necessário atrelar. É necessário atrelar!*”, repetia Pierre com entusiasmo, sentindo que precisamente essas palavras, e unicamente elas, exprimiam tudo que ele queria exprimir e resolviam o problema que o atormentava. “Sim, é necessário atrelar. Está na hora de atrelar.”

— É preciso atrelar. Está na hora de atrelar, Excelência! Excelência! — repetia uma voz qualquer. — E preciso atrelar, é preciso atrelar...

Era o escudeiro que acordava Pierre.

O sol atingia diretamente o rosto de Pierre. Ele olhou para o pátio sujo, no meio do qual, perto do poço, os soldados davam de beber a seus cavalos magros, e do qual os carros se retiravam. Enojado, Pierre desviou o olhar e, fechando os olhos, deixou-se cair novamente no assento do carro. “Não, não quero isso, não quero isso! Quero ver e compreender! Quero compreender o que me foi revelado durante o sono. Mais um segundo e eu teria compreendido tudo, mas o que devo fazer? Atrelar! Mas como atrelar tudo?” E Pierre sentiu com horror que estava destruída toda a importância do que ele vira e pensara em sonho.

O escudeiro, o cocheiro e o porteiro contaram a Pierre que havia chegado um oficial com a notícia de que os franceses avançavam na direção de Mojaisk e os nossos estavam se retirando.

Pierre levantou-se, mandou que atrelassem e o alcançassem, e saiu a pé pela cidade.

As tropas se retiravam deixando perto de dez mil feridos. Podia-se vê-los nos pátios e pelas janelas das casas; outros se empurravam na rua. Fora, junto das carretas que deviam levar os feridos, ouviam-se gritos, xingamentos e pancadas. Pierre ofereceu seu carro a um general ferido que ele conhecia e o acompanhou até Moscou. No caminho, Pierre soube da morte de seu cunhado e do príncipe André.

X

No dia 30, Pierre chegou de volta a Moscou. Muito perto das fortificações ele encontrou o ajudante de ordens do conde Rostoptchine.

— E nós o procuramos por toda parte! O conde precisa muito falar com o senhor. Ele lhe pede que vá a sua casa o mais cedo possível, para tratar de um assunto muito urgente.

Sem chegar em casa, Pierre tomou um carro e dirigiu-se para a residência do general governador.

O conde Rostoptchine chegara naquela mesma manhã da sua residência de Sokolniki. A antecâmara e o salão de recepções do conde estavam cheios de funcionários vindos para atender a uma convocação que lhes fora feita ou para

receber ordens. Vassiltchikov e Platov já haviam estado com o conde, explicando-lhe que era impossível defender Moscou e que a cidade seria ocupada. Essas notícias não eram reveladas à população, mas os funcionários e os chefes de diversas administrações sabiam que Moscou seria abandonada aos inimigos, como também o sabia o conde Rostoptchine; e todos, para salvar a própria responsabilidade, vinham perguntar ao general governador o que deviam fazer nas suas administrações.

No momento em que Pierre entrava no salão, um estafeta, vindo do exército, saía do gabinete do conde. Às perguntas que lhe faziam, enquanto atravessava o salão, ele respondia com um gesto desesperado.

Enquanto esperava no salão, Pierre, com os olhos cansados, observou os funcionários velhos e jovens, militares e civis, importantes ou não, que ali se achavam.

Todos pareciam descontentes e inquietos.

Pierre aproximou-se de um grupo de funcionários entre os quais se achava um conhecido seu. Cumprimentaram Pierre e continuaram a conversar.

— Mandá-lo embora e depois fazê-lo voltar mais uma vez não será uma desgraça, mas numa situação como esta a gente não sabe como fazer.

— Mas veja o que ele escreve! — dizia alguém, mostrando um papel impresso que tinha na mão.

— Isso é outra coisa. Para o povo é necessário — replicou o primeiro.

— De que se trata? — perguntou Pierre.

— É mais um panfleto. — Pierre o pegou e começou a ler.

“O sereníssimo, para encontrar mais rapidamente as tropas que marcham em sua direção, aproximou-se de Mojaisk e instalou-se numa posição fortificada que o inimigo não poderá tomar de surpresa. Daqui, foram enviados quarenta e oito canhões com a munição necessária, e o sereníssimo diz que defenderá Moscou até a última gota de seu sangue e que está disposto a combater até nas ruas. Não se preocupem, meus irmãos, com o fechamento das repartições, é preciso protegê-las. Nós lidaremos com o malfeitor! Quando as coisas estiverem mais adiantadas, precisarei de rapazes da cidade e do campo. Farei um apelo com dois dias de antecedência. De momento não é necessário, portanto, me calo. Venham com o machado que está bem, a lança também serve e melhor ainda é o forcado

de três dentes. Um francês pesa tanto como um feixe de trigo. Amanhã, irei com o ícone Iverskaia ver os feridos no hospital de Catarina. Lá, benzeremos a água. Eles se restabelecerão mais depressa. Eu também já estou restabelecido. Estava com um olho ruim e agora vejo com ambos os olhos.”

— Sim, mas militares me disseram que é impossível combater na cidade e que a posição... — disse Pierre.

— Mas é exatamente sobre o que falávamos — interrompeu o primeiro funcionário.

— E o que quer dizer: estava com um olho ruim e agora vejo com ambos os olhos? — perguntou Pierre.

— O conde tinha um terçol — explicou o ajudante de ordens, sorrindo — e preocupava-se muito quando eu lhe dizia que o povo vinha saber notícias suas. Ah, mas é verdade, conde — disse subitamente o ajudante de ordens dirigindo-se a Pierre, com um sorriso —, corre por aí que preocupações de ordem familiar o aborrecem atualmente. Dizem que a condessa sua esposa...

— Não sei de nada — disse Pierre com indiferença. — Mas o que ouviu dizer?

— O senhor sabe, muitas vezes são invenções. Digo apenas o que ouvi falar...

— Mas, afinal, o que foi que ouviu?

— Dizem — continuou o ajudante de ordens com o mesmo sorriso —, dizem que a condessa sua esposa vai partir para o exterior. Provavelmente isso não passa de invenções...

— É possível — disse Pierre olhando distraidamente em volta de si. — Quem é? — perguntou ele, designando um ancião de estatura média, de casaco azul muito limpo, com uma longa barba, sobranceiras brancas como a neve, tal qual a barba, e o rosto vermelho.

— Aquele? É um negociante. Isto é, proprietário de um restaurante, chama-se Verechtchaguine. É provável que o senhor tenha ouvido falar sobre aquela proclamação, imagino?

— Ah! Verechtchaguine! — disse Pierre, observando o rosto firme e tranquilo do velho negociante e procurando nele uma expressão de perfídia.

— Não, não é este. É o pai daquele que escreveu a proclamação — esclareceu o ajudante de ordens. — O filho está na cadeia, parece que as coisas correrão muito mal para ele.

Um ancião com uma condecoração de estrela e um funcionário alemão que também ostentava uma condecoração em volta do pescoço aproximaram-se do grupo.

— O senhor compreende — contava o ajudante de ordens —, é uma história muito complicada. Essa proclamação apareceu há dois meses e sobre ela fizeram um relatório ao conde. Ele ordenou que se abrisse um inquérito. Gavril Ivanitch foi encarregado desse inquérito. A proclamação passou exatamente por sessenta e três pessoas. Perguntam a alguém: “De quem a recebeu?” “De fulano”. Vai-se a casa deste. “De quem a recebeu?” etc. E assim chegam até Verechtchaguine, um negociantezinho sem instrução. O senhor sabe, um pequeno negociante — explicou, sorrindo, o ajudante de ordens. — Perguntam-lhe: “De quem a recebeste?” E o principal é que nós já sabemos. Ele só pode tê-la recebido do diretor dos correios. Mas, evidentemente, os dois estavam de acordo. O homem responde: “De ninguém. Eu mesmo a redigi.” Insistiram, ameaçaram, mas ele continuou respondendo o mesmo: “Fui eu que a redigi.” Levaram isso ao conhecimento do conde. O conde mandou chamá-lo. “De quem recebeste esta proclamação?” “Fui eu que a redigi.” E o senhor sabe como é o conde? — disse o ajudante de ordens com um sorriso orgulhoso e alegre. — Ele é terrivelmente impulsivo. E imagine, tanta petulância, tanta mentira, tanta teimosia!

— Ah! Entendi. O conde queria que ele denunciasse Klutcharov. Compreendo — disse Pierre.

— Absolutamente, ele não precisa disso — protestou o ajudante de ordens, muito assustado. — Klutcharov tinha muitas outras culpas que motivaram sua deportação. Mas o conde estava muito revoltado. “Mas como pudeste redigi-la?”, perguntou-lhe. Pegou um jornal de Hamburgo que estava sobre a mesa: “Aqui está ela. Tu não a redigiste. Tu a traduziste, e muito mal porque, imbecil, tu nem sequer sabes o francês.” Veja o senhor! “Não”, disse ele, “não li jornal nenhum. Fui eu que a redigi”. “Ah! Se é assim, és um traidor, eu te farei responsabilizar perante os tribunais e tu serás enforcado. Dize de quem a recebeste?” “Não li nenhum jornal. Eu mesmo a redigi.” E ficou nisso. O conde

mandou chamar o pai. Nada mudou e ele foi levado à barra do tribunal. Foi condenado a trabalhos forçados, se não me engano. Agora o pai veio pedir indulgência por ele. Mas é um mau sujeito, um filho de negociante, um afetado, um sedutor. Ouve uma lição ou outra durante algum tempo e acha que tem o rei na barriga. Que tipo! Seu pai tem o restaurante que fica perto da ponte de Kamenni, e no restaurante, como sabe, havia um grande ícone de Deus Todo-Poderoso, representado com o cetro numa mão e o mundo na outra. Então ele levou esse ícone para casa, por alguns dias, e imagine o que fez dele? Encontrou um pintor canalha e...

XI

No meio da nova história, Pierre foi chamado à presença do governador.

Entrou no gabinete de Rostoptchine, que nesse momento passava a mão pelos olhos e pelo rosto, com o cenho franzido. Um homem baixo lhe estava dizendo alguma coisa, mas assim que viu entrar Pierre calou-se e saiu.

— Oh! Bom dia, grande guerreiro! — disse Rostoptchine logo que o homem se retirou. — Ouvimos falar das suas proezas. Mas não é disso que se trata. *Mon cher, entre nous*, você é maçom? — disse o conde Rostoptchine, dando a entender pelo seu tom severo que isso era um crime, mas que ele estava disposto a perdoar.

Pierre conservava-se calado.

— Meu caro, estou bem informado. Mas sei que há maçons e maçons, e espero que você não seja um desses que, sob pretexto de salvar a humanidade, querem perder a Rússia.

— Sim, sou maçom — respondeu Pierre.

— Pois olhe aqui, meu caro: com certeza você não ignora que os senhores Speranski e Magnitzki foram enviados... para o lugar que lhes competia. O mesmo aconteceu ao senhor Klutcharov e aos outros que, sob pretexto de construir o templo de Salomão, procuravam destruir o templo da sua pátria. Deve compreender que eu tinha boas razões para isso, e que não teria deportado o diretor dos correios se não fosse um homem perigoso. Estou ciente de que você lhe emprestou a sua carruagem para deixar a cidade e até se encarregou de

guardar os papéis dele. Você tem a minha amizade e não lhe desejo mal algum. Por isso, como tenho o dobro da sua idade, quero dar-lhe um conselho de pai: corte todas as relações com essa gente e afaste-se daqui o mais depressa possível.

— Mas qual é o crime de Klutcharov? — perguntou Pierre.

— Isso é assunto meu, não seu.

— Se o acusam de ter espalhado as proclamações de Napoleão, é coisa que não está provada — disse Pierre sem olhar para Rostoptchine. — E Verechtchaguine...

— *Nous y voilà* — interrompeu de súbito Rostoptchine, franzindo o cenho e gritando ainda mais alto que antes. — Verechtchaguine é um traidor, um embusteiro, e receberá o castigo que merece — continuou, com a cólera explosiva de quem tem a lembrança de um insulto. — Mas eu não o chamei para discutirmos minhas decisões e, sim, para lhe dar um conselho, ou uma ordem, se assim prefere. Rogo-lhe que corte todas as relações com Klutcharov e as pessoas da sua espécie, e que se retire da cidade. Quanto a mim, hei de tirar essas maluquices da cabeça deles todos, onde quer que as encontre. — E, compreendendo afinal que não havia razão para assumir esse tom violento com Bezukhov, que por ora não tinha culpa nenhuma, acrescentou, pegando-lhe a mão: — Estamos em vésperas de um desastre nacional e não tenho tempo para dizer amabilidades aos que vêm ter assunto comigo. Às vezes perco a cabeça! Pois bem, meu caro, o que você anda fazendo, pessoalmente?

— Ora, nada — respondeu Pierre, sempre com os olhos baixos, porém com a expressão pensativa.

O conde franziu o cenho.

— *Un conseil d'ami, mon cher*. Parta o quanto antes, é o que lhe digo. A bom entendedor, meia palavra basta. Adeus, meu caro. Ah, a propósito — gritou-lhe, quando o outro já se achava à porta —, é verdade que a condessa caiu nas garras dos santos padres da Sociedade de Jesus?

Pierre não respondeu. Saiu do gabinete de Rostoptchine furioso e carrancudo como nunca o tinham visto.

Quando chegou à sua casa já era noite. Oito pessoas o esperavam: o secretário de um comitê, o coronel do seu batalhão, o intendente, o administrador e algumas pessoas com solicitações. Todos traziam questões de negócios que Pierre devia resolver. Pierre nada entendia delas, não se interessava e respondia a todas as perguntas visando apenas desembaraçar-se daqueles homens. Quando se viu finalmente só, deslacrrou e leu a carta de sua esposa.

“*Eles...* os soldados na bateria... o príncipe André morto... o velho... A simplicidade é a submissão à vontade de Deus... É preciso sofrer... o significado do conjunto... É preciso atrelar... Minha esposa vai casar... É preciso esquecer e compreender...” E, aproximando-se da cama sem se trocar, deixou-se cair nela e adormeceu.

Quando acordou na manhã do dia seguinte, seu lacaios o informou de que um funcionário viera perguntar, de parte do conde Rostoptchine, se o conde Bezukhov tinha partido ou ia partir.

Uma dezena de pessoas aguardavam Pierre no salão. Pierre vestiu-se às pressas, mas, em lugar de se dirigir para lá, tomou a escada de serviço, saindo pela porta-cocheira.

Desde esse dia até o fim do saque de Moscou, ninguém da casa Bezukhov tornou a vê-lo nem descobriu onde ele se encontrava, apesar de todas as buscas.

XII

Os Rostov permaneceram em Moscou até o dia 1º de setembro, véspera da entrada do inimigo na cidade.

Depois que Pétia, alistado no regimento de cossacos do príncipe Obolenski, partira para Bielaia-Tzerkov, onde se estava organizando esse regimento, a condessa estava tomada de terror. A ideia de que seus dois filhos estavam na guerra, de que já não tinha nenhum deles sob a sua asa protetora, de que, hoje ou amanhã, um deles podia ser morto — ou talvez ambos ao mesmo tempo, como os três filhos de uma de suas amigas — lhe veio à mente pela primeira vez nesse verão, com implacável vividez. Tentava fazer com que voltasse Nicolau; queria ir buscar Pétia pessoalmente e arranjar-lhe algum cargo em Petersburgo. Mas tanto uma coisa como a outra eram impossíveis. Pétia só podia afastar-se do campo de operações com a volta do seu regimento, ou mediante uma permuta. Nicolau achava-se em lugar ignorado, na linha de frente, e depois da última

carta, em que narrava o seu encontro com a princesa Maria, não havia mais notícias dele. A condessa não conseguia dormir à noite e, quando dormia, via em sonho os seus filhos mortos.

Depois de muito discutir o assunto e fazer inúmeras diligências, o conde acertou afinal com um meio de acalmar a condessa. Obteve que Pétia fosse transferido do regimento de Obolenski para o de Bezukhov, que se estava formando perto de Moscou. Embora ainda assim Pétia continuasse no exército, essa troca proporcionava à condessa o consolo de ter pelo menos um dos filhos perto de si. Contava que conseguiria arranjar as coisas de modo a que Pétia não lhe escapasse mais e fosse colocado em lugares onde não correria o risco de tomar parte numa batalha. Enquanto só Nicolau estava em perigo, a condessa julgava (censurando-se por isso) ter mais amor ao primogênito que aos outros filhos. Mas agora que o caçula, o preguiçoso refratário aos estudos, sempre fazendo estripulias em casa e incomodando toda a gente, agora que Pétia, o Pétia de nariz curto, olhos pretos, faces coradas, vivas com a leve penugem de barba, tinha partido para o meio daqueles homens robustos, cruéis e terríveis que, lá longe, combatiam alguma coisa e sentiam prazer nisso, agora lhe parecia que o amava mais, muito mais, do que aos outros. Quanto mais se aproximava o momento do regresso de Pétia a Moscou, mais aumentava a inquietação da condessa. Chegava a pensar que jamais alcançaria tal felicidade. Não só a presença de Sônia, mas a de sua amada Natacha, a do próprio marido, a irritava. “Como são importunos! Eu não preciso de ninguém, só de Pétia!”, pensava.

Nos últimos dias de agosto, os Rostov receberam outra carta de Nicolau. Escrevia da província de Voroneje, aonde fora enviado para comprar cavalos. Essa carta não serenou a condessa. Sabendo que um de seus filhos estava fora de perigo, começou a inquietar-se ainda mais com Pétia.

Depois de 20 de agosto, quase todos os conhecidos dos Rostov tinham abandonado Moscou, mas, embora todos insistissem com a condessa para que deixasse a cidade o mais cedo possível, ela não queria ouvir falar em tal coisa antes da volta do seu tesouro, do seu adorado Pétia.

Pétia chegou no dia 28 de agosto. A ternura doentia e apaixonada com que o recebeu a condessa não agradou ao oficial de dezesseis anos. Embora a mãe lhe ocultasse a intenção de não o deixar mais escapar, Pétia compreendeu seus

planos e, temendo instintivamente que ela o enternecesse, que o convertesse “num maricas”, como ele dizia, mostrava-se frio com ela e a evitava. Durante essa estada em Moscou procurou exclusivamente a companhia de Natacha, a quem sempre dedicara uma afeição especial, quase enamorada.

Com sua negligência habitual, no dia 28 de agosto, o conde ainda não tinha feito nenhum preparativo para a partida, e as carretas que deviam vir das propriedades de Moscou e de Riazan para levar todos os móveis só chegaram a 30.

De 28 a 30, toda Moscou estava em polvorosa. Diariamente entravam pelo portão Dorogomilov milhares de feridos da batalha de Borodino, e milhares de carretas, conduzindo habitantes e mobílias, saíam por outros portões. A despeito dos panfletos de Rostoptchine — circulavam na cidade as mais singulares e contraditórias notícias — surgidas independentemente deles ou em consequência deles. Diziam uns que não se havia dado ordem ao povo para que deixasse a cidade; outros, ao contrário, afiançavam que todos os ícones tinham sido retirados das igrejas e toda a gente seria posta para fora de Moscou, à força. Outros anunciavam que depois da batalha de Borodino houvera uma outra, em que os franceses foram derrotados. Outros declaravam que todo o exército russo fora aniquilado. Diziam ainda uns que a milícia de Moscou se dirigiria para as Três Montanhas com o clero à frente. Outros contavam, às escondidas, que não se ordenara a partida do metropolita Agostinho, que os traidores tinham sido presos, que os camponeses revoltados saqueavam os retirantes... etc. etc.

Mas tudo isso não passava de boatos. Na realidade, tanto os que partiam como os que ficavam (embora ainda não se houvesse reunido o conselho de Fili, no qual se resolveu abandonar Moscou) sentiam, sem o dizer, que Moscou seria rendida e que era preciso escapar a toda pressa para salvar seus bens. Previam-se que o desastre se desencadearia subitamente, transformando tudo de alto a baixo; até 1º de setembro, porém, nada havia mudado.

Como um criminoso que é conduzido à força e, embora sabendo que não tardará a morrer, não cessa de olhar em torno de si e endireitar o chapéu na cabeça, Moscou prosseguia involuntariamente a sua vida costumeira, conquanto não ignorasse a aproximação da catástrofe que destruiria todas as relações habituais da existência.

Durante esses três dias que precederam a ocupação de Moscou, toda a família Rostov esteve absorvida em atividades diversas. O pai, o conde Ilia Andreievitch, andava incessantemente pela cidade recolhendo todos os boatos que circulavam, e em casa dava ordens superficiais e apressadas para os preparativos da partida.

A condessa, que supervisionava o encaixotamento das coisas, estava mal-humorada com todos, andava atrás de Pétia, que continuava a evitá-la, e sentia ciúmes de Natacha, com quem ele passava o tempo. Sônia era a única pessoa que se ocupava com o aspecto prático dos preparativos. Mas, nesses últimos tempos, Sônia estava particularmente triste e silenciosa. A carta de Nicolau, em que este falava da princesa Maria, tinha provocado, e não houve preocupação em disfarçar diante de Sônia, as mais alegres reflexões na condessa, que via uma intervenção direta da Providência nesse encontro de Nicolau com a princesa Maria.

— Nunca me alegrei — dizia ela — quando Bolkonski estava noivo de Natacha, mas sempre desejei que Nicolau casasse com a princesa, e tenho o pressentimento de que esse casamento se realizará. E como isso seria bom!

Sônia compreendia a verdade disso, compreendia que o único meio de recuperar as finanças dos Rostov seria um casamento rico e que a princesa era um bom partido. Mas essas reflexões a faziam sofrer muito.

Apesar da sua dor, ou talvez mesmo por causa dessa dor, tomara para si a difícil tarefa de selecionar e distribuir os objetos a ser encaixotados, e todo o dia tinha o que fazer. O conde e a condessa recorriam a ela quando queriam dar alguma ordem. Pétia e Natacha, ao contrário, não ajudavam os pais, antes perturbavam e estorvavam a todos com suas correrias, enchendo a casa de gritos e risos. Riam e brincavam, não porque houvesse razão para isso, mas porque eram alegres e tudo que acontecesse lhes servia de pretexto para a alegria e o riso. Pétia estava contente porque, tendo saído de casa ainda garoto, voltara (segundo diziam todos) um belo moço. Sentia-se alegre por estar em casa e porque, de Bielaia-Tzerkov, onde não havia esperança de batalha, viera para Moscou, onde dentro em pouco iria combater. Sobretudo, estava alegre porque Natacha, de quem sempre acompanhava as variações de humor, também o estava. E Natacha estava alegre porque passara muito tempo triste e agora nada

mais lhe recordava a causa da sua tristeza: sentia-se novamente saudável. Estava alegre, além disso, porque tinha um admirador (a admiração alheia era o lubrificante para que seu mecanismo trabalhasse bem; e Pétia a admirava). E, principalmente, estavam ambos alegres porque a guerra se aproximava de Moscou, porque haveria combates nas fortificações, porque estavam distribuindo armas, porque toda a gente corria para um lado e outro e, em geral, porque sucedia algo de extraordinário, o que nunca deixa de ser divertido quando se é jovem.

XIII

No sábado 31 de agosto, tudo se achava de pernas para o ar na casa dos Rostov. Todas as portas estavam abertas, todos os móveis tinham sido deslocados ou levados para fora, os espelhos e os quadros haviam desaparecido. Nos quartos, tropeçava-se em malas, montes de feno, papel de embrulho, cordas. Os camponeses e os criados que levavam as coisas caminhavam pesadamente. No pátio comprimiam-se as carretas dos camponeses, algumas já repletas, outras vazias. Por toda a casa ressoavam os passos, interpunham-se as vozes dos criados e dos camponeses que tinham trazido as carretas. O conde estava fora desde cedo. A condessa, a quem a bulha fazia doer a cabeça, deitara-se no divã pondo compressas de vinagre nas têmporas.

Pétia não estava em casa. Fora visitar um camarada, com o qual tencionava passar da milícia para o exército ativo. Na sala, Sônia assistia ao encaixotamento dos cristais e das porcelanas. Natacha fora sentar-se no seu quarto, cujo assoalho estava alastrado de vestidos, fitas e echarpes em desordem. Com os olhos fixados no chão, tinha entre as mãos um velho vestido de baile, já fora da moda, o vestido que usara no seu primeiro baile em Petersburgo.

Envergonhando-se de nada fazer quando toda a gente estava tão atarefada, por diversas vezes naquela manhã Natacha tentara dedicar-se a alguma ocupação. Mas não tinha a alma no trabalho e não sabia fazer nada a menos que pusesse nisso toda a sua alma, todas as suas forças. Aproximava-se de Sônia para ajudá-la na arrumação dos cristais, mas logo voltava ao quarto, onde as suas próprias coisas estavam por arranjar. Primeiro divertiu-se em distribuir vestidos e fitas pelas criadas, mas quando foi preciso trabalhar a sério sentiu-se enfastiada.

— Duniacha, minha querida, tu te encarregas disso, sim? Sim?

E quando Duniacha, de muito boa vontade, prometeu fazê-lo, Natacha sentou-se no chão, pegou o vestido de baile e pôs-se a pensar em coisa muito diversa daquilo em que devia estar ocupada nesse momento. A conversa das criadas no aposento vizinho e o ruído de passos rápidos que iam desse quarto para a escada arrancaram Natacha do seu devaneio. Levantou-se para ir olhar pela janela. Um grande comboio de feridos havia parado na rua. Criadas, lacaios, a governanta, a velha ama, as cozinheiras, os cocheiros, os mensageiros, os ajudantes de cozinha estavam junto à porta-cocheira olhando os feridos.

Natacha pôs na cabeça um lenço branco, segurando as pontas com as mãos sob o queixo, e desceu à rua.

A velha Maria Kuzminichna, ex-governanta, separou-se da multidão comprimida à entrada da porta-cocheira e, junto de uma carreta, foi falar com um jovem oficial pálido que estava ali deitado. Natacha deu alguns passos e, continuando a segurar as pontas do lenço, parou timidamente para ouvir o que diziam.

— Então você não tem ninguém em Moscou? — perguntava Maria Kuzminichna. — Ficaria melhor em algum apartamento ou numa casa... em nossa casa, por exemplo. Os patrões vão embora.

— Não sei se deixarão — disse o oficial com voz fraca. — O chefe está ali. Pergunte a ele. — E indicou um robusto major que aparecia na rua, atrás da fileira de carretas.

Natacha lançou um olhar assustado para o rosto do oficial ferido e foi sem demora ao encontro do major.

— Os feridos podem ficar em nossa casa? — perguntou.

O major, sorrindo, levou a mão à viseira do quepe.

— Qual deseja, senhorita? — disse, piscando e sorrindo.

Natacha repetiu tranquilamente a pergunta. Sua fisionomia, toda a sua pessoa, apesar do lenço que ela continuava a segurar, tinha tão grande ar de seriedade que o major deixou de sorrir. Primeiro ficou pensativo, como perguntando a si mesmo se isso era possível, depois respondeu afirmativamente:

— Sim, por que não?

Natacha inclinou de leve a cabeça e voltou a passos rápidos para junto de Maria Kuzminichna, que estava falando num tom compadecido com o oficial

ferido.

— Pode! Ele disse que pode! — cochichou Natacha.

A carreta entrou no pátio dos Rostov. Dezenas de carretas cheias de feridos, a convite dos moradores, começaram a entrar nos pátios e a aproximarem-se das portas das casas da rua Poverskaia.

Natacha estava visivelmente deleitada por lidar com gente nova, em condições que não eram as da vida ordinária. Ela e Maria Kuzminichna tratavam de fazer entrar no pátio o maior número possível de feridos.

— Entretanto, temos de pedir licença a seu pai — disse Maria Kuzminichna.

— Não, não, não vale a pena! Por um dia, ficaremos no salão. Podemos dar a eles toda a nossa metade da casa.

— Mas, senhorita, que ideia! Pode-se dar o pavilhão dos criados, o quarto dos homens e o quarto da velha ama, mas mesmo para isso é preciso pedir licença.

— Pois bem, então vou pedir.

Natacha entrou correndo em casa e, na ponta dos pés, penetrou na porta entreaberta da sala de estar, de onde vinha um cheiro de vinagre e de éter.

— Está dormindo, mamãe?

— Como é possível dormir?! — disse a condessa, que despertara naquele momento de uma soneca.

— Mamãe, meu anjo — começou Natacha, pondo-se de joelhos diante da mãe e chegando o rosto muito perto do dela —, perdoe-me tê-la acordado, nunca mais o farei. Foi Maria Kuzminichna que me mandou aqui. Trouxeram para nossa casa uns oficiais feridos. A senhora permite, não é? Eles não têm para onde ir. Sei que a senhora dará licença — disse com rapidez, num só fôlego.

— Que oficiais? Quem foi que os trouxe? Não compreendo nada — disse a condessa.

Natacha riu. Também a condessa sorriu debilmente.

— Eu sabia que a senhora deixaria. Então vou lá dizer.

E Natacha abraçou a mãe, beijou-a e saiu.

No salão, encontrou o pai, que chegava trazendo más notícias.

— Demoramos demais! O clube foi fechado e a polícia está deixando a cidade — disse o conde, com uma cólera involuntária na voz.

— Papai, convidei os feridos para ficarem em nossa casa. Não faz mal, não é?

— Claro que não — respondeu o conde, distraído. — Não se trata disso. Digo-te que não debes ocupar-te com tolices, mas ajudar-nos a arrumar as coisas e ir embora... ir embora amanhã mesmo.

E o conde encarregou o mordomo de dar essa ordem aos criados. Pétia voltou à hora do jantar, trazendo também novidades. Contou que o povo estava se munindo de armas no Kremlin e que, embora Rostoptchine tivesse dito nos cartazes que avisaria com dois dias de antecedência, fora dada ordem para que, no dia seguinte, todo o povo se dirigisse armado para as Três Montanhas, onde se travaria uma grande batalha.

Enquanto Pétia contava isso, a condessa observava com timidez e terror o rosto alegre, afogueado, do filho. Sabia que, se dissesse uma palavra, se pedisse a seu filho para não ir a esse combate (tinha certeza de que ele o esperava com impaciência), ele responderia qualquer coisa sobre o dever de um homem, sobre a honra, a pátria, qualquer coisa tão insensata, tão varonil, tão obstinada, que seria impossível objetar e tudo estaria perdido. E assim, na esperança de partir antes da batalha e levar Pétia consigo, na qualidade de defensora e protetora, não fez observação alguma. Findo o jantar, porém, chamou o conde e, com lágrimas nos olhos, suplicou-lhe partir o quanto antes, naquela mesma noite, se possível. Com a astúcia instintiva do amor, própria às mulheres, embora tivesse mostrado grande coragem até então, jurou que morreria se não fossem naquela mesma noite. E, sinceramente, tinha agora medo de tudo.

XIV

Madame Schoss, que fora ver a filha, aumentou o terror da condessa ao contar o que tinha visto perto de uma loja de bebidas, na rua Miasnitzkaia. Tendo entrado naquela rua a caminho de casa, não pudera passar devido a uma multidão de bêbados que se achava ali, aos berros. Fora obrigada a tomar uma carruagem e fazer uma volta para alcançar sua casa. No caminho, o cocheiro lhe havia contado que o povo arrebentara os tonéis no empório, tendo ordens para isso.

Depois do jantar, todos da casa Rostov puseram-se, numa pressa febril, a encaixotar e a fazer os preparativos da partida. O velho conde ficou caminhando incessantemente da casa para o pátio e vice-versa, gritando instruções confusas aos criados e procurando apressá-los ainda mais. Pétia dava ordens no pátio.

Com as ordens contraditórias do conde, Sônia atrapalhava-se e não sabia o que fazer. Os criados gritavam, discutiam e faziam alvoroço, às carreiras pelos quartos e pelo pátio. Natacha, com o fervor que lhe era característico em tudo quanto fazia, também se pôs a trabalhar. De começo, sua intervenção foi recebida com desconfiança. Não esperavam dela nada sério e estavam pouco dispostos a lhe obedecer. Mas Natacha, com obstinação e ardor, exigindo obediência, zangando-se, quase chorando por não ser atendida, conseguiu afinal que lhe dessem ouvido. Sua primeira façanha, que lhe custou grandes esforços e lhe conferiu autoridade, foi a arrumação dos tapetes. O conde tinha uma bela coleção de tapetes persas e de gobelino. Quando Natacha pôs mãos à obra, dois caixotes abertos estavam na sala: um deles quase cheio de louça, o outro de tapetes. Ainda restava muita louça sobre as mesas e estavam trazendo mais dos armários. Era preciso começar a encher um terceiro caixote, que os criados foram buscar.

— Espera, Sônia, vamos pôr isto aqui — disse Natacha.

— É impossível, senhorita, já tentamos, mas não deu certo — acudiu o mordomo.

— Bom, vamos ver.

E Natacha pôs-se a tirar rapidamente do caixote os pratos e travessas envoltos em papel.

— As travessas vão aqui, dentro dos tapetes.

— Mas queira Deus que arranjemos lugar para tanto tapete em três caixotes, sem falar na louça! — disse o mordomo.

— Não, espera, por favor. — E Natacha recomeçou a encaixotar com rapidez e destreza. — Isto não precisamos levar — disse da louça de Kiev. — Isto, sim, vai dentro dos tapetes — acrescentou, pegando a louça de Saxônia.

— Deixa, Natacha, deixa. Nós empacotaremos tudo — dizia Sônia em tom de censura.

— Deixe, senhorita — dizia também o mordomo.

Natacha, porém, não cedia. Tirava tudo dos caixotes e tornava a arrumar os objetos, decidindo que não era preciso levar os tapetes usados e a louça ordinária. Depois de tirar tudo, começaram a encaixotar de novo. E com efeito, graças à exclusão dos objetos ordinários e sem valor, os caixotes puderam

comportar o que merecia ser levado. Porém, a tampa do caixote que estava cheio de tapetes não queria fechar. Em vez de tirar mais alguma coisa, Natacha fazia questão de fechar assim mesmo. Tirava os objetos, recolocava-os, comprimia, obrigava o mordomo e Pétia, que ela acabara por engajar na missão, a comprimir também, e ela própria fazia esforços desesperados.

— Chega, Natacha — disse Sônia. — Estou vendo que tens razão, mas tira o de cima.

— Não quero — respondeu Natacha, afastando com uma das mãos o cabelo que caía sobre o rosto suado e comprimindo com a outra os tapetes. — Vamos, empurra, Pétia! Vamos, Vassilitch, aperta isso!

Por fim conseguiram fechar a tampa. Natacha bateu palmas, soltou gritos de alegria e seus olhos verteram lágrimas. Mas um segundo depois passou a outra tarefa e foi obedecida sem hesitação. O próprio conde não se zangava quando lhe diziam que Natália Ilinichna modificara as suas ordens, e era a ela que os criados vinham perguntar se deviam amarrar mais coisas na carreta ou se esta já estava muito cheia.

Graças às ordens de Natacha, o trabalho progredia. As coisas inúteis eram deixadas de lado, as outras eram comprimidas o máximo possível nos fardos e nos caixotes. Mas, apesar da dedicação dos criados, chegou a noite sem que tudo estivesse pronto. A condessa adormeceu e o conde foi deitar-se adiando a partida para a manhã seguinte.

Sônia e Natacha deitaram-se vestidas na sala. Nessa noite passou mais um oficial ferido pela rua Poverskaia, e Maria Kuzminichna, que estava junto da porta-cocheira, fê-lo entrar no pátio dos Rostov. Esse ferido devia, segundo pensava Maria Kuzminichna, ser um nome muito importante. Era conduzido numa caleça fechada. Um velho criado de quarto, de ar respeitável, estava sentado na boleia ao lado do cocheiro. Atrás, em outro carro, vinham o médico e dois soldados.

— Façam o favor de entrar em nossa casa. Os patrões vão embora. A casa vai ficar completamente vazia — disse a velha ao criado idoso.

— Bom — retrucou o criado —, como não temos mesmo esperança de ele chegar até em casa! Também temos uma casa em Moscou, mas fica longe e não há ninguém lá.

— Fiquem aqui, por favor, na casa de meus amos. Aqui há tudo de que precisam. Então ele está tão mal assim?

O criado fez um gesto com as mãos.

— Não temos mais esperança! É preciso perguntar ao doutor.

Desceu da boleia e aproximou-se da outra carruagem.

— Está bem! — disse o doutor.

O criado voltou para a caleça, deu uma olhadela no interior, mandou o cocheiro entrar no pátio e deteve-se perto de Maria Kuzminichna.

— Nosso Senhor Jesus Cristo! — murmurou ela.

Maria Kuzminichna propôs que levassem o ferido para dentro de casa.

— Os amos não dirão nada...

Mas, como era preciso evitar de subir a escada, conduziram o ferido para a construção lateral da propriedade. Deitaram-no na antiga cama de Madame Schoss. O oficial ferido era o príncipe André Bolkonski.

XV

Chegara o último dia de Moscou. Era domingo, um claro e doce dia de outono. Como em todos os domingos, soavam os sinos das igrejas, chamando os fiéis para a missa. Ninguém parecia compreender ainda a sorte que aguardava Moscou.

Apenas dois índices da vida social traíam a situação em que se encontrava a cidade: a plebe, isto é, a classe mais pobre, e o preço das mercadorias.

Os operários das fábricas, os criados, os camponeses formavam uma grande multidão, a que se misturavam funcionários públicos, seminaristas, nobres, e se dirigiam às primeiras horas dessa manhã para as Três Montanhas. Depois de esperar durante algum tempo Rostoptchine, que não apareceu, a multidão convenceu-se de que Moscou seria rendida e espalhou-se pelas tavernas e botequins da cidade. Também os preços desse dia indicavam a situação geral. Os preços das carretas, dos cavalos, das armas, do ouro subiam continuamente, enquanto que o valor das notas de banco e dos objetos comuns descia cada vez mais, a tal ponto que, por volta do meio-dia, certas mercadorias caras, como tecido, eram vendidas a vil preço e por um cavalo de camponês se pagavam quinhentos rublos. Os móveis, os espelhos, os bronzes eram dados de graça.

Na velha e tradicional residência dos Rostov era muito fracamente perceptível esse desmoronamento das antigas condições de vida que se via do lado de fora. É verdade que, durante a noite, desapareceram três homens da numerosa criadagem. Nada, porém, fora roubado e, quanto ao preço dos objetos, verificou-se que as trinta carretas vindas do campo eram de imenso valor, atraindo a inveja de muita gente que oferecia, por elas, enormes quantias aos Rostov. Além disso, desde a véspera e já bem cedo, pela manhã de 1º de setembro, no pátio, homens e criados dos oficiais feridos, e os próprios alojados ali e nas residências vizinhas, vinham suplicar aos criados dos Rostov que fizessem o possível e o impossível para lhes dar uma carreta em que pudessem abandonar Moscou. O mordomo a quem iam comunicar esses pedidos recusava categoricamente, embora se compadecesse dos feridos, dizendo que não se atreveria a falar nisso ao conde. Por mais digna de piedade que fosse a situação daqueles feridos, era evidente que se dessem uma carreta não poderiam recusar uma segunda, e assim por diante até a última, inclusive as carruagens dos amos. Nem trinta carretas poderiam salvar todos os feridos e, no meio daquela catástrofe geral, todos tinham de pensar primeiro em si mesmos e na sua família. Eis o que pensava o mordomo, colocando-se no lugar do seu amo.

Tendo despertado antes dos demais, pela manhã, o conde Ilia Andreievitch saiu do quarto sem fazer ruído, para não acordar a condessa, que só adormecera ao amanhecer. Envolto no seu robe de seda lilás, desceu ao patamar da entrada. As carretas carregadas estavam no pátio e as carruagens junto à escada. Também ali estava o mordomo, conversando com um velho ordenança e um jovem oficial pálido que usava uma tipoia. Ao avistar o conde, o mordomo fez aos dois homens um sinal peremptório para que se afastassem.

— Então, está tudo pronto, Vassilitch? — perguntou o conde, esfregando a calva e olhando com bonomia o oficial e o ordenança, a quem saudou com um gesto de cabeça. (O conde gostava de ver caras novas.)

— Pode-se atrelar os cavalos imediatamente, Excelência.

— Muito bem! Ótimo! A condessa não tardará a acordar e então, com a ajuda de Deus, partiremos! Que desejam, meus senhores? — disse, dirigindo-se ao oficial. — Estão hospedados em minha casa?

O oficial aproximou-se dele, com um rubor súbito no rosto pálido.

— Conde, faça-me um grande bem... Permita... em nome de Deus... que eu embarque numa de suas carretas. Não tenho nada aqui comigo, nada... Posso ir até em cima das bagagens...

O oficial ainda não havia terminado de falar quando o ordenança fez o mesmo pedido ao conde, em nome de seu amo.

— Ah! Sim, sim, sim! — disse o conde apressadamente. — Terei muito gosto. Vassilitch, tu ficas encarregado disso. Manda esvaziar aí uma ou duas carretas... bem... bem... o que for preciso... — disse o conde, murmurando algumas ordens vagas. Mas, no mesmo momento, a expressão de ardente gratidão do oficial revelou o que estava decidido. O conde correu os olhos em torno de si. No pátio, na porta-cocheira, às janelas do pavilhão, por toda parte havia feridos e ordenanças. Todos tinham os olhos postos no conde e avançavam para o patamar.

— Poderia ter a bondade de vir à galeria, Excelência? Quais são as suas ordens a respeito daqueles quadros? — disse o mordomo. O conde acompanhou-o ao interior da casa, repetindo a ordem para que não se recusasse condução aos feridos que a pediam.

— Então, o que tem demais! Pode-se tirar alguma coisa — acrescentou em voz baixa e misteriosa, como se temesse ser ouvido por alguém.

Às nove horas a condessa acordou, e Matrena Timoflevna, que fora sua criada de quarto, e que agora desempenhava junto à condessa as funções de uma espécie de delegado de polícia, veio dizer-lhe que Maria Karlovna estava muito ofendida e que os vestidos de verão das meninas não podiam ficar em Moscou. A condessa quis saber por que motivo Madame Schoss estava ofendida e recebeu a informação de que o baú da velha fora retirado da carreta e, além disso, que estavam desamarrando todas as carretas para retirar as bagagens e que iam levar os feridos porque o conde, fácil de influenciar como sempre, consentira nisso. A condessa mandou chamar o marido.

— O que é isto que me contam, meu caro? Estão descarregando a bagagem?

— Sabes, *ma chère*... queria mesmo falar-te sobre isso. Pois aí está, querida condessinha, um oficial me veio pedir que desse umas carretas para os feridos... Para nós, é uma simples questão de arranjar depois outras coisas, mas esses homens... não podem ficar para trás... Pensa no que isso representa para eles.

Estão aí no nosso pátio, são nossos convidados... Sabes, eu sou realmente da opinião, *ma chère*... que se leve... Não temos pressa.

O conde dizia tudo isso timidamente, como fazia todas as vezes que se tratava de dinheiro. A condessa estava habituada a esse tom, invariavelmente prenunciador de assuntos prejudiciais aos interesses dos filhos: construção de uma galeria, de uma estufa, organização de uma peça ou de um concerto. Habituada a isso, a condessa considerava-se na obrigação de se opor a tudo que lhe fosse comunicado nesse tom.

— Escuta, conde, tu nos trouxeste ao ponto que já não dão nada pela nossa casa, e agora queres pôr fora também a fortuna dos nossos filhos. Tu mesmo dizes que temos em casa objetos no valor de cem mil rublos. Não, meu caro, não consinto absolutamente. Faze o que quiseres, mas não consito. O governo está aí para cuidar dos feridos. Ele sabe o que deve fazer. Olha os Lapukhine, aí em frente: desde anteontem levaram tudo que havia em casa. Assim é que os outros fazem, só nós somos tolos. Se não tens pena de mim, pelo menos tem dos teus filhos.

O conde agitou as mãos num gesto de desespero e saiu sem pronunciar uma palavra.

— Que foi que aconteceu, papai? — indagou Natacha, que nesse momento entrava no quarto da mãe.

— Nada. Nada que te interesse! — replicou o conde, irritado.

— Mas eu ouvi! Por que mamãe não quer?

— Que te importa isso? — gritou o conde.

Natacha caminhou para a janela, pensativa.

— Paizinho, aí vem Berg — disse ela, olhando para a rua.

XVI

Berg, genro dos Rostov, já era coronel, tinha as condecorações de São Vladimir e de Ana e ocupava ainda o posto tranquilo e agradável de ajudante do chefe do Estado-Maior, ajudante da primeira seção do Estado-Maior do segundo corpo de exército.

No dia 1º de setembro chegara em Moscou, vindo das tropas.

Não tinha nada a fazer ali, mas observara que todos, no exército, pediam para ir a Moscou, para fazer alguma coisa. Ele também julgou necessário solicitar licença para tratar de interesses pessoais e de família.

Berg dirigiu-se para a casa do sogro na sua luzidia carruagemzinha, puxada por uma parelha de cavalos gordos, exatamente iguais aos de certo príncipe. No pátio considerou atentamente as carretas e bagagens e, no patamar, tirou do bolso um lenço muito limpo, no qual deu um nó. Apressando o passo, Berg atravessou a antecâmara e entrou no salão. Ali abraçou o conde, beijou as mãos de Sônia e de Natacha e apressou-se a perguntar pela saúde da sogra.

— A saúde, num momento como este! E então? Conta-nos — disse o conde.
— O que fazem as tropas? Estão recuando ou haverá batalha?

— Só Deus Todo-Poderoso sabe qual será o destino da pátria, meu pai — disse Berg. — O exército arde de heroísmo, e no momento os chefes estão reunidos em conselho. O que resultará disso? Ninguém o sabe. Mas de modo geral posso dizer-lhe, pai, que não há palavras capazes de descrever o heroísmo e a coragem, dignos da antiguidade, que as tropas russas mostraram nessa batalha do dia 26... Digo-lhe francamente, pai — e batia no peito, como vira fazer um general; mas atrasara-se um pouco, pois devia tê-lo feito ao pronunciar as palavras “as tropas russas” —, que nós, os chefes, além de não precisarmos estimular os soldados, mal podemos refrear esses... esses... sim, esses atos heroicos que lembram as proezas da antiguidade... — prosseguiu, falando muito depressa. — O general Barclay de Tolly arriscava a vida em toda parte, à frente das suas tropas, sabe? O nosso corpo do exército estava colocado na encosta de uma colina, faça ideia!...

E Berg relatou tudo o que recordava de diversas histórias que ouvira sobre a batalha. Natacha, sem baixar os olhos, contemplava o cunhado, constrangendo-o, como se buscasse na sua expressão a solução de um problema.

— Em geral, não se pode imaginar nem louvar o bastante o heroísmo que mostraram os soldados russos — disse Berg. E, como se quisesse lisonjear Natacha, sorriu em resposta ao seu olhar obstinado. — A Rússia não está em Moscou, mas, sim, no coração dos seus filhos! Não é mesmo, pai?

Nesse momento a condessa entrou, vinda da sala de estar, com um ar de fadiga e de aborrecimento. Berg precipitou-se, beijou-lhe a mão, informou-se

sobre a sua saúde e ficou ao lado dela, balançando a cabeça com simpatia.

— Sim, mamãe, para dizer a verdade estes são dias tristes e penosos para todos os russos. Mas por que essa ansiedade? Ainda têm tempo de partir...

— Não compreendo o que estão fazendo os criados — disse a condessa, dirigindo-se ao marido. — Disseram-me há pouco que não há nada pronto. E preciso que alguém tome providências. Numa ocasião assim é que se sente a falta de Mitenka. Isso não acaba mais!

O conde quis dizer alguma coisa, mas, fazendo um esforço visível para conter-se, levantou-se e caminhou para a porta sem dizer palavra.

Nesse momento Berg tirou o lenço do bolso como para assoar-se e, vendo o nó que tinha feito, ficou pensativo. Depois, balançando a cabeça com ar triste e grave, disse:

— Tenho que lhe pedir um grande favor, papai.

— Hum! — fez o conde, parando.

— Lembrei-me há pouco, diante da casa de Ussupov — disse Berg, rindo. — O administrador, que é meu conhecido, saiu à rua e me perguntou se não queria comprar alguma coisa. Entrei por curiosidade, compreende. Eles têm uma pequena mesa com toucador e gavetas. Sabem quanto Vera deseja ter uma dessas e já até discutimos a esse respeito. — Sem se conter, Berg passou a falar num tom de satisfação com o bom arranjo da sua casa. — Que maravilha! E com uma fechadura inglesa, sabem? E há tanto tempo que Verotchka deseja ter uma!... De modo que pensei em lhe fazer uma surpresa. Vi alguns camponeses aí no pátio. Emprésteme um. Prometo pagá-lo bem e...

O conde franziu o cenho e pigarreou.

— Peça à condessa. Eu não dou ordens aqui.

— Se é difícil, não falemos mais nisso, por favor. Eu só queria por causa de Vera.

— Ah! Vão para o diabo! Para o diabo, para o diabo! — gritou o velho conde. — A cabeça está girando!

E saiu do salão.

A condessa pôs-se a chorar.

— Sim, mamãe, os tempos são duros! — disse Berg.

Natacha saiu com o pai. Seguiu-o a princípio, parecendo refletir sobre algum assunto importante. Depois deu meia volta e desceu correndo a escada.

Pétia estava no patamar, distribuindo armas aos camponeses que iam deixar Moscou. As carretas carregadas ainda continuavam no pátio. Duas estavam esvaziadas, soltas pelas cordas, e numa delas ia subindo um oficial ferido, amparado por um ordenança.

— Sabes por que isso? — perguntou Pétia a Natacha.

Natacha compreendeu que ele se referia à briga dos pais, mas não respondeu.

— É porque papai quis dar todas as carretas para os feridos — disse Pétia. — Foi Vassilitch quem me contou. Para mim...

— Ao meu ver... ao meu ver, isso é tão covarde, tão vil, tão... nem eu sei! — gritou Natacha de repente, voltando para Pétia uma expressão furiosa. — O que é que nós somos, os alemães?

Soluços reprimidos faziam-lhe tremer a garganta. No receio de fraquejar, ou de gastar em vão o ímpeto da sua cólera, voltou e subiu correndo a escada.

Sentado ao pé da condessa, Berg a consolava respeitosamente. O conde caminhava pela sala, com o cachimbo na mão, quando Natacha, o rosto deformado pela cólera, surgiu como um furacão e aproximou-se da mãe rapidamente.

— Isto é uma vileza, uma covardia! — gritou. — Não é possível que a senhora tenha mandado...

Berg e a condessa olhavam-na surpresos e assustados. O conde parou perto da janela para escutar.

— Isso é impossível, mamãe. Veja o que estão fazendo no pátio! Eles vão ficar para trás!

— O que tens? *Eles* quem? O que queres?

— Quem? Os feridos! Não é possível, mamãe! Onde se viu?... Não, mamãe, minha querida, isto não é verdade. Perdoe-me, por favor, queridinha... Mamãe, que nos importa que os móveis fiquem? Veja só o que estão fazendo lá no pátio... Mamãe! Não é possível!

O conde, perto da janela, escutava sem se virar enquanto Natacha falava. De súbito fungou e encostou o rosto no vidro.

A condessa olhou para a filha, viu no rosto dela a vergonha que sentia da mãe, viu-lhe a emoção e compreendeu por que o marido se afastara. Olhou em torno de si com expressão de espanto.

— Ah! Vocês façam o que quiserem! Por acaso estou impedindo alguma coisa? — disse, ainda sem ceder inteiramente.

— Perdoe-me, mãezinha, minha querida.

Mas a condessa repeliu a filha e aproximou-se do conde.

— Meu caro, manda fazer o que convier... eu não entendo disso... — disse, baixando os olhos.

— Os pintos... os pintos ensinando a galinha — murmurava o conde entre lágrimas de alegria. E abraçou a esposa, satisfeita por esconder no peito dele a face envergonhada.

— Paizinho, mãezinha, podemos dar a ordem? Podemos? — perguntou Natacha. — Assim mesmo ainda levaremos o que for mais necessário — acrescentou.

O conde assentiu com a cabeça. Natacha correu à antecâmara e desceu a escada rapidamente.

No pátio, os criados reunidos em torno dela não conseguiam acreditar nessa decisão extraordinária até que o próprio conde veio confirmar: em nome da esposa, a ordem era ceder todas as carretas aos feridos e levar os caixotes para o depósito. Assim que compreenderam a ordem, os criados puseram-se a executá-la com alegria febril. Não só isso deixara de lhes parecer estranho, como parecia-lhes agora que não podia ser de outra forma, assim como, momentos antes, ninguém achava singular que se levassem os móveis e deixassem os feridos.

Todos os familiares, como para reparar o fato de não terem feito antes, entregaram-se com ardor a essa nova tarefa. Os feridos saíram dos quartos e aglomeraram-se em volta das carretas, com a alegria estampada nos rostos pálidos.

A notícia espalhou-se pela vizinhança e novos feridos começaram a aparecer no pátio, vindos das casas próximas. Muitos deles pediam que não tirassem as bagagens, pois podiam ir sentados em cima destas. Mas, uma vez começado o trabalho da descarga, não foi mais possível detê-lo. Tanto fazia deixar tudo como a metade. Os caixotes cheios de louça, de bronzes, de quadros, de espelhos, que

tão cuidadosamente tinham sido arrumados na noite anterior, estavam no pátio. Ainda se procurava e se encontrava maneira de retirar outros e mais outros, a fim de levar mais e mais feridos.

— Ainda se arranja lugar para mais quatro — disse o administrador. — Vou deixar a minha bagagem; se não, o que será feito deles?

— Deem-lhes a carreta do meu guarda-roupa — disse a condessa. — Duniacha irá comigo na carruagem.

Deu-se a carreta do guarda-roupa e mandaram buscar feridos duas casas além. Todos os familiares e domésticos estavam alegres e animados. Natacha encontrava-se num estado de animação entusiástica, feliz, que havia muito tempo não experimentava.

— Onde está a corda? — perguntavam os criados, tentando amarrar um caixote no estreito estribo traseiro de uma carreta. — Precisamos ter ao menos uma carreta livre.

— Mas o que tem aí dentro? — perguntou Natacha.

— Os livros do conde.

— Deixem, Vassilitch arranjará isso. Não é necessário.

O carro coberto já estava cheio de gente e não se encontrava lugar para Piotr Ilitch.

— Ele vai na boleia. Tu vais na boleia, Pétia! — gritou Natacha.

Também Sônia trabalhava com zelo infatigável, mas sua atividade tinha um fim oposto ao de Natacha. Punha em ordem os objetos que deviam ficar, registrava-os numa lista a pedido da condessa e tratava de levar o maior número possível.

XVII

Às duas horas, as quatro carruagens dos Rostov, atreladas e prontas para partir, estavam diante do patamar. As carretas cheias de feridos iam saindo uma a uma do pátio. A caleça onde se achava o príncipe André chamou a atenção de Sônia, que, com a ajuda de uma criada, estava arranjando um assento confortável para a condessa em sua espaçosa e alta carruagem.

— De quem é esta caleça? — perguntou Sônia, botando a cabeça para fora da portinhola da carruagem.

— A senhorita não sabe? — respondeu a criada de quarto. — É o príncipe ferido. Passou a noite aqui e também vai partir conosco.

— Mas quem é? Como se chama ele?

— O nosso antigo noivo... o príncipe Bolkonski em pessoa! — tornou a criada, suspirando. — Dizem que está mortalmente ferido.

Sônia saltou da carruagem e correu para encontrar a condessa. Esta, já vestida para a viagem, de chapéu e xale, caminhava fatigada pelo salão, esperando que as pessoas da casa viessem para se sentarem, de portas fechadas, e fazer a oração usual antes da partida. Natacha não estava no salão.

— Mamãe, o príncipe André está aqui. Tem um ferimento mortal. Vai seguir conosco — disse Sônia.

A condessa arregalou os olhos, aterrada, segurou o braço de Sônia e olhou para trás.

— Natacha! — exclamou.

Para Sônia e para a condessa essa notícia só tinha, no primeiro momento, uma significação. Conheciam Natacha, e o medo do efeito que podia produzir nela a notícia suplantava tanto numa como na outra a compaixão por um homem que ambas estimavam.

— Natacha ainda não sabe nada, mas ele vai conosco.

— Dizes que está mortalmente ferido?

Sônia confirmou com a cabeça. A condessa abraçou-a chorando.

“Os caminhos do Senhor são insondáveis!”, pensou ela, sentindo que em tudo o que se passava agora a mão do Todo-Poderoso, até então invisível, começava a tornar-se manifesta.

— Bem, mamãe, tudo está pronto. O que houve? — perguntou Natacha, que entrava correndo no salão, com uma expressão animada.

— Nada — disse a condessa. — Se está pronto, vamos.

E a condessa inclinou-se sobre a sua bolsa para esconder o semblante perturbado. Sônia abraçou Natacha e a beijou.

Natacha observou-a com um olhar interrogativo:

— Que tens tu? Que foi que aconteceu?

— Nada... Nada...

— Alguma coisa muito ruim para mim? O que é? — insistiu a perspicaz Natacha.

Sônia suspirou sem responder. O conde, Pétia, Madame Schoss, Maria Kuzminichna e Vassilitch entraram no salão. Depois de fechar as portas, todos se sentaram, e assim ficaram durante alguns segundos, em silêncio, sem se olharem.

O conde foi o primeiro a levantar-se. Com um profundo suspiro, persignou-se olhando para o ícone.

Todos o imitaram. Em seguida, o conde abraçou Maria Kuzminichna e Vassilitch, que iam ficar em Moscou, e, enquanto os dois lhe tomavam a mão e lhe beijavam o ombro, ele lhes dava leves palmadinhas nas costas e murmurava algumas palavras vagas, carinhosas e consoladoras. A condessa dirigiu-se para o oratório, onde Sônia a encontrou ajoelhada diante de umas cruzes que tinham ficado nas paredes. Os ícones mais preciosos eram levados, de acordo com as tradições da família.

No patamar e no pátio, os viajantes que Pétia havia armado de punhais e de sabres estavam metendo as pernas das calças nos canos das botas e cingindo correias que apertavam fortemente, enquanto se despediam dos que ficavam.

Como sempre, no último momento descobriu-se que muitas coisas tinham sido esquecidas ou mal arrumadas. Dois escudeiros ficaram muito tempo a esperar junto ao estribo da carruagem, para ajudarem a condessa a subir, enquanto as criadas de quarto corriam da casa para os veículos e destes para a casa, carregando almofadas e pacotinhos.

— Sempre esquecem algo! — dizia a condessa. — Sabes que eu não posso sentar-me assim.

E Duniacha, com os dentes cerrados e uma expressão de censura no rosto, subia à carruagem e tornava a arranjar as almofadas sem dizer uma palavra.

— Ah, estes criados! — dizia o conde, balançando a cabeça.

O velho cocheiro Efim, o único por quem a condessa consentia em ser conduzida, estava sentado na boleia alta e nem sequer voltava a cabeça para ver o que se passava atrás dele. Seus trinta anos de experiência lhe haviam ensinado que tão cedo não lhe diriam: “Vamos, com a ajuda de Deus!”, e, mesmo depois de dizê-lo, ainda o fariam parar pelo menos duas vezes para mandarem buscar

objetos esquecidos. E em seguida teria de puxar mais uma vez as rédeas, pois a condessa se debruçaria à portinhola e lhe suplicaria, em nome de Cristo, que descesse devagar as ladeiras. Sabendo disso, aguardava os acontecimentos com mais paciência do que os seus cavalos (sobretudo o da esquerda, Sokol, que escarvava o chão e mastigava o freio). Por fim, todos se sentaram, levantou-se o estribo e a portinhola foi fechada, mandou-se buscar uma caixa de viagem esquecida, a condessa apareceu à portinhola e fez o pedido de costume.

Então Efim tirou devagar o gorro e persignou-se. O postilhão e todos os criados fizeram o mesmo.

— Vamos com Deus! — disse Efim, tornando a pôr o gorro. — Avante!

O postilhão estimulou sua montadura. Um dos cavalos laterais puxou os tirantes, as altas molas rangeram, a carroceria oscilou. O laçao saltou para a boleia, com o veículo já em marcha. Ao sair do pátio a carruagem deu alguns solavancos no calçamento irregular, antes de tomar o meio da rua. As outras carruagens deram os mesmos solavancos, seguindo a primeira. Nas carruagens, na caleça e na charrete, todos se persignaram diante da igreja que havia na frente. Os criados que ficavam em Moscou iam caminhando aos dois lados das carruagens.

Natacha experimentara poucas vezes um júbilo igual ao que sentia naquele momento, sentada na carruagem ao lado da condessa e contemplando os muros da abandonada e agitada Moscou que desfilavam lentamente diante de seus olhos. De tempos em tempos, curvava-se para fora da portinhola e olhava para trás e depois para diante, para o longo comboio de feridos que os precedia. Bem na frente, via a capota da caleça que transportava o príncipe André. Ignorava quem ia lá dentro. Todas as vezes, ao admirar o comboio, procurava a caleça com os olhos.

Em Kudrino, à altura das ruas Nikitzkaia e Presnaia e do bulevar Podnovinski, o comboio dos Rostov encontrou outros comboios semelhantes, e as seges e carretas passaram a formar duas fileiras que avançavam lado a lado.

Ao contornarem a torre Sukhareva, Natacha, que olhava com curiosidade os passantes, exclamou de repente, surpreendida e deleitada:

— Deus do céu! Mamãe, Sônia, olhem! É ele!

— Quem? Quem?

— Olhem! Garanto-lhes que é Bezukhov!

E Natacha debruçou-se sobre a portinhola para olhar um homem alto e gordo, vestido como um cocheiro e evidentemente, a julgar pelas suas maneiras, um fidalgo disfarçado. A seu lado ia um velhinho imberbe, amarelado, com uma capa de frisa. Aproximavam-se do arco da torre Sukhareva.

— Juro que é Bezukhov, de cafetã, ao lado de um velho esquisito. Juro que é ele. Olhem, olhem! — dizia ela.

— Mas não, não é ele. Como podes dizer uma bobagem dessas?!

— Sou capaz de pôr a mão no fogo, mamãe. Juro que é ele. Espera! Espera! — gritou Natacha ao cocheiro.

Mas ele não podia parar, porque da rua Mechtchenskaia viam surgindo outras carretas e seges, e gritava-se aos Rostov que avançassem para não atrasar os outros.

Não obstante, embora muito mais longe do que da primeira vez, todos os Rostov tornaram a avistar Pierre, ou um homem que se parecia extraordinariamente com ele, e que, vestido com um cafetã de cocheiro, subia a rua, a cabeça curvada, como que pensativo, e o rosto sério, acompanhado por um pequeno ancião sem barba, que parecia um criado. O velho notou aquele rosto à portinhola, observando-os, e tocou respeitosamente no cotovelo de Pierre, dizendo-lhe alguma coisa e apontando para a carruagem. Pierre esteve algum tempo sem compreender o que lhe diziam; parecia absorto nos seus pensamentos. Afinal olhou na direção indicada e, reconhecendo Natacha, encaminhou-se rapidamente para a carruagem como que obedecendo ao primeiro impulso. Mas deteve-se após ter dado dez passos, lembrando-se evidentemente de alguma coisa.

O rosto de Natacha, à portinhola, brilhava de afeição zombeteira.

— Venha cá, Piotr Kirillovitch! Já o reconhecemos. É impressionante! — gritou ela, estendendo-lhe a mão. — O que é isso? Por que está vestido desse jeito?

Pierre pegou-lhe a mão e, sempre caminhando (pois a carruagem continuava a avançar), beijou-a desajeitadamente.

— O que aconteceu, conde? — perguntou a condessa numa voz admirada e compadecida.

— O quê? Por quê? Não me pergunte — respondeu Pierre. E voltou-se para Natacha, cujos olhos radiantes e jubilosos (que ele sentia sem vê-los) o atraíam.

— Então? Vai ficar em Moscou?

Pierre calou-se por um instante.

— Em Moscou? Sim, em Moscou. Adeus — disse.

— Ah! Eu queria ser homem para ficar com o senhor! Ah, como isso é bonito! — disse Natacha. — Mamãe, deixe-me ficar!

Pierre olhou distraidamente para Natacha e quis dizer alguma coisa, mas a condessa o interrompeu:

— Soubemos que o senhor esteve na batalha.

— Sim. Amanhã haverá outra batalha... — começou ele a dizer. Mas Natacha interrompeu-o:

— Mas o que tem, conde? Está tão diferente!

— Ah, não me pergunte, não me pergunte! Nem eu mesmo sei. Amanhã... Mas não, adeus, adeus. Que tempos horríveis estes!

E, afastando-se da carruagem, dirigiu-se para a calçada.

Natacha ficou ainda muito tempo debruçada sobre a portinhola, acompanhando-o com um olhar afetuoso, alegre e um pouco zombeteiro.

XVIII

Desde que sumira de casa, dois dias antes, Pierre morava na casa abandonada de seu falecido benfeitor, Ossip Bazdeiev. Eis aqui como isso aconteceu:

Ao acordar no dia seguinte ao de seu regresso a Moscou, depois da conversa com Rostoptchine, Pierre custou muito a compreender onde estava e o que queriam dele. Quando, entre os nomes das pessoas que estavam à sua espera no salão, lhe anunciaram o do francês que havia trazido a carta da condessa Helena Vassilievna, ele perturbou-se subitamente, invadido por aquele sentimento de exasperação a que era propenso. Imaginou de repente que tudo estava acabado, confuso, que ninguém tinha razão ou deixava de tê-la, que o futuro não lhe reservava mais nada e que não havia saída possível daquela situação.

Sorrindo de forma constrangida e murmurando qualquer coisa, ora sentava-se no sofá um pouco abatido, ora levantava-se, caminhava para a porta e espreitava

pelo buraco da fechadura a sala de estar, ora agitava os braços e voltava ao sofá para ler. O mordomo comunicou mais uma vez a Pierre que o portador da carta da condessa desejava muito vê-lo, ao menos por um instante, e que a viúva de S.A. Bazdeiev lhe mandara pedir para tomar conta dos livros, pois ela havia partido para o campo.

— Ah! Sim, já vou. Espera... Bem, deixa. Vai dizer que não demoro — respondeu Pierre ao mordomo.

Mas assim que o criado saiu, Pierre pegou um chapéu que estava em cima da mesa e saiu pela porta dos fundos do seu escritório. Não havia ninguém no corredor. Pierre encaminhou-se para a escada e, esfregando a testa com as duas mãos, desceu até o primeiro patamar. O porteiro estava junto à porta principal. Do patamar onde se achava Pierre saía uma outra escada que conduzia à porta de serviço.

Pierre tomou esse caminho e desceu ao pátio. Ninguém o tinha visto. Logo, porém, que ele transpôs a porta-cocheira em direção à rua, os cocheiros e o porteiro que ali estavam se depararam com seu amo. Eles o cumprimentaram respeitosamente.

Sentindo todos esses olhares fixos nele, Pierre fez como um avestruz, que esconde a cabeça no mato para não ser visto. Baixou a cabeça e, acelerando o passo, seguiu pela rua afora.

De todas as suas obrigações dessa manhã, a classificação dos livros e dos papéis de Ossip Alexievitch lhe parecia a mais importante.

Chamou a primeira carruagem que encontrou e mandou tocar para Patriarkhe Prudi, onde ficava a casa da viúva Bazdeiev.

Olhando continuamente para os comboios que desfilavam em todas as direções, abandonando Moscou, Pierre acomodava o seu enorme corpo na carruagem de modo a não escorregar do velho assento desconjuntado e sentia uma alegria semelhante à de um rapazinho que gazeia a escola. Começou a conversar com o cocheiro, que lhe contou que estavam distribuindo armas no Kremlin, que no dia seguinte mandariam toda a população para as fortificações das Três Montanhas e que ali se travaria uma grande batalha. Ao chegar a Patriarkhe Prudi, Bezukhov teve de procurar a casa de Bazdeiev, aonde havia muito tempo que não ia. Aproximou-se do pequeno portão. Veio atendê-lo

Guerassim, o mesmo velhinho amarelo e imberbe que Pierre tinha visto cinco anos atrás em Torjok, acompanhando Ossip Alexievitch.

— Tem alguém em casa? — perguntou Pierre.

— Em vista das circunstâncias atuais, Excelência, Sofia Danilovna e seus filhos partiram para o campo, próximo de Totjok.

— Vou entrar assim mesmo. Preciso classificar os livros — disse Pierre.

— Entre, por favor. O irmão do finado, que Deus o tenha em Sua santa glória, Makar Alexievitch, está em casa. Mas, como o senhor sabe, é fraco de espírito.

Pierre conhecia o irmão de Ossip Alexievitch, era meio louco e bebia como um gambá.

— Sim, sim, conheço-o. Vamos, vamos... — E entrou.

Um homem idoso, grande, calvo, o nariz vermelho, envolto num robe e com os pés nus metidos em galochas, estava na antecâmara. Ao avistar Pierre resmungou qualquer coisa de mau humor e afastou-se pelo corredor.

— Era um homem de grande inteligência. Agora, como o senhor vê, tornou-se fraco — disse Guerassim. — O senhor quer entrar no escritório?

Pierre fez um aceno afirmativo de cabeça.

— Como deixamos tudo fechado, nada foi alterado. Sofia Danilovna mandou entregar os livros se o senhor viesse buscá-los.

Pierre penetrou nesse mesmo gabinete sombrio, onde, em vida de seu benfeitor, entrava sempre a tremer. O gabinete, cheio de pó (não fora varrido desde a morte de Ossip Alexievitch), estava ainda mais lúgubre.

Guerassim abriu uma das venezianas e saiu na ponta dos pés. Pierre percorreu o local, aproximou-se do armário dos manuscritos e apanhou um dos documentos mais importantes da ordem: eram as atas originais escocesas, com as notas explicativas do benfeitor. Pierre sentou-se à escrivaninha coberta de pó, colocou sobre ela o manuscrito, abriu-o, tornou a fechá-lo e afinal, repelindo-o, apoiou a cabeça nas mãos e ficou pensativo.

Por diversas vezes Guerassim entreabriu a porta do escritório. Pierre estava sempre na mesma posição.

Mais de duas horas se passaram. Guerassim tomou a liberdade de fazer algum ruído à porta para chamar a atenção de Pierre, que não o ouviu.

— O senhor deseja que eu mande embora o cocheiro?

— Ah, sim — disse Pierre, voltando a si e levantando-se rapidamente. — Escuta — continuou, segurando Guerassim pelo botão do colete e olhando o velhinho da cabeça aos pés com olhos brilhantes, úmidos e entusiastas. — Escuta. Sabes que vai haver uma batalha amanhã?

— É o que dizem.

— Vou pedir-te uma coisa: não digas a ninguém quem eu sou e faze o que eu vou dizer...

— Sim, senhor. Deseja que eu lhe sirva algo para comer?

— Não, eu quero outra coisa. Preciso de umas roupas de camponês e de uma pistola — disse Pierre, corando.

— Pois bem, senhor — disse Guerassim após refletir um momento.

Pierre passou todo o resto do dia no gabinete do benfeitor, caminhando de um lado para outro e falando sozinho, segundo notou Guerassim. Deitou-se na cama preparada ali mesmo para ele.

Guerassim aceitou a chegada de Pierre à casa com a imperturbabilidade de um criado que presenciara muita coisa surpreendente em sua vida. Parecia, mesmo, satisfeito por ter agora uma pessoa a quem servir. Na mesma tarde, sem indagar para que serviria isso, arranhou um cafetã e um gorro para Pierre, prometendo arranjar no dia seguinte a pistola pedida.

Nessa tarde, Makar Alexievitch, com um ruído de galochas arrastadas, aproximou-se duas vezes da porta e ficou a olhar Pierre com uma expressão simpática. Logo, porém, que Pierre se voltava em sua direção, ele, embaraçado e irritado, puxava o robe e afastava-se precipitadamente.

Foi quando Pierre, vestindo o cafetã de cocheiro que lhe dera Guerassim, se dirigia em companhia deste às vizinhanças da torre Sukhareva para comprar a pistola que encontrou os Rostov.

XIX

Na noite de 1º de setembro, Kutuzov deu às tropas russas a ordem de recuar por Moscou, pela estrada de Riazan.

As primeiras tropas se puseram em marcha durante a noite, marchando devagar e em boa ordem. Mas ao sair do sol as tropas que se aproximavam da

ponte Dorogomilov avistaram diante de si, no outro lado, grandes massas de soldados que inundavam as ruas e vielas, comprimindo-se na pressa de atravessar a ponte. Da mesma forma, as tropas que vinham atrás pressionavam a continuidade da marcha. Uma precipitação e um pânico sem causa apoderaram-se das tropas. Todos se lançaram para a ponte, procuraram o vau e os botes. Quanto ao próprio Kutuzov, tinha ganhado, pelas ruas laterais, a outra margem do rio Moscova.

Pelas dez horas da manhã do dia 2 de setembro já não restavam senão tropas de retaguarda no bairro Dorogomilov. Todo o exército encontrava-se na outra margem do Moscova, fora da cidade.

Ao mesmo tempo, no dia 2 de setembro, às dez horas da manhã, Napoleão encontrava-se com suas tropas no alto da colina Poklonnaia e contemplava o espetáculo que tinha diante dos olhos. De 26 de agosto a 2 de setembro, desde a batalha de Borodino até a entrada do inimigo em Moscou, durante toda essa agitada e memorável semana, fez esse magnífico tempo de outono que nunca deixa de causar admiração: o sol baixo no horizonte aquece mais do que na primavera, tudo brilha na atmosfera leve e pura, os pulmões absorvem com delícia os perfumes outonais, as próprias noites são quentes e, nessas noites escuras e tépidas, estrelas douradas riscam o céu a todo instante.

Tal era o tempo que fazia no dia 2 de setembro, às dez horas da manhã. A luz matutina tinha um resplendor de conto de fadas. Vista da colina Poklonnaia, Moscou se estendia amplamente, com o seu rio, os seus jardins, as suas igrejas, e parecia animada de uma vida própria, as cúpulas a cintilar como estrelas aos raios do sol.

À vista da estranha cidade, com as formas novas da sua arquitetura pouco conhecida, Napoleão sentiu essa curiosidade algo inquieta e invejosa que experimentam os homens ao perceber os aspectos de uma vida estrangeira que eles ignoram. Evidentemente, a cidade estava de uma vida vigorosa. Por esses indícios indefiníveis que permitem distinguir infalivelmente, a distância, um corpo vivo de corpo um morto, Napoleão, do alto da colina Poklonnaia, via palpar a vida na cidade e sentia, por assim dizer, a respiração daquele corpo grande e belo.

Todo russo, contemplando Moscou, sente que ela é a mãe. Todo estrangeiro que olha para ela, como não pode sentir esse coração de mãe, sente seu coração de mulher: e foi o que sucedeu a Napoleão.

— Esta cidade asiática de igrejas incontáveis, Moscou, a santa! Eis, enfim, a famosa cidade! Já era tempo — disse. E, apeando, mandou que desdobrassem diante dele o mapa de Moscou e chamou o tradutor Lelorgne d’Ideville. “Uma cidade ocupada pelo inimigo assemelha-se a uma jovem desonrada”, pensou (era a frase que tinha dito a Tutchkov em Smolensk). E, nessa disposição de espírito, contemplava a beldade oriental que pela primeira vez via diante de seus olhos. A ele próprio se afigurava estranha essa efetivação do seu desejo, outrora considerada irrealizável. À luz clara da manhã olhava ora para Moscou, ora para o mapa, verificando os detalhes topográficos, e a certeza da posse o emocionava e assustava.

“Mas podia ter sido de outra forma?”, pensava. “Eis aqui esta capital aos meus pés, aguardando a sua sorte. Onde estará agora Alexandre e que pensará ele? Cidade estranha, bela e majestosa! E este momento também é estranho e majestoso! De que forma me veem eles?”, perguntava a si mesmo, pensando nas suas tropas. “Eis aí a recompensa de todos esses cétricos”, disse consigo, olhando o seu séquito e as tropas que se aproximavam, entrando em linha. “Uma só palavra da minha boca, um movimento da minha mão, e deixará de existir essa antiga capital dos tsares. Mas a minha clemência está sempre pronta a baixar sobre os vencidos. Devo ser magnânimo e verdadeiramente grande... Mas não, não é verdade que estou em Moscou!”, vinha-lhe de repente ao espírito. “E, contudo, aí está ela aos meus pés, suas cruzes e suas cúpulas douradas cintilam ao sol. Mas eu a pouparei. Sobre os antigos monumentos da barbárie e do despotismo inscreverei grandes palavras de justiça e clemência. Alexandre sentirá isso mais amargamente que o resto, eu o conheço!” Parecia a Napoleão que a importância maior do que estava sucedendo jazia em uma disputa pessoal entre ele e Alexandre. “Do alto do Kremlin... sim, ali está o Kremlin... eu lhes darei leis de justiça. Eu lhes mostrarei a importância da verdadeira civilização. Farei com que gerações de boiardos cerquem de uma auréola de amor o nome do seu conquistador. Direi aos emissários que eu não quis nem quero a guerra, que só faço guerra à política mentirosa da corte, que estimo e respeito Alexandre, e

que em Moscou aceitarei condições de paz dignas de mim e dos meus povos. Não quero aproveitar o destino da guerra para humilhar o soberano que eu respeito. Boiardos, lhes direi, eu não quero a guerra. Quero a paz e a felicidade de todos os meus súditos. Aliás, sei que a presença deles me inspirará e que lhes falarei como sempre faço: com precisão, solenidade e grandeza. Mas será verdade que estou em Moscou? Sim, aí está ela!”

— Mandem trazer os boiardos — disse, dirigindo-se ao seu séquito.

Um general, acompanhado de brilhante comitiva, afastou-se a galope imediatamente para ir buscar os boiardos.

Duas horas depois, Napoleão, tendo almoçado, encontrava-se de novo no mesmo local da colina Poklonnaia, esperando a delegação. O discurso que faria aos boiardos já se desenhava nitidamente em sua mente. Era uma alocução cheia de dignidade e de grandeza, ao ver de Napoleão. Ele próprio se deixava entusiasmar pela magnanimidade com que pretendia agir em Moscou. Chegava a imaginar um dia para *la réunion dans le palais des czars*, em que os nobres russos se misturariam aos cortesãos do imperador dos franceses. Em seus pensamentos, nomeava governador alguém que fosse capaz de conquistar o coração do povo. Sabendo que havia em Moscou muitos estabelecimentos de beneficência, projetava enchê-los de donativos. Pensava que, como na África tivera de visitar uma mesquita trajando albornoz, em Moscou era preciso ser caridoso como os tsares. E, para tocar definitivamente o coração dos russos, como todos os franceses que são incapazes de imaginar qualquer coisa de comovente sem mencionar *ma chère, ma tendre, ma pauvre mère*, resolveu mandar inscrever à porta de todos esses estabelecimentos: “Dedicado à minha querida mãe” ou, simplesmente, “*Maison de ma mère*”. “Mas estarei mesmo em Moscou? Sim, é ela que vejo ali, diante de mim. Mas por que demora tanto a vir a delegação da cidade?”, pensava.

Entrementes, no fundo da comitiva estava em progresso uma agitada discussão em voz baixa, entre generais e marechais. Os que tinham ido procurar a delegação voltaram com a notícia de que Moscou estava vazia, de que toda a população fora embora. Os rostos estavam pálidos e perturbados. Não era o fato de encontrarem Moscou abandonada que os atemorizava (apesar da grande impressão que isso, evidentemente, lhes causava). O que, sobretudo, os aterrava

era a necessidade de informar essa notícia ao imperador. De que modo, sem colocar Sua Majestade nessa situação terrível que os franceses chamam *le ridicule*, informar-lhe que está esperando em vão pelos boiardos, que na cidade já não há senão uma multidão de bêbados? Diziam uns que era preciso formar a todo custo uma delegação qualquer. Os outros retrucavam, afirmando que se devia, com cautela e prudência, informar a verdade ao imperador.

— Temos que dizer de qualquer forma — dizia um cavalheiro da comitiva. — Mas, meus senhores...

A situação era particularmente espinhosa porque o imperador, ao mesmo tempo que elaborava os seus planos magnânimos, caminhava febrilmente de um lado para outro, diante do mapa, olhando de tempos em tempos para a estrada de Moscou e sorrindo com jubiloso orgulho.

— Mas é impossível... — diziam os cavalheiros da comitiva, encolhendo os ombros, sem se atreverem a pronunciar o terrível: *c'est ridicule!*

Nesse momento, o imperador, cansado de esperar em vão e sentindo, com o seu faro de ator, que o momento sublime se prolongava demais e começava a perder a sua grandeza, fez um gesto. Troou um tiro de canhão e as tropas que cercavam Moscou por diversos lados arremessaram-se sobre os bastiões de Iverskaia, Kalujaskaia e Dorogomilov. Cada vez mais rápidas, passando umas adiante das outras, as tropas corriam a toda velocidade e desapareciam sob as nuvens de poeira que elas próprias levantavam, enchendo o ar de gritos indistintos.

Contagiado pelo movimento das tropas, Napoleão avançou e chegou com elas aos bastiões de Dorogomilov, mas ali parou, desmontou e caminhou muito tempo em volta de Kamerkolejskaia, à espera da delegação.

XX

Enquanto isso, Moscou estava vazia. Ainda havia gente ali, a quinquagésima parte da população, mas a cidade estava vazia. Estava vazia como uma colmeia agonizante, abandonada pela rainha.

Numa colmeia sem rainha já não há vida, ainda que, a um olhar superficial, pareça viva como as outras colmeias: sente-se ainda, de longe, o cheiro do mel e as abelhas continuam a entrar e sair alegremente. Mas, se se observa com

atenção, compreende-se que não há mais vida na colmeia. As abelhas não saem como de uma colmeia viva. O cheiro não é o mesmo, não são os mesmos os sons que distingue o ouvido do apicultor. Quando o apicultor bate na parede da colmeia doente, em vez da resposta imediata e unânime, da zoadá de miríades de abelhas curvando ameaçadoramente os abdômenes e produzindo, com o rápido bater das asas, esse som vibrante e vivo, apenas alguns zumbidos isolados ressoam aqui e ali na colmeia vazia. Dela já não se exala, como antes, o perfume penetrante do mel e do veneno; já não irradia o calor das multidões que efluíam lá de dentro, mas ao cheiro do mel se mistura um relento de abandono e decomposição. Desapareceram aqueles esquadrões de sentinelas prontas a morrer em defesa da colmeia e que, arqueando os dorsos, trombeteavam o sinal de alarme. Já não se ouve o zumbido suave e regular, essa trepidação de trabalho que lembra a água em ebulição. Percebem-se, sim, os sons discordantes da desordem. Negras, compridas, lambuzadas de mel, abelhas ladras entram e tornam a sair furtivamente. Essas não picam, elas fogem diante do perigo. Antes, as abelhas entravam carregando mel e saíam vazias; agora, retiram-se carregadas. O apicultor abre a parte inferior e olha para dentro. Em lugar das pencas de operárias pretas, gordas e lustrosas, penduradas em cachos umas às outras pelas patas e trabalhando na cera com um zumbido de atividade ininterrupta, são criaturas sonolentas que erram sem destino pelo fundo e pelas paredes da colmeia. Em vez do chão primorosamente recoberto de cera e varrido pelas asas, há agora migalhas e excrementos, abelhas agonizantes que agitam debilmente as patas e abelhas mortas que ninguém se dá ao trabalho de remover.

O apicultor abre a câmara superior e examina o alto da colmeia. Em lugar das filas cerradas de abelhas preenchendo as menores frestas e dando de comer à ninhada, ele vê apenas a edificação complexa e artística dos favos, mas estes mesmos já não têm a pureza virginal de antes. Tudo está abandonado. As abelhas forasteiras, negras e sujas, vasculham os favos com rapidez furtiva, em busca de presa. As abelhas da colmeia, mirradas e secas, como que envelhecidas, vagueiam tardas e indiferentes, permitindo tudo, sem desejos, sem consciência da vida. Zangãos, moscardos, vespas e borboletas esvoaçam à toa, chocando-se de encontro às paredes da colmeia. Aqui e ali, entre alvéolos cheios de mel e de larvas mortas, ouve-se de vez em quando um zumbido colérico. Em certo ponto

duas abelhas, por hábito antigo, continuam a limpar a colmeia e, embora não saibam por que razão o fazem e fazendo o que lhes exige uma força superior à que ainda lhes resta, arrastam penosamente para fora alguma abelha ou zangão morto. Em outro canto duas velhas abelhas brigam preguiçosamente, ou limpam-se, ou alimentam uma à outra, ignorando se o fazem por amizade ou hostilidade. Mais além, uma multidão de abelhas amontoa-se em cima de uma vítima qualquer, desancando-a e sufocando-a. E a abelha morta ou prostrada, leve como uma pena, rola para o monte de cadáveres. O apicultor separa as duas câmaras centrais para olhar o ninho. Em vez dos círculos negros e compactos de outrora, em vez dos milhares de abelhas unidas dorso a dorso, montando guarda aos mistérios transcendentais da procriação, ele vê centenas de abelhas tristes, exaustas e semimortas. Quase todas morreram, as outras continuam guardando aquele santuário violado, já inexistente. Um cheiro de podridão e de morte se desprende delas. Algumas ainda se mexem, voam languidamente e pousam sobre a mão do inimigo, sem forças para aferroá-la e morrer. As que morreram caem e são afastadas, leves como escamas de peixe. O apicultor fecha a colmeia, marca-a com um sinal de giz e, no momento oportuno, a destrói e queima.

Assim estava Moscou quando Napoleão, inquieto, fatigado, de cenho franzido, caminhava de cá para lá no bastião Kamerkolejskaia, aguardando essa mera formalidade que, entretanto, era necessária no seu modo de ver: a delegação.

Em diversos recantos de Moscou ainda se agitavam pessoas que seguiam os seus velhos hábitos sem compreender o que faziam.

Quando, com todas as precauções possíveis, vieram dizer a Napoleão que Moscou estava vazia, ele olhou irado para o portador da notícia e, voltando-lhe as costas, continuou a caminhar em silêncio.

— A carruagem! — disse. Entrou, sentou-se ao lado do ajudante de ordens que estava de serviço e dirigiu-se para os arrabaldes.

“Moscou abandonada! Que acontecimento inverossímil”, pensava.

Sem entrar na cidade, instalou-se numa hospedaria em Dorogomilov.

A cena dramática havia falhado.

As tropas russas atravessaram Moscou desde as duas horas da madrugada até as duas da tarde, levando consigo os feridos e os últimos habitantes ainda por partir.

A maior confusão se produziu nas pontes Kamenny, Moskvoretzki e Iauski. Quando as tropas se dividiram em duas partes a fim de contornar o Kremlin, dirigindo-se para as pontes Kamenny e Moskvoretzki, grande número de soldados, aproveitando a parada e a confusão, voltaram atrás e, esgueirando-se silenciosamente pela igreja Basílio Bem-Aventurado e os portões Borovitzki, tomaram o rumo da Praça Vermelha, onde sabiam por instinto que seria fácil colocar mãos em bens alheios.

Como nos dias de ofertas de mercadorias, uma turba enchia as ruas e vielas de Gostíni Dvor. Não se ouviam, porém, vozes atraentes e aliciatórias, não se viam mercadores ambulantes, nem a multidão das compradoras. Ali só havia uniformes e capotes de soldados sem fuzil, que saíam carregando fardos de onde entravam de mãos vazias. Negociantes e vendedores (pouco numerosos) erravam entre eles, como desatinados, fechavam as lojas e ajudavam os empregados a retirar parte das suas mercadorias para algum lugar seguro. Na praça vizinha ao mercado, tambores batiam o toque de reunir. Mas os rufos do tambor já não faziam os soldados obedecerem, ao contrário, eles fugiam para mais longe.

Entre os soldados, nas lojas e nas passagens, viam-se pessoas de cafetã cinza, com a cabeça raspada. Dois oficiais, um deles com um cachecol por cima do uniforme, montando um magro cavalo tordilho, o outro a pé, de capote, conversavam na esquina da rua Ilinka. Um terceiro oficial aproximou-se deles a galope.

— O general mandou ordem para fazer expulsar imediatamente todos, custe o que custar. Mas que significa isso? É absurdo! A metade dos homens fugiu. Aonde vais? Aonde vão vocês? — gritou a três soldados de infantaria que, sem fuzis, levantando as abas dos capotes, corriam perto dele. — Parem, canalhas!

— É isso! Veja se consegue reuni-los — disse o outro oficial. — Não se consegue. Devemos é andar mais depressa para que não venham a desertar todos, isso sim!

— Mas como avançar? Não há passagem. As tropas estão apinhadas na ponte e não avançam ou recuam. Não seria melhor pôr guardas nos flancos para não deixar fugir o resto?

— Mas vá lá de uma vez! Expulse essa gente! — gritou o oficial mais velho.

O oficial de cachecol apeou, chamou um dos soldados de tambor e entrou com ele debaixo das arcadas. Alguns soldados fugiram em bando. Um comerciante de rosto marcado por manchas vermelhas, ar de ganância malévola, aproximou-se às pressas do oficial, gesticulando.

— Excelência, faça-nos a graça de nos defender. Não somos mesquinhos. O que quiser, uma roupa, tecido, ou mesmo dois, para um homem de bem... será de todo o coração! Nós bem compreendemos. Mas isto, o que é? Um banditismo! Suplico-lhe! Ao menos mande pôr guardas para que possamos fechar as lojas.

Diversos comerciantes agruparam-se em torno do oficial.

— Hein! Estás lamentando de que aí? — disse um deles, magro, fisionomia severa. — Quando se tem a cabeça cortada não se chora por causa dos cabelos. Levem o que quiserem! — E, fazendo um gesto enérgico, virou as costas ao oficial.

— Tu podes falar assim, Ivan Sideritch — tornou o primeiro, encolerizado. — Por favor, Excelência, venha!

— O que adianta falar? — gritou o magro. — Tenho aqui, nas minhas três lojas, mercadorias no valor de cem mil rublos. Como guardá-las se as tropas foram embora? Meus amigos, a vontade de Deus não está na mão dos homens!

— Venha, Excelência — disse o primeiro comerciante, fazendo uma reverência.

O oficial estava admirado e seu rosto exprimia indecisão.

— Ah, que me importa isso! — exclamou de repente. E, a passos rápidos, seguiu seu caminho por baixo das arcadas. De uma loja aberta vinham xingamentos e sons de pancadaria. No momento em que o oficial se aproximava, saltou para fora um homem de cabeça raspada, trajando um cafetã cinzento. Esse homem curvou-se e passou correndo entre o oficial e os comerciantes. O oficial precipitou-se para os soldados que estavam dentro da loja. Mas nesse instante ressoaram na ponte Moskvoretzki os gritos terríveis de uma grande multidão, e o oficial correu para lá.

— O que está acontecendo? O que está acontecendo? — perguntava.

Mas o seu companheiro já se lançara a galope na direção dos gritos, passando pela igreja Basílio Bem-Aventurado. O oficial montou e seguiu-o. Ao chegar perto da ponte, avistou dois canhões que tinham sido desengatados dos armões, a infantaria que atravessava a ponte, alguns carros derrubados, rostos assustados e soldados sorridentes. Perto dos canhões havia um carrinho atrelado com dois cavalos. Atrás do veículo, quatro cães de caça com as suas coleiras estavam junto das rodas. O carrinho ia carregado com uma montanha de objetos e, bem no alto, junto a uma cadeira de criança, tombada, estava sentada uma mulher que soltava gritos desesperados e estridentes. Companheiros contaram ao oficial que os gritos da multidão e da mulher provinham do seguinte: diante dessa multidão e sabendo que os soldados se espalhavam pelas lojas, e os habitantes atravancavam a ponte, o general Ermolov mandara colocar os canhões em

posição e ameaçara fazer fogo sobre a ponte. Derrubando os veículos, atropelando-se e gritando desesperadamente, a multidão desimpediu a ponte e as tropas avançaram.

XXII

Mas a cidade propriamente dita achava-se vazia. Já não havia quase ninguém nas ruas. Lojas e portas-cocheiras, tudo estava fechado. Num canto ou outro, perto dos botequins, ouviam-se gritos isolados ou bêbados a cantar. Mas nas ruas não passavam veículos e os pedestres eram raros. Na rua Povarskaia tudo estava absolutamente calmo e deserto. No imenso pátio dos Rostov viam-se restos de feno e esterco de cavalo, mas nem uma única alma. Na casa dos Rostov, abandonada com todas as suas riquezas, havia duas pessoas no salão maior: o porteiro Ignat e o pajezinho Michka, neto de Vassilitch, que ficara em Moscou com o avô. Michka tinha aberto o cravo e batia nas teclas com um dedo. O porteiro, em pé diante do espelho e com as mãos nos quadris, sorria alegremente.

— Olhe que bonito, tio Ignat! — disse o menino, começando a martelar as teclas com ambas as mãos ao mesmo tempo.

— Estou vendo! — respondia Ignat, admirando o seu largo sorriso no espelho.

— Sem-vergonhas! Não têm vergonha mesmo! — disse atrás deles a voz de Maria Kuzminichna, que tinha entrado de mansinho. — Olha essa cara de lua cheia arreganhando os dentes diante do espelho! Para isso vocês são bons! Lá embaixo ainda há muita coisa por arrumar e Vassilitch já não se aguenta mais em pé. Vamos!

Ignat deixou de sorrir, endireitou o cinto e saiu do salão baixando os olhos em submissão.

— Tiazinha, me deixe tocar um pouco — disse o pequeno.

— Eu vou te ensinar a tocar, pestinha! — gritou Maria Kuzminichna, ameaçando-o com a mão. — Vai aquecer o samovar para o avô.

Depois de espanar o cravo, Maria Kuzminichna fechou-o e, suspirando profundamente, saiu da sala cuja porta fechou à chave.

Chegando ao pátio, parou para pensar aonde devia ir: tomar chá com Vassilitch, no pavilhão, ou terminar de pôr em ordem os objetos deixados?

Passos rápidos ressoaram na rua tranquila e se detiveram diante do portão. O trinco rangeu sob uma mão que tentava abrir.

Maria Kuzminichna aproximou-se do portão.

— O que quer?

— O conde. O conde Ilia Andreievitch Rostov.

— Mas quem é o senhor?

— Um oficial. Preciso falar com ele — disse uma voz simpática de jovem fidalgo russo.

Maria Kuzminichna abriu o portão e um oficial de dezoito anos, rosto redondo do tipo dos Rostov, entrou no pátio.

— Foram embora. Partiram ontem de noite — disse Maria Kuzminichna em tom afável.

O oficial continuava à porta, hesitando se devia entrar ou não. Fez um muxoxo desapontado.

— Ah, que aborrecimento! Devia ter vindo ontem. Que pena!

Durante esse tempo, Maria Kuzminichna examinava atentamente e com simpatia as feições da família Rostov retratadas naquela fisionomia de moço, com o seu capote rasgado e as botas gastas.

— Por que queria falar com o conde? — perguntou.

— De que adianta agora? — fez o oficial em tom vexado. E virou-se, como se quisesse retirar-se. Parou outra vez, indeciso. — Imagine — disse de súbito —, eu sou parente do conde e ele sempre foi bom para mim. Pois bem, como vê — olhou para a capa e para as botas com um sorriso alegre e bem-humorado —, minha roupa já está velha. Não tenho dinheiro nenhum... Daí, lembrei-me de pedir ao conde...

Maria Kuzminichna não o deixou terminar.

— Quer esperar um momento? Só um instantinho.

E assim que o oficial largou o trinco da porta, Maria Kuzminichna, com o seu passo apressado de velha, atravessou o pátio dirigindo-se para o pavilhão.

Enquanto ela corria ao seu quarto, o jovem oficial olhava as botas rasgadas e com um débil sorriso nos lábios caminhava pelo pátio.

“Pena eu não ter encontrado o tio. E que velha amável! Aonde terá ido? Como me informar sobre o caminho mais curto para alcançar o meu regimento, que já deve estar em Ragoski?”, pensava o jovem oficial.

Maria Kuzminichna, com uma expressão resoluta e assustada ao mesmo tempo, surgiu da lateral da casa trazendo na mão um lenço xadrez enrolado. A alguns passos do oficial abriu o lenço, de onde tirou uma cédula branca de vinte e cinco rublos, que lhe entregou com um gesto vivo e apressado.

— Se Sua Excelência estivesse em casa, sem dúvida havia de proceder como parente... Mas hoje... talvez o senhor...

Maria Kuzminichna tinha ficado tímida e confusa. Mas o oficial, sem recusar e sem se apressar, tomou a nota e agradeceu à velha.

— Se o conde estivesse em casa... — continuava Maria Kuzminichna, desculpando-se. — Que Cristo o proteja! Pedirei a Deus que o conserve são e salvo — disse, fazendo uma reverência e acompanho-o ao portão.

Sorrindo e balançando a cabeça como se zombasse de si mesmo, o oficial se foi, quase correndo pelas ruas desertas, para alcançar o seu regimento na ponte Iauski. E Maria Kuzminichna, com os olhos úmidos, ficou ainda muito tempo diante do portão fechado, sacudindo pensativamente a cabeça e sentindo um inesperado acesso de ternura maternal por aquele oficialzinho que não conhecia.

XXIII

Numa casa da rua Varvarka, cuja construção ainda estava por terminar e que tinha um botequim no andar térreo, ouviam-se gritos, risos e canções de bêbados. Num quatinho sujo, uma dezena de operários estavam sentados em bancos, ao redor de duas ou três mesas. Todos eles embriagados, suavam, tinham o olhar vago e seus cantos eram entrecortados. A julgar pela dificuldade e pelo esforço, nenhum desses homens tinha desejo de cantar, mas procurava apenas mostrar que tinha bebido e estava se divertindo. Um deles, um rapaz grande, louro, de cafetã azul, asseado, o nariz reto e fino, seria bonito se não fossem os lábios finos e apertados, que se moviam sem cessar, e o olhar sem lustro, sombrio e fixo. Estava em pé junto dos que cantavam, com uma das mangas arregaçadas até o cotovelo, pondo à mostra a alvura do seu braço, e fazia por cima da cabeça dos outros, com uma ideia qualquer em mente, uns movimentos solenes e angulosos, tratando de abrir o máximo possível os dedos. A manga da blusa caía a todo instante, mas ele tornava a arregaçá-la com a mão esquerda, como se fosse importante que aquele braço branco e coberto de veias estivesse completamente nu.

No meio da canção ouviram gritos e pancadas no corredor e na porta de entrada. O rapaz alto fez um sinal com a mão.

— Chega! — gritou em tom imperioso. — Uma briga, rapazes!

E, sempre arregaçando a manga, encaminhou-se para a porta. Os operários seguiram-no.

Inspirados por aquele rapaz, os operários embriagados tinham trazido nessa manhã pedaços de couro da fábrica ao dono do botequim, e este lhes dera vinho em troca. Ouvindo os ruídos da bagunça no botequim, os ferreiros de uma forja vizinha julgaram que a casa estava sendo tomada de assalto e queriam entrar. Houve uma discussão na entrada. O proprietário brigava com os ferreiros. No momento em que os operários saíam, um ferreiro desprendeuse do dono do botequim e caiu de rosto na calçada. Outro ferreiro usou de seu peso para empurrar o proprietário, procurando forçar a porta.

O rapaz da manga arregaçada desferiu um murro no rosto do ferreiro que queria entrar e gritou ferozmente:

— Rapazes, estão batendo nos nossos camaradas!

Nesse momento o primeiro ferreiro ergueu-se do chão e, com o rosto já coberto de sangue, gritou em voz lastimosa:

— Socorro! Assassino!... Mataram um homem! Irmãos!...

— Jesus! Mataram um homem! — gritou em voz aguda uma mulher que saía de uma casa vizinha.

Uma multidão se reuniu em torno do ferreiro ensanguentado.

— Não te basta ter roubado o que roubou, até arrancar a última camisa ao povo? — disse uma voz qualquer ao dono do botequim. — Ainda tens de matar um homem! Bandido!

O rapaz alto, à porta, dirigia olhares vagos ora para o proprietário, ora para o ferreiro. Parecia perguntar a si mesmo com quem brigar.

— Assassino! — gritou de repente para o proprietário. — Amarrem-no, meus irmãos.

— Ah, é? Experimenta amarrar um homem como eu! — gritou o taverneiro, livrando-se dos que se lançavam sobre ele.

E, tirando o gorro, lançou-o ao chão. Este ato parecia ter uma significação ameaçadora, misteriosa, já que os operários que cercavam o homem detiveram-se, indecisos.

— Eu conheço muito bem as ordens, meu amigo. Vou à polícia. Pensas que tenho medo? Sabes que o banditismo não é permitido! — berrou o proprietário,

tornando a apanhar o gorro.

— Pois então vamos!... Então vamos! — repetiam, um após o outro, o taverneiro e o rapaz alto, e ambos saíram porta afora. O ferreiro ensanguentado acompanhou-os. Os operários e uma multidão de passantes seguiram os três homens, gritando e conversando entre si.

À esquina da rua Morosseika, à frente de uma casa de janelas fechadas e que tinha uma insígnia de sapateiro, achavam-se uns vinte sapateiros de fisionomia triste, magros, fatigados, trajando *khalats* [\[43\]](#) e casacos rasgados.

— Ele tem que pagar os funcionários como deve — dizia um sapateiro magro, de barbicha, com o cenho franzido. — Depois de sugar até a última gota de nosso sangue, deu-nos um pontapé! Ele nos enganou com promessas a semana inteira e agora deu no pé!

Ao avistar a multidão e o homem ensanguentado, o sapateiro que falava calou-se, e todos, cheios de curiosidade, reuniram-se à multidão.

— Aonde vão?

— À polícia, evidente.

— Então é verdade que o nosso exército foi derrotado?

— O que te parece? Escuta o que andam dizendo.

Perguntas e respostas se entrecruzavam. Aproveitando o aumento da multidão, o taverneiro desviou-se para um lado e voltou ao seu botequim. O rapaz alto, sem notar o desaparecimento do adversário, falava sem cessar, agitando o braço nu e atraindo para si a atenção geral. A multidão o cercava, esperando obter dele alguma solução para as questões que a preocupavam.

— Ele diz que conhece a lei, então vamos ver qual é a lei, a ordem. É para isso que o governo está aí, não é verdade, meus irmãos ortodoxos? — disse o rapaz alto, sorrindo ligeiramente.

— Eles pensam que não há governo? Como se pode ficar sem governo? Do contrário tudo será saqueado...

— Chega de asneiras! — dizia-se na multidão. — Mas como iriam abandonar Moscou assim? Falaram isso de brincadeira e tu acreditaste. Não vemos tropas passando por aí? É para isso que serve o governo. Escuta, isto é o que estão dizendo. — E apontavam para o rapaz alto.

Junto à muralha de Kitai-Gorod outro pequeno grupo cercava um homem de capa de frisa que tinha um papel na mão.

— Estão lendo um ucasse! Estão lendo um ucasse! — gritaram na multidão. Todos se precipitaram na direção do leitor.

O homem de capa de frisa estava lendo a proclamação de 31 de agosto. Pareceu constrangido ao se ver cercado pela multidão, mas a um pedido do rapaz alto pôs-se a ler o texto desde o começo, numa voz trêmula.

“Amanhã cedo irei à casa do sereníssimo (sereníssimo!, repetiu em tom solene o rapaz alto, sorrindo e franzindo o cenho), para falar com ele, tomar providências e ajudar as tropas a exterminar os malfeitores. Começemos dando-lhes trabalho...” (O leitor fez uma pausa. “Ouviram?”, gritou triunfalmente o rapaz. “Ele vai longe por nós...”) “Vamos esmagá-los e mandá-los de volta para o inferno. Voltarei para o jantar e poremos mãos à obra. Não descansaremos enquanto não tivermos acabado com os malfeitores”.

Estas últimas palavras foram recebidas por um silêncio completo. O rapaz alto baixou a cabeça com tristeza. Era claro que ninguém compreendera as últimas palavras, e principalmente a frase “voltarei para o jantar” entristecia o leitor e os ouvintes de modo visível. O povo exercia toda a sua argúcia, mas aquilo era demasiadamente fácil e desnecessariamente simples. Qualquer um deles poderia ter dito o mesmo; a frase, portanto, estava deslocada num decreto do general governador.

Todos ficaram calados e tristes. O rapaz alto movia os lábios e bamboleava o corpo.

— Olha, vão perguntar a ele! Aí vem ele!... Vamos perguntar a ele? Ou então... Ele é que pode explicar... — começaram a dizer no fundo da multidão. E a atenção de todos foi atraída pela carruagem do chefe de polícia, que aparecera na praça acompanhada de dois dragões da cavalaria.

O chefe de polícia, que naquela manhã, por ordem do conde Rostoptchine, fora queimar os botes no rio e a quem essa diligência rendera uma bela quantia (guardada nesse momento no bolso), ao avistar uma multidão que se encaminhava para ele, mandou o cocheiro parar.

— Quem é essa gente? — gritou para os homens que, timidamente, isolados, se aproximavam da sua carruagem. — Que multidão é essa, façam o favor de

dizer? — repetiu, vendo que não lhe respondiam.

— Excelência — disse o homem de capa de frisa —, eles desejam, de acordo com o decreto do conde, lutar até a morte sem poupar os seus bens, e não se revoltar, como disse o conde...

— O conde não foi embora. Continua aqui, e vocês receberão ordens — disse o chefe de polícia. — Segue! — gritou ao cocheiro.

A multidão reuniu-se em volta dos que tinham ouvido as palavras do chefe de polícia e seguiu com os olhos a carruagem que se afastava.

Enquanto isso, o chefe de polícia voltava a cabeça, assustado. Disse qualquer coisa ao cocheiro e a carruagem se afastou ainda mais depressa.

— Estamos sendo enganados, companheiros! Vamos à casa dele! — gritou o rapaz alto.

— Vamos, meus caros! Ele tem de nos dar satisfação! Vamos atrás — repetiram outras vozes. E o povo lançou-se correndo atrás da carruagem. Numa confusão ruidosa, a multidão seguiu o chefe de polícia até a rua Lubianka.

— Então é isso? Os nobres e os negociantes foram embora e nós ficamos aqui morrendo de fome! Por acaso somos cães? — ouvia-se dizer cada vez mais amiúde no meio da multidão.

XXIV

Na noite de 1º de setembro, depois de seu encontro com Kutuzov, voltava o conde Rostoptchine para Moscou, triste e ofendido porque não o tinham convidado para o Conselho Superior de Guerra e porque Kutuzov não prestara atenção alguma à sua proposta de tomar parte na defesa da capital. Vinha também surpreendido com a nova opinião que vigorava no acampamento, segundo a qual a questão da segurança da capital e dos sentimentos patrióticos desta era secundária, senão ínfima e sem importância.

Depois de cear, o conde deitou-se num sofá sem se trocar. À uma hora da manhã foi acordado por um mensageiro que lhe trazia uma carta de Kutuzov. Pedia ao conde, uma vez que as tropas estavam se retirando para além de Moscou pela estrada de Riazan, que tivesse a bondade de enviar a polícia para escoltá-las nas ruas da cidade. Isso não era novidade para Rostoptchine. Já antes de seu encontro com Kutuzov na colina Poklonnaia, e desde a batalha de Borodino, quando todos os generais que vinham a Moscou declaravam unanimemente que não se podia travar nova batalha, e quando, com sua

permissão, retiravam-se todas as noites bens do tesouro e a metade dos habitantes deixava a cidade, o conde Rostoptchine sabia que Moscou seria abandonada. Não obstante, essa notícia, comunicada por ordem de Kutuzov sob a forma de um simples bilhete e recebida à noite, durante o seu primeiro sono, surpreendia e irritava o governador.

Explicando mais tarde o seu procedimento nessa época, o conde Rostoptchine escreveu diversas vezes em suas memórias que tivera então duas finalidades importantes: *manter a calma em Moscou e evacuar a população*. Se reconhecemos esse duplo objetivo, todos os atos de Rostoptchine são irrepreensíveis. Por que não se haviam retirado de Moscou as relíquias sagradas? Por que continuavam lá as armas, a munição, a pólvora, as reservas de trigo? Por que eram enganados milhares de habitantes com a asseveração de que Moscou não seria rendida e por que os arruinavam com essa ilusão? Para manter a calma na capital, responde o conde Rostoptchine. Por que as repartições do governo mandavam para fora montões de papelada inútil, os balões de Leppich e outros objetos? Para deixar a cidade vazia, responde o conde Rostoptchine. Basta admitir que a tranquilidade do povo estava ameaçada, e todos esses atos encontram justificação.

Todas as barbaridades do terrorismo foram cometidas para bem do povo. Em que, pois, se baseavam as dúvidas do conde Rostoptchine quanto à tranquilidade do povo em Moscou, nesse ano de 1812? O que o levava a crer que a cidade estava disposta a revoltar-se? Os habitantes iam embora; as tropas, em seu movimento de recuo, enchiam Moscou. Por que havia o povo de se revoltar?

Não somente em Moscou, mas em toda a Rússia, diante da chegada do inimigo, nada houvera que se parecesse com uma revolta. Nos dias 1 e 2 de setembro ainda restavam na cidade mais de dez mil habitantes e, salvo a multidão aglomerada no pátio da residência do general governador, multidão que ele próprio atraía ali, nada acontecera. Haveria muito menos razões para temer uma revolta popular se, depois da batalha de Borodino, quando o abandono de Moscou se tornava iminente, ou pelo menos provável, em vez de agitar o povo com os boletins e a distribuição de armas, Rostoptchine houvesse tratado de mandar retirar todos os objetos sagrados, a pólvora, a munição, os fundos do tesouro, declarando francamente ao povo que a cidade se renderia.

Rostoptchine, um homem impulsivo, sanguíneo, sempre vivera nas altas esferas da administração, e apesar do seu patriotismo não tinha a menor ideia desse povo que julgava governar. Depois que o inimigo entrara em Smolensk, Rostoptchine, em sua imaginação, assumira o papel de guia do sentimento popular — inspirador do coração da Rússia. Não só lhe parecia (como parece a todos os administradores) que controlava os atos práticos dos moscovitas, como estava convencido de que lhes dirigia os sentimentos com seus cartazes e boletins escritos nessa gíria vulgar que o povo no seu próprio meio despreza e que simplesmente não compreende quando a ouve de uma pessoa das classes elevadas.

Esse belo papel de guia do sentimento popular agradava de tal modo Rostoptchine, tão bem se sentia nele, que a necessidade de abandoná-lo e de abandonar Moscou sem nenhum aparato de heroísmo o pegou desprevenido. Sentiu-se sem chão e sem saber em absoluto o que fazer. Ciente de que Moscou seria abandonada, até o último momento não conseguia acreditar e não se preparou para o acontecimento.

Os habitantes partiam contra o desejo dele. Se foi feita a mudança das repartições públicas, era apenas por vontade dos funcionários, e o conde não concordava com isso de bom grado. Quanto a ele, só se ocupava com o papel que havia atribuído a si próprio. Como muitas vezes sucede às pessoas dotadas de grande imaginação, Rostoptchine sabia desde muito tempo que Moscou seria abandonada, mas sabia-o apenas com o raciocínio; no fundo da alma, não acreditava nisso. Sua imaginação não o transportava para essa nova situação.

Toda a sua atividade, muito enérgica (até que ponto era útil ao povo e o influenciava é outra questão), orientava-se para o fim de excitar nos habitantes o sentimento que ele próprio experimentava: o ódio patriótico contra os franceses e a confiança em si. Mas quando o acontecimento assumiu proporções históricas, quando se tornou insuficiente exprimir apenas em palavras o ódio aos franceses, quando foi impossível exprimir esse ódio através da batalha, quando a confiança em si se tornou inútil para a defesa de Moscou, quando toda a população, a um tempo, abandonou os seus bens e fugiu, mostrando por esse ato negativo toda a força do seu sentimento nacional, a partir de então o papel escolhido por

Rostoptchine perdeu de súbito todo sentido. Ele sentiu-se repentinamente só, fraco, ridículo, sem terreno em que se firmar.

Ao ser acordado para ler o bilhete frio e imperioso de Kutuzov, Rostoptchine ficou ainda mais irritado por sentir-se no íntimo culpado. Ficava em Moscou justamente o que lhe fora confiado: todos os bens do tesouro que ele deveria ter mandado retirar. E retirar tudo, agora, era impossível.

“Quem é, pois, culpado de termos chegado a esta situação? Eu é que não, está claro. Eu estava com tudo pronto, tinha Moscou nas minhas mãos, como era preciso. E vejam até onde eles nos arrastaram. Patifes, traidores!”, pensava ele, sem definir exatamente quem fossem esses patifes e esses traidores, mas sentindo a necessidade de odiar os culpados pela situação falsa e ridícula em que se encontrava.

Nessa noite o conde Rostoptchine deu algumas ordens. De todos os cantos de Moscou vinham lhe pedir orientações. Seus subordinados nunca o tinham visto tão sombrio e tão irritado.

— Excelência, vieram da Diretoria de Propriedades e Patrimônio, da parte do diretor, solicitar ordens... do Consistório, do Senado, da Universidade, do orfanato. O arcebispo mandou... Ele pede... Quais são as suas ordens para os bombeiros?... O diretor da prisão... O diretor do hospício... — diziam a noite inteira ao conde, incessantemente.

A todas essas perguntas o conde dava respostas breves, irritadas, deixando ver assim que essas ordens eram agora inúteis, que toda a obra tão conscienciosamente preparada por ele fora anulada por alguém, e que este alguém seria o único responsável por tudo que acontecesse.

— Bem, diga a esse imbecil que deve guardar os documentos — respondeu à pergunta da Diretoria de Propriedades. — Então, que é que tu queres saber, que bobagens são essas sobre os bombeiros? Se eles têm cavalos, que os levem para Vladimir. Não devem deixar para os franceses.

— Excelência, o superintendente do hospício está aí, que ordena para ele?

— O que eu ordeno? Que vão todos embora, eis aí... E quanto aos loucos, que os soltem. Se nesta terra os loucos comandam exércitos, é que Deus mesmo quer que eles andem livres!...

Quando lhe perguntaram o que se devia fazer com os presos, o conde gritou furioso ao diretor da prisão:

— O quê?! Queres um batalhão da guarda, que nós não temos? Põe todos em liberdade e acabou-se.

— Mas, Excelência, há criminosos políticos: Miechkov, Verechtchaguine...

— Verechtchaguine! Ainda não o enforcaram? — exclamou Rostoptchine. — Tragam-no cá.

XXV

Pelas nove horas da manhã, quando as tropas já estavam atravessando Moscou, ninguém mais vinha pedir ordens ao conde. Todos os que podiam partir faziam-no por conta própria, e os que ficavam decidiam por si mesmos o que deviam fazer.

O conde mandou atrelar a sua carruagem para ir a Sokolniki e, com o semblante carregado, silencioso, cruzando os braços, ficou à espera no seu gabinete.

Em tempos de calma, todos os administradores pensam que é unicamente graças aos seus cuidados que os seus administrados vivem, e nessa consciência da sua utilidade encontram a mais alta recompensa de seus trabalhos e esforços. Enquanto o oceano da história continua sereno, o administrador na sua minúscula barquinha, encostada ao grande navio do povo, julga que é ele quem faz avançar o navio no qual se apoia ao remar. Mas no momento em que vem a tormenta, o mar sobe, o navio toma seu rumo, e a ilusão já não será possível. O navio segue no seu passo gigante, independente, o administrador não exerce influência alguma e, se antes era o representante daquele manancial de força, se transforma num homem nulo, inútil e fraco.

Rostoptchine sentia isso, e era o que o irritava.

O chefe de polícia que fora detido pela multidão entrou no gabinete do conde junto com o ajudante de ordens que vinha anunciar que os cavalos estavam prontos. Os dois homens estavam pálidos. Depois de prestar contas sobre o resultado de sua missão, o chefe de polícia disse ao conde que havia no pátio uma imensa multidão à sua espera.

Sem nada responder, Rostoptchine levantou-se e, a passos rápidos, encaminhou-se para o seu salão luxuoso e claro. Aproximou-se da porta da sacada, segurou a maçaneta, tornou a soltá-la e foi à janela, de onde se via melhor a multidão. O rapaz alto estava no primeiro plano, agitando as mãos, a fisionomia severa, e dizia qualquer coisa. O ferreiro coberto de sangue, com uma expressão sombria, achava-se perto dele. Através das janelas cerradas ouvia-se o murmúrio das vozes.

— A carruagem está pronta? — perguntou Rostoptchine, afastando-se da janela.

— Sim, Excelência, está pronta — respondeu o ajudante de ordens.

Rostoptchine aproximou-se novamente da porta da sacada.

— Mas o que eles querem? — perguntou ele ao chefe de polícia.

— Excelência, eles dizem que se reuniram para marchar, segundo as ordens de sua Excelência, contra os franceses. Falaram em traição. A multidão está agitada, custei a passar. Se me permite que lhe diga...

— Tenha a bondade de retirar-se. Não preciso que o senhor me diga o que devo fazer — gritou Rostoptchine com furor. Estava junto à porta da sacada e olhava para a multidão.

“Eis aí o que fizeram da Rússia! Eis aí o que fizeram de mim!”, pensou Rostoptchine, sentindo um ímpeto de cólera irreprimível contra a pessoa indefinida a quem se poderia responsabilizar por tudo o que estava acontecendo. Como acontece muitas vezes aos indivíduos irascíveis, já estava possesso de fúria sem ter ainda encontrado um alvo para descarregá-la. “Eis aí o populacho, a ralé, a plebe que eles amotinaram com as suas asneiras. O que esta gente precisa é de uma vítima”, veio-lhe ao espírito enquanto olhava para o rapaz que agitava o braço. E teve esta ideia, principalmente, porque ele também necessitava de uma vítima, de um objeto para a sua cólera.

— A carruagem está pronta? — perguntou pela segunda vez.

— Está pronta, Excelência. Que ordena que se faça com Verechtchaguine? Ele está esperando na entrada — disse o ajudante de ordens.

— Ah! — exclamou Rostoptchine, como se lhe houvesse acudido uma lembrança inesperada. E, abrindo vivamente a porta, saiu para a sacada com ar resoluto.

As conversas cessaram imediatamente, a multidão se descobriu de seus chapéus e os olhares se pousaram no conde, que saía.

— Bom dia, meus filhos! — disse o conde rapidamente e em voz alta. — Obrigado por terem vindo. Num momento estarei com vocês, mas antes devemos tratar de um criminoso. Temos de castigar o bandido que causou a derrota de Moscou. Esperem-me!

E, com a mesma vivacidade, o conde retornou a casa, batendo a porta com força. Um alegre murmúrio de aprovação percorreu a turba:

— Ele vai dar cabo de todos os malfeitores! E tu falas nos franceses... Ele nos mostrará o que se deve fazer! — diziam, como que censurando-se mutuamente a sua desconfiança.

Alguns minutos depois a porta principal abriu-se para dar passagem a um oficial que deu rapidamente uma ordem qualquer, e os dragões se alinharam. A multidão dirigiu-se precipitadamente da sacada para o patamar. Rostoptchine, irado, apareceu no patamar caminhando com largas passadas e lançou um rápido olhar em volta de si, como se procurasse alguém.

— Onde está ele? — perguntou. E, enquanto falava, viu surgir por trás da casa um moço de pescoço alongado e fino, a metade da cabeça raspada, e que caminhava entre dois dragões. Vestia uma capa curta de pano azul, forrada de pele de raposa, outrora elegante mas já muito usada, uma calça velha de preso metida nos canos das botas surradas e sujas. Seu caminhar incerto era prejudicado pelos grossos grilhões que prendiam as pernas finas e fracas.

— Ah! — disse Rostoptchine, desviando vivamente o olhar do moço da capa e apontando para o pé da escada. — Ponham-no aí!

Arrastando os grilhões, o moço subiu penosamente o degrau designado e, puxando a gola da capa que o incomodava, voltou duas vezes o longo pescoço para a direita e a esquerda, suspirou e depois, com um gesto submisso, cruzou sobre o peito as mãos finas, que pareciam nunca ter trabalhado.

Houve alguns segundos de silêncio enquanto ele se instalava sobre o degrau. Apenas no fundo da multidão se ouviram empurrões, gemidos e o arrastar de pés da gente que se comprimia para ver melhor. Esperando que ele se colocasse no lugar indicado, Rostoptchine franzia o cenho e esfregava o rosto com a mão.

— Meus filhos — disse em voz sonora, metálica —, esse homem, Verechtchaguine, é o miserável que causou a derrota de Moscou!

O moço da capa tinha uma atitude resignada, as mãos cruzadas sobre o peito, as costas um pouco curvadas. Olhava para baixo, com uma expressão de desespero, o rosto magro e amarelo, que o crânio raspado desfigurava. Às primeiras palavras do conde, levantou vagarosamente a cabeça, olhou para ele de baixo para cima como se desejasse dizer-lhe alguma coisa, ou pelo menos encontrar os seus olhos. Mas Rostoptchine não olhava para ele. No pescoço longo e fino do moço, a veia azul de trás da orelha ressaltava como uma corda. Repentinamente o seu rosto ficou vermelho.

Todos os olhares estavam fixos nele. Considerou a multidão e, como se a expressão que lia nos semblantes lhe infundisse coragem, sorriu com ar triste e tímido e, baixando de novo a cabeça, firmou os pés no degrau.

— Esse homem traiu o tsar e a pátria! Vendeu-se a Bonaparte! Foi o único russo que cobriu de vergonha o nosso nome! É por causa dele que Moscou está perdida! — dizia Rostoptchine numa voz dura e firme. Mas de súbito baixou os olhos para Verechtchaguine, que permanecia na mesma postura resignada. Como se isso o excitasse, gritou, dirigindo-se ao povo: — Façam dele o que quiserem! Entrego esse homem a vocês!

A multidão, calada, comprimia-se cada vez mais. Apoiarem-se uns nos outros, respirando, sem poder mover-se, aquele ar quente e fétido, à espera de algo desconhecido, incompreensível e terrível, estava tornando-se insuportável.

Os homens que se achavam na frente, que ouviam tudo que se passava diante deles, escancarando os olhos de terror, abrindo a boca, retesavam todas as suas forças para resistir ao impulso dos que estavam atrás.

— Batam nele! Que o traidor morra, para não manchar o nome russo! — gritou Rostoptchine. — Deixem-no em pedaços! Estou mandando!

Sem ouvir essas palavras, mas somente as inflexões coléricas da voz de Rostoptchine, a multidão fremia, agitava-se, mas tornava a parar.

— Conde! — disse no meio do silêncio a voz tímida e ao mesmo tempo teatral de Verechtchaguine. — Conde, há um Deus acima de nós!

Ele ergueu a cabeça e a grossa veia do seu pescoço fino voltou a aparecer, rígida, enquanto que o rosto empalidecia. Não conseguiu terminar o que queria

dizer.

— Deixem-no em pedaços! Estou mandando! — gritou Rostoptchine, empalidecendo repentinamente, como o próprio Verechtchaguine.

— Desembainhem os sabres! — comandou o oficial aos dragões, tirando ele mesmo a espada.

Novo ímpeto ainda mais forte percorreu a multidão e, alcançando os primeiros postos, fez com que os da frente se aproximassem da escada. O rapaz alto, com uma expressão petrificada, a mão erguida e imóvel, encontrou-se ao lado de Verechtchaguine.

— Ataquem! — disse o oficial de dragões, quase murmurando. E de súbito um dos soldados, com o semblante desfigurado pela cólera, golpeou Verechtchaguine na cabeça com a parte da espada sem gume.

— Ah! — gemeu Verechtchaguine, espantado, olhando em torno de si sem compreender por que lhe faziam isso.

O mesmo gemido de assombro e de horror percorreu a turba.

— Oh! Senhor Deus! — ouviu-se dizer.

Mas depois de soltar aquela exclamação de espanto, Verechtchaguine deixou escapar um lamento de dor física, e essa foi sua derrota. O freio de sentimento humano que ainda continha a multidão estava retesado ao mais alto grau e subitamente arrebentou. O crime estava começado, era preciso terminá-lo. O gemido de queixa e de censura foi abafado pelo pavoroso rugido da multidão. Uma onda, como a sétima e última onda que destrói o navio, avançou do fundo, chegou até os que estavam mais à frente e derrubou-os, tragando tudo. O dragão que dera o primeiro golpe quis desfechar um segundo. Soltando um grito de horror e protegendo-se com as mãos, Verechtchaguine correu para o povo. O rapaz alto, em quem ele tropeçara, segurou-lhe o pescoço fino com ambas as mãos e, proferindo um grito selvagem, caiu com ele sob a multidão delirante. Uns golpeavam e arrastavam Verechtchaguine, outros batiam no rapaz alto. Os gritos dos homens sufocados e dos que procuravam salvar o rapaz alto não faziam mais que aumentar o furor da turba. Os dragões custaram muito a resgatar o jovem operário ensanguentado, quase morto, e apesar da raiva febril com que a multidão tratava de pôr um fim à sua obra, os que espancavam, sufocavam e arrastavam Verechtchaguine não conseguiam matá-lo. A multidão

se comprimia de todos os lados numa só massa compacta, levando os participantes da ação no meio, e oscilava de cá para lá, não os deixando terminar nem abandonar a vítima.

— Dá com um machado!... Eles o esmagaram... Traidor, vendeu Cristo!... Ainda está vivo... Bem feito... O que, ainda está vivo?

Só quando a vítima cessou de se debater e os seus gritos deram lugar a um estertor regular e prolongado foi que a multidão começou a se abrir apressadamente em torno do cadáver ensanguentado que jazia no chão. Todos se aproximavam, olhavam o que fora feito e tornavam a recuar, cheios de horror, surpresa e censura.

— Senhor Jesus! O povo é como um animal feroz! Como o rapaz poderia ter escapado? — ouvia-se dizer no meio da multidão. — E o rapaz é bem moço. Com certeza era filho de negociante... Dizem que não foi esse... Mas, então, como?... Deus do céu... Quase mataram um outro. Dizem que ele mal respira... Ah, o povo... Não têm medo de pecar... — dizia agora aquela mesma gente, olhando com piedade dolorosa o cadáver de rosto arroxado, coberto de poeira e de sangue, e o longo e fino pescoço destroncado.

Um policial, zeloso, mandou os dragões retirarem o cadáver do pátio de sua Excelência e levá-lo para a rua. Dois dragões, segurando as pernas esmagadas, levaram o corpo arrastado. A cabeça ensanguentada, raspada, suja de poeira, com o longo pescoço, batia no chão, chocalhando com o movimento. O povo afastava-se do cadáver.

Enquanto Verechtchaguine caía e a multidão se amontoava em torno dele soltando rugidos selvagens, Rostoptchine empalidecera subitamente e, em vez de se dirigir para a escada de serviço onde o esperavam os seus cavalos, fora de cabeça baixa, sem ele mesmo saber por quê, caminhando com largas passadas, pelo corredor que conduzia aos aposentos do térreo. O rosto do conde estava branco e ele não podia conter um tremor febril do maxilar inferior.

— Por aqui, Excelência... aonde deseja ir? Por aqui, por favor — falou atrás dele uma voz trêmula e assustada. O conde Rostoptchine nada pôde responder. Deu meia-volta e encaminhou-se docilmente para o lugar que lhe indicavam. A carruagem estava junto da escada. O clamor distante da multidão chegava até ali. O conde sentou-se com vigor na carruagem e mandou tocar para Sokolniki, onde

tinha a sua vivenda. Na rua Miasnitzkaia, não ouvindo mais os gritos da multidão, começou a lamentar o seu ato. Lembrava-se agora, descontente, da emoção e do terror que demonstrara a seus subordinados. “O populacho é terrível, hediondo. São como os lobos, que só podem ser apaziguados com carne”, pensou em francês.

“Conde, há um Deus acima de nós.” Essas palavras de Verechtchaguine o fizeram cair subitamente em si e um estremecimento desagradável lhe percorreu a espinha. Mas isso foi momentâneo, e o conde Rostoptchine logo sorriu com desprezo de si próprio. “Eu tinha outras obrigações. Era preciso apaziguar o povo. Muitas outras vítimas pereceram e estão perecendo pelo bem público”, disse ele consigo, e pôs-se a pensar nos deveres sociais que tinha para com sua família, para com a sua capital, a cidade que lhe fora confiada, e para consigo próprio, não como Feodor Vassilievitch Rostoptchine (julgava que Feodor Vassilievitch Rostoptchine se sacrificava pelo bem público), mas para consigo na qualidade de general governador, representante do povo e agente do tsar. “Se eu fosse simplesmente Feodor Vassilievitch, minha linha de conduta seria bem diferente; mas tenho de preservar a vida e a dignidade do governador geral.”

Balouçado de leve pelas molas flexíveis da carruagem, não ouvindo já os gritos terríveis da multidão, Rostoptchine acalmou-se fisicamente e, como sempre acontece, com a calma física veio a serenidade do espírito. Não era novo o pensamento que o tranquilizava: desde que o mundo existe, os homens se matam uns aos outros. Nunca homem algum, depois de cometer um crime contra seu semelhante, deixou de consolar-se com esta ideia, *o bem público*. O suposto bem dos outros. Para quem não se acha dominado pela paixão, esse bem é sempre desconhecido, mas todo aquele que comete um crime sabe exatamente em que consiste ele. E Rostoptchine também o sabia.

Em suas reflexões, além de não censurar a si mesmo o ato que cometera, encontrava nele motivo para sentir-se satisfeito consigo, pois soubera punir oportunamente um criminoso e ao mesmo tempo acalmar o furor da multidão.

“Verechtchaguine estava julgado e condenado à morte”, pensava ele (embora o Senado só tivesse condenado Verechtchaguine a trabalhos forçados). “Era um traidor que eu não podia deixar impune. Matei dois coelhos com uma cajadada só. Dei uma vítima ao povo para acalmá-lo, e supliciei um malfeitor.”

Ao chegar em casa, depois de atender aos assuntos domésticos, o conde enfim se acalmou por completo.

Meia hora depois, conduzido por uma parelha veloz, o conde atravessava os campos de Sokolniki, esquecido do que acontecera e pensando apenas no futuro. Ia agora à ponte Iauski, onde, segundo lhe haviam dito, se encontrava Kutuzov. Já preparava mentalmente as censuras violentas que faria a Kutuzov por sua deslealdade. Faria aquela velha raposa da corte ver que a responsabilidade de todas as desgraças provenientes do abandono da capital e da própria ruína da Rússia (assim pensava Rostoptchine) recairiam sobre a sua cabeça. Pensando em tudo que diria, Rostoptchine agitava-se irado na carruagem e olhava furiosamente em volta de si.

Os campos de Sokolniki estavam desertos. Apenas ao longe, próximo do asilo e do hospício, avistavam-se grupos de homens trajados de branco e algumas pessoas isoladas, vestidas do mesmo modo, que caminhavam nos campos conversando e agitando os braços.

Um desses homens atravessou correndo a estrada, ao ver a carruagem de Rostoptchine. O próprio conde, seu cocheiro e seus guardas olhavam com um vago sentimento de horror e curiosidade esses loucos em liberdade, e sobretudo o que corria na direção deles.

Vacilando nas pernas compridas e magras, metido numa espécie de roupão que flutuava ao vento, o louco corria com rapidez e fixava os olhos em Rostoptchine, gritando-lhe qualquer coisa em voz rouca e acenando-lhe para que parasse. O rosto sombrio, com tufo de barba, era magro e amarelo. As pupilas negras, inquietas, moviam-se para baixo, deixando ver em cima o amarelo açafroado dos olhos.

— Ei! Para, estou dizendo! — gritou numa voz estridente, e acrescentou mais alguma coisa, entre contorções e gestos desordenados.

Alcançou a carruagem e pôs-se a correr ao lado dela.

— Já me mataram três vezes, e três vezes eu ressuscitei dos mortos. Eles me apedrejaram, me crucificaram... eu vou ressuscitar... eu vou ressuscitar... eu vou ressuscitar... Destruíram o meu corpo. O reino de Deus será derrubado. Três vezes eu o derrubarei e três vezes o construirei de novo! — gritava, cada vez mais forte.

De repente o conde Rostoptchine empalideceu como tinha empalidecido quando a multidão se lançara sobre Verechtchaguine. Desviou o rosto.

— Toca... toca mais depressa! — gritou ao cocheiro em voz trêmula.

A carruagem lançou-se adiante com mais velocidade, mas durante muito tempo ainda o conde Rostoptchine continuou a ouvir atrás de si aquele grito distante, insano, desesperado, e diante de seus olhos via o semblante espantado, ensanguentado, do traidor com a sua capa curta forrada de pele. Embora a lembrança fosse recente, Rostoptchine sentia que ela já lhe havia penetrado no fundo do coração e que o rastro sangrento dessa lembrança nunca mais se apagaria, que duraria enquanto durasse a sua vida, que enquanto vivesse mais aquilo torturaria sua alma. Parecia-lhe ouvir agora as suas próprias palavras: “Deixem-no em pedaços! Estou mandando!”

“Por que disse isso? Disse-as sem intenção de... Poderia não ter dito. Então, *nada* teria acontecido”, pensava ele.

Tornava a ver o rosto, primeiro assustado e depois enfurecido, do soldado que golpeará a vítima, e o olhar de tímida censura que lhe lançara o rapaz da capa de raposa. “Mas não foi por mim que fiz. Eu tinha de agir assim. A plebe, o traidor, o bem público”, pensava.

As tropas continuavam a comprimir-se à entrada da ponte Iauski. Fazia calor. Triste, com o cenho franzido, Kutuzov estava sentado num banco, perto da ponte, e fazia desenhos na terra com o relho quando, com grande ruído, uma carruagem se aproximou dele. Um homem com uniforme de general e chapéu de plumas, revirando uns olhos ora furiosos, ora atemorizados caminhou para Kutuzov e começou a dizer-lhe qualquer coisa em francês.

Era Rostoptchine. Declarou a Kutuzov que tinha vindo ali porque já não existia Moscou, só restava o exército.

— Teria sido muito diferente se Vossa Excelência não houvesse dito que não entregaria Moscou sem batalha. Nada disto não teria acontecido — disse ele.

Kutuzov olhou Rostoptchine e, como se não compreendesse o sentido das palavras que lhe eram dirigidas, procurava decifrar alguma coisa na fisionomia do seu interlocutor. Confuso, Rostoptchine calou-se. Kutuzov balançou de leve a cabeça e, sem tirar os olhos do rosto de Rostoptchine, murmurou mansamente:

— Sim, eu não entregarei Moscou sem batalha.

Kutuzov estaria com o pensamento em outro lugar ao pronunciar aquelas palavras ou as dizia em plena consciência da sua insensatez? Mas o conde Rostoptchine afastou-se apressadamente de Kutuzov, sem responder nada, e, coisa estranha, o general governador de Moscou, o orgulhoso conde Rostoptchine, apanhou um chicote, aproximou-se da ponte e, aos gritos, pôs-se a desvencilhar os veículos que atrapalhavam o caminho.

XXVI

Às quatro horas da tarde as tropas de Murat entraram em Moscou. À frente marchava o destacamento dos hussardos de Wurtemberg e atrás, a cavalo e com uma grande comitiva, vinha o rei de Nápoles em pessoa.

Na rua Arbat, perto da igreja de são Nicolau, Murat parou, aguardando notícias da vanguarda sobre as condições em que em que se encontrava a fortaleza da cidade, *le Kremlin*.

Em torno de Murat ajuntou-se um pequeno grupo, habitantes que tinham ficado em Moscou. Todos olhavam com pasmo e timidez o chefe estrangeiro com seus cabelos compridos, suas plumas e seus adornos de ouro.

— Olhem!... Será o rei deles, mesmo? — dizia-se em voz baixa. — Nada mal!

O intérprete caminhou para o grupo.

— Tirem os chapéus... tirem — diziam uns aos outros.

O intérprete dirigiu-se a um velho porteiro e perguntou se o Kremlin ficava longe. O porteiro ouviu com espanto aquele sotaque polonês, que para ele era língua estrangeira. Não reconhecia as palavras russas na voz do intérprete, não compreendia o que ele dizia. Escondeu-se atrás dos outros.

Murat aproximou-se do intérprete e mandou perguntar onde se achavam as tropas russas. Um dos russos entendeu a pergunta e algumas vozes puseram-se a responder ao mesmo tempo.

Um oficial da vanguarda veio a Murat e comunicou-lhe que as portas da cidadela estavam trancadas e devia tratar-se de uma emboscada.

— Bom — disse Murat. E, dirigindo-se a um dos oficiais da sua comitiva, mandou que fizessem avançar quatro canhões ligeiros para bombardear as portas.

A artilharia saiu a trote da coluna que seguia Murat e avançou pela Arbat. Chegando ao fim da rua Vosdvienka, a artilharia se deteve e colocou-se em posição na praça. Alguns oficiais franceses instalaram os canhões e olharam o Kremlin por uma luneta.

No Kremlin, os sinos soaram para as vésperas, e o carrilhão estremeceu os franceses. Julgavam que fosse um apelo às armas. Alguns soldados de infantaria correram para os portões Kutafevski, que estavam obstruídos por uma barricada de tábuas e vigas. Assim que o oficial avançou com alguns homens, dois tiros de mosquete ressoaram nas portas. O general que se achava junto dos canhões gritou um comando ao oficial e este retornou com seus soldados.

Ouviram-se ainda três tiros do outro lado dos portões. Um deles atingiu a perna de um soldado francês, e um estranho grito, lançado por diversas vozes, veio de trás da barricada. No mesmo momento, como em obediência a uma ordem, a expressão calma e alegre que tinham os rostos do general, dos oficiais e dos soldados franceses deu lugar a uma expressão atenta e concentrada de homens prontos para a luta e para os sofrimentos. Para eles todos, desde o marechal até o último soldado, aquele lugar não era as ruas Vosdvienka, Mokhovaia, Kutafia e o portão Troitzki, mas um novo campo de batalha, de uma batalha que por certo seria muito sangrenta, e todos se preparavam para ela. Cessaram os gritos atrás da barricada. Os artilheiros inflamaram as mechas. O oficial comandou: “Fogo!” e sons sibilantes foram ouvidos um após o outro. A metralha estrondejava nas pedras dos portões e nas vigas da barricada, nuvens de fumaça subiam na praça. Alguns instantes depois de cessarem os estampidos, ouviu-se um ruído estranho acima das cabeças dos franceses: um imenso bando de gralhas levantara dos muros do Kremlin e, grasnando e batendo as asas, torvelinhava no ar. Ao mesmo tempo ouviu-se um grito forte, isolado. Um homem de cafetã, com a cabeça nua, surgiu ao portão por entre a fumaça. Tinha um fuzil na mão e apontava para os franceses. “Fogo”, repetiu o oficial de artilharia. Um tiro de fuzil e dois tiros de canhão estrondaram ao mesmo tempo, e de novo a fumaça ocultou o portão.

Na barricada já nada se mexia, e os soldados franceses de infantaria aproximaram-se com os oficiais. Três feridos e quatro mortos estavam

estendidos no chão. Dois homens de cafetã corriam, acompanhando o muro, na direção da rua Znamenka.

— Retirem isso — disse o oficial, mostrando as vigas e os cadáveres. Os franceses acabaram de matar os feridos e atiraram os cadáveres para o outro lado da muralha.

Quem eram esses homens, eis o que ninguém sabia. “Retirem isso” foi a única oração fúnebre feita para eles. Jogaram os corpos longe para que não empestassem o ar. Somente Thiers consagrou algumas linhas à sua memória.

“Esses miseráveis tinham invadido a cidadela sagrada, apoderaram-se dos fuzis do arsenal e atiraram nos franceses. Alguns foram passados a fio de sabre e limpou-se o Kremlin da sua presença.”

Informaram a Murat que o caminho estava livre. Os franceses entraram e começaram a instalar o acampamento na praça do Senado. Os soldados atiravam cadeiras pelas janelas do Senado e armavam fogueiras com elas.

Outros destacamentos atravessaram o Kremlin e acamparam nas ruas Morosseika, Lubianka, Pokrovka. Outros se instalaram nas ruas Vosdvijenka, Znamenka, Nikolskaia, Tverskaia. Não encontrando em parte nenhuma os cidadãos para os receberem em suas casas, os franceses se instalavam, não como numa cidade, mas como num acampamento disperso pela cidade.

Embora famintos, exaustos, com uniformes gastos e já reduzidos a um terço do quantitativo inicial, os soldados franceses entraram em boa ordem na capital. Era um exército exausto, alquebrado, mas ainda temível e pronto para o combate. Deixou, porém, de ser um exército assim que os soldados se aboletaram nas habitações.

Quando eles se espalharam pelas casas vazias e ricas, o exército desapareceu para sempre. Já não eram soldados nem habitantes, mas qualquer coisa de intermediário que se chama saqueador. Quando, cinco semanas mais tarde, esses mesmos homens saíram de Moscou, já não formavam um exército. Era um bando de malfeitores, em que cada um levava consigo tudo que lhe parecia útil ou precioso. O objetivo para eles, à saída de Moscou, não consistia mais em conquistar, mas em proteger o que haviam furtado. Como o macaco que, depois de meter a mão num vaso de gargalo estreito e empalmar um punhado de nozes, não quer abrir a mão para não deixar cair o que agarrou e por isso ele se perde,

assim também os franceses, à saída de Moscou, deviam fatalmente perecer porque arrastavam consigo tudo o que haviam pilhado. Mas abandonar o que sacaram lhes seria tão impossível quanto ao macaco abrir a mão cheia de nozes.

Dez minutos após a entrada de um regimento francês num distrito qualquer de Moscou, não restava mais um só soldado ou oficial. Pelas janelas das casas avistavam-se homens de capote e polainas que percorriam os aposentos gritando uns aos outros. Nas adegas e porões, a mesma gente andava em busca de provisões. Nos pátios, abriam as portas dos depósitos e das estrebarias, acendiam fogo nas cozinhas, arregaçavam as mangas e punham-se a cozinhar, divertidos e admirados de si mesmos, fazendo carícias às mulheres e às crianças. E por toda parte havia homens iguais a esses, em grande número, nas lojas e nas casas; mas já não havia exército.

Nesse mesmo dia o comando francês emitia, uma após outra, ordens proibindo às tropas que se deslocassem dentro da cidade, proibindo severamente toda violência contra os habitantes, proibindo a pilhagem e, enfim, uma ordem para que naquela mesma noite se procedesse à revista geral. Mas, apesar de todas as proibições e de todas as medidas, os homens que outrora formavam o exército espalhavam-se por aquela cidade rica, confortável e vazia, onde abundavam as reservas. Como um rebanho famélico que marcha agrupado no campo infértil, mas que se dispersa logo que encontra uma gorda pastagem, assim se deslocavam as tropas na opulenta cidade.

Não havia habitantes em Moscou, e os soldados se deixavam absorver por ela como a água pela areia, escorrendo irresistivelmente em todas as direções a partir do Kremlin, que haviam ocupado em primeiro lugar. Os soldados de cavalaria que penetravam numa casa rica, abandonada com todos os seus bens, e ali encontravam estrebarias para os seus cavalos e outros mais iam ainda assim alojar-se numa casa vizinha que lhes parecesse mais agradável. Alguns ocupavam mais de uma casa e escreviam o seu nome com giz na porta da casa que ocupavam e a disputavam, chegando a brigar com outros destacamentos. Sem mesmo perder tempo para se instalarem, os soldados corriam à rua, examinavam a cidade e, informados de que tudo fora abandonado, corriam aos lugares onde podiam apoderar-se de objetos preciosos. Os chefes que queriam punir os saqueadores deixavam-se, eles próprios, arrastar aos mesmos atos. Na

rua Karetnaia havia depósitos de carruagens, e os generais escolhiam para si caleças e equipagens. Os habitantes que tinham ficado convidavam os chefes para se alojarem em sua casa, esperando proteger-se desse modo da pilhagem. Havia riquezas em abundância, pareciam não ter fim. Ao redor dos sítios ocupados pelos franceses havia outros, desconhecidos, ainda não ocupados e, segundo parecia aos franceses, atulhados de riquezas. E Moscou os absorvia cada vez mais. A água que corre em terra seca desaparece, e não há mais água nem terra seca; assim o exército esfaimado, entrando numa cidade rica e abandonada, destruía-se a si mesmo e a cidade abandonada desaparecia. E surgiram a lama, o incêndio e a pilhagem.

Os franceses atribuem o incêndio de Moscou ao “patriotismo feroz de Rostoptchine”; os russos, à selvageria dos franceses. Na realidade, as causas do incêndio de Moscou, se é que esse incêndio pode ser atribuído a alguém, não existiam nem podiam existir. Moscou ardeu porque se encontrava em condições tais que qualquer cidade construída de madeira, em situação semelhante, teria de arder, mesmo que os seus cento e trinta carros de bombeiros não fossem defeituosos. Moscou tinha de arder porque os seus habitantes a abandonavam. Isso era tão inevitável quanto a inflamação de um monte de gravetos sobre o qual, durante dias, chovem faíscas. Uma cidade de madeira na qual, mesmo quando ali se achavam os habitantes e a polícia, ocorriam incêndios diariamente no verão, não podia deixar de arder quando, em vez dos habitantes, alojavam-se nela soldados que fumavam cachimbo, faziam fogueiras na praça do Senado com as cadeiras do Senado e preparavam as suas refeições cotidianas em fogueiras.

Em tempos comuns, basta que tropas se aboitem numa cidade para que o número de incêndios aumente ato contínuo. Até que ponto, pois, deveriam aumentar as probabilidades de incêndio numa cidade construída de madeira, abandonada, ocupada por um exército estrangeiro? “O patriotismo feroz de Rostoptchine” e a selvageria dos franceses nada têm com isso. Moscou pegou fogo por causa dos cachimbos, das cozinhas, das fogueiras, da negligência dos soldados estrangeiros, dos habitantes que não eram proprietários das casas em que moravam. Mesmo que houvesse incêndio proposital (o que é muito problemático, pois ninguém tinha motivos para incendiar e, em todo caso, era

um ato muito perigoso), não é necessário levá-lo em consideração, porque mesmo sem ele a conflagração teria sido inevitável.

Por mais grato que fosse aos franceses lançar a culpa à ferocidade de Rostopchine e aos russos atribuí-la à barbárie de Bonaparte, e posteriormente colocar a tocha heroica nas mãos do povo, temos de reconhecer que não podia existir tal causa direta do incêndio, visto que Moscou devia arder, como deve arder toda cidade, fábrica ou casa cujos donos se ausentaram e onde se introduzem pessoas estranhas para ali morar. Moscou foi queimada pelos seus habitantes, é verdade, mas por aqueles que a abandonaram, e não pelos que ficaram. Moscou entregue ao inimigo não ficou intacta como Berlim, Viena etc., pelo simples fato de os habitantes terem deixado a cidade, em vez de receberem os franceses com as chaves, o pão e o sal.

XXVII

A dispersão dos franceses num círculo cada vez mais amplo, dentro da cidade de Moscou, só na noite desse dia 2 de setembro alcançou o bairro onde Pierre habitava agora.

Ao cabo de dois dias passados na solidão e em condições excepcionais, Pierre encontrava-se num estado próximo da loucura. Uma ideia única se apoderara do seu ser. Não poderia dizer quando e como ela lhe viera, mas essa ideia o obsedava de tal forma que Pierre já não recordava o passado, não compreendia nada do presente e tudo que via e ouvia parecia-lhe um sonho.

Pierre só deixara a sua casa para escapar à teia complicada em que o tinham envolto as necessidades da vida cotidiana e que, no estado em que se achava, ele era incapaz de desenredar. Fora para a casa de Ossip Alexievitch sob pretexto de classificar os livros e papéis do falecido, mas na realidade fora para procurar a calma. A lembrança de Ossip Alexievitch estava unida, no seu espírito, a um mundo de pensamentos consoladores, solenes e eternos, absolutamente contrários à confusão para a qual se sentia arrastado. Procurava um refúgio tranquilo e, efetivamente, encontrava-o no escritório de Ossip Alexievitch. Quando, no silêncio de morte do gabinete, sentou-se e debruçou-se à mesa empoeirada do defunto, as recordações daqueles últimos dias, e sobretudo da batalha de Borodino, voltaram com nitidez à sua mente resserenada, e com elas a

consciência que ele tivera da sua nulidade, da mentira que encarnava diante da verdade simples e forte dessa classe de gente que sua alma evocava com a palavra única: *eles*.

Quando Guerassim o acordou do seu sonho, Pierre decidiu tomar parte na defesa popular de Moscou que, como ele sabia, deveria se efetivar. Nessa intenção, pediu logo a Guerassim que lhe arranjasse um cafetã e uma pistola e explicou-lhe que pretendia ficar na casa de Ossip Alexievitch, ocultando a sua identidade. Em seguida, após um dia decorrido na solidão e na ociosidade (por diversas vezes Pierre tentara, em vão, concentrar sua atenção nos manuscritos maçônicos), a ideia que ele tivera outrora sobre a importância cabalística do seu nome em conexão com o de Bonaparte voltou-lhe várias vezes à mente, de forma vaga. Mas a ideia de que ele, *l'russe Besuhof*, estava destinado a pôr fim ao poder da *Besta* lhe vinha apenas como um desses devaneios que passam pela imaginação sem ser provocados por uma causa qualquer e sem deixar vestígios.

Quando, depois de comprar o cafetã (unicamente para participar na projetada defesa de Moscou), Pierre encontrou os Rostov e Natacha lhe disse: “Então, vai ficar em Moscou? Como isso é bonito!”, pensou que com efeito, seria bonito ficar ali e cumprir o seu destino, mesmo que Moscou fosse tomada.

No dia seguinte, com o único objetivo de não se poupar e não fazer menos do que *eles*, dirigiu-se para trás das trincheiras das Três Montanhas. Mas quando voltou para casa, convencido de que Moscou não seria defendida, sentiu repentinamente que aquilo que até então se lhe apresentara apenas como uma possibilidade tornava-se agora necessário e inevitável. Devia ficar incógnito em Moscou, procurar Napoleão e matá-lo, perecendo ou pondo um termo às desgraças de toda a Europa, que, segundo ele, provinham unicamente de Napoleão.

Pierre conhecia pormenorizadamente o atentado de um estudante alemão contra Bonaparte, em Viena, no ano de 1809, e sabia que o estudante fora fuzilado. Mas o perigo a que exporia sua vida o excitava ainda mais.

Dois sentimentos igualmente fortes impeliavam Pierre para a realização do seu intento: o primeiro era a necessidade de sacrifício e sofrimento diante da consciência da desgraça geral, sentimento que, no dia 25, o tinha levado a Mojaisk no próprio coração da batalha, que agora o fazia abandonar sua casa e,

renunciando ao luxo habitual e às comodidades da vida, dormir vestido num sofá duro e comer a mesma refeição que Guerassim.

O outro era esse sentimento vago, exclusivamente russo, de desprezo a tudo quanto é condição artificial, a tudo o que a maioria considera o bem supremo do mundo. Pierre experimentara pela vez primeira esse sentimento estranho e enfeitiçador no palácio de Slobotzk, quando, de repente, sentira que as riquezas, o poder, a vida, tudo que os homens obtêm e guardam com tanto cuidado, tudo isso só vale pelo prazer que o seu abandono pode proporcionar.

É sob a influência desse sentimento que o funcionário substituto gasta o seu último vintém, que o bêbado quebra copos e vidraças, sem nenhuma causa e sabendo perfeitamente que isso lhe custará o último *kopek*, que as pessoas cometem atos absurdos, sentimento graças ao qual o homem parece pôr à prova o seu poder pessoal e a sua força, e que é ao mesmo tempo testemunha de uma vontade superior que comanda a atividade humana.

Desde que Pierre experimentara pela primeira vez esse sentimento, no palácio de Slobotzk, permanecia continuamente sob sua influência, mas só agora retirava dele uma satisfação completa.

Além disso, no presente momento, Pierre era sustentado na sua intenção e impossibilitado de renunciar a ela pelo que já tinha feito: o abandono de sua casa, o cafetã, a pistola, a declaração feita aos Rostov de que ficaria em Moscou; tudo isto não somente deixaria de ter qualquer sentido, como seria desprezível e ridículo (algo a que Pierre era sensível) se agora deixasse Moscou como os outros.

Como acontece sempre, o estado físico de Pierre concordava com o seu estado mental. A comida grosseira a que não estava acostumado, a aguardente que bebera nesses últimos dias, a privação de vinho e de charutos, a roupa íntima suja que ele não mudava, duas noites passadas sem sono sobre um sofá demasiadamente pequeno, tudo isso o mantinha num estado de irritação próximo da loucura.

Eram duas horas da tarde. Os franceses já tinham entrado em Moscou. Pierre sabia, mas em lugar de agir limitava-se a pensar no seu empreendimento, refletindo nos menores detalhes futuros. Em seus devaneios, Pierre não imaginava com clareza o meio de ferir Napoleão nem a morte deste, mas, com

uma nitidez extraordinária e um prazer melancólico, imaginava a sua própria morte e a sua coragem heroica.

“Sim, eu devo fazer isso, eu sozinho, para o bem de todos”, pensava. “Sim, eu me aproximarei... e depois, de repente... Com a pistola ou com o punhal? Tanto faz. ‘Não sou eu, mas a mão da Providência que te castiga’, direi.” (Pierre pensava pronunciar essas palavras ao matar Napoleão.) “Então? Prendam-me”, diria ele ainda, com uma expressão triste e firme, baixando a cabeça. Enquanto Pierre, no meio do gabinete, refletia essas coisas, abriu-se a porta e apareceu a figura completamente transformada de Makar Alexievitch, que antes se mostrava sempre tímido.

Tinha o robe aberto, o rosto vermelho e descomposto. Evidentemente, estava embriagado. Ao avistar Pierre, ficou confuso no primeiro momento, mas notando igual confusão no rosto de Pierre ganhou logo coragem e, com as pernas vacilantes, caminhou até o meio do aposento.

— Eles têm medo — disse em voz rouca, mas firme. — Mas eu digo “Eu não me rendo”, digo... Não é mesmo, cavalheiro?

Ficou pensativo e, de repente, avistando a pistola em cima da mesa, apoderou-se dela com rapidez inesperada e lançou-se para o corredor.

Guerassim e o porteiro, que seguiam Makar Alexievitch, o barraram no vestíbulo e tentaram lhe arrancar a pistola. Saindo para o corredor, Pierre olhava com piedade e repugnância aquele ancião semilouco. Makar Alexievitch segurava a pistola com toda a força e, em voz rouca, gritava qualquer coisa que ele julgava ser muito solene.

— Às armas! À abordagem! Ah, mentiroso, não me tirarás isto!

— Basta! Por favor, basta! Acalme-se, meu senhor. Vamos, meu senhor... — dizia Guerassim, procurando empurrá-lo docemente pelos cotovelos, na direção da porta.

— Quem és tu? Bonaparte? — gritou Makar Alexievitch.

— Isto não está certo, meu senhor. Vá descansar no seu quarto. Dê-me essa pistola.

— Fora daqui, servo miserável! Não me toques! Estás vendo? — gritou Makar Alexievitch brandindo a pistola. — À abordagem!

— Pegue-o — cochichou Guerassim ao porteiro.

Agarraram Makar Alexievitch pelo braço e arrastaram-no para a porta. O vestíbulo encheu-se de ruídos de desordem e dos gritos de uma voz alcoolizada, arfante. De súbito um novo grito penetrante, um grito de mulher, ressoou no patamar da entrada e a cozinheira correu para o vestíbulo.

— São eles! Deus louvado! Juro que são eles! Quatro, a cavalo!

Guerassim e o porteiro soltaram Makar Alexievitch, e do corredor vieram distintamente as pancadas de vários punhos na porta de entrada.

XXVIII

Pierre, que decidira não revelar, antes da realização do seu projeto, nem o seu nome nem o seu conhecimento da língua francesa, estava na porta entreaberta do corredor, pronto para se ocultar logo que aparecessem os franceses. Mas os franceses entraram e Pierre não se afastou da porta; uma curiosidade irresistível o prendeu ali.

Eram dois: um oficial, homem alto, belo, de aspecto marcial, e o outro, evidentemente um soldado ou um ordenança, baixo, magro, moreno, com as faces encovadas e um ar estúpido. O oficial, que mancava apoiado numa bengala, vinha na frente. Depois de dar alguns passos, como se houvesse decidido no seu foro íntimo que o alojamento servia, parou, voltou-se para o soldado que ficara à porta, e numa voz forte de chefe mandou-lhe que trouxesse os cavalos. Feito isso, o oficial, levantando os cotovelos num gesto sofisticado, cofiou os bigodes e depois levou a mão ao quepe.

— *Bonjour, la compagnie* — disse alegremente, sorrindo e olhando ao redor de si.

Ninguém respondeu.

— *Vous êtes le bourgeois?* — perguntou o oficial a Guerassim, que, assustado, fitou-o com ar interrogador.

— *Quartire, quartire, logement* — disse o oficial com um sorriso bom e indulgente, olhando para o homenzinho. — Os franceses são boa gente, que diabo! *Voyons!* Não vamos brigar, meu velho — acrescentou, batendo no ombro de Guerassim, ainda assustado e silencioso. — *Ah ça!* Como é, ninguém fala francês nesta casa? — ajuntou o oficial, olhando em volta.

Seus olhos encontraram Pierre, que se retirou para trás da porta. O oficial dirigiu-se de novo a Guerassim, pedindo que lhe mostrasse toda a casa.

— Dono está não... não compreender... eu, a sua... — disse Guerassim, procurando inverter a ordem das palavras para torná-las mais compreensíveis.

O oficial francês, sorrindo, gesticulou na frente de Guerassim para significar que ele também não compreendia e caminhou para a porta atrás da qual estava Pierre. Este quis retirar-se e esconder-se, mas nesse momento avistou pela porta entreaberta da cozinha Makar Alexievitch com a pistola na mão.

Makar Alexievitch olhou o francês com o ar astuto dos loucos e, erguendo a pistola, fez pontaria.

— À abordagem! — gritou o bêbado, apertando o gatilho.

A este grito o oficial francês voltou-se. Ao mesmo tempo, Pierre lançou-se sobre o bêbado.

No momento em que Pierre segurou a pistola, Makar Alexievitch conseguiu acionar o gatilho, um tiro detonou, espalhando por toda parte o ruído e a fumaça da pólvora. O francês empalideceu e se jogou para trás, em direção à porta.

Assim que conseguiu arrancar a pistola e a jogar longe, Pierre, esquecendo a intenção de não revelar o seu conhecimento da língua francesa, correu para o oficial e começou a falar-lhe.

— O senhor não está ferido?

— Acho que não — respondeu o oficial, apalpando-se. — Mas desta vez escapei por pouco — acrescentou, olhando o buraco na parede. E considerando Pierre com ar severo: — Quem é esse homem?

— Ah, estou realmente desesperado com o que acaba de acontecer — disse Pierre, esquecendo completamente o seu papel. — É um louco, um infeliz que não sabe o que faz.

O oficial aproximou-se de Makar Alexievitch e agarrou-o pela gola. Com os lábios entreabertos, apatetado, Makar Alexievitch estrebuchou de encontro à parede.

— Tu me pagas, bandido! — disse o francês, soltando-o. — Nós somos clementes depois da vitória, mas não perdoamos os traidores — acrescentou com um ar sombrio e solene, fazendo ao mesmo tempo um belo gesto enérgico.

Pierre continuava a exortar o oficial para que não punisse aquele bêbado ensandecido. O francês ouvia-o em silêncio, ainda carrancudo. De súbito sorriu,

olhando para Pierre, e ficou alguns segundos silencioso. Seu belo rosto tomou uma expressão terna e trágica e, estendendo-lhe a mão, disse:

— O senhor salvou minha vida! É francês!

Para um francês, esta conclusão impunha-se. Só um francês é capaz de um ato nobre, e não havia ação mais bela do que salvar a vida de Monsieur Ramballe, capitão do décimo terceiro regimento de cavalaria ligeira.

Mas, por mais indubitável que fosse essa conclusão e por muito convencido que o oficial estivesse dela, Pierre julgou necessário corrigi-lo.

— Sou russo — disse em voz rápida.

— Tá, tá, tá! Vá dizer isso a outro — retrucou o francês, sorrindo e sacudindo o dedo diante do nariz de Pierre. — Daqui a pouco o senhor me contará tudo isso. Muito prazer em encontrar um compatriota. Então? O que vamos fazer com este homem? — perguntou a Pierre, como a um compatriota. Mesmo que Pierre não fosse francês, uma vez batizado com esse nome, que é o mais belo do mundo, não podia renunciar a ele: eis o que significavam a expressão e o tom do oficial francês.

A essa última pergunta, Pierre respondeu explicando novamente quem era Makar Alexievitch. Contou ao oficial que, antes da sua chegada, o bêbado se apoderara da pistola carregada e que não tinham conseguido tomá-la dele. Pediu que o ato ficasse impune.

O francês enfunou o peito, fez um gesto régio com a mão.

— O senhor salvou a minha vida! É um francês. Pede-me perdão para ele? Está concedido. Levem esse homem daqui! — disse com rapidez e energia, tomando o braço de Pierre, promovido a francês por lhe ter salvado a vida. E os dois penetraram no interior da casa.

Os soldados que esperavam no pátio tinham entrado no vestíbulo ao ruído do tiro. Perguntavam o que acontecera e mostravam-se dispostos a castigar os culpados. Mas o oficial deteve-os severamente:

— Mandarei chamá-los quando precisar de vocês.

Os soldados saíram. O ordenança, que tivera tempo de ir olhar a cozinha, aproximou-se do oficial.

— Capitão, eles têm sopa e um quarto de carneiro na cozinha. Quer que eu traga?

— Sim, e o vinho também — disse o capitão.

XXIX

Quando o oficial francês entrou na casa com Pierre, este julgou de seu dever declarar-lhe novamente que não era francês e quis retirar-se. Mas o capitão não queria ouvir. Mostrava-se tão reconhecido, cortês e amável com Pierre que Pierre não teve coragem de recusar e sentou-se em companhia dele no salão, o primeiro aposento onde entraram. Ante a explicação de Pierre, negando que fosse francês, o capitão, evidentemente incapaz de conceber que um homem pudesse renunciar a um título tão lisonjeiro, encolheu os ombros e disse que se ele fazia questão absoluta de ser tido como russo, muito bem, mas que não obstante, ele, capitão, estava ligado a Pierre para sempre pela gratidão.

Se esse homem fosse dotado da capacidade de compreender os sentimentos alheios e pudesse adivinhar os de Pierre, Pierre ter-se-ia provavelmente afastado dele. Mas venceu a incompreensão do francês para tudo que não fosse a sua própria pessoa.

— Francês ou príncipe russo disfarçado — disse o francês, lançando um olhar à camisa suja mas finíssima de Pierre e ao anel que ele tinha no dedo —, eu lhe devo a vida e lhe ofereço a minha amizade. Um francês jamais esquece um insulto ou um serviço. Ofereço-lhe a minha amizade, e não digo mais nada.

No tom da voz, na expressão do rosto e nos gestos do francês havia tanta bonomia e nobreza (na acepção francesa da palavra) que Pierre, inconscientemente, retribuiu-lhe o sorriso e apertou a mão que ele lhe estendia.

— Capitão Ramballe, do décimo terceiro de cavalaria ligeira, condecorado pela batalha do dia 7 — apresentou-se ele com um sorriso contente sob os bigodes. — Quer ter a bondade de me dizer agora com quem tenho a honra de conversar tão agradavelmente, em lugar de me achar no hospital com a bala daquele maluco no corpo?

Pierre respondeu que não podia dizer o seu nome e, corando enquanto procurava inventar um outro nome qualquer, começou a explicar as causas que o impediam de se dar a conhecer. Mas o francês o interrompeu com vivacidade.

— Isso é suficiente. Compreendo as suas razões. O senhor é oficial superior, com certeza. Combateu contra nós. Mas não me interessa. Devo-lhe a vida e isso me basta. Estou ao seu dispor. É nobre? — perguntou. Pierre inclinou a cabeça

afirmativamente. — O seu nome de batismo, por favor? É tudo que peço. Monsieur Pierre, diz o senhor?... Perfeito. Nada mais desejo saber.

Quando trouxeram o carneiro, a omelete, o samovar, a aguardente e o vinho que os franceses pegaram numa adega vizinha, Ramballe convidou Pierre para jantar com ele e logo, como homem robusto e faminto, pôs-se a devorar com avidez, mastigando rapidamente com os seus dentes fortes. E repetia: “Excelente, delicioso!” Seu rosto tornou-se vermelho e cobriu-se de suor. Pierre, que tinha fome, comeu também com prazer.

Morel, o ordenança, trouxe uma caçarola de água quente e meteu nela uma garrafa de vinho tinto. Trouxera, além disso, uma garrafa de *kvass* que encontrara na cozinha. Os franceses já conheciam essa bebida, que chamavam *limonade de cochon*. Morel elogiou a “limonada de porco” que achara na cozinha. Mas como o capitão tinha vinho arranjado em Moscou, deixou o *kvass* para Morel e serviu-se de uma garrafa de Bordeaux. Envolheu a garrafa num guardanapo e serviu-se de uma taça para si e para Pierre. A fome satisfeita e o vinho animaram ainda mais o capitão, que durante todo o jantar não cessou de falar.

— Sim, meu caro Monsieur Pierre, devo-lhe acender uma boa vela por ter me salvo... desse doido furioso. Já estou farto de balas no corpo, sabe? Aqui está uma — apontando para a lateral do corpo — que ganhei em Wagram e duas em Smolensk — indicando a cicatriz que tinha no rosto. — E esta perna que não quer caminhar, como vê. Foi na grande batalha do dia 7, no Moscova, que arranjei isso. Santo Deus, foi bonito! Era um dilúvio de balas! Os senhores nos deram um trabalho dos diabos. Podem gabar-se disso, palavra de soldado. E apesar da tosse que apanhei lá, francamente, gostaria de repetir a aventura. Lamento os que não viram aquilo.

— Estive lá — disse Pierre.

— Realmente? Pois ainda bem. Os senhores são inimigos de respeito, essa é que é a verdade. O grande reduto foi bem defendido, valha-me Deus! E os senhores nos fizeram pagar caro. Fui três vezes até lá, este aqui que vê. Três vezes alcançamos os canhões e três vezes nos derrubaram como bonecos de papelão. Ah, como aquilo foi bonito, Monsieur Pierre! Aqueles seus granadeiros estavam soberbos, *tonnerre de Dieu!* Eu os vi cerrar fileiras seis vezes

consecutivas e marchar como numa parada. Que beleza de homens! O nosso rei de Nápoles, que entende do assunto, gritou: “Bravo!” Ah! Ah! Soldado como nós — acrescentou, sorrindo, após um momento de silêncio. — Ainda bem, ainda bem, Monsieur Pierre. Terríveis na guerra, galantes — piscou o olho, sorrindo — com as damas, eis aí os franceses, hein, Monsieur Pierre?

O capitão era tão alegre, tão ingênuo, tão satisfeito consigo próprio que Pierre, contemplando-o, por pouco não piscou também de prazer. Sem dúvida a palavra “galante” fez o outro pensar na situação de Moscou.

— A propósito, diga-me: é verdade que todas as mulheres deixaram Moscou? Que ideia estranha! Do que tinham medo?

— Então as damas francesas não deixariam Paris se os russos entrassem lá?

— Ha! Ha! Ha! — O francês soltou uma gostosa risada e bateu no ombro de Pierre. — Ah, essa é boa. Paris? Mas Paris... Paris...

— Paris, a capital do mundo... — disse Pierre, concluindo a frase para ele.

O capitão fitou Pierre. Tinha o hábito, durante a conversa, de parar e observar o seu interlocutor com olhos risonhos e afetuosos.

— Pois olhe, se o senhor não me tivesse dito que é russo, eu apostaria que era parisiense. Tem esse não sei quê... — E depois de lhe fazer esse elogio fitou-o outra vez em silêncio.

— Eu estive em Paris. Passei anos lá — disse Pierre.

— Ah, isso logo se vê. Um homem que nunca viu Paris é um selvagem. Conhece-se um parisiense a duas léguas de distância. Paris é Talma, a Duchénois, Potier, a Sorbonne, os bulevares... — E, notando que a conclusão era mais fraca do que as premissas, apressou-se a acrescentar: — Só existe uma Paris no mundo. O senhor esteve em Paris e não deixou de ser russo. Pois, olhe, eu não o estimo menos por isso.

Sob a influência do vinho e após dois dias inteiros passados na solidão, tomado por ideias sombrias, Pierre experimentava um prazer involuntário ao conversar com esse homem alegre e simpático.

— Mas, para voltar às damas da sua terra, dizem que são muito bonitas. Que ideia ridícula, irem enterrar-se nas estepes quando o exército francês está em Moscou! Que oportunidade elas deixaram escapar! Os mujiques são outra coisa, mas os senhores, gente civilizada, deviam conhecer-nos melhor. Nós tomamos

Viena, Berlim, Madri, Nápoles, Roma, Varsóvia, todas as capitais do mundo... Somos temidos, mas também somos queridos. Quem nos conhece que o diga. E depois, o imperador...

— O imperador... — repetiu Pierre, e seu rosto tomou uma expressão triste e confusa. — Será que o imperador...

— O imperador? Ele é a generosidade, a clemência, a justiça, a ordem, o gênio... eis o que é o imperador! Sou eu, Ramballe, quem diz. Este que o senhor vê era seu inimigo ainda há dois anos. Meu pai foi um conde emigrado... Mas esse homem me venceu. Ele me conquistou. Não pude resistir ao espetáculo de grandeza e de glória com que ele cobria a França. Quando compreendi o que ele queria, quando vi que ele nos estava preparando um leito de louros, então disse comigo: “Isto é que é um verdadeiro soberano”, e rendi-me a ele. Aí está! Sim, meu caro, ele é o maior homem dos séculos passados e futuros.

— Ele está em Moscou? — disse Pierre, hesitante, com uma expressão de culpa.

O francês contemplou o semblante culpado de Pierre e sorriu.

— Não, vai fazer a sua entrada amanhã — respondeu, e continuou a falar.

A conversa foi interrompida pelos gritos de algumas pessoas perto da porta-cocheira e pela entrada de Morel, que vinha anunciar ao capitão que os hussardos de Wurtemberg tinham chegado e queriam pôr os seus cavalos no pátio, onde estavam os dos franceses. A desavença provinha do fato de os hussardos não entenderem o que lhes era dito.

O capitão mandou chamar o sargento de serviço e, em tom severo, perguntou-lhe a que regimento pertencia, quais eram os seus chefes e como tomavam eles a liberdade de entrar num alojamento já ocupado. O alemão, que compreendia mal o francês, respondeu às duas primeiras perguntas, nomeando o seu regimento e o seu chefe, mas, como não compreendeu a terceira, respondeu em alemão, introduzindo partes de palavras francesas, que era o sargento-mor do regimento e que o seu chefe lhe dera ordem de ocupar todas as casas uma após outra. Pierre, que sabia alemão, traduziu para o capitão o que o sargento dizia e transmitiu ao hussardo de Wurtemberg a resposta do oficial francês. Compreendendo afinal, o alemão cedeu e retirou-se com os seus homens. O capitão foi ao patamar e deu

ordens numa voz forte. Quando ele voltou ao salão, Pierre estava sentado no mesmo lugar,

com a cabeça entre as mãos. Seu rosto exprimia sofrimento. E, com efeito, sofria nesse momento.

Quando o capitão saiu e Pierre se viu só, caiu subitamente em si e compreendeu a situação em que se encontrava. Não era o fato de Moscou ter sido ocupada e de instalarem-se ali os vencedores, tomando-o sob a sua proteção, que o atormentava agora: era a consciência da sua fraqueza. Alguns copos de vinho e a conversa com esse homem cordial tinham dissipado o humor sombrio e concentrado em que ele vivia nesses últimos dias, e que era necessário à realização do seu projeto. A pistola, o punhal e o *armiak* [\[44\]](#) estavam prontos. Napoleão entraria em Moscou no dia seguinte. Pierre continuava a julgar útil e digno matar o malfeitor, mas agora tinha a intuição que não o faria. Por quê? Ignorava-o, mas pressentia que não realizaria a sua intenção. Lutava contra a sua fraqueza, mas compreendia vagamente que não conseguiria vencê-la, que aquelas sombrias ideias de vingança, de assassinato e de sacrifício se desfaziam em fumaça ao contato do primeiro homem que ele encontrava.

Arrastando a perna e assobiando qualquer coisa, o capitão voltou à sala.

A tagarelice do francês, que antes divertia Pierre, lhe parecia agora insuportável. A melodia que ele assobiava, o seu andar, o gesto de torcer o bigode, tudo agora o incomodava. “Vou embora imediatamente, não lhe direi mais uma palavra”, pensava ele. E, no entanto, continuava sentado no mesmo lugar. Um estranho sentimento de fraqueza o pregava à cadeira. Queria levantar-se para se retirar, e não podia.

O capitão, pelo contrário, parecia muito alegre. Atravessou duas vezes o aposento. Seus olhos brilhavam e o bigode tremia levemente, como se ele estivesse recordando algum gracejo muito divertido.

— Encantador aquele coronel dos wurtemburgueses! É alemão, mas ótimo sujeito. Mas... é alemão.

Sentou-se em frente a Pierre.

— Por falar nisso, então o senhor sabe alemão?

Pierre olhou-o sem responder.

— Como é que se diz hospedagem em alemão?

— Hospedagem? — fez Pierre. — Hospedagem em alemão: *Unterkunft*.

— Como disse? — perguntou vivamente o capitão, desconfiado.

— *Unterkunft* — repetiu Pierre.

— *Uterkof* — pronunciou o capitão, e, com olhos risonhos, observou Pierre durante alguns instantes. — Os alemães são umas bestas orgulhosas, não é verdade, Monsieur Pierre? — concluiu. — Então, bebemos mais uma garrafa deste bordeaux moscovita, não é mesmo? Morel, vai aquecer-nos mais uma garrafinha! Morel! — gritou alegremente.

Morel trouxe as velas e uma garrafa de vinho. O capitão observou Pierre à luz. Impressionou-o, evidentemente, a fisionomia desfeita do seu interlocutor. Com uma expressão de tristeza sincera e de compaixão, aproximou-se de Pierre e inclinou-se para ele.

— Ah, estamos tristes?! — E tocou a mão de Pierre. — Terei feito algo para magoá-lo? Não, diga verdadeiramente, o senhor tem alguma coisa contra mim? Talvez seja por causa da situação?...

Pierre não respondeu nada, mas olhou o francês nos olhos, com afeto. Aquela expressão de simpatia lhe era agradável.

— Palavra de honra, sem falar na minha dívida, o senhor tem a minha amizade. Posso lhe ajudar em algo? Estou à disposição. É para a vida e para a morte. Digo-lhe isso com a mão no coração. — E o capitão batia no peito.

— Obrigado — disse Pierre.

O capitão olhou-o fixamente, como tinha feito ao perguntar como se diz *hospedagem* em alemão, e de repente a sua fisionomia se iluminou.

— Ah, nesse caso bebo à nossa amizade! — exclamou alegremente, enchendo dois copos de vinho.

Pierre esvaziou o seu copo. Ramballe fez o mesmo, apertou-lhe outra vez a mão e, numa atitude pensativa, melancólica, debruçou-se sobre a mesa.

— Sim, meu caro amigo, eis aí os caprichos da sorte. Se me dissessem que eu ainda seria soldado e capitão de dragões a serviço de Bonaparte, como nós o chamávamos antigamente! E, no entanto, aqui estou com ele em Moscou. Preciso dizer-lhe, meu caro — falava, e sua voz fazia-se triste e monótona como a de um homem que se dispõe a contar uma história comprida —, que o nosso nome é um dos mais antigos da França.

E, com a franqueza fácil e ingênua dos franceses, o capitão narrou a Pierre a história dos seus antepassados, da sua infância, adolescência e idade adulta, todos os seus assuntos de família e vicissitudes econômicas. “*Ma pauvre mère*” representava, era claro, um papel importante nessa narrativa.

— Mas tudo isso não são mais que os acidentes da vida, a essência é o amor. O amor! Não é verdade, Monsieur Pierre? — disse, animando-se. — Mais um copo.

Pierre tornou a beber e encheu o terceiro copo.

— Oh, as mulheres, as mulheres! — E o capitão, com os olhos úmidos, fitando Pierre, começou a falar das suas aventuras amorosas. Eram em grande número, como facilmente se podia acreditar olhando para o rosto satisfeito e bonito do oficial e vendo a animação entusiasta com que ele falava nas mulheres. Todas as histórias de amor de Ramballe tinham um caráter de depravação com que os franceses veem o encanto exclusivo e a poesia do amor. Mas ele as contava com tanta convicção que parecia ser o único capaz de sentir e compreender todas as delícias do amor, e descrevia as mulheres de maneira tão sedutora que Pierre o escutava com curiosidade.

Era evidente que o *amour* tão altamente estimado pelo francês não era esse tipo inferior e simples de amor que Pierre experimentara outrora por sua esposa, nem o amor romanesco que lhe inspirava Natacha (Ramballe desprezava igualmente ambas essas espécies de amor: um era “o amor dos carroceiros”, o outro “o amor dos patetas”). O amor que o francês admirava consistia, principalmente, numa relação não natural com a mulher e em combinações estranhas que emprestavam um encanto especial ao sentimento.

Foi assim que o capitão se referiu à tocante história de seu amor por uma encantadora marquesa de trinta e cinco anos e, ao mesmo tempo, por uma encantadora jovem de dezessete, filha da encantadora marquesa. A luta de generosidade entre a mãe e a filha terminou pelo sacrifício da mãe, que ofereceu a filha em casamento ao amante. Essas recordações, mesmo que distantes, ainda emocionavam o capitão. Em seguida narrou uma aventura em que o marido desempenhara o papel de amante e ele — o amante — fizera as vezes de marido. Contou alguns episódios cômicos de sua passagem pela Alemanha, onde

hospedagem se diz *Unterkunft*, onde os maridos comem chucrute e as jovens são louras demais.

Enfim, o último episódio na Polônia (ainda fresco na memória do capitão), que ele relatava com gestos vivos e o rosto inflamado, consistia no seguinte: o capitão salvara a vida de um polonês (em geral, este ato de generosidade aparecia com frequência nas narrações do capitão), o qual lhe confiara a sua encantadora esposa, “uma parisiense de coração”, enquanto que ele próprio entrava para o exército dos franceses. O capitão ficou feliz, pois a encantadora polonesa queria fugir com ele; mas a sua magnanimidade triunfou. Devolveu a esposa ao marido, dizendo a ele: “Eu salvei sua vida, agora salvo sua honra.” A estas palavras o capitão esfregou os olhos e sacudiu-se, como se quisesse expulsar a fraqueza que o invadia a essa tocante lembrança.

Escutando as histórias do capitão, como frequentemente lhe acontecia nas altas horas da noite e sob a influência do vinho, Pierre ouvia tudo que o outro dizia, compreendia tudo e ao mesmo tempo seguia o fio das recordações pessoais que vinham à mente. Enquanto escutava esses episódios de amor, veio-lhe repentinamente ao espírito o seu próprio amor por Natacha e, buscando na memória as imagens desse amor, comparava-as aos relatos de Ramballe. Acompanhando a narração da luta entre o amor e o dever, Pierre via diante de si os menores detalhes do encontro com o objeto da sua paixão, próximo à torre Sukhareva. Na ocasião, esse encontro não produzira nenhum efeito sobre ele. Nem uma só vez pensara no caso, mas agora ele lhe parecia cheio de importância e de poesia.

“Venha cá, Piotr Kirillovitch, já o reconhecemos”. Ouvia agora essas palavras pronunciadas por ela, via-lhe o sorriso, o chapéu de viagem, a mecha de cabelos... e de tudo isso se desprendia qualquer coisa de tocante e de enternecedor, que o envolvia.

Depois de terminar a história da encantadora polonesa, o capitão perguntou a Pierre se alguma vez experimentara esse sentimento de sacrifício pelo amor e de inveja do marido legítimo.

Incitado pela pergunta, Pierre sentiu a necessidade de exprimir as ideias que o absorviam. Pôs-se a explicar que compreendia de maneira um pouco diferente o

amor e a mulher. Confessou que em toda a sua vida não amara senão uma mulher e que esta mulher não podia pertencer-lhe.

— *Tiens!* — fez o capitão.

Depois Pierre explicou que amava essa mulher desde muito jovem, que a princípio não ousara pensar nela porque era muito moça e ele não passava de um bastardo sem nome, e posteriormente, quando recebeu esse nome e uma fortuna, não ousou pensar nela porque a amava muito, a colocava muito acima de todos e de si mesmo. Chegado a este ponto da sua narração, Pierre perguntou ao capitão se o compreendia.

O capitão fez um gesto, significando que não compreendia, mas lhe pedia que continuasse.

— O amor platônico, as nuvens... — murmurou ele.

Fosse o vinho que bebera, a necessidade de expressar-se, fosse a ideia de que esse homem não conhecia nem poderia encontrar nenhuma personagem da sua história, ou tudo isso junto, o fato é que a língua de Pierre se soltou. Com os olhos enternecidos, fixos num ponto diante de si, a boca solta, ele contou toda a sua história, seu casamento, o amor de Natacha por seu melhor amigo, a traição dela e suas relações pouco definidas com ela. Depois, instigado pelas perguntas de Ramballe, revelou as próprias coisas que antes ocultara, sua posição social, e terminou por dizer como se chamava.

O que sobretudo impressionou o capitão foi que, sendo Pierre muito rico, proprietário de dois palácios em Moscou, abandonara tudo e entretanto ficara na capital, ocultando o seu nome.

De madrugada, saíram juntos à rua. A noite era tépida e clara. À esquerda da casa viam-se os clarões do primeiro incêndio irrompido em Moscou, na rua Petrovka. No alto, à direita, aparecia a lua crescente, e no lado oposto, um cometa brilhante, ligado, na alma de Pierre, ao seu amor.

Guerassim, a cozinheira e dois franceses estavam junto da porta-cocheira. Ouviam-se os seus risos e as conversas travadas em dois idiomas mutuamente incompreensíveis. Estavam olhando o clarão que iluminava a cidade.

Nada havia de terrível naquele pequeno incêndio distante, no meio da imensa cidade.

Olhando o céu estrelado, a lua, o cometa e os clarões do incêndio, Pierre sentiu-se invadido por uma emoção terna e jubilosa.

“Como tudo isso é bonito! O que mais é preciso?”, disse consigo mesmo.

Subitamente, lembrou-se do seu projeto, a cabeça se pôs a rodar, foi tomado de uma indisposição e encostou-se à parede para não cair.

Sem se despedir do seu novo amigo, Pierre afastou-se num passo vacilante, voltou ao seu quarto, onde se deitou no sofá e não tardou a adormecer.

XXX

Os habitantes que se afastavam da cidade e as tropas que recuavam avistaram, de diversos locais e com variados sentimentos, o clarão do primeiro incêndio que irrompeu na noite de 2 de setembro.

Nessa noite, os Rostov haviam parado em Mitichtchi, a vinte *verstas* de Moscou. Haviam partido tarde no dia anterior, acharam a estrada tão atravancada de tropas e veículos, mandaram buscar pelos criados tanta coisa esquecida, que decidiram então passar a noite a cinco *verstas* de Moscou.

Na manhã seguinte acordaram tarde e tiveram novamente de fazer tantas paradas que só às dez horas da noite chegaram ao Grande Mitichtchi. Os Rostov e os feridos que iam com eles instalaram-se nos pátios e nas isbás da aldeia maior. Os criados, os cocheiros dos Rostov e os ordenanças dos feridos, depois de terem servido os seus amos, ceado e tratado dos cavalos, reuniram-se à entrada de uma cabana.

Na isbá vizinha estava o ajudante de ordens de Raievski. O punho quebrado e as dores horríveis que sentia faziam-no gemer lamentavelmente, sem descanso, e os seus gemidos ressoavam, lúgubres, na escuridão da noite de outono. Na primeira noite, esse ajudante de ordens dormiu no mesmo pátio com os Rostov. A condessa queixou-se de não ter pregado olho por causa dos gemidos e em Mitichtchi foi alojada numa isbá menos confortável, unicamente a fim de estar mais longe do ferido.

Um dos criados notou na obscuridade da noite, atrás da boleia alta da carruagem que estava no pátio, um novo e fraco clarão de incêndio. Havia muito tempo que se via uma claridade semelhante e todos sabiam que o Pequeno Mitichtchi estava pegando fogo, incendiado pelos cossacos de Mamonov.

— Vejam, companheiros, é outro incêndio! — disse o ordenança.

Todos foram olhar o clarão.

— Dizem que foram os cossacos de Mamonov que incendiaram o Pequeno Mitichtchi.

— Foram! Mas não... não é Mitichtchi, fica mais longe.

— Olha! Até parece que é em Moscou.

Dois criados que estavam no patamar desceram e sentaram-se no estribo da carruagem.

— É mais para a esquerda... Ora, Mitichtchi fica para cá, é do lado de lá mesmo.

Alguns outros se aproximara.

— Pois é, está em chamas! Aquilo é um incêndio em Moscou, meus amigos. Ou em Sucheviskoi, ou em Ragojskoi.

Ninguém contestou, e por bastante tempo todos olharam em silêncio as chamas distantes do novo incêndio.

Um velho laçao do conde, Danilo Terentitch, aproximou-se do grupo e chamou Michka.

— O que está olhando, tonto? Quem vai atender o conde se ele chamar? Vai arrumar as roupas.

— Mas eu só vim buscar água — respondeu Michka.

— O que acha, Danilo Terentitch? Parece que aquele clarão é em Moscou — disse um dos criados.

Danilo Terentitch nada respondeu e todos se calaram de novo. O clarão alastrava-se, cada vez maior.

— Que Deus nos proteja! Tem o vento, e está seco — disse uma voz.

— Olha como está se espalhando. Dá até para ver os corvos. Deus Nosso Senhor! Tem piedade de nós pecadores!

— Com certeza conseguirão apagar.

— Quem vai apagar? — disse Danilo Terentitch, que até então ficara calado. Sua voz era lenta e calma. — É Moscou que está em chamas, meus irmãos... É ela, a nossa mãe branca... — De repente um soluço cortou sua voz. E todos pareciam estar à espera disso para compreender o que aquele clarão devia

significar para eles. Ouviram-se suspiros, orações e os soluços do velho criado do conde.

XXXI

O laçao entrou para anunciar ao conde que Moscou estava em chamas. O conde meteu-se num robe e saiu para olhar. Sônia, que ainda não se despira, saiu com ele, bem como Madame Schoss. Natacha e a condessa ficaram no quarto (Pétia já não estava em companhia dos pais, partira ao encontro do seu regimento, que marchava para Troitza).

À notícia do incêndio de Moscou a condessa pôs-se a chorar. Natacha, pálida, com os olhos fixos, estava sentada num banco sob os ícones (o mesmo lugar onde se sentara ao entrar no quarto). Não prestou nenhuma atenção às palavras do pai. Escutava os gemidos do ajudante de ordens, que chegavam até lá, embora ele estivesse três casas adiante.

— Ah, que horror! — disse Sônia, voltando do pátio, tremendo de frio e assustada. — Parece que Moscou inteira está pegando fogo. O clarão é pavoroso! Natacha, olha por aqui, já se vê da janela — disse à prima para distraí-la.

Mas Natacha olhou-a como se não tivesse compreendido e de novo fitou o canto da estufa. Natacha estava imersa nesse estupor desde a manhã, quando Sônia, para espanto e contrariedade da condessa, julgara necessário, não se sabe por quê, informar a Natacha que o príncipe André estava ferido e viajava com eles no comboio. A condessa zangara-se com Sônia como poucas vezes aconteceu. Sônia tinha chorado e pedido perdão e, agora, como para expiar a sua falta, enchia a prima de cuidados.

— Olha, Natacha, como está queimando com força.

— O que está queimando? Ah, sim, Moscou.

E, para se desvencilhar de Sônia sem a ofender, aproximou-se da janela e olhou de tal maneira que, evidentemente, nada podia ver, depois voltou ao seu lugar.

— Mas tu não viste nada!

— Sim, vi, sim — respondeu ela numa voz que implorava que a deixassem em paz.

E Sônia e a condessa compreenderam que Moscou, o incêndio de Moscou, nada podia ter importância para Natacha.

O conde voltou, retirou-se atrás da divisória do quarto e deitou-se. A condessa aproximou-se de Natacha, tocou sua cabeça, como fazia quando a filha estava doente, depois pousou-lhe os lábios na testa para ver se ela tinha febre e beijou-a.

— Sentes frio? Estás tremendo. Seria bom que te deitasses — disse ela.

— Deitar-me? Sim. Está bem, eu vou. Não demoro — respondeu Natacha.

Quando, naquela manhã, Natacha soube que o príncipe André, gravemente ferido, ia com eles, fez um grande número de perguntas: Onde é o ferimento? Como foi ferido? Ele corre perigo? Pode-se vê-lo? Mas quando lhe responderam que não podia, que o príncipe estava gravemente ferido, mas não corria risco, ela não acreditou e, certa de que lhe repetiriam sempre a mesma coisa, parou de fazer perguntas e mesmo de falar. Durante todo o trajeto, com aqueles olhos muito abertos que a condessa conhecia tão bem e cuja expressão a atemorizava, Natacha ficou sentada, imóvel, num canto da carruagem. E, da mesma maneira, continuava agora sentada no banco onde se deixara cair ao chegar. Pensava em alguma coisa que estava resolvendo em seu íntimo, ou que talvez já resolvesse. Isso não passava despercebido da condessa. Mas a condessa não sabia o que era, e isso a atormentava no mais alto grau.

— Natacha, vai te trocar, minha querida, deita-te na minha cama. — Só a condessa dormia numa cama, Madame Schoss e as duas moças deitavam-se sobre o feno espalhado no chão.

— Não, mamãe, quero deitar-me aqui, no chão — disse Natacha. Aproximou-se da janela e a abriu.

Os gemidos do ajudante de ordens tornaram-se ainda mais distintos com a janela aberta. Natacha mergulhou a cabeça no ar fresco da noite e a condessa viu, destacando-se no quadrado da janela, o seu pescoço esbelto que fremia de soluços.

Natacha sabia que não era o príncipe André que gemia, que o príncipe André estava deitado na isbá vizinha, separado deles apenas pelo vestíbulo, mas esses gemidos lúgubres, ininterruptos, a faziam chorar.

A condessa trocou um olhar com Sônia.

— Deita-te, minha pombinha, deita-te, meu bem — disse, tocando no ombro de Natacha. — Vamos, deita-te.

— Ah, sim... Vou deitar-me. Vou deitar-me imediatamente.

E Natacha despiu-se às pressas, puxando o cordão da saia. Depois de haver tirado o vestido e posto um camisolão, sentou-se com as pernas dobradas no leito de feno preparado no chão e, desprendendo os cabelos, pôs-se a arrumar a trança. Os seus dedos finos, compridos e destros separavam, trançavam e atavam com rapidez. Num gesto habitual, Natacha voltava a cabeça ora para um lado, ora para outro, mas os seus olhos febrilmente abertos estavam fixos. Quando terminou de se arrumar para dormir, ela deitou calmamente no lençol que fora estendido sobre o feno, próximo à porta.

— Deita no meio, Natacha — disse Sônia.

— Não, aqui — replicou ela. — Mas vão se deitar de uma vez! — acrescentou, contrariada. E afundou o rosto no travesseiro.

A condessa, Madame Schoss e Sônia trocaram-se rapidamente e se deitaram. No quarto não havia mais que uma pequena lamparina, mas o pátio estava iluminado pelo incêndio do Pequeno Mitichtchi, a duas *verstas* de distância, e ouviam-se os gritos dos vindos da esquina, de um botequim que os cossacos do regimento de Mamonov tinham destruído, e os gemidos ininterruptos do ajudante de ordens.

Natacha, imóvel, escutou por muito tempo os sons que chegavam até ela, vindos do interior da casa ou de fora.

Ouviu primeiro a oração e os suspiros de sua mãe, o ranger da cama, a respiração sibilante de Madame Schoss que ela tão bem conhecia, a respiração leve e regular de Sônia. Depois a condessa a chamou. Natacha não respondeu.

— Parece que está dormindo, mamãe — cochichou Sônia.

Ao cabo de um curto silêncio, a condessa tornou a chamar Natacha, mas, dessa vez, não obteve resposta nenhuma.

Pouco depois Natacha ouviu a respiração regular de sua mãe. Natacha não se mexia, embora sentisse gelar no chão o seu pé nu, que saía para fora da coberta.

Um grilo cantou numa fresta, como se celebrasse sua vitória sobre o mundo inteiro. Um galo cantou ao longe, outro respondeu, mais perto. No botequim

havam cessado os gritos, mas continuavam os gemidos do ajudante de ordens. Natacha soergueu-se do leito de feno.

— Sônia! Estás dormindo? Mamãe? — murmurou. Ninguém respondeu. Natacha levantou-se suavemente, e, sem ruído, persignou-se, pisou com os pés nus e flexíveis no assoalho sujo e frio, que rangeu. Deu alguns passos, com a cautela e agilidade de um gatinho, e tocou na maçaneta fria da porta.

Parecia-lhe que qualquer coisa pesada se chocava de encontro às quatro paredes do quarto. Era o seu coração, que latejava de medo e de amor. Abriu a porta e pousou o pé na terra úmida e gelada do vestíbulo. O ar frio a reanimou. Seu pé nu encontrou um homem adormecido. Passou por cima dele e abriu a porta da isbá onde estava o príncipe André. A cabana estava escura. Num canto, ao fundo, perto de um leito onde havia qualquer coisa estendida, uma vela colocada sobre um banco derretia-se formando um grande cogumelo de cera.

Desde a manhã, quando lhe contaram que o príncipe André, ferido, estava ali, Natacha resolvera ir vê-lo. Não poderia dizer a razão disso, mas sabia que quanto mais penoso devesse ser o encontro, mais necessário ele se tornava.

Passara o dia inteiro na esperança de ir vê-lo à noite. Mas, agora que tinha chegado o momento, era tomada de horror à ideia do que ia ver. Qual seria o ferimento? O que restaria dele? Seria igual àquele ajudante de ordens que gemia sem parar? Sim, ele estaria assim mesmo. Na imaginação de Natacha, o príncipe André era a personificação daqueles gemidos terríveis. Quando ela avistou no canto um vulto e achou que os joelhos erguidos sob a coberta eram os ombros, imaginou um corpo horripilantemente mutilado e deteve-se, transida de pavor. Mas uma força invencível a impelia para a frente. Avançou prudentemente um passo, mais outro, e encontrou-se no meio da pequena isbá atravancada por uma série de objetos. No banco, sob os ícones, estava deitado outro homem (era Timokhine), e no chão mais dois desconhecidos: o médico e o criado de quarto.

O criado ergueu-se sobre os cotovelos e murmurou alguma coisa. Timokhine, que as dores da perna ferida não deixavam dormir, fitava a estranha aparição daquela jovem de camisolão branco e touca. As palavras assustadas do criado: “O que é isso? O que a senhora deseja?” não tiveram outro efeito senão fazer com que Natacha se apressasse na direção daquilo que estava estendido no canto. Por mais terrível que fosse o espetáculo, tinha de vê-lo. Passou diante do

criado. O cogumelo formado pela cera derretida da vela caiu, e ela viu distintamente o príncipe André deitado, com as mãos sobre a coberta, tal como sempre o imaginara.

Ele estava como sempre, mas o rubor febril do seu rosto, os olhos brilhantes fitos nela com entusiasmo, e sobretudo o pescoço fino, juvenil, que saía da gola aberta da camisa, lhe davam uma aparência especial de inocência, como um menino, que ela nunca tinha visto nele. Aproximou-se do príncipe André e, num movimento rápido, irrefletido, gracioso, caiu de joelhos. Ele sorriu e estendeu-lhe a mão.

XXXII

Sete dias haviam decorrido desde que o príncipe André acordara na ambulância do campo de batalha, em Borodino. Passara quase todo esse tempo numa espécie de síncope. Tinha febre e a inflamação do intestino ferido, na opinião do médico que o acompanhava, era fatal. Mas no sétimo dia ele comeu com prazer uma fatia de pão coberta de manteiga, junto com o chá. O doutor notou que a temperatura baixava. Nessa manhã, o príncipe André havia recobrado a consciência.

Na primeira noite após a partida de Moscou, como fazia bastante calor, tinham-no deixado dormir na carruagem. Mas em Mitichtchi o próprio ferido pediu que o transportassem para a isbá e lhe dessem chá. A dor que ele sentiu ao ser levado para a isbá arrancou-lhe fortes gemidos, e tornou a desfalecer. Quando o colocaram sobre o leito de campanha, ficou muito tempo imóvel, com os olhos fechados. Depois abriu-os e perguntou em voz baixa: “Então, e o chá?” Essa memória para os pequenos detalhes da vida impressionou o médico. Tomou-lhe o pulso e, admirado e descontente, viu que ele estava melhor. Ficara descontente porque sua experiência lhe dizia que o príncipe André não podia curar-se, e que se não morresse agora morreria um pouco mais tarde, em meio a sofrimentos muito maiores. Tinha trazido com o príncipe André o major do seu regimento, Timokhine, o homem do nariz vermelho, ferido na perna nessa mesma batalha de Borodino. Eram acompanhados pelo médico, o criado do príncipe, o cocheiro e dois ordenanças.

Deram chá ao príncipe André. Ele bebeu-o com avidez, os olhos febris cravados na porta como se tentasse compreender e recordar alguma coisa.

— Não quero mais. Timokhine está aqui? — perguntou.

Timokhine, que estava sentado no banco, chegou mais perto dele.

— Estou aqui, Excelência.

— Como vai o ferimento?

— O meu? Ah, não é nada. Mas e o senhor, como se sente?

O príncipe André ficou outra vez pensativo. Pareceu lembrar-se de alguma coisa.

— Poderiam me arranjar um livro?

— Que livro?

— O Evangelho! Eu não tenho.

O médico prometeu conseguir o livro e pôs-se a perguntar ao príncipe André sobre o que sentia. Embora falando a contragosto, o príncipe André respondeu razoavelmente todas as suas perguntas. Depois, sentindo-se indisposto, pediu uma almofada para pôr debaixo de si e aliviar as dores. O doutor e o criado de quarto ergueram o capote que o cobria e, fazendo uma careta ao cheiro sufocante de carne podre que se vinha do ferido, puseram-se a examinar o horrível ferimento. O doutor ainda estava muito descontente com alguma coisa. Mudou as ataduras e virou o ferido, o que lhe arrancou novos gemidos e o fez desfalecer. Começou a delirar. Repetia incessantemente que trouxessem mais depressa o livro e que o pusessem embaixo dele.

— O que custa a vocês fazerem isso? Eu não tenho um. Arranjem um, por favor. Ponham-no um instante aqui — dizia em voz lastimosa.

O doutor foi ao vestíbulo lavar as mãos.

— Ah, maldito! Você não tem mesmo consciência! — disse ao criado de quarto, que lhe derramava água nas mãos. — Bastou eu me distrair um momento e ele está acomodado sobre o ferimento... É uma dor tão terrível que me admiro de ele suportar.

— Mas, por Nosso Senhor Jesus Cristo, me parecia que nós o acomodamos bem! — respondeu o criado.

Era a primeira vez que o príncipe André tomava consciência do lugar onde estava e do que lhe acontecia. No momento em que a carruagem tinha parado em Mitichtchi, lembrara-se de como fora ferido e pedira que o levassem para a isbá. A dor o fizera desfalecer novamente, mas dentro da isbá, enquanto tomava chá, recobrou os acontecimentos. E agora tornava a lembrar tudo o que lhe sucedera,

e de todas as recordações a mais vívida era a da ambulância, quando, diante dos sofrimentos de um homem que ele odiava, lhe vieram ao espírito ideias novas e promissoras de felicidade. E essas ideias, embora vagas e confusas, apoderaram-se novamente da sua alma. Lembrava-se de que possuía agora uma nova felicidade, e que esta felicidade tinha qualquer coisa de comum com o Evangelho. Eis a razão por que tinha pedido um Evangelho. Mas a posição incômoda em que o tinham colocado, sem apoio para o ferimento, e a maneira como o viraram tornaram a confundir-lhe os pensamentos, e foi só no meio do silêncio profundo da noite que ele voltou a si pela terceira vez. Em volta, todos dormiam. Um grilo cantava na casa vizinha. Na rua, alguém cantava e gritava. Baratas corriam em cima das mesas, sobre os ícones e as paredes. Uma grande mosca debatia-se em torno da vela, que se achava perto dele e que tomara a forma de um vasto cogumelo.

A alma do príncipe André não se encontrava no seu estado normal. O homem são, em geral, pensa, sente e relembra simultaneamente um número incalculável de coisas, tem o poder e a energia de escolher uma série de ideias ou de fenômenos para neles concentrar toda a sua atenção. O homem são, no meio da reflexão mais profunda, pode pô-la de lado para dizer uma palavra amável à pessoa que entra e, depois, voltar novamente às suas ideias. Mas o estado de espírito do príncipe André, nesse caso, estava num estado anormal. Todas as forças da sua alma estavam mais ativas e mais claras que nunca, mas agiam independentemente da sua vontade. As mais diversas ideias e imagens se apoderavam dele ao mesmo tempo. Por vezes seu pensamento começava a trabalhar com uma força, uma clareza, uma profundidade de que era incapaz no estado normal, mas de repente se desvanecia no meio desse trabalho, cedendo o passo a uma imagem qualquer, imprecisa, e ele não podia mais encontrar seu pensamento.

“Sim, uma nova felicidade me foi revelada”, pensava, deitado na isbá em penumbra e olhando diante de si, com os olhos muito abertos, febris. “A felicidade que está fora das forças físicas, fora das influências exteriores, a felicidade da alma, a felicidade do amor! Qualquer um pode senti-la, mas conhecê-la e prescrevê-la só Deus pode! Mas como foi que Deus prescreveu essa lei? Por que seu filho...?” E de súbito cortou-se o fio dessas ideias e o príncipe

André passou a escutar... Ignorava se era em delírio ou na realidade que percebia o murmúrio de uma voz doce, repetindo sem cessar: “Piti-piti-piti...” e depois “ti-ti-ti” e novamente “piti-piti-piti...”. Ao mesmo tempo que ouvia esse murmúrio cantante, o príncipe André sentia que sobre o seu rosto se estava elevando um edifício estranho, etéreo, feito de finas agulhas e lascas de madeira. Sentia (embora isso lhe fosse penoso) que era preciso manter cuidadosamente o equilíbrio para que o edifício não desmoronasse. Não obstante, desmoronava, mas de novo se erguia lentamente, ao som da música cadenciada. “Estende, estende, sobe e estende o máximo possível”, dizia o príncipe André para si, escutando o murmúrio e atento às sensações dessa construção que se erguia. Via também a luz vermelha da vela e ouvia as baratas correndo no chão, bem como o ruído da mosca que zumbia no travesseiro, perto do seu rosto. Sempre que a mosca tocava seu rosto, produzia nele uma sensação de queimadura, e ao mesmo tempo o príncipe André se admirava de que, debatendo-se no meio do edifício elevado sobre o seu rosto, a mosca não o demolisse. Além disso, havia ainda outra coisa importante: era uma coisa branca, perto da porta, a estátua de uma esfinge que também o sufocava.

“Talvez seja uma camisa branca posta em cima da mesa”, pensou o príncipe André, “e isto são as minhas pernas e aquilo é a porta. Mas por que tudo isso se mexe, se estende? E piti-piti-piti, titi-ti, piti-piti-piti... Basta, fica quieto, por favor!”, suplicava ele a alguém.

E, de repente, as ideias e os sentimentos reapareceram com uma clareza e uma força extraordinárias.

“Sim, o amor!”, pensou com uma clareza perfeita. “Mas não esse amor que ama por causa de alguma coisa ou para ganhar alguma coisa, e, sim, esse amor que eu senti pela primeira vez quando, agonizante, avistei meu inimigo e o amei. Experimentei esse amor, que é a própria essência da alma e que já não precisa de um objeto. E agora mesmo tenho esse sentimento de beatitude: amar o próximo, amar os seus inimigos, amar tudo e todos, amar a Deus em todas as suas manifestações. Amar uma pessoa querida é amar com amor humano, mas só a um inimigo se pode amar com amor divino. Foi por isso que experimentei tão grande alegria quando senti que amava aquele homem. Que fim terá levado ele? Ainda estará vivo?... O amor humano pode passar ao ódio, mas o amor divino

não pode modificar-se. Nada, nem mesmo a morte, é capaz de destruí-lo. Ele é o sentido da alma. Quantas pessoas odiei na minha vida, e de todas não houve uma que eu amasse tanto, e odiasse tanto, quanto ela.” E lembrava-se vivamente de Natacha, não como outrora, com aquele encanto pessoal que fora uma alegria para ele, mas pela primeira vez pensava na sua alma. Compreendia os sentimentos dela, os sofrimentos, a vergonha e o arrependimento. Pela primeira vez compreendia toda a crueldade da sua ruptura com ela. “Se ao menos me fosse possível vê-la uma última vez! Olhá-la no rosto e dizer...”

Piti-piti, piti-ti, piti-piti... bum! A mosca bateu. E a atenção do príncipe André transportou-se repentinamente para o mundo da realidade e do delírio, onde se estava passando uma coisa extraordinária.

Nesse mundo continuava a erigir-se uma espécie de edifício, sem desmoronar desta vez. Qualquer coisa se alongava... a vela ardia ainda, cercada de uma auréola vermelha... A mesma camisa-esfinge continuava junto à porta, mas além de tudo isso alguma coisa rangeu, um vento fresco penetrou no quarto e uma nova esfinge branca se ergueu junto à porta. A cabeça desta esfinge tinha o rosto branco, pálido e os olhos brilhantes dessa mesma Natacha em quem ele pensava ainda há pouco.

“Oh, como é cansativo este interminável delírio!”, pensou o príncipe André, procurando expulsar aquele rosto da sua imaginação. Mas o rosto permanecia diante dele com a força da realidade. Aproximava-se. O príncipe André queria voltar ao mundo do pensamento puro, mas não conseguia. O delírio o arrastava para o seu domínio. A voz doce continuava o mesmo murmúrio... Alguma coisa o apertou, o puxou, e ele viu um rosto estranho à sua frente. O príncipe André reuniu todas as suas forças para recobrar os sentidos. Fez um movimento, seus ouvidos encheram-se repentinamente de sons, seus olhos se anuviaram e, como um homem que desliza para o fundo d’água, perdeu a consciência. Quando voltou a si, Natacha, aquela Natacha viva que ele queria amar com o amor puro, divino, que lhe fora revelado, estava de joelhos diante do seu leito. Compreendeu que era a verdadeira Natacha, viva, mas não se surpreendeu, experimentou uma suave alegria.

Natacha, com os joelhos cravados no chão (não conseguia mover-se), assustada, olhava-o reprimindo os soluços. Tinha o rosto pálido, imóvel, apenas

com um leve tremor.

O príncipe André suspirou, sorriu e estendeu-lhe a mão.

— Você! Que felicidade!

Com um movimento rápido, mas prudente, Natacha avançou de joelhos e, tomando-lhe brandamente a mão, inclinou-se sobre ela e beijou-a muito levemente.

— Perdão! — murmurou, erguendo a cabeça e olhando para ele. — Perdoe-me.

— Eu a amo! — disse o príncipe André.

— Perdoe-me...

— Pelo quê? — perguntou o príncipe André.

— Perdoe-me pelo que... eu fiz — murmurou Natacha numa voz entrecortada, quase inaudível. E, muitas e muitas vezes, tocou com os lábios a mão do príncipe André.

— Eu amo você mais, e melhor, do que antes — disse o príncipe André, erguendo a cabeça dela para olhá-la no rosto.

Os olhos dela, cheios de lágrimas jubilosas, a inundaram de compaixão e de alegria. O rosto magro e pálido de Natacha, com os lábios inchados de emoção, era mais que feio; estava horrível. Mas o príncipe André não via esse rosto, só via os olhos brilhantes e belos.

Ouviram-se vozes atrás deles.

Pierre, o criado de quarto, que estava agora completamente acordado, despertou o médico. Timokhine, que não pregara olho por causa das dores que sentia na perna, tinha visto tudo que se passara e encolhera-se no seu banco, envolvendo-se cuidadosamente no lençol.

— Mas o que é isto? — disse o médico, pondo-se em pé. — Tenha a bondade de se retirar, minha senhora.

No mesmo momento, batia à porta uma criada enviada pela condessa, que notara a ausência da filha.

Natacha saiu do quarto como uma sonâmbula despertada no meio do seu sonho e, voltando à isbá, deixou-se cair no leito de feno, soluçando.

Depois desse dia, durante toda a viagem dos Rostov, em todas as paradas, Natacha ia ao encontro de Bolkonski, e o médico era obrigado a admitir que não

esperava de uma moça tanta firmeza e tanta habilidade em cuidar de um ferido.

Por horrível que fosse o pensamento de que o príncipe André podia morrer em viagem (o médico estava convencido disso), nos braços de sua filha, a condessa não podia se opor a Natacha. Agora, em vista das relações que se haviam estabelecido entre o príncipe André ferido e Natacha, vinha-lhe à mente que, em caso de cura, os projetos de matrimônio poderiam ser renovados. Mas ninguém — e Natacha e o príncipe André menos ainda — falava disso. A questão, ainda em aberto, de vida ou de morte, que pendia não só sobre o príncipe André, mas sobre a Rússia inteira, afastava todas as outras considerações.

XXXIII

No dia 3 de setembro, Pierre acordou muito tarde. Tinha dor de cabeça. Não tinha se trocado e a roupa com que dormira pesava-lhe no corpo. Sentia uma vaga vergonha de um ato qualquer cometido na véspera. Esse ato vergonhoso era a sua conversa com o capitão Ramballe.

O relógio marcava onze horas, mas a rua parecia singularmente escura. Pierre levantou-se, esfregou os olhos e avistou a pistola com a coronha decorada, que Guerassim tornara a colocar sobre a escrivaninha. Pierre lembrou-se do lugar onde estava e do que devia fazer nesse dia.

“Não estarei atrasado? Não, provavelmente *ele* não realizará a entrada em Moscou antes do meio-dia”, disse consigo. Pierre não quis refletir no que ia fazer; só pensava em agir o mais depressa possível.

Pierre ajeitou a sua roupa, pegou a pistola e preparava-se para sair quando, pela primeira vez, perguntou a si mesmo como levaria essa arma na rua. Na mão não era possível. Mesmo sob o largo cafetã era difícil dissimular uma pistola de grandes dimensões. Não podia escondê-la no cinto, nem sob o braço. Além disso, a pistola estava descarregada e Pierre não tivera tempo de carregá-la: “O punhal, talvez?”, pensou ele, embora por diversas vezes, refletindo sobre a maneira de executar o seu projeto, tivesse chegado à conclusão de que o erro principal do estudante, em 1809, fora o de querer matar Napoleão com um punhal. Mas o objetivo principal de Pierre parecia consistir não na realização da sua ideia, mas em demonstrar a si mesmo que não renunciara a ela e que faria

tudo para realizá-la. Pierre pegou vivamente o punhal embotado, metido na bainha verde, que comprara perto da torre Sukhareva, e ocultou-o debaixo do colete.

Depois de afivelar um cinto do cafetã e puxar o gorro para cima dos olhos, procurando não fazer ruído e não se encontrar com o capitão, Pierre atravessou o corredor e saiu para a rua. O incêndio que ele tinha olhado com indiferença na véspera alastrara-se consideravelmente durante a noite. Moscou estava em chamas em diversos pontos: a rua Karetnaia, Zamoskvoretche, Gostinni-Dvor, a rua Povarskaia, os botes do Moscova, o mercado de madeira, perto da ponte Dorogomilov, estavam tomados pelas chamas.

Pierre teve de se encaminhar pelas vielas para chegar à rua Povarskaia e daí dirigir-se para a Arbat, perto da igreja de São Nicolau, onde, segundo imaginava havia muito tempo, devia cumprir-se o seu ato. Os portões e janelas da maior parte das casas estavam fechados. As ruas e os becos estavam desertos. O ar enchia-se de um cheiro de fumaça e de coisa queimada. De tempos em tempos encontravam-se na rua russos de fisionomia tímida e inquieta, e franceses com expressão estrangeira e militar. Tanto um tipo quanto outro olhavam Pierre com espanto. Além da estatura elevada e de todo seu tamanho, além da expressão singular, concentrada e sofrida do seu rosto e de toda a sua pessoa, os russos olhavam Pierre com curiosidade porque não compreendiam a que classe ele pertencia. Os franceses seguiam-no com os olhos, admirados, porque Pierre, ao contrário de todos os outros russos que olhavam os franceses com terror e curiosidade, não lhes prestava a menor atenção. Junto à porta de uma casa, três franceses contavam qualquer coisa que os russos não entendiam. Vendo Pierre aproximar-se, detiveram-no e lhe perguntaram se sabia francês.

Pierre sacudiu a cabeça negativamente e seguiu seu caminho. Em outro beco, uma sentinela, que montava guarda a um carro verde de munições, gritou, mas só à repetição do grito ameaçador, e ouvindo bater o ferrolho do fuzil manejado pela sentinela, foi que Pierre compreendeu que devia passar pela outra calçada. Não via nem ouvia nada do que se passava em torno dele. Como se estivesse alheio a tudo, apressado e cheio de horror, levava dentro de si o seu projeto que, pela experiência da véspera, temia perder. Mas Pierre não podia levar os seus sentimentos intactos até o local para onde se dirigia. Além disso, ainda que nada

o houvesse detido no caminho, o projeto não podia mais realizar-se porque havia já quatro horas que Napoleão entrara no Kremlin pelo subúrbio Dorogomilov e passando pela Arbat, e agora, na mais sombria disposição de espírito, estava sentado no gabinete imperial do Kremlin e ditava ordens minuciosas sobre as medidas que deviam ser tomadas imediatamente para extinguir o incêndio, impedir a pilhagem e tranquilizar os habitantes.

Pierre, porém, não sabia disso. Inteiramente absorvido pelo ato a executar, atormentava-se como fazem todos os que empreendem uma tarefa impossível, não pelas dificuldades, mas pela incompatibilidade da tarefa com o seu próprio caráter. Tinha medo de fraquejar no momento decisivo e assim perder o respeito por si.

Embora não visse nem ouvisse nada em torno de si, seguia instintivamente o seu caminho e não se perdia pelos becos que conduziam à Povarskaia. À medida que Pierre se aproximava dali, a fumaça se adensava cada vez mais e a temperatura se elevava por causa do incêndio. De tempos a tempos, grandes línguas de fogo surgiam acima das casas. As ruas estavam mais movimentadas e as pessoas pareciam mais inquietas. Mas, embora sentisse que alguma coisa extraordinária estava acontecendo em torno dele, Pierre não percebia que se aproximava do incêndio. Passando por um caminho que ia dar nuns vastos terrenos baldios, limitado de um lado pela rua Povarskaia e do outro pelos jardins do príncipe Gruzinski, Pierre ouviu de súbito, perto de si, um grito desesperado de mulher. Deteve-se e, como que despertado de um sono, ergueu a cabeça.

À beira do caminho, sobre um mato seco e poeirento, estavam amontoados diversos objetos domésticos: colchões, samovares, ícones, baús. Uma mulher que já não era moça, magra, dentes compridos e proeminentes, com um manto preto e uma touca, estava sentada no chão, junto dos baús. Essa mulher chorava e soluçava, balançando o tronco e murmurando alguma coisa. Duas meninas de dez a doze anos, que traziam casaquinhos sobre os vestidinhos curtos e sujos, olhavam a mãe com uma expressão de pavor nos rostos pálidos. Um menino de sete anos, o caçula, com um enorme gorro que evidentemente não lhe pertencia, chorava nos braços de uma velha criada. Uma moça suja, descalça, estava sentada num baú e, desfazendo a trança dos cabelos louros, arrancava fios

queimados que levava ao nariz para cheirá-los. O marido, um homem de uniforme, estatura média e atarracado, com pequenas suíças enroladas, os cabelos cuidadosamente alisados nas laterais da cabeça, deslocava, com ar impassível, os baús amontoados uns sobre os outros e retirava umas roupas de baixo deles.

Ao avistar Pierre, a mulher quase se jogou aos seus pés.

— Deus misericordioso! Cristão ortodoxo! Salvai! Salvai! Alguém me ajude! Minha filhinha!... Minha filha!... Deixaram lá a minha filhinha menor! Está queimada... Oh! Oh! Oh!... Não foi para isso que eu a criei... Oh! Oh! Oh!...

— Pare com isso, Maria Nikolaievna — disse o marido em voz baixa à mulher, evidentemente para justificar-se diante do estranho. — Sem dúvida nossa irmã a levou.

— Monstro! Bandido! — gritou a mulher encolerizada, parando repentinamente de chorar. — Não tens pena da tua própria filha! Outro, no teu lugar, iria tirá-la do meio das chamas! Não tem coração! Não é um homem, não é um pai! O senhor é um homem nobre — disse a mulher, voltando-se para Pierre e soluçando. — Foi na casa do lado que começou o incêndio. O fogo passou para nossa casa. A criada viu e gritou: Fogo! Tratamos de juntar as coisas a toda pressa. Fugimos com a roupa que tínhamos no corpo. Aí está o que trouxemos... as santas imagens, a cama de casal... O resto está perdido. Procuramos as crianças... Onde está a Catarinazinha?... Oh! Oh! Oh! Senhor meu Deus! — Soluçava novamente. — Minha filhinha querida! Minha filhinha querida! Queimada! Queimada!

— Mas onde ela está? Onde foi que ela ficou? — perguntou Pierre.

Pela expressão animada do seu rosto, a mulher compreendeu que ele podia socorrê-la.

— Paizinho! Paizinho! — gritou, segurando-o pelas pernas. — Benfeitor, acalma o meu coração... Aniska! Vai, sem-vergonha, mostra o caminho! — berrou colericamente à criada, abrindo muito a boca, o que deixou mais visíveis do que nunca os seus dentes compridos. — Mostra o caminho, anda...

— Mostra-me, eu farei... eu... — disse Pierre rapidamente, numa voz sem fôlego.

A criada suja saiu de trás do baú, arranhou a trança e, suspirando, com os pés descalços, foi na frente. Pierre tinha a impressão de despertar subitamente para a vida, após uma longa síncope. Aprumou a cabeça, seus olhos iluminaram-se com uma centelha de vida e, a passos rápidos, seguiu a criada, passou adiante dela e encontrou-se na rua Povarskaia. Toda a rua estava cheia de nuvens de fumaça negra. As labaredas surgiam aqui e ali por entre a fumaça. Uma grande multidão se comprimia diante do incêndio. No meio da rua, um general francês dizia qualquer coisa aos que o rodeavam.

Acompanhado pela criada, Pierre quis aproximar-se do local onde estava o general, mas soldados franceses o fizeram parar.

— *On ne passe pas* — gritou-lhe uma voz.

— Por aqui, tiozinho, nós passaremos pelo beco — gritou a jovem.

Pierre voltou-se e seguiu-a, dando pequenos saltos de vez em quando para não ficar para trás.

A criada atravessou correndo a rua, virou à esquerda, e depois da terceira casa à direita entrou numa porta-cocheira.

— É aqui — disse ela. E, atravessando o pátio, abriu uma porta e mostrou a Pierre a pequena casa de madeira que ardia com uma chama clara e quente.

Uma das paredes havia caído; a outra estava em chamas e as labaredas saíam pelas janelas e pelo teto.

À porta-cocheira Pierre parou involuntariamente, sufocado pela onda de calor.

— Qual é a casa? Qual? — perguntou.

— Oh! Oh! Oh! — gritou a jovem, designando a casinha. — É ali que está o nosso tesouro, a pequena Catarina, a minha meninazinha querida. Oh! Oh! Oh! — soluçava Aniska, que à vista do incêndio sentia a obrigação de exprimir também os seus sentimentos.

Pierre aproximou-se da construção, mas o calor era tão forte que ele voltou alguns passos e encontrou-se perto da casa grande, que só queimava de um lado, e em torno da qual formigava uma multidão de franceses. No começo, Pierre não percebeu o que faziam esses homens, que arrastavam qualquer coisa. Mas ao avistar um francês que espancava um mujique com o cabo de uma espada, arrancando-lhe uma capa de pele de raposa, Pierre compreendeu vagamente que

acabavam de saquear a casa. Mas não tinha tempo de se deter para refletir sobre isso.

Os estalidos e o ruído das paredes e das vigas que caíam, o assobiar das chamas, os gritos animados das pessoas, a vista das nuvens de fumaça, ora negras e grossas, ora claras com faíscas e chamas vermelhas, douradas, que lambiam as paredes, as sensações do calor e da animação, dos movimentos rápidos, produziram em Pierre a excitação habitual que provoca um incêndio.

A ação era particularmente forte em Pierre, porque em vista desse incêndio ele se sentia libertado das ideias que o obsedavam. Sentiu-se jovem, alegre, ágil e resolutivo. Contornou a casinha, no lado que dava para a casa, e queria já entrar na parte que continuava intacta quando, bem acima de si, ouviu alguns gritos, seguidos de um estalido e do baque de algo pesado que caía perto dele.

Pierre virou e viu, a uma janela da casa, alguns franceses que haviam jogado de lá uma cômoda cheia de objetos de metal. Outros soldados franceses, embaixo, aproximaram-se da cômoda.

— Então, o que esse sujeito quer? — gritou um deles a Pierre.

— Uma criança, dentro dessa casa. Não viram uma criança? — disse ele.

— O que é que ele está reclamando? Vai passear — disse um. E outro soldado, receando evidentemente que Pierre tivesse a intenção de disputar a baixela de prata e os bronzes que estavam dentro da cômoda, avançou para ele com ar ameaçador.

— Uma criança? — gritou um dos franceses que estava em cima. — Ouvi qualquer coisa choramingar no jardim. Quem sabe se é o pirralho do homem? É preciso ter humanidade, que diabo!

— Onde está? Onde está? — perguntou Pierre.

— Por aqui! Por aqui! — respondeu-lhe da janela o francês, mostrando o jardim atrás da casa. — Espere, vou descer.

Efetivamente, um minuto depois o francês, um rapaz de olhos pretos com uma mancha qualquer na face, de camisa, saltou a janela do térreo e, batendo no ombro de Pierre, correu com ele ao jardim.

— Rápido, vocês aí, já está começando a esquentar! — gritou aos seus camaradas.

Chegando a um caminho de areia atrás da casa, o francês puxou Pierre pelo braço e apontou para um espaço circular. Sob um banco de jardim estava deitada uma meninazinha de três anos, com um vestido cor-de-rosa.

— Aí está o seu pirralho. Ah, é uma pequena! Ainda bem! Até logo, *mon gros*. É preciso ter humanidade. Todos nós somos mortais, não é mesmo? — E o francês de mancha na cara voltou correndo para junto dos seus companheiros.

Sufocado de alegria, Pierre correu para a menina e quis tomá-la nos braços. Mas ao ver aquele estranho, a menina — uma pequena escrofulosa e desagradável, parecida com a mãe — pôs-se a fugir, gritando.

Pierre, contudo, alcançou-a e tomou-a nos braços. Ela soltou um grito, procurou, com suas mãozinhas, libertar-se dos braços de Pierre, e começou a mordê-lo. Pierre tinha um sentimento de horror e de repugnância igual ao que lhe causaria o contato de um animalzinho qualquer, mas fez um esforço para não abandonar a criança e correu com ela para a casa grande. Já não havia passagem pelo mesmo caminho. A criada Aniska não estava mais ali e Pierre, com um sentimento de piedade e repugnância, apertando mais ternamente ainda a pequena, que estava molhada e soluçava, atravessou correndo o jardim, à procura de outra saída.

XXXIV

Quando, após dar algumas voltas pelos becos e pátios, Pierre voltou com a sua carga para as proximidades do jardim de Gruzinski, na esquina da rua Povarskaia, não reconheceu no primeiro momento o lugar de onde partira em busca da menina: estava apinhado de gente e de objetos salvos das chamas. Além das famílias russas que para ali se haviam dirigido com seus pertences, fugindo do incêndio, viam-se alguns soldados franceses de diferentes uniformes. Pierre não lhes prestou nenhuma atenção. Tinha pressa de encontrar a família do funcionário, para devolver a menina e ir salvar mais alguém. Parecia-lhe que ainda tinha muito que fazer e devia fazê-lo o mais depressa possível. Aquecido pelo incêndio e pela corrida, Pierre experimentava agora, mais fortes que nunca, as sensações de juventude, de animação e de resolução que se haviam apoderado dele no momento em que partira para salvar a criança. A pequena, mais calma, agarrava-se ao cafetã de Pierre, que a levava no braço, e olhava em redor de si como um animalzinho selvagem. Pierre olhava-a de tempos em tempos, sorrindo-lhe um pouco. Parecia-lhe descobrir qualquer coisa de tocante e de inocente naquele rostinho doentio e assustado.

A família do funcionário já não estava no lugar de antes. Pierre caminhava rápido entre aquela gente, examinando os rostos que encontrava. Reparou

involuntariamente numa família georgiana ou armênia, composta de um belo ancião do tipo oriental, vestido com um casaco novo e calçado com botas novas, uma senhora do mesmo tipo e uma moça. Esta afigurou-se a Pierre o tipo perfeito da beleza oriental, com as sobrancelhas arqueadas, finas e negras, o rosto corado e alongado, extraordinariamente suave e belo, sem expressão. Ali no meio da multidão e de todas aquelas coisas amontoadas, com o seu rico casaco de cetim e o lenço de seda lilás claro que tinha à cabeça, ela fazia lembrar uma frágil planta de estufa atirada à neve. Estava sentada em cima de uns pacotes, um pouco atrás da velha, e os seus grandes e longos olhos pretos, imóveis, de cílios compridos, contemplavam o chão. Via-se que ela tinha consciência da sua beleza e que isso lhe causava medo. Seu rosto chamou a atenção de Pierre, que, na sua pressa, caminhando ao longo da cerca, voltou-se diversas vezes para ela. Sem encontrar as pessoas que procurava, Pierre parou e correu o olhar em torno de si.

Com aquela criança nos braços, ele era mais notado agora do que antes. Ao redor dele ajuntaram-se alguns russos, homens e mulheres.

— Perdeste alguém, bom homem? O senhor é um nobre? De quem é essa criança? — perguntavam-lhe.

Pierre respondeu que a menina era filha de uma mulher de manto preto que estivera sentada com os filhos naquele mesmo local. Perguntou se não sabiam para onde ela tinha ido.

— Devem ser os Enferov — disse um velho diácono, falando com uma mulher marcada pela varíola. — Senhor Deus, protegei-nos! — acrescentou na sua voz grave.

— Que nada! Enferov! — repetiu a mulher. — Os Enferov foram embora de manhã. Deve ser filha de Maria Nikolaievna ou dos Ivanov.

— Ele falou numa mulher e Maria Nikolaievna é uma dama — objetou um criado.

— Mas talvez a conheçam: tem dentes compridos e é muito magra — disse Pierre.

— Sim, é isso, é Maria Nikolaievna. Eles foram para o jardim quando chegaram esses lobos — disse a mulher, designando os soldados franceses.

— Oh, Senhor Deus, protegei-nos! — repetiu o diácono.

— Vá lá, eles estão lá. Sim, é ela. Não parava de chorar. Por aqui — disse a mulher outra vez.

Mas Pierre não ouvia mais a mulher. Havia alguns instantes que estava absorto no que se passava perto dele. Tinha os olhos fitos na família armênia e nos soldados franceses que se haviam aproximado. Um deles, homenzinho de movimentos vivos, tinha um capote azul com uma corda atada em volta da cintura. Usava um gorro e tinha os pés descalços. O outro, que atraía particularmente a atenção de Pierre, era magro, alto, louro, curvado, movia-se com lentidão e tinha uma expressão idiota. Usava um capote de frisa, calças azuis e botas de cano alto, rasgadas. O francês pequeno e descalço, de capote azul, aproximou-se dos armênios e, tendo dito alguma coisa, segurou as pernas do velho, mas logo o velho pôs-se a descalçar as botas. O outro havia parado diante da bela armênia e contemplava-a, silencioso, imóvel, com as mãos nos bolsos.

— Toma, toma a criança — disse Pierre em tom imperioso, estendendo a menina à mulher. — Devolve a criança a eles. Pega a menina! — repetiu, quase gritando e sentando no chão a criança, que chorava. Tornou a olhar o francês e a família armênia. O velho já estava sem botas. O francês baixo acabava de lhe tirar a última e estava batendo uma contra a outra. O velho dizia qualquer coisa com ar lastimoso.

Mas Pierre só viu a cena de relance. Toda a sua atenção estava concentrada no francês de capote de frisa, que nesse momento se aproximava da moça, gingando, e, tirando as mãos dos bolsos, segurava-a pelo pescoço. A bela armênia continuou imóvel, na mesma posição, com as longas pestanas baixas: parecia não ver nem sentir o que lhe fazia o soldado.

Enquanto Pierre transpunha os poucos passos que o separavam deles, o francês alto, de capote, arrancou o colar da armênia, e a moça, levando a mão ao pescoço, lançou um grito estridente.

— Deixe essa mulher! — gritou Pierre numa voz terrível, segurando pelos ombros o soldado alto e empurrando-o. O soldado caiu, levantou-se e fugiu, mas o seu camarada, largando as botas, pegou do sabre e avançou furioso para Pierre.

— Vamos, nada de asneiras! — berrou.

Pierre achava-se num desses acessos de furor durante os quais suas forças duplicavam-se e ele se esquecia de tudo. Lançou-se sobre o francês descalço e, antes que este tivesse tempo de desembainhar o sabre, jogou o francês e lançou-se sobre ele aos murros. A multidão que o cercava deu um grito de aplauso, mas ao mesmo tempo apareceu na esquina um destacamento de ulanos a cavalo. Os ulanos avançaram a trote para o lugar onde estavam Pierre e o francês, e os rodearam.

Do que aconteceu em seguida, Pierre só entendeu que bateu, apanhou, foi amarrado e, depois, cercado por uma multidão de soldados franceses que o revistaram.

— Ele tem um punhal, tenente — foram as primeiras palavras que Pierre entendeu.

— Ah, está armado — tornou o oficial. E, dirigindo-se ao soldado que levavam junto com Pierre: — Está bem, você explicará tudo isso no conselho de guerra. — E, voltando-se para Pierre: — Você fala francês?

Pierre olhou em torno de si com os olhos injetados de sangue e não respondeu. Seu rosto devia ter um aspecto terrível, porque o oficial cochichou qualquer coisa e quatro outros ulanos se separaram do destacamento e colocaram-se de cada lado de Pierre.

— Fala francês? — tornou a perguntar o oficial, conservando-se um pouco mais longe dele. — Mandem vir o intérprete.

Um homem de traje civil russo saiu das fileiras. Pela roupa e pela voz, Pierre reconheceu imediatamente um francês de uma loja de Moscou.

— Ele não tem aparência de homem do povo — disse o intérprete, olhando para Pierre.

— Oh! Oh, desconfio muito que seja um dos incendiários — disse o oficial. — Pergunte-lhe quem é.

— Quem és? — perguntou o intérprete. — Tens de responder às autoridades.

— Não lhes direi quem sou. Sou um prisioneiro, levem-me — disse Pierre de repente, em francês.

— Ah! Ah! Então marche! — tornou o oficial, franzindo o cenho.

A multidão comprimia-se ao redor dos ulanos. Bem perto de Pierre estava a mulher bexigosa com a menina.

Quando o destacamento se pôs em marcha ela o acompanhou.

— Mas para onde vão levá-lo, bom homem? E o que farei da pequena se não é filha deles? — perguntou.

— O que quer essa mulher? — perguntou o oficial.

Pierre estava como que embriagado. Seu entusiasmo se acentuou ainda à vista da menina que ele salvara.

— O que ela quer? — disse. — Veio trazer-me a minha filha, que eu salvei do incêndio. Adeus. — E, não sabendo como explicar a si mesmo essa mentira, pôs-se a caminhar entre os franceses, num passo firme e solene.

O destacamento de franceses era um dos enviados por ordem de Durosnel às diversas ruas de Moscou para prender os saqueadores e sobretudo os incendiários que, segundo os chefes franceses no momento, eram a causa dos incêndios. O destacamento percorreu ainda algumas ruas e prendeu uns cinco russos suspeitos: um comerciante, dois seminaristas, um camponês, um criado e mais alguns saqueadores. O mais suspeito de todos, porém, era Pierre. Quando chegaram ao casarão perto das fortificações de Zubovslei, onde fora instalada a prisão militar, Pierre foi posto numa cela à parte e rigorosamente vigiado.

Décima segunda parte

I

Enquanto isso, nas altas esferas de Petersburgo prosseguia mais acesa do que nunca — mas abafada, como sempre, pelo zumbido dos besouros da corte — a complicada batalha entre os partidários de Rumiantzev, dos franceses, e de Maria Feodorovna, do grão-duque herdeiro e outros. Mas a vida fácil e luxuosa de Petersburgo, só se ocupando com fantasias, com reflexos da vida, seguia o seu curso ordinário. E o curso dessa vida exigia que se fizessem grandes esforços para compreender o perigo e a situação difícil em que se encontrava o povo russo. Eram sempre as mesmas recepções, os mesmos bailes, o mesmo teatro francês, os mesmos interesses de corte, as mesmas intrigas na administração. Só nos círculos mais elevados se procurava compreender a dificuldade da situação presente. Contava-se à boca pequena como as duas imperatrizes, nessas circunstâncias críticas, tinham procedido de maneira oposta. A imperatriz Maria Feodorovna, zelosa pela tranquilidade dos estabelecimentos educacionais e beneficentes sob sua tutela, mandara transferir para Kazan todas as instituições, e os bens desses estabelecimentos já se achavam encaixotados. A imperatriz Elizaveta Alexeievna, quando lhe perguntaram quais eram as ordens a seguir, respondeu que em relação aos assuntos de Estado não podia dar ordem alguma, visto que eles dependiam do tsar e, quanto ao que lhe tocava pessoalmente, mandava dizer que seria a última a deixar Petersburgo, como era esperado de seu conhecido patriotismo.

Em 26 de agosto, o mesmo dia da batalha de Borodino, Ana Pavlovna dava uma festa cujo auge devia ser a leitura da carta que o arcebispo escrevera por ocasião do envio do ícone de São Sérgio ao tsar. Essa carta era considerada um modelo de eloquência patriótico-eclesiástica. Devia lê-la o próprio príncipe Vassili, que tinha reputação de bom leitor, sendo um dos leitores da imperatriz. Consistia a sua arte em pronunciar as palavras, independentemente do sentido, numa voz alta e cantante que oscilava entre o grave do uivo e a doçura do sussuro, de sorte que, inteiramente ao acaso, uma palavra era gemida e outra murmurada. Essa leitura, como sempre acontecia nas recepções de Ana Pavlovna, teria uma significação política. Compareciam a ela alguns figurões a quem era necessário pregar sermão — pois ainda frequentavam o teatro francês — e insuflar algum patriotismo. Muitos convidados já tinham chegado, mas, como ainda não visse no salão todas as pessoas que desejava, Ana Pavlovna ia prolongando as conversas com o fim de protelar o início da leitura.

Em Petersburgo, a última novidade do dia era a doença da condessa Bezukhov. Alguns dias antes a condessa adoecera subitamente. Faltara a algumas reuniões de que costumava ser o ornamento. Corria por aí que não recebia ninguém e, em lugar dos famosos médicos da cidade que costumavam

assisti-la, confiara-se aos cuidados de um doutor italiano que a tratava por um método novo e extraordinário.

Sabiam todos que a enfermidade da encantadora condessa provinha do constrangimento de casar com dois homens ao mesmo tempo, e que os serviços do médico italiano consistiam em mascarar essa dificuldade. Mas na presença de Ana Pavlovna ninguém ousava sequer pensar nisso, ou mesmo aparentar que o sabia.

— Dizem que a pobre condessa está muito mal. O médico declarou que é angina do peito.

— Angina? Ah! É uma doença terrível!

— Dizem que os rivais se reconciliaram graças à angina... — A palavra “angina” era repetida com grande prazer.

— O velho conde é comovente, segundo contam. Chorou como uma criança quando o médico lhe disse que havia perigo.

— Oh, seria uma perda terrível. É uma mulher fascinante.

— Estão falando na pobre condessa? — disse Ana Pavlovna, aproximando-se. — Mandei pedir notícias e me disseram que ela vai um pouco melhor. Ah, sem dúvida é a mulher mais encantadora do mundo — prosseguiu Ana Pavlovna, sorrindo do seu próprio entusiasmo. — Pertencemos a campos diferentes, mas isso não me impede de estimá-la como merece. A pobre é muito infeliz — acrescentou Ana Pavlovna.

Julgando que, com essas palavras, Ana Pavlovna tinha levantado um pouco o véu misterioso que encobria a enfermidade da condessa, um jovem imprudente tomou a liberdade de exprimir a sua admiração por não se ter recorrido a médicos conhecidos, fazendo-se a condessa tratar, em vez disso, por um charlatão que lhe podia ministrar remédios perigosos.

— Pode ser que o senhor esteja mais bem-informado do que eu — interveio de repente Ana Pavlovna, replicando ao moço inexperiente —, mas sei de boa fonte que é um médico muito sábio e muito hábil. É o médico particular da rainha de Espanha.

E, depois de assim ter feito o moço em pedaços, Ana Pavlovna dirigiu-se a Bilibine, que, no outro grupo, com a testa franzida, desejando evidentemente encaixar uma frase de efeito, falava dos austríacos.

— Acho isso encantador — dizia ele de uma nota diplomática que fora enviada a Viena com as bandeiras austríacas tomadas por Wittgenstein, *le héros de Pétropol*, como era chamado em Petersburgo.

— Como assim? — perguntou-lhe Ana Pavlovna, provocando um silêncio para ouvir o dito, embora já o conhecesse.

Bilibine repetiu textualmente as palavras da mensagem diplomática que, afinal, ele escrevera:

— “O imperador restitui as bandeiras austríacas, bandeiras amigas e desgarradas que ele encontrou fora do caminho” — concluiu Bilibine, relaxando a testa.

— *Charmant, charmant!* — disse o príncipe Vassili.

— Talvez no caminho de Varsóvia — disse, completamente de improviso e em voz alta, o príncipe Hippolyte.

Todos se voltaram para ele, sem compreender. O próprio príncipe Hippolyte olhou ao redor com uma surpresa alegre. Como os outros, não compreendia o que significavam as suas palavras. Em sua carreira diplomática notara muitas vezes que as frases espontâneas podem ser muito espirituosas e pronunciara, ao acaso, as primeiras palavras que lhe vieram à cabeça. “Talvez seja muito bom”, pensou, “se não for, eles saberão melhorar”. E, com efeito, enquanto se fazia um silêncio constrangido, entrou a pessoa cujo patriotismo era insuficiente e que Ana Pavlovna estava esperando para converter. Sorrindo a Hippolyte e ameaçando-o com o dedo, ela convidou o príncipe Vassili a aproximar-se da mesa, trouxe-lhe duas velas e o manuscrito, e pediu-lhe que principiasse.

— “Muito amado imperador e tsar!” — começou severamente o príncipe Vassili, olhando o público como para indagar se alguém tinha objeções a fazer. Mas ninguém falou. — “A primeira capital, Moscou, a nova Jerusalém, recebe o seu Cristo! (Acentuou por sua própria conta a palavra *seu*.) Como uma mãe que acolhe em seus braços os filhos fiéis, no meio das trevas que se alastram, prevendo a deslumbrante glória do vosso reinado, a mãe canta, em triunfo: Hosana! Bendito seja o que vem em nome do Senhor!”

O príncipe Vassili pronunciou essas últimas palavras numa voz lamuriosa.

Bilibine examinava atentamente as unhas. Diversos homens estavam constrangidos, parecendo perguntar a si mesmos qual era a sua culpa. Ana

Pavlovna recitava de antemão, cochichando como as velhas que recitam as preces da comunhão: “Traga o Golias audacioso e arrogante...”

O príncipe Vassili continuava:

— “Que venha o Golias audacioso e arrogante, vindo das fronteiras da França, trazendo os horrores da morte às províncias da Rússia. A fé benfazeja, essa funda do Davi russo, fará perecer o seu orgulho sanguinário. Enviamos a Vossa Majestade a venerável imagem de são Sérgio, o antigo defensor da nossa pátria. Lamento que minhas precárias forças não me permitam desfrutar de vossa amável presença. Ofereço ao céu as mais fervorosas preces para que o Todo-Poderoso conceda fortaleza aos justos e realize todos os desejos de Vossa Majestade.”

— Que força! Que estilo! — diziam, aplaudindo o leitor e o autor.

Animados por essa leitura, os convidados de Ana Pavlovna conversaram por muito tempo ainda sobre a situação da pátria, fazendo diversas suposições sobre o resultado da batalha que devia travar-se dentro daqueles poucos dias.

— Vamos ver — disse Ana Pavlovna —, amanhã, dia do aniversário do imperador, teremos notícias. Pressinto que serão boas.

II

O pressentimento de Ana Pavlovna realizou-se. No outro dia, durante o serviço de ação de graças na corte, em honra do aniversário do imperador, vieram chamar o príncipe Volkonski na igreja e entregaram-lhe um bilhete do príncipe Kutuzov. Era o comunicado do comandante em chefe, escrito em Tatarinovo no dia da batalha. Dizia Kutuzov que os russos não tinham cedido uma polegada de terreno, que as perdas dos franceses eram superiores às nossas e que ele escrevia o comunicado às pressas, no campo de batalha, sem ter ainda recebido as últimas notícias. Mas que era, portanto, a vitória. E imediatamente, sem sair da igreja, agradeceu-se ao Criador o Seu auxílio e a vitória.

O pressentimento de Ana Pavlovna realizara-se e, toda a manhã, reinou na cidade um alegre estado de festa. Todos consideravam a vitória um fato consumado e falavam já na prisão do próprio Napoleão, no seu destronamento e na eleição de um novo chefe dos franceses.

Longe do teatro da guerra e entre as condições da vida de corte, era difícil que os acontecimentos se apresentassem em toda a sua simplicidade e em toda a sua força. Involuntariamente, as conversas gerais se concentravam em torno de

algum caso particular. Assim, o maior prazer dos cortesãos residia agora tanto no fato de termos vencido como na circunstância de haver chegado a notícia precisamente no dia do aniversário do imperador. Era como uma surpresa bem preparada. É verdade que o comunicado de Kutuzov também falava de perdas russas: Tutchkov, Bagration, Kuttaissov tinham sido mortos. O aspecto triste do acontecimento também se concentrava, involuntariamente, em Petersburgo, em torno de um único caso, a morte de Kuttaissov. Era moço e interessante, todos o conheciam, o imperador gostava muito dele.

Nesse dia, todos diziam ao se encontrarem:

— Que coisa extraordinária! Justamente durante o serviço de ação de graças! E que perda!... Kuttaissov! Ah, que pena!

— O que dizia de Kutuzov?! — comentava agora o príncipe Vassili, com um orgulho de profeta. — Sempre disse que só ele era capaz de vencer Napoleão.

Mas no dia seguinte não vieram notícias do exército e a inquietação tomou conta de todos. Os cortesãos sofriam com a incerteza em que se encontrava o imperador.

— Que situação a do imperador! — diziam os cortesãos. E já não exultavam Kutuzov como na véspera, mas censuravam-no como responsável pela ansiedade do imperador.

Nesse dia, o príncipe Vassili já não se gloriava de seu protegido, Kutuzov, mas emudecia quando se falava no comandante em chefe. Além disso, naquela noite, tudo pareceu concorrer para provocar inquietude e agitação entre os habitantes de Petersburgo. Divulgou-se uma nova e terrível notícia: a condessa Helena morrera subitamente por aquele terrível mal cujo nome era tão agradável de pronunciar. Oficialmente, nas altas esferas, dizia-se que a condessa Bezukhov sucumbira a um acesso agudo de *angor pectoris*, mas nos círculos íntimos contava-se em detalhes como o médico particular da rainha de Espanha tinha dado a Helena pequenas doses de certo remédio para produzir um determinado efeito, e como a condessa, atormentada pelas suspeitas do velho conde e pela falta de resposta do marido (esse infeliz devasso Pierre), a quem escrevera, ingerira de uma só vez enorme dose da mistura e morrera entre atrozes padecimentos, sem que houvesse tempo de socorrê-la. Contava-se que o príncipe Vassili e o velho conde tinham querido acusar o italiano, mas que este lhes

mostrara certos bilhetes do próprio punho da infeliz defunta, bilhete de tal natureza que eles o deixaram em paz imediatamente.

As conversações giravam em torno de três acontecimentos tristes: a inquietação do imperador, a perda de Kutaissov e a morte de Helena.

No terceiro dia após o comunicado de Kutuzov, um proprietário de terras chegou a Petersburgo, vindo de Moscou, e espalhou-se em toda a cidade a notícia de que Moscou fora abandonada aos franceses. Um horror! Que situação, a do tsar! Kutuzov era um traidor. O príncipe Vassili, durante as visitas de condolências que lhe faziam por motivo da morte de sua filha, dizia de Kutuzov, outrora tão glorificado por ele (na sua dor, era-lhe permitido esquecer o que afirmara antes), que não se podia esperar outra coisa de um velho cego e devasso.

— O que me admira é que tenham confiado o destino da Rússia a um homem desses — dizia ele.

Enquanto a notícia não teve caráter oficial, pôde-se ainda duvidar, mas no dia seguinte chegou este comunicado do conde Rostoptchine:

“O ajudante de ordens do príncipe Kutuzov trouxe-me uma mensagem em que ele exige que a polícia acompanhe o exército na estrada de Riazan. Declara que, com pesar, abandona Moscou. Majestade! O ato de Kutuzov decide a sorte da capital e do vosso império! A Rússia estremece ao saber do abandono da cidade onde se acha concentrada a sua grandeza e onde repousam as cinzas dos vossos avós! Vou seguir o exército. Mande retirar tudo daqui. Só me resta agora chorar o destino da minha pátria!”

Ao receber este comunicado, o tsar enviou ao príncipe Kutuzov, por intermédio de Volkonski, a seguinte notificação:

“Príncipe Mikhail Ilarionovitch! Desde 29 de agosto não recebo nenhum comunicado vosso. Entretanto, com data de 1º de setembro, recebi, via Iaroslav, da parte do general governador de Moscou, a triste notícia de que resolvestes abandonar Moscou, com o exército! Bem podeis imaginar o efeito que produziu em mim essa notícia, e o vosso silêncio ainda aumenta o meu assombro. É portador desta o general ajudante de ordens príncipe Volkonski, que se informará convosco sobre a situação do exército e as causas que vos levaram a tomar tão triste decisão.”

III

Nove dias após o abandono de Moscou, o enviado de Kutuzov chegava a Petersburgo com a notícia oficial. Esse enviado era um francês, Michaud, que não sabia russo, mas “embora estrangeiro, era russo de coração”, como ele próprio dizia.

O imperador recebeu-o imediatamente em seu gabinete de trabalho, no palácio da ilha Kamenny. Michaud, que nunca estivera em Moscou antes da campanha e que não sabia russo, não obstante, emocionou-se quando se apresentou a *notre très gracieux souverain* (conforme escreveu) com a notícia do incêndio de Moscou, “cujas labaredas lhe iluminavam o caminho”.

Embora a causa do pesar de Monsieur Michaud devesse ser bem diferente do motivo da dor dos russos, Michaud tinha uma expressão tão melancólica quando foi introduzido no gabinete do imperador que este logo lhe perguntou:

— Traz-me más notícias, coronel?

— Bem más, Majestade... o abandono de Moscou — respondeu Michaud, baixando os olhos e suspirando.

— Então a minha capital foi entregue sem batalha? — disse o imperador em voz rápida, com um súbito rubor nas faces.

Michaud exprimiu respeitosamente o que lhe haviam mandado transmitir da parte de Kutuzov, isto é: que não era possível entrar em combate diante de Moscou e que só restava esta alternativa. Ou a perda do exército e de Moscou, ou só de Moscou. O marechal decidira pela última opção.

O imperador ouvia em silêncio, sem olhar para Michaud.

— O inimigo entrou na cidade? — perguntou.

— Sim, Majestade, a estas horas ela deve estar reduzida a cinzas. Quando parti, ela pegava fogo — respondeu Michaud resolutamente.

Mas, ao olhar para o imperador, Michaud horrorizou-se com o que tinha feito. O imperador começou a respirar forte e rapidamente, o seu lábio inferior tremia e os seus belos olhos azuis umedeciam-se.

Isso, porém, só durou um instante. De súbito o imperador franziu o cenho, como que se censurando pela sua fraqueza, e, levantando a cabeça, falou a Michaud em voz firme:

— Vejo, coronel, por tudo o que nos acontece, que a Providência exige grandes sacrifícios de nós... Estou pronto a me submeter à Sua vontade em todas

as coisas. Mas diga-me, Michaud, que impressão traz do exército, assistindo assim, sem desferir um golpe, à rendição da minha antiga capital? Não notou sinais de desânimo?...

Diante da calma de *son très gracieux souverain*, Michaud também se acalmou. Mas não tivera tempo de preparar uma resposta direta à pergunta direta do imperador sobre um ponto concreto.

— Majestade, permite que lhe fale com franqueza, como um soldado leal? — disse ele para ganhar tempo.

— É o que sempre exijo, coronel. Não me esconda nada. Quero saber exatamente como vão as coisas.

— Majestade! — disse Michaud, tendo nos lábios um sorriso fino, quase imperceptível. Conseguiu preparar a resposta sob a forma de um ligeiro e respeitoso jogo de palavras. — Majestade! Eu deixei todo o exército, desde os chefes até o último soldado, sem exceção, num medo terrível, pavoroso...

— Como? — interrompeu o imperador. — Os meus russos se deixariam abater pela desgraça... Nunca!...

Era o momento que Michaud esperava para encaixar a sua frase.

— *Sire* — disse em tom respeitoso —, eles só temem que Vossa Majestade, levado pelo seu coração bondoso, se deixe persuadir a selar a paz. Ardem de desejo de combater e provar a Vossa Majestade, com o sacrifício da vida deles, quanto lhe são dedicados...

— Ah, o senhor me tranquiliza, coronel — disse o imperador num tom calmo e com os olhos brilhando ternamente. Deu palmadinhas no ombro de Michaud.

O imperador baixou a cabeça e durante alguns minutos ficou silencioso.

— Está bem, volte para o exército — disse a Michaud com um gesto terno e majestoso, apurando o corpo — e diga aos nossos bravos, diga a todos os meus bons súditos, por onde passar, que quando eu não tiver mais nenhum soldado irei pessoalmente para frente da minha querida nobreza, dos meus bons camponeses, e empregarei assim até o último recurso do meu império. Ele me oferece mais do que julgam os meus inimigos. — O imperador animava-se cada vez mais e, levando ao céu os seus belos olhos: — Mas, se porventura está escrito nos decretos da Divina Providência que a minha dinastia deve cessar de reinar no trono dos meus antepassados, então, depois de ter esgotado todos os meios em

meu poder, deixarei crescer a barba até aqui (o imperador pôs a mão no meio do peito) e irei comer batatas com o último dos meus camponeses antes de subscrever a vergonha da minha pátria e meu querido povo, cujos sacrifícios sei apreciar!

Depois de pronunciar essas palavras em voz comovida, o imperador voltou a cabeça, como se quisesse esconder de Michaud as lágrimas que lhe brotavam aos olhos, e dirigiu-se para o fundo do gabinete de trabalho. Ficou alguns instantes ali, depois, com largas passadas, voltou para junto de Michaud e, num gesto enérgico, apertou-lhe a mão. O suave e belo semblante do imperador estava vermelho e seus olhos brilhavam de resolução e de cólera.

— Coronel Michaud, não esqueça o que lhe estou dizendo. Talvez um dia nos lembremos disto com prazer — disse o imperador, levando a mão ao peito. — Napoleão e eu já não podemos reinar juntos. A experiência me ensinou a conhecê-lo. Ele não me enganará mais...

E, franzindo o cenho, calou-se. Ao ouvir essas palavras, e vendo a expressão de firme resolução nos olhos do imperador, Michaud “embora estrangeiro, mas russo de coração”, sentiu-se nesse momento solene “entusiasmado por tudo o que acabava de ouvir” (como disse mais tarde), e nos seguintes termos exprimiu seus próprios sentimentos e os do povo russo, de que se considerava representante:

— *Sire*, Vossa Majestade firma neste momento a glória da nação e a salvação da Europa.

Com um movimento de cabeça, o imperador se despediu de Michaud.

IV

Sabendo que quase metade da Rússia estava conquistada e os habitantes de Moscou fugiam para as províncias longínquas, enquanto, uma após outra, se levantavam milícias para a defesa do país, nós, que não vivemos naquela época, temos necessariamente a impressão de que os russos, pequenos e grandes, só pensavam em sacrificar-se, em salvar a pátria ou em chorar a sua derrota. Todos os relatos, todas as descrições desse tempo, sem exceção, só falam em sacrifícios, no amor à pátria, no desespero, na dor e no heroísmo dos russos. Na realidade não foi assim. Temos essa impressão unicamente porque vemos apenas o interesse histórico geral dessa época, esquecendo todos os interesses pessoais, humanos, que existiam nos homens de então. Entretanto, na realidade, esses interesses pessoais do momento eram tão mais importantes que impediam que se sentissem e se vissem os interesses gerais. A maioria dos homens desse tempo não

atentava absolutamente para a situação geral e só se guiava pelos seus interesses pessoais imediatos, e são precisamente esses os atores mais interessantes daquele momento.

Aqueles que tentaram compreender o caminhar geral dos acontecimentos e que, pelo sacrifício e o heroísmo, quiseram participar dela foram os membros menos úteis da sociedade. Viam tudo às avessas e tudo que faziam para serem úteis não passava, na realidade, de tolices inúteis, tal como os regimentos de Pierre, de Mamonov, que pilhavam as aldeias russas, tal os chumaços de linho desfiados pelas damas da sociedade e que nunca chegavam até os feridos etc. Até aqueles que gostavam de conversar sobre assuntos intelectuais e, exprimindo seus sentimentos, discutiam a situação presente introduziam em suas falas, inconscientemente, uma nota de mentira e de hipocrisia, ou então de censura inútil e de cólera contra homens acusados de atos cuja culpa não cabia a ninguém.

Nos acontecimentos históricos compreendemos com a maior clareza a proibição de provar o fruto da Árvore da Ciência. Só a atividade inconsciente produz frutos, e o homem que desempenha um papel nos acontecimentos históricos jamais compreende a importância deles. Se procura compreendê-la, é surpreendido por sua esterilidade.

A importância dos acontecimentos que então se passavam na Rússia era tanto menos percebida quanto mais intimamente um homem tomava parte neles. Em Petersburgo e nas províncias afastadas de Moscou, senhoras e cavalheiros trajando uniformes de milicianos choravam o destino da Rússia e da capital, falavam de sacrifício etc., mas no exército que recuava para além de Moscou mal se falava e se pensava em Moscou e, vendo a cidade ser incendiada, ninguém jurava vingança contra os franceses. Pensava-se no soldo a receber, na próxima etapa, na vivandeira Matriocha e por aí vai.

Nicolau Rostov, sem nenhuma intenção de sacrifício, mas por simples acaso, dado que a guerra chegara quando estava em serviço, participava de maneira muito imediata e importante na defesa da pátria, e por essa razão encarava sem desespero e sem conclusões pessimistas o que então sucedia. Se lhe tivessem perguntado o que pensava da situação da Rússia, responderia que não tinha necessidade de pensar em tal coisa, que para isso estavam lá Kutuzov e os outros, mas que ouvira dizer que novos regimentos seriam formados e

provavelmente se combateria por muito tempo ainda e que, em vista das circunstâncias, ele bem poderia comandar um regimento dentro de dois anos.

Encarando as coisas por esse ângulo, além de não lamentar o fato de não poder tomar parte na próxima batalha, de ter sido nomeado responsável pela renovação de montaria da sua divisão em Voroneje, recebeu essa notícia com o maior prazer, que ele não ocultou e que os seus camaradas compreenderam muito bem.

Alguns dias antes da batalha de Borodino, Nicolau recebeu o dinheiro e os documentos. Tendo mandado alguns hussardos na frente, partiu para Voroneje.

Só quem passou vários meses na atmosfera dos acampamentos de guerra pode compreender o prazer sentido por Nicolau quando deixou a zona ocupada pelas tropas, com seus serviços de forragem, seus trens de provisões, suas ambulâncias. Quando, livre dos soldados, dos transportes militares e da vida do acampamento, avistou as aldeias com os camponeses e suas mulheres, as casas nobres, os campos onde o gado pastava, as estações de muda com os encarregados adormecidos, sentiu tamanha alegria que era como se visse essas coisas pela primeira vez. O que, sobretudo, fez durante muito tempo a sua admiração e a sua alegria foram as mulheres, jovens, robustas, sem andar cada uma delas rodeada por uma dúzia de oficiais, mulheres que ficavam contentes e lisonjeadas quando um oficial, ao passar, gracejava com elas.

Na mais alegre disposição de espírito, Nicolau chegou à noite em Voroneje. Na estalagem, pediu tudo de que se via privado há tanto tempo no exército e, no dia seguinte, depois de se barbear cuidadosamente e envergar o uniforme de parada, que há muito não vestia, foi apresentar-se às autoridades.

O comandante da milícia do distrito era um civil com o título de general, um homem idoso que evidentemente se encantava com o seu posto e os seus deveres militares. Recebeu Nicolau com ar severo (julgando ser essa a qualidade característica dos militares) e interrogou-o em tom de importância, exprimindo aprovação ou desaprovação, como se fosse chamado a dar seu parecer sobre a direção dos acontecimentos. Nicolau estava tão bem-disposto que isso apenas o divertiu.

Depois do comandante da milícia, foi ver o governador da província. Era um homenzinho muito vivaz, muito afável e simples. Indicou a Nicolau onde ele

podia encontrar o que desejava. Recomendou-lhe um negociante de cavalos da cidade e, a vinte *verstas* de distância, um proprietário rural que possuía os melhores cavalos, além de prometer prestar-lhe todo auxílio.

— O senhor é filho do conde Ilia Andreievitch? Minha mulher foi grande amiga de sua mãe. Todas as quintas-feiras temos uma pequena reunião em minha casa. Hoje é quinta-feira, venha sem cerimônia — disse o governador, despedindo-se dele.

Ao sair da casa do governador, Nicolau tomou uma telega e, em companhia do seu quartel-mestre, dirigiu-se para o haras do proprietário de terras, a vinte *verstas* da cidade.

Durante a estadia em Voroneje tudo foi alegre e fácil para Nicolau e, como sempre acontece quando um homem está em boa disposição de espírito, tudo se arranjou às maravilhas.

O proprietário era um velho celibatário, antigo oficial de cavalaria, entendido de cavalos, caçador, possuidor de uma aguardente centenária, de um velho vinho da Hungria e de magníficos cavalos.

Em duas palavras, concluiu-se a transação. Nicolau comprou, por seis mil rublos, dezessete reprodutores, exemplares perfeitos, como ele dizia.

Depois de ter jantado e bebido com algum excesso o vinho da Hungria, abraçou e beijou no rosto o proprietário, que já tratava com a intimidade de um velho amigo, e pôs-se novamente a caminho. Nicolau estava de muito bom humor e não cessava de estimular o cocheiro a fim de chegar em tempo à reunião do governador.

Lavou-se da cabeça aos pés com água fria, perfumou-se, trocou de roupa e apareceu na casa do governador um pouco atrasado, mas com esta frase preparada: “Antes tarde do que nunca.”

Não era um baile. Ninguém falara em dançar, mas todos sabiam que Catarina Petrovna tocaria valsas e escocesas no cravo e que se acabaria dançando. Todos, nessa certeza, tinham ido em traje de baile.

A vida de província era em 1812 o que sempre foi, apenas com a diferença de se achar mais animada a cidade, devido à presença de várias famílias ricas de Moscou, de se notar na alegria geral, como em tudo que então se passava na Rússia, certo ar de arrojo desesperado, e também de girarem essas conversas

triviais, sempre necessárias na sociedade, não já em torno do tempo e dos conhecidos comuns, mas em torno de Moscou, do exército e de Napoleão.

A reunião na casa do governador era composta pela nata da sociedade de Voroneje. Havia muitas senhoras. Nicolau conhecera algumas delas em Moscou, mas nenhum daqueles senhores podia rivalizar com o cavaleiro da cruz de São Jorge, o hussardo da cavalaria e, ao mesmo tempo, o muito amável e bem educado conde Rostov. Entre os convidados havia um oficial italiano, prisioneiro tomado do exército francês, e Nicolau sentiu que a presença desse prisioneiro aumentava ainda mais a sua importância pessoal como herói russo: era uma espécie de troféu. Nicolau sentia isso e parecia-lhe que todos olhavam o italiano com o mesmo sentimento, e Nicolau tratou-o com dignidade e moderação.

Assim que apareceu Nicolau com o uniforme de hussardo, espalhando em redor de si um cheiro de perfume e de vinho, dizendo e ouvindo diversas vezes dizerem “Antes tarde que nunca”, todos o cercaram, todos os olhares se pousaram nele e logo ele se sentiu colocado na posição de favorito — situação sempre agradável, mesmo na província, e que agora, após uma longa privação, o inebriava. Nas mudas, nas estalagens e na casa do proprietário havia criadas que o lisonjeavam com suas atenções, mas ali, na reunião do governador, havia (pelo menos assim parecia a Nicolau) uma multidão incontável de jovens senhoras e moças, lindíssimas, que esperavam impacientes que Nicolau lhes prestasse alguma atenção. As jovens senhoras e as moças faziam-se faceiras com ele e as idosas já estavam pensando em casá-lo. Diziam que já era hora de pôr fim às farras desse brilhante oficial.

Entre estas últimas encontrava-se a própria esposa do governador, que recebeu Rostov como um parente, chamou-o de “Nicolau” e tratou-o com intimidade.

Efetivamente, Catarina Petrovna pôs-se a tocar valsas e escocesas, e começaram as danças, durante as quais Nicolau, pela sua habilidade, encantou ainda mais aquela sociedade de província. Causou admiração a todos com a sua maneira de dançar, e ele próprio surpreendeu-se um pouco nessa noite. Nunca dançara assim em Moscou e acharia, mesmo, inconveniente e de mau gosto essa maneira desenvolta de dançar. Mas ali sentia a necessidade de surpreender a

todos com alguma coisa de extraordinário, alguma coisa que eles devessem julgar comum na capital, mas ainda desconhecida na província.

Durante toda a noite Nicolau dedicou particular atenção a uma loura de olhos azuis, gordinha e encantadora, mulher de um funcionário da província. Com aquela convicção ingênua que têm os rapazes alegres de que as esposas dos outros são feitas para eles, Rostov não largava essa senhora e mostrava-se amável, um pouco diplomaticamente, com o marido. Sem o dizer, Nicolau e a mulher desse marido sabiam que combinavam perfeitamente. O marido, contudo, não parecia partilhar dessa opinião e tratava de se mostrar frio com Rostov. Mas era tão grande a bonomia ingênua de Nicolau que por vezes, involuntariamente, o marido cedia ao humor encantador do jovem oficial. Não obstante, no fim do baile, à medida que o semblante da dama se tornava mais vermelho e mais animado, o do marido se fazia cada vez mais triste e grave, como se a animação de ambos formasse uma soma fixa, diminuindo a do marido à proporção que a da esposa aumentava.

V

Sorrindo incessantemente, um pouco curvado na cadeira, Nicolau estava sentado muito perto da loura e dirigia-lhe galanteios mitológicos.

Mudando a todo instante a posição das pernas e espalhando perfume em redor de si, admirando a linda companheira e a forma das suas próprias pernas encaixadas nos calções estreitos de montaria, Nicolau dizia à loura que pretendia raptar uma dama ali, em Voroneje.

— Quem?

— Encantadora, divina... Olhos azuis — Nicolau dizia isto fitando a jovem —, boca de coral, uma alvura... (olhando para os ombros), uma cintura... de Diana.

O marido aproximou-se dos dois e, com expressão sombria, perguntou à esposa o que estavam dizendo.

— Ah! Nikita Ivanitch! — fez Nicolau, levantando-se cortesmente. E, como se desejasse que Nikita Ivanitch tomasse parte do seu divertimento, confiou-lhe a sua intenção de raptar uma loura.

O marido abriu um sorriso contrafeito, a mulher sorriu alegremente. A boa senhora do governador chegou-se a eles com um ar de desaprovação.

— Nicolau, Ana Ignatievna quer falar contigo — disse, pronunciando “Ana Ignatievna” em tal tom que Nicolau compreendeu que devia tratar-se de pessoa muito importante. — Vem, Nicolau. Permites que eu te trate assim?

— Oh, como não, *ma tante*! Quem é?

— Ana Ignatievna Malvintzeva ouviu falar em ti pela sobrinha, que tu salvaste... Adivinhas?

— Oh, salvei tantas!

— A sobrinha, a princesa Bolkonski! Está aqui em Voroneje, com a tia. Olha, como ele corou! O que é? Há alguma coisa?

— Nada. Que tolice, minha tia!

— Está bem, está bem. Vejam como ele é!

A esposa do governador apresentou-o a uma velha senhora, alta e muito forte, com um touca azul, que acabava de terminar sua costumeira partida de cartas com as pessoas mais importantes da cidade. Era a senhora Malvintzeva, uma viúva rica, sem filhos, tia materna da princesa Maria e que vivia desde sempre em Voroneje.

Quando Rostov se aproximou dela, estava em pé e pagava o dinheiro perdido no jogo. Olhou-o com um ar severo e olhos apertados e continuou a fazer censuras ao general que havia ganhado.

— Muito prazer, meu caro — disse em seguida a Rostov, estendendo-lhe a mão. — Faria o favor de ir me visitar?

Tendo conversado sobre a princesa Maria e o falecido príncipe, de quem a senhora Malvintzeva evidentemente não gostava, e tendo ouvido tudo quanto Nicolau sabia a respeito do príncipe André, que também não parecia desfrutar da sua simpatia, a velha e importante senhora despediu-se, reiterando o convite para ir à sua casa. Nicolau prometeu e tornou a corar enquanto cumprimentava a senhora Malvintzeva. Quando se falava na princesa Maria, Rostov sentia um constrangimento, um receio mesmo, que ele próprio não sabia explicar.

Quando se afastou da senhora Malvintzeva, Rostov quis dançar de novo, mas a mulher do governador pousou a mãozinha rechonchuda em sua manga e disse que precisava conversar com ele. Conduziu-o à sala de música, de onde se

retiraram todos que ali estavam, para não importunarem a senhora do governador.

— Sabes, meu caro — começou a mulher do governador com uma expressão severa —, sabes que tenho um bom partido para ti? Queres que eu os apresente?

— De quem está falando, minha tia? — perguntou Nicolau.

— Que eu peça por ti a mão da princesa? Catarina Ivanovna diz que seria melhor Lili, mas eu prefiro a princesa. Queres? Tenho certeza de que tua mãe me agradecerá. Que moça! É mesmo um encanto, e não é muito feia.

— Oh, não, absolutamente — replicou Nicolau, que pareceu ofender-se com aquela observação. — Mas, minha tia, eu sou um soldado. Não me imponho a ninguém, mas também não rejeito nada que apareça — disse Rostov, sem refletir no que dizia.

— Então não esqueças. Isto não é brincadeira.

— Como, brincadeira?!

— Sim, sim — disse a esposa do governador, como se tivesse uma nova lembrança. — Escuta, meu caro, entre outras coisas tu te mostras muito próximo da outra, a loura. Francamente, a gente chega a sentir pena do marido.

— Mas não! Nós somos amigos! — disse Nicolau ingenuamente. Não lhe vinha à mente que tão encantador passatempo pudesse desagradar a alguém.

“Mas que tolice eu fui dizer à mulher do governador!”, recordava-se Nicolau, durante a ceia. “Ela me está arranjando um casamento! E Sônia?!...”

Ao despedir-se da esposa do governador, quando, sorrindo, ela lhe repetiu “Então não esqueças!”, ele chamou-a à parte:

— Mas escute... Para dizer verdade, minha tia...

— O quê, o quê, meu caro? Vem sentar-te aqui comigo.

Nicolau sentiu repentinamente o desejo e a necessidade de revelar os seus pensamentos mais íntimos (que não teria dito nem a sua mãe, nem a sua irmã, nem a um amigo) a essa mulher, que era pouco menos que uma estranha.

Mais tarde, quando recordava esse inexplicável impulso de franqueza, que nada provocara e que teve para ele consequências importantíssimas, Nicolau imaginava (sempre parece assim) que fora um fato casual; e, no entanto, esse ímpeto de franqueza, associado a todas as demais pequenas ocorrências, teria enormes consequências para ele e para sua família.

— Ouça, minha tia. Há muito tempo que mamãe quer casar-me com uma mulher rica. Mas só o pensamento de casar por dinheiro me repugna.

— Sim, eu compreendo isso — disse a esposa do governador.

— Mas a princesa Bolkonski é diferente. Em primeiro lugar, quero dizer-lhe a verdade: ela me agrada, tenho muita simpatia por ela e, depois que a encontrei, numa situação muito estranha, penso muitas vezes que é o destino. Faça ideia: havia muito tempo que mamãe pensava nela, mas até então eu não tinha tido ocasião de encontrá-la. Era sempre assim: nunca nos encontrávamos. E, enquanto Natacha estava noiva do irmão dela, eu não podia pensar em casamento. Parece que tinha de encontrá-la justamente quando Natacha havia desmanchado o noivado, e depois disso tudo... Enfim, eu nunca disse essas coisas a ninguém, nem nunca direi. Só à senhora.

A mulher do governador apertou-lhe a mão, agradecida.

— Conhece Sônia, minha prima? Gosto dela, prometi casar, e casarei com ela... Assim, como vê, nem se pode falar nisso — disse Nicolau, corando.

— Mas, meu caro, como podes falar assim? Sônia não tem nada, e tu mesmo dizes que os negócios de teu pai andam muito mal. E tua mãe? Isso a matará. Além disso, se Sônia tem coração, que vida terá ela? A mãe desesperada, as finanças arruinadas... Não, meu caro, tu e Sônia têm de compreender.

Nicolau calou-se. Era agradável ouvir essa conclusão. Após um breve silêncio, disse, suspirando:

— Entretanto, minha tia, isso não é possível. E ainda resta saber se a princesa me aceita. Além disso, ela está de luto. Como se pode pensar nisso?

— Mas tu imaginas que eu vou casar-te hoje mesmo? Há modos de fazer as coisas — disse a esposa do governador.

— Que grande casamenteira é a senhora, minha tia... — disse Nicolau, beijando-lhe a mão rechonchuda.

VI

Ao chegar em Moscou, após ter conhecido Rostov, a princesa Maria lá encontrou seu sobrinho com o preceptor e uma carta do príncipe André, em que lhe era traçado o itinerário para Voroneje. Deviam ir para a casa da tia Malvintzeva. Os cuidados da viagem, a inquietação por conta do irmão, a mudança para uma nova casa onde ia conviver com gente nova, a educação do sobrinho, tudo isso sufocava na alma da

princesa Maria o sentimento que, qual uma tentação, a atormentara durante a doença e após a morte de seu pai, e principalmente depois do encontro com Rostov. Estava triste. Ao cabo de um mês de vida tranquila, sentia a perda do pai cada vez mais forte e ligada em seu espírito à derrota da Rússia. Estava perturbada.

Pensar nos perigos que corria seu irmão, o único ente chegado que lhe restava, torturava-a sem cessar. Inquietava-se por se sentir incapaz de dirigir a educação do sobrinho. Mas, no fundo da alma, tinha a satisfação interior que lhe dava a consciência de haver triunfado sobre os sonhos pessoais e as esperanças despertadas pelo aparecimento de Rostov.

No dia seguinte à reunião, a esposa do governador foi à casa da senhora Malvintzeva e falou-lhe dos seus projetos, observando que, se nas circunstâncias atuais não era possível pensar num noivado oficial, podia-se entretanto aproximar os dois jovens a fim de que eles se conhecessem melhor. Tendo recebido a aprovação da tia, a mulher do governador fez o elogio de Rostov na presença da princesa Maria e contou como ele tinha corado ao ouvir falar dela. Ouvindo isso, a princesa Maria não experimentou um sentimento de alegria, mas um sentimento de mal-estar. Sua harmonia interior estava destruída e novos desejos, novas dúvidas, novas esperanças despertavam nela.

Durante os dois dias que decorreram entre essa notícia e a visita de Rostov, a princesa Maria não parou de pensar na atitude que devia tomar diante dele. Ora resolvia não aparecer no salão quando ele viesse visitar a tia, pois não parecia correto, estando de luto, receber visitas; ora isso se afigurava uma grosseria, depois do que ele tinha feito por ela; ora lhe vinha à mente que sua tia e a mulher do governador tinham planos a respeito dela e de Rostov (os olhares e as palavras das duas senhoras pareciam, às vezes, confirmar essa suposição); ora pensava que só ela, com sua natureza perversa, podia nutrir tais pensamentos. Não esquecia que, na sua situação (ainda não havia tirado o crepe), um noivado seria uma ofensa para ela e para a memória de seu pai. Decidindo finalmente encontrar Rostov, a princesa Maria tratou de imaginar o que ele lhe diria e o que haveria de responder. E essas palavras imaginárias lhe pareciam, ora frias e banais, ora demasiado importantes. Acima de tudo, receava o embaraço que, segundo lhe parecia, devia apoderar-se dela assim que o visse.

Mas no domingo, depois da missa, quando o criado anunciou que o conde Rostov estava no salão, a princesa não mostrou embaraço. Apenas um leve rubor

lhe apareceu nas faces e os seus olhos se iluminaram de uma luz nova, irradiante.

— Já foi vê-lo, titia? — perguntou a princesa Maria numa voz calma, sem saber ela própria como podia falar nesse tom sereno e natural.

Quando Rostov entrou, a princesa baixou a cabeça um instante, para lhe dar tempo de cumprimentar a tia. Tornou a erguê-la quando Nicolau se dirigiu a ela e, com olhos brilhantes, fitou-o. Num movimento cheio de dignidade e graça, com um sorriso alegre, levantou-se, estendeu a mão suave e fina e falou numa voz em que soava pela primeira vez uma nota toda feminina. Mademoiselle Bourienne, que estava no salão, olhava pasmada para a princesa Maria. A mais hábil sedutora não teria manejado melhor a situação diante de um homem a quem quisesse agradar.

“Ou é o preto que lhe cai bem, ou ela ficou mesmo mais bonita e eu não tinha reparado... Mas que tato, que graça!...”, pensou Mademoiselle Bourienne.

Se a princesa Maria pudesse refletir nesse momento, ter-se-ia admirado ainda mais que Mademoiselle Bourienne da transformação que se operara nela. Desde que pusera os olhos naquele rosto encantador e amado, uma nova força de vida nascera nela e a fazia falar e proceder à revelia da sua vontade. Desde que Rostov tinha entrado, o seu rosto transfigurara-se repentinamente. Assim como os vidros pintados de uma lanterna, logo que esta é acesa, deixam ver repentinamente, de maneira inesperada e surpreendente, o trabalho artístico que antes parecia grosseiro e opaco, do mesmo modo se transformara de súbito o rosto da princesa Maria. Pela primeira vez, se exteriorizava todo aquele trabalho puro, espiritual, em que ela vivera até então. Todo o seu trabalho interior, os seus sofrimentos, as suas aspirações para o bem, a submissão, o amor, o sacrifício, tudo isso brilhava agora nos seus olhos radiosos, no charmoso sorriso, em cada traço do seu meigo rosto.

Rostov viu tudo isso com tanta clareza como se a houvesse conhecido toda a vida. Sentiu que a criatura que tinha diante de si era bem diferente, melhor do que todas as que encontrara até então, e, sobretudo, melhor do que ele próprio.

A conversa foi simples e insignificante. Falaram da guerra, exagerando, como faziam todos, a dor que lhes causava esse acontecimento. Falaram do seu primeiro encontro, mas nessa altura Nicolau procurou desviar a conversa. Falaram da boa senhora do governador e dos parentes de cada um.

A princesa Maria evitava mencionar o irmão e mudava de assunto quando sua tia falava em André. Via-se que ela podia conversar trivialmente sobre as desgraças da Rússia, fingindo-se profundamente comovida, mas que seu irmão era um assunto que lhe estava muito próximo do coração e que não podia nem queria falar nele superficialmente. Nicolau notou isso, como notava, com uma sagacidade desacostumada para ele, todos os matizes do caráter da princesa Maria, que confirmavam para ele a convicção de estar em presença de um ser absolutamente singular e extraordinário.

Do mesmo modo que ela, Nicolau corava e ficava confuso quando lhe falavam da princesa Maria e até quando pensava nela, mas em sua presença sentia-se inteiramente livre. Não dizia nada do que havia preparado, mas apenas o que lhe ocorria no momento, e que era sempre pertinente.

Durante a breve visita de Nicolau, como em todo ambiente em que há crianças, quando a conversa esmorecia, ele recorria ao filho do príncipe André. Acariciou-o e lhe perguntou se queria ser hussardo. Tomou o menino nos braços e começou a brincar com ele alegremente, enquanto olhava para a princesa Maria. O olhar terno, feliz e tímido dela seguia a amada criança nos braços do homem amado. Nicolau notou esse olhar e, como se compreendesse a sua significação, corou de prazer e pôs-se a beijar a criança com o coração transbordante de alegria.

A princesa Maria não saía por causa do luto e Nicolau achou que não ficaria bem visitá-la com frequência. Mas a mulher do governador continuava a amadurecer o seu projeto: transmitia a Nicolau as coisas lisonjeiras que a princesa Maria dizia dele, e vice-versa. Insistia com Nicolau para que tivesse um momento com a princesa Maria. Para esse fim agenciou um encontro entre os dois jovens na casa do arcebispo, depois da missa.

Rostov afirmara à esposa do governador que não faria nenhuma declaração à princesa Maria. Apesar disso, prometeu ir. Como em Tilsitt, onde Rostov não quisera indagar se tudo que os outros achavam bom era bom realmente, ali, após uma luta breve mas franca entre a tentação de dispor da sua vida como melhor lhe parecia e a dócil submissão às circunstâncias, optou pelo último e abandonou-se ao impulso que o arrastava (assim o sentia) irresistivelmente. Sabia que, depois da promessa feita a Sônia, declarar-se para a princesa seria o

que ele chamava uma covardia — e estava certo de que jamais cometeria uma covardia. Mas também sabia (e não só o sabia, como o sentia no fundo da alma) que, deixando-se levar agora pela força das circunstâncias e das pessoas que o guiavam, não só não fazia nada de mal, como tomava uma decisão muito importante, mais importante do que todos os seus atos até então.

Após o encontro com a princesa Maria, embora sua vida exterior continuasse a mesma, todos os seus prazeres de outrora perderam o encanto para ele. Pensava muitas vezes na princesa Maria, mas nunca do modo como pensava, sem exceção, em todas as moças que antes encontrava na sociedade. Não era nem mesmo como ele pensara antes, e com frequência, em Sônia. Como todos os rapazes honestos, pensava em cada moça como em sua futura esposa, e em sua imaginação aplicava-lhes todas as condições da vida conjugal: o robe branco, a mulher diante do samovar, a carruagem da mulher, os filhos, mamãe, papai, as relações das crianças com ela etc. E essa representação do futuro lhe dava prazer. Mas quando pensava na princesa Maria, com quem queriam casá-lo, nada conseguia imaginar de uma futura vida conjugal e, se tentava fazê-lo, tudo era deformado e falso. Ele experimentava um sentimento de temor.

VII

A terrível notícia da batalha de Borodino, das nossas perdas em feridos e mortos, e a notícia ainda mais terrível do abandono de Moscou chegaram a Voroneje nos meados de setembro.

A princesa Maria, que soubera do ferimento do irmão pelos jornais e não tinha nenhuma informação precisa a respeito dele, dispunha-se a partir em procura do príncipe André. Foi o que contaram a Nicolau (que não a tinha mais visto pessoalmente).

Após as notícias da batalha de Borodino e do abandono de Moscou, Rostov sentiu que tudo era penoso e aborrecido em Voroneje, além de embaraçoso. Não que o invadissem o desespero, a cólera, o desejo de vingança ou outros sentimentos análogos, mas todas as conversas lhe pareciam falsas, não sabia que opinião formar sobre os acontecimentos e sentia que só no seu regimento começaria a ver a situação com clareza. Apressou-se em desempenhar sua

incumbência, em comprar os cavalos, e amiúde, sem motivo, injuriava seu ordenança e seu quartel-mestre.

Alguns dias antes da partida de Rostov, realizou-se na catedral um serviço de ação de graças pela vitória das tropas russas. Nicolau foi à igreja e colocou-se atrás do governador, em ordem hierárquica, abandonando-se aos mais diversos pensamentos. Ficou em pé durante todo o serviço. Quando a cerimônia terminou, a mulher do governador o chamou.

— Viste a princesa? — perguntou-lhe, designando com a cabeça uma senhora de preto que estava perto do altar.

Nicolau reconheceu logo a princesa Maria, menos pelo seu perfil, que se percebia debaixo do chapéu, do que pelo sentimento de temor e de piedade que no mesmo instante se apossou dele. Evidentemente mergulhada em suas reflexões, a princesa Maria estava persignando-se antes de sair da igreja.

Nicolau olhava o rosto dela com admiração. Era o mesmo rosto que ele conhecia, com aquela expressão de trabalho interior, espiritual, mas nesse dia tinha um brilho inteiramente diverso. Havia nele uma expressão tocante de tristeza e de esperança.

Com o mesmo desembaraço que sentia em sua presença, sem esperar o que diria a esposa do governador, sem cogitar se ficava bem dirigir-lhe a palavra na igreja, aproximou-se dela e lhe disse que sabia do seu sofrimento e compartilhava-o com toda a sua alma. Assim que ela ouviu a voz de Nicolau, uma nova luz brilhou no seu rosto, iluminando ao mesmo tempo a sua dor e a sua alegria.

— Eu queria lhe dizer apenas uma coisa: se o príncipe André não estivesse vivo, como era comandante de regimento, os jornais não deixariam de dar a notícia.

A princesa fitava-o sem compreender o sentido das suas palavras, mas sentindo-se confortada pela expressão de simpatia que lhe via no rosto.

— Eu sei, por muitos exemplos, que um ferimento por estilhaço (os jornais falavam numa granada) ou mata imediatamente ou não tem gravidade — disse Nicolau. — Devemos confiar no melhor, e estou convencido...

A princesa Maria interrompeu-o.

— Oh, como seria horrível... — E parou, com a voz tomada pela emoção. Inclinando a cabeça num gesto gracioso (como tudo que fazia na presença dele), ela lhe lançou um olhar de gratidão e seguiu a tia.

Nessa noite, Nicolau não foi a parte alguma. Ficou em casa para fazer o balanço de algumas contas com os negociantes de cavalos. Quando terminou, era muito tarde para sair e muito cedo para se deitar. Pôs-se a caminhar de um lado para outro no quarto, pensando na sua vida, o que raramente acontecia.

Em Smolensk, a princesa Maria o impressionara agradavelmente. O fato de encontrá-la em condições tão especiais, e a circunstância de ela lhe ter sido muito tempo apontada por sua mãe como um ótimo partido, fizeram com que ele a olhasse com especial atenção.

Em Voroneje, a impressão não só era agradável como muito viva. Tocava-o essa singular beleza moral que agora notava nela. Entretanto, ia deixar Voroneje e nem sequer pensava em lamentar essa separação. Mas o encontro de hoje, na igreja, causara-lhe uma emoção mais profunda do que ele previa e desejava para o bem da sua paz espiritual. Aquele rosto fino e pálido, melancólico, aquele olhar luminoso, aqueles movimentos cheios de graça e, principalmente, aquela tristeza profunda e meiga que exalavam de todos os traços do seu semblante o perturbavam e atraíam.

Nos homens, Rostov não suportava a expressão de vida superior, espiritual (eis por que o príncipe André não lhe inspirava simpatia), chamava isso, com desprezo, de filosofia, de fantasia. Na princesa Maria, porém, precisamente essa tristeza que exprimia toda a profundidade desse mundo espiritual, estranho a Nicolau, constituía para ele um atrativo irresistível.

“Deve ser uma mulher extraordinária! Um verdadeiro anjo! Por que fui tão apressado em me comprometer com Sônia?” E, involuntariamente, comparava as duas: numa, a pobreza, e na outra, a riqueza desses dons espirituais que Nicolau não possuía e, por isso mesmo, tinha em tão alta conta.

Procurava imaginar o que aconteceria se ele fosse livre, como faria o pedido e como a princesa se tornaria sua esposa. Não o conseguia, porém. O esforço lhe era penoso e nenhuma imagem nítida se apresentava. Havia muito tempo que desenhara o quadro futuro de sua vida com Sônia. Tudo era simples e claro, principalmente porque tudo estava fixado e ele conhecia bem Sônia. Mas não

podia imaginar a sua vida futura com a princesa Maria porque não a compreendia, apenas a amava.

Em seus sonhos a respeito de Sônia havia certa leveza alegre, qualquer coisa de infantil. Mas pensar na princesa Maria lhe era sempre difícil e um tanto penoso.

“Como ela rezava!”, refletia. “Sim, é essa a prece que move montanhas, e tenho certeza de que a sua oração será atendida. Por que não rezo eu também para pedir o que preciso? O que eu quero? A liberdade, a ruptura com Sônia. Ela dizia a verdade (lembrava-se das palavras da mulher do governador): esse casamento só nos poderá trazer desgraça. A confusão, a mágoa de mamãe... a nossa situação financeira... uma confusão, uma confusão terrível!... E não, eu não gosto dela. Não gosto como devia gostar. Meu Deus! Livra-me desta situação terrível, sem saída!” E subitamente começou a orar. “Sim, a oração pode mover montanhas, mas é preciso crer, e não rezar como eu e Natacha fazíamos quando éramos pequenos, pedindo que nevasse açúcar e indo depois ver no pátio se a neve tinha se transformado em açúcar. Não, agora eu não rezo mais para pedir bobagens”, disse ele consigo e, pousando o cachimbo num canto, deteve-se diante do ícone e juntou as mãos. Enternecido ao pensar na princesa Maria, pôs-se a rezar como havia muito não o fazia. Tinha os olhos e a garganta cheios de lágrimas quando Lavruchka entrou repentinamente, trazendo uns papéis.

— Imbecil! Como entras aqui sem ser chamado? — disse Nicolau, mudando rapidamente de atitude.

— Foi o governador que mandou — respondeu Lavruchka numa voz sonolenta. — O correio trouxe umas cartas para o senhor.

— Bom, obrigado! Pode ir!

Nicolau pegou as duas cartas. Uma era de sua mãe, a outra de Sônia. Abriu primeiro a de Sônia. Mal havia lido algumas linhas quando o seu rosto empalideceu e os olhos se abriram de espanto e alegria.

— Não, isto é impossível! — exclamou em voz alta.

Incapaz de se conservar no mesmo lugar, caminhava pelo quarto relendo a carta que tinha na mão. Percorreu-a uma vez, duas, e, erguendo os ombros e atirando os braços para cima, parou no meio do quarto boquiaberto, com os

olhos fixos. A prece que acabava de dirigir a Deus fora atendida, mas Nicolau admirava-se disso como de uma coisa extraordinária, como se não pudesse tê-lo esperado e tão pronta realização do seu desejo provasse que aquilo não provinha de Deus, a quem ele rogara, mas de um acaso qualquer.

O problema que lhe roubava a liberdade e parecia insolúvel fora resolvido por esta carta inesperada (segundo parecia a Nicolau) e que nada havia provocado. Escrevia-lhe Sônia que os últimos acontecimentos infelizes — a perda de quase todos os bens que os Rostov possuíam em Moscou, o desejo várias vezes expresso pela condessa de que ele se casasse com a princesa Bolkonski, o seu silêncio e a sua frieza nesses últimos tempos —, que tudo isso junto a levava à decisão de renunciar à sua promessa e devolver-lhe a liberdade.

“É muito penoso para mim ver que sou causa de desgostos e dissensões para a família que me criou, e o meu amor só tem um objetivo: a felicidade daqueles que amo. Por essa razão lhe suplico, Nicolau, que se considere completamente livre. Mas saiba que, apesar de tudo, ninguém pode amá-lo mais do que a sua Sônia.”

As duas cartas provinham de Troitza. A da condessa era a segunda. Nessa carta ela descrevia os últimos dias de Moscou, a partida, o incêndio, a perda de tudo que possuíam na capital. Além de outras coisas, acrescentava que o príncipe André estava com eles, entre os feridos, que apesar do seu estado grave o médico tinha esperanças e que Sônia e Natacha eram suas enfermeiras.

No dia seguinte, Nicolau foi à casa da princesa Maria, levando essa carta. Nenhum dos dois pronunciou uma só palavra sobre o possível significado das palavras: “Natacha é sua enfermeira”, mas graças a essa carta Nicolau passou subitamente a ocupar, junto à princesa, a posição de um conhecido íntimo, quase de um parente.

No outro dia Rostov assistiu à partida da princesa Maria para Iaroslav, e passados alguns dias ele regressou ao seu regimento.

VIII

A carta de Sônia a Nicolau, que viera como em resposta à prece dele, era escrita de Troitza. Eis o que a tinha provocado: a ideia do casamento de Nicolau com uma mulher rica absorvia cada vez mais a condessa e, como Sônia era o principal obstáculo ao projeto, a vida de Sônia nesses últimos tempos, e sobretudo

depois da carta em que Nicolau contava o seu encontro com a princesa Maria em Bogutcharovo, tornava-se cada vez mais penosa. A condessa não deixava escapar uma só ocasião de fazer alusões ofensivas ou cruéis para ela. Mas, alguns dias antes da partida de Moscou, perturbada e aflita com tudo o que se passava, a condessa mandou chamar Sônia e, em lugar de lhe fazer censuras e exigências, suplicou-lhe chorando que se sacrificasse e pagasse tudo o que haviam feito por ela rompendo o compromisso com Nicolau.

— Não ficarei tranquila enquanto não tiver a tua promessa.

Soluçando nervosamente, Sônia respondeu que estava pronta para tudo. Não fez, porém, nenhuma promessa formal, e no seu íntimo não podia se decidir a fazer o que lhe exigiam. Era preciso sacrificar-se pela família que a criara e educara. Sônia tinha o hábito de sacrificar-se pela felicidade dos outros. Sua situação na família era tal que ela não podia mostrar seu caráter senão sacrificando-se, ela estava habituada ao sacrifício e se comprazia nele. Mas anteriormente, cada vez que fazia um sacrifício, tinha o sentimento jubiloso de elevar-se aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros, de tornar-se mais digna de Nicolau, a quem amava acima de tudo. Agora, o sacrifício consistiria em renunciar ao que, para ela, era toda a recompensa do sacrifício, todo o sentido da existência. Vinha-lhe, pela primeira vez, um ressentimento contra aqueles que fizeram tão bem a ela apenas para a afligirem de outros tantos tormentos. Sentia inveja de Natacha, que nunca suportara nada de semelhante, que jamais se sacrificara por alguém e que, pelo contrário, fazia os outros sacrificarem-se por ela e, mesmo assim, era querida por todos. E pela primeira vez Sônia entreviu de repente que, no seu amor puro e tranquilo por Nicolau, crescia o sentimento apaixonado, mais forte que a moral, a virtude e a religião. Sob a influência desse sentimento, Sônia, cuja vida de dependência a acostumara às atitudes reservadas, respondeu em termos vagos à condessa e resolveu esperar Nicolau, não para desfazer seu laço, mas, ao contrário, na intenção de ligá-lo a si para sempre.

O horror e o transtorno dos últimos dias passados pelos Rostov em Moscou tinham sufocado as ideias sombrias que se apossavam dela. Estava feliz por encontrar uma fuga na atividade prática. Mas quando soube da presença do príncipe André na casa, apesar da sincera piedade que ele e Natacha lhe causavam, invadiu-a a esperança alegre e supersticiosa de que Deus não queria a separação dela e de Nicolau. Sabia que Natacha amava somente o príncipe André e nunca deixara de amá-lo. Sabia que agora, reaproximados por

circunstâncias tão terríveis, eles voltariam a se amar, e portanto Nicolau, devido ao laço de parentesco, não poderia desposar a princesa Maria. Apesar dos horrores que presenciara nos últimos dias de Moscou e nos primeiros da viagem, esse sentimento, essa consciência da intervenção da Providência nos seus assuntos pessoais, provocavam uma doce alegria em Sônia.

No convento de Troitza, os Rostov fizeram a primeira interrupção na viagem. Três aposentos grandes foram reservados na hospedaria do convento para os Rostov, sendo um deles para o príncipe André. Nesse dia o ferido sentia-se muito melhor. Natacha fazia-lhe companhia. No quarto vizinho, o conde e a condessa conversavam respeitosamente com o superior, que viera fazer uma visita aos seus velhos conhecidos e benfeitores da instituição. Sônia, que se achava com eles, era atormentada pela curiosidade de saber o que diziam Natacha e o príncipe André. O rumor das vozes chegava até lá, através da porta. Abriu-se a porta do quarto do príncipe André e saiu Natacha, com expressão comovida, sem reparar no monge, que se erguera para cumprimentá-la e puxava a larga manga, descobrindo a mão direita. Ela aproximou-se de Sônia e tomou-lhe a mão.

— Mas o que tu tens, Natacha? Vem cá — disse a condessa.

Natacha veio receber a bênção e o superior lhe aconselhou que rogasse auxílio a Deus e a São Sérgio.

Logo após a saída do superior, Natacha tomou a amiga pela mão e levou-a para o quarto que estava vazio.

— Sônia! Ele viverá, não é?! — disse. — Sônia, eu estou feliz e infeliz! Sônia, minha querida, tudo será como antes, mas ele tem que viver! Ele não pode... porque... porque...

E Natacha desatou a chorar.

— É isso! Eu sabia! Graças a Deus, ele viverá! — exclamou Sônia.

Sônia estava tão comovida quanto sua amiga, pelo temor desta, sua dor e também por seus próprios pensamentos, que ela não revelava a ninguém. Abraçava Natacha, soluçando, e consolava-a. “Que ele viva!”, pensava. Depois de terem chorado, conversado e secado as lágrimas, as duas amigas dirigiram-se para a porta do quarto do príncipe André. Natacha abriu-a devagarinho e olhou para dentro do aposento. Sônia estava em pé ao seu lado, junto da porta entreaberta. Viu o príncipe André deitado, com a cabeça alta, sobre três

travesseiros. Ele estava dormindo, com os olhos fechados e uma respiração ritmada.

— Ah! Natacha! — exclamou Sônia repentinamente, agarrando a mão da prima e recuando da porta.

— O quê? O que foi?

— É isso... é isso... — fez Sônia, pálida, com os lábios trêmulos. — Lembras-te — disse com expressão aterrada e solene —, lembras-te quando eu tomei o teu lugar para olhar no espelho, em Otradnoie, no Natal?... Lembras-te do que eu vi?

— Sim, sim — respondeu Natacha, abrindo muito os olhos, mas recordando apenas vagamente que Sônia dissera então ter visto o príncipe André deitado.

— Tu te lembras? — prosseguiu Sônia. — Eu o vi naquela ocasião e contei a ti e a Duniacha. Vi-o deitado numa cama — dizia ela, e a cada detalhe sacudia a mão com o dedo erguido. — Ele tinha os olhos fechados, estava coberto exatamente com uma colcha cor-de-rosa e tinha as mãos juntas — disse Sônia, convencida de *ter visto* então essas mesmas particularidades que via agora.

Naquela ocasião ela nada vira, dizia apenas o que lhe passava pela cabeça, mas o que havia inventado antes lhe parecia tão verdadeiro quanto todas as suas outras lembranças. Não só se recordava de ter dito naquele dia que ele olhava para ela sorrindo e que estava coberto com uma coisa vermelha, mas estava firmemente convencida de ter dito que o vira envolto numa coberta cor-de-rosa — sim, cor-de-rosa — e com os olhos fechados.

— Sim, é verdade, cor-de-rosa — disse Natacha, que agora também parecia lembrar-se de que Sônia dissera cor-de-rosa. Via nisso algo extraordinário e misterioso. — Mas que será que isso significa? — perguntou Natacha, pensativa.

— Ah, não sei. Como tudo isso é extraordinário! — respondeu Sônia, com as mãos na cabeça.

Alguns minutos depois o príncipe André tocou a campainha. Natacha entrou para atendê-lo e Sônia, sentindo uma emoção inesperada e rara, ficou junto à janela, refletindo no quanto era estranho aquele fato.

Nesse dia, surgiu uma oportunidade de remeter cartas para o exército e a condessa escreveu ao seu filho.

— Sônia — disse ela, levantando os olhos da carta quando a sobrinha passou à sua frente. — Sônia, não vais escrever a Nicolau?

Sua voz era baixa e trêmula, e na expressão daqueles olhos fatigados que a fitavam através dos óculos Sônia leu tudo o que a condessa queria exprimir com essas palavras. Esse olhar exprimia uma súplica e o medo da recusa, a vergonha de pedir e a iminência de um ódio inexorável em caso de recusa.

Sônia aproximou-se da condessa, ajoelhou-se e beijou-lhe a mão.

— Vou escrever, mamãe.

Sônia estava comovida e enternecida por tudo o que se passara nesse dia, e principalmente por aquela misteriosa coincidência com a sua visão. Sabendo que agora Nicolau não poderia casar com a princesa Maria, por causa dos laços reatados entre o príncipe André e Natacha, sentia-se voltar a esse estado de sacrifício a que se habituara e em que se comprazia. Com lágrimas nos olhos, com a ditosa consciência do ato generoso cumprido, interrompendo-se várias vezes por causa das lágrimas que lhe enchiam os olhos negros e aveludados, escreveu aquela tocante carta cuja leitura tanto emocionou Nicolau.

IX

No corpo da guarda para onde conduziram Pierre, o oficial e os soldados que o tinham prendido mantinham com ele uma atitude hostil e ao mesmo tempo respeitosa. No trato com ele ainda havia a incerteza quanto à sua posição social (quem sabe se não era um homem rico, muito importante?!) e a hostilidade que lhes despertava a recente luta com ele.

Mas no dia seguinte, quando a guarda foi trocada, Pierre percebeu que, para o novo oficial e os novos soldados, ele não tinha a mesma importância que para os primeiros. Com efeito, naquele homem alto e corpulento, vestido com um cafetã de mujique, os novos guardas não viam aquele homem que brigava tão furiosamente com os saqueadores e com os soldados, e que pronunciara a frase solene sobre a criança salva. Para eles, era apenas o décimo sétimo dos russos detidos ali por ordem superior. Se havia algo de particular em Pierre, era somente o seu ar tranquilo, concentrado e pensativo, e o francês que ele falava muito bem. Não obstante, no mesmo dia Pierre foi reunido aos outros suspeitos, pois um oficial necessitava do quarto ocupado por ele.

Todos os russos detidos com Pierre eram homens de condição inferior e todos o evitavam, tanto mais porque ele falava francês. Pierre ouvia, com tristeza, as zombarias de que era alvo.

Na dia seguinte, de tarde, Pierre soube que todos os detidos (inclusive ele, provavelmente) seriam submetidos a julgamento como incendiários.

No terceiro dia, levaram Pierre e os outros para uma casa qualquer, onde estavam um general francês de bigodes brancos, dois coronéis e outros franceses com faixas nos ombros. Formularam-se a Pierre e aos demais, com aquela precisão de que se reveste o interrogatório dos acusados, com o objetivo de tocar as fraquezas humanas, as seguintes perguntas: “Quem sois?”, “Onde estáveis?”, “Com que propósito?” etc. etc.

Essas perguntas — que deixavam de lado a própria essência da questão e mesmo afastavam a possibilidade de averiguá-la —, como todas as perguntas feitas à barra dos tribunais, não tinham outro fim senão instalar os canais pelos quais devem seguir as respostas dos acusados para chegar ao objetivo desejado, isto é, à condenação. Assim que os acusados começavam a dizer alguma coisa que não correspondia ao objetivo da acusação, os canais eram fechados e a água podia correr por onde quisesse. Além disso, Pierre se perguntava o que todos os acusados se perguntam diante de qualquer tribunal: “Por que me fazem todas essas perguntas?” Parecia-lhe que o faziam apenas por indulgência, ou por uma espécie de cortesia. Sabia-se nas mãos daqueles homens, sabia que só o poder o obrigava a ficar ali, que só o poder dava a eles o direito de exigir respostas às suas perguntas, que o fim único daquela assembleia era condená-lo. Assim, pelo simples fato de existir esse poder e esse desejo de condená-lo, tornavam-se desnecessários o tribunal e o interrogatório. Era evidente que todas as respostas deviam conduzir ao veredito de culpabilidade. A esta pergunta: “O que estava fazendo quando o prenderam?”, Pierre respondeu com ar trágico que ia levar aos pais uma menina que ele salvara das chamas.

— Por que estava brigando com os saqueadores?

Pierre respondeu que o fizera em defesa de uma mulher, que era dever de todos defender as mulheres, que... Interromperam-no: isto não tinha relação alguma com o caso.

— Por que estava no pátio da casa incendiada, onde foi visto por testemunhas?

Respondeu que fora ver o que acontecia em Moscou.

Tornaram a interrompê-lo.

Perguntaram outra vez aonde ia, por que se encontrava perto do incêndio e quem era ele. Lembraram que a esta última pergunta ele se recusara responder. Pierre afirmou novamente que não podia responder.

— Lembre-se dessa resposta. Isso não é bom. Isso não é nenhum pouco bom — disse severamente o general de bigodes brancos e rosto vermelho.

No quarto dia, irrompeu o fogo nas fortificações de Zubovski. Pierre e treze outros foram transportados para a cocheira de uma casa de comércio, em Krimski Brod.

Ao passar pelas ruas, Pierre ficou sufocado com a fumaça que parecia encher toda a cidade. Viam-se incêndios em diversos pontos. Pierre, que ainda não compreendia o que significavam esses incêndios em Moscou, contemplava-os com horror.

Na cocheira da casa próxima a Krimski Brod, Pierre passou ainda quatro dias e, pela conversa dos soldados franceses, soube que se estava esperando diariamente a decisão do marechal sobre todos os detidos ali. Que marechal? Pierre não conseguiu saber dos soldados. Para eles, “o marechal” era evidentemente o símbolo mais elevado, e um tanto misterioso, do poder.

Esses primeiros dias, até 8 de setembro — quando os prisioneiros passaram por segundo interrogatório — foram para Pierre os mais penosos.

X

No dia 8 de setembro, entrou na cocheira dos presos um oficial muito importante, a julgar pelos testemunhos de respeito que lhe davam os guardas. Com uma lista na mão, esse oficial — que era provavelmente do Estado-Maior — fez a chamada de todos os presos russos, dando a Pierre a denominação de “aquele que não quer dizer o nome”. Olhando com indiferença os presos, mandou ao oficial de serviço que os vestisse decentemente antes de levá-los à presença do marechal. Uma hora depois, chegou um grupo de soldados e Pierre foi conduzido com os outros treze ao Campo da Virgem. Fazia um dia claro e banhado de sol, após a chuva, e o ar estava extraordinariamente puro. As ruas não se achavam cheias de fumaça, como no dia em que haviam tirado Pierre do corpo da guarda das fortificações Zubovski. A fumaça subia no ar puro. Já não se viam os focos de incêndio, mas, de todos os lados subia a fumaça, tudo o que Pierre podia

ver de Moscou estava incendiado. Por todos os lados se viam terrenos devastados, ruínas, fogões e chaminés que se mantinham de pé escorados, aqui e além, por algumas paredes enegrecidas de casas de pedra.

Pierre olhava esses restos de incêndio sem reconhecer os bairros que frequentava da cidade. De tempos em tempos apareciam igrejas que tinham ficado intactas, e ao longe alvejava o Kremlin intacto, com as suas torres e os campanários de Ivan, o Grande.

Muito perto, brilhava a cúpula do Novo Convento da Virgem, de onde se ouvia soarem os sinos. Esse som lembrou a Pierre que era domingo e a festa da natividade da Virgem, mas não parecia haver ninguém para comemorá-la. Ruínas por toda parte. Os únicos russos que se encontravam era, de tempos em tempos, uma gente esfarrapada, amedrontada, que se escondia à vista dos franceses.

Era evidente que o ninho da Rússia estava destruído e dispersado, mas Pierre percebia inconscientemente que, sobre as ruínas desse ninho, os franceses tinham estabelecido uma outra ordem das coisas, bem diferente, mas muito sólida. Sentiu isso ao ver esses soldados que, alegremente, em filas cerradas, o escoltavam, a ele e aos outros criminosos. Sentiu quando encontrou um alto funcionário francês num carro puxado por dois cavalos que um soldado conduzia. Sentiu também com os alegres sons da banda regimental que desembocava de outra esquina, e sobretudo quando o oficial francês lera aquela lista, fazendo a chamada dos presos. Detido por um pelotão de soldados, Pierre fora levado para determinado lugar e daí para outra parte, com uma dezena de outros. Podiam, ao que parecia, esquecê-lo completamente, confundi-lo com os demais. Mas não: as respostas dadas por ele durante o interrogatório voltavam-lhe sob a forma da designação “aquele que não quer dizer o nome”. E com essa denominação, que agora inspirava horror a Pierre, era conduzido para outro lugar com a certeza absoluta, escrita em todos os semblantes, de que todos os presos eram os mesmos e de que eles estavam sendo levados ao lugar que lhes competia. Pierre sentia-se como uma lasquinha caída na engrenagem de uma máquina desconhecida, mas que funciona regularmente.

Conduziram Pierre e os outros presos para a direita do Campo da Virgem, não longe do monastério, na direção de uma grande casa branca com um vasto

jardim. Era a residência do príncipe Tcherbatov, aonde Pierre já fora muitas vezes e que, conforme soubera pelas conversas dos soldados, era ocupada agora pelo marechal duque de Eckmühl. Levaram os presos para perto do patamar e, um a um, foram introduzidos na casa. Pierre entrou em sexto lugar. Depois de atravessar a galeria envidraçada, o vestíbulo, a antecâmara, que ele conhecia, fizeram-no entrar no comprido escritório com teto baixo, onde, à porta, se achava um ajudante de ordens.

Davout estava sentado do outro lado do aposento, diante da mesa, com os óculos no nariz. Pierre chegou muito perto dele. Sem levantar os olhos, tentando entender o documento que tinha diante de si, Davout perguntou em voz baixa:

— Quem é você?

Pierre conservou-se calado. Não tinha forças para responder uma palavra. Davout não era um simples general francês, era um homem famoso pela sua crueldade. Olhando o semblante frio de Davout, que, como um professor severo, consentia por algum tempo em ter paciência e esperar a resposta, Pierre sentia que cada segundo de espera lhe podia custar a vida, mas não sabia o que dizer e não se decidia a repetir o que respondera no primeiro interrogatório. Revelar sua posição social era perigoso e vergonhoso. Pierre ficou calado e, antes que ele tivesse tempo de tomar alguma decisão, Davout ergueu a cabeça, tirou os óculos, pestanejou e olhou Pierre com atenção.

— Eu conheço este homem — disse Davout numa voz monótona e fria, que, evidentemente, tinha por fim atemorizar Pierre.

O frio que antes percorria a espinha de Pierre comprimia-lhe agora a cabeça como um par de tenazes.

— Meu general, o senhor não pode me conhecer. Eu nunca o vi.

— É um espião russo — interrompeu Davout, falando a um general que estava na sala e cuja presença Pierre não tinha notado.

Davout virou para outro lado. Pierre pôs-se a falar muito depressa, com uma firmeza inesperada.

— *Non, monseigneur* — disse, lembrando-se repentinamente de que Davout era duque. — Monsenhor não pode conhecer-me. Sou oficial da milícia e não saí de Moscou.

— O seu nome?

— Bezukhov.

— Como posso ter certeza de que não está mentindo?

— *Monseigneur!*... — exclamou Pierre num tom que não era ofendido, mas suplicante.

Davout tornou a levantar os olhos e observou Pierre fixamente. Durante alguns segundos os olhares de ambos se cruzaram. Foi a salvação de Pierre. Esse olhar estabeleceu entre os dois homens uma relação humana, uma relação alheia a todas as condições da guerra e da jurisdição. Nesse momento ambos sentiram vagamente, involuntariamente, uma porção de coisas e compreenderam que ambos eram filhos da humanidade, que eram irmãos.

Para Davout, antes de levantar a cabeça dos seus papéis, em que todas as ações e vidas humanas eram classificadas e numeradas, Pierre não passava de um dossiê como os outros e, sem lhe doer na consciência, podia mandar fuzilá-lo. Agora, porém, via nele um homem. Ficou pensativo por um instante.

— Como me provará a verdade do que diz? — perguntou Davout com frieza.

Pierre lembrou-se de Ramballe, citou o regimento dele, o nome e a rua onde ficava a casa.

— O senhor não é o que diz ser —olveu Davout.

Numa voz trêmula e entrecortada, Pierre pôs-se e enumerar as provas do que afirmava. Mas nesse momento um ajudante de ordens entrou e disse qualquer coisa a Davout. Ele pareceu satisfeito com a notícia trazida pelo ajudante de ordens e começou a abotoar o uniforme. Parecia ter esquecido Pierre.

Quando o ajudante de ordens lembrou que o preso estava ali, ele franziu o cenho, inclinou a cabeça na direção de Pierre e mandou que o levassem. Pierre ignorava para onde o conduziriam: de volta às cocheiras ou ao local das execuções, que os seus companheiros, ao atravessarem o Campo da Virgem, lhe tinham mostrado? Pierre virou a cabeça e viu que o ajudante de ordens estava perguntando qualquer coisa.

— Sim, sem dúvida — disse Davout.

Que sentido tinham essas palavras? Pierre não o sabia.

Não guardou na memória o tempo que esteve andando, para onde se dirigiu nem como o fez. No seu estado de completo choque, nada via em volta de si, movia os pés como os outros, e parou quando eles pararam. Um pensamento não

saía de sua cabeça: quem o condenava à morte? Não eram aqueles primeiros homens que o tinham interrogado: nenhum deles, evidentemente, tinha o poder ou o desejo de fazê-lo. Também não era Davout, que o olhara com uma expressão humana. Um momento mais e Davout teria compreendido que eles estavam procedendo mal. Fora a entrada do ajudante de ordens que impedira isso. Mas tão pouco esse ajudante de ordens, evidentemente, sentia alguma malevolência contra ele. É verdade que poderia não ter entrado. Quem, enfim, o matava, o privava da vida com todas as suas recordações, suas aspirações, suas esperanças, seus pensamentos? Quem fazia isso? E Pierre compreendeu que não era ninguém.

Era a disciplina e o encadeamento das circunstâncias.

Um sistema qualquer o matava, privava-o da vida, aniquilava-o.

XI

Da casa do príncipe Tcherbatov, os presos foram conduzidos ladeira abaixo e através do Campo da Virgem, à esquerda do monastério, para uma horta onde havia sido fincado um poste. Atrás do poste tinham cavado recentemente uma grande fossa, e nas proximidades de ambos estava reunida, em semicírculo, uma vasta multidão. Era composta de um pequeno número de russos e de muitos soldados de Napoleão: alemães, italianos e franceses, com uniformes diversos. À direita e à esquerda do poste mantinham-se alinhadas tropas francesas de uniforme azul com dragonas vermelhas, polainas e barretinas.

Os criminosos foram colocados em certa ordem, indicada pela lista (Pierre era o sexto), e fizeram com que eles se aproximassem do poste. De súbito rufaram alguns tambores, de ambos os lados. A esse som, pareceu a Pierre que uma parte da sua alma lhe era arrancada. Perdeu a capacidade de refletir; só lhe restou a capacidade de ver e ouvir. Não tinha senão um desejo: que aquela coisa terrível terminasse o mais depressa possível. Pierre examinava os seus camaradas. Os dois homens que estavam numa das extremidades eram presidiários e tinham sido barbeados na prisão. Um era alto e magro, o outro, moreno, peludo, musculoso, de nariz achatado. O terceiro da linha era um criado de quarenta e cinco anos aproximadamente, grisalho, gordo e bem nutrido. O quarto era um belo camponês, de olhos negros e grande barba ruiva. O quinto era um operário de fábrica, rapaz pobre e amarelado, de dezoito anos, trajando uma túnica de tecido grosseiro.

Pierre compreendeu que os franceses estavam deliberando para saber se deviam fuzilar um ou dois condenados de cada vez.

— Dois! — decidiu friamente o oficial superior.

Houve um movimento nas fileiras e todos se apressaram. Não era, porém, essa pressa com que se cumpre um ato que todos compreendem, mas sim a pressa com que se leva a cabo uma tarefa necessária, mas desagradável e incompreensível.

Um funcionário francês com uma faixa adiantou-se para o lado direito da fila dos presos e leu a sentença em russo e em francês. Em seguida, quatro franceses, dois a dois, aproximaram-se dos criminosos e, por indicação do oficial, pegaram os dois que estavam na ponta. Os presos avançaram para junto do poste, pararam ali, e enquanto um soldado ia buscar sacos, ficaram a olhar em silêncio ao redor de si, como um animal olha os caçadores que se aproximam. Um deles persignava-se incessantemente, o outro coçava as costas e seus lábios contraíam-se como num sorriso. Os soldados puseram-se a lhes vendar os olhos com rapidez, cobriram-lhes as cabeças com os sacos e amarraram-nos ao poste.

Doze atiradores armados de fuzis saíram das fileiras e, num passo regular e firme, fizeram alto a oito passos do poste. Pierre desviou o rosto para não ver o que ia acontecer. De repente, ouviu-se uma série de estalidos, depois um ruído que a Pierre pareceu mais forte que o fragor de um terrível trovão. Ele olhou. No meio da fumaça, os franceses, pálidos e com as mãos trêmulas, faziam qualquer coisa perto do buraco. Levaram os dois seguintes. Eles também olhavam para toda a gente em silêncio, com a mesma expressão, e seus olhares em vão imploravam auxílio. Pareciam não compreender o que ia acontecer nem acreditar naquilo. Não podiam acreditar porque só eles sabiam o que a vida representava para eles, por isso não acreditavam e não compreendiam que pudessem lhes tirar a vida.

Pierre virou de novo o rosto para não ver, mas de novo lhe feriu o ouvido uma detonação terrível e, ao mesmo tempo, ele avistou a fumaça, o sangue e os rostos pálidos, assustados dos franceses, que novamente faziam alguma coisa junto ao poste e, com as mãos trêmulas, empurravam-se uns aos outros. Respirando apressadamente, com o peito oprimido, Pierre olhava em torno de si e parecia

perguntar: “Mas o que significa tudo isso?” A mesma pergunta se lia em todos os olhares que Pierre encontrava.

Nas fisionomias dos russos, nas dos soldados e dos oficiais franceses, em todos os rostos sem exceção, ele lia o mesmo horror, o mesmo pavor, a mesma luta que se travava na alma. “Mas quem foi que fez isso? Todos eles sofrem como eu. Quem? Quem?”, perguntava Pierre a si mesmo.

— Atiradores do oitenta e seis, à frente! — gritou alguém.

Desta vez levaram só o quinto preso, que estava ao lado de Pierre. Ele não compreendeu que estava salvo, que ele e todos os demais só tinham sido trazidos ali para assistirem ao suplício. Com um horror cada vez maior, sem sentir alegria nem tranquilidade, observava o que se estava fazendo.

O quinto preso era o operário de fábrica. Quando lhe tocaram, ele deu um pulo, horrorizado, e agarrou-se a Pierre. Pierre estremeceu e desprendeuse dele. O operário não podia caminhar sozinho. Seguraram-no por baixo dos braços e arrastaram-no, enquanto ele gritava a plenos pulmões. Quando o aproximaram do poste, ele calou-se de súbito, como se tivesse compreendido afinal. Compreendera que gritava em vão ou que era impossível que o matassem, mas parou perto do poste, esperando a venda, como os outros, e, como um animal, olhou ao redor de si, com os olhos brilhantes. Pierre já não podia sequer desviar o rosto ou fechar os olhos. A esse quinto assassinio, sua emoção e a da multidão haviam chegado ao auge. Como os precedentes, o quinto condenado parecia calmo. Arrumava a túnica e esfregou os pés descalços um no outro.

Quando lhe vendaram os olhos, ele mesmo arranjou na nuca o nó que o incomodava. Em seguida, quando o amarraram ao poste ensanguentado, curvou-se um pouco para trás, mas, sentindo-se pouco à vontade nessa posição, tornou a aprumar-se e, com as pernas estendidas, apoiou-se comodamente.

Pierre não tirava os olhos dele, não perdia um só de seus movimentos. Deram sem dúvida a voz de comando, após o que, provavelmente, ressoaram os tiros de fuzil, mas por mais que Pierre procurasse mais tarde na memória, não se recordava de ter ouvido os tiros. Viu apenas que o operário desfalecia de repente, que o sangue aparecia em dois lugares, que as cordas se esticavam sob o peso do corpo e que o operário, de cabeça pendida, com as pernas dobradas como que se sentasse, tombava ao solo.

Pierre correu para o poste, sem que ninguém o detivesse. Alguns homens pálidos faziam qualquer coisa em volta do operário. O queixo de um velho soldado francês de grandes bigodes tremia enquanto ele desatava a corda. O corpo caiu. Às pressas, desajeitadamente, soldados arrastaram o corpo para trás do poste e o atiraram à fossa.

Todos sabiam, de maneira indiscutível, que eram criminosos e deviam esconder o mais depressa possível os vestígios do seu crime.

Pierre lançou um olhar ao buraco e viu ali o operário, com os joelhos erguidos à altura da cabeça, um ombro mais alto do que o outro. E esse ombro convulsionava em espasmos. Mas a terra já era atirada em cima dos corpos. Um soldado, em atitude hostil, gritou a Pierre que fosse embora, mas Pierre não o compreendeu. Ficava junto do poste e ninguém o tirava dali. Depois que acabaram de tapar o buraco, ouviu-se um comando. Levaram Pierre para o seu lugar e as tropas francesas alinhadas de cada lado do poste fizeram meia-volta e, a passo ordinário, desfilaram diante do poste. Os vinte e quatro atiradores, com os fuzis descarregados, aproximaram-se do local enquanto as tropas passavam.

Pierre observava agora com olhos esgazeados esses atiradores que, dois a dois, saíam do círculo. Todos, salvo um deles, foram reunir-se às suas companhias. Um jovem soldado, pálido como um defunto, com a barretina caída para trás, na nuca, continuava em frente à fossa, no lugar onde havia atirado. Titubeava como um bêbado, ora dando alguns passos para a frente, ora para trás, a fim de equilibrar o corpo trêmulo. Um velho militar, um suboficial, saiu das fileiras, agarrou o moço pelo ombro e o fez entrar em linha. A multidão de russos e de franceses dispersou-se. Todos caminhavam em silêncio, de cabeça baixa.

— Isso é para lhes ensinar a não incendiar... — disse um francês.

Pierre voltou-se para o homem que falara. Notou que era um soldado, que queria se consolar pelo que tinha feito, mas não o conseguia. Sem terminar a frase, fez um gesto com a mão e afastou-se.

XII

Depois da execução, Pierre foi separado dos outros presos e deixaram-no só numa capela saqueada.

À noite, o suboficial de serviço entrou com dois soldados na capela e informou a Pierre que ele recebera indulgência e que o alojariam nas barracas dos prisioneiros de guerra. Sem compreender o que lhe diziam, Pierre levantou-se e acompanhou os soldados. Conduziram-no para as barracas construídas com vigas queimadas, na parte superior do acampamento, e fizeram-no entrar numa delas. Na escuridão, umas vinte pessoas se juntaram ao redor de Pierre. Ele as olhava sem fazer ideia de quem seriam, por que motivo se achavam ali e o que queriam dele. Ouvia as palavras que lhe diziam, mas sem tirar delas nenhuma conclusão, nenhuma explicação. Não compreendia o que queriam dizer. Respondeu às perguntas que lhe eram dirigidas, sem saber quem as fazia e de que modo eram interpretadas as suas respostas. Olhava para os rostos e para as pessoas, e todos lhe pareciam igualmente incompreensíveis.

Depois de ter assistido à horrível matança cometida por aqueles homens contra a vontade deles, Pierre experimentava uma sensação particular: parecia-lhe que a mola interna que movia a sua alma e que dava vida a tudo o que via fora arrancada e agora tudo estava reduzido a pó. Sem que ele soubesse como, aniquilara-se a sua fé na ordem do universo, na alma humana, em sua própria alma, em Deus. Não era a primeira vez que Pierre sentia isso, mas nunca o sentira tão vivamente como agora. Antes, quando lhe vinha uma dúvida semelhante, a fonte dessa dúvida estava num erro seu, e então Pierre sentia, no íntimo, que nele mesmo residia o meio de se libertar do desespero e da dúvida. Agora, porém, sentia que não era a causa desse desmoronamento do mundo diante de seus olhos, só deixando ruínas. Sentia que não estava em seu poder recuperar a fé na vida.

Em volta dele, na escuridão, as pessoas não se moviam. Provavelmente alguma coisa, em Pierre, os divertia muito. Falavam com ele, depois levaram-no para alguma parte, e enfim ele se encontrou num canto da barraca, cercado de pessoas que conversavam, de um lado a outro, rindo.

— Pois é isso, rapazes... foi este mesmo príncipe *que*... — A palavra era pronunciada com uma entonação especial, por uma voz que falava no outro canto da barraca.

Sentado, silencioso e imóvel, sobre um monte de palha junto à parede, Pierre ora abria os olhos, ora tornava a fechá-los. Mas assim que fechava os olhos via

diante de si o mesmo rosto terrível, por sua simplicidade, do operário e as fisionomias não menos terríveis dos assassinos involuntários.

De novo abria os olhos e olhava ao acaso, no escuro. Ao lado dele estava sentado, com o corpo recurvo, um homem pequeno cuja presença Pierre notou de começo, pelo forte cheiro de suor que se desprendia dele a cada movimento que fazia. Esse homem estava mexendo nas pernas e, embora Pierre não visse o rosto, notava que ele não cessava de fitá-lo. Firmando a vista na escuridão, Pierre compreendeu que o homem estava se descalçando, e a maneira como ele o fazia despertou o interesse de Pierre.

Tendo desatado os cordões que amarravam um dos pés, ele os enrolou cuidadosamente e logo passou ao outro pé, lançando olhares a Pierre. Enquanto uma das mãos segurava o cordão enrolado, a outra já desamarrava o outro pé. Cuidadosamente, com movimentos regulares, o homem descalçou-se, pendurou os calçados nuns cabides de madeira fixos à parede acima da sua cabeça, depois pegou uma faca, cortou qualquer coisa, tornou a dobrar a faca, que pôs debaixo do travesseiro, instalou-se comodamente na cama, segurando os joelhos com os braços, e fitou Pierre.

Pierre sentia qualquer coisa de agradável, de consolador e de coordenado nos movimentos regulares, no cantinho bem arrumado, e até no cheiro desse homem que não tirava os olhos dele.

— Então, tem visto muitas desgraças, meu senhor? Hein? — disse de repente o homenzinho.

Sua voz cantante tinha uma expressão tão simples e tão afetuosa que Pierre quis responder, mas os seus lábios tremiam e ele sentia lágrimas subirem aos olhos. Imediatamente, sem dar a Pierre o tempo de mostrar o seu constrangimento, o homenzinho recomeçou a falar na mesma voz agradável.

— É, gaviãozinho, não te aborreças! — disse ele naquela voz terna, carinhosa e cantante com que falam as velhas russas. — Não te aborreças, meu amigo, o pesar dura uma hora e a vida, um século! É assim, meu caro. E nós vivemos aqui, graças a Deus, sem miséria. Eles também são homens. Tem bons e maus. — E, com um movimento elástico, levantou-se, pigarreando, e dirigiu-se para alguma parte.

— Olha quem está aí. Ah, canalhinha, voltaste! — disse na outra extremidade da barraca a mesma voz terna. — Ela voltou, ela não se esqueceu! Está bem, chega, chega!

E o soldado, repelindo um cãozinho que lhe fazia festas, voltou a sentar-se no seu lugar. Tinha nas mãos um pacote enrolado num pano.

— Tome lá, meu senhor, coma — disse ele, voltando ao seu tom respeitoso e dando a Pierre algumas batatas cozidas. — Tomamos sopa no almoço, mas estas batatas são excelentes.

Pierre ainda não comera naquele dia e o cheiro das batatas lhe pareceu extremamente apetitoso. Agradeceu ao soldado e pôs-se a comer.

— Que tal? — disse o soldado, sorrindo. E, pegando uma batata: — Faça assim.

Pegou novamente a faca, cortou a batata em duas metades iguais, espalhou sobre elas uma pitada de sal que tirou de dentro do embrulho de pano e ofereceu a Pierre.

— Ótimas batatas — repetiu. — Coma assim.

Parecia a Pierre nunca ter comido nada mais saboroso.

— Não, para mim, está bem — disse Pierre —, mas por que fuzilaram aqueles infelizes? O mais moço não tinha vinte anos!

— Tsc... tsc... — fez o homenzinho. — Quanto pecado! Quanto pecado!... — acrescentou rapidamente e, como se tivesse as palavras sempre prontas na ponta da língua e as deixasse escapar por acaso, prosseguiu: — Como foi, então, que o senhor ficou em Moscou?

— Eu não acreditava que eles chegariam tão depressa. Fiquei por acaso — respondeu Pierre.

— Mas, paizinho, como foi que eles te prenderam na tua própria casa?

— Não, eu tinha ido ver o incêndio e eles me prenderam e me julgaram como incendiário.

— Sim, onde há o julgamento, há a injustiça! — acrescentou o homenzinho.

— E tu, há muito tempo que estás aqui? — perguntou Pierre, mastigando a última batata.

— Não! Prenderam-me domingo passado no hospital.

— És soldado?

— Nós éramos soldados do regimento de Apcheron. A febre quase me levou. Não nos avisaram nada. Éramos uns vinte homens lá. Nem sequer pensávamos...

— Então, te aborreces aqui? — perguntou Pierre.

— Como não se aborrecer, paizinho? Meu nome é Platão, Platão Karataiev — acrescentou, evidentemente para facilitar a aproximação com Pierre. — No regimento me chamam Gaviãozinho. Como não se aborrecer, paizinho?! Moscou é a mãe de todas as cidades. Como não ficar triste ao ver isso?! Porém, a lagarta come a couve, mas morre antes dela! Assim dizem os velhos — acrescentou vivamente.

— Como, como foi que disseste? — perguntou Pierre.

— Eu? Eu digo que não é segundo a nossa razão, mas como Deus acha melhor — disse o outro, julgando repetir exatamente o que dissera antes. E, sem se deter, continuou: — Mas o senhor tem propriedades? E uma casa? Com despensa repleta, não é? E a sua senhora? E os seus pais, vivem ainda? — perguntou.

Pierre não enxergava na escuridão, mas sentia que os lábios do soldado se abriam num sorriso terno durante esse interrogatório. Pareceu comovido ao saber que Pierre não tinha mais pais, principalmente que não tinha mãe.

— A esposa é para aconselhar, a sogra para receber bem, mas nenhuma é mais querida que a nossa mãe! — disse ele. — E o senhor tem filhos? — tornou a perguntar.

A resposta negativa de Pierre o entristeceu novamente e ele apressou-se em acrescentar:

— Ora, o senhor é moço ainda, e com a graça de Deus há de tê-los ainda. Apenas é preciso viver em paz e com juízo.

— Ah, agora tudo me é indiferente! — exclamou Pierre involuntariamente.

— É, meu caro, ninguém tem certeza de escapar da sacola do mendigo e da prisão — objetou Platão. Acomodou-se no assento e pigarreou, arrumando-se evidentemente para fazer uma longa narrativa: — É isso, meu caro amigo. Eu também vivi na minha casa, os domínios do meu amo eram muito ricos, havia muitas terras, os camponeses viviam bem e a nossa casa, graças a Deus,

prosperava. Meu pai ia para a ceifa acompanhado de seis filhos. Vivia-se bem. Éramos verdadeiros camponeses. Mas aconteceu que...

E Platão Karataiev contou uma longa história: ele tinha ido furtar lenha na floresta vizinha e um guarda o pegara, foi castigado, julgado e alistado no exército.

— Pois queres saber, meu caro? — disse ele, com a voz modificada por um sorriso. — Nós julgávamos que aquilo fosse uma desgraça, ao passo que era uma felicidade! Se não fosse o meu pecado, seria o meu irmão que seria levado, e o meu irmão mais moço tem cinco filhos, enquanto que eu só tinha minha mulher. Tivemos uma filha, mas Deus tomou-a da gente antes de me alistarem. Precisas saber que fui à minha casa quando estava de licença e encontrei-os em melhores condições do que antes, com as estrebarias cheias de animais, as mulheres em casa, meus dois irmãos fora, ganhando o seu pão, e só o caçula, Mikhail, em casa. E o pai disse: “Para mim, todos os meus filhos são iguais. Qualquer dedo que me mordam dói-me da mesma maneira. Se não tivessem levado Platão seria Mikhail.” Chamou a nós todos e nos pôs diante do ícone: “Mikhail”, disse, “curva-te diante dele; e tu também, mulher, e vós, crianças, curvar-vos. Compreendestes, meninos?” Pois é isso, meu caro amigo. O destino procede conforme entende, e nós sempre a dar opinião: isto não está bom, aquilo está mau. A nossa felicidade, meu amigo, é como a água na rede do pescador: puxa-se, e ela está cheia; tira-se para fora, e não tem nada. É assim mesmo.

E Platão acomodou-se na palha. Após um momento de silêncio, levantou-se.

— Então, tens vontade de dormir?

Começou a persignar-se rapidamente e a murmurar:

— Jesus Cristo Nosso Senhor, São Nicolau, Frola e Lourenço. Jesus Cristo Nosso Senhor, São Nicolau, Frola e Lourenço, Jesus Cristo Nosso Senhor, perdoa-nos e salva-nos! — concluiu.

Curvou-se muito baixo, ergueu-se em pé e sentou-se na palha.

— Muito bem. Deus, ajuda-me a dormir como uma pedra e a me levantar como pão fresco! — disse ele, deitando-se e cobrindo-se com o capote.

— Que oração foi essa que fizeste? — perguntou Pierre.

— O quê? — respondeu Platão, que ia pegando no sono. — O que foi que eu disse? Rezei a Deus. E tu, não rezas também?

— Sim, eu também. Mas o que quer dizer “Frola e Lourenço”?

— Como assim?! — replicou Platão vivamente. — São padroeiros dos cavalos. É preciso ter também piedade dos animais. Ah! Canalhinha! Enroscou-se toda! Está quentinha, a filha de uma cadela! — disse, apalpando o cão perto dos seus pés. Depois virou-se e adormeceu imediatamente.

Lá fora ouviam-se gritos, choros, e por um buraco da barraca via-se um fogo. Ali dentro, porém, tudo estava escuro e silencioso. Pierre tardou muito a pegar no sono. Deitado de costas, no escuro, com os olhos abertos, ouvia o roncar de Platão perto dele e sentia que o mundo, antes destruído, se erguia novamente na sua alma, com uma nova beleza, sobre alicerces novos e inabaláveis.

XIII

Na barraca para onde haviam conduzido Pierre e onde ele permaneceu durante quatro semanas, achavam-se como prisioneiros vinte e três soldados, três oficiais e dois funcionários públicos.

Passado um tempo, toda essa gente ainda aparecia na memória de Pierre como que envolta num nevoeiro, mas Platão Karataiev ficou para sempre em sua alma como a mais forte e mais querida recordação, o símbolo de tudo quanto havia de russo, de bondoso e de redondo.

Na manhã seguinte, quando Pierre observou seu vizinho, confirmou-se definitivamente aquela primeira impressão de redondeza. Toda a pessoa de Platão, com o seu capote francês curto e uma faixa amarrada na cintura, o seu gorro e os seus *lapti*, era redonda: as costas, o peito, os ombros e até os braços, que ele sempre mantinha na posição de quem ia enlaçar qualquer coisa, eram redondos. O sorriso agradável e os grandes olhos castanhos e ternos também eram redondos. Platão Karataiev devia ter cerca de cinquenta anos, a julgar pelas suas histórias de campanhas. Quanto a ele, não sabia nem podia precisar a sua idade, mas os dentes alvos e sadios, que apareciam em duas fileiras quando ele ria (o que fazia amiúde), eram bonitos e bem conservados. Nem nos cabelos nem na barba havia um só fio branco, e todo o seu corpo tinha um aspecto elástico, firme e resistente.

O rosto, apesar das pequenas rugas em arco, tinha uma expressão de inocência e de mocidade. Sua voz era agradável e cantante, mas a principal

característica do seu modo de falar consistia na franqueza e na ausência de amarras. Era evidente que ele nunca pensava no que dizia ou no que ia dizer, e por essa razão a espontaneidade e a firmeza das suas entonações revelava uma persuasão penetrante.

Sua força física e sua disposição, nos primeiros tempos de prisão, eram tais que ele parecia não compreender o que significavam a fadiga e a doença. Todas as noites, ao se deitar, dizia: “Deus, faze-me dormir como uma pedra e levantar-me como pão fresco.” Pela manhã, ao sair da cama, dizia sempre, sacudindo os ombros: “Deita-te e enrola-te, depois te levanta e mexe-te.”

E com efeito, logo que se deitava adormecia como uma pedra, e nem bem levantava quando, sem perder um instante, punha-se a lidar em alguma coisa, como as crianças que pegam os seus brinquedos logo que acordam. Sabia fazer tudo, nem muito bem nem muito mal: cozinhava, amassava pão, costurava, carpintejava, fazia calçados. Estava sempre ocupado, e só à noite entabulava as conversas de que tanto gostava e cantava canções. Não o fazia como esses cantores profissionais que sabem ser escutados, mas como os pássaros, porque sentia a necessidade de emitir sons melódiosos como sentia a necessidade de estirar-se, de caminhar. E esses sons eram sempre suaves, ternos, quase femininos, e o rosto de Platão, ao cantar, permanecer sério.

Depois de feito prisioneiro, tendo deixado crescer a barba, abandonara por completo as maneiras de soldado e voltara involuntariamente à sua antiga natureza campesina.

— O soldado em licença deve tirar a camisa para fora das calças [\[45\]](#) — dizia ele. Não gostava de falar do seu tempo de serviço, embora não se queixasse e repetisse amiúde que nunca havia sido castigado no regimento. Quando contava histórias, eram quase sempre velhas recordações, evidentemente felizes para ele, da vida de camponês. Os provérbios que salpicavam nas suas falas não eram os ditos audaciosos e quase sempre indecentes dos soldados, mas adágios populares que, isoladamente, parecem destituídos de significação, mas deixam de súbito entrever a expressão de uma sabedoria profunda quando empregados a propósito. Contradiziam-se muitas vezes, mas todos eles eram justos. Platão gostava de falar e o fazia bem, usando palavras carinhosas e frases que pareciam para Pierre inventadas. O principal encanto das suas narrações, porém, consistia

em que os mais simples acontecimentos, por vezes acontecimentos que Pierre presenciara sem os notar, assumiam um caráter solene. Platão gostava de ouvir os contos (sempre os mesmos) que à noite desfiava um soldado, mas preferia as histórias verdadeiras. Ao ouvir essas narrativas sorria alegremente, encaixando frases e fazendo perguntas para extrair a moral do que se contava. Karataiev não tinha nenhuma relação, nenhuma amizade, nenhum amor como os entendia Pierre, mas amava aqueles de quem a vida o aproximava e vivia amigavelmente com eles, principalmente com as pessoas — não determinadas pessoas, mas aquelas que se encontrassem perto dele. Gostava do seu cão, gostava dos seus camaradas, dos franceses, gostava de Pierre, que era seu vizinho, mas Pierre sentia que, apesar de toda a sua ternura para com ele, Karataiev não ficaria triste um só instante ao se separarem. E Pierre começava a experimentar o mesmo sentimento para com Karataiev.

Para todos os outros prisioneiros, Platão Karataiev era o mais comum dos soldados. Chamavam-no Gaviãozinho ou Platocha, zombavam um pouco dele, mandavam-no buscar coisas. Mas para Pierre, desde a primeira noite, ele aparecera como o ser incompreensível, redondo, a personificação constante da verdade e da simplicidade, e assim permaneceria para sempre.

Platão Karataiev nada sabia de cor, exceto a sua oração. Quando começava a falar, parecia não saber como terminar. Por vezes, impressionado com o sentido das suas palavras, Pierre lhe pedia que as repetisse, mas Platão não conseguia lembrar-se do que dissera um minuto antes, assim como nunca podia repetir a Pierre a sua canção favorita. Nessa canção havia “minha querida betulazinha” e “a angústia me invade”, mas na narrativa essas palavras deixavam de ter qualquer significação. Ele não compreendia nem podia compreender o sentido das palavras tomadas isoladamente. Cada palavra, cada ato era a manifestação da atividade desconhecida dele que era a sua vida. Mas a sua vida, tal como ele próprio a considerava, não tinha sentido como existência particular, só o tinha como parte de um todo que ele nunca deixava de sentir. As palavras e os atos emanavam de Platão com a mesma necessidade e a mesma espontaneidade com que o perfume se desprende da flor. Era incapaz de compreender o valor ou o sentido de um ato ou de uma palavra considerados à parte.

XIV

Tendo sabido por Nicolau que o príncipe André estava com os Rostov em Iaroslav, a princesa Maria, apesar das exortações da tia, apressou-se imediatamente para partir. Não ia só, mas com o seu sobrinho. Não cogitava nem desejava saber se a empreitada era fácil ou difícil, possível ou impossível. Seu desejo era estar junto do irmão, talvez agonizante, e também de fazer tudo quanto pudesse para levar-lhe o filho. E aprontava-se para partir. O fato de não lhe escrever o príncipe André pessoalmente era explicado, aos olhos da princesa Maria, por sua fraqueza ou por ele achar que o trajeto era demasiadamente longo e perigoso para ela e para o filho.

Em poucos dias, a princesa Maria ficou pronta. Viajara na enorme carruagem do príncipe, em que viera para Voroneje, levando uma pequena caleça e uma carreta. Seria acompanhada por Mademoiselle Bourienne, Nicolau e o preceptor deste, a velha criada, três criadas de quarto, Tikhon, um jovem laçao e um heiduque emprestado pela tia. Não se podia tomar o caminho ordinário, por Moscou, e a volta que a princesa Maria tinha de fazer, por Lipetzk, Riazan, Vladimir e Chuia, era muito longa e não haveria sempre cavalos de muda. A estrada era difícil e, perto de Riazan (onde, segundo se dizia, apareciam franceses), tornava-se mesmo perigosa.

Durante a penosa viagem, Mademoiselle Bourienne, Desalles e os criados da princesa Maria admiraram-se da sua energia e atividade. Era a última a deitar-se e a primeira a levantar-se. Nenhum obstáculo a detinha. Graças à sua atividade e à sua energia, que estimulavam os companheiros de viagem, ao termo da segunda semana estavam próximos de Iaroslav.

Os últimos tempos de sua estada em Voroneje tinham sido, para a princesa Maria, os melhores de sua vida. Já não a atormentava nem perturbava o seu amor por Nicolau Rostov. Esse amor lhe enchia toda a alma, tornava-se parte da sua pessoa, já não lutava contra ele. Nesses últimos dias, a princesa Maria se convencera — sem jamais o dizer a si mesma — de que amava e era amada. Adquirira essa convicção no último encontro com Nicolau, quando ele viera anunciar-lhe que o seu irmão estava com os Rostov. Nicolau não fizera nenhuma alusão ao fato de que agora, em caso de curar-se, o príncipe André poderia reatar as antigas relações com Natacha, mas a princesa Maria lera-lhe no rosto que ele o sabia e pensava nisso. E, contudo, não só não se alteravam as suas relações com ela, muito ternas e amorosas, como ele parecia alegrar-se de que o

parentesco com a princesa Maria lhe permitisse dar mais livre expressão à sua amizade amorosa. Assim pensava a princesa Maria, sabendo que ela amava pela primeira e última vez na sua vida. Sabia-se amada, e com respeito a isso estava tranquila e feliz.

Mas essa felicidade parcial não a impedia de se compadecer do irmão com toda a força da sua dor; pelo contrário, a serenidade de espírito lhe dava mais facilidade de se entregar por inteiro aos sofrimentos relativos ao irmão. Tão forte era a sua inquietação nos primeiros momentos da partida que os que a acompanhavam estavam convencidos, observando-lhe o rosto torturado e desesperado, de que ela adoeceria na viagem. Mas as dificuldades e os cuidados da viagem a que se dedicou febrilmente a princesa Maria na verdade salvaram-na do seu sofrimento e lhe deram forças.

Como sempre acontece em viagem, a princesa Maria só pensava na própria viagem e esquecia o seu objetivo. Mas ao aproximar-se de Iaroslav, aquilo que talvez a esperava — e não mais daqui a muitos dias, mas naquela mesma noite — tornou a se apresentar com clareza ao espírito, e a sua emoção alcançou o auge.

Quando o heiduque, enviado antecipadamente para informar-se sobre a morada dos Rostov e a saúde do príncipe André, veio ao encontro da carruagem próxima à entrada da cidade, assustou-se ao ver surgir à portinhola o rosto terrivelmente pálido da princesa Maria.

— Informe-me de tudo, Excelência. Os Rostov estão morando na praça, em casa do negociante Bronikov. Fica à margem do Volga, não muito longe daqui — disse ele.

A princesa Maria fitava-o com horror, interrogativamente, sem compreender por que ele não respondia à pergunta mais importante: como vai o meu irmão? Foi Mademoiselle Bourienne que fez essa pergunta pela princesa:

— Como vai o príncipe?

— Sua Excelência está com eles, na mesma casa.

“Então está vivo”, pensou a princesa Maria. E indagou em voz alta:

— Como ele está?

— Os criados dizem que continua na mesma situação.

O que queria dizer este “na mesma situação”? A princesa não perguntou. Contentou-se em olhar furtivamente para o menino de sete anos que, sentado diante dela, se divertia contemplando a cidade. Depois baixou a cabeça e só tornou a levantá-la quando a grande carruagem estacou, com estrépito e vacilando nas molas. O estribo foi baixado ruidosamente e abriu-se a portinhola.

À esquerda havia água, um grande rio. A direita, o patamar onde esperavam alguns criados e uma jovem de faces rosadas e frescas, com cabelos pretos arranjados em comprida trança e que, segundo pareceu à princesa Maria, tinha um sorriso fingido e desagradável. (Era Sônia.) A princesa subiu rapidamente os degraus. A moça do sorriso fingido disse:

— Por aqui, por aqui.

E a princesa Maria encontrou-se na antecâmara, diante de uma mulher idosa, de tipo oriental, que, com expressão comovida, vinha depressa ao seu encontro. Era a velha condessa. Abraçou a princesa Maria e beijou-a muitas vezes.

— Minha filha, há muito que a conheço e estimo — disse ela.

Apesar da emoção, a princesa Maria compreendeu que era a velha condessa e que devia dizer-lhe alguma coisa. Sem saber como lidar, pronunciou algumas frases corteses em francês, respondendo às que lhe eram dirigidas, após isso, perguntou:

— Como ele está?

— O doutor diz que ele não corre perigo — respondeu a condessa. Mas enquanto alçava os olhos, dando um suspiro, e este movimento contradizia as suas palavras.

— Onde está? Posso vê-lo? — perguntou a princesa.

— Imediatamente, princesa. Imediatamente, minha querida. Este é o filho dele? — disse a outra, indicando o pequeno Nicolau, que entrava com Desalles. — Podemos acomodá-los todos nesta casa, que é muito grande. Oh, que criança encantadora!

A condessa levou a princesa ao salão. Sônia conversava com Mademoiselle Bourienne e a condessa acariciava o menino. O velho conde entrou no salão para cumprimentar a visitante. Mudara muito desde a última vez que a princesa o tinha visto.

Era então um belo idoso, forte e jovial. Agora parecia medroso, lastimável. Enquanto conversava com a princesa, ele olhava em redor de si, como para certificar-se de que estava fazendo o que devia. Após a ruína de Moscou e das suas propriedades, arrancado de seus hábitos, perdera visivelmente o senso da sua importância e sentia que não havia mais lugar para ele na vida.

Apesar do seu desejo único de ver o irmão o mais depressa possível, embora contrariada por se ver naquela situação, em que adulavam o sobrinho com afetação e enchiam-na de cuidados, a princesa Maria notava o que acontecia em torno dela e sentia a necessidade de submeter-se, por ora, às normas desse novo ambiente em que agora estava. Sabia que tudo isso era necessário e, ainda que lhe fosse aborrecido, não lhes desejava mal por isso.

— Esta é a minha sobrinha — disse o conde, apresentando Sônia. — Não a conhecia, princesa?

Procurando sufocar o sentimento de hostilidade que começava a despertar na sua alma, a princesa beijou Sônia. Mas estava se tornando penoso ver que a disposição de espírito dos que a rodeavam era tão alheia ao pensamento em que estava absorta.

— Onde está ele? — perguntou pela terceira vez, dirigindo-se a todos.

— Está embaixo. Natacha está com ele — disse Sônia, corando. — Mandamos saber como ele vai. Deve estar fatigada, princesa.

A princesa tinha lágrimas nos olhos, de contrariedade. Voltou a cabeça e quis perguntar o caminho à condessa. Mas de súbito ouviram-se atrás da porta uns passos leves, vivos e quase alegres. A princesa voltou-se e viu Natacha, que entrava quase correndo, aquela mesma Natacha que tanta antipatia lhe despertara por ocasião de sua visita a Moscou.

Mas nem bem tinha posto os olhos no rosto de Natacha, a princesa Maria compreendeu que ela era a sua verdadeira companheira de dor, e, por conseguinte, sua amiga. Lançou-se ao encontro dela, abraçou-a e, reclinando a cabeça no seu ombro, chorou.

Assim que a informaram da chegada da princesa Maria, Natacha, que estava sentada à cabeceira do príncipe André, saíra do quarto a passos rápidos, que pareceram alegres à princesa Maria, e correra para recebê-la.

Ao entrar no aposento, o seu rosto comovido só tinha uma expressão, que era a do amor infinito por ela e por ele, por todos os entes chegados ao homem que ela amava, expressão de piedade e de participação no sofrimento alheio, e do apaixonado desejo de se dedicar inteiramente a ajudá-los. Via-se que nesse momento ela não pensava de modo algum em si mesma e nas suas relações para com ele.

Ao primeiro olhar que lançou ao rosto de Natacha, a intuitiva princesa Maria compreendeu tudo isso e, reclinando a cabeça no seu ombro, chorou, aflita.

— Venha, venha ao quarto dele — disse Natacha, arrastando-a para o outro aposento.

A princesa Maria levantou o rosto, enxugou os olhos e voltou-se para Natacha. Sentia que, por ela, saberia e compreenderia tudo.

— O que... — começou a perguntar. Mas calou-se repentinamente, sentindo que nada poderia perguntar nem exprimir com palavras. O rosto e os olhos de Natacha é que deviam explicar tudo, de maneira mais clara e profunda.

Natacha fitou-a, mas parecia indecisa e atemorizada de dizer tudo que sabia. Parecia sentir que, diante daqueles olhos luminosos que lhe penetravam até o fundo do coração, não poderia deixar de dizer toda a verdade. Os lábios de Natacha tremeram, feias rugas se formaram de repente em torno de sua boca e, soluçando, ela escondeu o rosto nas mãos.

A princesa Maria compreendeu tudo.

Não podia, entretanto, renunciar à esperança, e interrogou com palavras, embora não acreditasse nelas:

— Mas como vai o ferimento? Qual é o seu estado geral?

— Você... você verá — foi tudo que Natacha conseguiu responder.

No térreo, sentaram-se junto à porta do quarto, o tempo necessário para secar as lágrimas e entrar com semblante sereno.

— Qual tem sido o desenvolvimento da doença? Há muito que ele piorou? Quando foi que isso aconteceu? — perguntava a princesa Maria.

Natacha contou que nos primeiros tempos o perigo consistia no estado febril e nas dores, mas nas proximidades do convento de Troitza tudo isso havia cessado e o médico passara a temer unicamente a gangrena. Mas também esse perigo passara... Ao chegarem em Iaroslav, a ferida começara a supurar (Natacha

conhecia muito bem tudo que dizia respeito à supuração) e o médico tinha declarado que a supuração podia melhorar aos poucos. Depois voltara a febre, e o doutor a dizia menos perigosa agora.

— Mas há dois dias, de repente, houve esta mudança... — disse, contendo os soluços. — Não sei explicar isso, mas você verá o estado dele.

— Está muito fraco, emagreceu muito? — interrogava a princesa Maria.

— Não, não é isso, é pior. Você verá. Ah! Maria, ele é bom demais. Ele não pode viver. Não pode viver, porque...

XV

Quando Natacha abriu a porta com um movimento ágil, deixando passar adiante a princesa, esta sentia já os soluços comprimirem sua garganta. Por mais que tratasse de se acalmar, sabia que não teria forças para conter as lágrimas diante dele.

A princesa Maria compreendia o que Natacha quisera dizer com as palavras “há dois dias houve uma mudança”. Isso significava que ele se abrandara repentinamente e que esse enternecimento, essa prostração, eram os precursores da morte. Ao aproximar-se da porta, revia em mente o rosto do Andrucha que ela conhecera menino, aquele rosto meigo, suave, que mais tarde se mostrava tão raramente e que por isso mesmo a impressionava tanto. Estava certa de que ele lhe diria palavras doces e ternas, como as que dissera seu pai agonizante, e que ela não poderia ouvi-las sem soluçar. Mas, como era preciso enfrentar cedo ou tarde essas coisas, entrou no quarto. Os soluços lhe subiam cada vez mais fortes à garganta, à medida que, com os olhos míopes, ela distinguia o corpo dele e procurava os traços da sua figura. Mas de súbito viu seu rosto, e os olhares de ambos se cruzaram.

O príncipe André estava deitado no sofá, cercado de travesseiros, com um robe forrado de pele de esquilo. Estava magro e pálido. Uma de suas mãos magras, brancas e transparentes segurava um lenço, a outra cofiava o fino bigode, que havia crescido. Seus olhos contemplavam as pessoas que entravam.

Quando os olhares dos dois se cruzaram, a princesa Maria reduziu subitamente o passo e sentiu que as suas lágrimas secavam e os soluços

cessavam: a expressão que notara no rosto e no olhar dele intimidara-a de repente e a fizera sentir-se culpada.

“Mas qual é a minha culpa?”, perguntou a si mesma.

“É a culpa de estar cheia de vida e de pensar na vida, enquanto eu...!”, respondia o olhar frio e severo.

Naquele olhar profundo com que ele envolveu lentamente sua irmã e Natacha, havia quase uma expressão de hostilidade, havia algo absorvido em si mesmo.

Beijou a irmã e apertou-lhe a mão, como costumava fazer.

— Bom dia, Maria. Como vieste até aqui? — perguntou numa voz estranha e descolorida, como o seu olhar. Se ele tivesse soltado um grito penetrante, desesperado, esse grito causaria menos terror à princesa Maria do que o seu olhar. — Trouxeste Nicolau? — acrescentou na mesma voz átona e lenta, fazendo um esforço visível para concentrar as suas recordações.

— Como te sentes agora? — perguntou a princesa Maria, admirada de suas próprias palavras.

— Minha querida, debes perguntar isso ao doutor. — E, fazendo novo esforço para falar com ternura, disse, apenas com os lábios (via-se que ele não percebia em absoluto o que dizia): — Obrigado, minha querida irmã, por teres vindo.

A princesa Maria segurou a mão dele, o que o fez franzir levemente o cenho. Ele ficou em silêncio, ele não sabia mais o que dizer. Nas suas palavras, no seu tom de voz e principalmente no seu olhar frio, quase hostil, sentia-se o afastamento, terrível num homem ainda com vida, de tudo da vida.

Era com esforço evidente que ele compreendia tudo o que dizia respeito à vida, mas sentia-se ao mesmo tempo que a dificuldade não provinha do fato de estar ele privado da capacidade de compreender, mas de se achar absorvido por outras coisas, que ele compreendia, mas que eram ininteligíveis aos vivos.

— Sim, aí vêes como o destino nos reuniu — disse o príncipe André, rompendo o silêncio e apontando Natacha. — Ela não sai da minha cabeceira e cuida de mim, como vêes.

A princesa Maria escutava-o, sem entender o que ele dizia. Como podia o meigo príncipe André falar assim diante daquela que o amava e que era amada por ele? Se tivesse esperanças de viver, não teria dito isso num tom tão frio e tão ofensivo. Se não tivesse certeza de morrer, como poderia não ter piedade dela,

como poderia falar assim diante dela? Só era possível uma explicação: é que tudo lhe era indiferente, porque outra coisa lhe fora revelada, outra coisa mais bela e mais importante.

A conversa era fria e interrompia-se a cada instante.

— Maria passou por Riazan — disse Natacha. O príncipe André não reparou que ela chamava sua irmã de Maria e, chamando-a assim diante dele, Natacha percebeu pela primeira vez que o fazia.

— E então? — disse ele.

— Contaram-lhe que Moscou fora completamente destruída pelo incêndio. E que...

Natacha calou-se. A conversa tornava-se impossível. Via-se que ele fazia um esforço tremendo para escutar.

— Sim, dizem que Moscou foi incendiada, é uma pena! — fez o príncipe André. E olhava diante de si, enquanto os seus dedos eriçavam os pelos do bigode a esmo. — Tu te encontraste com o conde Nicolau, Maria — disse de súbito, no desejo evidente de lhes ser agradável. — Ele escreveu aos parentes dizendo que gosta muito de ti — continuou tranquilamente, com simplicidade, sem parecer compreender toda a importância que essas palavras tinham para pessoas vivas. — Se também gostas dele, seria bom... que se casassem os dois — acrescentou em voz um pouco mais rápida, contente por ter enfim encontrado as palavras que procurava havia muito.

A princesa Maria escutava aquelas palavras, que não tinham para ela nenhuma significação, salvo a de provar que ele já não pertencia ao mundo dos vivos.

— Para que falar em mim? — respondeu ela em tom tranquilo, olhando para Natacha, que não se mexeu, embora sentisse o olhar sobre ela. De novo os três se calaram.

— André, tu... tu queres ver Nikoluchka? Ele pergunta de você o tempo todo — disse de repente a princesa Maria, em voz trêmula.

Pela primeira vez o príncipe André esboçou um sorriso, mas a princesa Maria, que tão bem conhecia todas as expressões do seu rosto, compreendeu horrorizada que não era um sorriso de alegria ou de ternura pelo filho, mas um

sorriso de suave zombaria para com a princesa Maria. No seu modo de ver, ela tentava o recurso extremo para acordar seus sentimentos.

— Sim, gostaria muito de ver Nikoluchka. Ele vai bem?

Quando trouxeram Nicolau à presença do príncipe André, o menino olhou apavorado o pai e não chorou porque não via ninguém chorar. O príncipe André beijou-o, mas não sabia o que lhe dizer.

Quando levaram para fora Nicolau, a princesa Maria aproximou-se mais uma vez do irmão, beijou-o e, não podendo mais conter-se, desatou a chorar.

Ele a fitou.

— É por causa de Nicolau que choras? — perguntou.

A princesa Maria fez que sim com a cabeça.

— Sabes, Maria... o evang...

Mas subitamente calou-se.

— O que estás dizendo?

— Nada. Não há razão para chorar aqui — disse ele, fitando-a com o mesmo olhar frio.

* * *

Quando a princesa se pusera a chorar, o príncipe André compreendera que ela chorava pelo pequeno Nicolau, que ficava sem pai. Com grandes esforços, procurava voltar à vida e colocar-se no ponto de vista da irmã.

“Sim, isto deve parecer penoso a eles!”, pensou. “E, no entanto, como é simples! As aves do céu não semeiam nem colhem, é o nosso Pai que as alimenta.” Dizia isso consigo e queria exprimi-lo à princesa. “Mas que importa, elas iriam entender isto à sua maneira, não compreenderiam! Não podem compreender que todos os sentimentos a que dão tanto valor, todos os nossos pensamentos, todos esses pensamentos que nos parecem tão importantes, *não são necessários*. Não podemos mais entender uns aos outros!” E guardou silêncio.

O filho do príncipe André tinha sete anos. Mal sabia ler, não conhecia nada. Depois desse dia aprendeu muitas coisas graças ao estudo, à observação, à experiência, mas ainda que tivesse naquela ocasião todas as faculdades que

adquiriu mais tarde, não teria entendido melhor e de maneira mais proveitosa como entendeu toda aquela cena a que assistiu, entre seu pai, a princesa Maria e Natacha.

Compreendeu tudo e saiu do quarto sem chorar. Depois aproximou-se em silêncio de Natacha, que o acompanhava, olhou-a timidamente com os seus olhos pensativos e com o rubro lábio superior um pouco contraído e trêmulo, encostou a cabeça ao corpo da moça e pôs-se a chorar.

A partir desse dia, evitou Desalles e a velha condessa, que o cobria de cuidados, e ficava sozinho, sentado, ou aproximava-se timidamente da princesa Maria e de Natacha, a quem parecia ter mais afeição do que a sua tia, e docemente lhes transmitia seu afeto.

Quando a princesa Maria saiu do quarto do príncipe André, já compreendia inteiramente o que lhe dissera o semblante de Natacha. Não falou mais na esperança de salvá-lo. Revezando com Natacha, montava guarda à cabeceira do doente. Já não chorava, mas rezava sem cessar, dirigindo suas preces ao Eterno, ao Incompreensível, cuja presença era agora tão sensível ao lado do moribundo.

XVI

Não somente o príncipe André sabia que ia morrer, como se sentia morrendo e se sentia meio morto. Tinha consciência do seu afastamento de todas as coisas terrenas e da alegre tenuidade da sua existência. Sem pressa e sem perturbação, aguardava o fim. Essa coisa ameaçadora, eterna, desconhecida e distante cuja presença nunca deixara de sentir durante a sua vida estava agora bem perto dele, ele a via e quase a tocava.

Antes, tinha medo do fim. Por duas vezes experimentara esse sentimento terrível do medo da morte, e agora já nem compreendia esse sentimento. Tivera esse sentimento pela primeira vez quando uma granada rodopiava diante dele como um peão e ele olhava o mato, os arbustos, o céu, e sabia que era a morte que tinha à frente. Quando recuperou a consciência, depois do ferimento, em sua alma momentaneamente aliviada do peso da vida, desabrochava essa flor do amor eterno e livre, que não pode provir desta vida. Ele já não tinha medo da morte, e não pensava nela.

Durante as horas de dolorosa solidão e de semidélírio por que passou depois do ferimento, quanto mais refletia nesse novo princípio do amor eterno, mais renunciava à vida terrena, sem sequer dar-se conta disso. Amar tudo e todos,

sacrificar-se incessantemente, por amor, significava não amar ninguém, significava não viver esta vida terrena. E quanto mais se deixava penetrar por esse princípio de amor, quanto mais renunciava à vida, mais depressa destruía esse terrível obstáculo que se ergue entre a vida e a morte.

Então, quando se lembrava de que era preciso morrer, dizia consigo: “Pois bem! Melhor assim!” Mas depois daquela noite em Mitichtchi, quando, durante o delírio, surgiu diante dele aquela que ele desejava e que, apertando-lhe a mão de encontro aos lábios, derramou tão doces e alegres lágrimas, o amor por uma mulher, imperceptivelmente, começara a infiltrar-se no seu coração e a atraí-lo para a vida. E vinham-lhe pensamentos alegres e terríveis. Lembrando-se do momento em que tinha visto Kuriaguine na ambulância, não podia recapturar aquele sentimento. Uma questão o atormentava: estaria ele vivo ou morto? E não ousava fazer a pergunta.

A doença seguia, fisicamente, o seu curso normal, mas aquilo que Natacha designava com as palavras “há dois dias houve esta mudança” eram as derradeiras lutas morais entre a vida e a morte, lutas em que a morte saía vitoriosa. Era a consciência inesperada do que ainda lhe era caro na vida e que se apresentava a ele encarnado no amor de Natacha, e o último acesso de pavor ante o desconhecido.

Era à noite. Como sempre, após o jantar, ele tinha um pouco de febre, e seus pensamentos vinham com uma clareza extraordinária. Sônia estava sentada à mesa. O príncipe André dormitava. De repente, invadiu-lhe uma sensação de felicidade.

“Ah! Foi ela que entrou!”, pensou ele.

Com efeito, no lugar de Sônia estava sentada Natacha, que acabava de voltar sem fazer ruído. Desde que ela se tornara sua enfermeira, experimentava sempre essa sensação física de sua presença. Ela estava sentada na cadeira, de perfil para ele, ocultando-lhe a luz da vela e fazendo umas meias de tricô. (Aprendera a tricotar depois de uma ocasião em que o príncipe André lhe dissera que ninguém sabia cuidar tão bem dos doentes como as velhas criadas que fazem tricô, e que há nessa ocupação qualquer coisa de calmante.) Seus dedos finos manejavam as agulhas com rapidez e ele via nitidamente o perfil pensativo da sua cabeça inclinada. Natacha fez um movimento e a lâ caiu dos joelhos. Estremeceu, olhou

para ele e, tampando a luz da vela com a mão, apanhou o novelo com um movimento hábil e prudente, e voltou à mesma posição. Ele a observava sem se mexer e percebeu que, depois desse movimento, ela precisava fazer uma respiração profunda, mas que não ousava fazê-lo e tomava fôlego respirando suavemente.

No convento de Troitza haviam conversado sobre o passado. Ele dissera que, se sobrevivesse, agradeceria eternamente a Deus o ferimento que tornara a reuni-los. Depois dessa ocasião não tinham mais falado no futuro.

“Podia ser ou não?”, pensava agora o príncipe André, olhando-a e escutando o ruído de aço das agulhas. “O destino me reuniu a ela de maneira tão estranha, para me deixar morrer?... A verdade da vida me foi revelada para que eu continue a viver na mentira? Eu a amo mais que tudo no mundo, mas o que devo fazer?” E de repente gemeu, por hábito contraído durante os seus sofrimentos.

A esse gemido Natacha largou o tricô, aproximou-se do doente e, notando os seus olhos brilhantes, curvou-se sobre ele.

— Não está dormindo?

— Não, há muito tempo que a olhava. Senti a sua presença quando entrou. Ninguém me traz tanto silêncio, tanta calma, tanta luz como você. Desejo quase chorar de alegria.

Natacha aproximou-se ainda mais. O seu rosto estava iluminado por uma alegria entusiasta.

— Natacha, eu a amo demais. Amo-a mais que tudo no mundo.

— E eu! — Ela desviou o rosto por um instante. — Mas por que diz que me ama demais? — perguntou.

— Por quê? Mas o que acha você? O que lhe diz a sua alma? Eu sobreviverei? O que acha?

— Tenho certeza! Tenho certeza! — quase gritou Natacha, tomando-lhe as duas mãos com um gesto apaixonado.

Ele conservou-se um instante calado.

— Como seria bom! — disse, tomando-lhe a mão e beijando-a.

Natacha sentiu-se feliz e comovida, mas logo se lembrou de que não devia proceder assim, de que ele precisava de calma.

— Mas você não dormiu! — disse ela, se controlando. — Durma um pouco, eu lhe peço.

O príncipe André soltou a mão dela e ela sentou-se de novo perto da luz, instalando-se como antes. Duas vezes olhou para o doente e os seus olhares se encontraram. Natacha proibiu a si mesma de tornar a olhar para ele antes de terminar o seu trabalho.

Efetivamente, pouco depois ele cerrava os olhos e adormecia.

Seu sono não foi longo. De súbito acordou, todo agitado, suando frio. Ao adormecer pensava sempre no que o preocupava durante todo esse tempo: na vida e na morte, principalmente na morte. Sentia-se mais próximo dela. “O amor! O que é o amor?”, pensou. “O amor é um obstáculo à morte. O amor é a vida. Tudo o que eu compreendo, só o compreendo porque amo. Tudo existe apenas porque eu amo. Todas as coisas só são unidas pelo amor. O amor é Deus e morrer significa que eu, uma parte desse amor, volto para a fonte comum e eterna”.

Esses pensamentos lhe pareciam consoladores, mas não passavam de pensamentos. Faltava-lhes qualquer coisa, um elemento pessoal. Faltava-lhes a evidência e tinham o mesmo caráter de inquietação, a mesma natureza vaga. O príncipe André adormeceu.

Em sonhos, viu-se deitado naquele mesmo quarto, mas, em vez de estar ferido, estava cheio de saúde. Várias pessoas insignificantes, indiferentes, apareciam diante dele uma após outra. Ele falava com elas, discutia coisas fúteis. Inclínavam-se a viajar para algum lugar. Ocorreu-lhe vagamente que tudo isso nada significava, que existiam outros assuntos mais importantes, mas continuou a falar e surpreender os seus ouvintes com frases sem sentido, mas inteligentes. Pouco a pouco, todas essas pessoas desapareceram e impôs-se a ele um problema: como fechar a porta? Ele se levantou e caminhou para a porta, a fim de passar o ferrolho. *Tudo* dependia do fato de conseguir ou não fechar. Dirigiu-se para lá, mas a sua cabeça e as suas pernas não lhe obedeceram, sentia que não teria tempo de fechar a porta e, no entanto, dolorosamente, reuniu todos os esforços para fazê-lo. O medo se apoderou dele; esse medo é o medo da morte. Atrás da porta estava *ela*. Mas no momento em que, tropeçadamente, sem forças, alcançou a porta, algo horrível, inumano o repeliu e se arremessou para a porta.

Era preciso escapar. Ele segurou a porta, concentrando as suas últimas forças, não para fechá-la, pois já era tarde, mas ao menos para impedir que ela fosse aberta. Mas as suas forças eram insuficientes, seus movimentos desajeitados e, empurrada por um ente indefinido e horrível, a porta se abriu e tornou a fechar-se. Mais uma vez a empurravam. Seus derradeiros esforços foram vãos: as duas folhas da porta se abriram sem ruído. *Ela* entrou: era a morte. E o príncipe André morreu.

Mas nesse mesmo momento lembrou-se de que estava dormindo e, com um novo esforço, acordou.

“Sim, era a morte. Eu dormi e acordei. Sim, a morte é o despertar.”

Esse pensamento lhe atravessou como um raio o espírito. O véu que até agora lhe ocultava o desconhecido abriu-se diante de seu espírito. Sentiu-se libertado da força que antes o fazia preso e experimentou aquela estranha sensação de leveza que não mais o deixou.

Quando, suando frio, ele acordou e se mexeu no sofá, Natacha aproximou-se e lhe perguntou o que tinha. Ele não respondeu; fitava-a com um olhar estranho, sem compreender a pergunta.

Era isso o que lhe havia acontecido dois dias antes da chegada da princesa Maria. A partir desse dia, segundo o parecer do doutor, a febre assumiu um caráter mais grave. Mas Natacha não prestava atenção ao que dizia o médico; via esses terríveis indícios morais, que para ela eram muito mais convincentes.

Depois desse dia, o despertar do sono começou a identificar-se, para o príncipe André, com o despertar da vida. E, comparado à duração da vida, o despertar da vida não lhe parecia prolongar-se mais do que o despertar do sono, comparado à duração do sonho. Nada havia de terrível nesse despertar relativamente lento.

Seus últimos dias e suas últimas horas transcorreram como de ordinário, muito simplesmente. A princesa Maria e Natacha, que não se afastavam dele, sentiam isso. Não choravam, não se deixavam abalar e, nos últimos tempos — elas próprias o sentiam —, não cuidavam mais dele (ele as tinha deixado, não existia mais), mas da recordação mais imediata que dele restava, do seu corpo. Tão fortes eram os sentimentos de ambas que o aspecto exterior e terrível da morte já não as impressionava, e achavam desnecessário excitar a sua própria

dor. Não choravam, nem diante dele nem longe da sua presença, do mesmo modo que nunca falavam dele entre si. Sentiam que lhes era impossível exprimir em palavras as coisas que elas compreendiam. Ambas o viam desaparecer para além, além, cada vez mais longe, lentamente, tranquilamente, e ambas sabiam que devia ser assim e que estava tudo bem.

Ele recebeu os últimos sacramentos e todos vieram dizer-lhe adeus. Quando lhe trouxeram o filho, pousou os lábios nele e desviou o rosto, não porque aquilo lhe fosse doloroso, ou por piedade (a princesa e Natacha compreenderam), mas porque supunha que isso era tudo o que exigiam dele. Mas quando lhe pediram que o abençoasse, ele o fez e olhou em redor de si, parecendo perguntar se não devia fazer ainda alguma coisa.

Maria e Natacha estiveram presentes ao último estremecimento do corpo que a alma ia abandonando.

— Acabou! — disse a princesa Maria, quando o corpo estendido diante delas, imóvel já havia alguns minutos, começou a esfriar.

Natacha aproximou-se, examinou os olhos do morto e apressou-se em fechá-los... Fechou-os, mas não os beijou, apenas inclinou-se sobre aquilo que era a lembrança mais íntima do príncipe André.

“Para onde foi ele? Onde está agora?”

Quando o corpo, lavado e vestido, foi colocado no caixão, em cima de uma mesa, todos se aproximaram para o último adeus e todos choraram.

Nicolau chorava com uma supresa dolorosa, que lhe rasgava o coração. A condessa e Sônia choravam de piedade de Natacha e porque ele já não existia. O velho conde chorava porque sentia que não tardaria a chegar a sua vez de dar esse passo terrível.

A princesa Maria e Natacha também choravam, mas não pelo seu sofrimento pessoal. Choravam por causa do enternecimento e do terror piedoso que lhes enchiam a alma, por estarem em presença do mistério simples e solene da morte que se cumpria diante delas.

Décima terceira parte

I

O intelecto humano não pode compreender as causas dos fenômenos em seu conjunto, mas a necessidade de procurar as causas é inerente à alma do homem. Sem se aprofundar no grande número e na complexidade das condições dos fenômenos, sendo que cada uma das quais pode ser a causa, a nossa razão apreende a primeira condição, a mais compreensível, e declara: esta é a causa. Nos acontecimentos históricos — nos quais os atos humanos constituem o objeto da observação — é a vontade dos deuses que se apresenta como causa primeira, e em seguida a vontade das pessoas que ocupam a posição mais em evidência na história: os heróis históricos. Mas basta penetrar no coração de cada fenômeno histórico, isto é, nos movimentos de toda a massa humana que tomou parte no acontecimento, para se convencer de que a vontade do herói histórico não só não guia as ações das massas como é também guiada. Pode parecer que não tem importância interpretar deste ou daquele modo a essência de um acontecimento histórico, mas, entre o homem que diz que os povos do Ocidente marcharam para o Oriente porque assim quis Napoleão e aquele que afirma ter ocorrido esse fato porque tinha que ocorrer existe a mesma diferença que entre as pessoas que afirmam que a Terra é imóvel e os planetas giram em torno dela e os que dizem não saber o que sustenta a Terra, mas que existem leis que dirigem o movimento dela e dos outros planetas.

Não há nem pode haver causas de acontecimentos históricos, salvo a causa única de todas as causas. Há, porém, leis que dirigem esses acontecimentos, leis que em parte nos são desconhecidas e, em parte, acessíveis.

Só se podem descobrir essas leis quando renunciamos completamente a procurar as causas na vontade de uma única pessoa, da mesma forma que o conhecimento das leis dos movimentos dos planetas só se tornou possível quando os homens renunciaram a conceber a Terra como imóvel.

Após a batalha de Borodino, após a ocupação de Moscou pelo inimigo e o incêndio da capital, os historiadores consideram como o fato mais importante da guerra de 1812 a marcha do exército russo de Riazan para Kaluga e daí para o acampamento de Tarutino, a chamada marcha de flanco, para trás de Krasnaia Pakhra. Os historiadores atribuem a diversas personagens a glória dessa manobra heroica e discutem para saber a quem cabe tal feito. Mesmo os historiadores estrangeiros, mesmo os franceses, reconhecem o gênio dos generais russos quando aludem a essa marcha de flanco. Mas por que todos os autores militares, e todos os demais com eles, veem nessa marcha de flanco a invenção profunda de uma única pessoa que salvou a Rússia, causando a derrota de Napoleão? Isso é bem difícil de compreender. Primeiro, não se percebe facilmente em que

consiste a profundidade e a genialidade desse movimento, pois não há de fato nenhum grande esforço mental para adivinhar que a melhor situação de um exército (quando este não é atacado) é quando se estabelece onde existem provisões. Ora, até uma criança de treze anos não muito inteligente compreenderia com facilidade que em 1812 a situação mais vantajosa para o exército, após a retirada de Moscou, era na estrada de Kaluga. Assim, não se pode compreender, primeiro, por meio de que deduções chegam os historiadores a ver uma inspiração profunda nessa manobra; segundo, é ainda mais difícil compreender por que, precisamente, os historiadores veem nessa marcha a salvação dos russos e a perda dos franceses, pois essa marcha de flanco, precedida, acompanhada ou seguida de outras circunstâncias, poderia ser perigosa para o exército russo e benéfica para o francês. Se a partir desse momento começou a melhorar a situação do exército russo, isso não prova em absoluto que a marcha de flanco tenha sido a causa. Esse movimento, além de não oferecer vantagens, ameaçava causar a perda do exército russo se outras condições não houvessem cooperado com ele. O que sucederia se Moscou não fosse incendiada? Se Murat não tivesse perdido o rastro do nosso exército? Se Napoleão não houvesse ficado inativo? Se, em conformidade com a opinião de Benigsen e Barclay, o exército russo tivesse entrado em batalha diante de Krasnaia Pakhra? Se os franceses tivessem atacado os russos enquanto estes recuavam para trás de Pakhra? Se, aproximando-se então de Tarutino, Napoleão houvesse atacado os russos, mesmo com um décimo daquela energia que pusera no ataque em Smolensk? Se os franceses tivessem marchado sobre São Petersburgo? Em qualquer uma dessas hipóteses, a marcha de flanco poderia ter redundado num desastre, em vez de ser a salvação da Rússia.

Em terceiro lugar, e principalmente, não se compreende por que os historiadores parecem fugir instintivamente à evidência de que essa marcha de flanco não pode ser atribuída a uma só pessoa, pois ninguém a tinha previsto, e essa manobra, como o recuo para Fili, não se concebia em seu todo por ninguém, mas só pouco a pouco, um acontecimento após outro, minuto por minuto, e decorrendo de um sem-número de condições as mais diversas, de modo que somente quando ela se realizou e se tornou passado é que foi percebida em sua totalidade.

No conselho de Fili, é desnecessário dizê-lo, a ideia dominante das autoridades russas era a retirada em linha reta, isto é, pela estrada de Nijni-Novgorod. A maioria das vozes que, no conselho, se pronunciaram nesse sentido é prova disso, e, após o conselho, a conhecida palestra entre o general em chefe e Lanskoi, chefe do aprovisionamento.

No relatório feito ao comandante em chefe, Lanskoi declarou que as provisões do exército estavam concentradas principalmente nas margens do Oka, perto de Tula e Kazan, e que em caso de uma retirada na direção de Nijni-Novgorod os depósitos de provisões ficariam separados do exército por um grande rio, o Oka, muitas vezes impossível de transpor no começo do inverno. Era o primeiro indício da necessidade de se afastarem do rumo que a princípio se apresentara naturalmente, a estrada de Nijni. O exército conservou-se mais ao sul, na estrada de Riazan, e mais perto das provisões. Subsequentemente, a falta de ação dos franceses, que perderam de vista o exército russo, a preocupação de defender o arsenal de Tula e, principalmente, a vantagem de se conservarem perto das provisões forçaram o exército a descer ainda mais ao sul, para a estrada de Tula.

Transferindo-se para a estrada de Tula, numa manobra desesperada, os generais do exército russo pretendiam deter-se perto de Podolsk, e a ninguém ocorria a ideia de tomar posição em Tarutino. Mas numerosas circunstâncias, como a notícia da aproximação das tropas francesas, os projetos de batalha e, sobretudo, a abundância de provisões em Kaluga, obrigaram o nosso exército a descer mais ainda, marchando entre as estradas de Tula e de Kaluga rumo a Tarutino.

É impossível responder à pergunta: quando foi abandonada Moscou? Do mesmo modo, não se pode saber em que momento exato foi resolvida a marcha para Tarutino. E quando, em resultado de muitas circunstâncias diferentes, as tropas chegaram a Tarutino, foi que os homens começaram a persuadir-se de que há muito tempo queriam e previam isso.

II

A célebre marcha de flanco consistiu simplesmente nisto: o exército russo, recuando sempre em sentido contrário à invasão, afastava-se da linha reta tomada de início e, não se vendo perseguido pelo inimigo,

dirigia-se naturalmente para o lado em que abundavam as provisões. Se, em vez de imaginarmos generais geniais à testa do exército russo, supusermos esse exército sem chefes, abandonado a si mesmo, ele não poderia ter feito outra coisa senão esse mesmo movimento de recuo, descrevendo um arco do lado em que se achavam as provisões e as terras da abundância.

Essa passagem da estrada de Nijni-Novgorod para a estrada de Riazan, Tula e Kaluga era tão natural que na mesma direção fugiam os saqueadores do exército russo, e de Petersburgo exigia-se que Kutuzov fizesse passar o seu exército por esse mesmo caminho. Em Tarutino, Kutuzov recebeu censuras do imperador por ter feito passar o seu exército pela estrada de Riazan e foi-lhe designada essa mesma posição em frente de Kaluga, onde já se encontrava quando recebeu a carta do imperador.

O exército russo, que marchava sob o impulso dos choques recebidos durante toda a campanha e principalmente em Borodino, após anular-se a força do choque, como não recebia novo impulso, tomou a posição que lhe era natural.

O mérito de Kutuzov não consistia em manobras geniais, como chamam manobras estratégicas, mas em ter só ele compreendido a importância do que acontecia. Só ele compreendeu a importância da falta de ação do exército francês, só ele continuou a sustentar que a batalha de Borodino consistia numa vitória, e só ele — que, pela sua posição de comandante em chefe, deveria, ao que parece, ter provocado o ataque — empregou todas as suas energias em preservar o exército russo de batalhas inúteis.

O animal ferido em Borodino ficara exatamente lá, onde o caçador o deixara. Mas estaria vivo e forte ou simplesmente se escondia? Isso o caçador não sabia. Eis, porém, que, de repente, se ouvem seus gemidos.

Os gemidos do exército francês ferido, os gritos que denunciavam a situação angustiante foram simbolizados pelo ato de enviar Lauriston ao acampamento de Kutuzov com a missão de propor a paz.

Sempre convicto de que tudo o que lhe vinha à mente estava certo, Napoleão escreveu a Kutuzov a primeira coisa que lhe passou pela cabeça e que não tinha sentido algum:

Monsieur le prince Koutouзов,

Envio um dos meus generais ajudantes de ordens a Vossa Alteza para lhe falar sobre vários assuntos interessantes. Desejo que Vossa Alteza deposite fé no que ele disser, sobretudo quando exprimir os sentimentos de estima e de especial consideração que há muito dedico a vossa pessoa. Não tendo esta carta outro fim, peço a Deus, senhor príncipe Kutuzov, que tenha Vossa Alteza em Sua santa e poderosa proteção.

Moscou, 30 de outubro de 1812.

Napoleão

— Eu seria amaldiçoado pela posteridade se me considerassem o promotor de qualquer acordo. Tal é o pensamento atual da minha nação — respondeu Kutuzov. E continuou a envidar todas os seus esforços para impedir que as tropas russas atacassem.

Durante o mês em que o exército francês pilhou Moscou e o exército russo estacionou tranquilamente em Tarutino, produziu-se uma mudança nas forças de ambos (relativa à moral e ao número), o que deslocou a preponderância para o lado dos russos. Embora a situação do exército francês e a seu quantitativo fossem desconhecidos dos russos, assim que essas relações se modificaram exprimiui-se a necessidade de atacar. Isso era percebido por estes indícios: a ida de Lauriston, a abundância de provisões em Tarutino, as informações chegadas de toda parte sobre a falta de ação e a desordem dos franceses, o reforço dos nossos regimentos com novos recrutas, o bom tempo, o prolongado repouso dos soldados russos, a impaciência — que em geral se revela nas tropas depois do repouso — de cumprir a missão para que se haviam reunido, a curiosidade de saber o que fazia o exército francês, que os russos tinham perdido de vista há tanto tempo, a audácia com que os postos avançados russos passavam diante dos franceses acampados em Tarutino, as notícias de fáceis vitórias obtidas sobre os franceses pelos camponeses e pelos guerrilheiros, a inveja que esses casos despertavam, o sentimento de vingança que se nutria na alma de todos os russos enquanto os franceses ocupavam Moscou e, principalmente, a consciência vaga, mas viva na alma de cada soldado, de que as relações de força se haviam modificado e nós tínhamos agora a vantagem. Mudara a relação de força e o ataque se tornava necessário.

Como o relógio que começa a bater e tocar assim que o ponteiro dá uma volta completa, do mesmo modo, nas altas esferas, acompanhando a modificação essencial da relação de força, começava o movimento acelerado, o ruído das engrenagens e o jogo dos carrilhões.

III

O exército russo era dirigido por Kutuzov, por seu Estado-Maior e, de Petersburgo, pelo imperador. Em Petersburgo, antes de se receber a notícia do abandono de Moscou, elaborara-se o plano minucioso da campanha, que fora enviado a Kutuzov para que o comandante em chefe se guiasse por ele. Embora esse plano tivesse sido traçado na suposição de que Moscou se encontrava em nosso poder, fora aprovado pelo Estado-Maior e aceito como o plano a ser posto em prática.

Kutuzov respondeu simplesmente que as ordens ditadas a grande distância são sempre difíceis de executar e, para resolver as dificuldades encontradas, enviaram-se novas ordens e novos emissários, cuja missão era observar o que fazia o sereníssimo e comunicá-lo à capital.

Além disso, no exército russo tudo estava mudado agora: tinham substituído Bagration, morto em Borodino, e Barclay, que se afastara, ofendido de ter sido colocado em posição subalterna. E discutia-se com muita seriedade se seria preferível pôr A no lugar de B e B no lugar de D, ou, pelo contrário, D no lugar de A etc.? — como se disso pudesse resultar outra coisa senão a satisfação de A, B e D.

No Estado-Maior do exército, graças à hostilidade de Kutuzov contra o seu chefe de Estado-Maior, Benigsen, e à presença de pessoas que gozavam da confiança do imperador, e por motivo de todas essas mudanças, a briga dos partidos era ainda mais complicada que de costume. A fazia intriga contra B, B contra C, e assim por diante, em todas as permutas e combinações possíveis. Para a maioria, o objeto das intrigas era a condução da guerra, que todos esses homens supunham estar dirigindo, embora ela seguisse, na realidade, o seu curso inevitável, independentemente do que eles faziam. Seguia um curso que nunca correspondia aos planos deles, mas resultava das múltiplas relações das forças que agiam nas massas. Todos esses planos, contrariando-se e embaraçando-se uns aos outros, eram simplesmente aceitos nas esferas superiores como a imagem exata do que deveria acontecer.

“Príncipe Mikhail Ivanovitch”, escrevia o imperador a 2 de outubro, numa carta recebida após a batalha de Tarutino.

Desde 2 de setembro Moscou se encontra nas mãos dos inimigos. Os vossos últimos comunicados datam do dia 20, e durante todo esse tempo não somente nada se tentou fazer contra o inimigo ou pela libertação da nossa velha capital, como até, segundo vós próprio comunicais, as forças recuaram. Serpukhov já foi ocupada por um destacamento inimigo e Tula, cujo arsenal é tão necessário ao exército, corre perigo. Conforme o comunicado do general Wintzengerode, vejo que uma tropa inimiga de dez mil homens se aventura na estrada de Petersburgo, que uma outra, de diversos milhares, está marchando sobre Dmitrov, que uma terceira avança pela estrada de Vladimir e que uma quarta, assaz importante, se encontra entre Ruza e Mojaisk. O próprio Napoleão estava ainda em Moscou no dia 25. De acordo com essas informações, dado que o inimigo de tal modo dividiu as suas forças com tantos destacamentos e que o próprio Napoleão continua em Moscou com a sua guarda, é possível que as forças inimigas que se acham diante de vós sejam tão importantes que não vos permitam atacá-las? Ao contrário, pode supor-se com grandes probabilidade que ele vos persegue por destacamentos isolados ou, pelo menos, com uma parte do exército muito mais fraca do que aquela que comandais. Parece que, aproveitando essas circunstâncias, poderíeis com vantagem atacar o inimigo mais fraco e aniquilá-lo, ou pelo menos, forçando-o a recuar, vos seria possível reconquistar uma parte importante das províncias atualmente ocupadas pelo inimigo e afastar, assim, o perigo que ameaça Tula e nossas outras cidades do interior. A responsabilidade cairia sobre vós se o inimigo conseguisse enviar tropas importantes a Petersburgo para ameaçar essa capital onde não podem permanecer muitas tropas, pois, com o exército que vos está confiado e agindo com energia e resolução, dispões de todos os meios para evitar novas desgraças. Lembrai-vos de que ainda sois responsável, perante a pátria humilhada, pela perda de Moscou. Já vos dei provas de minha solicitude em recompensar-vos. Ainda mantenho vivo esse desejo, mas tanto eu como a Rússia temos o direito de esperar da vossa parte todo o zelo, toda a firmeza e o êxito que nos prometem a vossa inteligência, os vossos talentos militares e a coragem das tropas que comandais.

Mas, enquanto essa carta ainda estava a caminho, provando que o estado das tropas já começava a refletir-se em Petersburgo, Kutuzov não mais podia conter o exército que ele comandava: a batalha já estava sendo travada.

No dia 2 de outubro, um cossaco, Chapovalov, que fazia o reconhecimento de campo, matou uma lebre e feriu outra. Em perseguição à lebre ferida, aventurou-se longe na floresta e se deparou com o flanco esquerdo do exército de Murat, que ali se achava desprevenido. O cossaco contou, rindo, a seus camaradas como estivera a ponto de cair nas mãos dos franceses. Tendo conhecimento da história,

o capitão referiu-a ao comandante. Mandaram chamar o cossaco e interrogaram-no.

Os camaradas do cossaco queriam aproveitar a ocasião para tomar alguns cavalos dos franceses, mas um dos chefes, que conhecia as surpresas da guerra, relatou o fato a um general do Estado-Maior.

Naquele momento, a situação estava muito tensa no Estado-Maior do exército. Alguns dias antes, Ermolov viera procurar Benigsen para pedir que utilizasse a sua influência junto ao comandante em chefe a fim de convencê-lo sobre o ataque.

— Se eu não o conhecesse, julgaria que o senhor não deseja o que pede. Basta eu aconselhar uma coisa para que o sereníssimo faça exatamente o contrário — disse Benigsen.

A notícia trazida pelo cossaco e confirmada pelos batedores revelou que chegara a ocasião de agir. A corda esticada arrebentava, o relógio soava as horas, a engrenagem punha-se em movimento. A despeito de todo o seu suposto poder, da sua inteligência, da sua experiência e de seu conhecimento dos homens, Kutuzov, tomando em consideração o que comunicava Benigsen — que enviou pessoalmente um comunicado ao imperador —, o desejo expresso por todos os generais, o desejo que ele suspeitava ter o imperador, as informações dos cossacos, e não podendo mais conter o movimento inevitável, dava ordem de fazer o que ele considerava inútil e prejudicial: consentia no fato consumado.

IV

O comunicado de Benigsen e as informações dos cossacos sobre o flanco esquerdo descoberto dos franceses eram apenas os derradeiros indícios da necessidade de dar a ordem de ataque, o qual foi fixado para 5 de outubro.

No dia 4 pela manhã, Kutuzov aprovou a disposição das forças. Toll leu-a a Ermolov, propondo-lhe que tomasse a seu cargo a execução das ordens subsequentes.

— Muito bem, muito bem! Agora o tempo é curto — disse Ermolov. E saiu da isbá.

O plano de batalha traçado por Toll era excelente. Como no de Austerlitz, vinha escrito, porém não em alemão: a primeira coluna marcha para aqui, a segunda coluna marcha para lá etc. E, no papel, todas essas colunas chegavam ao seu destino na hora marcada e desbaratavam o inimigo. Como em todos os planos de batalha, tudo era muito bem imaginado, mas... nem uma só coluna chegou em tempo ao seu destino.

Depois de se haver tirado um número suficiente de cópias da disposição, chamou-se um oficial que foi mandado a Ermolov com esses papéis, a fim de que ele a executasse.

Um jovem oficial da guarda montada, ajudante de Kutuzov, radiante com a importância da missão que lhe fora confiada, dirigiu-se para o alojamento de Ermolov.

— Ele não está aqui — disse o ordenança de Ermolov.

O oficial da guarda montada foi à casa de um general que Ermolov visitava com frequência.

— Não está aqui o general também não.

O oficial montou o cavalo e foi a outra casa.

— Não está aqui, já saiu.

“Contanto que não me culpem pelo atraso! Que trapalhada!”, pensou o oficial.

Fez a volta completa do acampamento. Diziam uns ter visto Ermolov passar em companhia de outros generais, outros achavam que ele devia ter voltado ao seu alojamento.

O oficial, sem comer, procurou-o até seis horas da tarde. Ermolov não estava em parte alguma e ninguém sabia do seu paradeiro. Depois de comer alguma coisa às pressas na casa de um camarada, o oficial voltou à vanguarda para procurar Miloradovitch. Miloradovitch não estava mais em casa; tinha ido ao baile do general Kitine, e provavelmente Ermolov também devia estar lá.

— Mas onde é?

— Em Etchkino, para lá — respondeu o oficial de cossacos, apontando uma casa senhorial que se avistava ao longe.

— Mas como?! Lá, fora das nossas linhas!

— Mandaram dois regimentos para os postos avançados. Está acontecendo por lá hoje uma grande festança. Dois músicos e três coros!

O oficial tocou para Etchkino, além das linhas. Ainda de longe, ao aproximar-se da casa, ouviu os sons alegres das canções que acompanhavam as danças dos soldados.

“Pelos prados... os prados!...”, essas palavras chegavam-lhe entre assobios e o som de instrumentos de corda. Esse clima encheu de alegria a alma do oficial, que ao mesmo tempo receava ser culpado pelo atraso na transmissão da ordem que lhe fora confiada.

Eram mais de oito horas. Desmontou e subiu a escada da grande casa senhorial que se conservara intacta, embora se localizasse entre os dois acampamentos inimigos. No vestíbulo e na copa agitavam-se criados, carregando vinho e comidas diversas. Os cantores estavam em frente das janelas. O oficial foi conduzido ao salão e imediatamente avistou todos os generais mais importantes e famosos, entre eles a alta e destacada figura de Ermolov. Todos os generais, agrupados em semicírculo, tinham as túnicas desabotoadas e riam alto, com os rostos vermelhos e animados. No meio da sala, um belo general, não muito alto, com o rosto vermelho, dançava com muita habilidade o *trepak*.

— Ha! Ha! Ha! Bravo, Nicolau Ivanitch! Ha! Ha! Ha!

O oficial sentiu que entrar nesse momento com uma missão importante era tornar-se duas vezes culpado, e resolveu esperar. Mas um dos generais o viu e, sabendo o motivo da sua vinda, comunicou sua presença a Ermolov.

Com o cenho franzido, Ermolov aproximou-se do oficial e, depois de ouvi-lo, pegou o papel sem nada lhe responder.

— Pensas que ele tinha saído de casa por acaso? — disse ao oficial da guarda montada, aquela noite, um dos seus camaradas do Estado-Maior. — Tudo isso foi proposital. Ele queria era fazer uma trapaça a Konovnitzine. Amanhã verás o que vai acontecer!

V

O velho Kutuzov dera ordem para que o acordassem cedo no outro dia. Rezou, vestiu-se e, com a consciência desagradável de ser obrigado a travar uma batalha que ele desaprovava, subiu numa carruagem e dirigiu-se para Letachkova, a cinco *verstas* de Tarutino. Era o local em que deviam reunir-se as colunas de ataque. Kutuzov adormecia e tornava a acordar a cada instante, aguçando o ouvido para ver se distinguia tiros à direita, se já teria começado a batalha. Mas não, tudo estava absolutamente calmo. Apenas começava

a amanhecer, inaugurando um dia úmido e cinzento de outono. Ao aproximar-se de Tarutino, Kutuzov notou alguns cavaleiros que atravessavam a estrada para dar de beber aos seus cavalos. Olhando com atenção, mandou parar a carruagem e perguntou de qual regimento eles eram. Os cavaleiros pertenciam a uma coluna que já devia estar muito adiante. “Talvez seja um erro”, pensou o velho comandante em chefe. Mais longe, porém, avistou um regimento de infantaria. Os fuzis estavam ensarilhados e os soldados, de ceroulas, cozinhavam a sua sopa e traziam lenha. Mandou chamar um oficial, que lhe informou que não fora recebida nenhuma ordem de avançar.

— Mas como, eles... — começou Kutuzov, porém logo se calou e mandou chamar o oficial superior.

Enquanto esperava, desceu da carruagem e, com a cabeça baixa, respirando forte, pôs-se a caminhar de um lado para outro.

Quando chegou o general Eichen, oficial de Estado-Maior, Kutuzov ficou roxo, não porque o oficial fosse culpado, mas porque era alguém em quem podia descarregar a sua raiva. Tremia, tinha a respiração ofegante e punha-se nesse estado de furor em que se está prestes a rolar no chão. O ancião lançou-se sobre Eichen, brandindo o punho, e cobriu-o das mais grosseiras injúrias. Outro oficial, o capitão Brozine, que não tinha culpa nenhuma e por acaso apareceu na estrada, teve a mesma sorte.

— De onde vem este canalha? Fuzilem esse miserável! — gritava Kutuzov em voz rouca, agitando os braços e balançando-se.

Sentia um verdadeiro sofrimento físico. Ele, o comandante em chefe, o sereníssimo, como chamavam todos, investido de um poder como ninguém tivera até então na Rússia, ser colocado em tal situação, ser exposto ao ridículo diante de todo o exército!

“Foi em vão que rezei esta manhã, foi em vão que passei a noite sem dormir, pensando sem cessar!”, refletia. “Quando eu era um simples oficialzinho, ninguém teria ousado zombar de mim como agora!”

Experimentava um sofrimento físico, como alguém que tivesse sofrido um castigo corporal, e não podia deixar de exprimi-lo com gritos de dor e de cólera. Mas as suas forças não tardaram a exaurir-se. Olhou em torno de si, compreendeu que dissera uma porção de disparates, tornou a subir na carruagem e, em silêncio, regressou pelo mesmo caminho.

A cólera, uma vez esgotada, não mais voltou, e Kutuzov, pestanejando debilmente, ouviu a justificação, a defesa e as instâncias de Benigsen, de

Konovnitzine e de Toll (Ermolov só se apresentou ao comandante em chefe no dia seguinte) para que a ação falha fosse posta em execução no dia seguinte. E, novamente, teve de consentir.

VI

No dia seguinte, à tarde, as tropas se prepararam para concentrar-se em pontos designados e, à noite, puseram-se em marcha. Era uma noite de outono, sem chuva, com nuvens de um violeta carregado. A terra estava úmida, mas não havia lama, e as tropas marchavam sem ruído. Só se ouviam, de quando em quando, os leves tinidos dos canhões. Era proibido falar em voz alta, fumar, fazer fogo. Procurava-se impedir, tanto quanto possível, os cavalos de relinchar. O mistério da expedição aumentava-lhe o atrativo. Os soldados iam alegres. Algumas colunas já faziam alto, ensarilhavam os fuzis e deitavam-se na terra fria, supondo terem chegado à sua posição. As outras (a maioria) marcharam toda a noite e, naturalmente, pararam onde não deviam.

Só o conde Orlov Denissov com os seus cossacos (o destacamento menos importante) chegou à sua posição na hora marcada. Esse destacamento se deteve próximo à orla da floresta, no caminho que levava da aldeia Stromilovo a Dmitrovskoie. Antes da alvorada, acordaram o conde Orlov, que dormitava. Trouxeram-lhe um desertor do acampamento francês. Era um suboficial polonês das forças de Poniatowski. Esse homem explicou que cometia aquela traição porque fora ofendido no serviço. Há muito que devia ser oficial, visto ser o mais corajoso de todos. Desertava para vingar-se.

Afirmou que Murat estava passando a noite a uma *versta* dali e que se lhe dessem cem homens iria trazê-lo prisioneiro. O conde Orlov-Denissov consultou os seus companheiros. A proposta era demasiado tentadora para ser recusada. Todos queriam ir, todos aconselhavam que se fizesse a tentativa. Depois de muitas discussões e confabulações, o major general Grekov resolveu acompanhar o suboficial com dois regimentos de cossacos.

— Bem, toma cuidado! — disse o conde Orlov-Denissov ao desertor polonês, liberando-o. — Se mentiste, serás enforcado como um cão. Se disseste a verdade, ganharás cem coroas.

Sem responder a essas palavras, o suboficial, com expressão resoluta, montou o cavalo e seguiu Grekov, apressado. Os soldados desapareceram na floresta. Tiritando por causa do ar fresco matinal, agitado com a responsabilidade que

assumia, o conde Orlov, depois de tê-los acompanhado por um pequeno trecho, saiu da floresta e pôs-se a contemplar o acampamento inimigo, já visível à luz da manhã nascente e das fogueiras que se apagavam.

À direita do conde Orlov-Denissov, na encosta nua, já deviam avistar-se as nossas colunas. Ele dirigia o olhar para aquele lado, mas as colunas não apareciam, embora devessem ser vistas de longe. No acampamento francês, segundo parecia ao conde Orlov e segundo confirmava o seu ajudante de ordens, que tinha muito boa vista, estavam começando a mexer-se.

— Ah, é tarde demais! — disse de repente o conde Orlov, olhando o acampamento.

Subitamente, como acontece muitas vezes quando um homem em quem depositamos confiança já não se encontra diante dos nossos olhos, pareceu-lhe absolutamente claro e evidente que aquele suboficial era um tratante, que ele havia mentido e que o ataque seria prejudicado pela ausência daqueles dois regimentos, que ele ia levar sabe Deus aonde. “Será possível achar que, no meio de tantas tropas, iríamos capturar o comandante em chefe?”

— Não resta dúvida de que o patife mentiu! — disse o conde.

— Eles ainda podem voltar — sugeriu um oficial da comitiva, que, como Orlov-Denissov, desconfiava da aventura ao olhar para o acampamento francês.

— Realmente? O que o senhor pensa? Deixá-los continuar ou não?

— O senhor ordena que eles voltem?

— Que voltem! Que voltem! — exclamou de repente, em tom resoluto, o conde Orlov, consultando o seu relógio. — Se perdermos tempo, será tarde demais. Já é dia.

O ajudante de ordens embrenhou-se na floresta, à procura de Grekov. Quando Grekov voltou, o conde Orlov, nervoso com a mudança de decisão, com a espera inútil das colunas de infantaria que ainda não tinham aparecido e com a proximidade do inimigo (todos os soldados do seu regimento sentiam a mesma coisa), resolveu atacar. Murmurando, deu ordem para prepararem os cavalos. Todos montaram, alinharam-se e persignaram-se: “Com a ajuda de Deus!” Ouviu-se na floresta o grito “Hurra!” e os cossacos, armados de lanças, uma centena após a outra, como grãos que se derramam de um saco, lançaram-se alegremente para o acampamento, através do rio.

Ao grito desesperado e aterrado do primeiro francês que avistou os cossacos, todos os que estavam no acampamento, recém-acordados, com roupas de dormir, abandonaram os canhões, os fuzis, os cavalos e puseram-se em fuga, sem saber para onde.

Se os cossacos tivessem perseguido os franceses sem se importarem com o que estava em redor e atrás deles, teriam capturado Murat com todos os seus homens e bagagens. E era o que queriam os chefes. Mas não era possível fazê-los avançar depois que começavam a pilhar e capturar prisioneiros. Ninguém mais escutava as ordens. Fizeram mil e quinhentos prisioneiros, tomaram trinta e oito canhões, bandeiras e — o mais importante para os cossacos — cavalos, selas, cobertas e vários outros objetos. Era preciso parar para cuidar de tudo isso. Era preciso pôr em lugar seguro os prisioneiros e os canhões, partilhar o tesouro, gritar e até brigar entre si. E tudo isso absorvia completamente os cossacos.

Vendo que não eram perseguidos, os franceses começaram a reunir-se. Formaram companhias e puseram-se a atirar. Orlov-Denissov, que esperava ainda as colunas, cessara de avançar.

Entretanto, de acordo com a disposição “a primeira coluna marcha etc.”, um regimento de infantaria e algumas colunas atrasadas, comandadas por Benigsen e guiadas por Toll, partiram na hora acordada e, naturalmente, chegaram a alguma parte, mas não ao lugar indicado. Como sempre acontece, os soldados, que tinham partido muito alegres, começavam a desanimar. Ouviam-se conversas em que se exprimia o descontentamento com toda aquela desordem. Fizeram os regimentos voltar para um ponto qualquer. Os ajudantes de ordens e os generais galopavam, enfureciam-se, discutiam, dizendo que se estava tomando a direção errada, que tinham partido com atraso, injuriavam alguém etc., e por fim todos, com um gesto de indiferença, avançavam com o único objetivo de chegar a algum lugar. “Cedo ou tarde havemos de chegar a alguma parte!” E com efeito chegavam, mas não ao lugar indicado. Alguns conseguiram chegar ao local certo, mas com atraso, de modo que a sua única utilidade foi servirem de alvo para o inimigo. Toll, que nessa batalha desempenhava o papel de Weyrother em Austerlitz, galopava infatigavelmente de uma extremidade à outra e por toda parte encontrava tudo às avessas. Assim, por exemplo, encontrou o corpo de exército de Bogovut na floresta, com o sol já alto, quando

há muito devia ter encontrado Orlov-Denissov. Nervoso e decepcionado com o fracasso, e supondo que a culpa cabia a alguém, Toll aproximou-se do comandante do corpo e pôs-se a fazer-lhe severas reprimendas, dizendo que um ato daqueles merecia a morte. Bogovut, um velho general experiente em batalhas, em geral calmo, cansado também de todas aquelas decisões e ordens contraditórias, de todas aquelas paradas injustificadas e das confusões, para espanto de todos e contrariando absolutamente os seus hábitos, enfureceu-se e respondeu Toll uma porção de coisas desagradáveis.

— Não aceito lições de ninguém. Eu e meus soldados saberemos morrer tão bem quanto os outros — disse ele. E, com uma só divisão, avançou.

Ao sair do acampamento, sob as balas francesas, Bogovut, exaltado e muito corajoso, não compreendia se era ou não útil tomar parte na ação, nesse momento, com uma única divisão. Ia direito à frente e conduzia as suas tropas sob as balas. No seu estado de espírito, as balas de canhão e os tiros eram justamente do que necessitava.

Uma das primeiras balas o matou, outras mataram diversos soldados e, sem utilidade alguma, a divisão permaneceu muito tempo sob o fogo.

VII

Enquanto isso, outra coluna devia atacar os franceses. Quem a comandava, porém, era Kutuzov. Ele bem sabia que, a não ser a desordem, nada resultaria dessa batalha travada contra a sua vontade e continha as suas tropas tanto quanto podia. Não se mexia.

Kutuzov cavalgava em silêncio em seu cavalo tordilho, respondendo com negligência às propostas de atacar.

— Vocês só pensam em atacar! Pois não veem que nós não sabemos fazer manobras complicadas? — disse a Miloradovitch, que pedia permissão para avançar.

— Esta manhã vocês não souberam capturar Murat e chegar em tempo à sua posição. Agora, não há mais nada que fazer — respondeu a outro.

Quando anunciaram a Kutuzov que atrás dos franceses, onde, segundo relataram os cossacos, não havia ninguém antes, apareciam agora dois batalhões

de poloneses, ele olhou Ermolov de esguelha (desde a véspera não lhe dirigiu palavra).

— É isto, pedem que ataque, propõem diversos planos, e quando chega a hora de agir ninguém está pronto e o inimigo, prevenido, toma as suas medidas.

Ermolov pestanejou e sorriu levemente ao ouvir essas palavras. Compreendia que a tempestade havia passado e que Kutuzov se limitaria a essa alusão.

— É à minha custa que ele se diverte — disse Ermolov baixinho, tocando no joelho de Raievski, que estava perto dele.

Pouco depois, Ermolov aproximou-se de Kutuzov e lhe disse respeitosamente:

— Ainda há tempo, Alteza. O inimigo não fugiu. Vossa Alteza ordena o ataque?... Do contrário, a guarda nem sequer verá a fumaça.

Kutuzov não respondeu, e só quando lhe disseram que as tropas de Murat recuavam ordenou o ataque. Mas a cada cem passos era preciso parar durante três quartos de hora.

Toda a batalha se resumia na proeza dos cossacos de Orlov-Denissov. Os outros destacamentos perderam em vão algumas centenas de homens.

Essa batalha valeu a Kutuzov uma condecoração de diamantes. Benigsen também recebeu diamantes e a quantia de cem mil rublos. Os outros, de acordo com seus postos, também receberam belos presentes, e novas modificações foram feitas no Estado-Maior.

“É assim que se fazem as coisas entre nós: tudo às avessas!”, diziam os oficiais e os generais russos após a batalha de Tarutino, exatamente como se faz hoje, para dar a entender que algum imbecil confundiu tudo, ao passo que nós procederíamos de maneira bem diferente. Mas as pessoas que falam assim ou não sabem o que dizem, ou iludem-se voluntariamente. Todas as batalhas — Tarutino, Borodino, Austerlitz — tomam um rumo diverso do previsto pelos que a planejaram. Isto é inevitável.

A quantidade incalculável de forças livres (pois em parte alguma é o homem mais livre que no campo de batalha, onde se acha entre a vida e a morte) influencia a marcha da batalha e essa marcha nunca pode ser conhecida de antemão; ela jamais coincide com a direção de uma única força.

Se várias forças agem simultaneamente e em sentidos diferentes sobre um corpo qualquer, a direção do movimento desse corpo não coincide com nenhuma das forças, mas é sempre a direção média, aproximada, que se exprime em mecânica pela diagonal do paralelogramo das forças.

Se nas descrições dos historiadores, sobretudo dos franceses, aprendemos que a guerra e a batalha, da parte deles, foi conduzida de acordo com um plano traçado de antemão, a única conclusão que se pode tirar daí é que essas descrições não são exatas.

A batalha de Tarutino não alcançou, evidentemente, o objetivo que Toll tinha em vista, isto é, conduzir o exército à ação seguindo a disposição das tropas desenhada por ele. Tampouco alcançou o objetivo visado pelo conde Orlov, que era capturar Murat, ou o plano de Benigsen e outros, que era destruir todo o corpo de exército inimigo. Ou mesmo o desejo de um oficial qualquer que almejasse tomar parte no combate e distinguir-se, ou o de um cossaco que queria apoderar-se de mais despojo do que já se apoderara etc.

Mas, se o objetivo era o que foi realmente, e o que era então o desejo de todos os russos — a expulsão dos franceses do território russo e a destruição do seu exército —, então é evidente que a batalha de Tarutino, graças, precisamente, a esses erros, foi o que se fazia necessário nessa fase da campanha. É difícil e impossível imaginar resultado mais útil que o dessa batalha: com um mínimo de dispêndio, na maior confusão, com perdas ínfimas, obteve-se um dos maiores resultados de toda a campanha. Do recuo passava-se ao ataque, mostrava-se a fraqueza dos franceses e desferia-se o golpe que o exército de Napoleão esperava para se pôr em fuga.

VIII

Napoleão entra em Moscou após a brilhante batalha *de Ia Moscova*; não pode haver dúvida quanto à vitória, pois que os franceses ficam senhores do campo de batalha. Os russos recuam e abandonam a capital. Moscou está cheia de mantimentos, de armas, de riquezas incalculáveis, e tudo isso cai nas mãos de Napoleão. Durante um mês inteiro o exército russo, duas vezes mais fraco que o dos franceses, não faz uma só tentativa de ataque. A situação de Napoleão é das mais brilhantes. Seria de supor que não houvesse necessidade de um grande gênio para lançar-se, com forças duas vezes mais fortes, sobre os remanescentes do exército russo e destruí-lo, para garantir uma paz vantajosa ou, em caso de recusa, efetuar uma marcha ameaçadora para Petersburgo — ou mesmo, em caso de insucesso nesse empreendimento, regressar a

Smolensk ou a Vilna, ou mesmo ficar em Moscou, para, numa palavra, conservar a brilhante posição em que se achava nesse momento o exército francês. Para isso era preciso apenas fazer a coisa mais simples e mais fácil: não permitir que as tropas se entregassem à pilhagem, providenciar, em Moscou, roupas de inverno para todo o exército e reunir provisões suficientes para mais de seis meses (segundo os historiadores franceses). Mas Napoleão, o gênio dos gênios, que tinha o poder de dirigir o exército — ao que afirmam os historiadores — não fez nada disso.

E não somente não fez nada disso, como ainda empregou todo o seu poder para adotar, de todas opções que se apresentavam, a que era a mais estúpida e a mais perigosa. De tudo aquilo que Napoleão podia fazer — passar o inverno em Moscou, ir a Petersburgo, ir a Nijni-Novgorod, dirigir-se mais para o norte ou para o sul pelo caminho que seguiu depois Kutuzov —, de tudo o que ele poderia ter imaginado, nada era mais estúpido e mais perigoso do que o que acabou fazendo, isto é: ficar em Moscou até outubro, permitindo que as tropas pilhassem a capital, e depois hesitar em permitir que a guarnição saísse de Moscou, aproximar-se de Kutuzov sem travar batalha, desviar-se para a direita, chegar até Malo-Iaroslavetz e finalmente, sem mesmo tentar o ataque, retirar-se — não pela estrada que seguira Kutuzov, mas por Mojaisk e pela estrada de Smolensk, atravessando uma região devastada. Não se poderia imaginar nada mais estúpido, como o demonstraram os resultados. Suponham os mais hábeis estrategistas que a finalidade de Napoleão fosse a de aniquilar o próprio exército, e não poderão inventar uma série de ações capazes de conduzir o exército francês à sua perda com mais segurança, à parte de quaisquer medidas que pudessem tomar as forças russas.

Foi isso o que fez o genial Napoleão. Mas afirmar que Napoleão destruiu o seu exército porque assim o quis, ou por causa da sua estupidez, seria tão injusto como dizer que Napoleão conduziu suas tropas a Moscou porque assim o quis, ou porque fosse muito inteligente e genial.

Tanto num como no outro caso, a sua atividade pessoal, que não tinha mais eficácia do que a de qualquer dos seus soldados, não fazia senão coincidir com as leis que determinavam o acontecimento.

Os historiadores erram ao dizer, como justificativa do fracasso, que as faculdades mentais de Napoleão estavam enfraquecidas em Moscou, apenas porque os resultados não justificaram os atos de Napoleão. Tanto antes como depois, em 1813, ele empregou toda a sua sabedoria e todas as suas forças em

benefício de seus interesses e de seu exército. A atividade de Napoleão durante esse tempo não foi menos notável do que no Egito, na Itália, na Áustria e na Prússia. Não sabemos com certeza até onde foi a sua genialidade no Egito, onde “quarenta séculos lhe contemplaram a grandeza”, porque todos os seus grandes feitos naquela ocasião só são descritos por franceses. Não podemos fazer uma ideia justa de sua genialidade na Áustria e na Prússia, visto como só dispomos, para julgar, de fontes alemãs e francesas, e o fato de se haverem rendido corpos de exército sem batalha e fortalezas sem cerco deve ter obrigado os alemães a admitir o gênio de Napoleão como a única explicação das ocorrências da guerra na Alemanha. Mas nós, graças a Deus, não temos necessidade de reconhecer o seu gênio para encobrir a nossa vergonha. Pagamos o direito de encarar os fatos de frente e com simplicidade, e não abrimos mão desse direito.

Sua atividade, em Moscou, foi tão admirável e genial como em toda parte. Desde que ele entrou em Moscou até o dia em que dali saiu, as ordens sucederam-se às ordens, os planos aos planos. A ausência dos habitantes, a falta de representantes locais, o próprio incêndio não o perturbaram. Não perde de vista nem o bem-estar do seu exército, nem os atos do inimigo, nem o bem-estar do povo russo, nem a direção dos negócios em Paris, nem as negociações diplomáticas sobre as condições da próxima paz.

IX

No terreno militar, logo após a entrada em Moscou, Napoleão ordena severamente ao general Sebastiani que acompanhe os movimentos do exército russo, envia tropas para diversas estradas e encarrega Murat de procurar Kutuzov. Em seguida, dá ordens minuciosas sobre a fortificação do Kremlin e traça no mapa da Rússia os planos gerais da futura campanha.

No terreno diplomático, Napoleão manda chamar o capitão Iakovlev — cujos bens tinham sido saqueados, ficando ele em andrajos —, explica-lhe em detalhe toda a sua política e a sua magnanimidade e, depois de ter escrito ao imperador Alexandre uma carta que se julga no dever de compartilhar com seu irmão e amigo que Rostoptchine governava Moscou muito mal, envia Iakovlev a Petersburgo. Do mesmo modo, tendo exposto em detalhes as suas ideias e a sua generosidade a Tutolmine, envia o ancião a Petersburgo para iniciar as negociações.

No terreno judiciário, logo após o incêndio, manda procurar os culpados e puni-los, e, a fim de punir o malfeitor Rostoptchine, manda incendiar as suas casas.

No terreno administrativo, Moscou recebe uma constituição. Institui-se um conselho municipal e lança-se a seguinte proclamação:

Habitantes de Moscou,

Os vossos sofrimentos são cruéis, mas Sua Majestade o Imperador e Rei deseja pôr um fim a tudo isso. Vistes, por terríveis exemplos, como ele castiga a desobediência e o crime. Medidas severas estão sendo tomadas para reprimir a desordem e restaurar a segurança pública. Uma administração paternal, escolhida dentre vós mesmos, formará o vosso conselho municipal. Ele zelará por vós, pelas vossas necessidades e pelos vossos interesses. Seus membros usarão, como distintivo, uma fita vermelha em torno do ombro, e o prefeito da cidade levará, além disso, uma faixa branca. Fora das horas consagradas às suas funções, só usará uma fita vermelha em torno do braço esquerdo.

A polícia da cidade foi reconstituída sobre as suas antigas bases e, graças à sua atividade, a ordem se restabelece. O governo nomeou dois comissários gerais e vinte comissários distritais de polícia, para todos os bairros da cidade. Esses comissários serão reconhecidos por um laço de fita branca no braço esquerdo. Igrejas de diferentes cultos estão abertas, e nelas se realiza sem impedimentos o serviço divino. Vossos concidadãos estão voltando para as suas casas e ordens foram dadas a fim de que eles encontrem ali a segurança e a proteção necessárias no momento da desgraça. São esses os meios empregados até agora pelo governo para restabelecer a ordem e mitigar a vossa situação. Mas, para termos bem-sucedidos, é mister que unais vossos esforços aos dele, que esqueçais, se possível, os vossos sofrimentos passados, que acalenteis a esperança numa sorte menos cruel, que estejais convencidos de que uma morte inevitável e vergonhosa espera todos aqueles que se tornarem culpados de violência contra as vossas pessoas ou os vossos bens, e que esses bens vos serão conservados, pois tal é a vontade do maior e mais justo dos soberanos. Soldados e habitantes, seja qual for a vossa nacionalidade, restaurai a confiança pública, fonte da prosperidade das nações, vivei como irmãos, ajudai-vos e protegei-vos uns aos outros, uni-vos para aniquilar os desígnios dos mal-intencionados, obedecei às autoridades militares e civis, e dentro em pouco deixarão de correr vossas lágrimas.

Quanto ao aprovisionamento do exército, Napoleão orienta que todas as tropas venham em turnos a Moscou, em pilhagem, abastecendo-se assim, por si mesmas, com as provisões de que necessitavam para o futuro.

No terreno religioso, Napoleão ordena “a volta dos papas” e o restabelecimento do serviço nas igrejas.

No terreno comercial e no que concerne ao fornecimento de provisões para o exército, ele manda afixar o seguinte:

PROCLAMAÇÃO

Habitantes pacíficos de Moscou, artesãos e operários que os distúrbios afastaram da cidade, e vós, agricultores dispersos, que um terror injustificado retém ainda nos campos, ouvi! A calma foi devolvida à capital e a ordem está se restabelecendo. Vossos compatriotas deixam sem temor os seus refúgios, na certeza de que serão respeitados. Todo ato de violência contra as pessoas e suas propriedades é imediatamente punido. Sua Majestade o Imperador e Rei vos protege e só considera como inimigos aqueles que contrariam suas ordens. Ele deseja pôr um fim aos vossos sofrimentos, restituir-vos aos vossos lares e às vossas famílias. Correspondei a esses desígnios benfazejos e vinde a nós sem temor. Habitantes! Voltai seguros às vossas casas, onde não tardareis a encontrar os meios de satisfazer todas as vossas necessidades. Artesãos e operários, retomai vossos diferentes ofícios. Vossas casas, vossas lojas vos esperam, protegidas por patrulhas de segurança, e vosso trabalho terá remuneração condigna. E finalmente vós, camponeses, deixai as florestas onde vos retém o medo, voltai sem temor às vossas isbás, na certeza de ali encontrardes proteção. Criaram-se mercados na cidade, onde os camponeses podem enviar o excesso das suas provisões e os produtos da terra. O governo tomou as seguintes medidas para proteger a venda desses produtos:

1º) A partir de hoje, os camponeses e agricultores dos arredores de Moscou podem, com toda a segurança, depositar suas provisões de toda sorte nos dois mercados: o da Mokhovaia e o de Okhotny Riad.

2º) Essas provisões serão vendidas pelos preços convencionados entre comprador e vendedor, mas se este não receber o preço que pedir terá o direito de levar as mercadorias de volta à sua aldeia, em toda liberdade.

3º) Domingo e quarta-feira de cada semana são os dias fixados para as grandes feiras. Um número suficiente de tropas será escalonada, sábados e terças-feiras, em todas as grandes estradas e até certa distância da cidade, a fim de proteger os veículos de transporte.

4º) Medidas do mesmo gênero garantirão o regresso dos camponeses e de seus veículos.

5º) Tratar-se-á de restabelecer, sem perda de tempo, os mercados comuns. Habitantes da cidade e do campo, operários e artesãos, seja qual for a vossa nacionalidade, sois chamados a executar as paternas disposições de Sua Majestade o Imperador e Rei, e a contribuir para o bem-estar geral. Deponde aos seus pés o vosso respeito e confiança, e não tardeis em vos unir a nós.

Para manter o moral do exército e do povo, realizam-se continuamente marchas, distribuem-se prêmios. O imperador anda a cavalo pelas ruas, consola

os habitantes e, apesar das preocupações de Estado, frequenta os teatros criados por sua ordem.

No terreno da beneficência, a mais bela virtude dos soberanos, Napoleão faz sem demora tudo o que está a seu alcance. Manda inscrever sobre a porta dos estabelecimentos de caridade: *Maison de ma mère*, unindo por esse ato ternura filial às grandes virtudes do monarca. Visita o orfanato e, depois de dar a mão branca a beijar aos órfãos por ele salvos, conversa generosamente com Tutolmine. Depois, de acordo com o eloquente relato de Thiers, manda distribuir o soldo às suas tropas com moeda russa falsa, que ele mandara fabricar.

“Reforçando o emprego desses métodos com um ato digno dele e do exército francês, ele mandou distribuir socorros às vítimas do incêndio. Mas, como os víveres eram demasiado preciosos para que fossem dados a estrangeiros em sua maioria hostis, Napoleão preferiu fornecer-lhes dinheiro para que se abastecessem por fora, e mandou distribuir-lhes rublos de papel.”

Quanto à disciplina do exército, Napoleão mandar expedir continuamente ordens punindo com severidade a falta de cumprimento do serviço e a pilhagem.

X

Mas, coisa estranha, todas essas disposições tão razoáveis, essas medidas e esses planos, que não eram em absoluto inferiores a outros formulados anteriormente em situações similares, não tocavam na raiz da questão, mas, como os ponteiros de um relógio separados do mecanismo, giravam arbitrariamente e sem objetivo, sem tocar nas engrenagens.

Sobre o plano geral de campanha, sobre o qual disse Thiers que “o seu gênio nunca imaginara nada mais profundo, mais hábil, mais admirável”, e a propósito do qual, travando polêmica com Monsieur Fain, ele procura provar que a elaboração deve ser fixada, não no dia 4, mas 15 de outubro, esse plano não podia ser e não foi realizado, porque em nada se relacionava com a realidade. A fortificação do Kremlin, que exigia a demolição de *la Mosquée* (como Napoleão chamava a catedral do Bem-Aventurado Basílio), era completamente inútil. A instalação de minas sob o Kremlin só servia para realizar o desejo do imperador de fazer ir pelos ares o Kremlin, expresso por ele ao deixar Moscou — como uma criança que dá uma palmada no chão onde caiu.

A perseguição do exército russo, que causava tanta preocupação a Napoleão, teve um resultado inaudito. Os chefes militares franceses perdiam o rastro de um exército russo de sessenta mil homens e, segundo as palavras de Thiers, foi somente graças à sua arte e ao seu gênio que Murat encontrou, como agulha em palheiro, esse exército russo de sessenta mil homens.

No terreno diplomático, todos os argumentos de magnanimidade e de justiça por parte de Napoleão, diante de Tutolmine e Iakovlev (que estava principalmente interessado em conseguir uma capa e uma carruagem), foram completamente inúteis: Alexandre não recebeu esses embaixadores e não respondeu às embaixadas.

Quanto às medidas jurídicas, após o suplício dos pretensos incendiários, ardeu a outra metade de Moscou que ficara intacta.

Administrativamente, a instituição do conselho municipal não conteve a pilhagem e só aproveitou algumas pessoas que fizeram parte desse conselho e que, sob pretexto de manter a ordem, pilharam Moscou por conta própria ou autorizaram a conservação do que já fora roubado.

No terreno religioso, a dificuldade tão facilmente resolvida pela visita de Napoleão à Mesquita, no Cairo, permaneceu aqui, pois o emprego de medidas semelhantes não conduziu a resultado algum. Dois ou três sacerdotes encontrados em Moscou tentaram executar a vontade de Napoleão, mas durante o serviço um soldado francês esbofeteou um deles, e outro funcionário francês comunicou o seguinte a respeito do outro:

“O sacerdote que eu tinha descoberto e convidado para recomençar a celebrar missa limpou a igreja e a fechou. Esta noite vieram arrombar novamente as portas, quebrando os cadeados, rasgando os livros e cometendo outras desordens.”

Sob o ponto de vista comercial, a proclamação aos artesãos e aos operários não obteve nenhuma resposta. Não existiam artesãos laboriosos, e os camponeses capturavam e matavam os comissários que se arriscassem um pouco longe da capital com essa proclamação.

Quanto ao entretenimento do povo e das tropas pelo teatro, ficou igualmente sem efeito. Os teatros abertos no Kremlin e na casa de Pozniakov tiveram de fechar logo as portas porque os atores eram roubados.

Mesmo a beneficência não deu os resultados desejados. Moscou estava cheio de dinheiro de papel, genuíno e falso, mas as notas não tinham valor algum. Os franceses que acumulavam objetos saqueados só aceitavam ouro. Não somente a moeda falsa que Napoleão distribuía tão generosamente aos infelizes não tinha valor, como a mesma prata estava depreciada em relação ao ouro. Porém, o mais notável exemplo da inanidade das ordens estúpidas dessa época eram os vãos esforços de Napoleão para pôr fim à pilhagem e impor a disciplina. Eis aqui o que relatavam os chefes militares:

“A pilhagem continua na cidade, apesar da proibição decretada. A ordem ainda não se restabeleceu e não há um só negociante que comercie legalmente. Os vivandeiros permitem-se receptar e vender, mas são sempre objetos roubados.”

“Parte do meu distrito continua a ser alvo de pilhagem dos soldados do terceiro corpo, que, não contentes de arrebatar aos infelizes refugiados nos subterrâneos o pouco que lhes resta, têm ainda a ferocidade de feri-los com o sabre, como eu próprio verifiquei em vários casos.”

“Nada de novo, a não ser que os soldados ainda se entregam ao roubo e à pilhagem. 9 de outubro.”

“O roubo e a pilhagem continuam. Existe no nosso distrito um bando de salteadores, que seria preciso mandar prender por uma guarda numerosa. 11 de outubro.”

“O imperador está muitíssimo descontente com o fato de serem vistos entrar no Kremlin grupos numerosos de saqueadores pertencentes à guarda, apesar da ordem severa para cessar a pilhagem. A desordem e a pilhagem, na velha guarda, reproduziram-se ainda mais violentas na noite passada e hoje. O imperador vê com tristeza que os soldados de elite, destinados à sua guarda pessoal, e que devem dar exemplo de submissão, desobedecem ao ponto de saquear as adegas e os depósitos reservados ao exército. Outros degradaram-se de tal forma que não mais escutam os guardas e oficiais de serviço, e até os xingam e espancam.”

“O grande marechal do palácio queixa-se amargamente de que, a despeito de reiteradas proibições, os soldados continuam a fazer suas necessidades em todos os pátios, e até sob as janelas do imperador.”

Como um rebanho solto, esse exército espezinhava os alimentos que poderiam salvá-lo da fome, e cada dia passado em Moscou mais o aproximava da sua ruína.

E, contudo, não se mexia.

Só se pôs a correr quando, de repente, apossou-se dele o pânico, causado pela captura de comboios na estrada de Smolensk e pela batalha de Tarutino. A notícia dessa batalha, que Napoleão recebeu de surpresa, durante uma parada militar, provocou-lhe o desejo de punir os russos, como diz Thiers, e ele deu a ordem de sair em marcha, tão desejada por todo o exército. Ao deixarem Moscou, os soldados desse exército levavam consigo tudo o que haviam pilhado. Também Napoleão levava o seu tesouro particular. À vista do longo comboio carregado com os despojos, Napoleão foi tomado de horror, segundo Thiers. Mas, com sua experiência de guerra, não mandou queimar todas as carretas supérfluas, como tinha feito com os transportes de um intendente-mor ao aproximar-se de Moscou. Olhou para os veículos nos quais iam os seus soldados e disse que estava tudo bem, que esses veículos seriam utilizados para transportar as provisões, os doentes e os feridos.

A situação de todo o exército era semelhante à de um animal ferido que sente a derrota e não sabe mais o que faz. Estudar as manobras e os projetos de Napoleão desde a entrada em Moscou até a destruição do seu exército é o mesmo que estudar os saltos e as convulsões de um animal ferido de morte. Muitas vezes o animal ferido, ouvindo um rumor, lança-se ao encontro da arma do caçador, corre para a frente, torna a recuar, e ele próprio apressa o seu fim. O mesmo fazia Napoleão sob a pressão de todo o seu exército. O rumor da batalha de Tarutino amedrontara o animal. Ele investiu para a frente, correu até o caçador, voltou atrás, e enfim, como o animal, fugiu pelo caminho mais desvantajoso e mais perigoso, pois era o velho caminho já conhecido.

Napoleão nos é representado como o guia de todo esse movimento, assim como a figura de proa de um navio parece ao selvagem a força que dirige o curso do navio. Mas, em todas as suas atividades durante esse período, Napoleão foi semelhante à criança que, puxando um barbante, julga-se no interior de uma carruagem imaginária, conduzida por ela.

XI

No dia 6 de outubro, pela manhã cedo, Pierre saiu da barraca e parou junto à porta, brincando com um cãozinho pardacento, comprido, de patas curtas e tortas, que saltava em torno dele. Esse cãozinho vivia na barraca, dormia com Karataiev, mas às vezes ia por sua própria conta à cidade e tornava a voltar. Provavelmente nunca tivera dono, e mesmo agora não pertencia a ninguém e não tinha nome. Os franceses chamavam-no Azor, os soldados, Fingalka; Karataiev e os outros o chamavam O Cinza, às vezes Visly. Esse fato de não ter dono, a falta de nome e até de raça e de cor definida não pareciam preocupar o cãozinho pardacento, de cauda felpuda e sempre tesa como uma pluma. Suas patas tortas o serviam tão bem que às vezes, abandonando o emprego de uma delas (uma de trás), levantava-a numa postura graciosa e, muito habilmente, corria com três patas. Tudo lhe era motivo de prazer: ora espojava-se no chão soltando gritos de alegria, ora se aquecia ao sol com um ar pensativo e grave, ora punha-se a saltar, brincando com uma lasca de madeira ou uma palha.

O traje de Pierre compunha-se agora de uma camisa suja, rasgada, único remanescente das suas vestes de outrora, de umas calças de soldado presas nos tornozelos com cordõezinhos para guardar mais calor, segundo o conselho de Karataiev, de um cafetã e de um gorro de camponês.

Durante esse tempo Pierre havia mudado muito fisicamente: já não parecia gordo, embora tivesse ainda a mesma aparência robusta, hereditária em sua família. Uma barba espessa e um bigode lhe cobriam a parte inferior do rosto. Os cabelos compridos e desgrenhados, cheios de piolhos, encaracolavam-se sob o gorro. A expressão dos olhos era firme e calma, como nunca a tivera Pierre. A lassidão que outrora se lia no seu olhar dera lugar a uma energia pronta para a ação e para a resistência. Tinha os pés descalços.

Pierre olhava ora para baixo, para os campos onde, pela manhã, apareciam muitas carretas e homens a cavalo, ora ao longe, além do rio, ora para o cãozinho que fingia querer mordê-lo, ora para os seus pés descalços que ele, com prazer, colocava em diversas posições, mexendo os dedos grossos e sujos. E, cada vez que olhava esses pés descalços, um sorriso vivo e contente lhe passava pelo rosto. A vista dos seus pés nus lhe lembrava tudo o que havia aprendido e vivido nesses últimos tempos, e esta lembrança lhe era agradável.

Havia já alguns dias que fazia um tempo suave, claro, com leves geadas pela manhã — o chamado “verão das velhas”. Fora, ao sol, fazia calor; e este calor, unido à geada da manhã que se sentia no ar, era particularmente agradável.

Sobre todas as coisas, tanto sobre os objetos distantes como sobre os mais próximos, espalhava-se esse brilho de cristal que só se nota nesse período do outono. Ao longe se via o Monte dos Pardais, com a aldeia, a igreja e a grande casa branca; e as árvores despidas, a areia, as pedras, os tetos, o campanário verde da igreja e os cantos das casas brancas a distância, tudo isso se desenhava em contornos firmes no horizonte transparente.

Mais perto, viam-se as ruínas de uma casa nobre meio incendiada, ocupada pelos franceses, com os pés de lilás, ainda verdes, que cresciam no jardim. E até essa construção em ruínas, conspurcada, que pareceria sombria sob um céu cinzento, agora, na claridade brilhante, imóvel, parecia bela e imponente.

Um cabo francês, com a túnica desabotoada, um gorro na cabeça e um cachimbo curto entre os dentes, apareceu no canto da barraca e, piscando amigavelmente, aproximou-se de Pierre.

— Que sol, hein, Monsieur Kiril? — Todos chamavam Pierre assim. — Até parece primavera.

E o cabo encostou-se à porta oferecendo uma cachimbada a Pierre, embora este nunca aceitasse.

— Se a gente marchasse com um tempo assim... — começou ele.

Pierre interrogou-o sobre o que se dizia dos combates. O cabo contou que quase todas as tropas estavam partindo e que nesse dia devia ser dada a ordem concernente aos prisioneiros.

Na barraca onde estava alojado Pierre, um dos soldados, Sokolov, estava doente, com risco de morrer. Pierre disse ao cabo que era preciso fazer qualquer coisa a esse respeito. O cabo tranquilizou-o dizendo que para os doentes havia as ambulâncias e os hospitais, que se daria uma ordem e que, de modo geral, todos os acontecimentos possíveis eram previstos pelos chefes.

— Aliás, Monsieur Kiril, o senhor sabe que basta dizer uma palavra ao capitão. Ah! Esse é um homem que nunca esquece nada! Diga ao capitão quando ele aparecer. Fará tudo que o senhor pedir.

Esse capitão de que falava o cabo conversava muitas vezes com Pierre, longamente, e mostrava-se muito simpático a ele.

— “Olha, Saint-Thomas”, me dizia ele no outro dia: “Kiril é um homem muito instruído, que fala francês. É um nobre russo que teve as suas desgraças,

mas é um homem. E entende do negócio, o... Se ele precisar de qualquer coisa, que me venha dizer. Não lhe será negado. Quando a gente fez os seus estudos, percebes, gosta da instrução e das pessoas bem-educadas.” É para seu bem que lhe digo isso, Monsieur Kiril. O outro dia, se não fosse o senhor, a coisa teria terminado mal.

(Aludia a um caso recente. Fora uma disputa entre os prisioneiros e os franceses, em que Pierre conseguira acalmar os seus companheiros.)

O cabo conversou ainda algum tempo e foi embora. Alguns presos, sabendo que Pierre tinha conversado com o cabo, perguntaram-lhe ansiosos o que ele dissera. Enquanto Pierre contava o que o cabo lhe havia dito sobre a retirada, um soldado francês, magro, amarelado, esfarrapado, apareceu à porta da barraca. Levando o dedo à testa com um movimento ligeiro e tímido, à guisa de saudação, dirigiu-se a Pierre e lhe perguntou se não estava naquela barraca o soldado Platocha, que se encarregara de fazer uma camisa para ele.

Uma semana antes, os franceses haviam recebido pano, couro e utensílios de cordoaria, e tinham-nos dado aos soldados prisioneiros para lhes fazerem camisas e botas.

— Está pronta, está pronta, meu rapaz — disse Karataiev, saindo com uma camisa cuidadosamente dobrada sobre o braço.

Devido ao calor e para maior comodidade do trabalho, Karataiev estava em ceroulas e com uma camisa rasgada, escura como terra. Tinha os cabelos presos por um barbante, à moda dos operários, e a sua cara redonda parecia ainda mais redonda e simpática.

— Se a gente combina, a gente entrega. Eu te disse que ficava pronta na sexta-feira, e aqui está! — disse Platão, sorrindo e desdobrando a camisa que tinha feito.

O francês olhava com uma expressão inquieta em volta de si. Afinal, vencendo a hesitação, tirou rapidamente a túnica e pegou a camisa. Não tinha camisa por baixo da túnica. O seu torso nu, amarelo e magro, estava coberto com um longo colete de seda estampado de pequenas flores e ensebado.

O francês parecia ter medo que zombassem dele. Enfiou a camisa, às pressas. Nenhum dos prisioneiros pronunciou uma palavra.

— Está aí, ficou muito bem! — acrescentou Platão, puxando a camisa para baixo.

Tendo passado a cabeça e os braços, o francês, sem levantar os olhos, olhava a camisa que tinha no corpo e examinava as costuras.

— O que querias, meu caro? Isto aqui não é uma oficina, não há utensílios, e sem utensílios não se pode nem sequer matar uma pulga — disse Platão com um sorriso terno, evidentemente satisfeito com o seu trabalho.

— Está bem, está bem, obrigado. Mas deve ter sobrado pano — disse o francês.

— Ficaré ainda melhor quando a vestires sem nada por baixo — disse Karataiev, continuando a admirar o seu trabalho. — Verás como fica confortável...

— Obrigado, obrigado, meu velho, as sobras... — repetiu o francês, sorrindo, e tirando uma nota de dinheiro de papel. — Mas as sobras...

Pierre percebia que Platão não queria entender o que dizia o francês e, sem se imiscuir na conversa, olhava. Karataiev agradeceu o dinheiro e continuou a admirar o seu trabalho. O francês insistia nas sobras. Pediu a Pierre para traduzir o que ele dizia.

— Para que diabo quer ele as sobras?! — disse Karataiev. — Davam para fazer escarpim. Mas benza Deus!

E Karataiev, com a fisionomia subitamente transformada e triste, tirou do peito da sua camisa as sobras e deu-as ao francês sem olhar para ele.

— Ah! — fez ele, afastando-se.

O francês examinou o pano, ficou pensativo, olhou para Pierre interrogativamente e, como se descobrisse nele qualquer coisa:

— Platocha, escuta, Platocha! — gritou de súbito, numa voz penetrante, corando. — Fica com elas — disse, devolvendo as sobras. E foi embora.

— Olhe só! — disse Karataiev, balançando a cabeça. — Dizem que eles não são cristãos. Mas eles também têm alma. Os velhos diziam: mão suada é mão aberta, mas mão seca é avarenta. Este não tem nada no lombo, e entretanto me deu isto.

Karataiev sorriu pensativamente, olhando os retalhos de pano, e calou-se por um instante.

— Escarpins de primeira, meu caro! — acrescentou, voltando para dentro da barraca.

XII

Havia já quatro semanas que Pierre fora feito prisioneiro. Embora os franceses houvessem proposto transferi-lo da barraca dos presos comuns para a dos oficiais, ele preferira continuar na primeira.

Em Moscou arruinada pelo incêndio e pela pilhagem, Pierre quase atingira o limite extremo das privações que um homem pode suportar, mas, graças à sua forte constituição, à sua saúde, de que até então ele não tinha consciência, e sobretudo graças à progressão insensível das privações, não permitindo determinar o momento em que haviam começado, ele suportou a sua sorte com facilidade e até com verdadeira alegria. Foi precisamente nessa época que alcançou a calma e o contentamento de si mesmo a que, antes, aspirava em vão. No decurso da sua vida, tinha procurado essa calma por toda parte, essa harmonia interior que tanto o impressionara nos soldados de Borodino. Buscara na filantropia, na franco-maçonaria, nas distrações da vida mundana, no vinho, no heroico sacrifício de si mesmo, no amor romântico por Natacha. Buscara no pensamento, e todas as suas pesquisas tinham sido frustradas. E eis que, espontaneamente, encontrara essa calma e essa harmonia apenas pelo horror da morte, pelas privações e pelo que Karataiev lhe fizera compreender. Aqueles momentos terríveis que vivera durante a execução tinham apagado para sempre da sua mente as lembranças e os sentimentos que outrora lhe pareciam importantes; não lhe vinha ao espírito nenhuma reflexão sobre a Rússia, a guerra, a política ou Napoleão. Sentia que tudo isso não lhe dizia respeito, que não era chamado a julgar e, portanto, não estava capacitado para julgar dessas coisas. Seu projeto de matar Napoleão e os seus cálculos sobre o número cabalístico e a besta do Apocalipse pareciam-lhe agora incompreensíveis e até ridículos. A cólera contra a sua mulher e a angústia causada pela ideia de que o seu nome estivesse sendo desonrado afiguravam-se não só pueris, mas até divertidas. Que importância podia ter para ele o fato de aquela mulher levar em algum lugar, lá longe, a vida que lhe aprazia? A quem — e sobretudo a ele —

podia importar a circunstância de se saber que o prisioneiro era o conde Bezukhov?

Lembrava-se agora, muitas vezes, de suas conversas com o príncipe André e concordava inteiramente com ele. Apenas compreendia de maneira um pouco diferente o pensamento do príncipe André. Ele dizia e pensava que só existe a felicidade negativa — mas dizia-o com uma sombra de amargura e de ironia. Parecia exprimir a ideia de que todas as aspirações à felicidade foram postas em nós não para serem satisfeitas, mas para nos atormentarem. Pierre, porém, sem pensamento nas entrelinhas, reconhecia a verdade dessa opinião. A ausência de sofrimentos, a satisfação das necessidades pessoais e a consequente liberdade de escolher a sua ocupação, ou estilo de vida, apresentavam-se a Pierre agora como a felicidade indiscutível e superior da humanidade. Foi só na barraca dos prisioneiros que, pela primeira vez, Pierre compreendeu o prazer de comer quando se tem fome, de beber quando se tem sede, de dormir quando se tem sono, de aquecer-se quando faz frio e de conversar quando se sente vontade de falar e ouvir uma voz humana. A satisfação das necessidades, a boa alimentação, a limpeza, a liberdade pareciam a Pierre, agora que estava privado delas, a felicidade perfeita. E a escolha das ocupações, isto é, a vida, agora que essa escolha era tão limitada, se mostrava uma coisa fácil ao ponto de lhe fazer esquecer que o excesso das comodidades da vida mata a felicidade que nos proporciona a satisfação das necessidades, e que a plena liberdade de escolher as suas ocupações, essa liberdade que lhe era conferida pela instrução, pela riqueza e pela posição social, torna extremamente difícil essa mesma escolha das ocupações e anula a própria necessidade e a possibilidade de nos ocuparmos com qualquer coisa.

Em todos os seus sonhos, Pierre aspirava agora à liberdade. E contudo, desse momento em diante, evocaria e narraria com entusiasmo esse mês de cativo, essas sensações irreproduzíveis, alegres e fortes, e principalmente a completa paz de espírito, a perfeita liberdade interior que ele só experimentara nessa época.

Quando, no primeiro dia, levantando-se cedo, ele saiu da barraca e avistou primeiramente as cúpulas sombrias e as cruzes do convento, quando notou o orvalho congelado no mato empoeirado, quando avistou o cume do Monte dos

Pardais e o rio margeado pelas árvores, perdendo-se ao longe em meio ao nevoeiro, quando sentiu o contato do ar fresco, quando ouviu o grasnido das galhas que atravessavam os campos, vindo de Moscou, e quando, depois, repentinamente, fez-se um clarão a leste e o disco do sol surgiu triunfalmente de trás de uma nuvem e as cúpulas e as cruzes e a geada e o horizonte e o rio puseram-se todos a brincar refulgindo à luz alegre, Pierre experimentou um sentimento novo e ainda desconhecido, de júbilo e de força vital. E esse sentimento não só não o abandonou durante todo o tempo do seu cativeiro, como foi aumentando à medida que se multiplicavam as dificuldades da sua situação.

Esse sentimento — o de estar pronto para tudo — era fortalecido em Pierre pela opinião que, pouco após sua entrada na barraca, formaram dele os companheiros. Com o seu conhecimento de línguas, o respeito que lhe testemunhavam os franceses, a simplicidade, que fazia dar tudo quanto lhe pediam (recebia, como oficial, três rublos por semana), a força que demonstrou cravando um prego com a mão na parede da barraca, a brandura com que tratava os companheiros, a sua capacidade, que eles julgavam extraordinária, de permanecer sentado, imóvel, sem fazer nada, sua capacidade de pensar — graças a tudo isso, Pierre se afigurava aos soldados um ser um tanto misterioso e superior. Essas mesmas qualidades que lhe eram causa de embaraço na sociedade onde vivia outrora — a força, o desprezo às comodidades da vida, a distração, a simplicidade —, aqui, entre esses homens, faziam dele quase um herói. E Pierre sentia que essa opinião a seu respeito lhe impunha certas obrigações.

XIII

Durante as noites de 6 e 7 de outubro começou a saída dos franceses. Destruíam-se as cozinhas, as barracas, carregavam-se as carretas, e as tropas e comboios punham-se em movimento.

Às sete horas da manhã, um pelotão de franceses em uniforme de campanha, com as barretinas, os fuzis, as patronas e sacos enormes, deteve-se diante das barracas, e a conversa em francês, animada, entrecortada por injúrias, alastrou-se por toda a linha.

Dentro da barraca todos estavam prontos, vestidos, cintados, calçados, e só esperavam a ordem para sair. O soldado doente, Sokolov, pálido, magro, com olheiras, ficava sentado, sozinho, ainda descalço e em roupas íntimas. Com os olhos saltados pela magreza, interrogava os camaradas, que não lhe davam atenção, e gemia debilmente, continuamente. Via-se que ele gemia menos de dor (tinha disenteria) do que pelo medo de ficar para trás.

Tendo aos pés um par de botas que lhe fizera Karataiev com o couro de uma caixa de chá trazido por um francês para pôr sola nova nas suas botas, Pierre, com uma corda amarrada à cintura, aproximou-se do doente e acocorou-se diante dele.

— Olhe, Sokolov, eles não vão todos embora! Têm um hospital aqui. Talvez fiques em melhor situação ainda do que nós — disse-lhe.

— Oh, meu Deus! Oh, a morte! Oh, meu Deus! — gemia o soldado, ainda mais forte.

— Mas eu vou pedir — disse Pierre. Levantou-se e dirigiu-se para a porta da barraca. Nesse momento, vinha de fora, com dois soldados, o cabo que na véspera oferecera uma cachimbada a Pierre. O cabo e os soldados traziam equipamento de campanha, com patronas e barretinas, o que transformava aquelas fisionomias tão conhecidas de Pierre.

O cabo viera, por ordem do chefe, para fechar a porta. Antes de saírem, era preciso contar os prisioneiros.

— Cabo, o que vão fazer com o doente? — começou Pierre. Mas no mesmo instante perguntou consigo se seria mesmo o cabo que ele conhecia ou um estranho, tão mudado estava o homem com aquela barretina e o uniforme abotoado.

Além disso, enquanto Pierre pronunciava essas palavras, ressoou à esquerda e à direita, subitamente, o ruído dos tambores. O cabo fez uma careta às palavras de Pierre, proferiu uma injúria grosseira e bateu a porta com estrondo. A barraca ficou em semiobscuridade. De ambos os lados rufavam os tambores, abafando os gemidos do doente.

“Aí está! É isso”, disse Pierre consigo, e um estremecimento lhe percorreu a espinha. No rosto transformado do cabo, no som da sua voz, no ruído ensurdecido dos tambores, Pierre reconheceu essa força misteriosa, impassível

e brutal que obriga as pessoas, apesar de si, a matar seus semelhantes. A mesma força que ele vira em ação durante o fuzilamento dos companheiros prisioneiros. Era inútil ter medo, procurar fugir a essa força, dirigir súplicas aos homens que eram seus instrumentos. Pierre o sabia agora. Devia-se ter paciência e esperar. Pierre não voltou para junto do doente e não tornou a olhá-lo. Ficou próximo à porta da barraca, silencioso, com o cenho franzido.

Quando a porta da barraca se abriu e os prisioneiros, como um rebanho de carneiros, empurrando-se uns aos outros, comprimiram-se à saída, Pierre abriu caminho entre eles e aproximou-se daquele mesmo capitão que, segundo a afirmação do cabo, estava pronto a fazer tudo por ele. O capitão também estava em uniforme de campanha e tinha no rosto a mesma expressão que Pierre reconhecera nas palavras proferidas pelo cabo e no som dos tambores.

— *Filez, filez!* — dizia o capitão, olhando severamente os prisioneiros que passavam diante dele.

Pierre sabia que a sua tentativa seria infrutífera. Não obstante, aproximou-se dele.

— Então, o que quer? — disse o oficial, olhando-o friamente como se não o conhecesse. Pierre falou-lhe no doente. — Ele há de andar, que diabo! — replicou o capitão. — *Filez, filez!* — continuou, sem olhar para Pierre.

— Mas não, ele está agonizando... — começou Pierre.

— Queira, por favor!... — gritou o capitão, franzindo o cenho com cólera.

“Dram-da-da-dam, dam-dam”, rufavam os tambores. E Pierre compreendeu que a força misteriosa já se apossara inteiramente desses homens e que era inútil falar agora.

Os prisioneiros foram separados em oficiais e soldados, e mandaram-nos seguir na frente. Os oficiais, entre os quais se achava Pierre, eram uns trinta, e havia mais ou menos trezentos soldados. Os oficiais prisioneiros saíram das suas barracas; todos estavam muito mais bem vestidos do que Pierre e olhavam-no com desconfiança.

Não longe de Pierre caminhava um major gordo, que parecia gozar da estima geral dos seus camaradas de prisão. Vestia um *khalat* de tártaro de Kazan, com uma faixa de linho à cintura. Tinha uma cara balofa, amarelada e irascível. Com a mão no peito, segurava uma tabaqueira; a outra apertava o tubo do cachimbo.

Arquejando e bufando, esse major resmungava contra todos porque achava que o estavam empurrando, porque todos se apressavam sem razão e se admiravam com alguma coisa, quando não havia motivo para admiração. Outro oficial, pequeno e magro, falava com todos, fazendo conjecturas sobre o lugar aonde os iam levar e a distância que poderiam percorrer naquele dia. Um funcionário de botas altas de feltro e uniforme de comissário andava de um lado a outro e observava Moscou incendiada, comentando em voz alta o que havia sido queimado e sobre que parte da capital eles atravessavam. Um terceiro oficial, de origem polonesa, a julgar pelo sotaque, discutia com o comissário, provando-lhe que ele se enganava na identificação dos diversos bairros de Moscou.

— O que estão discutindo? — disse o major rancorosamente. — Tanto faz se é o bairro de São Nicolau ou de Vlass. Como veem, está tudo queimado, e acabou-se!... Por que está me empurrando? A estrada não é bastante larga? — disse com cólera a alguém que caminhava atrás dele e não o empurrava.

— Ai! Ai! O que eles fizeram! — ouviam-se, ora num ponto, ora em outro, as vozes dos prisioneiros que observavam as ruínas do incêndio. — O outro lado do rio, Zubovo, o Kremlin também... Olhem, só ficou a metade... Eu não lhe dizia que toda essa parte tinha sido queimada?

— Bem, se você sabe que está queimado, para que discutir? — disse o major.

Ao atravessar Khaminovniki (um dos poucos bairros de Moscou que não fora incendiado), diante da igreja, a multidão dos prisioneiros aglomerou-se repentinamente junto à parede e soltou exclamações de horror e nojo.

— Que miseráveis! São uns pagãos! Sim, um morto, um defunto, um morto, é isso mesmo... Lambuzaram-no com alguma coisa.

Também Pierre se aproximou da igreja onde estava o que provocara essas exclamações. Percebeu vagamente qualquer coisa encostada ao gradil da igreja. Pelas palavras dos seus companheiros que enxergavam melhor, soube que era o cadáver de um homem apoiado, em pé, ao gradil da igreja e lambuzado de fuligem.

— Andem, malditos, andem... com trinta mil diabos! — praguejavam raivosos os guardas de escolta. Os soldados franceses, a coronhadas, dispersaram a multidão de prisioneiros que olhava o cadáver.

XIV

Nas ruas de Khaminovniki, os prisioneiros iam apenas acompanhados pelos guardas. As carroças e as carretas pertencentes aos guardas seguiam atrás. Mas ao chegarem perto dos depósitos de provisões caíram no meio de um imenso comboio de artilharia que avançava com dificuldade por conta das carretas particulares.

Próximo à ponte, detiveram-se para deixar avançar os que iam na frente. Da ponte, os prisioneiros avistavam, adiante e atrás de si, as intermináveis filas de veículos que avançavam.

À direita, no ponto em que a estrada de Kaluga descreve uma curva diante dos jardins de Nezkutchny para, depois, perder-se ao longe, uma imensa fileira de tropas e de comboios se estendia até onde alcançava a vista. Era o exército de Beauharnais, que fora o primeiro a partir. Atrás, pela margem do rio e atravessando a ponte Kamenny, iam as tropas e os comboios de Ney.

As tropas de Davout, a que pertenciam os prisioneiros, estavam passando o Krimski Brod e parte delas já se achava na rua Kaluga. Mas os comboios eram tão compridos que os últimos furgões de Beauharnais ainda não tinham acabado de sair de Moscou pela estrada de Kaluga quando os primeiros pelotões de Ney já desembocavam de Bolchaia Ordynka.

Depois de atravessarem o Krimski Brod os prisioneiros deram alguns passos à frente, pararam e novamente avançaram. De todos os lados, os veículos e os homens comprimiam-se cada vez mais. Após mais de uma hora, conseguiram percorrer as poucas centenas de passos que separavam a ponte da rua Kaluga, tendo chegado à encruzilhada das ruas Zamoskvarech e Kaluga, os presos, amontoados, detiveram-se nesse largo e ali passaram algumas horas. De todos os lados ouvia-se o ruído das rodas, incessante como a rebentação do mar, o tropel dos pés e as conversas animadas, entre xingamentos e gritos. Em pé, apertado contra a parede de uma casa incendiada, Pierre escutava esses ruídos que se confundiam na sua imaginação com o rufar dos tambores. Alguns oficiais, comprimindo-se para enxergar melhor, trepavam as paredes da casa incendiada junto à qual estava Pierre.

— Quanta gente! Quanta gente!... Levam coisas até em cima dos canhões! Olha as peles! — diziam. — Que saque fizeram os canalhas! Olha o que vai atrás daquela carreta... São imagens santas, por Deus!... Esses devem ser

alemães. E o camponês russo, cadê?!... Ah! bandidos!... O carregamento é tão grande que ela mal pode andar!... Olha, até tomaram um cabriolé... Lá vão eles sentados em cima dos baús. Santo Deus! até brigam entre si! Muito bem! Bem na cara! Mas, deste jeito, ficamos aqui até a noite!... Olhem! Olhem! com certeza é o próprio Napoleão!... Estão vendo os cavalos? Que cavalos! Com um monograma e uma coroa! É uma casa portátil. Aquele perdeu um saco e não viu... Estão brigando de novo... Uma mulher com uma criancinha, e não é nada feia... Espera, que eles te deixarão passar... Olhem, não se vê o fim... São jovens russas; moças, juro-lhes. Vejam como elas vão bem instaladas nos carros.

Novamente, como aconteceu diante da igreja de Khaminovniki, uma onda de curiosidade geral impeliu todos os prisioneiros para o meio da rua, e Pierre, graças à sua alta estatura, viu por cima das cabeças o que atraía a curiosidade dos prisioneiros. Em três carruagens, no meio dos caixotes de munição, estavam sentadas, muito apertadas umas às outras, mulheres maquiadas e enfeitadas, com vestidos coloridos, que gritavam em voz estridente.

Desde que Pierre havia reconhecido a presença da força misteriosa, nada mais lhe parecia estranho ou terrível, nem mesmo o cadáver lambuzado, por brincadeira, de fuligem, nem mesmo essas mulheres que se apressavam em acompanhar as tropas francesas, nem mesmo o incêndio de Moscou. Tudo o que Pierre via agora já não produzia nele impressão alguma. Dir-se-ia que a sua alma, preparando-se para uma luta difícil, recusava-se a aceitar as impressões que pudessem enfraquecê-la.

As carruagens das mulheres passaram. Atrás delas passaram novas carretas, novas tropas, carros abertos, soldados, armões, mais soldados e, de quando em quando, algumas mulheres.

Pierre não via as pessoas em particular; só lhes via o movimento.

Todos as pessoas e os cavalos pareciam impelidos por uma força invisível. Todos, durante a hora em que Pierre os observou, desembocavam de diversas ruas com o mesmo desejo de passar o mais depressa possível. Todos se atropelavam, enfureciam-se, brigavam; os dentes brancos rangiam, os cenhos se franziam e todos os rostos levavam a mesma expressão resoluta, de crueldade fria, que Pierre notara aquela manhã, ao rufar dos tambores, na fisionomia do cabo.

Era quase noite quando o chefe do comboio reuniu o seu destacamento e, entre gritos e discussões, misturou-se aos outros comboios. Cercados de todos os lados, os prisioneiros saíram pela estrada de Kaluga.

Caminhavam muito depressa, sem descanso, e só pararam quando o sol se pôs. As carroças foram estacionadas e as pessoas se prepararam para acampar. Todos pareciam irritados e descontentes. Durante muito tempo se ouviram, de diversos lados, injúrias, gritos de cólera e discussões. O carro que seguia o dos guardas aproximou-se muito e abriu um rombo com o varal no carro dos guardas. De todos os lados acorreram soldados; uns golpeavam na cabeça os cavalos do carro, tratando de fazê-los dar volta, outros brigaram entre si, e Pierre viu que um alemão fora gravemente ferido com uma machadada na cabeça.

Tendo parado no meio do campo, ao crepúsculo frio de outono, essa gente parecia experimentar o mesmo sentimento desagradável do despertar de uma violência, por causa da pressa que se apoderara de todos à saída e do movimento precipitado para a frente. Assim que pararam, todos pareceram perceber repentinamente que não conheciam o seu destino e que teriam de suportar muitas atribulações e sofrimentos no curso da viagem. Durante essa parada os guardas se mostraram mais duros com os prisioneiros do que à saída. Aí, pela primeira vez, deram carne de cavalo aos prisioneiros.

Desde os oficiais até o simples soldado, notava-se em cada um certa cólera contra os prisioneiros, cólera que, de súbito, tomara o lugar das antigas relações cordiais.

Essa cólera aumentou ainda quando, ao contar os prisioneiros, verificou-se que durante a confusão, à saída de Moscou, um soldado russo fugira, fingindo uma dor de barriga. Pierre viu um francês espancar um soldado russo porque este se afastava demais na estrada e ouviu o capitão, seu amigo, censurar um suboficial pela fuga do soldado russo e ameaçá-lo com o conselho de guerra. O suboficial objetou que o soldado estava doente e não podia caminhar. A isso o oficial replicou que havia ordem de atirar nos retardatários. Pierre sentiu que essa força fatal, que o esmagara durante a execução dos pretensos incendiários e que ele não notara durante o seu cativeiro, dominava-lhe novamente toda a existência.

Isto lhe era terrível, mas sentia que, em razão mesmo dos esforços que fazia essa força fatal para esmagá-lo, crescia e fortalecia-se na sua alma uma força antagônica: a força vital.

Pierre ceou carne de cavalo com caldo de farinha e conversou com os seus companheiros.

Nem Pierre nem nenhum dos seus camaradas falavam do que tinham visto em Moscou, do procedimento dos franceses ou da ordem de atirar, que lhes fora revelada. Como para resistir à gravidade da situação, todos estavam excepcionalmente alegres e animados; falava-se de lembranças pessoais, de cenas divertidas presenciadas em caminho, e abafava-se toda conversa sobre a situação atual.

Havia muito que o sol se pusera. Estrelas cintilavam aqui e além no céu. O reflexo da lua cheia que subia, vermelho como o de um incêndio, difundia-se no horizonte e uma enorme esfera rubra flutuava estranhamente na bruma cinzenta. Estava claro; a tarde terminara, mas a noite ainda não havia começado. Pierre levantou-se e caminhou entre as fogueiras para o outro lado da estrada, onde, segundo lhe haviam dito, estavam os soldados prisioneiros. Queria conversar com eles. Na estrada, uma sentinela francesa mandou-o parar e voltar.

Pierre voltou, mas não para as fogueiras, junto dos seus companheiros, e, sim, para trás de um carro desatrelado, onde não havia ninguém. Com a cabeça baixa, dobrando os joelhos, sentou-se na terra fria e ficou muito tempo assim, imóvel e pensativo. Passou-se quase uma hora; ninguém o incomodava. De repente ele desatou a rir, com o seu riso jovial e tão forte que alguns daqueles homens olharam para todos os lados, admirados desse riso estranho e evidentemente solitário.

— Ha! Ha! Ha! — ria Pierre. E disse a si mesmo, em voz alta: — O soldado não me deixou passar. Prenderam-me, trancaram-me. Conservam-me em cativeiro. Quem, eu? Eu, a minha alma imortal! Ha! Ha! Ha! Ha! Ha!

De tanto rir, seus olhos se encheram de lágrimas.

Um homem qualquer levantou-se e aproximou-se para ver de que estava rindo o estranho homenzarrão. Pierre parou de rir, levantou-se, afastou-se do curioso e olhou em torno de si.

O imenso acampamento onde, há pouco, o crepitar das fogueiras e as conversas faziam tanto ruído, estava agora calmo. As brasas vermelhas das fogueiras empalideciam e apagavam-se. A lua cheia chegara muito alto no céu claro. As florestas e os campos, que antes não eram vistos do acampamento, estendiam-se agora ao longe. Mais além dessas florestas e desses campos, via-se a distância clara, infinita, sedutora. Pierre olhou o céu, as estrelas cintilantes. “E tudo isto me pertence. Tudo isto está em mim, tudo isto sou eu”, pensou ele. “E pegaram tudo isto, meteram isto numa barraca de tábuas queimadas!”

Sorriu e foi deitar-se junto dos seus companheiros.

XV

Nos começos de outubro Kutuzov recebeu novo emissário com uma carta de Napoleão, em que se propunha a paz. A carta era falsamente datada de Moscou, pois Napoleão se achava então na estrada de Kaluga, não muito longe de Kutuzov, um pouco mais à frente. Kutuzov respondeu a essa carta como tinha respondido à primeira, de que fora portador Lauriston. Contentou-se com dizer que não se podia nem mesmo pensar em paz.

Pouco depois os guerrilheiros de Dolokhov, que estavam à esquerda de Tarutino, trouxeram a notícia de que haviam aparecido tropas em Fominskoie. Era a divisão de Broussier, que, separada das outras, podia facilmente ser desbaratada. Os oficiais e os soldados exigiam de novo partir para a ação. Excitados pela lembrança da vitória de Tarutino, obtida com tanta facilidade, os generais do Estado-Maior instavam a Kutuzov para que pusesse em execução a proposta de Dolokhov.

Kutuzov não considerava necessário esse ataque. Adotou-se um meio-termo, enviando a Fominskoie um pequeno destacamento que devia atacar Broussier.

Por estranha casualidade, essa missão — a mais difícil e a mais importante, como depois se soube — foi confiada a Dokhturov, a esse mesmo modesto e obscuro Dokhturov que ninguém nos apresenta traçando planos de batalhas, galopando à frente de um regimento, atirando Cruz de São Jorge nas baterias de canhões ou coisa semelhante; a esse Dokhturov a quem chamavam o indeciso, sem iniciativa, esse mesmo Dokhturov que encontramos em todas as guerras entre a Rússia e a França, desde Austerlitz até 1813, comandando em todos os lugares em que a situação fosse difícil. Em Austerlitz, ele foi o último a

abandonar a represa de Augest, reunindo o regimento e salvando tudo que pôde, enquanto os outros fugiam e se perdiam, e não se encontrava um só general na retaguarda. Enfermo, entre acessos de febre, foi a Smolensk com vinte mil soldados e defendeu a cidade contra todo o exército de Napoleão. Num desses acessos de febre, mal tinha conseguido adormecer, perto do portão Machovski, quando o canhoneio recomeçou em Smolensk; e Smolensk resistiu o dia inteiro.

Em Borodino, quando Bagration foi morto e nove em cada dez homens do nosso flanco esquerdo foram dizimados, quando todo o fogo da artilharia francesa se concentrou sobre aquele ponto, Kutuzov apressou-se a mandar esse mesmo Dokhturov, o indeciso, o sem iniciativa, a fim de corrigir o erro de ter mandado outro. E o pequeno e modesto Dokhturov foi lá, e Borodino torna-se a maior glória do exército russo. E muitos heróis foram celebrados em prosa e em verso, mas sobre Dokhturov, nem uma palavra.

A Fominskoie novamente Dokhturov foi enviado, e posteriormente a Malo-Iaroslavetz, onde teve lugar a última batalha com os franceses e onde, indiscutivelmente, começou a ruína deles. E mais uma vez são cantados muitos gênios e heróis dessa última fase da campanha, mas quanto a Dokhturov nada ou quase nada se diz; e quando se diz, é sempre de uma maneira equivocada. Esse silêncio com referência a Dokhturov é o mais claro testemunho dos seus méritos.

É natural que um homem que não compreende o funcionamento de uma máquina creia, vendo-a em atividade, que a parte mais importante dessa máquina é a lasca insignificante, caída por acaso, e que assim atrapalha o funcionamento. Quem não conhece a construção da máquina não pode compreender que o que tem importância no seu funcionamento não é a lasca, mas a pequena roda dentada, que gira sem fazer ruído. Esse é o elemento mais importante da máquina.

Nesse dia 10 de outubro, depois de percorrer metade do caminho de Fominskoie, Dokhturov se deteve na aldeia de Aristovo, preparando-se para executar pontualmente a ordem que lhe fora dada. E nesse mesmo dia todo o exército francês, tendo alcançado num ímpeto espasmódico a posição em que se encontrava Murat, com a intenção aparente de ali travar batalha, desviou-se subitamente para a esquerda, tomando a nova estrada de Kaluga, e começou a entrar em Fominskoie, antes ocupada apenas por Broussier. Nesse momento

Dokhturov tinha sob suas ordens, além do de Dolokhov, os dois pequenos destacamentos de Figner e de Seslavine.

Na noite de 11 de outubro Seslavine apresentou-se ao general, em Aristovo, com um soldado da guarda francesa que fora feito prisioneiro. Esse soldado informou que as tropas chegadas nesse dia a Fominskoie formavam a vanguarda de todo o grande exército, que Napoleão estava lá e que o exército deixara Moscou cinco dias antes. Na mesma noite um criado vindo de Borovsk disse ter visto entrar na cidade um grande exército. Os cossacos do destacamento de Dolokhov contavam ter visto a guarda francesa marchar pela estrada na direção de Borovsk. De todas essas informações compreendia-se que, no ponto onde se pensava encontrar apenas uma divisão, estava todo o exército dos franceses, vindo de Moscou, numa direção imprevista, pela estrada de Kaluga. Dokhturov não queria tomar iniciativa alguma, pois não era claro, agora, em que consistia o seu dever. Tinham-no mandado atacar Fominskoie. Mas no lugar onde antes estava apenas Broussier achava-se agora todo o exército francês. Ermolov quis agir por conta própria, mas Dokhturov insistiu em que nada se podia fazer sem ordens de Sua Alteza. Ficou resolvido que se enviasse um comunicado ao Estado-Maior.

Escolheu-se para essa missão um oficial muito inteligente, Bolkhovitinov, que, além do comunicado escrito, devia expor a situação de viva voz. À meia-noite Bolkhovitinov, depois de receber a mensagem escrita e a ordem verbal, partiu a galope para o Estado-Maior, acompanhado de um cossaco e dois cavalos de muda.

XVI

A noite estava escura e quente. Havia quatro dias que chovia. Após mudar duas vezes de cavalo e percorrer, durante uma hora e meia, trinta *verstas* de estrada esburacada e lamacenta, Bolkhovitinov, às duas horas da madrugada, chegou a Letachevka. Desceu diante da isbá em cuja cerca viva havia um papel com as palavras “Estado-Maior”, e, largando o cavalo, penetrou no vestibulo extremamente escuro.

— Onde está o general de serviço? Comunicado urgentíssimo! — disse a alguém que, no vestibulo, se erguia aos sobressaltos.

— Está muito indisposto, há três noites que não dorme — sussurrou a voz do ordenança, meio adormecido. — Faça o favor de acordar primeiro o capitão.

— Isto é muito urgente. Da parte do general Dokhturov — disse Bolkhovitinov, entrando pela porta aberta que encontrara às apalpadelas. O ordenança passou diante dele e pôs-se a acordar alguém.

— Excelência! Excelência! Um correio.

— O quê? O que é? De quem? — perguntou uma voz sonolenta.

— Da parte de Dokhturov e de Alexandre Petrovitch. Napoleão está em Fominskoie — disse Bolkhovitinov, sem ver no escuro a pessoa com quem falava, mas supondo que não fosse Konovnitzine. O homem despertado bocejava e espreguiçava-se.

— Não quero acordá-lo — disse ele, apalpando qualquer coisa. — Está bastante doente! Podem não ser mais que boatos.

— Mandaram-me transmitir imediatamente o comunicado ao general de serviço — disse Bolkhovitinov.

— Espera, vou acender a luz. Ah! Maldito, onde é que metes sempre as coisas? — gritou ao ordenança o homem que se espreguiçava.

Era Tcherbinine, ajudante de ordens de Konovnitzine.

— Achei, achei — acrescentou.

O ordenança acendeu uma chama e Tcherbinine procurou o castiçal.

— Ah! Canalhas! — exclamou ele com nojo.

À luz das faíscas, Bolkhovitinov enxergou o rosto juvenil de Tcherbinine, que segurava a vela e, a um canto, na frente, um homem adormecido. Era Konovnitzine.

Quando a chama azul da isca se tornou vermelha, atizada, Tcherbinine acendeu a vela (as baratas que a devoravam puseram-se em fuga) e olhou o correio. Bolkhovitinov estava coberto de lama. Limpou o rosto com a manga e esta também ficou suja.

— Mas quem é que manda isto? — perguntou Tcherbinine agarrando a carta.

— A informação é segura — disse Bolkhovitinov. — Os prisioneiros, os cossacos, os espões, todos dizem a mesma coisa.

— Não há remédio, temos de acordá-lo — disse Tcherbinine, que se levantou e aproximou-se do homem que tinha uma touca de dormir à cabeça e estava coberto com um capote.

— Piotr Petrovitch!

Konovnitzine não se mexeu.

— Mandaram chamá-lo do Estado-Maior! — disse Tcherbinine, sorrindo, certo de que esta palavra o acordaria.

Na bela expressão enérgica de Konovnitzine, cujas faces estavam rubras de febre, prolongou-se ainda um instante a expressão dos sonhos alheios à realidade. Mas logo ele estremeceu e o seu rosto reassumiu a expressão habitual, calma e firme.

— Então! O que há? De quem? — perguntou, sem se apressar, pestanejando à luz. Ao mesmo tempo que ouvia a mensagem dos lábios do oficial, Konovnitzine abriu a carta e leu. Mal terminou a leitura, seus pés calçados com meias de lã deslizaram para o chão e ele começou a se vestir. Em seguida tirou a touca, alisou os cabelos nas têmporas e apanhou um chapéu.

— Vieste depressa? Vamos falar a Sua Alteza.

Konovnitzine compreendera imediatamente que a notícia era importantíssima e não havia tempo a perder. Quanto a saber se a notícia era boa ou má, nem sequer pensava nisso. Não lhe interessava: ele encarava a guerra, não com o raciocínio, mas com outra coisa. Tinha a convicção profunda, tácita, de que tudo terminaria bem, mas que não se devia acreditá-lo nem dizê-lo, devia-se apenas fazer sua obrigação. E ele fazia pondo nisso todas as suas energias.

Piotr Petrovitch Konovnitzine, colocado por simples questão de formalidade entre os heróis de 1812 — os Barclay, os Raievski, os Ermolov, os Platov, os Miloradovitch —, tinha, como Dokhturov, a fama de um homem de saber e capacidades muito limitados. Como Dokhturov, nunca fazia planos de combates, mas encontrava-se sempre onde a situação fosse mais crítica. Desde que fora nomeado general de serviço, estava sempre de prontidão, dormia com a porta aberta e dava ordem de acordá-lo a cada mensageiro que chegasse. Durante a batalha estava sempre debaixo do fogo, motivo pelo qual Kutuzov o censurava e receava afastá-lo de si. Como Dokhturov, Konovnitzine era uma dessas rodas dentadas que passam despercebidas e que, sem fazer ruído, são os mecanismos principais da máquina.

Saindo da isbá para a noite escura e úmida, Konovnitzine caminhava com o cenho franzido, por causa da dor de cabeça cada vez mais forte e deste pensamento que lhe atravessava o espírito: Que efeito ia causar a notícia nesse

ninho do Estado-Maior, e sobretudo em Benigsen, que, depois de Tarutino, estava furioso com Kutuzov? Que ordens iam ser propostas, discutidas, adivinhadas? E o pressentimento de um conflito lhe era doloroso, embora o soubesse inevitável.

Efetivamente, Toll, a quem comunicou a notícia em primeiro lugar, pôs-se logo a expor suas considerações a um general que vivia no mesmo alojamento com ele, e Konovnitzine, que esperava em silêncio, cansado, teve de lhe lembrar que era preciso ir ao aposento do sereníssimo.

XVII

Como todos os velhos, Kutuzov dormia pouco à noite. Durante o dia punha-se muitas vezes a cochilar de repente, mas de noite, estendido na cama sem se trocar, quase sempre ficava refletindo em vez de dormir.

Assim estava deitado agora, com a enorme cabeça, cheia de cicatrizes, apoiada na mão rechonchuda, e, com o olho único aberto e fixo na obscuridade, pensando.

Desde que Benigsen — que se correspondia pessoalmente com o imperador e era o homem mais importante no Estado-Maior — começara a evitá-lo, Kutuzov estava mais tranquilo, porque não o forçariam a comprometer suas tropas em ações ofensivas incertas. A lição da batalha de Tarutino, de que Kutuzov bem se lembrava, também devia agir sobre eles.

“Devem compreender que nós só podemos perder assumindo a ofensiva. A paciência e o tempo, eis os meus heróis!”, pensava Kutuzov. Sabia que não se deve colher a ameixa verde. Quando ela estiver madura cairá por si mesma, mas se a colhermos estragaremos a fruta e a árvore, além de ficar com gosto ruim na boca. Como um caçador experiente, sabia que o animal estava ferido, ferido como só podia deixá-la toda a força da Rússia. Mas o ferimento era mortal ou não? Eis a questão que ainda não estava resolvida.

Agora, pelas informações de Lauriston e de Berthémy e pelo que diziam os guerrilheiros, Kutuzov estava quase certo de que o ferimento era mortal. Mas necessitava de mais provas. Era preciso esperar.

“Eles sempre querem correr para ver o resultado do tiro. Esperem, que haverão de ver. Sempre as manobras, sempre os ataques!”, pensava. “De que

serve distinguir-se em todas as ocasiões! Ainda se houvesse algum prazer em combater! Eles são como crianças, de quem não se pode saber ao certo como se passam as coisas, porque todos querem mostrar que sabem lutar. Mas agora não se trata disso. E que manobras engenhosas todos eles me propõem! Quando inventam duas ou três combinações (pensava no plano geral da campanha que mandaram de Petersburgo), pensam que inventaram tudo e que não pode haver nada mais inteligente!”

Saber se o ferimento infligido em Borodino era ou não mortal era uma questão que, havia já um mês, perturbava a cabeça de Kutuzov. Por um lado, os franceses ocupavam Moscou. Por outro, Kutuzov sentia com todo o seu ser que esse golpe terrível, em que ele e todos os russos haviam empregado toda a sua força, devia ter sido mortal. Mas, em todo caso, necessitava de provas. Havia já um mês que esperava por elas e, com o tempo, ele tornava-se cada vez mais impaciente.

Deitado na cama, durante as suas noites insones, fazia aquilo que ele censurava nos seus jovens generais: considerava o maior número possível de contingências em que se mostraria a derrota de Napoleão, mas com a diferença de não basear medida alguma sobre as suas hipóteses e de não imaginar apenas duas ou três delas, e, sim, milhares. Quanto mais refletia, mais hipóteses vinham. Inventava movimentos de toda sorte por parte do exército de Napoleão, movimentos de conjunto ou apenas parciais. Fosse sobre Petersburgo, fosse contra ele, fosse atrás dele. Admitia (e era o que mais receava) que Napoleão lutasse contra ele com as armas dele, que ficasse em Moscou à sua espera. Kutuzov encarava mesmo o regresso do exército de Napoleão sobre Medine e Iukhov. A única coisa que ele não podia prever era o que aconteceu: o movimento doido, convulsivo, do exército de Napoleão durante os onze dias subsequentes à saída de Moscou, movimento que tornava possível essa coisa em que Kutuzov não ousava ainda pensar, a destruição completa dos franceses.

A informação de Dolokhov sobre a divisão de Broussier, as notícias dos guerrilheiros sobre os reveses do exército de Napoleão, os rumores referentes a preparativos para deixar Moscou, tudo confirmava a suposição de que o exército francês estava derrotado e se dispunha a fugir. Mas isso não passava de uma hipótese, que, aos jovens, parecia de grande peso, porém não a Kutuzov. Ele,

com a sua experiência de sessenta anos, sabia o valor que se deve dar aos boatos, sabia como aqueles que desejam uma coisa são capazes de manipular as notícias de maneira que pareçam confirmar o que eles desejam, e sabia que, nesses casos, omite-se voluntariamente tudo o que parece contraditório. E quanto mais Kutuzov desejava que isso fosse verdade, menos se permitia acreditar. Essa questão absorvia todas as forças da sua alma. Tudo o mais não era para ele senão a rotina da vida. Nessa rotina, nessa submissão à vida, estavam incluídas as suas conversas com os funcionários do Estado-Maior, as cartas de Madame de Stael, que ele recebia em Tarutino, a leitura de romances franceses, a distribuição de recompensas, a correspondência com Petersburgo etc. Mas a destruição dos franceses, que só ele previa, era o seu único desejo.

Na noite de 11 de outubro, ele estava deitado, com a cabeça apoiada na mão, e pensava nisso.

Ouviu-se no quarto vizinho o ruído dos passos de Toll, de Konovnitzine e de Bolkhovitinov.

— Ora! Quem está aí? Entrem! O que há de novo? — gritou o marechal.

Enquanto o criado acendia as velas, Toll contou a notícia.

— Quem foi que trouxe essa notícia? — perguntou Kutuzov, com uma expressão de serenidade fria que chamou a atenção de Toll assim que a viu com a luz da vela.

— Não há dúvida, Alteza.

— Manda, manda cá!

Kutuzov sentou-se, com uma perna pendente, a grande barriga apoiada sobre a outra perna, dobrada. Piscava o olho para examinar melhor o enviado, como se quisesse ler nas suas feições o pensamento que o preocupava.

— Conta, conta, meu amigo! — disse ele a Bolkhovitinov com a sua voz baixa e idosa, fechando a camisa que se abria no peito. — Chega para cá, aproxima-te. Que notícia me trazes, hein? Napoleão saiu de Moscou? Hein? Isso é verdade?

Bolkhovitinov repetiu primeiramente tudo o que lhe tinham mandado dizer.

— Fala, fala mais depressa, não me atormentes — interrompeu Kutuzov.

Bolkhovitinov contou tudo e calou-se, aguardando ordens. Toll quis dizer qualquer coisa, mas Kutuzov interrompeu-o. Ia falar, quando de repente o seu

rosto se contraiu. Fez a Toll um sinal com a mão e voltou-se para o canto onde estavam os ícones.

— Deus, meu Senhor! Ouviste a nossa oração... — disse em voz trêmula, juntando as mãos. — A Rússia está salva. Agradeço-Te, meu Deus!

E chorou.

XVIII

Desde o recebimento desta notícia até o fim da campanha, toda a atividade de Kutuzov consistiu em procurar, pelo exercício da autoridade, pela astúcia e pelos apelos, impedir que suas tropas se empenhassem em ataques, manobras e combates inúteis contra o inimigo moribundo.

Dokhturov marchou sobre Malo-Iaroslavetz, mas Kutuzov demorou-se com o seu exército e deu ordem de evacuar Kaluga, parecendo-lhe muito possível a retirada para trás da cidade. Kutuzov recuava continuamente, mas o inimigo, sem esperar pela sua retirada, fugia na direção oposta.

Os historiadores de Napoleão nos descrevem a sua hábil tática em Tarutino e em Malo-Iaroslavetz, fazem hipóteses sobre o que teria acontecido se Napoleão conseguisse penetrar nas ricas províncias do Sul. Mas, além de nada impedir que Napoleão se dirigisse para essas províncias (pois o exército russo lhe abria caminho), os historiadores esquecem que nada podia salvar o exército de Napoleão, pois que ele carregava em si os germes da sua destruição inevitável.

Por que esse exército, que encontra abundantes provisões em Moscou e que, incapaz de conservá-las, destrói tudo sob os pés? Por que esse exército, ao chegar a Smolensk, se põe a saquear ao acaso em vez de armazenar provisões? Como podia esse exército fortificar-se na província de Kaluga, povoada pelos mesmos russos de Moscou e com a mesma capacidade de destruir tudo pelo fogo?

Em parte alguma o exército poderia refazer-se. Desde a batalha de Borodino e do saque de Moscou, ele levava em si, por assim dizer, os elementos químicos da decomposição.

Os soldados daquilo que fora um exército corriam com os seus chefes, sem saber para onde iam e só tendo um desejo (Napoleão como cada soldado): livrar-

se o mais rapidamente possível dessa situação sem saída em que todos, se bem que vagamente, sentiam.

Foi por isso que, em Malo-Iaroslavetz, onde os generais simularam um conselho, a opinião de um ingênuo soldado, Mouton, resumindo o que todos pensavam — que era preciso apenas fugir o mais depressa possível —, impôs o silêncio a todos, e ninguém, nem mesmo Napoleão, pôde fazer alguma objeção a essa verdade reconhecida. Mas, embora todos admitissem que era preciso bater em retirada, restava ainda a vergonha de se verem assim forçados à fuga, e era necessário um choque exterior para vencer essa vergonha. Esse choque veio em tempo oportuno. Foi o que os franceses chamaram *le hourra de l'Empereur*.

No dia seguinte ao conselho, logo cedo de manhã, Napoleão, fingindo querer inspecionar as tropas e o campo da batalha passada e da que viria, dirigiu-se, com uma comitiva de marechais e uma escolta da guarda, para o meio das suas tropas.

Os cossacos, que rondavam o local, encontraram o imperador e por pouco não o fizeram prisioneiro. O que salvou Napoleão dos cossacos nesse dia foi justamente o que tinha sido a ruína dos franceses: a pilhagem. Sem fazerem caso de Napoleão, lançaram-se sobre os despojos, e Napoleão conseguiu escapar. Ali como em Tarutino, eles saqueavam e deixavam as pessoas.

Já que “os filhos do Don” eram capazes de capturar o próprio Napoleão no meio das suas tropas, tornava-se evidente aos franceses que só restava fugir o mais rapidamente possível pela estrada conhecida mais próxima. Napoleão, que com os seus quarenta anos e a sua corpulência já não tinha a agilidade e a ousadia de outrora, compreendeu essa advertência e, sob o efeito do medo que lhe tinham causado os cossacos, aderiu imediatamente à opinião de Mouton e, como dizem os historiadores, deu a ordem de retirada pela estrada de Smolensk.

O fato de Napoleão concordar com Mouton e de tomarem as tropas o caminho de regresso não prova que ele o tenha ordenado, mas prova que as forças que influenciavam todo o exército, impelindo-o na direção da estrada de Mojaïsk, também agiam sobre Napoleão.

Sempre que alguém se move, dá um objetivo ao seu movimento. Para percorrer mil *verstas*, esse alguém tem de pensar que há algo que valha no fim dessas mil *verstas*. É absolutamente necessário que ele imagine uma terra prometida para ter forças para continuar andando.

A terra prometida, quando da invasão da Rússia, era para os franceses Moscou. Durante a retirada, era a pátria. Mas a pátria estava demasiado longe e para um homem que percorre mil *verstas* é absolutamente necessário que ele possa dizer, esquecendo a meta final: hoje farei quarenta e chegarei ao lugar de repouso, à noite. Esse lugar de repouso faz as vezes de objetivo final e nele se concentram todos os seus desejos e todas as suas esperanças do dia. Essas aspirações, que se manifestam em cada homem individualmente, sempre crescem de intensidade na multidão.

Para os franceses que voltavam pela velha estrada de Smolensk, o objetivo final — a pátria — estava demasiado longe, e o objetivo mais próximo, aquele para que tendiam todos os desejos e todas as esperanças, era Smolensk. Não que os soldados pensassem encontrar em Smolensk muitos víveres e tropas descansadas, não lhes tinham prometido isso. Pelo contrário, quase todos e o próprio Napoleão sabiam que não havia lá muitas provisões. Mas só a esperança de fazer uma parada lhes podia dar a força de se moverem e de suportarem verdadeiras privações. Os que o sabiam e os que o ignoravam enganavam-se mutuamente e aspiravam a Smolensk como a uma terra prometida.

Uma vez na estrada geral, os franceses, com uma energia extraordinária e uma rapidez inaudita, correram para a meta determinada. Além desse impulso comum que unia num só todo as multidões de franceses e lhes emprestava certa energia, outra causa os mantinha unidos: a sua quantidade. A grande massa, como na lei física da atração, aproximava os átomos particulares, que eram os homens. Eles se moviam, com a sua massa de centenas de milhares, como uma nação inteira.

Cada um deles só desejava uma coisa: ser feito prisioneiro e livrar-se de todas aquelas desgraças e horrores. Mas, por um lado, a força do impulso geral para Smolensk atraía a todos na mesma direção. Por outro, um corpo de exército não podia render-se a uma companhia e, embora os franceses aproveitassem todas as ocasiões para se separarem uns dos outros e todos os pretextos plausíveis para se entregarem prisioneiros, esses pretextos nem sempre se apresentavam. O seu grande número e os seus movimentos rápidos, restritos, os privavam dessa

possibilidade e tornavam, aos russos, não somente difícil mas impossível deter esse movimento em que estava empenhada toda a energia das massas francesas. Nenhuma fragmentação mecânica daquele corpo podia acelerar além de certa medida a decomposição que se processava no seio dele.

Não é possível fazer derreter instantaneamente um bloco de neve, há um certo limite de tempo, antes do qual nenhum acréscimo de calor pode fundir a neve e, pelo contrário, quanto mais forte o calor, mais rígida a neve remanescente.

Entre os chefes militares russos, ninguém, salvo Kutuzov, compreendia isso. Quando se tornou bem definida a direção daquela massa de soldados franceses pela estrada de Smolensk, começou a realizar-se o que Kutuzov previra na noite de 11 de outubro: todas as altas patentes do exército queriam distinguir-se, cercar, capturar, aniquilar os franceses, e todos exigiam o ataque.

Somente Kutuzov empregava todas as suas forças (que, num momento como esse, não são grandes em nenhum comandante em chefe) para impedir a ofensiva.

Ele não lhes podia dizer o que nós dizemos agora: para que combater, para que obstruir as estradas e perder soldados, para que matar infelizes, para que tudo isso, quando, desde Moscou até Viazma, sem batalha, um terço desse exército se perdeu por si mesmo? Dizia-lhes, porém — buscando no tesouro da sua sabedoria de velho —, coisas que eles podiam compreender. Falou-lhes da ponte de ouro, e os outros zombavam dele, caluniavam-no, zangavam-se e corriam de um lado para outro, exultando diante do animal ferido. Próximo a Viazma, Ermolov, Miloradovitch, Platov e outros, encontrando-se próximos dos franceses, não puderam conter o desejo de aniquilar dois corpos de exército franceses. Para anunciarem sua intenção a Kutuzov, enviaram-lhe dentro do relatório uma folha de papel em branco, e, apesar de todos os esforços de Kutuzov para conter as nossas tropas, estas atacaram, procurando bloquear o caminho de Napoleão. Os regimentos de infantaria, segundo se diz, lançaram-se ao ataque aos sons das bandas de música, mataram e perderam milhares de homens. Mas não bloquearam e não aniquilaram ninguém, e o exército francês, cerrando ainda mais as suas fileiras por causa do perigo, continuou, ainda que se desfazendo lentamente, a sua marcha fatal para Smolensk.

Décima quarta parte

I

A batalha de Borodino, com a ocupação de Moscou, seguida pela fuga dos franceses sem nova batalha, é um dos fenômenos históricos mais instrutivos.

Todos os historiadores concordaram em afirmar que a atividade exterior dos países e dos povos se exprime por guerras, nos seus conflitos recíprocos, e que graças ao maior ou menor número de sucessos militares, a força política dos povos aumenta ou diminui. Por estranha que seja a descrição dos historiadores narrando como um rei ou um imperador, depois de desentender-se com outro rei ou imperador, reúne seu exército para combater o exército de seu inimigo, vence, mata três, cinco, dez mil homens e, graças a isso, conquista o país e o povo de alguns milhões de pessoas. Por incompreensível que seja o fato de a derrota de um exército — que representa uma centésima parte da força do povo — obrigar esse povo a submeter-se, todos os fatos históricos (tais como nós os conhecemos) confirmam a exatidão desse fenômeno, isto é, que as vitórias maiores ou menores do exército de um povo contra o exército de um outro povo são as causas, ou pelo menos os indícios essenciais, do aumento ou da diminuição da força dos povos. O exército vence e logo aumentam os direitos do povo vitorioso em detrimento do exército vencido. O exército foi derrotado e, segundo a importância dessa derrota, o povo aliena certos direitos; e, se seu exército é esmagado, ele submete-se inteiramente.

Assim acontece (segundo a história) desde os tempos mais remotos. As guerras de Napoleão confirmam essa regra. Em consequência de sua derrota, a Áustria se viu privada de seus direitos, e os direitos e as forças dos franceses aumentaram na mesma medida. A vitória dos franceses em Iena e Auerstedt fizeram a Prússia perder sua independência.

Mas subitamente, em 1812, os franceses vencem mais uma vez nos arredores de Moscou. Moscou é tomada e, depois disso, sem haver nova batalha, não foi a Rússia que deixou de existir, mas um exército de seiscentos mil homens, e toda a França de Napoleão. É impossível fazer esses fatos concordarem com as regras históricas. É impossível afirmar que o campo de Borodino ficou em poder dos russos, e que depois houve uma batalha que esmagou o exército de Napoleão.

Depois da vitória dos franceses em Borodino, não se travou uma só batalha geral ou de qualquer proporção, e o exército francês deixou de existir. O que significa isso? Se se tratasse da história da China, poderíamos dizer que não foi um fenômeno histórico. (E uma das escapatórias habituais dos historiadores, quando acontece alguma coisa que não sabem explicar.) Se se tratasse de um combate de pequenas proporções, no qual só houvessem tomado parte poucas tropas, poderíamos aceitar esse fato como uma exceção. Mas esse acontecimento realizou-se sob os olhos de nossos pais, para quem se decidia a questão de vida ou morte da pátria, e essa guerra foi a maior de todas as guerras conhecidas.

O período da campanha de 1812 que se seguiu à batalha de Borodino, terminando pela expulsão dos franceses, provou que uma batalha ganha não só não é a causa da conquista, como também não é um índice certo de conquista. Esse período da campanha provou que a força que decide a sorte dos povos não está nos conquistadores, nem nas próprias batalhas, mas em alguma outra coisa.

Falando da situação do exército francês antes da saída de Moscou, os historiadores franceses afirmam que o grande exército estava em ordem, exceto a cavalaria, a artilharia e os comboios de bagagem, e que não havia forragem para alimentar os cavalos e o gado das tropas. Esse mal era irremediável, pois os camponeses das cercanias queimavam seu pasto para não o entregar aos franceses.

A batalha ganha não produzia o resultado habitual porque os camponeses de Karp e Vlass, pessoas cujos sentimentos nada tinham de heroicos (após a saída dos franceses foram com suas carretas a Moscou para pilhar a cidade), a exemplo de um número incalculável de camponeses, se recusavam a trazer feno a Moscou, preferindo queimá-lo, por mais altos preços que lhes oferecessem.

Imaginemos dois homens que lutam à espada segundo todas as regras da esgrima. O combate dura bastante. Subitamente, um dos adversários sente-se ferido. Compreendendo que não é brincadeira, que se trata de sua vida, larga a espada e agarra o primeiro porrete que aparece, com ele continuando o duelo. Mas imaginemos que o duelista que tão habilmente fez uso do meio melhor e mais simples para atingir sua finalidade queira, ao mesmo tempo, animado pelas tradições cavalheirescas, esconder o acontecido e afirme com insistência ter

vencido o adversário segundo todas as regras da arte. Pode-se imaginar quanta dificuldade haveria em descrever tal duelo?

O esgrimista que exigia a luta segundo as regras da arte eram os franceses; o adversário que soltara a espada para agarrar o porrete eram os russos; as pessoas que procuram explicar tudo segundo as regras da esgrima são os historiadores que descreveram esse acontecimento.

Depois do incêndio de Smolensk começou uma guerra que não se assemelha a nenhuma outra. O incêndio das cidades e das aldeias, o recuo em seguida às batalhas, o golpe de Borodino seguido por novo recuo, o incêndio de Moscou e a captura dos saqueadores, dos comboios, as guerrilhas dos camponeses, tudo isso contrariava as regras.

Napoleão sentiu isso e depois que, na atitude regular de esgrima, parou em Moscou e, em lugar da espada do adversário, viu o porrete levantado contra ele, não cessou de queixar-se, a Kutuzov e ao imperador Alexandre, de que a guerra estava sendo conduzida contra todas as regras. (Como se existissem regras para matar homens!) Apesar das queixas dos franceses e embora alguns russos de posição superior julgassem vergonhoso, não se sabe por quê, lutar com porrete e quisessem manter-se, segundo as regras, *en quarte* ou *en tierce*, esquivar-se habilmente *en prime* etc., o bastão da guerra popular se levantava com uma força ameaçadora e majestosa e, sem preocupar-se com os gostos e as regras, com uma simplicidade tola, mas praticidade, sem procurar compreender, erguia-se e abaixava-se, massacrando os franceses até o aniquilamento da invasão.

A vitória não é do povo que, como os franceses em 1813, saudando segundo todas as regras da arte, segura a espada pela guarda e, graciosamente, a entrega ao vencedor magnânimo; a vitória é do povo que, no momento das provações, sem querer saber como os outros agiram em circunstâncias semelhantes, facilmente, simplesmente, apanha o primeiro pedaço de pau que encontra e golpeia até desaparecer de sua alma o sentimento da ofensa e da vingança para dar lugar ao de desprezo e piedade.

II

Um dos desrespeitos mais evidentes e mais vantajosos ao que se costuma chamar as regras da guerra é a ação de homens espalhados contra homens reunidos em massas. As ações dessa natureza sempre se

manifestam nas guerras que tomam um caráter popular.

Em lugar do choque de uma grande massa com outra grande massa, as pessoas se dispõem a atacar isoladamente e fogem céleres quando uma massa se joga contra elas, e atacam novamente quando a ocasião se apresenta. Foi a tática dos guerrilheiros espanhóis, dos montanhese no Cáucaso e dos russos em 1812.

Essa espécie de guerra foi chamada guerrilha e julgou-se que esse nome explicava sua importância. No entanto, essa espécie de guerra não só não responde a nenhuma regra, como é completamente contrária à regra bem conhecida e admitida como tática infalível. Segundo essa regra, aquele que espera deve concentrar suas tropas a fim de ser mais forte que o adversário no momento da batalha.

A guerrilha (que sempre deu resultados, como nos mostra a história) é absolutamente contrária a tal regra. Essa contradição provém do fato de a ciência militar supor a força das tropas proporcional ao seu número. A ciência militar diz que quanto maior o número de homens, maior a força. Os grandes batalhões sempre têm razão.

Dizendo isso, a ciência militar é semelhante à mecânica que prevê, baseando-se apenas no exame das forças relativamente a suas massas, que as forças serão iguais ou diferentes entre si conforme suas massas sejam iguais ou não.

A força (quantidade de movimento) é o produto da massa vezes a velocidade.

Na atividade militar, a força das tropas também é um produto das massas, mas multiplicada por um x desconhecido.

A ciência militar, vendo na história, por uma quantidade inumerável de exemplos, que o volume das tropas nem sempre corresponde à sua força, que às vezes pequenos destacamentos vencem outros maiores, reconhece vagamente a existência desse fator desconhecido e procura descobri-lo, ora na construção geométrica, ora no armamento, ora, mais amiúde, no gênio dos comandantes. Mas esses diferentes fatores, tomados como multiplicadores, não dão um resultado de acordo com os fatos históricos.

No entanto, para encontrar essa incógnita basta renunciar à opinião falsa — inculcada apenas para a agradar aos heróis — sobre a influência das ordens das autoridades superiores durante a guerra.

Esse x é o estado de espírito, isto é, o maior ou menor desejo de combater e enfrentar o perigo, o desejo de todos que compõem o exército, totalmente independente da questão de saber se combaterão sob o comando de gênios ou não, em duas ou três fileiras, com porretes ou fuzis de trinta tiros por minuto. As pessoas que mais desejam combater sempre se colocam na posição mais vantajosa para a batalha.

O estado de espírito do exército é o multiplicador da massa, e o resultado é a força.

Definir e exprimir a importância desse estado de espírito, desse multiplicador desconhecido, é o problema da ciência. Esse problema só será solucionado se deixarmos de colocar arbitrariamente, em lugar da incógnita x , as condições por meio das quais a força se manifesta e que são as ordens dos capitães, o armamento etc., sem as tomar como multiplicadores. Devemos admitir integralmente essa incógnita, quer dizer, admiti-la como sendo o desejo maior ou menor de combater e enfrentar o perigo. Só reduzindo a equações os fatos históricos conhecidos e comparando a importância relativa dessa incógnita é que se pode esperar encontrar essa incógnita.

Dez homens, dez batalhões ou dez divisões, combatendo contra quinze homens, quinze batalhões ou quinze divisões, venceram, isto é, aprisionaram e mataram todos, até o último, com a perda de quatro unidades. Assim, de um lado, quatro foram destruídos, e do outro, quinze; logo 4 equivaliam a 15, isto é, $4x = 15y$. Portanto:

$$\begin{array}{rcl} x & = & \underline{15} \\ y & & 4 \end{array}$$

Essa equação não dá o valor da incógnita, mas a relação entre as duas incógnitas. Aplicando essas equações às diversas unidades históricas (as batalhas, as campanhas, os períodos de guerra), obtém-se uma série de números dos quais devem extrair leis que podem ser descobertas.

A regra de tática que prevê que o ataque deve ser feito em bloco e a retirada em partes confirma, involuntariamente, esta verdade: a força de um exército depende de seu estado de espírito. Para conduzir as pessoas à mira dos canhões,

é preciso uma disciplina maior — que só pode ser alcançada pelo movimento em bloco — do que para defender-se dos que atacam. Mas essa regra, em que não se considera o estado de espírito do exército, sempre é falha, principalmente quando o exército é dominado pelo entusiasmo ou pelo desalento; vale dizer, em todas as guerras populares.

Na retirada de 1812, embora as regras de tática mandassem que eles se defendessem por grupos, os franceses recuavam em massa porque o estado de espírito do exército caíra tanto que só unidos podiam salvá-lo. Os russos, ao contrário, embora as regras da tática os mandassem atacar em massa, dispersavam-se porque era tão elevado o moral que as pessoas isoladas não careciam de ordens para atacar os franceses, nem de ordem para se exporem às fadigas e ao perigo.

III

A guerrilha começara com a entrada do inimigo em Smolensk.

Antes dessa guerra ter sido aceita oficialmente pelo nosso governo, milhares de pessoas do exército inimigo — saqueadores, retardatários, forrageiros — haviam sido massacrados pelos cossacos e camponeses, que matavam esses homens com a mesma inconsciência dos cães matando a dentadas um cão acometido pela raiva.

Denis Davidov foi o primeiro a compreender, pelo seu instinto russo, a importância do porrete que, sem preocupar-se com as regras da arte militar, dizimava os franceses. E a ele cabe a glória das primeiras tentativas para regularizar esse sistema de guerra.

O primeiro destacamento dos partidários de Davidov foi reconhecido no dia 24 de agosto, e logo muitos outros se organizaram. Quanto mais se prolongava a luta, mais numerosos se tornavam esses destacamentos.

Os guerrilheiros destruíam aos poucos o grande exército. Juntavam as folhas que caíam por conta própria da árvore morta — o exército francês — e, às vezes, sacudiam o tronco. Em outubro, enquanto os franceses corriam na direção de Smolensk, havia centenas desses destacamentos, com as mais diversas características e de importância variável. Havia destacamentos que imitavam

todos os processos do exército regular, com infantaria, artilharia, Estado-Maior e as comodidades da vida. Havia destacamentos especiais de cossacos, de cavalaria. Havia ainda pequenos, de infantes e cavaleiros. E havia os de camponeses e proprietários que ninguém conhecia. Certo sacristão, que se tornara chefe de um destacamento, fez centenas de prisioneiros num mês. Uma mulher de nome Vassilissa, esposa de um estaroste, matou centenas de franceses.

Os últimos dias de outubro foram os mais intensos dessa guerrilha. Já passara o primeiro período dessa guerra, na qual os guerrilheiros se admiravam da própria audácia, temiam, a todo instante, ser capturados pelos franceses e, sem desarrear, quase sem apear, escondiam-se nas florestas, esperando a captura a todo momento. Agora a campanha assumia contornos definidos, todos sabiam perfeitamente o que se podia fazer contra os franceses e o que não se podia arriscar contra eles.

Agora, só os chefes de destacamentos acompanhados pelo Estado-Maior ainda acreditavam que muitas coisas fossem impossíveis e, segundo as regras da guerra, marchavam longe dos franceses. E só os pequenos guerrilheiros, que já estavam agindo há muito tempo, continuavam sempre no encalço dos franceses, achando muito possível o que os comandantes dos grandes destacamentos não ousavam encarar. Os cossacos e os camponeses que se insinuavam entre as tropas francesas já admitiam tudo como possível.

No dia 22 de outubro, Denissov, um dos chefes de guerrilha, estava como seu destacamento no apogeu da paixão guerrilheira. Desde o amanhecer ele marchava com seus homens. Durante o dia inteiro haviam cavalgado pelas florestas que flanqueavam a estrada geral, à espreita de um grande comboio francês de material de cavalaria e prisioneiros russos. Esse comboio se havia destacado do resto do exército e, bem escoltado — sabia-se por emissários e prisioneiros —, se dirigia para Smolensk. Não só Denissov, como Dolokhov (que era chefe de um pequeno grupo), seguindo Denissov de perto, e também comandantes de grandes destacamentos com Estado-Maior tinham conhecimento desse comboio e o espreitavam.

Dois desses chefes de grandes destacamentos, um polonês e um alemão, quase ao mesmo tempo, e cada um de por si, mandaram convidar Denissov para unir-se a eles a fim de atacarem o comboio.

— Não, meu ca’o, defendo-me com minhas próprias unhas e dentes — disse Denissov lendo os convites.

Escreveu ao alemão dizendo que, apesar do grande desejo de ser comandado por um general tão glorioso, via-se obrigado a recusar, pois já se achava sob o comando do general polonês. Escreveu o mesmo ao general polonês, alegando que já se achava ao serviço do alemão.

Denissov procedia assim porque pretendia, sem ter que prestar contas a chefes, unir suas pequenas forças às de Dolokhov para atacar e capturar o comboio. No dia 22 de outubro, o comboio marchava da aldeia de Mikhuline para a de Chamchevo. Ao lado esquerdo havia grandes florestas, que por vezes chegavam até a estrada e outras vezes se distanciavam mais de uma *versta*. Nessas florestas, ora penetrando, ora chegando até a orla, Denissov marchou o dia inteiro com seu destacamento, sem perder de vista os franceses que avançavam.

Pela manhã, nas proximidades de Mikhuline, num local onde a floresta tocava a estrada, os cossacos se apoderaram de duas carroças francesas atoladas. As carroças estavam cheias de selas e arreios e foram transportadas para a floresta. Depois disso, até o anoitecer, sem atacá-los, o destacamento acompanhou o movimento dos franceses. Era preciso deixar que chegassem até Chamchevo sem assustá-los. De lá, uniria-se a Dolokhov, que deveria chegar à noite, para orientações, à casa do guarda da floresta, a uma *versta* de Chamchevo. Como uma avalanche, ele atacaria os franceses por dois lados ao clarear do dia, esmagando e capturando o comboio. Na retaguarda, a duas *verstas* de Mikhuline, onde a floresta margeava a estrada, seis cossacos permaneceram e deveriam avisar assim que novas colunas francesas aparecessem.

Adiante de Chamchevo, Dolokhov também deveria mandar observar a estrada a fim de saber a que distância se achavam outras forças inimigas.

Calculava-se a escolta do comboio em mil e quinhentos homens. Denissov tinha duzentos homens e Dolokhov outros tantos. Mas a superioridade numérica dos franceses não fazia Denissov hesitar. A única coisa que ainda não sabia exatamente era que tipo de tropas ele iria atacar. Para isso Denissov precisava capturar *um língua* (um homem da coluna inimiga). Por ocasião do ataque da manhã, tudo se fizera tão rapidamente que os franceses que estavam com a

carroça haviam sido mortos e apenas um menino fora capturado vivo: era responsável pelo tambor e, estando na retaguarda, não sabia, positivamente, de quantos homens se compunha a coluna.

Denissov achava perigoso atacar uma segunda vez. Era preciso evitar que o inimigo ficasse de sobreaviso, razão pela qual mandou a Chamchevo um camponês de seu destacamento, Tikhon Tchebaty, para aprisionar, se possível, ao menos um dos soldados franceses que estivesse na dianteira.

IV

Era um dia quente e chuvoso de outono. O céu e o horizonte pareciam de água turva. Ora a cerração descia, ora caía uma chuva oblíqua e forte.

Denissov, vestindo uma *burka* e usando um chapéu que pingava água da chuva, completamente encharcado, montava um cavalo de raça, magro, de quartos descarnados. Ele e o animal, que sacudia as orelhas, se encolhiam sob a chuva. Preocupado, olhava para a frente. Seu rosto, coberto de uma barba espessa, curta e negra, parecia furioso. Ao lado de Denissov, também vestindo uma *burka*, usando um chapéu e montando um grande cavalo do Don, marchava um capitão de cossacos, o companheiro de Denissov.

O capitão Lovaiski, o terceiro cavaleiro, vestia-se da mesma forma e era um homem louro, alto, reto e chato como uma tábua. Seu rosto era branco, com pequenos olhos apertados, claros. De sua fisionomia e de toda a sua pessoa emanava uma expressão de calma e contentamento próprio.

Embora não se pudesse definir a particularidade do cavaleiro e do cavalo, num simples olhar via-se Denissov desajeitado e todo molhado, enquanto que o capitão cavalgava à vontade. Não era um homem a cavalo, mas um homem fazendo um só corpo com o cavalo, um único ser de força dupla.

Um pouco adiante deles ia o guia, um camponês molhado até os ossos, vestindo um cafetã cinza e um gorro de lã branca. Um pouco atrás, num pequeno cavalo magro, delgado, quirguiz, de cauda e crinas compridas, de boca grande sangrenta, seguia um jovem oficial abrigado por um capote azul dos franceses. Ao lado deles, cavalgava um hussardo que levava na garupa um rapaz de uniforme francês todo rasgado e boné azul. O garoto, com as mãos vermelhas de

frio, segurava-se no hussardo, sacudia as pernas nuas para aquecê-las e, de olhos arregalados, observava ao redor. Era o responsável pelo tambor francês capturado pela manhã. Atrás, pela vereda estreita e úmida, seguiam os hussardos em formação de três ou quatro. Depois vinham os cossacos, uns vestindo *burkas*, outros capotes franceses, outros com a cabeça coberta com xairéis. Devido à chuva, todos os cavalos castanhos e baios pareciam pretos e suas crinas encharcadas, coladas nos pescoços, pareciam muito finas. Do flanco dos animais levantava-se uma fumaça de vapor. As roupas, as selas, as rédeas, tudo estava molhado, escorregadio, úmido como as folhas caídas que cobriam o caminho.

Os homens, com expressão carregada, procuravam não fazer o menor movimento a fim de aquecer a água que chegara até o corpo e não deixar penetrar a nova água fria que lhes escorria pelas roupas, joelhos e nuca.

No meio dos cossacos, pelo caminho cheio d'água, duas carroças avançavam ruidosamente, puxadas por cavalos franceses e russos. Elas rangiam ao passar por raízes e troncos que mergulhavam nas poças de água.

O cavalo de Denissov contornou uma poça no meio do caminho, fazendo com que ele batesse o joelho contra uma árvore.

— Ah! maldito — gritou colérico, rangendo os dentes. Deu três chicotadas no animal, salpicando lama sobre os companheiros e sobre si próprio.

Denissov estava de mau humor devido à chuva e à fome (quase não comera nada desde a manhã), e principalmente porque não tinha notícia nenhuma de Dolokhov. Além disso, o homem que mandara para capturar um prisioneiro ainda não voltara.

“É pouco provável que apareça outra ocasião como esta para atacar um comboio. Atacar sozinho é arriscado demais, e deixando para outro dia qualquer desses destacamentos poderosos levaram o comboio sob nosso nariz”, pensava Denissov, olhando sempre para a frente na esperança de avistar o emissário do Dolokhov.

Chegando à clareira, de onde se podia ver longe, Denissov parou.

— Alguém se ap'oxima! — disse.

O capitão olhou na direção indicada por Denissov.

— São dois: um oficial e um cossaco. Mas não conjecturo que seja o tenente-coronel em pessoa — disse o capitão, que gostava de palavras pouco usuais.

Os cavaleiros desapareceram numa descida da montanha. Alguns minutos depois apareceram novamente. Na frente, com um cavalo cansado, galopava um oficial desgrenhado sacudindo sua *nagaika*, molhado até os ossos, as calças arregaçadas. Atrás dele, em pé nos estribos, um cossaco trotava. Esse oficial, um rapaz muito jovem, de rosto grande e vermelho, olhos vivos e alegres, aproximou-se de Denissov entregando-lhe um envelope molhado.

— Da parte do general — disse. — Desculpe se está um pouco molhado.

De cara fechada, Denissov pegou o envelope e começou a abri-lo.

— É a tal história, dizem sempre que é perigoso, perigoso — disse o oficial dirigindo-se ao capitão, enquanto Denissov lia a missiva. — Aliás, eu e Komarov — apontou para o cossaco — estávamos preparados. Cada um de nós tem dois revólveres. Mas o que é isso? — perguntou ao notar a presença do menino francês. — Um prisioneiro? Mas então já combateram? Posso falar com ele?

— ‘ostov! Pétia! — exclamou Denissov, que acabara de ler a missiva. — Mas po’ que não disseste que e’as tu? — Sorrindo, Denissov estendeu a mão ao oficial.

Era Pétia Rostov.

Durante todo o caminho, Pétia se preparara para apresentar-se a Denissov como um oficial sério sem fazer a menor alusão a antigas relações. Mas assim que Denissov lhe sorriu, Pétia iluminou-se, corou de alegria, esquecendo a atitude sóbria que resolvera adotar. Começou a contar como conseguira passar pelos franceses, como se sentia feliz por ter sido encarregado de tal missão e disse que já participara de um combate em Viazma, onde um hussardo se distinguira.

— Fico muito feliz em ve’te — interrompeu Denissov, novamente com sua expressão preocupada.

— Mikhail Theoklititch — prosseguiu, dirigindo-se ao capitão —, é outra vez o alemão. Esse rapaz está servindo sob seu comando.

E Denissov compartilhou com o capitão o conteúdo do papel que acabara de receber: o general alemão insistia para que Denissov se reunisse a ele, a fim de atacarem o comboio.

— Se não o toma’mos amanhã, ele o toma’á sob o nosso nariz — concluiu.

Enquanto Denissov falava com o capitão, Pétia, constrangido com a frieza de Denissov e atribuindo-a às suas calças arregaçadas, começou a baixá-las sob o capote, de forma que ninguém visse, e conservando a postura mais marcial possível.

— Haverá uma ordem da parte de Vossa Senhoria? — perguntou a Denissov, levando a mão à viseira. E, voltando a representar o ajudante de ordens de um general, papel que havia ensaiado: — Ou talvez deva permanecer junto de Vossa Senhoria?

— Uma o'dem — disse Denissov, pensativamente. — Podes fica' aqui até amanhã?

— Ah, eu agradeço, posso ficar! — exclamou Pétia.

— Mas que o'dem te deu o gene'al? De volta' imediatamente? — perguntou Denissov.

Pétia corou.

— Ele não ordenou nada. Acha que posso?... — disse em tom interrogativo.

— Bem — disse Denissov. E, voltando-se para seus subordinados, ordenou-lhes que se dirigissem para o lugar de repouso que havia designado na floresta, e ao oficial do cavalo quirguiz (desempenhava as funções de ajudante de ordens), que fosse à procura de Dolokhov a fim de saber onde ele estava e se viria à noite. Denissov, em companhia do capitão e de Pétia, pretendia aproximar-se da orla da floresta que ficava do lado de Chamchevo, a fim de examinar o local onde os franceses acampariam e onde, no dia seguinte, deveria ser efetuado o ataque.

— Aí! Você, o barbudo! — disse ao camponês guia. — Leva-nos a Chamchevo!

Denissov, Pétia e o capitão, acompanhados de alguns cossacos e do hussardo que levava o prisioneiro, rumaram para a esquerda, pelo vale, na direção da orla da floresta.

V

A chuva estava passando, a cerração caía, gotas d'água se desprendiam dos galhos das árvores. Denissov, o capitão e Pétia, em silêncio, seguiam o camponês, que, de sapatos de palha, sem fazer ruído, pisando sobre raízes e folhas molhadas, os conduzia para a orla da floresta.

Chegando a um declive, o camponês parou, olhou em volta e se dirigiu para uma cortina de árvores bastante espaçadas. Junto de um grande carvalho ainda coberto de folhas, ele parou e, fazendo um gesto misterioso, chamou os oficiais. Denissov e Pétia se aproximaram. Do lugar onde estavam, podiam ver os franceses. Muito próximo, logo abaixo da floresta, havia uma pequena plantação de trigo. À direita, à beira de uma descida escarpada, via-se uma aldeia com sua casa senhorial destelhada. Na aldeia, na casa senhorial, no jardim junto do poço e do açude e ao longo da estrada, numa extensão aproximada de duzentas *sagenas*, através da cerração, via-se o inimigo, em grande massa, e podiam ouvir-se claramente seus gritos em língua estrangeira, instigando os cavalos ou chamando uns aos outros.

— T'agam o p'isioneiro — disse Denissov em voz baixa, sem despregar os olhos dos franceses.

O cossaco apeou, pegou o garoto e, juntos, aproximaram-se de Denissov. Este, designando os franceses, perguntou que tropas eram aquelas. O garoto, com as mãos geladas nos bolsos, apavorado, fitou Denissov com os olhos arregalados. Apesar da vontade de dizer tudo que sabia, atrapalhava-se nas respostas e apenas confirmava tudo o que lhe perguntavam. De cenho franzido, Denissov afastou-se dele e, dirigindo-se ao capitão, partilhou seu ponto de vista.

Pétia, em movimentos rápidos de cabeça, olhava ora o menino do tambor, ora Denissov, ora o capitão, ora os franceses na aldeia e na estrada, e procurava não deixar passar despercebido nada que fosse importante.

— Com Dolokhov ou sem Dolokhov, é preciso atacar. Ce'to? — perguntou Denissov, com o olhar em chama.

— A posição é boa! — observou o capitão.

— Manda'emos a infantaria por baixo, pelo lado pantanoso — continuou Denissov. — Eles seguirão para os jardins. Você ataca'á com seus cossacos, de lá. — Denissov apontava para a floresta que ficava atrás da aldeia. — E eu com os meus hussardos, daqui. Ao primeiro tiro...

— Não dá passagem pelo vale, existe um pântano — objetou o capitão. — Os cavalos poderão atolar, é preferível rumar um pouco mais para a esquerda.

Enquanto conversavam em voz baixa, um tiro partiu do vale, uma fumaça branca apareceu, depois uma outra, e os gritos, parecendo alegres, de centenas de

vozes, se fizeram ouvir. No primeiro momento, Denissov e o capitão recuaram. Estavam tão perto que tiveram a impressão de serem a causa desses gritos e desses tiros. Mas nem os gritos nem os tiros tinham ligação com eles. No vale corria um homem vestido de vermelho. Evidentemente, era para ele que haviam atirado, era ele que provocara os gritos.

— Mas é o nosso Tikhon! — disse o capitão.

— É ele, é ele!

— Que miserável! — exclamou Denissov.

— Não conseguirão agarrá-lo! — opinou o capitão, firmando os olhos.

O homem que chamavam de Tikhon, chegando junto do arroio, atirou-se bruscamente na água, que espirrou para todos os lados. Desapareceu por alguns momentos, surgiu logo depois coberto de barro e afastou-se correndo. Os franceses que o perseguiam pararam.

— Esperto como ele só! — exclamou o capitão.

— Que canalha! — disse Denissov com raiva. — E o que estava fazendo até ago'a?

— Quem? — perguntou Pétia.

— Um dos nossos cossacos. Mandeí-o p'ocu'a' um língua.

— Ah, sim! — fez Pétia, sacudindo afirmativamente a cabeça às primeiras palavras de Denissov, embora não estivesse entendendo coisa nenhuma.

* * *

Nesse grupo de guerrilheiros, Tikhon Tcherbaty era um dos homens mais necessários. Era um camponês da aldeia de Pokrovskoie. No início de sua empreitada, Denissov chegara a Pokrovskoie e, como sempre, chamando o estaroste, perguntara-lhe que notícias dava dos franceses. O estaroste, como que sem justificativa, respondeu como todos os estarostes, que não sabia nem podia saber coisa alguma. Mas quando Denissov lhe explicou que estava procurando dar o troco nos franceses e perguntou se estes, por acaso, não haviam passado por ali, ele respondeu afirmativamente, mas acrescentou que na aldeia só Tikhon Tcherbaty tratava desses assuntos.

Denissov mandou chamar Tikhon e o felicitou. Na presença do estaroste, disse-lhe algumas palavras sobre a fidelidade ao tsar e à pátria, e sobre o ódio que todos os russos deviam sentir sobre os franceses.

— Nós não fazemos mal nenhum aos franceses — respondeu Tikhon, constrangido com as palavras de Denissov. — Apenas brincamos um pouco com esses sujeitos. É verdade que matamos umas duas dúzias de saqueadores, mas não fizemos mal nenhum...

No dia seguinte, quando Denissov se retirava de Pokrovskoie, já tendo esquecido o camponês, vieram dizer-lhe que Tikhon desejava incorporar-se a seu destacamento. Denissov aceitou. A princípio Tikhon só fazia trabalhos pesados, como rachar lenha, carregar água, cuidar dos cavalos etc., mas logo demonstrou grande ardor e grande capacidade para as guerrilhas. Durante a noite saía em pilhagem, e sempre trazia uniformes e armas francesas; quando lhe ordenavam, trazia prisioneiros. Denissov dispensou Tikhon dos trabalhos pesados, começou a levá-lo nas expedições e o inscreveu entre os cossacos.

Tikhon não gostava de andar a cavalo, marchava sempre a pé, sem nunca ficar atrás dos cavaleiros. Como armamento, ele possuía um mosquetão que usava mais por elegância, uma picareta e um machado, que usava como um lobo usa os dentes: tanto para catar pulgas no seu pelo, como para quebrar os ossos mais duros. Com a mesma segurança, Tikhon usava o machado para rachar lenha ou lascar varetas e fazer colherinhas de madeira. No grupo de Denissov, ele ocupava um lugar todo especial. Quando era preciso fazer alguma coisa muito difícil ou perigosa — desatolar um carro com o ombro, tirar um cavalo do pântano puxando-o pelo rabo, intrometer-se entre os franceses, percorrer cinquenta *verstas* a pé num dia —, todos, rindo, apontavam para Tikhon.

— É tão forte que nem o diabo pode com ele! — diziam todos.

Uma ocasião, um francês que ele aprisionara deu-lhe um tiro de revólver nas costas. Ele próprio fez os curativos, tanto externos como internos, lavando a ferida com aguardente. Isso foi motivo de pilhérias em todo o destacamento, nas quais ele próprio tomava parte.

— Que tal! Não te arriskas mais? Dói? — perguntavam os cossacos.

Fingindo-se zangado, Tikhon fazia caretas e injuriava os franceses da maneira mais divertida deste mundo. A única consequência desse acidente foi ele não trazer mais prisioneiros.

Era o homem mais útil e mais corajoso do grupo. Ninguém era melhor para saber a melhor oportunidade de ataque, ninguém fizera mais prisioneiros nem

matara mais franceses e, por causa disso, era o divertimento de todos os cossacos e hussardos, e ele próprio fazia coro de boa vontade.

Agora, Denissov o havia mandado a Chamchevo para trazer um língua, como dizia o chefe. Mas, ou porque não se tivesse contentado com só um francês ou porque, após dormir demais, se tivesse escondido no mato, bem no meio dos franceses, acabou sendo descoberto por eles.

VI

Depois de ter conversado alguns momentos com o capitão sobre o ataque que decidira, considerando a proximidade dos franceses, para o dia seguinte, Denissov afastou-se.

— Ago’a, meu amigo, vamos seca’ as ‘oupas — disse a Pétia.

Ao chegar junto da cabana, Denissov parou para sondar a floresta. Na floresta, entre as árvores, caminhava a largas passadas e com os braços balançando um homem de alpargatas de palha, gorro de Kazan, um fuzil a tiracolo e um machado na cinta. Vendo Denissov, o homem atirou rapidamente alguma coisa no mato e, tirando o gorro molhado, aproximou-se de seu chefe: era Tikhon.

O rosto desfigurado pela varíola e pelas rugas, de olhos pequenos e apertados, brilhava de contentamento. Levantou a cabeça, reprimiu um sorriso e encarou Denissov.

— E então! Po’ onde andaste? — perguntou Denissov.

— Por onde andei?! Fui buscar os franceses — respondeu Tikhon ousadamente, num tom rouco e ao mesmo tempo cantado.

— Po’ que te sumiste du’ante o dia? Animal! E po’ que não pegaste ninguém?

— Pegar, peguei — contestou Tikhon.

— E onde está ele?

— Ao clarear do dia ele já estava preso — continuou Tikhon, abrindo as pernas —, e levei-o para a floresta. Mas vi que não era muito bom. Então falei comigo mesmo: vou buscar um melhor...

— Este canalha é assim! — disse Denissov ao capitão. — Po’que não t’ouxeste esse mesmo?

— Mas para que trazê-lo? — interrompeu Tikhon com vivacidade e já irritado: — Ele não prestava. Será que não sei o que lhe serve ou não?

— Que animal! E então?

— Fui buscar outro. Subi pela floresta e me deitei. — Inesperadamente Tikhon deitou-se de barriga para baixo, a fim de mostrar como fizera. — Apareceu um — prosseguiu. — Peguei-o assim. — Tikhon saltou ágil e rapidamente. — Vamos ver o coronel, disse-lhe. O homem começou a gritar. Apareceram quatro. Caíram em cima de mim com as espadas desembainhadas. Ergui o machado: “O que é isso?! Que Cristo os proteja!” — exclamou Tikhon, sacudindo a mão, enrugando a testa e enchendo o peito.

— É mesmo, nós te vimos da montanha fugindo pelo pântano! — interrompeu o capitão, piscando os olhos.

Pétia estava louco para rir, mas notou que todos se continham. Corria os olhos de Tikhon para o capitão e para Denissov, sem compreender o que tudo aquilo significava.

— Não te faças de palhaço nem de imbecil — disse Denissov, pigarreando com raiva. — Po’ que não t’ouxeste o p’imei’o?

Com uma mão Tikhon coçou as costas, com a outra a cabeça, e toda a sua fisionomia se abriu num sorriso bonachão, brilhante, descobrindo a falha de um dente (razão pela qual tinha o apelido de “falhado”). Denissov sorriu. Pétia desatou numa risada alegre e Tikhon o acompanhou.

— Ora! O homem não valia nada. Nem a roupa prestava. Para que trazê-lo? E além de tudo insolente, afirmo a Vossa Senhoria. Como, diz ele, eu, o filho de um *eneral*! Não irei!

— Animal! — disse Denissov. — Eu p’ecisava inte’ogá-lo.

— Mas eu o interroguei — retrucou Tikhon. — Diz que não sabe quase nada. Os nossos são muitos, disse ele, mas não valem nada. Dê o grito e prenderá todos — concluiu Tikhon, encarando Denissov com seus olhos alegres e resolutos.

— Está bem, manda’ei da’em cem chibatadas e deixa’ás de se’ gaiato! — disse Denissov severamente.

— Mas por que zangar-se? Por quê? Vai dizer que não vi os franceses? Espera, a noite virá, trarei três se quiseres.

— Bem, vamos! — disse Denissov, e até chegar à cabana continuou carrancudo e de mau humor.

Tikhon os seguia, Pétia ouviu as pilhérias dos cossacos sobre as botas que o camponês jogara no mato.

Quando Pétia deixou de rir das palavras e do sorriso de Tikhon, compreendeu que ele havia matado um homem e sentiu-se contrafeito. Fitou o menino do tambor prisioneiro, e qualquer coisa o comoveu. Mas isso só durou um instante. Sentiu necessidade de levantar a cabeça, de tomar um ar marcial e, em tom importante, interrogou o capitão sobre a empreitada do dia seguinte, a fim de não parecer indigno do meio em que estava.

O oficial que fora enviado encontrou Denissov e lhe informou que dentro em pouco Dolokhov chegaria em pessoa, e que de seu lado tudo corria bem.

A fisionomia de Denissov desanuviou-se instantaneamente. Chamou Pétia.

— Muito bem! Ago’a vamos fala’ a teu ‘espeito.

VII

Ao partir de Moscou, após ter deixado os pais, Pétia alcançara seu regimento e pouco mais tarde fora promovido a ajudante de ordens do general que comandava um grande destacamento. Após sua promoção a oficial, e principalmente depois de ter entrado para o exército ativo, quando participou da batalha de Viazma, Pétia se achava num estado de constante alegria, excitado pelo prazer de ser adulto e numa ansiedade entusiasta, perpétua, de não deixar escapar a oportunidade de mostrar-se um verdadeiro herói. Sentia-se satisfeito com o que vira e experimentara no exército, mas ao mesmo tempo lhe parecia que o verdadeiro heroísmo sempre se manifestava onde ele não se achava. E procurava dirigir-se o mais rapidamente possível para onde estava o heroísmo.

Quando, no dia 21 de outubro, seu general manifestou o desejo de mandar um emissário a Denissov, Pétia pediu com tanta insistência para ser designado que o general não pôde dizer não. No momento de deixá-lo partir, o general lembrou-se de um ato de loucura de Pétia por ocasião da batalha de Viazma: em lugar de se dirigir pela estrada para o ponto aonde fora enviado, seguira pela linha, sob o fogo dos franceses, e lá descarregara duas vezes o revólver. Portanto, no momento da partida, o general proibira expressamente a Pétia de tomar parte em qualquer ação de Denissov. Era por essa razão que Pétia havia corado quando Denissov lhe perguntara se ele podia ficar.

Antes de chegar à orla da floresta, Pétia achava que voltar imediatamente era seu estrito dever. Mas quando viu os franceses, quando viu Tikhon, quando soube que, durante a noite, haveria um ataque, com a versatilidade peculiar aos jovens, achou que seu general, a quem sempre tivera grande respeito, não passava de um miserável alemão, que Denissov era um herói, assim como o capitão e Tikhon, e que seria vergonhoso abandoná-los no momento crítico.

O crepúsculo começava a cair quando Denissov, Pétia e o capitão chegaram à cabana. Naquela quase escuridão, podiam-se ver os cavalos selados dos cossacos, os hussardos que armavam pequenas tendas na clareira e (para que os franceses não vissem a fumaça) faziam fogueira no meio de uma depressão. No vestíbulo da pequena isbá, um cossaco, de mangas arregaçadas, cortava uma ovelha. Em seguida, dentro da isbá, achavam-se três oficiais do destacamento de Denissov que com uma folha de porta improvisavam uma mesa. Pétia despiu as roupas molhadas para que secassem e pôs-se a auxiliar os oficiais nos preparativos para o jantar.

Ao cabo de dez minutos, a mesa estava pronta e coberta com um guardanapo. Nela havia aguardente, rum, pão branco, carneiro assado e sal.

Sentado à mesa com os oficiais, Pétia comia com as mãos, que se cobriam de gordura, o assado de carneiro gordo e cheiroso. Ele estava num estado de entusiasmo juvenil, de ternura para com todos os homens e, por causa disso, estava certo da afeição recíproca.

— E então, o que acha, Vassili Feodorovitch? — perguntava ele a Denissov. — Não faz mal que eu fique um dia com vocês? — E sem esperar resposta, ele mesmo respondeu: — Ordenaram-me que trouxesse notícias. Muito bem! Procuro informar-me... Só quero que me deixem ficar onde houver barulho de verdade... Não preciso de condecorações, mas gostaria...

Pétia cerrou os dentes e olhou em volta agitando a cabeça e as mãos.

— Onde houve' ba'ulho de ve'dade... — repetiu Denissov, sorrindo.

— Só lhe peço que me dê um comando. Contento-me em comandar e isso não lhe faz diferença, não é? — prosseguiu Pétia. — Ah! Quer uma faca? — disse ao oficial que queria cortar o carneiro.

E ofereceu-lhe seu canivete. O oficial elogiou a lâmina.

— Se lhe agrada pode ficar com ele, tenho diversos iguais... — disse Pétia, corando. — Meu Deus! Esqueci completamente! — exclamou de súbito. — Tenho umas passas, muito boas, e sem sementes... Estamos com um novo comerciante, que tem coisas deliciosas. Comprei dez libras de passas. Estou habituado com coisas doces. Querem? — Pétia dirigiu-se correndo ao vestibulo, onde estava seu cossaco, e voltou com um saco que continha aproximadamente cinco libras de uvas-passas. — Comam, senhores, comam. O senhor talvez precise de uma cafeteira, capitão? Comprei uma, esplêndida, do nosso comerciante. Ele tem coisas magníficas. E é muito honesto, o que é essencial. Vou mandar ao senhor... faço questão. E talvez já tenha gastado sua pederneira, isso acontece. Trouxe muitas comigo. Tenho cem pedras aqui — disse, apontando para o saco. — Comprei-as por muito bom preço. Podem ficar com todas que precisarem, sem constrangimento, tudo...

E, subitamente, no receio de ter exagerado, Pétia calou-se e corou.

Começou a pensar se não cometera alguma tolice e, relembrando os acontecimentos do dia, recordou-se do menino do tambor francês.

“Está tudo muito bem aqui, mas o que faz ele? Onde o puseram? Será que lhe deram comida? Talvez o tenham maltratado?”, pensou. Mas, lembrando-se que talvez tivesse exagerado com relação às pederneiras, sentiu-se constrangido.

“Eu poderia perguntar”, pensou, “mas eles dirão: ele é um garoto que se preocupa com o que possa acontecer a outro garoto. Mostrar-lhes-ei que espécie de garoto sou. Será vergonhoso perguntar? Bem, não faz mal”.

E em seguida, olhando com algum constrangimento os oficiais, que talvez fossem zombar dele, perguntou:

— Será possível falar com aquele rapaz que foi feito prisioneiro, dar-lhe alguma coisa para comer?... Talvez...

— Onde está o pob’e menino? — perguntou Denissov, que não sentia a menor vergonha em chamá-lo. — T’agam-no aqui. Ele chama-se Vincent Bosse. Chamem-no.

— Eu mesmo o chamarei — disse Pétia.

— Chama, chama! Pob’e ‘apaz! — repetiu Denissov.

Nesse momento Pétia já se achava perto da porta. Passou entre os oficiais e aproximou-se de Denissov.

— Deixe-me abraçá-lo! Muito bonito! Muito bonito!

Abraçou Denissoff e correu para o pátio.

— Bosse! Víncent! — gritou Pétia, parando na porta.

— Que deseja, senhor? — perguntou uma voz na escuridão.

Pétia respondeu que precisava de um rapaz francês que fora aprisionado naquele dia.

— Ah! Vessínia! — fez o cossaco.

Os cossacos já lhe haviam mudado o nome de Vincent para Vessínia, e os camponeses e os soldados para Vissênia. As duas variantes do nome, derivadas de Viesna (primavera), lembravam a mocidade do rapaz.

— Ele está se aquecendo lá perto do fogo. — Eh! Vissênia! Vissênia! Vissênia! — ouvia-se, entre risos, no escuro.

— É um bom rapaz — disse o hussardo que estava perto de Pétia. — Nós lhe demos comida, estava com uma fome de leão!

Passos foram ouvidos na escuridão e, com os pés descalços, pisando na lama, o menino do tambor aproximou-se da porta.

— Ah! É você! — disse Pétia. — Quer comer? Não tenha receio, não lhe farão mal nenhum — acrescentou timidamente, tocando-lhe a mão num gesto carinhoso. — Entre, entre.

— *Merci, monsieur* — respondeu o menino do tambor com uma voz trêmula, quase infantil, limpando os pés sujos na soleira da porta.

Pétia queria dizer-lhe uma porção de coisas, mas não ousava. Embaraçado, continuava em pé junto dele, no vestíbulo. Depois, aproveitando a obscuridade, apertou-lhe a mão.

— Entre, entre — repetiu num murmúrio carinhoso.

“Ah! O que poderia eu fazer por ele?”, pensava.

Abriu a porta e fez o rapaz passar na frente. Quando o menino do tambor entrou na isbá, Pétia, achando que era humilhante preocupar-se com ele, sentou-se mais longe.

Mas apalpava o dinheiro que tinha no bolso e perguntava consigo se não seria ridículo dá-lo ao menino.

Depois do menino do tambor, a quem, por ordem de Denissov, serviram aguardente e carneiro e deram um cafetã a fim de que permanecesse no destacamento, a atenção de Pétia foi atraída pela chegada de Dolokhov.

No exército, Pétia, por diversas vezes, ouvira falar na coragem extraordinária de Dolokhov e de sua crueldade com os franceses. Em vista disso, assim que Dolokhov entrou na isbá, Pétia, sem despregar o olho dele, conservou a cabeça bem erguida, com um ar arrogante, a fim de não parecer indigno de semelhante companhia.

A aparência de Dolokhov causou uma estranha impressão em Pétia.

Denissov, em traje de cossaco, com a barba comprida e uma pequena imagem de São Nicolau pendurada ao pescoço, demonstrava a peculiaridade da sua situação, tanto pelo modo de exprimir-se como pelas suas atitudes. Dolokhov, que outrora, em Moscou, usava traje persa, parecia agora, ao contrário, um oficial da guarda muito polido. Cuidadosamente barbeado, vestia uma túnica acolchoada de oficial da guarda, com a cruz de São Jorge na lapela, e seu quepe era muito simples, colocado bem reto no alto da cabeça.

Soltou num canto a *burka* molhada, aproximou-se de Denissov sem cumprimentar ninguém e logo abordou os assuntos que diziam respeito à situação. Denissov comunicou-lhe as intenções dos grandes destacamentos a respeito do comboio, a missão de Pétia e sua resposta aos dois generais. Em seguida relatou-lhe o que sabia sobre o destacamento francês.

— Muito bem, mas é preciso saber de que exército se trata e qual é o seu efetivo — disse Dolokhov. — Precisamos verificar isso. Não podemos lançar-nos num combate ignorando a força do inimigo. Gosto de fazer tudo bem-feito. Entre esses senhores não haverá alguém que queira fazer o reconhecimento comigo? Disponho de um outro uniforme.

— Eu! eu!... Irei com o senhor! — exclamou Pétia.

— Não tens necessidade de i' — interveio Denissov. — E não pe'miti'ei que ele vá sob nenhum p'etexto.

— E por quê?! Por que não posso ir? — perguntou Pétia.

— Po'que não tens necessidade.

— O senhor vai me desculpar... mas... mas... eu irei e está acabado. O senhor me leva? — perguntou a Dolokhov.

— Por que não? — respondeu Dolokhov distraidamente, olhando para a fisionomia do menino do tambor francês. — Esse garoto está aqui há muito tempo? — perguntou a Denissov.

— Foi ap'isionado hoje, mas não sabe nada e eu consenti que ele ficasse comigo.

— Muito bem. E o que fazes dos outros? — perguntou Dolokhov.

— Como, o que faço?! Mando-os pa'a a 'etagua'da sob 'ecibo! — disse Denissov, corando. — E posso dize' com o'gulho que não tenho a vida de um só homem a me pesa' na consciência. Não é p'efe'ível envia' t'intá ou mesmo t'ezentos homens escoltados a, digamos a palav'a, mancha' a hon'a do soldado?

— Olha, quando a gente tem dezesseis anos como o pequeno conde, semelhantes propósitos são muito naturais — disse Dolokhov com um sorriso frio —, mas na tua idade eles não se justificam.

— Mas eu não estou dizendo nada, só digo que irei com o senhor de qualquer forma — retrucou Pétia timidamente.

— Sim, meu caro, já é tempo de deixarmos de parte esses cavalheirismos — prosseguiu Dolokhov, como se achasse um prazer particular em falar desse assunto que irritava Denissov. — E afinal, por que tomaste conta deste aqui? — perguntou, balançando a cabeça. — Por que tens pena dele? Nós conhecemos muito bem os teus recibos. De cada cem prisioneiros que envias, trinta chegam. Ou morrem de fome ou são mortos no caminho. Sendo assim, não é preferível não enviar nenhum?

Piscando os olhos claros, o capitão aprovava com um movimento de cabeça.

— Isso não tem impo'tância. Aqui não se pode 'aciocina'. O que não que'o é assumi' a 'esponsabilidade do pecado. Dizes que eles mo'em da mesma fo'ma. Está ce'to, mas não po' minha causa.

Dolokhov riu.

— E por que não me atacaram? Tiveram mais de vinte oportunidades. E se eles nos pegarem, a ti e a mim, não deixarão de nos enforcar numa árvore apesar de todo o teu cavalheirismo. — Calou-se. — Mas é preciso fazer alguma coisa. Manda procurar meu cossaco e as bagagens, tenho dois uniformes franceses. E então, vens comigo? — perguntou a Pétia.

— Eu? Mas certamente! — respondeu Pétia, que corou a ponto de quase lhe correrem lágrimas e olhou para Denissov.

Enquanto Dolokhov discutia com Denissov sobre o que se devia fazer com os prisioneiros, Pétia se sentia novamente constrangido, mas não compreendia muito bem o que eles discutiam. “Se os grandes pensam assim, é porque é necessário; logo, está certo”, dizia ele com os seus botões. “E principalmente, é preciso que Denissov não imagine que eu lhe permitirei dar-me ordens. Irei ao acampamento dos franceses com Dolokhov. Posso fazê-lo tão bem como ele.”

A todas as exortações de Denissov, Pétia respondia que estava habituado a bem desempenhar sua tarefa e que jamais pensava no perigo.

— Afinal de contas, você mesmo deve reconhecer que, não se sabendo exatamente quantos eles são, arriscaríamos centenas de vidas, enquanto que assim seremos apenas dois. E além de tudo faço questão de ir e irei de qualquer forma, de qualquer forma... Não me detenha. Seria pior — disse ele.

IX

Depois de colocar o capote e a barretina francesa, Pétia e Dolokhov tomaram o rumo da planície de onde Denissov examinara o campo e, ao deixarem a floresta já em plena escuridão, desceram a encosta. Chegados ao vale, Dolokhov ordenou aos cossacos que os acompanhavam que esperassem e, a trote largo, seguiu pela estrada em direção à ponte. Emocionado, Pétia o acompanhou.

— Se formos atacados, não me entregarei vivo, tenho uma pistola — cochichou Pétia.

— Não fales russo — murmurou rapidamente Dolokhov. Nesse mesmo instante um “*Qui vive?*” seguido por um retinir de armas se fez ouvir na noite.

— Lanceiros do sexto — disse Dolokhov, sem diminuir nem acelerar a marcha de seu cavalo.

A silhueta escura da sentinela surgiu na ponte.

— Senha?

Dolokhov encurtou as rédeas e seguiu a passo.

— Você não me sabe dizer onde está o coronel Gérard? — perguntou.

— Senha? — repetiu a sentinela, obstruindo a passagem sem responder.

— Quando um oficial faz a sua ronda as sentinelas não pedem senha! — gritou Dolokhov, exaltando-se subitamente e avançando em direção à sentinela.

— Pergunto-lhe se o coronel está aqui!

Sem esperar a resposta da sentinela, que lhe deixou o caminho livre, Dolokhov subiu a colina a passo.

Ao perceber, pela sombra, um homem que observava a estrada, Dolokhov o fez parar e perguntou-lhe onde estavam o coronel e os oficiais. O homem, um soldado com um saco ao ombro, parou, aproximou-se e acariciou o cavalo de Dolokhov e, simplesmente, amigavelmente, informou que o coronel e os oficiais podiam ser encontrados no alto da colina, à direita, no pátio da granja (como ele chamava a residência senhorial).

Dolokhov seguiu pela estrada, de cujos dois lados havia fogueiras em torno das quais estavam sentados alguns homens falando em francês e rindo. Chegando à porta-cocheira, ele entrou no pátio, apeou e se aproximou de uma fogueira que ardia bem no centro. Alguns homens conversavam em voz alta e algo fervia numa marmita. Um homem de boné e capote azul, ajoelhado e iluminado pelo fogo, mexia a panela com uma vara.

— Ah! Esse é duro de roer — dizia um dos oficiais sentado, no escuro, do outro lado da fogueira.

— Ele dará pano para manga aos patifes — tornou um outro, rindo.

Ambos se calaram e fitaram a escuridão, ao ouvir o ruído de passos de Dolokhov e Pétia, que se aproximavam com seus cavalos.

— *Bonjour, messieurs* — fez Dolokhov nitidamente e em voz alta.

Os oficiais que estavam do outro lado da fogueira mexeram-se e um deles, muito alto, de pescoço comprido, contornando a fogueira, aproximou-se de Dolokhov.

— É você, Clément? De onde é... — Mas, verificando que estava enganado, não concluiu. Franzindo o cenho, cumprimentou Dolokhov e perguntou-lhe o que desejava.

Dolokhov contou-lhe que ele e seu companheiro procuravam o regimento a que pertenciam e, dirigindo-se a todos em geral, perguntou se não tinham notícias do sexto regimento.

Ninguém sabia nada. Pareceu a Pétia que os oficiais começavam a examiná-lo com hostilidade e desconfiança. Durante alguns segundos todos se conservaram calados.

— Se vieram por causa da sopa da noite, chegaram atrasados — disse, com um riso contido, uma voz perto da fogueira.

Dolokhov respondeu que não tinham fome e que teriam de prosseguir naquela mesma noite. Entregou os cavalos ao soldado que cuidava da marmita e acocorou-se junto da fogueira, ao lado do oficial de pescoço comprido.

Esse oficial não tirava os olhos de Dolokhov e perguntou-lhe mais de uma vez a que regimento pertencia. Fingindo não ouvir, Dolokhov acendeu um pequeno cachimbo francês que tirou do bolso e se pôs a interrogar os oficiais, a fim de saber se a estrada estava infestada de cossacos.

— Esses bandidos estão em toda parte! — respondeu o oficial que estava do outro lado da fogueira.

Dolokhov declarou que os cossacos só eram perigosos para retardatários como eles, mas não para um grande destacamento, que, provavelmente, não ousariam atacar.

Ninguém contestou.

“Bem, agora ele vai embora”, pensava a cada instante Pétia, que se conservava em pé, diante da fogueira, ouvindo.

Mas Dolokhov reiniciou a conversa e perguntou sem rodeios quantos homens e quantos prisioneiros tinham.

Quando se referiu aos prisioneiros russos do destacamento, Dolokhov disse:

— Tarefa ingrata levar esses cadáveres conosco, seria preferível fuzilar essa canalha!

E desatou num riso tão estranho que Pétia acreditou que os franceses perceberiam o embuste e, sem o querer, deu um passo para trás.

Ninguém respondeu às palavras ou ao riso de Dolokhov, e o oficial francês que não se via (estava deitado e enrolado no capote) ergueu-se e murmurou algo ao seu colega. Dolokhov levantou-se e chamou o soldado a quem entregara os cavalos.

“Devolverão ou não os cavalos?”, pensava Pétia, aproximando-se de Dolokhov.

Entregaram-lhes os cavalos.

— *Bonsoir, messieurs!* — disse Dolokhov.

Pétia queria dizer *bonsoir* mas não era capaz de emitir uma única palavra. Os oficiais cochichavam entre si. Sem apressar-se, Dolokhov montou o animal, que parecia inquieto, e dirigiu-se a passo para a porta-cocheira. Pétia o acompanhava sem ousar voltar-se para verificar se os franceses os seguiam ou não. Ao alcançar a estrada, em lugar de seguir pelos campos, Dolokhov rodeou a aldeia e em dado momento parou para escutar.

— Ouves? — perguntou.

Pétia reconheceu sons de vozes russas e pôde perceber os contornos dos prisioneiros russos em roda das fogueiras.

Desceram a colina e, perto da ponte, Pétia e Dolokhov passaram diante da sentinela, que, sem dizer uma palavra, continuou a andar de um lado para o outro. Finalmente chegaram ao barranco onde os cossacos os esperavam.

— Muito bem! Agora adeus, e avisa a Denissov que será para o clarear do dia, ao primeiro tiro — disse Dolokhov, fazendo menção de afastar-se. Mas Pétia o impediu, segurando-o com ambas as mãos.

— Não! Que herói é você! Magnífico! Como o admiro!

— Está bem, está bem — disse Dolokhov, mas Pétia o deteve e, na escuridão, Dolokhov percebeu que ele se inclinava na sua direção. Queria beijá-lo. Dolokhov o beijou, riu e, torcendo as rédeas do cavalo, desapareceu na noite.

X

De volta à cabana, Pétia encontrou Denissov no vestíbulo. Estava emocionado, inquieto, furioso e chateado por ter deixado Pétia ir, e o esperava.

— G'ças a Deus! — exclamou. — Enfim, g'ças a Deus! — repetiu enquanto ouvia a narração entusiástica de Pétia. — Que o diabo te ca'egue! Po' tua causa não do'mi. Ainda podemos do'mi' um pouco até o amanhece'.

— Não — disse Pétia —, não quero dormir. Eu me conheço, se dormir, não vou conseguir acordar direito. E, além disso, estou habituado a não dormir antes da batalha.

Pétia permaneceu algum tempo na isbá, lembrando com alegria os detalhes da excursão e imaginando com entusiasmo o que aconteceria no dia seguinte. Depois, percebendo que Denissov dormia, saiu para o pátio.

Ali a escuridão era completa. A chuva havia parado, mas algumas gotas ainda caíam das árvores.

Perto da cabana podiam ver-se as silhuetas negras das tendas dos cossacos e dos cavalos amarrados juntos. Atrás da isbá havia duas carroças, junto das quais estavam os cavalos, e podia-se ver a luz vermelha de fogueiras que se apagavam no vale. Ainda nem todos os cossacos e hussardos dormiam. Ora de um lado, ora de outro, ouvia-se o murmúrio de vozes que se confundia com o ruído das gotas que caíam e do mastigar dos cavalos.

Pétia saiu, lançou um olhar em torno, na escuridão, e aproximou-se das carroças. Sob uma das carroças alguém roncava e, perto dali, cavalos atrelados mastigavam aveia. No escuro Pétia reconheceu seu cavalo, ao qual dera o nome de Karabah, apesar de ser um animal ucraniano. Aproximou-se dele:

— E então, Karabah! amanhã tenho uma missão! — disse, acariciando o focinho do animal e abraçando-o.

— Mas como, conde, o senhor não está dormindo? — perguntou o cossaco que estava sentado embaixo da carroça.

— Ah! Ah! Likatchov. Creio que esse é o teu nome. Acabo de chegar. Estivemos no acampamento dos franceses. — E Pétia contou detalhadamente ao cossaco, não só a excursão que haviam feito, como também o motivo que os levara, pois é preferível arriscar a própria vida a agir cegamente.

— Agora o senhor deveria dormir um pouco — disse o cossaco.

— Não, estou habituado — respondeu Pétia. — As pederneiras de suas pistolas ainda não estão gastas? Trouxe algumas, talvez você precise! Podes ficar.

Para melhor ver Pétia, o cossaco saiu de baixo da carroça.

— Estou habituado a fazer tudo com cuidado — prosseguiu Pétia. — Os outros não tomam precaução, fazem as coisas de qualquer jeito e depois se lastimam. Eu não gosto disso.

— É verdade — concordou o cossaco.

— E olha, meu caro, podes afiar meu sabre, está sem fio... (Pétia tinha medo de enganar-se, o sabre nunca fora afiado.) É possível?

— E por que não? É possível, sim.

Likatchov levantou-se, tirou alguma coisa de sua mochila, e em seguida Pétia ouviu o som belicoso do aço contra a pedra. Ele subiu na carroça e sentou-se. Sob o veículo o cossaco afiava o sabre.

— Os soldados estão dormindo? — perguntou Pétia.

— Uns estão, outros não.

— E aquele garoto, o que está fazendo?

— Vissênia? Está lá no vestibulo. Dorme de medo. Como ele estava contente!

Por muito tempo Pétia conservou-se calado, escutando os ruídos. Ouviram-se passos; alguém se aproximava na escuridão.

— O que estás afiando? — perguntou um homem, aproximando-se da carroça.

— É para este senhor, estou afiando o seu sabre.

— Está bem! — disse o homem, que Pétia julgou ser um hussardo. — Vocês têm uma vasilha?

— Está ali perto da roda.

O hussardo pegou a vasilha.

— Espero que não demore a amanhecer — disse ele, bocejando enquanto se afastava.

Pétia devia saber que estava na floresta, no destacamento de Denissov, a uma *versta* da estrada principal, que estava sentado numa carroça tomada dos franceses, em torno da qual os cavalos estavam amarrados, que sob a carreta o cossaco Likatchov estava sentado, afiando seu sabre, que a grande mancha preta era a cabana, e a mancha clara, vermelha, à esquerda, era a fogueira que se apagava aos poucos, que o homem que viera buscar a vasilha era um hussardo que tinha sede. Mas não sabia nem queria saber nada. Sentia-se num reino mágico onde nada se assemelha à realidade.

A grande mancha preta talvez fosse a cabana, mas talvez também fosse a caverna que conduz às profundezas da terra. A mancha vermelha talvez fosse o fogo, ou talvez o olho de um monstro enorme. Talvez fosse verdade que ele estivesse sentado na carroça, mas também era possível que, em lugar de estar sentado na carroça, estivesse sobre uma grande torre vacilante, da qual, se caísse, para chegar até a terra levaria um dia, um mês... Era possível que fosse o cossaco Likatchov quem estava sentado sob a carroça, mas talvez fosse o

melhor, o mais extraordinário, o mais corajoso homem do mundo, e que ninguém conhecia. Talvez fosse um hussardo aquele que viera buscar água e que corria para o vale, mas talvez já tivesse desaparecido completamente, para sempre; talvez mesmo ele não o tivesse nem visto.

Nada do que Pétia via tinha importância, nada o surpreendia. Ele estava no reino mágico onde tudo é possível. Olhou para o céu. Lá tudo parecia feérico como na Terra. Iluminava-se e, sobre o cume das árvores, as nuvens corriam rapidamente e davam a impressão de descobrir as estrelas. Por vezes o céu parecia ficar completamente limpo e ficava puro, sombrio. Às vezes manchas negras pareciam nuvens; ora o céu dava a impressão de estar muito alto, muito alto acima de sua cabeça, ora parecia descer tanto que se podia agarrá-lo com a mão. Pétia começava a fechar os olhos e a inclinar-se para um lado. Gotas caíam, as conversas em voz baixa continuavam, os cavalos se agitavam e se escoiceavam, alguém roncava.

Zzip zziip zziip, fazia o sabre afiado. E subitamente Pétia ouviu uma orquestra harmoniosa que tocava um hino desconhecido, solene, doce.

Pétia tinha muito mais sensibilidade musical do que Nicolau e tanto quanto Natacha, mas, como nunca estudara música, os motivos que lhe vinham espontaneamente à cabeça lhe pareciam particularmente novos e atraentes. A música se tornava cada vez mais alta. Os motivos se avolumavam e passavam de um instrumento para outro; era uma fuga, embora Pétia não tivesse a menor ideia do que fosse uma fuga. Cada instrumento, ora semelhante ao violino, ora à clarineta, porém mais perfeito e mais límpido, tocava seu motivo, e sem concluí-lo, confundia-se com o outro que começava quase com as mesmas notas, depois com um terceiro, um quarto, e todos se confundiam num só, separavam-se novamente e mais uma vez se confundiam, ora num motivo solene como uma música de igreja, ora num motivo brilhante, claro, vitorioso.

“Ah! mas eu estou sonhando?”, pensou Pétia, inclinando-se para a frente. “São os meus ouvidos. Talvez seja uma música minha. Pois bem, toca de novo, música, toca!”

Fechou os olhos. De vários lados, ao longe, sons trêmulos começavam a unir-se, a dissipar-se, a confundir-se, e novamente todos se reuniam num mesmo hino

doce, solene. “Ah! é encantador! O que é? Enquanto eu quiser, e como me agrada...”, pensou Pétia. Procurava dirigir esse imenso coro instrumental.

“E agora, atenção, mais baixo, mais baixo.” E os sons o obedeciam. “Muito bem, agora mais força, mais alegria. Ainda mais alegre, mais alegre!...” E da profundidade desconhecida se elevavam sons solenes, em crescendo.

“Agora as vozes juntas!”, ordenava Pétia.

A princípio ouviam-se ao longe vozes de homens, depois vozes de mulheres, os sons cresciam num esforço regular, solene. Pétia sentia-se feliz e assustado com a beleza sobrenatural dessas vozes.

Os sons se confundiam com uma marcha regular, imponente, as gotas caíam e, *zzzip, ziiip*, o sabre se afiava, e novamente os cavalos se agitavam e se escoiceavam, sem interromper o coro, mas se confundiam com ele.

Pétia não fazia uma ideia exata do tempo que isso durava. Sentia prazer e só se admirava e sentia por não ter com quem partilhá-lo.

A voz simpática de Likatchov o acordou.

— Conde! está pronto. Vossa Senhoria cortará os franceses em dois pedaços.

Pétia acordou.

— Já é dia! Mas já é dia mesmo! — exclamou.

Antes não se podiam ver os cavalos, mas agora já era possível distingui-los até a cauda e, atrás dos galhos desfolhados, subia uma claridade esbranquiçada. Pétia sacudiu-se, deu um pulo, tirou do bolso um rublo que deu a Likatchov. Examinou o sabre, brandiu-o no ar e o pôs na bainha.

Os cossacos desamarravam os cavalos, prendiam as correias.

— Aí vem nosso comandante — disse Likatchov.

Denissov saiu da cabana, chamou Pétia e mandou que se preparasse.

XI

Rapidamente, no crepúsculo, os homens desamarravam os cavalos, apertavam as cilhas e se agrupavam em destacamentos. Denissov estava em pé junto à cabana e dava as últimas ordens. Com um tropel de centenas de passos na lama, a infantaria foi na frente, pela estrada, e não tardou a desaparecer entre as árvores, na bruma que precede a aurora.

O capitão dava ordens aos seus cossacos.

Segurando o seu cavalo pela rédea, Pétia aguardava com impaciência a ordem de montar. Seu rosto lavado com água fresca, e principalmente os olhos, brilhavam. Um arrepio lhe percorria a espinha e, em todo o seu corpo, qualquer coisa pulsava rápida e regularmente.

— Então! Está tudo p'onto aí? — perguntou Denissov. — T'agam os nossos cavalos!

Trouxeram os cavalos. Denissov zangou-se com o cossaco porque a cilha estava frouxa e montou a cavalo enquanto o repreendia.

Pétia segurou o estribo. Como sempre, o cavalo fez menção de mordê-lo na perna, mas Pétia montou vivamente e, relanceando os olhos para os hussardos que vinham atrás, na penumbra, aproximou-se de Denissov.

— Vassili Feodorovitch, não quer encarregar-me de alguma coisa? Peço-lhe por amor de Deus...

Denissov parecia ter se esquecido da existência de Pétia. Fitou os olhos nele.

— Uma coisa te peço — respondeu severamente: — obedece e não inventa de ir aonde não há nada para ser feito.

Durante todo o trajeto Denissov conservou-se silencioso, sem dizer mais uma única palavra a Pétia.

Quando alcançaram a beira da floresta já era quase dia nos campos. Denissov disse qualquer coisa em voz baixa ao capitão, e os cossacos puseram-se a passar por eles. Quando todos passaram, Denissov esporeou o cavalo e desceu a encosta. Firmando-se nas patas traseiras e escorregando, os cavalos desceram com os seus cavaleiros para a baixada. Pétia ia ao lado de Denissov. O tremor que lhe agitava todo o corpo fazia-se cada vez mais intenso. A claridade ia aumentando, e só a cerração ocultava as coisas distantes.

Tendo todos chegado embaixo, Denissov voltou-se para o cossaco que estava ao seu lado e lhe fez um aceno com a cabeça.

— O sinal! — disse ele.

O cossaco levantou o braço e um tiro soou.

No mesmo instante ouviram-se as patas dos cavalos que se lançaram para a frente, depois outros tiros e gritos, vindos de diversas direções.

Logo que ouviu o primeiro tropel de cascos e os gritos, Pétia esporeou o cavalo e, sem obedecer a Denissov, que gritava para ele, galopou de rédea solta.

Assim que ressoou o primeiro tiro, pareceu a Pétia que subitamente se fazia claro como se fosse meio-dia. Ia em direção da ponte. Adiante, na estrada, galopavam os cossacos. Na ponte, ele esbarrou num cossaco atrasado e continuou a galopar. Diante dele uns homens, provavelmente franceses, corriam em ambos os lados da estrada. Um deles caiu na lama, sob as patas do cavalo de Pétia. Alguns cossacos estavam agrupados perto de uma isbá. No meio do grupo ouviu-se repentinamente um grito terrível. Pétia precipitou-se para ali, e a primeira coisa que viu foi o rosto pálido de um francês que, com o queixo a tremer, retinha a haste de uma lança dirigida contra ele.

— Hurra!... Meninos!... Os nossos! — gritou Pétia, cujo cavalo, com as rédeas soltas, corria pelo meio da rua.

Adiante ressoavam tiros. Os cossacos, os hussardos e os prisioneiros russos esfarrapados que corriam nos dois lados da estrada, todos, em altas vozes, soltavam gritos incoerentes. Um valente francês de capote azul, sem quepe, com o rosto vermelho, o cenho franzido, defendia-se dos hussardos à baioneta. Quando Pétia chegou perto dele, já estava estirado no chão. “Outra vez atrasado!”, disse Pétia consigo, e foi mais longe, para o local de onde vinham tiros frequentes. Os tiros estouravam no pátio daquela casa senhorial aonde, na noite anterior, ele tinha ido com Dolokhov. Escondidos atrás da espessa sebe do jardim de arbustos crescidos, os franceses atiravam nos cossacos. Junto da porta-cocheira, entre a fumaça de pólvora, Pétia avistou Dolokhov, que, com o rosto pálido, esverdeado, ordenava qualquer coisa aos seus soldados.

— Façam a volta. Esperem a infantaria! — estava ele gritando quando Pétia se aproximou.

— Esperar?... Hurra! — bradou Pétia, e, sem perder um momento, galopou para o local de onde vinham os tiros, e onde a fumaça de pólvora era mais densa.

Ressoou uma série de detonações, balas silvaram e atingiram qualquer coisa.

Os cossacos e Dolokhov lançaram-se, atrás de Pétia, pela porta-cocheira da casa. Densa fumaça rodeava os franceses. Uns, soltando as armas, saíam de trás dos arbustos e iam de encontro com os cossacos; outros fugiam para a montanha ou na direção do açude. Pétia galopava em torno do pátio senhorial e, em vez de segurar as rédeas, agitava rapidamente e de maneira estranha os dois braços,

escorregando cada vez mais para um lado da sela. O cavalo tropeçou nas achas de uma fogueira quase apagada e Pétia caiu pesadamente na terra úmida.

Os cossacos notaram que os seus braços e as suas pernas se agitavam rapidamente, enquanto que a cabeça permanecia imóvel: uma bala lhe atravessara o cérebro.

Depois de ter falado com o oficial superior francês que saíra da casa com um lenço branco atado à ponta da espada, declarando que se rendia, Dolokhov apeou e aproximou-se de Pétia, que estava estendido, imóvel, com os braços abertos.

— Liquidado! — disse ele, franzindo o cenho, e dirigiu-se para a porta-cocheira, ao encontro de Denissov, que vinha chegando.

— Morreu! — exclamou Denissov, avistando de longe o corpo de Pétia, numa posição que ele conhecia como a da morte.

— Liquidado! — repetiu Dolokhov, que parecia sentir prazer em repetir essa palavra. E, a passos rápidos, aproximou-se dos prisioneiros que os cossacos rodeavam. — Nada de prisioneiros! — gritou a Denissov.

Denissov não respondeu. Aproximou-se de Pétia, desceu do cavalo e, com as mãos trêmulas, virou para o seu lado o rosto sujo de sangue e de lama, já pálido.

“Estou habituado com as coisas boas... Excelentes uvas-passas ... Fiquem com tudo...”, veio-lhe à recordação.

Os cossacos se entreolharam estupefatos, ouvindo sons semelhantes a latidos. Era Denissov que soluçava... Afastou-se rapidamente, caminhou para a sebe e apoiou-se nela.

Entre os prisioneiros russos libertados por Dolokhov e Denissov achava-se Pierre Bezukhov.

XII

O grupo de prisioneiros de que Pierre fazia parte já não se achava, a 22 de outubro, agregado às tropas e comboios com que havia deixado Moscou, embora as autoridades francesas não houvessem dado nenhuma nova ordem a respeito deles. Metade do comboio com provisões de biscoitos, que os seguia durante as primeiras etapas, tinha sido tomada pelos cossacos; a outra metade passara para a frente. Dos soldados de cavalaria desmontados, que marchavam diante dos prisioneiros, não restava mais nenhum; todos haviam desaparecido. A artilharia que, no começo, se via à frente estava agora substituída pelos enormes comboios do marechal Junot, acompanhados pelas tropas da Vestfália. Atrás dos prisioneiros seguiam as bagagens da cavalaria.

Depois de Viazma, as tropas francesas, que a princípio marchavam em três colunas, avançaram num só bloco. Os indícios de desordem que Pierre notara nas primeiras paradas depois de Moscou tinham atingido o auge.

A estrada por onde seguiam estava cercada de cavalos mortos. Sucediavam-se os retardatários de diversas colunas, esfarrapados, ora reunindo-se ao exército, ora iam se distanciando, ainda mais retardatários, da coluna em marcha.

Às vezes durante a marcha, havia rebates falsos e os soldados do comboio tomavam os fuzis e atiravam, ou fugiam apressados atropelando-se uns aos outros. Depois tornavam a reunir-se e injuriavam-se mutuamente pelo medo injustificado.

Esses três grupos que marchavam juntos — as bagagens de cavalaria, os prisioneiros e os comboios de Junot — formavam, entretanto, um todo completo, embora cada uma das partes se estivesse dissolvendo rapidamente. Os transportes da cavalaria, a princípio em número de cento e vinte, estavam reduzidos a sessenta; os outros tinham sido capturados ou abandonados. Também das bagagens de Junot, algumas carroças tinham sido tomadas ou abandonadas, e três pilhadas pelos soldados retardatários do corpo de Davout. Pelas conversas dos alemães, Pierre compreendeu que a guarda se destinava antes às bagagens do que aos prisioneiros e que um dos camaradas daqueles, um soldado alemão, fora fuzilado por ordem do próprio marechal, porque haviam descoberto em seu poder uma colher de prata pertencente a este.

E, desses três grupos, era o dos prisioneiros que se dissolvia com mais rapidez. Dos trezentos e trinta que haviam saído de Moscou, restavam agora menos de cem. Os prisioneiros causavam ainda mais desconforto aos guardas do que as selas do depósito da cavalaria e as bagagens de Junot. Compreendiam que as selas e as bagagens podiam servir para alguma coisa, mas o fato de esses soldados famintos e gelados terem de fazer sentinela e vigiar russos não menos famintos e gelados, moribundos, que retardavam a marcha e que eles tinham ordem de matar, era não só incompreensível como revoltante. E os guardas, como se, na triste situação em que se encontravam, tivessem medo de se apiedarem dos prisioneiros, agravando assim a sua própria situação, mostravam-se particularmente mal-humorados e severos com eles.

Em Dorogobuj, enquanto os soldados, depois de trancafiar os prisioneiros numa estrebaria, foram pilhar as suas lojas, alguns soldados prisioneiros fizeram um buraco sob a parede e tentaram fugir, mas os franceses tornaram a capturá-los e os fuzilaram.

Havia muito tempo que se deixara de observar a ordem dada ao sair de Moscou, para que os oficiais e os soldados prisioneiros marchassem separados. Todos os que podiam caminhar iam juntos, e Pierre, depois da terceira parada, reunira-se a Karataiev e ao cãozinho pardo de pernas tortas que escolhera Karataiev como dono.

No terceiro dia após a saída de Moscou, Karataiev foi novamente atacado por aquela febre de que se tratara no hospital, e à medida que o mal se agravava Pierre afastava-se dele. Ignorava o motivo disso, mas desde que Karataiev enfraquecera, ele precisava esforçar-se para se aproximar dele. E quando o fazia, ouvindo os gemidos que ele costumava soltar ao deitar-se e sentindo o seu cheiro cada vez mais ativo, Pierre afastava-se de Karataiev e não pensava mais nele.

Enquanto se achava preso na barraca, Pierre aprendera, não pela razão, mas pela vida mesmo, por todo o seu ser, que o homem foi criado para a felicidade, que a felicidade está em nós mesmos, na satisfação das necessidades naturais, e que todo o mal provém, não da privação, mas do supérfluo. Agora, porém, durante essas três últimas semanas de marcha, aprendia nova e consoladora verdade. Aprendia que não há nada de terrível no mundo, que não existe situação em que o homem seja completamente feliz e completamente livre, e tampouco em que ele seja de todo desgraçado e privado de liberdade. Aprendia que há um limite para o sofrimento e um limite para a liberdade e que esses limites se tocam. Aquele homem que sofria porque, no seu leito de rosas, uma pétala se enrugara sob o seu corpo sofria tanto como ele, que, agora, dormia no chão duro, úmido, regelando-se de um lado e aquecendo-se do outro. Pierre aprendia que, com os seus apertados sapatos de baile, sofria tanto como agora, com os pés descalços — havia muito que os seus chinelos estavam inutilizados — e cheios de machucados. Aprendia que, quando se havia casado, julgando fazê-lo voluntariamente, era tão pouco livre como agora que o prendiam numa estrebaria.

De todas as coisas que, posteriormente, ele chamaria sofrimentos, mas que naquele tempo quase nunca sentia, a pior eram os seus pés descalços e cobertos de escaras. A carne de cavalo era nutritiva e tinha gosto bom, o salitre usado em vez de sal era até agradável. Não fazia muito frio e os dias eram quentes durante a marcha. À noite havia as fogueiras, e os piolhos que o devoravam aqueciam-lhe o corpo. De doloroso nos primeiros dias, só havia os seus pés.

No segundo dia de marcha, examinando as feridas perto da fogueira, Pierre julgou que não poderia mais caminhar. Mas quando todos se levantaram, ele também se levantou, coxeando, e, uma vez aquecido, caminhou sem sentir dores, embora, à noite, o aspecto dos seus pés fosse ainda mais lamentável. Mas ele não os olhou mais e pensou em outra coisa. Só agora Pierre sentia toda a força da vitalidade do homem e dessa salutar faculdade de desviar a atenção, que é dada ao homem e que assemelha às válvulas de segurança das caldeiras, que deixam escapar o vapor assim que a pressão deste ultrapassa certo ponto.

Ele não via e não ouvia fuzilarem os prisioneiros retardatários, embora mais de uma centena deles já houvesse perecido dessa forma. Não pensava em Karataiev, que ia enfraquecendo dia a dia e que, evidentemente, deveria ter em breve a mesma sorte. E ainda menos pensava em si.

Quanto mais difícil se tornava a sua situação, quanto mais terrível era o futuro, mais lhe povoavam a mente os pensamentos e recordações alegres, confortadores e independentes da sua situação atual.

XIII

No dia 22 de outubro, ao meio-dia, Pierre galgava uma subida lamacenta, escorregadia, examinando os seus pés e as irregularidades do terreno. De tempos em tempos, lançava um olhar à multidão que ele conhecia e que o rodeava, depois tornava a contemplar os pés; conhecia bem tanto aquela como estes.

O pardacento Sieny de pernas tortas corria alegremente ao lado da estrada e, de quando em quando, para provar a sua habilidade e a sua alegria, levantava uma pata de trás e corria sobre três patas. Depois lançava-se, latindo e de volta sobre as quatro patas, sobre um corvo pousado em cima de um cadáver. Sieny estava mais limpo e mais alegre do que em Moscou. Por todos os lados viam-se corpos de diversos animais, de homens e de cavalos, em diversas fases de

decomposição, e, como os homens que marchavam impediam a aproximação dos lobos, Sieny podia comer até se fartar. Desde a manhã chovia; parecia que a chuva ia cessar e que tornaria a fazer bom tempo, logo depois de uma breve estiagem a chuva tornava a cair mais forte. Saturada de água, e estrada já não podia absorvê-la e os regatinhos corriam pelos desníveis do solo.

Pierre caminhava olhando os lados, contando os seus passos de três em três e marcando nos dedos. E interiormente acrescentava, dirigindo-se à chuva: “Está bem! Continua, continua!”

Tinha a impressão de não pensar em nada, mas longe, bem no fundo da sua alma, passava-se qualquer coisa importante e consoladora. Era a conclusão mais sutil, mais espiritual, da sua conversa da véspera com Karataiev.

Na véspera, durante a parada da noite, Pierre, que tiritava diante da fogueira apagada, levantara-se e tomara o caminho da fogueira mais próxima. Lá estava sentado Platão, com a cabeça embrulhada numa capa. Em voz nítida e agradável, mas ainda fraca por efeito da doença, estava contando aos soldados uma história que Pierre já conhecia. Passava de meia-noite. Era o momento em que, em geral, Karataiev saía do seu acesso de febre e se mostrava particularmente animado. Quando Pierre, aproximando-se da fogueira, ouviu a voz fraca e doentia de Platão e viu seu semblante alumado pelo fogo, sentiu uma surpresa desagradável. Assustava-se da piedade que lhe causava esse homem e queria retirar-se, mas, como não havia outra fogueira acesa, Pierre sentou-se, procurando não olhar para Platão.

— Então? Como vais de saúde? — perguntou.

— Que saúde? — gemeu o doente. — Se a gente se queixa da saúde, Deus não nos manda a morte!

E logo prosseguiu a história que tinha começado.

— Pois é, meu caro — dizia ele, com um sorriso no rosto magro, pálido, e um brilho particular nos olhos. — Pois é, irmão...

Pierre conhecia de há muito essa história. Karataiev lha tinha contado pessoalmente, ao menos seis vezes, e sempre com particular alegria. Não obstante, nessa noite Pierre escutou a história como se fosse nova para ele. O suave entusiasmo que Karataiev visivelmente experimentava também tocou Pierre. Era a história de um velho mercador que vivia com sua família, crente a

Deus e na prática das boas obras, e que um dia partiu com um companheiro, um mercador rico, para a feira de Nijni-Novgorod. Foram os dois dormir numa estalagem e, no dia seguinte, encontraram o companheiro do mercador morto e roubado. Descobriu-se uma faca ensanguentada sob o travesseiro do velho mercador. Julgaram-no, condenaram-no a ser chicoteado, arrancaram-lhe as narinas — tudo de acordo com a lei, dizia Karataiev — e mandaram-no para os trabalhos forçados.

“E assim, meu caro”, era neste ponto da história que tinha chegado Pierre, “passam dez anos, mais de dez, e o velho continua nos trabalhos, submisso, não fazendo mal nenhum, só pedindo a Deus que lhe dê a morte. Bom! Uma noite os forçados tinham-se reunido... olha, bem como nós!... e o velho estava no meio deles. Põem-se a conversar por que são castigados, qual é a culpa de cada um diante de Deus. Começam a contar: um matou um homem; outro, dois; aquele incendiou, o quarto fugiu, assim, sem motivo algum. Então perguntam ao velho: ‘E tu, vovô, por que estás sofrendo?’ ‘Eu, meus amigos’, diz ele, ‘sofro pelos meus próprios pecados e pelos dos outros. Não tirei a vida de ninguém, não tomei o que não me pertencia; apenas distribuía esmolas aos pedintes. Meus amigos, eu era um mercador, rico...’ e contou tudo que tinha acontecido. ‘Eu’, disse ele, ‘não me queixo por mim. Foi Deus que quis assim. Só lastimo a minha velha e os meus filhos’. E o velho pôs-se a chorar. No meio deles estava o assassino do mercador. ‘Onde foi que isso aconteceu, vovô? Quando? Em que mês?’ Quis saber tudo, como era e como não era. Estava com a alma amargurada. Caminhou para o velho e caiu de joelhos. ‘É por minha causa que sofres, velhinho’, disse ele. ‘Juro-lhes que este homem é inocente. Fui eu que dei o golpe e, enquanto ele dormia, botei a faca debaixo do seu travesseiro. Perdoame, vovô, em nome de Cristo!’”

Karataiev calou-se. Olhou para o fogo com um sorriso ditoso e arranjou as achas.

— Diz o velho: “Deus é que te há de perdoar. Todos nós somos pecadores diante d’Ele. Eu sofro por causa dos meus próprios pecados.” E derreteu-se em lágrimas... O que pensas tu, meu amigo? — disse Karataiev, com o rosto cada vez mais iluminado por um sorriso entusiasta, como se o maior encanto, a importância principal da narração estivesse no que lhe restava para dizer. — O

que pensas tu? O assassino pediu para falar às autoridades. “Eu matei seis pessoas”, disse ele (era um grande malfeitor), “mas tenho muita pena desse velho. Não quero que ele sofra por mim”. E declarou que era ele o culpado. Escreveram tudo e mandaram os papéis para onde deviam. Era longe, os papéis demoraram a chegar até as autoridades. Demoraram a julgar, a escrever como as autoridades devem fazer. O imperador foi informado do caso. Então o imperador mandou ordem de soltar o mercador e dar-lhe uma digna recompensa. Chega o documento, vão procurar o velho. “Onde está o velho que sofre sem ter culpa?” Vão procurá-lo. — Nesse momento, o queixo de Karataiev tremeu. — Deus já o tinha agraciado; estava morto! É assim, meu amigo — concluiu Karataiev. E por muito tempo, sorrindo, ficou a olhar para a frente.

Não era a narração propriamente dita, mas o seu sentido místico, a alegria entusiasta que brilhava no rosto de Karataiev, o significado misterioso dessa alegria que confusamente rejubilava a alma de Pierre.

XIV

— Aos seus lugares! — gritou de repente uma voz.

Entre os prisioneiros e os guardas surgiu um alegre alvoroço, como se esperassem qualquer coisa de festivo e de solene. De todos os lados se ouviam vozes de comando e, à esquerda, desfilando a trote em frente dos prisioneiros, apareceu um grupo de soldados de cavalaria, montados com aprumo em belos cavalos. Em todos os rostos se mostrava essa expressão de expectativa que notamos nas pessoas que se encontram perto de autoridades. Os prisioneiros, que tinham expulsado da estrada, reuniram-se em grupo, e os guardas alinharam-se.

— O imperador! O imperador! O marechal! O duque!

Logo após a guarda, passou ruidosamente uma carruagem puxada por cavalos cinza.

Pierre entreviu o rosto calmo, belo, sadio e branco de um homem usando tricórnio. Era um dos marechais. Os olhos do marechal pousaram-se na alta figura de Pierre e, na expressão com que ele franziu o cenho, desviando o rosto, Pierre julgou ver compaixão e o desejo de escondê-la.

O general que conduzia o transporte chicoteava o seu cavalo magro e galopava atrás da carruagem, com o rosto vermelho e assustado. Alguns oficiais se haviam agrupado e os soldados os cercavam, todos com ar tenso e inquieto.

— O que disse ele? O que foi que ele disse?... — ouvia Pierre.

Durante a passagem do marechal, os prisioneiros se haviam aglomerado e Pierre avistou Karataiev, que não via desde a manhã. Coberto com uma capa, Karataiev estava sentado, apoiando as costas numa bétula. No seu rosto, além da expressão de radiante enternecimento da véspera, quando ele narrava os injustos sofrimentos do mercador, brilhava também uma expressão solene e doce. Karataiev olhou para Pierre com os seus olhos bondosos e redondos, úmidos agora, e chamou-o para lhe falar. Mas Pierre tinha medo de si mesmo. Fingiu não perceber esse olhar e afastou-se apressadamente.

Quando os prisioneiros voltaram a andar, Pierre olhou para trás. Karataiev continuava sentado à beira da estrada, perto da bétula. Dois franceses, curvados sobre ele, conversavam perto dele. Pierre não tornou a olhar. Subiu a colina coxeando. Atrás dele, perto do lugar onde estava Karataiev, soou um tiro. Pierre ouviu-o perfeitamente, mas no mesmo instante lembrou-se de que ainda não terminara o cálculo iniciado antes da passagem do marechal. Calculava quantas paradas faltavam até Smolensk. Pôs-se a contar. Dois soldados, um deles com o fuzil ainda fumegante, passaram correndo por Pierre. Estavam pálidos, e na expressão dos seus rostos — um dos dois olhava ternamente para Pierre — ele leu qualquer coisa de semelhante ao que tinha visto no jovem soldado durante a execução. Pierre olhou para o soldado e lembrou-se de como, na antevéspera, tinha queimado a sua camisa enquanto a secava ao calor da fogueira, e das zombarias de que fora alvo.

O cãozinho pôs-se a uivar perto do lugar onde estava sentado Karataiev. “Que idiota! Por que está uivando?”, disse Pierre consigo.

Os companheiros que caminhavam ao lado de Pierre não olhavam para trás, como ele, para o local onde se ouvira primeiro o tiro e depois os uivos do cão, mas todos os rostos tinham uma expressão sombria.

O transporte, os prisioneiros e o comboio do marechal detiveram-se na aldeia de Chamchevo. Todos se reuniram em redor das fogueiras. Pierre aproximou-se de uma fogueira, comeu cavalo assado, deitou-se com as costas para o fogo e imediatamente adormeceu. Esse sono foi semelhante ao de Mojaisk, depois de Borodino. Novamente os fatos reais se misturaram aos seus sonhos, e novamente alguém — ele próprio ou alguma outra pessoa — insinuou-lhe os mesmos pensamentos que ele tivera em Mojaisk.

“A vida é tudo. A vida é Deus. Tudo se transforma e se move, e esse movimento é Deus. Enquanto se tem vida, goza-se a consciência da divindade. Amar a vida é amar a Deus. O mais difícil, e a maior felicidade, é amar esta vida nos nossos sofrimentos, e até nos sofrimentos imerecidos.”

“Karataiev!”, lembrou-se Pierre.

E de repente viu com nitidez um velhinho que há muito esquecera, o professor que, em sua infância na Suíça, lhe ensinava geografia. “Espera”, dizia o velho. E mostrava a Pierre o globo terrestre. Era uma esfera viva, móvel, sem dimensões definidas. Toda a sua superfície se compunha de gotas apertadas umas contra as outras, e todas essas gotas se mexiam, se deslocavam; ora diversas delas se confundiam numa só, ora uma se dividia em várias. Cada gota procurava ocupar mais espaço, mas as outras, que tinham a mesma intenção, comprimiam-na, e às vezes a absorviam, outras vezes se confundiam com ela.

— Eis aí a vida! — dizia o velho professor.

“Como é simples e claro!”, pensou Pierre. “Como podia eu ignorar isso? No meio está Deus, e cada gota quer aumentar para refleti-Lo em maiores dimensões, e aumenta, é absorvida, é comprimida, desaparece da superfície, mergulha nas profundezas e torna a aparecer. Foi o que se deu com ele, foi o que aconteceu com Karataiev: aumentou e desapareceu!”

— Compreendeu, meu filho? — disse o professor.

— Você bem que compreendeu, raios o partam! — gritou uma voz. E Pierre acordou.

Ergueu-se nos cotovelos e sentou-se. Perto da fogueira, estava acocorado na ponta dos pés um francês que acabava de empurrar um soldado russo. Estava assando um pedaço de carne espetado numa vareta. As suas mãos vermelhas, peludas, de dedos curtos, cobertas de veias grossas, giravam habilmente a vareta. O rosto sombrio, moreno, com sobrancelhas espessas via-se nitidamente à luz das brasas.

— Para ele dá no mesmo... bandido, eh! — rosnou o prisioneiro, voltando-se rapidamente para o soldado que estava atrás dele.

E o soldado, continuando a fazer girar a vareta, olhou para Pierre com ar carrancudo. O prisioneiro russo repellido pelo francês estava sentado perto da fogueira e acariciava algo. Adiantando um pouco a cabeça, Pierre viu o cãozinho pardacento que, com a cauda arrebitada, estava sentado perto do soldado.

— Ah! Ele veio... — disse Pierre. — E Plat... — começou, mas não terminou. De súbito, lembrou-se do olhar que lhe lançara Platão, sentado ao pé da árvore, do tiro que tinha ouvido vindo do mesmo local, dos uivos do cãozinho, da expressão culpada dos dois franceses que corriam perto dele, do fuzil fumegante, da ausência de Karataiev nessa parada, e esteve a ponto de compreender que Karataiev fora fuzilado. Mas nesse mesmo momento, sabe Deus como, veio-lhe a recordação da noite que passara com uma bela polonesa na varanda da sua casa, em Kiev. E, sem fazer esforço para concatenar as impressões do dia, sem tirar nenhuma conclusão, Pierre cerrou os olhos e as cenas da noite de verão no campo misturaram-se à lembrança de um banho, daquela esfera fluida e palpitante, e ele tinha a sensação de mergulhar numa água que tornava a fechar-se por cima da sua cabeça.

Antes de nascer o dia, diversos tiros e gritos o despertaram, franceses corriam perto de Pierre.

— Os cossacos! — gritou um deles.

Um minuto depois, Pierre viu-se cercado por uma multidão de fisionomias russas.

Durante muito tempo ficou sem compreender o que se passava. De todos os lados ouvia os gritos de alegria dos seus camaradas.

— Irmãos! Meus amigos! Meus queridos! — gritavam, chorando os velhos soldados, que abraçavam os cossacos e os hussardos. Estes cercavam os prisioneiros e apressavam-se a oferecer, a estes, roupas, àqueles, botas, a outros, pão. Sentado no meio deles, Pierre chorava e não conseguia pronunciar uma só palavra. Abraçou o primeiro soldado que se aproximou dele e beijou-o, chorando.

* * *

Junto à porta de uma casa arruinada, Dolokhov fazia passar diante de si uma multidão de franceses desarmados. Impressionados com tudo o que acontecia, os franceses falavam entre si em voz alta, mas ao passarem diante de Dolokhov, que batia na bota com a *nogaika* [\[46\]](#) e os considerava com olhos frios, vidrados, que nada prometiam de bom, suas conversas cessavam. Do outro lado estava um cossaco de Dolokhov, contando os prisioneiros e marcando cada centena com um traço de giz na porta.

— Quantos? — perguntou-lhe Dolokhov.

— Duas centenas já — respondeu o cossaco.

— *Filez, filez* — disse Dolokhov, tomando a palavra emprestada dos franceses. E o seu olhar tornava-se cruel quando cruzava com o olhar dos prisioneiros que passavam.

Denissoy, com ar sombrio, a capa atirada para as costas, caminhava atrás dos cossacos que iam levando para uma cova aberta no jardim o corpo de Pétia Rostov.

XVI

A partir do dia 28 de outubro, quando o frio começou a piorar, a fuga dos franceses assumiu um aspecto ainda mais trágico. Homens morriam gelados ou assados junto das fogueiras, enquanto o imperador, os reis e os duques continuavam a desfilar em carruagens roubadas, com mantos de peles e outros bens igualmente roubados. Mas, no fundo, permanecia inalterado o caráter da fuga e desmonte do exército francês.

De Moscou até Viazma, os setenta e três mil homens do exército francês (sem contar a guarda, que durante toda a campanha não tinha feito mais que pilhar) ficaram reduzidos a trinta e seis mil. Desta diferença, apenas cinco mil tinham sido mortos em combate. São estes os dois primeiros termos da progressão que definem matematicamente os seguintes. O exército francês dissolvia-se e destruía-se nas mesmas proporções de Moscou a Viazma, de Viazma a Smolensk, de Smolensk ao Berezina, do Berezina a Vilna, independentemente do frio mais ou menos intenso, da perseguição dos russos, dos obstáculos do caminho ou de qualquer outra condição considerada à parte.

Depois de Viazma, as tropas francesas formaram uma só coluna em vez de três, e assim continuaram até o fim. Eis o que Berthier escrevia ao seu imperador (sabe-se quanto os chefes se afastam da verdade quando descrevem a situação do exército):

Creio dever informar a Vossa Majestade o estado das tropas nos diferentes corpos de exército que tive ocasião de observar durante a marcha, nos últimos dois ou três dias. Estão quase debandadas. O número de soldados que seguem incorporados aos seus regimentos está reduzido, no máximo, a um quarto; os outros marcham isoladamente e por sua própria conta, em diversas direções, para se livrarem da disciplina e na esperança de encontrar subsistência. Em geral, consideram Smolensk como o ponto em que poderão refazer-se. Nestes últimos dias foi notado que muitos soldados atiram fora suas armas e cartuchos. Neste estado de coisas, quaisquer que sejam os seus planos para mais tarde, os interesses do serviço de Vossa Majestade exigem que se faça uma revista geral do exército em Smolensk, começando por separar os não combatentes, assim como os homens sem montaria, as bagagens inúteis e o material de artilharia que já não está em proporção com as forças atuais. Além disso, é necessário dar alguns dias de repouso e provisões aos soldados, que estão extenuados pela fome e pela fadiga; nestes últimos dias, muitos morreram na estrada e nos acampamentos. Esta situação vai se agravando continuamente e faz recear que, se não forem tomadas providências imediatas, corremos o risco de não sermos senhores das tropas na eventualidade de um combate.

9 de novembro, a 30 *verstas* de Smolensk.

Chegando a Smolensk, que se apresentava como a terra prometida, os franceses mataram-se uns aos outros para se arrancarem mantimentos, pilharam as suas próprias reservas e, quando não restou mais nada que pilhar, seguiram a marcha.

Todos marchavam, sem saber para onde e por que motivo o faziam. Ainda menos o sabia o genial Napoleão, pois que ninguém dava ordem alguma. Entretanto, ele e a sua comitiva conservavam-se fiéis aos hábitos antigos: escreviam cartas, relatórios, comunicados, ordens do dia; chamavam-se uns aos outros de *sire*, *mon cousin*, *prince d'Eckmuhl*, *roi de Naples* etc. etc. Ordens e relatórios, porém, não passavam de papel escrito. Nada se fazia para executá-los, porque não podiam ser executados. E, apesar dos títulos de majestade, de primo, de alteza, todos se sentiam pequenos, miseráveis, perversos. Percebiam que tinham feito muito mal e que agora teriam de pagar. E, por mais que simulassem preocupar-se com o exército, cada um só pensava em si, no meio de fugir o mais rapidamente possível e de salvar-se.

As ações das tropas russas e francesas durante essa parte da campanha, desde a saída de Moscou até o Niemen, são semelhantes ao jogo de cabra-cega: vendam-se os olhos de dois participantes e um deles agita uma sineta de vez em quando para indicar ao outro o lugar onde se encontra. A princípio o perseguido faz soar a sineta sem temor do adversário, mas quando se vê em dificuldades foge do inimigo procurando não fazer ruído, e muitas vezes, julgando escapar, cai-lhe direto nas mãos.

De começo, as tropas de Napoleão deram sinais de vida. Foi assim durante o primeiro período, quando elas seguiam a estrada de Kaluga, mas depois, na estrada de Smolensk, puseram-se em fuga abafando a sineta e muitas vezes, pensando escapar dos russos, iam de encontro com eles.

Dada a fuga célere dos franceses e a perseguição dos russos, e devido à fadiga dos cavalos, não existia o principal meio de reconhecer a situação em que se encontrava o inimigo — os movimentos da cavalaria. Além disso, em razão das mudanças rápidas e frequentes da situação dos dois exércitos, as informações que se obtinham não chegavam a tempo. Se, no dia 2, se sabia que o exército inimigo se encontrava em certo ponto na véspera, no dia 3, quando era possível empreender alguma coisa, esse exército já tinha percorrido dois dias e achava-se em outra localização.

Um exército fugia, o outro o perseguia. Ao saírem de Smolensk os franceses tinham diante de si muitas estradas e poderia se supor que, tendo-se demorado quatro dias em Smolensk, eles pudessem saber onde se encontrava o inimigo, desenhar algum plano vantajoso e empreender alguma coisa nova. Mas depois dessa parada de quatro dias a multidão francesa tornou a correr, não para a direita ou para a esquerda, mas, sem manobras ou planos de qualquer espécie, pela rota batida, a pior delas: a estrada de Krasnoie a Orcha.

Como esperavam o inimigo por trás e não pela frente, os franceses avançaram alongando as suas colunas e separando-se por longas espaços, distanciando-se entre si por até vinte e quatro horas. À frente de todos ia o imperador; depois, os reis e os duques. O exército russo, supondo que Napoleão fosse tomar a direita, atravessando o Dnieper — pois era a única decisão razoável —, desviou-se também para a direita e desembocou na estrada geral perto de Krasnoie. Ali, como no jogo de cabra cega, os franceses encontraram a nossa vanguarda e, completamente de improviso, tomados de medo, detiveram-se. Mas logo começaram a fugir, abandonando os camaradas que vinham atrás. Ali, sob o

fogo cruzado das tropas russas, desfilaram durante três dias, um após outro, os diversos corpos do exército francês: primeiro o do vice-rei, depois o de Davout e o de Ney. Abandonavam-se uns aos outros, abandonavam as suas bagagens, a artilharia, metade das tropas, e fugiam durante a noite, descrevendo semicírculos para a direita a fim de escapar aos russos.

Ney, que vinha por último, porque, apesar da situação miserável, ou precisamente por causa dessa situação, queria castigar o chão que o tinha feito cair, demorava-se a fazer ir pelos ares as muralhas de Smolensk, que não tinham feito mal a ninguém. Ney, que marchava atrás com o seu corpo de dez mil homens, não comandava mais que mil quando foi reunir-se a Napoleão em Orcha. Abandonara todos os outros soldados, todos os seus canhões e, durante a noite, escapara furtivamente pela floresta, atravessando o Dnieper.

Depois de Orcha, continuaram a fugir pela estrada de Vilna, sempre a jogar a cebra-cega com o exército perseguidor. Deu-se novo encontro à margem do Berezina. Muitos se afogaram, muitos renderam-se, mas os que atravessaram o rio continuaram a fugir. O chefe supremo enrolou-se numa peliça, instalou-se num trenó e fugiu abandonando os seus. Quem podia fazia o mesmo; quem não podia entregava-se ou morria.

XVIII

Era para se pensar que os historiadores, que atribuem as ações das massas à vontade de um só homem, achassem impossível explicar a retirada dos franceses de acordo com a tal teoria, visto como, durante esse período da campanha, eles corriam em direção à derrota inevitável e nem um só movimento daquela multidão respondia a uma estratégia comum, desde o desvio para a estrada de Kaluga até a fuga do chefe do exército.

Mas não! Os historiadores escreveram montanhas de livros sobre essa retirada, e em toda parte encontramos descrições das ordens de Napoleão e dos seus planos profundos, das manobras estratégicas que guiavam o exército e do gênio militar demonstrado pelos marechais.

A retirada de Malo-Iaroslavetz, quando nada impedia Napoleão de passar por uma região fértil e quando estava livre a estrada paralela pela qual, depois, Kutuzov o perseguiu — essa retirada inútil pela estrada devastada é explicada pelos historiadores por meio de diversas considerações profundas. E com outras

considerações do mesmo gênero descreve-se a retirada de Smolensk a Orcha. Ainda narram o heroísmo de Napoleão em Krasnoie, onde o pintam aprestando-se para a batalha, que ele dirigiria pessoalmente, e onde, andando com uma bengala de bétula na mão, dizia:

— Fui imperador por muito tempo, agora convém que eu seja general.

E não obstante, logo depois se pôs em fuga, abandonando à sua sorte setores dispersos do exército que vinham atrás.

Em seguida, descreve-se a coragem dos marechais, sobretudo de Ney, uma bravura que consiste no seguinte: uma noite, furtivamente, pela floresta, atravessa o Dnieper e, sem bandeiras, sem artilharia, com apenas um décimo das suas tropas, foge para Orcha.

E, por último, a partida decisiva do grande imperador nos é representada como uma atitude nobre e bela. Mesmo essa derradeira fuga, que em boa linguagem devia chamar-se a derradeira covardia, de que até uma criança teria vergonha, esse ato encontra justificação nas palavras dos historiadores.

Quando se torna impossível estender mais os fios tão elásticos do raciocínio histórico, quando o ato é claramente oposto a tudo que a humanidade chama de bem e de justiça, surge nas obras dos historiadores a concepção salvadora da grandeza. A grandeza, ao que parece, exclui toda possibilidade de aplicar os padrões do bem e do mal. Para quem é “grande” não existe o mal; nenhuma infâmia pode ser imputada a quem é “grande”.

Quando os historiadores dizem “É grande!”, deixa de existir o bem e o mal, há apenas o “grande” e o “não grande”. Aquele é o bem, este é o mal. “Grande”, segundo eles, é a qualidade de certos seres particulares que eles chamam heróis. E Napoleão, que fugia envolto numa bela peliça, abandonando os seus companheiros que sucumbiam e homens que, segundo suas palavras, ele próprio levava para lá, achava que isso era “grande” e a sua consciência ficava tranquila.

“Do sublime (Napoleão vê em si mesmo algo de sublime) ao ridículo não há mais que um passo”, diz ele. E há cinquenta anos que todo o mundo repete: “Sublime! Grande! Napoleão, o Grande! Do sublime ao ridículo não há mais que um passo!”

E ninguém nota que o fato de reconhecer a incomensurabilidade da grandeza com a medida do bem e do mal significa confessar sua nulidade e a mesquinhez

infinita.

Para nós, com a medida do bem e do mal que nos deu Cristo, não existe nada de incomensurável. E não há grandeza onde não haja simplicidade, bondade e verdade.

XIX

Que russo, ao ler a descrição do último período da campanha de 1812, não se sente aborrecido, descontente e desapontado? Quem não faz a si mesmo esta pergunta: Como eles não capturaram ou aniquilaram todos os franceses, uma vez que três exércitos os cercavam com forças superiores, uma vez que os franceses desorganizados, morrendo de fome e de frio se rendiam em massa, e uma vez que (são os historiadores que o dizem) o objetivo dos russos consistia precisamente em deter, interceptar e capturar todos os franceses?

Como foi que esse exército russo que, inferior em número em relação aos franceses, travara batalha em Borodino, que cercava os franceses por três lados e cujo fim era capturá-los não conseguiu fazê-lo? Tão grande seria a superioridade dos franceses sobre nós que, mesmo cercando-os, não podíamos desbaratá-los? Como isso pôde acontecer?

A história (a que se intitula como tal) responde que isso aconteceu porque Kutuzov, Tormassov, Tchitchagov e outros deixaram de executar tais e tais manobras. Mas por que não o fizeram? E por que, se eram culpados de terem impossibilitado o alcance do objetivo traçado, não foram eles julgados e punidos? Mas, embora admitindo que Kutuzov, Tchitchagov etc. foram a causa do insucesso dos russos, não se pode compreender por que, nas condições em que se encontravam as tropas russas diante de Krasnoie e do Berezina (tanto num como no outro caso as tropas russas eram superiores), não se capturou o exército francês com os marechais, os reis, o imperador, já que era precisamente esse o objetivo dos russos. A explicação (dada pelos historiadores militares russos) de que Kutuzov impediu o ataque não é justa, porque sabemos que a vontade de Kutuzov não poderia ter impedido o ataque em Viazma e em Tarutino.

Por que esse mesmo exército russo que, com forças inferiores, conquistara a vitória em Borodino sobre um inimigo então mais forte era vencido em Krasnoie e no Berezina, agora com forças superiores, pelas tropas desorganizadas dos franceses? Se o objetivo dos russos era cortar o caminho de Napoleão e seus

marechais e tomá-los como prisioneiros, não apenas esse objetivo não foi atingido como todas as tentativas fracassaram lamentavelmente. E, desse modo, o último período da campanha afigura-se com razão aos franceses uma série de vitórias, e a interpretação dos historiadores russos de que esse período foi glorioso é completamente falsa.

Os historiadores militares russos, se se submetem à lógica, chegam necessariamente a esta conclusão, e apesar das páginas líricas sobre a coragem, o devotamento etc., são forçados a confessar que a fuga dos franceses de Moscou é marcada por uma série de vitórias de Napoleão e de derrotas de Kutuzov. Mas, pondo de lado o amor-próprio nacional, sente-se que essa conclusão encerra em si uma contradição, pois a série de vitórias dos franceses os conduziu à derrota completa, ao passo que a série de derrotas dos russos levou ao esmagamento final do inimigo e a libertação da sua pátria.

A origem dessa contradição está no fato de os historiadores, que estudam os acontecimentos nas cartas dos imperadores e dos generais, nos relatórios, comunicados, planos etc., suporem uma finalidade que jamais existiu na última parte da campanha de 1812, a finalidade de cercar e capturar Napoleão com os seus marechais e o exército. Essa finalidade nunca existiu e não podia existir, porque não tinha sentido algum e era impossível realizá-la.

Não tinha sentido algum, em primeiro lugar, porque o exército de Napoleão fugia em desordem da Rússia, o mais rapidamente possível, isto é, fazia justamente o que desejavam todos os russos. Por que então realizar operações contra os franceses, que fugiam a toda a pressa? Em segundo lugar, não teria sentido algum interceptar o caminho de homens que empregam todas as suas energias em fugir.

Terceiro, seria de evidente estupidez dizimar as nossas tropas para aniquilar exércitos franceses que se dissolviam por si mesmos, sem causa exterior, e em tais proporções que, sem que ninguém lhes obstasse o caminho, eles não conseguiriam cruzar a fronteira em maior número do que o fizeram em dezembro, isto é, reduzidos à centésima parte.

Quarto, o desejo de capturar o imperador, os reis e os duques era insensato, pois dificultaria ao extremo as ações dos russos, como reconhecem os diplomatas mais hábeis dessa época (Joseph de Maistre etc.). Ainda mais

insensato era o desejo de capturar o exército francês, quando as nossas próprias tropas se achavam reduzidas à metade antes de Krasnoie, quando, para cuidar dos prisioneiros, eram necessárias as divisões da guarda e quando os nossos próprios soldados nem sempre recebiam ração inteira e os prisioneiros morriam de fome.

Todos os sábios planos para “cortar” e capturar Napoleão e o seu exército se assemelhavam aos de um hortelão que, depois de enxotar da sua horta o animal que remexe os canteiros, corre à porta e se põe a dar pauladas na cabeça desse animal. Só a cólera poderia justificar o ato do hortelão. Mas os autores do suposto plano não poderiam usar nem mesmo essa justificativa, porquanto não eram eles os donos dos canteiros remexidos. Mas, além de ser insensato bloquear o caminho de Napoleão e seu exército, era impossível.

Era impossível, em primeiro lugar, porque a experiência demonstra que o movimento de colunas num campo de batalha, a distância de cinco *verstas* umas das outras, jamais corresponde aos planos traçados de antemão. A probabilidade de que Tchitchagov, Kutuzov e Wittgenstein se reunissem em determinado local e hora programados era tão mínima que equivalia à impossibilidade. Assim pensava Kutuzov, e quando lhe apresentaram o plano ele objetou que as manobras planejadas a grande distância nunca produzem o resultado desejado.

Em segundo lugar, era impossível porque, para neutralizar essa força de inércia com que se retirava o exército de Napoleão, era preciso dispor de tropas muito mais numerosas do que as russas.

Em terceiro lugar, era impossível porque a expressão militar “cortar” não tem sentido algum. Pode-se cortar um pedaço de pão, não se pode cortar um exército. Cortar o exército, bloquear seu caminho, é coisa absolutamente impossível, pois há sempre como fazer uma volta e escapar, e há sempre a noite, durante a qual não se pode ver nada — coisa de que os sábios militares poderão convencer-se pelos exemplos de Krasnoie e Berezina. É absolutamente impossível capturar alguém, a não ser com a anuência desse alguém, do mesmo modo que é impossível capturar a andorinha, a menos quando ela pousa na nossa mão. Pode-se capturar aquele que se rende, como os alemães, de acordo com as regras da estratégia e da tática. Mas as tropas francesas, com muita razão, não viam nisso

vantagem, pois tanto no cativeiro como na fuga o destino era a morte pelo frio ou pela fome.

Em quarto lugar, e mais importante, isso era impossível porque nunca, desde que existe o mundo, houve guerra que decorresse em condições tão terríveis quanto as de 1812, e as tropas russas, perseguindo os franceses, faziam uso de todas as suas forças e nada mais podiam fazer sem aniquilarem a si mesmas.

Na marcha de Tarutino a Krasnoie o exército russo perdeu cinquenta mil homens, entre doentes e retardatários — o equivalente à população de uma grande capital de província. Perdeu-se, sem batalha, metade do exército.

Nesse período da campanha os soldados estavam sem botas, sem capotes forrados de peles, com provisões reduzidas à metade, sem aguardente, acampando à noite, durante meses, sobre a neve e com um frio de quinze graus abaixo de zero, quando só o dia durava sete ou oito horas e o resto era noite, em que não se exerce a influência da disciplina. Os homens estavam em constante perigo de morte, não só por algumas horas, como no campo de batalha, mas durante meses a fio, pois viviam numa luta contínua com o frio e a fome. E é nesse período da campanha, quando metade do exército perece no espaço de um mês, que os historiadores dizem que Miloradovitch devia ter executado uma marcha de flanco por aqui e Tormassov por ali, que Tchitchagov devia ter avançado para tal ponto (com neve pelos joelhos) e que era preciso cercar, cortar etc. etc.

Os russos, reduzidos à metade de seu contingente, fizeram tudo quanto se podia e se devia fazer para alcançar um fim digno de um povo, e não têm culpa se outros russos, nos seus escritórios bem aquecidos, edificavam planos irrealizáveis.

Toda essa discrepância estranha, incompreensível, entre o fato e a descrição do historiador provém de que os historiadores que descrevem essa campanha fizeram a crônica dos belos sentimentos e dos ditos de alguns generais, em vez de descreverem os acontecimentos.

As palavras de Miloradovitch, as recompensas recebidas por este ou aquele general e os seus planos lhes parecem muito interessantes, mas aqueles cinquenta mil homens que ficavam nas sepulturas e nos hospitais não chegam a interessá-los, porque não estão incluídos no objeto dos seus estudos.

Entretanto, basta desviarmo-nos do estudo dos comunicados e dos planos gerais, examinar o movimento dessas centenas de milhares de homens que tomaram parte direta e imediata nos acontecimentos, para que todas as questões que antes pareciam insolúveis recebam fácil e simplesmente uma solução indiscutível.

O objetivo de interceptar o caminho de Napoleão e de seu exército nunca existiu senão na imaginação de uma dezena de pessoas. Não podia existir porque era insensato e inacessível. O objetivo do povo era libertar a sua terra da invasão. Esse objetivo foi alcançado, em primeiro lugar, por si mesmo. Visto como os franceses fugiam, tudo que se devia fazer era não lhes impedir o movimento. Em segundo lugar, foi alcançado pelas guerrilhas que dizimavam os franceses. E, finalmente, porque um forte exército russo seguia no encalço dos franceses, pronto para empregar a força no caso de as tropas interromperem a retirada.

O exército russo devia agir como um chicote sobre o animal que corre, e os entendidos no assunto sabem que é mais eficaz conservar o chicote erguido, ameaçador, em vez de golpear na cabeça o animal que corre.

Décima quinta parte

I

Quando uma pessoa vê um animal agonizante, é tomada de horror. Aquilo que ela mesmo é — a sua essência — aniquila-se diante dos seus olhos, cessa de existir. Mas quando a criatura que morre é uma pessoa, e uma pessoa muito amada, além do horror que inspira a extinção da vida sente-se um dilaceramento da alma, uma ferida moral que, como a ferida física, às vezes mata, às vezes se cura, mas sempre é dolorosa e foge aos contatos exteriores que a irritam.

Após a morte do príncipe André, tanto Natacha como a princesa Maria sentiram isso. Moralmente prostradas, ambas cerravam os olhos sob a nuvem terrível da morte que pairava por sua cabeça e não ousavam olhar a vida de frente. Prudentemente, protegiam a sua ferida aberta de todo contato rude e doloroso. Tudo: uma rápida carruagem que passasse na rua, a possibilidade de um jantar, a criada perguntando que vestido devia aprontar, ou, pior ainda, uma palavra de compaixão fingida ou demasiado fraca, tudo lhes exasperava morbidamente a ferida, tudo lhes parecia uma ofensa e perturbava esse silêncio necessário para que ambas pudessem escutar a litania severa e terrível que ainda não cessara de soar nos seus ouvidos, e mergulhar a vista na lonjura infinita que, por um momento, se mostrava para elas.

Só quando se encontravam a sós não sofriam nem se sentiam ofendidas. Conversavam muito pouco entre si e quando o faziam era sobre coisas insignificantes. Uma e outra igualmente evitavam mencionar qualquer coisa que tivesse relação com o futuro.

Admitir a possibilidade de um futuro qualquer lhes parecia um ultraje à memória dele. Com mais prudência ainda, afastavam de suas conversas tudo que se relacionasse com o morto. Para elas, parecia que o que tinham sentido e vivido não se podia exprimir por palavras. Parecia-lhes que toda evocação verbal da vida dele seria uma violação do mistério sagrado e majestoso que se cumprira diante dos olhos delas.

As eternas reticências na conversa, o silêncio contínuo sobre tudo que pudesse lembrá-lo, essas barreiras que por todos os lados limitavam os assuntos em que não se podia falar, faziam ressaltar com mais vividez o que elas sentiam.

Mas a tristeza absoluta é tão impossível quanto a alegria completa. A princesa, que se tornara senhora do seu destino, tutora e educadora do sobrinho,

foi a primeira que a vida arrancou à tristeza das duas primeiras semanas. Recebia cartas que exigiam resposta. O quarto de Nikolenka era úmido e o menino começava a tossir. Alpatitch chegou a Iaroslav com uma exposição geral da situação. Tinha sugestões a fazer e aconselhou à princesa Maria que fosse para Moscou, onde a sua casa de Vozdvijenka ficara intacta e não necessitava senão de pequenas reparações.

A vida seguia seu curso, sem que fosse possível detê-la, e era preciso viver. Por mais doloroso que fosse à princesa Maria sair desse isolamento e desse estado de contemplação em que tinha vivido até agora, por muita pena e até remorso que sentisse por deixar Natacha sozinha, as preocupações da vida exigiam a sua participação. Ela, a contragosto, conferia as contas com Alpatitch, pedia conselhos a Desalles no tocante ao sobrinho, dava ordens e ia preparando a mudança para Moscou.

Natacha ficava sozinha. Depois que a princesa Maria começou a ocupar-se com a partida, evitava-a também.

A princesa Maria pediu à condessa que deixasse Natacha ir com ela para Moscou, e tanto a mãe como o pai consentiram com alegria, pois viam diminuir dia a dia as forças da filha e esperavam que a mudança de ares e os conselhos dos médicos fizessem bem a ela.

— Não vou a lugar nenhum — respondeu Natacha quando lhe fizeram a proposta. — Tudo que lhes peço é que me deixem em paz.

E correu para o seu quarto, mal reprimindo as lágrimas, que não eram tanto de dor, mas de contrariedade e irritação.

Depois de sentir-se abandonada pela princesa Maria e sozinha com a sua dor, Natacha passava quase todo o tempo no quarto, estendida num divã, rasgando ou triturando qualquer coisa com os dedos finos, o olhar obstinadamente imóvel, fixo em qualquer coisa ou coisa alguma. Esse isolamento a fatigava e enervava, mas lhe era necessário. Assim que entrava alguém no quarto, levantava-se depressa, mudava de atitude e de expressão, apanhava um livro ou algum trabalho de costura e parecia aguardar com impaciência a retirada do importuno. Sempre parecia estar prestes a compreender o mistério em torno do qual se fixava o seu espírito com uma interrogação terrível.

Num dia em fins de dezembro, Natacha, com um vestido preto de lã, a trança arranjada com negligência no alto da cabeça, magra e pálida, estirada no divã, mexendo maquinalmente a ponta do cinto e olhava para o canto da porta. Contemplava o lugar por onde ele tinha partido para a outra vida. E essa outra vida, em que ela nunca tinha pensado, que lhe parecia tão distante e tão incrível, ficava agora mais próxima dela, mais compreensível do que a vida terrena, em que tudo era ou vazio e desolação, ou humilhação e sofrimento.

Olhava para esse mundo onde sabia que ele estava, mas só podia vê-lo como ele tinha sido aqui. Via-o de novo tal como era em Mitichtchi, em Troitzka, em Iaroslav. Via o seu rosto, ouvia sua voz, repetia o que tinham conversado juntos e às vezes inventava coisas que ela ou ele poderia ter dito.

Lá está ele deitado na poltrona, com seu casaco de veludo forrado de pele, a cabeça encostada na mão magra e pálida, o peito para dentro, os ombros erguidos. Tem os lábios apertados, os olhos brilham e na testa pálida formam-se e tornam a desaparecer algumas rugas. Uma das pernas treme quase imperceptivelmente e Natacha percebe que ele luta contra dores terríveis. “Que dor é essa? Por quê? O que ele está sentindo?”, pensa. O príncipe André repara na atenção com que ela o olha, volta-se para ela e, sem sorrir, começa a falar.

— É uma coisa horrível ligar-se para sempre a alguém que sofre. É um sofrimento perpétuo.

E o seu olhar pousa nela, perscrutador. Como sempre, Natacha responde sem se demorar em refletir:

— Isto assim não pode durar. Não é possível. Você vai se curar totalmente.

Agora, ela voltava a ver e a experimentar tudo o que experimentara então. Lembrava-se do olhar prolongado, triste e severo que ele lhe lançara a essas palavras, e compreendia a censura e o desespero que esse longo olhar exprimia.

“Eu admiti”, dizia Natacha consigo, agora, “que seria terrível se ele tivesse de sofrer para sempre. Disse-lhe isto, então, porque seria terrível para ele, mas ele não entendeu assim. Pensou que seria terrível para mim. Portanto, ainda queria viver, tinha medo da morte. E eu lhe disse isso tão brutalmente, tão estupidamente! Não pensava nisso, estava pensando em coisa bem diferente. Se exprimisse o que pensava, teria dito: Que ele esteja sempre, sempre morrendo diante dos meus olhos! Isso me seria suave em comparação com o que sinto

agora. Agora... não há nada, não há ninguém. Ele sabia? Não, ele não sabia, nunca saberá. E agora não há mais remédio”.

E de novo ele lhe dizia as mesmas palavras, mas agora, em imaginação, Natacha lhe respondia de outro modo. Interrompia-o, dizendo:

— Isso é terrível para você, mas não para mim. Saiba que para mim, sem você, a vida é vazia, e sofrer com você é para mim a maior felicidade.

E ele lhe tomava a mão, apertava-a como a tinha apertado naquela terrível noite, quatro dias antes de morrer. E, em imaginação, ela pronunciava outras palavras ternas, que lhe poderia ter dito então e que só agora dizia:

— Eu te amo!... Eu te amo!... Eu te amo! — dizia torcendo as mãos, cerrando os dentes num esforço convulsivo.

E uma doce tristeza se apossava dela e lágrimas brotavam nos seus olhos. Mas de repente perguntava a si mesma: “A quem estou dizendo isso? Onde está ele e o que é ele agora?” E novamente tudo se obscurecia, e de novo, com a testa franzida, ela olhava para aquele mundo longínquo onde ele estava. De súbito teve a impressão de que desvendava o mistério...

Mas, no momento em que julgava que iria compreender o incompreensível, chamou-lhe a atenção o ruído do trinco na porta. Rápida, sem precauções, com ar assustado, entrou a criada de quarto Duniacha.

— Venha ao aposento do amo, depressa! — disse Duniacha vivamente. — Uma desgraça com Piotr Ilitch!... Uma carta... — acrescentou, soluçando.

II

Além da contínua necessidade de reclusão, durante todo esse tempo Natacha experimentava um sentimento particular de aversão pelos parentes. O pai, a mãe, Sônia, todos lhe eram tão próximos, tão familiares, tão íntimos, que as suas palavras e sentimentos lhe pareciam uma espécie de ofensa a esse mundo em que, nos últimos tempos, ela imergia. Natacha não só lhes mostrava indiferença como os olhava com hostilidade. Ouviu as palavras de Duniacha a respeito de Piotr Ilitch e de uma desgraça, mas não as entendeu. “Que desgraça pode ter acontecido? Para eles tudo continua como antes, tranquilo, imutável”, pensou Natacha.

Quando ela entrou no salão, seu pai saía rapidamente do quarto da condessa. Tinha o rosto contraído e banhado em lágrimas. Era visível que ele fugia para outro quarto, a fim de dar livre vazão aos soluços que o sufocavam.

Ao se deparar com Natacha fez um gesto desesperado e desatou em soluções violentos, dolorosos, que convulsionavam o seu rosto redondo e inexpressivo.

— Pe... Pétia... vai... vai... ela... te chama.

Soluçando como uma criança, afastou-se da porta tão depressa quanto lhe permitiam as suas pernas fracas, aproximou-se de uma cadeira, deixou-se cair e escondeu o rosto nas mãos.

Súbito, uma espécie de choque elétrico percorreu todo o corpo de Natacha. Alguma coisa golpeou-a violentamente no coração. Sentiu uma angústia horrível. Pareceu-lhe que algo acabava de se quebrar dentro dela e que ia morrer. Mas depois dessa dor sentiu-se libertada da proibição de viver que pesava sobre ela. Ao ver o pai, ao ouvir os apavorantes gritos da mãe atrás da porta, esqueceu-se instantaneamente de si mesma e do seu sofrimento. Correu para o pai. Agitando debilmente a mão, ele lhe indicou a porta do quarto da condessa. A princesa Maria, pálida, com os lábios trêmulos, saiu por essa porta, tomou a mão de Natacha e lhe murmurou algumas palavras. Natacha não via nem ouvia nada. A passos rápidos abriu a porta, deteve-se um instante parecendo lutar consigo mesma e correu para a mãe.

A condessa estava jogada na poltrona, com uma atitude estranha e desajeitada, e batia a cabeça contra a parede. Sônia e as criadas seguravam-na pelos braços.

— Natacha! Natacha! — disse ela. — Isto não é verdade! Não é verdade!... Estão mentindo!... Natacha!... — gritou, repelindo os que a rodeavam. — Saíam todos! Não é verdade! Mataram-no! Ah! Ah! Ah! Não é verdade!

Natacha ajoelhou-se junto à poltrona, curvou-se sobre a mãe, abraçou-a e, com uma força que ninguém suspeitava nela, soergueu-a, trouxe o rosto dela para o seu lado e apertou-a contra si.

— Mãezinha querida! Eu estou aqui, minha mãezinha — pôs-se a repetir em sussurros, sem parar.

Não soltava a mãe, lutando ternamente com ela, pedindo travesseiros, água, desabotoando-lhe e rasgando-lhe o vestido.

— Minha querida, minha pombinha, minha mãezinha... — murmurava sem cessar, beijando-lhe a cabeça, as mãos, o rosto, e sentindo um rio de lágrimas que lhe fazia cócegas no nariz e nas faces.

A condessa apertou a mão da filha, cerrou os olhos e acalmou-se um momento. De súbito, com uma vivacidade inesperada, ergueu-se, correu em volta de si um olhar esgazeado e, vendo Natacha, pôs-se a lhe apertar a cabeça com toda a força. Depois, voltando para ela o seu rosto deformado pela dor, ficou muito tempo a contemplá-la.

— Natacha, tu me amas — disse, em voz baixa e confiante. — Natacha, tu não hás de me enganar, tu me dirás toda a verdade?

Natacha fitava-a com os olhos rasos de lágrimas e o seu rosto só parecia implorar amor e perdão.

— Minha querida mãezinha — repetia, empregando todas as forças do seu amor para lhe tirar um pouco daquele excesso de dor que a esmagava.

E de novo, impotente na luta contra a realidade, a mãe se recusava a crer na possibilidade de viver depois que o seu filho bem-amado, cheio de vida, fora morto, e evadia-se dessa realidade para o mundo da loucura.

Natacha não guardou recordação de como transcorreram esse dia e o seguinte. À noite não dormia, não saía de junto da mãe. O amor de Natacha, amor perseverante, paciente, envolvia a condessa a todos os instantes, sem oferecer consolo nem explicação, mas simplesmente chamando-a de volta à vida. Na terceira noite a condessa acalmou-se um momento e Natacha, apoiada ao braço da poltrona, cerrou os olhos.

A cama rangeu e Natacha abriu nos olhos. Sentada na cama, a condessa dizia suavemente:

— Como sou feliz por teres vindo! Estás cansado, queres chá?

Natacha aproximou-se dela.

— Estás mais velho, mais bonito — continuou a condessa, tomando a mão da filha.

— Com quem estás falando, mãezinha?

— Natacha! Ele está morto! Morto! Eu não o verei mais!

E, abraçada à filha, pela primeira vez a condessa se pôs a chorar.

III

A princesa Maria adiou a partida. Sônia e o conde procuravam substituir Natacha, mas não o conseguiam. Viam que só ela era capaz de afastar sua mãe do desespero semelhante à loucura.

Durante três semanas Natacha, sem sair de casa, viveu junto da mãe, no quarto da condessa, dormindo numa poltrona. Fazia-a comer e beber e falava-lhe incessantemente, pois só a sua voz terna e carinhosa acalmava a condessa.

Não se fechava a ferida na alma dessa mãe. A morte de Pétia arrancara-lhe o melhor de sua vida. A notícia havia chegado a uma mulher de cinquenta anos, ainda vigorosa e robusta. E a transformara em uma velha semimorta, que não se interessava mais pela vida. Mas a ferida que por pouco não matara a condessa ressuscitava Natacha.

O ferimento moral que provém de um dilaceramento da alma é semelhante a uma ferida física, que cicatriza externamente, quando as bordas se unem — parece estranho dizê-lo —, mas só se cura de todo pela força da vida atuando interiormente.

Foi assim que se curou o ferimento de Natacha. Julgava acabada a sua vida, mas de súbito o amor pela mãe lhe mostrou que a essência da vida, o amor, ainda permanecia viva nela. Despertava o amor, e com ele a vida.

Os últimos dias do príncipe André tinham aproximado Natacha da princesa Maria. A nova desgraça as uniu ainda mais. A princesa Maria, que adiara a partida, por três semanas cuidava de Natacha como de uma criança doente. Os dias passados no quarto da mãe tinham exaurido as forças físicas de Natacha.

Uma ocasião, no meio da tarde, a princesa Maria notou que Natacha estava tremendo de febre, levou-a para o seu quarto e a deitou na sua cama. Natacha deitou-se, mas quando a princesa Maria quis retirar-se, depois de baixar as persianas, chamou-a.

— Não quero dormir, Maria. Fica aqui comigo.

— Estás cansada, trata de dormir.

— Não, não. Por que me tiraste de lá? Ela me vai chamar.

— Ela está muito melhor, falou hoje com muita sensatez! — disse a princesa Maria.

Natacha, que estava deitada na cama, examinava na penumbra o semblante da princesa Maria e pensava:

“Parece-se com ele? Sim e não. A bem dizer, ela só se parece consigo: é uma outra pessoa, tem algo de particular, algo completamente desconhecido. E gosta

de mim! Como é seu espírito? É bom. Mas de que modo? Quais são os seus pensamentos? Como ela me vê? Sim, ela é boa.”

— Macha — disse, puxando timidamente a mão dela. — Macha, não penses que eu sou má. Não! Macha, minha pombinha, eu gosto de ti! Sejam amigas, inteiramente amigas.

E Natacha pôs-se a beijar as mãos e o rosto da princesa Maria. Esta pareceu ao mesmo tempo constrangida e feliz com a abertura de Natacha.

A partir desse dia estabeleceu-se entre elas essa amizade terna e apaixonada que só se encontra entre mulheres. Muitas vezes se beijavam, diziam-se palavras doces, passavam juntas a maior parte do tempo. Se uma saía, a outra ficava inquieta até estarem de novo juntas. Sentiam-se, agora, mais em harmonia uma com a outra do que separadas, cada qual consigo mesma. Unia-as um sentimento mais forte do que a amizade: o sentimento de só lhes ser possível a vida em companhia uma da outra. Às vezes ficavam horas inteiras caladas; outras vezes, na cama, conversavam até amanhecer. Falavam, sobretudo, do passado distante.

A princesa Maria contava a sua infância, falava da mãe, do pai, dos seus sonhos, e Natacha, que outrora voltava as costas, por não compreender, a essa vida cristã de submissão, devotamento e sacrifício, agora, por causa da sua afeição pela princesa Maria, começava a amar o passado dela e a compreender a sua vida. Sem dúvida, ela não desejava praticar essa abnegação absoluta, pois estava acostumada a procurar outras alegrias. Mas apreciava essa virtude de sua amiga e que ela mesma não possuía. Já a princesa Maria escutava os relatos da infância e adolescência de Natacha e descobria um horizonte que lhe era desconhecido, de fé na vida e nas alegrias que esta proporcionava.

Todavia, nunca falavam *dele*, a fim de — assim lhes parecia — não profanar com palavras o sentimento sublime que abrigavam na alma. E o resultado desse silêncio foi que, pouco a pouco, sem que o acreditassem, começaram a esquecê-lo.

Natacha tinha ficado tão magra, tão pálida, tão fraca que todos falavam continuamente da sua saúde e isso lhe dava prazer. Mas às vezes, espontaneamente, era surpreendida pelo medo da morte e pelo medo da doença, de perder a sua beleza. Às vezes examinava com atenção os seus braços nus, admirando-se da sua magreza, ou então, pela manhã, contemplava no espelho o

seu rosto alongado e, segundo lhe parecia, infeliz. Dizia consigo que tinha de ser assim, mas ao mesmo tempo tinha medo e sentia-se triste.

Uma ocasião subiu muito depressa as escadas, toda ofegante, e, alegando um pretexto qualquer, desceu e tornou a subi-las correndo, a fim de experimentar suas forças.

Outra vez, ao chamar Duniacha, percebeu que sua voz falhava. Continuou a chamá-la, embora percebesse os passos se aproximando. Chamava-a com aquela voz de peito que tinha ao cantar, e escutava-se com atenção.

Natacha não sabia nem poderia acreditar, mas sob a camada de terra que lhe parecia impenetrável já ia germinando o caule fino, jovem e tenro da planta que devia fincar raiz e, com os seus rebentos vitais, cobrir toda a sua dor que em breve desapareceria. A ferida curava-se por dentro.

No fim de janeiro a princesa Maria partiu para Moscou e o conde mandou que Natacha a acompanhasse, a fim de consultar os médicos.

IV

Após a batalha de Viazma — onde Kutuzov não pôde reprimir o ímpeto das suas tropas para desbaratar os franceses em fuga —, a retirada dos franceses e perseguição dos russos seguiu até Krasnoie sem demais confrontos. A fuga era tão rápida que o exército russo não conseguia alcançar os franceses. Os cavalos da cavalaria e da artilharia detinham-se esfalfados e as informações sobre os movimentos dos franceses nunca eram exatas.

Os soldados russos estavam tão fatigados com essa corrida ininterrupta de quarenta *verstas* por dia, sem descanso, que já não podiam avançar depressa.

Para se ter ideia do grau de exaustão do exército russo, basta compreender a significação deste fato: após haver perdido, durante toda ação de Tarutino, apenas cinco mil homens e nem sequer uma centena de prisioneiros, o exército russo, que partira de Tarutino com cem mil homens, chegou a Krasnoie com cinquenta mil apenas.

A rapidez da perseguição tinha um efeito tão destrutivo sobre o exército russo quanto a fuga para o exército inimigo. A única diferença era que o exército russo avançava por sua livre vontade, sem ameaça de ver os retardatários caírem nas mãos do inimigo, ao contrário, estava em casa, acolhido por seus compatriotas.

A causa principal da dizimação do exército de Napoleão era a rapidez do movimento, e encontra-se a prova indiscutível desse fato nas perdas correspondentes das tropas russas.

Toda a atividade de Kutuzov, como em Tarutino e Viazma, tendia exclusivamente a não impedir (como queriam os generais em Petersburgo, e também no exército) esse movimento fatal dos franceses, mas, ao contrário, a facilitá-lo e preservar o movimento das nossas tropas.

Além da fadiga e das perdas causadas pela rapidez do movimento, Kutuzov tinha ainda uma razão para retardar a marcha das tropas. O objetivo do exército russo era perseguir os franceses; não se conhecia o caminho que estes seguiam; portanto, só conservando-se a certa distância é que se podia seguir o caminho mais curto e evitar zigue-zagues dos franceses.

Todos os movimentos hábeis propostos pelos generais implicavam aumento do número de marchas e deslocamento, ao passo que o único desígnio razoável seria a redução de ambos. E, durante toda a campanha de Moscou a Vilna, as ações de Kutuzov tenderam para este fim, não por acaso e momentaneamente, mas de maneira consciente e sem nunca vacilar.

Não pela razão ou pela ciência, mas com toda a sua alma russa, Kutuzov sentia e sabia o que todo soldado russo sentia: que os franceses estavam vencidos, que o inimigo fugia e que era preciso conduzi-lo à porta da rua. Mas ao mesmo tempo, como os soldados, sentia a dureza dessa marcha inédita pela sua rapidez e pela estação do ano em que se efetuava.

Os generais, porém — principalmente os que não eram russos —, desejando distinguir-se, causar admiração, aprisionar um duque ou um rei qualquer, achavam que era chegado o momento de travar batalha e de alcançar uma vitória, ainda que qualquer batalha, agora, fosse inglória e estúpida. Kutuzov contentava-se com encolher os ombros quando lhe apresentavam, um após outro, projetos de manobras para aqueles soldados quase descalços, sem roupas quentes, famélicos, reduzidos à metade no espaço de um mês, sem combate, e os quais teriam de percorrer, para alcançar a fronteira, uma distância igual à já percorrida.

Essa tendência para se distinguir, manobrar, cercar, cortar, manifestou-se sobretudo quando as tropas russas se depararam com as tropas francesas.

Assim, em Krasnoie, onde pensavam encontrar uma das três colunas francesas, viram-se de frente com o próprio Napoleão e dezesseis mil homens. Apesar de todos os esforços de Kutuzov para evitar esse choque perigoso e salvar as suas tropas, durante três dias prosseguiu, em Krasnoie, o aniquilamento, pelas tropas russas exaustas, dos bandos franceses destruídos.

Toll havia traçado uma disposição: *a primeira coluna avança* etc., mas nunca se fez nada de acordo com essa disposição. O duque Eugênio de Wurtemberg fuzilava, de uma colina, a multidão de franceses que corria diante dele, e exigia reforços que não chegavam. À noite, os franceses, evitando os russos, dispersavam-se, escondiam-se nas florestas e fugiam o mais longe que podiam.

Miloradovitch, que declarava não querer saber nada dos assuntos do seu destacamento, que ninguém podia encontrar quando precisavam dele, “o cavaleiro sem medo e sem censura”, como ele próprio se chamava, sempre afeito a negociar com os franceses, enviava mensageiros para exigir a rendição, perdia o seu tempo e não fazia em absoluto o que lhe era ordenado.

— Meus filhos, dou-lhes de presente essa coluna! — dizia ele, dirigindo-se às tropas e designando os franceses aos cavaleiros.

E os cavaleiros, esporeando os cavalos que mal podiam andar, armados de sabre, aproximavam-se a trote curto da coluna presenteada, isto é, de um bando de franceses gelados e famintos. E a coluna dada em presente abandonava as armas e se rendia, que era justamente o que ela há muito desejava.

Diante de Krasnoie vinte e seis mil franceses foram aprisionados, apreenderam centenas de canhões e pedaço de pau que foi logo batizado como “o bastão de marechal”. Discutiu-se sobre quem se havia e quem não se havia distinguido ali, ficaram todos satisfeitos, lamentando apenas não terem capturado o próprio Napoleão, ou pelo menos um herói qualquer, um marechal, motivo de censura de uns em relação aos outros. Tal censura foi direcionada sobretudo a Kutuzov.

Esses homens arrastados pelas suas paixões não eram senão os cegos executores da mais triste lei da fatalidade. Mas julgavam-se heróis e imaginavam que o que faziam era a obra mais digna e mais nobre. Acusavam Kutuzov de tê-los, desde o início da campanha, impedido de vencer Napoleão, de só pensar em satisfazer as suas paixões, de não ter querido sair de Polotniany Zavody, porque

ali se sentia confortável, de haver detido o movimento em Krasnoie porque se perturbara ao ser informado da presença de Napoleão, de ter sido comprado por ele etc. etc. [\[47\]](#)

Assim falavam os contemporâneos, arrastados pelas paixões. A posteridade e a história julgaram Napoleão como “grande”; os estrangeiros tomaram Kutuzov por um velho cortesão devasso e fraco, e seus compatriotas consideraram-no como uma espécie de manequim, útil apenas pelo seu nome russo.

V

Em 1812 e 1813, Kutuzov era abertamente acusado de todos os erros. O imperador estava descontente com ele e, numa história escrita pouco tempo depois por ordem do imperador, Kutuzov era descrito como um cortesão astuto e intriguista a quem o nome de Napoleão fazia medo e que, pelos seus erros em Krasnoie e no Berezina, ele privou as tropas russas da glória de um triunfo completo sobre os franceses. [\[48\]](#)

Tal é a sorte dos homens que o espírito russo não reconhece como grandes, tal é a sorte desses homens raros, sempre solitários, que, adivinhando os desígnios da Providência, submetem a ela a sua vontade pessoal. O ódio e o desprezo da turba punem esses homens por compreenderem as leis superiores.

Para os historiadores russos — coisa estranha e triste de dizer —, Napoleão, esse instrumento ínfimo da história que nunca e em parte alguma, nem mesmo no exílio, mostrou possuir dignidade, é um objeto de entusiasmo e de admiração. Napoleão é “grande”, e Kutuzov, esse homem que, do começo ao fim da sua atividade em 1812, de Borodino até Vilna, não se traiu uma só vez, por um só ato ou palavra que seja, e que é, na história, um exemplo extraordinário de sacrifício, de consciência, de previsão da importância que os acontecimentos terão no futuro, esse Kutuzov é apresentado pelos historiadores como um ser nulo e digno de pena. Ao falarem de Kutuzov e de 1812, parecem sempre um pouco envergonhados.

E, contudo, é difícil encontrar uma personagem histórica cuja atividade tenha sido dirigida com mais perseverança para a consecução de uma finalidade; é difícil imaginar uma finalidade mais nobre e mais conforme a vontade de todo o povo. Ainda mais difícil é encontrar na história outro exemplo de finalidade tão inteiramente alcançada como o foi a de Kutuzov em 1812.

Kutuzov nunca falou dos quarenta séculos que o contemplavam do alto das pirâmides, dos sacrifícios feitos à pátria, de seus atos e projetos. De modo geral, não falava de si mesmo, não desempenhava nenhum papel, parecia ser o homem mais simples e mais comum, que dizia coisas simples e corriqueiras. Escrevia cartas à filha e a Madame de Stael, lia romances, gostava de estar perto de mulheres bonitas, gracejava com os generais, oficiais e soldados, e jamais contradizia quem quisesse convencê-lo de alguma coisa. Quando o conde Rostoptchine, na ponte Iauski, censurou Kutuzov imputando-lhe pessoalmente a culpa da derrota de Moscou e dizendo-lhe “E contudo o senhor prometeu não abandonar Moscou sem batalha”, Kutuzov respondeu: “Sim, e não a abandonarei sem batalha”, embora Moscou já tivesse sido abandonada. Quando Araktcheiev veio dizer, da parte do imperador, que era preciso nomear Ermolov comandante em chefe da artilharia, Kutuzov respondeu: “É o que eu acabo de dizer”, embora, um minuto antes, tivesse dito coisa bem diversa. O que importava a ele, que, no meio da multidão turbulenta que o rodeava, era o único a compreender então a importância do acontecimento? O que lhe importava que o conde Rostoptchine atribuísse a ele ou a si mesmo a desgraça da capital? Ainda menos podia interessá-lo a nomeação do comandante da artilharia.

Não só nessas ocasiões, mas muito frequentemente, esse ancião instruído pela experiência da vida adquiria a convicção de que as ideias e as palavras que as exprimem não são os motores do homem, e pronunciava frases destituídas de significação, as primeiras que lhe vinham à mente.

Mas esse mesmo homem que não prestava atenção ao que dizia, durante toda a sua carreira não pronunciou uma só palavra que contradissesse a finalidade única visada por ele enquanto durou a campanha.

A contragosto evidente, com a dolorosa certeza de não ser compreendido, por diversas vezes e em várias circunstâncias diferentes exprimiu o seu pensamento. Sobre a batalha de Borodino, evento que marca o início do desacordo com os que o cercavam, só ele dizia que “a batalha de Borodino era uma vitória”, e repetiu isso até a morte em seus comunicados e relatórios. Só ele disse que “a perda de Moscou não é a perda da Rússia”. Respondendo às propostas de paz feitas por Lauriston, disse ainda que “a paz não é possível, porque essa não é a vontade do povo”. Só ele, durante a retirada dos franceses, dizia que “todas as

nossas manobras eram desnecessárias, tudo se faria por si mesmo e melhor do que desejávamos: que era preciso dar ao inimigo uma ponte de ouro, que as batalhas de Tarutino, Viazma e Krasnoie não eram necessárias, que era preciso chegar à fronteira com o maior contingente possível e que ele não trocava um só russo por dez franceses”.

E só ele, que nos é mostrado como um cortesão, esse homem que mente a Araktcheiev para ser agradável ao imperador, só ele, em Vilna, atraindo para si a desconfiança do imperador, diz que “é inútil e prejudicial prosseguir a guerra além das fronteiras”.

Mas as palavras por si não bastavam para provar que ele compreendia então a importância do acontecimento. Os seus atos — todos eles, sem exceção — tendem para esta tripla finalidade: concentrar todas as suas forças para combater os franceses, vencê-los e expulsá-los da Rússia, mitigando tanto quanto possível o sofrimento do povo e do exército.

Ele, esse contemporizador cuja divisa é “Paciência e Tempo”, ele, o inimigo dos atos enérgicos, trava a batalha de Borodino com preparativos solenes. Ele, Kutuzov, que na batalha de Austerlitz dissera, antes de se travar a ação, que ela seria perdida, só ele afirma contra todos, até a sua morte, que a batalha de Borodino foi uma vitória — apesar do exemplo, inédito na história, de o exército vitorioso se retirar após a batalha ganha. Só ele, durante toda a retirada, insiste em não travar batalhas inúteis, a fim de não começar uma nova guerra e não transpor as fronteiras da Rússia.

É fácil compreender agora a importância do acontecimento — bastando, para isso, que se atribuam à atividade das massas objetivos que só existiam no espírito de uma dezena de pessoas — uma vez que o temos diante de nós, com todas as suas consequências. Mas como foi que só esse ancião, entre todos, pôde adivinhar o sentido profundo do acontecimento, de tal forma que nem uma só vez se traiu durante toda a sua atividade?

A fonte dessa extraordinária perspicácia era o sentimento popular que ele levava em si, em toda a sua pureza e força.

Foi apenas por reconhecer nele tal sentimento que o povo fez, contra a vontade do imperador, essa estranha escolha de um ancião caído em desgraça, para dirigir a guerra nacional. E foi só esse sentimento que o elevou à altura

suprema de onde ele, o comandante em chefe, destinou todas as suas forças não para matar e mutilar homens, mas para salvá-los e compadecer-se deles.

Essa figura simples, modesta e, por conseguinte, verdadeiramente “grande”, não poderia caber nos moldes falsos do herói europeu, inventado pela história, e que supostamente comanda os homens.

Para o lacaios não há grande homem, porque o lacaios tem a sua concepção própria da grandeza.

VI

O dia 5 de novembro foi o primeiro dia da chamada batalha de Krasnoie. Antes de anoitecer, após várias discussões e erros dos generais, que iam para onde não deviam, após serem enviados ajudantes de ordens com diversas contraordens, quando se tornou evidente que o inimigo fugia em todas as direções, que não havia nem podia haver batalha, Kutuzov partiu de Krasnoie para Dobroie, onde fora instalado nesse dia o quartel-general.

Fazia um tempo claro e frio. Com uma grande comitiva de generais, que estavam descontentes com ele e não paravam de murmurar, Kutuzov dirigia-se para Dobroie montado no seu gordo cavalo branco. Em toda a extensão da estrada os prisioneiros franceses apinhavam-se em redor das fogueiras. (Tinham sido capturados sete mil.) Não longe de Dobroie, uma imensa multidão de prisioneiros esfarrapados, os membros envoltos em ataduras, cobertos com toda espécie de andrajos, conversava em alto e bom som na estrada, perto de uma longa fila de canhões franceses desatrelados.

À aproximação do comandante em chefe o ruído cessou e todos os olhares se fixaram em Kutuzov, que, de gorro branco orlado de vermelho e capote acolchoado, avançava lentamente pela estrada. Um dos generais dizia a Kutuzov onde tinham sido tomados os canhões e os prisioneiros.

Kutuzov parecia preocupado. Não escutava o que dizia o general. Descontente, piscava os olhos e considerava com atenção os prisioneiros cujo aspecto era particularmente lamentável. A maior parte dos soldados franceses estava desfigurada, com o nariz e as faces congelados, e quase todos tinham os olhos vermelhos, inchados e remelentos.

Um grupo de franceses estava à beira da estrada e dois soldados — um deles com o rosto coberto de chagas — dilaceravam com as mãos um pedaço de carne

crua. Havia qualquer coisa de bestial e de terrível no olhar furtivo que eles lançavam aos passantes e na expressão de cólera com que o soldado de rosto coberto de chagas olhou para Kutuzov e logo depois virou as costas para voltar à sua ocupação.

Kutuzov examinou longa e atentamente os dois soldados. Balançou a cabeça, apertou os olhos e franziu ainda mais o cenho. Mais adiante, reparou num soldado russo que ria e batia no ombro de um francês, dizendo-lhe qualquer coisa com afeto. Kutuzov balançou a cabeça, com o mesmo ar sombrio.

— O que estás dizendo? — perguntou ao general que continuava o seu relatório e chamava a atenção do comandante em chefe para as bandeiras francesas carregadas à frente do regimento Preobrajenski. — Ah! as bandeiras! — disse Kutuzov, apartando-se com dificuldade do assunto que o absorvia. Correu os olhos distraidamente ao redor de si. Milhares de olhos o contemplavam, esperando as suas palavras.

Diante do regimento Preobrajenski, ele parou, suspirou profundamente e cerrou os olhos. Um oficial de comitiva fez um sinal aos soldados que seguravam as bandeiras, para que se aproximassem e dispusessem as bandeiras diante do comandante em chefe.

Kutuzov ficou alguns minutos calado e, submetendo-se sem vontade à exigência de seu posto, ergueu a cabeça e começou a falar. Uma multidão de oficiais o cercava. Com expressão atenta, ele olhava os oficiais, reconhecendo alguns deles.

— Agradeço a todos! — começou, dirigindo-se aos soldados e oficiais.

No silêncio que se fizera em torno dele ouviam-se nitidamente as palavras que Kutuzov pronunciava devagar:

— Agradeço a todos o serviço leal e difícil que prestaram. A vitória está assegurada e a Rússia não vos esquecerá! Vossa será a glória para sempre!

Calou-se e olhou em redor de si:

— Inclina! Inclina! — disse ao soldado que segurava a águia francesa e, por casualidade, a estava baixando diante do regimento Preobrajenski. — Mais baixo, mais baixo! Assim! Hurra, meus filhos! — gritou, dirigindo-se aos soldados enquanto movia rapidamente o queixo.

— Hurra!... — clamaram milhares de vozes.

Enquanto os soldados gritavam, Kutuzov, curvado sobre a sela, inclinava a cabeça, e o seu olhar, iluminando-se docemente, tomava uma leve expressão zombeteira.

— Bem, meus filhos... — disse, quando as vozes se calaram.

E, de repente, a voz e a expressão do rosto se transformaram. Já não era o comandante em chefe que falava, era um ancião simples que, evidentemente, desejava comunicar a coisa mais necessária, agora, aos seus camaradas.

Na multidão de oficiais e nas fileiras dos soldados houve um movimento para melhor ouvir o que ele ia dizer.

— Bem, meus filhos, eu sei que isto vos é penoso, mas o que fazer? Tenham mais um pouco de paciência, isto já não há de durar muito. Depois de reconduzirmos à porta da rua os nossos hóspedes, descansaremos. O tsar não esquecerá os serviços que prestastes! Isto é penoso, mas no entanto vós estais na vossa casa, e eles... vede ao que ficaram reduzidos. — Apontou os prisioneiros. — Piores que os mais miseráveis mendigos! Quando eles eram fortes, nós não o poupamos. Agora, podemos ter piedade deles. Também eles são homens! Não é verdade, meus filhos?

Olhou em torno de si, e nos olhares imóveis, fixos nele, leu a simpatia que despertavam as suas palavras. O seu rosto iluminava-se cada vez mais com um sorriso brando, senil, que lhe enrugava o canto dos lábios e dos olhos. Baixou a cabeça com ar hesitante.

— Mas, no fim de contas, quem foi que os chamou aqui? Bem feito, filhos da... — disse de repente, tornando a erguer a cabeça.

E, brandindo o chicote, afastou-se a galope, acompanhado, pela primeira vez durante toda a campanha, pelas gargalhadas dos soldados que, saindo da formação, soltavam hurras joviais.

Os soldados mal compreenderam as palavras pronunciadas por Kutuzov. Ninguém teria podido repetir o discurso, primeiro solene e por fim jovial, do feldmarechal. Mas o sentido cordial desse discurso não só era compreendido, como esse mesmo sentimento de solene triunfo, associado à piedade pelo inimigo e à consciência da justiça de sua própria causa, que exprimia precisamente aquele palavrão de velho bonachão, esse mesmo sentimento

vibrava na alma de cada soldado e encontrava vazão num grito jubiloso e prolongado.

Quando, depois, um dos generais se dirigiu a ele perguntando se não queria subir na carruagem, Kutuzov, evidentemente vítima de uma emoção inesperada, pôs-se a soluçar como resposta.

VII

Em 8 de novembro, o último dia da batalha de Krasnoie, já era noite quando as tropas chegaram ao lugar de descanso. O tempo estava calmo, frio. Durante todo o dia houvera uma leve geada, e de vez em quando caía neve em flocos minúsculos e raros. À noite o tempo começou a melhorar; entre os pequenos flocos avistava-se o céu estrelado, violáceo, e a geada fazia-se mais intensa.

O regimento de mosqueteiros, que em Tarutino contava três mil homens, ora reduzidos a novecentos, foi um dos primeiros a chegar à aldeia designada para o descanso, uma aldeia que ficava à margem da estrada geral. Os furriéis que vieram ao encontro do regimento declararam que todas as cabanas estavam ocupadas por franceses doentes e mortos, pela cavalaria e pelos membros do Estado-Maior. Só havia uma cabana para o comandante do regimento.

O comandante dirigiu-se para a sua isbá. O regimento atravessou a aldeia e, perto das cabanas, à beira da estrada, ensarilhou as armas.

Com um animal imenso, de mil braços, o regimento começou a preparar a pousada e a ceia. Parte dos soldados, com neve pelo joelho, mergulhou na floresta de bétulas que ficava à direita da aldeia, e logo se ouviram os golpes de machado, o estalar dos ramos quebrados, as vozes alegres. Outra parte agrupou-se em torno dos transportes e dos cavalos reunidos, retirando as marmitas, os biscoitos e dando forragem aos cavalos. Os outros dispersavam-se pela aldeia, preparavam os alojamentos dos oficiais do Estado-Maior, retiravam os cadáveres de franceses que tinham ficado nas cabanas, arrancavam as tábuas, a madeira e a palha dos tetos para fazer fogueiras e derrubavam os cercados para obter material com que construir os seus abrigos.

Para além das casas, na extremidade da aldeia, uns quinze soldados procuravam, entre gritos alegres, pôr abaixo a alta parede de tapume de um barracão, de que já tinham arrancado o teto.

— Vamos! Vamos! Todos de uma vez só! Mais força! — gritavam vozes. E, na escuridão na noite, começou a oscilar a imensa parede coberta de neve.

Os estalidos da madeira soavam cada vez mais frequentes. Enfim a parede pendeu, com os soldados que se agarravam a ela. Ouviram-se gritos alegres, grosseiros, e risadas.

— Peguem dois a dois!

— Passa para cá a alavanca!

— Ei, aonde vais?

— Agora, todos juntos... Atenção, companheiros!... Esperem o sinal.

Todos se calaram e uma voz agradável, não muito alta, entoou uma canção. Ao fim da terceira estrofe, quando a última nota era cantada, vinte vozes gritaram ao mesmo tempo:

— Eia! eia! Aí vem ela! Mais forte, camaradas!

Mas, apesar de todos os esforços reunidos, a parede não cedia. No silêncio que tornou a se fazer ouviam-se respirações entrecortadas.

— Olá, vocês da sexta companhia! Ô, diabos! Ajudem-nos que nós os ajudaremos depois...

Alguns homens da sexta companhia, que se dirigiam para a aldeia, reuniram-se a eles e finalmente, carregando nos ombros os tapumes de cinco *sagenas* de comprimento por uma de largura, avançaram pela rua da aldeia.

— Vamos, puxem aí! Por que paraste? Agora vai...

Sucediam-se as interpelações alegres e grosseiras.

— O que vocês estão fazendo? — disse de repente a voz autoritária de um sargento que esbarrara nos carregadores. — Os oficiais estão aí na isbá, o próprio general está aí, e vocês, seus crápulas... Eu lhes mostrarei! — gritou o sargento. E deu um murro nas costas do primeiro soldado que encontrou à mão. — Não podem fazer menos barulho?

Os soldados calaram-se. O que recebera a pancada pôs-se a resmungar enquanto enxugava o sangue do rosto, que ele ferira ao cair sobre o tapume.

— Ah! o diabo, como tem a mão pesada! Meu rosto está coberto de sangue! — murmurou ele timidamente quando o sargento se afastou.

— E isso não é do teu gosto, hein? — pilheriou alguém.

Baixando o tom, os soldados seguiram caminho. Ao saírem da aldeia, começaram a falar alto, entremeando a conversa com as mesmas invectivas sem sentido. Na isbá diante da qual passaram os soldados estavam reunidos os chefes superiores e, enquanto tomavam chá, conversavam animadamente sobre aquela jornada e as manobras futuras. Propunha-se uma marcha de flanco à esquerda, para surpreender e aprisionar o vice-rei.

Quando os soldados trouxeram o tapume, já chamejavam em diversos pontos as fogueiras que aqueciam a comida. A lenha estalejava, a neve derretia e as sombras negras dos soldados moviam-se de um lado para outro sobre o espaço ocupado e a terra batida, congelada.

Por sua parte, os machados continuavam a trabalhar. Tudo era feito sem uma palavra de comando. Trazia-se lenha para a noite, instalavam-se pequenas barracas para os chefes, punham-se as marmitas a ferver, limpavam-se os fuzis e os equipamentos.

A oitava companhia havia disposto o tapume em semicírculo para formar abrigo do lado do norte, escorando-a com estacas. Diante dela, os soldados acenderam uma fogueira.

O toque de recolher soou, os soldados cearam e acomodaram-se para passar a noite ao redor das fogueiras. Uns consertavam os calçados, outros fumavam cachimbo. Outros, enfim, completamente nus, expunham suas roupas ao fogo para matar os piolhos.

VIII

Seria de supor que nas condições dolorosas, quase inimagináveis, em que se encontravam nesse momento, os soldados russos — sem botas, sem roupas quentes, sem teto, dormindo na neve sob uma temperatura de dezoito graus abaixo de zero, com provisões insuficientes e irregularmente distribuídas — devessem apresentar o aspecto mais triste e mais desolador.

Entretanto, jamais, nas melhores condições materiais, o exército teve um aspecto mais alegre e mais animado. É que, todos os dias, eram expelidos aqueles que começavam a fraquejar e a desanimar. Havia muito tempo que todos os fracos, física ou moralmente, tinham ficado para trás, e só restava a flor do exército, pelo vigor do espírito e do corpo.

Perto da oitava companhia, que armara o tapume, estavam os grupos mais numerosos. Dois sargentos se haviam instalado por ali, e as chamas das suas fogueiras eram mais vivas que as outras. Tinham exigido, pelo direito de sentar-se perto deles, que trouxessem lenha.

— Então, Makeiev!... O que estás fazendo? Tomaste chá de sumiço? Os lobos te comeram? Traze lenha! — gritou um soldado de rosto vermelho e cabelos ruivos, que esfregava os olhos por causa da fumaça, mas não se afastava da fogueira. — Então vai tu ao menos, Corvo! Traze lenha — disse a um outro.

O ruivo não era suboficial nem cabo, mas era um soldado robustíssimo e, por esse motivo, comandava os mais fracos. O soldado magro, de pequena estatura, com nariz pontudo, a quem chamavam Corvo, ergueu-se docilmente para executar a ordem. Mas nesse momento mostrou-se à luz das fogueiras um jovem soldado, bonito rapaz, que trazia um feixe de lenha.

— Muito bem! Traze cá!

Os soldados quebraram os ramos, amontoaram-nos, aticaram as brasas soprando e abanando com as abas dos capotes, e a chama saltou e crepitou. Alguns soldados vieram acender os cachimbos. O jovem soldado que trouxera a lenha pôs as mãos na cintura e começou a bater agilmente os pés no chão.

— Ah! Mãezinha, o orvalho está gelado, mas que lindo tempo faz, e lá vai o mosqueteiro! — cantava ele, acompanhando cada sílaba de uma espécie de soluço.

— Olha as solas dos sapatos que vão cair! — gritou o ruivo, notando que uma das solas estava soltando. — E ouçam que música!

O soldado parou, arrancou o pedaço de couro que se soltou da botina e atirou-o ao fogo.

— É verdade! — disse. Sentou-se, tirou da sacola um pedaço de lona azul, de fabricação francesa, e pôs-se a enrolar o pé. — É o vapor que incha o couro — acrescentou.

— Em breve receberemos outras novas. Dizem que quando os tivermos derrotado completamente cada um receberá dois pares.

— Escutem, e aquele filho de uma égua, Petrov, ficou para trás? — disse o suboficial.

— Há muito tempo que não o vejo — confirmou outro.

— Soldado frouxo...

— Dizem que na terceira companhia, ontem, faltaram nove homens na chamada.

— Sim, é verdade. Afinal, como se pode caminhar quando se tem os pés gelados?

— De que adianta ficar reclamando?! — fez o sargento.

— Será que queres fazer a mesma coisa? — disse um velho soldado, em tom de censura, ao que falara em pés gelados.

— E o que tu achas? — pôs-se de repente a dizer, em voz aguda e trêmula, o alcunhado de Corvo, que se levantou do outro lado da fogueira. — Se a gente estava com saúde, agora emagrece, e quem adoece morre. Assim eu, por exemplo, não tenho mais forças — acrescentou de súbito, resolutamente, dirigindo-se ao sargento. — Mande-me para o hospital. Tenho reumatismo por todo o corpo. Do contrário vou acabar aí mesmo na estrada.

— Basta, basta — disse o sargento calmamente.

O soldado calou-se e as conversas recomeçaram.

— Pegamos hoje uma bela fornada de franceses, e nem um só tem botas de verdade. De botas, só o nome... — pôs-se a dizer um dos soldados.

— Foram os cossacos que lhes tiraram tudo. Limparam uma isbá para o coronel e tiraram tudo. Dava pena vê-los sendo empurrados — disse o soldado que batia com os pés no chão. — Acreditam que um deles estava vivo?... Começou a falar, lá na sua língua.

— E são gente limpa! — voltou o primeiro. — Brancos como bétulas, e há alguns que são muito valentes, muito nobres.

— E o que tu esperavas? Entre eles há gente de todas as classes.

— E não compreendem uma palavra do que dizemos — acrescentou o dançarino, com um sorriso admirado. — Eu lhe perguntei de que reino era, e ele engrolou uma resposta na sua língua. Gente esquisita!

— O que é esquisito... — continuou o que se impressionara com a brancura dos franceses. — Os camponeses contam que em Mojaïsk, quando começaram a tirar os mortos do campo de batalha, os cadáveres de franceses que estavam lá havia um mês estavam brancos como papel limpo e sem nenhum cheiro.

— Como, por causa do frio? — perguntou um.

— Ah, como és esperto! O frio? Mas estava fazendo calor! Se o frio fosse a causa, os nossos também não teriam apodrecido. Entretanto, dizem eles, os nossos ficam tão pobres, tão cheios de bichos, que é preciso tapar o nariz com um lenço e virar a cabeça. É assim que os carregam. E eles brancos como papel e sem o menor cheiro...

Todos se calaram.

— Com certeza é o que eles comem — disse o sargento. — Enchiam a pança de boas comidas.

Ninguém contestou.

— Esse camponês de Mojaisk contou que no campo de batalha tiraram corpos de dez aldeias e trabalharam vinte dias nessa tarefa. Pois ainda assim não puderam dar conta! E além disso havia os lobos, diz ele...

— Essa é que foi uma batalha de verdade! — disse um velho soldado. — Há o que contar, mas o que aconteceu depois... Só tem trazido sofrimento para o povo.

— É verdade, meu tio. Anteontem nós os atacamos. Mas o que se pode fazer? Eles não nos deixam chegar. Atiram logo os fuzis e se ajoelham: *Pardon*, dizem eles ... Dizem que Platov pegou duas vezes o próprio Napoleão. Mas não conhecia a palavra mágica. Pega-o, agarra-o e pronto! Ele vira passarinho nas suas mãos e sai voando. E quanto a matá-lo, não há mesmo jeito...

— Que mentiroso, Kiselov!

— Como! É a pura verdade.

— Ah! Se fosse eu, depois de pegá-lo enterrava-o vivo e atravessava-lhe as goelas com uma estaca de faia. Ah! quanta gente morreu por causa desse sujeito!

— Ainda assim, havemos de acabar com ele. Aqui ele não volta mais — disse o velho soldado, bocejando.

Terminou a conversa e os soldados acomodaram-se para dormir.

— Puxa, quanta estrela! Como elas brilham! Parece que as mulheres estenderam os lençóis para secar! — disse um soldado, admirando a Via Láctea.

— Bom sinal para a colheita, rapazes!

— É preciso trazer um pouco mais de lenha.

— Esquentam-se as costas e a barriga gela. Isto é que é o diabo.

— Oh, meu Deus!

— Por que empurras? Pensas que o fogo é só para ti? Este camarada!...
Vejam como ele está todo espalhado.

No silêncio que se ia fazendo, ouviam-se roncar os que já dormiam. Outros viravam-se, aqueciam-se, conversando de tempos em tempos.

A uns cem passos da fogueira estalaram gritos ruidosos e alegres.

— Olhem a farra na quinta companhia — disse um soldado. — E como tem gente!

Um soldado levantou-se e foi até a quinta companhia.

— Estão brincando por lá — disse, voltando. — Chegaram há pouco dois franceses; um está completamente gelado, mas o outro é um tipo muito engraçado e está cantando.

— Oh! Oh! Vamos ver!

E alguns soldados dirigiram-se para a quinta companhia.

IX

A quinta companhia instalara o seu acampamento junto à própria floresta. Uma imensa fogueira resplendia no meio da neve, iluminando os galhos das árvores vergados sob a neve.

No meio da noite, os soldados da quinta companhia ouviram passos e estalidos de gravetos na floresta.

— Rapazes! Um urso! — exclamou um dos soldados.

Todos apuraram o ouvido. De repente, surgiram da floresta para a luz clara da fogueira dois vultos humanos estranhamente trajados e caminhando apoiados um no outro. Eram dois franceses que se haviam escondido na floresta. Falando em voz rouca, numa língua incompreensível para os soldados russos, aproximaram-se da fogueira.

O mais alto, que tinha quepe de oficial, parecia completamente esgotado. Chegando ao pé da fogueira quis sentar-se e caiu ao chão. O outro, um soldado baixo e atarracado, com um lenço atado em volta do rosto, era mais vigoroso. Ergueu o companheiro e pronunciou algumas palavras, indicando a boca do outro. Os soldados rodearam os franceses, estenderam um capote no chão para o doente e trouxeram mingau de aveia e aguardente para os dois.

O oficial francês debilitado era Ramballe e o soldado de rosto atado com um lenço era a seu ordenança, Morel.

Depois de ingerir aguardente e terminar a sua tigela de aveia, Morel foi tomado de uma alegria repentina, nervosa, e pôs-se a falar aos soldados, que não o compreendiam. Ramballe, que não quisera comer, estava estendido junto à fogueira, silencioso, apoiado na mão. Contemplava os soldados russos com olhos vermelhos e inexpressivos. De tempos em tempos, soltava um longo gemido e tornava a calar-se. Morel mostrava as dragonas do outro, dando a entender que se tratava de um oficial e que era preciso aquecê-lo.

Um oficial russo que se aproximara da fogueira mandou perguntar ao coronel se dava licença que um oficial francês fosse aquecer-se no seu alojamento. Veio resposta de que o coronel dava ordem de levarem o oficial, então pediram que Ramballe se levantasse e fosse a seu encontro.

Levantou-se e quis caminhar, mas o corpo vacilou e teria caído se um soldado que se achava perto dele não o tivesse segurado.

— Então, não quer ir? — disse um soldado, dirigindo-se a Ramballe com um olhar zombeteiro.

— Eh, idiota! Que bobagem estás dizendo? Um grosseiro mesmo, um verdadeiro homem do interior! — exclamaram vozes de todos os lados, censurando o gracejador.

Rodearam Ramballe, dois soldados seguraram-no por baixo dos braços e o conduziram à isbá. Ramballe abraçou o pescoço dos soldados e, enquanto o carregavam, pôs-se a dizer lamentosamente:

— Ah! Meus bravos! Ah! Meus bons amigos! Isto é que são homens! Ah! Meus bravos, meus bons amigos!

E, como uma criança, reclinava a cabeça no ombro do soldado.

Enquanto isso, Morel, que haviam feito sentar-se no melhor lugar, estava cercado de soldados.

Morel, um francês pequeno e atarracado, de olhos vermelhos, inchados e lacrimejantes, o rosto envolto num lenço qual uma mulher, estava coberto com um casaco feminino acolchoado de pele. Visivelmente bêbado, enlaçava um soldado que se achava junto dele e cantava em voz rouca uma canção francesa. Os soldados choravam de rir ao olhar para ele.

— Bem, bem! Ensina-me como é isso. Vais ver como aprendo depressa. Como é mesmo? — disse o soldado que Morel abraçava. Era um dos cantores e gostava de brincar.

— *Vive Henri IV! Vive ce roi vaillant!* — cantou Morel, piscando os olhos. — *Ce diable à quatre...*

— *Vi-va-ri-ká, víf-se-ru-va-rú! Si-diâ-bliá-ká...* — repetiu o soldado, agitando a mão e apanhando, com efeito, a melodia.

— Bravo! Ho-ho-ho-ho! — exclamavam de todos os lados em fortes gargalhadas.

Morel, enrugando o rosto, também riu.

— Vamos! Mais, mais!

— *Qui eut le triple talent de boire, de battre et d'être un vert galant.*

— Isto é bonito também! Vamos ver agora, Zaletaiev!

— *Kiú...* — articulou Zaletaiev com dificuldade. — *Kiú-iú-iú...* — cantou, prolongando o som e arredondando os lábios cuidadosamente. — *Le-trip-ta-lá, de-bu-de-bá, de-tra-va-ga-lá!*

— Bonito! Muito bom francês, não há dúvida! Ho! ho! ho! Olha, queres comer mais?

— Dá-lhe aveia, não há de ser tão cedo que ele matará a fome.

Deram mais aveia e Morel, rindo, atacou a terceira tigela. Um sorriso alegre iluminava o rosto dos jovens soldados que olhavam Morel. Os velhos, que julgavam indigno ocupar-se com essas tolices, tinham-se deitado do outro lado da fogueira, mas de tempos em tempos apoiavam-se nos cotovelos para contemplar Morel com um sorriso.

— Eles também são homens — disse um deles, enrolando-se no capote. — Até o absinto tem suas raízes!

— Oh, meu Deus! Quanta estrela no céu! Vamos ter geada...

E tudo ficou silencioso.

Como se soubessem que ninguém as veria agora, as estrelas cintilavam mais vivas no céu negro. Ora resplandecendo, ora apagando-se, ora tremeluzindo, pareciam muito ocupadas em fazer sinais umas às outras para comunicarem algo mistério.

X

As tropas francesas continuavam a dissolver-se em progressão regular e matemática e a famosa passagem pelo Berezina, sobre a qual tanto se escreveu, não foi senão um dos estágios intermediários da destruição do exército francês, de modo algum o episódio decisivo da campanha. Se tanto se escreveu a respeito de Berezina, é porque, do ponto de vista dos franceses, as desgraças sofridas pelo seu exército, antes dispersas, concentraram-se momentaneamente na ponte destruída do Berezina, num espetáculo trágico que ficou gravado na memória de todos. Por parte dos russos, só falaram ou escreveram tanto sobre Berezina porque em Petersburgo, longe do teatro da guerra, havia-se elaborado um plano (da autoria de Pfull) para atrair Napoleão a uma cilada estratégica, às margens desse rio. Todos estavam persuadidos de que os fatos se passariam tal qual eram previstos no plano, e por este motivo insistiam em afirmar que a passagem do Berezina assinalara a derrota definitiva dos franceses. Na realidade, os resultados da passagem do Berezina foram muito menos perniciosos para os franceses, sob o ponto de vista das perdas em canhões e em prisioneiros, do que Krasnoie, por exemplo, conforme acusam os números.

A única importância da passagem do Berezina é a de ter demonstrado com evidência indiscutível quanto eram ilusórios os planos de ataque e quanto era correto o único plano sustentado por Kutuzov e por toda a massa do exército, plano que consistia apenas em seguir o inimigo.

O contingente de franceses fugia com rapidez sempre crescente, com toda a energia dirigida para alcançar sua meta. Fugia como um animal ferido e não podia deter-se no meio do caminho. Isso é provado, não tanto pela organização da movimentação, mas pelo que aconteceu nas pontes. Quando as pontes foram destruídas, os soldados, os habitantes de Moscou, as mulheres e as crianças que iam com os franceses, todos, sob a influência da velocidade adquirida, arremessavam-se para os botes ou se atiravam na água gelada, sem desistir.

Era um impulso razoável. Tão ruim era a situação dos que fugiam quanto a dos que perseguiam. Ficando com os seus, cada qual esperava encontrar na desgraça a ajuda de um camarada, um apoio entre pares. Mas, rendendo-se aos russos, permanecia nas mesmas desgraçadas circunstâncias, mas em último lugar na ordem de prioridade de ajuda. Os franceses não precisavam de informações seguras para saber que metade dos prisioneiros — por quem os russos eram incapazes de zelar, por mais que desejassem salvá-los — morria de fome e de frio. Sentiam que não podia ser de outra forma. Os comandantes russos mais indulgentes e mais benévolos com os franceses e os próprios oficiais franceses a serviço dos russos nada podiam fazer pelos prisioneiros. Estes pereciam por

causa da miserável situação em que se encontravam os próprios russos. Não era possível tirar o pão e as roupas de soldados famintos, que precisavam do mínimo, para dar aos franceses, que não eram prejudiciais, nem odiados, nem culpados, mas simplesmente inúteis. Alguns, na verdade, até o faziam, mas isso era uma exceção.

Atrás estava a morte certa, à frente, a esperança. Tinham queimado os barcos, não havia salvação senão na fuga, e nessa fuga geral residia toda a força dos franceses. Quanto mais os franceses avançavam, mais miserável era a situação em que se encontravam — sobretudo depois de Berezina, em que, por motivo do plano elaborado em Petersburgo, se depositavam particulares esperanças — e mais se inflamavam as paixões dos generais russos, que se acusavam mutuamente e, sobretudo, acusavam Kutuzov.

Na suposição de que lhe seria atribuído o insucesso do plano de Berezina preparado em Petersburgo, o descontentamento, o desprezo e a zombaria pesavam cada vez mais sobre ele. A zombaria e o desprezo se exprimiam, é desnecessário dizê-lo, sob forma respeitosa, de tal modo que Kutuzov nem sequer teria podido perguntar de que e por que o acusavam. Não falavam com ele a sério: ao lhe relatarem acontecimentos, ao lhe pedirem ordens, tinham o ar de cumprir um dever melancólico, e assim que o viam pelas costas piscavam o olho e tratavam de enganá-lo tanto quanto possível.

Todos esses homens, precisamente por não serem capazes de compreendê-lo, tinham reconhecido que era inútil falar com o velho, que ele jamais compreenderia a profundidade dos seus planos, que ele responderia com frases (viam nisso apenas frases) sobre a ponte de ouro, diria que não se podia atravessar a fronteira com uma multidão de mendigos descalços etc. etc. E tudo que ele dizia — por exemplo, que era preciso esperar provisões, que os soldados estavam sem botas — era muito simples, mas o que eles propunham era tão inteligente e complicado que o velho lhes parecia um imbecil, ao passo que eles eram gênios militares, mas sem autoridade.

Principalmente após a junção do exército do brilhante herói de Petersburgo, o almirante Wittgenstein, com o de Kutuzov, essa corrente de opinião e os mexericos maliciosos do Estado-Maior atingiram o auge, e Kutuzov percebia isso, mas limitava-se a suspirar e encolher os ombros. Apenas uma vez, depois

de Berezina, encolerizou-se e escreveu a Benigsen, que fazia comunicados particulares ao imperador:

Devido ao estado precário da sua saúde, queira Vossa Excelência, ao receber a presente mensagem, dirigir-se para Kaluga e lá aguardar ordens superiores e a decisão de Sua Majestade Imperial.

Mas depois da partida de Benigsen o grão-duque Constantino Pavlovitch, que fizera o começo da campanha e que Kutuzov havia despedido, regressou ao exército. Contou a Kutuzov o descontentamento do imperador com o êxito medíocre das nossas tropas e a lentidão dos movimentos, e disse que o imperador tinha a intenção de, dentro em pouco, encontrar-se com o exército.

Kutuzov, ancião tão experiente nas coisas da corte como nas da guerra, que, naquele mesmo ano, contra a vontade do imperador, fora escolhido para comandar o exército, e que mandara embora o grão-duque herdeiro do trono, aquele mesmo Kutuzov que abandonara Moscou, agora compreendia imediatamente que seus dias estavam terminados, que estava desempenhado o seu papel e que o suposto poder lhe tinha sido retirado — e não compreendeu isso apenas pelas notícias da corte. Via, por um lado, que a ação militar em que ele desempenhara seu papel estava finda, sentia que sua missão fora cumprida. Por outro lado, e ao mesmo tempo, começava a sentir um cansaço físico em seu velho corpo que lhe pedia repouso.

Em 29 de novembro, Kutuzov chegou a Vilna, à sua querida Vilna, como ele dizia. Fora governador de Vilna por duas vezes. Nessa cidade rica, que não fora destruída pela guerra, além das comodidades da vida doméstica de que ele se via privado há tanto tempo, Kutuzov encontrou velhos amigos e velhas recordações.

De repente, afastando todas as preocupações militares e de Estado, mergulhou na vida regular e habitual, pelo menos tanto quanto permitiam as paixões que fervilhavam em torno dele, como se nada mais tivesse que ver com o que se passava e ainda estaria por se passar no mundo da história.

Tchitchagov era um dos generais que mais apaixonadamente advogavam o ataque a fim de cortar a retirada ao inimigo. A princípio desejara pôr em prática uma estratégia diversionista na Grécia e depois em Varsóvia, mas jamais queria ir aonde o mandavam. Tchitchagov, que era conhecido pela ousadia das suas

observações ao imperador, considerava Kutuzov devedor porque, em 1811, quando o tinham enviado à Turquia em detrimento de Kutuzov, para selar a paz, e ele verificara ao chegar que a paz já estava selada, declarara francamente ao tsar que o mérito desse feito cabia a Kutuzov. Esse mesmo Tchitchagov foi o primeiro a encontrar Kutuzov em Vilna, perto do castelo onde se alojaria o comandante em chefe. Em uniforme da Marinha, com o punhal à cinta, o quepe de serviço embaixo do braço, entregou a Kutuzov a relatório militar e as chaves da cidade. O desprezo respeitoso dos jovens para com aquele velho exprimia-se da mais evidente maneira nesse relato de Tchitchagov, que estava a par das acusações lançadas contra Kutuzov.

Conversando com Tchitchagov, Kutuzov disse-lhe, entre outras coisas, que as suas carroças, cheias de louça, tomadas pelo inimigo em Borissov, tinham sido salvas e lhe seriam entregues.

— Isto é para me dar a entender que eu não tenho em que comer? Muito pelo contrário, posso até fornecer-lhe louça no caso de o senhor querer dar jantares — replicou Tchitchagov, zangando-se. Cada palavra pronunciada por ele tinha por fim provar os seus direitos, e Tchitchagov imaginava que Kutuzov estivesse animado do mesmo desejo.

Kutuzov sorriu com a sua maneira fina, indulgente e, erguendo os ombros, respondeu:

— É para lhe dar a entender o que digo, e nada mais.

Em Vilna, contrariando a vontade do imperador, Kutuzov fez ficar a maior parte das tropas e, a crer no que dizem as pessoas da sua comitiva, suas forças físicas decaíram extraordinariamente nessa cidade. Ocupava-se sem muito zelo com os assuntos do exército, deixando tudo entregue aos seus generais, e, enquanto esperava o imperador, levava a vida mais descuidosa.

XI

No dia 7 de dezembro, o imperador saiu de Petersburgo com sua comitiva — o conde Tolstoi, o príncipe Volkonski, Araktcheiev etc. — e chegou a Vilna no dia 11. No seu trenó de viagem, dirigiu-se imediatamente para o castelo. Em frente ao castelo, apesar da forte geada, encontrava-se uma centena de generais e oficiais do Estado-Maior com uniforme de parada, e a guarda de honra do regimento Semenovski.

O correio se aproximou a galope do castelo, precedendo o imperador, numa *troika* puxada por cavalos suados, gritando: “Ele se aproxima!”

Konovnitzine lançou-se para o vestíbulo a fim de anunciá-lo a Kutuzov, que esperava na pequena câmara do porteiro.

Um minuto depois, uma alta e corpulenta figura de ancião em uniforme de parada, o peito coberto com uma multidão de condecorações, o abdômen cingido por uma faixa, apareceu bamboleando no patamar. Kutuzov pôs na cabeça o bicórnio de cerimônia e, com as luvas na mão, descendo os degraus com dificuldade, pegou o relatório preparado para o imperador.

Cochichos, movimentos apressados. Surgiu outra *troika* a todo o galope, e todos os olhares se fixaram no trenó que chegava e no qual já se distinguiam o imperador e Volkonski.

Apesar de acostumado, após cinquenta anos de experiência, a chegada do imperador impressionava o velho general. Com ar preocupado, examinou-se rapidamente, passou a mão sobre as condecorações, endireitou o chapéu e, no momento em que o imperador, saltando do trenó, o fitou, ele aprumou-se, estendeu o relatório e pôs-se a lhe falar numa voz compassada, obsequiosa.

Rapidamente, o imperador mediu Kutuzov da cabeça aos pés e franziu um instante o cenho. Mas, dominando-se logo, adiantou-se, estendeu os braços e abraçou o velho general. Esse abraço, novamente pela influência de um hábito antigo que remeteu a pensamentos íntimos, emocionou Kutuzov, que se pôs a chorar.

O imperador saudou os oficiais, a guarda do regimento de Semenovski e, tornando a apertar a mão do velho, entrou com ele no castelo.

Ao ficar só com o feldmarechal, o imperador expressiu o seu descontentamento com o progresso vagaroso da perseguição, com os erros de Krasnoie e de Berezina, e expôs-lhe seu plano sobre a futura campanha no exterior. Kutuzov não fez objeção nem observação alguma. O seu rosto tinha a mesma expressão dócil e beata com que, sete anos atrás, escutara as ordens do imperador no campo de Austerlitz.

Quando Kutuzov saiu do gabinete de trabalho, com o andar pesado, bamboleante, e a cabeça baixa, uma voz o fez parar no salão:

— Alteza!

Kutuzov levantou a cabeça e por muito tempo fitou os olhos do conde Tolstoi, que, com um pequeno objeto sobre uma bandeja de prata, se punha diante dele. Kutuzov parecia não compreender o que queriam com ele.

De súbito pareceu entender. Um sorriso apenas visível passou pelo seu rosto gorducho. Inclinou-se muito, respeitosamente, e apanhou o objeto que estava na bandeja. Era a grã-cruz de São Jorge.

XII

No dia seguinte, o feldmarechal ofereceu um jantar e um baile, honrados com a presença do imperador. Kutuzov trazia ao peito a grã-cruz de São Jorge e, embora o imperador o prestigiasse com a mais alta honraria, todos percebiam que ele estava descontente com o feldmarechal. Observavam-se as convenções, o próprio imperador dava exemplo disso; mas todos sabiam que o velho era culpado e não prestava para nada. Quando, no curso do baile, por um velho hábito do tempo de Catarina, Kutuzov mandou depor as bandeiras inimigas aos pés do imperador, que entrava, este franziu o cenho com ar descontente e murmurou algumas palavras, entre as quais houve quem julgasse ouvir “o velho comediante”.

O descontentamento do imperador contra Kutuzov aumentou em Vilna, sobretudo porque Kutuzov não quis ou não conseguiu compreender os planos do imperador para a futura campanha. No dia seguinte pela manhã, quando o imperador disse aos oficiais reunidos em torno dele: “Não só salvastes a Rússia como salvastes a Europa”, todos compreenderam que a guerra ainda não estava terminada. Só Kutuzov não quis compreender e exprimiu abertamente a opinião de que uma nova campanha não melhoraria a situação da Rússia nem aumentaria a sua glória, mas que, pelo contrário, agravaria a situação do país e diminuiria a excelsa glória que, segundo ele, havia sido conquistada. Procurava demonstrar ao imperador a impossibilidade de recrutar novas tropas, falava da situação difícil do povo, de um possível insucesso etc.

Com tais ideias, o feldmarechal não era senão um obstáculo e um freio à nova campanha.

A fim de evitar discussões com o velho, um expediente se apresentou. Consistia, como em Austerlitz e no começo da campanha com Barclay, em retirar sorrateiramente do comandante em chefe, sem perturbá-lo, sem o prevenir, o poder de que estava investido e transferi-lo ao próprio imperador.

Com esse fim, transformou-se pouco a pouco o Estado-Maior, a força principal do Estado-Maior de Kutuzov foi destruída e transportada para junto do imperador: Toll, Konovnitzine e Ermolov receberam outros cargos. Todos diziam abertamente que o feldmarechal estava muito doente e fraco. Devia estar fraco e doente mesmo, para ceder o lugar àquele que veio a ser seu sucessor. E, com efeito, sua saúde periclitava.

Tão natural e simplesmente como Kutuzov aparecera, de regresso da Turquia, na câmara de finanças de Petersburgo, para formar a milícia e depois assumir o comando do exército, da mesma forma ele agora que terminara de desempenhar o seu papel e surgia em seu lugar o novo ator que as circunstâncias reclamavam.

Além da sua significação nacional, tão cara ao coração russo, a guerra de 1812 devia ter também uma significação europeia.

Ao movimento dos povos do Ocidente para Oriente devia suceder um movimento dos povos do Oriente para o Ocidente, e, para esta nova guerra, era necessário um novo homem com outras qualidades que não as de Kutuzov, com outras opiniões e movido por impulsos diferentes.

Alexandre I era tão necessário ao movimento dos povos do Oriente para o Ocidente e ao restabelecimento das fronteiras, como Kutuzov fora necessário à salvação e à glória da Rússia.

Kutuzov não compreendia o que significavam a Europa, o equilíbrio, Napoleão. Não podia compreendê-lo. A partir do momento em que o inimigo fora batido e a Rússia atingira o apogeu da glória, o representante do povo russo, o russo dos russos, nada mais tinha o que fazer. Para o representante da guerra nacional só restava a morte. E ele morreu.

XIII

Como geralmente acontece, Pierre só sentiu a dureza das privações físicas e dos trabalhos suportados durante o cativeiro quando foi solto. Uma vez posto em liberdade, foi para Orel e, poucos dias depois, no meio dos preparativos de partida para Kiev, adoeceu e teve de ficar três meses acamado. Tinha uma febre biliar, como diziam os doutores. Apesar dos cuidados médicos, de terem feito flebectomia e do grande número de remédios que o fizeram ingerir, curou-se.

Nada do que acontecera com Pierre, desde a sua libertação até adoecer, deixara impressão alguma. Lembrava-se apenas do tempo cinzento e sombrio,

ora chovendo, ora nevando, de um enfraquecimento físico, da dor nas pernas e nas costelas, da impressão geral de desgraça e sofrimentos, da curiosidade dos oficiais e dos generais que o interrogavam, dos cuidados e diligências dos outros para encontrar um cavalo e uma carruagem, e, principalmente, da sua incapacidade de pensar e sentir durante todo esse tempo. No dia da sua libertação, tinha visto o cadáver de Pétia Rostov, e no mesmo dia soubera que o príncipe André tinha vivido mais de um mês após a batalha de Borodino e morrera recentemente, em Iaroslav, na casa dos Rostov.

Denissoff, que lhe comunicou esta notícia em conversa, mencionou por acaso a morte de Helena, supondo que ele já estivesse informado havia muito. Tudo aquilo pareceu apenas singular a Pierre, sentia-se incapaz de compreender a importância de todas essas notícias. Nessa ocasião, ele queria apenas deixar o mais cedo possível esses lugares onde os homens se matavam uns aos outros, trocando-o por um refúgio tranquilo, distante, onde pudesse refazer-se, repousar, refletir sobre todas as coisas novas e estranhas que aprendera durante esse tempo.

Mas logo que chegou a Orel ficou doente. Ao voltar a si, Pierre encontrou à sua cabeceira dois criados seus, vindos de Moscou: Terenti e Vaska. Também estava ali a princesa mais velha, que, tendo sabido da libertação e da doença do primo, viera de Eletz, propriedade de Pierre onde ela se encontrava, para cuidar dele.

Durante a convalescença, Pierre apagou pouco a pouco as impressões tornadas habituais e se acostumou com a ideia de que no dia seguinte ninguém o poria para fora do quarto, ninguém lhe tomaria a cama quente, ninguém o obrigaria a seguir em marcha e de que ele tinha o jantar, o chá e a ceia assegurados.

Mas, em sonhos, por muito tempo ainda continuou a ver-se nas condições do cativeiro. Foi também gradualmente que Pierre compreendeu a inteira significação das notícias recebidas após a sua libertação: a morte do príncipe André, a morte de sua mulher e o aniquilamento dos franceses.

O sentimento agradável da liberdade, dessa liberdade completa que é tão preciosa às pessoas, veio-lhe na primeira parada após partir de Moscou e, durante toda a sua convalescença, encheu-lhe de novo a alma.

Surpreendia-se que essa liberdade interior, independente das condições exteriores, fosse agora acompanhada, e por isso duplicada em intensidade, da liberdade exterior. Estava só, numa cidade que não conhecia, onde não tinha relações e ninguém lhe exigia nada, não o mandavam a parte alguma. Tinha tudo o que desejava e livrara-se do pensamento que outrora não cessava de atormentá-lo: a preocupação com sua mulher. Ela já não existia.

“Ah! Como isto é bom! Como é agradável!”, dizia consigo quando aproximavam dele uma mesa bem-posta, limpa, com um saboroso caldo, quando, à noite, mergulhava na sua cama limpa e fofa, ou quando se lembrava de que já não existiam nem sua mulher nem os franceses. “Ah! Como isto é bom, como isto é delicioso!” E, como um velho hábito, fazia a si mesmo a pergunta: “Muito bem, e depois? O que farei depois?” E, logo, ele mesmo respondia: “Nada. Vou viver. Ah, como isto é esplêndido!”

O que o atormentava outrora, o que ele buscava continuamente, a finalidade da vida, já não existia para Pierre. Cessara a busca da finalidade da vida, não fortuita e temporariamente, mas porque Pierre sentia que tal finalidade não existia nem podia existir. E era essa ausência de finalidade que lhe dava a consciência alegre e completa da sua liberdade, que lhe proporcionava felicidade.

Ele não podia ter objetivo algum porque, agora, tinha a fé — não a fé em regras, em palavras ou em ideias, mas a fé em Deus vivo e sempre presente. Antes, ele o procurava em missões que impunha a si mesmo. Essa busca de objetivos não era senão a busca de Deus. E inesperadamente, no cativeiro, aprendera não por palavras, não por meio de raciocínios, mas pelo sentimento imediato, aquilo que a sua velha criada lhe dizia há tanto tempo: Deus está aqui e em toda parte. No cativeiro aprendera que Deus de Karataiev era maior, mais infinito, mais incompreensível do que o arquiteto do universo admitido pelos maçons. Experimentava o sentimento do homem que encontra aos seus pés aquilo que procurava olhando ao longe. Durante toda a sua vida olhara um ponto longínquo, por cima das cabeças das pessoas que o rodeavam, ao passo que não era preciso forçar a vista, bastava olhar diante de si.

Antes, não sabia ver em nada a grandeza, o incompreensível, o infinito. Sentia apenas que deviam estar em algum lugar e procurava-os. Perto de si e

compreensíveis, só havia coisas pequenas, limitadas, desprovidas de sentido. Munia-se da luneta espiritual e olhava à distância, onde essas pequeninas coisas humanas, dissipando-se nos longes brumosos, lhe pareciam grandes e infinitas unicamente porque não as via com clareza. Assim se apresentavam a ele a vida europeia, a política, a maçonaria, a filosofia, a filantropia. Mas, ainda quando considerava a sua própria fraqueza, o seu espírito penetrava nessa distância e lá via as mesmas coisas pequenas, humanas, insensatas. Agora, porém, aprendera a ver em tudo o grande, o eterno, o infinito, e, naturalmente, para vê-lo, para gozar dessa contemplação, abandonava a luneta pela qual tinha até agora olhado por cima das cabeças, e contemplava alegremente, em torno de si, a vida em eterna mutação, eternamente grande, incompreensível e infinita. E quanto mais olhava perto de si, mais calmo e feliz se sentia. A terrível pergunta que outrora destruía todos os seus pensamentos, “por quê?”, não existia mais para ele. Agora, tinha sempre uma resposta pronta para essa pergunta: porque Deus existe, esse Deus sem cujo consentimento nem um só fio de cabelo cai da nossa cabeça.

XIV

Pierre mudara pouco nas maneiras exteriores. Em aparência, era exatamente o mesmo que antes. Como antes, era distraído e parecia ocupado, não com o que estava à sua frente, mas com qualquer coisa que lhe era peculiar. A diferença entre o seu estado antigo e o atual era que outrora, quando esquecia o que tinha diante de si, o que lhe diziam, enrugava a testa com esforço e parecia tentar examinar, em vão, alguma coisa ao longe. Agora, esquecia do mesmo modo o que lhe diziam e o que estava diante de si, mas, com um sorriso imperceptível e zombeteiro, fixava o olhar nos objetos próximos e escutava atentamente o que lhe diziam, embora, evidentemente, visse e ouvisse coisa muito diversa.

Antes parecia bom e infeliz, e por esse motivo as pessoas, sem querer, afastavam-se dele. Agora trazia sempre nos lábios o sorriso que nasce da alegria de viver, nos seus olhos brilhava a simpatia pelas pessoas e lia-se neles esta pergunta: estão eles tão contentes como eu? E as pessoas sentiam prazer na sua presença.

Antes falava muito, entusiasmava-se ao falar e escutava pouco. Agora, deixava-se raramente levar para a discussão e sabia escutar de tal maneira que as pessoas lhe confiavam de boa vontade os seus segredos mais íntimos.

A princesa mais velha nunca havia gostado de Pierre e tinha por ele um sentimento particularmente hostil desde que, em virtude da morte do velho conde, ficara a dever-lhe obrigação. Por isso foi com grande contrariedade e espanto que, após breve estada em Orel, aonde fora com a intenção de provar a Pierre que, apesar da sua ingratidão, ela se julgava no dever de cuidar dele, a princesa reconheceu que gostava de Pierre.

Pierre de nenhum modo procurava conquistar sua simpatia. Limitava-se a examiná-la com curiosidade.

O outrora a princesa sentia que ele a olhava com indiferença e zombaria e, como fazia com as outras pessoas, encolhia-se para si mesma e só lhe mostrava o lado agressivo da sua natureza. Agora, ao contrário, sentia que ele alcançava os segredos mais íntimos da sua vida e, primeiro com desconfiança e por fim com reconhecimento, mostrava-lhe os melhores aspectos do seu caráter.

O mais astuto dos homens não saberia cativar com mais habilidade a confiança da princesa, evocando as recordações dos melhores dias da sua mocidade e mostrando-lhe simpatia. Entretanto, toda a astúcia de Pierre consistia apenas em mostrar o seu prazer ao evocar sentimentos humanos na princesa hostil e seca.

“Sim, ele é bom, muito bom, quando não está sob a influência de gente perversa, mas de pessoas como eu”, dizia a princesa consigo.

A mudança de Pierre era notada igualmente pelos criados, Terenti e Vaska, que o achavam muito mais simples. Muitas vezes, Terenti, depois de ajudar o amo a despir-se, com as roupas e as botas deste na mão, não se apressava a sair, embora já lhe houvesse desejado boa-noite, e esperava para ver se o amo não entabularia conversa. E as mais das vezes Pierre, notando que Terenti sentia vontade de conversar, o retinha.

— Muito bem! Conta-me então... Como foi que vocês conseguiram comida? — perguntava. E Terenti punha-se a falar no saque de Moscou, no falecido conde, e ficava muito tempo em pé, com as roupas na mão, a contar, e às vezes a escutar as narrativas de Pierre. E, com a impressão agradável da proximidade do amo e da sua amizade por ele, retirava-se para a copa.

O doutor que assistia Pierre e ia vê-lo com frequência, embora, segundo o hábito dos médicos, julgasse de seu dever dar-se a aparência de um homem cujos

momentos são preciosos para o bem da humanidade sofredora, ficava horas inteiras com Pierre, contando as suas anedotas favoritas e suas observações sobre os costumes dos doentes em geral, e das senhoras em particular.

— Pois é verdade, com um homem como o senhor é agradável conversar. Não estamos acostumados a isso na província — dizia ele.

Encontravam-se em Orel alguns oficiais do exército francês, prisioneiros, e um dia o doutor trouxe à casa de Pierre um deles, jovem oficial italiano. Esse oficial começou a visitá-lo com frequência, e a princesa achava graça da ternura que o italiano mostrava a Pierre.

Era visível o contentamento do italiano quando podia vir à casa de Pierre e contar-lhe o seu passado, sua vida de família, seus amores, exprimir-lhe a sua indignação com os franceses e sobretudo com Napoleão.

— Se todos os russos se parecessem com o senhor — dizia ele a Pierre —, seria sacrilégio entrar em guerra contra um povo assim. O senhor, que sofreu tanto nas mãos dos franceses, nem sequer alimenta ódio contra eles.

E Pierre só merecia essa afeição apaixonada do italiano por evocar neste o melhor lado da sua alma, e que o italiano admirava.

Nos últimos momentos de sua estada em Orel, Pierre recebeu a visita de um antigo conhecido, o maçom conde Villarsky, o mesmo que o introduzira na ordem, em 1807. Villarsky desposara uma russa rica, proprietária de grandes domínios na província de Orel, e ocupava nesta cidade um cargo provisório no serviço de abastecimento do exército.

Ao saber que Bezukhov se achava em Orel, Villarsky, embora nunca houvesse sido muito íntimo dele, veio vê-lo e conversou com ele com a amizade e a solicitude que de ordinário exprimem as pessoas que se encontram num deserto. Villarsky aborrecia-se em Orel e alegrou-se de encontrar ali um homem do seu mundo e dividindo os mesmos interesses (conforme ele supunha).

Mas Villarsky não tardou a notar, com surpresa, que Pierre estava muito em atraso com a vida atual e caíra, do seu ponto de vista, na apatia e no egoísmo.

— Você está se fechando numa redoma, meu caro — dizia-lhe.

Não obstante, Villarsky sentia mais prazer do que antes na companhia de Pierre e vinha vê-lo todos os dias. E Pierre, contemplando Villarsky e escutando-o, achava incrível que tivesse sido, até pouco, semelhante a ele.

Villarsky estava casado, tinha família, ocupava-se com os negócios da mulher, da família e com o serviço público, e considerava todas essas ocupações um obstáculo à sua vida. Desprezava todas as incumbências porque achava que elas tinham por objetivo o seu bem pessoal e o da sua família. As considerações militares, políticas e administrativas lhe ocupavam continuamente o espírito, e Pierre, sem tentar corrigir seu modo de ver, sem o censurar, com uma zombaria que era, agora, sempre branda e alegre, observava esse fenômeno singular que ele tão bem conhecia.

Em suas relações com Villarsky, com sua prima, com o médico, com todas as pessoas que encontrava agora, Pierre trazia um novo elemento, com o qual conquistava a simpatia de todos: era a sua disposição para ver em cada um a capacidade de pensar, de sentir e de encarar as coisas à sua maneira, compreendendo, ao mesmo tempo, a impossibilidade de dissuadir um homem com palavras. E justamente essas particularidades individuais, que outrora perturbavam e contrariavam Pierre, formavam agora a base principal do interesse que ele dedicava às pessoas. A diferença, a contradição, a complexidade das opiniões divertiam Pierre e provocavam-lhe aquele sorriso docemente zombeteiro.

Nos assuntos práticos, Pierre, de maneira completamente inesperada, sentia possuir agora o ponto de apoio que outrora lhe faltava. Antes, todas as questões de dinheiro, em especial os pedidos que lhe faziam com muita frequência, vista a sua riqueza, o colocavam num dilema sem saída: “Devo dar, ou não?”, perguntava-se. “Eu possuo muito e ele está necessitado. Mas talvez o outro precise mais ainda. Qual deles precisa mais? Quem sabe os dois não me enganam?” Não encontrava solução para essas dúvidas, e dava a todos enquanto tinha o que dar. Ficava igualmente embaraçado todas as vezes que se tratava da sua fortuna, quando uns lhe diziam que ele devia agir deste modo e outros, daquele modo.

Agora, para sua surpresa, já não via dúvidas nem mal-entendidos nessas questões.

Agora se erigia nele um juiz que, por certas leis que ele desconhecia, decidia o que devia ou não ser feito. Como antes, Pierre não tinha apego ao dinheiro, mas sabia de forma indiscutível o que convinha e o que não convinha fazer. A

primeira aplicação desse novo método fez-se por ocasião do pedido de um coronel francês prisioneiro que, depois de lhe contar muitas de suas proezas, acabou quase exigindo quatro mil francos para enviar à mulher e aos filhos. Sem o menor esforço, Pierre recusou, admirando-se depois de como era fácil e simples o que, outrora, lhe parecia de uma dificuldade quase insuperável. Ao mesmo tempo que recusava dar ao coronel, decidia usar de astúcia para obrigar o italiano a aceitar dinheiro, de que ele tinha evidente necessidade. Uma nova prova da firmeza de Pierre nos assuntos práticos foi a questão das dívidas de sua mulher e da reconstrução de suas casas em Moscou e suas vivendas dos arredores.

O seu administrador principal veio procurá-lo em Orel e Pierre fez com ele o orçamento geral das suas rendas, que tinham sofrido grandes alterações. Pelas contas do administrador, o incêndio de Moscou custara a Pierre quase dois milhões de rublos. Para consolá-lo, o administrador apresentou-lhe cálculos, mostrando que, apesar dessas perdas, os rendimentos não só não diminuiriam, como se tornariam ainda maiores. Para isso, era preciso renunciar a pagar as dívidas da condessa, que Pierre não era obrigado a pagar, e deixar de reconstruir as casas e vivendas de Moscou, que custavam oitenta mil rublos por ano e não rendiam nada.

— Sim, sim, é verdade — disse Pierre, sorrindo alegremente. — Sim, tudo isso me é inútil. A destruição me deixou mais rico.

Mas, em janeiro, Savelitch veio de Moscou e contou a situação da cidade, mostrando o orçamento da reconstrução dos imóveis feito pelo arquiteto e falando disso como assunto resolvido. Ao mesmo tempo, Pierre recebia cartas do príncipe Vassili e de outros conhecidos de Petersburgo. Nessas cartas falava-se das dívidas de sua mulher, e passou a não achar bons os projetos do administrador que, a princípio, tanto lhe haviam agradado. Pierre resolveu ir a Petersburgo para pagar as dívidas da mulher e, ao mesmo tempo, mandar reconstruir as casas em Moscou.

Por quê? Não sabia responder, apenas sentia que era preciso. Em virtude dessa decisão os seus rendimentos ficariam reduzidos a um quarto, mas era preciso.

Como Villarsky ia a Moscou, os dois combinaram de viajar juntos.

Durante a sua convalescença em Orel, Pierre não cessou de experimentar o sentimento de alegria, de vida livre. Mas no curso da viagem, quando se encontrou sob o céu aberto e viu centenas de pessoas novas, esse sentimento se intensificou. Durante toda a viagem sentiu a alegria de um colegial em férias. Todas as pessoas, o cocheiro, o chefe da posta, os camponeses na estrada ou nas aldeias, todos tinham para ele uma nova importância. A presença e as observações de Villarsky, que não cessava de lamentar a pobreza da Rússia, o seu atraso com relação à Europa, a sua ignorância, só conseguiram aumentar a alegria de Pierre. Onde Villarsky via a morte, Pierre via uma prova extraordinária de vitalidade, do vigor que na luta, na neve, sustentava a vida desse povo particular e único. Não contradizia Villarsky, parecia compartilhar da sua opinião, pois assim não entabularia uma discussão infrutífera, e sorria alegremente enquanto o ouvia.

XV

Assim como é difícil explicar por que as formigas se apressam a voltar para um formigueiro demolido, por que algumas delas arrastam para fora pequeninos destroços, larvas e cadáveres, enquanto outras tornam a voltar correndo, por que se aglomeram, porfiando em rapidez e lutando umas com as outras, também é difícil explicar as causas que forçaram os russos, após a fuga dos franceses, a convergir em massa para esse lugar que antes se chamava Moscou. Mas, assim como ao olhar as formigas dispersas em torno de um formigueiro em ruínas, vê-se, pela tenacidade, pela energia e pela multidão dos insetos atarefados, que, embora tudo mais esteja completamente destruído, ainda subsiste qualquer coisa de indestrutível e de imaterial, que constituía toda a força da colônia, do mesmo modo Moscou, em outubro, embora não tivesse autoridades nem igrejas, riquezas nem casas, era a mesma cidade de agosto. Tudo estava destruído, salvo essa coisa imaterial, poderosa e indestrutível.

Os impulsos daqueles que apressadamente confluíam de todos os lados para Moscou, após a partida do inimigo, eram os mais variados e pessoais, e, nos primeiros tempos, quase sempre selvagens e grosseiros. Um único impulso era comum a todos, o de se dirigirem para esse lugar outrora chamado Moscou, a fim de ali desenvolverem a sua atividade.

Uma semana mais tarde já havia em Moscou quinze mil habitantes, duas semanas depois vinte e cinco mil, e assim seguia crescendo. Incessantemente crescendo, a cifra ultrapassava, pelo outono de 1813, a da população de 1812.

Os primeiros russos que voltaram para Moscou foram os cossacos do destacamento de Wintzengerode, os camponeses das aldeias vizinhas e os habitantes que tinham fugido de Moscou e estavam escondidos nos arredores. Os russos que entraram na Moscou arruinada, pilhada, puseram-se também a pilhar. Continuaram a obra dos franceses. As carretas dos camponeses vinham a Moscou a fim de levar para as aldeias o que fora abandonado nas casas arruinadas e nas ruas. Os cossacos transportavam para os seus acampamentos tudo o que podiam; os proprietários traziam para as suas casas tudo o que era possível tirar das casas alheias, sob o pretexto de que lhes pertencia.

Após os primeiros saqueadores surgiram outros, depois outros ainda, e cada dia, à medida que o seu número aumentava, a pilhagem tornava-se mais difícil e tomava certas formas definidas.

Os franceses haviam encontrado Moscou vazia, mas, não obstante, mantinha-se sob a forma de uma cidade com vida organizada e regular, dotada de comércio, com as profissões, o luxo, a administração pública, a religião. Essas formas estavam privadas de vida, mas ainda existiam: havia feiras, armazéns, lojas, depósitos, bazares, a maior parte abastecidos de mercadorias. Havia fábricas, oficinas, palácios, casas ricas cheias de objetos preciosos, hospitais, prisões, repartições públicas, igrejas, catedrais.

Quanto mais os franceses se demoravam em Moscou, mais se destruíam essas formas de vida urbana e, finalmente, tudo se transformava num vasto campo de morte e de pilhagem.

Quanto mais se prolongava a pilhagem dos franceses, mais ela destruía as riquezas de Moscou e consumia as energias dos saqueadores. Quanto mais durava a pilhagem dos russos na sua volta à capital, e quanto maior o número dos que tomavam parte nela, mais rapidamente se restabelecia a riqueza e a vida normal de Moscou.

Além dos saqueadores, pessoas da mais diversa sorte, arrastadas para ali, umas pela curiosidade, outras pelas obrigações do serviço e ainda outras pelo interesse, chegavam. Eram proprietários, sacerdotes, funcionários públicos de alto e baixo cargos, artesãos, comerciantes, camponeses. Todos afluíam para Moscou de diversos lados, como o sangue ao coração.

Já uma semana depois, os camponeses que chegavam com carretas vazias para levar o fruto do saque eram detidos pelas autoridades e forçados a retirar cadáveres da cidade. Os demais camponeses, tendo notícia do azar dos seus camaradas, vinham à cidade trazendo trigo, aveia e feno, que, pela concorrência, iam chegando a preços equivalentes a antes da destruição. Na esperança de conseguir trabalho remunerado, turmas de carpinteiros chegavam todos os dias a Moscou, e por toda parte começavam a construir e a reparar as casas incendiadas.

Os negociantes abriam negócios, restaurantes e hospedarias usavam as casas abandonadas, o clero restabelecia o serviço religioso em muitas igrejas que tinham ficado intactas, e objetos do culto, pilhados, eram devolvidos sob forma de oferenda. Os funcionários do governo instalavam em aposentos estreitos as suas mesas cobertas de pano e os seus armários de escaninhos. As autoridades e a polícia ocupavam-se com a distribuição dos bens que os franceses tinham deixado para trás.

Os proprietários de casas onde tinham sido deixados muitos bens pilhados de outras casas queixaram-se de que todos esses objetos fossem removidos para o palácio imperial. Outros alegavam que os franceses tinham reunido num mesmo ponto objetos pertencentes a diversas casas e que, assim, seria injusto dá-los aos proprietários dos prédios onde eles se achavam. Acusavam a polícia, tratavam de suborná-la, a reconstrução dos imóveis incendiados do governo era estimada em um valor dez vezes maior, faziam-se apelos de socorro. O conde Rostoptchine começou a escrever as suas proclamações.

XVI

No final de janeiro Pierre chegou a Moscou e instalou-se numa parte da casa que ficara de pé. Visitou o conde Rostoptchine e alguns conhecidos que tinham regressado a Moscou, e, no terceiro dia, preparou-se para ir a Petersburgo. Todos exultavam com a vitória; fervilhava a capital arruinada, que recomeçava a viver. Todos tinham grande desejo de ver Pierre e interessavam-se pelas suas aventuras. Pierre sentia-se particularmente bem-disposto para com todos aqueles que encontrava, entretanto, sem querer, mantinha-se reservado para não comprometer de algum modo a sua liberdade. Às perguntas que lhe faziam — perguntas importantes ou ordinárias —, sobre o lugar onde fixaria residência, se iria reconstruir as suas casas, quando voltaria de Petersburgo e se poderia encarregar-se de um pequeno pacote, respondia: “Sim, talvez, creio que sim” etc.

Soubera que os Rostov estavam em Kostroma, e raramente lhe vinha a recordação de Natacha. Quando pensava nela, era como a agradável lembrança de um passado longínquo. Sentia-se libertado, não só das preocupações da vida cotidiana, mas também desse sentimento que, segundo lhe parecia, ele mesmo se impusera voluntariamente.

Três dias após a chegada a Moscou, soube pelos Drobetzkoi que a princesa Maria estava na cidade. A morte, os sofrimentos e os últimos dias do príncipe André ocupavam amiúde os pensamentos de Pierre voltaram então a seu espírito com renovada vivacidade. Informado, durante um jantar, de que a princesa Maria estava em Moscou e vivia na sua casa de Vozdvijenka, que ficara intacta, foi visitá-la nessa mesma noite.

No caminho, Pierre não cessava de pensar no príncipe André, na sua amizade com ele, nos diversos encontros que tiveram e, sobretudo, no último, em Borodino.

“Terá ele morrido naquela má disposição de espírito em que se encontrava então? Será que, antes da morte, não lhe foi revelado o sentido da vida?”, perguntava-se Pierre.

Lembrava-se de Karataiev e de sua morte e, involuntariamente, comparava esses dois homens tão diversos e ao mesmo tempo tão semelhantes, pelo amor que lhe haviam inspirado e pelo fato de terem ambos vivido e estarem ambos mortos.

Foi na mais grave disposição de espírito que Pierre chegou à casa do velho príncipe. Conservava-se inteira. Havia, na verdade, sinais de devastação, mas o caráter da casa não se alterara.

O velho lacaios recebeu Pierre com uma expressão severa, parecendo querer dar a entender ao visitante que a ausência do velho príncipe não faria diferença na ordem rigorosa da casa. Informou-lhe que a princesa manifestara o desejo de se retirar aos seus aposentos, e que ela recebia visitas aos domingos.

— Diga-lhe o meu nome, talvez ela consinta em me receber — disse Pierre.

— Sim, Excelência — respondeu o lacaios. — Queira entrar na galeria dos retratos.

Alguns minutos depois o lacaios voltou acompanhado de Desalles. Este disse a Pierre, em nome da princesa, que ela teria muito prazer em vê-lo e lhe pedia que

desculpasse a falta de cerimônia e subisse aos seus aposentos.

Num quarto com pé-direito baixo, iluminado com uma única vela, encontravam-se a princesa e outra pessoa vestidas de preto. Pierre lembrou-se de que a princesa tinha sempre junto de si uma dama de companhia. Mas quem era e que aspecto tinha ela? Esquecera-se. “É uma das suas damas de companhia”, pensou Pierre olhando rapidamente para a pessoa de preto.

A princesa veio rapidamente ao seu encontro e estendeu-lhe a mão.

— Sim — disse ela, depois que Pierre beijou sua mão, olhando fixamente para o seu rosto transformado. — Veja como a gente torna a encontrar-se! Nos últimos dias ele falava tanto do senhor! — acrescentou, voltando os olhos para a dama de companhia, com um embaraço que, momentaneamente, chamou a atenção de Pierre. — Fiquei tão contente ao saber que o senhor foi salvo! Foi a única boa notícia que recebemos em muito tempo.

De novo, e com maior inquietude, a princesa olhou para a sua dama de companhia e fez menção de dizer qualquer coisa, mas Pierre interrompeu-a.

— Imagine que eu não sabia nada a respeito dele. Julgava-o morto havia muito. O que sabia me era comunicado por terceiros. Sei apenas que ele se encontrou com os Rostov. Que destino!...

Pierre falava rapidamente, com animação. Olhou rápido para o rosto da dama de companhia e percebeu um olhar terno e curioso fixo nele e, como sempre acontece durante uma conversação, sentiu, sem saber explicar a razão, que essa dama de companhia trajada de preto era uma criatura boa e encantadora, que não perturbaria a sua conversa particular com a princesa Maria.

Mas quando ele pronunciou as últimas palavras, sobre os Rostov, acentuou-se o mal-estar da princesa Maria. Novamente o seu olhar passou de Pierre para a dama de companhia, e ela disse:

— Então, não a reconhece?

Pierre olhou mais uma vez o rosto pálido e fino da dama de companhia, com os seus olhos negros e a estranha boca. Alguém muito chegado a ele, esquecido havia largo tempo e mais que adorável, contemplava-o com olhos atentos.

“Mas não, não é possível!” pensou. “Esse rosto magro, pálido, envelhecido, com essa expressão severa! Não pode ser ela. Lembra-a, apenas.”

Mas nesse momento a princesa Maria disse:

— Natacha!

E o rosto de olhos atentos sorriu com esforço, como uma velha porta que se abre; e por essa porta entreaberta soprou repentinamente sobre Pierre uma felicidade esquecida havia muito, uma felicidade em que, principalmente agora, ele não pensava mais, e que o dominou e absorveu inteiro. Diante daquele sorriso a dúvida não foi mais possível: era Natacha, e ele a amava.

No primeiro momento, Pierre deixou revelar às duas moças, e sobretudo a si mesmo, o segredo que ele próprio desconhecia. Corou alegremente e com uma angustiosa perturbação. Tentou ocultar a sua emoção, mas, quanto mais esforços fazia, mais claramente — mais do que se o exprimisse em palavras — revelava a princesa Maria e a Natacha o seu amor.

“Não, é apenas surpresa”, pensou Pierre.

Mas, quando quis continuar a conversa e tornou a olhar para Natacha, um rubor mais vivo lhe cobriu o rosto e uma emoção ainda mais intensa, de alegria e de medo, invadiu-lhe a alma. Atrapalhou-se e interrompeu-se no meio da frase.

Pierre não tinha reparado em Natacha apenas porque não esperava absolutamente encontrá-la ali. Não a reconhecera porque, desde a última vez que a vira, uma grande mudança se havia operado nela. Emagrecera e ficara mais pálida. Não era isto, porém, o que a fazia irreconhecível. Ele não a pudera reconhecer desde a entrada porque agora, nesse rosto em cujos olhos brilhava sempre, outrora, o sorriso interior da alegria de viver, já não havia nem a sombra de um sorriso. Eram olhos atentos, bons, carregados de uma triste interrogação, e nada mais.

O embaraço de Pierre não se refletia em Natacha por um embaraço correspondente, mas por um prazer que lhe iluminava de leve o rosto.

XVII

— Ela veio passar um tempo comigo — disse a princesa Maria. — O conde e a condessa virão por alguns dias. O estado da condessa é terrível. Mas Natacha também tinha grande necessidade de consultar o médico. Fizeram-na vir à força comigo.

— Sim, que família não tem a sua dor? — disse Pierre, dirigindo-se a Natacha. — Sabe que aquilo aconteceu no mesmo dia em que fomos libertados?

Eu o vi. Que rapaz encantador era ele!

Natacha olhou-o e, em resposta àquelas palavras, os seus olhos se avivaram e adquiriram mais brilho.

— O que se pode dizer ou pensar como consolação? Por que um rapaz tão cheio de vida, tão bom, devia morrer?

— Sim, em tempos como estes seria difícil viver sem fé... — disse a princesa Maria.

— Sim, sim, é verdade! — interrompeu Pierre apressadamente.

— Por quê? — perguntou Natacha, fitando-o nos olhos com atenção.

— Como, por quê? — acudiu a princesa Maria. — Só o pensamento do que nos espera além...

Sem escutar a princesa Maria, Natacha olhou de novo para Pierre, interrogativamente.

— Só quem acredita na existência de um Deus que nos guia pode suportar uma perda como a dela e a sua — prosseguiu Pierre.

Natacha abriu a boca para falar, mas deteve-se de repente. Pierre apressou-se a desviar o rosto e, dirigindo-se novamente à princesa Maria, interrogou-a sobre os últimos dias do seu amigo.

O embaraço de Pierre havia quase desaparecido, mas, ao mesmo tempo, ele sentia que a sua liberdade desaparecia também. Sentia que cada uma das suas palavras, cada um dos seus atos, tinha agora um juiz cuja opinião lhe era mais preciosa que a de todas as pessoas do mundo. Agora, enquanto falava, ele pensava na impressão que as suas palavras podiam produzir em Natacha. Não dizia deliberadamente coisas para agradá-la, mas julgava, do ponto de vista dela, tudo o que fazia.

Maquinalmente, com a relutância habitual em tais casos, a princesa Maria pôs-se a contar em que estado encontrara o irmão. Mas as perguntas de Pierre, o seu olhar vivo e inquieto, o seu rosto trêmulo de emoção, forçaram-na pouco a pouco a entrar nos pormenores de que temia recordar-se.

— Sim, sim, é isso... é isso... — disse Pierre, inclinado na direção dela e escutando avidamente a sua narração. — Sim, sim. Então ele serenou, abrandou-se? Ele procurava apenas uma coisa, com todas as forças da sua alma: ser inteiramente bom. E é por isso que não podia ter medo da morte. Os defeitos que

possuía, se é que os possuía, não provinham dele... Então ele se abrandou? — repetiu. — Que felicidade ele ter tornado a vê-la! — acrescentou Pierre, dirigindo-se a Natacha e considerando-a com os olhos cheios de lágrimas.

As feições de Natacha tremiam. Franziu o cenho e, por um instante, baixou os olhos. Durante um segundo hesitou em falar.

— Sim, foi uma felicidade — disse numa voz profunda, velada. — Para mim, foi certamente uma felicidade. — Fez uma pausa. — E ele... ele... dizia desejar isso, no momento em que fui procurá-lo...

A voz de Natacha estava entrecortada. Corou, apoiou fortemente as mãos nos joelhos e, de súbito, fazendo um esforço sobre si mesma, levantou a cabeça e pôs-se a falar rapidamente.

— Nós não sabíamos nada quando partimos de Moscou. Eu não ousava perguntar por ele. Inesperadamente, Sônia me disse que ele estava conosco. Eu não suspeitava de nada, não podia imaginar qual era o seu estado. Só precisava vê-lo, estar perto dele — disse Natacha, trêmula e sufocada.

E, sem se interromper, contou o que nunca dissera a ninguém, tudo o que experimentara durante as três semanas de viagem e passadas em Iaroslav.

Pierre escutava-a boquiaberto, sem baixar os olhos cheios de lágrimas. Enquanto a ouvia, não pensava no príncipe André ou na morte, nem no que ela contava. Ouvia-lhe a voz e se apiedava da angústia que ela devia sentir agora, ao lhe contar aquilo tudo.

Segurando a custo as lágrimas, a princesa estava sentada perto de Natacha e ouvia, pela primeira vez, a história dos últimos dias do amor de seu irmão e Natacha.

Narrar aqueles dias de alegria e angústia era, evidentemente, necessário a Natacha. Falava misturando os mais insignificantes detalhes aos segredos mais íntimos, e parecia que nunca mais iria terminar. Repetia várias vezes a mesma coisa.

Ouviu-se atrás da porta a voz de Desalles, perguntando se Nikoluchka podia entrar para dar boa-noite.

— Sim, e isso é tudo, tudo... — fez Natacha.

No momento em que entrava Nikoluchka, ela ergueu-se rapidamente e correu para a porta. Bateu com a cabeça na porta dissimulada atrás de um reposteiro e,

com um gemido de dor física ou de sofrimento, fugiu do aposento.

Pierre contemplava a porta por onde ela desaparecera e não compreendia por que sentia a impressão repentina de ficar sozinho no mundo.

A princesa Maria pôs fim a suas divagações indicando-lhe o sobrinho que entrava.

O rosto de Nikoluchka, que lembrava o do pai, produziu em Pierre, emocionado como se encontrava nesse momento, uma tal impressão que, depois de abraçar o menino, levantou-se e, tirando o lenço do bolso, aproximou-se da janela.

Queria despedir-se da princesa Maria, mas ela o reteve.

— Não, muitas vezes Natacha e eu não nos deitamos antes de três horas. Fique, por favor. Eu mandarei servir o jantar. Desça, não demoraremos a descer também.

No momento em que Pierre saía, a princesa lhe disse:

— É a primeira vez que ela fala assim dele.

XVIII

Pierre foi conduzido à vasta sala de jantar iluminada. Passados alguns minutos, ele ouviu um ruído de passos e a princesa Maria entrou com Natacha.

Natacha estava calma, mas o seu rosto tornara a assumir a expressão severa e grave.

A princesa Maria, Natacha e Pierre sentiam aquele embaraço que, em geral, sucede a uma conversa séria e íntima, quando é impossível voltar ao mesmo assunto, falar em coisas triviais pareceria um sacrilégio e calar-se é aborrecido, porque se sente o desejo de falar e não fazê-lo seria fingido. Aproximaram-se da mesa, em silêncio. Os criados recuaram e avançaram as cadeiras. Pierre desdobrou o seu guardanapo e, tendo resolvido romper o silêncio, olhou para Natacha e a princesa Maria. Era visível que ambas tinham chegado à mesma decisão, nesse mesmo momento. Nos olhos de ambas brilhava o contentamento com a vida e a certeza de que, além da dor, existem também alegrias.

— Toma vodca, conde? — perguntou a princesa Maria.

E estas palavras dissiparam, de repente, as sombras do passado.

— Fale um pouco do senhor — prosseguiu ela. — Contaram-nos tantas coisas maravilhosas e incríveis a seu respeito!

— Sim — respondeu Pierre, com o sorriso de doce zombaria que lhe era habitual agora. — A mim mesmo contam maravilhas com que nunca nem sonhei. Maria Abramovna convidou-me à sua casa e contou-me o que aconteceu comigo, ou que devia ter acontecido. Stepan Stepanovitch também me ensinou como devo contar a minha história. De modo geral, acho muito agradável e fácil ser um homem interessante (e eu o sou agora). Todos me convidam e contam tudo.

Natacha sorriu. Queria dizer alguma coisa.

— Contaram-me — interrompeu a princesa Maria — que o senhor perdeu dois milhões em Moscou. É verdade?

— E apesar disso me tornei três vezes mais rico — respondeu Pierre. Embora o pagamento das dívidas da mulher e as reconstruções lhe viessem desfalcar a fortuna, continuava a dizer que se tornara três vezes mais rico. — O que eu indubitavelmente ganhei foi a liberdade — começou ele, em tom sério. Mas não prosseguiu, achando o assunto demasiado pessoal para interessar aos outros.

— E vai mandar reconstruir a sua casa?

— Sim, foi o que Savelitch me aconselhou.

— Diga-me, o senhor não sabia da morte da condessa quando esteve em Moscou? — interrogou a princesa Maria. E logo ruborizou notando que tal pergunta, formulada após o que ele acabava de dizer sobre a sua liberdade, poderia fazer crer a Pierre que ela atribuísse às suas palavras um alcance que não tinham.

— Não — respondeu Pierre, sem se perturbar com a interpretação que a princesa Maria parecia dar à sua menção de liberdade. — Soube-o em Orel, e a senhora bem pode imaginar a surpresa que isso me causou. Não éramos um casal modelo — acrescentou vivamente, olhando para Natacha e notando no semblante dela a curiosidade de saber em que termos ele iria falar de sua falecida mulher —, mas sua morte me abalou bastante. Quando duas pessoas não se dão bem, são sempre ambas culpadas. E, se uma delas deixa de existir, o sentimento da culpa é terrivelmente penoso para aquela que fica. Além disso, uma morte assim, sem amigos, sem consolações... Eu lamento muito por ela, muito.

Notou, com prazer, um alegre ar de aprovação no rosto de Natacha.

— Sim, e aí está o senhor novamente solteiro, e um bom partido... — disse a princesa Maria.

Pierre corou muito de súbito, e durante algum tempo esforçou-se para não olhar para Natacha. Quando afinal se decidiu a fazê-lo, o rosto dela estava frio, severo, e pareceu-lhe que tinha uma expressão desdenhosa.

— Mas é verdade que conversou com Napoleão? Contaram-me isso — disse a princesa Maria.

Pierre soltou uma risada.

— Nunca. Nem uma só vez. As pessoas imaginam que estar prisioneiro é fazer visita a Napoleão. Não só não o vi, como nem ouvi falar dele. Estava em companhia de gente muito mais modesta.

A ceia aproximava-se do fim e Pierre, que a princípio evitara falar do seu cativeiro, deixava-se levar pouco a pouco para esse assunto.

— Mas é verdade que ficou em Moscou com a intenção de matar Napoleão? — perguntou Natacha, sorrindo levemente. — Eu adivinhei quando o encontramos perto da torre Sukhareva, lembra-se?

Pierre confessou que era verdade e, estimulado pouco a pouco pelas perguntas da princesa Maria e, sobretudo, de Natacha, foi-se deixando guiar por uma narração pormenorizada das suas aventuras. Falou, primeiro, tomado por aquele sentimento meigamente zombeteiro que tinha agora pelos homens e principalmente por si mesmo. Mas depois, quando passou a contar os sofrimentos e os horrores que havia presenciado, pôs-se a falar, sem notar, com a emoção reprimida de um homem que revive, em recordação, acontecimentos terríveis.

Com um doce sorriso, a princesa Maria olhava ora para Pierre, ora para Natacha. Em toda essa narrativa, não via senão Pierre e a sua bondade. Com os cotovelos apoiados e as mãos sob o queixo, com uma expressão mutável no rosto, Natacha acompanhava a narração, escutando atentamente Pierre e revivendo com ele tudo o que contava. Não só o seu olhar, mas as suas exclamações e as breves perguntas que fazia mostravam a Pierre que, no que ele contava, Natacha compreendia precisamente o que ele queria dizer. Via-se que ela compreendia não só o que ele contava, mas também o que não conseguia

expressar com palavras, embora tentasse fazê-lo. Pierre referiu deste modo o episódio com a mulher e a criança, razão de sua prisão:

— Era um espetáculo horrível... crianças abandonadas... algumas no meio das chamas... Diante de mim, arrastaram uma criança... Tiravam as joias das mulheres, arrancavam tudo...

Pierre corou e fez uma pausa.

— De repente chega um destacamento francês e todos os que não tomavam parte na pilhagem, todos os homens foram presos, e eu com eles.

— Provavelmente não está contando tudo. Sem dúvida fez alguma coisa... boa — disse Natacha.

Pierre continuou a contar. Quando chegou à execução, quis omitir os detalhes horríveis, mas Natacha exigiu que ele dissesse tudo.

A seguir falou de Karataiev. Tinha-se levantado e pusera-se a caminhar. Natacha seguia-o com os olhos.

Pierre parou:

— Não, não podem compreender o que eu aprendi com esse homem simples, que não sabia ler nem escrever.

— Não, não, fale. Onde está ele? — perguntou Natacha.

— Mataram-no, por assim dizer, sob os meus olhos.

E Pierre pôs-se a narrar os últimos dias da retirada, a doença de Karataiev (a voz lhe tremia continuamente) e a sua morte. Contava as suas aventuras como nunca o tinha feito, parecia agora perceber uma nova importância em tudo o que havia experimentado.

Ao contar tudo isso a Natacha, sentia o prazer raro que proporcionam as mulheres quando escutam alguém, não as mulheres *inteligentes*, que escutam tratando de apreender o que lhes é dito a fim de enriquecer seu conhecimento e, numa oportunidade, utilizar o que lhes contam ou aplicá-lo à sua situação e passar adiante, o mais depressa possível, essas palavras elaboradas no seu laboratório intelectual. Não, trata-se do prazer que proporcionam as verdadeiras mulheres, dotadas da capacidade de discernir e de escolher o que existe de melhor nas manifestações da alma humana. Sem perceber, Natacha era toda atenção. Não deixava escapar nem uma palavra, uma inflexão de voz, um olhar, um só estremecimento do rosto ou um gesto de Pierre. Apanhava cada palavra,

antes mesmo que ele terminasse de pronunciar, e a transportava para o seu coração aberto, adivinhando o sentido misterioso de todo o trabalho mental de Pierre.

A princesa Maria compreendia a narração e simpatizava com ela, mas via agora outra coisa, que absorvia toda a sua atenção. Via a possibilidade do amor e da felicidade entre Natacha e Pierre, e esta ideia, que lhe ocorria pela primeira vez, enchia-lhe o coração de alegria.

Eram três horas da manhã. Os criados, com uma expressão triste e severa, tinham vindo mudar as velas, mas ninguém os notava.

Pierre terminou a sua narração. Natacha, com olhos brilhantes e animados, continuava a observar Pierre atentamente. Parecia querer ainda compreender o que ele deixara por dizer. Encabulado e emocionado, Pierre olhava-a de tempos em tempos e procurava o que dizer agora, para mudar de assunto. A princesa Maria conservava-se calada. Ninguém percebera que tinha batido três horas e era hora de ir dormir.

— Fala-se na desgraça de sofrer — começou Pierre. — Sim, se me dissessem: queres permanecer o que eras antes do cativo ou tornar a viver tudo o que viveste lá? Em nome de Deus, deem-me mais uma vez o cativo e a carne de cavalo! Quando nos expulsam do caminho habitual, parece-nos que tudo está perdido, mas a verdade é que só então aparecem o verdadeiro e o bom. Enquanto existe a vida, existe a felicidade, e cada um tem muita, muita vida diante de si. Pode acreditar no que lhe digo — acrescentou, dirigindo-se a Natacha.

— Sim, sim! Eu também não tenho maior desejo que o de recomeçar minha vida — disse ela, respondendo a uma ideia bem diversa.

Pierre olhou-a atentamente.

— Sim, só isso e nada mais — repetiu ela.

— Não é verdade! Não é verdade! — exclamou Pierre. — Eu não sou culpado de estar vivo, de querer viver, e você tampouco o é.

De repente Natacha baixou a cabeça, escondeu-a nas mãos e pôs-se a chorar.

— Que tens, Natacha? — perguntou a princesa Maria.

— Nada, nada. — E sorriu para Pierre por entre as lágrimas. — Boa noite, é hora de ir dormir.

Pierre se levantou e se despediu.

* * *

A princesa Maria e Natacha encontraram-se, como todas as noites, no quarto. Falaram do que Pierre havia contado. A princesa Maria não exprimiu opinião sobre Pierre. Natacha também não falou dele.

— Bem! Boa noite, Maria. Sabes que muitas vezes tenho medo de uma coisa? Como nós não falamos dele (do príncipe André), como se temêssemos violar os nossos sentimentos, isso faça com que o esqueçamos — disse Natacha.

A princesa Maria suspirou pesadamente, e esse suspiro confirmou a exatidão das palavras de Natacha. Mas não concordou de viva voz com ela.

— Como é possível esquecer? — disse. — Que bem me fez, hoje, contar tudo! Era doloroso, mas era bom, muito bom. Tenho certeza de que ele o amava verdadeiramente. Foi por isso que contei... Não fiz mal? — perguntou de súbito, corando.

— A Pierre? Oh, não! Ele é tão bom! Sabes, Maria — voltou Natacha repentinamente, com um sorriso que havia muito não lhe iluminava o rosto —, Pierre se tornou... como dizer?... limpo, fresco, como se saísse do banho... tu compreendes... eu falo no sentido moral... Não é mesmo?

— Sim, ele melhorou muito.

— E o casaco curto, o cabelo cortado rente, bem como se saísse do banho... como papai, às vezes...

— Eu compreendo por que *ele* (o príncipe André) não tenha gostado de ninguém como de Pierre — disse a princesa Maria.

— Sim, e é tão diferente dele! Dizem que os homens são amigos quando são completamente diferentes. Deve ser verdade. Pierre não se parece nada com ele, não é mesmo?

— Sim, mas é muito bom...

— Bem! Boa noite — disse Natacha. E o mesmo sorriso leve e malicioso deixou-se ficar muito tempo esquecido no seu rosto.

XIX

Nessa noite, Pierre demorou muito tempo até conseguir dormir. Caminhava pelo quarto, ora franzindo o cenho profundamente absorto em alguma reflexão difícil, encolhendo de repente os ombros e sacudindo-se,

ora sorrindo alegremente.

Pensava no príncipe André, em Natacha, no amor de ambos, e por momentos tinha ciúmes do passado, outras vezes fazia censuras a si mesmo, para, depois, perdoar-se. Às seis horas da manhã ainda continuava de pé.

“Enfim, o que fazer se não posso escapar disso? O que fazer? Então é porque tem de ser assim”, disse consigo. E, trocando de roupa às pressas, pôs-se na cama, feliz e comovido, mas sem dúvidas nem indecisões: “Por mais estranha e por mais impossível que me pareça essa felicidade, devo fazer tudo para me casar com ela”, dizia.

Alguns dias antes, Pierre havia marcado para sexta-feira a sua viagem a Petersburgo. Quando ele acordou no dia seguinte, quinta-feira, Savelitch veio pedir-lhe ordens a respeito da bagagem.

“Para Petersburgo? Por que Petersburgo? Quem vai a Petersburgo?”, perguntou a si mesmo, involuntariamente. “Ah, é verdade, eu havia decidido há muito tempo. Mas foi antes de ‘isso’ acontecer. Talvez eu vá. Como ele é bom e atencioso, como se lembra de tudo!”, pensou Pierre, olhando o velho rosto de Savelitch. “E que sorriso simpático!”

— Então, não queres ainda sua liberdade, Savelitch? — perguntou Pierre.

— De que me servirá a liberdade, Excelência? Nós vivíamos bem no tempo do falecido conde, que Deus o tenha, e nada temos a reclamar do senhor.

— Muito bem, mas e teus filhos?

— Também os filhos hão de viver, Excelência. Com amos assim pode-se viver.

— E os meus herdeiros?! — retrucou Pierre. — E se, de repente, eu tornar a casar? Isso pode acontecer — acrescentou, com um sorriso involuntário.

— Se me permite dizê-lo, será muito bom, Excelência.

“Ele acha isso muito simples!”, pensou Pierre. “Não sabe como é terrível e perigoso. Pode ser demasiado cedo ou demasiado tarde... é terrível!...”

— Quais são, então, as suas ordens? Excelência pretende partir amanhã? — perguntou Savelitch.

— Não, vou adiar por algum tempo. Eu te avisarei. Desculpa o incômodo.

E, vendo o sorriso de Savelitch, Pierre pensou: “É estranho ele ignorar que já não tenho a fazer em Petersburgo e que, antes de mais nada, é preciso resolver

isso. Mas deve saber. Está fingindo. Devo falar? Em que estará ele pensando? Não, depois, mais tarde.”

À mesa, Pierre contou à princesa que fora na véspera à casa da princesa Maria e encontrara, adivinhe quem..., Natália Rostov!

A princesa fingiu achar esse encontro tão natural quanto o de Pierre com Ana Semionovna.

— Conhece-a? — perguntou Pierre.

— Vi a princesa. Ouvi dizer que querem casá-la com o jovem Rostov. Seria ótimo para os Rostov, dizem que estão completamente arruinados.

— Não, eu lhe perguntei se conhecia a senhorita Rostov.

— Contaram-me, na ocasião, a história dela. Muito triste.

“Não, ela não compreende, ou então está fingindo”, pensou Pierre. “É melhor não dizer nada a ela também.”

A princesa havia preparado um farnel para a viagem de Pierre.

“Como todos eles são bons!”, pensou Pierre. “Ocupam-se dessas coisas, embora não interessem a eles. E tudo isso por mim, eis aí o que é surpreendente!”

No mesmo dia, Pierre recebeu a visita de um comissário de polícia, que lhe propôs mandar um homem de confiança ao palácio imperial para receber os objetos que naquele dia seriam restituídos aos seus donos.

“Vejam este também”, pensou Pierre, observando a fisionomia do comissário. “Que digno e simpático funcionário, e como ele é bondoso! Ocupa-se *agora* com essa bobagem, e diziam que ele não era honesto, que roubava. Que disparate! Mas, enfim, por que não havia ele de roubar? Foi ensinado assim, todos fazem a mesma coisa... Que rosto bom e simpático... e sorri olhando para mim!”

Pierre foi jantar na casa da princesa Maria.

Ao andar pelas ruas, entre as casas incendiadas, admirou a beleza daquelas ruínas. As chaminés e as paredes demolidas lembravam-lhe, pelo aspecto poético, do Reno e do Coliseu. Pelos bairros incendiados, os cocheiros de trenó e os cavaleiros que encontrava, os carpinteiros que armavam as vigas das casas, os comerciantes, os vendedores, todos olhavam para Pierre com ar alegre e pareciam dizer: “Ah! aí vai ele! Vamos ver em que dará isso!...”

À porta da casa da princesa Maria, Pierre foi assaltado por uma dúvida sobre ter visto Natacha, sobre ter conversado com ela ali, naquela casa. “Quem sabe não sonhei tudo isso? E se eu entro e não encontro ninguém aí dentro?” Mas foi apenas entrar e sentiu com todo o seu ser, pela perda da sua liberdade, a presença dela. Estava com o mesmo vestido preto, de pregas graciosas, e tinha o mesmo penteado da véspera, mas a sua aparência era bem outra. Se na véspera estivesse assim, ele a teria reconhecido instantaneamente.

Estava tal como ele a conhecera quase criança, e, depois, quando noiva do príncipe André. Seus olhos brilhavam, alegres e interrogadores, e seu rosto tinha uma expressão terna, singular.

Pierre desejaria ficar conversando depois do jantar, mas a princesa Maria foi à missa das vésperas e ele a acompanhou.

No dia seguinte Pierre veio muito cedo para o jantar e passou bastante tempo na casa da princesa Maria. Embora ela e Natacha estivessem muito contentes com a visita, e embora todo o interesse da vida de Pierre se concentrasse agora nessa casa, pelo anoitecer os assuntos se haviam esgotado e a conversa passava continuamente de uma coisa trivial para outra, e muitas vezes cessava por completo.

Nessa noite Pierre ficou até tão tarde que a princesa Maria e Natacha se entreolhavam, perguntando-se quando resolveria ele ir embora. Pierre percebia isso e não conseguia ir embora. Estava pouco à vontade, sentia-se acanhado, mas ia ficando porque *não conseguia* levantar-se e ir embora. Como não visse o fim daquilo, a princesa Maria tomou a iniciativa de se levantar e, alegando uma enxaqueca, começou a despedir-se.

— Então vai amanhã a Petersburgo? — perguntou.

— Não, não vou mais — respondeu Pierre, com uma expressão de surpresa.
— Ah! Minha viagem a Petersburgo? Amanhã, talvez. Mas não me despedirei ainda. Passarei aqui para saber se querem encomenda — disse, mantendo-se em pé diante da princesa Maria, ruborizado, mas sem se mover.

Natacha estendeu-lhe a mão e saiu.

A princesa Maria, em vez de se retirar, tornou a sentar-se e, com os seus olhos luminosos e profundos, considerou Pierre grave e atentamente. A fadiga que

antes se revelava tinha desaparecido por completo. Deu um suspiro profundo, como quem se preparava para uma longa conversa.

Logo que Natacha saiu, todo o embaraço e a confusão de Pierre desapareceram instantaneamente, dando lugar a uma ansiedade comovida. Aproximou vivamente a sua cadeira da princesa Maria.

— Sim, eu queria falar com a senhorita — disse respondendo àquele olhar, como se ela tivesse falado. — Ajude-me, princesa! O que devo fazer? Posso ter esperança?... Princesa, minha cara amiga, ouça-me! Eu sei de tudo. Sei que não a mereço. Sei que agora é impossível falar sobre isso com ela. Mas quero ser um irmão para ela. Não, não quero isso, não posso...

Calou-se e passou a mão sobre o rosto e os olhos.

— Pois bem, aí está! — continuou, com um esforço visível para falar com lógica. — Não sei desde quando a amo. Mas, seguramente, tenho-a amado toda a minha vida, e amo-a tanto que não posso imaginar a vida sem ela. Não ousaria, agora, pedir a sua mão, mas a ideia de que ela talvez pudesse ser minha e de que eu deixaria escapar essa possibilidade... essa ideia é terrível! Diga-me, posso ter esperança? Diga-me o que devo fazer, querida princesa... — E, após um breve silêncio, tocou no braço dela, pois ela não respondia nada.

— Estava pensando no que o senhor disse — respondeu a princesa Maria. — Eis aqui a minha resposta: o senhor tem razão... falar com ela em amor agora...

A princesa interrompeu-se. Queria dizer que era impossível, agora, falar com ela em amor. Mas interrompeu-se, porque naqueles três últimos dias tinha visto, pela mudança que se operara em Natacha, que não somente ela não se ofenderia se Pierre lhe declarasse o seu amor, como só esperava por isso.

— Falar com ela agora... não é possível — disse, contudo, a princesa Maria.

— Mas, então, o que devo fazer?

— Confie em mim. Eu sei...

Pierre olhava-a nos olhos.

— Então? Então?...

— Sei que ela o ama... que o amará — tornou a princesa, emendando-se.

Mas, apenas havia ela pronunciado essas palavras, Pierre saltou em pé e, com o semblante perturbado, agarrou-lhe a mão:

— Por que acha isso? Pensa que eu posso ter esperança? Pensa que?...

— Sim, penso — disse a princesa Maria, sorrindo. — Escreva aos pais dela e, quanto a ela, confie em mim. Eu falarei com ela no momento oportuno. Desejo isso, e sinto no meu coração que se realizará.

— Não, não é possível! Como sou feliz! Não, não é possível! Como sou feliz! Não, não é possível! — dizia Pierre, beijando a mão da princesa Maria.

— Vá a Petersburgo, será melhor assim. Eu lhe escreverei.

— A Petersburgo? Ir embora? Sim, muito bem. Mas amanhã posso vir vê-las?

No dia seguinte Pierre veio despedir-se. Natacha estava menos animada do que na véspera, mas, olhando-a de quando em quando nos olhos, Pierre sentia que ele desaparecia, que não existia mais ele nem ela, mas um só sentimento de felicidade. “Será possível? Não, não pode ser”, dizia consigo a cada um dos olhares de Natacha, a cada um dos seus gestos e das suas palavras, que lhe enchiam a alma de alegria.

Quando a mão magra e fina de Natacha se pôs sobre a sua, para se despedirem, Pierre a segurou por alguns segundos. “Essa mão, esse rosto, esse tesouro de encanto será realmente meu, para sempre?”

— Adeus, conde — disse ela, em alto e bom som. — Estarei à sua espera, impacientemente — acrescentou, em voz baixa.

Essas palavras simples, junto com a expressão no rosto que as acompanhou, foram para Pierre uma fonte inesgotável de lembranças e devaneios ao longo dos dois meses de ausência. “Ela disse que me esperaria impacientemente.” E ele repetia para si mesmo: “Que felicidade, como sou feliz!”

XX

Na alma de Pierre não se passava agora nada de semelhante ao que ele sentira por ocasião de pedir a mão de Helena.

Não repetia a si mesmo como outrora, com uma vergonha doentia, as palavras que havia pronunciado. Não perguntava consigo: Ah! Por que não lhe disse isso? Por que disse que a amava? Ao contrário, repetia agora mentalmente cada uma das suas palavras e as de Natacha, revia todos os detalhes da sua fisionomia, do seu sorriso, e não desejava alterar nada, contentando-se em reviver tudo que se passara. Não tinha, agora, nem uma sombra de dúvida quanto à sua intenção, se

era boa ou má. Uma única dúvida lhe vinha por vezes à mente: “Tudo isto não será um sonho? A princesa Maria não se terá enganado? Não estarei sendo demasiado presunçoso, confiante demais? Espero que... De repente a princesa Maria falará com ela e ela sorrirá, respondendo: ‘Que engraçado! Ele enganou-se. Então ele não vê que é um homem como qualquer outro, enquanto que eu... eu sou uma criatura muito diferente... superior...’”

Era essa a única dúvida de Pierre. Ademais, não fazia plano algum. Parecia-lhe tão incrível a felicidade futura que, se ela viesse, não poderia haver nada mais, tudo devia terminar com ela.

Uma alegre loucura, uma loucura até então desconhecida, de que ele se julgava incapaz, apoderava-se de Pierre. Todo o sentido da vida, não só para ele como para toda a gente, parecia encerrar-se no seu amor e na possibilidade desse amor dela em relação a ele. Às vezes, as pessoas lhe pareciam ocupadas numa só coisa: a futura felicidade dele. Parecia, por momentos, que todos se rejubilavam com ele e tratavam de esconder a sua alegria, fingindo-se interessados em outra coisa.

Em todas as palavras, em todos os gestos, via alusões à sua própria felicidade. Amiúde surpreendia os outros com os seus olhares e sorrisos evidentes, satisfeitos, que refletiam seus sentimentos íntimos. Mas, quando compreendia que alguns não podiam conhecer a sua felicidade, lamentava de todo o coração por eles e sentia o desejo de explicar-lhes, de um modo ou de outro, que tudo aquilo em que estavam ocupados não passava de tolices e não merecia a menor atenção. Quando lhe propunham entrar para a administração pública, quando discutiam assuntos de governo, quando lhe falavam da guerra, supondo que do resultado de tal ou qual acontecimento dependia a felicidade de todas as pessoas, ele escutava com um brando sorriso de compaixão e surpreendia os seus interlocutores com observações estranhas. Mas aqueles que, segundo Pierre, compreendiam o verdadeiro sentido da vida, isto é, os sentimentos dele, bem como os infelizes que evidentemente não o compreendiam, todos, nesse período, se apresentavam a Pierre à luz viva dos seus sentimentos, de maneira que, sem o menor esforço, ele via em todos, instantaneamente, o que havia de bom e digno de amor.

Quando examinava os negócios e documentos de sua mulher, a memória desta não lhe provocava outro sentimento senão a piedade, por não ter ela conhecido a felicidade que ele experimentava agora.

O príncipe Vassili, que ultimamente andava muito orgulhoso pelo novo cargo e pela estrela que recebera, parecia-lhe um velho comovente, bom e digno de piedade.

Mais tarde, Pierre lembrou-se muitas vezes dessa época de ditosa loucura. Todos os pensamentos que formulou sobre as pessoas durante esse período ficaram gravados nele para sempre. Não quis renunciar, tempos depois, a essas opiniões sobre as pessoas e as coisas; pelo contrário, na dúvida e na contradição interior, recorria à opinião formada durante a sua loucura, e esta opinião era sempre justa.

“Talvez eu parecesse estranho e ridículo naquela época, mas não estava tão louco como parecia. Pelo contrário, era mais sensato e mais arguto que nunca, e compreendia tudo que era preciso compreender na vida, porque... porque era feliz!”, dizia consigo.

A loucura de Pierre consistia em que, para gostar das pessoas, ele não esperava, como antes, as causas pessoais, a que chamava qualidades. Mas, como tinha o coração transbordante de amor, amava as pessoas sem nenhum motivo particular e encontrava razões indiscutíveis para amá-las.

XXI

Desde a primeira noite, quando, após Pierre se retirar, Natacha dissera à princesa Maria, com um sorriso alegre e zombeteiro, que ele parecia ter saído do banho, com o casco curto e o cabelo cortado rente, algo de oculto e desconhecido dela própria, mas invencível, começara a despertar em Natacha.

O seu rosto, o seu andar, a sua voz, o seu olhar, tudo repentinamente se modificava. Para sua própria surpresa, a força vital, a esperança de felicidade revelavam-se para o exterior e exigiam satisfação. Desde esse dia, Natacha pareceu esquecer tudo que lhe havia acontecido. Nunca se queixava da sorte, não pronunciava uma só palavra sobre o passado e não receava fazer alegres planos para o futuro. Falava muito pouco em Pierre, mas, quando a princesa Maria

pronunciava o nome dele, uma luz, havia muito apagada, brilhava nos seus olhos e os seus lábios se crispavam num sorriso estranho.

Essa mudança que se operava em Natacha começou por surpreender a princesa Maria e, depois, quando compreendeu bem, entristeceu-se. “Ah! ela tinha tão pouco amor por meu irmão que pôde esquecê-lo assim tão depressa!”, dizia consigo, verificando a transformação da amiga. Mas quando estava em companhia de Natacha não tinha ressentimento, não censurava nada nela. A força da vida que despertava em Natacha e se apoderava dela era, evidentemente, tão involuntária, tão imprevista, que em sua presença ela se sentia sem o direito de fazer a menor censura.

Natacha abandonava-se de forma tão completa e franca a esse novo sentimento que não tentava escondê-lo e já não andava triste, mas radiosa de alegria.

Quando, após a explicação daquela noite com Pierre, a princesa Maria entrou no quarto, Natacha veio encontrá-la no limiar da porta.

— Ele falou? Sim? Falou? — perguntou repetidas vezes.

E o seu rosto tinha uma expressão ao mesmo tempo alegre e lastimosa, como se ela pedisse perdão por sua alegria.

— Eu queria escutar pela porta, mas sabia que tu me dirias tudo.

Por mais compreensível e por mais tocante que fosse para a princesa Maria o olhar de Natacha, apesar da piedade que lhe causava a sua emoção, no primeiro momento as palavras de Natacha a ofenderam. Lembrou-se de seu irmão e do seu amor. “Mas o que se há de fazer? Ela é assim!”, pensou a princesa Maria. E, com ar triste e um pouco severo, transmitiu a Natacha o que lhe dissera Pierre. Ao saber que ele partiria para Petersburgo, Natacha levou um susto.

— A Petersburgo! — exclamou, como se não compreendesse.

Mas, notando a expressão triste no rosto da princesa Maria e adivinhando a causa, pôs-se de repente a chorar.

— Maria, ensina-me o que devo fazer. Tenho medo de ser má. Farei o que disseres... Ensina-me...

— Tu o amas?

— Sim — murmurou Natacha.

— Então por que choras? Estou satisfeita por te ver feliz — disse a princesa Maria, a quem as lágrimas de Natacha faziam perdoar completamente a sua alegria.

— Não acontecerá tão cedo... mas algum dia. E imagina que felicidade quando eu for mulher dele e tu de Nicolau!

— Natacha, eu te pedi que não falasses nisso. Falemos de ti.

Ambas se calaram.

— Mas por que vai ele a Petersburgo? — exclamou Natacha de repente, e apressou-se a responder a si mesma: — Não, não, é preciso que seja assim. Não é, Maria? É preciso...

Epílogo

Primeira parte

I

Sete anos haviam se passado. O alvoroçado mar histórico da Europa voltava ao seu leito. Parecia calmo, mas as forças misteriosas que impellem a humanidade (misteriosas porque desconhecemos as leis que regem seus movimentos) continuavam a agir.

Embora a superfície do mar histórico parecesse imóvel, a humanidade prosseguia na sua marcha, ininterrupta como o escoar do tempo. Várias combinações de grupos de pessoas se formavam, se desfaziam. Germinavam as causas da formação e da dissolução dos Estados, do deslocamento dos povos.

O mar histórico não se lançava furioso como antes de uma margem à outra, mas agitava-se nas profundezas. As personagens históricas já não eram levadas pelas ondas de uma margem à outra, mas pareciam redemoinhar. As personagens históricas que antes, à frente dos exércitos, refletiam o movimento das massas comandando guerras, marchas e batalhas, agora refletiam esse movimento pelas considerações políticas e diplomáticas, pelas leis, pelos tratados...

A essa atividade das personagens históricas os historiadores dão o nome de reação.

Descrevendo a atividade dessas personagens, que, segundo os historiadores, foi a causa do que eles chamam *reação*, costuma-se criticar severamente todas as personagens desse tempo, desde Alexandre e Napoleão até Madame de Stael, Photius, Schelling, Fichte, Châteaubriand, que são absolvidas ou censuradas de acordo com a participação que tiveram no *progresso* ou na *reação*.

Segundo os historiadores, também na Rússia esse período teve um movimento de reação, e foi Alexandre I o principal responsável. Aquele mesmo Alexandre I que, pelo que os mesmos historiadores dizem, tinha sido o principal propulsor do movimento liberal de seu reinado e da salvação da Rússia.

Na literatura russa contemporânea, do estudante ao historiador sábio, não há quem não atire a sua pedrinha a Alexandre pelos erros que cometeu nesse período.

“Ele devia ter agido desta e daquela forma; em tal caso agiu bem, em tal outro, mal. Portou-se muito bem no começo do seu reinado e em 1812, mal ao conceder uma constituição à Polônia, ao formar a Santa Aliança, ao dar poder a

Araktcheiev, ao encorajar Golitzine e o misticismo, e mais tarde Chichkov e Photius. Agiu mal ocupando-se com as linhas de frente do exército, deslocando o regimento Semenovski etc. etc.”

Seria preciso escrever dezenas de páginas para enumerar todas as censuras que lhe fazem os historiadores baseados no conhecimento do bem da humanidade, de que se julgam possuidores.

O que significam essas censuras?

Os atos de Alexandre I que merecem a aprovação dos historiadores, tais como as iniciativas liberais de seu reinado, a guerra contra Napoleão, a firmeza demonstrada em 1812, a campanha de 1813, não decorrem, afinal, das mesmas origens — as circunstâncias de nascimento, educação e existência que formaram a personalidade de Alexandre I — das quais também decorrem os atos que os historiadores lhe censuram, tais como a Santa Aliança, o restabelecimento da Polônia, a reação do ano de 1820?

O que lhe censuram principalmente?

Não é que essa personagem que ocupava o mais alto posto do poder humano, que, estando no foco de luz, resplandecia com todos os raios históricos concentrados nela; que estava submetida às mais fortes influências do mundo das intrigas, das perfídias, da bajulação e do orgulho, inseparáveis do poder; uma personagem que sentia, a cada instante de sua vida, a responsabilidade de tudo o que acontecia na Europa; uma personagem não fictícia, mas viva, humana, com seus hábitos, suas paixões, suas aspirações para o bem, para o belo, para a verdade; não é que essa personagem deixasse de ser virtuosa. Os historiadores não lhe fazem tal censura. Mas as suas aspirações para o bem da humanidade não eram as que tem hoje um professor qualquer, que, desde a sua mocidade, se dedica à ciência, isto é, à leitura de livros científicos, a palestras e a anotações sobre esses livros e palestras em cadernos.

Mas, se se admite que Alexandre I, cinquenta anos atrás, se tenha enganado sobre o que era necessário ao bem dos povos, também é preciso admitir que, decorrido certo tempo, o historiador que julga Alexandre pareça injusto na sua opinião sobre o que significa o bem da humanidade. Essa observação torna-se tanto mais natural e necessária se seguirmos o desenvolvimento da história e observarmos que de ano para ano, com cada novo escritor, se modifica o critério

do bem da humanidade, e assim, o que antes parecia ser o bem, dez anos mais tarde, torna-se o mal e vice-versa. E não é apenas isso. Muitas vezes encontramos na história opiniões que se contradizem sobre o que é o bem e o mal. Uns louvam Alexandre pela constituição que outorgou à Polônia, pela Santa Aliança; outros o censuram.

Da atividade de Alexandre e Napoleão, não é possível dizer se ela foi útil ou prejudicial, pois não podemos explicar por que foi uma ou a outra. Se essa atividade desagrade a alguém, é porque não está de acordo com a sua concepção limitada do bem. Se a conservação da casa de meu pai em Moscou no ano de 1812, ou a glória das tropas russas, ou a glória das universidades de Petersburgo e de outros lugares, ou a libertação da Polônia, ou o poder da Rússia, ou o equilíbrio europeu, ou o progresso europeu, esse famoso tipo de ilustração europeia — se tudo isso me parece ser o bem, sou forçado a reconhecer que a atividade de cada personagem histórica, além de sua finalidade pessoal, tinha finalidades mais gerais e que me escapam.

Mas suponhamos que uma pretensa ciência tenha a possibilidade de conciliar as contradições e possua uma medida fixa do bem e do mal, aplicável a todas as personagens e acontecimentos históricos. Suponhamos que Alexandre tivesse podido agir de forma diferente, que tivesse podido, de acordo com as prescrições dos que o acusam e que pretendem conhecer a meta final do movimento humano, acompanhar esse programa da nacionalidade, da liberdade, da igualdade e do progresso (parece não haver outro programa) que os atuais acusadores lhe teriam prescrito. Suponhamos que esse programa fosse possível e que Alexandre tivesse o seguido. Como ficaria, então, a atividade de todos os que se achavam em oposição ao governo desse tempo, atividade que, segundo os historiadores, era boa e útil?

Tal atividade não teria existido. Não haveria vida, não haveria nada. Uma vez admitido que a vida possa guiar-se pela razão, aniquila-se a possibilidade da vida.

II

Admitindo-se, como fazem os historiadores, que os verdadeiros grandes homens conduzem a humanidade para certos objetivos, seja a grandeza da Rússia ou da França, o equilíbrio europeu, a disseminação das

ideias revolucionárias, o progresso geral, seja qualquer outra coisa, torna-se impossível explicar os fenômenos da história sem a intervenção do *acaso* e do *gênio*.

Se a finalidade das guerras europeias no começo do século XIX era a grandeza da Rússia, essa finalidade poderia ter sido alcançada sem as guerras precedentes e sem invasões. Se a finalidade era a grandeza da França, poderia ter sido alcançada sem a revolução e sem o império. Se a finalidade tivesse sido a disseminação das ideias, a imprensa e os livros as teriam propagado muito melhor que os soldados. Se fosse o progresso da civilização, seria muito fácil descobrir caminhos mais diretos que o da destruição dos homens e das riquezas.

Por que, então, aconteceram essas coisas e não outras? O historiador nos responde: “O *acaso* criou a situação, o *gênio* a utilizou.”

Mas o que é o *acaso*? O que é o *gênio*?

O *acaso* e o *gênio* não significam nada de palpável, e por isso não podem ser definidos. Essas palavras denotam apenas certo grau de compreensão dos fenômenos. Não sei como se deu tal ou tal acontecimento, creio que não poderei sabê-lo e digo: foi o *acaso*. Percebo uma força produzindo um efeito incompatível com as qualidades normais da humanidade, não compreendo como isso aconteceu e digo: o *gênio*.

Num rebanho de ovelhas, a ovelha que todas as noites é separada para receber uma ração especial do pastor e torna-se duas vezes mais gorda que as demais deve parecer uma gênica. E essa circunstância de, a cada noite, essa mesma ovelha não se encontrar no estábulo comum, de ser alimentada com aveia, e o fato de precisamente essa ovelha gorda ser levada para o matadouro, deve parecer uma conjunção extraordinária do *gênio* com uma série de *acazos* também extraordinários.

Mas, se as ovelhas deixarem de alimentar a ilusão de que tudo que se faz tem apenas em vista o cumprimento dos objetivos de ovelhas, se admitirem que os acontecimentos possam ter uma finalidade que lhes é incompreensível, logo perceberão a unidade, a coerência lógica do que acontece com a ovelha alimentada à parte. Mesmo que não venham a saber o motivo dessa alimentação especial, ao menos saberão que o acontecido a essa ovelha não se deu sem motivo, e não precisarão recorrer ao conceito do *acaso* ou do *gênio*.

Só renunciando ao conhecimento de um objetivo imediato, compreensível, e admitindo que a verdadeira finalidade nos é inacessível, é que compreenderemos a razão de ser da vida das personagens históricas. Compreenderemos o resultado de suas ações incompatíveis com as qualidades humanas normais que a geraram e as palavras *acaso* e *gênio* se tornarão desnecessárias.

Basta admitir que a finalidade das perturbações dos povos europeus nos é desconhecida, que conhecemos apenas fatos — morticínios — a princípio na França, depois na Itália, na África, na Prússia, na Áustria, na Espanha, na Rússia. E que o movimento do Ocidente para o Oriente e do Oriente para o Ocidente seja o sentido e a finalidade dos acontecimentos, e que não precisaremos mais admitir nada especial nem *genial* em Napoleão ou Alexandre, mas poderemos ver neles homens normais, como qualquer outro. E não será mais preciso explicar pelo *acaso* os pequenos acontecimentos que fizeram essas pessoas o que foram, mas se tornará claro que todos esses pequenos acontecimentos eram necessários.

Renunciando a desvendar a finalidade última, compreendemos claramente que, assim como não se pode inventar, para nenhuma planta, cores ou grãos mais adequados que os que lhe são próprios, da mesma forma é impossível inventar dois outros homens que, com todo seu passado, correspondam tão exatamente, até nos menores detalhes, ao destino que tinham a cumprir.

III

O sentido fundamental e principal dos acontecimentos europeus do começo do século XIX é o movimento militar de massas de povos europeus do Ocidente para o Oriente e, depois, do Oriente para o Ocidente. O primeiro sinal desse movimento foi dado pelo Ocidente.

Para que os povos do Ocidente pudessem realizar um movimento militar até Moscou, era necessário: primeiro, formar um grupo militar bastante forte para suportar o confronto com o grupo militar do Oriente; segundo, renunciar a todas as tradições e hábitos estabelecidos; terceiro, ter um chefe que fosse capaz de justificar para si e para eles as pilhagens, fraudes e mortes que deviam acompanhar esse movimento.

E eis que, a começar pela revolução francesa, o primeiro grupo, sem força suficiente, foi destruído, os velhos hábitos e as velhas tradições desapareceram, e, pouco a pouco, formaram-se grupos de novas dimensões, de novos hábitos e tradições, e surgiu o homem que devia encabeçar o futuro movimento e arcar com toda a responsabilidade dos atos cometidos.

Esse homem sem convicções, sem princípios, sem tradição, sem nome, que nem sequer era francês sobressai pelas mais estranhas circunstâncias, acima dos partidos que perturbam a França e, sem ligar-se a nenhum, assume o lugar de maior destaque.

A ignorância dos camaradas, a fraqueza e a inutilidade dos adversários, o cinismo da mentira, a mediocridade sedutora e presunçosa desse homem o alçam à chefia do exército. As tropas brilhantes do exército da Itália, o fraco ardor combativo dos adversários, a audácia infantil e a confiança própria lhe valeram a glória militar. Uma série de supostos acasos o acompanha por toda parte. É-lhe útil o próprio desprestígio junto aos governantes franceses. Falham suas tentativas para escapar do destino, a Rússia recusa seus serviços, a Turquia não o quer. Durante a campanha da Itália, por diversas vezes esteve a dois passos da morte e sempre foi salvo por um imprevisto. As tropas russas, essas tropas que podem aniquilar a sua glória, por várias considerações diplomáticas deixam de invadir a Europa enquanto ele ali se encontra.

Voltando da Itália, ele encontra na França um governo no seu período de decadência e no qual os homens que estão à frente do Estado inevitavelmente são eliminados. E, espontaneamente, surge para ele um meio de sair dessa situação perigosa, ao se enveredar numa absurda viagem à África. O chamado acaso continua a favorecê-lo. A inexpugnável Malta se entrega sem um tiro; os atos mais despidos são coroados de sucesso. A frota inimiga, que, pouco depois, não deixa passar um único barco, abre caminho para um exército inteiro. Na África, uma série de crimes são cometidos contra habitantes quase desarmados. E os homens que cometem esses crimes, principalmente os chefes, estão persuadidos de que isso é belo, é glorioso, e de que praticam atos dignos de César e Alexandre da Macedônia.

Esse ideal de *glória* e de *grandeza* que consiste em não ver o mal de tudo o que se faz e em orgulhar-se de cada crime, atribuindo-lhe uma importância

incompreensível, é o que guia esse homem e seus companheiros durante todo o período na África. Tudo que faz é coroado de sucesso. A peste o poupa, o cruel assassinato dos prisioneiros não lhe é imputado como crime. De uma imprudência infantil, sua partida imotivada e pouco nobre da África, onde abandona seus infelizes companheiros, lhe é computada como um mérito, e, novamente, a frota inimiga permite sua passagem.

Quando, empolgado pelos crimes bem-sucedidos que cometeu, volta sem objetivo a Paris, pronto a desempenhar seu papel, a decomposição do governo republicano que, um ano antes, podia tê-lo destruído, chega ao último grau, e a presença desse homem alheio aos partidos pode ser-lhe útil.

Ele não tem nenhum plano, teme tudo, mas os partidos se agarram a ele e exigem sua colaboração.

Só ele, com seu ideal de glória e grandeza formado na Itália e no Egito, com uma egolatria tangenciando a loucura, com sua audácia nos crimes, seu cinismo na mentira, só ele pode realizar o que deve cumprir-se.

Ele é o homem para o lugar que o espera. E por isso, quase independentemente de sua vontade, apesar de sua indecisão, da ausência de plano e de todos os erros que comete, ele é atraído a uma conspiração que tem a tomada de poder como finalidade. E a tentativa é coroada com o êxito. É arrastado, à força, para a assembleia dos governantes.

Apavorado, julgando-se perdido, quer fugir. Finge uma síncope e diz coisas insensatas que o levariam à perdição. Mas os governantes da França, outrora astutos e altivos, sentindo que nada mais lhes resta a fazer, estão ainda mais confusos do que ele e deixam de dizer as palavras necessárias para conservar o poder e liquidar o adversário.

O *acaso*, milhões de *acazos* lhe dão o poder, e tem-se a impressão de que todas as pessoas se combinam para consolidar-lhe a boa fortuna. O *acaso* forma a personalidade dos governantes franceses dessa época, que se submetem a ele. O *acaso* cria a personalidade do tsar Paulo I, que reconhece o seu poder, o *acaso* arma contra ele uma conspiração que não só não o prejudica, como consolida sua posição. O *acaso* lhe envia o duque de Enghien e o faz matá-lo, convencendo o povo com essa morte, mais do que por qualquer outro meio, de que tem o direito porque tem a força. O *acaso* o faz reunir todas as suas forças para uma

expedição à Inglaterra, expedição que lhe seria nefasta, mas que não pode realizar; e, por acaso, cai sobre Mack e seus austríacos, que se rendem sem combater. O *acaso* e o *gênio* lhe dão a vitória de Austerlitz e, por acaso, todos, não só os franceses, mas a Europa inteira, salvo a Inglaterra, que não participa dos acontecimentos, todos, apesar do antigo horror e repugnância que lhes inspiram os seus crimes, reconhecem agora seu poder, o título que outorgou a si próprio e veem algo de belo e justo no seu ideal de grandeza e de glória.

Como que para se prepararem para o movimento futuro, as forças do Ocidente, em 1805, 1806, 1807 e 1809, lançam-se várias vezes contra o Oriente, num ímpeto crescente. Em 1811, o grupo que se formava na França confunde-se num corpo imenso com os povos da Europa central. Com o crescimento do grupo, também se desenvolve o poder de justificação do homem que encabeça o movimento. Durante o período preparatório de dez anos que precede o grande movimento, esse homem rebaixa todas as cabeças coroadas da Europa. Os reis destronados do mundo não podem opor nenhum ideal razoável ao ideal insensato de *glória* e de *grandeza* de Napoleão. Um depois do outro, eles apressam-se em lhe ser úteis e mostrar sua subserviência. O rei da Prússia manda sua mulher pedir clemência ao grande homem. O imperador da Áustria considera uma honra pôr em seu leito a filha dos Césares. O papa, guardião dos ritos sagrados do povo, prestigia com a religião a elevação do grande homem. Não é tanto Napoleão que se prepara para desempenhar seu papel, são os que o cercam que o preparam para arcar com toda a responsabilidade do que acontece e está para acontecer. Não há um só ato, um só crime, nem mesmo a mais insignificante perfídia, que não seja logo transformado em grande feito pelos que o cercam. O melhor festejo que os alemães conseguem inventar para agradá-lo é a comemoração de Iena e Auerstedt.

Não só ele é grande, mas também seus ancestrais, seus amigos, seus irmãos, seus enteados, seus cunhados. Tudo acontece para arrancar-lhe o último resquício de razão e prepará-lo para seu terrível papel. E quando ele está pronto, as forças também estão prontas.

A invasão dirige-se para o Oriente e atinge sua meta final, Moscou. A capital é tomada, o exército russo é destroçado de forma mais completa do que haviam sido os exércitos inimigos nas guerras passadas, de Austerlitz a Wagram. Mas

subitamente, em lugar do *acaso* e do *gênio* que, até então, o conduziram por uma sucessão ininterrupta de êxitos rumo à meta predestinada, aparece uma série incalculável de *acazos* contrários, desde o resfriado de Borodino até a neve e a centelha que incendeia Moscou. E, em lugar do *gênio*, uma estupidez e uma infâmia sem igual se revelam.

A invasão recua, volta, foge de novo, e todos os *acazos* não lhe são mais favoráveis, mas adversos.

Dá-se o movimento em sentido contrário, do Oriente para o Ocidente, similar ao movimento do Ocidente para o Oriente. As mesmas tentativas de movimento do Oriente para o Ocidente, como em 1805, 1807 e 1809, precedem o grande movimento. É o mesmo agrupamento considerável, é a mesma convergência dos povos centrais ao movimento, são as mesmas hesitações no meio do caminho, é a mesma rapidez na proximidade da meta.

Paris, a meta final, é atingida. Napoleão, seu governo e suas tropas são aniquilados. O próprio Napoleão deixa de ter sentido, evidenciam-se a miséria e a vileza de todos os seus atos. Mas novamente acontece o *acaso* inexplicável: os aliados odeiam Napoleão, em quem veem a causa de suas desgraças. Privado da autoridade e do poder, acusado de crimes e perfídias, ele deveria parecer aos outros como dez anos antes e um ano mais tarde: um bandido fora da lei. Mas, por um estranho *acaso*, ninguém vê sob esse prisma.

Seu papel ainda não está terminado. Esse homem que, dez anos antes e um ano mais tarde, era considerado um bandido fora da lei, é mandado para uma ilha a dois dias da França, conferem a ele essa ilha, com uma guarda e milhões em dinheiro, como que para lhe pagar algum serviço que ele houvesse prestado.

IV

O movimento dos povos se torna mais lento. A ondulação do deslocamento refluí e, no mar sereno, formam-se círculos nos quais flutuam os diplomatas, que se imaginam a causa do apaziguamento.

Mas, subitamente, o mar sereno se revolta. Os diplomatas acreditam que suas discordâncias sejam a fonte desse novo recrudescimento. Esperam a guerra entre os imperadores. A situação lhes parece insolúvel. Mas a onda que sentem em movimento não vem de onde eles supõem. A mesma onda se ergue do próprio

ponto de partida do movimento: Paris. Produz-se, a partir do Oriente, o último ricochete do movimento, para resolver dificuldades diplomáticas aparentemente insolúveis e pôr fim ao movimento militar desse período.

Volta à França, sozinho, sem companheiros, sem soldados, sem um plano, o homem que a devastou. Um simples guarda pode prendê-lo, mas, por um estranho acaso, não só ninguém o prende, como todos se entusiasmam por tornar a ver esse homem que amaldiçoavam na véspera e que será amaldiçoado um mês mais tarde. Esse homem ainda é necessário para justificar a última ação coletiva.

A ação se cumpre. O último ato foi representado. O ator é obrigado a se despir, tirar a maquiagem e o ruje; ele deixou de ser necessário. E alguns anos se passam com esse homem, solitário na sua ilha, representando uma miserável comédia para si próprio, criando intrigas, mentindo, justificando seus atos, quando essa justificação já não é necessária, e mostra a todos o que ele era, o que os homens tomavam como força quando uma mão invisível o guiava.

Terminado o drama, o contrarregra nos mostra o ator despido de seus trajes:

— Olhem esse homem em quem vocês acreditavam! Aqui está ele! Compreendem agora que não era ele, e sim eu que tudo conduzia?

Mas as pessoas, cegas pela força do movimento, custam muito a compreender isso.

Uma coerência e uma inevitabilidade ainda maiores podem ser observadas na vida de Alexandre I, que foi a cabeça do movimento contrário, do Oriente para o Ocidente.

E de que precisava esse homem que, ofuscando os demais, se achava à frente do movimento contrário, do Oriente para o Ocidente?

Ele precisava ter sentimento de justiça, interesse pelos assuntos europeus, mas interesse superior não obscurecido por uma visão mesquinha, e preponderância moral sobre seus colegas, os imperadores dessa época. Era necessário que possuísse uma personalidade atraente e agradável e que houvesse sido pessoalmente ofendido por Napoleão. E tudo isso existia em Alexandre I. Tudo isso foi preparado pelos inúmeros *acazos* de sua vida passada: a educação, as tendências liberais, os conselheiros que o cercavam, Austerlitz, Tilsitt, Erfurt.

Durante a guerra nacional, essa personagem se mantém inativa por não ser necessária. Mas, com a necessidade da guerra europeia, ele surge no momento

preciso e, unindo os povos europeus, leva-os rumo à meta final.

A meta é alcançada. Depois da última guerra de 1815, Alexandre se encontra no apogeu do poder. Que uso fará dele?

Alexandre I, o pacificador da Europa, o homem que, desde a sua mocidade, só aspira fazer a felicidade dos povos, o primeiro a empregar as reformas liberais de sua pátria, quando se vê investido do maior poder e, por conseguinte, da maior possibilidade de fazer a felicidade de seus súditos, enquanto Napoleão exilado faz planos infantis e mentirosos sobre a felicidade que daria à humanidade se tivesse o poder, Alexandre I, depois de haver cumprido sua missão, sentindo o peso da mão divina, subitamente reconhece a mesquinhez desse poder imaginário, afasta-se dele, depondo-o nas mãos de homens que despreza e dizendo apenas:

— *Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá a glória!* [\[49 \]](#) Sou um homem como os outros, deixem-me viver como homem e cuidar de minha alma e de Deus.

* * *

Assim como o Sol e cada átomo do éter são esferas limitadas e, ao mesmo tempo, fazem parte de um ser inacessível pela enormidade do todo, também cada indivíduo traz em si sua própria finalidade e, contudo, ele a traz para servir a uma finalidade geral que lhe é incompreensível.

Uma abelha pousada numa flor pica uma criança. A criança teme a abelha e diz que o objetivo da abelha é picar as pessoas. O poeta admira a abelha que mergulha numa flor e diz que o papel da abelha é sugar o néctar das flores. O apicultor, tendo observado que a abelha colhe o pólen das flores e leva-o para a colmeia, diz que o papel da abelha é fazer o mel. Um outro apicultor, estudando mais perto a vida da colmeia, diz que a abelha colhe o pólen para alimentar as abelhazinhas e criar a rainha, e que seu papel é a procriação da espécie. O botânico observa que, voando com o pólen de uma flor masculina para uma feminina, a abelha a fecunda, e vê nisto o seu papel. Outro botânico, observando as migrações das plantas, vê a contribuição da abelha nesse sentido e pode dizer que tal é seu papel. Mas a finalidade da abelha não é apenas uma ou outra coisa que o espírito humano possa descobrir. Na procura do objetivo, quanto mais alto

se ergue o espírito humano, mais evidente se torna para ele o caráter inacessível do objetivo final.

O homem só pode observar a relação da vida das abelhas com os outros fenômenos da vida. O mesmo acontece com a finalidade das personagens históricas e dos povos.

V

O casamento de Natacha, que desposou Bezukhov em 1813, foi o último acontecimento alegre para a família Rostov. No mesmo ano morreu o velho conde Ilia Andreievitch e, como sempre acontece, com sua morte a antiga família se desintegrou.

Os acontecimentos do ano anterior — o incêndio e o abandono de Moscou, a morte do príncipe André e o desespero de Natacha, a morte prematura de Pétia e a dor da condessa —, um após outro, golpeavam o velho conde. Parecia não compreender e não ter forças para compreender a importância de todos esses acontecimentos. Curvando docilmente a cabeça, parecia esperar o novo golpe que o mataria. Ora se mostrava apavorado e em desespero, ora extraordinariamente animado e ativo.

Por um momento, ocupou-se com os detalhes práticos do casamento de Natacha: encomendava jantares, ceias e, visivelmente, esforçava-se por parecer alegre. Mas sua alegria não se comunicava aos demais como outrora; ao contrário, provocava a compaixão dos que o conheciam e amavam.

Após a partida de Pierre e de sua mulher, ele serenou e começou a queixar-se do vazio da vida. Alguns dias mais tarde adoeceu. Desde o início da enfermidade, apesar das consolações dos médicos, compreendeu que não se levantaria mais. Durante duas semanas, sem repousar um instante, sem se trocar, a condessa não se afastou de sua cabeceira. Cada vez que ela lhe dava o remédio, ele, soluçando, beijava-lhe a mão sem dizer uma palavra. No último dia, chorando, pediu perdão à mulher e ao filho, ainda que este não estivesse presente, por ter dilapidado a fortuna da família, única grande responsabilidade de que se julgava incumbido. Depois da comunhão e extrema-unção, morreu suavemente e, no dia seguinte, a multidão de amigos e conhecidos vinda para

prestar as últimas homenagens ao defunto encheu a residência que os Rostov haviam alugado.

Toda aquela gente que muitas vezes dançara e jantara em sua casa, que em tantas ocasiões havia zombado dele, agora, todos com a mesma emoção e a mesma sensação de remorso, diziam, para justificar-se: “Sim, apesar de tudo, era um homem admirável, hoje já não se encontram homens assim... E quem não tem suas fraquezas?!...”

Morria inesperadamente, bem na ocasião em que os seus negócios iam de mal a pior, sem que se pudesse imaginar como terminaria tudo isso se ele vivesse um ano mais.

Nicolau estava em Paris com as tropas russas quando teve conhecimento da morte do pai. Imediatamente apresentou seu pedido de desligamento e, sem esperar por resposta, pediu uma licença e partiu para Moscou. Um mês depois da morte do conde, a situação de seus negócios tornou-se clara, e todos se surpreenderam com a enormidade de diversas pequenas dívidas, de cuja existência ninguém suspeitava. As dívidas eram duas vezes superiores aos bens.

Os parentes e amigos aconselharam a Nicolau que renunciasse à herança, mas Nicolau via nesse ato uma censura à memória de seu pai e não deu ouvidos a ninguém. Aceitou a herança, com a obrigação de pagar as dívidas.

Os credores que se haviam calado tanto tempo, durante a vida do conde, mercê dessa influência indefinível mas poderosa que sobre eles exercia a bondade do conde, fizeram valer seus direitos. Como sempre, a inveja até então escondida desmascarou-se e as próprias pessoas que, como Mitenka e outros, haviam recebido títulos de crédito como presente tornaram-se os credores mais exigentes. A Nicolau, não concederam prazo nem deram alívio, e esses mesmos que, na aparência, lastimavam o velho, o responsável por suas perdas (como se houvesse perda), agora, sem nenhuma piedade, se voltavam contra o jovem herdeiro, inocente diante deles e que voluntariamente se encarregara de pagá-los.

Nem uma única proposta feita por Nicolau foi aceita. Os domínios levados a leilão foram vendidos por preço irrisório e a metade das dívidas ficou por pagar. Nicolau aceitou trinta mil rublos que seu cunhado Bezukhov lhe ofereceu em empréstimo, e com esse dinheiro pagou as dívidas que ele considerava legítimas.

A fim de não ser preso por causa do restante — como o ameaçavam os credores —, resolveu voltar ao serviço público.

Reingressar no exército, onde na promoção seguinte seria feito coronel, não lhe era possível porque sua mãe se apegava a ele como ao seu último ponto de apoio na vida. Por isso, apesar da pouca vontade de permanecer em Moscou, convivendo com as mesmas pessoas de outrora, apesar de sua falta de gosto pelo serviço administrativo, aceitou um emprego público em Moscou e, abandonado o uniforme que tanto amava, instalou-se com sua mãe e Sônia num pequeno apartamento na Sivtzevoi Vrajok.

Instalados em Petersburgo, Natacha e Pierre não faziam ideia exata da situação de Nicolau. Ele aceitara o dinheiro do cunhado, mas escondeu sua real miséria. Sua situação era ainda mais difícil porque, com os mil e duzentos rublos de vencimentos, devia não só alimentar sua mãe e Sônia, como viver de tal forma que a velha condessa não sentisse a pobreza. A condessa não podia compreender a vida sem as condições de luxo a que estava habituada desde a infância e, a cada instante, sem fazer ideia de como isso era penoso para o filho, exigia, ora um carro — coisa que não possuíam mais — para trazer uma amiga, ora pratos muito caros, ora vinho para o filho, ora dinheiro para os presentes que dava a Natacha, a Sônia e ao próprio Nicolau.

Sônia fazia todo o serviço da casa, cuidava da tia, lia para ela, aturava seus caprichos e sua antipatia, ajudava Nicolau a esconder-lhe a miséria em que viviam. Nicolau sentia-se devedor de Sônia por tudo o que ela fazia por sua mãe, admirava sua paciência e devotamento, mas procurava afastar-se dela. No íntimo, censurava-a por ser perfeita demais, por não lhe dar margem à menor queixa. Ela possuía tudo o que torna as pessoas apreciáveis, mas pouco do que as faz amadas. Nicolau sentia que quanto mais a apreciava, menos a amava.

Tomara ao pé da letra a carta devolvendo-lhe a liberdade e agora portava-se com ela como se todo o passado há muito estivesse esquecido e de modo algum pudesse renascer.

A situação de Nicolau piorava dia a dia. A ideia de economizar parte de seus vencimentos era um sonho. Não só não economizava, mas até contraía pequenas dívidas para satisfazer as exigências de sua mãe. A situação era insolúvel. Repugnava-lhe a ideia de um casamento com uma mulher rica, como lhe

sugeriam suas parentas. A outra solução — a morte de sua mãe — nunca lhe vinha à mente. Não desejava nada, não aspirava a nada e, no fundo da alma, sentia um prazer amargo na aceitação passiva de sua situação. Procurava evitar a compaixão e as ofertas humilhantes de velhos conhecidos, evitava toda distração e divertimento e, até em casa, não fazia nada, salvo ajudar a condessa a jogar paciência, caminhar silenciosamente no seu quarto e fumar um cachimbo atrás do outro. Parecia cultivar esse estado de espírito sombrio, o único que lhe permitia suportar a situação.

VI

No começo do inverno a princesa Maria veio a Moscou. Pelos falatórios da cidade, soube da situação dos Rostov e que “o filho se sacrificava pela mãe”, como diziam.

“Não esperava outra coisa dele”, pensava a princesa Maria, sentindo com alegria a confirmação do amor que sentia por ele.

Dadas as suas relações amigáveis, quase de parentesco, com toda a família, julgou que devia visitá-los. Mas a lembrança do que viveu com Nicolau em Voroneje a fazia hesitar. Apesar disso, enchendo-se de coragem, algumas semanas depois de chegar à cidade procurou os Rostov.

O primeiro que encontrou foi Nicolau, pois era preciso atravessar o quarto dele para chegar ao da condessa. No primeiro momento, a fisionomia de Nicolau, em lugar de exprimir a alegria que ela esperava, tomou uma expressão de frieza, secura e orgulho que lhe era totalmente desconhecida. Nicolau perguntou de sua saúde e acompanhou-a até o quarto de sua mãe, retirando-se poucos minutos depois.

Quando a princesa se despediu da condessa, tornou a encontrar Nicolau, que a acompanhou até o vestibulo com acentuada secura e gravidade. Não respondeu uma palavra às observações que ela fez sobre a saúde da condessa. “O que lhe importa isso? Deixe-me em paz!”, parecia dizer seu olhar.

E quando a carruagem da princesa se afastou da casa:

— Por que veio aqui? O que quer? Detesto essas fidalgas e suas amabilidades! — disse em voz alta diante de Sônia, evidentemente incapaz de dominar seu aborrecimento.

— Ah! Nicolau, como pode dizer uma coisa dessas? — disse Sônia sem poder esconder sua alegria. — Ela é tão boa e mamãe gosta tanto dela!

Nicolau não respondeu nada e não quis mais falar na princesa. Mas depois da visita, a velha condessa falou nela diversas vezes por qualquer razão. A condessa a elogiava, insistia para que o filho a visitasse, exprimia o desejo de vê-la mais amiúde.

Nicolau calava-se ostensivamente quando a mãe falava na princesa, e seu silêncio irritava a condessa.

— É uma moça muito digna e muito encantadora — dizia ela. — Deves procurá-la. Ao menos assim verás alguém. Acho que nossa companhia já está te aborrecendo.

— Mas não tenho vontade nenhuma, mamãe.

— Antes querias vê-la e agora não queres mais. Francamente, meu caro, não te compreendo. Ora te aborreces, ora, de repente, não queres mais ver ninguém...

— Mas quem foi que disse que eu me aborreço?

— Como? Tu mesmo disseste que não querias vê-la. É uma moça muito digna. Antigamente tu gostavas dela, agora, parece que houve alguma coisa... Sempre me escondem tudo...

— Absolutamente, mamãe.

— Se eu te pedisse para fazeres alguma coisa desagradável... mas fazer uma visitinha... Parece-me que a delicadeza manda... Agora que já pedi, não me envolverei mais nisso, visto que tens segredos para tua mãe.

— Já que fazes questão, irei.

— Para mim, isso é indiferente. Falo no teu interesse.

Nicolau suspirou, mordeu o bigode e abriu o baralho na mesa, procurando mudar de assunto. Mas nos dias que se seguiram ela entabulou a mesma conversa.

Depois da recepção fria, inesperada, que Nicolau lhe fizera, a princesa Maria reconheceu que tinha razão quando primeiro pensou em não visitar os Rostov.

“Não esperava outra coisa. Nada tenho que ver com ele, só queria visitar a velha, que sempre foi muito boa para mim e a quem eu devo minha gratidão”, dizia ela consigo, procurando refúgio na altivez.

Mas esses pensamentos não a acalmavam. A lembrança da visita a atormentava como um remorso. Embora tivesse resolvido não mais visitar os Rostov e esquecer tudo, continuava a sentir-se numa situação falsa e, quando procurava descobrir a causa de sua amargura, era forçada a confessar que repousava nas suas relações com Nicolau. Sabia que, sob o seu tom frio e educado, Nicolau lhe escondia alguma coisa, e ela queria saber o que era. Estava certa de que, sem isso, não ficaria tranquila.

Em pleno inverno, um dia em que estava sentada na sua sala de estudos, fiscalizando o trabalho do sobrinho, vieram anunciar-lhe a visita de Rostov.

Decidida a não se trair nem demonstrar constrangimento, chamou Mademoiselle Bourienne para acompanhá-la à sala.

Assim que viu Nicolau, percebeu claramente que ele só viera por um dever de civilidade e resolveu manter a mesma atitude.

Falaram da saúde da condessa, de conhecidos comuns, das últimas notícias da guerra e, passados os dez minutos exigidos pelo bom-tom, Nicolau levantou-se para se despedir.

Ajudada por Mademoiselle Bourienne, a princesa sustentara muito bem a conversa, mas, quando ele se levantou, estava tão fatigada com aquele diálogo que não tinha nada de interessante para ela, tão absorvida em pensar na pouca alegria que a vida lhe dava que, fitando o nada com seus olhos resplandecentes, continuou sentada, imóvel, sem perceber que ele estava em pé.

Nicolau a olhou e, para não demonstrar que percebera a sua distração, disse algumas palavras a Mademoiselle Bourienne, mas, como a princesa continuava sentada, imóvel, com uma doce expressão de sofrimento, ele a fitou.

De súbito, sentiu piedade e percebeu vagamente que era muito possível que ele fosse a causa desse sofrimento que transparecia no seu semblante. Quis dizer uma amabilidade, mas não encontrou nada.

— Adeus, princesa — disse apenas.

Ela voltou a si, corou e suspirou profundamente.

— Ah! Perdão! — disse. — Já vai, conde? Até mais. E a almofada para a condessa?

— Um momento, vou buscá-la — disse Mademoiselle Bourienne e saiu da sala.

Ambos se conservaram calados. De quando em quando se entreolhavam.

— É, princesa — disse Nicolau, sorrindo tristemente —, parece que foi ontem e, no entanto, quanta água já correu depois de nosso primeiro encontro em Bogutcharovo. Todos parecíamos infelizes e, todavia, quanto daria eu para voltar àquele tempo!... Mas é impossível.

A princesa o fitava com seu olhar resplandecente. Parecia esforçar-se por compreender o sentido misterioso dessas palavras, que explicariam seus sentimentos para com ela.

— Sim, sim — respondeu a princesa —, mas não deve lamentar o passado, conde. Tal como compreendo a sua vida atual, ela sempre lhe deixará doces recordações, porque o sacrifício que está fazendo agora...

— Não aceito seus louvores — interrompeu Nicolau com vivacidade. — Ao contrário, censuro-me constantemente. Mas isso não é nem interessante nem alegre...

Novamente seu olhar tornou-se frio e seco. Mas a princesa revira o homem que conhecia e amava, e agora só falava com esse homem.

— Imaginei que pudesse falar com o senhor sobre isso. Ambos estamos tão ligados... e com sua família também que eu não poderia pensar que meus cumprimentos pudessem parecer-lhe fora de propósito. Mas enganei-me... — Subitamente sua voz tremeu. — Não sei por quê — continuou, procurando dominar-se —, eu o conheci tão diferente, conde, e...

— Existem milhares de causas *para* isso (acentuou particularmente as palavras “para isso”). Agradeço-lhe, princesa — acrescentou, em voz baixa. — Às vezes é doloroso...

“Ah! eis o motivo! eis o motivo”, dizia uma voz interior na alma da princesa Maria. “Não foi só esse olhar bom, aberto, não foi apenas a bondade exterior que amei nele. Compreendi sua alma nobre, corajosa, seu grande espírito de sacrifício”, dizia ela a si mesma. “Sim, agora ele é pobre e eu sou rica, sim, é por isso... Mas se não fosse assim?...” Lembrava-se de sua ternura antiga e agora, olhando-lhe a fisionomia boa e triste, compreendia a causa de sua frieza.

— Mas por quê, conde, por quê? — exclamou, aproximando-se dele quase involuntariamente... — Por quê? Diga-me. Deve dizer-me.

Ele continuava calado.

— Desconheço suas razões, conde — prosseguiu —, mas é doloroso para mim... confesso-lhe... Não sei por que quer privar-me de sua antiga amizade, e isso é doloroso para mim. —Tinha lágrimas na voz e nos olhos. — Tive tão pouca felicidade na minha vida que cada perda me faz sofrer. Perdoe-me. Adeus.

Caiu em pranto e dirigiu-se para a porta.

— Princesa, por Deus, espere! — exclamou ele, procurando detê-la. — Princesa!

Ela voltou-se. Durante alguns segundos permaneceram silenciosos, seus olhares se encontraram, e o que estava distante, o que era impossível, subitamente se tornava próximo, possível, inevitável.

VII

No outono de 1813, Nicolau casou com a princesa Maria e foram viver em Lissia-Gori, junto com sua mãe e Sônia.

Durante quatro anos, sem alienar os domínios da esposa, ele pagou todas as suas dívidas e, tendo recebido uma pequena herança de uma prima, também pagou o que devia a Pierre. Três anos mais tarde, aproximadamente em 1820, Nicolau restaurara de tal maneira suas finanças que foi possível comprar um pequena propriedade próxima de Lissia-Gori e entrar em negociação para readquirir Otradnoie, o que era o seu sonho.

A princípio, dedicou-se à exploração de suas terras por necessidade, mas logo apaixonou-se de tal forma que se tornou sua ocupação favorita e quase exclusiva.

Nicolau era um proprietário muito simples, não gostava de inovações, e ainda menos das inglesas, que estavam entrando na moda. Zombava dos livros técnicos sobre agricultura, dos produtos de fábrica, das sementes caras e estrangeiras, sem priorizar uma parte do cultivo em detrimento das outras. Sempre tinha toda a propriedade diante dos olhos, e não apenas uma parte. E, na propriedade, o objeto principal não era o nitrogênio, o oxigênio da terra ou do ar, um tipo particular de arado ou um adubo especial, mas esse instrumento que opera o nitrogênio, o oxigênio, o adubo, o arado, isto é, o trabalhador, o camponês.

Quando Nicolau começou a dedicar-se à agricultura, foi, aos poucos, conhecendo seus diversos mistérios, mas principalmente os camponeses despertaram sua atenção. Via no camponês não só um instrumento de trabalho, como também o objetivo e o juiz. Primeiramente os observou, procurando compreender suas necessidades, o que eles consideravam bom ou mau. As ordens que dava serviam mais como lições preciosas para si próprio. Só quando compreendeu as predileções e aspirações dos camponeses, quando aprendeu a falar a língua deles, quando compreendeu o sentido de suas palavras, quando se sentiu integrado a eles, só então começou a dirigi-los com resolução, isto é, a portar-se com eles justamente como eles tinham o direito de esperar de Nicolau. Então, a atividade de Nicolau produziu os melhores resultados.

Assumindo a direção da propriedade, Nicolau, sem hesitação, sem erro, por uma espécie de dom, escolheu para gerente, estaroste, intendente, exatamente os que teriam sido escolhidos pelos camponeses se isso lhes fosse permitido, e os chefes que nomeava nunca eram substituídos. Antes de estudar a composição química do adubo, antes de estudar o “dever e o haver” (como costumava dizer ironicamente), informava-se com os camponeses sobre a quantidade de gado que possuíam e aumentava-a por todos os meios. Não permitia que as famílias numerosas de camponeses se dividissem; os preguiçosos, os devassos e os fracos eram igualmente perseguidos e logo procurava livrar-se deles.

Durante o plantio e a colheita de feno e de trigo, ele fiscalizava com o mesmo cuidado as próprias lavouras e a dos camponeses, e poucos proprietários tinham terras tão bem cuidadas e produtivas.

Nicolau não gostava de lidar com os camponeses ligados aos serviços domésticos. Considerava-os parasitas e, na opinião geral, tratava-os bem demais e dava-lhes uma liberdade excessiva. Quando dava uma ordem referente a um deles e, principalmente, quando precisava punir, aconselhava-se com todos da casa, tamanha sua indecisão. Mas, sempre que podia alistar nas tropas um criado em lugar de um camponês, fazia-o sem hesitar. Em todas as suas ordens relativas aos camponeses, nunca sentia o menor embaraço, cada uma de suas ordens, ele o sabia, seria aprovada por todos com uma ou duas exceções no máximo.

Não se permitia sobrecarregar um homem de trabalho ou castigá-lo por capricho, como também não se permitia favorecer ou recompensar um homem

apenas por sentir prazer nisso. Não saberia dizer em que consistia o critério do que devia fazer ou deixar de fazer, mas no seu espírito esse critério era preciso e inflexível.

Muitas vezes, entretanto, falando de um fracasso ou de uma contrariedade qualquer, queixava-se “do nosso povo russo”, e imaginava detestar os camponeses. Mas, ao contrário, tinha afeição profunda ao “nosso povo russo” e seus costumes, e, exatamente por isso, seguia firme o único caminho que dava bons resultados.

A condessa Maria sentia ciúmes desse amor do marido pelo povo e lamentava-se por não poder compartilhar com ele esse amor. Mas não podia compreender o prazer e o incômodo que lhe dava esse mundo particular, estranho para ela. Não podia compreender por que motivo ele parecia tão animado e satisfeito quando, tendo-se levantado com o dia, depois de passar a manhã nos campos ou nas lavouras, nas épocas de plantio e colheita, voltava apenas na hora do chá. Não compreendia seu entusiasmo quando ele falava do rico camponês Mateus Ermichine, que, com sua família, trabalhara a noite toda levantando medas, enquanto que os demais ainda não haviam nem feito a colheita. Não compreendia por que motivo ele parecia tão alegre quando, da sacada, com um piscar de olhos sorridente, via uma chuvinha quente e constante molhar a aveia seca ou por que, quando o vento trazia nuvens ameaçadoras durante a sega do feno, ele, corado, queimado de sol, voltando da lavoura coberto de suor, os cabelos com cheiro de campo, esfregava alegremente as mãos dizendo:

— Viva! Mais um dia assim e todo meu feno e o dos companheiros estará recolhido.

Compreendia ainda menos por que Nicolau, com seu bom coração, sempre se antecipando aos desejos dela, quase se desesperava quando ela lhe transmitia o pedido de camponeses que a procuravam para obter licença de obrigações, e por que ele, o bom Nicolau, recusava obstinadamente e lhe pedia que não se envolvesse nesses assuntos. Ela sentia que ele tinha seu mundo próprio, que amava apaixonadamente um mundo regido por leis que ela não compreendia. Quando às vezes, procurando compreender, lhe falava do mérito dele em fazer bem a seus servos, ele se zangava e respondia:

— Mas não se trata disso. Nem penso em tal, e pelo bem deles não faria isso! O bem do próximo não passa de poesia e de histórias para mulheres. O que preciso é que nossos filhos não sejam mendigos. Devo consolidar a nossa fortuna enquanto estou neste mundo. Mais nada. E, para isso, é preciso ordem e disciplina — respondia, fechando a mão robusta. — E justiça também — acrescentava — porque, se o camponês sente fome, frio, se só possui um cavalo, não poderá trabalhar para si nem para mim.

E, provavelmente porque não se permitia alimentar a ideia de que estava fazendo alguma coisa pelos outros, por uma virtude, tudo o que fazia dava bons resultados. Sua fortuna aumentava rapidamente. Os camponeses vizinhos vinham pedir-lhe que comprasse deles e, muito tempo depois de sua morte, o povo conservou uma lembrança respeitosa de seu comando: “Era um verdadeiro patrão... Primeiro para o camponês e depois para ele ... E não deixava ninguém esmorecer... Numa palavra, era um patrão!”

VIII

A única coisa que, às vezes, atormentava Nicolau no seu trabalho era seu arrebatamento aliado a um antigo hábito de hussardo, o de levantar muito prontamente a mão. A princípio não via mal nenhum nisso, mas após dois anos de casado seu modo de pensar a tal respeito mudou totalmente.

Um dia, durante o verão, mandou chamar o estaroste de Bogutcharovo que substituíra o falecido Drone e que estava sendo acusado de autor de diversas fraudes e negligências.

Nicolau saiu para o patamar e, depois das primeiras palavras do estaroste, golpes e gritos foram ouvidos do vestibulo. Quando voltou para o almoço, aproximou-se da esposa sentada junto do bastidor, com a cabeça baixa, e, como de costume, contou-lhe o que fizera durante a manhã. Entre outras coisas, falou-lhe do estaroste de Bogutcharovo.

A condessa Maria, ora corada, ora pálida, mordendo os lábios, continuava na mesma posição sem responder ao marido.

— Que canalha! — dizia ele, exaltando-se com a lembrança. — Se confessasse que estava bêbado, que não viu... Mas o que tens, Maria? — perguntou subitamente.

A condessa Maria levantou a cabeça e quis dizer alguma coisa, mas, baixando-a novamente, mordeu os lábios.

— Mas o que tens? O que tens, minha querida?

O choro sempre tornava bonita a feia condessa Maria. Ela nunca chorava de dor ou de cólera, mas de tristeza e de piedade. Quando chorava, seus olhos resplandecentes tinham um encanto irresistível. Assim que Nicolau pegou sua mão, ela não teve mais forças para conter-se e as lágrimas correram.

— Nicolau, eu vi... Ele é culpado, mas tu... Por que fizeste isso, Nicolau?

Cobriu o rosto com as mãos.

Nicolau calou-se, corou e, afastando-se dela, começou a andar de um lado para outro em silêncio. Compreendeu por que ela chorava, mas, no primeiro momento, não conseguiu compreender como aquele ato, ao qual estava habituado desde a infância, pudesse ser mau.

“São bobagens de mulher ou ela tem razão?”, perguntou-se.

Sem resolver a dúvida, fitou novamente a fisionomia dolorosa e terna que ele amava e, de súbito, compreendeu que ela tinha razão e que ele mesmo se sentia culpado.

— Maria — disse meigamente, aproximando-se dela —, isso não se repetirá nunca mais, dou-te minha palavra. Nunca mais! — repetiu com voz trêmula, como uma criança que pede perdão.

As lágrimas da condessa Maria aumentaram ainda mais. Ela pegou a mão do marido e a beijou.

— Nicolau, quando quebraste esse camafeu? — perguntou para mudar de assunto, olhando o anel que representava uma cabeça de Laocoonte.

— Hoje... naquela história. Ah! Maria, não me faças lembrar! Dou-te minha palavra de honra que isso não se repetirá e que este anel me servirá de recordação.

A partir desse dia, durante uma explicação qualquer com um estaroste ou um capataz, quando o sangue lhe subia à cabeça e seus punhos se cerravam, Nicolau, sentindo o anel quebrado no dedo, baixava os olhos diante do homem que provocara sua cólera.

No entanto, uma ou duas vezes por ano ele não se continha. Procurava então a esposa e confessava-lhe tudo, prometendo que seria a última vez.

— Maria, com certeza tu me desprezas... Eu mereço — dizia-lhe.

— Deves afastar-te logo quando não te sentires com forças para dominar-te — dizia com tristeza a condessa Maria, procurando consolá-lo.

Entre os fidalgos da província, Nicolau era respeitado, mas não muito estimado. Os interesses dos fidalgos não o preocupavam e, por causa disso, uns o consideravam orgulhoso, outros, tolo.

O verão todo, desde o plantio da primavera até a colheita, ele ficava ocupado com os trabalhos agrícolas. No outono, com a mesma seriedade com que tratava da agricultura, Nicolau se entregava à caça por um ou dois meses, longe de casa. No inverno, visitava os outros domínios e lia. Sua biblioteca era composta principalmente de obras de história. Todos os anos ele comprava uma certa quantidade. Estava formando, como costumava dizer, uma biblioteca séria e fazia questão de ler todos os livros que comprava. Com um ar importante, lia no seu gabinete de trabalho. A princípio fazia isso como obrigação, mas com o tempo tornou-se uma ocupação habitual que lhe dava certo prazer pela consciência de ocupar o tempo com um assunto sério. Excetuadas as viagens de negócios, passava o inverno inteiro em casa e se imiscuía nos detalhes da relação de seus filhos com a mãe. Sentia-se cada vez mais ligado à esposa, à medida que descobria os tesouros da sua alma.

Desde o casamento de Nicolau, Sônia morava com eles. Ainda antes do casamento, condenando-se e louvando-a, Nicolau contara a sua mulher tudo o que se passara entre eles e pedira que tratasse sua prima com bondade e ternura. A condessa Maria compreendia perfeitamente o erro do marido, e o seu próprio para com Sônia, imaginava que sua fortuna influenciara a escolha de Nicolau, não podia fazer a menor censura a Sônia e desejava gostar dela. No entanto, não só não conseguia gostar, como, no fundo da alma, nutria sentimentos ruins a seu respeito que não conseguia mitigar.

Uma ocasião, conversando com a sua amiga Natacha, falou de Sônia e da maneira injusta como a tratava. Natacha lhe disse:

— Olha, para ti que já leste muito o Evangelho, existe uma passagem perfeitamente aplicável a Sônia.

— Qual? — perguntou a condessa Maria, admirada.

— Esta, debes lembrar: “A qualquer que tiver será dado; e ao que não tiver, até o que tem ser-lhe-á tirado.” Ela é aquela que não tem. Por quê? Não sei. Talvez lhe falte egoísmo, não sei. Mas lhe tiraram tudo, tudo. Às vezes tenho muita pena dela, muita. Houve uma época em que queria muito que Nicolau se casasse com ela, mas nunca acreditei que isso acontecesse. É uma flor estéril, sabes, como nos morangueiros... Às vezes tenho pena dela, outras penso que ela não sofre como uma de nós sofreria.

Embora a condessa Maria explicasse a Natacha que se devia dar outra interpretação às palavras do Evangelho, aceitava o que dizia Natacha com relação a Sônia. Na verdade, Sônia não parecia constrangida com a situação e estava perfeitamente resignada com seu papel de flor estéril. Como os gatos, parecia apegar-se mais à casa do que às pessoas. Cuidava da velha condessa, mimava as crianças, estava sempre pronta a prestar os pequenos serviços de que era capaz. Mas tudo isso era recebido com naturalidade e sem reconhecimento...

No casarão de Lissia-Gori, reconstruído, não se levava mais a vida como no tempo do velho príncipe. As construções, iniciadas nos dias ainda difíceis, eram mais que simples. A imensa casa, com alicerces de pedra, fora reformada em madeira, revestida internamente com paredes de estuque. O chão era de tábuas e os móveis — cadeiras, mesas, poltronas —, mais duros, foram feitos pelos servos com as madeiras da propriedade. A casa era espaçosa e tinha muitos aposentos, inclusive com quartos de hóspedes e dos criados. Os parentes dos Rostov e dos Bolkonski vinham às vezes a Lissia-Gori com toda a família, puxados por dezesseis cavalos, com dezenas de criados, e ficavam durante meses. Além disso, quatro vezes por ano, nas ocasiões de festa de aniversário e dos santos padroeiros dos donos da casa, perto de cem hóspedes apareceriam por um ou dois dias. O resto do tempo era a vida regular, com as ocupações habituais, o chá, o jantar, o almoço, tudo provido pela própria propriedade.

IX

Era 5 de dezembro de 1820, véspera do Dia de São Nicolau. Desde o começo do outono desse ano, Natacha estava hospedada com o marido e os filhos na casa do irmão. Pierre viajara para Petersburgo, onde ia tratar de assuntos particulares, como ele dizia. Devia demorar três semanas e já fazia sete que partira. Esperavam sua chegada para qualquer momento.

No dia 5 de dezembro, além da família Bezukhov, os Rostov hospedavam um velho amigo de Nicolau, o general reformado Vassili Dmitrievitch Denissov.

Nicolau sabia que no dia de seu padroeiro, para agradar os convidados, deveria tirar a túnica de costume, vestir um casaco, calçar botas estreitas, pontudas, ir à igreja nova que mandara construir, agradecer as felicitações, receber os convidados e falar sobre as eleições da nobreza e sobre colheita. Mas, na véspera, julgava-se no direito de viver como habitualmente.

Antes do jantar, Nicolau verificou as contas do administrador da propriedade do sobrinho de sua mulher em Riazan, escreveu duas cartas de negócios e foi aos celeiros, aos estábulos do gado e dos cavalos. Tendo tomado medidas contra a bebedeira geral que era de esperar para o dia seguinte, em virtude da festa, voltou para jantar e, sem ter tido tempo de falar a sós com sua mulher, sentou-se à cabeceira de uma grande mesa servida para vinte onde estavam reunidas as pessoas da casa. À mesa estavam sua mãe, a velha senhora Bielova, que vivia com ela, sua mulher, seus três filhos, a preceptora, o preceptor de seu sobrinho, o sobrinho, Sônia, Denissov, Natacha com seus três filhos e a ama destes, e o velho arquiteto Mikhail Ivanovitch, que terminava seus dias na paz de Lissia-Gori.

A condessa Maria estava sentada na outra extremidade da mesa. Logo que seu marido se sentou, no modo de ele desdobrar o guardanapo e empurrar bruscamente os copos que estavam à sua frente, percebeu que ele estava de mau humor, como lhe acontecia em geral antes da sopa, quando voltava diretamente do campo para sentar-se à mesa. A condessa Maria conhecia muito bem esse estado de espírito e, quando ela mesma estava bem-disposta, esperava que ele tomasse tranquilamente a sopa e só então lhe dirigia a palavra para forçá-lo a confessar que estava de mau humor sem razão nenhuma. Mas, nesse dia, esqueceu completamente esse hábito de prudência. Entristecia-se por vê-lo zangado com ela sem motivo e sentiu-se infeliz. Perguntou-lhe onde estivera. Ele respondeu. Perguntou-lhe ainda se tudo ia bem no campo. O tom pouco natural da pergunta desagradou-o e ele retrucou com algumas palavras breves. “É isso, não me enganei. E por que ele está ele zangado comigo?”, pensou a condessa Maria. Pelo tom da resposta dele, compreendeu que não estava satisfeito com ela

e não queria continuar a conversa. Ela compreendia que as suas perguntas não eram naturais, mas não conseguiu evitar de fazer outras.

Durante o jantar, graças a Denissov, a conversa logo se tornou animada, todos participaram e a condessa Maria não se dirigiu mais ao marido. Quando se levantaram da mesa, foram cumprimentar a velha condessa, e a condessa Maria, dando a mão ao marido, beijou-o e perguntou-lhe por que estava zangado com ela.

— Sempre pensas coisas estranhas. Não estou zangado — respondeu Nicolau.

Mas, na palavra *sempre*, a condessa Maria entendeu: “Sim, estou zangado, mas não quero dizer por quê!”

Nicolau vivia em tão boa harmonia com a esposa que mesmo Sônia e a velha condessa, enciumadas e desejando uma desavença entre eles, não encontravam o menor pretexto para censura. No entanto, havia momentos de animosidade entre os dois. Às vezes, precisamente depois de um período muito feliz, surgia essa animosidade; e isso acontecia mais amiúde durante os períodos de gravidez da condessa Maria. Estavam num desses períodos.

— Muito bem, meus senhores e minhas senhoras — disse Nicolau em voz alta, afetando alegria (a condessa Maria julgava que ele o fazia de propósito, para ofendê-la) —, estou em pé desde as seis horas, amanhã terei que aguentar, mas hoje quero repousar.

E, sem dizer nada à esposa, dirigiu-se para uma salinha e estendeu-se no sofá.

“Está aí, é sempre assim. Fala com todos, menos comigo. Estou vendo, estou vendo que lhe causo repugnância, principalmente nesta situação”, pensou a condessa Maria.

Contemplou o ventre crescido e viu no espelho seu rosto pálido e amarelado, emagrecido e os olhos maiores que nunca. Tudo se tornou desagradável para ela: os gritos e as risadas de Denissov, a tagarelice de Natacha e, principalmente, o olhar furtivo que Sônia lhe lançou. Sônia era sempre a primeira pessoa que ela escolhia como alvo da sua cólera.

Tendo ficado só com os convidados, e como não compreendia nada do que diziam, saiu discretamente e foi ao quarto das crianças. As crianças, montadas em cadeiras, brincavam de viagem para Moscou e convidaram-na para acompanhá-las. A condessa Maria sentou-se e brincou com as crianças, mas não

cessava de atormentá-la a ideia do marido e da sua cólera injustificada. Levantou-se e, com dificuldade, caminhando na ponta dos pés, dirigiu-se para a salinha.

“Talvez não esteja dormindo. Quero conversar com ele”, disse consigo.

Andrucha, o mais velho dos meninos, seguiu-a caminhando também na ponta dos pés. A condessa Maria não o notou.

— Querida Maria, creio que ele adormeceu. Estava tão cansado! Andrucha pode acordá-lo — disse Sônia, que (segundo parecia à condessa Maria) ela encontrava por toda parte, e que nesse momento estava na sala.

A condessa Maria voltou-se e viu Andrucha. Compreendeu que Sônia tinha razão e, precisamente por esse motivo, irritou-se e reprimiu com esforço uma réplica ofensiva. Nada disse, mas, para não lhe obedecer, fez a Andrucha um sinal mandando que a seguisse sem fazer ruído e dirigiu-se para a porta. Sônia saiu por outro lado. Do quarto em que dormia Nicolau vinha o som da sua respiração regular, de que sua mulher conhecia as menores variações. Ao ouvir essa respiração, ela via diante de si a bela fronte do marido, o seu bigode e todo o seu rosto, que costumava contemplar longamente no silêncio da noite, enquanto ele dormia. De repente, Nicolau mexeu-se, pigarreou. Nesse momento, Andrucha, que estava atrás da porta, gritou:

— Papai, a mãezinha está aqui!

A condessa Maria empalideceu de terror e pôs-se a fazer sinais ao filho. Ele calou-se, e fez-se um breve silêncio, bastante angustioso para a condessa Maria. Sabia que Nicolau não gostava de ser acordado. De repente, ouviu-se um novo pigarro do outro lado da porta e a voz mal-humorada de Nicolau:

— Não me deixam descansar um instante! És tu, Maria? Por que o trouxeste aqui?

— Eu vinha só olhar, não reparei que... Desculpe-me.

Nicolau tossiu e calou-se. A condessa Maria afastou-se da porta e acompanhou o filho ao quarto das crianças. Cinco minutos depois a pequena Natacha, criança de três anos e olhos negros, a preferida do pai, sabendo pelo irmão que o paizinho estava dormindo, correu a procurá-lo sem que a mãe a visse. A garotinha de olhos pretos empurrou sem temor a porta, entrou resolutamente sala adentro e pôs-se a observar a posição do pai, que dormia com

as costas voltadas para ela. Depois se ergueu na ponta dos pés e beijou-lhe a mão, que ele tinha sob a cabeça. Nicolau virou-se, com um sorriso enternecido.

— Natacha! Natacha! — chamava em voz abafada a condessa Maria, atrás da porta. — O pai quer dormir.

— Não, mamãe, ele não quer dormir — respondeu convicta a pequena Natacha. — Está rindo.

Nicolau deslizou as pernas para o chão e tomou a criança nos braços.

— Entra, Macha — disse à mulher.

A condessa Maria entrou na salinha e sentou-se junto do marido.

— Não vi que ele estava atrás de mim — disse timidamente.

Segurando a pequena com a mão, Nicolau olhou para a mulher e, notando a sua expressão culpada, abraçou-a com o outro braço e beijou seus cabelos.

— Posso beijar mamãe? — perguntou ele a Natacha.

A menina riu, confusa.

— Outra vez! — disse com um gesto imperioso, apontando o lugar em que Nicolau beijara a condessa Maria.

— Não sei por que julgas que estou de mau humor — disse Nicolau, respondendo à pergunta que lia no pensamento de sua mulher.

— Não imaginas o desgosto que sinto quando estás assim. Parece sempre que...

— Maria, basta de tolices. Devias ter vergonha! — tornou ele alegremente.

— Parece-me que não me podes amar porque sou tão feia... em qualquer tempo, e principalmente agora... neste estado...

— Como és engraçada! Não são as bonitas que amamos, mas as que amamos que se tornam bonitas. Só as heroínas de romance é que são amadas pela sua beleza. Mas se amo minha mulher? Não, eu não te amo, mas olha... Como dizer?... Quando estás longe, ou quando há um desentendimento entre nós, fico desorientado, não sei fazer mais nada. Por acaso amo o meu dedo? Não amo, mas experimentem cortá-lo...

— Não, o que eu sinto é muito diferente, mas compreendo isso. Então não estás zangado comigo?

— Terrivelmente zangado! — respondeu ele, sorrindo. E levantou-se. Ajeitando os cabelos, pôs-se a caminhar pelo aposento. — Sabes o que eu estava

pensando, Maria? — começou imediatamente, agora que tinham feito as pazes, refletindo em voz alta diante da mulher. Não cogitava a questão sobre se ela estava disposta a escutá-lo. Era-lhe indiferente, se uma ideia lhe vinha à mente, ela devia saber essa ideia. E comunicou-lhe a intenção de convidar Pierre para ficar com eles até a primavera.

A condessa Maria escutou-o, fez as suas observações e, por seu turno, pôs-se a pensar em voz alta. Tratava das crianças.

— Já se percebe nela a mulher — disse em francês, designando a pequena Natacha. — Vocês nos censuram, a nós mulheres, por não termos lógica. Eis aí a nossa lógica. Eu digo: papai quer dormir, e ela responde: não, ele está rindo. E ela tem razão.

A condessa Maria tinha nos lábios um sorriso feliz.

— Sim, sim.

Nicolau pegou a criança, ergueu-a bem alto, sentou-a no seu ombro e pôs-se a correr em volta na salinha, segurando suas pernas. Pai e filha pareciam cada qual mais contente.

— Sabes? Tenho medo de que sejas parcial. Gostas demasiado desta — murmurou em francês a condessa Maria.

— Sim, mas o que fazer? Procuvo escondê-lo.

Nesse momento, ouviram-se no vestíbulo rumores e passos que denunciavam a chegada de alguém.

— Alguém chegou.

— Com certeza é Pierre. Vou ver.

E a condessa Maria saiu da salinha.

Nicolau recomeçou logo a correr em roda. Quando ficou completamente esbaforido, tirou a menina, que ria, de cima dos ombros e apertou-a contra o peito. Os pulos que tinha dado lhe lembravam da dança e, contemplando o rostinho redondo e feliz da criança, imaginava-a grande e ele, já velho, levando-a aos bailes. Recordou-se de como o seu falecido pai dançava *Danilo Cooper* com a filha.

— Nicolau! É ele! É ele! — disse a condessa Maria, entrando. — A nossa Natacha voltou à vida. Só vendo a alegria e as censuras que lhe fez por ter

demorado tanto! Então, vamos! Mais depressa! Separem-se de uma vez! — disse ela, sorrindo e olhando para a pequena colada ao peito do pai.

Nicolau saiu com a pequena Natacha nos braços. A condessa Maria ficou sozinha.

“Nunca teria imaginado que se pudesse ser tão feliz!”, disse consigo. Seu rosto iluminou-se com um sorriso, mas, ao mesmo tempo, ela suspirou e os seus olhos profundos exprimiram uma doce tristeza, como se, além da felicidade que experimentava, existisse outra, inacessível nesta vida, e cuja ideia lhe acudia ao espírito nesse momento.

X

Natacha casara-se no começo da primavera de 1813, e em 1820 já tinha três filhas e um filho, que muito desejara e que estava amamentando.

Tornara-se gorda e forte, de tal modo que era difícil reconhecer nessa mãe robusta a ativa e esbelta Natacha. As feições do seu rosto se haviam acentuado e tinham uma expressão de doce serenidade. Esse rosto já não tinha, como outrora, aquela chama sempre acesa que constituía o encanto de Natacha. Viam-se agora as feições e o corpo, mas não se via a alma: era apenas uma bela, robusta e fecunda fêmea. Muito raramente se inflamava nela a chama antiga. Só brilhava, agora, quando o marido voltava para casa, quando um filho se curava de uma doença, quando conversava com a condessa Maria sobre o príncipe André (com o marido nunca falava dele, julgando que Pierre tivesse ciúmes da memória do príncipe) e, muito poucas vezes, quando, por acaso, alguma coisa a fazia cantar — um prazer a que renunciara depois do casamento. E nesses raros momentos, em que a chama de outros tempos se acendia no seu belo corpo, era ainda mais atraente do que antes.

Desde o casamento, Natacha vivia com o marido em Moscou, em Petersburgo, no campo dos arredores de Moscou e na casa da mãe, isto é, de Nicolau. A jovem condessa era muito pouco vista na sociedade, e os que a encontravam mostravam-se decepcionados, não a achando graciosa nem amável. Não que gostasse da solidão (não sabia, com certeza, se gostava, achava que não), mas, dando filhos ao mundo e amamentando-os, participando de cada

instante da vida do marido, era obrigada a renunciar à vida social. Todos os que haviam conhecido Natacha antes do casamento admiravam-se da transformação que se operara nela, achando-a extraordinária. Só a velha condessa, que, por instinto materno, compreendera que a causa única de todos os arrebatamentos de Natacha era a necessidade de um marido e de uma família, como muitas vezes dissera em Otradnoie, mais por gracejo do que a sério. Só a mãe ficava surpreendida com a admiração das pessoas que não compreendiam Natacha, e dizia ter tido sempre a convicção de que Natacha seria uma esposa e mãe exemplares.

— Ela simplesmente leva ao extremo a afeição pelo marido e pelos filhos. Chega a ser mesmo ridículo — ajuntava.

Natacha não seguia aquele preceito áureo, proposto pelas pessoas inteligentes e sobretudo pelos franceses, de que uma moça casada não deve descuidar-se de si, deve cultivar seus talentos, cabendo-lhe até, mais do que quando solteira, a obrigação de se enfeitar e fazer-se encantadora aos olhos do marido, assim como o fazia antes de casar. Ela havia, pelo contrário, abandonado todas as suas seduções, entre as quais a que era particularmente poderosa: o canto. E abandonara-o, precisamente, por ser o seu mais forte encanto. Natacha não cuidava nem das suas maneiras, nem da linguagem, nem da toalete, nem do trajar; não procurava mostrar-se ao marido nas poses que mais a favoreciam, nem evitava de aborrecê-lo com exigências excessivas. Muito ao contrário, sentia que os encantos de que antes aprendera intuitivamente a utilizar-se seriam agora ridículos aos olhos do marido, a quem, desde o primeiro momento, se entregou de toda a alma, isto é, sem lhe deixar fechado um só escaninho do seu ser. Sentia que os laços que a uniam ao marido não tiravam força do sentimento poético que o atraía para ela, mas de qualquer coisa indefinida, porém sólida, como os liames da sua própria alma com o corpo.

Frisar os cabelos, pôr um vestido da moda, cantar uma romança, tudo isso para cativar o marido, lhe parecia tão estranho como enfeitar-se para contentar a si mesma. Enfeitar-se para agradar os outros talvez lhe desse prazer (ignorava se seria assim), mas não tinha tempo para isso. A causa principal que fazia com que ela não se ocupasse em absoluto com a toalete nem com a escolha das palavras era a falta de tempo.

Sabe-se que as pessoas têm a capacidade de se absorver inteiramente numa ocupação, por mais ínfima que pareça, e sabe-se também que não existe objeto, por ínfimo que seja, que não se engrandeça até o infinito quando a atenção nele se concentra.

O objeto que absorvia Natacha era a sua família, isto é, o marido, que ela conduzia de maneira a pertencer exclusivamente a ela, à sua casa, e os filhos, que tinha de pôr no mundo, amamentar e educar.

E quanto mais mergulhava, não só com a razão, mas com toda a alma, todo o ser, no objeto que a ocupava, mais este objeto se engrandecia para ela e mais fracas lhe pareciam as suas forças, de modo que, mesmo concentrando suas forças numa só coisa, não conseguia fazer tudo o que lhe parecia necessário.

Nesse tempo, as conversas e discussões sobre os direitos da mulher e suas relações com o marido, direitos e liberdades eram as mesmas de agora, embora não fossem, como agora, denominadas de *questões*. Mas esses assuntos não a interessavam, ou melhor, ela não os compreendia. Naquele tempo, como agora, essas questões só existiam para os que, no casamento, veem apenas o prazer que reciprocamente se proporcionam marido e mulher, isto é, apenas o começo da vida conjugal, e não toda a sua importância, que consiste na família.

Os argumentos de outrora e as questões de hoje se assemelham à questão “como extrair o maior prazer de um jantar?”. E os mesmos não existiam outrora, como hoje, para as pessoas que pensam ser a alimentação a finalidade do jantar e a família a finalidade da vida matrimonial.

Se a finalidade do jantar não é senão a nutrição do corpo, aquele que come dois jantares de uma só vez retira daí, quiçá maior prazer, mas não realiza a finalidade, pois o estômago não poderá digerir os dois jantares. Se a finalidade do casamento é a família, quem quiser ter diversas mulheres, ou diversos maridos, sentirá talvez mais prazer, mas em caso algum poderá possuir uma família.

Se a finalidade do jantar é a alimentação e a do casamento, a família, então todo o problema se reduz a não comer mais do que pode digerir o estômago nem ter mais mulheres ou maridos do que é necessário para a família, isto é, não ter mais de um.

Natacha necessitava de um marido. Recebera esse marido e ele lhe dera uma família. Não somente não via a necessidade de outro marido, de um marido melhor, como todas as energias da sua alma eram empregadas em servir esse marido, essa família. Ela não podia nem desejava imaginar o que teria acontecido se não fosse assim.

Natacha não gostava em geral da sociedade, mas tinha em alta estima a companhia dos parentes: a condessa Maria, seu irmão, sua mãe e Sônia. Estimava a companhia das pessoas com quem podia correr, saindo do quarto das crianças, vestida com um robe, despenteada, e alegremente mostrar o cueiro manchado de amarelo, e não de verde, recebendo o conforto consolo de que a criança estava muito melhor.

Natacha esquecia-se a tal ponto de si mesma que os seus trajes e penteados, os seus ditos despropositados, o seu ciúme — tinha ciúmes de Sônia, da ama, de toda mulher, bonita ou feia — eram assunto constante de gracejos entre seus próximos. Na opinião comum, Pierre vivia preso às saias da mulher. E era verdade. Nos primeiros dias de casados, Natacha formulou as suas exigências. Pierre admirou-se dessa pretensão — nova para ele — de sua mulher, que consistia em querer que todos os minutos da sua vida pertencessem a ela e à família. Ele surpreendeu-se com essas exigências, mas ficou lisonjeado e consentiu sem observações.

A submissão de Pierre consistia em não ousar fazer a corte a outras mulheres e, mais ainda, não se atrever a falar com elas sorrindo, a ir jantar no clube ou a alguma outra parte para passar o tempo, não gastar dinheiro com os seus prazeres pessoais nem se ausentar por muito tempo, salvo por motivos de negócios. Entre estes, sua mulher incluía certas ocupações científicas de que nada entendia, mas que julgava muito importantes. Em compensação, Pierre tinha, em casa, o direito de dispor não só dela, mas de toda a família. Em casa, Natacha tornava-se a escrava do marido, e todos caminhavam nas pontas dos pés quando Pierre estava lendo ou escrevendo no seu gabinete. Bastava-lhe mostrar a mais leve preferência para que esta fosse logo respeitada. Nem bem ele exprimia um desejo, Natacha apressava-se a satisfazê-lo.

Toda a casa era governada pelas ordens imaginárias do marido, isto é, pelos desejos de Pierre, que Natacha procurava adivinhar. A escolha de residência e de

modo de vida, as relações sociais, as ocupações de Natacha, a educação das crianças, não somente tudo se fazia de acordo com a vontade expressa de Pierre, mas também com as deduções que Natacha procurava tirar das ideias expostas por ele em conversa. Adivinhava sempre o que havia de essencial nos seus desejos e, uma vez formada a sua convicção, mantinha-se fiel ao que resolvera. Quando Pierre vinha a mudar de opinião, Natacha lutava contra ele com as suas próprias armas.

Foi o que aconteceu durante o momento penoso, sempre presente na memória de Pierre, que se seguiu ao nascimento do primeiro filho, muito fraco, quando tiveram que mudar três vezes de ama de leite e Natacha adoeceu de ansiedade. Um dia Pierre lhe expôs as ideias de Rousseau sobre o aleitamento materno e o perigo das amas de leite, ideias com que dizia concordar inteiramente. Com o segundo filho, apesar da oposição da mãe, dos médicos e até do marido, a todos uma coisa inaudita e prejudicial, Natacha insistiu em amamentar ela mesma, e o mesmo fez com os seguintes. Não raro, num instante de arrebatamento, acontecia de os dois entrarem numa discussão. Mas, muito tempo após a discussão, Pierre notava com surpresa e alegria, nos atos e nas palavras da mulher, a mesma ideia que ela havia atacado. E não ele só descobria aquela ideia, como a encontrava depurada de todo exagero que ele, no seu arrebatamento, introduzira na discussão.

Após sete anos de vida em comum, Pierre tinha a consciência firme e satisfeita de não ser um homem mau, e isso porque se via refletido na mulher. Em si mesmo sentia o bem e o mal misturados, atenuados um pelo outro, mas em sua mulher só se refletia o que era verdadeiramente bom. Tudo que não fosse bom era rejeitado, e este resultado não era conseguido pelo pensamento lógico, mas por meio de um reflexo misterioso, imediato.

XI

Dois meses antes, Pierre, que já estava na casa dos Rostov, recebera uma carta do príncipe Feodor, chamando-o a Petersburgo para discutir várias questões importantes, levantadas pelos membros de uma sociedade que Pierre ajudara a fundar.

Depois de ler essa carta (como fazia com todas as cartas do marido), Natacha, apesar do aborrecimento que lhe causava a ausência dele, propôs-lhe espontaneamente que fosse a Petersburgo. Natacha dava sempre grande importância a tudo o que constituía a ocupação intelectual e abstrata do marido, mesmo sem compreendê-la, e temia sempre criar obstáculos a essa atividade. Ao olhar interrogador e tímido de Pierre após a leitura da carta, ela aconselhou-o a partir, mas sob a condição de lhe determinar o dia exato da volta. Pierre obteve uma licença de quatro semanas.

Havia duas semanas que expirara a prorrogação da licença, e Natacha encontrava-se num estado constante de temor, tristeza e enervamento.

Denissoff, general reformado e descontente com a situação atual, que chegara durante essas duas últimas semanas, observava Natacha com espanto e tristeza, como se observasse um retrato transformado de um ser antes amado. O olhar triste e aborrecido, as respostas fora de propósito, as incessantes conversas sobre as crianças, era tudo o que ele via e ouvia da antiga feiticeira.

Durante esse período, Natacha esteve melancólica e irritável, especialmente quando, para consolá-la, sua mãe, seu irmão, Sônia ou a condessa Maria procuravam justificar a demora de Pierre.

— Tudo isso são bobagens. Todos esses projetos que não levam a nada e todas essas sociedades idiotas! — dizia ela dos mesmos negócios em cuja importância acreditava tão firmemente. E ia ao quarto das crianças dar de mamar ao seu filho Pétia.

Ninguém sabia consolá-la tão bem como aquela criaturinha de seis meses, quando ela a apertava contra o peito e sentia a sucção dos seus lábios e o fungar do seu narizinho.

A criaturinha parecia dizer: “Tu te irritas, tens ciúmes, queres vingar-te, tens medo, enquanto que eu estou aqui, e eu sou ele...” E não se podia objetar nada; era mais do que verdade.

Durante essas duas semanas de inquietação, Natacha recorreu tantas vezes ao filho para se acalmar, ocupou-se tanto dele, deu-lhe o seio tantas vezes que ele acabou por adoecer. Essa doença, que horrorizou Natacha, era, contudo, exatamente do que ela necessitava. Cuidando dele, suportava com mais facilidade a inquietação que lhe causava a ausência do marido.

Estava-lhe dando de mamar quando a carruagem de Pierre se deteve perto do patamar e a velha criada, que conhecia os meios de alegrar a patroa, entrou no quarto silenciosa, mas rapidamente, com ar alvissareiro.

— Ele chegou? — perguntou num sussurro Natacha, com receio de se mover e acordar a criança, que começava a adormecer.

— Chegou, patroa!

O sangue correu no rosto de Natacha e suas pernas fizeram um movimento involuntário, mas ela não podia correr. A criança abriu os olhinhos, parecia dizer “Estás aqui?” e fez um movimento de beijo preguiçoso com os lábios. Natacha retirou suavemente o seio, embalando o menino, entregou-o à velha criada e, a passos rápidos, dirigiu-se para a porta. Deteve-se ali, tomada de remorso por se alegrar tanto e abandonar tão depressa a criança. Virou-se para trás. A criada estava pondo o menino no berço.

— Vá, vá, patroa, esteja sossegada, vá — murmurou a velha, sorrindo familiarmente a Natacha.

E ela correu, ligeira, para a antecâmara.

Denissov, que saía do seu quarto para o salão, fumando um cachimbo, reconheceu então pela primeira vez a antiga Natacha. Uma luz clara e alegre brilhava no seu rosto transfigurado.

— Ele chegou! — exclamou Natacha, enquanto corria.

E Denissov sentiu-se, ele mesmo, contente com a chegada a Pierre, de quem não gostava muito. Chegando à antecâmara, Natacha viu uma grande figura, envolta numa peliça, tirando o cachecol.

“É ele! É ele! É verdade! Ali está ele!”, exclamou para si. Correndo para ele, abraçou-o e apertou-o contra si, depois recuou e contemplou o rosto avermelhado, entanguido e feliz de Pierre. “Sim, é ele, feliz e contente...”

E, de súbito, recordou-se de todos os sofrimentos da espera, suportados naquelas duas semanas. Desapareceu a alegria que clareava seu semblante; franziu o cenho, e imediatamente Pierre ouviu as censuras e as palavras amargas.

— Sim, para ti está muito bem, vens todo contente, te divertiste... E eu? Se pelo menos pensasses nas crianças... Estou amamentando, o meu leite estragou... Pétia esteve à beira da morte. E tu? Estás alegre... sim, alegre...

Pierre não se sentia culpado. Não lhe fora possível regressar antes, sabia que, da parte dela, esse arrebatamento era injustificado e que passaria dois minutos depois. Sobretudo, sentia-se alegre e feliz. Queria sorrir, mas nem ousava pensar nisso. Assumiu uma expressão culpada, assustada, e curvou a cabeça.

— Eu não podia, juro-te... Mas como vai Pétia?

— Agora melhorou. Vamos. Devias ter vergonha! Se soubesses em que estado fico quando não estás aqui, como me atormento...

— Tu vais bem?

— Vamos, vamos! — disse ela sem lhe soltar a mão. E dirigiram-se para os seus aposentos.

Quando Nicolau e a mulher vieram procurar Pierre, ele estava no quarto das crianças e fizera sentar na sua enorme mão direita o bebê, que acordara e cujo largo rosto, com a boca aberta, sem dentes, se expandia num riso feliz.

Havia muito que a tempestade amainara e um claro sol brilhava no rosto de Natacha, que contemplava o marido e o filho.

— E disseste mesmo tudo ao príncipe Feodor? — perguntou Natacha.

— Sim, tudo.

— Estás vendo? Ele já firma a cabeça (Natacha referia-se ao bebê). Ah! Quanto medo ele me deu... Viste a princesa? É verdade que ela está apaixonada por aquele fulano?

— Sim, faze ideia...

Neste momento entravam Nicolau e a condessa Maria. Sem deixar o filho, Pierre curvou-se para beijá-los e respondeu às suas perguntas. Via-se, porém, que apesar do grande número de coisas interessantes que ele tinha de contar, aquela criatura com cabecinha vacilante, de touca, prendia toda a atenção de Pierre.

— Como ele é engraçadinho! — disse a condessa Maria, fazendo festa para a criança. — Sabes, Nicolau? — disse ao marido. — Não compreendo como tu não aprecias o encanto destas pequeninas maravilhas.

— Não compreendo, não consigo compreender — respondeu Nicolau, olhando o bebê com ar indiferente. — Um pedaço de carne. Vem, Pierre...

— E, no entanto, é um pai tão carinhoso! — tornou a condessa Maria, para justificar Nicolau. — Mas só depois de o filho fazer um ano.

— Não, Pierre é admirável para cuidar dos pequenos! — respondeu Natacha.
— Diz que a mão dele foi feita sob medida para o traseiro do bebê. Olhem.
— Sim, mas não só para isso! — gritou Pierre de repente, rindo e entregando a criança à velha criada.

XII

Como em todas as verdadeiras famílias, viviam juntas na casa de Lissia-Gori pessoas completamente diferentes que, conservando as suas peculiaridades individuais e fazendo-se concessões mútuas, formavam um todo harmonioso. Cada acontecimento que ocorria na casa era igualmente alegre ou triste, importante ou não, para todas essas pessoas, mas cada uma tinha motivos particulares, independentes das demais, para entristecer-se ou alegrar-se com determinado acontecimento. Assim, a chegada de Pierre era um acontecimento alegre e importante, e o era para todos.

Os criados, que são os melhores juizes dos seus patrões, porque não julgam pelas conversas e pela expressão dos sentimentos, mas pelos atos e o modo de vida, estavam contentes com a chegada de Pierre. Sabiam que em sua presença o conde deixaria de ir diariamente às terras e se mostraria mais alegre e melhor, e também sabia que todos receberiam belos presentes para a festa.

As crianças e as preceptoras alegravam-se com a chegada de Pierre porque ninguém melhor que ele as fazia participar da vida comum. Só ele sabia tocar no cravo aquela escocesa, única música do seu repertório, e ao som dela, dizia Pierre, podia-se dançar qualquer dança. E, na certa, ele trazia presentes para todos.

Nikolenka, que tinha agora quinze anos e era um rapazinho magro, doentio, muito inteligente, com cabelos louros encaracolados e bonitos olhos, alegrava-se porque o tio Pierre, como ele o chamava, era objeto de sua admiração e de sua ternura apaixonada. Ninguém influenciara Nikolenka nesse amor especial por Pierre e, mesmo, raramente o via. A condessa Maria, responsável por ele, fazia todo o possível para que ele criasse afeição por seu marido, e Nikolenka até gostava do tio, mas com um leve toque de desdém. Quanto a Pierre, adorava-o. Não queria ser hussardo nem cavaleiro de São Jorge, como o tio Nicolau; queria ser instruído, inteligente e bom, como Pierre. Na presença dele, o seu rosto sempre tinha uma expressão alegre, e corava de prazer, com o coração dispartido, quando Pierre lhe dirigia a palavra. Não deixava escapar nada do que dizia Pierre

e depois, com Desalles ou sozinho, buscava a significação de cada uma das suas palavras.

A vida passada de Pierre, os seus sofrimentos até 1812 (de que fazia uma vaga ideia pelo que tinha ouvido contar), as suas aventuras em Moscou, a prisão, Platão Karataiev (de quem ouvira Pierre falar), o seu amor a Natacha (que ele amava com um ânimo infantil) e, principalmente, a amizade com o pai dele, de quem já não se lembrava, tudo isso fazia de Pierre um herói, um ser sagrado.

Pelas palavras entrecortadas sobre seu pai e Natacha, por essa emoção com que Pierre falava do falecido, pela ternura devota com que Natacha falava dele, o rapazinho, que apenas começava a entender o amor, desenvolvera a ideia de que seu pai tinha amado Natacha e, ao morrer, deixara-a ao amigo. E esse pai, de quem o filho já não se lembrava, aparecia-lhe como um deus que não se pode imaginar vivo, e nunca pensava nele sem uma palpitação do coração, sem lágrimas de tristeza e de entusiasmo. E Nikolenka sentia-se feliz com a chegada de Pierre.

Os hóspedes estavam contentes com a chegada de Pierre, como ficam os convidados com a chegada de um homem que sempre anima uma reunião e aproxima ainda mais as pessoas que a compõem.

Os adultos da família, sem falar em sua mulher, estavam contentes por ver um amigo junto de quem a vida era mais fácil e mais agradável.

As velhas estavam contentes por causa dos presentes que ele trazia e sobretudo porque Natacha iria recobrar a sua alegria.

Pierre sentia todas essas expectativas depositadas na sua pessoa e apressava-se a dar a cada um o que era esperado.

Pierre, que era o mais distraído dos homens, fizera contudo as compras que lhe encomendara a mulher, de acordo com a lista preparada, sem esquecer também as encomendas da mãe e do irmão, nem o vestido para dar em presente à senhora Bielova, nem os brinquedos para os sobrinhos. Nos primeiros tempos do casamento, parecia-lhe estranho Natacha exigir que ele não esquecesse nada do que se encarregara de comprar, e na primeira viagem admirou-se de vê-la triste porque ele esquecera tudo. Depois ele se acostumou.

Sabendo que Natacha não fazia encomendas para si mesma, e que só as fazia para os outros quando ele próprio se oferecia, experimentava agora um prazer

infantil, que o surpreendia, nessas compras de presentes para todas as pessoas de casa, e jamais esquecia ninguém. Se merecia, agora, as censuras de Natacha, era por comprar em excesso e demasiado caro. A todos os seus defeitos, na opinião geral, mas qualidades aos olhos de Pierre, como a falta de vaidade, Natacha acrescentara um novo: a avareza.

Desde que Pierre vivia em família, em uma casa espaçosa que impunha grandes despesas, notava com surpresa que passara a gastar duas vezes menos do que antes e que as suas finanças, sobretudo nos últimos tempos, iam-se restaurando, apesar das dívidas da primeira mulher. Sua vida era menos dispendiosa por ser mais regular: o luxo, que integra uma vida que pode mudar a cada momento, Pierre não o tinha mais nem desejava tê-lo. Sentia que a sua vida estava definitivamente fixada até a morte, que já não tinha o poder de modificá-la, e eis a razão por que vivia sem grandes despesas.

Pierre estava desembulhando os presentes, com um ar satisfeito e sorridente.

— Nada mau, hein? — disse, desenrolando um corte de pano, como um negociante ao balcão.

Natacha, que estava sentada diante dele e tinha a filha no colo, correu rapidamente o olhar dos olhos brilhantes do marido para o objeto que ele lhe mostrava.

— É para Madame Bielova? Muito bom. (Segurava o pano entre os dedos.) Com certeza custou um rublo.

Pierre disse-lhe o preço.

— É caro — observou Natacha. — Mas como as crianças ficarão contentes, e mamãe também! Apenas não valia a pena comprar isso para mim — acrescentou, sem poder conter um sorriso enquanto admirava um pente de ouro cravejado de pérolas, objeto que começava a entrar na moda.

— Foi Adélia que me fez comprá-lo — disse Pierre.

— Quando será que poderei usá-lo? — continuou ela, cravando o pente nas tranças. — Quando começarmos a levar Machenka a passeios pode ser que estejam usando isso de novo. Bem, vamos!

Pegaram os presentes e foram primeiro ao quarto das crianças, depois aos aposentos da condessa.

Quando Pierre e Natacha entraram carregando os pacotes, a condessa, segundo o seu hábito, estava sentada junto de Madame Bielova, jogando uma paciência real.

A condessa tinha passado dos sessenta anos. Estava com o cabelo completamente branco e usava uma touca guarnecida de fita que cercava seu rosto. A expressão desse rosto era crispada, com o lábio inferior encolhido para dentro, os olhos turvos.

Depois das mortes tão próximas do filho e do marido, sentia-se uma criatura sem significação e sem finalidade, esquecida neste mundo por acaso. Comia, dormia, bebia, andava, mas não vivia. A vida não lhe deixava nenhuma impressão. Nada pedia à vida senão a tranquilidade, e essa tranquilidade só podia encontrar na morte. Enquanto esperava, porém, era preciso viver, isto é, usar as suas energias vitais. Notava-se nela, no mais alto grau, aquilo que se nota nas crianças pequeninas e nas pessoas muito velhas: a sua vida não tinha nenhuma finalidade exterior, só possuía a capacidade de exercer as suas diversas funções e aptidões. Se sentia necessidade de comer, dormir, pensar, chorar, conversar, trabalhar, irritar-se etc., era unicamente porque possuía um estômago, um cérebro, músculos, nervos, um fígado.

Fazia tudo isso sem que nada de exterior a provocasse, e não como as pessoas na plenitude da vida, quando os objetivos almejados nos escondem esse outro objetivo, que é o de exercer as suas faculdades. Ela falava porque tinha a necessidade física de fazer funcionarem a língua e os pulmões. Chorava como uma criança porque precisava de assoar o nariz etc. O que era um objetivo para as pessoas, para ela era desculpa.

Assim, pela manhã, principalmente se na véspera havia comido algum alimento gorduroso, tinha necessidade de zangar-se e usava como pretexto a surdez de Madame Bielova. Dizia-lhe alguma coisa no canto do quarto, em voz muito baixa:

— Parece que está um pouco mais quente hoje, minha querida — murmurava. E, quando Madame Bielova respondia: “É verdade, ele chegou”, resmungava com raiva: — Santo Deus, como ela é surda e idiota!”

Outro pretexto era o rapé, que ela achava ora seco, ora úmido ou mal pulverizado. Depois dessas demonstrações de irritação, espalhava-se a raiva no

rosto, e as criadas sabiam, por índices seguros, quando Madame Bielova sofreria por ser surda, quando o rapé voltava a ser úmido e quando o rosto da condessa tornaria a desfigurar pela raiva. Assim como precisava fazer circular a sua bÍlis, também sentia por vezes a necessidade de fazer uso da capacidade de pensar que lhe restava, e encontrava incentivo para isso num jogo de paciência. Se havia necessidade de chorar, falava no falecido conde. Quando precisava inquietar-se, o pretexto era Nicolau e a saúde dele. Quando precisava falar mal de alguém, o alvo era a condessa Maria. Quando precisava desenferrujar a voz — o que acontecia em geral pelas sete horas da noite, após a digestão feita no seu quarto escuro —, escolhia sempre a mesma história, contada ao mesmo público.

Todas as pessoas da casa compreendiam o estado da velha, se bem que ninguém jamais falasse nisso, e todos se esforçavam o máximo possível para lhe satisfazer os desejos. Só por alguns raros olhares meio sorridentes, meio tristes, trocados entre Nicolau, Pierre, Natacha e a condessa Maria, é que se exprimia a compreensão comum do estado da velha condessa.

Mas esse olhar exprimia ainda outra coisa. Queria dizer que ela já tinha cumprido a sua missão neste mundo, que não estava inteiramente presente diante deles, que todos se tornariam semelhantes a ela e que era um prazer obedecer e conter-se em nome desse ser outrora querido, outrora cheio de vida e agora tão miserável. *Memento mori*, parecia dizer esse olhar.

Entre as pessoas da casa, só as completamente más ou tolas, e as criancinhas, deixavam de compreender e fugiam da condessa.

XIII

Quando Pierre entrou no salão com a mulher, a condessa estava entregue à necessidade habitual de ocupar o cérebro com uma paciência real. Pronunciou, por hábito, as palavras que sempre dizia quando o genro ou o filho voltava: “Já era tempo, já era tempo, meu caro. Há muito que o esperávamos. Bem, louvado seja Deus!” Durante a distribuição dos presentes, também disse: “Não é o presente que acho tão precioso, meu caro. Obrigada por ter se lembrado da velha.” Mas, apesar de tudo isso, via-se que a chegada de Pierre nesse momento lhe era desagradável por distraí-la da paciência. Só depois de terminar o jogo foi que se pôs a examinar os presentes.

Os presentes eram um estojo de baralho com magníficos detalhes, uma xícara de porcelana de Sèvres azul-clara, com uma tampa em que havia figuras de

pastoras pintadas, e uma tabaqueira de ouro com o retrato do conde, que Pierre encomendara a um miniaturista de Petersburgo (havia muito que a condessa desejava um objeto semelhante). Como, nesse momento, ela não tinha vontade de chorar, não prestou grande atenção ao retrato e interessou-se mais pelo estojo.

— Obrigada, meu caro, gostei muito, mas o melhor de tudo é teres chegado. A vida aqui tem sido um despropósito sem ti. Ao menos ralha com tua mulher, quando não estás aí, fica como uma doida, não vê nada, não se lembra de nada — disse ela, como sempre em tais circunstâncias. — Olha, Ana Timofievna, o estojo que o meu filho nos trouxe.

Madame Bielova admirava o presente e extasiava-se com o seu corte de tecido.

Embora Pierre, Natacha, Nicolau, a condessa Maria e Denissov tivessem que conversar sobre muitas coisas, não podiam falar diante da condessa — não que escondessem dela, mas porque ela estava tão atrasada em muitos assuntos que se comesçassem a falar na sua presença seria preciso responder-lhe às perguntas descabidas e repetir várias vezes coisas já ditas: contar que fulano morrera e beltrano se casara, o que ela não tardava a esquecer. Apesar disso, como de costume, ficaram no salão, diante do samovar, e Pierre respondeu às perguntas, inúteis em si mesmas e sem interesse para ninguém, que lhe dirigiu a condessa: se o príncipe Vassili está mais velho, se a condessa Maria Alexievna manda lembranças etc.

Essa conversa, necessária embora não interessasse a ninguém, desenrolava-se durante o chá. Em volta da mesa redonda, perto do samovar, entregue aos cuidados de Sônia, estavam reunidos todos os adultos da família. As crianças, os preceptores e as preceptoras já tinham tomado o chá e ouviam-se as suas vozes na sala vizinha. Ao chá, cada um tinha o seu lugar marcado. Nicolau estava perto da estufa, diante de uma mesinha em que lhe era servida a sua taça; a velha cadela Milka, filha da primeira Milka, com a sua cabeça completamente grisalha que ainda mais fazia ressaltar os grandes olhos negros, estava deitada perto dele, debaixo da poltrona; Denissov, cujos cabelos encaracolados estavam quase brancos, e que usava bigode e suíças, com a túnica de general desabotoada, estava sentado junto da condessa Maria. Pierre sentava-se entre sua mulher e a velha condessa. Contava o que julgava interessar à velha, o que soubera das

pessoas com quem ela convivia outrora e que, outrora, formavam um mundo real, vivo e especial, mas cuja maioria, dispersa agora no mundo, como ela, terminava os seus dias recolhendo os últimos espinhos do que tinha semeado. Mas eram justamente essas pessoas que, à condessa, pareciam formar o mundo verdadeiro e sério. Pela animação de Pierre, Natacha via que a viagem fora interessante e que ele desejava contar muitas coisas, mas que não ousava falar diante da condessa. Denissov, que não era da família e por isso não compreendia a prudência de Pierre, estava descontente. Interessava-se muito mais pelo que se passava em Petersburgo, e a todo momento incitava Pierre a contar notícias sobre o regimento Semenovski, ou a falar de Araktcheiev ou da Sociedade Bíblica. Por vezes, Pierre deixava-se levar por ele e começava a contar, mas logo Nicolau e Natacha o faziam voltar à saúde do príncipe Ivan e da condessa Maria Antonovna.

— Então toda essa loucu'a, Gossne' e Madame Tata'inova — perguntou Denissov. — Tudo isso continua?

— Se continua! — exclamou Pierre. — Cada vez mais forte. A Sociedade Bíblica é agora o governo.

— O que é isso, meu caro? — perguntou a condessa, que tomara o chá e parecia procurar um pretexto para zangar-se. — O que estas dizendo? O governo? Não compreendo.

— A senhora sabe, mamãe — acudiu Nicolau, que sabia como isso devia ser traduzido na linguagem de sua mãe —, foi o príncipe Alexandre Nikolaievitch Golitzine que fundou uma sociedade. Dizem que ela se tornou muito poderosa.

— Araktcheiev e Golitzine são agora o governo — prosseguiu Pierre, imprudentemente. — E que governo! Em tudo veem conspirações, têm medo de tudo.

— Como?! Que mal fez o príncipe Alexandre Nikolaievitch? É um homem muito digno. Encontrei-o já na casa de Maria Antonovna — disse a condessa em tom zangado. E, ainda mais ofendida com o silêncio que acolhia as suas palavras, continuou: — Hoje em dia julga-se e condena-se todo o mundo. Uma sociedade evangélica? Então? Que mal há nisso?

Levantou-se (todos a imitaram) e, com ar sério, dirigiu-se para a sua mesa.

No meio do silêncio triste que se fizera, ouviram-se vozes e risos de crianças. Evidentemente, ocorrera entre elas um incidente alegre.

— Está pronto! Está pronto! — dizia a voz da pequena Natacha, dominando todas as outras.

Pierre trocou um olhar com a condessa Maria e Nicolau (não perdia Natacha de vista) e sorriu alegremente:

— Aí está uma música maravilhosa — disse.

— Foi Ana Makharovna que terminou o tricô — explicou a condessa Maria.

— Oh! Vou ver! — fez Pierre, rindo e pondo-se em pé. — Sabes por que motivo gosto particularmente dessa música? — disse, parando junto da porta. — São eles os primeiros que me fazem saber que tudo vai bem. Hoje, à chegada, quanto mais perto estava de casa, mais aumentava o meu medo. Entrei no vestíbulo e ouvi o grito de Andrucha. Então era que tudo ia bem!

— Eu conheço, eu conheço esse sentimento — confirmou Nicolau. — Mas não posso ir lá... é uma surpresa que estão fazendo para mim.

Pierre entrou no quarto das crianças. Redobraram os risos e os gritos.

— Então, Ana Makharovna! — dizia a voz de Pierre. — Venha cá para o meio do quarto, e, quando eu disser três... Tu, vem cá, eu te tomarei nos braços... Bem, um... dois... — continuou Pierre. Fez-se o silêncio. — Três!

As vozes entusiastas das crianças encheram o quarto.

— Duas! Duas! — gritavam elas.

Eram duas meias que Ana Makharovna, por um processo só dela conhecido, tricotava ao mesmo tempo, e que sempre retirava uma da outra, solenemente, diante das crianças, quando estavam terminadas.

XIV

Pouco depois as crianças vieram dizer boa-noite. Todos as beijaram. Os preceptores e as preceptoras cumprimentaram e saíram. Só ficou Desalles com o seu discípulo, que ele convidou em voz baixa para descer.

— Não, Monsieur Desalles, vou pedir a minha tia que me deixe ficar — respondeu-lhe Nicolau Bolkonski. — Titia, dá licença para ficar? — perguntou,

aproximando-se da condessa Maria. O seu rosto exprimia súplica, emoção e entusiasmo. A condessa Maria olhou para ele e dirigiu-se a Pierre.

— Quando está aqui, ele não consegue se separar do senhor.

— Eu levarei Nikolenka daqui a pouco, Monsieur Desalles. Boa noite — disse Pierre, estendendo a mão ao preceptor. E, falando com Nikolenka, com um sorriso: — Ainda não tínhamos conversado. Como está ficando parecido com ele, Maria!

— Com o meu pai? — disse o rapaz, corando e dirigindo para o rosto de Pierre um olhar brilhante e entusiasta.

Pierre fez um gesto afirmativo com a cabeça e continuou a conversa interrompida pelas crianças. A condessa Maria tinha um bordado nas mãos e Natacha contemplava o marido, com os olhos fixos. Nicolau e Denissov levantaram-se, pediram cachimbos, fumaram, tomaram o chá que lhes serviu Sônia, que estava melancólica, obstinadamente sentada junto ao samovar, e fizeram perguntas a Pierre.

O rapazinho de cabelo encaracolado, ar doentio, olhos brilhantes, estava sentado a um canto sem ser notado por ninguém e só voltava na direção de Pierre a sua cabeça anelada e o pescoço fino, que emergia do colarinho engomado. De tempos a tempos estremecia e murmurava qualquer coisa, provocada, evidentemente, por uma emoção violenta e nova.

A conversa descambou para as fofocas das altas esferas do governo, o que a maioria das pessoas vê como o principal da política interna. Denissov, que estava descontente com o governo por causa do seu fracasso no exército, ouvia com júbilo todas as tolices que, segundo ele, eram então cometidas em Petersburgo, e em termos rígidos e enérgicos emitia opiniões sobre o que dizia Pierre.

— Antigamente e'a p'eciso se' alemão, ago'a é p'eciso dança' com Madame Tata'nova e Madame K'üdner... le' Eckba'tshausen e toda essa cambada. Oh! Bom se'ia se soltassem de novo o nosso amigo Bonapa'te! Ele acaba'a com todas essas asnei'as! Mas não é o cúmulo da'em a esse tal Schwa'tz o 'egimento Semenovski? — exclamou.

Embora não tivesse a mesma tendência a ver erro em tudo, Nicolau julgava também muito digno e importante criticar o governo, e o fato de A ter sido nomeado ministro e B governador de tal ou tal província, de ter o imperador dito

isto ou aquilo, e de ter um ministro falado outra coisa qualquer, tudo isso lhe parecia importantíssimo, achava necessário interessar-se por essas coisas, e interrogava Pierre. Devido às perguntas dos dois interlocutores, a conversa mantinha-se no ponto habitual dos mexericos das altas esferas administrativas.

Mas Natacha, que conhecia todos os pensamentos e as maneiras do marido, percebia que há muito Pierre queria, mas não conseguia, desviar a conversa e exprimir os seus pensamentos íntimos, os motivos que o tinham levado a Petersburgo para consultar o seu novo amigo príncipe Feodor. Ela veio em seu auxílio, perguntando em que pé estava o seu assunto com o príncipe Feodor.

— De que se trata? — perguntou Nicolau.

— Sempre da mesma coisa — respondeu Pierre, olhando em torno de si. — Todos veem que os negócios andam tão mal que não se pode deixá-los nesse estado, e o dever de todos os homens de bem é reagir.

— Mas o que podem fazer os homens de bem? — disse Nicolau, franzindo de leve o cenho. — O que se pode fazer?

— Podem...

— Bem, vamos para o meu gabinete — disse brucamente Nicolau.

Natacha, que sabia ser hora de dar de mamar ao bebê, ouviu a ama chamá-la e foi para o quarto das crianças. A condessa Maria acompanhou-a. Os homens dirigiram-se para o gabinete de trabalho e Nikolenka Bolkonski, a quem eles não prestavam atenção, introduziu-se lá também e sentou-se à sombra, perto da escrivaninha.

— Então? O que pensa faze'? — perguntou Denissov.

— Sempre fantasias! — disse Nicolau.

— Bem — começou Pierre, sem sentar-se. E, ora caminhando, ora parando, engrolando as palavras e gesticulando vivamente, continuou: — Esta é a situação em Petersburgo: o imperador não se interessa por nada. Está todo entregue ao misticismo (Pierre, agora, não perdoava a ninguém o misticismo). Tudo que ele pede é sossego, e só consegue esse sossego através desses homens sem fé nem consciência, Magnitzki, Araktcheiev e *tutti quanti*, que sufocam e destroem tudo que há de bom... Hás de convir que, se tu não te ocupasses pessoalmente com as tuas terras e só procurasses a calma, quanto mais cruel fosse o teu administrador, mais rápido alcançarias teu objetivo — disse a Nicolau.

— Mas por que dizes tudo isso? — perguntou este.

— Porque tudo se corrompe! Nos tribunais o roubo é a ordem do dia, no exército tudo só acontece a pauladas, marchas, assentamentos. O povo é martirizado, a instrução está sufocada. Persegue-se tudo que é jovem e digno. A corda está muito esticada e fatalmente arrebentará. É inevitável e todos percebem — disse Pierre (desde que existem governos, todos que examinam a fundo seus atos falam no mesmo tom). — Em Petersburgo eu lhes disse uma coisa...

— A quem? — perguntou Denissov.

— Ora! Você sabe a quem — disse Pierre, olhando-o de lado com ar de importância. — Ao príncipe Feodor e aos outros: incentivar a instrução e as obras de beneficência é bom, não há dúvida, o fim é bom, mas nas presentes circunstâncias é preciso outra coisa...

Neste momento, Nicolau notou a presença do sobrinho. Seu rosto anuviou-se. Aproximou-se dele.

— Por que estás aqui?

— Ora, deixa-o — disse Pierre, segurando o menino pelo braço. E continuou: — É pouco, disse eu a eles, agora é preciso fazer outra coisa mais do que ficar parado, à espera de que a corda arrebente de um momento para outro. Quando todos esperam um desastre inevitável, é preciso que o maior número possível se segure pelas mãos, a fim de resistir à catástrofe geral. Tudo que é jovem e forte é atraído para lá e acaba corrompendo-se. Uns são seduzidos pelas mulheres, outros pelas honrarias, os terceiros pela ambição, pelo dinheiro, e todos passam para o lado dos adversários. Homens independentes e livres, como tu e eu, já não resta nenhum. Eu disse lá: estendam o campo de ação da sociedade, e que o lema não seja só a virtude, mas a independência e a ação.

Esquecendo o sobrinho, Nicolau puxou raivosamente uma cadeira e sentou-se. Escutou Pierre, soltou um pigarro descontente e reforçou ainda mais a sua expressão carrancuda.

— Mas qual será o objeto dessa ação, e em que relações ficarão vocês com o governo? — perguntou.

— Vou dizer-te. Nós seremos auxiliares. A sociedade pode deixar de ser secreta se o governo a admitir. Não só não será uma sociedade hostil ao governo,

como até pode ser um agrupamento de autênticos conservadores, uma sociedade de leais e verdadeiros gentis-homens, em toda a acepção do termo. E para que Pugatchev não venha matar os meus filhos e os teus, para que Araktcheiev não me mande para o assentamento militar, nós nos unimos, em nome da segurança e do bem geral.

— Sim, mas, sendo sociedade secreta, é hostil e nociva, só pode fazer o mal.

— Por quê? Por acaso o Tugendbund, que salvou a Europa (ninguém ousava então pensar que fora a Rússia que a tinha salvado) fez qualquer coisa de nocivo? O Tugendbund era a união da virtude, era o amor e o auxílio recíprocos, o que Cristo ensinou na cruz.

Natacha, que voltara no meio da conversa, olhou alegremente para o marido. Não se rejubilava com o que ele dizia, isso não lhe interessava, pois lhe parecia ser muito simples, e coisa de há muito sabida (assim lhe parecia porque sabia tudo o que se passava na alma do marido). Mas alegrava-se de ver a sua expressão animada e entusiasta.

Ainda com mais entusiasmo o contemplava o menino de pescoço esguio, saindo do colarinho engomado, o menino esquecido pelos interlocutores. Cada palavra de Pierre inflamava seu coração e, com um movimento nervoso, ele quebrava, sem percebê-lo, a cera e as penas que estavam ao alcance da sua mão, sobre a mesa do tio.

— Não é em absoluto o que os senhores imaginam. Vejam justamente uma sociedade nos moldes do Tugendbund alemão e o que eu proponho.

— Ah! Meu ‘apaz, o Tugendbund é bom pa’a os comedo’es de salsichas, mas quanto a mim não comp’eendo isso nem posso comp’eendê-lo — disse Denissov na sua voz alta, resoluta. — Que tudo está pod’e e co’ompido, estou de aco’do, mas o tal Tugendbund não me ent’a na cabeça. Estamos descontentes, que se faça a ‘evolta. Nesse caso, estou com o senho’!

Pierre sorriu, Natacha riu, mas Nicolau franziu mais do que nunca o cenho e pôs-se a demonstrar a Pierre que não era de esperar nenhuma revolução e que todo o perigo de que ele havia falado só existia na sua imaginação. Pierre arguia o contrário e, como o seu intelecto era mais fino e mais hábil, Nicolau sentiu-se posto contra a parede. Isso o irritou ainda mais, pois na sua alma, não pelo raciocínio mas por algo mais forte, tinha certeza de estar com a razão.

— Uma coisa te direi — replicou ele, levantando-se e, com um movimento nervoso, tentando colocar o cachimbo no canto da boca e depois jogando-o fora. — Não te posso dar provas. Tu dizes que tudo vai mal no nosso país e que haverá uma catástrofe. Quanto a mim, não vejo isso, mas quando dizes que o juramento de lealdade é uma coisa convencional, a isso eu respondo: Sabes que és o meu melhor amigo, mas se vocês formarem uma sociedade secreta para agir contra o governo, o meu dever será obedecer ao governo, seja ele qual for. E se Araktcheiev me mandar marchar imediatamente contra vocês, com o esquadrão, e matá-los, eu não hesitarei nem um instante. Farei o que me mandarem. Agora tu podes fazer as reflexões que quiser.

Formou-se um silêncio constrangedor. Natacha foi a primeira a falar e, para defender o marido, atacou o irmão. Seus argumentos eram inábeis e fracos, mas alcançaram o objetivo. A discussão restabeleceu-se e desapareceu o tom azedo em que foram ditas as últimas palavras de Nicolau.

Quando todos se levantaram para cear, Nikolenka Bolkonski, pálido, com os olhos brilhantes, aproximou-se de Pierre.

— Tio Pierre... o senhor... não... Se papai estivesse vivo, compartilharia sua opinião?

Pierre compreendeu de imediato o complicado trabalho de pensamentos e emoções que devia ter-se processado nele durante a conversa e, lembrando-se de tudo o que dissera, sentiu-se vexado por ter deixado a criança ouvir. Todavia, era preciso responder.

— Acho que sim... — disse, embaraçado, e saiu.

O menino inclinou a cabeça, e só então pareceu notar o que tinha feito na mesa. Corou e aproximou-se de Nicolau.

— Perdoa-me, titio. Fui eu que fiz isso sem querer — disse, mostrando a cera e as penas quebradas.

Nicolau teve um gesto de agastamento.

— Tudo bem, tudo bem — fez, atirando para baixo da mesa os pedaços de cera e as penas. E, reprimindo a cólera com esforço, afastou-se da criança. — O que tu não devias era ter ficado aí — disse-lhe.

Durante a ceia não mais se falou de política nem de sociedade secreta, mas, pelo contrário, para satisfação de Nicolau, lembraram os acontecimentos de 1812, a partir de Denissov, e Pierre mostrou-se particularmente divertido e encantador. Todos se separaram na mais amigável das disposições.

Depois de dar as últimas ordens ao administrador, Nicolau, que se trocara no seu gabinete, vestiu o robe e entrou no quarto, onde encontrou sua mulher sentada à escrivaninha, diante de um caderno.

— O que estás escrevendo, Maria? — perguntou.

A condessa Maria corou. Receava que o que ela escrevia não fosse compreendido e apreciado pelo marido. Queria esconder-lhe o que escrevera, mas, ao mesmo tempo, estava contente por ter sido surpreendida e por se ver obrigada a lhe dizer.

— É o meu diário, Nicolau — disse, estendendo-lhe o caderno branco azulado, enegrecido com a sua letra clara e alongada.

— Diário? — repetiu Nicolau, com um leve toque de zombaria. Pegou o caderno e viu estas frases escritas em francês:

4 de dezembro.

Hoje Andrucha (meu filho mais velho) não quis trocar-se depois de acordar, e Mademoiselle Louise mandou chamar-me. Mostrou-se caprichoso e teimoso. Quando procurei brigar, zangou-se ainda mais. Então deixei-o em paz e, ajudada pela criada, fui acordar as outras crianças, dizendo ao menino que não estava de bem com ele. Ele ficou muito tempo silencioso, parecendo surpreendido. Depois, de camisolão, correu para mim e pôs-se a chorar de tal modo que custei muito a acalmá-lo. Era claro que ele chorava, principalmente, por me ter causado tristeza. E de noite, quando lhe dei a sua nota, ele chorou lamentosamente, abraçando-me e beijando-me. Pode-se obter tudo dele pela ternura.

— Que nota é essa? — perguntou Nicolau.

— Aos mais velhos, comecei a dar todas as noites uma nota de conduta.

Nicolau fitou os olhos radiantes que o contemplavam e pôs-se a folhear e a ler o caderno. Estavam anotados no diário os menores acontecimentos da vida das crianças, tudo o que parecia notável à mãe como indício dos seus respectivos caracteres, e pensamentos de ordem geral sobre os processos de educação. Eram, em geral, pormenores ordinários, mas não pareciam à mãe, nem ao pai quando leu pela primeira vez esse diário das crianças.

Com data de 5 de dezembro, havia isto:

Mítia portou-se mal ao jantar. O pai mandou que não lhe dessem sobremesa. Não lhe deram. Mas, enquanto os outros comiam, ele os olhava com tanta tristeza e avidez que esse castigo, segundo me parece, só pode desenvolver nele a gulodice. Tenho que dizer isso a Nicolau.

Nicolau largou o diário e olhou para a mulher. Os olhos radiantes interrogavam-no, perguntavam-lhe se aprovava ou não o diário. Nicolau aprovava-o, efetivamente, e mesmo sentia admiração pela mulher.

“Talvez ela não devesse dar a isto uma forma tão pedante”, pensou Nicolau. Mas esse trabalho infatigável, contínuo, tendo por único objetivo o bem moral das crianças, o entusiasmava. Se Nicolau fosse capaz de analisar os seus sentimentos, descobriria que a causa principal do amor profundo, terno e desvanecido que sentia pela mulher era a admiração que lhe causava a sua alma, esse mundo moral elevado, quase inacessível para ele, em que ela vivia.

Orgulhava-se da inteligência, da bondade de sua mulher. Reconhecia a sua inferioridade em relação a ela sob o ponto de vista espiritual e sentia-se tanto mais feliz porque ela, com uma alma tão nobre, não só lhe pertencia como fazia parte da sua pessoa.

— Aprovo, aprovo completamente, minha querida — disse com ar importante. E, após breve silêncio, acrescentou: — Eu é que me portei muito mal hoje. Tu não estavas no gabinete. Discuti com Pierre e me exaltei. Mas não se pode fazer de outro modo com essa criança grande! Não sei o que seria dele se Natacha não o puxasse pela rédea. Podes imaginar o motivo por que Pierre foi a Petersburgo? Pois eles fizeram lá...

— Sim, eu sei — disse a condessa Maria. — Natacha me contou.

— Muito bem! Então sabes — prosseguiu Nicolau, acalorando-se à lembrança da discussão. — Ele quer me convencer que a obrigação de todo homem de bem é ir contra o governo, ao passo que o juramento de lealdade e o dever... lamento que não estivesses lá... Todos se voltaram contra mim, até Denissov e Natacha... Natacha é engraçada. Todos sabem que ela o guia por rédeas curtas, mas quando se trata de pensar não tem uma ideia própria e não faz senão repetir o que ele diz — acrescentou Nicolau, cedendo ao desejo irresistível

que nos leva a julgar as pessoas mais queridas e próximas. Esquecia que das sua relação com a mulher se podia dizer exatamente o mesmo, invertendo os papéis.

— Sim, notei isso — respondeu a condessa Maria.

— Quando eu disse que o dever e o juramento de lealdade estão acima de tudo, ele começou a provar sabe Deus o quê. É pena que não estivesses lá. O que terias dito?

— Ao meu ver, tens toda a razão. Eu declarei isso francamente a Natacha. Pierre diz que todos sofrem, se atormentam, se corrompem, e que o nosso dever é auxiliar o próximo. Está certo, sem dúvida, mas esquece que temos outros deveres, mais imediatos, que nos foram apontados por Deus, e que podemos expor-nos ao perigo, mas não os nossos filhos.

— Isso, isso, foi exatamente o que eu lhe disse — exclamou Nicolau, chegando efetivamente a acreditar que dissera a mesma coisa. — Ele continuou a expor as suas ideias sobre o amor ao próximo e o cristianismo, tudo isso diante de Nikolenka, que tinha entrado no gabinete e que quebrou um monte de coisas minhas.

— Ah! Sabes, Nicolau? Muitas vezes me atormento pensando em Nikolenka. É um menino tão fora do comum! Receio que o esteja esquecendo para só cuidar dos meus filhos. Todos nós temos filhos, todos eles têm pais, só ele não tem ninguém. Está sempre só com os seus pensamentos.

— É verdade, mas me parece que tu não tens por que te censurar. Fazes por ele o que a mais terna das mães faz por um filho, e estou muito contente com isso. É um rapaz admirável. Esta noite, escutou Pierre numa espécie de êxtase. Imagina que quando fomos cear olhei para a minha mesa. Pois ele tinha quebrado tudo que estava em cima dela. Ele imediatamente veio confessar-se culpado. Nunca o ouvi mentir. Sim, é um rapaz admirável, admirável! — repetiu Nicolau que, no fundo, não gostava de Nikolenka, mas julgava que devia reconhecer nele um rapaz admirável.

— Entretanto, eu não tomo o lugar da mãe — disse a condessa Maria. — Sinto que não é a mesma coisa, e é isso o que me atormenta. É um menino excelente, mas me inspira muitos receios. Precisa ter companhia.

— Bem, não tardará a ter. No próximo verão eu o levarei a Petersburgo — disse Nicolau. — Sim, Pierre sempre foi e sempre será um sonhador —

continuou, voltando à conversa que, evidentemente, o perturbara. — Enfim, que importância pode ter para mim que Araktcheiev, em Petersburgo, não esteja agindo bem? O que tenho eu com isso, se me casei tão mergulhado em dívidas que era ameaçado de prisão, e com uma mãe que não via nem compreendia isso? E depois, tu, as crianças, os negócios... Por acaso é por gosto que, da manhã à noite, trabalho no meu gabinete ou cuido dos negócios? Não, eu sei que tenho de trabalhar para dar conforto a minha mãe e para não deixar os meus filhos na penúria, como deixaram a mim.

A condessa Maria queria objetar que nem só de pão vive o homem e que ele atribuíra demasiada importância ao seu trabalho. Mas sabia que não devia dizer nada, que era inútil falar. Ela pegou a mão dele e beijou-a. Esse gesto pareceu a ele um estímulo e a confirmação das suas ideias. Após uma breve reflexão muda, continuou a pensar em voz alta.

— Sabes, Maria? Ilia Mitrofunitch (era o administrador principal) chegou hoje de Tambóv e diz que estão oferecendo oitenta mil rublos pela floresta.

E Nicolau, com expressão animada, pôs-se a falar da possibilidade de resgatar dentro em breve a propriedade de Otradnoie.

— Mais dez anos de vida e deixarei meus filhos em muito boa situação financeira.

A condessa Maria escutava e compreendia todas as suas palavras. Sabia que, quando o marido pensava assim em alta voz, pedia-lhe por vezes que repetisse o que ele dizia e zangava-se quando via que ela estava pensando em outra coisa. Mas, para isso, era-lhe preciso fazer grandes esforços, pois ela não se interessava em absoluto no que ele dizia. Olhava-o sem pensar em outra coisa, mas sentindo outra coisa.

Sentia uma terna afeição por esse homem que jamais compreendia tudo o que ela tinha no espírito e, por este motivo, parecia amá-lo ainda mais, com um quê de ternura apaixonada. Além desse sentimento, que ocupava toda sua alma, impedindo-a de considerar em detalhes os projetos do marido, vinham-lhe ao espírito pensamentos inteiramente alheios ao que ele dizia. Pensava no sobrinho (impressionava-a muito o que Nicolau tinha dito sobre a sua emoção durante a conversa com Pierre) e lembrava os diversos traços da sua natureza carinhosa e sensível. E, ao pensar no sobrinho, pensava também nos seus filhos. Não fazia

comparação entre eles, mas comparava os sentimentos que tinha por um e pelos outros e via, com tristeza, que à sua afeição por Nikolenka faltava qualquer coisa.

Parecia-lhe às vezes que essa diferença provinha da idade, mas sentia-se culpada perante ele e prometia a si mesma corrigir-se e fazer o impossível, isto é, amar neste mundo seu marido, seus filhos, seu sobrinho, o próximo, como Cristo amava a humanidade. A alma da condessa Maria aspirava constantemente à perfeição eterna e, por conseguinte, não podia satisfazer-se. Surgiu-lhe no rosto a expressão severa, de oculto sofrimento, de uma alma cansada do corpo.

Nicolau observou-a. “Meu Deus, o que aconteceria se ela viesse a morrer! Sempre pergunto isto a mim mesmo quando a vejo com esta expressão”, pensou. Inclinou-se diante do ícone e começou a recitar as suas orações noturnas.

XVI

Ficando a sós com o marido, Natacha pôs-se a conversar como só se conversa entre marido e mulher, isto é, compreendendo-se e comunicando um ao outro o que pensa, com muita clareza e rapidez, mas de um modo especial, contrário a todas as regras da lógica: sem deduções nem conclusões. Natacha era tão hábil nesse modo de conversar com o marido que a melhor prova, para ela, de que havia algum desacordo entre ambos era quando Pierre se atinava a uma sequência lógica das ideias. Quando ele começava a demonstrar, a falar com coerência e tranquilidade, e quando ela própria seguia esse exemplo, sabia que a conversa terminaria em briga.

Quando se encontraram a sós, Natacha, feliz, com os olhos muito abertos, se aproximou dele de mansinho e, repentinamente, agarrando-lhe a cabeça e apertando-a contra o peito, disse:

— Agora és meu, meu, não me fugirás mais!

Desde esse momento principiara essa conversa sem lógica, em que, para começar, eles falavam simultaneamente de assuntos muito diversos. Essa multiplicidade de assuntos não só não impedia que se compreendessem com clareza, mas, ao contrário, era o indício mais seguro de que se compreendiam perfeitamente.

Como no sonho, em que tudo é incrível, insensato e contraditório, salvo o sentimento que inspira o sonho, também nessa conversa, contrária a todas as leis

da razão, não eram as palavras que tinham clareza, mas o sentimento que as guiava.

Natacha contava a Pierre o modo de vida do irmão, o que ela sofrera na sua ausência e quanto gostava de Maria, que ela considerava Maria superior a si mesma sob todos os pontos de vista. Natacha era sincera ao reconhecer a superioridade de Maria, mas, ao mesmo tempo, exigia de Pierre que a preferisse em relação à condessa Maria e a todas as mulheres, e sobretudo que ele asseverasse aquilo agora, depois de ter visto tantas mulheres em Petersburgo.

Respondendo a Natacha, Pierre contava como lhe fora desagradável encontrar-se com as damas de Petersburgo em recepções e jantares.

— Perdi completamente o hábito de conversar com as senhoras, não faço mais do que me aborrecer. E do jeito que estava ocupado então!

Natacha olhou-o fixamente e continuou:

— Maria é uma mulher tão encantadora! Como sabe compreender as crianças! Parece ler a alma delas. Ontem, por exemplo, Mitenka estava rebelde...

— Como ele se parece com o pai — interrompeu Pierre.

Natacha compreendeu por que ele fazia essa observação de semelhança. A lembrança da sua discussão com o cunhado lhe era desagradável e desejava saber a opinião de Natacha.

— Nicolau tem este defeito. Se uma coisa não é admitida por todos, ele não a aceita. Mas eu compreendo, tu achas que isso só é bom para “abrir um caminho” — disse ela, repetindo a expressão que Pierre empregara uma ocasião.

— Não, o principal é que, para Nicolau, as ideias e os raciocínios são um divertimento, quase um passatempo. Assim, ele forma uma biblioteca e impõe-se a regra de não comprar livro algum antes de ler os que já tem. Sismondi, Rousseau, Montesquieu... — acrescentou Pierre com um sorriso. — Tu sabes como eu...

Ele queria suavizar as suas expressões, mas Natacha interrompeu-o, fazendo-o sentir que isso não era necessário.

— Então achas que para ele as ideias são passatempos?

— Sim, e para mim, é o resto que é divertimento. Em Petersburgo, todo o tempo que estive lá, via aquela gente como num sonho. Quando uma ideia me

preocupa, todo o resto é insignificante para mim.

— Que pena eu não ter visto como as crianças te receberam! Quem foi que ficou mais contente? Lisa, com certeza?

— Sim — disse Pierre. E, prosseguindo com seu raciocínio: — Nicolau acha que nós não devemos pensar, mas eu não posso deixar de pensar. Além disso, em Petersburgo compreendi que, sem mim (a ti posso dizer isto), tudo aquilo desmoronaria, porque cada qual puxava para o seu lado, mas consegui reconciliá-los. Aliás, a minha ideia é tão simples, tão clara! Não digo que devamos fazer oposição a este ou àquele. Podemos enganar-nos. O que eu digo é isto: que os que amam o bem se deem as mãos, e que só tenhamos uma bandeira, a virtude ativa. O príncipe Sérgio é um homem admirável, muito inteligente.

Natacha não duvidava de que a ideia de Pierre fosse grandiosa, mas uma só coisa a perturbava: era que ele fosse seu marido. “Será ele um homem tão importante e tão necessário para a sociedade, e ao mesmo tempo meu marido? Como pode acontecer isso?” Queria exprimir-lhe essa dúvida. “Quem são essas pessoas que podem decidir se ele é, com efeito, o mais inteligente de todos?”, perguntava consigo. Ela buscava nas suas recordações todas as pessoas que Pierre respeitava. De todas, a julgar pelas suas histórias, não respeitava nenhuma como a Platão Karataiev.

— Sabes em quem estou pensando? Em Platão Karataiev. Qual seria a opinião?... Ele aprovaria teu plano?

Pierre não se surpreendeu em absoluto com a pergunta. Compreendeu o encadeamento das ideias de sua mulher.

— Platão Karataiev? — E Pierre pôs-se a refletir, tratando de imaginar sinceramente qual seria a opinião de Karataiev sobre o assunto. — Ele não compreenderia... mas talvez aprovasse, sim.

— Amo-te muito! — disse Natacha de repente. — Muito, muito!

— Não, ele não aprovaria — disse Pierre, depois de refletir. — O que ele apreciaria é a nossa vida de família. Gostava tanto de ver a harmonia, a felicidade, a bondade e a paz em tudo, e eu teria orgulho que ele nos visse. Tu falas do período que ficamos separados, mas não acreditarias no sentimento especial que a separação me desperta por ti...

— Ah! isso também... — começou Natacha.

— Não, não é assim. Eu nunca deixarei de amar-te, mas não se pode amar mais, e isso é o principal... Pois bem...

Não terminou, porque o olhar que trocaram exprimiu o resto.

— Que tolice é a lua de mel, que tolice pôr o período mais feliz no começo! — disse Natacha de repente. — Pelo contrário, agora é que são os melhores tempos. Ao menos se não te ausentasses tanto! Lembras-te de como brigávamos? E a culpa era sempre minha. Sempre minha. Por quê? Eu não lembro mais.

— Sempre a mesma coisa — respondeu Pierre, sorrindo. — Ciúmes...

— Não digas isso. Não posso suportar! — exclamou Natacha. E os seus olhos adquiriram um brilho frio e malévolos. — Tu a viste? — acrescentou após breve silêncio.

— Não, e mesmo que a visse não a reconheceria.

Calaram-se.

— Ah! sabes? Enquanto falavas no gabinete, eu te olhei — começou Natacha, evidentemente para afastar a nuvem. — O rapaz (assim chamava o filho) parece-se contigo como duas gotas de água. Olha, está na hora de ir ao quarto dele. Que pena ter de te deixar...

Ficaram silenciosos durante alguns segundos, mas, de repente e ao mesmo tempo, voltaram-se um para o outro e puseram-se a falar. Pierre começou com animação, Natacha, com um sorriso meigo e feliz. Vendo que se interrompiam, ambos pararam, esperando que o outro falasse.

— Não, o que querias dizer? Fala, fala...

— Não, dize tu, não era nada, uma bobagem — disse Natacha.

Pierre falou. Era a continuação das reflexões sobre o seu sucesso em Petersburgo. Parecia-lhe, nesse momento, que era chamado a imprimir uma nova direção à sociedade russa e a todo o universo.

— Queria apenas dizer que todas as ideias que têm grandes consequências são sempre muito simples. A minha ideia é que, se as pessoas más estão unidas entre si e constituem a força, as boas devem fazer a mesma coisa. Como isso é simples!

— Sim.

— E tu, o que querias dizer?

— Nada, bobagens.

— Dize, em todo caso.

— Não é nada — tornou Natacha, com o rosto novamente iluminado por um sorriso. — Queria apenas falar de Pétia. Hoje a criada veio tirá-lo dos meus braços e ele riu, fechou os olhos e encolheu-se junto a mim. Sem dúvida pensava que se estava escondendo. É encantador. Olha, está gritando. Bem, até logo!

Natacha saiu do quarto.

Ao mesmo tempo, embaixo, nos aposentos de Nicolau Bolkonski, ardia como sempre a lamparina (o menino tinha medo do escuro e não conseguiam curá-lo). Desalles estava deitado, com a cabeça elevada sobre quatro travesseiros, e roncava ritmadamente pelo nariz. Nikolenka havia acordado naquele momento, suando frio. Sentara-se na cama, com os olhos muito abertos, e olhava para frente. Fora despertado por um sonho horrível. Via-se em companhia de Pierre, tendo ambos à cabeça capacetes iguais aos que ele vira desenhados nas ilustrações do seu Plutarco. Caminhava, com o tio Pierre, à frente de um enorme exército, composto de fios brancos oblíquos que enchiam o ar, como esses fios de aranha que, no outono, flutuam na atmosfera e que Desalles chamava *les fils de la Vierge*. À sua frente estava a glória, representada também por esses fios, mas num emaranhado um pouco mais grosso. Os dois — ele e Pierre — seguiam leves e alegres, cada vez mais próximos da meta. De repente, os fios que os transportavam começaram a enfraquecer e a enredar-se. Tornava-se difícil avançar, e o tio Nicolau Rostov erguia-se diante deles com uma atitude severa e terrível.

— Foram vocês que fizeram isso! — dizia, indicando a cera e as penas quebradas. — Eu gostava de vocês, mas tenho ordem de Araktcheiev e matarei o primeiro que avançar.

Nikolenka voltou-se para Pierre, mas Pierre já não estava mais ali. Pierre era seu pai, o príncipe André. E seu pai não tinha formas nem feições precisas, mas ali estava, e, ao vê-lo, Nikolenka sentiu a fraqueza do amor: tornava-se fraco, fluido. Seu pai o acariciava e lamentava por ele, mas o tio Nicolau vinha cada vez mais perto. O horror apoderou-se de Nikolenka, que despertou:

“Papai”, dizia consigo, “papai”. Embora houvesse na casa dois retratos muito parecidos de seu pai, Nikolenka nunca imaginava o príncipe André sob forma

humana. “Papai estava comigo, me fez carinho, aprovou-me, aprovou o tio Pierre. O que ele diga, eu o farei. Múcio Scaevola queimou a mão no fogo; por que não hei de fazer a mesma coisa? Eu sei, eles querem que eu estude, e hei de estudar. Mas um dia isso terminará, e então eu o farei. Só peço a Deus uma coisa: que me aconteça o que aconteceu aos heróis de Plutarco, e eu farei como eles, farei melhor ainda. Todos saberão, e hão de me amar, de me admirar.”

De repente, Nicolau sentiu que os soluços lhe enchiam a garganta e pôs-se a chorar.

— Estás passando mal? — perguntou Desalles.

— Não — respondeu Nikolenka, e reclinou a cabeça no travesseiro. “Ele é bom e digno. Como gosto dele!”, disse consigo, pensando em Desalles. “E o tio Pierre! Oh! que homem extraordinário! E meu pai! Papai! Papai! Sim, eu farei alguma coisa com que ele iria se admirar...”

Segunda parte

I

A história tem por objeto a vida dos povos e da humanidade. Ora, é impossível apanhar e fixar em palavras, isto é, descrever diretamente a vida, não só da humanidade, mas de um único povo.

Todos os historiadores antigos empregaram o mesmo processo, captar e descrever a vida de um povo, algo que parece inapreensível. Descreveram a atuação das pessoas que governaram os povos e essa atuação exprimia, para eles, a do povo inteiro.

Às questões, primeiro, de como foi que determinados indivíduos puderam forçar os povos a agirem de acordo com a sua vontade e, segundo, o que guiava a vontade desses indivíduos, os antigos respondem: primeiro, pelo reconhecimento da vontade divina, que submete os povos à vontade de uma pessoa eleita, e, segundo, a mesma vontade divina, que dirige a vontade dessa pessoa eleita para o fim predestinado.

Para os povos antigos, essas questões se resolveram pela crença na participação direta da divindade nas obras humanas.

A nova história rejeitou, em teoria, essas duas explicações.

Seria de supor que, rejeitando a crença dos antigos na subordinação do homem à divindade e num objetivo definido para o qual tendem os povos, a nova história passasse a estudar, não as manifestações do poder, mas os fatores que o produzem. A nova história não o fez, contudo. Rejeitando, em teoria, as opiniões dos antigos, continua a segui-las na prática.

Em lugar de pessoas investidas de autoridade divina e guiadas diretamente pela divina vontade, a nova história instituiu heróis dotados de qualidades extraordinárias, sobre-humanas, ou simplesmente pessoas com as mais diversas características, desde os monarcas até os jornalistas, e que dirigem as massas. Antes, os objetivos dos povos antigos, dos hebreus, dos gregos, dos romanos, afiguravam-se aos historiadores ser o alvo do movimento da humanidade. Em vez dos propósitos agradáveis à divindade, a nova história erigiu as suas finalidades próprias: o bem do povo francês, inglês ou alemão, ou o seu grau supremo de abstração, isto é, o bem da civilização de toda a humanidade, termo

pelo qual se entendem comum entre os povos que habitam o cantinho noroeste do grande continente.

A nova história rejeitou as crenças dos antigos sem substituí-las por outras, e a lógica forçou historiadores, que pretendiam rejeitar o poder divino dos reis e o *fatum* dos antigos, a alcançar por outras vias a mesma conclusão, reconhecendo: 1º) os povos são guiados por indivíduos, e 2º) há uma meta para a qual se dirigem os povos e a humanidade.

Na base de todas as obras dos mais recentes historiadores, desde Gibbon até Buckle, apesar das contradições aparentes e da discrepância das suas opiniões, encontram-se estes dois velhos e inevitáveis princípios:

Primeiro, o historiador descreve a atividade de indivíduos que, segundo a sua opinião, guiam a humanidade (um só considera como tais os monarcas, os generais, os ministros de Estado; outro, além destes, os oradores, os sábios, os filósofos, os poetas).

Segundo, a meta para a qual tende a humanidade é conhecida pelo historiador (para uns, essa meta é a grandeza do Estado romano, espanhol ou francês; para outro, é a liberdade, a igualdade, ou o desenvolvimento de certa espécie de civilização num cantinho do mundo que se chama a Europa).

Em 1789 ocorreu uma revolta em Paris. Ela engrossou, expandiu-se e terminou pelo movimento dos povos do Ocidente para o Oriente. Várias vezes esse movimento tomou o rumo do Oriente, chocando-se com o movimento contrário. Em 1812, o movimento atingiu o seu limite extremo, Moscou, e, com notável simetria, produziu-se o movimento contrário, do Oriente para o Ocidente. Como o primeiro, esse movimento arrastou consigo os povos da Europa Central, atingiu o ponto inicial de partida, que era Paris, e serenou.

Durante esse período de vinte anos, uma imensa extensão de terras permanece inculta, as casas são incendiadas, o comércio muda de direção, milhões de pessoas enriquecem ou caem na miséria, migram, e milhões de cristãos, que professam a lei do amor ao próximo, matam-se uns aos outros.

O que significa, de onde procede tudo isso? O que forçava as pessoas a incendiarem casas e a matarem os seus semelhantes? Quais foram as causas de todos esses acontecimentos? Que força impeliu as pessoas a agirem dessa maneira? Tais são as perguntas ingênuas, simples e legítimas que a humanidade

faz involuntariamente, diante dos monumentos e tradições do período passado. O que significa tudo isso? Para obter a solução dessas questões, o bom senso da humanidade se dirige à história, à ciência cujo fim é estudar os povos e a humanidade.

Se ainda abraçasse a opinião dos antigos, a história diria: A divindade, para recompensar ou punir certos povos, concedeu o poder a Napoleão e guiou-lhe a vontade para alcançar os objetivos divinos. Essa resposta seria completa e clara. Poder-se-ia acreditar ou não na importância divina de Napoleão. Para quem nela acreditasse, tudo seria compreensível na história da época e não poderia haver contradição alguma.

Mas a nova história não pode propor essa solução. A ciência não admite as opiniões dos antigos sobre a participação direta da divindade nas obras humanas, e por essa razão deve dar outras respostas.

Quereis saber o que significa esse movimento, de onde provém ele e que força engendrou os acontecimentos? Eis como responde a nova história:

“Luiz XIV foi um homem muito altivo e orgulhoso. Teve tais e tais amantes, tais e tais ministros e governou mal a França. Seus herdeiros foram homens muito fracos que também governaram mal, e tiveram tais e tais favoritos, tais e tais amantes. Além disso, algumas pessoas, nessa época, escreveram livros. No fim do século XVIII, reuniram-se em Paris duas dezenas de pessoas e puseram-se a proclamar que todos os homens eram livres e iguais. Por esse motivo as pessoas começaram a matar umas às outras, a degolar umas às outras. Mataram o rei e muitos outros. Nesse tempo surgiu na França um homem de gênio, Napoleão. Venceu todos, isto é, capturou e matou muita gente, porque era um grande gênio. Não se sabe por quê, ele foi matar africanos, e tão bem o fez, tão inteligente e tão astuto foi, que quando voltou à França mandou que todos lhe obedecessem, e todos lhe obedeceram. Tornando-se assim imperador, foi de novo matar gente, na Itália, na Áustria, na Prússia, e também nessas terras matou muitos. Nesse tempo reinava na Rússia o imperador Alexandre, que resolvera restabelecer a ordem na Europa e, por isso, entrou em guerra com Napoleão. Mas em 1807, inesperadamente, fez pacto de amizade com ele. Em 1811 desentenderam-se e, de novo, começaram a matar muita gente. Napoleão levou seiscentos mil homens à Rússia e apoderou-se de Moscou. Depois, subitamente,

fugiu de Moscou, e então o imperador Alexandre, com a ajuda e os conselhos de Stein e outros, uniu a Europa para marchar contra o inimigo da sua tranquilidade. Todos os aliados de Napoleão se transformaram de repente em seus inimigos, e o exército conjunto marchou contra Napoleão, que reunira novas forças. Os aliados venceram Napoleão, entraram em Paris, forçaram Napoleão a renunciar ao trono e mandaram-no para a ilha de Elba, sem lhe tirarem o título de imperador e dando-lhe provas de respeito, embora cinco anos antes e um ano depois todos o considerassem um bandido fora da lei. E começou a reinar Luís XVIII, de quem até então zombavam franceses e aliados. E Napoleão derramou lágrimas diante da sua velha guarda, renunciou ao trono e partiu para o exílio. Subsequentemente, os homens de Estado e os diplomatas (sobretudo Talleyrand, que conseguiu sentar-se em certa poltrona antes de qualquer outro, e em consequência estendeu as fronteiras da França) tiveram conferências em Viena, e por conta dessas conferências tornaram os povos felizes ou infelizes. De repente, diplomatas e monarcas estiveram prestes a se desentender. Iam novamente ordenar às suas tropas que matassem umas às outras, quando Napoleão chegou à França com um batalhão, e os franceses, que o odiavam, submeteram-se a ele imediatamente, em massa. Mas os monarcas aliados, descontentes com isso, começaram de novo a declarar guerra aos franceses. E venceram o genial Bonaparte, mandaram-no para a ilha de Santa Helena, passando de repente a considerá-lo um bandido. E lá, no alto de um rochedo, o exilado que haviam separado dos seus entes queridos, da sua idolatrada França, morreu de morte lenta, transmitindo à posteridade as suas grandes proezas. E produziu-se uma reação na Europa, e todos os imperadores puseram-se de novo a oprimir os seus povos.”

Faria mal quem visse nisso uma zombaria, uma caricatura das descrições históricas. É, pelo contrário, a mais atenuada forma dessas explicações contraditórias, que nada explicam, dadas por *todos* os historiadores, desde os autores de memórias e os historiógrafos de cada nação isolada até os historiadores universais e os que constituem um novo gênero: os historiadores da *civilização* de uma época.

A estranheza e a comicidade dessas explicações provêm da semelhança da nova história a um homem surdo que responde a perguntas que ninguém lhe faz.

Se o objeto da história é a descrição do movimento da humanidade e dos povos, a primeira questão (se não se responder a ela, todo o resto ficará incompreendido) é a seguinte: qual é a força que impele um povo? A essa pergunta a nova história responde, com abundância de detalhes, ou que Napoleão era muito genial, ou que Luís XIV era muito orgulhoso, ou então que tal ou tal escritor escreveu tal ou tal livro.

Tudo isso é muito possível e a humanidade está pronta a aceitar, mas não é o que ela pede. Tudo isso poderia ser interessante se reconhecêssemos o poder divino, absoluto e sempre igual, que dirige os povos por meio de Napoleões, de Luíses e também de escritores. Mas, como não reconhecemos esse poder, antes de falar em Napoleão, em Luís e nos escritores, é necessário mostrar a ligação que existe entre essas pessoas e o movimento dos povos.

Se em lugar do poder divino pusermos outra força, será preciso explicar em que consiste essa força, pois é precisamente nela que reside todo o interesse da história.

A história parece supor que essa força seja conhecida por todos e se explique por si mesma, mas, por maior que seja o desejo de admiti-la como conhecida, aquele que ler muitas obras históricas duvidará, sem querer, de que essa nova força, interpretada de tão variadas maneiras pelos próprios historiadores, seja completamente conhecida por todos.

II

Qual é a força que move as nações?

Os historiadores de biografias e os que descrevem separadamente os diversos povos consideram como sendo essa força o poder atribuído aos heróis e potentados. A crer nas suas descrições, os acontecimentos se produzem exclusivamente pela vontade dos Napoleões, dos Alexandres, ou, em geral, das personagens que constituem o assunto das biografias históricas.

As respostas que dão os historiadores dessa categoria à questão relativa à força que guia os acontecimentos são satisfatórias enquanto não consideramos mais de um historiador para cada acontecimento. Mas, assim que historiadores de diversas nacionalidades e com diversos pontos de vista começam a descrever

o mesmo fato, as explicações dadas por eles perdem toda significação, pois cada qual compreende essa força de modo diferente e até, muitas vezes, de modos absolutamente opostos.

Afirma um historiador que tal acontecimento foi produzido pelo poder de Napoleão; outro declara que ele se deve ao poder de Alexandre; um terceiro o atribui à influência de outra pessoa. Ademais, os historiadores desse tipo se contradizem mutuamente até quando explicam a força sobre em que se baseia o poder de uma mesma personagem.

Thiers, um bonapartista, diz que o poder de Napoleão provém da sua virtude e da sua genialidade. Lanfray, republicano, afirma que se baseia na mentira e na enganação do povo. E desse modo os historiadores, destruindo as teses uns dos outros, destroem ao mesmo tempo a concepção da força que produz os acontecimentos e não dão nenhuma resposta à questão essencial da história.

Os historiadores universais, que tratam de todos os povos, parecem reconhecer a opinião inexata dos historiadores de biografias sobre a força que produz os acontecimentos. Não admitem que essa força seja o poder peculiar aos heróis e aos potentados, mas consideram-na como a resultante de muitas forças atuando em diferentes direções. Ao descrever a guerra ou a conquista de um povo, o historiador dessa categoria não procura a causa de tal acontecimento no poder de uma única personagem, mas na influência mútua de várias pessoas relacionadas com o acontecimento.

Segundo essa opinião, seria de supor que o poder das personagens históricas, concebido como resultante de diversas forças, não pudesse ser considerado uma força independente, produzindo por si só o acontecimento. E todavia os historiadores universais, na maioria dos casos, utilizam a ideia do poder como uma força que engendra por si mesma os acontecimentos e tem com eles uma relação de causa. A crer neles, ora a personagem histórica é um produto da sua época e o seu poder, uma resultante de diversas forças, ora esse poder é a força que produz os acontecimentos. Gervinus, Schlosser e outros, por exemplo, demonstram em certo ponto que Napoleão é o produto da Revolução, das ideias de 1789 etc. E, em outro ponto, declaram expressamente que a campanha de 1812 e outros acontecimentos que não lhes agradam são produtos da vontade mal direcionada de Napoleão, e que as próprias ideias de 1789 foram detidas no

seu desenvolvimento pela vontade de Napoleão. As ideias da Revolução e a tendência geral da época foram barradas pelo poder de Napoleão.

Eis uma singular contradição, que, entanto, não é acidental. Não só a encontramos a cada passo, mas é de uma série de contradições semelhantes que se compõem todas as descrições dos historiadores universais. Essa contradição provém de que os historiadores, após enveredar pela análise, param no meio caminho.

Para encontrar as forças componentes que produzem a resultante, é necessário que a soma dessas forças componentes seja igual à resultante, e é precisamente esta condição que os historiadores gerais nunca observam. Por isso, a fim de explicar a resultante, são obrigados a admitir, além das componentes que não bastam para isso, mais uma força misteriosa que age para a resultante.

Ao descrever a campanha de 1813 ou a restauração dos Bourbon, o historiador de biografia afirma simplesmente que esses fatos se produziram pela vontade de Alexandre. Mas o historiador geral Gervinus, contradizendo essa opinião de um historiador de biografia, procura demonstrar que a campanha de 1813 e a restauração dos Bourbon tinham também como causas, além da vontade de Alexandre, a atuação de Stein, de Metternich, de Madame de Stael, de Talleyrand, de Fichte, de Chateaubriand e de outros. Evidentemente, o historiador decompôs o poder de Alexandre nos seus elementos: o de Talleyrand, o de Chateaubriand etc. A soma desses elementos, isto é, a atuação recíproca de Chateaubriand, de Talleyrand, de Madame de Stael e dos demais, não é, evidentemente, igual à resultante, isto é, ao fenômeno de milhões de franceses se haverem submetido aos Bourbon.

O fato de Chateaubriand, Madame de Stael e outros terem trocado tais ou tais ideias só afeta as suas relações mútuas e nada tem que ver com a submissão de milhões. Assim, a fim de explicar como decorreu dessas relações pessoais a submissão de milhões de seres, isto é, como de diversos componentes iguais a uma dada quantidade A originou-se uma resultante mil vezes maior do que A, o historiador deve forçosamente admitir essa mesma força de poder negada por ele, reconhecendo-a como o resultado das forças — isto é, deve admitir uma força inexplicada que age na mesma direção da resultante. É o que fazem os

historiadores gerais. E, graças a isso, não só contradizem os historiadores de biografias, como também contradizem a si mesmos.

Os habitantes do campo, que não têm uma ideia clara sobre a causa da chuva, dizem, segundo desejam chuva ou bom tempo: foi o vento que dispersou as nuvens ou foi o vento que reuniu as nuvens. Do mesmo modo os historiadores gerais, quando assim desejam e quando isso concorda com a sua teoria, dizem que o poder é o resultado dos acontecimentos. E outras vezes, quando têm necessidade de provar coisa diversa, dizem que o poder produz os acontecimentos.

A terceira categoria de historiadores, que se intitula historiadores da *civilização*, seguindo o caminho aberto pelos historiadores gerais, que, por vezes, admitem escritores e mulheres como forças capazes de produzir acontecimentos, compreendem essa força de outro modo. Eles a veem naquilo que se chama civilização, na atividade intelectual.

Os historiadores da civilização concordam perfeitamente com seus precursores, os historiadores gerais, pois, se podemos explicar os acontecimentos históricos pelo fato de certas pessoas terem dito tais e tais coisas umas às outras, então por que não explicá-los pelo fato de certas pessoas terem escrito tais ou tais livros? Entre o número imenso de indícios que acompanham cada fenômeno vivo, esses historiadores escolhem o indício da atividade intelectual e afirmam ser ele a causa. Mas, não obstante todos os seus esforços para demonstrar que a causa do acontecimento está na atividade intelectual, é impossível concordar, sem grandes concessões, em que haja qualquer coisa de comum entre a atividade intelectual e o movimento dos povos. Em caso algum, porém, se poderá admitir que a atividade intelectual é o que guia as ações dos homens, pois muitos acontecimentos, como os cruéis assassinatos da Revolução Francesa, resultantes da propagação das ideias de igualdade, e as guerras e matanças mais perversas, nascidas do evangelho do amor, não confirmam essa hipótese.

Mesmo admitindo, entretanto, que sejam justos todos os raciocínios sutis que preenchem essas histórias, mesmo admitindo que os povos são dirigidos por uma força indefinida chamada *ideia*, a questão essencial da história continua sem resposta, e, ao antigo poder dos monarcas e à influência dos conselheiros e outras pessoas, acrescenta-se esta nova força da *ideia*, cuja relação com as

massas requer explicação. Pode-se compreender que dado acontecimento tenha ocorrido porque Napoleão tinha o poder. Com algum esforço, pode-se até conceber que Napoleão, em cooperação com outras influências, tenha sido a causa do acontecimento. Mas como pode o livro *O contrato social* ter feito com que os franceses matassem uns aos outros? Não podemos admitir isso sem que nos seja explicada a conexão desta nova força com o acontecimento.

Não resta dúvida de que existe uma conexão entre as pessoas que vivem na mesma época e, por isso, não é impossível encontrar um nexos entre a atividade intelectual das pessoas e o movimento da história, assim como se pode encontrar esse nexos entre o movimento da humanidade e o comércio, a indústria, a agricultura ou o que se desejar. Mas como chegaram os historiadores da civilização a conceber a atividade intelectual como causa ou expressão de todo movimento histórico? Eis o que é difícil compreender.

Só as considerações seguintes podiam levar os historiadores a tais conclusões: 1º) O fato de serem pensadores os homens que escrevem a história e, por conseguinte, de lhes ser natural e agradável pensar que o seu tipo de atividade constitua a base do movimento de toda a humanidade, também seria agradável e natural aos negociantes, agricultores e soldados pensar a mesma coisa (o que acontece apenas porque os negociantes e os soldados não escrevem tratados de história); 2º) O fato de a atividade intelectual, a instrução, a civilização, a cultura, o pensamento serem concepções vagas, indefinidas permite que sob elas se utilizem frases de sentido ainda mais obscuro e que, por isso mesmo, se encaixam sem dificuldade em qualquer teoria.

Mas, sem falar já da qualidade intrínseca desse tipo de história (que talvez tenha utilidade para alguém ou alguma coisa), as histórias da civilização, das quais se aproximam cada vez mais todas as histórias gerais, são significativas porque, estudando em detalhe e com muita seriedade as diversas doutrinas religiosas, filosóficas, políticas, e aceitando-as como causas dos acontecimentos, cada vez que lhes cumpre descrever um legítimo fato histórico, como por exemplo a campanha de 1812, descrevem-no inevitavelmente como consequência de uma força, declarando que essa campanha resultou da vontade de Napoleão. Desse modo, os historiadores da civilização contradizem-se, sem o querer, ou provam que essa nova força inventada por eles não é a expressão dos

acontecimentos históricos e que o único meio de compreender a história é admitir esse poder que eles dizem não reconhecer.

III

A locomotiva anda. Pergunta-se: por que anda a locomotiva? O camponês diz que é o diabo que a faz andar. Outro explica que a locomotiva anda porque as suas rodas se movem. Um terceiro afirma que a causa do movimento está na fumaça que o vento dissipa.

Nada se pode objetar ao camponês. Para isso seria necessário que alguém lhe provasse que o diabo não existe, ou um outro camponês teria de lhe explicar que não é o diabo, mas um alemão que faz andar a locomotiva. Só então, vendo que as suas afirmações se contradizem, compreenderiam eles que estão ambos enganados. Mas aquele que admite como causa o movimento das rodas contradiz a si mesmo, porque, tendo uma vez enveredado pelo caminho da análise, deve ir mais longe; tem de explicar a origem do movimento das rodas. Enquanto não chegar à última causa do movimento da locomotiva, isto é, ao vapor comprimido nas caldeiras, não terá o direito de parar na procura da causa. Aquele que explica o movimento da locomotiva pela fumaça que o vento leva notou simplesmente que a explicação das rodas não era suficiente e, escolhendo o primeiro indício que lhe chamou a atenção, deu-o como sendo a causa.

A única concepção capaz de explicar o movimento da locomotiva é a concepção de uma força igual ao movimento visível.

A única concepção por meio da qual se pode explicar o movimento dos povos é a concepção de uma força igual a todo o movimento dos povos.

Entretanto, sob essa concepção, os diversos historiadores entendem essas forças da mais variada espécie e desproporcionais ao movimento visível. Uns veem nela uma força peculiar ao herói, como o camponês vê o diabo na locomotiva. Outros, uma força derivada de outra força, como o movimento das rodas. E os terceiros, a influência intelectual, como a fumaça levada pelo vento.

Enquanto se escreverem histórias de personagens particulares, como César, Alexandre, Lutero ou Voltaire, e não a história de *todos* sem exceção, de *todos* que tomaram parte num acontecimento, não haverá a menor possibilidade de se descrever movimento da humanidade mediante a concepção de uma força que

obriga os homens a dirigirem sua atividade para o mesmo fim. E a única concepção dessa espécie que os historiadores conhecem é a concepção do poder.

Essa concepção é o único instrumento por meio do qual se pode manipular os materiais da história no seu estado atual, e aquele que tenta quebrá-lo, como faz Buckle, sem descobrir outro meio de lidar com materiais históricos, priva-se da única possibilidade de servir-se dos mesmos. A necessidade de conceber o exercício do poder para explicar os fenômenos da história é demonstrada da mais clara maneira pelos próprios historiadores gerais e pelos historiadores da civilização, que, depois de rejeitarem expressamente a concepção do poder, cada vez mais recorrem a ela.

Relativamente às questões que suscita a história da humanidade, a ciência histórica tem sido até hoje como o dinheiro em circulação — dinheiro de papel e moeda metálica. As biografias históricas e as histórias de povos assemelham-se às cédulas: podem circular e desempenhar o seu papel sem prejudicar ninguém, e até prestando algum serviço, enquanto não surgir nenhuma dúvida sobre o seu valor. Basta esquecermos a questão de como a vontade dos heróis produz os acontecimentos, para que as histórias de Thiers sejam instrutivas e interessantes, não lhes faltando, mesmo, certa poesia. Mas assim como se levantam dúvidas sobre a estabilidade do papel-moeda, seja porque, devido à facilidade em fabricá-lo, uma quantidade excessiva é posta em circulação, seja porque se deseje trocá-lo por ouro, do mesmo modo surgem dúvidas sobre o valor real da história concebida deste modo, ou porque sejam demasiado abundantes as obras históricas desse tipo, ou porque alguém, na simplicidade da sua alma, pergunta: mas por meio de que força foi que Napoleão fez isso? Isto é, deseja trocar o papel-moeda pelo ouro puro de uma concepção verdadeira.

Os historiadores gerais e os da civilização assemelham-se às pessoas que, depois de reconhecer os inconvenientes do papel-moeda, resolvem cunhar, para substituí-lo, uma moeda metálica que não tivesse a densidade do ouro. Seria, com efeito, moeda *sonante*, mas apenas isso. Em rigor, o papel-moeda poderá enganar os ignorantes, mas a moeda metálica sem valor não iludirá ninguém. Assim como o ouro só é ouro quando pode ser utilizado, não só como meio de troca, mas também como matéria-prima, do mesmo modo os historiadores gerais só provarão que os seus princípios têm valor real quando puderem responder à

questão essencial da história: o que é o poder? Os historiadores gerais dão respostas contraditórias a essa questão, enquanto que os historiadores da civilização se esquivam dela, respondendo uma coisa completamente diversa. E, assim como as medalhas em imitação de ouro só podem ser usadas por uma comunidade de pessoas que concordam em aceitá-las como ouro, ou que não conhecem as verdadeiras características do ouro, do mesmo modo os historiadores gerais e da civilização que não respondem às questões essenciais da humanidade circulam, para certos fins particulares, como moeda corrente nas universidades e entre uma quantidade de leitores — amantes de livros sérios, como eles dizem.

IV

Desde que a história rejeitou a opinião dos antigos sobre a sujeição divina da vontade de um povo a uma só pessoa eleita e dessa pessoa eleita à divindade, o historiador não pode dar um passo sem cair em contradição, sem escolher uma dessas duas alternativas: ou retornar à velha fé na participação direta da divindade nas obras humanas, ou explicar de forma clara essa força que produz os acontecimentos históricos e que se chama o poder.

Voltar ao caminho antigo é impossível: a crença está destruída, e por essa razão é necessário explicar a importância do poder.

Napoleão ordenou que se reunissem tropas e que se fosse para a guerra. Essa ideia nos é tão familiar, nos acostumamos tanto a ela, que nos parece absurda a pergunta: por que seiscentos mil homens partem para a guerra quando Napoleão pronuncia certas palavras? Napoleão tinha o poder, e por esse motivo se fez o que ele ordenou.

Essa resposta será satisfatória se acreditarmos que o poder lhe foi conferido por Deus. Mas, se não admitirmos isso, será necessário definir o que é esse poder de um homem sobre os outros.

Não pode tratar-se do poder direto, do caráter físico de um ser forte sobre seres fracos — caráter baseado no emprego, ou na ameaça de emprego, da força física —, como o poder de Hércules, por exemplo. Esse poder não pode basear-se no caráter da força moral, como ingenuamente pensam alguns historiadores, segundo os quais os atores históricos são heróis, isto é, pessoas dotadas de uma força superior de alma e de intelecto, que se chama gênio. Não pode basear-se na

superioridade da força moral, porque, sem falar mesmo em heróis como Napoleão, cujas qualidades morais são muito discutíveis, a história nos mostra que nem os Luís XI nem os Metternich, que governaram milhões de pessoas, possuíram grandes qualidades morais, mas, ao contrário, eram em muitos aspectos inferiores, moralmente, a cada um dos milhões de pessoas que eles governavam.

Se a origem do poder não está nem nas qualidades físicas nem nas qualidades morais da pessoa que o tem nas mãos, é evidente que a origem do poder deve achar-se fora da pessoa, nas relações que existem nas massas, em meio às quais se encontra a pessoa que detém o poder.

E assim que o poder é compreendido pela ciência do direito, essa ciência que, como uma espécie de caixa financeira, se encarrega de trocar o papel-moeda das concepções históricas de poder por ouro legítimo.

O poder é a soma das vontades das massas, transferida, por acordo expresse ou tácito, aos governadores escolhidos pelas massas. Tudo é muito claro no domínio da ciência do direito, ciência que estuda a seguinte questão: como se deveria constituir o Estado e o poder, se isso é possível? Mas, aplicada à história, essa definição de poder requer elucidação.

A ciência do direito examina o Estado e o poder como os antigos examinavam o fogo, como uma coisa dotada de existência absoluta. Para a história, porém, o Estado e o poder não são mais que fenômenos, do mesmo modo que, para a física moderna, o fogo não é um elemento, mas um fenômeno.

Dessa diferença essencial entre os pontos de vista da história e da ciência do direito decorre o fato de poder esta discutir em detalhe o modo como, na opinião do cientista, se deve organizar o poder, e também o que é esse poder, que existe como algo imutável e exterior ao tempo. Mas às questões históricas sobre a importância do poder, que sofre visíveis modificações ao longo do tempo, ela nada pode responder.

Se o poder é a soma das vontades transferida para um governante, Pugatchev é um representante da vontade das massas? Se ele não é, por que o é Napoleão I? Por que era Napoleão III um criminoso quando o prenderam em Bolonha, e depois os criminosos foram todos aqueles que o prenderam?

Nas revoltas palacianas, em que por vezes tomam parte apenas duas ou três pessoas, é a vontade das massas que se transfere para uma nova pessoa? Nas relações internacionais, a vontade de um povo se transfere para o conquistador? Em 1808, a vontade da Confederação do Reno foi transferida para Napoleão? Foi a vontade das massas transferida para Napoleão em 1809, quando as nossas tropas, aliadas aos franceses, foram combater contra a Áustria?

A essas perguntas pode responder-se de três maneiras:

1º) Afirmando que a vontade das massas se transmite sempre para o governante ou governantes escolhidos por elas e, por conseguinte, todo novo poder que surge e toda luta contra o poder, uma vez transmitido, devem ser considerados como uma violação do verdadeiro poder;

2º) Admitindo que a vontade das massas se transfere condicionalmente aos governantes, sob condições conhecidas e definidas, e mostrando que todas as restrições ao poder, e até o aniquilamento deste, provêm de infrações cometidas pelos governantes contra as condições sob as quais lhes foi transferido o poder;

3º) Admitindo que a vontade das massas se transfere condicionalmente para os governantes, sob condições desconhecidas e indefinidas, e que o aparecimento de vários poderes, suas lutas e suas quedas, provêm apenas do cumprimento mais ou menos completo, por parte dos governantes, dessas condições desconhecidas sob as quais a vontade das massas se transfere de umas pessoas para outras.

É por uma dessas três maneiras que os historiadores explicam as relações das massas para com os governantes.

Alguns historiadores — mais particularmente os biógrafos e autores de memórias, de que falamos acima — não compreendem, na simplicidade da sua alma, a significação do poder. Parecem crer que a soma das vontades das massas se transfere incondicionalmente para as personagens históricas e por isso, ao falarem de uma autoridade qualquer, tais historiadores supõem que esse poder seja único, verdadeiro e absoluto, e qualquer outra força que a ele se oponha não será uma autoridade mas um atentado ao poder, uma violência ilegal.

Essa teoria, boa para os períodos primitivos e pacíficos da história, quando aplicada às épocas complexas e tempestuosas da vida dos povos, em que simultaneamente surgem várias autoridades diferentes, entrando em conflito

umas com as outras, tem este inconveniente: o historiador legitimista tratará de provar que a Convenção, o Diretório e Bonaparte não eram mais que violações do poder, ao passo que os republicanos e bonapartistas procurarão demonstrar, uns que a verdadeira autoridade residia na Convenção, que o Diretório e Bonaparte não eram senão violações do poder, e outros que a autoridade estava no império, e tudo mais era violação da autoridade. É evidente que as explicações dadas por esses historiadores, contradizendo-se mutuamente, só podem satisfazer as crianças de colo.

Reconhecendo a falsidade dessa concepção da história, dizem outros historiadores que o poder se baseia na delegação da vontade total das massas aos seus governantes e que as personagens históricas só mantêm o poder sob condição de cumprirem o programa que, por um acordo tácito, lhes prescreveu a vontade do povo. Mas em que consiste esse programa? Os historiadores não nos dizem, ou, se o fazem, contradizem-se uns aos outros.

De acordo com a sua opinião sobre o que constitui a finalidade do movimento dos povos, cada historiador concebe esse programa como sendo, por exemplo, a grandeza, a riqueza, a liberdade, a instrução, seja dos franceses, seja dos cidadãos de qualquer outro país. Mas, sem falar nas contradições dos historiadores a respeito desse programa, e mesmo admitindo que exista um só programa comum a todos, os fatos históricos quase sempre contradizem essa teoria.

Se as condições sob as quais é delegado o poder consistem na riqueza, na liberdade e na instrução do povo, por que então os Luís XIV, os Ivans IV terminaram tranquilamente os seus reinados, enquanto que os Luís XVI e os Carlos I foram executados pelos seus povos?

A essa pergunta os historiadores respondem que a atuação de Luís XIV, contrária ao programa, se refletiu em Luís XVI. Mas por que não se refletiu no próprio Luís XIV ou em Luiz XV? Por que refletiu precisamente em Luís XVI? Quais são os limites desse reflexo? Para tal pergunta, não há nem pode haver resposta. Também não é possível explicar por que motivo a soma das vontades de um povo permanece durante vários séculos nas mãos dos governantes e seus herdeiros e repentinamente é transferida, pelo espaço de cinquenta anos, para a Convenção, o Diretório, Napoleão, Alexandre, Luís XVIII, novamente para

Napoleão, depois para Carlos X, Luís Filipe, o governo republicano, Napoleão III. Ao explicar essas rápidas transferências da vontade do povo de uma pessoa para outra, especialmente quando complicadas pelas relações internacionais, pelas conquistas e pelas alianças, esses historiadores são obrigados a reconhecer que numa parte desses acontecimentos não se trata de transferências normais da vontade do povo, mas de acasos que dependem, ora da astúcia, ora de erros, ora da corrupção e da fraqueza de um diplomata, de um monarca ou de um chefe de partido.

Assim, a maioria dos fenômenos históricos — as guerras civis, as revoluções, as conquistas — é apresentada por esses historiadores, não como o resultado da transmissão de vontades livres, mas da vontade, mal direcionada, de um ou de várias pessoas, isto é, mais uma vez como uma violação da autoridade. É por isso que quase todos os acontecimentos históricos, segundo esses tipos de historiadores, constituem exceções à teoria.

Tais historiadores se assemelham ao botânico que, depois de observar que algumas plantas saem da semente com duas folhas, afirma que todas as coisas que crescem o fazem desdobrando-se em duas folhas, e que a palmeira, os cogumelos e até o carvalho, quando, no vigor da maturidade, expandem os seus ramos em todas as direções, se afastam dessa regra.

Os historiadores de um terceiro grupo admitem que a vontade das massas é condicionalmente delegada às personagens históricas, mas acrescentam que as condições sob as quais isso é feito são desconhecidas. Dizem eles que as personagens históricas só possuem o poder porque cumprem a vontade das massas, de que são os delegados.

Mas, nesse caso, se a força que impele esses povos não está nas personagens históricas, mas nos próprios povos, em que consiste a importância e a significação das personagens históricas?

Elas exprimem, dizem esses historiadores, a vontade das massas. A atuação das personagens históricas representa a atuação das massas. Mas nesse caso surge uma questão: será toda a atividade, ou apenas uma face da atividade das personagens históricas, que exprime a vontade das massas? Se toda a atividade das personagens históricas é a expressão da vontade das massas, como julgam alguns, as biografias de Napoleão, de Catarina, com todos os detalhes e todos os

escândalos de corte, constituem a expressão da vida dos seus povos, o que é um absurdo evidente. Mas, se apenas uma face da atividade de uma personagem histórica é a expressão da vida do seu povo, conforme julgam os outros pretensos filósofos da história, então, para definir que face da atividade das personagens históricas exprime a vida dos povos, é necessário saber primeiramente em que consiste esta vida dos povos.

Em presença de tal dificuldade, os historiadores dessa categoria inventam uma abstração muito vaga, geral e intangível, na qual se pode incluir o maior número possível de acontecimentos, e afirmam que nessa abstração consiste o objetivo do movimento da humanidade. As abstrações gerais mais frequentemente admitidas pela maioria dos historiadores são: a liberdade, a igualdade, a instrução, o progresso, a cultura e a civilização. Atribuindo como objetivo ao movimento da humanidade uma abstração qualquer, os historiadores estudam as pessoas que deixaram atrás de si o maior número de elementos — reis, ministros, capitães, escritores, reformadores, papas, jornalistas —, por meio dos quais essas personagens, segundo a opinião dos historiadores, apoiaram ou combateram determinada abstração. Mas, como não está absolutamente provado que o objetivo da humanidade é a igualdade, a liberdade, a instrução ou a civilização, e como a relação das massas com os governantes e os responsáveis pela instrução da humanidade repousa apenas na suposição arbitrária de que a soma das vontades das massas se transfere sempre para as personagens em evidência, então a atividade de milhões de pessoas que migram, incendeiam as suas casas, abandonam a agricultura e matam umas às outras não pode exprimir-se pela atuação de uma dezena de pessoas que não incendeiam casas, não se ocupam de agricultura e não matam os seus semelhantes.

Isso é provado a cada passo pela história. Por acaso o movimento dos povos do Ocidente, nos fins do século XVIII, e a sua marcha para o Oriente podem ser explicados pela atuação dos Luís XIV, XV e XVI, de suas amantes e de seus ministros, pela vida de Napoleão, de Rousseau, de Diderot, de Beaumarchais e outros?

Por acaso o movimento do povo russo para o Oriente, para Kazan e Sibéria, se exprime pelas peculiaridades do caráter mórbido de Ivan IV e pela sua correspondência com Kurbski?

E quanto ao movimento dos povos durante as Cruzadas, podemos explicar pela vida e pela atividade de certos Godofredos, de certos Luíses e de suas damas? Para nós, esse movimento dos povos do Ocidente para o Oriente permanece incompreensível, sem nenhuma finalidade, sem chefes, apenas com um grupo inumerável de vagabundos seguindo Pierre, o Eremita. Ainda mais incompreensível é a interrupção desse movimento no instante em que os atores da história lhe apontaram uma finalidade razoável, sagrada: a libertação de Jerusalém. Os papas, os reis e os cavaleiros incitavam os povos a libertarem a Terra Santa, mas o povo recusava-se, porque deixava de existir essa causa desconhecida que antes o impelia. A história de Godofredo e dos menestrelis não pode, evidentemente, englobar a vida dos povos; ela é apenas a história de Godofredo e dos menestrelis, enquanto que a história da vida dos povos e das suas aspirações permanece desconhecida.

Ainda menos a vida dos povos nos é explicada pela história dos escritores e dos reformadores.

A história da civilização nos explica as aspirações, as condições de vida e os pensamentos de um escritor ou de um reformador. Dizem-nos que Lutero tinha um caráter violento e que pronunciou tais e tais discursos. Informam-nos que Rousseau era desconfiado e que escreveu tal ou tal livro. Mas ficamos sem saber por que, depois da Reforma, as pessoas mataram umas às outras e por que, durante a Revolução Francesa, tanta gente foi morta.

Se reunirmos essas duas histórias, como fazem os historiadores mais recentes, teremos histórias de monarcas e de escritores, mas não uma história da vida dos povos.

V

A vida dos povos não se resume à vida de algumas personagens, pois não se descobriu relação entre essas personagens e os povos. A teoria de que tal relação se baseia na transmissão da soma das vontades às personagens históricas é uma hipótese que a experiência histórica não confirma.

A teoria da transmissão da vontade das massas às personagens históricas talvez explique muitas coisas no domínio da ciência do direito, e talvez seja necessária para objetivos particulares, mas, aplicada à história, logo que surgem

as revoluções, as conquistas, as guerras civis — em outras palavras, assim que começa a história —, essa teoria já nada explica.

Ela parece irrefutável, simplesmente porque o ato da transmissão da vontade do povo não pode ser verificado, visto que nunca existiu.

Aconteça o que acontecer, e seja quem for a pessoa que se coloca à frente dos acontecimentos, a teoria pode sempre afirmar que essa pessoa assumiu a direção dos acontecimentos porque nela se concentrou a soma das vontades.

As respostas dadas por essa teoria às questões históricas assemelham-se às explicações de um homem que, observando um rebanho em movimento, sem levar em conta as variações de qualidade da pastagem nas diferentes partes do campo, nem a direção imprimida ao rebanho pelo pastor, procura a causa da direção do movimento do rebanho simplesmente no animal que pasta na frente.

“O rebanho vai nesta direção porque o animal da frente o conduz, e a soma das vontades de todos os outros animais é delegada a esse chefe do rebanho.” Assim respondem os historiadores da primeira categoria, que admitem a transmissão absoluta de poder.

“Se os animais que caminham à frente do rebanho são substituídos, isso se deve à transferência da soma das vontades de todos os animais a outro chefe, conforme esse animal segue ou deixa de seguir a direção escolhida por todo o rebanho.” Assim respondem os historiadores que admitem que a soma das vontades do povo é transmitida aos governadores de acordo com certas condições, que eles consideram desconhecidas. (Com tal critério de observação, acontece muitas vezes que, ao calcular a direção escolhida pelo rebanho, o observador toma por chefes indivíduos que, devido às mudanças de direção das massas, já não se acham na frente, mas no lado, senão mesmo atrás.)

“Se os animais que vão à frente substituem-se sem cessar, se se modifica sempre a direção de todo o rebanho, é que, para atingir uma direção que nos é conhecida, os animais transmitem a sua vontade aos animais que nós notamos, e a fim de estudar os movimentos do rebanho, devíamos observar todos os animais que se fazem notar e que caminham de todos os lados do rebanho.” Assim falam os historiadores da terceira categoria, que reconhecem como expressão de uma dada época todas as personagens históricas, desde os monarcas até os jornalistas.

A teoria da transmissão das vontades do povo às personagens históricas não é mais do que uma perífrase e a repetição, em outras palavras, da mesma pergunta: Qual é a causa dos movimentos históricos? O poder.

O que é o poder? O poder é a soma das vontades transmitida a uma só pessoa.

Em que condições a vontade das massas é transmitida a uma só pessoa? Nas condições da expressão da vontade de todos por um só; isto é, o poder é o poder. Ou o poder é uma palavra cuja significação não compreendemos.

* * *

Se o domínio do conhecimento humano se limitasse ao simples entendimento abstrato, então, ao analisar a explicação do poder que nos dá a *ciência*, o homem chegaria à conclusão de que o poder não passa de uma palavra e, na realidade, não existe. Mas, para reconhecer um fenômeno, além do raciocínio abstrato, o homem possui também o instrumento da experiência, com o qual confere os resultados da sua reflexão. E a experiência mostra que o poder não é uma simples palavra, mas um fenômeno dotado de existência real.

Sem falar que não é possível descrever a atividade das pessoas em sua integralidade sem entender o poder; a existência deste é provada tanto pela história como pela observação dos fatos contemporâneos.

Cada vez que ocorre um acontecimento histórico surgem uma ou diversas pessoas cuja vontade provocou o acontecimento. Os franceses vão ao México porque Napoleão III o ordena. O rei da Prússia e Bismarck dão uma ordem, e as tropas se dirigem para a Boêmia. Napoleão I ordena que as suas tropas vão à Rússia, e elas vão. É pela vontade de Alexandre I que os franceses se submetem aos Bourbon. A experiência nos mostra que todo acontecimento se cumpre sempre de acordo com a vontade de uma ou de várias pessoas que o ordenaram.

Os historiadores, habituados à velha crença da participação divina nas obras humanas, querem ver a causa do acontecimento na expressão da vontade da pessoa investida de poder. Essa conclusão, porém, não é confirmada nem pelo raciocínio nem pela experiência.

Por um lado, o raciocínio mostra que as expressões da vontade de um homem, as suas palavras, são apenas uma parte da atividade geral que se exprime no acontecimento — guerra ou revolução, por exemplo —, e por isso não se pode admitir que palavras possam ser a causa direta do movimento de milhões de

indivíduos; isso sem admitir ao mesmo tempo uma força incompreensível, sobrenatural: o milagre.

Por outro lado, mesmo se admitirmos que as palavras possam ser causas dos acontecimentos, a história nos mostra que as expressões da vontade das personagens históricas, na maioria dos casos, não produzem nenhum efeito, isto é, que as suas ordens não só deixam muitas vezes de ser cumpridas, como em algumas ocasiões acontece o exato oposto.

Sem admitir a participação divina nas obras da humanidade, não podemos aceitar o poder como causa dos acontecimentos.

Do ponto de vista da experiência, o poder não é mais que a relação de dependência entre a expressão da vontade de uma pessoa e a execução dessa vontade por outrem.

A fim de explicar as condições dessa dependência, devemos, antes de tudo, restabelecer o conceito de expressão da vontade, mas referindo-o ao homem, e não à divindade.

Se é a divindade que dá a ordem, que exprime a sua vontade, como nos dizem as histórias antigas, a expressão dessa vontade não depende do tempo e não é provocada por coisa alguma, visto que a divindade não tem nenhuma ligação com o acontecimento. Mas quando falamos de ordens que são expressões da vontade das pessoas, agindo no tempo e relacionados entre si, a fim de explicar o nexo existente entre essas ordens e os acontecimentos devemos determinar: 1º as condições de tudo que acontece, a continuidade dinâmica no tempo, tanto do acontecimento como da pessoa que o ordena; e, 2º, as condições desse nexo necessário entre a pessoa que ordena e as que cumprem as suas ordens.

VI

Somente a expressão da vontade divina, independente do tempo, pode relacionar-se com toda uma série de acontecimentos que devem desenrolar-se no espaço de vários anos ou vários séculos, e só a divindade pode, por sua vontade exclusiva, definir a direção do movimento da humanidade, ao passo que o homem sempre age no tempo e participa ele próprio do acontecimento.

Restabelecendo a primeira condição omitida, que é a do tempo, veremos que nem uma só ordem pode ser executada sem uma ordem precedente que torne possível a sua execução.

Uma ordem jamais é dada de forma isolada e arbitrária, e jamais contém em si uma série de acontecimentos. Cada ordem decorre de outra e nunca se relaciona com uma série de acontecimentos, mas apenas com um momento desses acontecimentos.

Quando dizemos, por exemplo, que Napoleão ordenou a suas tropas que marchassem para a guerra, concentramos numa só ordem expressa uma série de ordens consecutivas que dependem umas das outras. Napoleão não podia ordenar a invasão da Rússia, e nunca o fez. Mandou um dia que se enviasse certo documento a Viena, a Berlim e a Petersburgo. No outro dia assinou certos decretos e ordens ao exército, à frota, ao aprovisionamento etc. etc. Milhões de ordens separadas, formando uma série de ordens, de onde decorreu uma série de acontecimentos que trouxe os franceses à Rússia.

Durante todo o seu reinado, Napoleão deu ordens para a expedição à Inglaterra e não houve nenhum empreendimento a que ele dedicasse tanto tempo e tantos esforços. E contudo, durante todo o seu reinado, nunca tentou realizar essa intenção. Realizou, porém, uma expedição à Rússia, país com o qual, segundo a sua convicção várias vezes expressa, julgava vantajoso aliar-se. Isso ocorre porque as suas ordens, no primeiro caso, não correspondiam a uma série de acontecimentos, e no segundo sim.

Para que uma ordem seja seguramente executada, é preciso, antes de tudo, que ela o possa ser. Ora, é impossível saber de antemão o que pode ou não ser executado, não só em relação a um acontecimento tão complicado como a campanha de Napoleão na Rússia, em que tomaram parte milhões de pessoas, como até no mais simples dos acontecimentos, pois tanto na execução de uma ordem como de outras podem surgir milhões de obstáculos.

Ao lado de cada ordem executada existe um número considerável de outras que não o são. Todas as ordens impossíveis não se relacionam com o curso dos acontecimentos e não podem ser executadas. Só aquelas que são possíveis se encadeiam nas séries consecutivas de ordens que correspondem ao curso dos acontecimentos, e são executadas.

A ideia falsa de que a ordem que precede o acontecimento é a causa do acontecimento provém do seguinte: depois de cumprido o acontecimento, quando apenas as ordens que se ajustavam a ele foram executadas, esquecemos

as que não o foram porque não podiam sê-lo. Além disso, a origem principal do nosso erro nesse sentido está em que, na exposição histórica, toda uma série de acontecimentos diversos, os mais insignificantes, como por exemplo tudo o que levou os franceses à Rússia, se generaliza num único acontecimento, de acordo com o resultado produzido por essa série de acontecimentos. E, por uma generalização paralela, toda uma série de ordens é concentrada numa única expressão de vontade.

Dizemos: Napoleão quis fazer e fez a campanha da Rússia. Na realidade, em toda a atividade de Napoleão, nada encontramos que se assemelhe à expressão de tal intuito, vemos apenas séries de ordens ou de expressões da sua vontade, orientadas das maneiras mais diversas e indefinidas.

Em meio à série de ordens não executadas de Napoleão, havia uma série de ordens executadas que produziu a campanha de 1812, não porque estas últimas se distinguissem por algo das outras, não executadas, mas porque uma série dessas ordens concordou com uma série de acontecimentos que levaram as tropas francesas à Rússia. Quem pinta uma figura por meio de um padrão não se preocupa com a ordem em que deve lançar a cor, visto que, na figura recortada no padrão, a cor é lançada por toda parte. Do mesmo modo, examinando a relação das ordens com os acontecimentos no tempo, verificamos que em caso algum a ordem pode ser a causa do acontecimento, mas que entre um e outro existe dependência definida.

Para compreender em que consiste essa dependência, é necessário que levemos em conta a outra condição omitida relativamente a cada ordem que provém, não da divindade, mas de um homem; condição que consiste em participar do acontecimento o próprio homem que dá a ordem.

A relação do homem que ordena para com os comandados é precisamente o que se denomina poder, e consiste no seguinte:

Para os fins da atividade comum, as pessoas se unem sempre de acordo com certas combinações, nas quais, apesar da diferença das finalidades visadas pela atividade comum, as relações entre as pessoas que participam da atividade permanecem sempre as mesmas. Unindo-se desse modo, as pessoas colocam-se sempre em tais relações umas para com as outras que o maior número delas toma

a parte mais direta da atividade, e o menor número, a parte menos direta dessa atividade para a qual se unem.

De todas as combinações formadas pelas pessoas para a execução de atos comuns, uma das mais notáveis e mais definidas é o exército.

Cada exército se compõe de membros no posto mais baixo, os soldados, que sempre são os mais numerosos. Depois vêm os cabos, os suboficiais, e assim por diante e em menor número, até o supremo poder militar, que se concentra numa única pessoa.

A organização militar pode ser ilustrada exatamente por um cone, cuja base é formada pelos soldados. Nas seções intermédias colocam-se os diferentes postos, até o vértice do cone, ocupado pelo chefe supremo do exército.

Os soldados, que são os mais numerosos, formam a base do cone e a extremidade inferior. É o soldado quem, diretamente, mata, fere, incendeia e saqueia, mas esses atos devem sempre ser comandados pelo seu superior imediato. O próprio soldado nunca dá ordens. O suboficial — o número destes é muito menor — age, em pessoa, muito mais raramente do que o soldado, mas já dá as suas ordens. Ainda mais rara é a ação direta do oficial, que, entretanto, dá ordens com mais frequência. Quanto ao general, ele não faz senão dar ordens às tropas, designando-lhes o objetivo almejado, porém nunca pega em armas. O comandante jamais toma parte direta na ação, limita-se a ditar ordens gerais sobre o movimento das massas. Essa mesma relação entre as pessoas é encontrada em todas as formas de cooperação para uma atividade comum: agricultura, comércio ou qualquer outro ramo de atividade.

Desse modo, sem separar artificialmente as seções do cone — isto é, os postos militares, os títulos e cargos de qualquer instituição pública ou obra comum, dos mais baixos aos mais altos —, deduz-se daí claramente a lei segundo a qual as pessoas se unem entre si para realizarem uma obra comum. Quanto mais direta é a participação num acontecimento, mais numerosos são e menor a capacidade de ordenar. E quanto mais fraca a participação direta, mais ordens são atribuídas e menor é o seu número. Subimos, assim, das camadas inferiores ao cume, ao chefe supremo, que é o que menos diretamente toma parte no acontecimento e o que mais influência exerce, ditando ordens.

É esta relação entre as pessoas que ordenam e as que são ordenadas que constitui a essência da concepção do que se chama poder.

Restabelecendo as condições de tempo em que se cumprem os acontecimentos, verificamos que a ordem é executada apenas quando se relaciona com uma série correspondente de acontecimentos. E, restabelecendo as condições necessárias de ligação entre a pessoa que ordena e a que executa, descobrimos que as que ordenam tomam parte menos diretamente no acontecimento e que a sua atividade é exclusivamente consagrada a ditar ordens.

VII

Quando se produz um acontecimento qualquer, as pessoas exprimem suas opiniões e seus desejos com respeito a esse acontecimento, e, visto que o acontecimento decorre da atividade comum de várias pessoas, uma das opiniões expressas ou um dos desejos se realiza de forma absoluta ou, pelo menos, aproximada. Quando uma das opiniões expressas se realiza, essa opinião encadeia-se ao acontecimento, como a ordem que o precedeu.

Diversas pessoas arrastam um tronco. Cada uma exprime sua opinião sobre o lugar para onde se deve arrastá-lo e o modo como fazê-lo. Finalmente as pessoas depositam o tronco e percebem que isso foi feito conforme dissera uma delas. Portanto, foi ela que comandou. Eis aí a ordem e o poder no seu aspecto primitivo.

Aquela pessoa que mais trabalhou com as mãos menos refletiu no que fazia e no que poderia resultar da atividade comum; essa não podia dar ordens. A pessoa que mais ordens deu era, evidentemente, em razão da sua atividade verbal, a que menos podia trabalhar com as mãos. Numa reunião mais numerosa de pessoas que dirigem a sua atividade para um objetivo único, ainda mais definida é a categoria das que tomam parte direta na atividade comum, sendo para esta tanto menor sua atividade empregada em dar ordens.

Quando age só, o homem sempre tem em mente certas considerações que — assim lhe parece — guiaram a sua atividade passada, justificam-lhe a atividade presente e o conduzem para os planos futuros.

O mesmo acontece com as reuniões de pessoas: confia-se àquelas que não participam na ação o cuidado de invocar as considerações, as justificações e as suposições referentes à atividade comum.

Por motivos que nos são em parte conhecidos e em parte desconhecidos, os franceses começaram a matar e a degolar uns aos outros e, em relação a esse acontecimento, é apresentada a justificação que consiste em declarar que isso é necessário ao bem da França, à liberdade e à igualdade. As pessoas param de se matar, e esse acontecimento é acompanhado da justificação que consiste em evocar a necessidade de concentração do poder, a obrigação de resistir às forças europeias etc. Os povos marcham do Ocidente para o Oriente, matando os seus semelhantes, e esse acontecimento é acompanhado de frases sobre a glória da França, a covardia da Inglaterra etc. A história nos mostra que essas justificações do acontecimento não têm razão de ser, que elas se contradizem (como o assassinato de um homem em resultado do reconhecimento de seus direitos e a morte de milhões de pessoas na Rússia, a fim de humilhar a Inglaterra). Essas justificações, porém, têm no seu tempo uma importância incontestável.

Elas afastam a responsabilidade moral das pessoas que participaram do acontecimento. Na ocasião, fazem ofício de limpa-trilhos, varrendo o caminho da responsabilidade moral dos chefes. Sem essas justificações não se poderia explicar a primeira e mais simples questão que surge ao exame de cada acontecimento: Como milhões de pessoas se combinaram para cometer crimes, assassinatos, guerras etc.?

Sob as complexas formas atuais da vida política e social da Europa, não se pode conceber um só acontecimento que não seja prescrito, decretado, ordenado por algum imperador, ministro, parlamento ou jornalista. Existe uma forma qualquer de atividade que não se possa justificar pela unidade política de uma nação, por um governo, pelo equilíbrio europeu, pela civilização? Assim, cada acontecimento que se cumpre corresponde inevitavelmente a um desejo qualquer expresso e obtém justificação, sendo dado como efeito da vontade de uma ou de várias pessoas.

Seja qual for a direção de um navio em movimento, veremos sempre diante de nós as ondas que ele corta. Esse movimento das ondas será o único percebido pelas pessoas que se encontram no navio. Só acompanhando com atenção, a cada instante, o movimento das ondas e comparando-o ao do navio, é que nos convenceremos de que a cada instante o movimento das ondas é determinado

pelo do navio, e que éramos induzidos ao erro pelo fato de avançarmos nós mesmos, imperceptivelmente.

A mesma coisa veremos se seguirmos passo a passo o movimento das personagens históricas (isto é, se restabelecemos as condições necessárias de tudo o que acontece, as condições da continuidade do movimento do tempo), não perdendo de vista a necessária conexão das personagens históricas com as massas.

Seguindo um sentido, adiante está o mesmo fluxo. Se muda o sentido, muda também o fluxo, independentemente da quantidade de vezes em que isso ocorre. Mas existe sempre um fluxo.

Aconteça o que acontecer, verifica-se sempre que aconteceu precisamente o que fora previsto e ordenado. Para qualquer lado que se dirija o navio, as ondas, sem o guiar, sem lhe acelerar o movimento, correm diante dele e de longe nos parecem animadas de um movimento arbitrário que dirige o curso do navio.

* * *

Examinando apenas as expressões da vontade das personagens históricas que guardam, para com os acontecimentos, relações que assumem a forma de ordens, os historiadores supõem que esses acontecimentos estejam subordinados às ordens. Examinando os próprios acontecimentos e as relações em que as personagens históricas se encontram para com as massas, averiguamos que essas personagens e as ordens delas são dependentes do acontecimento.

Prova indiscutível dessa conclusão é que, qualquer que seja o número de ordens dadas, o acontecimento não se cumprirá se não existirem outros motivos. Mas assim que o acontecimento se efetua (seja ele qual for), então, entre todas as vontades que a cada instante são externadas por diferentes pessoas, encontram-se algumas que, pelo seu sentido e pela ocasião em que foram expressas, equivalem, com respeito ao acontecimento, a ordens dadas.

Admitindo essa conclusão, podemos responder de forma clara e positiva a estas duas questões essenciais da história:

1º) O que é o poder?

2º) Qual é a força que produz o movimento dos povos?

Respondemos: 1º) O poder é a relação de uma dada pessoa com outras pessoas, em que essa pessoa toma parte menos direta porquanto emite mais opiniões, teorias e justificações a respeito da ação comum.

2º) Não é o poder, nem é a atividade intelectual, nem mesmo a união de ambos, como julgam os historiadores, que produz o movimento dos povos, mas, sim, a atividade de *todos* os que tomam parte no acontecimento, unindo-se sempre de tal modo que aqueles que mais diretamente participam do acontecimento assumem menos responsabilidade, e vice-versa.

Sob o ponto de vista moral, o poder nos é apresentado como causa do acontecimento. Sob o ponto de vista físico, a causa são aqueles que se submetem ao poder. Mas, visto que a atividade moral não é possível sem a atividade física, a causa do acontecimento não se encontra nem numa nem na outra, mas na união de ambas.

Ou, em outras palavras, o conceito de causa é inaplicável ao fenômeno que examinamos.

Em última análise, alcançamos o círculo da eternidade, esse limite extremo ao qual chega a razão humana em termos de pensamento, quando não se contenta em brincar com o assunto. A eletricidade produz o calor, o calor produz a eletricidade. Os átomos se atraem, os átomos se repelem.

Ao falar das ações recíprocas do calor, da eletricidade e dos átomos, não podemos dizer por que assim acontece. Sabemos apenas que é assim porque não se pode concebê-lo de outra forma, porque tem de ser assim, porque é a lei. O mesmo se dá com os acontecimentos históricos. Por que existem guerras e revoluções? Não sabemos. Mas sabemos que, para cumprir tal ou tal ato, as pessoas se agrupam numa certa combinação em que todas participam. E dizemos: isso acontece porque de outra forma é impossível — porque é a lei.

VIII

Se a história tratasse apenas de fatos exteriores, bastaria provar essa lei simples e evidente, e poderíamos encerrar aqui nossos raciocínios. Mas a lei da história diz respeito à humanidade. Uma partícula de matéria não nos pode dizer que não sente em absoluto a necessidade inevitável de atração ou de repulsão e que, por conseguinte, tal necessidade não existe. Mas o ser humano, que é o objeto da história, afirma categoricamente: eu sou livre, logo não estou submetido a leis.

A questão do livre-arbítrio, mesmo quando não é expressa, acha-se presente a cada passo da história.

Todos os historiadores que refletem a sério tropeçam, mesmo sem o querer, nessa questão. Todas as contradições e obscuridades da história, bem como o falso caminho seguido por essa ciência, devem-se à falta de resolução dessa questão.

Se a vontade de cada pessoa fosse livre, isto é, se as pessoas pudessem agir como quisessem, toda a história não passaria de uma série de acasos sem nexos.

Mesmo que um único homem entre milhares, uma vez em cada mil anos, tivesse a possibilidade de agir de outra forma, de agir como lhe aprouvesse, é evidente que um só ato livre, contrário às leis, de tal homem, destruiria a possibilidade da existência de quaisquer leis para a humanidade.

Por sua vez, se existe uma única lei que dirige as ações humanas, não pode existir vontade livre, pois a vontade das pessoas deve submeter-se a essa lei.

Nessa contradição reside o problema do livre-arbítrio, objeto da mais alta importância e, desde os tempos mais remotos, de reflexão de milhares de inteligências.

Eis em que consiste a questão: tomando o homem como objeto de observação, sob qualquer ponto de vista — teológico, histórico, ético, filosófico —, verificamos a lei de necessidade a que ele está sujeito, como todas as outras coisas que existem. Examinando-o, porém, em si, segundo as luzes da nossa consciência, nós o sentimos livre.

Essa consciência é fonte de um conhecimento particular de nós mesmos, de um conhecimento que independe da razão. Pela razão o homem observa a si mesmo, mas só se conhece pela consciência. Sem esta, é absolutamente impossível observar ou fazer uso da razão.

Para compreender, observar, tirar conclusões, o homem deve antes de tudo reconhecer-se como um ser vivo, e isso ele só faz assumindo-se como alguém que tem vontade. Portanto, o homem tem consciência da sua vontade. Essa vontade, que é o sentido da vida, o homem reconhece, e só reconhece como homem livre.

Se, observando a si mesmo, o homem verifica que a sua vontade é sempre regida por uma lei (seja que ele observe a necessidade de alimentação, a

atividade cerebral ou qualquer outra coisa), não pode considerar esse governo constante de sua vontade senão como uma restrição. Ora, o que não é livre não pode ser restringido. A vontade do homem lhe parece ser restringida justamente porque ele só reconhece a vontade como livre.

Se me dizem “Tu não és livre”, respondo levantando e baixando a mão. Todos compreendem que essa resposta ilógica é uma prova indiscutível da liberdade.

Essa resposta é a expressão de uma consciência que não está submetida à razão.

Se a consciência da liberdade não fosse uma fonte de conhecimento de nós mesmos, independente da razão, estaria submetida ao controle do raciocínio e da experiência. Mas, na realidade, tal controle nunca se verifica, nem é possível.

Uma série de experiências e de raciocínios revela a cada pessoa que, como objeto de observação, ela está submetido a certas leis. E a pessoa submete-se a elas e, uma vez compreendidas as leis de atração ou de impenetrabilidade, não mais procura contrariá-las. A mesma série de experiências e de raciocínios lhe demonstra ser impossível a liberdade absoluta de que ela se reconhece dotada, e que cada ato depende do seu organismo, do seu caráter e dos motivos que atuam sobre ele. A pessoa, porém, nunca se conforma com as conclusões dessas experiências e raciocínios.

Após aprender, pela experiência e pelo raciocínio, que a pedra cai de cima para baixo, a pessoa deposita fé absoluta nessa lei e, em todos os casos, espera que se verifique a lei aprendida.

Mas, aprendendo de forma não menos indiscutível que a sua vontade está submetida a certas leis, não acredita nem consegue acreditar nisso.

Quantas vezes a experiência e o raciocínio não mostram ao homem que, nas mesmas condições e com o mesmo caráter, ele fará, pela milésima vez, a mesma coisa que antes fizera! Entretanto, ao repetir um ato qualquer nas mesmas condições e com o mesmo caráter, embora esse ato termine sempre do mesmo modo, ele sempre sente a mesma convicção irredutível de poder proceder como lhe convém. Qualquer um, selvagem ou civilizado, embora a razão e a experiência lhe provem cabalmente que não é possível imaginar dois atos diferentes nas mesmas circunstâncias, sente que, sem essa crença injustificada — que é a própria essência da liberdade —, ele não pode conceber a vida. Por mais

impossível que isso seja, sente que deve ser assim, pois, sem essa ideia da liberdade, não só ele não compreenderia a vida como não poderia viver um só instante.

Não poderia viver, porque todas as aspirações humanas, todas as exigências da vida, não são mais que aspirações a uma liberdade maior. A riqueza e a pobreza, a glória e a obscuridade, o poder e a submissão, a força e a fraqueza, a saúde e a doença, a instrução e a ignorância, o trabalho e a ociosidade, a saciedade e a fome, a virtude e o vício, tudo isso não são senão graus maiores ou menores de liberdade. Uma pessoa não consegue se imaginar privada de liberdade, a não ser que esteja morta.

Se a ideia de liberdade se apresenta à razão como uma contradição absurda, como a possibilidade de praticarmos dois atos ao mesmo tempo ou de existir um efeito sem causa, isso só prova que a consciência não está sujeita ao domínio da razão.

Essa consciência pertinaz e indestrutível da liberdade, essa consciência que escapa ao controle do raciocínio e da experiência, reconhecida e sentida por todos sem exceção, essa consciência sem a qual é impossível imaginar o homem, constitui o outro aspecto da questão.

O ser humano é uma criatura de Deus Todo-Poderoso, onisciente e sempre bom. O que é então o pecado, cuja concepção decorre da consciência de liberdade do homem? Eis aí a questão que formula a teologia.

Os atos dos homens estão submetidos às leis gerais invariáveis, perpétuas, expressas pela estatística. Em que consiste, pois, a responsabilidade do homem perante uma sociedade, cuja concepção decorre dessa consciência da liberdade? Eis a questão do direito.

Os atos dos homens resultam do seu caráter imutável e das influências que sobre ele operam. O que é, pois, a consciência e o senso de bem e mal nos atos que decorrem da consciência da liberdade? Eis a questão da ética.

Considerado em relação com a vida comum da humanidade, o homem é concebido como governado pelas leis que definem essa vida. Mas o mesmo homem, afora essa relação, é concebido como livre. De que modo, pois, devemos considerar a vida passada dos povos e da humanidade? Como resultado da atividade livre ou necessária dos homens? Eis a questão da história.

Só nesta presunçosa época de vulgarização da ciência, graças à mais poderosa arma da ignorância, que é a difusão da imprensa, foi a questão do livre-arbítrio colocada num plano em que ela não pode sequer existir. Nos nossos dias, a maioria das pessoas que se denomina avançada — isto é, uma multidão de ignorantes — aceitou as conclusões dos naturalistas, que se ocupam com um aspecto apenas da questão, tomando-as como uma solução de toda a questão.

Não existe alma nem liberdade, porque a vida das pessoas se exprime pelos movimentos dos músculos, e estes se acham sob a dependência da atividade nervosa. Não existe alma nem liberdade porque, numa época desconhecida, nós nos originamos do macaco. Isso é o que eles dizem e escrevem, sem suspeitar que, há milhares de anos, todas as religiões e todos os pensadores reconheciam plenamente essa mesma lei de necessidade, que com tanto zelo se trata de provar agora por meio da fisiologia e da zoologia comparadas. Não veem que o papel das ciências naturais consiste apenas em servir de instrumento para esclarecer um único aspecto da questão, pois o fato de, sob o ponto de vista da observação, a razão e a vontade não passarem de secreções do cérebro, e o fato de que o homem, segundo a lei geral de desenvolvimento, pode ter-se originado dos animais inferiores numa época desconhecida, tudo isto não faz mais do que explicar sob um novo aspecto esta verdade reconhecida há tantos milhares de anos por todas as religiões e teorias filosóficas: sob o ponto de vista da razão, o homem está submetido às leis da necessidade. Mas isso não faz avançar uma só linha em direção da solução da questão que possui uma outra face, correspondente à consciência da liberdade.

Que os homens tenham descendido do macaco numa época incerta, é uma afirmação tão compreensível como a de terem eles sido feitos de um bocado de barro em época determinada (no primeiro caso, a incógnita é o tempo; no segundo, o processo), e a questão de como a consciência da liberdade do homem pode conciliar-se com a lei de necessidade a que ele está sujeito não pode ser resolvida pela fisiologia e pela zoologia comparadas, porque, na rã, no coelho e no macaco, só podemos observar a atividade muscular e nervosa, ao passo que no homem observamos a atividade muscular e nervosa, mais a consciência.

Os naturalistas e seus adeptos que pensam resolver essa questão assemelham-se a uma turma de pedreiros cuja missão é rebocar uma parede de igreja e que,

aproveitando a ausência do superintendente das obras, no seu zelo excessivo, rebocasse também os vitrais, as imagens, as vigas e os andaimes, rejubilando-se porque, do ponto de vista do seu ofício de rebocadores, tudo tenha ficado perfeito.

IX

Esta questão da liberdade e da necessidade ocupa, na história, uma posição diferente da que lhe compete nos outros ramos de conhecimento, pois na história a questão não se refere à essência da vontade humana, mas às manifestações dessa vontade no passado e sob certas condições.

Com respeito à solução dessa questão, a história guarda, em relação às outras ciências, posição idêntica à das ciências experimentais diante das ciências especulativas.

A história tem por objeto não a própria vontade do homem, mas a representação que temos dessa vontade. Eis porque não existe para a história, como para a teologia, a ética ou a filosofia, esse mistério insolúvel da união de dois termos contraditórios: liberdade e necessidade. A história estuda uma representação da vida das pessoas, em que a união desses dois termos contraditórios já se encontra realizada.

Na vida real, cada acontecimento histórico, cada ato humano é compreendido com muita clareza e nitidez, sem a menor contradição, embora cada acontecimento pareça, por um lado, livre, e pelo outro, necessário.

Para resolver o problema da união da liberdade e da necessidade e determinar o que constitui a essência dessas duas concepções, a filosofia da história pode e deve tomar um caminho oposto ao das outras ciências.

Em vez de definir primeiramente as ideias de liberdade e de necessidade em si mesmas e depois encaixar nessas definições os fenômenos da vida, a história deve deduzi-las da imensa quantidade de fenômenos pertencentes ao seu domínio, e que se acham sempre sob a dependência dos conceitos de liberdade e necessidade.

Seja qual for o modo por que se examina a atividade de um ou de vários homens, não podemos considerá-la senão como o produto, em parte, do livre-arbítrio do homem e, em parte, das leis da necessidade. Quer discutamos as

migrações dos povos e as incursões dos bárbaros, quer o governo de Napoleão III, quer a decisão de uma pessoa que, uma hora atrás, escolheu para o seu passeio uma direção entre diversas possíveis, não vemos em nenhuma desses casos contradição alguma. A medida de liberdade e de necessidade que guia os atos desses homens é, para nós, bem definida.

Muitas vezes, a nossa concepção de um grau maior ou menor de liberdade difere segundo o ponto de vista sob o qual consideramos o fenômeno. Cada ato humano, porém, é sempre concebido por nós como uma mistura de liberdade e de necessidade. Em cada ato examinado vemos uma parte de liberdade e uma parte de necessidade. Quanto mais liberdade vemos num ato, menos necessidade vemos no mesmo, e vice-versa.

A relação entre a liberdade e a necessidade aumenta ou diminui segundo o ponto de vista sob o qual examinamos o ato, mas há sempre uma relação inversamente proporcional entre ambas.

O homem que se afoga, arrastando consigo quem queria salvá-lo, a mãe faminta, esgotada pelo aleitamento do filho, que rouba comida, ou o homem escravo da disciplina que, em virtude de uma ordem, mata um semelhante indefeso, todos parecem menos culpados — isto é, menos livres e mais submetidos às leis da necessidade, aos olhos de quem conhece as condições em que eles se encontram. Mas, para quem não sabe que o homem estava em transe de se afogar, que a mãe tinha fome e que o soldado tinha ordem de matar etc., essas pessoas parecem mais livres.

Do mesmo modo, um homem que há vinte anos cometeu um assassinato e que, depois disso, passou a viver tranquilamente, sem prejudicar a sociedade, parece menos culpado, e o seu ato mais sujeito à lei da necessidade, aos olhos de quem considera esse ato após um lapso de vinte anos, e mais livre aos olhos de quem o considera no dia seguinte ao ato perpetrado. Assim também, cada ato de um louco, de um bêbado ou de um homem violentamente perturbado parece menos livre e mais necessário a quem conhece o estado mental do autor do ato, e mais livre e menos necessário a quem não o conhece. Em todos esses casos a concepção da liberdade aumenta ou diminui, e a da necessidade diminui ou aumenta em razão inversa, de acordo com o ponto de vista sob o qual é

considerado o ato. Desse modo, quanto maior nos parecer a liberdade, menor será a necessidade, e vice-versa.

A religião, o bom senso humano, a própria ciência do direito e a história compreendem da mesma forma essa relação entre a liberdade e a necessidade.

Todos os casos, sem exceção, em que varia a nossa concepção da liberdade e necessidade, dependem de três considerações:

- 1º) A relação em que se acha o autor do ato com o mundo exterior;
- 2º) Sua relação para com o tempo;
- 3º) Sua relação com as causas que produziram o ato.

No primeiro caso, a variação depende do grau em que percebemos a relação do homem com o mundo exterior, a ideia mais ou menos clara que formamos sobre a posição definida que o homem ocupa em relação a todas as coisas que coexistem com ele. Por essa consideração, torna-se evidente para nós que o homem que se está afogando é menos livre e se acha mais sujeito à necessidade do que um homem em terra firme. Também por uma consideração semelhante, atos de um homem que vive em íntima conexão com outros homens num país muito povoado, os atos de um homem preso pelos laços da família, das obrigações profissionais ou do serviço militar, parecem indubitavelmente menos livres e mais necessários do que os de um solitário.

Se examinarmos um indivíduo isolado, fora das suas relações com tudo que o cerca, cada um dos seus atos nos parecerá livre. Mas, se verificarmos a menor relação com as coisas que o cercam, se percebermos a sua conexão com o que quer que seja — com um homem que fala com ele, com o trabalho em que está ocupado, até com o ar que o envolve, com a luz que atinge os objetos vizinhos —, compreenderemos que cada uma dessas circunstâncias exerce sobre ele certa influência e guia, pelo menos, parte da sua atividade. E, quanto mais percebermos essas influências, menor se tornará a representação da sua liberdade e maior a da necessidade a que ele está sujeito.

A segunda causa de variação deve-se à maneira mais ou menos distinta como percebemos a posição do homem no tempo, à clareza da noção que temos sobre o lugar ocupado pelo ato desse homem no tempo. E devido a essa consideração que a queda do primeiro homem, de onde se originou o gênero humano, nos parece, evidentemente, um ato menos livre do que o casamento que acontece em

nossos dias. É devido a essa consideração que a vida de homens que existiram há vários séculos não me pode parecer tão livre quanto a vida dos meus contemporâneos, cujas consequências dos atos me são ainda desconhecidas.

A variação da nossa concepção da maior ou menor liberdade, sob este ponto de vista, depende do lapso de tempo decorrido entre o ato e a nossa apreciação do mesmo.

Se eu examinar um ato cometido por mim um instante atrás, aproximadamente nas mesmas circunstâncias em que me encontro agora, meu ato me parecerá indubitavelmente livre. Mas, se me dedicar a julgar um ato que pratiquei há um mês, então, encontrando-me em outras condições, não poderei deixar de reconhecer que, se esse ato não tivesse sido praticado, muitas coisas úteis, agradáveis e até inevitáveis que dele decorreram não teriam existido. Se me transportar, em pensamento, para um ato ainda mais distante (dez anos atrás ou mais), as consequências do meu ato me serão ainda mais evidentes, e mal poderei imaginar o que sucederia se o ato não tivesse acontecido. Quanto mais recuo com a memória, ou, o que dá no mesmo, quanto mais me adianto na análise dessas recordações, mais duvidosa se torna a minha concepção da liberdade para o ato.

Vemos variar na mesma relação a nossa convicção sobre o elemento de livre-arbítrio nos feitos históricos da humanidade. Um fato contemporâneo nos parece ser indiscutivelmente o resultado dos esforços de todos os homens conhecidos. Num acontecimento mais antigo, todavia, percebemos já os encadeamentos inevitáveis que não nos permitem imaginar a possibilidade de qualquer outra coisa. E, quanto mais recuado o acontecimento fica no tempo, menos arbitrário nos parece.

A guerra austro-prussiana afigura para nós resultar indubitavelmente de uma série de manobras do astuto Bismarck etc. Quanto às guerras napoleônicas, embora estejam sujeitas a reservas, nos parecem ser o efeito da vontade livre dos heróis. Nas Cruzadas, porém, vemos já um acontecimento que ocupa um lugar definido e sem o qual não seria concebível a história moderna da Europa. Embora, para os cronistas contemporâneos das Cruzadas, o acontecimento tenha parecido apenas o resultado da vontade de algumas personagens. No tocante às migrações dos povos, por exemplo, não ocorre a ninguém, na nossa época, que a

renovação do mundo europeu dependesse de um capricho de Atila. Quanto mais remoto no tempo o objeto da observação, mais duvidosa se torna a liberdade das pessoas que tomaram parte nos acontecimentos e mais evidente parece a lei da necessidade.

O terceiro elemento que influencia o nosso juízo é o grau em que apreendemos o encadeamento infinito de causas e efeitos, exigido pela razão, e no qual cada fenômeno é compreendido, e por conseguinte cada ato deve ocupar um lugar definido, como resultado dos atos passados e causa dos futuros.

É graças a essa consideração que os nossos atos e os dos outros nos parecem tanto menos livres quanto melhor conhecemos, por um lado, as leis fisiológicas, psicológicas e históricas deduzidas da observação, às quais está sujeito o homem, quanto melhor apreendemos a causa fisiológica, psicológica ou histórica do ato. E por outro lado, quanto mais simples o ato observado e mais complexos o caráter e o espírito do seu ator.

Quando não compreendemos em absoluto a causa do ato — seja ele virtuoso, vicioso ou simplesmente alheio a considerações de moral —, atribuímos-lhe um maior elemento de liberdade. Se se trata de um crime, exigimos energicamente o castigo; se de uma virtude, valorizamos em alta conta. No caso de um ato indiferente, reconhecemos-lhe maior liberdade e originalidade.

Basta, porém, conhecermos uma só das inumeráveis causas para admitir já certa parte de necessidade e nos sentirmos menos dispostos a exigir castigo para o crime, para não vermos tanto mérito no ato virtuoso ou tanta liberdade no ato que nos parecia original. O fato de um criminoso se ter criado entre malfeitores diminui a sua culpabilidade. O sacrifício de um pai, de uma mãe ou um sacrifício com possibilidade de recompensa nos é mais compreensível do que o sacrifício sem causa e, por conseguinte, nos parece menos meritório, menos livre. Os fundadores de uma seita, de um partido, os inventores nos causam menos admiração quando conhecemos os precedentes que lhes aplainaram o caminho. Se possuímos uma vasta experiência, se a nossa observação está sempre dirigida para a procura de relações de causa e efeito nos atos humanos, esses atos nos parecerão tanto mais necessários e menos livres quanto maior a certeza com que houvermos determinado a conexão entre as causas e as consequências. Se os atos estudados são simples e tivermos reunido um grande número de tais atos para

observação, mais completa será a nossa concepção da sua necessidade. O ato desonesto do filho de um pai desonesto, a má conduta de uma mulher que viveu em certo ambiente, a reincidência do bêbado regenerado no seu vício etc. são atos que nos parecem tanto menos livres quanto melhor compreendermos sua causa. E se a pessoa, cujo proceder examinamos, se encontra no mais baixo grau de desenvolvimento mental, como uma criança, um louco ou um tolo, conhecendo-lhe a simplicidade do caráter e da inteligência, vemos tão grande soma de necessidade e tão pouca liberdade que, tão depressa conhecemos a causa que deve produzir o ato, podemos prever tal ato.

Em todos os códigos legislativos, a irresponsabilidade dos crimes e as circunstâncias atenuantes repousam sobre essas três considerações. A responsabilidade parece maior ou menor segundo o menor ou maior conhecimento das circunstâncias em que se encontrava a pessoa cujo ato examinamos, segundo o lapso de tempo mais ou menos longo decorrido entre a perpetração do ato e o momento em que o julgamos, e segundo a maior ou menor compreensão das suas causas.

X

Assim, a nossa convicção da liberdade ou da necessidade aumenta ou diminui gradualmente, segundo a maior ou menor conexão com o mundo exterior, o maior ou menor afastamento no tempo e o grau de dependência das causas que percebemos no fenômeno da vida humana que examinamos.

De sorte que, se examinarmos uma situação em que é mais conhecida a conexão do homem com o meio exterior, é maior o período de tempo decorrido até a apreciação do ato e mais evidentes as causas deste, uma necessidade máxima e uma liberdade mínima veremos nesse ato. Mas, se considerarmos o homem em menor dependência das condições exteriores, se o seu ato foi praticado num momento muito recente e se não nos são acessíveis as causas desse ato, conceberemos uma necessidade mínima e uma liberdade máxima. Tanto num como no outro caso, contudo, por mais que procuremos mudar de ponto de vista, por mais que expliquemos as relações em que se encontra o homem com o mundo exterior, por mais acessíveis que nos pareçam essas relações, por mais que alonguemos ou diminuamos o período de tempo, por mais

causas que acumulamos, nunca poderemos conceber nem a total liberdade nem a absoluta necessidade.

1º) Por mais que tratemos de imaginar um homem subtraído às influências do mundo exterior, nunca poderemos conceber a liberdade no espaço. Cada ato humano se acha inevitavelmente submetido a certas condições pelos objetos que o circundam e pelo próprio corpo do homem. Levanto e abaixo a mão, e meu ato me parece livre. Mas, ao indagar se me é possível levantar a mão em qualquer direção, perceberei que o fiz na direção em que havia menos obstáculos — obstáculos estes que se encontram nos corpos que me rodeiam e na conformação do meu próprio corpo. Se, de todas as direções possíveis, escolho uma só, faço-o porque havia menos obstáculos nessa direção. Para que o meu ato seja completamente livre, é necessário que não encontre nenhum obstáculo. Para conceber um homem absolutamente livre, devemos imaginá-lo fora do espaço, o que, evidentemente, é impossível.

2º) Por mais que aproximemos o momento da nossa apreciação daquele em que se cumpriu o ato, nunca poderemos conceber a liberdade no tempo, pois que, se eu examinar um ato cometido um segundo depois, deverei reconhecer ainda assim que ele não é livre, visto achar-se irrevogavelmente ligado ao momento em que se cumpriu. Posso levantar o meu braço? Respondo levantando-o. Mas, imediatamente, pergunto a mim mesmo: Podia eu ter deixado de levantá-lo naquele momento que já passou? Para me convencer disso, não o levanto no momento seguinte. Mas o momento em que deixo de levantar o braço já não é aquele momento com respeito ao qual faço a pergunta. Esse momento já passou e não estava em meu poder detê-lo. O braço que levantei então e o ar em que o levantei já não são o mesmo braço que deixo de levantar agora e o mesmo ar em que deixo de levantá-lo. O momento em que executei aquele movimento é irrevogável, e nesse momento eu só podia executar uma única ação, e, qualquer que fosse o movimento executado por mim, não podia ser senão um. O fato de, no momento seguinte, eu me ter abster de levantar o braço não prova que pudesse ter deixado de fazê-lo na primeira vez. E, visto que o meu movimento só podia ter sido um naquele momento do tempo, prova que não podia ter sido outro. Para imaginá-lo livre, é preciso que o concebamos no presente, sobre a

linha divisória entre o passado e o futuro; isto é, fora do tempo, o que é impossível.

3º) Por maiores que sejam as dificuldades que envolvam a compreensão das causas de um ato, jamais alcançamos a concepção da liberdade completa, isto é, a ausência de causa. Embora a causa da manifestação de vontade em qualquer ato, nosso ou alheio, esteja além do nosso entendimento, a primeira exigência do espírito é a pressuposição e a busca da causa, sem a qual nenhum fenômeno é compreensível. Levanto o braço a fim de praticar um ato independente de qualquer causa, mas o fato de desejar praticar um ato independente de qualquer causa é a causa do meu ato. Mesmo, porém, que, para imaginarmos um homem completamente livre de qualquer influência, praticando um ato momentâneo, no presente, sem ser provocado por nenhuma causa, reduzíssemos o elemento necessidade a um mínimo infinitamente pequeno e equivalente a zero, não alcançaríamos a concepção da liberdade completa num homem. Pois um ser que não está sujeito às influências do mundo exterior, que se acha fora do tempo e não depende de causa alguma, já não é um ser humano.

Do mesmo modo, é-nos impossível imaginar os atos de um homem submetido tão somente à lei da necessidade, sem intervenção da liberdade.

1º) Por mais que aumentemos o nosso conhecimento das circunstâncias de espaço em que se encontra o homem, esse conhecimento nunca poderá ser completo, visto que o número dessas circunstâncias é infinitamente grande, em correspondência com a infinidade do espaço. Eis a razão por que, uma vez que não pode ser definida a totalidade das condições a que está sujeito o homem, não existe necessidade absoluta e deve haver uma parcela de liberdade.

2º) Por mais que alonguemos o período decorrido entre um fenômeno e a nossa apreciação do mesmo, esse período será finito, enquanto que o tempo é infinito. Eis por que, também sob este ponto de vista, nunca pode haver necessidade completa.

3º) Por mais fácil que seja apreender a série de causas de um ato qualquer, jamais a conheceremos na sua totalidade, pois que essa série é interminável e, também aqui, nunca chegaremos à necessidade absoluta.

Além disso, mesmo que reduzamos o elemento da liberdade até torná-lo equivalente a zero e admitamos, por exemplo no caso de um moribundo, de um

embrião ou de um idiota, a ausência completa de liberdade, destruiremos com isso a própria ideia de homem, o objeto de nossa observação. Pois do momento em que não existe liberdade, não existe homem. E por isso que a representação do ato de um homem submetido unicamente à lei da necessidade, sem o menor elemento de liberdade, se torna tão impossível quanto a representação de um ato humano absolutamente livre.

Assim, para imaginarmos o ato de um homem submetido unicamente às leis da necessidade, de um homem privado de liberdade, devemos admitir o conhecimento de uma quantidade *inumerável* de condições no espaço, de um período *infinitamente grande* de tempo e de uma série *infinita* de causas.

Para concebermos um homem completamente livre, sem estar submetido às leis da necessidade, devemos imaginá-lo *fora do espaço, fora do tempo e independente de qualquer causa*.

No primeiro caso, se a necessidade fosse possível sem a menor parcela de liberdade, seríamos levados a definir as leis da necessidade pela própria necessidade, isto é, uma forma sem nenhum conteúdo.

No segundo caso, se a liberdade fosse possível sem a necessidade, chegaríamos à concepção de uma liberdade incondicional, fora do espaço, do tempo e da influência das causas, e que, pelo próprio fato de ser absoluta e ilimitada, não seria senão um conteúdo sem forma.

Chegaríamos, na verdade, a estes dois elementos fundamentais de que se compõe toda a concepção do mundo pelo homem: a essência incompreensível da vida e as leis que definem essa essência.

A razão afirma, primeiro, que o espaço, com todas as formas que lhe dão o seu conteúdo — a matéria —, é infinito e não pode ser concebido de outro modo. Segundo, que o tempo é o movimento infinito, sem um só instante de repouso, e não pode ser concebido de outro modo. E, terceiro, o encadeamento de causas e efeitos não tem princípio e não pode ter fim.

A consciência diz, primeiro, que eu sou a única, e tudo o que existe sou eu; por conseguinte, eu abarco o espaço. Segundo, que eu meço o tempo que corre com o momento imóvel do presente, aquele em que eu me reconheço viva; portanto, estou fora do tempo. Terceiro, que estou fora da dependência das causas, visto que me sinto a causa de todas as manifestações de minha vida.

A razão exprime as leis da necessidade, a consciência exprime a essência da liberdade.

A liberdade sem limites é a essência da vida na consciência do homem. A necessidade sem conteúdo é a razão humana com as suas três formas.

A liberdade é o que é examinado, a necessidade é o que examina. A liberdade é o conteúdo, a necessidade é a forma.

Apenas separando as duas fontes de conhecimento, que estão uma para a outra na relação de forma para conteúdo, é que chegamos a formar essas concepções, que se excluem reciprocamente e são incompreensíveis em separado, as concepções de liberdade e de necessidade.

Só pela união de ambas temos uma representação clara da vida humana. Fora dessas duas concepções, que se determinam por suas características e relação, nenhuma representação da vida é possível.

Tudo o que conhecemos da vida do homem não é mais que uma certa relação entre a liberdade e a necessidade, isto é, entre a consciência e as leis da razão. Tudo o que conhecemos do mundo exterior, da natureza, não é senão uma certa relação das forças da natureza com a necessidade, ou da essência da vida com as leis da razão.

As forças da vida da natureza estão fora de nós e são inacessíveis à nossa consciência. Chamamos essas forças de atração, inércia, eletricidade, força etc. A força da vida do homem, porém, é diretamente sentida pela consciência e a chamamos de liberdade. E, do mesmo modo como a força de atração, incompreensível em si mesma, mas reconhecida por todos, só nos é compreensível na medida em que conhecemos as leis de necessidade que a regem (desde o conhecimento primitivo de que todos os corpos são pesados até o conhecimento das leis de Newton), também a força da liberdade, reconhecida por todos nós e incompreensível em si mesma, só nos é acessível quando conhecemos as leis da necessidade a que está submetida (começando pelo fato de serem mortais todos os homens e terminando pelo mais completo conhecimento econômico ou histórico).

Todo conhecimento consiste em submeter a essência da vida às leis da razão. A liberdade do ser humano distingue-se de todas as outras forças pelo fato de estar submetida à consciência humana. Aos olhos da razão, porém, ela em nada

se distingue das demais forças. As forças da atração, da eletricidade ou da afinidade química não se distinguem umas das outras senão porque a razão as define de maneira diversa. Do mesmo modo, a liberdade do homem só se distingue das outras forças da natureza pela definição que lhe dá essa mesma razão. E a liberdade sem a necessidade, isto é, sem as leis da razão que a definem, em nada se distingue da atração, do calor ou da força do crescimento dos seres. Para a razão, ela não é senão uma sensação momentânea e indefinida da vida.

Assim como a essência indefinida da força que move os corpos celestes, do calor, da eletricidade, do processo químico ou da força vital forma o objeto da astronomia, da física, da química, da botânica, da zoologia etc., também a essência da força da liberdade forma o objeto da história. Mas, assim como o objeto de cada ciência são as manifestações da essência desconhecida da vida, enquanto que essa essência em si mesma só pode ser estudada pela metafísica, também as manifestações da força da liberdade das pessoas no espaço, no tempo e no encadeamento das causas constituem o objeto da história. A liberdade em si mesma pertence à metafísica.

Nas ciências experimentais, chamamos de leis da necessidade aquilo que nos é conhecido. Quanto ao que não conhecemos, chamamos de força vital. A força vital não é mais que a denominação do resíduo desconhecido dos nossos conhecimentos sobre a essência da vida.

Do mesmo modo, na história, chamamos de necessidade o que nos é conhecido e de liberdade o que continuamos a desconhecer. A liberdade, para a história, não é senão a manifestação do resíduo desconhecido do que sabemos sobre as leis da vida das pessoas.

XI

A história examina as manifestações da liberdade humana em relação com o mundo exterior, no tempo e na dependência das causas, isto é, ela define essa liberdade pelas leis da razão. Assim, a história não pode ser uma ciência senão enquanto a liberdade for definida por essas leis.

Para a história, reconhecer a liberdade das pessoas como uma força que pode exercer influência sobre os acontecimentos históricos, isto é, como uma força

colocada fora da dependência das leis, é a mesma coisa que, para a astronomia, reconhecer o livre-arbítrio nos movimentos dos corpos celestes.

Essa admissão destrói a possibilidade de existência das leis, ou seja, de qualquer espécie de saber. Se houvesse um só corpo que se movesse por sua livre vontade, as leis de Kepler e de Newton estariam anuladas e estaria destruída toda a concepção do movimento dos corpos celestes.

Se existe um só ato livre do homem, não pode existir nenhuma lei histórica nem se pode formar concepção alguma dos acontecimentos históricos.

Para a história, as vontades humanas se movem sobre certas linhas. Dessas linhas, uma de suas extremidades se oculta no desconhecido e a outra se desloca no espaço, no tempo e na dependência das causas. Nessa reside, no presente, a consciência da liberdade das pessoas.

Quanto mais se amplia aos nossos olhos esse campo do movimento, mais evidente se tornam as leis do seu movimento. Descobrir e definir essas leis é o programa da história.

Do ponto de vista utilizado pela ciência para abordar atualmente o seu objeto e com o método que ela segue, procurando as causas dos fenômenos na vontade livre das pessoas, é impossível a dedução de leis científicas, pois, por mais que delimitemos a liberdade das pessoas, uma vez que a reconhecemos como força independente das leis, a existência dessas leis se torna impossível.

Só delimitando essa liberdade até o infinito, isto é, considerando-a como uma quantidade infinitamente pequena, é que nos convencemos da absoluta inacessibilidade das causas. Então, em vez de buscar as causas, a história impõe-se a missão de procurar as leis.

Há muito que começou a pesquisa dessas leis, e os novos processos de pensamento que a história deve assimilar são elaborados ao mesmo tempo que a velha história se encaminha para o aniquilamento, dividindo cada vez mais as causas dos fenômenos compreendidos na sua alçada.

Todas as ciências seguiram o mesmo caminho. Chegando ao infinitamente pequeno, a matemática, que é a mais exata das ciências, abandona o processo de divisão e adota novos processos, de aproximação, que consiste em somar incógnitas infinitamente pequenas. Abandonando a concepção de causa, a

matemática descobre leis, isto é, as propriedades comuns a todos os elementos desconhecidos infinitamente pequenos.

Também as outras ciências seguiram o mesmo caminho, embora sob uma forma diferente. Ao formular a lei de gravidade, Newton não afirmou que o Sol e a Terra tivessem a propriedade de atrair. Disse que todos os corpos, do maior ou menor, têm a propriedade aparente de se atraírem uns aos outros. Ou seja, deixando de lado a questão da causa do movimento dos corpos, Newton exprimiu a propriedade comum a todos eles, desde o maior até o menor. O mesmo fazem as ciências naturais: pondo de lado a questão das causas, dedicam-se a pesquisar leis. No mesmo caminho se encontra a história. E, se a história tem por objeto o estudo do movimento dos povos e da humanidade, e não a descrição de episódios da vida deste ou daquele homem, ela deve afastar a ideia de causa e procurar as leis comuns a todos os elementos da liberdade, infinitamente pequenos, iguais e inseparavelmente ligados entre si.

XII

Depois que foi descoberta e aprovada a lei de Copérnico, a simples admissão do fato de ser a Terra, e não o Sol, o astro que gira, destruiu toda a cosmografia dos antigos. Podia-se, refutando a lei, voltar à velha concepção sobre os movimentos dos corpos celestes. Sem refutá-la, não seria possível continuar o estudo do universo de Ptolomeu. E, contudo, após a descoberta da lei de Copérnico, o universo de Ptolomeu continuou por muito tempo a ser objeto de estudo.

Desde que, pela primeira vez, uma pessoa afirmou e provou que o número de nascimentos e de crimes está sujeito às leis matemáticas e que certas condições geográficas e político-econômicas determinam tal e tal forma de governo, que certas relações entre a população e a terra ocasionam as migrações dos povos, desde esse dia aniquilaram-se as bases sobre que repousava a história.

Podia-se, contrariando as novas leis, manter a concepção antiga da história. Mas, aparentemente, não era possível, sem negar essas leis, continuar a estudar os fatos históricos como efeitos do livre-arbítrio dos homens, pois, uma vez que se instituía uma forma de governo ou se realizava tal ou tal migração de povos graças a certas condições geográficas, etnográficas ou econômicas, a vontade dos homens, que nós imaginamos criando constituições ou provocando movimentos de povos, já não podia ser considerada como causa.

Entretanto, a história antiga continua a ser estudada ao lado da estatística, da geografia, da economia política, da filologia comparada e da geologia, que simplesmente contradizem os seus princípios.

A luta entre a velha e a nova corrente de opinião na filosofia física prolongou-se por largo tempo e de modo obstinado. A teologia defendia a velha corrente, acusando a nova de destruir a revelação. Mas, depois que a verdade triunfou, a teologia estabeleceu-se com a mesma firmeza sobre a nova base.

Não menos longo e obstinado é o presente conflito entre a velha e a nova concepção da história. Mais uma vez, a teologia defende a velha concepção e acusa a nova de atacar a revelação.

Num e noutro caso, e de ambas as partes, a luta provoca as paixões e abafa a verdade. De um lado, é o medo e a relutância em demolir um edifício que levou séculos a ser erigido; do outro lado, é a paixão de destruir.

Às pessoas que lutavam contra as novas verdades da filosofia física parecia que, se reconhecessem aquelas verdades, seria a destruição da fé em Deus, na criação do mundo, do milagre de Josué, filho de Naum. Aos defensores de Copérnico e Newton, a Voltaire, por exemplo, parecia que eram as leis da astronomia que estavam destruindo a religião, e empregavam as leis da gravidade como armas contra a fé.

Do mesmo modo, nos nossos dias, parece que é bastante reconhecer a lei da necessidade para destruir a ideia da alma, os conceitos do bem e do mal, assim como todas as instituições políticas e eclesiásticas baseadas nessas concepções.

Também como Voltaire no seu tempo, os que se arvoram como defensores da lei da necessidade empregam essa lei como arma contra a religião. Ora, a lei de Copérnico em astronomia, bem como a lei da necessidade na história não só não destroem como até consolidam o terreno sobre o qual estão edificadas as instituições do Estado e da Igreja.

Como outrora na questão da astronomia, também agora na questão da história toda a diferença consiste em admitir ou não admitir uma unidade absoluta servindo de medida aos fenômenos sensíveis. Na astronomia, era a imobilidade da Terra. Na história, é a independência da individualidade, o livre-arbítrio.

Para a astronomia, a dificuldade de admitir o movimento da Terra consistia no fato de ter-se que renunciar à evidência dos sentidos, que mostravam a Terra

imóvel e as estrelas em movimento. Do mesmo modo, para a história, a dificuldade de admitir a submissão do homem às leis do espaço, do tempo e da causalidade consiste na renúncia forçada ao sentimento espontâneo da liberdade pessoal. Mas, assim como na astronomia, a nova doutrina afirma que “é verdade que nós não sentimos o movimento da Terra, mas admitindo a sua imobilidade somos levados a conclusões absurdas. Ao passo que, se admitirmos o seu movimento, que não sentimos, chegamos às leis”, a nova corrente diz, em história, que “é verdade que nós não sentimos a nossa dependência, mas, admitindo a nossa liberdade, caímos no absurdo, enquanto que, se admitirmos a nossa dependência do mundo exterior, do tempo e do espaço, chegamos às leis”.

No primeiro caso era preciso renunciar à consciência de uma falsa imobilidade no espaço e admitir um movimento que não sentimos; no caso presente, é preciso renunciar à liberdade que não existe e reconhecer a dependência que não sentimos.

DIREÇÃO EDITORIAL

Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL

Ana Carla Sousa

PRODUÇÃO EDITORIAL

Adriana Torres

Thais Entriel

REVISÃO DE TRADUÇÃO

Mariana Elia

REVISÃO

Beatriz D'Oliveira

Carolina Leocadio

Luíza Côrtes

DIAGRAMAÇÃO

Futura

PRODUÇÃO DE EBOOK

[S2 Books](#)

- [1] As duas primeiras partes de *Guerra e paz* foram publicadas em 1865-66, sob o título de *O ano de 1805*. (N.E.)
- [2] As palavras de Hippolyte não fazem sentido em francês. (N.E.)
- [3] Nome que se dá ao urso. (N.T.)
- [4] Moeda de ouro que valia dez rublos aproximadamente. (N.T.)
- [5] Provérbio russo. (N.E.)
- [6] Dança russa. (N.T.)
- [7] Antiga medida russa para distâncias. (N.E.)
- [8] Tanto esta carta como a anterior estão escritas em francês no original russo. (N.T.)
- [9] Carruagem comprida muito usada na Rússia no século XIX. (N.E.)
- [10] “Malbrough vai para a guerra, só Deus sabe quando voltará.” (N.E.)
- [11] Canção russa, intraduzível literalmente. (N.T.)
- [12] Esta carta está escrita em alemão no original russo. (N.E.)
- [13] Membro da nobreza constituída por grandes proprietários de terras nos estados alemães (1871-1918). (N.E.)
- [14] “Muito bem, bom dia!” (N.E.)
- [15] Licor com sabor adocicado típico da Rússia. (N.E.)
- [16] Medida russa equivalente a 2,1336 metros. (N.E.)
- [17] Capa comprida de feltro, usada pelos caucasianos. (N.T.)
- [18] Esse foi o ataque do qual disse Thiers: “Os russos portaram-se com bravura e, acontecimento raro na guerra, viram-se duas massas de infantaria marchar resolutamente uma contra a outra, sem que nenhuma delas cedesse antes de ser abordada”; e Napoleão em Santa Helena escreveu: “Alguns batalhões russos deram prova de intrepidez.” (N.A.)
- [19] Antiga medida agrária russa equivalente a 1,0925 hectare. (N.E.)
- [20] Trata-se de um tecido vermelho com o qual se fazem camisas. (N.E.)
- [21] Criado de crianças. (N.T.)
- [22] Jogo de arremesso favorito de homens russos de classe baixa. (N.E.)
- [23] Antiga unidade de medida russa. (N.E.)
- [24] “Sila” em russo significa “força”. (N.T.)
- [25] Termo pejorativo para designar uma mulher instruída; “sabichona”. (N.E.)
- [26] Frase de uma canção popular. (N.T.)
- [27] Carruagem aberta, baixa, com quatro rodas usada especialmente na Rússia. (N.E.)
- [28] Conjunto de três cavalos atrelados a uma carruagem. (N.E.)
- [29] Prática supersticiosa na época. (N.E.)
- [30] Medida que equivale a aproximadamente dezesseis quilogramas. (N.E.)
- [31] Habitação típica camponesa russa. (N.E.)
- [32] Um rublo é dividido em cem *kopeks*. (N.E.)

- [33] Surpestição para afastar mau-olhado. (N.E.)
- [34] “Espião”, em russo. (N.E.)
- [35] Bebida produzida por meio de fermentação muito popular na Rússia. (N.E.)
- [36] Missa celebrada por vários sacerdotes. (N.T.)
- [37] Comissário de polícia do distrito. (N.E.)
- [38] Os famosos boletins de Rostoptchine eram distribuídos numa imitação grosseira da linguagem popular, quase intraduzível. (N.T.)
- [39] Sapatos tradicionais antigos dos camponeses russos fabricados com fibras de madeira. (N.E.)
- [40] *Borodino*. (N.T.)
- [41] *Je suis de Naissance tartare (Sou de ascendência tártara)*
Je voulais me montrer Romain. (Gostaria de ser romano)
Les Français m'appellent barbare (Os franceses me chamam bárbaro)
Et les Russes — Georges Dandin (E os russos, Georges Dandin) (N.E.)
- [42] Casamento com alguém de classe social ou fortuna consideradas inferiores. (N.E.)
- [43] Robe de seda ou algodão solto e de mangas compridas. (N.E.)
- [44] Traje camponês da Rússia. (N.E.)
- [45] Isto é, voltar a ser camponês, pois o camponês russo usa a camisa ou blusa por cima das calças. (N.E.)
- [46] Chicote curto e grosso utilizado pelos cossacos. (N.E.)
- [47] *Cartas de Wilson*. (N.E.)
- [48] *História do ano de 1812, Bogdanovitch*. (N.E.)
- [49] Salmo 115. Palavras gravadas na medalha comemorativa da guerra de 1812.



O que é arte?

Tolstói, Leon

9788520941188

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sucesso nos anos 2000, a Coleção Clássicos Ilustrados está ganhando nova vida pelas mãos da Nova Fronteira. Marcando esse retorno, chega às livrarias a versão repaginada de O que é arte?, que traz a polêmica visão de Leon Tolstoi. Durante as décadas em que ficou famoso pelos clássicos Guerra e paz e Anna Karenina, Tolstoi também desfrutou de notoriedade como sábio e pregador. Escreveu vários ensaios sobre temas ligados à justiça social, à religião e à moralidade, que culminaram no livro O que é arte?. As obras de diversos artistas e mesmo seus próprios livros são duramente questionados no curso de sua apaixonada redefinição da arte como força propulsora do bem, da fraternidade, da ética e do progresso do homem. O texto é entremeado por imagens que ajudam na compreensão do que é abordado. Um clássico imperdível.

[Compre agora e leia](#)



*Marcel
Proust*

EM
BUSCA
DO
TEMPO
PERDIDO

Box Em busca do tempo perdido

Proust, Marcel

9788520941140

2472 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em busca do tempo perdido é uma das maiores criações da literatura mundial. Dividida em sete livros, a obra-prima de Marcel Proust foi publicada entre 1913 e 1927, e sua beleza e força vão se revelando cada vez mais impactantes com o correr dos anos. A presente edição da Nova Fronteira conta com a primorosa tradução de Fernando Py e é dividida em três partes. Uma obra monumental, que deixou marcas eternas na literatura.

[Compre agora e leia](#)



Somos o
Brasil
NELSON RODRIGUES
WE ARE BRAZIL



Somos o Brasil

Rodrigues, Nelson

9788520938218

128 páginas

[Compre agora e leia](#)

Graças à seleção, descobrimos o Brasil. Tenho um amigo que é um dos tais brasileiros rubros de vergonha. Dizia-me: — "Junto da europeia, a nossa paisagem faz vergonha." Mas ele dizia isso porque jamais olhara a nossa paisagem. O escrete, porém, derrotou o seu esnobismo hediondo. Depois da vitória sobre a Bulgária, ele viu, pela primeira vez, o Cristo do Corcovado. E veio me dizer, de olho rútilo: — "Parece que temos aí um morro que promete, um tal de Pão de Açúcar!" Thanks to the soccer national team, we discovered Brazil. I have a friend who is one of such Brazilians who are crimson with shame. He told me: — "In comparison with the European landscape, ours is a shame." But he said that because he had never looked at our landscape. The team, however, defeated its heinous snobbishness. After the victory over Bulgaria, he saw, for the first time, the Christ of Corcovado. And he came to tell me, with bright eyes: — "It seems that we have here a promising hill, the Sugarloaf Mountain!" EDIÇÃO BILÍNGUE / BILINGUAL EDITION

[Compre agora e leia](#)



RUBEM
FONSECA

Calibre 22

Rubem Fonseca

Calibre 22

Fonseca, Rubem

9788520941355

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste novo livro de contos, Rubem Fonseca traz de volta um personagem marcante de sua trajetória literária, o detetive Mandrake, contratado para desvendar quem está por trás de uma série de assassinatos envolvendo o editor de uma famosa revista feminina. Além dessa, a coletânea reúne outras narrativas mais curtas, em que temas caros ao autor voltam à cena, entre eles a desigualdade social e suas consequências muitas vezes trágicas; a violência motivada por racismo, misoginia, homofobia e outros preconceitos; a crítica velada ou escancarada a dogmas religiosos; as atitudes imprevisíveis de mentes psicopatas. Tiros certos de um autor do mais alto calibre.

[Compre agora e leia](#)

Nelson Rodrigues

A PÁTRIA DE CHUTEIRAS



A pátria de chuteiras

Rodrigues, Nelson

9788520938188

136 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito Brasil para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e deslumbrante." Nelson Rodrigues Nelson Rodrigues marcou um lugar indiscutível, revolucionário no teatro. No entanto, o Nelson cronista, o comentarista de futebol, não é menos importante. Nelson Rodrigues foi o escritor brasileiro que "leu", "releu" nosso país pelo campo, pela bola, pelos craques. Ele viu e compreendeu, antes de todos, a grandiosidade da nossa pátria. Defendeu a nação com uma paixão pura. "Anunciou", "promoveu", "profetizou" a força do Brasil.

[Compre agora e leia](#)